

S LIEV TOLSTÓI CONTOS COMPLETOS

TRADUÇÃO RUBENS FIGUEIREDO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

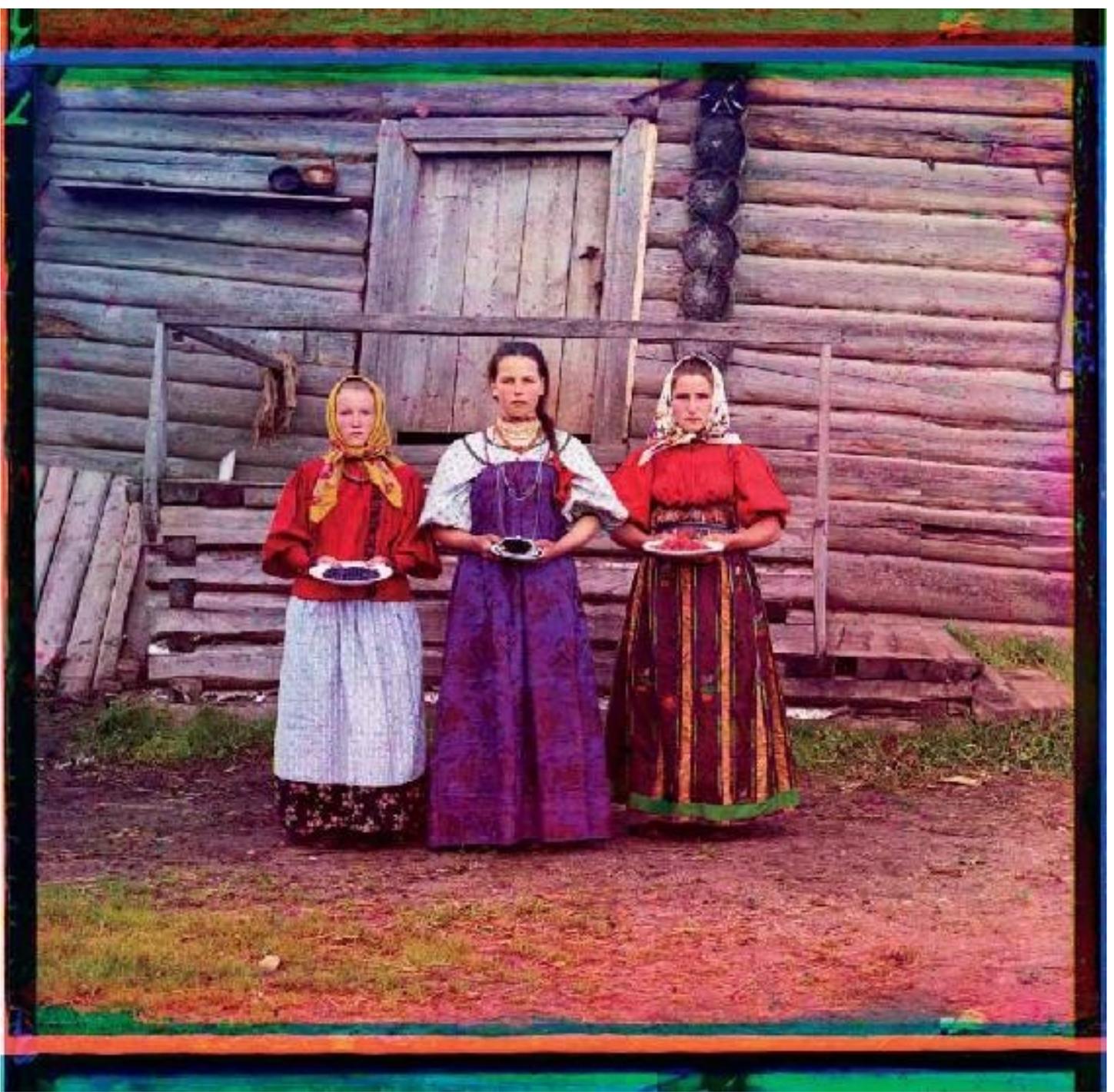


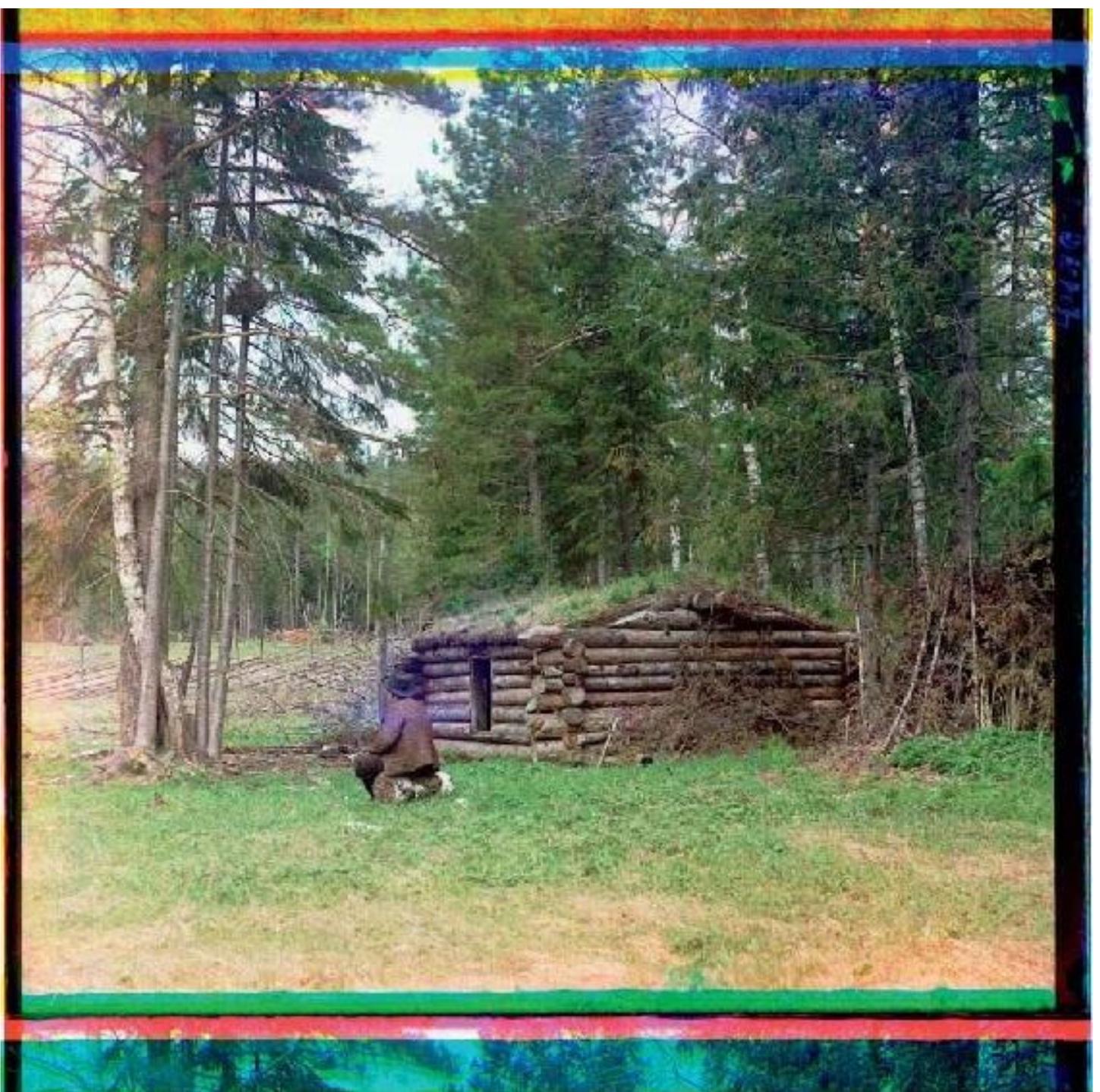


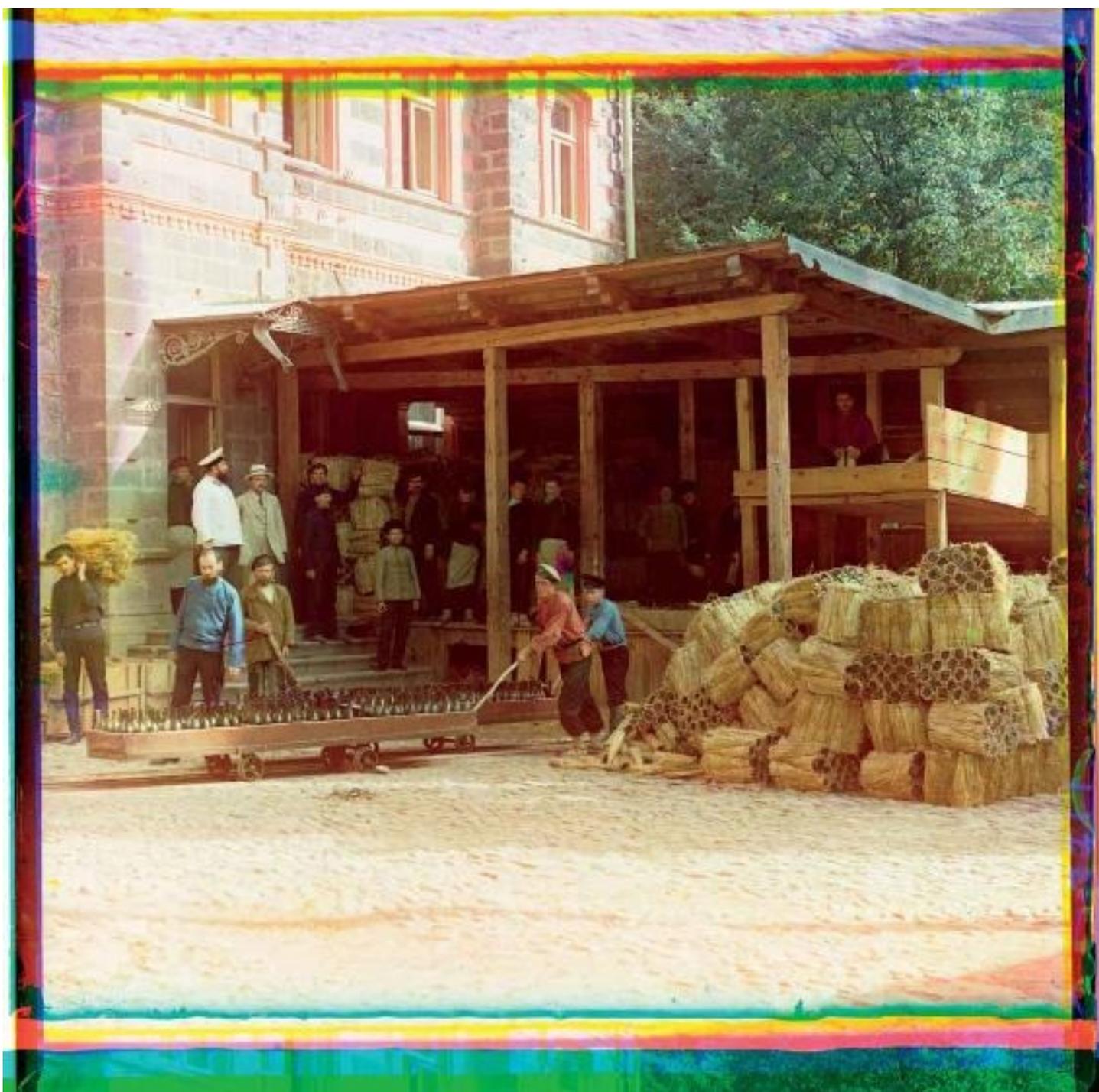
5905



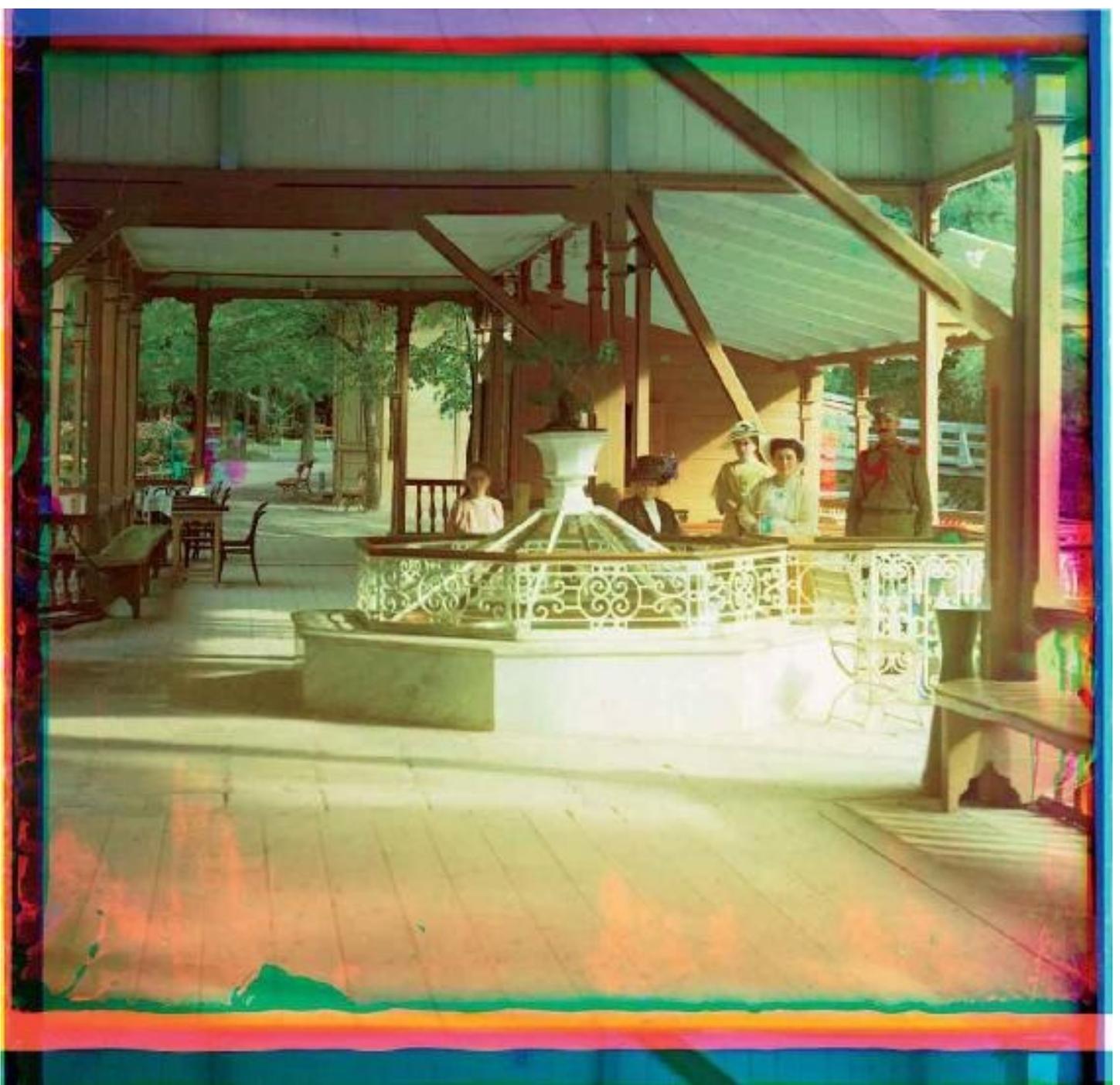
26

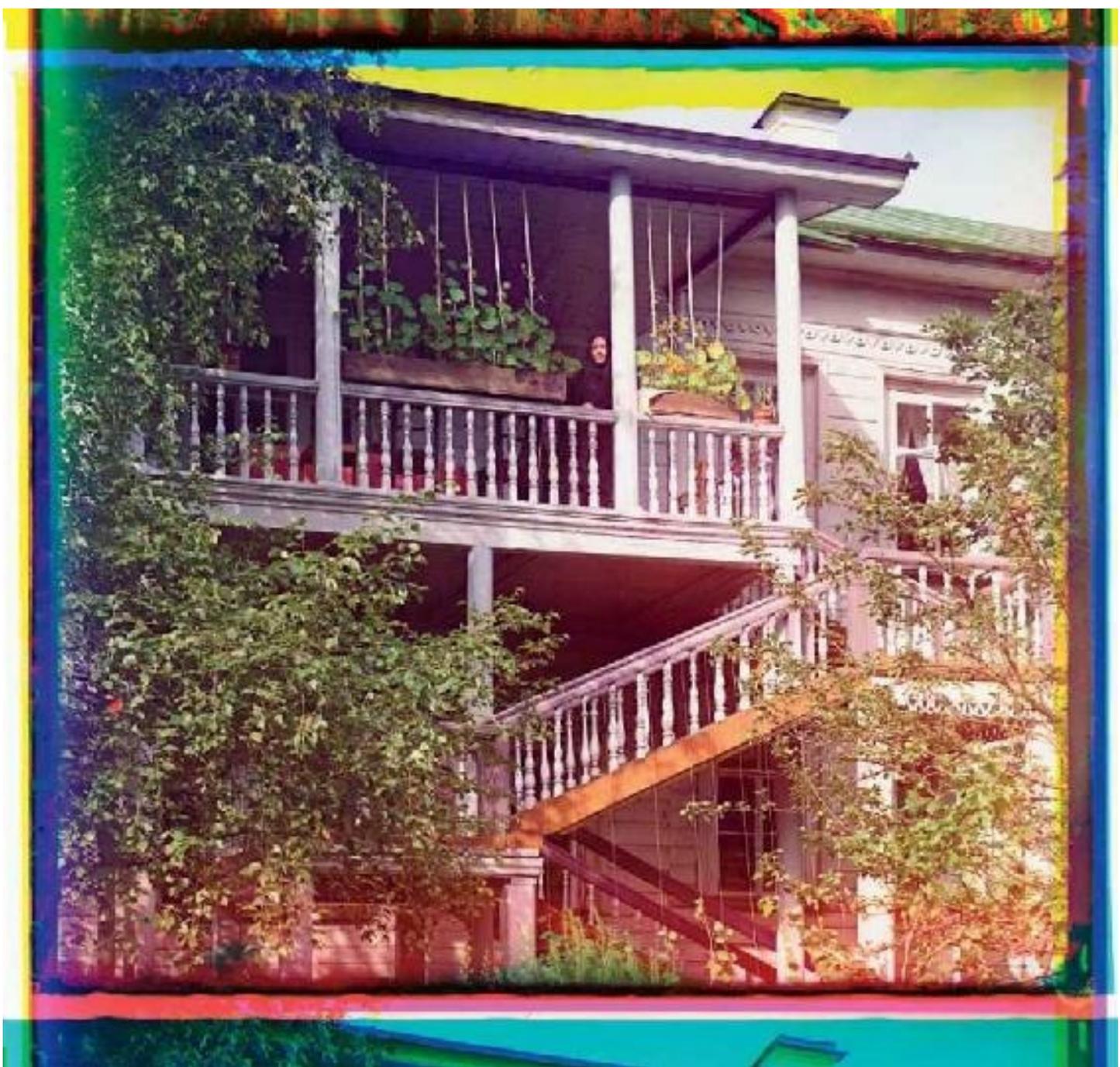
















LIEV TOLSTÓI

COSACNAIFY

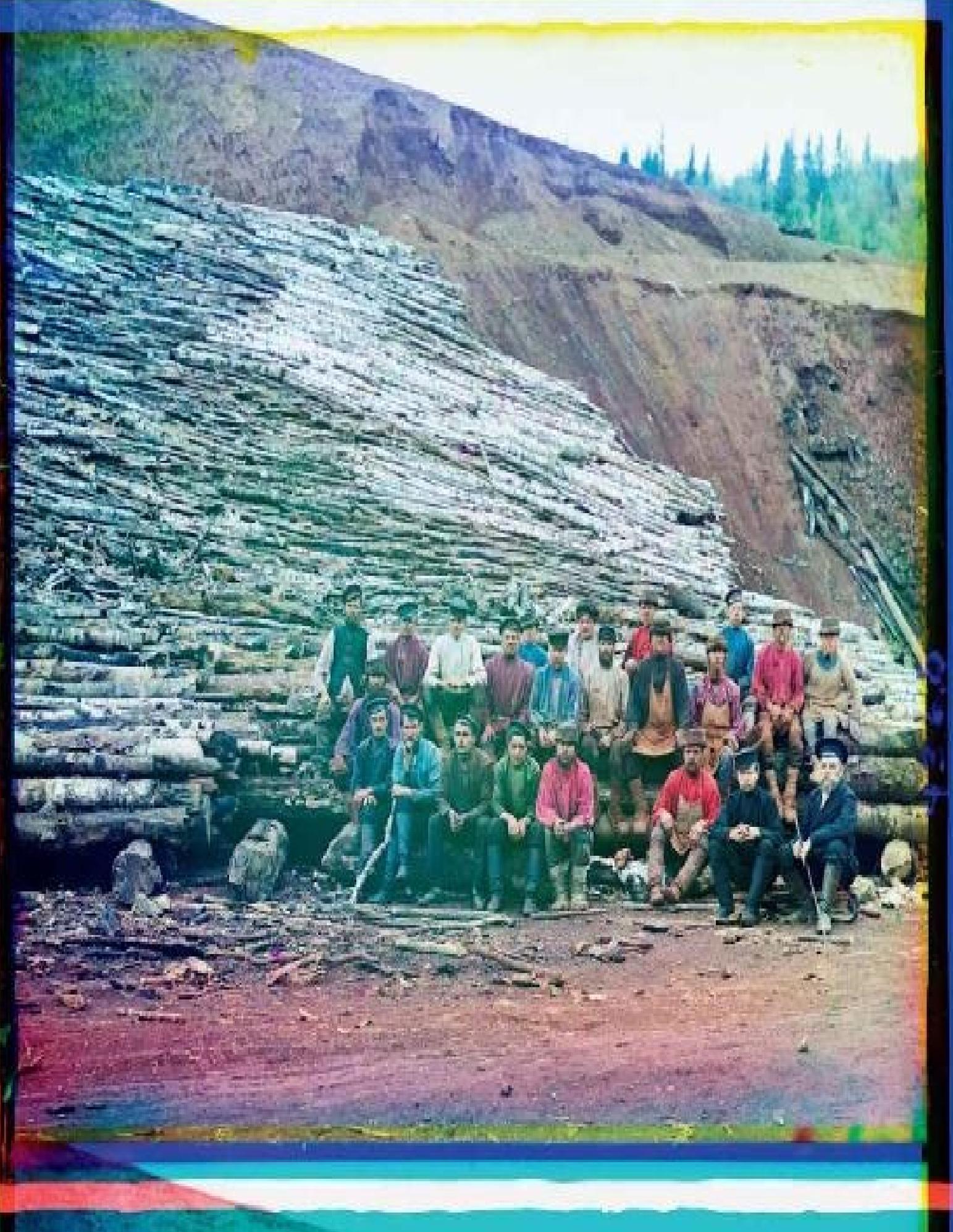
1001



1001

CONTOS COMPLETOS

**TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO RUBENS FIGUEIREDO FOTOS
SERGUEI MIKHÁILOVITCH PROKÚDIN-GORSKII**



VOLUME 1

APRESENTAÇÃO

O IMPÉRIO EM CORES

A incursão

Memórias de um marcador de pontos de bilhar

A derrubada da floresta

Sebastopol no mês de dezembro

Sebastopol em maio

Sebastopol em agosto de 1855

A nevasca

Dois hussardos

Das memórias do Cáucaso

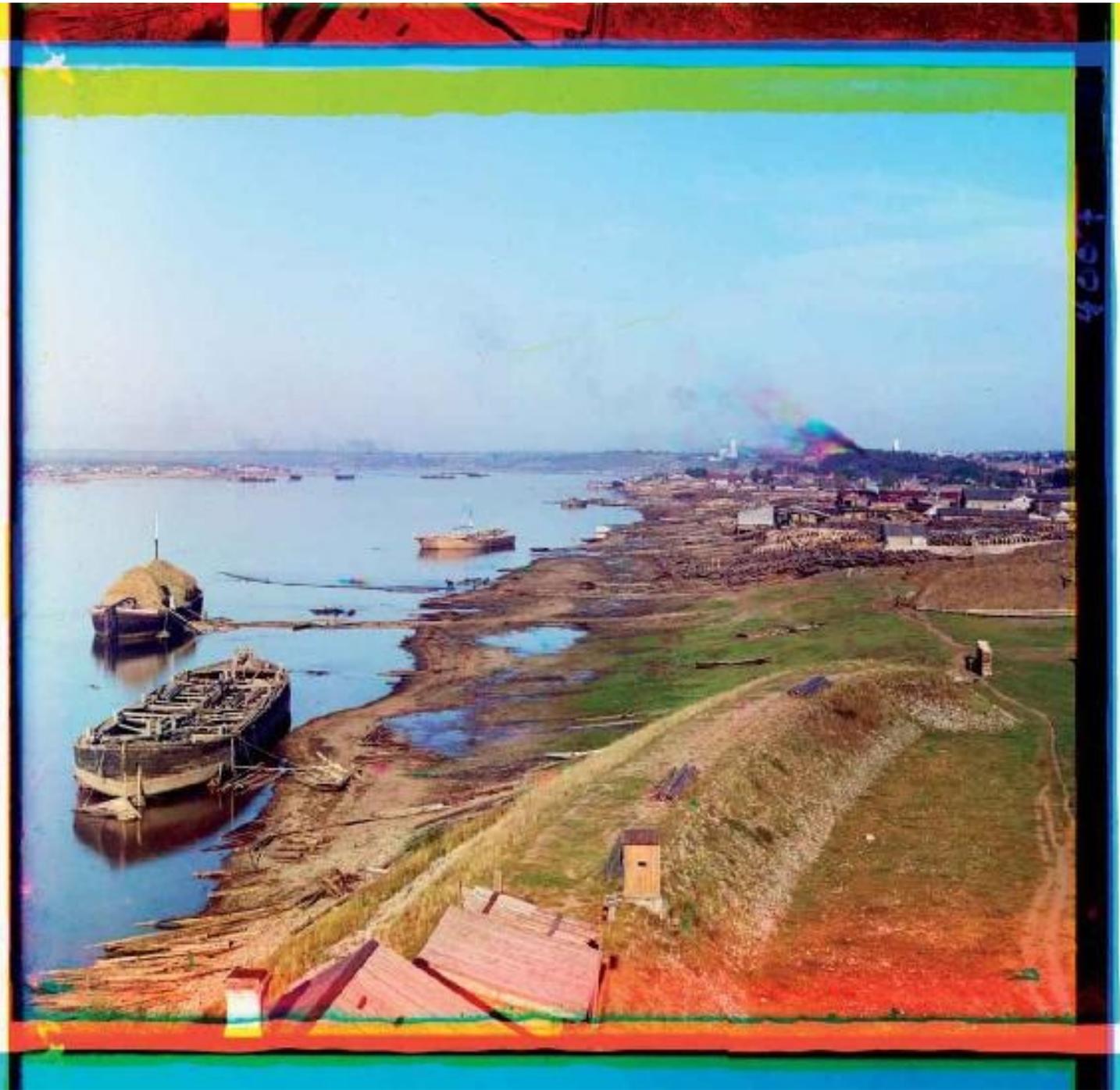
Manhã de um senhor de terras

Das memórias do príncipe D. Nekhliúdob

Albert

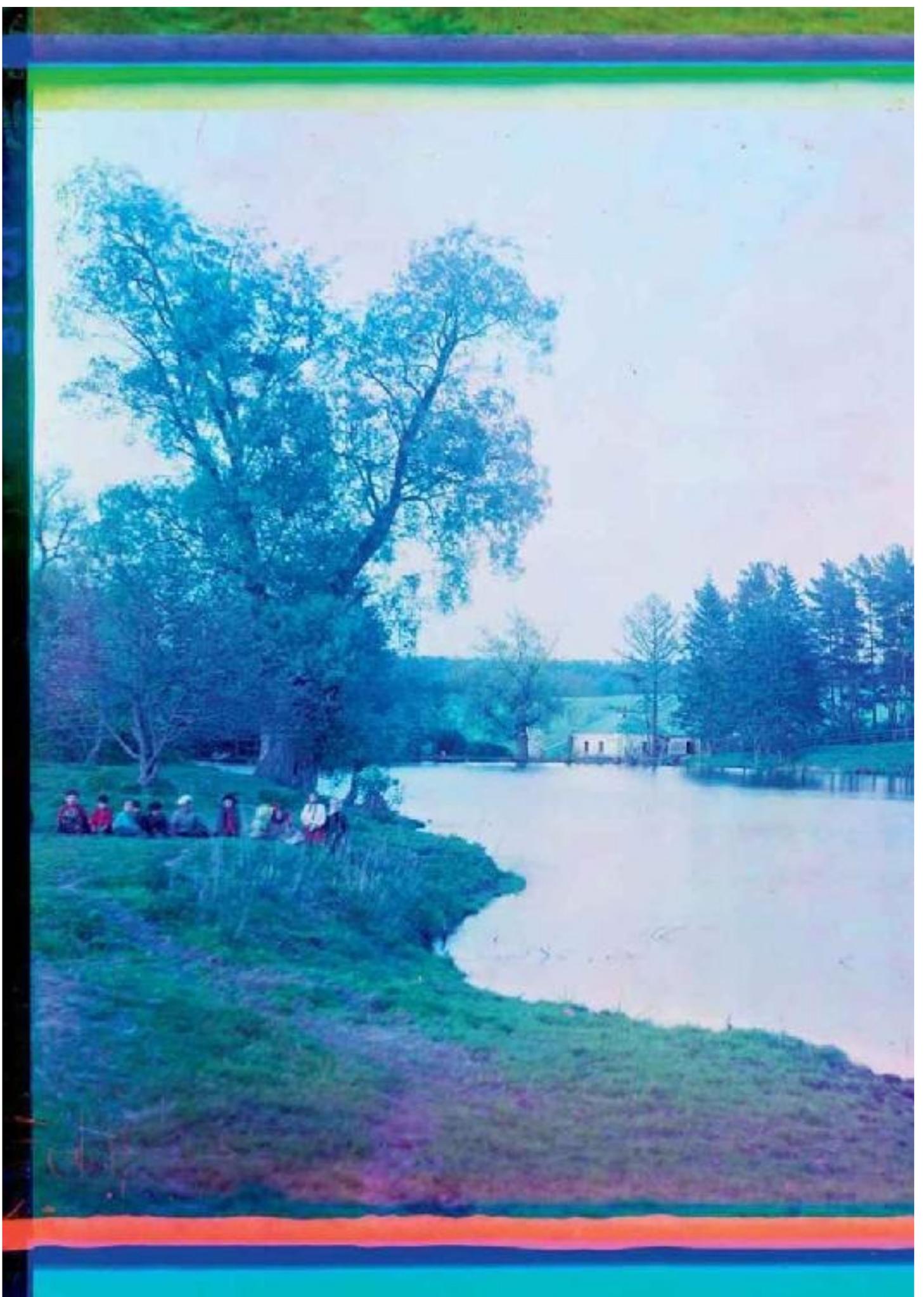
Três mortes

Polikuchka



4007





APRESENTAÇÃO

Entre a década de 1850 e os primeiros anos do século xx, período em que Tolstói escreveu sua obra, a Rússia passou por profundas transformações. A urbanização, a industrialização e a introdução das relações capitalistas, promovidas pelo regime tsarista, acumularam marcas traumáticas na sociedade e na cultura. As formas antigas de vida, de origens agrárias e, em muitos aspectos, alheias à experiência histórica da Europa – modelo de todas aquelas mudanças –, estavam profundamente enraizadas nos costumes e nos valores locais.

A par disso, a Rússia também tentava seguir os passos expansionistas dos países europeus, que na época formavam ou ampliavam seus impérios coloniais na África e na Ásia. Um dos alvos principais do regime tsarista foi a região do Cáucaso, fronteira ao território russo. Lá, Tolstói serviu como militar entre 1851 e 1855 (aos 26 e 27 anos), primeiro na campanha do Cáucaso, contra os chamados montanheseiros do Daguestão, da Inguchétia e da Tchetchénia, e depois na Guerra da Crimeia, contra a aliança formada por Turquia, França e Inglaterra, empenhadas em impedir que a Rússia tivesse acesso ao mar Mediterrâneo.

A literatura fazia parte dessa espécie de pacote modernizador implantado à força na Rússia. A exemplo das formas sociais, as formas literárias já chegaram prontas, acabadas, como uma mercadoria que desembarca no porto, com a chancela de origem nobre e superior. No entanto, pelo menos uma delas – o conto – preservava um vínculo mais forte com formações históricas anteriores à ordem burguesa em implantação. A rigor, o conto remetia diretamente às antigas narrativas orais e à tradição de populações que, por vezes, sequer conheciam a escrita. Por esse ângulo, podemos entender melhor o interesse contínuo de Tolstói por essa forma. Pois, desde suas primeiras iniciativas de escritor até os últimos anos, Tolstói sempre produziu contos. Pode-se dizer que era esse o instrumento narrativo que ele tinha pronto e à mão para atender à sua premência de intervir e questionar. O conto foi também a dimensão em que realizou as mais numerosas experimentações literárias.

Cabe ter em mente que Tolstói viveu na época em que uma fervorosa e rica polêmica acerca do destino da Rússia dominou a intelectualidade do país por décadas a fio. A literatura era, a um só tempo, veículo e objeto dessa polêmica. E, ao mesmo tempo que escrevia sua obra vasta, Tolstói fez incidir sobre a literatura um questionamento sem tréguas e dos mais impressionantes de que se tem notícia. O fundo de tal questionamento era, no geral, a pretensa superioridade da cultura europeia e, em particular, da literatura europeia em relação às formas narrativas ligadas à tradição agrária, tidas como arcaicas e atrasadas. O conto se apresentou como um meio propício para exercer essa crítica, justamente por causa de suas raízes remotas e pré-capitalistas. Ao questionar e pôr à prova, na prática, a forma da narrativa moderna europeia, Tolstói apenas dava sequência às objeções que erguia contra as mudanças em curso na sociedade. Aliás, seu célebre interesse pelo pensamento religioso também pode ser entendido com mais

proveito a partir desse ponto de vista.

Por toda a vida, Tolstói dedicou uma atenção incomum a populações, classes e grupos sociais em situação subalterna, oprimida, marginal, que se encontravam em diferentes formas de conflito com a ordem dominante. Já aos 22 anos (1850), chegou a projetar um livro intitulado *Contos de costumes ciganos*, povo de presença marcante na Europa Oriental e na Rússia e que, embora perseguido e acochado, fazia questão de não se integrar à sociedade, mantendo seus padrões peculiares de vida comunitária. O próprio título do projeto já denota o componente etnográfico presente na maneira como Tolstói focaliza seus temas e personagens. O pressuposto é que não existe fundamento objetivo para avaliar como inferiores as formas de vida daquelas populações. Ao longo de décadas, os contos de Tolstói irão repetir o mesmo questionamento, de vários ângulos e com as mais diversas técnicas, com a consciência de que seus leitores, na maioria, por formação e por efeito da necessidade de defender sua posição de classe, tendiam justamente a se ver como superiores.

Assim, nos contos de Tolstói figuram com destaque ciganos, cossacos, vários povos do Cáucaso, sectários religiosos, camponeses (os mujiques), servos, criados, soldados, criminosos, presos, mulheres, velhos, crianças. No entanto, além de estarem presentes como personagens, eles constituem a fonte de formatos narrativos estudados e explorados por Tolstói, a fim de levar mais fundo seu questionamento. A preocupação contínua do escritor com as narrativas orais, de origens antigas, disseminadas entre populações ágrafas ou analfabetas, foi um componente decisivo em seu esforço para elaborar formas diferentes de narrar. As fábulas, as vidas dos santos, as aventuras de heróis populares, as lendas, as parábolas, em lugar de serem vistas como formas elementares, atrasadas, superadas pelos padrões literários modernos, representam pontos de vista alternativos, de onde os vitoriosos se revelam menos consistentes em suas pretensões.

Como se sabe, Tolstói se dedicou pessoalmente, e por muito tempo, à educação de crianças camponesas. Um dos resultados desse empenho foi o contato com as técnicas narrativas peculiares das crianças. Junto com seus alunos, Tolstói produziu dezenas de contos, que constituíram o que chamou de *Livros russos de leitura* e *Nova cartilha*. Nessas técnicas, exploradas e desenvolvidas de forma consciente pelo escritor, ele também procurava a experiência de uma perspectiva em que estivessem ausentes os pressupostos de superioridade, inerentes à literatura europeia. Coerente com a mesma linha de investigação, Tolstói se aventurou a personificar animais, como no conto “Kholstomier”, e até plantas, como em “Três mortes”.

Para atestar o grau de consciência com que Tolstói empreendia suas experimentações com a linguagem e controlava sua escrita, basta comparar a prosa do conto “O prisioneiro do Cáucaso” com a do romance *Anna Kariênina*, textos produzidos na mesma época. Em lugar das frases longas, inversões, paralelismos retóricos e fluxos de consciência tão marcantes em *Anna Kariênina*, o conto “O prisioneiro do Cáucaso” é escrito sistematicamente com base em verbos de ação, substantivos concretos, frases curtas e ordem direta.

É verdade, porém, que a geração literária anterior a Tolstói – Púchkin, por exemplo – havia se interessado bastante por temas como ciganos e populações do Cáucaso. A diferença reside no enfoque romântico adotado anteriormente, que tomava aqueles grupos sociais como motivos exóticos, sentimentais e idealizados, um tratamento cujo efeito redundava antes em enaltecer o observador do que valorizar o observado. Tolstói tinha severas críticas a essa visão e não à toa, em seu diário, ainda jovem, escreveu: “Nunca vi uma jovem com lábios de coral; vejo, sim, da cor de tijolo”. De fato, Tolstói afirmou várias vezes, e desde cedo, que a linguagem popular apresentava qualidades expressivas superiores às da linguagem literária padrão, e um de seus artigos mais memoráveis, ainda em 1859, se intitula: “Quem deve aprender a escrever com quem, as crianças camponesas conosco, ou nós com as crianças camponesas?”.

Outra face do envolvimento de Tolstói com os contos populares foi seu trabalho na produção e

difusão de literatura para o povo. Para tanto, junto com Vladímír Tchertkov e Pável Biriukov, criou uma editora especializada na publicação de livros voltados para as massas populares. A despeito dos ataques do regime tsarista, que levaram Biriukov à prisão e ao degredo e Tchertkov ao exílio na Inglaterra, a editora, chamada de O Mediador (Posriédnik), chegou a pôr em circulação 3,5 milhões de exemplares por ano, na década de 1890.

No entanto nada disso deve nos fazer esquecer a familiaridade de Tolstói com as inovações narrativas em curso na Europa. Ele não só conhecia e discutia os romances e os contos modernos como chegou a reescrever em russo relatos de Guy de Maupassant – caso de “Françoise” e “Custa caro”, aqui traduzidos. Num procedimento talvez não muito diferente do que cumpria ao personificar as crianças camponesas na redação de seus *Livros russos de leitura*, Tolstói, naqueles relatos, personifica o escritor francês, sobre o qual, é bom lembrar, escreveu um ensaio importante. Da mesma forma, *Os contos de Sebastopol*, obra ainda de juventude, escritos durante seu serviço militar na Crimeia, mostram como a insatisfação de Tolstói com os modelos estéticos em vigor o levava a combinar com desembaraço procedimentos de gêneros textuais modernos alheios à ficção. Assim, técnicas de reportagem, de relatos de viagem, de memórias e de descrições etnográficas – além de uma das raras experiências literárias de narrativa em segunda pessoa – são incorporadas ou entremeadas ao relato ficcional bruto. Em outros casos, elementos do arcabouço do conto popular são aproveitados em contos nos quais o influxo moderno, no entanto, predomina.

Tolstói era herdeiro de uma antiga família de senhores de terra. Órfão ainda bem pequeno, foi criado e educado segundo os padrões da elite russa. A desigualdade social era tão patente que mesmo setores da elite não se conformavam com a pobreza das massas camponesas e dos trabalhadores urbanos, então em expansão. A vida do povo russo e as relações sociais e históricas que o constituíam são o tema dos contos de Tolstói, mas também determinam sua forma. No conjunto, seus contos soam como uma voz que se encontra sob uma pressão terrível, mas que resiste e exprime, em numerosas variantes, um mesmo núcleo de questionamentos e chamados à consciência.

A proposta desta edição é reunir todos os contos de Tolstói. Ficaram de fora, no entanto, os textos francamente inacabados e outros para os quais a classificação de conto seria muito problemática. Além disso, não foram incluídos os relatos mais longos, como *A morte de Ivan Ilitch*, mais propriamente conceituados como novelas.

Para a tradução, foram utilizadas duas edições russas:

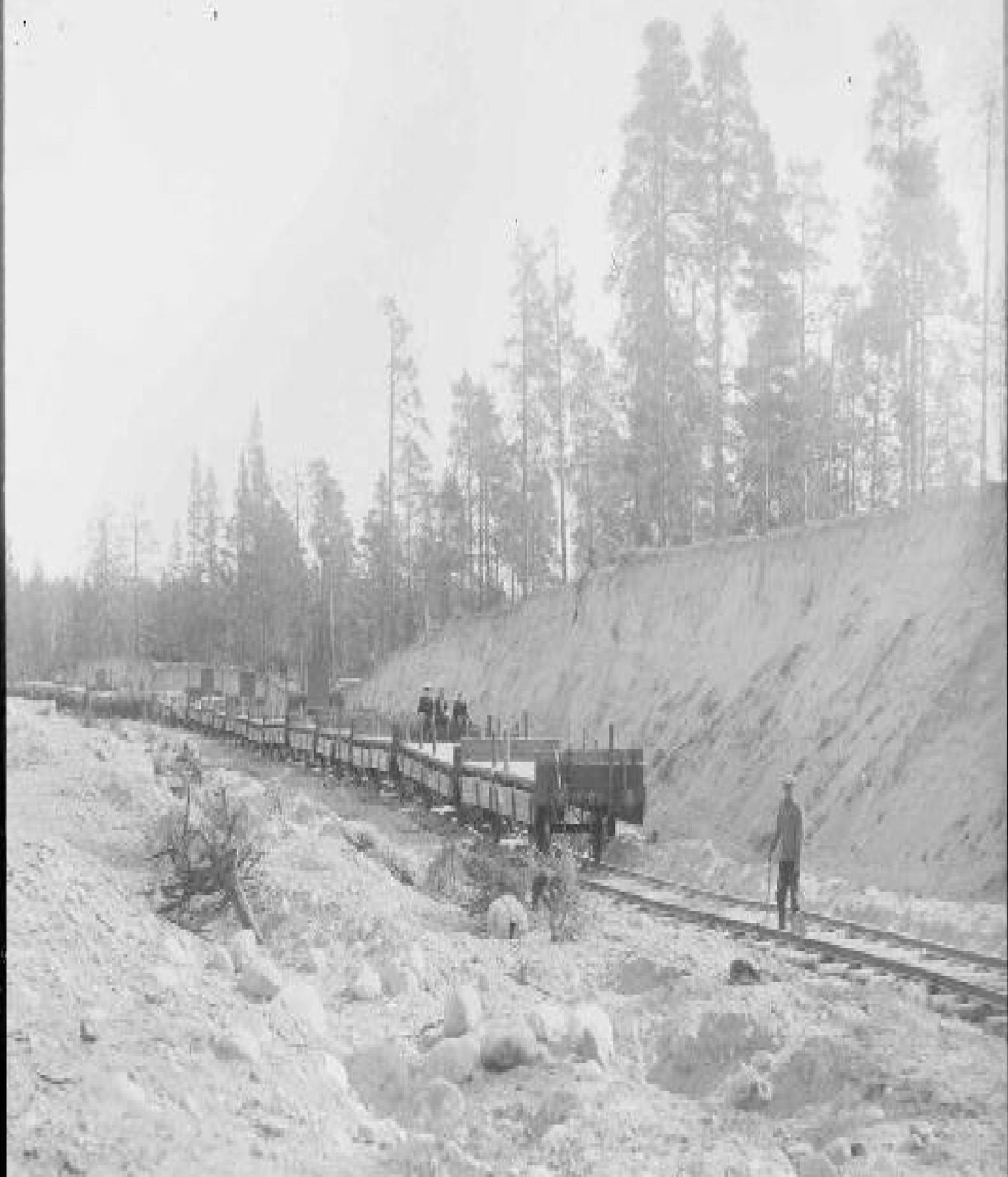
1. Tolstói, L. N. *Pólnoie Sobránie Sotchiniénii v 90 tómakh* [Obra completa em noventa volumes]. Moscou: Gossudárstvennoie Izdátielstvo Khudójestvennoi Litieraturi, 1935-58.
2. Tolstói, L. N. *Sobránie Sotchiniénii v 22 tómakh* [Obras reunidas em 22 volumes]. Moscou: Khudójestvennoi Litieraturi, 1978-85.



O IMPÉRIO EM CORES

As fotos que ilustram os volumes destes *Contos completos* são de Serguei Mikháilovitch Prokúdin-Gorskii (1863-1944, na foto ao lado), cientista russo pertencente a uma família de nobres com longa folha de serviços prestados ao regime tsarista. Suas técnicas inovadoras garantiram-lhe um lugar de destaque entre os pioneiros da fotografia em cores. Prokúdin-Gorskii desenvolveu equipamentos e um método pelos quais o efeito colorido resultava da superposição de três chapas de vidro. Para isso, a mesma imagem era capturada em exposições sucessivas sob um filtro vermelho, um azul e outro verde.

Em 1908, Prokúdin-Gorskii fez a única foto em cores do autor de *Guerra e paz*. Logo depois, sob o patrocínio de Nicolau II, o fotógrafo desenvolveu um projeto que durou dez anos, resultou em cerca de dez mil fotos e apresentou a Rússia aos próprios russos. Como na obra de Tolstói, ele registrou de alto a baixo a sociedade em que vivia, cobrindo toda a diversidade étnico-arquitetônico-geográfica do Império. Embora após a Revolução tenha sido nomeado para um comitê em sua especialidade, Prokúdin-Gorskii saiu do país em 1918. Estabeleceu-se com a família em Paris em 1922, onde trabalhou em seu estúdio, continuou pesquisando novos meios fotográficos e veio a falecer.



2107





A INCURSÃO

[Conto de um voluntário]

I

No dia 12 de julho, o capitão Khlópov, de dragonas e sabre – desde minha chegada ao Cáucaso, eu nunca o tinha visto em tal indumentária –, entrou em meu abrigo escavado na terra.

– Acabei de falar com o coronel – disse ele, em resposta ao olhar interrogativo com que o recebi. – Amanhã nosso batalhão vai partir.

– Para onde? – perguntei.

– Para NN... É lá que devem se concentrar as tropas.

– E com certeza a partir de lá começará algum deslocamento.

– Deve ser.

– Mas para onde? O que acha?

– O que vou achar? Já disse o que sei. Ontem à noite chegou um tártaro¹ da parte do general, trouxe a ordem para o batalhão partir e levar mantimentos para dois dias. Mas para onde, para quê, por quanto tempo? Isso, meu caro, não disseram: ordenaram marchar, e só.

– No entanto, se só vamos levar mantimentos para dois dias, quer dizer que as tropas não vão se demorar mais do que isso.

– Bem, isso não quer dizer nada...

– Como não? – perguntei com surpresa.

– Ora! Quando fomos para Dargo,² levamos mantimentos para uma semana, mas ficamos lá quase um mês!

– E eu posso ir com vocês? – perguntei, depois de pensar um pouco.

– Poder, pode, mas meu conselho é que é melhor não ir. Para que se arriscar?

– Mesmo assim, permita que eu não siga seu conselho; estou aqui há um mês inteiro, só esperando uma ocasião de presenciar um combate, e você agora quer que eu deixe passar a oportunidade.

– Então vá; mas, sinceramente, será que não é melhor permanecer aqui? Ficaria caçando, à nossa espera; e nós iríamos com a ajuda de Deus. E estaria tudo ótimo! – disse num tom de voz tão persuasivo que, no primeiro instante, de fato me pareceu que seria mesmo ótimo; no entanto falei, resoluto, que não ia ficar de jeito nenhum. – E o que o senhor vai ver lá? – continuou o capitão, tentando me convencer. – Quer saber o que acontece numa batalha? Então leia *Descrição da guerra*, de Mikhailóvski-Danilévski. É um livro excelente: nele, tudo é descrito em detalhes. Onde se posiciona cada tropa e como transcorrem as batalhas.

– Ao contrário, é exatamente isso que não me interessa – expliquei.

– Mas então o que quer? Por acaso deseja simplesmente ver como as pessoas matam?... Olhe, em 1832 estive aqui um voluntário, um espanhol, parece. Fez duas campanhas conosco, usava uma capa azul... mas logo mataram o rapaz. Aqui, meu caro, ninguém se espanta com nada.

Por mais que me envergonhasse o mau entendimento que o capitão tinha de minha intenção, não tentei dissuadi-lo.

– E ele era corajoso? – perguntei.

– Deus é testemunha: ia sempre na frente; onde houvesse luta, lá estava ele.

– Então parece que era corajoso mesmo – disse eu.

– Não, meter-se onde não é chamado não quer dizer que seja corajoso...

– E o que o senhor entende por corajoso?

– Corajoso? Corajoso? – repetiu o capitão, com o ar de uma pessoa que, pela primeira vez, se faz tal pergunta. – Corajoso é aquele que se comporta como deve – respondeu, depois de pensar um pouco.

Lembrei que Platão define coragem como o conhecimento do que é preciso e não é preciso temer, e apesar da generalidade e da vagueza da definição do capitão, achei que a ideia fundamental de ambos não era tão diferente como podia parecer e que a definição do capitão era até mais correta do que a do filósofo grego, porque, se ele pudesse se expressar como Platão, certamente diria que o corajoso é aquele que teme apenas aquilo que é preciso temer, e não o que não é preciso temer.

Senti vontade de explicar minha ideia ao capitão.

– Sim – disse eu. – Parece-me que em toda situação de perigo há uma escolha, e a escolha feita sob a influência, por exemplo, do sentimento de dever é coragem, e a escolha feita sob a influência de um sentimento baixo é covardia; por isso um homem que, por vaidade, ou por curiosidade, ou por cobiça, arrisca a própria vida não pode ser chamado de corajoso e, ao contrário, um homem que, sob a influência de um puro sentimento familiar de responsabilidade ou simplesmente de crença, renuncia a um perigo não pode ser chamado de covarde.

O capitão fitou-me com uma expressão estranha, enquanto eu falava.

– Isso eu não sei dizer – respondeu, enchendo o cachimbo. – Mas temos aqui um *junker*³ que gosta de filosofar assim. Vá conversar com ele. Também escreve poemas.

Só conheci o capitão no Cáucaso, mas já tinha ouvido falar dele na Rússia. Sua mãe, Mária Ivánovna Khlópova, esposa de um senhor de terras da pequena nobreza, mora a duas verstas⁴ da minha propriedade. Antes de minha partida para o Cáucaso, estive em sua casa: a velhinha ficou muito contente porque eu ia ver o seu Páchenka (como ela chamava o velho e grisalho capitão) e porque – uma carta viva – eu poderia falar com ele acerca do cotidiano da mãe e lhe entregar uma encomenda. Depois de me alimentar com uma excelente torta de frutas e fatias de peixe seco, Mária Ivánovna foi para o quarto e voltou de lá com um escapulário preto e bem grande, preso a uma fitinha de seda também preta.

– Tome esta Nossa Senhora Protetora feita de madeira de sarça ardente – disse ela, depois de beijar um crucifixo e a imagem da Mãe de Deus e colocar na minha mão. – Faça a bondade de entregá-lhe isto. Veja: quando ele foi para o Cáucaso, mandei rezar uma missa e fiz a promessa de que, se ele ficasse vivo e a salvo, ia mandar fazer este santinho da Mãe de Deus. Já faz dezoito anos que a Protetora e os santos têm piedade dele: não foi ferido nem uma vez e parece que esteve em batalhas que nem lhe conto!... Quando Mikhailo, que esteve com ele, me contou, fiquei de cabelo em pé! Pois o que sei sobre ele é só por intermédio dos outros: ele, o meu queridinho, não me escreve nada sobre suas campanhas... tem medo de me assustar.

(Já no Cáucaso fiquei sabendo, mas não pelo próprio capitão, que ele fora ferido com gravidade quatro vezes e, é óbvio, assim como nada escrevera à mãe sobre as campanhas, tampouco havia contado sobre os ferimentos.)

– Portanto agora ele deve levar sempre consigo esta imagem santa – prosseguiu ela. – Dou a ele minha bênção. A Santíssima Protetora irá protegê-lo! Ele tem de levá-la sempre consigo, sobretudo nas batalhas. Diga para ele, meu caro, que isso é uma ordem de sua mãe.

Prometi cumprir a missão ao pé da letra.

– Sei que o senhor vai gostar do meu Páchenka – continuou a velha. – É tão simpático! Acredite, não se passa um ano sem que me mande dinheiro, e Ánnuchka, minha filha, ela também ajuda muito; e tudo isso só com seu salário! É verdade, vou dar graças a Deus durante cem anos – concluiu com lágrimas nos olhos – por ter me concedido tais filhos.

– Ele escreve para a senhora com frequência? – perguntei.

– Raramente, meu caro: mais ou menos uma vez por ano, só quando manda dinheiro escreve umas palavrinhas. Diz assim: “Mãezinha, se lhe escrevo, quer dizer que estou bem de saúde, pois se algo acontecer, que Deus não permita, os outros vão lhe escrever”.

Quando entreguei ao capitão a encomenda da mãe (isso aconteceu em meu alojamento), ele pediu papel de embrulho, envolveu o santinho com firmeza e escondeu. Conteí a ele muitos detalhes da vida de sua mãe; o capitão escutou calado. Quando terminei, recuou para um canto e ficou muito tempo fumando o cachimbo.

– Sim, é uma velha excelente – disse ele com a voz um pouco abafada. – Deus permita que ainda nos vejamos.

Naquelas palavras simples se exprimia muito mais do que amor e pena.

– Para que o senhor está servindo aqui? – perguntei.

– É preciso trabalhar – respondeu com convicção. – E um salário dobrado para nosso irmão, homem pobre, significa muito.

O capitão vivia de modo frugal: não jogava cartas, raramente ia para alguma farra e fumava tabaco puro, que ele, por razão desconhecida, não chamava de fumo, mas de “tabaco feito em casa”. Antes mesmo disso, eu já havia simpatizado com o capitão: tinha uma dessas fisionomias russas tranquilas e leves, agradáveis de olhar direto nos olhos; mas depois dessa conversa passei a sentir por ele um respeito sincero.

II

Às quatro horas da madrugada do dia seguinte, o capitão veio ao meu encontro. Estava com uma sobrecasaca velha, surrada, sem dragonas, calça larga e lezguiana,⁵ gorro alto e branco, uma pele de carneiro amarelada e gasta e um sabre asiático a tiracolo. O *machtak*⁶ branquinho no qual vinha montado tinha a cabeça arriada, passinho curto e a todo instante sacudia a cauda ralinha. Apesar de o aspecto do bondoso capitão ser não só pouco marcial como também bonito, exprimia tanta indiferença por tudo à sua volta que não podia deixar de inspirar respeito.

Não o fiz esperar nem um minuto, montei prontamente em meu cavalo e partimos juntos pelo portão da fortaleza.

O batalhão já estava a duzentas *sájeni*⁷ à nossa frente e parecia uma contínua massa preta e ondulante. Dava para adivinhar que era a infantaria, só porque, como densos espinhos compridos, sobressaíam as baionetas e, de vez em quando, chegavam aos ouvidos sons das canções dos soldados, do tambor e uma bela voz de tenor, a segunda voz da sexta companhia, que mais de uma vez me havia deleitado na fortaleza. A estrada passava no meio de um desfiladeiro profundo e largo, na beira de um riacho que, naquela ocasião, como dizem, jogava, quer dizer, havia transbordado. Um bando de pombos selvagens circulava em torno dele: ora pousavam nas pedras da margem, ora, rodando no ar e fazendo círculos ligeiros, voavam e sumiam de vista. O sol ainda não estava visível, mas o ponto mais alto do lado direito do desfiladeiro começava a se iluminar. Pedras cinzentas e esbranquiçadas, musgo verde-amarelado, arbustos orvalhados de espinheiras, cornisos e olmos se destacavam com relevo e nitidez extraordinários na luz dourada e transparente do ar; em compensação o outro lado e o vale, cobertos por uma densa neblina, que ondulava em camadas fumacentas e irregulares, estavam cinzentos, sombrios e exibiam uma ambígua mescla de cores: lilás-claro, quase preto, dourado-escuro e branco. Bem à nossa frente, no escuro azul-celeste do horizonte, com uma nitidez espantosa, viam-se as massas brancas e opacas das montanhas nevadas, com suas sombras e contornos fantásticos, mas distintos nos mínimos

detalhes. Cigarras, libélulas e milhares de outros insetos haviam despertado no capim alto e enchiam o ar com seus sons claros e ininterruptos: parecia que uma incalculável quantidade de diminutas campainhas ressoava junto aos ouvidos. O ar tinha cheiro de água, capim, nevoeiro – em suma, tinha o cheiro de uma linda manhã de verão. O capitão fez fogo e começou a fumar o cachimbo; o cheiro do tabaco feito em casa e de mecha inflamável pareceu-me extraordinariamente agradável.

Seguíamos a cavalo por um atalho, a fim de alcançar a infantaria mais depressa. O capitão se mostrava mais pensativo do que o habitual, não tirava da boca o cachimbinho do Daguéstão e, a cada passo, batia com os calcanhares no flanco de seu cavaleiro, que, oscilando de um lado para o outro, abria um rastro verde-escuro quase imperceptível no capim alto e molhado. Bem embaixo das patas do cavalo, com o grito e o barulho de asas que obrigam o caçador a parar com um sobressalto, um faisão voou e, lentamente, subiu no ar. O capitão não lhe deu a menor atenção.

Havíamos quase alcançado o batalhão, quando atrás de nós ouviu-se o tropel de um cavalo e, no mesmo instante, passou a galope um jovem bonito numa sobrecasaca de oficial e com um gorro alto de pelo branco. Ao nos alcançar, sorriu, fez uma saudação com a cabeça para o capitão e brandiu o chicote. Tive tempo de perceber apenas que se sentava sobre a sela e segurava as rédeas de forma especialmente graciosa e que tinha belos olhos negros, narizinho fino e um bigodinho que mal despontava. Agradou-me nele, em especial, o fato de que não pôde deixar de sorrir ao notar que o admirávamos. Só por aquele sorriso era possível concluir que era muito jovem.

– Para onde será que está indo? – resmungou o capitão com ar descontente, sem tirar o cachimbo da boca.

– Quem é esse? – perguntei.

– O alferes Alánin, oficial subalterno da minha companhia... Chegou da Academia no mês passado.

– Então é a primeira vez que vai para um combate? – perguntei.

– Por isso está tão contente! – respondeu o capitão, balançando a cabeça com ar pensativo. – A juventude!

– Mas também, como não se alegrar? Entendo que, para um jovem oficial, isso deve ser mesmo muito interessante.

O capitão ficou calado por um ou dois minutos.

– É o que eu digo: a juventude! – prosseguiu com voz de baixo. – Fica alegre porque ainda não viu nada! Depois que a gente participa de muitas campanhas, não fica mais alegre. Veja, vamos supor, hoje somos vinte oficiais: algum será morto ou ferido, isso é seguro. Hoje sou eu, amanhã será ele, depois de amanhã, outro: então para que se alegrar?

III

Mal o sol radiante surgiu de trás da montanha e passou a iluminar o vale por onde seguíamos, as nuvens ondulantes de neblina se dispersaram e começou a fazer calor. Os soldados, com fuzil e mochila nos ombros, andavam devagar pela estrada poeirenta; nas fileiras, ouviam-se de vez em quando expressões de dialetos da Pequena Rússia⁸ e risos. Alguns soldados mais velhos, de jaqueta branca – na maioria, sargentos –, andavam com cachimbo pela margem da estrada e conversavam em tom sério. Carroções puxados por três cavalos e carregados até em cima avançavam a passo lento e levantavam uma poeira densa e imóvel. Oficiais a cavalo iam na frente; outros, como dizem no Cáucaso, *djiguítovali*,⁹ ou seja, batendo com o chicote no cavalo, obrigavam-no a dar quatro pulos e freavam bruscamente, virando a cabeça para trás; outros ocupavam-se com os cantores, que, apesar do calor e do abafamento, entoavam

incansavelmente uma música depois da outra.

Um *sájeni* à frente da infantaria, num cavalo grande e branco, com a cavalaria dos tártaros, ia um bravo conhecido no regimento por seu destemor, e esse homem, que mostrava verdade diante dos olhos de quem quer que fosse, era um oficial alto e bonito, em trajes asiáticos. Vestia casaco preto com galões dourados e trançados, perneiras no mesmo estilo, botinas novas, enfeitadas com galões, que abrigavam os pés, uma túnica amarela e um gorro de pelo alto, inclinado para trás. No peito e nas costas, havia galões prateados, nos quais estavam pendurados, nas costas, uma pistola e um porta-pólvora; outra pistola e uma adaga, numa bainha de prata, iam penduradas à cintura. Além de tudo isso, havia um sabre cingido numa bainha de couro marroquino vermelho, com galões, e um fuzil a tiracolo, dentro de uma bainha preta. Pela roupa, pela postura, pela maneira de se conduzir e por todos os movimentos em geral, via-se que ele se esforçava para parecer um tártaro. Até falava algo, numa língua que eu desconhecia, para uns tártaros que iam a cavalo com ele; porém, pelos olhares intrigados e zombeteiros que os tártaros lançavam uns para os outros, pareceu-me que não o compreendiam. Era um de nossos jovens oficiais, bravos e destemidos, formados à imagem dos personagens de Marlínski e Liérmontov.¹⁰ Essas pessoas olham o Cáucaso apenas através do prisma dos heróis do nosso tempo, de Mulla-Nur¹¹ etc., e em todos os seus atos se orientam não por suas inclinações próprias, mas pelo exemplo daqueles modelos.

O tenente, por exemplo, talvez gostasse da companhia de mulheres respeitáveis e de pessoas importantes – generais, coronéis, ajudantes de ordem –, e estou mesmo convencido de que gostava bastante desse tipo de sociedade, porque era vaidoso no mais alto grau; mas julgava ser seu dever inapelável mostrar seu lado grosseiro a todas as pessoas importantes, embora fosse grosseiro de forma totalmente comedida, e quando aparecia uma dama na fortaleza julgava ser seu dever andar embaixo da janela da mulher com seus *kúnaki*,¹² só de camisa vermelha, de botinas nos pés descalços, e berrar e xingar o mais alto que podia – tudo isso não tanto pelo desejo de ofendê-la, mas sim para mostrar como tinha lindas pernas brancas e que ela poderia se enamorar dele à vontade, se ele mesmo o quisesse. Ou então muitas vezes, à noite, com dois ou três tártaros pacíficos, ficava na beira das estradas nas montanhas para tocaiar e matar tártaros belicosos que passassem, e embora o coração mais de uma vez lhe dissesse que naquilo nada havia de audaz, ele se julgava obrigado a fazer sofrer as pessoas com quem estava desapontado por algum motivo e a quem, pelo visto, desprezava e odiava. Nunca deixava de levar consigo duas coisas: uma enorme imagem religiosa no pescoço e uma adaga por cima da camisa, com a qual até dormia. Acreditava sinceramente ter inimigos. Persuadir-se de que devia se vingar de alguém e lavar uma ofensa com sangue era, para ele, o maior dos prazeres. Estava convencido de que os sentimentos de ódio, vingança e desprezo da espécie humana constituíam os sentimentos poéticos mais elevados. Mas sua amante – uma circassiana, é claro –, que mais tarde calhou de eu conhecer, disse que ele era o homem mais bondoso e dócil do mundo, toda noite escrevia suas anotações sombrias, mas também fazia as contas num papel quadriculado e rezava de joelhos. Sofria muito só para assumir para si mesmo a aparência daquilo que queria ser, porque seus companheiros e soldados não conseguiam entendê-lo da maneira como ele desejava. Certa vez, numa de suas expedições noturnas à estrada, com seus *kúnaki*, aconteceu de acertar uma bala na perna de um tchetcheno e tomá-lo como prisioneiro. O tchetcheno, depois disso, morou sete semanas na casa do tenente, que cuidou de seu ferimento, tratou-o como um amigo íntimo e, quando ficou de todo curado, lhe deu presentes e deixou-o ir embora. Depois disso, durante uma expedição, quando o tenente recuava numa fileira, atirando no inimigo, ouviu entre os oponentes alguém chamar seu nome, e o amigo que tempos antes ele havia ferido se adiantou a cavalo, convidando o tenente, por meio de sinais, a fazer o mesmo. O tenente foi na direção do amigo e apertou-lhe a mão. Os montanheses mantiveram-se à distância e não atiraram; mas assim que o tenente virou o cavalo para trás, alguns homens atiraram contra ele, e uma bala passou bem perto da parte baixa de suas costas. De outra vez, eu mesmo vi que à noite, na fortaleza, havia um incêndio e duas companhias de soldados tentavam apagar o fogo. No meio da multidão, iluminado pelas labaredas vermelhas do

incêndio, surgiu de repente o vulto alto de um homem num cavalo preto. O vulto a cavalo abriu caminho na multidão e avançou direto para o fogo. Na beira do incêndio, o tenente desmontou do cavalo e correu para dentro da casa, que ardia numa das extremidades. Cinco minutos depois, saiu com os cabelos chamuscados e os cotovelos queimados, trazendo junto ao peito dois pombinhos que salvou das chamas.

Seu sobrenome de família era Rozenkrants; mas falava muitas vezes sobre suas origens, atribuía a si algo dos varegues¹³ e provava de maneira clara que seus ancestrais eram russos puros.

IV

O sol havia percorrido a metade de seu caminho e, através do ar ardente, lançava raios quentes sobre a terra seca. O céu azul-escuro estava completamente limpo; apenas o sopé das montanhas nevadas começava a vestir-se de nuvens brancas e lilás. Parecia que o ar imóvel estava cheio de uma poeira transparente: começara a fazer um calor insuportável. Ao chegar a um riachinho que corria na metade da estrada, a tropa fez uma parada. Os soldados baixaram os fuzis e se jogaram no riacho; o comandante do batalhão sentou-se na sombra, sobre o tambor, e, ostentando no rosto rechonchudo seu posto na hierarquia militar, sentou-se para comer um pouco, ao lado de alguns oficiais; o capitão deitou-se na grama embaixo de uma carroça da companhia; o bravo tenente Rozenkrants e mais alguns jovens oficiais, acomodando-se sobre capotes estendidos no chão, preparavam-se para uma farra, como se podia perceber pelos frascos e garrafas espalhados à sua volta e sobretudo pela animação dos cantores, que, formando um semicírculo à frente deles, tocavam com assovios uma dançante canção caucasiana, com a letra em lezguiano:

*Chamil inventou de se rebelar
Faz alguns anos...
Trai-trai, ra-ta-tai...
Faz alguns anos.*

Entre os oficiais estava também o jovem alferes que passara por nós de manhã. Estava muito alegre: os olhos brilhavam, a língua se enrolava um pouco; ele tinha vontade de beijar todo mundo e expressar seu amor a todos... Pobre menino! Ainda ignorava que em tal condição se pode ficar ridículo, que a franqueza e a ternura que dirigia a todos predispunham os outros não ao amor, que ele tanto queria, mas à galhofa – ignorava também que, quando ele, inflamado, se estendeu por fim sobre um capote, apoiado no cotovelo, e jogou para trás o cabelo preto e comprido, estava extraordinariamente encantador. Dois oficiais sentaram-se junto ao carroção e começaram a jogar baralho.

Escutei com curiosidade a conversa dos soldados e dos oficiais e observei com atenção as expressões na fisionomia deles; mas, decididamente, não consegui perceber nem sombra da inquietação que eu mesmo experimentava: as brincadeiras, os risos, as histórias exprimiam uma despreocupação e uma indiferença geral pelo perigo iminente. Como se fosse impossível sequer supor que alguns deles estivessem fadados a não regressar pela mesma estrada!

V

Pouco antes das sete horas da noite, cansados e cobertos de pó, entramos pelos largos portões

fortificados da fortaleza de NN. O sol se punha e lançava raios enviesados e cor-de-rosa nas pitorescas baterias e nos bosques de altos choupos que rodeavam a fortaleza, nos campos semeados e amarelos e nas nuvens brancas, que, aglomeradas em torno das montanhas nevadas, parecendo imitá-las, formavam uma cadeia não menos fantástica e bonita. Via-se no horizonte a lua crescente, como uma nuvem translúcida. Na aldeia situada junto aos portões da fortaleza, um tártaro em cima de um telhado chamava os fiéis para as orações; os cantores puseram-se a gorjear com novo ímpeto e energia.

Depois de descansar e me refazer um pouco, dirigi-me a um ajudante de ordens que eu conhecia a fim de pedir que explicasse ao general minha intenção. Ao sair da fortaleza de NN, parei na estrada nos arredores e vi algo que não esperava, de maneira nenhuma. Passou por mim uma bela carruagem de dois lugares, na qual vi um chapéu no rigor da moda e ouvi falarem em francês. Pela janela aberta da casa do comandante, vinham os sons da música “Lizanka” ou da “Polca de Kátienka”, tocada num piano ruim e desafinado. Numa tabernazinha pela qual passei, alguns escrivães estavam sentados diante de copos de vinho, com cigarro nas mãos, e ouvi um dizer para o outro: “Como queira... mas no que diz respeito à política, Mária Grigórievna é nossa primeira-dama”. Um judeu recurvado de aspecto doentio, num casaco surrado, arrastava um realejo quebrado e estridente e espalhava em toda a aldeia as notas do final da ópera *Lucia de Lammermoor*. Duas mulheres em vestido farfalhante, envoltas em xale de seda e com sombrinha de cores claras nas mãos, passaram ligeiras por mim, pela calçada de tábuas. Duas meninas, uma de vestido rosa, a outra de azul, ambas de cabeça descoberta, estavam sentadas num banquinho de terra e madeira junto de uma casinha baixa e davam uns risos agudos e forçados com o óbvio desejo de chamar para si a atenção dos oficiais que passavam. Os oficiais, em sobrecasaca nova, luvas brancas e galões reluzentes, se exibiam pelas ruas e bulevares.

Encontrei meu conhecido no térreo da casa do general. Assim que consegui explicar meu desejo e ele me respondeu que tal desejo poderia ser perfeitamente atendido, a pequena carruagem elegante que eu já havia notado passou com estrépito perto da janela junto à qual estávamos sentados e parou diante da varanda. Da carruagem desceu um homem de uniforme da infantaria, com dragonas de major, e entrou na casa do general.

– Ah, me perdoe, por favor – disse-me o ajudante de ordens, erguendo-se. – Tenho de avisar imediatamente o general.

– Quem foi que chegou? – perguntei.

– A condessa – respondeu e, abotoando o uniforme, subiu depressa ao primeiro andar.

Após alguns minutos, saiu para a varanda um homem baixo, mas extremamente bonito, de sobrecasaca sem dragonas, com uma cruz branca na lapela. Atrás dele, saíram o major, o ajudante de ordens e mais dois oficiais. No passo, na voz, em todos os movimentos do general, exprimia-se um homem que tinha perfeita consciência de seu elevado valor.

– *Bonsoir, madame la comtesse*¹⁴ – disse ele, estendendo a mão pela janela da carruagem.

Uma pequenina mão em luva de pele de cordeiro apertou a mão do general, e um rostinho bonito, sorridente, num chapéu amarelo, surgiu na janela da carruagem.

De toda a conversa, que se prolongou por alguns minutos, só ouvi de passagem que o general disse, sorrindo:

– *Vous savez que j’ai fait vœu de combattre les infidèles; prenez donc garde de le devenir.*¹⁵

Riram na carruagem.

– *Adieu donc, cher général.*¹⁶

– *Non, au revoir* – disse o general, pondo o pé no degrau da escadinha da varanda. – *N’oubliez pas que je m’invite pour la soirée de demain.*¹⁷

A carruagem partiu com ruído.

“Aí está um homem”, pensei, ao voltar para casa, “que tem tudo o que os russos procuram alcançar:

um posto elevado, riqueza, reputação... e esse homem que está à beira de uma batalha que só Deus sabe como vai terminar troca gracejos com uma mocinha bonita e promete que irá tomar chá com ela no dia seguinte, como se a tivesse encontrado num baile!”

Na casa do mesmo ajudante de ordens, encontrei um homem que me surpreendeu ainda mais: era um jovem tenente do regimento de K., que se distinguia por sua beleza e timidez quase feminina e que tinha ido à casa do ajudante de ordens para exprimir seu desgosto e sua indignação com pessoas que, pelo visto, faziam intrigas contra ele para que não fosse indicado para lutar na batalha iminente. Disse que era sórdido comportar-se daquela forma, que não era uma conduta digna de camaradas, que ele não ia se esquecer daquilo etc. Por mais que observasse a expressão em seu rosto, por mais que escutasse com atenção o som de sua voz, não pude me deixar convencer de que ele não estava fingindo de maneira nenhuma, de que estava profundamente revoltado e aflito porque não permitiram que fosse atirar contra os circassianos e colocar-se sob a mira de seus tiros; estava agoniado como um menino que acabaram de açoitar injustamente... Eu não entendia absolutamente nada.

VI

Às dez horas da noite, as tropas deviam se pôr em marcha. Às oito e meia, montei meu cavalo e fui à casa do general; porém, supondo que ele e o ajudante de ordens estivessem ocupados, parei na rua, amarrei o cavalo na cerca e sentei no banco, para falar com o general assim que ele saísse.

O calor e o brilho do sol já haviam se transformado em noite fria, e a luz mortiça da lua crescente, que começava a baixar, formava em redor de si um pálido semicírculo luminoso no azul do céu estrelado; nas janelas das casas e nas frestas das persianas dos abrigos escavados na terra, luzes rebrilhavam. Os choupos esguios dos bosques, que se avistavam no horizonte por trás dos abrigos escavados na terra e com telhados de bambu esbranquiçados e iluminados pelo luar, pareciam ainda mais altos e escuros.

As sombras compridas das casas, das árvores, das cercas estendiam-se bonitas pela estrada clara e poeirenta... No rio, as rãs coaxavam sem parar,¹⁸ nas ruas ouviam-se ora passos afobados e conversas, ora uma certa “Aurora-Walzer”.¹⁹

Não vou contar no que eu estava pensando: em primeiro lugar porque me envergonha admitir os pensamentos sombrios que, numa sequência obsessiva, me perseguiram pela rua, enquanto eu só enxergava à minha volta alegria e satisfação, e em segundo lugar porque isso não tem cabimento no meu conto. Eu estava tão pensativo que nem percebi que os sinos bateram onze horas e que o general passou por mim acompanhado por uma comitiva.

Montei às pressas em meu cavalo e parti no encalço do destacamento.

A retaguarda ainda estava nos portões da fortaleza. Com dificuldade, abri caminho pela ponte atulhada de canhões, caixotes de munição, carroções dos regimentos e oficiais que davam ordens aos gritos. Depois de cruzar os portões, ultrapassei a trote as tropas que se estendiam por quase uma versta, movendo-se em silêncio no escuro, e alcancei o general. Ao passar pelos canhões da artilharia que se estendiam numa fila e pelos oficiais que iam a cavalo entre os canhões, chocou-me como uma dissonância ofensiva, no meio da harmonia festiva e serena, o som de uma voz que gritou em alemão: “Artilheiro, me dê um morrão!”, e a voz de um soldado gritou apressada: “Chevchenko! O tenente quer fogo!”.

A maior parte do céu estava encoberta por nuvens compridas, cinzentas e escuras; só aqui e ali, entre elas, brilhavam estrelas baças. A lua já havia se escondido no horizonte próximo, atrás das montanhas negras que se avistavam à direita, e lançava no topo e nos picos uma penumbra fraca e trêmula, em contraste com a sombra impenetrável que toldava o sopé das montanhas. O ar estava morno e

tão escuro que nenhum capim, nenhuma nuvenzinha parecia se mexer. Estava tão escuro que mesmo a uma distância bem próxima era impossível distinguir os objetos; nas margens da estrada, eu parecia ver ora penhascos, ora animais, ora pessoas estranhas – e só reconhecia que eram arbustos depois que os ouvia farfalhar e sentia o frescor do orvalho, do qual estavam cobertos.

À minha frente, eu via uma parede preta, contínua e flutuante, atrás da qual se formava um punhado de manchas movediças: era a vanguarda da cavalaria e o general com sua comitiva. Atrás de nós, movia-se outra massa igualmente escura; mas estava mais próxima do que a primeira: era a infantaria.

Em toda a tropa reinava tamanho silêncio que se ouviam com nitidez todos os ruídos da noite, que se fundiam, repletos de uma beleza misteriosa: o queixoso e distante uivo dos chacais, semelhante ora a um pranto desesperado, ora a uma risada; o ressoante e monótono som do grilo, da rã, da codorna, um zumbido que se aproximava e cuja origem eu não conseguia explicar, e todos os movimentos noturnos da natureza, que mal se ouvem, que são impossíveis de compreender ou definir e fundem-se em um som belo e completo que chamamos de silêncio da noite. Esse silêncio era rompido, ou melhor, se fundia com o surdo tropel de cascos e o farfalhar de capim alto, produzido pelo destacamento, que se movia lentamente.

Só de quando em quando se ouviam nas fileiras o retinir de um canhão pesado, o som de baionetas se entrechocando, uma conversa discreta e o resfolegar de um cavalo.

A natureza respirava beleza conciliadora e força.

Como podem as pessoas viver como se não tivessem espaço neste mundo bonito, sob este céu estrelado e imensurável? Como é possível, em meio a essa natureza fascinante, persistir na alma do homem o sentimento de rancor, de vingança ou a paixão de aniquilar seus semelhantes? Parece que tudo de ruim no coração do homem deveria desaparecer em contato com a natureza – essa expressão imediata da beleza e do bem.

VII

Avançamos por mais de duas horas. Calafrios me percorriam, e o sono começou a inclinar minha cabeça. No escuro, surgiam confusamente os mesmos objetos vagos: a certa distância, a parede negra, as mesmas manchas movediças; bem perto de mim, a garupa de um cavalo branco, que, abanando a cauda, abria bastante as pernas traseiras; as costas de uma túnica circassiana branca, na qual pendia uma espingarda dentro de uma bainha preta e em que se via a coroa branca de uma pistola metida num coldre bordado; a brasa de um cigarro que iluminava o bigode castanho-claro, uma gola de pele de castor e uma mão numa luva de camurça. Eu estava curvado na direção do pescoço do cavalo, os olhos começaram a fechar, e perdi a consciência por alguns minutos; depois, de repente, um tropel e um farfalhar conhecidos me surpreenderam: olhei em redor e me pareceu que eu estava parado, que a parede negra que se encontrava à minha frente se movia em minha direção, ou que a parede havia parado e agora eu avançava em sua direção. Num desses minutos, impressionou-me com mais força ainda o zumbido ininterrupto que se aproximava, com cuja causa eu não conseguia atinar. Era o rumor da água. Havíamos entrado num profundo desfiladeiro e nos aproximávamos de um rio das montanhas que na ocasião estava em plena cheia.²⁰ O zumbido ficou mais forte, o capim cinzento se tornou mais espesso e mais alto, os arbustos se interpunham no caminho cada vez mais frequentes e o horizonte se estreitava pouco a pouco. De vez em quando, contra o fundo escuro das montanhas, luzes claras chamejavam em vários pontos e logo depois desapareciam.

– Por favor, me diga o que são aquelas luzes – perguntei num sussurro para o tártaro que ia a cavalo a meu lado.

- Você não sabe? – disse ele.
- Não.
- São os montanhesees que amarram palha numa vara, tacam fogo e sacodem.
- Mas para que fazem isso?
- Para todo mundo saber que os russos estão aí. Agora, nos *aul*²¹ – acrescentou e riu –, está a maior correria, todo mundo pega seus pertences e vai se esconder num barranco.
- Quer dizer que nas montanhas já sabem que o destacamento está chegando? – perguntei.
- Ora! Como é que não iam saber? Sempre sabem: nosso povo é assim!
- Então Chamil agora está se preparando para o combate? – perguntei.
- *Iok!*²² – respondeu, balançando a cabeça em sinal de negação. – Chamil não vai entrar em combate; Chamil vai mandar os *naíb*²³ e ele mesmo vai ficar só olhando, lá de cima, numa luneta.
- E ele mora longe?
- Longe não é, não. Olhe, lá do lado esquerdo, umas dez verstas.
- Como é que você sabe? – perguntei. – Já esteve lá?
- Estive: todos nós já estivemos na montanha.
- E viu Chamil?
- Que nada! A gente nem vê o Chamil. Tem uns cem, trezentos, mil guarda-costas em volta dele. Chamil fica bem no meio! – acrescentou com uma expressão de respeito servil.

Ao olhar para cima, podia-se notar que o céu já havia clareado, começava a se iluminar no oriente, e a constelação das Plêiades baixava no horizonte; porém, no desfiladeiro por onde passávamos, estava escuro e molhado.

De repente, um pouco à nossa frente, no escuro, acenderam-se algumas luzezinhas; no mesmo instante, com um ganido, balas assoviaram e, no meio do silêncio em redor, irromperam ao longe tiros e gritos estridentes e altos. Era um destacamento avançado do inimigo. Os tártaros que o formavam berraram, atiraram a esmo e se dispersaram.

Tudo ficou em silêncio. O general mandou chamar o intérprete. Um tártaro de túnica branca se aproximou e lhe falou demoradamente, em sussurros e com gestos.

– Coronel Khassánov. Dê ordem para abrir as fileiras – disse o general em voz baixa, arrastada, mas clara.

O destacamento aproximou-se do rio. Os desfiladeiros das montanhas negras ficaram para trás; o dia começava a nascer. O céu do horizonte, onde mal se distinguiam estrelas brancas e mortiças, parecia mais alto; um fulgor começou a brilhar no horizonte; uma brisa fresca e penetrante batia de oeste e uma neblina clara como vapor se erguia sobre o rio rumorejante.

VIII

O guia mostrou o vau no rio, e a vanguarda da cavalaria, logo seguida pelo general e sua comitiva, começou a fazer a travessia. A água batia no peito dos cavalos, rompia com força extraordinária entre pedras brancas, que aqui e ali afloravam na superfície, e formava ruidosas correntes espumantes em torno das pernas dos cavalos. O barulho da água deixava os cavalos assustados, os animais erguiam a cabeça, esticavam as orelhas, mas avançavam com cuidado e a passos medidos contra a corrente, sobre o fundo desnivelado. Os cavaleiros encolhiam as pernas e levantavam as armas. Os soldados da infantaria, só de camisa, erguiam acima da água seus fuzis, nos quais levavam as roupas amarradas com nós, e de mãos dadas em grupos de vinte lutavam contra a correnteza, com visível esforço, a julgar pelo rosto contraído. Com gritos altos, os cocheiros da artilharia ataçavam os cavalos a entrar na água a trote. Os canhões e as

caixas verdes de munição, entre as quais de vez em quando a água espirrava, retiniam sobre as pedras do fundo do rio; mas os bons cavalos do mar Negro puxavam os tirantes e os arreios, faziam a água espumar e, com a cauda e a crina molhadas, saíam na outra margem.

Assim que a travessia terminou, o general de repente exprimiu em seu rosto algo de sério e pensativo, virou o cavalo e seguiu a trote, com a cavalaria, pela vasta campina que se abria à nossa frente, rodeada pelo bosque. As fileiras de cavaleiros cossacos se dispersaram ao longo das margens do bosque.

Surgiu no bosque um homem a pé, de túnica circassiana e gorro alto de pelo, mais um, e outro... Um dos oficiais disse: “São os tártaros”. Surgiu uma nuvenzinha de fumaça atrás de uma árvore... um tiro, outro... Nossos tiros constantes começaram a abafar os disparos dos inimigos. Só de vez em quando passava um projétil, com um som vagaroso, semelhante a uma abelha voando, e mostrava que nem todos os tiros eram dos nossos. A infantaria se moveu em passos fugazes, canhões passaram a trote, em fila; ouviram-se disparos sibilantes dos canhões, o som metálico das cargas de metralha, o silvo dos obuses, o matraquear dos fuzis. A cavalaria, a infantaria e a artilharia se faziam visíveis por todos os lados na vasta campina. As nuvenzinhas dos canhões, dos obuses e dos fuzis se fundiam com a vegetação coberta pelo orvalho e com a neblina. O coronel Khassánov se aproximou do general a galope e deteve o cavalo bruscamente em plena marcha.

– Vossa Excelência! – diz ele, levando a mão ao gorro de pelo. – Ordene o ataque da cavalaria: surgiram sinais – e aponta com o chicote para os cavaleiros tártaros, do meio dos quais vêm dois homens em cavalos brancos, com trapos azuis e vermelhos presos em varas.

– Que Deus nos ajude, Mikhail Mikháilovitch! – diz o general.

O coronel, no mesmo lugar, vira o cavalo, ergue o sabre e grita:

– Hurra!

– Hurra! Hurra! Hurra! – ressoa nas fileiras, e a cavalaria parte atrás do coronel.

Todos olham com curiosidade: surge um sinal, outro, um terceiro, um quarto...

O inimigo, sem esperar os ataques, esconde-se na mata e, de lá, abre fogo com os fuzis. As balas voam com mais frequência.

– *Quel charmant coup d’oeil!*²⁴ – diz o general, dando saltinhos à inglesa em seu cavalo murzelo de pernas finas.

– *Charrmant!* – responde o major, pronunciando o *r* com força, e, batendo no cavalo com o chicote, se aproxima do general: – *C’est un vrrai plaisir que la guerre dans un aussi beau pays*²⁵ – diz ele.

– *Et sourtout en bonne compagnie*²⁶ – acrescenta o general, com um sorriso simpático.

O major inclina a cabeça numa reverência.

Nesse momento, com um assovio veloz e desagradável, uma bala de canhão do inimigo passa voando e se choca em alguma coisa; mais atrás, ouvem-se os gemidos de um ferido. O gemido me atinge de forma tão estranha que, no mesmo instante, o cenário de guerra perde para mim todo o seu encanto; mas ninguém parece notar, a não ser eu: o major ri com grande curiosidade, ao que parece; outro oficial, absolutamente calmo, repete as palavras iniciais de uma frase interrompida; o general olha para o lado oposto e, com um sorriso sereno, fala algo em francês.

– O senhor vai ordenar responder a esses disparos? – pergunta um coronel da artilharia que veio a galope.

– Sim, dê um susto neles – responde o general com displicência, fumando um charuto.

A bateria se põe em linha e começa o canhoneio. A terra geme com os tiros, clarões chamejam sem cessar e os olhos são toldados pela fumaça, na qual mal se consegue distinguir os soldados da artilharia que operam os canhões.

A aldeia foi bombardeada. De novo se aproxima o coronel Khassánov e, por ordem do general, vai

depressa à aldeia. Ressoa de novo o grito de guerra e a cavalaria desaparece na nuvem de poeira que ela mesma levantou.

O espetáculo era de fato grandioso. Para mim, como alguém que não tomava parte na batalha e não estava habituado àquilo, só uma coisa estragava a impressão geral: pareciam-me supérfluos aqueles movimentos, os entusiasmos e os gritos. Sem querer, comparava aquilo a um homem que, brandindo um machado, cortasse pedaços do ar.

IX

A aldeia já estava ocupada pelas nossas tropas e nela não restava nenhum inimigo quando o general se aproximou com sua comitiva, na qual eu me havia infiltrado.

*Sáklia*²⁷ compridas e limpas, com telhados planos de barro e chaminés bonitas, situavam-se em outeiros pedregosos e acidentados, entre os quais corria um pequeno rio. De um lado, iluminados pela clara luz do sol, viam-se pomares verdes com enormes pereiras e ameixeiras; do outro lado, sobressaíam sombras estranhas, altas pedras tumulares do cemitério, na perpendicular, e compridas hastes de madeira com esferas e bandeiras coloridas fixadas na ponta. (Eram os túmulos dos *djíguit*.)²⁸

As tropas se perfilaram nos portões.

Um minuto depois, com evidente alegria, os dragões da cavalaria, os cossacos e os infantess se dispersaram pelas ruazinhas tortuosas, e a aldeia deserta num instante ganhou vida. Num local, tomba um telhado, um machado bate numa árvore robusta e uma porta de tábuas é arrombada; mais além, é incendiado um monte de feno, uma cerca viva, uma *sáklia*, e uma espessa coluna de fumaça se ergue no ar claro. Um cossaco arrasta um saco de farinha e um tapete; um soldado com o rosto alegre retira de uma *sáklia* uma bacia de estanho e um trapo qualquer; outro soldado, com os braços abertos, tenta apanhar duas galinhas que, com cacarejos, tentam fugir por uma cerca; outro acha um enorme *kumgan*²⁹ com leite, bebe um pouco e, com uma grande risada, o arremessa de encontro à terra.

O batalhão com o qual eu havia saído da fortaleza de NN também estava no *aul*. O capitão sentou-se no telhado de uma *sáklia* e soltava do cachimbinho curto jatos de fumaça do tabaco feito em casa, com um ar de tamanha indiferença que, quando o avistei, esqueci que estava num *aul* hostil e pareceu-me estar perfeitamente em casa.

– Ah! O senhor está aqui? – disse, ao me ver. A figura alta do tenente Rozenkrants surgia de relance no *aul*, ora num lugar, ora noutro; dava ordens sem cessar e tinha o aspecto de um homem preocupado ao extremo. Vi como saiu de uma *sáklia* com ar triunfante; atrás dele, dois soldados traziam um velho tártaro amarrado. O velho, cuja única roupa se resumia a um casaco colorido em farrapos e uma calça remendada, estava tão debilitado que os braços ossudos, amarrados com força por trás das costas curvadas, pareciam à beira de soltar-se dos ombros, e os pés descalços e tortos moviam-se com esforço. O rosto e até uma parte da cabeça raspada estavam sulcados por rugas profundas; a boca desdentada e torcida era rodeada por bigodes grisalhos e cortados e pela barba que não parava de se mexer, como se estivesse mastigando alguma coisa; mas os olhos vermelhos e sem pestanas, em que uma chama ainda cintilava, exprimiam com clareza a indiferença da velhice pela vida.

Rozenkrants, por meio do intérprete, perguntou-lhe por que não havia fugido com os outros.

– E para onde eu iria? – respondeu, olhando sereno para o lado.

– Para o mesmo lugar aonde os outros foram – disse alguém.

– Os *djíguit* foram lutar contra os russos, mas eu estou velho.

– E você não tem medo dos russos?

– O que os russos vão fazer comigo? Estou velho – disse de novo, olhando o tempo todo para o

círculo de pessoas que se formara em seu redor.

Ao voltar, vi que o velho, sem chapéu, com os braços amarrados, balançando na sela de um cossaco e com a mesma expressão apática, olhava em redor. Ele era necessário para a troca de prisioneiros.

Subi no telhado e me acomodei ao lado do capitão.

– Parece que os inimigos eram poucos – falei, desejando saber sua opinião sobre o combate.

– Inimigos? – repetiu com surpresa. – Mas não havia inimigo nenhum. Por acaso se pode chamar isso de inimigo? Olhe, preste atenção de noite, quando começarmos a nos retirar: vai ver quando começarem a nos seguir. Eles vão aparecer lá! – acrescentou, apontando com o cachimbo para a mata junto à qual havíamos passado pela manhã.

– O que é aquilo? – perguntei, inquieto, interrompendo o capitão e apontando para alguns cossacos do Don que se reuniam perto de nós em torno de alguma coisa.

Entre eles, ouviu-se algo parecido com o choro de uma criança e as palavras:

– Ei, não corte... espere... olhem... Tem uma faca, Evstigniéitch?... Me dê a faca...

– Estão repartindo alguma coisa, os canalhas – disse o capitão com toda a calma.

Mas no mesmo instante, com o rosto assustado, vermelho, o alferes bonito veio correndo da esquina e, abanando os braços, atirou-se na direção dos cossacos.

– Não toquem, não batam nele! – gritou com voz infantil.

Ao verem o oficial, os cossacos recuaram e soltaram um cabrito branco. O jovem alferes, completamente perplexo, balbuciou alguma coisa e, com uma fisionomia confusa, ficou parado na frente do animal. Ao nos ver, a mim e o capitão, sobre o telhado, ruborizou-se mais ainda e, aos pulos, correu em nossa direção.

– Pensei que iam matar uma criança – disse ele, sorrindo com timidez.

x

O general e a cavalaria marchavam na frente. O batalhão com o qual eu havia saído da fortaleza de NN ficou na retaguarda. As companhias do capitão Khlópov e do tenente Rozenkrants se retiravam juntas.

A previsão do capitão se cumpriu inteiramente: assim que entramos na estreita passagem entre os bosques da qual ele havia falado, montanhese a cavalo e a pé começaram a surgir de relance, de ambos os lados, e tão perto que eu via muito bem como alguns, curvados, com espingarda nas mãos, passavam correndo de uma árvore para outra.

O capitão tirou o chapéu e fez o sinal da cruz, com ar devoto; alguns soldados mais velhos fizeram o mesmo. No bosque, ouviam-se assovios e as palavras: “Iai, infiel! Russo, iai!”. Tiros secos e curtos de espingarda disparavam um atrás do outro, e as balas zuniam de ambos os lados. Os nossos respondiam, em silêncio, com um fogo apressado; nas fileiras, apenas raramente se ouviam comentários do tipo: “Ele³⁰ está atirando de onde? Atrás da mata ele está numa boa posição, a gente precisava de canhões...” etc.

Os canhões foram postos em linha e, depois de alguns disparos de metralha, o inimigo pareceu se enfraquecer, mas depois de um minuto, e um pouco mais a cada novo passo das tropas, os tiros, os gritos e os assovios logo retomaram força.

Assim que nos afastamos umas trezentas *sájeni* do *aul*, as balas de canhão dos inimigos começaram a voar sobre nós com assovios. Vi uma bala de canhão matar um soldado... Mas para que contar em detalhes a cena terrível, quando eu mesmo faria qualquer coisa para esquecê-la?

O próprio tenente Rozenkrants disparava sua espingarda sem parar nem um minuto, gritava para os soldados com voz rouca e, com afinco, galopava de um lado para o outro. Estava um pouco pálido, o que

combinava muito bem com seu rosto marcial.

O alferes bonito estava em êxtase; os belos olhos negros brilhavam de coragem, a boca sorria de leve; a todo instante corria para o capitão e pedia permissão de lançar um ataque geral aos gritos de hurra!

– Vamos derrotá-los – dizia com convicção. – Não há dúvida, vamos derrotá-los.

– Não é preciso – respondia o capitão, sucinto. – É necessário recuar.

A companhia do capitão ocupava a margem do bosque e se defendia atirando contra o inimigo. O capitão, com sua sobrecasaca surrada e sua touca desfiada, havia soltado as rédeas de seu cavalo branco, tinha encolhido as pernas nos estribos curtos e se mantinha em silêncio e sem se mexer. (Os soldados sabiam tão bem o que deviam fazer que nem era preciso lhes dar nenhuma ordem.) Apenas raramente o capitão erguia a voz para repreender os que levantavam a cabeça.

A figura do capitão era muito pouco marcial; em compensação, havia nele tanta verdade e simplicidade que me impressionou de maneira extraordinária. “Eis um corajoso de verdade”, não pude deixar de dizer a mim mesmo.

O capitão estava exatamente igual a como eu sempre o via: os mesmos movimentos tranquilos, a mesma voz constante, a mesma expressão sem astúcia no rosto feio, mas simples; apenas no olhar, mais aceso do que o habitual, se podia perceber a atenção de um homem tranquilamente concentrado em seu trabalho. É fácil dizer: igual a sempre. Mas quantos matizes diferentes eu notava nos outros: um queria parecer mais calmo, outro, mais rigoroso, um terceiro, mais alegre do que o habitual; no rosto do capitão se percebia que ele nem sequer compreendia para que parecer outra coisa.

Um francês que disse sobre Waterloo: “*La garde meurt, mais ne se rend pas*”³¹ e outros, em especial heróis franceses, que disseram frases memoráveis eram corajosos e de fato disseram frases memoráveis; mas entre a coragem deles e a coragem do capitão existe a seguinte diferença: se alguma palavra grandiosa, qualquer que fosse ela, chegasse apenas a palpitar na alma do meu herói, estou convencido de que ele não a pronunciaria: em primeiro lugar porque teria medo de, ao pronunciar a palavra grandiosa, estragar um ato grandioso; em segundo lugar porque, quando um homem sente em si a força de praticar um ato grandioso, nenhuma palavra é necessária, qualquer que seja ela. Na minha opinião, esse é o elevado traço característico da coragem russa; e como, depois disso, não há de doer o coração de um russo quando ouve, entre nossos jovens soldados, frases vulgares em francês que têm a pretensão de imitar o obsoleto cavalheirismo francês?

De repente, do outro lado, onde estava o alferes bonito com seu pelotão, ouviu-se um “hurra” hostil e baixo. Ao me voltar na direção do grito, vi uns trinta soldados que, com fuzil nas mãos e mochila nos ombros, corriam a toda a pressa por um campo lavrado. Avançavam aos tropeções, mas de todo jeito iam adiante e gritavam. À frente deles, abanando o sabre no ar, galopava o jovem alferes.

Todos desapareceram no bosque...

Depois de alguns minutos de assovios e gritaria dentro da mata, saiu de lá um cavalo assustado e, na orla do bosque, surgiram soldados que carregavam os mortos e os feridos; entre estes, estava o jovem alferes. Dois soldados o amparavam pelas axilas. Estava branco como um lenço, e a bela cabeça, na qual se notava apenas uma sombra do entusiasmo belicoso que a inspirava um minuto antes, havia afundado entre os ombros de um jeito terrível e pendia inclinada sobre o peito. Na camisa branca por baixo da sobrecasaca desabotoada, via-se uma pequena mancha sangrenta.

– Ah, que pena! – não pude deixar de exclamar, virando o rosto para não ver a cena triste.

– É uma pena mesmo – disse um velho soldado que, com aspecto triste, de pé a meu lado, se apoiava com os cotovelos no fuzil. – Não tem medo de nada: como é que pode? – acrescentou, olhando com tristeza para o ferido. – Ainda é um tolo, está pagando por isso.

– Mas e você, tem medo? – perguntei.

– Como é que não vou ter medo?

Quatro soldados trouxeram o alferes numa maca; atrás deles, um soldado enfermeiro puxava um cavalo magro, abatido, carregado com duas caixas verdes que continham utensílios médicos. Esperaram o médico. Os oficiais se aproximaram da maca e tentavam animar e consolar o ferido.

– Pois é, irmão Alánin, vai ficar um tempinho sem poder dançar com as colherezinhas³² – disse com um sorriso o tenente Rozenkrants.

Na certa achou que essas palavras dariam coragem ao alferes bonito; porém, pelo que se podia notar na expressão fria e tristonha de seu olhar, as palavras não produziram o efeito desejado.

O capitão também se aproximou. Olhou com tristeza para o ferido e, no rosto sempre indiferente e frio, exprimiu-se um pesar sincero.

– E agora, meu caro Anatóli Ivánitch? – disse com a voz em que vibrava um sentimento de ternura que eu não esperava dele. – Olhe, é a vontade de Deus.

O ferido ergueu os olhos; seu rosto pálido animou-se com um sorriso triste.

– Pois é, não obedeci ao senhor.

– É melhor dizer: é a vontade de Deus – repetiu o capitão.

O médico chegou, tomou do enfermeiro as ataduras, a sonda e outros apetrechos e, arregaçando as mangas, aproximou-se do ferido com um sorriso animador.

– Ora, pelo visto abriram no senhor uns buraquinhos num lugar que estava fechado – disse ele em tom jocoso. – Mostre onde é.

O alferes obedeceu; mas na expressão com que olhou para o médico alegre havia surpresa e repreensão, as quais o doutor não percebeu. Começou a sondar a ferida e observá-la por todos os lados; o ferido, porém, esgotada a paciência, afastou sua mão com um gemido...

– Deixe-me em paz – disse com voz quase inaudível. – Vou morrer mesmo, de um jeito ou de outro.

Com tais palavras, tombou de costas e, cinco minutos depois, quando me aproximei do grupo em torno dele, perguntei a um soldado: “Como está o alferes?”. Responderam: “Vai ficar bom”.

Já era tarde quando o destacamento, numa larga coluna e cantando, se aproximou da fortaleza.

O sol se escondera atrás de uma serra nevada e lançava os últimos raios rosados na nuvem comprida e fina que restara no horizonte claro e transparente. As montanhas nevadas começavam a se esconder na neblina lilás; só sua linha superior aparecia com uma clareza extraordinária na luz escarlata do pôr do sol. Fazia tempo que a lua transparente havia subido e começava a branquejar contra o fundo azul-escuro. O verde do capim e das árvores negrejava e se cobria de orvalho. As massas escuras das tropas rumorejavam ritmadamente e moviam-se pelo prado viçoso; ouviam-se de vários lados tambores, pandeiros e canções alegres. O cantor que fazia a segunda voz na sexta companhia cantava a plenos pulmões e, cheios de sentimento e de força, os sons de sua voz de tenor, limpa e peitoral, difundiam-se pelo ar transparente da noite.

MEMÓRIAS DE UM MARCADOR DE PONTOS DE BILHAR

Pois foi às três horas que aconteceu. Jogavam uns senhores: o convidado grande (assim o chamávamos), o príncipe (anda sempre junto com ele), e também um senhor bigodudo e um pequeno hussardo, Oliver, que andava com os atores, e também um Pan.¹ Pessoas decentes.

O convidado grande jogava com o príncipe. Eu passava para lá e para cá em torno da mesa de bilhar com o quadro de contar pontos e contava: nove e quarenta e oito, doze e quarenta e oito. Todo mundo conhece nosso trabalho de marcador de pontos: a gente não tem chance de comer nada e só vai dormir lá pelas duas da madrugada, e ainda vivem chamando a gente para trazer as bolas. Conto os pontos e aí vejo: um senhor novo entrou pela porta, deu uma olhada em volta e sentou num sofazinho. Muito bem.

“Quem será esse daí? De onde será que veio?”, penso.

Está com roupa limpa, a roupa toda novinha em folha: calça de tricô xadrez, casaco da moda, colete curto de veludo, uma correntinha de ouro da qual pende uma porção de penduricalhos.

Está com roupa limpa, mas há nele algo ainda mais limpo: o cabelo fino e alto, enrolado para a frente, bem na moda, e o rosto branco e rosado... bem, numa palavra, um rapaz bem-apeσοado.

Sabe-se que nosso trabalho nos põe em contato com todo tipo de gente: tem uns que não são importantes e muitos que são lixo, e assim, mesmo sendo só um marcador de pontos, a gente aprende a se adaptar às pessoas, quer dizer, acaba entendendo um pouco de política.

Observo o jovem senhor – vejo que ele fica calado, não conhece ninguém e sua roupa é bem novinha; penso comigo: ou é um estrangeiro, um inglês, quem sabe, ou é um desses condes que acabaram de chegar. E, apesar de jovem, tem um ar importante. Oliver sentou perto e ele até se afastou um pouco.

A partida terminou. O homem grande perdeu, grita para mim:

– Você aí – diz –, você só faz mentir: não conta direito, fica olhando para os lados.

Pragueja, joga o taco de qualquer jeito e sai. Agora, veja só que coisa! Noites seguidas, ele e o príncipe jogam partidas a cinquenta rublos e agora ele perdeu só uma garrafa de vinho de Macon e ficou enfurecido. Que figura! Numa outra vez, jogou com o príncipe até as duas da madrugada, não puseram nenhum dinheiro no caixa e então logo vi que nem um nem outro tinham dinheiro e era tudo só da boca para fora.

– Vamos apostar vinte e cinco rublos? – diz ele.

– Vamos!

Dando um bocejo e sem sequer arrumar as bolas – afinal, ele não é de ferro! –, passou direto para pegar uma caneca.

– Não estamos jogando por palitos, mas a dinheiro – diz. E ele me espanta mais do que todos os outros.

Pois muito bem. Foi só o homem grande sair para o príncipe ir direto falar com o senhor novato:

– Gostaria de jogar comigo? – pergunta.

– Com prazer – responde.

Senta, fica olhando com a maior cara de bobo, vejam só! Podia estar só se fazendo de valente; mas, assim que levantou, foi para a mesa de bilhar e não pareceu acanhado. Mas, acanhado ou não, dá para ver que não está lá muito à vontade. Ou as roupas novas o deixam sem graça, ou tem medo porque todo mundo está olhando para ele; de todo jeito, não está com aquela força toda. Anda meio de lado, enfia a mão na caçapa, põe-se a passar giz no taco – solta o giz. Toda vez que acerta uma bola, olha para todos em redor e fica vermelho. Bem diferente do príncipe: ele já está acostumado – passa o giz um tempão na ponta do taco, arregaça as mangas e, apesar de ser um homem pequeno, senta assim que encaçapa uma

bola.

Jogaram duas ou três partidas, já não lembro, aí o príncipe baixa o taco e diz:

- Gostaria de saber qual é seu nome.
- Nekhliúdob – responde.
- Seu pai foi comandante do corpo de cadetes?
- Foi.

Então ficaram um bom tempo falando em francês, coisas que não entendi. Na certa, lembravam assuntos de família.

- *Au revoir*² – diz o príncipe. – Gostei muito de conhecê-lo.

Lavou as mãos e saiu para comer; o outro ficou com o taco na mão, junto à mesa de bilhar, dando tacadas nas bolas.

Naturalmente, quando tem alguém novo, nosso papel é ser rude, é melhor assim: então peguei as bolas e juntei. Ele ficou vermelho e disse:

- Não quer jogar?
- Claro, senhor – respondo.

Arrumei as bolas.

- Vai me dar uma vantagem?
- Como assim, dar uma vantagem? – pergunta ele.
- É assim, o senhor me dá meio rublo e eu me agacho embaixo da mesa.

Está claro que nunca tinha visto aquilo, achou uma coisa incrível e deu uma risada.

- Está bem – respondeu.

Muito bem. Eu digo:

- Quanto o senhor vai me dar de vantagem?
- Ora – diz ele –, e por acaso você joga pior do que eu?
- Como não? – respondo. – Aqui, poucos jogam como o senhor.

Começamos a jogar. Ele já estava convencido de que era um mestre: jogava que era uma desgraça; mas o Pan estava ali pertinho e toda hora dizia:

- Mas que bola! Mas que tacada!

E que jogador!... Até que dava umas tacadas boas, só que não sabia contar os pontos. Pois bem, como de costume, perdi a primeira partida: rastejei para baixo da mesa e dei uns grasnidos. Então Oliver e o Pan se levantaram de um pulo de onde estavam e bateram com os tacos no chão para aplaudir.

- Excelente! Mais! – disseram. – Mais!

“Mais”, pois sim! Sobretudo aquele Pan, por meio rublo ele não se contentaria de ir para baixo da mesa de bilhar, iria para baixo da Ponte Azul. E é ele quem grita:

- Excelente. Mas ainda não tirou toda a poeira.

Petruchka, o marcador de pontos, ou seja, eu, era bem conhecido de todo mundo. Tiurin é meu sobrenome, mas sou Petruchka, o marcador de pontos.

Só que eu ainda não ia mostrar meu jogo; perdi mais uma.

- Excelência – digo –, eu não tenho condições de jogar contra o senhor.

Ele ri. Depois, quando perdi a terceira partida – ele tinha quarenta e nove e eu, nada –, coloquei o taco sobre a mesa e disse:

- Senhor, vamos jogar tudo ou nada?
- Como assim, tudo ou nada? – pergunta.
- O senhor aposta três rublos ou nada – respondo.
- Como? – diz ele. – Por acaso estou jogando a dinheiro com você? Imbecil!

Chegou a ficar vermelho.

Muito bem. Ele perdeu uma partida.

– Chega – diz ele.

Pegou a carteira, novinha em folha, comprada numa loja inglesa, abriu, vi logo que queria se mostrar. Estava estufada de dinheiro, só tinha notas de cem rublos.

– Não – diz ele. – Não tenho trocado aqui.

Pegou três rublos de uma bolsinha.

– Tome – diz ele. – Dois pela partida e o resto é para você tomar uma vodca.

Agradeço, é claro, com humildade. Vejo que o nobre senhor é uma pessoa excelente! Por alguém assim a gente até rasteja embaixo da mesa. Só uma coisa dá pena: não quer jogar por dinheiro; senão, penso, já fico até planejando: podia tomar dele uns vinte rublos, quem sabe esticava até chegar a quarenta?

Assim que o Pan viu que o jovem senhor tinha dinheiro, falou:

– O senhor não gostaria de jogar uma partidazinha comigo? O senhor joga tão magnificamente.

E se aproximou que nem uma raposa.

– Não, me desculpe – responde. – Não tenho tempo. – E saiu.

Só o diabo sabe quem era aquele sujeito, o tal Pan. Alguém o chamou de Pan, e o nome pegou. Todo dia ficava no bilhar, de olho em tudo. Já haviam brigado com ele, xingado, e agora não o deixavam mais jogar, ficava sentado sozinho, pegava o cachimbo e fumava. Mas jogava que era uma beleza... o sem-vergonha!

Muito bem. Nekhliúдов veio outra vez, mais uma, passou a vir com frequência. De manhã e de tarde. Jogava três bolas, *à la guerre*, pirâmide – sabia jogar tudo. Ficou corajoso, travou conhecimento com todo mundo e começou a jogar direito. Naturalmente, como era um homem jovem, de família importante, com dinheiro, todo mundo gostava dele. Só com o convidado grande ele discutiu uma vez.

E tudo por uma bobagem.

O príncipe, o convidado grande, Nekhliúдов, Oliver e mais alguém estavam jogando *à la guerre*. Nekhliúдов estava perto da estufa, conversava com alguém, e veio a vez de o grande jogar – nessa altura, ele já estava bastante embriagado. Só que sua bola estava do lado da estufa: tinha pouco espaço para se mexer e ele gostava de abrir bem os braços quando jogava.

Pois bem, ou ele não viu Nekhliúдов, ou fez de propósito, mas quando foi dar a tacada, abriu bem os braços e a parte de trás do taco bateu em cheio no peito dele! Nekhliúдов chegou a dar um gemido de verdade. E depois? Ele nem pensou em pedir desculpas – que sujeito grosseiro! Continuou jogando, nem olhou para o outro; e ainda resmungou:

– Quem foi que esbarrou em mim? Me fez perder a tacada. Será que não tem outro lugar para ficar?

Nekhliúдов chegou perto, todo branco, mas controlado, e falou com cortesia:

– O senhor é que deve se desculpar primeiro: me acertou com o taco – disse.

– Pedir desculpas coisa nenhuma: era para eu ganhar, e agora – diz ele – já levaram minha bola.

O outro lhe diz de novo:

– O senhor deve se desculpar.

– Sai da minha frente – responde. – Acertei no senhor, e daí?

E olhou para a sua bola.

Nekhliúдов chegou ainda mais perto dele e segurou seu braço.

– O senhor é um insolente – disse. – Prezado cavalheiro!

Apesar de magrinho, o jovem, vermelho feito uma donzela, tinha um ar de provocação: os olhos pegavam fogo, parecia capaz de comer o outro vivo. O convidado grande era um homem saudável, alto – nem se comparava a Nekhliúдов.

– O quê? – exclamou. – Eu, insolente?

E assim que gritou, ergueu a mão para golpeá-lo. Então acudiram às pressas, todo mundo, seguraram

os dois pelos braços, apartaram.

Depois de muito bate-boca, Nekhliúdob diz:

– Ele tem de me dar satisfações, ele me ofendeu, quero um duelo com ele. Senhores, é uma coisa sabida, é a regra... é impossível!... Numa palavra, senhores!

– Não quero saber de dar satisfação nenhuma! – diz o outro. – Ele não passa de um menino. Eu devia era lhe dar um bom puxão de orelha.

– Se o senhor não quer duelar – responde Nekhliúdob –, então não é um cavalheiro.

E por pouco não começou a chorar.

– E você não passa de um menino. Nada que venha de você me ofende.

Pois bem, levamos os dois para cômodos separados, como convém. Nekhliúdob e o príncipe eram amigos.

– Vá lá – diz Nekhliúdob –, pelo amor de Deus, convença-o a aceitar um duelo. Ele estava bêbado na hora; talvez ele volte à razão. Isso não pode terminar assim.

O príncipe foi lá. O convidado grande respondeu:

– Eu não vou duelar, já lutei na guerra. Não vou me bater contra um menino. Não quero e acabou.

Então ficaram nesse falatório para lá e para cá e no final se calaram; só que o convidado grande parou de vir ao bilhar.

Por causa disso, quer dizer, dessa confusão, Nekhliúdob passou a ser visto como um galo de briga, um nervosinho... mas, no que dizia a respeito a outras coisas, ele não entendia nada. Lembro-me de uma ocasião.

– Com quem você anda saindo? – perguntou o príncipe para Nekhliúdob.

– Ninguém – respondeu.

– Como ninguém?

– Por quê?

– Como por quê?

– Eu tenho vivido assim até agora, por que não posso?

– Tem vivido assim? Não pode ser!

E deu uma gargalhada, e o senhor bigodudo também gargalhou. A risada foi geral.

– Mas então, nunca? – perguntaram.

– Nunca.

Eles morreram de rir. Claro, eu logo entendi do que estavam rindo. Fico olhando: o que será que vão fazer com ele?

– Vamos lá – diz o príncipe. – Agora.

– Não, de maneira nenhuma! – responde Nekhliúdob.

– Chega! Isso é ridículo – diz. – Beba para tomar coragem e vamos lá.

Eu trouxe para eles uma garrafa de champanhe. Beberam até o fim e levaram o rapazinho.

Voltaram à uma hora. Sentaram-se para jantar, e em torno deles se reuniram várias pessoas, alguns de nossos melhores senhores: Atánov, o príncipe Razin, o conde Chustakh, Mirtsov. E todos deram os parabéns a Nekhliúdob, riram. Vieram me chamar. Vejo que estão bem alegres.

– Dê os parabéns ao senhor – me dizem.

– Por quê? – pergunto.

Como foi que chamaram? Pela iniciação, pela incitação, já nem lembro qual foi a palavra.

– Tenho a honra de lhe dar meus parabéns – falei.

Ele ficou vermelho, parado, mal sorria. Mas que sorriso!

Muito bem. Depois foram para as mesas de bilhar, todos alegres, e Nekhliúdob já era outra pessoa; tem olhos de peixe morto, os lábios tremem, soluça o tempo todo e não consegue falar palavra nenhuma direito. Claro, os outros não percebem nada, ele está chocado. Chega perto da mesa de bilhar, se apoia

nos cotovelos e diz:

– Vocês acham engraçado, mas para mim é triste. Por que fiz isso? E você, príncipe, eu nunca vou perdoar você, na vida toda.

E na mesma hora desatou a chorar. Claro, tinha bebido: não sabia o que ele mesmo estava dizendo. O príncipe chegou perto, sorrindo.

– Vamos, chega – diz ele. – Isso é bobagem! Vamos para casa, Anatóli.

– Não vou para lugar nenhum – responde. – Por que fiz isso?

E se embriagou. Não saiu do bilhar, e pronto, acabou-se o assunto.

É o que dá ser um homem jovem e inexperiente.

Era assim que ele vinha muitas vezes ao bilhar. Vinha às vezes com o príncipe e com um senhor bigodudo, que sempre andava com o príncipe. Os senhores funcionários e os aposentados, Deus sabe por quê, só o chamavam de Fedotka. Tinha as maçãs do rosto salientes, era bem simplório, mas se vestia bem e andava de carruagem. Por que os senhores gostavam tanto dele, só Deus sabe, Fedotka, Fedotka, e lhe davam de comer, de beber, pagavam tudo para ele. Mas era um tremendo patife! Quando perdia não pagava, mas quando vencia, ai se não lhe pagassem! E rogavam pragas contra ele, que gostava de jogar na minha cara que não tinha medo do convidado grande, que um dia já tinha desafiado alguém para duelar... e andava o tempo todo com o príncipe.

– Você estaria perdido sem mim. Eu sou Fiedot – diz ele –, mas não desse tipo.³

E como fazia piadas! Muito bem. Chegaram e disseram:

– Vamos jogar *à la guerre* a três.

– Vamos – respondeu.

Começaram a jogar apostando três rublos. Nekhliúdiv e o príncipe não paravam de tagarelar.

– Você viu só que pezinho ela tem? – diz ele. – Puxa, que pezinho! E a trança é bonita.

Claro, nem estão olhando para o jogo; só pensam no que estão conversando. E Fedotka não é nada bobo: sabe jogar muito bem, não deixa escapar nenhuma bola. E pega seis rublos de cada um. Só Deus sabe quanto já tinha ganhado do príncipe, nunca davam dinheiro um para o outro, e Nekhliúdiv pegou duas notas verdes e lhe deu.

– Não – diz ele. – Não quero tomar seu dinheiro. Vamos só jogar *quitté ou double*.⁴

Arrumei as bolas. Fedotka começou a jogar e já saiu ganhando. Nekhliúdiv parecia dar tacadas só para matar o tempo; quando ficava na frente, parecia dizer: não, não quero, está fácil demais; mas Fedotka não esquecia o que estava fazendo ali, sabia se controlar. Claro, escondia seu jogo e ganhava como se fosse por acidente.

– Vamos – disse. – Mais uma vez, tudo ou nada.

– Vamos.

Ganhou de novo.

– Comecei com uma ninharia – disse ele. – Não quero tomar muito de você. Vamos de novo tudo ou nada?

– Vamos.

Seja lá como for, cinquenta rublos é um bocado, e dá pena. Agora foi Nekhliúdiv quem pediu: “Tudo ou nada”. Jogaram, jogaram, e foi aumentando cada vez mais, ele já tinha perdido duzentos e oitenta rublos. Fedotka sabia muito bem o que estava fazendo: perdia uma partida simples, mas ganhava as de valor alto. E o príncipe ficava só olhando, vendo como a coisa ia piorando.

– *Assez*⁵ – diz. – *Assez*.

Que nada! Continuaram aumentando a aposta.

Por fim, a conta chegou a quinhentos e tantos rublos contra Nekhliúdiv. Fedotka baixou o taco e disse:

– Acho que chega, não é? Estou cansado.

Ele estava pronto para jogar até o raiar do dia, se houvesse algum dinheiro... Isso é política, é claro. E o outro queria mais: vamos jogar, vamos.

– Não – respondeu. – Deus é testemunha de como estou cansado, vamos ao primeiro andar; lá você pode ter sua revanche.

No primeiro andar, os senhores jogavam cartas. No início jogavam paciência, depois, querendo ou não, passavam para outros jogos.

A partir desse exato dia, Fedotka o capturou de tal modo em sua rede que passou a vir todos os dias. Jogam uma ou duas partidas de bilhar e depois vão para o primeiro andar, para o primeiro andar, todo dia.

O que se passava com eles lá em cima, só Deus sabe; o certo é que Nekhliúdiv virou uma pessoa muito diferente, ficou unha e carne com Fedotka. Antes, se vestia na moda, bem limpinho, penteado, e agora só de manhã tinha bom aspecto; mas, depois que ia para o primeiro andar, ficava todo descabelado, a sobrecasaca imunda, manchada de giz, as mãos sujas.

Certa vez, desse jeito, ele desce de lá com o príncipe, branco, lábios trêmulos, discute alguma coisa.

– Ora, não vou permitir que ele venha me dizer (como foi que ele falou?)... que eu não sou *velikaten*,⁶ sei lá, e que ele não vai mais jogar cartas comigo. Já paguei para ele dez mil rublos, portanto ele podia ter mais cuidado na frente dos outros.

– Ora, deixe para lá – diz o príncipe. – Vale a pena se zangar com o Fedotka?

– Não – responde. – Não vou deixar isso assim.

– Esqueça – diz. – Como pode se rebaixar a ponto de criar um caso com Fedotka?

– Mas havia pessoas estranhas ali.

– E o que tem isso? Que pessoas estranhas? Escute, se quiser, vou lá agora e o obrigo a pedir desculpas para você, está bem?

– Não – responde.

E aí balbuciam algo em francês, que não entendo. E então? Na mesma noite, jantaram juntos com Fedotka e ficaram amigos de novo.

Muito bem. Num outro dia, veio sozinho.

– E então? – pergunta. – Não estou jogando bem?

Nossa função é bem sabida: temos de agradar a todo mundo; a gente diz: joga bem, joga bem demais! Bate o taco de qualquer jeito e não sabe nem contar os pontos. E a partir desse dia, grudou em Fedotka e só joga a dinheiro. Antes, não gostava disso, não apostava nem um champanhe, nem um jantar. Acontecia de o príncipe dizer:

– Vamos apostar uma garrafa de champanhe.

– Não – respondia. – É melhor eu pedir uma garrafa por minha conta... Ei! Uma garrafa.

Mas então passou a jogar sempre por dinheiro. Ficava o dia inteirinho aqui, ou jogava bilhar ou ia para o primeiro andar. Fico pensando: todo mundo se aproveita dele, por que eu também não posso?

– Senhor – digo. – Faz muito tempo que não joga comigo, não é? – E começamos a jogar.

Depois que ganhei dele cinco moedas de meio rublo, digo:

– Quer jogar o dobro ou nada?

Fica calado. Não me chamou de imbecil, como da outra vez. E aí começamos a jogar o dobro ou nada. Ganhei dele oitenta rublos. E o que foi que aconteceu? Passou a jogar comigo todos os dias. Esperava até não ter mais ninguém, porque, é claro, tinha vergonha de os outros verem que ele jogava com o marcador de pontos. Uma vez, por algum motivo, ficou muito irritado, já me devia sessenta rublos.

– Quer apostar tudo o que ganhou? – pergunta.

– Vamos lá – respondo.

Ganhei.

- Cento e vinte a cento e vinte?
- Vamos lá – respondo. Ganhei de novo.
- Duzentos e quarenta a duzentos e quarenta?
- Será que não é muito? – digo. Ele fica calado. Começamos a jogar: de novo, a partida é minha.
- Quatrocentos e oitenta a quatrocentos e oitenta?

Digo:

– Ora, senhor, eu vou prejudicar o senhor. Tenha a bondade de me dar cem rublos e vamos encerrar o assunto.

Aí vocês tinham de ver como começou a berrar! E olhe que era um sujeito calmo.

– Vou dar uma surra em você – diz ele. – Jogue ou não jogue.

Vejo que não há nada a fazer.

– Trezentos e oitenta, então – digo –, se agrada ao senhor.

Naturalmente, perdi de propósito.

Dei para ele quarenta de vantagem. Ele tinha cinquenta e dois, eu tinha trinta e seis. Ele começou a tentar a bola amarela e perdeu dezoito pontos, e eu fiquei atento.

Dei uma tacada de tal jeito que fiz a bola pular para fora da mesa. Não adiantou, ele se suicidou e perdeu. De novo, a partida foi minha.

– Escute – diz ele –, Piotr (não me chamava de Petrushka), não posso lhe dar tudo agora, mas daqui a dois ou três meses vou poder pagar.

E ele estava todo vermelho, a voz tremia de um jeito terrível.

– Muito bem, senhor – respondo.

Então largou o taco. Andou para lá e para cá, o suor corria no rosto.

– Piotr – diz –, vamos jogar tudo ou nada.

Estava à beira de chorar.

Respondo:

– O quê, senhor? Quer jogar mais?

– Sim, vamos, por favor.

E ele mesmo me deu o taco. Peguei o taco e joguei as bolas na mesa de tal jeito que caíram no chão: é claro, não pude deixar de me mostrar um pouco. Digo:

– Vamos lá, senhor!

Mas ele estava com tanta pressa que pegou ele mesmo as bolas. Penso: “Não vou mesmo receber nunca os setecentos rublos; tanto faz jogar ou não”. Começo a jogar errando de propósito. E aí?

– Por que você está jogando mal de propósito? – pergunta.

Mas as mãos dele estão tremendo; e quando a bola parte na direção da caçapa, os dedos se mexem, a boca se torce, como se pudesse empurrar a bola com a cabeça e as mãos. Eu digo:

– Isso não adianta, senhor.

Muito bem. Como ele ganhou essa partida, falei:

– Cento e oitenta rublos é o que o senhor me deve; agora tenho de ir embora jantar.

Deixei de lado o taco e saí.

Fico sentado a uma mesinha de frente para a porta e observo: o que será que ele vai fazer? Caminha para um lado e para o outro – na certa pensa que ninguém está olhando – e puxa os cabelos, anda de novo, resmunga alguma coisa, de novo puxa os cabelos.

Depois disso, não apareceu durante oito dias. Veio ao refeitório, muito triste, mas não entrou no salão de bilhar.

O príncipe o viu.

– Vamos jogar – diz ele.

– Não – responde. – Não vou jogar mais.

– Deixe disso! Vamos lá.

– Não – responde. – Não vou. Para você, não tem importância que eu jogue, mas para mim é ruim e não vou jogar.

Assim ficou sem vir mais uns dez dias, e depois veio num feriado, de fraque, era evidente que tinha ido a algum lugar, e ficou aqui o dia inteiro: jogava; no dia seguinte veio, no outro... E voltou a ser como antes. Tive vontade de jogar de novo com ele, mas respondeu que não: não vou jogar com você. E os cento e oitenta rublos que lhe devo, me procure daqui a um mês: vai receber.

Muito bem. Fui falar com ele um mês depois.

– Meu Deus – exclama. – Não posso. Venha na quinta-feira.

Fui na quinta-feira. Sua residência era magnífica.

– Está em casa? – pergunto.

– Está dormindo – respondem.

Muito bem, vou esperar.

Tinha um de seus servos como camareiro – um velhote grisalho, simplório, não sabia nada de política. Eu e ele começamos a conversar.

– Pois é – diz –, para que eu vivo aqui com o patrão? Está completamente exaurido, e para ele não adianta nada ficar nesta Petersburgo, não existe honra nem benefício nenhum. Veio do campo e pensou assim: vai ser como era com o falecido patrão, que descanse em paz no Reino dos Céus. Vou andar com príncipes, condes, generais; e pensou: vou arranjar uma condessa bonita, com um dote, e vamos viver com fartura; mas na prática foi outra coisa, ficamos correndo de uma taberna para outra, uma coisa horrível! A princesa Rúcheva é tia dele e o príncipe Vorotíptsev é seu padrinho. Já pensou? E ele só foi ver seus familiares uma vez, no Natal, e não deu mais as caras. Até os criados dele zombam disso comigo: pois é, dizem, seu patrão não puxou nada ao pai. Cheguei a lhe falar um dia: “Mas e então, senhor, não vai fazer uma visita à sua tia? Vão se zangar se ficarem muito tempo sem ver o senhor”. E ele diz: “Lá é muito maçante, Demiánitch!”

– Imagine! Só encontra alegria na taberna. Quem dera entrasse para o serviço público. Mas nada disso. Enrolou-se com as cartas e outras coisas e, por esse caminho, não vem nada de bom... Ah! Estamos perdidos, não vai sobrar nem uma moedinha!... Nossa falecida patroa, que Deus a guarde no Reino dos Céus, deixou uma propriedade riquíssima; mil almas e mil e trezentos rublos em florestas para extrair madeira. Agora está tudo comprometido, vendeu as matas, arruinou os mujiques, e mesmo assim não tem nada. Na ausência do patrão, é claro, o administrador é mais do que o patrão... arranca o couro dos mujiques, e pronto. O que importa para ele? Só quer saber de encher os bolsos. E dane-se se todos morrerem de fome. Ainda outro dia vieram dois mujiques, trouxeram reclamações de toda a propriedade. “Ele levou os mujiques à ruína completa”, dizem. E então? O patrão leu as reclamações, deu uns dez rublos aos mujiques. “Irei lá em breve”, diz ele. “Vou receber um dinheiro e então vou pagar.” Mas como vai pagar tudo se nossas dívidas só aumentam? Afinal, com muito ou com pouco, o inverno que moramos aqui nos custou oitocentos rublos; e agora em casa não tem um rublo de prata sequer! E tudo por causa da honestidade dele. Que patrão mais simples, nem dá para falar. É por isso mesmo que vai se arruinar, e vai se arruinar à toa.

E quase começou a chorar, o velhote. Que velhote ridículo.

Dormiu até as onze horas e mandou me chamar.

– Não trouxeram o dinheiro – diz ele. – Não tenho culpa. Feche a porta.

Fechei.

– Olhe – diz ele. – Pegue o relógio ou o alfinete com um brilhante e leve com você. Valem mais do que cento e oitenta rublos e, quando eu receber o dinheiro, compro de volta.

– Deixe, senhor – respondo. – Se o senhor não tem dinheiro, não adianta: tenha a bondade de me dar o relógio. Seria uma honra para mim.

Eu mesmo vejo logo que o relógio vale trezentos rublos.

Muito bem. Penhorei o relógio por cem rublos e recebi dele um papel assinado.

– Faltam oitenta rublos – digo –, que o senhor vai me pagar; e vai ter a bondade de resgatar o relógio.

E assim Nekhliúdob continuava me devendo oitenta rublos em dinheiro.

Ele passou a vir de novo ao bilhar todos os dias, como antes. Já não sei como andavam as contas entre ele e o príncipe, só sei que estavam sempre juntos. Ou então ia jogar com Fedotka no primeiro andar. E que contas mais gozadas os três faziam entre si: um dava dinheiro para o outro, este para o terceiro, e nunca se sabia quem devia a quem.

Ele se comportou assim, entre nós, durante dois anos, quase todos os dias, só que sua aparência se deteriorou: ficou arrogante e chegou até a me pedir dinheiro emprestado para pagar um coche de praça; mas ainda jogava com o príncipe partidas de cem rublos.

Ficou enjoado, magro, amarelado. Às vezes chegava, logo mandava trazer um cálice de absinto, um canapé para beliscar, um vinho do Porto para beber; e então parecia ficar mais alegre.

Um dia apareceu antes do almoço, era carnaval, e começou a jogar com um hussardo.

– Quer apostar? – pergunta.

– Pode ser. O quê?

– Uma garrafa de Claude Vougeaux, quer?

– Vamos.

Pois bem. O hussardo ganhou e eles foram jantar. Sentaram a uma mesa; Nekhliúdob disse:

– Simon! Uma garrafa de Claude Vougeaux; mas cuide para que esteja quentinha.

Simon saiu, trouxe a comida, não a garrafa.

– Mas onde está o vinho?

Simon correu e voltou. Trouxe a carne assada.

– Traga o vinho – diz Nekhliúdob.

Simon não diz nada.

– O que foi? Ficou maluco? Já estamos terminando de comer e o vinho não vem? Onde já se viu tomar o vinho com a sobremesa?

Simon foi correndo e voltou.

– O patrão quer falar com o senhor – diz ele.

Todo vermelho, ele se levantou da mesa com um pulo.

– O que ele quer?

O proprietário estava na porta.

– Não posso mais confiar no senhor – diz ele –, a menos que me pague a conta.

– Mas eu já lhe disse que vou pagar no dia primeiro.

– Está muito bem – responde –, o senhor diz que vai pagar; só que eu não posso aumentar a dívida o tempo todo sem receber pagamento nenhum. Já são dez mil em dívidas que tenho a receber.

– Ora, chega, *mon cher*⁷ – diz ele. – Pode confiar em mim. Mande trazer a garrafa e pagarei ao senhor o mais depressa possível.

E voltou para a mesa.

– Para que o chamaram? – pergunta o hussardo.

– Por nada. Pediram uma coisa.

– Agora seria formidável beber uma taça de vinho quentinho.

– Simon, e então?

O meu Simon foi e voltou. De novo não trouxe o vinho nem nada. A coisa ficou ruim. Ele saiu da mesa, veio falar comigo.

– Pelo amor de Deus, Petrushka, me dê seis rublos.

Estava branco.

- Não posso – respondo. – Deus é testemunha, o senhor já me deve muito.
- Daqui a uma semana, juro que pago a você quarenta rublos além desses seis.
- Quem dera eu tivesse – respondo. – Não seria capaz de negar. Mas agora não tenho nada.

E aí? Deu um pulo, arreganhou os dentes, cerrou os punhos, saiu correndo pelo corredor feito um alucinado e dava tapas na própria testa.

– Ah, meu Deus! – exclamava.

O que ia fazer? Nem voltou para a sala de jantar, pulou para dentro de uma carruagem e foi embora.

Demos umas boas risadas. O hussardo perguntou:

- Onde está aquele senhor que estava jantando comigo?
- Foi embora – responderam.
- Como foi embora? Que recado ele deixou?
- Nenhum – responderam. – Não deixou recado: entrou na carruagem e foi embora.
- Puxa, mas que doido!

Pois bem, eu penso comigo mesmo: agora vai passar muito tempo sem aparecer, depois desse vexame. Que nada. No dia seguinte, ele vem à tarde. Chegou ao bilhar e trazia consigo uma caixa. Tirou o sobretudo.

– Vamos jogar – diz ele.

Olha com ar mal-humorado, meio zangado.

Jogamos uma partidazinha só.

– Chega – diz ele. – Traga papel e uma pena: tenho de escrever uma carta.

Não pensei nada, não desconfiei de nada, trouxe o papel, coloquei na mesa na saleta.

– Pronto, senhor – falei.

Muito bem. Sentou-se à mesa. Escreveu, escreveu por muito tempo, resmungava sem parar, depois se levantou com um pulo, de cara franzida.

– Vá ver se minha carruagem já chegou – diz ele.

Isso aconteceu numa sexta-feira de carnaval, portanto não tinha ninguém: todos estavam nos bailes.

Fui saber da carruagem e, assim que cruzei a porta:

– Petrushka! Petrushka! – gritou Nekhliúdiv, como se estivesse assustado.

Voltei. Olho e ele está branco feito um lençol, de pé, encarando-me.

– O senhor chamou, patrão? – pergunto.

Não fala nada.

– O que o senhor deseja? – pergunto.

Não fala nada.

– Ah, sim! Vamos jogar um pouco – responde.

Muito bem. Ele ganhou a partida.

– E então, eu não aprendi a jogar bem? – pergunta.

– Aprendeu, sim – respondo.

– Agora vá ver se minha carruagem chegou.

E começa a andar pela sala.

Sem pensar em nada, saí para o alpendre: vi que não tinha carruagem nenhuma e voltei.

Na hora em que estou voltando, escuto um barulho como se alguém tivesse batido com um taco.

Entro na sala de bilhar: sinto um cheiro fora do comum.

Olho: ele está estirado no chão, todo ensanguentado, uma pistola caída ao lado. Fiquei tão assustado que não consegui falar nenhuma palavra.

E ele se sacudiu, a perna sacudiu e aí ele se esticou, depois deu um ronco e se esparramou daquele jeito.

Por que cometeu tamanho pecado, por que desperdiçou a alma assim, isso só Deus sabe; ele deixou apenas um papel escrito, mas não entendo isso de jeito nenhum.

Os patrões fazem cada coisa!... A gente sabe, os patrões... numa palavra, são os patrões.

Deus me deu tudo o que um homem pode desejar: riqueza, um bom nome, inteligência, objetivos nobres. Eu queria aproveitar a vida e pisoteei na lama tudo o que me era caro.

Não fiz nada desonroso, não fui infeliz, não fiz nada criminoso; mas fiz algo pior: matei meus sentimentos, minha inteligência, minha juventude.

Fui capturado numa rede infame da qual não consigo me soltar e com a qual não consigo me acostumar. Caio e caio o tempo todo; sinto minha queda... e não consigo detê-la.

Para mim teria sido mais fácil ser desonrado, infeliz ou criminoso: nesse caso haveria uma grandeza triste e consoladora em meu desespero. Se eu fosse desonrado, poderia elevar-me acima da ideia de honra da nossa sociedade e desprezá-la. Se eu fosse infeliz, poderia me lamuriar. Se eu tivesse cometido um crime, poderia expiá-lo por meio do castigo ou da dor; mas simplesmente sou vil, desprezível, sei disso – e não consigo me levantar.

E o que foi que me destruiu? Haveria em mim uma paixão forte que me desculpasse? Não.

Sete, ás, champanhe, bola amarela no meio, giz, notas promissórias, cigarros, mulheres vendidas – eis minhas lembranças!

Um terrível instante de relaxamento, de baixeza, que nunca esqueço, obrigou-me a voltar à razão. Fiquei apavorado quando vi o abismo imensurável que me separava daquilo que eu queria e podia ser. Em minha mente, surgiam esperanças, sonhos e pensamentos de minha juventude.

Onde estavam as ideias radiosas sobre a vida, a eternidade, Deus, que com tamanha clareza e força enchiam minha alma? Onde estava a gratuita força do amor, que aquecia meu coração com um calor agradável? Onde estava a esperança no desenvolvimento, a empatia com tudo o que é belo, o amor às pessoas, aos próximos, ao trabalho, à glória? Onde estava a ideia de dever?

Ofenderam-me – desafiei o ofensor para um duelo e pensei que assim satisfazia plenamente as exigências da nobreza. Minha necessidade era dinheiro para a satisfação de minhas carências e vaidades – arruínei milhares de famílias que acreditaram em mim como em um Deus, e fiz isso sem vergonha –, eu, que compreendia tão bem essas coisas sagradas. Um homem sem honra me disse que não tenho consciência, que eu quero roubar – e fiquei seu amigo, porque ele é um homem sem honra e me disse que não queria me ofender. Disseram-me que era ridículo viver de maneira sóbria – e eu entreguei, sem pesar, a flor de minha alma – a inocência – a uma mulher vendida. Sim, nenhuma parte aniquilada de minha alma me causa maior pena do que o amor, do qual eu era tão capaz. Meu Deus! Será que algum homem jamais pôde amar tanto quanto eu amava quando ainda não conhecia mulheres?

E como eu seria bom e feliz, se tivesse trilhado o caminho que, no início da vida, minha

razão pura e meu sentimento infantil e verdadeiro me haviam descortinado! Muitas vezes tentei me desprender dos sulcos lamacentos em que minha vida corria e tomar aquele caminho radiante. Eu dizia para mim mesmo: vou empregar toda a minha vontade – mas não conseguia. Quando ficava sozinho, sentia-me confuso, estranho a mim mesmo. Quando estava com outras pessoas, esquecia sem querer minha crença, não ouvia mais a voz interior e caía de novo.

Por fim cheguei à terrível convicção de que não posso me erguer, parei de pensar no assunto e quis esquecer; mas uma angústia desesperada me perturbava mais ainda. Então, pela primeira vez, me veio a ideia do suicídio, terrível para outros, mas agradável para mim.

Porém, mesmo com relação a isso, fui baixo e mesquinho. Só a tola história de ontem com o hussardo me trouxe a determinação suficiente para pôr em prática minha intenção. Não me restou nada de nobre – só vaidade, e da vaidade faço a única boa ação de minha vida.

Antes achava que a proximidade da morte elevaria minha alma. Enganei-me. Daqui a quinze minutos, não existirei mais, porém meu modo de ver não mudou em nada. Vejo, ouço e penso da mesma forma; as mesmas estranhas inconseqüências, embriaguez e leviandade nos pensamentos, tão contrárias à integridade e à lucidez que só Deus sabe por que foram dadas ao homem sonhar. Os pensamentos sobre o que virá no além-túmulo e sobre o que irão falar amanhã de minha morte na casa da tia Rtícheva se apresentam ambos com a mesma força em minha mente.

Que criação incompreensível é o homem!

Publicado em 1855, na revista *Sovriemiénik*

A DERRUBADA DA FLORESTA

[Conto de um junker]

I

Em meados do inverno de 185..., uma divisão de nossa bateria fazia parte de um destacamento na Grande Tchetchénia. Na tarde de 14 de fevereiro, ao saber que o pelotão que eu comandava, na falta do oficial, tinha sido designado para a coluna que no dia seguinte ia cortar árvores na floresta, e tendo recebido e transmitido na mesma tarde as ordens necessárias, dirigi-me à minha barraca mais cedo do que de costume e, como não tinha o mau hábito de aquecer a barraca com carvões em brasa e também não tirava a roupa para deitar em minha cama armada sobre varas, puxei um gorro por cima dos olhos, enrolei-me no casaco de pele e adormeci com o sono forte e pesado com que dormimos nos momentos de apuro e inquietação em face de um perigo. A expectativa da missão do dia seguinte deixou-me nesse estado.

Às três horas da madrugada, quando ainda estava totalmente escuro, arrancaram o aquecido casaco de pele de carneiro que me cobria, e a chama avermelhada de uma vela bateu de forma desagradável em meus olhos sonolentos.

– Tenha a bondade de levantar – disse uma voz.

Fechei os olhos, de modo inconsciente puxei de novo o casaco de pele sobre mim e adormeci.

– Tenha a bondade de levantar – repetiu Dmítiri, sacudindo-me brutalmente pelo ombro. – A infantaria vai partir.

De repente me lembrei da realidade e me pus de pé com um sobressalto. Depois de beber às pressas

um copo de chá e lavar-me com água quase congelada, saí da barraca e fui ao parque (o lugar onde ficavam os canhões). Estava escuro, frio e havia neblina. As fogueiras da noite, que ardiam aqui e ali no acampamento iluminando os vultos dos soldados adormecidos e acomodados em torno delas, aumentavam a escuridão com sua luz vermelha mortiça. Em redor, ouvia-se um ronco sereno e uniforme, ao longe havia movimento, conversas e o retinir dos fuzis da infantaria, que se preparava para entrar em ação; o ar cheirava a fumaça, estrume, espoleta e neblina; nas costas, corria o calafrio matinal e os dentes batiam uns contra os outros sem querer.

Só pelo olfato e pelo ruído ocasional das patas dos cavalos se podia deduzir, naquela escuridão impenetrável, onde estavam as carroças e as cargas de munição e, pelos pontos brilhantes das mechas dos pavios, onde estavam os canhões. Ao som das palavras “Com Deus”, retiniu o primeiro canhão, atrás dele rangeu a carga de munição e o pelotão se pôs em movimento. Todos tiramos o chapéu e fizemos o sinal da cruz. Ao chegar ao local onde estava a infantaria, o pelotão se deteve e, por quinze minutos, esperou que a coluna se reunisse e que o comando chegasse.

– Está faltando um soldado, Nikolai Petróvitch! – disse, aproximando-se de mim, uma figura morena que só pela voz reconheci como o sargento de artilharia Maksímov.

– Quem?

– Velentchuk. Quando a gente estava arreando os cavalos, ele estava aqui mesmo, eu o vi, mas agora não está mais.

Então, como era impossível acreditar que a coluna fosse partir imediatamente, resolvemos mandar o cabo Antónov procurar Velentchuk. Pouco depois, no escuro, passaram trotando por nós alguns homens a cavalo: era o comandante e sua comitiva; em seguida, a cabeça da coluna agitou-se e pôs-se em movimento e, por fim, nós também, mas Antónov e Velentchuk não estavam ali. No entanto, mal tivemos tempo de dar cem passos quando os dois soldados nos alcançaram.

– Onde ele estava? – perguntei para Antónov.

– Foi dormir no parque.

– Como assim? Está embriagado?

– Nada disso.

– Então por que estava dormindo?

– Não tenho como saber.

Durante três horas, movemo-nos lentamente por campos sem neve e sem lavouras, com arbustos baixos que estalavam sob o peso das carroças dos canhões, no mesmo silêncio e na mesma escuridão. Por fim, ao atravessarmos um córrego raso, mas bastante veloz, paramos e ouvimos na vanguarda disparos esparsos de fuzil. Como sempre, aqueles sons produziram um efeito especialmente perturbador em todos. O destacamento pareceu despertar: nas fileiras ouviram-se vozes, movimentos e risos.

Alguns soldados brigavam com seus camaradas, outros saltitavam de um pé para o outro, outros mastigavam bolachas ou, para encher o tempo, se exercitavam com os movimentos de apresentar armas e ficar em posição de sentido. Nessa altura, a névoa começava a empalidecer no leste, a umidade se tornava mais palpável e os objetos em redor pouco a pouco sobressaíam na escuridão. Eu já distinguia as carretas verdes e as caixas de munição, o cobre dos canhões coberto pela umidade da neblina, os vultos conhecidos de meus soldados, que, sem pensar, eu havia examinado nos mínimos detalhes, bem como os cavalos de pelo castanho e as fileiras da infantaria, com suas baionetas cintilantes, mochilas, varetas de recarregar fuzis e marmitas presas nas costas.

Dali a pouco, recebemos ordens para ir em frente e, depois de avançar algumas centenas de passos em campo aberto, nos mostraram o lugar onde íamos ficar. À direita, viam-se a margem íngreme de um córrego sinuoso e as altas estacas de madeira de um cemitério tártaro; à esquerda e no centro, através da neblina, avistava-se uma faixa negra. O pelotão desceu dos carroções. A oitava companhia, que nos dava cobertura, ensarilhou os fuzis, e um batalhão de soldados, com fuzis e machados, entrou na floresta.

Não se passaram cinco minutos e, de todos os lados, fogueiras começaram a crepitar e fumar, soldados se espalharam, acendendo as chamas com as mãos e com os pés, arrastando ramos e pedaços de lenha e, na floresta, ressoavam sem cessar os golpes dos machados e o baque das árvores que caíam.

Os artilheiros, com certo ânimo competitivo em relação aos infantés, acenderam sua própria fogueira e, embora o fogo já estivesse tão alto que era impossível ficar a dois passos e uma densa fumaça preta subisse através dos galhos enregelados, que os soldados empurravam sobre as chamas e dos quais gotinhas chiavam em contato com o fogo, e mesmo que por baixo já se houvessem formado brasas e o capim branco e lívido em torno da fogueira derretesse, para os soldados tudo isso ainda parecia pouco: arrastavam galhos inteiros, acrescentavam capim alto e atiçavam o fogo cada vez mais.

Quando me aproximei da fogueira a fim de fumar um cigarro, Velentchuk, sempre prestativo, mas que agora, como antes havia faltado ao dever, se empenhava mais que todos em torno da fogueira, num fervor de zelo, apanhou uma brasa bem no meio da mão nua, jogou-a de uma mão para a outra duas vezes e largou-a na terra.

“Acenda um tição e me dê”, disse um. “Um morrão, meus irmãos, me deem um morrão”, disse outro. Quando, afinal, acendi o cigarro, sem a ajuda de Velentchuk, que de novo quis apanhar uma brasa com a mão, ele esfregou os dedos chamuscados na aba de trás do seu casaco de pele de carneiro e, provavelmente, para fazer alguma coisa, levantou um grande toco de plátano e, com um forte impulso, jogou-o na fogueira. Quando enfim lhe pareceu que já podia descansar, aproximou-se do ponto mais quente, desabotoou a parte de trás do capote, que usava como capa, separou as pernas, estendeu à sua frente as mãos grandes e pretas e, cobrindo um pouco a boca, semicerrou os olhos.

– Que pena! Esqueci o cachimbo. Isso é que é fogo, meus irmãos! – disse ele, depois de um instante em silêncio, sem se dirigir a ninguém em especial.

II

Na Rússia, existem três tipos predominantes de soldado, nos quais se distribuem os soldados de todas as tropas; do Cáucaso, de recrutas, da guarda, da infantaria, da cavalaria, da artilharia etc.

Os tipos principais, com muitas subdivisões e ramificações, são os seguintes:

- 1) os submissos;
- 2) os comandantes;
- 3) os temerários.

Os submissos se dividem em: a) submissos de sangue-frio e b) submissos agitados.

Os comandantes se dividem em: a) comandantes intransigentes e b) comandantes políticos.

Os temerários se dividem em: a) temerários gozadores e b) temerários depravados.

O tipo que se encontra com mais frequência é o mais gentil, simpático e, em geral, dotado das melhores virtudes cristãs: tolerância, piedade, paciência e fidelidade à vontade de Deus – ou seja, o tipo submisso, em geral. O traço distintivo do submisso de sangue-frio é a calma que nada perturba e o desprezo por todas as vicissitudes do destino que podem atingi-lo. O traço distintivo do submisso beberrão é uma leve tendência poética e o sentimentalismo; o traço distintivo do submisso agitado é a limitação das capacidades mentais, somada ao zelo e à laboriosidade sem nenhum propósito.

Já o tipo dos comandantes em geral é encontrado principalmente na esfera mais elevada dos soldados: cabos, sargentos, alferes etc., e na primeira subdivisão, a dos comandantes intransigentes, há um tipo muito nobre, enérgico, predominantemente militar, não isento de elevados arroubos poéticos (a esse tipo pertencia o cabo Antónov, que desejo apresentar ao leitor). A segunda subdivisão compreende os comandantes políticos, que de algum tempo para cá começaram a se espalhar bastante. O comandante

político é sempre eloquente, letrado, anda de camisa cor-de-rosa, não come no rancho comum, às vezes fuma tabaco de Mussátov, considera-se muito acima do soldado comum e raramente é um soldado tão bom quanto um comandante da primeira categoria.

O tipo temerário, a exemplo do tipo comandante, é bom na primeira subdivisão – a dos temerários gozadores, cujos traços distintivos são a alegria inabalável, enorme capacidade para tudo, a natureza pródiga e a audácia – e também é tremendamente ruim na segunda subdivisão – a dos temerários depravados, que, no entanto, é preciso dizer em honra às tropas russas, raramente são encontrados, e quando aparecem são afastados pelos próprios soldados do convívio dos camaradas. A descrença e uma certa ousadia para o vício são os traços principais dessa categoria.

Velentchuk pertencia à categoria dos submissos agitados. Era do tipo ucraniano, já estava no serviço militar havia quinze anos e, embora fosse um soldado modesto e bastante habilidoso, era ingênuo, bondoso e extremamente diligente, se bem que na maioria das vezes em momentos inoportunos, e também honesto ao extremo. Digo honesto ao extremo porque, no ano passado, houve um caso em que ele demonstrou de modo flagrante essa característica. É preciso observar que quase todos os soldados possuem alguma habilidade. As mais difundidas são as do ofício de alfaiate e de sapateiro. Velentchuk aprendeu o ofício de alfaiate e, a julgar pelo que Mikhail Dorofeitch, o sargento, lhe dava para costurar, alcançou certo grau de aprimoramento. No ano passado, no acampamento, Velentchuk se incumbiu de costurar um capote fino para Mikhail Dorofeitch; porém, na mesma noite em que ele, depois de cortar o pano e pôr o forro, o guardou na barraca, embaixo do travesseiro, aconteceu-lhe uma infelicidade: o pano, que havia custado sete rublos, sumiu durante a noite! Com lágrimas nos olhos, lábios trêmulos e pálidos e soluços contidos, Velentchuk explicou ao sargento o que havia ocorrido. Mikhail Dorofeitch se enfureceu. No primeiro instante de desgosto, ameaçou o alfaiate, mas depois, como homem de posses e bondoso, deixou aquilo de lado e não exigiu de Velentchuk a devolução do preço do capote. Por mais que se esforçasse o tão esforçado Velentchuk, por mais que chorasse ao contar seu infortúnio, o ladrão não foi encontrado. Embora houvesse fortes suspeitas contra um soldado temerário depravado, Tchernov, que dormia com ele na mesma barraca, não havia provas concretas. O comandante político Mikhail Dorofeitch, como era homem de posses, fazia pequenos negócios com o quarteleiro e com o chefe da cooperativa de artesãos, os aristocratas da bateria, e logo se esqueceu completamente do sumiço daquele capote; Velentchuk, ao contrário, não esquecia seu infortúnio. Os soldados diziam temer que daquela vez ele se suicidasse ou fugisse para as montanhas, tão forte tinha sido o efeito de tal infortúnio. Não bebia, não comia, trabalhava até não poder mais e não parava de chorar. Três dias depois, ele apareceu diante de Mikhail Dorofeitch e, todo branco, a mão trêmula, tirou de debaixo da manga uma moeda de ouro e lhe deu.

– Por Deus, é a última, Mikhail Dorofeitch, e mesmo essa peguei emprestada com Jdánov – disse ele, soluçando de novo. – E os outros dois rublos, vou pagar quando receber por meu trabalho. Ele – de quem estava falando, nem Velentchuk sabia – fez de mim um vigarista diante dos olhos do senhor. Ele, com sua alma maligna e abominável, tomou de seu irmão soldado tudo o que tinha; e eu sirvo no Exército há quinze anos...

Em honra a Mikhail Dorofeitch, é preciso dizer que ele não tomou de Velentchuk os dois rublos restantes, embora Velentchuk, dois meses depois, tenha levado a ele o dinheiro.

Além de Velentchuk, outros cinco soldados de meu pelotão se aqueciam em torno da fogueira.

No melhor lugar, protegido do vento, o chefe do pelotão, sargento Maksímov, estava sentado num

barrilete e fumava cachimbo. Na atitude, no olhar e em todos os movimentos do homem, notava-se o hábito de exercer a autoridade e a consciência da própria dignidade, sem falar do barrilete sobre o qual estava sentado, que era o emblema do poder no acampamento na hora do descanso, bem como do casaco de pele revestido de algodão de Nanquim.

Quando me aproximei, ele virou a cabeça na minha direção; mas os olhos continuaram fixos no fogo e só muito depois seu olhar, acompanhando a cabeça, voltou-se para mim. Maksímov era descendente de lavradores prósperos, possuía dinheiro, havia estudado na brigada educacional e acumulara conhecimentos. Era tremendamente rico e tremendamente culto, como diziam os soldados. Lembro que certa vez, na prática de tiro de canhão com emprego do quadrante, ele explicou aos soldados reunidos à sua volta que o nível de bolha¹ não é nada mais do que o efeito que decorre do movimento do mercúrio atmosférico. De fato, Maksímov estava longe de ser tolo e conhecia muito bem seu trabalho; mas tinha a excentricidade infeliz de às vezes falar de propósito de um modo que era absolutamente impossível de compreender e, tenho certeza, nem ele mesmo entendia as próprias palavras. Gostava em especial das palavras “decorre” e “prosseguir” e, quando acontecia de dizer “decorre” ou “prosseguindo”, eu já sabia de antemão que não ia entender nada do que viria a seguir. Os soldados, ao contrário, até onde eu podia perceber, gostavam de ouvi-lo dizer “decorre” e suspeitavam haver nisso um sentido profundo, embora, como eu, não entendessem nada. Mas atribuíam essa incompreensão apenas à própria estupidez e respeitavam ainda mais Fiódor Maksímitch. Numa palavra, Maksímov era do tipo comandante político.

O segundo soldado, que calçava os pés vermelhos e vigorosos perto do fogo, era Antónov – o mesmo artilheiro Antónov que, no ano de 1837, tinha ficado com mais dois soldados junto a um canhão sem nenhuma cobertura, respondera aos tiros do inimigo poderoso e, ainda que com duas balas no quadril, continuara a se mover em torno do canhão e municia-lo. “Teria sido promovido a sargento de artilharia há muito tempo, não fosse seu caráter”, diziam os soldados a seu respeito. E, de fato, tinha um caráter estranho: sóbrio, não havia homem mais tranquilo, gentil e consciencioso; quando se embriagava, transformava-se em outra pessoa: não reconhecia a autoridade, brigava, provocava desordens e fazia o que em parte nenhuma convém a um soldado. Apenas uma semana antes, tinha bebido no carnaval e, apesar das ameaças, das censuras e de ter sido amarrado a um canhão, embriagou-se e provocou desordens até a segunda-feira do início da Quaresma. Mesmo durante toda a Quaresma, apesar da ordem que liberava todo o destacamento para comer carne, ele só comeu bolachas e na primeira semana nem tomou sua cota de vodca. Além disso, era preciso ver aquela figura baixa, rija como ferro, com pernas curtas e tortas e rosto lustroso de bigode, quando, ligeiramente embriagado, apanhava a balalaica nas mãos musculosas e, olhando displicente para os lados, tocava “Senhora”, ou quando passava na rua com o capote sobre os ombros, do qual pendiam medalhas, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça azul de algodão – era preciso ver a expressão do orgulho de soldado e o desprezo por todos os que não eram soldados que, nessas horas, se manifestavam em sua fisionomia para compreender como era para ele totalmente impossível, em tais momentos, não brigar com um ordenança que se mostrasse rude ou que apenas cruzasse seu caminho, fosse cossaco, infante ou imigrante, em suma, contanto que não pertencesse à artilharia. Brigava e provocava desordens menos por satisfação própria do que para manter o moral de toda a soldadesca, da qual se sentia representante.

O terceiro soldado, de brinco na orelha, bigodinho mal raspado, rosto de pássaro e cachimbinho de porcelana nos lábios, de cócoras perto da fogueira, era o cocheiro Tchíkin. Homem gentil, Tchíkin, como o chamavam os soldados, era gozador. Na friagem cortante, com lama nos joelhos, sem comer por dois dias, na marcha, na inspeção, o homem gentil sempre e em toda parte fazia caretas, dava piruetas e inventava tais gracejos que o pelotão inteiro morria de rir. Nas paradas e nos acampamentos, uma roda de soldados jovens sempre se reunia em torno de Tchíkin, que com eles jogava *filka*,² ou lhes contava anedotas sobre um soldado astuto e um milorde inglês, ou imitava um tártaro, um alemão, ou apenas fazia comentários dos quais todos se torciam de tanto rir. É verdade que sua reputação de gozador estava tão

estabelecida na bateria que bastava abrir a boca e piscar um olho para produzir uma gargalhada geral; mas, de fato, havia nele muito de cômico e de inesperado. Sabia enxergar em cada coisa algo diferente, que nem passava pela cabeça de outras pessoas, e, o mais importante, essa capacidade de enxergar o ridículo em tudo não se rendia diante de nenhuma contrariedade.

O quarto soldado era um rapazinho inexperiente, recruta do ano anterior, pela primeira vez numa expedição de guerra. Estava bem no caminho da fumaça e tão perto do fogo que parecia que seu casaco surrado ia pegar fogo a qualquer momento; mas, apesar disso, pelas abas abertas do casaco, pela atitude serena e convencida, pelas pernas arqueadas, via-se que experimentava uma grande satisfação.

E, por fim, o quinto soldado, sentado um pouco mais longe da fogueira, entalhando um pedacinho de pau, era titio Jdánov. Era o mais antigo entre os soldados na bateria, conhecera a todos quando ainda eram recrutas e todos, por um velho costume, o chamavam de titio. Pelo que diziam, nunca bebia, nem fumava, nem jogava cartas (nem *vnoski*),³ nem falava palavrões. Ocupava todo o tempo livre com seu ofício de sapateiro, nos feriados ia às igrejas onde fosse possível ou acendia uma vela de um copeque diante de uma imagem e abria o Livro dos Salmos, o único livro que sabia ler. Pouco se relacionava com os soldados – com os de patente mais alta, embora mais jovens, mostrava-se frio e respeitoso; com seus iguais, como não bebia, tinha poucas ocasiões de se reunir; mas gostava especialmente dos recrutas e dos soldados jovens: sempre os protegia, lia para eles as instruções e muitas vezes os ajudava. Na bateria, todos o consideravam um capitalista, porque possuía vinte e cinco rublos que de bom grado emprestava a um soldado que de fato precisasse. O próprio Maksímov, que agora era sargento, contou-me que, dez anos atrás, quando era recruta, os veteranos gastaram todo o seu dinheiro com bebidas, e Jdánov, ao ver seu apuro, chamou-o para conversar, censurou com severidade seu comportamento, chegou a bater nele, passou-lhe um sermão, ensinou-lhe como um soldado precisa viver e liberou-o, depois de lhe dar uma camisa, pois Maksímov já não tinha nenhuma, e uma moeda de cinquenta copeques. “Ele fez de mim um homem”, dizia Maksímov sobre Jdánov, sempre com respeito e gratidão. Ele também ajudara Velentchuk, a quem em geral protegia desde os tempos de recruta, na ocasião desafortunada em que perdeu o capote, e muitos e muitos outros, durante seus vinte e cinco anos de serviço.

Era impossível desejar um soldado que conhecesse melhor seu ofício, que fosse mais valente e mais dedicado; porém era demasiado submisso e discreto para ser promovido a sargento, embora já tivesse quinze anos de artilharia. A alegria e até a paixão de Jdánov eram as canções; amava algumas em especial e sempre formava uma rodinha de cantores entre os soldados jovens e, mesmo sem saber cantar, ficava com eles, enfiava as mãos nos bolsos do casaco curto de pele de carneiro e, com o rosto franzido, movimentos de cabeça e dos maxilares, exprimia sua empatia. Não sei por que, naquele movimento ritmado dos maxilares, abaixo das orelhas, que eu só percebia nele e em mais ninguém, por algum motivo eu encontrava muita expressividade. A cabeça branca como as penas de um gavião, o bigode pintado de preto, o rosto bronzeado e cheio de rugas lhe davam, à primeira vista, uma expressão severa e dura; mas, ao olhar melhor para seus olhos grandes, sobretudo quando sorriam (ele nunca sorria com os lábios), algo extraordinariamente dócil, quase infantil, nos surpreendia.

IV

- Essa não! Esqueci o cachimbo. Que desgraça, meus irmãos! – repetiu Velentchuk.
- Era melhor fumar *cigarrillos*, bom homem! – retrucou Tchíkin, torcendo a boca e piscando os olhos. – Em casa eu só fumava *cigarrillos*: são uma doçura!
- Claro, todos deram uma risada.
- Ah, quer dizer que esqueceu o cachimbo? – interveio Maksímov, sem dar atenção à gargalhada

geral, batendo com o cachimbo na palma da mão esquerda, com orgulho e autoridade. – Onde foi que você se meteu, hein, Velentchuk?

Velentchuk virou-se um pouco para ele, fez menção de levantar a mão até o chapéu, mas depois baixou-a.

– Parece que não dormiu desde ontem, pois está dormindo de pé. Essas coisas têm um preço.

– Que me façam em pedaços se pus uma gota sequer na boca, Fiódor Maksímitch; eu mesmo não sei o que houve comigo – respondeu Velentchuk. – Quem me dera eu tivesse bebido! – exclamou.

– Pois é. A gente tem de responder pelo nosso irmão perante o chefe, mas o senhor continua a fazer essas coisas feias – concluiu o eloquente Maksímov, já num tom mais calmo.

– Foi um milagre, meus irmãos – prosseguiu Velentchuk depois de um minuto calado, coçando a nuca e sem se dirigir a ninguém em especial. – Um verdadeiro milagre, meus irmãos! Estou no serviço há dezesseis anos e nunca vi nada igual. Quando mandaram entrar em forma, me preparei como se deve fazer, não houve nada de mais, até que de repente, no parque, ela se apoderou de mim... agarrou, agarrou, me puxou para debaixo da terra, e pronto... Nem eu mesmo sei como foi que dormi, meus irmãos! Talvez ela mesma seja o sono – concluiu.

– Sei que tive de fazer muita força para acordar você – disse Antónov, puxando a bota. – Empurrava, empurrava... e você parecia um tronco de árvore.

– Que pena – comentou Velentchuk. – Quem dera eu estivesse bêbado...

– Pois lá na minha terra teve uma mulher – começou Tchíkin – que ficou deitada do lado da estufa durante dois anos. Um dia foram acordar a mulher, acharam que estava dormindo, mas já estava morta... O sono também tomou conta dela toda. Veja como são as coisas, meu bom homem!

– Conte lá, Tchíkin, como você contava vantagem para todo mundo quando estava de licença – disse Maksímov, sorrindo e olhando de lado para mim, como se dissesse: “Quer ouvir como fala um sujeito tolo?”.

– Que contar vantagem que nada, Maksímitch! – retrucou Tchíkin, lançando um olhar de esguelha na minha direção. – Só contei como é a vida no Cáucaso.

– Sei, está certo, muito bem! Não se faça de rogado... conte como você se fez de importante.

– Não tem nenhum mistério. Perguntavam como a gente vive – começou Tchíkin, falando depressa, com o jeito de alguém que já contou várias vezes a mesma coisa. – Eu digo: Vivemos bem, bom homem. Recebemos abundantes provisões, de manhã e de tarde dão uma xícara de *chocolate* para os soldados e no jantar uma sopa de cevadinha igual à dos patrões, e em lugar de vodca, vinho *modeira*. Um *modeira* que, sem contar a garrafa, vale uns quarenta e dois rublos!

– Que *modeira* formidável! – emendou Velentchuk, rindo mais alto do que os outros. – Isso é que é *modeira*.

– Muito bem, mas como você descreveu os asiáticos? – continuou perguntando Maksímov, quando a gargalhada geral esmoreceu um pouco.

Tchíkin inclinou-se na direção do fogo, apanhou uma varinha em brasa, colocou-a no cachimbo e, calado, como se não percebesse a curiosidade silenciosa e agitada entre os ouvintes, demorou-se fumando suas raízes. Quando, por fim, já havia produzido bastante fumaça, jogou fora a varinha em brasa, empurrou mais para trás ainda seu gorro e, encolhendo-se e sorrindo de leve, prosseguiu:

– Também perguntavam como eram os pequenos circassianos e se os turcos iam nos derrotar no Cáucaso. Eu respondia: Os circassianos, bom homem, não são iguais, tem de vários tipos. Tem os chamados *tavlíntsi*, que vivem nas montanhas pedregosas e comem pedras em vez de pão. São grandes feito troncos de árvore, têm um olho no meio da testa, usam gorros vermelhos que parecem estar pegando fogo, iguaizinhos ao seu, bom homem! – acrescentou, dirigindo-se a um jovem recruta que, de fato, estava com um gorro de um vermelho berrante.

O recrutazinho, ao ouvir o comentário inesperado, sentou-se de repente no chão, bateu nos joelhos,

soltou uma gargalhada e teve um ataque de tosse tão forte que mal conseguiu pronunciar, com a voz sufocada: “Assim é que são os *tavlíntsi!*”.

– Eu disse que também tinha os *múmri* – prosseguiu Tchíkin, fazendo o gorro tombar sobre a testa com um movimento da cabeça. – Esses são duas vezes menores, assim, olhe. Andam sempre aos pares, de mãos dadas, e correm tanto que nem a cavalo dá para alcançar. “Como é que pode, puxa, será que esses *múmri* nasceram assim de mãos dadas, será?” – disse ele com voz de baixo, imitando um mujique. – E aí eu respondo: “Sim, bom homem, são assim por natureza. Se a gente separar as mãos deles, sai sangue, e a mesma coisa acontece com os chineses: se a gente tirar o gorro, sai sangue”. “E como é que eles são na guerra?” Respondo: “Se pegarem você, abrem sua barriga, arrancam as tripas, levantam nas mãos e ficam sacudindo, sacudindo. Eles sacodem e aí riem, ficam rindo até perder o fôlego...”.

– Mas, diga lá, eles acreditavam em você, Tchíkin? – perguntou Maksímov, sorrindo de leve, enquanto os outros morriam de rir.

– Pois veja só, era uma gente tão fora do comum, Fiódor Maksímitch, que todo mundo acreditava, palavra de honra, acreditavam mesmo. Mas quando comecei a lhes contar sobre a montanha Kizbek e disse que nela a neve não derrete durante o verão inteiro, todos caíram na gargalhada, bom homem! “O que você está dizendo, rapaz, onde já se viu? Como é que pode, uma montanha enorme e a neve não derreter? Aqui na nossa terra, rapaz, no degelo, em qualquer morro, a neve derrete antes do que a neve no fundo dos barrancos.” Vejam só! – concluiu Tchíkin, piscando o olho.

v

O círculo luminoso do sol, que transparecia por trás da névoa leitosa, já se erguera bastante; o horizonte cinzento e lilás aos poucos se alargava e, embora muito mais distante agora, continuava nitidamente delineado pela enganosa parede branca da neblina.

À nossa frente, atrás da floresta derrubada, surgiu uma clareira bem grande. Na clareira, de todos os lados, subia a fumaça das fogueiras, aqui preta, ali branca e leitosa, mais adiante violeta, e as camadas brancas de neblina formavam figuras estranhas. Ao longe e à frente, de vez em quando apareciam grupos de tártaros a cavalo e ouviam-se tiros esparsos de nossas carabinas, dos fuzis e dos canhões deles.

– Isto ainda não é a guerra, é só uma brincadeira – dizia o bom capitão Khlóпов.

O comandante da nona companhia de caçadores, encarregada de nos dar cobertura, aproximou-se de meus canhões e, apontando para três tártaros a cavalo que, naquele momento, cavalgavam junto à floresta, a uma distância de mais de seiscentas *sájeni* de nós, pediu, com a afeição aos disparos da artilharia tão própria aos oficiais da infantaria em geral, que eu disparasse na direção deles uma bala de canhão ou uma granada.

– Veja – disse-me com um sorriso persuasivo e simpático, enquanto estendia o braço sobre meu ombro –, ali onde tem duas árvores grandes, logo na frente tem um que está num cavalo branco e de *tcherkeska*⁴ preta, e mais adiante vão outros dois. Veja. Será que não era possível, por favor...

– E mais adiante tem mais três, bem do lado da floresta – acrescentou Antónov, que se distinguia por enxergar muito bem, aproximando-se de nós e escondendo atrás das costas o cachimbo que estava fumando naquele momento. – E lá, olhem, o que vai na frente tirou a carabina da bainha. Dá para ver, olhem lá!

– Olhem, atirou, meus irmãos! Olhem lá a fumacinha branca – disse Velentchuk num grupo de soldados que estava um pouco atrás de nós.

– Deve estar apontando para nossas fileiras, o safado! – comentou outro.

– Olhem quanta gente saiu de trás da floresta, na certa estão examinando o terreno, querem colocar

os canhões ali – acrescentou um terceiro. – Se a gente jogasse uma granada naquele grupinho lá, num instante saíam correndo...

– E acha que ela ia chegar até lá, bom homem? – perguntou Tchíkin.

– Quinhentas ou quinhentas e vinte *sájeni*, não pode ser mais do que isso – disse Maksímov com sangue-frio, como se falasse consigo mesmo, embora fosse visível que ele, tanto quanto os demais, desejava ardentemente disparar. – Se atirássemos com o unicórnio de quarenta e cinco linhas,⁵ dava para acertar em cheio, isso é seguro.

– Então, se apontar naquele grupinho, não tem dúvida de que em alguém vai cair. Olhe só agora como eles se juntaram, por favor, depressa, mande atirar logo – continuava a me implorar o comandante da companhia.

– O senhor ordena que prepare o canhão? – perguntou-me Antónov de repente, com sua brusca voz de baixo e um ar de maldade soturna.

Confesso que eu mesmo queria muito disparar e ordenei que preparassem o segundo canhão.

Mal tive tempo de falar e a granada já estava carregada, e Antónov, encostado no suporte do canhão e com dois dedos grossos colocados na alça de mira, já comandava o movimento do canhão para a direita e para a esquerda.

– Um pouquinho à esquerda... uma coisinha de nada à direita... mais um nadinha, mais... assim está ótimo – disse e se afastou do canhão com ar orgulhoso.

O oficial de infantaria, eu, Maksímov, um após o outro, olhamos na alça de mira e cada um deu uma opinião diferente.

– Palavra, vai errar – comentou Velentchuk, estalando a língua, apesar de só ter olhado por trás do ombro de Antónov e portanto não ter nenhum fundamento para afirmar aquilo. – Palavra de honra, vai errar, vai cair direto naquela árvore lá, meus irmãos!

– Segundo canhão! – ordenei.

Os soldados se afastaram do canhão. Antónov foi para o lado a fim de ver o voo do obus. O cachimbo fumegava e o bronze retinia com o calor. No mesmo instante, uma fumaça de pólvora nos envolveu e, do incrível estrondo do disparo, destacou-se o som metálico e sibilante do voo da bala, que se afastou ligeiro como um raio, e depois morreu ao longe no silêncio geral.

Um pouco atrás do grupo a cavalo surgiu uma fumacinha branca, os tártaros galoparam em várias direções e chegou até nós o som da explosão.

– Olhem, muito bem! Saíram correndo! Aí está, seus demônios, estão contentes? – ouviram-se saudações e risos nas fileiras de artilheiros e infantas.

– Um nadinha só mais baixo e teria acertado em cheio – comentou Velentchuk. – Eu bem que disse que ia acertar na árvore. E foi isso mesmo... caiu um pouco para a direita.

VI

Depois que deixei os soldados discutindo sobre como os tártaros fugiram quando viram a granada, para que tinham ido ali e se ainda havia muitos deles na floresta, afastei-me alguns passos com o comandante da companhia e sentei ao pé de uma árvore, esperando os bolinhos de carne que ele me oferecera. Bolkhov, o comandante da companhia, era um dos oficiais chamados no regimento de Os Bonjour. Era um homem de posses, já servira na guarda e sabia falar francês. Apesar disso os camaradas gostavam dele. Era bem inteligente e tinha tato o bastante para vestir uma sobrecasaca à moda de Petersburgo, comer boas refeições e falar francês sem ofender demais a comunidade dos oficiais. Depois de conversar sobre o tempo, sobre as operações militares, sobre oficiais que eram nossos conhecidos comuns, e depois de

nos convencermos, pelas perguntas e respostas e pelo ponto de vista sobre as coisas, de que eram satisfatórias as ideias de ambos, sem perceber desviamos a conversa para assuntos mais ligeiros. De resto, no Cáucaso, quando pessoas do mesmo círculo se encontram, sempre surge a pergunta óbvia, mesmo que não seja pronunciada: por que veio para cá? E pareceu-me que meu interlocutor queria responder a essa minha pergunta silenciosa.

– Quando vai acabar a missão desta unidade? – perguntou-me com preguiça. – É maçante!

– Não acho maçante – respondi. – No quartel-general é mais maçante.

– Ah, no quartel-general é dez mil vezes pior – disse ele com irritação. – Não! Quando tudo isso vai terminar?

– Mas o que você quer que termine? – perguntei.

– Tudo, tudo mesmo! E então, os bolinhos de carne não estão prontos, Nikoláiev? – perguntou.

– Por que veio servir no Cáucaso – perguntei –, se gosta tão pouco daqui?

– Sabe por quê? – respondeu com franqueza resoluta. – Por causa da tradição. Na Rússia, existe uma tradição estranhíssima em torno do Cáucaso: parece que é uma espécie de terra prometida para todo tipo de pessoa desafortunada.

– Sim, isso é quase verdade – respondi. – A maior parte de nós...

– Mas o melhor de tudo – interrompeu ele – é que todos que viemos para o Cáucaso por causa da tradição nos enganamos tremendamente em nossos cálculos e, para falar a verdade, não vejo por que, em razão de algum amor infeliz ou de uma desordem nas finanças, seja melhor servir no Cáucaso do que em Kazan ou em Kaluga. Veja, na Rússia imaginam o Cáucaso como algo grandioso, os gelos eternos e intocados, as torrentes impetuosas, as adagas, as capas de feltro, as túnicas militares circassianas... imaginam que tudo isso é uma coisa tremenda, mas no fundo não tem nada de divertido. Se eles ao menos soubessem que nunca chegamos perto dos gelos intocados e, mesmo se fôssemos até lá, não haveria nada de divertido, e que o Cáucaso se divide em províncias: Stávropol, Tíflis etc...

– Sim – respondi, rindo –, na Rússia, sempre encaramos o Cáucaso de um jeito diferente do que acontece quando estamos aqui. O senhor já experimentou isso alguma vez? É como ler versos numa língua que não conhecemos direito: imaginamos versos muito melhores do que são na verdade...

– Não sei o motivo, francamente, mas acho o Cáucaso horrível – interrompeu-me.

– Pois eu continuo gostando do Cáucaso mesmo agora, só que de um modo diferente...

– Pode ser até bom – prosseguiu com uma ponta de irritação –, só sei que não me sinto bem no Cáucaso.

– E por quê? – perguntei, para dizer alguma coisa.

– Porque, em primeiro lugar, ele me enganou. Tudo aquilo de que, segundo a tradição, vim ao Cáucaso para me curar, tudo veio também comigo para cá, mas com uma diferença: antes, tudo isso era em grande escala e agora, em escala pequena, rasteira, a cada degrau encontro um milhão de pequenos aborrecimentos, indignidades, afrontas; em segundo lugar, sinto que a cada dia decaio mais moralmente, sem parar, e acima de tudo me sinto incapaz de cumprir o serviço militar aqui: não consigo suportar o perigo... numa palavra, não sou corajoso... – Parou e fitou-me. – Sem brincadeira.

Embora a confissão espontânea tivesse me surpreendido bastante, eu não o contradisse, como obviamente desejava meu interlocutor, apenas esperei dele mesmo a contestação das próprias palavras, como sempre acontece em casos semelhantes.

– Sabe, esta é a primeira vez que tomo parte em uma batalha – prosseguiu –, e o senhor não pode imaginar o que aconteceu comigo ontem. Quando o sargento trouxe a ordem que designava minha companhia para formar a coluna, fiquei branco feito um lençol e nem conseguia falar de tanta perturbação. Se o senhor soubesse como passei a noite! Se fosse verdade que os cabelos ficam grisalhos de medo, eu hoje estaria com os cabelos todos brancos, porque, falando sério, nem mesmo um condenado à morte já sofreu numa noite aquilo que passei; mesmo agora, apesar de eu estar um pouco mais tranquilo

do que à noite, nem lhe conto o que se passa aqui – acrescentou, batendo o punho cerrado no peito. – E o ridículo – continuou – é que aqui se desenrola um drama terrível, enquanto a pessoa come bolinhos de carne com cebola e garante que é tudo muito divertido. Não tem vinho, não, Nikoláiev? – acrescentou, bocejando.

– É ele, pessoal! – ouviu-se então a voz alterada de um soldado. E todos os olhos se voltaram para a orla da floresta distante.

Ao longe, empurrada pelo vento, uma nuvem de fumaça azul aumentava e subia. Quando entendi que era um tiro do inimigo contra nós, tudo o que tinha diante dos olhos naquele instante de repente ganhou um caráter novo e magnífico. Os sarilhos dos fuzis, a fumaça das fogueiras, a nuvem azul, as carretas verdes dos canhões, o rosto bigodudo e bronzeado de Nikoláiev – tudo isso parecia me dizer que a bala que já partira do cano do canhão e voava naquele instante pelo espaço estava apontada direto para o meu peito.

– Onde o senhor arranjou o vinho? – perguntei em tom displicente para Bolkhov, enquanto no fundo da alma só duas frases ressoavam nitidamente. Uma era: “Senhor, receba minha alma em paz”; a outra era: “Espero que eu consiga não me abaixar e sorrir na hora em que a bala de canhão passar”. E no mesmo instante sibilou por cima da minha cabeça algo terrível e desagradável e, a dois passos de nós, o projétil caiu com estrondo.

– Pois é, se eu fosse Napoleão ou Frederico – disse Bolkhov naquele instante, virando-se para mim com total sangue-frio –, sem dúvida nenhuma diria alguma coisa espirituosa.

– Foi o que o senhor acabou de dizer – respondi, escondendo com dificuldade a perturbação que me causara a proximidade do perigo.

– De que adianta se ninguém está anotando o que digo?

– Eu vou anotar.

– Mas, mesmo que anote, será numa crítica, como diz Míchenkov – acrescentou, sorrindo.

– Desgraçado, bandido! – exclamou Antónov atrás de nós, cuspiendo com raiva para o lado. – Por muito pouco não acertou meu pé.

Eu me esforçava para mostrar sangue-frio, e depois daquela exclamação ingênua todas as nossas palavras engenhosas me pareceram, de súbito, insuportavelmente tolas.

VII

Na verdade, o inimigo havia instalado dois canhões no lugar para onde os tártaros antes se dirigiram. E a cada vinte ou trinta minutos atiravam em nossos lenhadores. Mandaram meu pelotão avançar na clareira e responder ao inimigo. Na orla da floresta aparecia uma fumacinha, ouvia-se um tiro, um assobio, e a bala de canhão caía ou à frente ou atrás de nós. Os obuses do inimigo felizmente não nos acertavam e não houve nenhuma baixa.

Os artilheiros, como sempre, se comportaram de maneira excelente, municavam depressa os canhões, faziam pontaria no meio da fumaça que surgia e gracejavam tranquilamente entre si. Os infantes, abrigados na silenciosa inatividade, jaziam à nossa volta, aguardando sua vez. Os lenhadores da floresta faziam sua parte: os machados ressoavam na mata cada vez mais rápidos e mais frequentes; apenas se escutava o assobio de um obus, e de repente todos ficavam quietos, no meio do silêncio mortal irrompia uma voz que pouco tinha de calma: “Cuidado, pessoal!”. E todos os olhos fixavam-se no obus, que ricocheteava nas fogueiras ou nos troncos derrubados.

A neblina já se erguera de todo e, tomando a forma de nuvens, desaparecia aos poucos no azul-escuro do céu; o sol aberto brilhava radiante e provocava reflexos alegres no aço das baionetas, no

bronze dos canhões, na terra que degelava e nas lentejoulas do orvalho congelado. No ar, sentia-se o frescor da geada matinal junto com o calor do sol da primavera; milhares de sombras e cores distintas misturavam-se nas folhas secas da floresta e, na estrada reluzente e muito batida, viam-se nitidamente os sulcos das rodas e as marcas das ferraduras dos cavalos.

Nas tropas, a agitação tornava-se cada vez mais forte e mais sensível. De todos os lados, com frequência cada vez maior, surgiam as fumacinhas azuis dos disparos. Os dragões, com flâmulas ondulantes nas lanças, partiram na frente; nas companhias de infantaria, ouviam-se canções, e o comboio com a lenha começou a se organizar na retaguarda. O general veio até nosso pelotão e ordenou que nos preparássemos para a retirada. O inimigo se instalou nos arbustos diante do nosso flanco esquerdo e, com tiros de fuzil, passou a nos incomodar demais. Do lado esquerdo da floresta, assoviou uma bala de canhão e caiu numa carreta de armas, depois mais uma, e outra... A infantaria, escondida e agachada perto de nós, se pôs de pé com alvoroço, empunhou os fuzis e formou fileiras. Os disparos de fuzil ficaram mais fortes e as balas começaram a cair a intervalos cada vez menores. Teve início a retirada e, em consequência, como sempre ocorre no Cáucaso, começou a batalha de verdade. Tudo indicava que os artilheiros não gostavam nem um pouco das balas de fuzil, assim como antes os soldados da infantaria demonstraram seu desgosto com os obuses. Antónov franzia o rosto, Tchíkin imitava o assovio das balas; mas era evidente que não estava gostando daquilo. De uma bala, disse: “Que afobada”; a outra, chamou de “abelhinha”; a uma terceira, que passou voando por cima de nós com um assovio lento e queixoso, chamou de “órfã”, o que provocou uma gargalhada geral.

Um recruta, como não estava habituado, virava a cabeça para o lado e esticava o pescoço a cada bala, o que também fazia os soldados rirem. “É conhecida sua? Por que a cumprimenta?”, lhe diziam. Até Velentchuk, sempre bastante indiferente em face do perigo, agora se encontrava num estado terrível: pelo visto, irritava-se porque não respondíamos disparando fogo de metralha na direção de onde vinham as balas. Várias vezes repetia, com voz descontente:

– Como é que podem ficar atirando na gente desse jeito? Era só virar um canhão com metralha para lá que iam logo sumir do mapa, de uma soprada só.

De fato, já estava na hora de fazer isso: dei ordem de disparar a última granada e carregar o canhão com metralha.

– Metralha! – gritou Antónov com atrevimento, aproximando-se do canhão no meio da fumaça, com uma vassourinha na mão, para limpar o cano das armas, e logo em seguida a primeira carga foi detonada.

Naquele momento, um pouco atrás de mim, ouvi de repente o som rápido e sibilante de uma bala, interrompido por um baque seco. Meu coração se contraiu. “Parece que um dos nossos foi atingido”, pensei, mas ao mesmo tempo com receio de olhar para trás, sob a influência de um pressentimento penoso. De fato, logo após aquele som, ouviu-se um corpo cair pesadamente e um “a-a-a-ai” – o gemido pungente de uma pessoa ferida.

– Fui ferido, irmãos! – falou com esforço uma voz que reconheci. Era Velentchuk. Ele jazia de costas no chão, entre o canhão e a carreta. A mochila que levava tinha caído para o lado. Sua testa estava toda ensanguentada e, do olho direito e do nariz, escorria um grosso fluxo vermelho. Tinha um ferimento na barriga, mas dali quase não saía sangue; a testa quebrara ao bater num toco, na hora da queda.

Tudo isso, só compreendi muito depois; no primeiro minuto, tudo o que eu via era uma massa obscura e o que me pareceu uma quantidade horripilantemente grande de sangue.

Nenhum dos soldados que municavam o canhão disse nenhuma palavra – só o recruta balbuciou algo como: “Viu só quanto sangue?”. E Antónov, de sobranceiras franzidas, deu um grunhido irritado; mas em tudo se percebia que a ideia da morte penetrara na alma de cada um deles. Com grande empenho, todos cumpriam seu dever. O canhão foi municado num instante e o chefe da equipe do canhão, ao trazer a carga de metralha, desviou-se uns dois passos do lugar onde o ferido jazia e continuava a gemer.

Todos que já estiveram numa batalha experimentaram o sentimento estranho e poderoso, mas não lógico, de aversão ao local onde alguém foi morto ou ferido. No primeiro momento, meus soldados foram dominados, de forma visível, por esse sentimento, na hora em que foi necessário erguer Velentchuk e carregá-lo para um carroção que passava. Irritado, Jdánov aproximou-se do ferido e, a despeito de seus gritos, que aumentaram, segurou-o pelas axilas e ergueu-o. “Por que estão aí parados? Segurem!”, gritou ele, e na mesma hora dez ajudantes cercaram o ferido, o que era um exagero. Porém, assim que o movimentaram, Velentchuk começou a se contorcer e a gritar de maneira horrível.

– Por que está berrando? Parece uma lebre! – disse Antónov em tom bruto, segurando-o pela perna. – Olhe que a gente larga você.

E o ferido de fato se acalmou, só de vez em quando deixava escapar:

– Ah, é a morte! Ai, ai, meus irmãos!

Quando o colocaram na carroça, até parou de grunhir, e ouvi que dizia algo para os camaradas – na certa pedia desculpas – em voz baixa, mas clara.

Numa batalha, ninguém gosta de olhar para alguém ferido, e eu, de modo instintivo, com pressa de me afastar daquele espetáculo, dei ordem para que o levassem rapidamente ao posto de socorro e fui para perto dos canhões; no entanto, alguns minutos depois, me disseram que Velentchuk me chamava e fui vê-lo.

O ferido jazia no fundo da carroça, segurava a beirada com as duas mãos. O rosto saudável e largo em poucos segundos se transformara por completo: parecia ter emagrecido e envelhecido alguns anos, os lábios estavam finos, pálidos e comprimidos, com uma tensão evidente; a expressão afobada e tonta de seu olhar tinha ganhado uma espécie de brilho radioso e calmo e, na testa ensanguentada e no nariz, já se viam os traços da morte.

Apesar de o menor movimento lhe causar um sofrimento insuportável, Velentchuk pediu que eu tirasse de sua perna esquerda o *tcheres*⁶ com seu dinheiro.

A visão de sua perna branca e sadia quando tiraram a bota e soltaram o *tcheres* provocou em mim um sentimento terrível e penoso.

– Aqui tem três rublos e meio – disse-me no momento em que segurei o *tcheres* na mão. – Guarde para mim.

A carroça começou a andar, mas ele a deteve.

– Eu estou fazendo um capote para o tenente. Ele me deu dois rublos. Com um rublo e meio, comprei os botões, e meio rublo está na minha mochila, junto com os botões. O senhor, por favor, devolva para ele.

– Está certo, está certo – respondi. – Fique bom logo, irmão!

Não me respondeu, a carroça se pôs em movimento e, de novo, Velentchuk começou a gemer e se lamentar da maneira mais horrível, com uma voz de cortar a alma. Era como se, depois de acertar os assuntos mundanos, ele não visse mais motivo para se conter e achasse que agora lhe era permitido aquele alívio.

– Ei, você, aonde vai? Para onde está indo? – gritei para o recruta que, depois de pôr debaixo do braço a vareta com o morrão sobressalente,⁷ e com um pedaço de pau na mão, andava com toda a serenidade atrás da carroça que levava o ferido.

Mas o recruta se limitou a virar a cabeça com preguiça para mim, balbuciou alguma coisa e foi em frente, por isso tive de mandar um soldado trazê-lo. O recruta tirou o gorro vermelho e, sorrindo com ar de tolo, olhou para mim.

- Aonde ia? – perguntei.
- Ao acampamento.
- Para quê?
- Ora, feriram Velentchuk – respondeu, sorrindo de novo.
- E o que isso tem a ver com você? Tem de ficar aqui.

Com surpresa, fitou-me e depois, tranquilamente, deu meia-volta, pôs o gorro na cabeça e foi para o seu posto.

A batalha, no conjunto, foi bem-sucedida: disseram que os cossacos tinham feito um ataque formidável e tomaram três corpos de tártaros; a infantaria se abasteceu de lenha e teve apenas seis feridos; na artilharia, Velentchuk e dois cavalos foram retirados das linhas. Em troca, umas três verstas de floresta foram derrubadas e o local ficou tão desmatado que se tornou irreconhecível: onde antes se via a orla contínua da mata, abriu-se uma enorme clareira, coberta por fogueiras fumegantes e também pela cavalaria e pela infantaria, que se deslocavam rumo ao acampamento. Apesar de o inimigo não parar de nos acoessar com fogo de artilharia e de fuzis até o córrego e até o cemitério que havíamos cruzado de manhã, a retirada estava correndo bem. Eu já começava a sonhar com a sopa de repolho e com o pernil de carneiro com *kacha*⁸ que me esperavam no acampamento, quando chegou a notícia de que o general ordenara construir uma fortificação no córrego e estacionar ali o terceiro batalhão do regimento de K. e um pelotão da quarta bateria, até o dia seguinte. As carroças com lenha e com os feridos, os cossacos, a artilharia, a infantaria com os fuzis e com a lenha nos ombros – todos passaram por nós, fazendo barulho e cantando. Em todos os rostos, viam-se a animação e o contentamento, inspirados por estar deixando o perigo para trás e pela esperança de repouso. Só nós e o terceiro batalhão teríamos de aguardar até o dia seguinte para gozar aqueles sentimentos prazerosos.

X

Enquanto nós, artilheiros, trabalhávamos com afinco em torno dos canhões, arrumávamos as carretas e as caixas de munição e cravávamos as estacas para amarrar os cavalos, a infantaria ensarilhava os fuzis, acendia fogueiras, construía barracas com galhos e palha de milho e cozinhava a *kacha*. A noite começou a cair. Nuvens azuis esbranquiçadas se arrastavam pelo céu. A neblina, que se transformara numa névoa rala e cinzenta, molhava a terra e os capotes dos soldados; o horizonte se estreitava e tudo em redor era tomado por sombras escuras. A umidade que eu sentia por dentro das botas e atrás do pescoço, o movimento incessante, as conversas, de que eu não tomava parte, a lama pegajosa em que meus pés derrapavam e o estômago vazio deixaram-me no estado de ânimo mais penoso e hostil possível, depois de um dia de cansaço físico e moral. Velentchuk não me saía da cabeça. Toda a história simples de sua vida de soldado se apresentava com insistência em minha imaginação.

Seus últimos minutos foram tão tranquilos e claros como toda a sua vida. Vivera de um modo honesto e simples demais para que sua fé ingênua na futura vida celestial pudesse vacilar no instante decisivo.

– Vossa Excelência – disse-me Nikoláiev, aproximando-se. – O capitão o convida para tomar um chá.

Abrindo caminho com grande dificuldade entre as fogueiras e os sarilhos, segui Nikoláiev até onde estava Bolkhov, pensando com prazer num copo de chá bem quente e numa conversa agradável, que

dissiparia meus pensamentos sombrios.

– E então, encontrou-o? – ouviu-se a voz de Bolkhov por trás da barraca feita de palha de milho, onde ardia uma luz miúda.

– Encontrei, Vossa Excelência! – respondeu Nikoláiev, com voz de baixo.

Dentro da barraca, Bolkhov estava sentado sobre uma manta de feltro seca, com o casaco desabotoado e sem o gorro de pele. A seu lado, o samovar fervia e sobre um tambor havia petiscos. Em cima do punho de uma baioneta cravada na terra, havia uma vela acesa.

– Que tal? – disse ele, com orgulho, lançando um olhar para suas confortáveis acomodações. De fato, dentro da barraca era tão agradável que, ao tomar o chá, esqueci de toda a umidade, a escuridão e o ferimento de Velentchuk. Conversamos descontraidamente sobre Moscou, sobre assuntos que não tinham nenhuma relação com a guerra no Cáucaso.

Depois de um desses minutos de silêncio que às vezes entremeiam até as conversas mais animadas, Bolkhov fitou-me com um sorriso.

– Tenho a impressão de que o senhor achou muito estranha nossa conversa nesta manhã, não foi? – disse ele.

– Não. Por quê? Pareceu-me apenas que o senhor é franco demais e que existem coisas que todos sabemos, mas de que nunca é preciso falar.

– Como assim? Não! Se houvesse alguma possibilidade de trocar esta vida mesmo que fosse pela vida mais vulgar e miserável que existe, mas sem o perigo e sem o serviço militar, eu não hesitaria nem um minuto.

– Por que o senhor não se transfere para a Rússia? – perguntei.

– Por quê? – repetiu. – Ah! Já faz muito tempo que penso nisso. Não posso voltar para a Rússia agora, enquanto não ganhar as medalhas da Ordem de Santa Ana e de São Vladímir; Ana no pescoço⁹ e a promoção para major, que eu almejava quando vim para cá.

– Mas por quê, se o senhor, como diz, se sente incapaz para o serviço militar aqui?

– É que me sinto ainda mais incapaz de voltar para a Rússia do que quando vim para cá. Outra tradição que existe na Rússia, confirmada por Pássek, Sléptsov e outros, é que basta vir ao Cáucaso para acumular condecorações. E todos esperam e exigem isso de nós; estou há dois anos aqui, estive em duas expedições de combate e não ganhei nada. Apesar disso, tenho tamanho amor-próprio que não irei embora do Cáucaso, por nada neste mundo, antes de ter me tornado major e ganhar a Ordem de Vladímir e a de Ana no pescoço. Já me afundei nisso a tal ponto que fico totalmente perturbado quando Gnilokíchkin recebe uma condecoração mas eu não. E depois, na Rússia, como vou me apresentar aos olhos de meu estaroste, do comerciante Koguélnikov, a quem vendo trigo, aos olhos de minha tia moscovita e de todos aqueles senhores, sem nenhuma condecoração depois de anos no Cáucaso? É verdade que não quero ter relação com esses senhores e que, é bem possível, eles também estejam muito pouco interessados em mim; mas o ser humano é feito de tal modo que eu não quero ter relação com eles, mas mesmo assim, por causa deles, destruo meus melhores anos, toda a felicidade de minha vida e vou arruinar todo o meu futuro.

Naquele instante ouviu-se lá fora a voz do comandante do batalhão. “Com quem o senhor está aí, Nikolai Fiódoritch?”

Bolkhov disse meu nome e, em seguida, três oficiais entraram na barraca: o major Kirsánov, o ajudante de ordens de seu batalhão e Tróssenko, o comandante do regimento.

Kirsánov era baixo, gorducho, de bigode preto, bochechas rosadas, olhinhos melosos. Os olhos eram o traço mais notável em sua fisionomia. Quando ria, dos olhos só restavam duas estrelinhas úmidas que, junto com os lábios distendidos e o pescoço esticado, às vezes ganhavam uma estranhíssima expressão de estupidez. Kirsánov se portava melhor do que qualquer outro no regimento: os subordinados não o xingavam, os chefes o respeitavam, embora a opinião geral sobre ele fosse a de ser um homem muito limitado. Kirsánov conhecia bem seu ofício, era organizado e zeloso, estava sempre com dinheiro, possuía uma carruagem e um cozinheiro e sabia fingir-se orgulhoso com absoluta naturalidade.

– Sobre o que está conversando, Nikolai Fiódoritch? – perguntou ele, ao entrar.

– Sobre como é agradável a vida aqui no Cáucaso.

Mas nisso Kirsánov percebeu minha presença, um *junker*, e assim, para me demonstrar sua importância, fez que não ouviu a resposta de Bolkhov e, olhando para o tambor, perguntou:

– O que há? Está cansado, Nikolai Fiódoritch?

– Não, é que nós... – começou Bolkhov. Mas de novo, pelo visto, a dignidade do comandante do batalhão exigia que o interrompesse e fizesse outra pergunta.

– A batalha de hoje foi formidável, não foi?

O ajudante de ordens do batalhão era um jovem alferes, recém-saído da escola de cadetes, rapaz humilde e discreto, de rosto tímido, bondoso e simpático. Eu já o vira antes na barraca de Bolkhov. O jovem ia vê-lo com frequência, fazia uma reverência, sentava num canto e ficava calado durante algumas horas, enrolava cigarros, fumava, depois levantava, fazia uma reverência e ia embora. Era o típico filho da nobreza russa empobrecida, que abraçara a carreira militar como a única possibilidade de adquirir instrução e encarava seu posto de oficial como a coisa mais elevada do mundo – um tipo inocente e simpático, apesar dos ridículos acessórios inseparáveis: bolsa de tabaco, túnica, violão e uma escovinha para o bigode, com os quais nos acostumamos a imaginá-lo. No regimento, comentavam que ele se vangloriava de ser justo, mas rigoroso, com seu ordenança, e que dizia: “Eu raramente castigo, mas quando sou levado a isso, é uma desgraça”. E que certa vez, quando o ordenança, embriagado, roubou tudo o que ele tinha e até o xingou, parece que o levou para a prisão dos soldados e deu ordem para providenciarem o castigo, porém, ao ver os preparativos em andamento, ficou tão confuso que só conseguia dizer: “Ora, vejam só... pois eu bem que podia...”. E perdeu totalmente a coragem, correu para casa e, a partir de então, tinha medo de fitar os olhos de seu Tchérnov. Os camaradas não lhe davam sossego, caçoavam dele por isso, e algumas vezes ouvi como o rapaz ingênuo inventava explicações para se defender e, vermelho até o pescoço, garantia que aquilo não era verdade e que era exatamente o contrário.

O terceiro personagem, o capitão Tróssenko, era um velho caucasiano, no pleno sentido da palavra, ou seja, um homem para o qual o regimento que comandava se tornara uma família, uma fortaleza, onde ficavam seu quartel-general, sua terra natal e os cantores – o único prazer da vida –, um homem para quem tudo que não fosse o Cáucaso era digno de desprezo e quase indigno de credibilidade; no entanto, para ele, o Cáucaso se dividia em duas partes: a nossa e a que não era nossa; a primeira, ele amava; a segunda, odiava com todas as forças da alma. E acima de tudo era um homem firme, de coragem serena, de uma rara brandura com seus camaradas e subordinados, e de uma inflexível retidão, e até insolência, com os ajudantes de ordens e os Bonjour, que, por qualquer que fosse o motivo, Tróssenko detestava. Ao entrar na barraca, por pouco não bateu com a cabeça no teto; depois se abaixou de repente e sentou-se no chão.

– E então? – disse e, de súbito, ao perceber minha pessoa, desconhecida para ele, deteve-se e fixou em mim o olhar turvo e atento.

– Sobre o que estavam conversando? – indagou o major, pegando o relógio e vendo as horas, muito embora, eu estava firmemente convencido, não tivesse a menor necessidade de fazer aquilo.

– Ele me perguntou para que estou servindo no Exército aqui.
– É óbvio, Nikolai Fiódoritch quer se destacar aqui e depois... de volta para casa.
– Pois bem, mas e o senhor, Abram Ilitch, me diga por que está servindo no Cáucaso.
– Ora, sabe, em primeiro lugar, somos obrigados, é nosso dever servir no Exército. O que foi? – acrescentou, embora todos estivessem calados. – Ontem recebi uma carta da Rússia, Nikolai Fiódoritch – prosseguiu, desejando visivelmente mudar o assunto da conversa. – Escreveram que... fizeram perguntas muito estranhas.

– Que perguntas? – indagou Bolkhov. E riu.

– Sério, umas perguntas estranhas... Disseram-me que pode existir ciúme sem amor... Que tal? – perguntou, lançando um olhar para nós todos.

– Era o que faltava! – exclamou Bolkhov, sorrindo.

– Pois é, sabem, é muito bom na Rússia – prosseguiu, como se suas frases se concatenassem de maneira absolutamente natural. – Quando estive em Tambóv, em 1852, em toda parte me tratavam como se fosse o ajudante de ordens do imperador. Acreditem, fui a um baile na casa do governador e, quando entrei, vejam só... ele me recebeu muito bem. A própria esposa do governador ficou conversando comigo e fez perguntas sobre o Cáucaso e todos... eu nem sei... Olhavam meu sabre dourado como se fosse uma raridade. Perguntavam por que eu havia ganhado o sabre, por que a medalha de Ana, e a de Vladímir, e eu explicava tudo. Está vendo? É por isso que o Cáucaso é bom, Nikolai Fiódoritch! – prosseguiu, sem esperar a resposta. – Lá, admiram muito nossos irmãos do Cáucaso. Sabem, um jovem oficial do Estado-Maior, com as medalhas de Ana e de Vladímir, puxa, isso tem grande importância lá na Rússia. Não sabia?

– E o senhor se vangloriou bastante, imagino, não é, Abram Ilitch? – disse Bolkhov.

– He, he! – começou ele a rir, com seu riso tolo. – Sabe, isso é necessário. Além do mais, durante dois meses, comi que foi uma beleza!

– Quer dizer que passou bem lá na Rússia? – disse Tróssenko, falando da Rússia como se falasse da China ou do Japão.

– Sim, senhor, lá fiquei dois meses tomando champanhe, um horror!

– Ora essa! Na certa, bebeu foi limonada. Se fosse eu, ia arreentar com tudo, para que soubessem como bebem os caucasianos. Não é à toa que nossa fama se espalhou. Eu ia mostrar como é que se bebe... Ah, Bolkhov – acrescentou.

– Pois é, titio, você já está há dez anos no Cáucaso – disse Bolkhov. – Lembra o que disse Ermólov?¹⁰ Mas Abram Ilitch está só há seis anos.

– Que dez o quê! Vou completar dezesseis.

– Bolkhov, mande servir uma bebida. Que umidade, brrr!... Hein? – acrescentou, sorrindo. – Vamos beber, major!

Mas o major estava descontente desde a primeira vez que o velho capitão lhe falara e agora, pelo visto, se retraía e procurava abrigo na própria grandeza. Começou a cantarolar algo e novamente olhou as horas.

– Pois eu nunca irei lá – prosseguiu Tróssenko, sem dar atenção ao major de cenho franzido. – Até perdi o hábito de falar russo e de andar como um russo. Vão dizer: quem é esse sujeito esquisito que chegou? Dizem que veio da Ásia. Não é assim, Nikolai Fiódoritch?... Além do mais, o que tenho a ver com a Rússia? Afinal, tanto faz mesmo, porque aqui, mais dia, menos dia, vou acabar levando um tiro. Aí vão perguntar: cadê o Tróssenko? Levou um tiro. E aí o que é que o senhor vai fazer com a oitava companhia... hein? – acrescentou, sempre se dirigindo ao major.

– Mande o oficial de serviço para o batalhão! – gritou Kirsánov, sem responder ao capitão, embora, eu estava novamente convencido, não tivesse necessidade de dar ordem nenhuma. – Imagino que o senhor agora esteja contente, jovem rapaz, por receber um soldo dobrado, não é? – disse o major para

o ajudante de ordens do batalhão, depois de alguns instantes de silêncio.

– Como não, senhor? Muito contente.

– Acho que nosso salário agora está muito alto, Nikolai Fiódoritch – prosseguiu. – Um jovem pode viver muito bem e até se permitir um pequeno luxo.

– Não acho, Abram Ilitch, com toda a franqueza – respondeu o ajudante de ordens, timidamente. – Embora o soldo seja dobrado, acontece que... bem, é preciso ter um cavalo...

– O que está me dizendo, jovem rapaz? Eu já fui alferes e sei como é. Creia, com organização, é possível viver muito bem. O senhor veja bem, vamos fazer as contas – acrescentou, dobrando o dedo mindinho da mão esquerda.

– Todos pedimos o pagamento adiantado, aí estão suas contas – disse Tróssenko, sorvendo de um gole o cálice de vodca.

– Muito bem, mas com isso o que o senhor quer...?

Nesse momento, num buraco da barraca, surgiu uma cabeça branca de nariz achatado, e uma voz aguda com sotaque alemão disse:

– O senhor está aqui, Abram Ilitch? O oficial de serviço quer falar com o senhor.

– Entre, Kraft! – disse Bolkhov.

O vulto comprido, de sobrecasaca do Estado-Maior, penetrou pela porta e, com um ardor especial, tratou de apertar a mão de todos os presentes.

– Ah, caro capitão! O senhor também está aqui? – disse, dirigindo-se a Tróssenko.

O novo conviva, apesar da penumbra, avançou até ele e, com uma surpresa que me pareceu exagerada, e para o desprazer do capitão, beijou-o nos lábios.

“É um alemão que quer ser um bom camarada”, pensei.

XII

Minha hipótese logo se comprovou verdadeira. O capitão Kraft pediu vodca, que ele chamou de aguardente, e ao beber inclinou a cabeça para trás e grunhiu de um modo terrível.

– Pois é, senhores, temos comido o pão que o diabo amassou nas campinas da Tchetchénia... – começou, mas, ao ver o oficial de serviço, calou-se no mesmo instante, permitindo que o major desse suas ordens.

– O senhor percorreu as fileiras?

– Sim, senhor.

– Deu as senhas?

– Sim, senhor.

– Então o senhor transmita aos comandantes de companhia a ordem de que tomem o máximo de cuidado.

– Sim, senhor.

O major estreitou os olhos e refletiu profundamente.

– E diga que os soldados agora podem ferver a *kacha*.

– Já fizeram isso.

– Muito bem. O senhor pode ir.

– Pois bem, nós estávamos calculando de quanto precisa um oficial – prosseguiu o major, dirigindo-se a nós com um sorriso indulgente. – Vamos fazer as contas.

– O senhor precisa de um uniforme e de calças... não é?

– Certo.

– Isso dá, digamos, cinquenta rublos para dois anos, portanto vinte e cinco rublos por ano com o vestuário; depois, para comer, são duas *abaz*¹¹ por dia... não é?

– Certo; e isso já é muito.

– Certo, mas é que estou fazendo as contas por alto. Agora, com o cavalo, a sela e sua manutenção, temos uns trinta rublos... e pronto, é tudo. No total, dá vinte e cinco, mais cento e vinte, mais trinta... cento e setenta e cinco. Os vinte rublos que sobram são só para o luxo, o chá, o açúcar, o tabaco. Está vendo?... Não é verdade, Nikolai Fiódoritch?

– Não, senhor. Com sua licença, Abram Ilitch! – disse o ajudante de ordens, timidamente. – Não sobra nada para o chá e o açúcar. O senhor calcula uma calça para dois anos, mas aqui, em campanha, uma calça não dura; e as botas? Destruo um par quase todos os meses. Além disso, senhor, tem a roupa de cama, as camisas, a toalha, as perneiras... afinal, é preciso comprar tudo isso. E quando a gente faz as contas, não sobra nada. Disso não há dúvida, Abram Ilitch!

– Sim, é bonito andar com perneiras – disse Kraft de repente, após um minuto de silêncio, pronunciando com uma afetação especial a palavra “perneiras”, só para mostrar que sabia falar russo.

– Pois eu digo aos senhores – observou Tróssenko – que, por mais que façam e refaçam as contas, é preciso pôr alguma coisa para mastigar na boca de nossos irmãos do regimento e, na realidade, acontece que todos nós vivemos, bebemos chá, fumamos tabaco, tomamos vodca. Quando tiver servido tanto tempo quanto eu – prosseguiu, dirigindo-se ao alferes –, também vai aprender como viver. Pois os senhores por acaso sabem como se tratam os ordenanças?

E Tróssenko, morrendo de rir, contou para nós toda a história do alferes e de seu ordenança, embora já tivéssemos ouvido aquilo mil vezes.

– Ora, por que está assim tão vermelho? – continuou, dirigindo-se ao alferes, que, ruborizado, suave e sorria de tal modo que dava até pena. – Está tudo bem, irmão, já fui que nem você, mas agora, olhe só, fiquei forte. Vejam só o que acontece quando vem para cá um desses rapazinhos da Rússia, e nós já vimos vários, logo ele começa a ter espasmos e reumatismo; já eu fiquei aqui, este lugar é a minha casa, minha cama e tudo. Vejam...

Nisso tomou de um só gole mais um cálice de vodca.

– Ah? – acrescentou, fitando fixamente os olhos de Kraft. – Esse aí eu respeito! Aí está um verdadeiro velho caucasiano! Dê cá sua mão.

E Kraft abriu caminho entre nós todos, alcançou Tróssenko e, segurando sua mão, sacudiu-a com forte emoção.

– Sim, podemos dizer que aqui experimentamos de tudo – prosseguiu – no ano de 1845... Pois o senhor também estava lá, não foi, capitão? Lembra da noite do dia doze para o dia treze, que passamos atolados na lama até os joelhos, e do dia seguinte, quando fomos para as trincheiras? Na ocasião, eu estava com o comandante supremo e tomamos quinze trincheiras num só dia. Lembra, capitão?

Tróssenko fez que sim com a cabeça e, espichando para a frente o lábio inferior, estreitou os olhos.

– Veja bem... – começou Kraft extraordinariamente animado, fazendo com as mãos gestos impertinentes e dirigindo-se ao major.

Mas o major, que pelo visto já ouvira aquele relato muitas vezes, de repente, enquanto fitava seu interlocutor, mostrou olhos tão turvos e embotados que Kraft lhe deu as costas e voltou-se para mim e para Bolkhov, olhando ora para ele, ora para mim. Já não olhou mais para Tróssenko, nem uma vez, durante todo o tempo em que contou sua história.

– Pois vejam só os senhores, quando saímos de manhã, o comandante me disse: “Kraft! Vá tomar aquelas trincheiras”. Os senhores sabem, em nosso serviço não tem discussão, é só bater continência. “Entendido, Vossa Excelência!” E lá fui eu. Mas quando nos aproximamos da primeira trincheira, virei-me e disse para os soldados: “Rapazes! Não tenham medo! Fiquem de olho bem aberto! Quem recuar, eu mato com minha própria mão”. Sabe, com o soldado russo, é preciso ser direto. Só que de repente veio

uma granada... olhei, um soldado, outro soldado, um terceiro soldado, depois as balas... zum! zum! zum!... Eu disse: “Avante, rapazes, sigam-me!”. Quando chegamos, sabem, olhamos e aí eu vi, como é que... como é que se chama mesmo? – e o contador da história abanou as mãos, procurando a palavra.

– Um barranco – acudiu Bolkhov.

– Não... Ah, como é mesmo? Meu Deus! Como é que é?... Um barranco – disse ele, em seguida. –

E fomos em frente com os fuzis em riste... Hurra! Ta-ra-ta-ta-ta! Não havia nem sinal do inimigo. Todos ficaram surpresos, entendem? Muito bem: fomos em frente, rumo à segunda trincheira. Aí a história foi muito diferente. Nós já estávamos fervendo de entusiasmo, entendem? Quando chegamos, olhamos e aí eu vi que não podia ir até a segunda trincheira. Ali havia... como é mesmo que se chama aquilo... Ah! Como é que se chama?...

– Outro barranco – sugeri eu mesmo.

– Não, nada disso – continuou ele, contrariado. – Não era um barranco, mas... vamos, como é que se chama aquilo? – E fez com a mão um gesto absurdo. – Ah, meu Deus! Como é...

Parecia estar sofrendo tanto que nos sentimos obrigados a ajudá-lo.

– Um rio, talvez – disse Bolkhov.

– Não, era apenas um barranco. Só que quando chegamos lá, acreditem, era um fogaréu tremendo, um inferno...

Naquele instante, alguém do batalhão veio me chamar. Era Maksímov. E depois de ter ouvido a história da tomada de duas trincheiras e restar-me ainda as outras treze, fiquei contente de poder me agarrar àquele pretexto para ir ao meu pelotão. Tróssenko saiu junto comigo. “Tudo mentira”, disse-me quando nos afastamos alguns passos da barraca. “Ele nem esteve nas trincheiras.” E Tróssenko deu uma gargalhada com tanto bom humor que eu também ri.

XIII

Já era noite escura e só as fogueiras iluminavam o acampamento com um brilho mortiço, quando, terminada a inspeção, me aproximei de meus soldados. Um toco grande, ardendo em fogo brando, jazia sobre os carvões. Em volta, sentados, só havia três pessoas: Antónov, que fazia rodar sobre o fogo uma caçarola na qual fervia um *riabko*,¹² Jdánov, que raspava pensativo as cinzas com um graveto, e Tchíkin, com seu cachimbinho eternamente apagado. Os demais já haviam se recolhido para descansar – uns debaixo das carroças de munição, outros no feno, outros em volta das fogueiras. Sob a luz fraca das brasas, eu distinguia costas, pernas e cabeças conhecidas; entre esses, estava o recruta que, bem pertinho do fogo, parecia já estar dormindo. Antónov abriu espaço para mim. Sentei a seu lado e comecei a fumar um cigarro. O cheiro da neblina e da fumaça de lenha molhada, que se espalhava por todo o ar, feria os olhos, e uma névoa úmida descia do céu escuro.

Perto de nós, ouviam-se roncos ritmados, estalidos da lenha no fogo, vozes suaves e, de vez em quando, o retinir dos fuzis da infantaria. Em toda parte, as fogueiras ardiavam, iluminando as sombras negras dos soldados num círculo pequeno a seu redor. Em torno das fogueiras mais próximas, nos lugares iluminados, eu distinguia as figuras de soldados nus, que sacudiam suas camisas acima das chamas. Muita gente ainda não havia dormido, moviam-se e falavam na área de quinze *sájeni* quadradas; mas a noite escura, turva, conferia seu tom misterioso e peculiar a todo aquele movimento, como se cada pessoa percebesse o silêncio escuro e temesse perturbar sua harmonia serena. Quando comecei a falar, senti que minha voz soou diferente; no rosto de todos os soldados sentados em volta do fogo, eu via esse mesmo estado de ânimo. Achei que, até minha chegada, estavam falando sobre seu camarada ferido; mas não era nada disso: Tchíkin falava sobre a recepção de mercadorias em Tíflis e dos estudantes de lá.

Sempre e em toda parte, sobretudo em Kazan, notei o tato especial de nossos soldados, em momentos de perigo, no que diz respeito a manter silêncio e evitar coisas que podem ter um efeito ruim sobre a coragem dos camaradas. A coragem do soldado russo não tem o mesmo fundamento da bravura dos povos do sul, que se inflama de entusiasmo e logo depois esfria: no russo, é tão difícil inflamar a coragem quanto obrigá-lo a desistir. Para ele, não é necessário usar palavras de efeito, discursos, gritos marciais, canções e tambores: para ele, ao contrário, é preciso calma, organização e ausência de tudo o que é forçado. No russo, no soldado russo verdadeiro, nunca se vê a petulância, a temeridade, o desejo de fechar os olhos, de inflamar-se na hora do perigo: ao contrário, a modéstia, a humildade e a capacidade de enxergar no perigo algo de todo diferente do perigo constituem os traços característicos de seu caráter. Vi um soldado ferido na perna que, no primeiro instante, apenas lamentou que seu casaco novo de pele de carneiro tivesse rasgado, e vi um soldado sair de debaixo do cavalo no qual montava pouco antes, e que acabara de ser alvejado e morto, para desafivelar a cilha e retirar a sela. Quem não se lembra do caso do cerco de Guerguebil,¹³ quando a espoleta de uma bomba carregada se acendeu no laboratório e o sargento de artilharia ordenou a dois soldados que levassem a bomba correndo e jogassem no barranco e, como a barraca do coronel ficava ao pé do barranco, os soldados não levaram a bomba para o local mais próximo e sim para outro mais distante, a fim de não acordar os senhores que dormiam na barraca, e com isso os dois acabaram feitos em pedaços? Lembro-me também de que, no ano de 1852, um dos soldados mais jovens do destacamento disse, durante a batalha, que na certa o pelotão não ia conseguir sair vivo de lá, e então o pelotão em peso voltou-se contra ele com raiva, por ter dito aquelas palavras ruins, que eles nem queriam repetir. E agora mesmo, quando no espírito de todos devia estar o pensamento sobre Velentchuk e quando, a cada minuto, poderíamos ser atingidos pelos disparos dos tártaros à espreita, todos escutavam o relato alegre de Tchíkin e ninguém se lembrava nem da batalha daquele dia, nem do perigo vindouro, nem do soldado ferido, como se tudo fossem coisas ocorridas só Deus sabe quando, ou até coisas que nunca tivessem acontecido. Mas para mim parecia apenas que o rosto deles estava um pouco mais sombrio do que de costume: não escutavam com tanta atenção o relato de Tchíkin, e o próprio Tchíkin sentia que não o escutavam, mas ainda assim falava como que para si.

Maksímov aproximou-se da fogueira e sentou-se a meu lado. Tchíkin abriu espaço para ele, calou-se e passou de novo a sugar seu cachimbo.

– Os infantes mandaram buscar vodca no acampamento – disse Maksímov, depois de um silêncio bastante demorado. – Logo vão voltar. – Deu uma cusparada no fogo. – O sargento falou que viu o nosso ferido.

– E então, ainda está vivo? – perguntou Antónov, enquanto mexia na caçarola.

– Não, morreu.

O recruta, perto do fogo, de repente levantou sua pequena cabeça de touca vermelha, por um momento fitou fixamente a mim e Maksímov, depois baixou a cabeça depressa e se enrolou no capote.

– Está vendo? Não foi à toa que a morte foi buscar por ele de manhã, quando eu o acordei no parque – disse Antónov.

– Bobagem! – disse Jdánov, virando um toco em brasa. E todos ficaram calados.

Em meio ao silêncio geral, atrás de nós, soou um disparo no acampamento. Os nossos tamboreiros responderam com o toque de recolher. Quando o último toque de tambor silenciou, Jdánov levantou-se primeiro e tirou o chapéu. Todos nós seguimos seu exemplo.

No meio do profundo silêncio da noite, irrompeu um coro afinado de vozes masculinas:

– Pai nosso, que estais nos céus! Santificado seja o Vosso nome; venha a nós o Vosso reino; seja feita Vossa vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dai hoje; e perdoai nossas dívidas assim como perdoamos nossos devedores; não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

– Em quarenta e cinco, um de nossos soldadinhos foi ferido naquele mesmo lugar – disse Antónov,

quando pusemos o chapéu e sentamos de novo ao redor do fogo. – Assim, nós o carregamos por dois dias na carroça de munição... Lembra, Chevtchéno, Jdánov?... Depois o deixamos ao pé de uma árvore.

Nesse momento, um soldado da infantaria, com bigodes e costeletas enormes, de fuzil e mochila, aproximou-se de nossa fogueira.

– Conterrâneos, deixem que eu acenda o cachimbo e fume um pouquinho – disse.

– Claro, pode acender: tem fogo de sobra – respondeu Tchíkin.

– Na certa vocês estavam falando de Dargo, não é, conterrâneos? – perguntou o infante para Antónov.

– Do ano de quarenta e cinco, de Dargo – respondeu Antónov.

O infante balançou a cabeça, semicerrou os olhos e se pôs de cócoras perto de nós.

– Sim, aquilo não foi moleza – comentou.

– Por que o abandonaram? – perguntei para Antónov.

– Tinha uma dor muito forte na barriga. Quando parávamos, ficava tudo bem, mas quando andávamos, ele gritava muito. Pedia em nome de Deus que o deixássemos, mas todos tinham pena. Então o inimigo começou a nos atacar com força, os canhões mataram três soldados, um oficial morreu, e até deixamos nossa bateria para trás. Uma desgraça! Não havia jeito de continuar levando os canhões. Tinha lama demais.

– O pior de tudo é que estava enlameado ao pé da montanha Indiéiski¹⁴ – comentou um soldado.

– Pois é, e foi lá que ele ficou ainda pior. Eu e Anóchenko, um artilheiro veterano, achamos que, de fato, não ia sobreviver, e ele pedia em nome de Deus que o deixássemos ali. Então acabamos decidindo. Tinha uma árvore daquelas bem grandes. Deixamos com ele uma porção de pão torrado e molhado, que Jdánov tinha, o encostamos naquela árvore, vestimos nele uma camisa limpa, nos despedimos como convém e o deixamos assim.

– E era um soldado de valor?

– Era um bom soldado – respondeu Jdánov.

– E o que foi feito dele, só Deus sabe – continuou Antónov. – Muitos irmãos nossos ficaram lá.

– Em Dargo? – disse o infante, erguendo-se e sacudindo o cachimbo, e de novo semicerrou os olhos e balançou a cabeça. – Lá não foi moleza.

E se afastou de nós.

– Aqui na nossa bateria ainda há muitos soldados que estiveram em Dargo? – perguntei.

– Como não? O Jdánov, eu, Patsan, que agora está de licença, e mais uns seis soldados. Não mais do que isso.

– Será que o Patsan resolveu esticar a licença? – disse Tchíkin, baixando as pernas e apoiando a cabeça sobre um toco. – Faça só as contas, vai fazer um ano que não aparece.

– E você, não pediu sua licença anual? – perguntei para Jdánov.

– Não, eu não tirei licença – respondeu de má vontade.

– Pois é bom tirar – disse Antónov. – Quando a gente é de uma família rica e quando a gente tem forças para trabalhar, então é gostoso tirar licença e a família fica contente.

– Mas para que tirar licença quando são só dois irmãos – prosseguiu Jdánov – e só um tem o que comer e não pode alimentar o irmão soldado? Quando a gente serviu no Exército vinte e cinco anos, já não tem mais jeito. E ninguém nem sabe mais se você está vivo.

– Mas você não mandou cartas? – perguntei.

– Como não? Mandei duas cartas e nenhuma das duas teve resposta. Vai ver morreram, ou não receberam as cartas. Quem sabe? Eles também vivem na miséria: não é fácil!

– Faz muito tempo que escreveu?

– Quando voltei de Dargo, escrevi a última carta.

– Por que não canta “Beriozochka”?¹⁵ – perguntou Jdánov para Antónov, que, apoiado nos joelhos,

cantarolava alguma coisa.

Antónov começou a cantar “Beriózuchka”.¹⁶

– Essa é de longe a canção predileta do tio Jdánov – disse-me Tchíkin num sussurro, puxando meu capote. – Toda vez que Filipp Antónitch começa a tocar a música, ele desanda a chorar que é um horror.

Jdánov, de início, ficou absolutamente imóvel, com os olhos voltados para as brasas brilhantes, e seu rosto, iluminado pela luz vermelha, parecia extraordinariamente sombrio; depois as maçãs do rosto, abaixo das orelhas, começaram a se mexer cada vez mais depressa e, por fim, ele se levantou, estendeu o capote e deitou-se numa sombra atrás da fogueira. Em seguida, ou se virou e começou a roncar, ao cair no sono, ou a morte de Velentchuk e o clima triste me influenciaram e por isso tive de fato a impressão de que ele estava chorando.

A parte de baixo do toco tinha se transformado em carvão, de vez em quando incandescia e iluminava o vulto de Antónov, seus bigodes grisalhos, sua fisionomia vermelha e as medalhas no capote, jogado sobre os ombros, e também as botas, a cabeça e as costas de algum outro soldado. Do alto, caía uma neblina tristonha, o ar tinha o mesmo cheiro de umidade e de fumaça, ao redor viam-se os mesmos pontos luminosos das fogueiras apagadas e, no silêncio geral, ouviam-se as notas da canção triste de Antónov; mas, quando ela silenciava por um momento, os barulhos da escassa movimentação no acampamento – roncos, o retinir dos fuzis das sentinelas e vozes baixas – lhe faziam eco.

– Segundo turno! Makátiuk e Jdánov! – gritou Maksímov.

Antónov parou de cantar. Jdánov levantou-se, suspirou, passou por cima do toco de lenha e seguiu rumo aos canhões.

15 de junho de 1855. Publicado em 1855 na revista *Sovriemiénik*

SEBASTOPOL NO MÊS DE DEZEMBRO

A aurora mal começa a tingir o horizonte acima do monte Sapun; a superfície azul-escura do mar já se desvencilhou da escuridão da noite e espera o primeiro raio de sol para erguer seu brilho alegre; o ar frio e nevoento sopra da enseada; não há neve – tudo está negro, mas a friagem cortante da manhã agarra no rosto, estala debaixo dos pés e só o longínquo e incessante rumor do mar, de quando em quando interrompido pelos tiros de canhão retumbantes em Sebastopol, perturba o silêncio da manhã. Nas embarcações, a ampulheta marca oito horas.

Em Siévernaia,¹ a atividade diurna começa aos poucos a substituir a tranquilidade da noite: num lugar, há uma troca de sentinelas e ouve-se o retinir de fuzis; noutro, um médico já se dirige afobado ao hospital; mais adiante, um soldado rasteja para fora de seu abrigo sob a terra, lava o rosto queimado de sol na água enregelada e, voltando-se para o oriente avermelhado, faz um rápido sinal da cruz e reza para Deus; em outro canto, uma pesada *madjara*,² puxada por camelos, cheia de cadáveres até em cima, se arrasta com um rangido rumo ao cemitério para enterrar os corpos ensanguentados... Você se aproxima do porto – sente bater um cheiro peculiar de carvão mineral, estrume, umidade e carne bovina; milhares de mercadorias variadas – lenha, carne, cabras-do-cáucaso, farinha, ferro etc. –, empilhadas, em volta do cais; soldados de diversos regimentos, com mochilas e fuzis, sem mochilas e sem fuzis, se aglomeram ali, fumam, xingam-se, carregam coisas pesadas para um navio a vapor que fumega, parado junto ao ancoradouro; barcos a remo, repletos de todo tipo de gente – soldados, marinheiros, comerciantes,

mulheres – atacam e desatracam do cais.

– Para Gráfskaia,³ Vossa Nobreza? Por favor. – Dois ou três marinheiros reformados oferecem seus serviços, levantando-se nos barcos a remo.

Você escolhe o que está mais perto, passa por cima da carcaça semiputrefata de um cavalo baio, que jaz na lama, perto dos botes, e segue na direção do leme. Você desatracou e se afastou da margem. À sua volta, o mar já brilha mais forte sob o sol da manhã; à sua frente, estão um velho marinheiro com um casaco de pele de camelo e um menino de cabelos claros, que em silêncio e com afinco manobram os remos. Você olha também para a massa listrada de navios, perto e longe, espalhados pela baía, olha para os pequenos pontos pretos das chalupas que se movimentam no azul cintilante, para as bonitas e claras construções da cidade, desenhadas pelos raios rosados do sol da manhã, que se avistam do lado de cá, olha para a linha branca e espumante formada por navios naufragados, dos quais se avistam, aqui e ali, com aspecto soturno, a ponta negra dos mastros, e olha para a frota inimiga ao longe, que sobressai no horizonte cristalino do mar, olha para as ondulações espumantes em que saltam bolhas miúdas e salgadas levantadas pelos remos; você escuta os sons ritmados dos golpes dos remos, os sons das vozes que a água traz até você, e os sons majestosos do canhoneio, que, assim lhe parece, se torna mais forte em Sebastopol.

Diante da ideia de que você está em Sebastopol, é impossível que em sua alma não penetrem sentimentos de uma certa bravura, de orgulho, e que o sangue não comece a circular mais depressa em suas veias...

– Vossa Nobreza! Direto para o *Kistentina*,⁴ segure firme – diz o marinheiro velho virando-se para trás para conferir a direção que você deu ao barco. – Leme à direita.

– Ele ainda está com todos os canhões – comenta o menino de cabelo claro, quando passa pelo navio e o observa.

– E não é de admirar. É novo, Kornílov⁵ esteve nele – responde o velho, que também observa o navio.

– Viu só onde foi estourar? – diz o menino depois de um demorado silêncio, olhando para a nuvenzinha branca de fumaça que se dissipa e que apareceu de repente, no alto, acima da baía do sul, seguida pelo som cortante da detonação de uma bomba.

– É ele que hoje dá tiros com uma bateria nova – acrescenta o velho, cuspiendo na mão com indiferença. – Muito bem, vamos lá, Michka, força, vamos ultrapassar a barcaça. – E o seu barco a remo avança mais ligeiro na larga ondulação da maré da baía, ultrapassa de fato a barcaça pesada, na qual estão amontoados sacos e onde alguns soldados remam sem ritmo e sem jeito, e alcança o porto Gráfskaia, no meio de uma grande quantidade de barcos, com amarras de todos os tipos.

No cais, agitam-se ruidosos bandos de soldados de roupa cinzenta, marinheiros de preto e mulheres em trajes coloridos. Camponesas vendem pãezinhos, mujiques russos com samovares gritam: “*Sbíten*⁶ quentinho”, e ali mesmo, nos primeiros degraus, estão largadas balas de canhão cobertas de ferrugem, bombas, cargas de metralha e canhões de ferro fundido de vários calibres. Um pouco adiante, há uma praça grande onde se espalham vigas enormes, peças de canhão e soldados adormecidos; há cavalos, carroças, caixas verdes de munição, sarilhos da infantaria; movimentam-se soldados, marinheiros, oficiais, mulheres, crianças, comerciantes; trafegam telegas com feno, sacos e barris; aqui e ali, passam um cossaco e um oficial a cavalo, um general numa carruagem aberta. À direita, há uma rua bloqueada por uma barricada, em cujas aberturas estão instalados pequenos canhões, junto aos quais um marinheiro, sentado, fuma seu cachimbo. À esquerda, há uma casa bonita com algarismos romanos no frontão, sob o qual se encontram soldados e macas ensanguentadas – em toda parte do acampamento, você vê desagradáveis vestígios da guerra. Sua primeira impressão é necessariamente a mais desagradável possível: a estranha mistura da vida do acampamento e a da cidade, da bela cidade e do acampamento

imundo, que não só nada tem de bonito como aparenta uma desordem abominável; você tem até a impressão de que estão todos assustados, confusos, sem saber o que fazer. Mas observe melhor o rosto dessas pessoas que se movimentam à sua volta e vai perceber uma coisa bem diferente. Olhe bem para esse soldadinho do destacamento das carroças de carga que conduz uma troica de cavalos baios para beber água, cantarolando baixinho e tranquilo para si mesmo, e logo fica claro que ele não vai se perder na barafunda dessa multidão, a qual, aliás, para ele nem existe, e que ele vai cumprir sua tarefa, seja qual for – dar água aos cavalos ou rebocar canhões –, com a mesma tranquilidade, segurança e indiferença, como se tudo aquilo estivesse acontecendo em outro lugar, em Tula ou em Saransk. E você também verá essa mesma expressão no rosto do oficial que passa de luvas impecavelmente brancas, e no rosto do marinheiro que grita ao sentar na barricada, bem como no rosto dos soldados trabalhadores que esperam com as macas no alpendre da antiga Assembleia, e no rosto da mulher que, com medo de molhar seu vestido rosa, atravessa a rua saltitando de uma pedra para outra.

Sim! É certo que você terá uma decepção, quando chegar pela primeira vez a Sebastopol. Em vão vai procurar, em qualquer rosto que seja, traços de agitação, de perplexidade e até de entusiasmo, de disposição de morrer, de determinação – não há nada disso: você verá pessoas rotineiras, tranquilamente ocupadas com tarefas rotineiras, e assim talvez você se repreenda pela euforia exagerada, ponha um pouco em dúvida a justeza da imagem dos heroicos defensores de Sebastopol, imagem formada em você a partir dos relatos, das descrições, do aspecto e dos sons que chegam até Siévernaia. Mas antes de pôr isso em dúvida, vá aos bastiões, veja os defensores de Sebastopol no próprio local da defesa, ou, melhor ainda, siga reto para a casa que está na sua frente, a antiga Assembleia de Sebastopol, em cujo alpendre estão os soldados com as macas – ali você verá os defensores de Sebastopol, verá imagens horríveis e tristes, grandiosas e cômicas, mas admiráveis e que elevam a alma.

Você entra no salão da Assembleia. Assim que abre a porta, é apanhado de surpresa pela imagem e pelo cheiro de quarenta ou cinquenta pacientes amputados e com os mais graves ferimentos, alguns sobre macas, a maioria no chão. Não acredite no sentimento que o detém na soleira da porta – esse sentimento ruim –, vá em frente, não se envergonhe de dar a impressão de que veio ver sofrendores, não se envergonhe de se aproximar e falar com eles: os infelizes adoram ver um rosto humano solidário, adoram contar seus sofrimentos e ouvir palavras de amor e solidariedade. Você passa entre os leitos e procura um rosto menos severo e sofrido, do qual resolve se aproximar para conversar.

– Onde se feriu? – você pergunta com timidez e hesitação a um velho soldado esquelético que, sentado na maca, o acompanha com um olhar amável e parece convidá-lo a se aproximar. Digo “pergunta com timidez” porque os sofrimentos, além de uma profunda compaixão, por algum motivo inspiram também o medo de ofender e um elevado respeito por aquele que os suporta.

– Na perna – responde o soldado, mas nesse mesmo instante você repara, pelas dobras do cobertor, que da coxa para baixo ele não tem perna. – Agora, com a graça de Deus, quero pedir minha dispensa – acrescenta.

– E faz muito tempo que se feriu?
– Completou agora a sexta semana, Vossa Nobreza!
– E está doendo?
– Não, agora não dói nada; só sinto umas pontadas na panturrilha quando o tempo fica ruim, mas é uma coisa à toa.

– Como você foi ferido?
– No quinto bastião, Vossa Nobreza, foi o primeiro *bambardeio*: apontei o canhão, comecei a me afastar desse jeito assim, para a outra canhoneira, e foi aí que acertaram na minha perna e parece que caí num buraco. Olhei e não tinha mais perna.

– Mas não sentiu dor naquele primeiro momento?
– Uma coisa à toa. Era como se tivessem derramado um troço bem quente na minha perna.

– E depois?

– E depois, nada; só parecia que começavam a esticar minha pele, dava uma espécie de ardência. A primeira coisa, Vossa Nobreza, é não pensar muito: quando a gente não pensa, para a gente não é mais nada. Tudo vem mais daquilo que a pessoa pensa.

Nesse instante, se aproxima de você uma mulher de vestido cinza listrado, com um lenço preto na cabeça; intromete-se na sua conversa com o marinheiro e começa a falar sobre ele, de seus sofrimentos, da situação desesperadora em que esteve durante quatro semanas, como ele, ferido, deteve os homens que levavam sua maca a fim de ver o disparo da nossa bateria de canhões, como príncipes importantes conversaram com ele e lhe concederam vinte e cinco rublos, e como ele lhes disse que queria ir de novo ao bastião para ensinar os jovens, se não pudesse mais fazer seu trabalho. Enquanto fala tudo isso de um só fôlego, a mulher olha ora para você, ora para o marinheiro, que, virado para o outro lado e como se não a ouvisse, belisca o algodão do seu travesseiro, e os olhos dela brilham com um entusiasmo incomum.

– Ela é minha patroa, Vossa Nobreza! – explica o marinheiro com a expressão de quem diz: “O senhor a desculpe. Sabe como são as mulheres... falam umas besteiras”.

Você começa a compreender os defensores de Sebastopol; por algum motivo, você tem vergonha de si mesmo, diante desse homem. Tem vontade de lhe dizer muito mais para expressar sua solidariedade e admiração; mas você não encontra palavras ou não fica satisfeito com as que lhe vêm à cabeça – e você se curva em silêncio diante dessa grandeza silenciosa, espontânea, e dessa firmeza de ânimo, desse pudor diante da própria dignidade.

– Bem, que Deus permita que você se recupere depressa – você diz e se detém diante de outro ferido, deitado no chão e, ao que parece, à espera da morte, entre padecimentos insuportáveis.

É um homem louro, de rosto pálido e gorducho. Está deitado de costas, o braço esquerdo dobrado para trás, numa posição que exprime um sofrimento cruel. A boca seca e aberta ressoa um rosnado ofegante; olhos azuis, cor de estanho, virados para cima e, saindo por baixo da coberta embolada, se vê o que sobrou da mão direita, enrolada em ataduras. O cheiro pesado de um corpo morto atinge você com mais força ainda, e a devastadora febre interior que penetra todos os membros da vítima parece penetrar também você.

– O que foi? Ele está inconsciente? – você pergunta à mulher que vai a seu lado e que olha para você com carinho, como se olha para um parente.

– Não, ainda está consciente, mas seu estado é muito ruim – acrescenta num sussurro. – Eu hoje lhe dei chá... Afinal, mesmo de uma pessoa estranha devemos ter piedade... Mas ele quase não bebeu.

– Como está se sentindo? – você pergunta. O ferido revira as pupilas ao ouvir sua voz, mas não vê nem entende você.

– É de cortar o coração.

Um pouco mais além, você verá um velho soldado que troca a roupa de cama. O rosto e o corpo têm uma espécie de cor marrom e são magros como um esqueleto. Um braço, ele não tem: foi extirpado no ombro. Está bem-disposto, recuperou-se; mas pelo olhar morto, turvo, pela terrível magreza e pelas rugas do rosto, você vê que essa criatura já consumiu em sofrimentos a melhor parte da vida.

Do outro lado, você verá, sobre a maca, o rosto sofrido, pálido e meigo de uma mulher, em cujas faces arde um rubor delirante de febre.

– É a esposa de um marinheiro e sua perna foi atingida por uma bomba no dia cinco – explica sua guia. – Ela foi levar o almoço para o marido no bastião.

– O que houve? Cortaram?

– Cortaram acima do joelho.

Agora, se os seus nervos são fortes, atravesse a porta da esquerda: nesta sala, fazem os curativos e as operações. Você verá os médicos com braços ensanguentados até os cotovelos, com a fisionomia

pálida e sombria, atarefados em redor da maca na qual, com olhos arregalados e, como num delírio, falando palavras absurdas, às vezes simples e comoventes, jaz um homem ferido e sob o efeito de clorofórmio. Os médicos estão ocupados com a tarefa repulsiva, mas benéfica, da amputação. Você verá a faca afiada e curva entrar no corpo branco e saudável; verá o grito terrível e dilacerante e as imprecações de um ferido que volta de repente à consciência; verá como o enfermeiro joga para o lado um braço cortado; verá como, na mesma sala, outro ferido jaz sobre a maca e, olhando a operação de seu camarada, se contorce e geme não só por causa da dor física, mas também devido aos sofrimentos morais da expectativa – verá cenas horríveis que vão abalar sua alma; verá a guerra não pelo aspecto correto, bonito e radioso, com música e tambores, com bandeiras esvoaçantes e generais garbosos, mas verá a guerra em sua expressão real – no sangue, nos sofrimentos, na morte...

Ao sair dessa casa de sofrimento, você vai experimentar forçosamente um sentimento agradável, vai respirar mais fundo o ar fresco, vai sentir a satisfação da consciência da própria saúde, mas ao mesmo tempo, com a contemplação daqueles sofrimentos, vai se imbuir da consciência da própria insignificância e, serenamente, sem hesitar, seguirá para os bastiões...

“O que significam a morte e os sofrimentos de um verme insignificante como eu, em comparação com tantas mortes e tantos sofrimentos?” Mas a imagem do céu limpo, do sol radiante, da cidade bonita, da igreja aberta e de soldados que se movimentam em várias direções leva seu espírito de volta ao estado normal de leviandade, de preocupações ligeiras e de interesses apenas por coisas imediatas.

Talvez você encontre em seu caminho, saindo de uma igreja, o cortejo do enterro de algum oficial, com um caixão rosa, música e estandartes esvoaçantes; talvez cheguem a seus ouvidos sons de disparos de canhão que vêm dos bastiões, mas isso não traz você de volta aos pensamentos anteriores; o cortejo fúnebre do oficial lhe parece um espetáculo militar muito bonito, os sons também lhe parecem sons militares muito bonitos e você não associa a esse espetáculo nem a esses sons os pensamentos claros sobre a morte e os sofrimentos que lhe vieram na sala de curativos.

Depois de passar pela igreja e pela barricada, você entra na parte mais animada e mais central da cidade. Em ambos os lados, há tabuletas de lojas e de tabernas. Comerciantes, mulheres de chapéu e xale, oficiais bem-vestidos – todos lhe falam da firmeza de ânimo, da confiança e da segurança dos habitantes.

Entre na taberna à direita, se quiser escutar as conversas dos marinheiros e oficiais: ali sem dúvida se ouvem relatos sobre a noite anterior, sobre Fenka, sobre o combate do dia 24, sobre como as almôndegas são caras e malfeitas e sobre como morreu este ou aquele camarada.

– Diabo, como a coisa anda mal para nós agora! – diz com voz de baixo um louro oficialzinho da Marinha, ainda imberbe, de cachecol verde tricotado.

– Nós quem? De onde? – pergunta outro.

– Do quarto bastião – responde o jovem oficial, e você se vê obrigado a observar com grande atenção e até com certo respeito o oficial louro, ao pronunciar as palavras “no quarto bastião”. Seu desembaraço exagerado, a gesticulação dos braços, o riso e a voz rouca lhe parecem uma insolência, mostram para você o estado de ânimo peculiar de um duelista, que certas pessoas muito jovens adquirem depois de enfrentar o perigo; mas apesar disso você pensa que em seguida ele vai passar a dizer como eram as bombas e as balas que tornavam ruim a situação no quarto bastião: nada disso! A situação estava ruim por causa da lama.

– Era impossível chegar à bateria – diz ele, apontando para as botas cobertas de lama até acima da panturrilha.

– E hoje mataram o melhor chefe de artilharia, um tiro em cheio na testa – conta outro.

– Quem era? Mitiúkhin?

– Não... E aí, será que não vai me trazer essa vitela nunca? Que canalhas! – acrescenta para o criado da taberna. – Não foi o Mitiúkhin, mas sim o Abrossímov. Como era corajoso, participou de seis incursões...

No outro canto da mesa, atrás dos pratos de almôndegas com ervilha e de uma garrafa de vinho azedo da Crimeia chamado bordeaux, estão sentados dois oficiais da infantaria: um jovem, de gola vermelha e com duas medalhas no capote, conta para o outro, velho, com gola preta e sem medalhas, como foi o combate em Alma. O primeiro já bebeu um pouco e, pelas pausas em sua narração, pelo olhar hesitante, que exprime dúvidas de estarem acreditando no que diz e, acima de tudo, pelo papel de destaque que desempenhou em tudo aquilo e pelo fato de que tudo foi horrível, percebe-se logo que ele se desvia bastante do relato rigoroso da verdade. Mas você não liga para essas histórias, que por muito tempo ainda vai ouvir em todos os cantos da Rússia: você quer ir, o mais depressa possível, para os bastiões, mais exatamente para o quarto bastião, sobre o qual lhe falaram tanto e de maneira tão diferente. Quando alguém diz que esteve no quarto bastião, diz com uma satisfação e um orgulho especial; quando alguém diz: “Vou ao quarto bastião”, é impossível não perceber uma pequena emoção ou uma indiferença exagerada; quando querem caçoar de alguém, dizem: “Deviam mandar você para o quarto bastião”; quando encontram soldados com uma maca e perguntam: “De onde vêm?”, na maioria das vezes respondem: “Do quarto bastião”. No geral, existem duas opiniões completamente distintas a respeito desse terrível bastião: há aqueles que nunca estiveram lá e que estão convencidos de que o quarto bastião é o túmulo certo dos que vão para lá, e há aqueles que vivem lá, como o louro aspirante a oficial, e que ao falar sobre o quarto bastião dizem para você que lá é seco ou enlameado, que é quente ou frio nos abrigos sob a terra etc.

Na meia hora que você passou na taberna, o tempo acabou mudando: a neblina que se alastrava pelo mar se condensou em nuvens cinzentas, monótonas e úmidas que encobriram o sol; uma espécie de garoa tristonha escorre do alto e molha os telhados, as calçadas e o capote dos soldados...

Depois de passar por outra barricada, você sai por um portão à direita e sobe por uma rua larga. Atrás dessa barricada, há casas desabitadas de ambos os lados da rua, não há tabuletas, há portas fechadas com tábuas, janelas arrombadas, aqui um canto de parede caído, ali um telhado perfurado. As construções parecem velhos veteranos que experimentaram todas as desgraças e privações e olham para você com orgulho e certo desprezo. No caminho, você tropeça em balas de canhão que rolam e em covas cheias de água, abertas pelas bombas que caíram no calçamento de pedras. Pela rua, você encontra e deixa para trás destacamentos de soldados, cossacos da infantaria, oficiais; de vez em quando se encontra uma mulher ou uma criança, mas a mulher já não está de chapéu, é a esposa de um marinheiro, veste um velho casaco de pele e calça botas de soldado. Seguindo adiante pela rua e descendo uma pequena ladeira, você nota que à sua volta não há mais casas, apenas estranhos amontoados de entulho e pedras, tábuas, barro e troncos; à sua frente, num morro escarpado, você vê um terreno negro e lamacento sulcado por valas, e isso na sua frente é o quarto bastião... Aqui, há ainda menos gente, não se vê mulher nenhuma, os soldados andam depressa, pelo caminho você pisa em respingos de sangue e certamente vai encontrar quatro soldados com uma padiola e, na padiola, um rosto pálido e amarelado e um capote ensanguentado. Se você pergunta: “Onde se feriu?”, os padioleiros, irritados, sem se voltarem para você, dizem: na perna, ou no braço, se o ferimento for leve; ou apenas se calam, carrancudos, se da padiola não se ergue uma cabeça e se o soldado está morto ou gravemente ferido.

Não muito longe, o assóvio de balas de canhão ou de bombas o surpreende de modo desagradável, na mesma hora em que você começa a subir o morro. De repente você entende, e de maneira em tudo distinta da anterior, o significado dos sons de tiros que ouvia na cidade. Uma recordação calma e agradável lampeja de súbito em sua mente; sua própria personalidade passa a interessá-lo mais do que as observações exteriores; você presta menos atenção em tudo que o cerca e um sentimento desagradável de hesitação o domina de repente. Apesar dessa voz infame que, em face do perigo, começa a falar em seu interior, você – sobretudo depois de ver o soldado que, abanando os braços e patinando pelo morro na lama líquida, passa ligeiro, a trote, com uma risada – você é obrigado a calar aquela voz, sem querer apruma o peito, levanta mais a cabeça e escala a custo o morro escorregadio e barrento. Mal você galgou

um pouco o morro, balas de carabina começam a zunir à direita e à esquerda, você se detém para pensar se não é melhor ir pela trincheira que avança paralela ao caminho, mas a trincheira está cheia até acima do joelho com uma lama tão líquida, amarela e fedorenta que você é obrigado a optar pelo caminho no morro, tanto mais porque você vê que todos seguem por esse caminho. Depois de avançar uns duzentos passos, você entra num vasto terreno enlameado e cortado por sulcos, cercado de todos os lados por gabiões, aterros, paióis, plataformas e abrigos sob a terra, onde se encontram grandes armas de ferro e balas de canhão em montes bem-arrumados. Tudo isso lhe parece apenas um amontoado de coisas sem nenhum propósito, coerência ou ordem. Ali, numa bateria, há um bando de marinheiros sentados; mais adiante, no meio de uma área plana, há um canhão quebrado e enterrado na lama até a metade, noutra canto um soldadinho da infantaria, com o fuzil em punho, atravessa as baterias e, com dificuldade, desprende os pés da lama pegajosa. Porém, em toda parte, de todos os lados e de todos os lugares, você vê cacos, bombas não detonadas, balas de canhão, vestígios de um acampamento, e tudo isso submerso na lama líquida e pegajosa. Você tem a impressão de ouvir, não longe de onde está, o baque de uma bala de canhão, de todos os lados parece ouvir diversos sons de balas – zunem como abelhas, sibilam ou guincham como uma corda que vibra –, ouve o medonho estrondo de um tiro de canhão, que a todos abala e que lhe parece algo aterrador.

“Então aqui está ele, o quarto bastião, aqui está o lugar terrível, de fato horroroso”, você pensa, experimentando um pequenino orgulho e um grande sentimento de temor reprimido. Mas você fica desapontado: ainda não é o quarto bastião. É o reduto de Iazónov – um lugar, em comparação, muito menos perigoso e sem nada de terrível. Para ir ao quarto bastião, tome à direita, por essa trincheira estreita onde um soldadinho da infantaria caminha a custo e curvado. Nessa trincheira talvez você encontre de novo padioleiros, marinheiros, soldados com pás, verá equipamentos para instalar minas, abrigos subterrâneos no meio da lama onde só cabem duas pessoas abaixadas e verá cossacos da infantaria dos batalhões do mar Negro que aí trocam os sapatos, comem, fumam cachimbo, vivem, e verá de novo por toda parte a mesma lama fedorenta, vestígios de acampamento e sucata de ferro de todos os aspectos possíveis. Depois de avançar mais uns trezentos passos, você sairá de novo na bateria – na área plana, cortada por fossos e rodeada por gabiões cheios de terra, por canhões sobre plataformas e por aterros. Aqui, você talvez verá uns cinco marinheiros jogando baralho ao pé de um muro fortificado e um oficial da Marinha que, ao perceber que você é uma pessoa nova ali e curiosa, com prazer irá lhe mostrar seu abrigo e tudo o que puder ser de interesse para você. Esse oficial enrola um cigarro de papel amarelo com tanta calma, sentado num canhão, passa com tanta calma de uma canhoneira para outra, fala com você sem a menor afetação e com tanta calma que, apesar das balas que zunem acima de sua cabeça com mais insistência do que antes, você mesmo adquire sangue-frio, faz perguntas e escuta com atenção as histórias do oficial. Esse oficial vai lhe contar – mas só se você pedir – como foi o bombardeio do dia 5, vai contar que na sua bateria só um canhão estava em condições de disparar e que, de todo o contingente inicial, restaram oito homens e que mesmo assim, na manhã seguinte, dia 6, ele disparou com todos os canhões; vai lhe contar que no dia 5 caiu uma bomba no abrigo subterrâneo dos marinheiros e abateu onze homens; vai lhe mostrar, através de uma canhoneira, as baterias e as trincheiras do inimigo, que se encontram a não mais de trinta ou quarenta *sájeni* de distância. Só receio que, sob a influência do zunido das balas, espiando pela canhoneira para avistar o inimigo, você não veja nada, e, se vir, verá que esse amontoado branco de pedras, tão perto de você, onde cintilam fumacinhas brancas, esse mesmo amontoado branco é o próprio inimigo – ele, como dizem os soldados e os marinheiros.

É muito possível até que o oficial da Marinha, por vaidade ou simplesmente para proporcionar um prazer a você, queira dar uns tiros em sua presença. “Chamem para o canhão o chefe da bateria e os soldados de serviço”, e uns catorze marinheiros animados, alegres, um enfiando o cachimbo no bolso, outro terminando de mastigar um pedaço de pão seco, se aproximam do canhão, batendo na plataforma com as botas de sola ferrada, e o carregam. Observe o rosto, o comportamento e os movimentos dessas

pessoas: em cada ruga desse rosto bronzeado e de zigomas salientes, em cada músculo, na largura desses ombros, na espessura desses pés metidos em botas enormes, em cada movimento, calmo, firme, ponderado, percebem-se os traços principais que constituem a força de um russo – a simplicidade e a perseverança; mas aqui lhe parece que o perigo, a maldade e os sofrimentos da guerra inscreveram em cada rosto, além daqueles traços principais, as marcas da consciência da própria dignidade e de uma grandeza de pensamento e de sentimento.

De repente um estrondo tremendo, que abala não só os órgãos auditivos, mas todo o seu ser, o espanta de tal modo que você estremece no corpo inteiro. Em seguida você ouve o zunido de um obus que se afasta, e uma densa fumaça de pólvora obscurece você, a plataforma e os vultos negros dos marinheiros que se movimentam ali. Por causa desse nosso disparo, você ouvirá diversos comentários dos marinheiros e verá a animação deles e a demonstração de um sentimento que talvez você não esperasse encontrar – o sentimento de ódio, de vingança contra o inimigo, que se oculta na alma de todos. “Caiu em cheio na *cunhuneira*; parece que matou dois... já vão tarde”, você ouvirá entre exclamações de alegria. “Agora é que ele vai ficar com raiva: vai disparar para cá”, diz alguém; e de fato, logo depois disso, bem na sua frente, você verá um relâmpago, uma fumaça; a sentinela que está no muro fortificado grita: “Canhã-ã-ão!”. E logo depois uma bala de canhão passa zunindo por você, desaba na terra e, abrindo uma cratera, espirra à sua volta respingos de lama e pedras. O comandante da bateria se irrita por causa dessa bala, ordena que carreguem mais dois canhões, o inimigo também começa a responder ao nosso fogo e você experimenta sentimentos interessantes, ouve e vê coisas interessantes. A sentinela grita outra vez: “Canhão!”, e você ouve o mesmo som e o baque, os mesmos respingos; ou ele grita: “*Markela!*”,⁷ e você escuta o assovio regular e bastante agradável da bomba, que é difícil associar a uma ideia de horror, escuta esse assovio que se aproxima de você, e que acelera, depois vê uma bola negra, um baque na terra, a palpável e ressoante explosão da bomba. Depois, estilhaços espirram com um zunido e um uivo, pedras se chocam no ar e lama respinga em você. Ao ouvir esses sons, você experimenta um estranho sentimento de prazer e medo ao mesmo tempo. Nesse instante é como se você soubesse que a bala de canhão viria na sua direção e então lhe vem a ideia de que a bala vai matar você; mas o sentimento de amor-próprio o contém e ninguém nota a faca que corta seu coração. Por outro lado, quando a bala de canhão passa voando sem atingi-lo, você se anima e um sentimento extraordinariamente agradável e benfazejo o domina, mas só por um momento, pois você encontra um prazer especial no perigo, nesse jogo de vida e de morte; vem o desejo de que as balas de canhão e as bombas caiam à sua volta e cada vez mais perto. Porém outra sentinela gritou com sua voz alta e grossa: “*Markela!*”, e também um assovio, um baque e o estrondo de uma bomba; mas, junto com esse som, você é surpreendido pelo gemido de um homem. Ao mesmo tempo que os padioleiros, você se aproxima do ferido, que, no sangue e na lama, tem um estranho aspecto inumano. Uma parte do peito do marinheiro foi arrancada. Nos primeiros instantes, em seu rosto respingado de lama, percebem-se um espanto e uma fingida e antecipada expressão de sofrimento, própria do homem em tal situação; mas na hora em que o colocam na maca e ele mesmo se deita sobre o lado sadio, você nota que essa expressão deu lugar a uma expressão de certo entusiasmo e de um pensamento elevado e indizível: os olhos ardem com mais força, os dentes se comprimem, a cabeça, com esforço, se ergue mais um pouco; e na hora em que o levantam, ele detém os padioleiros e, com dificuldade e voz trêmula, diz para seus camaradas: “Adeus, irmãos!”, e ainda quer falar mais alguma coisa e é visível que quer dizer algo comovente, mas apenas repete mais uma vez: “Adeus, irmãos!”. Nesse momento, um marinheiro se aproxima dele, coloca o quepe na cabeça que o ferido estica em sua direção e, com calma, indiferença, abanando os braços, retorna ao seu canhão.

– É assim todo dia, com sete ou oito homens – diz o oficial da Marinha, em resposta à expressão de horror que vê em seu rosto, enquanto boceja e enrola um cigarro de papel amarelo. Desse modo, você viu os defensores de Sebastopol no próprio lugar da defesa e volta atrás, sem mostrar, por algum motivo, a menor atenção aos obuses e às balas que continuam a assoviar por todo o seu caminho até o teatro das

ruínas – você anda com o espírito calmo, elevado. Acima de tudo, traz uma convicção consoladora – a convicção da impossibilidade de que tomem Sebastopol, e não só de que tomem Sebastopol, mas também de que abalem a força do povo russo, onde quer que seja –, e você viu essa impossibilidade não na profusão de vigas, barreiras, trincheiras ardilosas, minas e canhões, uns sobre os outros, dos quais você nada compreendeu, mas viu-a, sim, nos olhos, nas palavras, nos procedimentos, naquilo que é chamado de espírito dos defensores de Sebastopol. Aquilo que eles fazem, o fazem com tanta simplicidade, com tão pouco esforço e tensão que você se convence de que podem fazer ainda cem vezes mais do que isso... podem fazer tudo. Você compreende que o sentimento que os obriga a trabalhar não é o sentimento de insignificância, de vaidade, de entorpecimento que você mesmo experimentou, mas outra espécie de sentimento, mais poderoso, que faz deles pessoas capazes de viver sob as balas de canhão, em face de cem possibilidades de morrer, em lugar de uma só, à qual estão sujeitas as outras pessoas, e que de fato vivem nessas condições em meio ao trabalho ininterrupto, à vigília e à lama. Medalhas, títulos de nobreza e ameaças não conseguiriam levá-los a enfrentar essas condições horríveis: deve haver outra causa, elevada e estimulante. E essa causa é um sentimento que se manifesta raramente, vergonhoso para um russo, mas que repousa no fundo da alma de todos – o amor à pátria. Só agora os relatos sobre os primeiros momentos do sítio de Sebastopol, quando lá não havia fortificações, não havia tropas, não havia possibilidade física de manter o domínio da cidade e, mesmo assim, não havia a mínima dúvida de que ela não se renderia ao inimigo – sobre o tempo em que aquele herói, digno da Grécia antiga, Kornílov, ao passar as tropas em revista, disse: “Morreremos, rapazes, mas não entregaremos Sebastopol”, e nossos russos, pouco chegados a palavrórios, responderam: “Morreremos! Hurra!” –, só agora os relatos sobre aquele tempo deixaram de ser, para você, uma bonita lenda histórica e tornaram-se um fato fidedigno. Você entende com clareza, visualiza em sua mente aquelas pessoas, as quais agora está vendo, os heróis que, em tempos difíceis, não tombaram, engrandeceram-se com a coragem e prepararam-se com prazer para a morte, não pela cidade, mas pela pátria. Viverão na Rússia por muito tempo os traços dessa epopeia de Sebastopol, cujo herói foi o povo russo...

Já anoitece. O sol, antes de se pôr, apareceu por trás das nuvens cinzentas que encobrem o céu e, de repente, ilumina com uma luz púrpura as nuvens lilás, o mar esverdeado, os navios cobertos e os botes que oscilam na ondulação larga e ritmada da maré, as construções brancas da cidade e o povo que se move pelas ruas. Espalham-se pela água as notas de uma antiga valsa que uma banda militar toca no bulevar e os sons de tiros que vêm dos bastiões e que lhe fazem um estranho eco.

Sebastopol, 25 de abril de 1855

SEBASTOPOL EM MAIO

I

Já fazia seis meses que a primeira bala de canhão disparada dos bastiões de Sebastopol tinha assoviado e rasgado a terra das fortificações do inimigo e, desde então, milhares de bombas, obuses e balas não pararam de voar dos bastiões para as trincheiras e das trincheiras para os bastiões, e o anjo da morte continuava a pairar sobre eles.

Milhares de pessoas foram ofendidas em seu amor-próprio, milhares conseguiram uma satisfação,

encheram-se de orgulho, e milhares foram descansar nos braços da morte. Quantas estrelinhas foram espetadas no peito, quantas homenagens, quantas Annas, quantos Vladímirs, quantos caixões rosados e quantos véus de linho! E sempre os mesmos sons não param de ressoar dos bastiões e sempre os mesmos franceses, com um tremor involuntário e um temor supersticioso, observam de seu acampamento, na noite clara, a terra amarelada e esburacada dos bastiões de Sebastopol, os vultos negros de nossos marinheiros que se movimentam por eles e avaliam as canhoneiras das quais os canhões de ferro apontam ferozes; sempre o mesmo sargento da Marinha observa pela luneta, do alto da torre do telégrafo, as figuras coloridas dos franceses, suas baterias, barracas, colunas, que se movem pelo monte Verde, e as fumacinhas que espirram nas trincheiras; e sempre com o mesmo ardor multidões heterogêneas acorrem de várias partes do mundo para esse lugar fatal, com aspirações ainda mais heterogêneas.

E a questão que os diplomatas não resolveram o sangue e a pólvora resolvem menos ainda.

Muitas vezes me veio um pensamento estranho: e se um dos lados em guerra propusesse ao outro enviar apenas um soldado de ambos os Exércitos? O desejo podia parecer estranho, mas por que não satisfazê-lo? Depois enviariam outro de cada lado, depois um terceiro, um quarto etc., até que restasse, afinal, só um soldado de cada Exército (supondo que os Exércitos tivessem forças equivalentes e que a qualidade fosse substituída pela quantidade). E então, se de fato complexas questões políticas entre representantes racionais de criaturas racionais devem ser resolvidas por meio de uma luta, que lutem esses dois soldados – um para tomar a cidade, o outro para defendê-la.

Esse raciocínio apenas parece paradoxal, mas é justo. Na verdade, qual seria a diferença entre um russo que luta contra um representante dos aliados e oitenta mil soldados que lutam contra outros oitenta mil? Por que não cento e trinta e cinco mil contra cento e trinta e cinco mil? Por que não vinte mil contra vinte mil? Por que não vinte contra vinte? Por que não um contra um? Nenhuma das opções é mais lógica do que a outra. Ou melhor, a última é imensamente mais lógica, pois é mais humana. Das duas, uma: ou a guerra é uma loucura, ou, se as pessoas praticam tal loucura, não são absolutamente criaturas racionais, como nos habituamos a pensar, sabe-se lá por quê.

II

A banda militar tocava no bulevar, em torno do pavilhão, na sitiada cidade de Sebastopol, e uma multidão de militares e mulheres andava pelas ruazinhas com ar festivo. O sol radiante da primavera se erguera desde manhãzinha sobre as fortificações dos ingleses, alcançou os bastiões e, depois, a cidade – alcançou a caserna Nikolai e, brilhando com alegria para todos igualmente, agora baixava na direção do distante mar azul, que, ondulando ritmado, refletia um brilho cor de prata.

Um oficial de infantaria, alto e um pouco recurvado, com uma luva limpa mas não muito branca na mão, saiu pelo portão de um dos pequenos casebres dos marinheiros, construídos no lado esquerdo da rua Morskaia, e, olhando pensativo para os pés, dirigiu-se para o morro e para o bulevar. A expressão do rosto feio e de testa estreita desse oficial denunciava uma capacidade intelectual obtusa, mas também sensatez, honra e uma propensão à honestidade. Era mal composto – pernas compridas, desajeitado e, nos movimentos, parecia tímido. Usava um quepe ainda em bom estado, um capote fino, um pouco estranho, de cor lilás, em cuja beirada se via a correntinha de ouro de um relógio; calças com presilhas e botas de pele de bezerro, limpas, reluzentes, embora com os saltos um pouco gastos em vários lados – mas não tanto por essas coisas, que não é costume encontrar num oficial de infantaria, e sim pela expressão geral de sua pessoa, um olhar militar experiente seria capaz de distinguir nele, na mesma hora, não um oficial de infantaria absolutamente comum, mas um oficial um pouco mais elevado. Poderia ser um alemão, caso as feições do rosto não denunciasses sua origem puramente russa, ou um ajudante de ordens, ou o chefe

da intendência do regimento (mas nesse caso usaria esporas), ou um oficial transferido da cavalaria, ou até da guarda, em tempo de campanha. De fato, ele tinha sido transferido da cavalaria e, naquele momento, enquanto subia pelo bulevar, pensava na carta que acabara de receber de um antigo camarada, agora na reserva, senhor de terras na província de T., e da esposa dele, a pálida Natacha, de olhos azuis, sua grande amiga. Lembrava-se de uma passagem da carta em que seu camarada escrevia:

Na mesma hora em que nos entregam O Inválido,¹ Pupka (assim o ulano da reserva chama sua esposa) se lança esbaforida na direção da porta, agarra o jornal e corre com ele para o banco em S, de dois lugares, no caramanchão, na salinha de visitas (onde você lembra que passávamos esplendidamente as noites de inverno em sua companhia, quando o regimento esteve em nossa cidade), e lê as suas façanhas heroicas com um ardor tão grande que você nem é capaz de imaginar. Muitas vezes fala de você: “Esse é o Mikháilov”, diz ela. “Que homem querido, sou capaz de cobri-lo de beijos, quando o vir... ele está combatendo nos bastiões e não há dúvida de que vai ganhar a Cruz de São Jorge, os jornais escrevem sobre ele” etc. etc., e a tal ponto que eu, francamente, começo a ter ciúmes de você.

Em outro trecho, escreve:

Recebemos os jornais com um atraso terrível e, embora cheguem muitas notícias de boca em boca, não se pode acreditar em tudo. Por exemplo, as senhoras da música, que você conhece, contaram ontem que Napoleão foi capturado pelos nossos cossacos e enviado para Petersburgo, mas você compreende até que ponto acredito nisso. Um homem que chegou há pouco de Petersburgo (ele trabalha com um ministro, tem um cargo especial, um homem prendado, e agora, como não há ninguém na cidade, você nem pode imaginar que ressource² ele representa para nós) contou-nos, e diz saber de fonte segura, que nossas tropas tomaram Eupatória, de modo que os franceses não têm mais comunicação com Balaklava, e que nessa luta morreram duzentos soldados nossos, ao passo que os franceses perderam quinze mil. Minha esposa ficou numa tal agitação com isso que festejou a noite inteira e diz que você, com toda a certeza, segundo o pressentimento dela, tomou parte nessa luta e se destacou.

Apesar das palavras e das expressões que sublinhei de propósito, e do tom da carta toda, que certamente levarão o leitor presunçoso a conceber uma imagem francamente desfavorável a respeito da probidade do próprio capitão ajudante Mikháilov, com suas botas surradas, bem como a respeito de seu camarada, que escreve *ressource* e tem uma noção tão estranha de geografia, e também a respeito da pálida amiga no banco em S (talvez até, e não sem certa razão, tenha imaginado essa Natacha com unhas sujas), e no geral a respeito de todo esse círculo provinciano, festivo e meio sujo, desprezível para esse leitor, apesar de tudo isso, o capitão ajudante Mikháilov, com um inexprimível prazer melancólico, lembrava-se de sua pálida amiga provinciana e de como ficavam juntos à noite no caramanchão e falavam do sentimento, lembrava-se de seu bom camarada, o ulano, que se zangava se perdia quando jogavam baralho no seu escritório apostando um copeque, e de como a esposa ria dele – lembrava-se da amizade que aquelas pessoas tinham por ele (talvez, era sua impressão, houvesse uma amizade maior por parte da amiga pálida): todas aquelas pessoas, com suas circunstâncias, passaram num lampejo pela sua mente, com uma cor surpreendentemente doce, rósea e alegre, e ele, sorrindo com suas lembranças, enfiava a

mão no bolso e tocava naquela carta, preciosa para ele. Tais lembranças tinham, para o capitão ajudante Mikháilov, um encanto ainda maior porque o círculo em que lhe cabia viver agora, no regimento de infantaria, era muito inferior àquele em que antes circulava, na condição de cavalariano e de cavalheiro para as damas, um homem muito bem recebido em toda parte da cidade de T.

Seu círculo anterior era a tal ponto superior ao de agora que, quando, nos momentos de franqueza, lhe acontecia de contar aos camaradas de infantaria como eram numerosas as carruagens que possuía, como ele dançava em bailes na residência do governador e jogava cartas com um general do Estado-Maior, ouviam-no com incredulidade e indiferença, como se apenas não quisessem contradizê-lo e parecer antipáticos – “Deixe para lá, que fale à vontade” –, e se ele não demonstrava um aberto desprezo pelas farras dos camaradas – pela vodca, pelo jogo a um quarto de copeque com cartas velhas, e pela grosseria em geral nas relações entre eles –, isso se devia atribuir à especial docilidade, cortesia e sensatez de seu caráter.

Das lembranças, o capitão ajudante passou, automaticamente, para sonhos e esperanças. “Que surpresa e alegria terá Natacha”, pensou ele, enquanto andava por uma ruazinha estreita, com suas botas gastas, “quando ler de repente no *Inválido* a descrição de como fui o primeiro a tomar um canhão e que assim ganhei a Cruz de São Jorge. Devo receber o posto de capitão por força de uma recomendação antiga. Depois posso ganhar com muita facilidade, nesse mesmo ano, o posto de major na frente de combate, porque muitos já foram mortos e com certeza muitos de nossos irmãos serão mortos nesta campanha. E depois haverá outra batalha e eu, como um homem famoso, ganharei o posto de coronel... tenente-coronel... Anna no pescoço... coronel...” E logo ele já era general, digno de fazer visitas a Natacha, viúva de seu camarada, que em seus sonhos, naquela altura, já teria morrido, quando os sons da banda de música no bulevar chegaram aos seus ouvidos com mais nitidez, uma multidão surgiu diante de seus olhos e ele se viu de repente no bulevar, como o mesmo capitão ajudante de infantaria de antes, desajeitado, tímido e nem um pouco famoso.

III

Primeiro, ele se aproximou do pavilhão junto ao qual estavam os músicos, para os quais outros soldados do mesmo regimento serviam de estantes, segurando as partituras abertas, e em redor dos quais, antes olhando do que ouvindo, reunia-se uma rodinha de escreventes, *junkers*, babás com crianças e oficiais em capotes velhos. Em redor do pavilhão, havia pessoas de pé, sentadas, andando, na maior parte marinheiros, ajudantes de ordens e oficiais de luvas brancas e capotes novos. Na grande alameda do bulevar, caminhavam todos os tipos de oficiais e todos os tipos de mulheres, às vezes de chapéu, na maior parte de xale sobre a cabeça (havia algumas sem chapéu e sem xale), mas nenhuma era velha e chamava mesmo a atenção o fato de serem todas jovens. Abaixo, pelas alamedas sombreadas e perfumadas por acácias brancas, havia grupos separados, uns caminhando, outros sentados.

Ninguém se mostrou especialmente alegre por encontrar o capitão ajudante Mikháilov no bulevar, exceto, talvez, Óbjogov e Súslikov, capitães de seu regimento, que apertaram sua mão com veemência, mas o primeiro estava de calças de pele de camelo, sem luvas, com um capote puído e o rosto muito vermelho e suado, e o segundo gritava tão alto e com tamanha insolência que dava vergonha andar ao lado deles, sobretudo na frente de oficiais de luvas brancas, a um dos quais – um ajudante de ordens – o capitão ajudante Mikháilov saudou com uma inclinação respeitosa, e a um outro – um oficial do Estado-Maior – ele pôde saudar da mesma forma, pois já o havia encontrado duas vezes em casa de um amigo comum. De resto, que alegria ele poderia encontrar em passear com aqueles dois senhores, Óbjogov e Súslikov, já que os encontrava, de todo jeito, seis vezes por dia e sempre apertavam as mãos? Não era

para isso que ele ia à *música*.

Sua intenção era aproximar-se do ajudante de ordens a quem saudara com uma reverência e travar conversa com aqueles senhores, não tanto para que os capitães Óbjogov e Súslikov, o tenente Pachtiétski e outros vissem que conversava com eles, mas simplesmente porque eram pessoas agradáveis, que além do mais sabiam de todas as novidades e contariam...

Mas então por que o capitão ajudante Mikháilov tem medo e não se decide a se aproximar deles? “E se de repente não me cumprimentam?”, pensa. “Ou me cumprimentam e depois continuam a conversar entre si, como se eu nem existisse, ou até se afastam de mim, e eu acabo ficando sozinho no meio de *aristocratas*?” A palavra “*aristocratas*” (no sentido de um círculo elevado e seletivo, a despeito da classe social) ganhou de um tempo para cá uma grande popularidade entre nós, na Rússia, onde a rigor não deveria existir de maneira nenhuma, e penetrou em todos os setores e camadas da sociedade em que a vaidade penetrou por pouco que seja (mas em que tempo e em que circunstância não penetra essa paixão nefasta?) – entre comerciantes, funcionários públicos, escreventes, oficiais, em Sarátov, Mamadich, Vínitsi, em toda parte onde existam pessoas. E como há muita gente na cidade sitiada de Sebastopol, a vaidade também é muita, ou seja, também há muitos *aristocratas*, embora a cada instante a morte paire sobre a cabeça de todo *aristocrata* e de todo *não aristocrata*.

Para o capitão Óbjogov, o capitão ajudante Mikháilov é um *aristocrata* porque usa um capote limpo e luvas e isso ele não consegue suportar, embora respeite um pouco. Para o capitão ajudante Mikháilov, o ajudante de ordens Kalúguin é um *aristocrata* porque é ajudante de ordens e trata por “você” os outros ajudantes de ordens e por isso não o encara com simpatia, embora tenha medo dele. Para o ajudante de ordens Kalúguin, o conde Nordóv é um *aristocrata*, e sempre pragueja contra o conde Nordóv e o despreza no fundo da alma, porque é ajudante de ordens da guarda do imperador. Que palavra terrível é “*aristocrata*”. Por que o subtenente Zóbov, apesar de não haver nada de engraçado, ri de maneira tão forçada quando passa por um camarada seu que está sentado com um oficial do Estado-Maior? É para mostrar que, embora não seja *aristocrata*, não é nem um pouco inferior a eles. Por que o oficial do Estado-Maior fala com uma voz tão fraca, indolente e tristonha, que não é a dele? Para mostrar a seu interlocutor que ele é um *aristocrata*, e muito generoso, por dignar-se a conversar com um subtenente. Por que o *junker* balança tanto os braços e fica piscando enquanto caminha atrás de uma senhora que vê pela primeira vez e da qual não se decide a chegar perto? Para mostrar a todos os oficiais que, apesar de tirar o chapéu para eles, ainda assim é um *aristocrata* e se sente muito feliz. Por que um capitão de artilharia trata o simpático ordenança de modo tão grosseiro? Para mostrar a todos que ele nunca bajula ninguém e que não precisa dos *aristocratas* etc. etc. etc.

Vaidade, vaidade e vaidade em toda parte – até na beira do caixão e entre pessoas que se preparam para morrer em nome de uma convicção elevada. Vaidade! É de supor que seja um traço característico e uma enfermidade peculiar do nosso século. Por que não se ouvia falar desse horror entre os antigos, como se falava da varíola e da cólera? Por que será que em nosso século só existem três tipos de pessoas: as que de saída tomam a vaidade como um fato inevitável da existência e, portanto, como algo justo, e a ela se submetem espontaneamente; as que tomam a vaidade como uma condição infeliz, mas inexorável; e por último as que agem sob sua influência, de modo inconsciente e servil? Por que Homero e Shakespeare falavam de amor, de glória e de sofrimentos, mas a literatura de nosso século é apenas um interminável relato de “Esnobismos” e “Vaidades”?³

O capitão ajudante Mikháilov, indeciso, passou duas vezes pelo círculo dos *seus aristocratas* e, na terceira vez, fez um esforço enorme e aproximou-se deles. O círculo era formado por quatro oficiais: o ajudante de ordens Kalúguin, conhecido de Mikháilov; o ajudante de ordens e príncipe Gáltsin, que o próprio Kalúguin considerava um pouco aristocrata; o tenente-coronel Nefiórdov, um dos chamados *cento e vinte e dois*, grupo de homens da alta sociedade que reingressaram no serviço militar, depois de terem ido para a reserva, movidos em parte por patriotismo, em parte por ambição e sobretudo porque

todos estavam fazendo aquilo; e um velho membro do clube dos solteirões de Moscou, que aqui se uniu ao grupo dos insatisfeitos, que nada faziam, nada entendiam e condenavam todas as ordens do comando, o capitão de cavalaria Praskúkhin, também um dos cento e vinte e dois heróis. Para sorte de Mikháilov, Kalúguin se achava num excelente estado de ânimo (o general tinha acabado de conversar com ele em tom de muita confiança e o príncipe Gáltsin, de volta de Petersburgo, tinha ido visitá-lo) e não considerou humilhante estender a mão para o capitão ajudante Mikháilov, o que Praskúkhin, no entanto, não se decidiu a fazer, apesar de encontrar-se com Mikháilov a todo instante nos bastiões, beber muitas vezes sua vodca e seu vinho e até estar lhe devendo doze rublos e meio, perdidos numa partida de *préférence*.⁴ Como não conhecia muito bem o príncipe Gáltsin, não quis revelar diante dele sua amizade com um simples capitão ajudante de infantaria; saudou-o com uma discreta inclinação de cabeça.

– E então, capitão – disse Kalúguin –, quando iremos de novo aos bastiões? Lembra como eu e o senhor nos encontramos no reduto Schwartz? Estava quente, lá, hein?

– Sim, estava quente – respondeu Mikháilov, com uma lembrança amarga de como fizera triste figura naquela noite, quando andava todo curvado dentro de uma trincheira no bastião e encontrou Kalúguin, que caminhava impávido, ereto, fazendo tilintar o sabre no ar, cheio de entusiasmo. – Na verdade eu deveria voltar amanhã, mas como um oficial está doente – continuou Mikháilov –, um oficial, e então... – Queria contar que não era seu turno, mas que, como o comandante do oitavo regimento estava passando mal e no regimento só restava um sargento, ele julgou ser sua obrigação se oferecer para ficar no lugar do tenente Nepchítchetski e por isso iria para o bastião naquele mesmo dia.

Kalúguin não ouviu sua explicação até o fim.

– Pois eu estou com a sensação de que alguma coisa vai acontecer daqui a alguns dias – disse para o príncipe Gáltsin.

– Mas será que não vai acontecer alguma coisa hoje mesmo? – perguntou Mikháilov timidamente, olhando ora para Kalúguin, ora para Gáltsin.

Ninguém respondeu. O príncipe Gáltsin apenas franziu um pouco o rosto, apontou o olhar por cima do quepe de Mikhailov e, depois de ficar calado por um momento, disse:

– Linda mocinha, aquela de xale vermelho. O senhor a conhece, capitão?

– Mora perto do meu alojamento, é filha de um marinheiro – respondeu o capitão ajudante.

– Vamos observá-la mais de perto.

E o príncipe Gáltsin puxou ambos pelo braço, Kalúguin de um lado e o capitão ajudante do outro, convencido de que este não poderia deixar de lhe proporcionar aquele grande prazer, o que de fato era correto.

O capitão ajudante era supersticioso e considerava um grande pecado ter contato com mulheres antes de uma batalha, mas nesse caso fingiu ser um rematado libertino, algo em que Kalúguin e o príncipe Gáltsin obviamente não acreditaram e que ainda por cima deixou extremamente surpresa a mocinha de xale vermelho, que várias vezes notara como o capitão ajudante se ruborizava ao passar pela sua janelinha. Praskúkhin ia atrás deles, sempre puxando o príncipe Gáltsin pelo braço, enquanto fazia diversas advertências em francês; mas como era impossível caminharem os quatro, lado a lado, pela ruazinha, ele foi obrigado a andar sozinho e só na segunda curva tomou pelo braço o oficial da Marinha Serviáguin, famoso pela valentia, que se aproximou dele e começou a conversar, também desejoso de unir-se a um círculo de *aristocratas*. E o famoso valente passou com alegria o braço musculoso e honrado por trás do cotovelo de Praskúkhin, pessoa muito conhecida de todos, assim como do próprio Serviáguin. Mas quando Praskúkhin, ao explicar ao príncipe Gáltsin seu conhecimento com *aquele* marinheiro, sussurrou que se tratava de um famoso valente, o príncipe Gáltsin, que no dia anterior estivera no quarto bastião e vira uma bomba estourar a vinte passos de si, considerava-se não menos valente do que aquele senhor e, supondo que muitas reputações eram adquiridas por coisas à toa, não deu a menor atenção a Serviáguin.

O capitão ajudante Mikháilov tinha tanto prazer de passear naquela companhia que até esqueceu a carta *encantadora* de T., esqueceu os pensamentos sombrios que o importunaram por causa de sua iminente partida para o bastião e, acima de tudo, esqueceu que tinha de estar em casa às sete horas. Continuou com os outros até que começaram a conversar exclusivamente entre si, esquivando-se dos olhares dele, dando a entender que já podia ir embora e, afinal, acabaram se afastando por completo. Mas mesmo assim o capitão ajudante ficou satisfeito e, ao passar pelo barão Piest, um *junker*, que estava especialmente orgulhoso e cheio de si por haver, na noite anterior, ficado pela primeira vez no abrigo blindado do quinto bastião e, por causa disso, considerar-se um herói, Mikháilov não se ofendeu nem um pouco diante da expressão presunçosa e desconfiada com que o *junker* se empertigou diante dele e tirou seu quepe.

IV

Porém, assim que o capitão ajudante atravessou a soleira de seu alojamento, pensamentos muito diferentes lhe vieram à cabeça. Olhou para seu quartinho miúdo, de chão de terra desnivelado e janelas tortas e cobertas com papel, olhou para sua cama velha, com um tapete puído em cima e com a imagem de uma amazona pregada na parede acima da cabeceira, da qual pendiam duas pistolas de Tula, olhou para a cama suja do *junker* que morava com ele, coberta por uma colcha estampada; olhou para o seu Nikita, de cabelos embaraçados e gordurosos, que, se coçando, se levantou do chão; olhou para seu capote velho, para suas botas civis e para seu saco de mantimentos, do qual despontavam a quina de um queijo e o gargalo de uma garrafa de cerveja Porter cheia de vodca, já preparado para sua partida para o bastião, e, com um sentimento parecido com o horror, lembrou de repente que iria passar a noite inteira nas casamatas, junto com sua companhia.

“Com certeza, serei morto hoje”, pensou o capitão ajudante. “Estou sentindo. E o mais importante é que eu nem precisava ir, eu mesmo me ofereci. E são sempre os que pedem para ir que acabam morrendo. Afinal, que doença foi essa que deu no Nepchítchetski? É bem possível que nem esteja doente, e por causa dele vão matar um homem, vão matar, com toda a certeza. No entanto, se não matarem, com toda a certeza serei promovido. Eu vi como o comandante do regimento ficou satisfeito quando pedi sua permissão para ir, caso o tenente Nepchítchetski estivesse doente. Se eu não for promovido a major, é certo que ganharei um Vladímir. Pois já é a décima terceira vez que vou aos bastiões. Ah, treze! Que número nefasto. Vão me matar, não há dúvida, estou sentindo que vão me matar; mas afinal alguém tem de ir, é impossível que a companhia vá só com um sargento, e se alguma coisa acontecer, bem, a honra do regimento e a honra do Exército dependem disso. Meu dever é ir... sim, o dever. Mas tenho um pressentimento.” O capitão ajudante esquecia que esse pressentimento, num grau maior ou menor, lhe vinha toda vez que tinha de partir para um bastião, e não sabia que todos os que partiam para o combate experimentavam, em maior ou menor grau, o mesmo pressentimento. Depois de acalmar-se um pouco graças a essa noção de dever, que era especialmente forte e enraizada no capitão ajudante, assim como em todas as pessoas de visão limitada, ele sentou-se à mesa e começou a escrever uma carta de despedida para o pai, com o qual ultimamente não mantinha relações nada boas, devido a problemas financeiros. Dez minutos depois, tendo terminado a carta, levantou-se com os olhos molhados de lágrimas, recitou em pensamento todas as preces que sabia (porque tinha vergonha de rezar em voz alta) e começou a se vestir. Sentiu ainda muita vontade de beijar a pequena imagem de São Mitrofan, uma bênção deixada pela falecida mãe e na qual ele tinha uma fé especial, mas como sentia vergonha de fazer isso diante de Nikita, passou a imagem para fora da sobrecasaca, de modo que pudesse segurá-la na rua,

sem ter de desabotoar-se. O criado, bêbado e rude, entregou-lhe com preguiça a sobrecasaca nova (a velha, que o capitão ajudante costumava usar quando ia aos bastiões, não estava consertada).

– Por que a sobrecasaca não foi consertada? Você só sabe dormir, que horror! – disse Mikháilov, irritado.

– Dormir, quem dera! – resmungou Nikita. – Fico o dia todo correndo que nem um cachorro: a gente morre de cansaço. E ainda assim não tem como dormir.

– Está embriagado outra vez, estou vendo.

– Não bebi com o seu dinheiro, por que está me acusando?

– Cale-se, sua besta! – gritou o capitão ajudante, já pronto para bater no homem, e se antes já estava nervoso, agora perdeu de todo a paciência, irritado com a grosseria de Nikítin, que ele amava, e até mimava, e com quem morava já havia doze anos.

– Besta! Besta! – repetiu o criado. – Por que me xinga de besta, patrão? Ainda mais num momento como este? Não é bom xingar.

Mikháilov lembrou-se do lugar para onde ia e sentiu vergonha.

– Está vendo como você faz a gente perder a paciência, Nikítin? – disse com voz mansa. – Esta carta é para o papai, vou colocar na mesa e você não toque nela – acrescentou, ruborizando-se.

– Sim, senhor – disse Nikita, sensibilizando-se sob o efeito da bebida que havia tomado, como disse, “com o próprio dinheiro”, e também piscando os olhos, com a visível vontade de começar a chorar.

Quando, já no alpendre, o capitão ajudante disse: “Adeus, Nikita!”, o criado de repente começou a soluçar a contragosto e lançou-se à frente para beijar a mão de seu patrão.

– Adeus, patrão! – disse entre soluços.

A velha esposa de um marinheiro, que se achava no alpendre, não podia, como mulher, deixar de unir-se também àquela cena sentimental, começou a esfregar os olhos na manga suja e a falar algo sobre senhores que já haviam passado por tais tormentos, e que ela, uma pessoa pobre, tinha ficado viúva e contou sua desgraça pela centésima vez ao embriagado Nikita: como seu marido havia morrido logo no primeiro “bambardeio” e como seu casebre fora todo destruído (a casa onde morava agora não pertencia a ela) etc. etc. Depois da partida do patrão, Nikita começou a fumar o cachimbo, pediu à filha da senhoria que lhe trouxesse vodca e logo parou de chorar, ao contrário, zangou-se com a velha por causa de um balde que ela havia amassado.

“Quem sabe eu seja apenas ferido?”, ponderava o capitão ajudante, já no crepúsculo, enquanto se aproximava do bastião, junto com a companhia. “Mas onde? Como? Aqui ou aqui?”, pensava, enquanto apontava em pensamento para a barriga e para o peito. “Acontece que se for aqui”, e pensou na parte superior da perna, “ainda se dá um jeito. Mas se for aqui e com um estilhaço... é o fim!”

O capitão ajudante, no entanto, todo curvado, conseguiu passar pelas trincheiras e chegou às casamatas e, com a ajuda de um oficial sapador, quando já era noite escura, distribuiu os soldados em seus postos e sentou-se num fosso ao pé de um parapeito de proteção. Os tiros eram poucos; só de vez em quando chamejava um relâmpago, ora do nosso lado, ora no lado do capitão, e o estopim incandescente da bomba riscava um arco de fogo no escuro céu estrelado. Porém todas as bombas caíam longe, muito atrás e à direita da casamata onde o capitão ajudante estava sentado num fosso e por isso ele se acalmou em parte, tomou vodca, comeu o queijo magro, começou a fumar um cigarro e, depois de rezar, quis dormir um pouco.

O príncipe Gáltsin, o tenente-coronel Nefiórdov, o *junker* barão Piest, que os encontrou no bulevar, e Praskúkhin, que ninguém convidara e com quem ninguém conversava, mas que não desgrudava deles, foram todos do bulevar para a casa de Kalúguin, a fim de beber.

– Pois é, mas você não terminou de contar o que aconteceu com Vaska Mendel – disse Kalúguin, que tirou o capote e sentou-se perto da janela, numa poltrona macia e confortável, desabotoando o colarinho da camisa holandesa, engomada e limpa. – Quer dizer que ele casou?

– É de chorar de rir, meu irmão! *Je vous dis, il y avait un temps où on ne parlait que de ça à Pétersbourg*⁵ – disse, rindo, o príncipe Gáltsin, erguendo-se de um pulo do banquinho do piano em que estava sentado e encostando-se na janela ao lado de Kalúguin. – É simplesmente de chorar de rir. Conheço a história toda em detalhes. – E, com alegria, inteligência e agilidade, pôs-se a contar uma história curiosa, que vamos deixar de lado porque não tem interesse para nós.

Mas o notável é que não só o príncipe Gáltsin como todos aqueles senhores ali presentes, um na janela, outro com as pernas esticadas, outro ao piano, pareciam pessoas em tudo diferentes das que antes caminhavam pelo bulevar: não havia a arrogância e a empáfia ridícula que ostentavam para os oficiais da infantaria; ali, sozinhos, mostravam-se naturais, e sobretudo Kalúguin e o príncipe Gáltsin estavam muito afáveis, alegres e bondosos. A conversa passou a tratar de colegas e conhecidos de Petersburgo.

– E o Máslovski?

– Qual? O ulano da guarda imperial ou o da guarda de cavalaria?

– Conheço os dois. O da guarda de cavalaria era menino quando conheci, tinha acabado de sair da escola. O mais velho é capitão?

– Ah! Já faz muito tempo.

– Mas continua de caso com a sua cigana?

– Não, largou – e assim por diante, em conversas desse tipo.

Depois o príncipe Gáltsin sentou-se ao piano e cantou uma canção cigana. Praskúkhin, embora ninguém lhe pedisse, pôs-se a cantar a segunda voz e cantou tão bem que lhe pediram que repetisse, o que fez com muito gosto.

Um criado trouxe o chá com creme e bolinhos numa bandeja de prata.

– Sirva o príncipe – disse Kalúguin.

– É estranho pensar – disse Gáltsin, pegando a xícara e se afastando da janela – que estamos numa cidade sitiada: *pinhano de cauda*, música, chá com creme, numa casa que, francamente, eu gostaria de ter para mim em Petersburgo.

– Sim, mas se não fosse isso – disse o velho tenente-coronel, a quem nada agradava – seria simplesmente insuportável esta situação de espera constante... ver como todos os dias lutam e lutam... e isso nunca tem fim, e ainda por cima vivendo na imundície e sem conforto nenhum.

– E como é que os nossos oficiais de infantaria – disse Kalúguin –, que vivem nos bastiões com os soldados, nos abrigos blindados, e comem a mesma sopa de beterraba dos soldados, como é que eles aguentam?

– Pois é, isso é que eu não entendo, e admito que nem consigo acreditar – disse Gáltsin – que pessoas com roupa de baixo suja, com piolhos e que não lavam as mãos possam ser corajosas. Veja, desse jeito, não pode existir *cette belle bravoure de gentilhomme*.⁶

– Eles não compreendem essa bravura – disse Praskúkhin.

– Ora, você está falando bobagem – cortou Kalúguin, irritado. – Eu já os vi aqui mais do que você e digo sempre e em toda parte que nossos oficiais de infantaria, embora de fato estejam com piolhos e fiquem dez dias sem trocar a roupa de baixo, são heróis e pessoas admiráveis.

Nesse momento, entrou um oficial de infantaria.

– Eu... me enviaram... onde posso encontrar o general... Sua Excelência, para dar uma mensagem da parte do general N. N.? – perguntou, tímido, fazendo uma reverência.

Sem responder à saudação do oficial, Kalúguin levantou-se e, com uma cortesia ultrajante e um sorriso forçado e formal, perguntou-lhe se não poderia fazer a gentileza de esperar e, sem pedir que sentasse e sem dirigir-lhe a menor atenção, voltou-se para Gáltsin e passou a falar em francês, de modo que o pobre oficial, parado no meio da sala, não sabia em absoluto o que fazer de sua pessoa e de suas mãos sem luvas, que pendiam à sua frente.

– É um assunto de extrema urgência, senhores – disse o oficial após um minuto.

– Ah! Então por favor – disse Kalúguin com o mesmo sorriso ultrajante, vestindo o capote e conduzindo-o para a porta. – *Eh, bien, messieurs, je crois que cela chauffera cette nuit*⁷ – disse Kalúguin ao voltar do encontro com o general.

– Ahn? Como? O que foi? Um ataque? – todos se puseram a perguntar.

– Eu não sei, vocês mesmos verão – respondeu Kalúguin com um sorriso misterioso.

– Conte você mesmo – disse o barão Piest. – Se vai acontecer alguma coisa, tenho de ir com o regimento de T. para o primeiro ataque.

– Então vá com Deus.

– E na certa o meu chefe está no bastião e eu também tenho de ir – disse Praskúkhin, pondo o sabre na cintura, mas ninguém lhe respondeu: ele mesmo devia resolver se ia ou não.

– Não vai acontecer nada, estou pressentindo – disse o barão Piest, pensando com o coração abatido na batalha iminente, mas pôs o quepe na cabeça, daquele jeito inclinado já famoso, e saiu da sala a passos firmes, ressoantes, junto com Praskúkhin e Nefiórdov, que se apressaram a deixar seus lugares também com um penoso sentimento de medo. – Adeus, senhores.

– Até logo, senhores! Ainda esta noite nos veremos – gritou Kalúguin através da janelinha, quando Praskúkhin e Piest, inclinados sobre o arção das selas cossacas, na certa imaginando-se também cossacos, passaram a trote pelo caminho.

– Sim, um pouco! – gritou o *junker*, que não entendeu o que lhe diziam, e o tropel dos cavalinhos cossacos logo silenciou na rua escura.

– *Non, dites moi, est-ce qu'il y aura véritablement quelque chose cette nuit?*⁸ – disse Gáltsin, na janela com Kalúguin, olhando as bombas lançadas sobre os bastiões.

– Para você, posso contar. Veja, você esteve nos bastiões, não é? – (Gáltsin deu a entender que concordava, embora só tivesse estado uma vez no quarto bastião.) – Olhe, bem na frente da barreira fortificada de nosso bastião – e Kalúguin, sem ser um especialista, embora considerasse seus conhecimentos militares absolutamente corretos, começou a explicar, de forma um pouco confusa e embaralhando os termos das fortificações militares, a posição de nossas tropas, as ações dos inimigos e o plano da suposta batalha.

– Agora começam os estouros perto das casamatas. Puxa! Somos nós ou é ele? Essa explodiu longe – diziam eles, debruçados na janela, olhando para as linhas de fogo das bombas que cruzavam no ar, para os clarões dos disparos que iluminavam por um instante o céu escuro, para a fumaça branca da pólvora, e ouvindo os sons dos tiros, cada vez mais fortes e mais altos.

– *Quel charmant coup d'oeil!*⁹ – disse Kalúguin, chamando a atenção de seu convidado para aquele espetáculo de fato bonito. – Olhe só, às vezes não dá para distinguir as estrelas das bombas.

– Sim, eu estava agora mesmo pensando que aquilo era uma estrela, mas ela desceu e explodiu, olhe lá, e aquela estrela grande, como é que se chama mesmo? É igual a uma bomba.

– Sabe, me acostumei a tal ponto com essas bombas que estou convencido de que, quando voltar para a Rússia, numa noite estrelada, vai me parecer que todas as estrelas são bombas. O que é o costume.

– Pois é, será que não devo ir a esse ataque? – disse o príncipe Gáltsin após um instante de silêncio, estremecendo só de pensar em estar lá na hora de um canhoneio tão terrível como aquele e pensando com satisfação que já não podiam de forma nenhuma enviá-lo para lá naquela noite.

– Chega, irmão! Nem pense nisso, eu não o deixaria ir – respondeu Kalúguin, sabendo muito bem,

no entanto, que Gáltsin não iria mesmo, por nada neste mundo. – Haverá outras chances, irmão!

– Sério? Acha mesmo que não preciso ir? Hein?

Naquele momento, na direção em que os dois senhores olhavam, após um estrondo da artilharia, ressoou o temível fragor dos tiros de fuzis e, irrompendo sem cessar, milhares de pequeninas chamas reluziram ao longo de toda a linha.

– Agora é para valer! – disse Kalúguin. – Não consigo manter o sangue-frio quando ouço esse som de fuzilaria, sabe, parece que estão arrancando minha alma. Olhe, “hurra” – acrescentou, escutando na vastidão remota o estrondo de centenas de vozes, “a-a-a-a-a”, que o alcançara vindo do bastião.

– De quem é esse “hurra”? Nosso ou dele?

– Não sei, mas já começou a luta corpo a corpo, porque os tiros cessaram.

Naquele momento, um ordenança aproximou-se da varanda, perto da janela, acompanhado por um cossaco, e desceu do cavalo.

– De onde está vindo?

– Do bastião. Preciso falar com o general.

– Vamos. O que houve?

– Atacaram as casamatas... tomaram... os franceses mandaram tropas de reserva enormes... atacaram os nossos... só havia dois batalhões... – disse o oficial, ofegante, o mesmo que viera ao anoitecer, recuperando o fôlego com dificuldade, mas andando na direção da porta com total desembaraço.

– Então nos rendemos? – perguntou Gáltsin.

– Não – respondeu o oficial, irritado. – Deu tempo de outro batalhão acudir, rechaçamos o ataque, mas o comandante do regimento foi morto e muitos oficiais, mandaram pedir reforços...

E, com essas palavras, ele e Kalúguin foram falar com o general, mas não iremos acompanhá-los.

Cinco minutos depois, Kalúguin montou num cavalo cossaco (de novo daquele jeito quase cossaco de cavalgar que, notei, todos os ajudantes de ordens por algum motivo encaravam como algo especialmente prazeroso) e seguiu a trote para o bastião, a fim de transmitir algumas ordens e esperar notícias sobre o desfecho do combate; já o príncipe Gáltsin, sob a influência da violenta emoção que os sinais próximos de uma batalha produzem em geral nos espectadores que dela não participam, foi para a rua e, sem nenhum propósito, pôs-se a caminhar para um lado e para outro.

VI

Bandos de soldados carregavam feridos em padiolas ou os conduziam apoiados nos braços. A rua estava completamente escura; só muito esporadicamente reluziam janelas no hospital ou nas casas onde se alojavam os oficiais. Dos bastiões, vinha o mesmo fragor dos canhões e das trocas de tiros de fuzil e os mesmos clarões inflamavam o céu negro. De quando em quando se ouvia o tropel do cavalo de um ordenança que passava a galope, o gemido de um ferido, passos e vozes dos padioleiros ou conversas de mulheres e de habitantes assustados, que saíam à varanda para olhar o canhoneio.

Entre esses, estavam o nosso conhecido Nikita, a velha mulher de um marinheiro, com a qual ele já havia feito as pazes, e sua filha de dez anos.

– Meu Deus, Virgem Mãe Santíssima! – disse a velha suspirando, enquanto olhava para as bombas que, como bolas de fogo, voavam sem parar de um lado para outro. – Que horror, que desgraça! Ai-ai-ai. Nem o primeiro *bambardeio* foi assim. Olhe onde estourou a desgraçada, bem em cima da nossa casa, lá no subúrbio.

– Não, caiu depois, no pomar da tia Arinka, todas caem lá – disse a menina.

– E agora, onde está meu patrão, cadê ele? – disse Nikita, com a voz arrastada, ainda um pouco embriagado. – Puxa, como eu gosto *deche* meu patrão, nem sei por quê. Ele me bate e mesmo assim eu gosto tremendamente dele. E gosto tanto que se, Deus me livre disso, mas se matarem meu patrão, se cometerem esse pecado, acredite, minha tia, eu nem sei o que vai ser de mim depois disso. Meu Deus! Aquilo é que é patrão, palavra de honra! Nem se compara com *eches* outros que saem por aí jogando cartas; xô para eles! Falando sério! – concluiu Nikita, apontando para a janela iluminada do quarto do patrão, onde, na ausência do capitão ajudante, o *junker* Zvádski, a fim de comemorar uma condecoração, reunira alguns convidados para uma farra: o subtenente Ugróvitch e o tenente Nepchítchetski, o mesmo que devia ter ido ao bastião e disse estar doente, com um abscesso dentário.

– As estrelinhas, as estrelinhas, olhe, parece que estão caindo – a menina, olhando para o céu, interrompeu o silêncio que seguira às palavras de Nikita. – Olhe lá, continuam caindo! Por quê, hein, mamãe?

– Vão destruir nossa casinha toda – disse a velha, suspirando, sem responder à pergunta da menina.

- Mas quando a gente foi lá com o titio, mãe – prosseguiu a menina falante, com voz cantada –, tinha uma bala de canhão bem grande dentro do quarto, perto do armário; parece que arreventou o teto e entrou voando no quarto. É tão grande que ninguém consegue levantar.
- Quem tinha dinheiro e marido já foi embora – disse a velha –, mas aqui, ah, que desgraça, que desgraça, destruíram até o último casebre. Olhe, olhe só como os bandidos incendeiam tudo! Meu Deus!
- É só a gente sair de casa que uma bomba vem voaaando, exploode, espirra terra na gente e foi por muito pouco que um estilhaço não acertou em mim e no titio.
- Ela tem de ganhar uma medalha por isso – disse o *junker*, que naquele instante saiu para varanda junto com os oficiais para ver o combate.
- Velha, vá falar com o general – disse o tenente Nepchítchetski, sacudindo-a pelo ombro. – Sério! *Pójdę na ulicę zobaczyć co tam nowego*¹⁰ – acrescentou ele descendo a escada.
- *A my tym czasem napijmy się wódki, bo coś dusza w piętu ucieka*¹¹ – disse rindo o alegre *junker* Zvádski.

VII

O príncipe Gáltsin deparava com cada vez mais feridos, em padiolas e a pé, apoiando-se uns nos outros e conversando entre si em voz alta.

- Como eles pulavam, meus irmãos – disse com voz grave um soldado alto que levava dois fuzis nos ombros. – Como pulavam e como gritavam: “Alá, Alá!”.¹² E vinham uns depois dos outros, sem parar. A gente matava uns e logo vinham outros no lugar, não dava para fazer nada, era gente que não acabava mais...

Porém, nesse ponto da narração, Gáltsin o interrompeu.

- Você está vindo do bastião?
- Isso mesmo, Vossa Nobreza.
- E o que aconteceu lá? Conte.
- O que aconteceu? A força deles atacou, Vossa Nobreza, entrou na fortificação e aí acabou. Tomaram tudo, Vossa Nobreza!

- Tomaram como? Vocês não rechaçaram?

- Que rechaçar o quê. Se foi a força toda dele que veio para cima da gente: abateu todos os nossos, e não mandam reforços. – (O soldado estava enganado, porque a trincheira continuava conosco, mas há uma coisa estranha que qualquer um pode perceber: o soldado ferido em combate sempre conta que a batalha foi vencida pelo inimigo e que foi sanguinolenta.)

- Então como é que me disseram que rechaçamos o inimigo? – disse Gáltsin com irritação.

Nesse momento o tenente Nepchítchetski, tendo reconhecido o príncipe Gáltsin no escuro pelo quepe branco e desejando tirar vantagem da situação para falar com um homem tão importante, aproximou-se dele.

- O senhor gostaria de saber o que aconteceu lá? – perguntou com cortesia, levando a mão até a pala do quepe para bater continência.
- Estou perguntando isso mesmo ao soldado – respondeu o príncipe Gáltsin e voltou-se de novo para o soldado que levava dois fuzis. – Quem sabe rechaçaram o inimigo depois que você saiu? Veio de lá faz tempo?
- Agorinha mesmo, Vossa Nobreza! – respondeu o soldado. – É difícil acreditar, a trincheira estava com eles, toda tomada.
- Mas vocês não se envergonham de entregar a trincheira? É horrível! – disse Gáltsin, inflamando-

se com aquela indiferença. – Como não se envergonha? – repetiu e deu as costas para o soldado.

– Ah! Essa gente é um horror! O senhor não os conhece – apanhou a deixa o tenente Nepchítchetski. – Garanto ao senhor, é melhor nem falar com essa gente sobre orgulho, patriotismo e sentimentos. Veja o senhor mesmo essa multidão que está passando, olhe como há uma dezena de pessoas que não estão feridas, são todos *espectadores*, só pensam em fugir do combate. Povo canalha! É uma vergonha se comportar assim, rapazes, uma vergonha! Entregar a *nossa* trincheira! – acrescentou, voltando-se para os soldados.

– O que fazer, se veio a *força*! – retrucou um soldado.

– Ah! Vossa Nobreza – começou a falar naquele momento um soldado numa padiola que passou por eles. – Como não entregar, se acabaram com todos? Se a força fosse nossa, a gente não ia entregar por nada neste mundo. Mas o que se pode fazer? Meti a faca num, mas ele me atacou... Ai, ai, mais devagar, irmãos, não balance, mais devagar... ai, ai, ai! – gemia o ferido.

– Apesar de tudo, acho que há gente demais voltando – disse Gáltsin, e deteve mais uma vez o mesmo soldado alto com dois fuzis. – Por que você está voltando? Ei, você, pare!

O soldado parou e tirou o chapéu com a mão esquerda.

– Para onde está indo e por quê? – começou a gritar o príncipe com severidade. – Você...

Mas nesse momento, ao se aproximar do soldado, percebeu que seu braço direito estava coberto pela manga e ensanguentado acima do cotovelo.

– Fui ferido, Vossa Nobreza!

– Ferido com o quê?

– Aqui deve ser uma bala – respondeu o soldado, apontando para o braço. – Já aqui, não posso saber o que foi – e, curvando a cabeça, mostrou os cabelos ensanguentados e grudados na nuca.

– E esse outro fuzil é de quem?

– Uma carabina francesa, Vossa Nobreza, eu tomei; e não teria ido embora se não tivesse de acompanhar aquele soldado ali, senão ele ia ficar caindo – acrescentou, apontando para um soldado que caminhava um pouco à frente, apoiando-se no fuzil, enquanto arrastava a perna esquerda com dificuldade.

– Mas e você, onde¹³ vai, seu patife? – gritou o tenente Nepchítchetski para outro soldado que surgiu na sua frente, no intuito de, com seu fervor, ser agradável ao importante príncipe. O soldado também estava ferido.

O príncipe Gáltsin, de repente, sentiu uma vergonha horrível do tenente Nepchítchetski, e mais ainda de si mesmo. Sentiu que seu rosto corou – algo que raramente acontecia –, deu as costas para o tenente e, sem fazer mais perguntas para os feridos e sem observá-los, seguiu para o hospital de campanha.

Depois de abrir caminho com dificuldade na varanda, entre os feridos que vinham a pé e os padioleiros, que entravam com feridos e saíam com mortos, Gáltsin entrou no primeiro quarto, olhou e, na mesma hora, sem querer, voltou atrás e correu para a rua. Era horrível demais!

VIII

A sala grande, alta, escura – iluminada apenas por quatro ou cinco velas, com as quais os médicos se aproximavam para examinar os feridos – estava completamente lotada. Os padioleiros traziam feridos sem parar, descarregavam uns ao lado dos outros sobre o chão, que já estava tão cheio que os infelizes esbarravam e se molhavam no sangue uns dos outros, e depois saíam para trazer outros. As poças de sangue que se viam nos espaços vagos, a respiração quente de centenas de pessoas e a transpiração dos trabalhadores que levavam as padiolas produziam um cheiro diferente, pesado, denso e fétido na sala, em cujas extremidades ardiam quatro velas mortíferas. A conversa formada por diversos gemidos, suspiros,

bufos, interrompida às vezes por um grito cortante, percorria a sala inteira. As irmãs, com rosto tranquilo e com uma expressão que não era de uma compaixão feminina vazia, dolorosa e lacrimosa, mas sim de envolvimento prático e atuante, ora aqui, ora ali, caminhavam entre os feridos com remédios, água, ataduras, bandagens e passavam ligeiras, entre camisas e capotes ensanguentados. Os médicos, de rosto sombrio e mangas arregaçadas, se punham de joelhos diante dos feridos, perto dos quais os enfermeiros seguravam velas, e enfiavam os dedos nas feridas de bala, apalpavam, reviravam membros que pendiam partidos, apesar dos gemidos terríveis e das preces dos pacientes. Um dos médicos estava sentado perto da porta, atrás de uma mesinha, e, no momento em que Gáltsin entrou, começava a anotar o número 532.

– Ivan Bogáiev, soldado raso da terceira companhia do regimento de S., *fractura femoris complicata*¹⁴ – gritou outro médico do fundo da sala, apalpando uma perna quebrada. – Vire isso.

– Ai, ai, meu Pai, Pai Nosso! – gritou o soldado, suplicando que não tocassem nele.

– *Perforatio capitis*.¹⁵

– Sémion Nefiórdov, tenente-coronel do regimento de infantaria de N. O senhor tenha um pouco de paciência, coronel, senão é impossível, vou largar o seu caso – disse um terceiro médico, enquanto futucava com uma espécie de agulha a cabeça do infeliz tenente-coronel.

– Ai, não precisa! Ai, pelo amor de Deus, depressa, acabe logo... ai, a-a-a-ai!

– *Perforatio pectoris*...¹⁶ Sebástian Seriéda, soldado raso... de que regimento?... Espere, não escreva mais: *moritur*.¹⁷ Podem lavá-lo – disse o médico, afastando-se do soldado que, de olhos fechados, já expirava...

Uns quarenta soldados padioleiros, aguardando as cargas que seriam levadas para dentro do hospital e os mortos para levar para a capela, encontravam-se de pé junto à porta e, em silêncio, às vezes suspirando fundo, observavam aquele quadro...

IX

No caminho para o bastião, Kalúguin encontrou muitos feridos; mas, como conhecia por experiência própria o efeito negativo que tal espetáculo produz no espírito de um homem, ele não só não se detinha para lhes fazer perguntas como, ao contrário, tentava não dar a eles nenhuma atenção. Ao pé do morro, topou com um ordenança que vinha do bastião afobado, a galope.

– Zóbkin! Zóbkin! Espere um instante.

– O que é?

– De onde o senhor está vindo?

– Das casamatas.

– E como está a situação? Quente?

– Um inferno, um horror.

E o ordenança seguiu a galope.

De fato, embora os tiros de fuzil fossem poucos, o canhoneio foi retomado com nova sanha e fervor.

“Ah, é deplorável!”, pensou Kalúguin, experimentando um sentimento desagradável, e lhe veio também o pressentimento, ou antes, um pensamento muito habitual – o pensamento da morte. Mas Kalúguin não era o capitão ajudante Mikháilov, era vaidoso e dotado de nervos de aço, em suma, aquilo que chamam de valente. Ele não cedeu ao primeiro sentimento e passou a se encorajar. Lembrou-se de um ajudante de ordens, talvez de Napoleão, que após transmitir uma ordem galopou de volta para Napoleão a toda a pressa, com a cabeça ensanguentada.

– *Vous êtes blessé?*¹⁸ – perguntou Napoleão.

– *Je vous demande pardon, sire, je suis tué*¹⁹ – e o ajudante de ordens caiu do cavalo e morreu ali

mesmo.

A história lhe parecia ótima e Kalúguin até se imaginou em parte como aquele ajudante de ordens. Em seguida bateu no cavalo com o chicote, tomou sobre a sela uma postura cossaca ainda mais temerária, olhou para trás, para o cossaco que galopava atrás dele, de pé e apoiado nos estribos, e como um perfeito bravo chegou ao local onde era preciso desmontar. Ali encontrou quatro soldados que, sentados sobre pedras, fumavam cachimbo.

– O que vocês estão fazendo aqui? – gritou para eles.

– Levamos um ferido, Vossa Nobreza, sentamos um pouco para descansar – respondeu um deles, escondendo o cachimbo nas costas e tirando o chapéu.

– Que descansar, nada! Mexam-se e marchem para seus postos, senão vou contar ao comandante do regimento.

E foi com eles para a trincheira no morro, mas encontrando feridos a cada passo. Ao chegar ao alto do morro, Kalúguin virou para a esquerda, dentro da trincheira, e depois de avançar alguns passos se viu absolutamente só. Pertinho, zuniu um estilhaço e caiu com um baque dentro da trincheira. Outra bomba aproximou-se à sua frente e pareceu que voava bem na sua direção. De repente, ele foi tomado pelo pavor: correu cinco passos em atropelo e caiu por terra. Quando a bomba explodiu, longe dele, sentiu uma vergonha horrível, levantou-se, olhou em redor para verificar se alguém tinha visto seu tombo, mas não havia ninguém.

Uma vez que o medo penetra na alma, não é fácil ceder lugar a outro sentimento; e Kalúguin, que se vangloriava de nunca se curvar, andava pela trincheira a passos afobados, quase de rastros. “Ah, que horror!”, pensava, aos tropeções. “Vão me matar, não há dúvida.” E sentindo que respirava com dificuldade e que o suor cobria todo o seu corpo, ele se surpreendeu, mas já não tentou dominar seu sentimento.

De súbito, soaram passos à sua frente. Kalúguin bem depressa se pôs ereto, ergueu a cabeça e, fazendo tilintar o sabre com ar de valente, passou a andar não mais em passos rápidos, como antes. Ele não se reconhecia. Quando cruzou com o oficial sapador e o marinheiro, que passaram por ele, o oficial gritou para Kalúguin: “Deite-se!”, e apontou para o risco luminoso de uma bomba que se aproximava cada vez mais clara e mais depressa e que caiu perto da trincheira, mas Kalúguin, só um pouquinho e de maneira involuntária, sob a influência do grito assustado, abaixou a cabeça e seguiu adiante.

– Veja, que corajoso! – disse o marinheiro, que observou bem tranquilo a queda da bomba e, com o olhar experiente, logo avaliou que seus estilhaços não poderiam alcançar o interior da trincheira. – Ele não quis se deitar.

Só faltavam alguns passos para Kalúguin atravessar o terreno plano e chegar ao abrigo blindado do comando do bastião, quando lhe vieram de novo um obscurecimento e aquele medo tolo; o coração começou a bater mais forte, o sangue latejou na cabeça e Kalúguin teve de fazer força para se controlar e conseguir correr até o abrigo blindado.

– O que houve que está tão ofegante? – perguntou o general, depois que Kalúguin lhe transmitiu as ordens.

– Andei depressa demais, Vossa Excelência!

– Não quer um copo de vinho?

Kalúguin bebeu o copo de vinho e fumou um cigarro. A batalha já havia cessado, apenas o canhoneio prosseguia com força de ambos os lados. No abrigo blindado, estava o general N., comandante do bastião, e mais uns seis oficiais, entre os quais Praskúkhin, e falavam a respeito de vários detalhes da batalha. Sentado naquele aposento confortável, com as paredes forradas de tapetes azuis, com sofá, cama e mesa, sobre a qual estavam papéis, um relógio de parede e a imagem de um santo, diante da qual ardia uma lamparina votiva, ao ver aqueles sinais de uma habitação de verdade e as grossas vigas de um *archin*²⁰ que sustentavam o teto, enquanto escutava os tiros que pareciam fracos dentro do abrigo

blindado, Kalúguin não conseguia de maneira nenhuma compreender como, por duas vezes, ele se deixara dominar por uma fraqueza tão imperdoável; irritou-se consigo mesmo e quis enfrentar algum perigo a fim se pôr à prova outra vez.

– Estou contente que esteja aqui também, capitão – disse ele para um oficial da Marinha, com capote do Estado-Maior, um bigode grande e a Cruz de São Jorge, que acabara de entrar no abrigo blindado e pedira ao general que lhe fornecesse trabalhadores para consertar duas canhoneiras da sua bateria que tinham sido bloqueadas por um desmoronamento. – O general ordenou que eu lhe perguntasse – prosseguiu Kalúguin, quando o comandante da bateria parou de falar com o general – se os canhões do senhor podem disparar fogo de metralha ao longo da trincheira.

– Só um canhão está em condições de disparar – respondeu o capitão, com ar sombrio.

– Mesmo assim, vamos dar uma olhada.

O capitão franziu as sobrancelhas e deu um grasnido.

– Já passei a noite inteira lá, por isso vim aqui para descansar um pouco – disse. – O senhor não poderia ir sozinho? Ali está meu ajudante, o tenente Kartz, ele mostrará tudo ao senhor.

Já fazia seis meses que o capitão comandava aquela bateria, uma das mais perigosas – e mesmo quando não havia blindagem, o capitão não deixava seu posto, ele vivia no bastião desde o início do cerco e, entre os *marinheiros*, tinha uma reputação de coragem. Por isso sua recusa impressionou e surpreendeu Kalúguin. “O que é a reputação!”, pensou.

– Bem, nesse caso irei sozinho, se o senhor permitir – respondeu num tom ligeiramente irônico para o capitão, que no entanto não lhe dirigiu nenhuma palavra ou atenção.

Mas Kalúguin não havia levado em conta o fato de que, somando diversas situações, ele tinha ao todo passado apenas cinquenta horas nos bastiões, ao passo que o capitão vivia lá já fazia seis meses. A vaidade – o desejo de brilhar, a esperança de ganhar condecorações e reputação e a atração pelo perigo – ainda agitava Kalúguin; o próprio capitão já havia passado por tudo aquilo – de início, se envaidecia, fazia-se de valente, corria riscos, nutria a esperança de ganhar condecorações e reputação, e até as conquistou de fato, mas agora todas aquelas formas de incentivo tinham perdido completamente a força para ele e o capitão encarava a batalha de outro modo: cumpria com rigor seu dever, mas, compreendendo muito bem como lhe restavam poucas possibilidades na vida, depois de seis meses no bastião, já não arriscava essas possibilidades, a não ser em casos de extrema necessidade, e assim o jovem tenente, que chegara à bateria uma semana antes e agora a mostrava para Kalúguin, parecia dez vezes mais corajoso do que o capitão, enquanto Kalúguin e ele punham a cara inutilmente no vão das canhoneiras para observar e subiam nos degraus onde os atiradores se apoiavam para disparar os fuzis.

Depois de examinar a bateria, enquanto voltava para o abrigo blindado, Kalúguin cruzou no escuro com o general, que seguia com seus ordenanças para o posto elevado de observação.

– Capitão de cavalaria Praskúkhin! – disse o general a um deles. – Desça, por favor, à casamata da direita e diga ao segundo batalhão do regimento de M. que abandone seu posto sem fazer barulho e vá se reunir ao seu regimento, que se encontra ao pé do morro, entre as tropas de reserva. Compreendeu? O senhor mesmo irá acompanhá-los até o regimento.

– Sim, senhor.

E Praskúkhin partiu a trote rumo à casamata. Os tiros estavam mais raros.

X

– Este é o segundo batalhão do regimento de M.? – perguntou Praskúkhin, ao chegar ao local e topar com soldados que carregavam sacos cheios de terra.

- Isso mesmo.
- Onde está o comandante?

Mikháilov, supondo que perguntavam pelo comandante da companhia, rastejou para fora de seu fosso e, tomando Praskúkhin por um chefe, aproximou-se com o gesto de bater continência.

– O general ordenou... que o senhor... tenha a bondade de ir... ligeiro... e sobretudo sem fazer barulho... para trás, não para trás, mas para as tropas de reserva – disse Praskúkhin, olhando de lado para a direção de onde vinha o fogo inimigo.

Ao reconhecer Praskúkhin, Mikháilov baixou a mão, inteirou-se do que se tratava, transmitiu a ordem e o batalhão agitou-se com alegria, os soldados pegaram os fuzis, vestiram os capotes e puseram-se em movimento.

Quem não o experimentou não pode imaginar o prazer que sente um homem ao ir embora de um local perigoso como as casamatas, depois de três horas de bombardeio. Mikháilov, que durante aquelas três horas já havia considerado inevitável seu fim e por várias vezes beijara todos os ícones que trazia consigo, terminou se acalmando um pouco sob o efeito da convicção de que seria morto com toda a certeza e de que já não pertencia a este mundo. Mesmo assim, custou-lhe grande esforço conter as próprias pernas para que não corressem quando, à frente da companhia, ao lado de Praskúkhin, deixou as casamatas.

– Até logo – disse um major, comandante de outro batalhão, que permaneceu nas casamatas e com o qual Mikháilov dividira a barra de queijo, sentado dentro do fosso, perto do paredão fortificado. – Boa viagem!

– E ao senhor desejo uma feliz permanência; agora parece que está mais calmo.

Porém, mal teve tempo de falar isso e o inimigo, talvez percebendo um movimento nas casamatas, começou a disparar com insistência cada vez maior. Os nossos responderam e de novo teve início um intenso canhoneio. No céu, as estrelas brilhavam altas, mas não claras; era uma noite escura – embora ferisse os olhos –, e só as chamas dos tiros e da explosão das bombas iluminavam os objetos por instantes. Os soldados andavam depressa e em silêncio e, sem pensar, ultrapassavam uns aos outros; ouvia-se apenas o som ritmado dos estampidos incessantes dos tiros, dos passos dos soldados na trilha seca, o som das baionetas que se entrechocavam, da respiração, ou da prece de um soldado com medo: “Senhor, Senhor! O que é isso?”. Às vezes se ouvia o gemido de um ferido e gritos: “Padioleiros!”. (Na companhia comandada por Mikháilov, vinte e seis homens foram postos fora de combate pelo fogo de artilharia daquela noite.) Um relâmpago irrompeu no horizonte sombrio e distante, a sentinela do bastião gritou: “Canhã-ã-ão!”, e a bala, zunindo por cima da companhia, explodiu na terra e cuspiu pedras para todos os lados.

“Que o diabo os carregue! Como andam devagar”, pensou Praskúkhin, olhando para trás o tempo todo enquanto andava ao lado de Mikháilov. “Francamente, era melhor que eu escapasse na frente deles, pois afinal já transmiti as ordens... Pensando bem, não, pois essa besta aqui pode dizer para os outros que sou um covarde, quase a mesma coisa que eu disse sobre ele ontem mesmo. O que tiver de ser, será... irei junto.”

“Mas por que ele vai comigo?”, pensava Mikháilov, por sua vez. “Até onde notei, ele sempre traz má sorte; olhe só aquela, vem voando direto para cá, parece.”

Depois de percorrer uns cem passos, toparam com Kalúguin, que, brandindo o sabre com ar de valentia, caminhava rumo às casamatas a fim de, segundo as ordens do general, saber como andavam os trabalhos por lá. Mas, ao encontrar Mikháilov, pensou que, em vez de ir até lá e se expor àquele fogo terrível, o que não lhe fora ordenado, podia perguntar tudo em detalhes a um oficial que lá estivera. E de fato Mikháilov contou em detalhes como andavam os trabalhos no bastião, porém durante o relato conseguiu entreter Kalúguin a tal ponto que ele pareceu não prestar a menor atenção nos tiros – ao passo que, a cada obus que caía, a intervalos e muito longe, Praskúkhin se agachava, baixava a cabeça e sempre

achava que a bala vinha “direto para cá”.

– Olhe, capitão, aquele vem direto para cá – dizia Kalúguin de zombaria e empurrava Praskúkhin. Depois de caminhar um pouco mais com eles, Kalúguin tomou o rumo da trincheira, na direção do abrigo blindado. “Não se pode dizer que seja muito valente, aquele capitão”, pensou, ao atravessar a porta do abrigo blindado.

– Então, quais são as novidades? – perguntou um oficial que estava jantando sozinho ali.

– Nenhuma, e parece que não haverá mais combate.

– Como não? Ao contrário, o general acabou de ir de novo para o posto de observação. Chegou mais um regimento. Pronto, olhe aí, não está ouvindo? A fuzilaria recomeçou. O senhor não vai. Para que ir? – acrescentou o oficial ao notar o movimento que Kalúguin começou a fazer.

“De fato, não tenho necessidade de ir”, pensou Kalúguin. “E hoje eu já me expus muito. Espero ser útil, mas não só para servir de *chair à canon*.”²¹

– Na verdade, é melhor que eu os espere aqui – disse.

De fato, uns vinte minutos depois, o general voltou junto com os oficiais que o acompanhavam; entre eles estava o *junker* barão Piest, mas não Praskúkhin. As posições fortificadas tinham sido retomadas e ocupadas pelos nossos.

Depois de receber informações pormenorizadas sobre o combate, Kalúguin e Piest saíram do abrigo blindado.

XI

– Seu capote está sujo de sangue: você travou combate corpo a corpo? – perguntou Kalúguin.

– Ah, irmão, foi horrível! Nem pode imaginar... – E Piest começou a contar que liderara a companhia inteira, que o comandante havia sido morto, que ele esfaqueara um francês e também que, se não fosse ele, nada teria dado certo etc.

O fundo daquela história, que o comandante da companhia tinha morrido e Piest matara um francês, era verdade; mas, ao transmitir os detalhes, o *junker* inventava e se vangloriava.

Não pôde deixar de se vangloriar, porque durante todo o tempo o combate transcorria numa espécie de sombra e de inconsciência, a tal ponto que tudo o que se passava lhe parecia ter ocorrido em outra parte, em outro tempo, com outras pessoas, e era muito natural que ele tentasse reproduzir aqueles detalhes com alguma vantagem para o seu lado. No entanto, o que aconteceu de fato foi o seguinte:

O batalhão ao qual o *junker* tinha sido enviado para o ataque ficou mais ou menos duas horas junto a um paredão sob o fogo do inimigo; depois, o comandante do batalhão disse algo mais à frente, os comandantes das companhias se mexeram, o batalhão se pôs em marcha, saiu de trás do muro fortificado e, depois de percorrer uns cem passos, se deteve e formaram-se colunas por companhias. Disseram para Piest que ficasse no flanco direito da segunda companhia.

Sem se dar conta de onde estava nem do motivo, o *junker* ficou em seu posto e, prendendo a respiração de forma involuntária, enquanto um calafrio percorria sua espinha, olhava inconsciente para o vazio escuro ao longe, à sua frente, à espera de algo horrível. No entanto, como não havia tiros, era menos horrível do que bizarro, pois era estranho pensar que ele estava fora da fortaleza, em campo aberto. De novo o comandante do batalhão disse algo lá na frente. De novo os oficiais começaram a falar em voz baixa, transmitindo as ordens, e a parede negra da primeira companhia de repente se pôs em movimento. A ordem era deitar. A segunda companhia deitou-se também, e Piest, ao deitar-se, espetou a mão numa espécie de espinho. Só o comandante da segunda companhia não se deitou, sua figura baixa, com a espada desembainhada, que ele brandia no ar, não parava de falar, enquanto se movimentava diante

da companhia.

– Rapazes! Mostrem que são os meus valentes! Não queimem esses canalhas com os fuzis, usem as baionetas. Quando eu gritar “Hurra!”, sigam-me, e que ninguém fique para trás... A união é o principal... Vamos nos expor, não vamos enterrar a cara na lama, não é, rapazes? Pelo tsar, pelo nosso paizinho! – disse, entremeando impropérios em suas palavras e gesticulando de maneira tremenda.

– Qual é o sobrenome do comandante da nossa companhia? – perguntou Piest para o *junker*, que estava deitado a seu lado. – Como é valente!

– Pois é, na hora da batalha está sempre embriagado – respondeu o *junker*. – Seu sobrenome é Lissinkóvski.

Naquele momento, bem na frente da companhia, de súbito uma labareda se inflamou, rebentou um estrondo assustador, atordoou a companhia inteira e pedras e estilhaços farfalharam no ar acima (mais ou menos cinquenta segundos depois, uma pedra caiu do alto e partiu a perna de um soldado). Era uma bomba com um mecanismo de elevação,²² e o fato de ter caído na companhia comprovava que os franceses haviam percebido a coluna.

– Jogar bombas na gente! Filho de um cão... Espere só a gente te pegar, aí você vai experimentar a baioneta russa triangular, seu maldito! – o comandante da companhia pôs-se a falar tão alto que o comandante do batalhão teve de ordenar que se calasse e não fizesse tanto barulho.

Depois disso, a primeira companhia se levantou, em seguida a segunda – receberam a ordem de avançar com o fuzil em riste, e o batalhão foi em frente. Piest estava tão apavorado que não se lembrava nem de longe de quanto tempo fazia que estava ali, não sabia para onde ia, quem era e o que estava fazendo. Caminhava como um bêbado. Mas de súbito, de todos os lados, irromperam milhares de chamas, algo assoviou, rebentou; ele começou a gritar e correu, nem sabia para onde, só porque todos gritavam e todos corriam. Depois tropeçou em alguma coisa e caiu – era o comandante da companhia (tinha sido ferido à frente da companhia e, tomando o *junker* por um francês, agarrou-o pela perna). Depois, quando desvencilhou a perna e levantou-se, um homem se atirou contra suas costas no escuro e por pouco ele não caiu outra vez, e um outro homem gritou: “Espeta esse aí! O que está esperando?”. Alguém pegou um fuzil e enfiou a baioneta em algo mole. “Ah! Dieu!”,²³ alguém começou a gritar com uma voz terrível, cortante, e só então Piest entendeu que ele havia cravado a baioneta num francês.

O suor frio cobriu todo o seu corpo, ele começou a tremer como se tivesse febre e largou o fuzil. Mas isso durou só um instante; logo lhe veio à cabeça que era um herói. Apanhou o fuzil e, junto com a multidão que gritava “Hurra!”, correu e se afastou do francês morto, do qual na mesma hora um soldado tratou de tirar as botas. Tendo corrido uns vinte passos, chegou à trincheira. Lá estavam os nossos soldados e o comandante do batalhão.

– Furei um! – disse para o comandante do batalhão.

– É um valente, barão...

XII

– Ah, sabe, mataram Praskúkhin – disse Piest, acompanhando Kalúguin, que voltava para seu alojamento.

– Não pode ser!

– Como não? Eu mesmo vi.

– De todo jeito, adeus, tenho de ir depressa.

“Estou muito satisfeito”, pensou Kalúguin, voltando para casa. “Pela primeira vez tive sorte no serviço militar. A batalha foi ótima, estou são e salvo, terei excelentes recomendações e sem dúvida vou

ganhar o sabre de ouro. Sim, na verdade eu mereço.”

Depois de relatar ao general tudo o que era necessário, ele foi para seu alojamento, onde o príncipe Gáltsin o aguardava já havia bastante tempo, lendo *Splendeurs et misères des courtisanes*,²⁴ que ele encontrara na mesa de Kalúguin.

Com um prazer surpreendente, Kalúguin sentiu-se em casa, longe do perigo, e, depois de vestir a camisa de dormir e deitar-se na cama, passou a contar para Gáltsin detalhes da batalha, apresentando-os de forma completamente natural – de um ponto de vista que fazia aqueles detalhes comprovarem que ele, Kalúguin, era um oficial corajoso e de mais alta competência, o que me parece supérfluo sugerir, pois todos sabiam disso, não tinham nenhum direito ou motivo para duvidar, exceto talvez o falecido capitão de cavalaria Praskúkhin, que, apesar de pouco tempo antes ter considerado uma felicidade andar de braços dados com Kalúguin, ainda no dia anterior havia contado em segredo para um amigo que Kalúguin era um sujeito muito bom, mas, que ninguém nos ouça, detestava terrivelmente ir aos bastiões.

Assim que Praskúkhin, que marchava ao lado de Mikháilov, se separou de Kalúguin e aproximou-se de um local menos perigoso, começou logo a se animar, porém viu um clarão que reluziu com força atrás dele e ouviu um grito da sentinela: “*Markela!*”, e também as palavras de um dos soldados que vinham atrás: “Está vindo direto em cima do batalhão!”.

Mikháilov virou-se para olhar: o ponto luminoso da bomba parecia ter parado em seu zênite – na posição em que é totalmente impossível determinar sua direção. Mas isso só durou um instante: a bomba vinha cada vez mais depressa, cada vez mais próxima, de tal modo que já eram visíveis as fagulhas de sua espoleta e se ouvia o assovio fatídico, que descia direto no meio do batalhão.

– Deitem! – gritou a mesma voz assustada.

Mikháilov caiu de barriga para baixo. Praskúkhin, num movimento involuntário, curvou-se até o chão e estreitou as pálpebras; só ouviu como a bomba se chocou na terra dura, em algum lugar bem perto. Passou um segundo que pareceu uma hora – a bomba não explodiu. Praskúkhin assustou-se: será que havia se amedrontado à toa? Talvez a bomba tivesse caído longe e ele tinha apenas a impressão de que o pavio chiava bem perto. Abriu os olhos e, com uma satisfação presunçosa, viu que Mikháilov, a quem devia doze rublos e meio, estava totalmente abaixado, estendido de bruços, juntinho de seus pés, imóvel, quase agarrado a ele. Nesse instante, seus olhos toparam com o pavio aceso da bomba, que rodava a um *archin* de distância.

Um horror – um horror gelado que excluía todos os outros pensamentos e sentimentos – apoderou-se de todo o seu ser; Praskúkhin cobriu o rosto com as mãos e caiu de joelhos.

Passou-se mais um segundo – um segundo em que um mundo inteiro de sentimentos, pensamentos, esperanças e recordações passaram na sua mente.

“Quem será morto, eu ou Mikháilov? Ou os dois? Se for eu, onde serei ferido? Se for na cabeça, tudo estará acabado; se for na perna, vão amputar e então vou pedir que usem clorofórmio a qualquer preço – assim ainda posso continuar vivo. Mas pode ser que só Mikháilov morra, e aí vou contar como nós dois marchávamos juntos e ele foi morto e o sangue respingou em mim. Não, está mais perto de mim – serei eu.”

Nesse ponto, lembrou-se dos doze rublos que devia a Mikháilov, lembrou-se também de uma dívida em Petersburgo que deveria ter pagado havia muito tempo; lhe veio à cabeça a melodia cigana que tinha cantado no dia anterior; a mulher que ele amava surgiu em sua imaginação, com um gorro de fitas lilás; lembrou-se do homem que o ofendera cinco anos antes e que ele não fizera pagar pela ofensa, e no entanto, junto com essas e milhares de outras recordações, o sentimento do presente – a espera da morte e o horror – não o deixava nem por um instante. “De resto, pode ser que não estoure”, pensou e, com uma determinação desesperada, quis abrir os olhos. Porém, nesse momento, ainda através das pálpebras fechadas, um fogo vermelho o atingiu nos olhos, com um estrondo terrível algo o empurrou no meio do peito; correu um pouco sem saber para onde, tropeçou no sabre, que se enfiou entre as pernas, e caiu de

lado. “Graças a Deus! Tive apenas uma contusão” – foi seu primeiro pensamento, e quis tocar no peito com as mãos, mas as mãos pareciam amarradas e uma espécie de torno comprimia sua cabeça. Em seus olhos, passavam soldados – e ele, de maneira mecânica, os contava: “Um, dois, três soldados, e lá está o oficial, o de capote forrado”, pensava; em seguida um relâmpago estourou em seus olhos e ele pensou que tipo de tiro seria aquele: de morteiro ou de canhão? Devia ser de canhão; e continuavam atirando, vieram mais soldados – cinco, seis, sete soldados seguiam sempre em frente. De repente, teve muito medo de que eles o esmagassem; quis gritar, mas estava contundido e com a boca tão seca que a língua colava no céu da boca, e uma sede medonha o torturava. Ele sentia que estava todo molhado perto do peito – a sensação de algo molhado o fazia pensar em água e teve até vontade de beber aquilo que o molhava. “Na certa me feri e sangrei quando caí”, pensou e, começando a render-se cada vez mais ao medo de que os soldados que continuavam a passar o esmagassem, reuniu todas as suas forças e quis gritar: “Levem-me”. Mas em vez disso se pôs a gemer de maneira tão medonha que se horrorizou ao ouvir-se. Em seguida, algumas chamas vermelhas pularam diante de seus olhos e lhe pareceu que os soldados colocavam pedras em cima dele; as chamas agora pulavam cada vez mais esparsas, as pedras que colocavam em cima dele o oprimiam cada vez mais. Fez um esforço para afastar as pedras, seu corpo enrijeceu e ele já não via, não ouvia, não pensava e não sentia. Morreu no mesmo local em que um estilhaço o atingira no meio do peito.

XIII

Mikháilov, ao avistar a bomba, jogou-se no chão e, assim como Praskúkhin, semicerrou as pálpebras, abriu e fechou os olhos duas vezes e lhe veio uma vastidão de pensamentos e sentimentos naqueles dois segundos, o tempo que a bomba levou para explodir. Em pensamento, rezou para Deus e não parava de repetir: “Seja feita Sua vontade! Mas para que entrei no serviço militar?”, pensava ao mesmo tempo. “E ainda por cima entrei logo na infantaria para participar da campanha; não seria melhor ter ficado no regimento dos ulanos na cidade de T. e passar o tempo com minha amiga Natacha?... Agora, olhe só no que deu!” E começou a contar: um, dois, três, quatro, imaginando que, se a bomba explodisse num número par, ele ficaria vivo, mas se fosse ímpar, ele ia morrer. “Está tudo acabado! Estou morto!”, pensou, quando a bomba explodiu (ele não lembrava mais se foi num número par ou ímpar), e sentiu um impacto e uma dor atroz na cabeça. “Senhor, perdoai meus pecados!”, exclamou, erguendo os braços, levantou-se um pouco e tombou de costas, sem sentidos.

A primeira sensação quando se recuperou foi do sangue que escorria pelo nariz e da dor na cabeça, que tinha ficado muito mais fraca. “É a alma que está indo embora”, pensou. “O que será que existe lá? Senhor! Recebi minha alma em paz. Só acho estranho uma coisa”, refletiu. “Que ao morrer eu escute com tanta clareza os passos dos soldados e o som dos tiros.”

– Tragam uma padiola! Ei! O comandante da companhia foi ferido! – gritou acima de sua cabeça uma voz que ele reconheceu automaticamente como a voz do tamboreiro Ignátiev.

Alguém o puxou pelos ombros. Ele experimentou abrir os olhos e viu, acima da cabeça, o céu azul-escuro, grupos de estrelas e duas bombas que voavam acima dele, uma atrás da outra, viu Ignátiev, soldados com padiolas e fuzis, o aterro na borda da trincheira e de repente acreditou que ainda estava neste mundo.

Tinha sofrido um ferimento leve na cabeça, causado por uma pedra. A primeira impressão pareceu ser de tristeza: ele havia se preparado tão bem e com tanta serenidade para a transição para lá que lhe foi desagradável o efeito do regresso à realidade, com bombas, trincheiras, soldados e sangue; a segunda impressão foi de uma alegria instintiva por estar vivo; e a terceira, o medo e o desejo de fugir do bastião

o mais depressa possível. O tamboreiro enrolou com um lenço a cabeça de seu comandante e, segurando-o pelo braço, levou-o ao hospital de campanha.

“Mas, afinal, para onde vou, e para quê?”, pensou o capitão ajudante, quando se refez um pouco mais. “Meu dever é ficar com a companhia e não ir embora, ainda mais porque a companhia precisa se afastar depressa do fogo inimigo”, uma voz murmurou para ele. “Está desde cedo em combate, precisa de uma recompensa.”

– Não é preciso, irmão – disse, afastando o braço do tamboreiro prestativo, que desejava, ele mesmo e acima de tudo, ir embora dali quanto antes. – Não vou para o hospital de campanha, vou ficar com a companhia.

E deu meia-volta.

– É melhor fazer um curativo decente, Vossa Nobreza – disse o tímido Ignátiev. – Na afobação, parece que não é nada, mas pode piorar se não fizer isso, olhe só como está queimado aqui... é verdade, Vossa Nobreza.

Mikháilov parou um minuto, indeciso, e na certa seguiria o conselho de Ignátiev, caso não tivesse se lembrado da cena que vira no hospital de campanha dias antes: um oficial com um pequeno arranhão no braço foi fazer um curativo, o médico sorriu ao olhar para ele e um outro médico – com costeletas – até lhe disse que não ia morrer de jeito nenhum por causa daquele ferimento e que até com um garfo é possível se ferir.

“Talvez sorrissem também incrédulos do meu ferimento e até digam alguma coisa jocosa”, pensou o capitão ajudante e, com determinação, a despeito dos argumentos do tamboreiro, voltou para a companhia.

– Onde está o ordenança Praskúkhin, que estava comigo? – perguntou ao sargento que comandava a companhia, quando o encontrou.

– Não sei, acho que morreu – respondeu com relutância o sargento, que estava muito descontente, entre outras coisas, com o regresso do capitão ajudante, que o privava do prazer de poder dizer que era o único oficial que restara na companhia.

– Morto ou ferido? Como o senhor não sabe, se ele estava conosco? E por que o senhor não o trouxe?

– Mas levar para onde, no meio daquele fogo todo?

– Ah, como o senhor fez uma coisa dessas, Mikhail Ivánitch? – disse Mikháilov, irritado. – Como pôde deixá-lo, se estava vivo; e mesmo se estivesse morto, o corpo tem de ser retirado. Afinal, ele é o ordenança do general e ainda pode estar vivo.

– Que vivo o quê. Estou lhe dizendo, cheguei perto e eu mesmo vi – respondeu o sargento. – Por favor! Vamos retirar os nossos daqui. Vamos embora desta carnificina! Lá vêm mais balas de canhão – acrescentou, agachando-se. Mikháilov também se agachou e segurou a cabeça, que, com o movimento, começou a doer horripelmente.

– Não, é preciso ir pegá-lo a todo custo: talvez ainda esteja vivo – disse Mikháilov. – É nosso dever, Mikhail Ivánitch!

Mikhail Ivánitch não respondeu.

“Se ele fosse um bom oficial, estaria lá, mas agora é preciso mandar alguns soldados; mas como fazer isso? Debaixo desse fogo medonho, podem morrer à toa”, pensou Mikháilov.

– Rapazes! É preciso voltar, pegar um oficial que está ferido, num fosso – disse com voz nem muito alta nem muito autoritária, sentindo que os soldados não gostariam nem um pouco de cumprir aquela ordem. E de fato, como ele não se dirigiu a ninguém em particular, nenhum soldado se mexeu para fazer aquilo.

– Sargento! Venha cá.

O sargento, como se não tivesse ouvido, continuou a andar para seu posto.

“Além do mais, é bem possível que já esteja morto e então não vale a pena expor os soldados ao perigo à toa, mas então serei só eu o culpado de não me preocupar com isso. Vou eu mesmo para saber se está vivo. É o meu dever”, disse consigo Mikháilov.

– Mikhail Ivánitch! Assuma o comando da companhia, depois alcançarei vocês – disse, pegando o capote com a mão e, com a outra, tocando com insistência na pequena imagem de São Mitrofan, no qual tinha fé especial, e quase rastejando, trêmulo de medo, correu a trote para a trincheira.

Depois de certificar-se de que seu camarada estava morto, Mikháilov, ofegante, agachando-se e segurando com a mão a atadura meio solta na cabeça, que começava a doer com força, voltou se arrastando. O batalhão já estava ao pé do morro, em posição, e quase fora do alcance do fogo inimigo, quando Mikháilov o alcançou. Digo quase fora do alcance dos tiros porque de vez quando umas bombas loucas voavam até lá (naquela noite, o estilhaço de uma delas matou um capitão que, na hora, estava num abrigo subterrâneo da Marinha).

“No entanto, amanhã preciso me apresentar no hospital de campanha”, pensou o capitão ajudante, no momento em que um enfermeiro que acabara de chegar fazia um curativo em sua cabeça. “Isso vai ajudar na recomendação para a medalha.”

XIV

Centenas de corpos ensanguentados, duas horas antes cheios de esperanças e desejos diversos, elevados e banais, jaziam com os membros inertes no vale orvalhado e florido que separava o bastião da trincheira e sobre o terreno plano da capela dos Mortos, em Sebastopol; centenas de pessoas – com imprecações e preces na boca ressequida – arrastavam-se, tombavam e gemiam – uns entre cadáveres no vale florido, outros em padiolas, em camas de lona e no chão ensanguentado do hospital de campanha; e ainda assim, como nos dias anteriores, irrompiam relâmpagos sobre o morro Sapun, as estrelas cintilavam pálidas, uma neblina branca subia do mar agitado e rumoroso, a aurora escarlate se incendiava no oriente, nuvens compridas e rubras corriam pelo horizonte azul-claro e, o tempo todo, como nos dias anteriores, prometendo alegria, amor e felicidade a todo o mundo que renascia, vinha à tona o astro poderoso e belo.

XV

No dia seguinte, ao anoitecer, tocaram de novo música marcial no bulevar e de novo oficiais, *junkers*, soldados e moças passeavam com ar festivo em torno do pavilhão e pelas alamedas mais abaixo, floridas com cheirosas acácias brancas.

Kalúguin, o príncipe Gáltsin e um coronel caminhavam de braços dados em torno do pavilhão e conversavam sobre a batalha da véspera. O fio condutor da conversa, como sempre acontece em situações semelhantes, não eram os fatos propriamente ditos, mas sim a participação de quem contava e a bravura que havia demonstrado na batalha. Os rostos e o som das vozes tinham seriedade, uma expressão quase sofrida, como se as baixas do dia anterior afetassem e afligissem intensamente cada um, mas, a bem da verdade, como nenhum deles havia perdido alguma pessoa muito próxima (e por acaso na vida militar existem pessoas muito próximas?), aquela expressão de tristeza era uma expressão oficial, que eles consideravam apenas uma obrigação. Por outro lado, Kalúguin e o coronel estavam dispostos a encarar batalhas assim todos os dias, tendo em vista apenas ganhar o sabre de ouro e a promoção para general-major, e apesar disso eram pessoas excelentes. Eu gosto quando chamam de monstro um conquistador, que destrói milhões de vidas para satisfazer sua ambição. Mas interroque a fundo o

sargento Petrúchov, o subtenente Antónov etc., cada um deles um pequeno Napoleão, um pequeno monstro, sempre pronto a travar batalha, a matar centenas de homens só para ganhar uma medalhinha fútil ou um terço adicional no soldo.

– Não, me desculpe – disse o coronel. – Começou antes, no flanco esquerdo. *Pois eu estava lá.*

– Pode ser – respondeu Kalúguin. – *Eu estava no flanco direito; fui até lá duas vezes: uma vez para falar com o general e a outra para verificar como estavam as casamatas. Ali é que a coisa pegou fogo.*

– Sim, isso mesmo, o Kalúguin está certo – disse o príncipe Gáltsin para o coronel. – Sabe, *hoje mesmo o V... me falou de você, disse que é valente.*

– Mas houve baixas, baixas tremendas – disse o coronel num tom de condolência oficial. – *Em meu regimento, perdi quatrocentos homens. É espantoso que eu tenha saído vivo de lá.*

Naquele momento, vindo na direção desses senhores, surgiu na extremidade do bulevar a figura meio lilás de Mikháilov, de botas com saltos gastos e tortos e com a cabeça enfaixada. Ficou muito confuso ao avistá-los: lembrou como, na véspera, se agachara diante de Kalúguin e lhe veio à cabeça que poderiam pensar que ele apenas fingia estar ferido. Tanto assim que, se aqueles senhores não tivessem olhado para ele, fugiria correndo para casa e não sairia enquanto não pudesse retirar o curativo.

– *Il fallait voir dans quel état je l'ai rencontré hier sous le feu*²⁵ – disse Kalúguin sorrindo, quando se aproximaram dele. – O que houve, capitão? Foi ferido? – perguntou Kalúguin com um sorriso que queria dizer: “Então, o senhor me viu ontem? O que achou de mim?”.

– Sim, um pouco, foi uma pedra – respondeu Mikháilov, ruborizando-se e com uma expressão que dizia: “Vi e reconheço que o senhor é valente, ao passo que eu sou muito, muito inferior”.

– *Est-ce que le pavillon est baissé déjà?*²⁶ – perguntou o príncipe Gáltsin de novo com sua expressão arrogante, olhando para o quepe do capitão ajudante e sem se dirigir a ninguém em particular.

– *Non, pas encore*²⁷ – respondeu Mikháilov, querendo mostrar que também sabia falar francês.

– Será que o armistício continua em vigor? – perguntou Gáltsin, dirigindo-se a ele em russo e de maneira gentil, desse modo dizendo-lhe, assim pareceu ao capitão ajudante: “Deve ser muito penoso para o senhor falar francês, portanto não é melhor e mais simples...?”. E com isso os ajudantes de campo o deixaram.

O capitão ajudante, a exemplo do dia anterior, sentiu-se extremamente solitário e, depois de cumprimentar com a cabeça alguns senhores – de alguns não desejava se aproximar; outros não tinha coragem de abordar –, sentou-se perto do monumento de Kazárski e começou a fumar um cigarro.

O barão Piest também foi ao bulevar. Contou que estivera na reunião do armistício, tinha conversado com oficiais franceses e um deles lhe dissera: “*S’il n’avait pas fait clair encore pendant une demi-heure, les embuscades auraient été reprises*”,²⁸ ao que respondera: “*Monsieur! Je ne dis pas non, pour ne pas vous donner un démenti*”.²⁹ E contou como havia se saído muito bem etc.

Na verdade, embora estivesse na reunião do armistício, não foi capaz de dizer nada de inteligente, apesar de sentir uma vontade desesperada de conversar com os franceses (pois falar francês lhe dava uma alegria tremenda). O *junker* barão Piest caminhou demoradamente ao longo da fileira de soldados e toda hora perguntava aos franceses que estavam por perto: “*De quel régiment êtes-vous?*”.³⁰ Respondiam-lhe e pronto. Mas quando estava bem distante da fileira de soldados, uma sentinela francesa, sem desconfiar que aquele soldado sabia francês, falou em tom de censura a outro soldado: “*Il vient regarder nos travaux ce sacré c...*”.³¹ Por isso, e sem encontrar mais interesse na reunião do armistício, o *junker* barão Piest foi embora e já no caminho pôs-se a inventar as frases em francês que agora acabara de contar. No bulevar, estavam o capitão Zóbov, que falava em voz alta, o capitão Óbjogov, de aspecto desmazelado, um capitão de artilharia que não se curvava diante de ninguém, um *junker* feliz no amor, e todos os rostos da véspera, todos com as mesmas e eternas motivações para mentir: a vaidade e a

futilidade. Faltavam apenas Praskúkhin, Nefiórdov e mais um ou outro, nos quais quase ninguém pensava, dos quais ninguém se lembrava agora, quando seus corpos ainda nem tinham sido lavados, enfeitados e sepultados debaixo da terra, e os quais dali a um mês, da mesma forma, seriam esquecidos pelos pais, mães, esposas, filhos, se é que já não tinham sido esquecidos muito antes disso.

– Quase não reconheci este velho aqui – diz um soldado incumbido da limpeza dos corpos, enquanto levanta nos ombros um cadáver ferido no peito, com a enorme cabeça estufada, o rosto lustroso e enegrecido e as pupilas reviradas. – Segure por baixo das costas, Morozka, senão pode partir ao meio. Argh, que cheiro nojento!

“Argh, que cheiro nojento!” – foi tudo o que restou daquele homem para as outras pessoas...

XVI

Em nosso bastião e na trincheira francesa, levantaram-se bandeiras brancas, e entre elas, no vale florido, jaziam em montinhos, sem botas, de roupas cinzentas e azuis, cadáveres desfigurados, que trabalhadores carregavam e colocavam sobre carroças. O cheiro pesado e horrível de corpos mortos impregnava o ar. De Sebastopol e do acampamento dos franceses, bandos de pessoas vinham olhar aquele espetáculo e, com uma curiosidade insaciável e benevolente, corriam para perto umas das outras.

Escutem o que dizem essas pessoas entre si.

No centro de uma roda formada por franceses e russos, um jovem oficial que fala mal o francês, mas o bastante para que o compreendam, examina a cartucheira de um militar da guarda francesa.

– E ceci purcuá ce uazo ici?³² – diz.

– *Parce que c'est une giberne d'un régiment de la garde, monsieur, qui porte l'aigle impérial.*³³

– E vu de la gard?³⁴

– *Pardon, monsieur, du sixième de ligne.*³⁵

– E ceci u achtê?³⁶ – pergunta o oficial apontando para uma cigarreira amarela, de madeira, da qual o francês pega um cigarro para fumar.

– *À Balaclave, monsieur! C'est tout simple... en bois de palme.*³⁷

– Joli!³⁸ – diz o oficial, guiado na conversa menos pela vontade própria do que pelas palavras que sabe falar.

– *Si vous voulez bien garder cela comme souvenir de cette rencontre, vous m'obligerez.*³⁹ – E o francês educado dá uma tragada no cigarro e entrega a cigarreira ao oficial, com uma pequena inclinação da cabeça. O oficial lhe dá a sua e todos os presentes no grupo, franceses e russos, se mostram muito satisfeitos e sorriem.

Então um atrevido soldado de infantaria, de camisa rosa e capote jogado sobre os ombros, em companhia de outros soldados, que, de mãos nas costas, rostos alegres e cheios de curiosidade, o seguem, se aproxima do francês e pede fogo para acender o cachimbo. O francês acende e remexe as brasas do cachimbo e passa o fogo para o russo.

– Tabac bun⁴⁰ – diz o soldado de camisa rosa, e os espectadores sorriem.

– *Oui, bon tabac, tabac turc* – diz o francês –, *et chez vous tabac russe? Bon?*⁴¹

– Rus bun – diz o soldado de camisa rosa, enquanto os presentes se dobram de rir. – Francé não bun, bonjur, mussiê⁴² – diz o soldado de camisa rosa, que descarrega de uma vez toda a munição do seu conhecimento da língua, dá um tapinha na barriga do francês e ri. Os franceses também riem.

– *Ils ne sont pas jolis ces bêtes de russes?*⁴³ – diz um zuavo no bando dos franceses.

– *De quoi ce qu'ils rient donc?*⁴⁴ – diz outro, de pele morena, com sotaque italiano, aproximando-

se dos nossos.

– Kaftan bun⁴⁵ – diz o soldado atrevido, apontando para a roupa bordada do zuavo, e riem de novo.

– *Ne sortez pas de la ligne, à vos places, sacré nom...*⁴⁶ – grita um cabo francês, e os soldados se dispersam com evidente descontentamento.

E então, numa roda de oficiais franceses, um jovem oficial de cavalaria de nossas tropas despeja um jargão francês de barbearia. A conversa trata de um certo *comte Sazonoff, que j'ai beaucoup connu, monsieur*⁴⁷ – diz um oficial francês com uma dragona. – *C'est un de ces vrais comtes russes, comme nous les aimons.*⁴⁸

– *Il y a un Sazonoff que j'ai connu* – diz o cavalariano –, *mais il n'est pas comte, à moins que je sache, un petit brun de votre âge à peu près.*⁴⁹

– *C'est ça, monsieur, c'est lui. Oh, que je voudrais le voir ce cher comte. Si vous le voyez, je vous pris bien de lui faire mes compliments. Capitaine Latour*⁵⁰ – diz ele, fazendo uma reverência.

– *N'est ce pas terrible la triste besogne, que nous faisons? Ça chauffait cette nuit, n'est-ce pas?*⁵¹ – diz o cavalariano, querendo dar seguimento à conversa e apontando para os cadáveres.

– *Oh, monsieur, c'est affreux! Mais quels gaillards vos soldats, quels gaillards! C'est un plaisir que de se battre contre des gaillards comme eux.*⁵²

– *Il faut avouer que les vôtres ne se mouchent pas du pied non plus*⁵³ – diz o cavalariano, com uma reverência e imaginando que está sendo encantador. Mas chega.

Vale mais observar esse menininho de dez anos que, com um quepe velho, talvez do pai, de sapatos e sem meias, calça curta de nanquim, segura só por um suspensório, logo no começo do armistício atravessou o aterro da trincheira e percorreu o vale inteiro, olhando com curiosidade atônita os franceses e os cadáveres que jaziam por terra, e colhia flores silvestres azuis que recobriam o vale funesto. Ao regressar com um grande buquê, o menino tapava o nariz para evitar o cheiro que o vento levava até ele, deteve-se perto de um montinho de corpos aglomerados e demorou-se observando um cadáver terrível, sem cabeça, que estava mais perto dele. Depois de ficar ali bastante tempo, aproximou-se e tocou com o pé na mão do cadáver, dura e esticada. A mão balançou um pouco. Ele tocou mais uma vez, com mais força. A mão balançou e voltou ao mesmo lugar. O menino gritou de repente, escondeu o rosto no buquê de flores e fugiu dali correndo, até perder o fôlego, na direção da fortaleza.

Sim, no bastião e na trincheira estão erguidas bandeiras brancas, o vale florido está repleto de corpos fétidos, o lindo sol desce na direção do mar azul, e o mar azul, ondulante, reluz sob os raios dourados do sol. Milhares de pessoas se aglomeram, observam, falam e sorriem umas para as outras. E tais pessoas – cristãs, que professam a mesma grande lei do amor e da abnegação, ao ver aquilo que fizeram, não cairão de repente de joelhos, com pesar, diante Daquele que, tendo lhes dado a vida, depositou na alma de cada um, junto com o temor da morte, o amor ao bem e ao belo e, com lágrimas de alegria e felicidade, não se abraçarão como irmãos? Não! Os trapos brancos são enrolados – e de novo assoviam os instrumentos da morte e do sofrimento, de novo jorra o sangue inocente e ouvem-se gemidos e impropérios.

Pronto, já disse o que queria dizer desta vez. Porém uma reflexão penosa me domina. Talvez não fosse necessário dizer isso. Talvez o que eu disse pertença a uma dessas verdades perversas que, fermentando de forma inconsciente na alma de todos, não devem ser expressas a fim de não se tornarem prejudiciais, como a borra do vinho, o qual não se deve sacudir para não estragá-lo.

Onde está a expressão do mal que é preciso evitar? Onde está a expressão do bem, que é preciso imitar nesta novela? Quem é o vilão e quem é o herói? Todos são bons e todos são maus.

Nem Kalúguin, com sua bravura radiante (*bravoure de gentilhomme*)⁵⁴ e a vaidade, motores de todas as suas ações, nem Praskúkhin, homem insignificante, inofensivo, embora tenha tombado pela fé,

pelo trono e pela pátria, nem Mikháilov, com sua timidez e sua visão limitada, nem Piest, menino sem fé ou normas firmes, podem ser os vilões ou os heróis da novela.

O herói de fato de minha novela, a quem amo com todas as forças da alma, o qual me empenhei em reconstituir em toda a sua beleza, e que sempre foi, é e será belo – é a verdade.

26 de junho de 1855

SEBASTOPOL EM AGOSTO DE 1855

I

No fim de agosto, na grande estrada íngreme de Sebastopol, entre Duvanka¹ e Bakhtchissarai, seguia a passo lento, na poeira quente e viscosa, a telega de um oficial (um tipo especial de telega, que não se encontra mais em lugar nenhum, algo na fronteira entre uma *britchka* de judeus, uma charrete russa e um cesto).

Na charrete – na frente, de cócoras, sacudindo as rédeas –, ia o ordenança, com uma sobrecasaca de nanquim e um antigo quepe de oficial que ficara totalmente deformado; atrás, em cima de embrulhos e pacotes cobertos por um pano grosso, usado para pôr sobre o dorso dos cavalos, ia um oficial da infantaria, com um capote de verão. Até onde se podia supor, já que estava sentado, o oficial era de baixa estatura, mas extraordinariamente largo, e não tanto de um ombro ao outro, e sim do peito às costas; largo e compacto, com a nuca e o pescoço muito desenvolvidos e tensos, não tinha algo que se pudesse chamar de cintura – um corte no meio do torso –, mas também não tinha barriga, ao contrário – era bastante magro, sobretudo no rosto, coberto por um amarelo doentio. O rosto seria bonito, se não fossem uma espécie de inchaço e as rugas moles e volumosas, que não eram de velhice, mas se entrelaçavam e reforçavam seus traços e davam a todo o rosto uma expressão geral de rudeza e falta de frescor. Tinha os olhos miúdos, marrons, extraordinariamente vivazes, até insolentes; os bigodes eram muito espessos e roídos pelos dentes, mas não eram largos; o queixo e as maçãs do rosto estavam cobertos por uma barba extremamente dura, espessa, preta, de dois dias. O oficial tinha sido ferido no dia 10 de maio por um estilhaço na cabeça, que continuava enfaixada, e agora, sentindo-se perfeitamente curado havia uma semana, voltava do hospital de Simferópol para o regimento, que devia estar por ali, em algum lugar, de onde se ouviam os tiros – mas podia estar em Sebastopol, em Siévernaia ou em Inkerman, até agora ele não tinha conseguido saber ao certo. Já se ouviam os tiros, sobretudo quando as montanhas não atrapalhavam ou o vento soprava a favor, e os estampidos eram muito claros, frequentes e próximos, ao que tudo indicava: ora uma explosão parecia sacudir o ar e o oficial era tomado por um sobressalto; ora sons mais fracos seguiam-se uns aos outros rapidamente, como um rufo de tambor, interrompido às vezes por um estrondo impressionante; ora tudo se fundia num trovão avassalador, semelhante ao fragor fulminante que ressoa na hora em que a tempestade, com todo o ímpeto, finalmente despeja seu aguaceiro. Todos diziam, e dava para ouvir, que o bombardeio estava medonho. O oficial apressava o ordenança: parecia querer chegar quanto antes. Na sua direção veio um comboio de mujiques russos, que depois de ter levado provisões para Sebastopol voltava agora com as carroças abarrotadas de doentes e feridos, os soldados de capote cinzento, os marinheiros de casaco preto, os voluntários gregos de barrete vermelho e os milicianos barbados. A charrete do oficial teve de parar, e ele, piscando os olhos e franzindo as

sobrancelhas por causa da poeira que se erguera numa nuvem densa e imóvel sobre a estrada, espetava em seus olhos e ouvidos e grudava em todo o rosto, olhava com indiferença amargurada o rosto dos doentes e feridos que passavam por ele.

– Aquele soldadinho fraco é do nosso regimento – disse o ordenança, voltando-se para o superior e apontando para uma carroça cheia de feridos que, naquele momento, passava por eles.

Na parte da frente da carroça, vinha sentado um russo de barba e chapéu de lã de carneiro que amarrava o chicote enquanto o segurava com o cotovelo. Atrás dele, na telega, sacudiam-se uns cinco soldados em posições diferentes. Um, com uma espécie de cordão amarrado no braço, com o sobretudo por cima dos ombros e uma camisa completamente imunda, embora magro e pálido, estava sentado no meio da telega com ar bem-disposto e fez menção de tirar o chapéu ao ver o oficial, mas depois, lembrando-se certamente de que estava ferido, fingiu que queria apenas coçar a cabeça. Outro, a seu lado, jazia no fundo da carroça; só se viam duas mãos esqueléticas, com as quais ele se segurava na beirada da carroça, e os joelhos erguidos, que balançavam para todos os lados como pedaços de palha. Outro, de rosto inchado e cabeça envolta numa atadura, em cima da qual ressaltava um chapéu de soldado, estava sentado de lado, as pernas para fora, na frente da roda, e parecia cochilar com os cotovelos apoiados nos joelhos. O oficial dirigiu-se a ele, quando passou:

– Dóljnikov! – gritou.

– Eu! Ô! – respondeu o soldado, abrindo os olhos e tirando o quepe, com uma voz de baixo tão densa e brusca como se vinte soldados gritassem juntos.

– Quando foi ferido, irmão?

Os olhos mortiços e molhados do soldado se animaram: percebia-se que havia reconhecido o oficial.

– Saúde, Vossa Nobreza! – gritou com a mesma voz de baixo.

– Onde está o nosso regimento agora?

– Estavam em Sebastopol: queriam se transferir na quarta-feira, Vossa Nobreza!

– Para onde?

– Não sei... na certa para Siévernaia, Vossa Nobreza! Hoje já começou o fogo de todo lado, Vossa Nobreza – acrescentou com voz arrastada e pondo o chapéu –, tem bomba que não acaba mais, chega até ao ancoradouro, hoje está batendo tanto que já virou uma desgraça...

Com a distância, não era mais possível ouvir o que o soldado dizia; mas pela expressão de seu rosto e pela sua atitude, era evidente que ele, com a raiva de um homem que sofre, dizia coisas nada consoladoras.

O oficial em trânsito, tenente Koziéltsov, era um oficial fora do comum. Não era desses que vivem e agem de um modo e não de outro porque assim agem e vivem as demais pessoas: ele fazia tudo o que queria, ao passo que os outros faziam todos a mesma coisa e estavam convencidos de que isso era bom. Tinha uma natureza bastante rica; era sensato e também talentoso, cantava bem, tocava violão, falava de modo muito vivo e escrevia com extrema facilidade, sobretudo documentos oficiais, atividade em que ganhara prática no período em que fora ajudante de ordens no regimento; porém o mais notável de tudo era sua natureza cheia de energia e de amor-próprio, o qual embora fosse fundado, acima de tudo, naqueles pequenos dons, constituía por si só um traço marcante e surpreendente. Possuía um tipo de amor-próprio que na maioria das vezes se desenvolve em ambientes masculinos, sobretudo no meio militar, e que se funde com a vida a tal ponto que ele não concebia uma alternativa diferente, a não ser assumir a primazia ou aniquilar-se, e tal amor-próprio era o motor até de suas motivações interiores: ainda que só para si mesmo, o oficial adorava ter a supremacia sobre as pessoas com quem se comparava.

– Ora essa! Pois sim que vou dar ouvidos ao que esse Moscou² fica tagarelando! – murmurou o tenente, que sentia o peso de uma espécie de apatia no coração e uma névoa nos pensamentos, por causa

da visão do transporte de feridos e das palavras do soldado, cujo significado era necessariamente reforçado e confirmado pelos sons do bombardeio. – Muito engraçado esse Moscou... Vamos lá, Nikoláiev, toque para a frente... Está dormindo? – acrescentou um pouco irritado para o ordenança, ajeitando as abas do capote.

As rédeas sacudiram-se, Nikoláiev estalou a língua e a charrete partiu a trote.

– Vamos parar só um minutinho para alimentar os cavalos e logo depois, ainda hoje, vamos em frente – disse o oficial.

II

Ao entrar numa rua de Duvanka, entre restos em ruínas das paredes de pedra das casas dos tártaros, o tenente Koziéltsov foi novamente detido por carroças de transporte de bombas e balas de canhão que seguiam para Sebastopol e bloqueavam a passagem.

Dois soldados de infantaria estavam sentados no meio da poeira, sobre as pedras de um muro desmoronado, junto à rua, e comiam melancia e pão.

– Vai para longe, conterrâneo? – perguntou um deles, que mastigava um pão, para o soldado que parou perto dele com um pequeno saco nos ombros.

– Vou para a companhia, estamos vindo da província – respondeu o soldado, desviando o olhar da melancia e ajeitando o saco nas costas. – Veja só, a gente estava pegando feno para a companhia não faz três semanas e agora convocaram todo mundo; só que ninguém sabe onde está o regimento. Disseram que na semana passada substituíram as nossas tropas em Korabiélnaia. O senhor ouviu falar alguma coisa sobre isso?

– Na cidade, irmão, está na cidade – exclamou o outro, um velho soldado dos comboios de carga, que, usando um canivete, escavava com prazer a melancia esbranquiçada e ainda não madura. – A gente acabou de vir de lá ao meio-dia. Ah, meu irmão, um horror tão grande que é melhor nem ir, se arranje por aqui mesmo, em qualquer lugar, no feno, descanse mais um diazinho ou dois, vai ser melhor assim.

– Mas o que aconteceu, senhores?

– Não soube, não? Hoje ele está atirando de todos os lados, não tem mais nenhum lugar inteiro. O que ele matou de nossos irmãos, nem dá para contar! – Depois de dizer isso, abanou o braço e ajeitou o chapéu.

O soldado que estava de passagem balançou a cabeça com ar pensativo, estalou a língua, depois puxou um cachimbo do cano da bota e, sem encher o forninho, remexeu o tabaco chamuscado, acendeu um pedacinho de pavio com um soldado que fumava e levantou o gorro.

– Só Deus sabe, senhores! Peço licença! – disse e, balançando o saco nas costas, seguiu pelo caminho.

– Eh, é melhor esperar um pouquinho! – disse com voz arrastada e persuasiva o soldado que escavava a melancia.

– Dá na mesma – murmurou o viajante, passando entre as rodas das carroças que se aglomeravam ali. – Acho que também preciso comprar uma melancia para a janta; veja só o que as pessoas falam.

III

A estação de muda de cavalos estava cheia de gente quando Koziéltsov chegou. A primeira pessoa que encontrou, ainda na varanda, foi um homem magro e muito jovem, o chefe da estação, que discutia com

dois oficiais que o seguiam.

– E não são só três dias inteiros, mas dez dias, que terão de esperar! Até os generais esperam, meu velho! – disse o chefe da estação, com vontade de provocar os que passavam por ali.

– Então não devia dar cavalos para mais ninguém!... Por que deu suprimentos para aquele laçao de sei lá quem? – gritou o mais velho dos dois oficiais, com um copo de chá nas mãos e, obviamente, evitando o emprego de um pronome pessoal, mas dando a entender que seria muito fácil tratar o chefe da estação por você.

– Pois raciocine o senhor mesmo, senhor chefe da estação – disse o outro oficial, mais jovem, embaraçado. – Não viajamos por satisfação pessoal. Acontece que também precisam de nós e por isso nos chamaram. Nesse caso, seguramente, vou levar isso ao conhecimento do general Kramper. Nesse caso, então, ora... quer dizer que o senhor não respeita a graduação de um oficial.

– O senhor sempre estraga tudo! – interrompeu o mais velho com irritação. – O senhor só serve para me atrapalhar; é preciso saber como se fala com essa gente. Agora ele perdeu o respeito. Estou dizendo que quero cavalos neste minuto!

– Com todo o prazer, paizinho, mas onde é que vou arranjar cavalos?

O chefe da estação calou-se por um momento, de repente se inflamou e, abanando os braços, desatou a falar:

– Eu mesmo sei tudo e entendo tudo, paizinho; mas o que o senhor vai fazer? Olhe, me dê só... (no rosto dos oficiais manifestou-se uma esperança) me dê só até o fim do mês, e eu já não vou mais estar aqui. Vou para o monte Malákhov, é melhor do que ficar aqui. Por Deus! Façam o que bem entenderem, se suas ordens são essas: em toda estação de troca agora não há mais nenhuma carroça em boas condições, e faz três dias que os cavalos não veem nem um punhadinho de feno.

E o chefe da estação sumiu atrás do portão.

Koziéltsov entrou numa sala junto com os oficiais.

– Deixe estar – disse absolutamente calmo o oficial mais velho para o mais jovem, embora um segundo antes ele parecesse furioso. – Já estamos viajando há três meses, vamos esperar um pouco. Não é o fim do mundo... Vamos chegar a tempo.

A sala enfumaçada e suja estava tão cheia de oficiais e malas que Koziéltsov só a custo conseguiu arranjar um lugar perto da janela para sentar; enquanto observava os rostos e escutava as conversas, começou a fazer um cigarro. À direita da porta, em torno de uma mesa torta e sebenta, sobre a qual havia dois samovares de cobre meio esverdeado e punhados de açúcar em pedaços de papel, sentava-se o grupo principal: um jovem oficial imberbe com um *arkhaluk*³ novo e acolchado, certamente feito de uma capa de mulher, enchia a chaleira; uns quatro oficiais igualmente jovens estavam em diversos pontos da sala: um deles, com um casaco dobrado embaixo da cabeça, dormia no sofá; outro, de pé junto à mesa, cortava um pedaço de carne assada de carneiro para um oficial sem braço, sentado à mesa. Dois oficiais, um com capote de ajudante de ordens, o outro com uniforme de infantaria, mas de tecido fino, com uma bolsa a tiracolo, estavam sentados perto do leito de tijolos junto à estufa; e só pelo modo como olhavam para os demais e pelo modo como o que estava com a bolsa a tiracolo fumava, via-se que eles não eram oficiais da infantaria em ação no front e que estavam satisfeitos com isso. Não porque se percebesse em suas maneiras algum desprezo, mas uma certa tranquilidade satisfeita consigo mesma, baseada em parte no dinheiro, em parte nas relações estreitas com os generais – a consciência de sua superioridade os levava até a desejar escondê-la. Um médico jovem de lábios grossos e um artilheiro com fisionomia alemã estavam sentados quase nas pernas do oficial jovem que dormia no sofá, e contavam dinheiro. Havia quatro ordenanças – uns cochilavam, outros carregavam malas e pacotes para perto da porta. Koziéltsov não encontrou, entre todos os rostos, nenhum conhecido; mas, com curiosidade, pôs-se a escutar as conversas. Os jovens oficiais que, como concluiu logo ao primeiro olhar, tinham acabado de sair da escola de cadetes lhe agradaram, sobretudo porque o fizeram lembrar que o irmão, que também

terminara a escola de cadetes, dali a alguns dias seria incorporado a uma das baterias de Sebastopol. Já o oficial com a bolsa, cujo rosto ele vira antes em algum lugar, pareceu-lhe repulsivo e insolente. Com a ideia até de “colocá-lo no seu lugar, caso invente de falar alguma coisa”, afastou-se da janela rumo à estufa e sentou-se no leito de tijolos. Koziéltsov no geral, como bom oficial e autêntico combatente no front, não só não gostava de oficiais do Estado-Maior como ficava revoltado com eles, e logo ao primeiro olhar reconheceu que era o caso daqueles dois oficiais.

IV

– De todo modo, é horrivelmente irritante que estejamos tão perto e não seja possível chegar lá – disse um dos jovens oficiais. – Talvez hoje aconteça uma batalha e não estaremos lá.

No tom agudo da voz e no frescor rosado que tingiu todo o rosto jovem do oficial no momento em que falou, percebia-se a timidez encantadora e juvenil do homem que teme o tempo todo que suas palavras não sejam as adequadas.

O oficial sem braço observou-o com um sorriso.

– O senhor vai chegar a tempo, acredite – disse ele.

O jovem oficial fitou com respeito o rosto descarnado do oficial sem braço, inesperadamente iluminado com um sorriso, calou-se e cuidou do chá outra vez. De fato, no rosto do oficial sem braço, em sua atitude e sobretudo na manga vazia do capote, exprimia-se muito daquela indiferença serena que podia explicar a maneira como encarava todos os acontecimentos e as conversas, como se dissesse: “Tudo isso é muito bonito, tudo isso eu sei e posso fazer, basta apenas eu querer”.

– Pois bem, o que vamos decidir? – falou de novo o oficial jovem para seu camarada de *arkhaluk*.

– Vamos pernoitar aqui ou seguimos com os nossos cavalos?

O camarada desistiu de prosseguir.

– O senhor imagine, capitão – prosseguiu o que servia o chá, dirigindo-se ao oficial sem braço e apanhando uma faquinha que este deixara cair –, nos disseram que os cavalos custam tremendamente caro em Sebastopol, então compramos um cavalo em comum em Simferópolis.

– Mas será que não cobraram caro demais dos senhores?

– Sinceramente, não sei, capitão: pagamos noventa rublos, com a carroça. Isso é muito caro? – acrescentou, dirigindo-se para todos e também para Koziéltsov, que o fitava.

– Não é caro, se o cavalo for jovem – respondeu Koziéltsov.

– É mesmo? Mas nos disseram que era caro... Só que ele está mancando um pouco, mas nos disseram que isso vai passar. Ele é muito forte.

– Os senhores estão em que corpo de cadetes? – perguntou Koziéltsov, que desejava saber notícias do irmão.

– Agora estamos no regimento de Dvoriánski, somos seis; vamos todos para Sebastopol por vontade própria – disse o oficialzinho falador. – Só que não sabemos onde está nossa bateria: uns dizem que está em Sebastopol, mas outros dizem que está em Odessa.

– E em Simferópolis, não é possível que alguém lá saiba? – perguntou Koziéltsov.

– Não sabemos... Imagine o senhor que um camarada nosso foi lá, na chancelaria: foi insultado com brutalidade... O senhor pode imaginar que coisa mais desagradável!... Quer que eu prepare um cigarro para o senhor? – perguntou então para o oficial sem braço, que tentava pegar sua cigareira.

E, com uma espécie de entusiasmo servil, pôs-se a ajudá-lo.

– E o senhor também vem de Sebastopol? – prosseguiu. – Ah, meu Deus, que coisa admirável! Como em Petersburgo pensamos nos senhores, em todos os heróis! – disse, dirigindo-se a Koziéltsov

com respeito e cordialidade.

– Então quer dizer que os senhores estão voltando? – perguntou o tenente.

– Pois é isso que tememos. Imagine o senhor que nós, quando compramos o cavalo e reunimos as provisões necessárias, a cafeteira e várias coisinhas bobas, mas indispensáveis, acabamos ficando sem dinheiro nenhum – disse com voz baixa e olhando de lado para seu camarada –, portanto, mesmo se voltarmos, já não sabemos como vamos fazer.

– Não ganharam a gratificação de transferência? – perguntou Koziéltsov.

– Não – respondeu num sussurro. – Prometeram nos pagar aqui.

– E os senhores têm o certificado?

– Sei que o certificado é o principal; mas em Moscou um senador, meu tio, quando fui à casa dele, me disse que me dariam aqui, do contrário ele mesmo teria me dado. Acha que vão dar?

– Darão, com toda a certeza.

– Eu também acho que vão dar, talvez – disse ele num tom de voz que demonstrava já ter feito a mesma pergunta em trinta estações de muda de cavalo e, como em toda parte recebera respostas diferentes, já não acreditava de fato em ninguém.

v

– Como é que não vão dar? – exclamou de repente o oficial que tinha discutido com o chefe da estação na varanda, aproximando-se naquele momento dos militares que conversavam e dirigindo-se em parte aos oficiais do Estado-Maior, sentados ali perto, como se fossem os ouvintes mais respeitáveis. – Pois eu também, como esses senhores, quis ingressar no Exército em campanha e, em Sebastopol, cheguei a abrir mão de um posto excelente e, a não ser pela marcha de P., pela qual ganhei cento e trinta e seis rublos de prata, não me pagaram mais nada, e eu já tive de gastar cento e cinquenta rublos. Imaginem só, estou viajando há três meses, são oitocentas verstas. Há dois meses estou com esses senhores. Ainda bem que eu tinha meu próprio dinheiro. Mas e se não tivesse?

– É mesmo, três meses? – perguntou alguém.

– E o que o senhor quer que eu faça? – prosseguiu o que estava contando. – Pois se eu não quisesse viajar, não abriria mão de um ótimo posto que me ofereceram; e não passaria a vida na estrada, mas se me queixo não é porque eu tenha medo... a questão é a falta total de recursos. Em Perekop, por exemplo, fiquei duas semanas; o chefe da estação de muda de cavalos nem queria falar com a gente: “Se quiser, pode ir embora, olhe só quantos mensageiros do correio querem se hospedar aqui”. Deve ser o meu destino... pois, veja, eu bem que queria, mas é claro que foi o destino; e não é porque haja um bombardeio agora, mas se apressar ou não se apressar dá tudo na mesma; mas eu bem que queria...

Esse oficial explicava com tanto empenho as causas de seu atraso que parecia usá-las como desculpa, e assim era inevitável que desse a impressão de ser covarde. Isso ficou ainda mais visível quando perguntou sobre o local onde estaria seu regimento e se lá era perigoso. Chegou a empalidecer e a voz vacilou, quando o oficial sem braço, que era do mesmo regimento, lhe disse que só naqueles dois dias uns dezessete oficiais tinham sido feridos ou mortos.

De fato, o oficial naquele minuto se mostrava um rematado covarde, porém seis meses antes estava bem longe de ser assim. Nele aconteceu uma reviravolta que muitos experimentaram, antes e depois do seu caso. Morava numa de nossas províncias em que existe um corpo de cadetes, e ele tinha um posto tranquilo e distinto, mas ao ler nos jornais e em cartas pessoais sobre os combates dos heróis de Sebastopol, antigos camaradas seus, de repente ele se inflamou de ambição e, mais ainda, de patriotismo.

Sacrificou muita coisa por aquele sentimento – um posto seguro, alojamentos com móveis finos, que

lhe custaram oito anos de esforços, além de seus contatos e das esperanças de um casamento rico –, abandonou tudo isso e se apresentou já em fevereiro no Exército em campanha no front, sonhando com a coroa de louros da glória imortal e com as dragonas de general. Dois meses depois de entregar o pedido, recebeu um questionamento do comando, que perguntava se ele não ia exigir uma ajuda do governo. Respondeu que não e, com paciência, continuou a esperar sua nomeação, embora naqueles dois meses o ardor patriótico já tivesse arrefecido consideravelmente. Mais dois meses se passaram e recebeu outro questionamento, indagando se pertencia a alguma loja maçônica e outras formalidades semelhantes, e depois da resposta negativa, enfim, no quinto mês, chegou sua nomeação. Ao longo de todo esse tempo, os amigos e sobretudo o sentimento latente de descontentamento com o novo, que se manifesta toda vez que ocorre uma mudança de situação, tinham conseguido convencê-lo de que fizera uma tremenda burrice, ao ingressar no Exército no front. Então, quando se viu sozinho, com azia, o rosto empoeirado, na quinta estação de muda de cavalos, onde encontrou um mensageiro de Sebastopol que lhe contou os horrores da guerra e onde esperou doze horas pelos cavalos – ele já estava completamente arrependido de sua leviandade, pensava com um horror obscuro sobre aquilo que o aguardava e seguiu seu caminho inconsciente, como se fosse para um sacrifício. Esse sentimento, no decorrer dos três meses da peregrinação pelas estações, onde quase sempre precisava esperar e encontrava oficiais que vinham de Sebastopol com histórias medonhas, aumentou cada vez mais e por fim tomou conta do pobre oficial, que de herói disposto às façanhas mais temerárias, que se imaginava em P., passou à condição de lamentável covarde, em Duvanka; e, viajando havia um mês com os jovens recém-saídos da escola de cadetes, tentava avançar o mais lentamente possível, considerando aqueles dias os últimos de sua vida, e em cada estação armava seu leito, arrumava sua pequena adega, organizava uma partida de *préférence*, olhava o livro de reclamações como um passatempo e se alegrava quando não lhe davam cavalos.

Seria de fato um herói se o tivessem levado direto de P. para os bastiões, mas agora teria de atravessar muitos sofrimentos morais a fim de tornar-se aquela pessoa calma e paciente, no trabalho e no perigo, que estamos habituados a ver num oficial russo. Mas já era difícil ressuscitar nele o entusiasmo.

VI

– Quem foi que pediu borsch? – pergunta a proprietária, mulher bastante suja e gorda, de uns quarenta anos, que entrou com uma tigela de *sch*.⁴

A conversa parou na mesma hora e todos que estavam na sala dirigiram os olhos para a dona do restaurante. O oficial que vinha de P. chegou a piscar para o oficial jovem, apontando para ela.

– Ah, foi o Koziéltsov que pediu – disse o oficial jovem. – É preciso acordá-lo. Levante para comer – disse, aproximando-se do oficial que dormia no sofá e tocando seu ombro.

O rapazinho, de uns dezessete anos, de olhinhos pretos e alegres e de faces rosadas, pulou energicamente do sofá e, esfregando os olhos, ficou parado no meio da sala.

– Ah, me desculpe, por favor – disse, com voz sonora e límpida, para o médico em quem havia esbarrado ao levantar.

O tenente Koziéltsov na mesma hora reconheceu o irmão e se aproximou dele.

– Não está me reconhecendo? – perguntou, sorrindo.

– A-a-ah! – exclamou o caçula. – Que surpresa! – E pôs-se a beijar o irmão.

Beijaram-se três vezes, mas na terceira se atrapalharam, como se o mesmo pensamento tivesse passado pela cabeça dos dois: para que beijar três vezes?

– Puxa, como estou contente! – disse o mais velho, encarando o irmão. – Vamos para a varanda, vamos conversar.

- Vamos, vamos, sim. Não quero borsch... coma você, Fiéderson – disse para um camarada.
- Mas você queria comer.
- Não quero nada.

Quando saíram para a varanda, o caçula não parou de fazer perguntas ao irmão: “E então, como vai, conte tudo”, e não parava de dizer como estava contente de vê-lo, mas ele mesmo não contava nada.

Depois de cinco minutos, num momento em que conseguiram se calar um pouco, o irmão mais velho perguntou por que o caçula não tinha entrado para a guarda, como todos os nossos esperavam.

– Ah, pois é! – respondeu o caçula, ruborizando-se com uma lembrança. – Foi um golpe horrível para mim, eu não esperava de jeito nenhum que aquilo fosse acontecer. Imagine só, pouco antes da formatura, três de nós foram fumar... Sabe aquele quartinho atrás do quarto do porteiro? Pois então, no seu tempo já existia, é claro... Só que, imagine só, o canalha do vigia viu e foi correndo contar ao oficial de serviço (e olhe que algumas vezes dávamos para o vigia um dinheiro para vodca), e ele apareceu; só que, assim que o vimos, os outros jogaram fora os cigarros e dispararam pela porta lateral... mas eu não consegui ir para lugar nenhum e ele logo começou a me falar de maneira desagradável. É claro que não me intimidei, ele contou ao inspetor e a coisa foi em frente. Por isso é que me deram notas baixas em comportamento, embora no resto as notas tenham sido ótimas, só em mecânica tirei doze, mas não foi nada. Mandaram-me para o Exército. Depois prometeram me mandar para a guarda, mas eu não queria mais e pedi para ir para a guerra.

– Ora essa!

– Verdade, estou falando sério, tudo me pareceu tão nojento que eu quis ir para Sebastopol o mais depressa possível. De resto, se tudo por aqui correr bem, pode ser que eu consiga mais vantagens do que na guarda: lá, em dez anos sou coronel; aqui, em dois anos, Totleben⁵ passou de tenente-coronel para general. Mas se me matarem... o que fazer?

– Veja só como você está! – disse o irmão, sorrindo.

– E o mais importante, quer saber o que é, irmão? – disse o caçula, sorrindo e ruborizando-se, como se tomasse coragem para dizer algo muito vergonhoso. – Tudo isso é bobagem; o mais importante, e foi por isso que pedi, é que é uma coisa vergonhosa viver em Petersburgo quando em outra parte há pessoas morrendo pela pátria. E eu também queria estar junto de você – acrescentou, ainda mais tímido.

– Como você é engraçado! – disse o irmão mais velho, pegando sua cigareira, sem olhar para ele. – Só é pena que não vamos ficar juntos.

– Mas, me diga a verdade, é mesmo horrível lá nos bastiões? – perguntou de repente o caçula.

– No início é horrível, depois a gente se acostuma, não é nada. Você vai ver.

– E me diga mais uma coisa: o que você acha? Vão tomar Sebastopol? Acho que não vão tomar de jeito nenhum.

– Só Deus sabe.

– Só tem uma coisa que me chateia... imagine só que infelicidade: no caminho, roubaram todas as nossas trouxas, e lá estava minha barretina, portanto agora estou numa situação horrível e não sei como vou me apresentar. Sabe, agora temos barretinas novas, houve em geral uma porção de mudanças; todas para melhor. Posso lhe contar a respeito de tudo isso... Em Moscou, andei em toda parte.

O segundo Koziéltsov, Vladímir, era muito parecido com o irmão Mikhail, mas a semelhança era como a que existe entre uma rosa que desabrocha e uma rosa silvestre murcha. Ele tinha o mesmo cabelo castanho-claro, mas espesso e crespo nas têmporas; na nuca branca e delicada, tinha uma mechinha castanha – sinal de felicidade, dizem as babás. Na cor branca e delicada da pele do rosto, o rubor jovem e sanguíneo não se mantinha estável, mas reluzia com força, revelando todos os movimentos da alma. Os olhos, iguais aos do irmão, eram grandes e mais acesos, o que dava um realce especial porque muitas vezes ficavam encobertos por uma leve umidade. Uma penugem castanha brotava nas bochechas e acima dos lábios vermelhos, que muitas vezes se distendiam num sorriso tímido e deixavam à mostra os dentes

brancos e brilhantes. Esbelto, ombros largos, com o capote desabotoado, sob o qual se via uma camisa vermelha de gola aberta, com um cigarro na mão, os cotovelos apoiados no parapeito da varanda, com uma alegria ingênua no rosto e nos gestos, era assim que ele se apresentava diante do irmão – era um menino tão simpático e bonito que todos tinham de olhar para ele. Estava extraordinariamente feliz de ver o irmão, observava-o com respeito e orgulho, imaginando que era um herói; mas em certos aspectos, sobretudo no terreno da educação mundana, que, para dizer a verdade, ele mesmo não tinha – saber falar francês, frequentar pessoas importantes, dançar etc. –, envergonhava-se um pouco do irmão mais velho, achava-se superior e até queria educá-lo. Todas as suas impressões ainda eram de Petersburgo, da casa de uma certa senhora que amava os rapazes bonitos e que o tomava para si nos feriados, e também da casa de um senador em Moscou, onde uma vez dançou num baile de gala.

VII

Depois de conversarem quase até cansar e tendo afinal chegado àquele sentimento que se experimenta muitas vezes, de que havia pouco a dizer, apesar de se amarem mutuamente, os irmãos ficaram bastante tempo calados.

– Bem, agora pegue suas coisas e vamos embora – disse o mais velho.

O caçula de repente ruborizou-se e titubeou.

– Direto para Sebastopol? – perguntou, depois de um momento de silêncio.

– Isso mesmo, afinal você não tem muitas coisas para levar; acho que dá para arrumar tudo na charrete.

– Excelente! Vamos agora mesmo – respondeu o caçula com um suspiro e saiu na direção do quarto.

Mas, sem abrir a porta, parou na soleira, baixou a cabeça com ar triste e começou a pensar: “Agora mesmo, direto para Sebastopol, para aquele inferno... que horror! Mas, afinal, tanto faz, mais cedo ou mais tarde vai ter de ser assim. Agora, pelo menos vou com meu irmão...”.

A questão era que só agora, ante o pensamento de que, depois de subir na telega, só iria descer em Sebastopol, e de que nenhuma circunstância poderia mais detê-lo, ele se deu conta com clareza do perigo para o qual estava se encaminhando – e ficou confuso, assustado, com a ideia da proximidade do perigo. Acalmando-se como pôde, entrou no quarto; mas passaram-se quinze minutos e não voltou ao encontro do irmão, por isso o mais velho, afinal, foi abrir a porta para chamá-lo. O Koziéltsov caçula, na atitude de um colegial apanhado em flagrante, conversava com o oficial vindo de P. Quando o irmão abriu a porta, ele ficou totalmente desconcertado.

– Já vou, já vou, estou saindo – começou a dizer, gesticulando para o irmão. – Espere um pouquinho lá fora, por favor.

Um minuto depois, saiu de fato e se aproximou do irmão com um suspiro profundo.

– Veja bem, não posso ir com você, irmão – disse.

– Como assim? Que absurdo!

– Vou lhe contar toda a verdade, Micha! Já não temos dinheiro nenhum e todos nós devemos àquele capitão do Estado-Maior que veio de P. É uma terrível vergonha!

O irmão mais velho franziu as sobrancelhas e demorou a quebrar o silêncio.

– Você deve muito? – perguntou, olhando de lado para o irmão.

– Muito... não, não é tanto assim; mas é uma vergonha terrível: ele já pagou minhas contas em três estações, e todo o seu açúcar acabou... assim, eu não sei... e também jogamos *préférence*... fiquei devendo um pouco a ele.

– Isso é ruim, Volódia! Mas o que você ia fazer, se não me encontrasse? – perguntou em tom severo, sem olhar para o irmão.

– Bem, achei que ia receber a gratificação em Sebastopol e então pagaria a dívida. E posso fazer assim; o melhor é que eu parta com ele amanhã.

O mais velho apanhou a carteira e, com os dedos um pouco trêmulos, pegou duas notas de dez rublos e uma de três.

– Aqui está meu dinheiro – disse. – Quanto você deve?

Ao dizer que ali estava todo o seu dinheiro, Koziéltsov não dissera a verdade: ainda possuía quatro moedas de ouro, escondidas no punho da camisa, para qualquer eventualidade, mas prometera a si mesmo não tocar naquele dinheiro de jeito nenhum.

Aconteceu que o segundo Koziéltsov, com o *préférence* e o açúcar, devia apenas oito rublos ao oficial de P. O irmão mais velho lhe deu o dinheiro, observando apenas que quando não se tem dinheiro, não se pode jogar *préférence*.

– E com o que você jogou?

O caçula não respondeu nada. A pergunta do irmão lhe pareceu pôr em dúvida sua honestidade. A irritação consigo mesmo, a vergonha por seus atos, capazes de provocar tal desconfiança, e a ofensa do irmão, que ele amava tanto, produziram em sua natureza impressionável um sentimento tão forte e doloroso que ele não respondeu nada, sentindo que não estaria em condições de conter os sons chorosos que subiam em sua garganta. Pegou o dinheiro sem olhar e foi na direção de seus camaradas.

VIII

Nikoláiev, depois de se revigorar em Duvanka com duas doses de vodca, compradas de um soldado numa ponte, sacudiu as rédeas e a charrete partiu, trepidando sobre as pedras, numa estrada aqui e ali coberta de sombras, que ia de Belbek a Sebastopol, e os irmãos, com as pernas se entrecrocando, mantinham-se tenazmente calados, embora pensassem um no outro o tempo todo.

“Por que ele me ofendeu?”, pensava o caçula. “Será que não podia deixar de dizer aquilo? É como se achasse que sou um ladrão; e agora parece estar com raiva, como se estivéssemos brigados para sempre. E que coisas incríveis poderíamos fazer, os dois juntos, em Sebastopol! Dois irmãos que se dão bem, ambos combatendo o inimigo: um já velho, embora não muito educado, mas um militar corajoso, e o outro, jovem, mas também bravo... Em uma semana eu mostraria a todos que já não sou criança! Vou parar de me ruborizar, o rosto vai ficar viril, e com um bigode... pequeno, mas até lá vai crescer direito.” E repuxou a penugem visível perto da boca. “Talvez cheguemos hoje mesmo e logo entraremos em ação, eu e meu irmão. Ele deve ser tenaz e valente, do tipo que não fala muito, mas age melhor do que os outros. Eu bem que gostaria de saber”, prosseguiu, “se é de propósito que ele me espreme assim no canto da charrete. Sem dúvida, percebe que estou incomodado e finge que não nota. Então vamos chegar hoje”, continuou raciocinando, espremido na beirada da charrete e com medo de se mexer, para não dar ao irmão a impressão de que estava mal acomodado. “E de repente vamos direto para um bastião: eu com os canhões, o irmão com a companhia... e seguiremos juntos. Aí, de repente, os franceses nos atacam. Eu... atirar, atirar: dou cabo de uma quantidade incrível; mesmo assim eles correm direto para cima de mim. Já não é possível atirar e... claro, não tenho salvação; mas de repente o irmão aparece correndo na frente, com o sabre em punho, e eu empunho um fuzil e avançamos correndo junto com os soldados. Os franceses atiram-se contra o irmão. Eu corro até lá, mato um francês, mais um, e salvo o irmão. Feriram minha mão, seguro o fuzil com a outra mão e corro assim mesmo; aí matam o irmão com uma bala, bem do meu lado. Paro um instante, olho para ele com enorme tristeza, me levanto e grito: ‘Sigam-me! Vamos

vingá-lo! Eu amava meu irmão mais que tudo no mundo’, eu digo, ‘e agora o perdi. Vamos vingá-lo, vamos aniquilar os inimigos, ou morreremos todos aqui!’... Todos começam a gritar, se lançam atrás de mim. Então todo o Exército francês aparece, o próprio Pélissier.⁶ Aniquilamos todos eles, mas no fim me ferem de novo, e uma terceira vez, e eu tomo, à beira da morte. Então todos vêm correndo para junto de mim. Gortchakov⁷ se aproxima e pergunta o que eu quero. Respondo que não quero nada... só quero que me coloquem ao lado do irmão, digo que quero morrer com ele. Então me levam e me colocam ao lado do cadáver ensanguentado do irmão. Levanto um pouco a cabeça e digo apenas: ‘Vocês não souberam dar valor a dois homens que amavam sinceramente a pátria; agora os dois tombaram... que Deus os perdoe!’.

E morro.”

Quem sabe até que ponto tais sonhos irão se realizar?

– Escute, você já tomou parte em alguma batalha? – perguntou ele de repente, totalmente esquecido de que não queria falar com o irmão.

– Não, nem uma vez – respondeu o mais velho. – Perdemos dois mil homens, sempre nos trabalhos; e eu também fui ferido no trabalho. A guerra não se passa nem de longe da maneira como você imagina, Volódia!

A palavra “Volódia” comoveu o caçula; teve vontade de se explicar para o irmão, o qual não tinha a menor ideia de que o ofendera.

– Está aborrecido comigo, Micha? – perguntou, depois de um momento de silêncio.

– Por quê?

– Não... por nada. Pelo que aconteceu entre nós. Bobagem.

– Nem um pouco – respondeu o mais velho, virando-se para ele e dando uma palmadinha na sua perna.

– Então você me perdoe, Micha, se aborreci você.

E o irmão caçula virou-se para o lado a fim de esconder as lágrimas que de repente apareceram em seus olhos.

IX

– Será que isso já é Sebastopol? – perguntou o irmão caçula, quando subiram uma ladeira e na sua frente apareceu uma baía com mastros de navios, o mar com a esquadra inimiga ao longe, as baterias brancas da costa, quartéis, aquedutos, docas, as edificações da cidade e nuvens de fumaça brancas e lilás, que subiam sem cessar pelos morros amarelos em redor da cidade e pairavam no céu azul, diante dos raios rosados do sol, que já se refletia reluzente no mar escuro e mergulhava no horizonte.

Volódia, sem o menor tremor, avistou aquele local terrível, sobre o qual tanto ouvira falar; ao contrário, com um prazer estético e um sentimento heroico de orgulho por saber que em meia hora estaria lá, contemplou aquele espetáculo de fato fascinante e original e o observou com atenção concentrada até o momento em que chegou a Siévernaia, ao comboio de carga do regimento do irmão, onde deveriam obter informações seguras sobre a localização do regimento e da bateria.

O oficial do transporte morava perto do que chamavam de vila nova – barracos de tábuas construídos por famílias de marinheiros –, numa barraca anexa a outra bastante grande, feita de ramos de carvalho verdes e trançados, que ainda não haviam tido tempo de secar totalmente.

Os irmãos encontraram o oficial diante de uma mesa dobrável, sobre a qual havia um copo de chá frio com cinzas de cigarro, uma bandeja com vodca e migalhas de caviar e pão seco, e o oficial, usando um grande ábaco, contava uma enorme pilha de cédulas. Mas, antes de falar sobre a personalidade do oficial e sua conversa, é necessário observar com mais atenção o interior de sua barraca e conhecer, por

pouco que seja, sua forma de vida e suas ocupações. A barraca nova era bastante espaçosa, bem construída e confortável, com mesinhas e banquetas de vime trançado, de um jeito que só se oferecem a generais ou comandantes de regimento; as laterais e também o teto, para que não caíssem folhas dentro da barraca, eram revestidos por três tapetes horrorosos, é certo, porém novos e seguramente caros. Nas camas de ferro que ficavam abaixo do tapete principal, pintado com a figura de uma amazona, havia um cobertor de veludo vermelho-claro, um travesseiro de couro sujo e rasgado e um casaco de pele de guaxinim; sobre a mesa, havia um espelho numa moldura de prata, uma escova de prata horrivelmente suja, um pente de chifre quebrado, cheio de fios de cabelo gordurosos, um castiçal de prata, uma garrafa de licor com um imenso rótulo dourado e vermelho, um relógio de ouro com a imagem do tsar Pedro I, dois anéis de ouro, uma caixinha com algumas cápsulas, uma casca de pão e velhos mapas jogados; embaixo da cama, havia garrafas de cerveja Porter vazias e cheias. Aquele oficial era o encarregado do transporte de carga do regimento, bem como da alimentação dos cavalos. Junto com ele, morava seu grande amigo – um comissário também encarregado das mesmas operações. No momento em que os irmãos entraram, ele dormia na barraca; já o oficial do transporte fazia contas do dinheiro de sua verba oficial, para fazer face às despesas do fim do mês. O oficial do transporte tinha um aspecto muito bonito e marcial: alto, bigodes grandes, corpulência nobre. Nele, só eram desagradáveis uma espécie de suor e de inchaço em todo o rosto, quase encobrendo os olhos pequenos e cinzentos (como se todo ele estivesse transbordando cerveja Porter), e uma extraordinária falta de asseio – dos cabelos ralos e melados até os grandes pés descalços metidos em chinelos de arminho.

– Dinheiro, dinheiro! – disse o primeiro Koziéltsov, entrando na barraca e dirigindo os olhos, com involuntária cobiça, para a pilha de notas. – Você bem que podia me emprestar metade, Vassíli Mikháilitch!

O oficial do transporte, como se tivesse sido apanhado em flagrante roubando, encolheu-se todo ao ver os visitantes e, juntando o dinheiro, sem levantar, cumprimentou-os com uma inclinação de cabeça.

– Ah, se fosse meu... É do Tesouro, paizinho! Mas quem é esse com você? – perguntou, escondendo o dinheiro num cofre a seu lado e olhando direto para Volódia.

– Este é meu irmão, terminou a escola de cadetes. Pois é, e viemos aqui para perguntar a você onde está o regimento.

– Sentem-se, senhores – disse, levantando-se, e, sem prestar atenção nas visitas, foi para a barraca. – Não querem beber? Cerveja Porter, talvez? – perguntou, de lá.

– Não se incomode, Vassíli Mikháilitch!

Volódia ficou impressionado com a imponência do oficial do transporte, com sua maneira desleixada e com o respeito com que tratou seu irmão.

“Deve ser um dos melhores oficiais deles, a quem todos admiram; certamente é simples, muito corajoso e hospitaleiro”, pensou, sentando-se no sofá com modéstia e timidez.

– Então, onde está o regimento? – perguntou o mais velho na direção da barraca.

– O quê?

Repetiu a pergunta.

– Hoje o Zeifer esteve aqui: contou que ontem transferiram o regimento para o quinto bastião.

– Será que é verdade?

– Se estou dizendo é porque é verdade; de resto, só o diabo pode saber! Para ele, mentir não custa nada. E então, vão beber cerveja Porter? – perguntou o oficial do transporte, ainda da barraca.

– Obrigado, vou beber – respondeu Koziéltsov.

– E o senhor não vai beber, Ossip Ignátitch? – prosseguiu a voz que vinha da barraca, certamente dirigindo-se ao comissário. – Chega de dormir: já são oito horas.

– Ora bolas, como o senhor pega no meu pé! Não estou dormindo – respondeu uma vizinha preguiçosa e fina, que pronunciava de modo gutural o *L* e o *R*.

– Então levante, vamos: sem o senhor, me dá tédio.

E o oficial do transporte foi ao encontro dos visitantes.

– Traga uma cerveja Porter. É de Simferópol! – gritou.

O ordenança, com uma expressão de orgulho no rosto, assim pareceu a Volódia, entrou na barraca e pegou uma garrafa de cerveja Porter embaixo do banco, chegando a empurrar Volódia.

– Sim, paizinho – disse o oficial do transporte, servindo os copos. – Hoje temos um novo comandante do regimento. É preciso dinheiro, e arranjar provisões para todos.

– Ah, mas acho que esse é especial, da nova geração – disse Koziéltsov, pegando o copo de maneira educada.

– Ora, da nova geração! Vai ser avarento feito o outro. Comandava o batalhão na base do grito, mas esse canta outra música. Não tem jeito, paizinho.

– Pois é.

O irmão caçula não estava entendendo nada do que diziam, no entanto tinha a vaga impressão de que o irmão não falava exatamente o que estava pensando, mas apenas porque bebia a cerveja Porter daquele oficial.

A garrafa de cerveja Porter estava vazia e a conversa continuava no mesmo tom havia já bastante tempo, quando as abas de pano da porta da barraca se abriram de repente e por ali apareceu um homem baixo e jovem, com uma túnica de cetim azul com franjas, de quepe com fita vermelha na borda e um emblema. Entrou ajeitando o bigodinho preto e, olhando para algum ponto do tapete, respondeu ao cumprimento do oficial com um movimento quase imperceptível do ombro.

– Traga aqui, vou beber um copinho! – disse ele, sentando-se junto à mesa. – E então, o senhor vem de Petersburgo, meu jovem? – perguntou, dirigindo-se a Volódia com carinho.

– Sim, senhor. Vou para Sebastopol.

– O senhor mesmo pediu para ir?

– Sim, senhor.

– Que gosto veem nisso, senhores, eu não entendo! – prosseguiu o comissário. – Acho que eu estaria disposto a ir embora a pé até Petersburgo agora mesmo, se me deixassem partir. Não aguento mais esta vida de cachorro, juro por Deus!

– Por que o senhor acha tão ruim? – perguntou o irmão mais velho. – Sua vida aqui não é tão medonha assim!

O comissário fitou-o e lhe deu as costas.

– Esse perigo (“De que perigo ele está falando, se estava em Petersburgo?”, pensou Koziéltsov), essas privações, é impossível que isso dê em alguma coisa – continuou, sempre se dirigindo a Volódia. – Que gosto os senhores veem nisso, eu decididamente não entendo! Ainda que possa haver algumas vantagens, não vale a pena. Por acaso é bom, na sua idade, de repente ficar aleijado para o resto da vida?

– Há os que buscam um ganho pecuniário, mas há os que servem pela honra! – interveio de novo o Koziéltsov mais velho, com irritação na voz.

– De que adianta a honra, quando não se tem nada? – disse o comissário, rindo com desdém, dirigindo-se para o oficial do transporte, que também começou a rir daquilo. – Dê corda na Lucia,⁸ vamos escutar – disse ele, apontando para uma caixinha de música. – Adoro isso...

– Diga, é mesmo uma boa pessoa, esse Vassíli Mikháilitch? – perguntou Volódia para o irmão, já no crepúsculo, quando saíram da barraca e seguiram caminho para Sebastopol.

– Não é mau, só que é um avarento tão miserável que dá até enjojo! Por baixo, ganha trezentos rublos por mês! E vive como um porco, você mesmo viu. E o tal comissário, esse eu não aguento. Um dia desses ainda dou uma surra nele. Pois esse canalha embolsou na Turquia doze mil rublos... – E Koziéltsov passou a discursar sobre o desvio de verbas, um pouco (para dizer a verdade) com a raiva peculiar de alguém que condena tal prática não porque o desvio de verbas seja algo ruim, mas sim

porque fica irritado por haver pessoas que tiram proveito disso.

X

Volódia não estava propriamente de mau humor quando chegou, já quase de noite, à grande ponte que atravessava a baía, mas sentia uma espécie de peso no coração. Nada do que via e escutava estava de acordo com suas impressões do passado recente: um salão iluminado e assoalhado, vozes alegres e boas, risos dos camaradas, uniforme novo, o tsar amado, que ele estava habituado a ver fazia sete anos e que, ao despedir-se deles com lágrimas, os chamara de seus filhos – e tudo o que via se parecia muito pouco com seus sonhos belos, coloridos e generosos.

– Pronto, chegamos! – disse o irmão mais velho, quando, depois de chegarem à bateria de Mikhail, desceram da charrete. – Se nos deixarem passar pela ponte, iremos logo para a caserna Nikolai. Você vai ficar lá até de manhã, eu vou para o regimento, saber onde está sua bateria, e amanhã voltarei para encontrá-lo.

– Por quê? É melhor irmos juntos – disse Volódia. – Eu também vou com você ao bastião. Agora, tanto faz: eu preciso me acostumar. Se você for, irei também.

– É melhor não ir.

– Não, por favor, eu pelo menos vou saber como...

– Meu conselho é que não vá, mas talvez...

O céu estava limpo e escuro; as estrelas, os fogos das bombas em incessante movimento e os tiros já reluziam na escuridão. O prédio grande da bateria e o início da ponte sobressaíam no escuro. Literalmente a cada segundo, alguns disparos de canhões e explosões, em rápida sucessão ou juntos, sacudiam o ar com um estrondo cada vez maior e mais destacado. Por trás do ruído, como que fazendo eco a ele, ouvia-se o rosnado da baía cinzenta. Do mar, batia uma brisa e vinha um cheiro de umidade. Os irmãos chegaram à ponte. Um voluntário bateu com o fuzil na mão, meio desajeitado, e gritou:

– Quem vem lá?

– Soldado!

– Não pode passar.

– Mas como? Precisamos passar.

– Peça ao oficial.

O oficial, que cochilava sentado numa âncora, levantou-se e mandou que liberassem a passagem.

– Podem passar, mas não podem voltar. E para onde estão indo assim, todos de uma vez só? – gritou para carroças do regimento, abarrotadas de grandes cestos, que se aglomeravam na entrada da ponte.

Chegando ao primeiro pontão, os irmãos cruzaram no caminho com soldados que vinham de volta e conversavam em voz bem alta.

– Se ele recebeu os equipamentos, quer dizer que conferiu as contas, e então...

– Ora, irmãos! – disse outra voz. – Quando você chegar a Siévernaia, vai ver a luz, por Deus! O ar é totalmente diferente.

– Não me venha com essa! – disse o primeiro. – Faz uns dias, caiu uma dessas bombas malditas, dois marinheiros perderam a perna... é melhor nem falar mais nada.

Os irmãos atravessaram o primeiro pontão, esperaram passar algumas carroças e pararam no segundo pontão, que em certos pontos já estava coberto pela água. O vento, que no campo parecia fraco, ali era bem forte e impetuoso; a ponte balançava, e as ondas, batendo ruidosas nas vigas de madeira, quebravam nas âncoras e nas cordas, inundando as tábuas. À direita, o mar rugia e parecia negro,

enevado e hostil, realçando até o infinito a linha negra e reta na confluência com o horizonte claro e acinzentado; e em algum lugar ao longe reluziam os fogos na frota inimiga; à esquerda surgia negra a massa escura de um de nossos navios e ouviam-se as batidas das ondas em seu costado; via-se um barco a vapor que se deslocava ruidoso e rápido, vindo de Siévernaia. O fogo de uma bomba que explodiu perto dele iluminou uma grande quantidade de cestos amontoados no convés, dois homens que estavam de pé em cima deles, a espuma branca e os respingos das ondas esverdeadas, rompidas pelo movimento do barco a vapor. Um homem estava sentado na beira da ponte, com as pernas na água, sem casaco, e consertava alguma coisa no pontão; à frente, acima de Sebastopol, continuavam os mesmos fogos e sons aterradores e, cada vez mais altos, se aproximavam pelo ar. Uma onda mais forte inundou o lado direito da ponte e molhou os pés de Volódia; dois soldados passaram por ele, chutando a água. De repente, com um estrondo, algo iluminou a ponte à frente e também a carroça que havia passado por eles e, do alto, com um zunido, estilhaços e detritos caíram na água, levantando respingos.

– Ah, Mikhail Semiónitch! – disse um homem a cavalo, detendo a montaria diante do Koziéltsov mais velho. – Puxa, já está curado?

– Como está vendo. Para onde Deus está levando o senhor?

– Para Siévernaia, para pegar cartuchos; pois agora estou no lugar do ajudante de ordens do regimento... esperamos um ataque a qualquer momento e não temos mais do que cinco cartuchos para cada um. Excelente organização!

– E onde está Mártsov?

– Perdeu a perna ontem... na cidade, estava dormindo no quarto... Talvez você ainda o alcance, está no hospital de campanha.

– O regimento está no quinto bastião, certo?

– Sim, substituímos o regimento de M... Vá ao hospital de campanha: os nossos estão lá... vão levar o senhor.

– Certo, mas e o meu pequeno alojamento em Morskaia, está inteiro?

– Ih, paizinho! Já faz muito tempo que as bombas arreventaram tudo. O senhor não vai nem reconhecer Sebastopol agora; já não há nem sombra de mulheres, nem tabernas, nem música; ontem destruíram o último prédio que restava de pé. Agora está uma coisa horrível... Até logo!

E o oficial seguiu adiante a trote.

De repente, Volódia sentiu um pavor terrível: tinha a impressão de que a qualquer instante ia cair uma bala de canhão ou um estilhaço e acertar em cheio sua cabeça. Aquela escuridão úmida, todos aqueles barulhos, sobretudo o inquietante rumor das ondas – tudo parecia lhe dizer que não fosse em frente, que não esperasse nada de bom ali, que seus pés nunca mais pisariam em solo russo, do lado de cá da baía, e que ele devia voltar imediatamente, fugir para qualquer lugar quanto antes e deixar aquele terrível local de morte. “Mas, quem sabe, já é tarde demais e agora já está tudo decidido?”, pensou, estremeando em parte por causa desse pensamento, em parte porque a água havia entrado em suas botas e molhado os pés.

Volódia suspirou fundo e foi para o lado, afastando-se um pouco do irmão.

– Meu Deus! Será que vão me matar, logo a mim? Meu Deus, tenha piedade! – disse num sussurro e fez o sinal da cruz.

– Muito bem, vamos lá, Volódia – disse o irmão mais velho, quando uma carrocinha estava passando na ponte. – Viu só a bomba?

Na ponte, os irmãos cruzaram com carroças que levavam feridos e cestos de carga, uma levava móveis e era conduzida por uma mulher. Na outra margem, ninguém os deteve.

Espremendo-se por instinto junto ao muro da bateria de Nikoláiev seguiram os irmãos, calados, de ouvidos atentos aos sons das bombas, que já explodiam bem perto, acima da cabeça deles, e ao rugido dos estilhaços que caíam do alto, e chegaram ao local da bateria onde havia um ícone. Ali, souberam que

a quinta bateria ligeira, para a qual Volódia fora designado, estava em Korabiél'naia e, juntos, apesar do perigo, resolveram pernoitar no alojamento do irmão mais velho, no quinto bastião, e de lá, no dia seguinte, seguir para a bateria. Entraram por um corredor, passando por cima das pernas dos soldados que dormiam estendidos ao longo de todo o muro da bateria e, afinal, chegaram ao hospital de campanha.

XI

Ao entrar na primeira sala, rodeada por macas nas quais estavam os feridos e saturada de um cheiro pesado, horrível e repugnante de hospital, encontraram duas irmãs de caridade que vieram ao seu encontro.

Uma delas, de mais ou menos cinquenta anos, olhos pretos e expressão severa no rosto, trazia ataduras e algodão e dava ordens para um rapazinho, o enfermeiro, que andava atrás dela; a outra, moça muito bonita, de uns vinte anos, rostinho meigo e loura, parecia olhar de um modo especialmente desamparado e amável por baixo da touca branca que envolvia seu rosto e, com as mãos nos bolsos do avental, caminhava de olhos baixos ao lado da mais velha e parecia ter medo de ficar para trás.

Koziéltsov lhes perguntou se sabiam onde estava Mártsov, que perdera a perna no dia anterior.

– Será que é do regimento de P.? – perguntou a mais velha. – É seu parente?

– Não, camarada.

– Hm! Conduza-os – disse em francês para a mais nova. – É daquele lado. – E ela mesma se aproximou de um ferido, com o enfermeiro.

– Vamos, o que está olhando? – disse Koziéltsov para Volódia, que, de sobrancelhas erguidas, com uma fisionomia aflita, olhava para os feridos e não conseguia sair do lugar. – Vamos lá.

Volódia seguiu o irmão, mas não parava de olhar para os lados, repetindo de maneira inconsciente:

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!

– Ele está aqui há pouco tempo? – perguntou a irmã de caridade para Koziéltsov, apontando para Volódia, que, entre exclamações e suspiros, andava atrás deles pelo corredor.

– Acabou de chegar.

A irmã de caridade bonita fitou Volódia e de repente começou a chorar.

– Meu Deus, meu Deus! Quando é que isso irá terminar? – disse, com desespero na voz.

Chegaram à ala dos oficiais. Mártsov jazia de barriga para cima, os braços musculosos e nus até o cotovelo dobrados embaixo da cabeça e, no rosto amarelo, a expressão de um homem que comprime os dentes a fim de não gritar de dor. Na perna que se salvara, o pé estava de meia, sua forma sobressaía por baixo do cobertor e via-se como os dedos se mexiam convulsivamente.

– Então, como está o senhor? – perguntou a irmã de caridade, enquanto seus dedos finos e meigos, num dos quais, Volódia notou, havia uma aliança de ouro, levantavam um pouco a cabeça calva do ferido e ajeitava o travesseiro. – Olhe, seus camaradas vieram visitá-lo.

– É claro que está doendo – disse ele, irritado. – Agora me deixem, está tudo bem! – E os dedos dentro da meia mexeram-se ainda mais depressa. – Bom dia! Desculpe, como o senhor se chama? – perguntou para Koziéltsov. – Ah, sim, perdão, aqui me esqueci de tudo – disse, quando o outro lhe disse o nome. – Eu morava com você – acrescentou sem a menor expressão de prazer, enquanto olhava para Volódia com ar interrogativo.

– Este é meu irmão, chegou hoje de Petersburgo.

– Hmm! Pois eu vou receber a pensão integral por invalidez – disse, franzindo as sobrancelhas. – Ah, como dói!... Sim, melhor seria ter um fim mais rápido.

Sacudiu a perna e, rosnando alguma coisa, cobriu os olhos com as mãos.

– Ele precisa ficar sozinho – disse a irmã de caridade num sussurro, com lágrimas nos olhos. – Está muito mal.

Os irmãos, ainda em Siévernaia, tinham decidido ir juntos para o quinto bastião; mas, ao sair da bateria de Nikoláiev, como se tivessem concordado em não se expor em vão ao perigo, resolveram ir cada um para seu lado, mesmo sem nada falarem a respeito do assunto.

– Mas como você vai achar o caminho, Volódia? – perguntou o mais velho. – Pensando bem, Nikoláiev pode levá-lo para Korabiélnaia; já eu irei amanhã e encontrarei você depois.

Nada mais foi dito naquela última despedida entre os dois irmãos.

XII

O trovão dos canhões prosseguia com a mesma força, mas a rua Ekatierínskaia, pela qual seguia Volódia, com o calado Nikoláiev atrás, estava vazia e silenciosa. No escuro, ele via a rua larga, as paredes das casas desmoronadas em muitos pontos e a calçada de pedras por onde caminhava; de vez em quando, cruzava com oficiais e soldados. Passando pelo lado esquerdo da rua, perto do almirantado, sob a luz de algum fogo aceso atrás de um muro, viu as acácias plantadas ao longo da calçada e suas folhas tristes e cobertas de poeira. Volódia ouvia distintamente os próprios passos e os de Nikoláiev, que respirava ofegante caminhando logo atrás. Já não pensava em nada: a graciosa irmã de caridade, o pé de Mártsov com os dedos que se mexiam debaixo da meia, a escuridão, as bombas e as diversas imagens da morte rodavam confusas em sua imaginação. Toda a sua alma jovem e impressionável se encolhia e gemia sob o efeito da consciência da solidão e da indiferença geral pelo destino dele, no momento em que estava em perigo. “Vão me matar, vou agonizar, sofrer... e ninguém vai chorar!” E tudo isso em lugar da vida de herói, cheia de energia e de solidariedade, como Volódia havia sonhado tão gloriosamente. As bombas explodiam e assoviavam cada vez mais perto, Nikoláiev suspirava cada vez mais forte e nada dizia. Ao passar pela ponte que levava a Korabiélnaia, Volódia viu que alguma coisa veio voando, não longe dele, caiu na baía e num segundo algo avermelhado iluminou as ondas lilás, desapareceu e depois se ergueu espirrando água.

– Viu? Não explodiu! – disse Nikoláiev.

– Sim – respondeu sem querer com uma voz fininha e estridente, que ele mesmo não esperava.

Cruzaram de novo com padiolas e feridos e com carroças do regimento que levavam cestos de carga; com algum regimento que estava em Korabiélnaia; cavaleiros passaram por eles. Um dos cavaleiros era um oficial acompanhado de um cossaco. Ia a trote, mas ao ver Volódia freou o cavalo perto dele, fitou-o no rosto, virou-se e seguiu em frente, batendo com o chicote no cavalo. “Sozinho, estou sozinho! Os outros não ligam se eu existo ou não neste mundo”, pensou com horror o menino branco e, muito a sério, sentiu vontade de chorar.

Depois de subir uma ladeira ao longo de um muro branco e alto, Volódia entrou numa rua de casebres destruídos, iluminados a todo instante pelas bombas. Uma mulher embriagada, em farrapos, saiu de um portão com um marinheiro e esbarrou em Volódia.

– Ora veja, parece que é um nobre – balbuciou ela. – *Pardon*,⁹ Vossa Nobreza oficial!

O coração do pobre rapaz gemia cada vez mais; no horizonte negro, os relâmpagos reluziam cada vez mais fortes, as bombas assoviavam em intervalos cada vez menores e estouravam perto dele. Nikoláiev suspirou fundo e de repente começou a falar com uma voz que, para Volódia, parecia vir de um túmulo:

– Olhe como todo mundo se afoba para ir embora da província. Ir embora, ir embora. Para onde ir com tanta afobação? Os senhores inteligentes ficam lá no *suspital* com uma feridinha à toa. Assim é que é

bom, não precisam de mais nada.

– Pois é, só que meu irmão agora está curado – disse Volódia, esperando afastar, com aquela conversa, o sentimento que o dominava.

– Curado! Que curado que nada, se ele está todo doente! Os que estão bem de saúde de verdade são os inteligentes que ficam morando lá no *suspital* numa hora dessas. Que tanta alegria tem por aqui, hein? Perder uma perna, perder um braço, e pronto! Esse pecado não acaba nunca! E olha, isso aqui é na cidade, não é no *basquião*, lá é um horror. Vá em frente, vá, e comece a rezar. Olhe só como essa diaba passou zunindo por você! – acrescentou, prestando atenção no barulho de um estilhaço que assoviou pertinho deles. – E é bem numa hora dessas – prosseguiu Nikoláiev – que Vossa Nobreza me manda acompanhar. Pois é, a gente sabe, nosso negócio é assim mesmo: mandam, tem de cumprir; mas, no final, deixaram a carroça com um soldadinho e a trouxa arreventou. Toca em frente, toca em frente; mas se alguma coisa se perde, ah, aí é culpa do Nikoláiev.

Avançaram mais alguns passos, chegaram a uma praça. Nikoláiev estava calado e suspirava.

– Olhe, a *antilharia* do senhor está lá, Vossa Nobreza! – disse ele de repente. – Pergunte à sentinela; ela vai lhe mostrar.

Volódia avançou alguns passos e deixou de ouvir atrás de si os suspiros de Nikoláiev. De repente sentiu-se completa e definitivamente sozinho. Tal consciência da solidão no perigo – em face da morte, assim lhe parecia – era como uma pedra horrivelmente pesada sobre o coração. Parou no meio da praça, olhou em redor: será que ninguém o veria? Agarrou a cabeça e, com horror, exclamou em pensamento: “Meu Deus! Serei eu um covarde, um imundo, insignificante e vil covarde? Será então que não posso morrer com honra pelo tsar, pela pátria, como com tanto prazer eu sonhava morrer, ainda há poucos dias? Não! Sou uma criatura infeliz, lamentável!”. E Volódia, com um sentimento sincero de desespero e de decepção consigo mesmo, perguntou à sentinela onde ficava a casa do comandante da bateria e seguiu na direção indicada.

XIII

O alojamento do comandante da bateria, indicado pela sentinela, era um casebre com entrada pelo pátio. Numa das janelas, tapada com papel, brilhava a chama fraca de uma vela. O ordenança estava sentado no alpendre e fumava um cachimbo. Foi avisar o comandante da bateria e depois conduziu Volódia até o quarto. Lá, entre duas janelas, abaixo de um espelho quebrado, estava a mesa atulhada de papéis oficiais, algumas cadeiras e um catre de ferro, com roupa de cama limpa e um tapetinho ao lado.

Bem perto da porta, estava de pé um homem bonito, de bigodes grandes – o sargento ajudante –, de espada e capote, no qual pendiam uma cruz e uma medalha húngara. No meio do quarto, um oficial do Estado-Maior, alto, de uns quarenta anos, com uma bochecha inchada e enfaixada, andava de um lado para o outro, num capote envelhecido e fino.

– Tenho a honra de me apresentar, designado para a quinta bateria ligeira, aspirante Koziéltsov Segundo – exclamou Volódia a frase decorada, assim que entrou no quarto.

O comandante da bateria respondeu com segura ao cumprimento e, sem estender a mão, fez um gesto para que Volódia sentasse.

Volódia acomodou-se timidamente numa cadeira ao lado da escrivaninha e pôs-se a revirar entre os dedos uma tesoura que lhe caiu nas mãos. O comandante da bateria pôs as mãos nas costas, baixou a cabeça, só de vez em quando olhava para as mãos que giravam a tesoura e continuou a andar em silêncio pelo quarto, com o aspecto de alguém que tenta se lembrar de algo.

O comandante da bateria era bastante volumoso, com uma grande calva no topo da cabeça, bigodes

espessos de fios crescidos que encobriam a boca e olhos grandes, castanhos e simpáticos. Tinha as mãos bonitas, limpas e gorduchas, os pezinhos muito abertos, que pisavam com convicção e com certo esnobismo, mostrando que o comandante da bateria era um homem sem acanhamentos.

– Sim – disse ele, parando na frente do aspirante. – A partir de amanhã será necessário acrescentar mais uma caixinha de forragem, nossos cavalos estão magros. O que acha?

– Ora, podemos acrescentar, Vossa Excelência! Agora a aveia está de fato um pouco mais barata – respondeu o sargento ajudante, remexendo os dedos nas mãos, que mantinha sobre as costuras do capote, mas que obviamente gostavam de ajudar a conversa com gestos. – E o nosso forrageiro, Franschuk, ontem mesmo me mandou um bilhete pelo comboio, Vossa Excelência, dizendo que precisamos a todo custo comprar um eixo lá... dizem que está barato... portanto, o senhor poderia fazer a gentileza de dar essa ordem?

– Ora, que compre logo. Afinal, ele tem dinheiro. – E o comandante da bateria começou a andar de novo pelo quarto. – E onde estão as bagagens do senhor? – perguntou de repente para Volódia, parando na sua frente.

O pobre Volódia estava dominado pela ideia de que era um covarde, de que a cada olhar, a cada palavra encontrava o desprezo com que tratam um covarde. Tinha a impressão de que o comandante da bateria já havia penetrado em seu segredo e zombava dele. Confuso, Volódia respondeu que suas coisas estavam em Gráfskaia e que o irmão prometera lhe mandar tudo no dia seguinte.

Mas o tenente-coronel não lhe deu ouvidos e, voltando-se para o sargento ajudante, perguntou:

– Onde podemos alojar o aspirante?

– O aspirante, senhor? – perguntou o sargento ajudante, deixando Volódia ainda mais confuso com o olhar esquivo que lançou para ele, como se exprimisse a pergunta: “Mas quem é esse aspirante? Vale a pena dar um alojamento para ele?”. – Bem, lá embaixo, Vossa Excelência, podemos alojar Sua Nobreza no lugar do segundo-capitão – prosseguiu, depois de pensar um instante. – Agora, o segundo-capitão está no bastião, portanto a cama dele está vaga.

– Escute, não gostaria de se instalar? – perguntou o comandante da bateria. – O senhor deve estar cansado, amanhã vamos organizar melhor as coisas.

Volódia levantou-se e fez uma reverência.

– Não gostaria de tomar chá? – perguntou o comandante da bateria, quando Volódia já estava perto da porta. – Posso mandar servir um samovar.

Volódia fez uma reverência e saiu. O ordenança do coronel levou-o para baixo e conduziu-o até um quarto nu e imundo, com vários objetos espalhados e um catre de ferro sem roupa de cama e sem cobertor. Sobre o catre, coberto por um capote grosso, dormia um homem de camisa rosa.

Volódia achou que era um soldado.

– Piotr Nikoláitch! – disse o ordenança e tocou no ombro do homem que dormia. – O aspirante vai deitar aqui... Esse é o nosso *junker* – acrescentou, dirigindo-se ao aspirante.

– Ah, não se incomode, por favor! – disse Volódia; mas o *junker*, alto, parrudo, jovem, de fisionomia bonita, mas totalmente estúpida, levantou-se da cama, vestiu o capote e, visivelmente sem acordar de todo, saiu do quarto.

– Tudo bem, vou deitar no pátio – balbuciou.

XIV

Ao ficar sozinho com os próprios pensamentos, o primeiro sentimento de Volódia foi de repugnância com a desolação e a desordem em que se encontrava sua alma. Tinha vontade de dormir e esquecer tudo o que o rodeava e, acima de tudo, esquecer-se de si mesmo. Apagou uma velinha, deitou na cama e, depois de tirar o capote, cobriu-se até a cabeça para se esquivar do medo do escuro, a que estava sujeito desde a infância. Mas de repente lhe veio a ideia de que ia cair uma bomba, arrebentar o telhado e matá-lo. Pôs-se a escutar com atenção: bem em cima de sua cabeça, ouviam-se os passos do comandante da bateria.

“De resto, se a bomba cair”, pensou, “primeiro vai matar os de cima e só depois a mim; pelo menos, não irei sozinho.” Esse pensamento o acalmou um pouco; começou a pegar no sono. “Mas e se de repente, no meio da noite, tomarem Sebastopol e os franceses avançarem até aqui? Com que vou me defender?” Levantou-se de novo e andou pelo quarto.

O medo de um perigo real suprimiu o medo secreto do escuro. Além de uma sela e de um samovar, não havia no quarto mais nada de consistente. “Sou um canalha, um covarde, um abominável covarde!”, pensou de repente e, de novo, passou para o sentimento opressivo de desprezo, até de repulsa, por si mesmo. Deitou-se mais uma vez e fez força para não pensar. Então, sem querer, as impressões do dia ressurgiram em sua mente, em meio aos sons incessantes do bombardeio que faziam tremer os vidros da única janela e que mais uma vez lhe trouxeram à memória os perigos: ora devaneava em sangue e feridos, ora em bombas e estilhaços que penetravam no quarto, ora na irmã de caridade bonita que, diante de Volódia moribundo, lhe fazia um curativo e chorava por ele, ora em sua mãe, que o acompanhava até a cidade principal da província e rezava com fervor e lágrimas nos olhos, diante de um ícone miraculoso – e de novo o sono lhe pareceu impossível. Mas de repente a ideia de um Deus Todo-Poderoso, bom, capaz de fazer tudo e que escuta todas as preces, lhe veio à mente com clareza. Pôs-se de joelhos, fez o sinal da

cruz e juntou as mãos como aprendera na infância. Aquele gesto lhe trouxe de volta, de repente, um sentimento prazeroso, esquecido havia muito tempo.

“Se for preciso morrer, se for preciso que eu não exista mais, que assim seja, Senhor”, pensou. “Faz isso quanto antes; mas se for preciso ter a coragem e a firmeza que não tenho, concede-me a firmeza e a coragem, mas me livra da vergonha e da desonra, que não posso suportar, ensina-me o que fazer para cumprir Tua vontade.”

A alma infantil, assustada, limitada, de repente se tornou viril, lúcida, e avistou horizontes novos, vastos, claros. Ele refletiu e sofreu ainda muitas coisas durante o breve tempo em que aquele sentimento prosseguiu, mas logo adormeceu sereno e despreocupado, sob os sons do fragor ininterrupto do bombardeio e da trepidação dos vidros.

Senhor poderoso! Só Tu ouviste e conheceste as preces simples, mas ardentes, da ignorância, da aflição turva e do sofrimento, que levantaram para Ti daquele terrível lugar de morte – desde o general, que por um segundo, no café da manhã, sonhou ter a Cruz de São Jorge pendurada no pescoço, mas com medo pressentiu Tua proximidade, até o soldado exausto, faminto, piolhento, tombado na terra nua da bateria de Nikoláiev e que suplica a Ti que lhe dê quanto antes a recompensa, que ele pressentiu de forma inconsciente, por todos os sofrimentos imerecidos! Sim, Tu não Te cansaste de ouvir as preces de Teus filhos e envias para eles, em toda parte, o anjo do consolo, que derrama em suas almas a paciência, o sentimento do dever e o conforto da esperança.

XV

O Koziéltsov mais velho encontrou na rua um soldado de seu regimento e, com ele, foi direto para o quinto bastião.

– Ande bem encostado ao muro, Vossa Nobreza! – disse o soldado.

– Para quê?

– É perigoso, Vossa Nobreza; olhe, lá vem mais uma – disse o soldado, atento ao som de uma bala de canhão que passou assoviando e caiu com um baque na terra seca do outro lado da rua.

Koziéltsov, sem dar atenção ao soldado, avançava destemido pelo meio da rua.

Eram todas as mesmas ruas, exatamente as mesmas, ainda que fossem mais frequentes os fogos, os barulhos, os gemidos, os encontros com feridos, e eram as mesmas bateria, barricada e trincheira que havia na primavera, quando ele estivera em Sebastopol; no entanto, por algum motivo, tudo aquilo agora era mais triste e, ao mesmo tempo, mais agitado – havia mais buracos de bala nas casas, já não havia luz nas janelas, exceto na casa de Kúchin (o hospital), não se via mais mulher nenhuma –, em todos, agora, não havia mais aquele jeito habitual e despreocupado de antes, mas sim a marca de uma expectativa opressiva, de cansaço e de tensão.

Mas então lá estava a última trincheira, lá estava também a voz de um soldado do regimento de P. que reconheceu seu antigo comandante de companhia, lá estava o terceiro batalhão, que no meio da escuridão se espremia junto a um muro, por instantes iluminado pelo clarão dos tiros, e ouvia-se o som de vozes abafadas e o retinir de fuzis.

– Onde está o comandante do regimento? – perguntou Koziéltsov.

– No abrigo blindado, com o pessoal da frota, Vossa Nobreza! – respondeu o soldado prestativo.

De trincheira em trincheira, o soldado conduziu Koziéltsov a um fosso dentro de uma trincheira. No interior do fosso, estava sentado um marinheiro, fumando um cachimbo; atrás dele, via-se uma porta com uma fenda por onde a luz passava.

– Posso entrar?

– Vou anunciar agora mesmo. – E o marinheiro entrou pela porta.

Duas vozes falaram atrás da porta.

– Se a Prússia continuar a manter a neutralidade – dizia uma voz –, a Áustria também...

– O que importa a Áustria – disse outra voz –, quando as terras eslavas... Está bem, mande entrar.

Koziéltsov nunca havia estado naquele abrigo blindado. Impressionou-o sua elegância. O chão era de assoalho de parquê, a porta estava oculta por pequenos biombos. Havia duas camas junto às paredes, num canto pendia um grande ícone da Mãe de Deus adornado de ouro e, na sua frente, ardia uma lamparina votiva rosada. Numa cama, dormia um marujo, todo vestido, e na outra, diante da mesa onde havia duas garrafas de vinho já abertas e um pouco vazias, estavam sentados os homens que conversavam – o novo comandante do regimento e o ajudante de ordens. Embora Koziéltsov estivesse longe de ser um covarde e não se sentisse nem um pouco encabulado diante de uma autoridade ou diante de um comandante de regimento, hesitou e os joelhos começaram a tremer ao ver o coronel, seu antigo camarada, tamanho o orgulho com que o coronel se pôs de pé e escutou suas palavras. Além do mais, o ajudante de ordens, que continuou sentado, o embarçou com sua pose e com um olhar que diziam: “Sou apenas um amigo do seu comandante. O senhor não está se apresentando a mim e não posso nem quero exigir do senhor nenhuma deferência”. “Que estranho”, pensou Koziéltsov, enquanto olhava para seu comandante. “Faz apenas sete semanas que assumiu o regimento e parece que em tudo que o rodeia – sua roupa, sua atitude, seu olhar – já se percebe a autoridade do comandante do regimento, essa autoridade baseada menos na idade, no tempo de serviço, nos méritos militares, do que na riqueza de um comandante de regimento. Não faz tanto tempo assim”, pensou ele, “que esse mesmo Batríchev participava de nossas farras, ficava semanas com a mesma camisa de chita difícil de sujar e, sem convidar ninguém para o acompanhar, comia suas eternas costeletas com pastéis! E agora! A camisa holandesa já sobressai por baixo da túnica de lã grossa e mangas largas, um charuto de dez rublos na mão, um Château Lafite de seis rublos sobre a mesa – tudo comprado por um preço inacreditável pelo oficial da intendência em Simferópol – e, nos olhos, a expressão de orgulho frio de um aristocrata rico, que nos diz: embora eu seja seu camarada e também um comandante de regimento da nova escola, não esqueça que você recebe de salário três pagamentos de sessenta rublos por ano, enquanto pelas minhas mãos passam milhares de rublos e, acredite, sei muito bem que você está pronto a dar metade da vida para poder ficar no meu lugar.”

– O senhor demorou para se curar – disse o coronel a Koziéltsov, olhando para ele com frieza.

– Estive doente, coronel, e a ferida ainda não fechou de todo.

– Então o senhor veio para cá à toa – retrucou o coronel, com um olhar desconfiado para a figura corpulenta do oficial. – Afinal, o senhor se sente capaz de cumprir o serviço?

– Claro que sim, senhor.

– Bem, que ótimo, então. Apresente-se à nona companhia, do aspirante Záitsev... a que antes era sua; logo receberá suas ordens.

– Sim, senhor.

– Por favor, quando sair, mande o ajudante de ordens do regimento vir falar comigo – concluiu o comandante do regimento, dando a entender, com uma leve inclinação de cabeça, que a audiência estava encerrada.

Ao sair do abrigo blindado, Koziéltsov rosou algumas vezes e encolheu os ombros, como se sentisse alguma dor, incômodo ou irritação – irritação não com o comandante do regimento (nem de longe), mas sim consigo mesmo, e parecia descontente com tudo o que o rodeava. A disciplina, e suas condições – a subordinação –, como qualquer relação submetida a normas, só é agradável quando se baseia não apenas na consciência mútua de sua necessidade, mas também no reconhecimento pelo subordinado da competência e do mérito militar, ou até simplesmente da qualidade moral, de seu superior; em contrapartida, quando a disciplina se baseia, como acontece muitas vezes entre nós, em

circunstâncias casuais ou no princípio pecuniário, ela sempre conduz, de um lado, à arrogância e, de outro, à inveja secreta e ao rancor, e em lugar do efeito proveitoso de unir a massa num todo, produz o resultado exatamente contrário. Como não sente dentro de si as forças do mérito interior para inspirar respeito, o superior, por instinto, teme a proximidade dos subordinados e tenta, mediante manifestações exteriores de importância, afastar de si toda crítica. Os subordinados, vendo apenas esse lado exterior, ofensivo para eles, já não esperam, não raro injustamente, nada de bom por parte do superior.

XVI

Koziéltsov, antes de ir ao encontro de seus oficiais, foi cumprimentar sua companhia e verificar onde ela estava. As barricadas feitas de grandes cestos, o aspecto das trincheiras, os canhões pelos quais ele passava e mesmo os estilhaços e as bombas em que tropeçava no caminho – tudo aquilo, a todo instante iluminado pelo fogo dos disparos, era bem conhecido dele. Tudo ficara gravado com nitidez em sua memória, três meses antes, no decorrer das duas semanas que, sem nenhum momento de folga, passara naquele mesmo bastião. Embora muita coisa fosse horrível em suas lembranças, uma espécie de encanto do passado se misturava àquilo e Koziéltsov, com prazer, como se as duas semanas passadas ali tivessem sido agradáveis, identificava lugares e objetos conhecidos. A companhia estava posicionada num muro defensivo, voltado para o sexto bastião.

Koziéltsov entrou num abrigo blindado comprido, totalmente aberto no lado da entrada, no qual, lhe disseram, estava a nona companhia. Não havia, literalmente, espaço para pôr um pé em todo o abrigo blindado: estava entupido de soldados até a entrada. De um lado, ardia uma vela de sebo torta, segura por um soldado. Outro soldado, soletrando, lia um livro, segurando-o bem perto da vela. Na penumbra fétida do abrigo blindado, viam-se cabeças erguidas, que ouviam sofregamente o leitor. O livrinho era uma cartilha de alfabetização e, ao entrar no abrigo blindado, Koziéltsov ouviu o seguinte:

- “O medo... da mor...te é um sen...timento... inato... ao homem.”
- Aumente a chama dessa velinha – disse uma voz. – O livrinho é bom.
- “Meu... Deus...” – continuou o leitor.

Quando Koziéltsov perguntou pelo primeiro-sargento, o leitor calou-se, os soldados se mexeram, começaram a tossir, a assoar o nariz, como sempre acontece depois de um silêncio forçado; o primeiro-sargento, abotoando a roupa, ergueu-se perto do grupo onde estava o leitor e, dando três passos por cima das pernas dos que não tinham espaço para recuar, foi ao encontro do oficial.

- Salve, irmão! Então, isso é toda a nossa companhia?
- Saúde! Bem-vindo, Vossa Nobreza! – respondeu o primeiro-sargento, olhando para Koziéltsov de maneira alegre e amigável. – Então já está curado, Vossa Nobreza? Puxa, graças a Deus! Sem o senhor, foi muito chato.

Agora se percebia que gostavam de Koziéltsov na companhia. No fundo do abrigo blindado, ressoaram vozes: “O velho chefe da companhia voltou, o que foi ferido, Koziéltsov, Mikhail Semiónitch” etc.; alguns até se moveram em sua direção, o tamboreiro cumprimentou-o.

- Salve, Obantchuk! – disse Koziéltsov. – Está inteiro? Salve, pessoal! – disse em seguida, erguendo a voz.
- Saúde! – ressoou, dentro do abrigo blindado.
- Como vão vocês, rapazes?
- Mal, Vossa Nobreza: o francês está vencendo... batem de dentro das trincheiras que é uma coisa tremenda, ninguém aguenta, e nem saem a campo.
- Quem sabe eu tenha sorte, Deus permita, e agora saiam a campo, rapazes! – disse Koziéltsov.

– Vamos fazer força, Vossa Nobreza! – disseram algumas vozes.

– Pois é, ele é bem valente, a Sua Nobreza, é terrível de tão valente! – disse o tamboreiro, em voz baixa, mas que dava para ouvir, dirigindo-se a outro soldado, como se quisesse justificar diante dele as palavras do comandante da companhia e convencê-lo de que não havia nelas petulância nem insensatez.

Deixando os soldados, Koziéltsov foi ao encontro de seus camaradas oficiais, num abrigo protegido.

XVII

Na sala grande do abrigo, havia uma porção de gente: oficiais da Marinha, da infantaria e da artilharia. Uns dormiam, outros conversavam, sentados em qualquer caixote ou na carreta de um canhão da fortaleza; outros ainda, que eram a maior parte e formavam um grupo barulhento, estavam sentados no chão, sobre duas capas de pele estendidas depois de um arco que se formava no teto, bebiam cerveja Porter e jogavam cartas.

– Ah! Koziéltsov, Koziéltsov! Que bom que você veio, amigo!... E o ferimento? – soaram vozes de vários lados. E ali se percebia que o amavam e que estavam contentes com sua chegada.

Depois de apertar as mãos dos conhecidos, Koziéltsov uniu-se ao grupo barulhento formado por alguns oficiais que jogavam cartas. Entre eles, também havia conhecidos seus. Um moreno bonito e magricela, de nariz comprido e seco e bigode grande que se estendia até as bochechas, fazia a banca do jogo, com dedos brancos e secos, num dos quais havia um anel de ouro com um brasão. Dava as cartas de maneira displicente e brusca, visivelmente nervoso com alguma coisa e querendo apenas aparentar despreocupação. A seu lado, à direita, estava meio deitado um major grisalho, apoiado nos cotovelos, que já havia bebido consideravelmente, e simulando frieza apostava contra a banca com moedas de cinquenta copeques e pagava prontamente. À esquerda, de cócoras, estava um oficialzinho vermelho, de rosto coberto de suor, que sorria forçado e dizia gracejos quando suas cartas eram batidas; mexia a mão sem parar dentro do bolso vazio da calça larga e apostava alto, mas obviamente já não jogava limpo, o que sem dúvida chocava o moreno bonito. Pela sala, segurando nas mãos um grande maço de notas, caminhava um oficial careca, magro, pálido, sem bigode, com uma enorme boca maldosa, que havia apostado tudo na banca, em dinheiro vivo, e ganhara.

Koziéltsov bebeu vodca e sentou perto dos que estavam jogando.

– Faça a aposta, Mikhail Semiónitch! – disse o homem que estava na banca. – Imagino que o senhor tenha trazido um monte de dinheiro.

– E de onde eu iria tirar esse dinheiro? Ao contrário, o último que tinha deixei na cidade.

– Ora, deixe disso! Sem dúvida o senhor esfolou alguém até os últimos centavos em Simferópol.

– De fato, só um pouquinho – respondeu Koziéltsov, mas obviamente sem querer que acreditassem, desabotou o casaco e tomou nas mãos as cartas velhas. – Não custa nada tentar, o diabo sempre apronta alguma! Sabe, até um mosquito gosta de pregar peças. Basta beber um pouco para tomar coragem.

E depois de beber mais três cálices de vodca e alguns copos de cerveja Porter num tempo bem curto, ele já estava totalmente no espírito dos demais, ou seja, envolto em uma névoa e esquecido da realidade, e perdeu seus últimos três rublos.

Na conta do oficialzinho coberto de suor foram anotados cento e cinquenta rublos.

– Não estou com sorte – disse, preparando com displicência uma nova carta.

– Tenham a bondade de pagar – disse a banca, parando de dar as cartas por um instante e lançando um olhar para ele.

– Permita que eu pague amanhã – respondeu o oficial suado, levantando-se e mexendo

vigorosamente a mão dentro do bolso vazio.

– Hm! – resmungou a banca e, distribuindo as cartas com raiva para a direita e para a esquerda, terminou o monte. – Mas desse jeito não pode ser – disse, pondo suas cartas na mesa. – Eu vou parar. Desse jeito não pode, Zakhhar Ivánitch – acrescentou. – Nós jogamos limpo, e não com dinheiro fiado.

– Como? Será que o senhor está desconfiando de mim? Muito estranho, francamente!

– E de quem eu vou receber? – resmungou o major, bastante embriagado àquela altura, depois de ganhar mais ou menos oito rublos. – Já pus mais de vinte rublos na mesa, ganhei e não recebi nada.

– E com o que eu vou pagar – disse a banca –, se na mesa não tem dinheiro?

– Não quero saber! – gritou o major, levantando-se. – Jogo com os senhores, pessoas honestas, e não com aqueles outros.

O oficial suado se exaltou de repente:

– Estou dizendo que vou pagar amanhã; como o senhor se atreve a me falar com insolência?

– Falo o que eu quero! Gente honesta não faz isso, e pronto! – gritou o major.

– Chega, Fiódor Fiódoritch! – exclamaram todos, contendo o major. – Deixe disso!

Mas o major parecia estar apenas esperando que pedissem que se acalmasse para se enfurecer de uma vez por todas. Levantou-se de um pulo e, cambaleante, partiu de repente na direção do oficial suado.

– Quer dizer que falo de maneira insolente? Quem é mais velho do que o senhor, quem serve o tsar há vinte anos... insolente? Ah, seu pirralho! – guinchou de repente, cada vez mais exaltado com os sons da própria voz. – Canalha!

Mas baixemos depressa a cortina diante dessa cena profunda. No dia seguinte, talvez no mesmo dia, todas essas pessoas seguirão com alegria e orgulho ao encontro da morte e morrerão com firmeza e tranquilidade; mas o único consolo da vida naquelas condições, que causam horror até à mais fria imaginação, na ausência de tudo que é humano e sem esperança de alguma saída, o único consolo é o esquecimento, a aniquilação da consciência. No fundo da alma de cada um, repousa aquela centelha nobre que faz dele um herói; mas essa centelha se cansa de arder com força – chega o minuto fatal e então ela se inflama e ilumina os grandes feitos.

XVIII

No dia seguinte, o bombardeio prosseguiu com a mesma força. Por volta das onze horas da manhã, Volódia Koziéltsov estava sentado numa roda de oficiais da bateria e, já um pouco habituado com eles, espreitava os rostos novos, observava, perguntava e contava. As conversas modestas dos oficiais de artilharia, nas quais havia, porém, uma ponta de pretensão de serem eruditas, lhe davam prazer e inspiravam respeito. Já o aspecto encabulado, inocente e bonito de Volódia despertava a simpatia dos oficiais. O oficial mais velho na bateria, um capitão, homem baixo, arruivado, com um topete que escorria pelas têmporas, formado nas antigas tradições da artilharia, um cavalheiro para as damas, com ares de pessoa culta, interrogava Volódia acerca de seus conhecimentos sobre a artilharia e as novas invenções, pilheriava carinhosamente sobre sua juventude, sua carinha bonita, e no geral lhe falava como um pai fala com o filho, o que agradava muito a Volódia. O subtenente Diádienko, oficial jovem, com sotaque ucraniano, com um capote andrajoso e cabelos desgrenhados, embora falasse bastante alto e não deixasse escapar nenhuma chance de discutir asperamente sobre o que quer que fosse e fizesse movimentos bruscos, mesmo assim agradava a Volódia, que por baixo daquele aspecto exterior não podia deixar de ver uma pessoa muito bonita e extraordinariamente boa. O tempo todo, Diádienko oferecia seus serviços a Volódia e lhe mostrava que todos os canhões de Sebastopol estavam posicionados de maneira errada. Só o tenente Tchernovítski, com as sobrancelhas bastante levantadas, embora fosse mais educado

do que todos ali, vestisse uma túnica bastante limpa, se bem que não fosse nova, mas remendada com esmero, e ostentasse uma correntinha de ouro no colete de cetim, não agradava a Volódia. O tenente vivia lhe fazendo perguntas sobre o que faziam o imperador e o ministro da Guerra e, com um entusiasmo artificial, lhe contava atos de bravura praticados em Sebastopol, lamentava que se encontrasse tão pouco patriotismo, que se dessem ordens tão imprudentes etc. No geral, dava mostras de muito conhecimento, inteligência e sentimentos nobres; no entanto, por algum motivo, tudo aquilo parecia a Volódia estudado e teatral. Ele notava, sobretudo, que os outros oficiais quase não conversavam com Tchernovítski. O *junker* Vlang, o mesmo que ele havia acordado no dia anterior, também estava ali. Não falava nada, mas, sentado discretamente num canto, ria quando havia algo engraçado, lembrava quando esqueciam alguma coisa, servia vodca e fazia cigarros para todos os oficiais. Fosse pelas maneiras humildes e respeitadas de Volódia, que o tratava como a um oficial, em vez de o menosprezar como um menino, fosse por seu aspecto agradável, Vlang, como o chamavam os soldados, sabe-se lá por quê, flexionando no feminino seu sobrenome, ficou fascinado com Volódia e não afastava os olhos grandes, tolos e bondosos do rosto do novo oficial, adivinhando e prevendo todos os seus desejos e se encontrava o tempo todo numa espécie de êxtase amoroso, o que, é claro, foi notado e suscitou o riso dos oficiais.

Antes do jantar, o segundo-capitão foi substituído no bastião e veio unir-se ao grupo. O segundo-capitão Kraut era um oficial ativo, louro e bonito, de bigode ruivo e grande e suíças; falava um russo excelente, mas correto e bonito demais para um russo. No serviço militar e na vida, ele era como no uso do idioma: cumpria suas funções com perfeição, era um excelente camarada, o homem mais correto do mundo em questões de dinheiro; mas como homem, justamente por tudo isso ser bom demais, faltava nele alguma coisa. A exemplo de todos os russos alemães, em estranho contraste com os alemães ideais da Alemanha, ele era prático no mais alto grau.

– Aí está ele, nosso herói apareceu! – disse o capitão na hora em que Kraut, abanando os braços e tilintando as esporas, entrou alegremente. – O que quer tomar, Friedrich Krestíánitch: chá ou vodca?

– Já pedi chá – respondeu –, mas uma vodcazinha agora cai bem para animar a alma. Muito prazer em conhecê-lo; espero que goste de nós e nos aprecie – disse para Volódia, que havia se levantado e feito uma reverência para ele. – Segundo-capitão Kraut. No bastião, um suboficial me avisou ontem mesmo que o senhor tinha chegado.

– Sou muito grato pela sua cama: passei a noite lá.

– E dormiu tranquilo? A cama está com um pé quebrado; e não há ninguém que conserte... nesta situação de sítio... é preciso pôr um calço.

– E então, o serviço correu bem?

– Sim, nada mal, só Skovortsóv foi alvejado, e ontem consertamos uma carreta de canhão. O eixo de apoio foi feito em pedaços.

Levantou-se e começou a andar; era visível que estava sob o efeito do sentimento agradável que experimenta quem acabou de deixar o perigo para trás.

– Pois é, Dmítri Gavrílich – disse, sacudindo o joelho do capitão. – Como vai, paizinho? E a promoção do senhor, ninguém falou nada ainda?

– Nada, ainda.

– E nem vai sair nada – exclamou Diádienko. – Já expliquei isso para você antes.

– E por que não vai sair?

– Porque o ofício não foi escrito direito.

– Ah, o senhor é um polemista, polemista – disse Kraut, sorrindo com alegria. – Um verdadeiro ucraniano teimoso. Ora, só por desaforo, o senhor vai passar a tenente.

– Não vou, não.

– Vlang, traga meu cachimbo, mas encha antes – disse ao *junker*, que prontamente, com solicitude, foi buscar o cachimbo.

Kraut animou a todos, falava do bombardeio, perguntava o que tinham feito na sua ausência, conversava com todos.

XIX

– E então, como está? Já se instalou? – perguntou Kraut para Volódia. – Perdoe, como se chama o senhor? O senhor sabe como são nossos hábitos na artilharia, não é? Já conseguiu um cavalo de montaria?

– Não – respondeu Volódia. – Não sei como se faz. Falei para o capitão: não tenho cavalo, também não tenho dinheiro, até que receba a gratificação da forragem e da transferência. Enquanto isso, queria pedir um cavalo ao comandante da bateria, mas receio que ele negue.

– Apollon Sergueitch? – E, com os lábios, emitiu um som que exprimia forte dúvida e fitou o capitão. – Difícil!

– Bem, se negar, não é o fim do mundo – disse o capitão. – Na verdade, aqui não é preciso ter um cavalo, e mesmo assim tentar não custa nada, hoje mesmo vou falar com ele.

– Ora! O senhor não o conhece – interveio Diádienko. – Ele negaria outras coisas, mas isso nunca... Quer apostar?...

– Bem, já era de esperar, o senhor é sempre do contra.

– Sou do contra porque sei, ele é sovina com outras coisas, mas vai dar o cavalo, porque não ganha nada negando.

– Não ganha nada mesmo, já que a aveia aqui custa para ele oito rublos! – disse Kraut. – É uma vantagem não ter de ficar com um cavalo supérfluo!

– Peça o do Skvoriéts,¹⁰ Vladímir Semiónitch – disse Vlang, que voltou trazendo o cachimbo de Kraut. – É um cavalo excelente!

– Aquele que caiu dentro do fosso em Soróki com você? Ora, Vlanga! – disse o segundo-capitão e riu.

– Não, do que o senhor está falando? Oito rublos pela aveia não são nada – Diádienko continuava a discutir –, quando ele ganha uma gratificação de dez rublos e meio; é claro que não chega a ser uma grande vantagem.

– E mesmo assim não sobra nada para ele! Agora, se o senhor fosse comandante da bateria, não ia emprestar seu cavalo nem para dar um passeio na cidade!

– Quando eu for comandante da bateria, paizinho, os cavalos vão ganhar quatro porções para comer; não vou ter lucro com eles, não tema.

– Quem viver, verá – disse o segundo-capitão. – E o senhor também vai sair ganhando e ele também, quando for comandante da bateria, vai encher os bolsos com as sobras – acrescentou, apontando para Volódia.

– Por que o senhor acha, Friedrich Krestíánitch, que ele também vai tirar vantagem? – interveio Tchernovítski. – Talvez ele tenha uma fortuna: para que iria tirar vantagem?

– Não, senhor, já eu... com licença, capitão – disse Volódia ruborizando-se até as orelhas. – Considero isso uma infâmia.

– Ora, ora! Como é atrevido! – disse Kraut. – Chegue ao posto de capitão e não vai mais falar assim.

– Sim, é cedo demais; só acho que, se um dinheiro não é meu, não posso tomar posse dele.

– Pois eu lhe digo o seguinte, meu jovem – disse o segundo-capitão, num tom mais sério. – Saiba que, quando o senhor comandar uma bateria, se conduzir bem os negócios, em tempos de paz, vão sobrar

nas suas mãos no mínimo uns quinhentos rublos, e na guerra, uns sete, oito mil, e só da parte dos cavalos. Pois então, muito bem. O comandante da bateria não interfere na alimentação dos soldados: na artilharia, sempre foi assim; mas se o senhor for um administrador ruim, não vai sobrar nada. Agora, o senhor tem de gastar além do previsto com as ferraduras, um (ele dobrou um dedo), com a farmácia, dois (dobrou outro dedo), com a secretaria, três, e vai pagar quinhentos rublos pelos cavalos de montaria dos ajudantes de ordens, paizinho, e o preço da remonta é cinquenta rublos, é o que cobram... quatro. Contra as regras, o senhor terá de trocar as golas dos casacos dos soldados, vai gastar muito carvão, vai ter sempre a mesa bem servida para os oficiais. Se o senhor for comandante da bateria, terá de viver de modo confortável: precisa de uma carruagem, um casaco de pele, uma porção de coisas, e uma e duas e três e dez... nem se fala...

– E o mais importante – emendou o capitão, que ficara calado todo aquele tempo – é o seguinte, Vladímir Semiónitch: o senhor imagine que um homem como eu, por exemplo, que servi vinte anos, comecei com um soldo de duzentos e depois de trezentos rublos, se encontra em constante necessidade: como não dar a alguém assim, pelo tempo que serviu, ao menos um pedaço de pão para sobreviver na velhice, enquanto os comissários ganham dezenas de milhares de rublos por semana?

– Eh! Ora essa! – exclamou de novo o segundo-capitão. – O senhor não se apresse tanto em julgar, viva mais um pouco e vai ver.

Volódia ficou horrivelmente envergonhado e sem graça por ter falado de maneira tão impensada, balbuciou algo e continuou a escutar em silêncio, quando Diádienko, com um fervor enorme, começou a discutir e demonstrar o contrário.

A discussão foi interrompida pela entrada do ordenança do coronel, que chamou para o jantar.

– E diga hoje para Apollon Sergueitch que sirva vinho – disse Tchernovítski para o capitão, enquanto abotoava o casaco. – De que adianta ele ser tão sovina? De repente morre e aí não vai levar nada para ninguém!

– Diga isso para ele o senhor mesmo – respondeu o capitão.

– Não, o senhor, afinal, é o oficial mais antigo: tudo tem de ter uma ordem.

XX

A mesa foi afastada da parede e coberta com uma toalha imunda na mesma sala onde, na véspera, Volódia se apresentara ao coronel. O comandante da bateria, nesse mesmo dia, lhe estendeu a mão e perguntou sobre Petersburgo e sobre a viagem.

– Bem, senhores, quem bebe vodca tenha a bondade de se aproximar! Os aspirantes não bebem – acrescentou, sorrindo para Volódia.

No geral, o comandante da bateria parecia, agora, muito menos seco do que no dia anterior; ao contrário, tinha o aspecto de um anfitrião bondoso, hospitaleiro, e de um velho camarada. Apesar disso, todos os oficiais, do velho capitão até o polemista Diádienko, pela maneira como falavam, fitando com respeito os olhos do comandante, e pela maneira como se aproximavam timidamente, um atrás do outro, em fila, para beber vodca, deixavam claro o grande respeito que tinham por ele.

O jantar consistia numa tigela de sopa de repolho, na qual boiavam gordos pedaços de carne de boi e uma imensa quantidade de pimenta e de folhas de louro, bolinhos de carne poloneses com mostarda e pasteizinhos feitos de manteiga não muito fresca. Não havia guardanapos, as colheres eram de ferro e de madeira, os copos eram só dois, e sobre a mesa havia apenas uma jarra de água com a boca quebrada; mas o jantar não foi maçante: a conversa não parava. De início, tratou-se da batalha de Inkerman, na qual a bateria tomara parte, e todos expuseram suas impressões e considerações a respeito das causas do

insucesso na batalha e silenciaram quando o próprio comandante da bateria começou a falar; depois a conversa, naturalmente, se voltou para a insuficiência do calibre das armas leves, para as inovações dos canhões que os tornavam mais leves, o que deu a Volódia a chance de mostrar seus conhecimentos a respeito da artilharia. Porém, sobre a situação de fato horrível em que se encontrava Sebastopol, a conversa não se detinha, como se cada um já pensasse demais naquele assunto para, ainda por cima, ter de falar a respeito. E também, para espanto e pesar de Volódia, não se falou em absoluto sobre as obrigações que ele teria de cumprir no serviço, como se tivesse vindo para Sebastopol apenas para comentar os aprimoramentos dos canhões e jantar em companhia do comandante da bateria. Durante o jantar, não longe da casa onde estavam, caiu uma bomba. O chão e as paredes estremeceram como num terremoto e as janelas escureceram, toldadas pela fumaça da pólvora.

– O senhor, eu creio, não via disso em Petersburgo: aqui essas surpresas acontecem toda hora – disse o comandante da bateria. – Vlanga, vá ver onde ela explodiu.

Vlanga deu uma olhada e informou que tinha estourado na praça, e nada mais foi dito a respeito da bomba.

Já no fim do jantar, um velhinho, o escrivão da bateria, entrou com três envelopes fechados e entregou-os ao comandante da bateria. “Isto é urgente, um cossaco acabou de trazer da parte do chefe da artilharia.” Todos os oficiais não puderam deixar de observar, com uma expectativa impaciente, os dedos do comandante da bateria, experientes naquela tarefa, que romperam o lacre do envelope e retiraram o documento urgente. “O que pode ser?”, cada um deles se perguntava. Podia ser uma ordem de retirada de Sebastopol, para uma trégua, podia ser uma ordem para transferir a bateria inteira para os bastiões.

– De novo! – exclamou o comandante da bateria, jogando o papel na mesa com irritação.

– O que é, Apollon Sergueitch? – perguntou o oficial mais antigo.

– Exigem um oficial e um ajudante para uma certa bateria de morteiros. Ao todo, tenho quatro oficiais e meus ajudantes não dão nem para formar uma fileira – resmungou o comandante da bateria. – E agora exigem mais isso. No entanto, alguém terá de ir, senhores – disse, depois de um breve silêncio. – A ordem é estar na Barreira às sete horas... Devo mandar o primeiro-sargento? Quem vai, senhores? Decidam – repetiu.

– Aqui, ainda há alguns que nunca foram – disse Tchernovítski, apontando para Volódia.

O comandante da bateria não respondeu.

– Sim, eu gostaria – disse Volódia, sentindo o suor frio correr nas costas e no pescoço.

– Não, para quê? – cortou o capitão. – Claro, ninguém vai se recusar a ir, mas não convém se oferecer; se Apollon Sergueitch permite, vamos tirar a sorte entre nós, como fizemos da outra vez.

Todos concordaram. Kraut cortou pedacinhos de papel, embolou-os e colocou dentro de um quepe. O capitão gracejou e, para aquela ocasião, chegou a pedir vinho ao coronel, para dar coragem, como ele dizia. Diádienko estava com ar sombrio. Volódia sorria de leve, Tchernovítski estava convencido de que seria sorteado, Kraut se mostrava absolutamente tranquilo.

Deixaram Volódia tirar a sorte primeiro. Pegou um papelzinho, mais comprido, mas então lhe veio a ideia de trocar – pegou outro, menor e mais grosso, desenrolou e leu: “Ir”.

– Sou eu – disse ele, depois de um suspiro.

– Bem, vá com Deus. O senhor terá seu batismo de fogo bem cedo – disse o comandante da bateria com um sorriso bondoso, olhando para o rosto confuso do aspirante. – Mas trate de se aprontar depressa. E, para que o senhor fique mais alegre, Vlanga irá com o senhor, como sargento artilheiro.

Vlanga ficou extremamente satisfeito com sua indicação, correu animado para se preparar e, já vestido, foi ajudar Volódia, insistiu para que levasse sua cama de campanha, o casaco de pele, exemplares antigos de *Anais da Pátria*, a cafeteira com bebida alcoólica e outras coisas desnecessárias. O capitão recomendou a Volódia, de início, ler com atenção o manual sobre disparos com morteiro e copiar dali, sem demora, a tabela dos ângulos de elevação. Volódia prontamente pôs mãos à obra e, para sua alegria e surpresa, notou que, se de fato ainda o perturbavam um pouco o sentimento de medo do perigo e, mais ainda, o receio de mostrar-se covarde, aquilo já se manifestava num grau muito mais baixo do que na véspera. A causa estava, em parte, na influência do dia e da atividade e, em parte, sobretudo, no fato de o medo, como qualquer sentimento forte, não poder persistir por muito tempo no mesmo nível de intensidade. Em suma, Volódia já havia conseguido se habituar ao medo e superá-lo. Às sete horas, assim que o sol começou a se esconder atrás dos alojamentos dos soldados, o primeiro-sargento entrou nos aposentos de Volódia e avisou que os homens estavam prontos e o esperavam.

– Entreguei a lista para o Vlanga. Tenha a bondade de pedir a ele, Vossa Nobreza! – disse.

Uns vinte soldados da artilharia, com seus sabres e sem nenhum outro equipamento, estavam postados atrás do canto da casa. Volódia e o *junker* aproximaram-se deles. “Será que devo fazer um pequeno discurso ou apenas dizer: ‘Salve, rapazes!’”, ou até não dizer nada?”, pensou. “Mas por que não dizer: ‘Salve, rapazes’?... Isso é até uma obrigação.” E então bradou cheio de coragem, com sua voz ressonante: “Salve, rapazes!”. Os soldados responderam com alegria: a vizinha jovem, fresca, soou de forma agradável nos ouvidos de todos, Volódia seguiu animado à frente dos soldados e, embora o coração batesse como se ele tivesse corrido várias versts até perder o fôlego, sua marcha era leve e o rosto estava alegre. Já se aproximando do monte Malákhov, subindo a montanha, Volódia notou como Vlanga, que não se afastava dele nem um passo, embora em casa se mostrasse tão corajoso, virava e baixava a cabeça o tempo todo, como se todas as bombas e balas de canhão, que ali zuniam com frequência, viessem direto em cima dele. Alguns soldados faziam o mesmo e, no geral, a maior parte dos rostos exprimia se não temor, ao menos inquietação. Tais circunstâncias acalmaram e animaram Volódia de forma decisiva.

“Então, aqui estou no monte Malákhov, que eu, de modo totalmente fútil, imaginava ser tão terrível! E sou capaz de andar sem baixar a cabeça para as balas de canhão e até me mostro muito menos covarde do que os outros! Será que não sou covarde?”, pensou com prazer e até com certa exaltação de orgulho.

Todavia tal sentimento de destemor e de orgulho logo foi abalado diante da cena com que topou ao crepúsculo, na bateria Kornílov, quando andava à procura do chefe do bastião. Perto do parapeito da fortificação, quatro marinheiros seguravam pelas pernas e pelos braços o corpo ensanguentado de um homem sem botas e sem capote e o balançavam para jogá-lo por cima do parapeito. (No segundo dia de bombardeio, ninguém tinha tempo para arrumar os corpos nos bastiões, e então jogavam os cadáveres numa vala para que não travancassem as baterias.) Por um minuto, Volódia ficou petrificado ao ver o corpo bater no topo do parapeito e depois rolar lentamente para dentro do fosso; mas, para seu alívio, naquele instante o chefe do bastião o encontrou, deu-lhe as ordens e um guia para conduzi-lo à bateria e ao abrigo blindado, destinado aos soldados. Não vou contar todos os horrores, perigos e decepções que nosso herói experimentou naquela tarde; não vou contar que, em vez da fuzilaria que vira no campo de Volkóv, onde havia todas as condições para o rigor e a ordem que esperava encontrar também ali, Volódia deparou com dois morteiros quebrados, sem mecanismos de pontaria, um dos quais tinha sido danificado na boca por uma bala de canhão e o outro estava instalado sobre os restos de uma plataforma destruída; que, até de manhã, ele não conseguiu arranjar trabalhadores para consertar a plataforma; que nenhuma carga explosiva tinha o peso indicado no “manual”; que dois soldados do seu comando foram feridos e que ele mesmo, por dez vezes, escapou da morte por um fio. Felizmente, indicaram para ajudá-lo um marinheiro artilheiro de grande estatura, que desde o início do cerco lidava com morteiros e que convenceu Volódia de que ainda era possível fazer uso deles, enquanto o conduzia à noite, com um

lampião, por todo o bastião, como se andasse pelo seu jardim particular, e garantiu que no dia seguinte tudo seria arranjado. O abrigo blindado aonde o guia o levou fora escavado em solo pedregoso, tinha duas *sájeni* cúbicas de profundidade, coberto por toras de carvalho com um *archin* de espessura. Ali, Volódia se instalou junto com todos os seus soldados. Vlanga, assim que viu a porta com apenas um *archin* de altura, a toda a pressa e antes de todos, enfiou-se por ela, por pouco não se machucou no chão de pedra, escondeu-se num canto e de lá não saiu mais. Já Volódia, quando todos os soldados se instalaram sobre o chão ao longo das paredes e alguns começaram a fumar cachimbo, abriu sua cama de campanha num canto, acendeu uma vela e, fumando um cigarro, deitou-se. Através da blindagem, ouviam-se os tiros incessantes, mas não muito altos, a não ser os disparos de um canhão que estava bem ao lado e que fazia o abrigo estremecer com tanta força que caíam farelos de terra do teto. Dentro do próprio abrigo blindado, havia silêncio: só os soldados, ainda encabulados com o novo oficial, de vez em quando falavam entre si, pediam um ao outro que chegasse um pouco para o lado ou pediam fogo para fumar cachimbo; uma ratazana chiava em algum canto no meio das pedras, ou Vlanga, que ainda não havia se recuperado e olhava em redor com ar de susto, dava suspiros altos e repentinos. Em sua cama de campanha, num canto cheio de gente, iluminado só por uma vela, Volódia experimentava a sensação de conforto que tinha quando era criança e, brincando de esconde-esconde, subia no armário ou se metia embaixo da saia da mãe, prendia a respiração e ficava à escuta, com medo do escuro e ao mesmo tempo sentindo prazer, por algum motivo. Nele havia um pouco de pavor e de alegria.

XXII

Depois de uns dez minutos, os soldados tomaram coragem e começaram a conversar. Mais perto da luz e da cama do oficial, instalaram-se os mais graduados – dois sargentos artilheiros: um grisalho, velho, com todas as medalhas e condecorações, exceto a de São Jorge; o outro, jovem, oriundo dos cantonistas,¹¹ que fumava cigarros enrolados. O tamboreiro, como sempre, assumiu a obrigação de servir ao oficial. Os bombardeiros e os cavalarianos sentavam-se mais perto e, bem na sombra junto à entrada, instalavam-se os submissos. Entre eles também teve início uma conversa. A causa foi o barulho que fez um homem ao entrar de supetão no abrigo blindado.

– E aí, irmão, não quis ficar na rua? As meninas não estão brincando e cantando alegres? – perguntou uma voz.

– Pois é, cantam umas canções tão maravilhosas como nunca se escuta no campo – disse, rindo, o homem que entrou no abrigo blindado.

– Puxa, Vássin, não vá me dizer que não gosta das bombas! – disse uma voz no canto dos aristocratas.

– Depende! Quando precisa, a música é outra! – respondeu lentamente a voz de Vássin, que, quando falava, todos os outros se calavam. – No dia 24, atiraram até cansar; mas se o sujeito mata um desses safados de merda, o chefe não diz nem um obrigado para o nosso irmão.

– Cadê o Miélnikov?... Ainda deve estar lá fora – falou alguém.

– Mandem esse Miélnikov vir para cá – acrescentou o sargento mais velho. – Assim vai acabar morrendo à toa.

– Quem é esse tal de Miélnikov? – perguntou Volódia.

– É um dos nossos, Vossa Nobreza, é um soldadinho cabeça-dura. Não tem medo de nada e fica o tempo todo andando lá fora. O senhor vai ver: parece um bruxo.

– Sabe dizer palavras mágicas – disse Vássin, do outro canto, com voz lenta.

Miélnikov entrou no abrigo blindado. Era gordo (algo extremamente raro entre os soldados), ruivo,

vermelho, testa enorme e proeminente e olhos saltados e azul-claros.

– Então você não tem medo das bombas? – perguntou Volódia.

– Para que ter medo dessas bombas? – respondeu Miélnikov, se encolhendo e se coçando. – As bombas não vão me matar, eu sei.

– Então você gostaria de viver aqui?

– É claro que gostaria. Aqui é divertido! – disse e, de repente, deu uma gargalhada.

– Então você precisa tirar uma licença! Se quiser, posso pedir ao general – disse Volódia, embora não conhecesse nenhum general ali.

– Como é que não vou querer? Quero, sim!

E Miélnikov escondeu-se atrás dos outros.

– Vamos jogar “narizes”, pessoal! Quem tem cartas? – soou sua voz apressada.

De fato, num canto na parte de trás do abrigo, logo se organizou um jogo – ouviam-se as batidas dos “narizes”, os risos e os trunfos. Volódia bebia chá do samovar que o tamboreiro preparou para ele, ofereceu chá aos sargentos artilheiros, disse gracejos, começou a conversar com eles com o intuito de ganhar popularidade e ficou muito contente com o respeito que lhe demonstravam. Ao notarem que o nobre era simples, os soldados também começaram a conversar. Um deles disse que em breve deveria terminar o cerco de Sebastopol, que um homem da Marinha, de sua confiança, contara que Kistentin,¹² irmão do tsar, estava vindo em nosso socorro com uma frota *mericana*, e também que logo haveria uma trégua de duas semanas, sem tiros, para descanso, e que se alguém atirasse teria de pagar setenta e cinco copeques de multa por tiro disparado.

Váassin, que, como Volódia pôde perceber, era baixo, com olhos grandes e simpáticos e de costeletas, em meio ao silêncio geral, de início, e depois entre risos, contou como, ao sair de licença, no começo ficou feliz, mas depois o pai começou a mandá-lo trabalhar e o intendente florestal mandou uma charrete buscar sua esposa. Tudo isso divertia muito Volódia. Não só não sentia o menor medo ou incômodo com o espaço apertado e com o cheiro pesado dentro do abrigo, como estava extremamente alegre e confortável.

Muitos soldados já roncavam. Vlanga também se espichou no chão e o velho sargento, depois de estender o capote, benzeu-se e murmurou suas preces antes de dormir, quando Volódia teve vontade de sair do abrigo blindado e ver o que acontecia do lado de fora.

– Encolha as pernas! – gritaram os soldados uns para os outros, assim que ele se levantou; e as pernas se espremeram para lhe dar passagem.

Vlanga, que parecia dormir, de repente levantou a cabeça e apanhou no chão o capote de Volódia.

– Escute, já chega, não vá. Para quê? – falou num tom persuasivo e choroso. – Veja, o senhor ainda não conhece; as balas de canhão caem o tempo todo: é melhor ficar aqui...

Porém, apesar do apelo de Vlanga, Volódia saiu do abrigo e sentou-se junto à porta, onde já estava Miélnikov, trocando de sapato.

O ar parecia fresco e limpo – sobretudo depois do abrigo blindado; a noite estava clara e tranquila. Por trás do rumor dos tiros, ouvia-se o som das rodas das telegas que transportavam grandes cestos e a conversa dos soldados que trabalhavam no paiol de pólvora. Por cima das cabeças, o céu alto e estrelado, cortado pelas listras de fogo das bombas incessantes; à esquerda, uma pequena abertura de um *archin* dava entrada para outro abrigo blindado, onde se viam as pernas e as costas dos marinheiros que ali se alojavam e ouviam-se suas vozes embriagadas; à frente, surgia a elevação do paiol de pólvora, diante do qual moviam-se vultos curvados e onde, bem no alto, debaixo de bombas e balas que zuniam sem cessar naquele local, havia uma figura alta, de casaco preto, mãos nos bolsos, que calcava com os pés a terra que outros soldados despejavam de sacos. Os soldados que traziam a terra se curvavam, se afastavam; a figura negra não saía dali, tranquilamente calcava a terra com os pés, sempre na mesma posição e no mesmo lugar.

- Quem é aquele de preto? – perguntou Volódia para Miélnikov.
- Não tenho como saber; vou lá ver.
- Não vá, não precisa.

Mas Miélnikov, sem dar ouvidos, levantou-se, aproximou-se do homem de preto e ficou a seu lado por muito tempo, parecendo indiferente e imóvel.

– É o encarregado do paiol, Vossa Nobreza – disse ele, ao voltar. – O paiolzinho foi destruído pelas bombas, por isso os infantes estão trazendo terra.

De vez em quando, as bombas pareciam voar direto para a porta do abrigo blindado.

Então Volódia se escondia num canto e em seguida saía de novo, olhando para cima, para ver se não vinha mais uma bomba. Embora Vlanga suplicasse a Volódia que ficasse dentro do abrigo blindado, ele foi três vezes sentar do lado de fora, junto à porta, encontrando certo prazer em pôr à prova o destino e em observar o voo das bombas. No final da noite, já sabia de onde os canhões disparavam, quantos eram e para onde iam seus obuses.

XXIII

No dia seguinte, 27, depois de dez horas de sono, bem-disposto e animado, Volódia saiu para a soleira do abrigo de manhã bem cedo. Vlanga também se arrastou para fora com ele, mas, ao primeiro som de uma bala disparada, precipitou-se de volta aos trambolhões pela abertura do abrigo, forçando o caminho com a cabeça baixa, para o riso geral da maioria dos soldados, que também queriam sair em busca de ar fresco. Apenas Vássin, o sargento velho e alguns outros saíam só em raras ocasiões para a trincheira; os demais, era impossível retê-los lá dentro: todos subiram do abrigo fétido para o ar fresco da manhã e, apesar de o bombardeio estar tão forte quanto na véspera, alguns ficaram perto da entrada e outros, embaixo do parapeito fortificado. Miélnikov, desde a alvorada, passeava pelas baterias, dando umas espiadas para o alto com indiferença.

Perto da entrada, estavam sentados dois velhos e um jovem de cabelo crespo, um judeu, pelo aspecto. Esse soldado pegou uma das balas caídas no chão, achatou-a com um caco de louça contra uma pedra e, com uma faca, entalhava nela uma cruz parecida com a da Cruz de São Jorge; os outros, conversando, observavam seu trabalho. A cruz, de fato, estava ficando muito bonita.

– Desse jeito, se a gente ficar aqui mais um tempo – disse um deles –, quando sair o armistício, todo mundo já vai estar na hora de dar baixa.

– Que nada! Para mim ainda faltam quatro anos para dar baixa, estou só há cinco meses em Sebastopol.

– Ouvi dizer que isso não conta para a baixa – disse o outro.

Naquele instante, uma bala de canhão passou zunindo por cima das cabeças e caiu a um *archin* de Miélnikov, que se aproximava deles pela trincheira.

– Por pouco não matou o Miélnikov – exclamou um deles.

– Não vai matar – respondeu Miélnikov.

– Tome essa cruz como medalha por sua bravura – disse o soldado mais jovem, que terminara de entalhar a cruz, e entregou-a para Miélnikov.

– Não, irmão. Aqui, um mês vale um ano inteiro... houve um decreto sobre isso – prosseguiu a conversa.

– De um jeito ou de outro, assim que sair o armistício, vão fazer uma revista de tropas com o tsar lá em *Varchóvia*, e mesmo quem não tiver tempo de serviço para dar baixa vai ser liberado para sempre.

Naquele momento, uma bala de fuzil passou zunindo, ricocheteou, voou por cima da cabeça dos

soldados que conversavam e foi bater numa pedra.

– Estão vendo só? A gente ainda pode ser liberado para sempre antes que anoiteça – disse um dos soldados.

E todos riram.

E na verdade, bem antes de anoitecer, menos de duas horas depois, dois deles já tinham sido liberados para sempre e cinco foram feridos; mas os restantes continuaram gracejando da mesma forma.

De fato, os dois morteiros foram reparados de tal forma que, pela manhã, estavam em condições de disparar. Às dez horas, segundo uma ordem recebida do chefe do bastião, Volódia convocou seu destacamento e seguiu com ele para a bateria.

Nos soldados, assim que entraram em ação, não se percebia nem um pingo daquele sentimento de pavor que se exprimia na véspera. Apenas Vlanga não conseguia se controlar: continuava a se esconder e se curvar o tempo todo, e Vássin havia perdido um pouco de sua tranquilidade, se sobressaltava e se agachava a todo instante. Já Volódia estava extremamente empolgado: nem lhe passava pela cabeça a ideia do perigo. A alegria de estar cumprindo bem seu dever, de não ser covarde e de ser até corajoso, a sensação do comando e da presença de vinte homens, que, Volódia sabia, o olhavam com curiosidade, tudo isso fazia dele um perfeito bravo. Chegou até a se envaidecer com sua bravura, tomou ares afetados diante dos soldados, subiu numa barricada e, de modo estudado, desabotoou o capote para chamar atenção. O chefe do bastião, que naquele momento percorria seus domínios, como ele dizia, por mais que já estivesse acostumado a todo tipo de bravura, depois de oito meses ali, não pôde deixar de se admirar daquele rapaz bonito, com o capote desabotoado, sob o qual se via uma camisa vermelha que envolvia o pescoço branco e delicado, com o rosto e os olhos inflamados, as mãos que batiam palmas e o som de sua vozinha de comandante: “Primeiro! Segundo!” – e corria alegremente para o parapeito a fim de ver onde sua bomba havia caído. Às onze e meia, os tiros de ambos os lados silenciaram e ao meio-dia em ponto teve início o assalto ao monte Malákhov e ao segundo, terceiro e quinto bastiões.

XXIV

Do lado de cá da baía, entre Inkerman e a fortaleza de Siévernaia, perto do meio-dia, dois marinheiros estavam na colina do telégrafo; um deles era um oficial e observava Sebastopol pela luneta e o outro acabara de chegar a cavalo ao posto de observação em companhia de um cossaco.

O sol brilhava parado sobre a baía, que jogava com seus navios estacionados, com as velas e os barcos que se mexiam, num brilho alegre e quente. A brisa ligeira movia de leve as folhas dos arbustos de carvalho murchos em redor da colina do telégrafo, soprava as velas dos barcos e agitava as ondas. Sebastopol, sempre a mesma, com sua igreja inacabada, a coluna, o cais, o bulevar que verdejava no morro, o prédio elegante da biblioteca, as pequenas enseadas azuis, cheias de mastros, os pitorescos arcos dos aquedutos e as nuvens de fumaça cinzenta de pólvora, iluminadas de vez em quando pela chama rubra dos tiros; sempre a mesma bela, festiva e orgulhosa Sebastopol, cercada de um lado por colinas amarelas e enfumaçadas e, do outro, pelo mar azul-claro que jogava sob o sol – era o que se via do lado de cá da baía. Acima do horizonte do mar, onde fumegava a faixa negra da fumaça de algum navio a vapor, deslizavam nuvens brancas e compridas, prometendo vento. Em todas as linhas da fortaleza, sobretudo nas colinas do lado esquerdo, de repente, sem cessar, brilhando às vezes como raios, mesmo sob a luz do meio-dia, caíam bolas de fumaça densa, branca e compacta, que se expandiam, tomando formas variadas, erguiam-se e tingiam o céu de um tom mais escuro. Aquela fumaça, irrompendo ora aqui, ora ali, brotava nas colinas, nas baterias inimigas, na cidade e no alto, no céu. Os sons das explosões não cessavam e, reverberando, sacudiam o ar...

Ao meio-dia, as bolas de fumaça começaram a se tornar cada vez mais raras, o ar, menos abalado por estrondos.

– Pois é, o segundo bastião já não dá o menor sinal de reação – disse um oficial hussardo, montado em seu cavalo. – Está todo destruído! Que horror!

– Sim, e Malákhov, no máximo, responde só com um tiro a cada três disparos do inimigo – respondeu o que olhava pela luneta. – Esse silêncio deles me deixa louco. Olhe, de novo está caindo direto na bateria Kornílov, e eles não respondem.

– Mas repare que ao meio-dia, como eu disse, eles sempre param o bombardeio. Hoje também, é a mesma coisa. É melhor irmos almoçar... estão a nossa espera agora... não há nada para ver.

– Espere, não atrapalhe! – retrucou o que observava pela luneta, olhando para Sebastopol com uma sofreguidão diferente.

– O que houve lá? O que foi?

– Um movimento nas trincheiras, marcham em colunas cerradas.

– Sim, dá para ver – disse o marinheiro. – Colunas estão marchando. É preciso dar o aviso.

– Olhe, olhe! Saíram das trincheiras.

De fato, via-se a olho nu algo parecido com manchas escuras que desciam pelas colinas através do barranco, vindo das baterias francesas rumo aos bastiões. Na frente daquelas manchas, viam-se faixas escuras já próximas de nossas linhas. Nos bastiões, as fumaças brancas dos disparos irrompiam em vários locais e pareciam se cruzar. O vento trazia o som dos tiros de fuzil constantes, como chuva na janela, e também dos combates. Faixas negras moviam-se no meio da fumaça, cada vez mais próximas. Os sons dos tiros ficavam cada vez mais fortes, fundiram-se num estrondo contínuo e avassalador. A fumaça, que se erguia cada vez mais densa, espalhou-se rapidamente pelas linhas e, por fim, se fundiu numa única nuvem lilás, que se enrolava e desenrolava, e dentro da qual, aqui e ali, apenas se vislumbavam chamas e pontos negros – todos os sons se uniram numa só crepitação avassaladora.

– Um assalto! – exclamou o oficial com o rosto pálido, entregando a luneta ao marinheiro.

Passaram pela estrada cossacos a galope e oficiais a cavalo, o comandante em chefe passou direto na carruagem com sua comitiva. No rosto de todos, via-se uma forte agitação e a expectativa de algo terrível.

– Não pode ser, não é possível que tenham tomado! – disse um oficial a cavalo.

– Por Deus, a bandeira! Olhe! Olhe! – disse o outro, ofegante, largando a luneta. – A bandeira francesa em Malákhov!

– Não pode ser!

XXV

O Koziéltsov mais velho, que naquela noite conseguira recuperar e perder tudo de novo no jogo, até as moedas de ouro costuradas por dentro da manga, de manhã ainda dormia um sono doentio, pesado e profundo, no abrigo fortificado do quinto bastião, quando, repetido por várias vozes, ressoou o grito fatal:

– Alarme!

– Pare de dormir, Mikhail Semiónitch! É um ataque! – gritou uma voz.

Mas de repente Koziéltsov viu um oficial que corria de um canto para outro sem nenhum propósito visível e com o rosto tão pálido e assustado que ele logo compreendeu. A ideia de que podiam tomá-lo por covarde por não querer estar com sua companhia no momento crítico chocou-o de forma horrível. Correu o mais que pôde ao encontro da companhia. Os disparos de canhão tinham cessado; mas o

crepitar dos fuzis estava no auge. As balas zuniam não uma a uma, como tiros de carabina, mas sim como um bando de passarinhos no outono, passando por cima das cabeças. Todo o local onde, na véspera, estivera seu batalhão se encontrava toldado pela fumaça; ouvia-se uma gritaria desordenada. Os soldados, feridos ou não, passavam por ele correndo em bandos. Depois de avançar mais uns trinta passos, avistou sua companhia, espremida contra um muro, e o rosto de um de seus soldados, muito pálido e assustado. Os outros rostos também estavam assim.

Koziéltsov não pôde impedir que o sentimento de medo o contagiasse: um calafrio percorreu sua pele.

– Tomaram Schwartz – disse um jovem oficial, com os dentes batendo. – Tudo está perdido.

– Absurdo – disse Koziéltsov, irritado, e, no intuito de se estimular com um gesto, sacou seu sabre pequeno, embotado, de ferro, e pôs-se a gritar: – Avançar, rapazes! Hu-rra-a!

A voz saiu alta e ressonante; chegou a entusiasmar o próprio Koziéltsov. Correu em frente, ao longo do topo de uma barricada; uns cinquenta soldados, aos gritos, correram atrás dele. Quando transpuseram a barricada e saíram em campo aberto, as balas de fuzil caíram como uma tempestade; duas o acertaram, mas onde acertaram e o que causaram, se o haviam ferido ou contundido, ele não teve tempo de entender. À frente, na fumaça, já via uniformes azuis, calças vermelhas, e ouvia gritos que não eram em russo; um francês estava de pé no parapeito fortificado, sacudia o chapéu e gritava alguma coisa. Koziéltsov estava convencido de que iriam matá-lo; e isso lhe inspirou coragem. Correu para a frente, sem parar. Alguns soldados o ultrapassaram; outros apareceram pelos lados, não se sabia de onde, e também corriam. Os uniformes azuis se mantinham à mesma distância, fugindo dele, rumo às suas trincheiras, mas aos seus pés tombavam feridos e mortos. Depois de correr até o fosso exterior, tudo se embaralhou nos olhos de Koziéltsov, ele sentiu uma dor no peito, sentou-se atrás de um muro de proteção e, com imenso prazer, viu através da abertura de uma canhoneira que a multidão de uniformes azuis corria em debandada, sem ordem, rumo às suas trincheiras e que, por todo o campo, jaziam mortos e arrastavam-se feridos de calças vermelhas e uniformes azuis.

Meia hora depois, estava deitado numa padiola, próximo à caserna Nikolai, e se deu conta de que estava ferido, mas quase não sentia dor; apenas sentia vontade de beber algo gelado e deitar-se de modo mais confortável.

Um médico gordo, pequeno, de costeletas grandes aproximou-se e desabotoou o casaco. Com o queixo atrapalhando sua visão, Koziéltsov observava o que o médico fazia com seu ferimento e também o rosto do médico, mas não sentia dor nenhuma. O médico cobriu o ferimento com a camisa, enxugou os dedos na aba do paletó e, em silêncio, sem olhar para o ferido, passou para o próximo. Koziéltsov acompanhava inconsciente, só com os olhos, o que se passava na sua frente. Ao lembrar o que havia ocorrido no quinto bastião, com um sentimento de orgulho extraordinariamente agradável, pensou que havia cumprido seu dever, que pela primeira vez em toda a sua carreira militar tinha se conduzido da melhor maneira possível e ninguém poderia censurá-lo por nada. O médico, enquanto enfaixava outro oficial ferido, falou algo para um padre de barba ruiva e com uma cruz, apontando para Koziéltsov.

– Será que estou morrendo? – perguntou Koziéltsov para o padre, quando este se aproximou.

O padre, sem responder, leu uma prece e estendeu a cruz na direção do ferido.

A morte não assustava Koziéltsov. Com as mãos fracas, apanhou a cruz, apertou-a nos lábios e começou a chorar.

– Os franceses foram derrotados em toda parte? – perguntou para o padre.

– A vitória foi nossa em toda parte – respondeu o padre, que pronunciava os ós átonos, escondendo do ferido, para não magoá-lo, o fato de que na colina Malákhov já estava desfraldada a bandeira francesa.

– Graças a Deus, graças a Deus – exclamou o ferido, sem sentir que as lágrimas escorriam pelas faces e experimentando a emoção indescritível da consciência de ter praticado um ato heroico.

Um pensamento sobre o irmão passou num lampejo por sua cabeça. “Que Deus lhe conceda uma felicidade como esta”, pensou.

XXVI

Mas tal não era a sorte que aguardava Volódia. Ele estava ouvindo uma história que Vássin lhe contava, quando começaram a gritar: “Os franceses vêm aí!”. No mesmo instante o sangue afluíu ao coração de Volódia e ele sentiu que as faces gelaram e empalideceram. Por um segundo, ficou imóvel; mas olhou em redor e viu que os soldados ajeitavam o casaco com bastante calma e saíam de rastros, um após o outro; um deles – parecia Miélnikov – até falou em tom de gracejo:

– Não esqueçam de levar sal e pão para eles, rapazes!¹³

Volódia e Vlanga, que não se afastava dele nem um passo, rastejaram para fora do abrigo blindado e correram para a bateria. Não se ouvia nenhum tiro de artilharia, nem de um lado nem do outro. Mais do que o aspecto tranquilo dos soldados, o que perturbava Volódia era a covardia patética e indisfarçável do *junker*. “Será possível que eu seja como ele?”, pensou, enquanto corria animado para o parapeito fortificado, junto ao qual estavam seus morteiros. Podia ver claramente que os franceses corriam rumo ao bastião pelo campo aberto e que uma multidão deles, com as baionetas que reluziam ao sol, se movimentava dentro das trincheiras mais próximas. Um soldado pequeno, ombros largos, uniforme de zuavo, espada em punho, corria na frente e saltava por cima dos fossos. “Fogo de metralha!”, gritou Volódia, descendo da barricada; mas os soldados já haviam tomado providências mesmo sem sua ordem, e o som metálico do disparo da carga de metralha zuniu por cima da sua cabeça, primeiro de um morteiro, depois também do outro. “Primeiro! Segundo!”, comandava Volódia, enquanto corria de um morteiro para outro no meio da fumaça, totalmente alheio ao perigo. Ao lado, ouviu-se bem perto o crepitar de tiros de fuzil de nossa tropa de cobertura, além de gritos alvoroçados.

De repente soou à esquerda um impressionante grito de desespero, repetido por algumas vozes: “Estão cercando! Estão cercando!”. Volódia virou-se na direção do grito. Uns vinte franceses surgiram por trás. Um deles, de barba preta e fez vermelho, um homem bonito, vinha à frente de todos, mas, depois de avançar correndo uns dez passos até a bateria, parou e atirou e em seguida recomeçou a correr para a frente. Por um segundo, Volódia ficou petrificado, sem acreditar nos próprios olhos. Quando se refez e olhou para o outro lado, uniformes azuis estavam na sua frente, no alto da barricada, e um deles até havia descido e fixava um canhão no chão. À sua volta, não havia ninguém, exceto Miélnikov, morto por uma bala a seu lado, e Vlanga, que de repente apanhara uma alavanca na mão e, com uma expressão violenta no rosto e as pupilas dilatadas, precipitou-se para a frente, sozinho. “Venha atrás de mim, Vladímir Semiónitch! Atrás de mim! Perdemos!”, gritou a voz desesperada de Vlanga, enquanto brandia a alavanca contra os franceses que vinham por trás. A figura furiosa do *junker* os confundiu. Ele golpeou a cabeça de um que estava mais adiantado, os outros pararam instintivamente e Vlanga, que continuou a olhar em volta e a gritar desesperado: “Venha atrás de mim, Vladímir Semiónitch! Não fique parado! Corra!”, pôs-se a correr rumo à trincheira onde estava nossa infantaria, que atirava contra os franceses. Pulou para dentro da trincheira e em seguida saiu dela outra vez para ver o que fazia seu adorado aspirante. Algo de casaco jazia de bruços no lugar onde antes estava Volódia, e toda aquela área já estava ocupada por franceses, que atiravam contra os nossos.

XXVII

Vlanga encontrou sua bateria na segunda linha de defesa. Do contingente de vinte soldados que estavam na bateria de morteiros, salvaram-se apenas oito.

Às nove horas da noite, Vlanga e a bateria atravessaram a baía para Siévernaia, num barco a vapor repleto de soldados, canhões, cavalos e feridos. Não havia mais tiros em parte alguma. As estrelas, a exemplo da noite anterior, brilhavam claras no céu; mas um vento forte agitava o mar. No primeiro e no segundo bastiões, irrompiam clarões na terra; explosões sacudiam o ar, iluminavam estranhos objetos negros ao redor e pedras eram lançadas para o alto. Algo ardia perto do cais, o vermelho das chamas se refletia na água. A ponte, cheia de gente, estava iluminada pelo fogo da bateria Nikolai. Uma chama enorme parecia pairar acima da água no distante pontão da bateria Aleksand, iluminando uma nuvem de fumaça que estava embaixo dela, e, como no véspera, reluziam no mar as luzes serenas e atrevidas da distante frota inimiga. O vento fresco agitava a baía. Sob a luz do ardor dos incêndios, viam-se os mastros de nossos navios naufragados, que lentamente e cada vez mais afundavam na água. Não se ouviam conversas no convés; por trás do barulho ritmado das ondas cortadas e do vapor, ouviam-se o resfolegar dos cavalos, a batida das patas na barcaça, as palavras de comando do capitão e os gemidos dos feridos. Vlanga, que passara o dia inteiro sem nada comer, tirou do bolso um pedaço de pão e pôs-se a mastigar, mas de repente, lembrando-se de Volódia, começou a chorar tão alto que os soldados em volta perceberam.

– Olhe só, tem pão para comer e mesmo assim está chorando, o nosso Vlanga – disse Vássin.

– É um espanto! – disse outro. – Viram só como incendiaram nossas casernas? – prosseguiu, suspirando. – E quantos irmãos nossos perdemos; mas os franceses também pagaram caro!

– Pelo menos nós saímos vivos, graças a Ti, Senhor – disse Vássin.

– De todo jeito, é uma vergonha!

– Vergonha por quê? Por acaso ele vai ter moleza aqui? Pois sim! Vai ver só como os nossos vão tomar tudo de volta. Por mais irmãos que tenham tombado, assim como Deus é santo, é só o imperador mandar que vão retomar! Acha que os nossos vão deixar as coisas assim? Que nada! Ele que fique com os muros nus, e as trincheiras foram todas explodidas. Ele pode ter posto sua bandeira no alto da colina, mas não vai nem tocar na cidade. Esperem só que a gente ainda vai acertar as contas com você... Deem só um tempinho – concluiu, dirigindo-se aos franceses.

– É isso mesmo! – disse outro, com convicção.

Em toda a linha dos bastiões de Sebastopol, onde por tantos meses ferveu uma energia fora do comum, onde por tantos meses viram-se heróis morrer e ser substituídos por outros, sem parar, e onde por tantos meses grassaram o medo, o ódio e, por fim, a admiração pelos inimigos – nos bastiões de Sebastopol já não havia mais ninguém, em parte alguma. Tudo estava morto, deserto, horrendo – mas não em silêncio: tudo ainda desmoronava. Pela terra sulcada e revirada por explosões recentes, em toda parte, rolavam carretas de canhões estropiadas, que esmagavam cadáveres de russos e do inimigo, canhões pesados, de ferro, silenciados para sempre, eram jogados com uma força terrível dentro de fossos e cobertos de terra até a metade, e bombas, obuses, mais cadáveres, fossos, pedaços de madeira, blindagens, e de novo cadáveres silenciosos de casacos cinzentos e azuis. Tudo aquilo muitas vezes ainda palpitava, iluminado pela chama escarlata das explosões que continuavam a sacudir os ares.

Os inimigos viram que algo incompreensível se formara na terrível Sebastopol. Aquelas explosões e o silêncio de morte nos bastiões os obrigavam a tremer; mas, ainda sob o efeito da resistência forte e serena do dia, eles não ousavam crer no desaparecimento de seu inabalável inimigo e, em silêncio, sem se moverem, com terror, esperavam o fim da noite sombria.

Como o mar na noite sombria e oscilante, as tropas de Sebastopol se concentravam, se alastravam, se agitavam inquietas e alvoroçadas com toda a sua massa, se moviam pela ponte na baía e em Siévernaia, lentamente se deslocavam na escuridão, para longe do local onde tantos irmãos corajosos tinham ficado para trás; do local em toda parte banhado pelo seu sangue; do local durante onze meses

defendido de um inimigo com forças duas vezes superiores e que agora tinham ordens para abandonar sem luta.

Era incompreensível e penosa para qualquer russo a primeira impressão daquela ordem. O segundo sentimento era o medo de uma perseguição. Os soldados sentiram-se indefesos assim que deixaram para trás os lugares onde estavam habituados a combater e se aglomeravam inquietos na escuridão, na saída da ponte, que balançava sob o vento forte. Baionetas se entrechocavam, regimentos se aglomeravam entre carroças e milicianos, a infantaria se comprimia, oficiais da cavalaria abriam caminho à força de ordens gritadas, habitantes choravam e suplicavam e ordenanças levavam bagagens que não deixavam passar; a artilharia marchava rumo à baía, com as rodas das carroças fazendo barulho, na pressa para ir embora. Apesar do empenho com tantos afazeres variados e nervosos, o sentimento de autopreservação e o desejo de ir embora o mais depressa possível daquele terrível lugar de morte se fazia presente no espírito de todos. Também havia o mesmo sentimento no soldado mortalmente ferido, que jazia entre cinquenta outros feridos, no chão de pedra do cais Pávlov, e que pedia a Deus que morresse, e também no miliciano que, com suas últimas forças, empurrava a multidão compacta a fim de abrir caminho para um general que passava a cavalo, e também no general, que dava ordens com firmeza para que dessem passagem e para conter a afobação dos soldados, e também no marinheiro que se havia misturado com um batalhão em movimento e estava quase sem fôlego no aperto da multidão, e também no oficial ferido que quatro soldados levavam numa padiola e, retidos pela multidão afobada, tinham colocado no chão, perto da bateria Nikolai, e também no artilheiro que havia servido ao lado de seu canhão por dezesseis anos e que, por uma ordem incompreensível para ele, teve de juntar os canhões com a ajuda de seus camaradas e atirá-los na baía, do alto de uma ribanceira, e também nos marujos da frota que, depois de abrirem o fundo do casco dos navios, afastaram-se deles em lanchas, remando com ímpeto. Ao saírem do outro lado da ponte, quase todos os soldados tiravam o chapéu e faziam o sinal da cruz. Mas depois desse sentimento veio outro, penoso, mais pungente e profundo: era um sentimento parecido com o remorso, a vergonha e o rancor. Quase todos os soldados, ao olhar do lado de Siévernaia para a Sebastopol abandonada, com uma amargura indescritível no coração, suspiravam e lançavam ameaças contra os inimigos.

São Petersburgo, 27 de dezembro

A NEVASCA

I

Antes das sete horas da noite, depois de tomar chá, parti de uma estação cujo nome já não lembro, mas lembro que era em algum lugar na Terra das Tropas do Don, o território dos cossacos,¹ perto da cidade de Novotcherkássk. Já estava escuro quando, enrolado num casaco de pele e num sobretudo, sentei-me num trenó ao lado de Aliochka. Por trás do prédio da estação, o tempo parecia calmo e quente. Embora não caísse neve, não se via nenhuma estrelinha no alto e o céu parecia extremamente baixo e negro, em comparação com a erma planície nevada que se estendia à nossa frente.

Tínhamos acabado de passar pelos vultos escuros dos moinhos, um dos quais abanava desengonçado suas asas grandes, e ao sair da estação percebi que a estrada ficava mais árdua e atulhada

de neve, o vento começava a soprar com mais força à minha esquerda, empurrava para o lado a crina e o rabo dos cavalos, levantava e carregava com tenacidade a neve rasgada pelos patins do trenó e pelos cascos dos animais. O som das sinetas começou a esmorecer, uma corrente de ar frio penetrava por alguma fresta na manga, nas costas, e me veio à cabeça o conselho do encarregado da estação, de que era melhor não viajar para não acabar vagando sem rumo a noite inteira e morrer congelado no caminho.

– Será que não vamos nos perder? – perguntei para o cocheiro. Mas, sem receber resposta, propus uma pergunta mais clara: – E então, cocheiro, vamos chegar à estação? Não vamos nos perder?

– Só Deus sabe – respondeu, sem virar a cabeça. – Olhe como o vento rasteiro espalha tudo: nem dá para enxergar a estrada. Meu Deus do céu!

– Mas me explique melhor: você acha que vamos chegar à estação ou não? – continuei perguntando. – Vamos chegar?

– Temos de chegar – disse o cocheiro e continuou a falar outras coisas, que eu já não conseguia ouvir por causa do vento.

Eu não tinha vontade de voltar; mas vagar sem rumo a noite inteira no meio da nevasca e do frio gelado numa estepe completamente nua, como era aquela parte da Terra das Tropas do Don, não parecia nada divertido. Além disso, apesar de eu não conseguir ver muito bem o cocheiro no escuro, por algum motivo ele não me agradava e não me inspirava confiança. Ficava sentado bem no meio da boleia, sobre as pernas cruzadas, e não no lado, era imensamente alto, tinha voz preguiçosa, usava um gorro que não era de cocheiro – grande, que balançava para todos os lados; não conduzia os cavalos como se deve fazer, segurava as rédeas com as duas mãos, como um lacaios que tivesse sentado na boleia em lugar do cocheiro, mas, acima de tudo, eu não conseguia ter confiança nele porque tinha as orelhas cobertas pelo agasalho. Em suma, aquelas costas curvadas e pensativas que se erguiam à minha frente não me agradavam e pareciam não prometer nada de bom.

– Por mim, acho melhor voltar – me disse Aliochka. – Não tem graça nenhuma ficar vagando sem rumo!

– Meu Deus do céu! Olhe só que tempestade está caindo! Não dá para enxergar o caminho, os olhos ficam cegos... Meu Deus do céu! – resmungou o cocheiro.

Não tínhamos andado quatro horas quando o cocheiro deteve os cavalos, entregou as rédeas para Aliochka, desembarçou as pernas de maneira desajeitada e, triturando a neve com as botas grandes, pôs-se a procurar a estrada.

– E então? Aonde vai? Será que nos perdemos? – perguntei; mas o cocheiro não me respondeu e, virando o rosto para o lado, a fim de fugir do vento, que fustigava seus olhos, afastou-se do trenó.

– E então? Achou a estrada? – repeti, quando voltou.

– Não, nadinha – disse-me de repente, com impaciência e irritação, como se fosse eu o responsável por ele ter perdido a estrada e, apoiando os pés de novo preguiçosamente na parte da frente do trenó, subiu na boleia e pôs-se a desembarçar as rédeas com as mãos enregeladas.

– O que vamos fazer? – perguntei, quando nos pusemos em movimento outra vez.

– O que se pode fazer? Vamos para onde Deus quiser.

E seguimos no mesmo trote curto, obviamente já em campo aberto, ora sobre meio metro de neve seca, ora sobre uma fina camada de gelo nu.

Apesar de estar frio, a neve num instante derretia na gola; o vento baixo soprava cada vez mais forte e do alto começou a cair uma neve seca e esparsa.

Estava claro que íamos para onde Deus quisesse, porque, depois de mais quinze minutos de viagem, não tínhamos visto nenhum marco indicativo das verstas da estrada.

– E então, o que você acha? – perguntei de novo ao cocheiro. – Vamos chegar à estação?

– Que estação? Vamos voltar. Se a gente der rédea solta para os cavalos, vão levar a gente de volta; mas para lá, é difícil... a gente vai se perder.

- Bem, então vamos voltar – disse eu. – De fato...
- Então, é para voltar? – repetiu o cocheiro.
- Sim, sim, volte!

O cocheiro soltou as rédeas. Os cavalos começaram a correr mais fogosos e, embora eu não notasse que tínhamos feito meia-volta, o vento havia mudado e logo, no meio da neve, pudemos ver os moinhos. O cocheiro se animou e desatou a falar.

– Um dia desses, sabe, uns trenós voltavam da outra estação e o pessoal teve de passar a noite embaixo de montes de feno. Só chegaram de manhã. E foi sorte terem dado com os montes de feno, senão tinham simplesmente morrido congelados; estava frio demais. E mesmo assim os pés de um deles ficaram congelados, durante três semanas correu risco de morrer.

- Mas agora não está tão frio, o tempo ficou mais calmo – falei. – Não dá para ir em frente?
- Está mais quente, um pouquinho, mas a nevasca continua. Agora está vindo por trás, por isso parece mais leve, mas tem força. Até dava para ir em frente, se eu fosse correio, se eu viajasse por conta própria; mas não tem graça nenhuma se um passageiro morre congelado. Depois, como é que vou explicar o que aconteceu com Vossa Excelência?

II

Naquele momento, ouviu-se atrás de nós o som das sinetas de algumas troicas, que vinham em nossa direção com rapidez.

- São as sinetas do correio – disse meu cocheiro. – Só tem uma sineta assim em toda a estação.

E na verdade as sinetas da primeira troica, cujo som trazido pelo vento já chegava a nós com clareza, soavam extraordinariamente bonitas: cristalinas, ressonantes, graves e um pouco estridentes. Depois eu soube que era uma tradição de caçadores: três sinetas – uma grande no meio, de toque vermelho, como diziam, e duas menores afinadas num intervalo de terça. O som dessa terça e seu tom estridente, que reverberava no ar, era muito impressionante e de uma beleza estranha, na estepe deserta e inóspita.

- O correio está passando – disse meu cocheiro, quando a primeira das três troicas emparelhou com a nossa. – Como está a estrada? Dá para passar? – gritou para o cocheiro que ia na traseira; mas ele apenas gritou para os cavalos e não respondeu.

O som das sinetas rapidamente morreu no vento, assim que o correio nos deixou para trás. Meu cocheiro talvez tenha ficado com vergonha.

- Então vamos lá, patrão! – disse para mim. – Eles passaram... as pegadas estão frescas.

Concordei e mais uma vez demos meia-volta, seguimos contra o vento, nos arrastamos para a frente, pela neve funda. Eu olhava com o canto dos olhos para a estrada, a fim de não perder de vista as marcas deixadas pelos trenós. Durante umas duas verstas as marcas se mostraram claras; depois, se percebia uma pequena irregularidade embaixo dos esquis, e logo eu não conseguia mais saber, de jeito nenhum, se havia a marca de um trenó ou apenas uma camada de neve deslocada. Os olhos se cansaram de observar a passagem monótona da neve embaixo dos esquis do trenó e passei a olhar para a frente. Ainda vimos o marco da terceira versta, mas o da quarta, não conseguimos encontrar; como antes, avançamos contra o vento, a favor do vento, à direita, à esquerda, e por fim chegamos a um ponto em que o cocheiro disse que parecia que tínhamos nos extraviado à direita, eu disse que tinha sido à esquerda e Aliochka achava que estávamos indo direto para trás. De novo, paramos algumas vezes, o cocheiro desembaraçava as pernas compridas, descia e se punha a procurar a estrada; mas foi tudo em vão. Eu mesmo descii uma vez para ver se a estrada não se encontrava ali onde me parecia estar; porém, assim que, com grande esforço,

dei seis passos contra o vento e me convenci de que tudo era igual em toda parte, a mesma monótona camada branca de neve, e de que eu tinha visto a estrada apenas na imaginação, já não enxergava mais o trenó. Comecei a gritar: “Cocheiro! Aliochka!”, mas minha voz – eu sentia como o vento a apanhava direto na minha boca e no mesmo instante a levava para longe de mim. Andei para onde estava o trenó – não havia trenó; fui para a direita – também não. Tenho vergonha de lembrar a voz alta, esganiçada e até um pouco desesperada com que gritei mais uma vez: “Cocheiro!”, quando ele estava a dois passos de mim. Seu vulto preto com o chicote e com o gorro imenso, inclinado para o lado, de repente surgiu na minha frente. Levou-me para o trenó.

– Ainda bem que está quente – disse ele. – Se gelar mesmo, vai ser uma desgraça!... Meu Deus do céu!

– Solte a rédea dos cavalos para que eles voltem – pedi, depois de me sentar no trenó. – Eles vão nos levar, não vão, cocheiro?

– Têm de levar.

Ele deixou a rédea solta, bateu umas três vezes com o chicote no arreio do cavalo do meio e, mais uma vez, seguimos não sabíamos para onde. Andamos meia hora. De súbito, à nossa frente, ouviram-se de novo a sineta que eu já conhecia, e mais duas; mas agora vinham na direção contrária à nossa. Eram as mesmas três troicas, que já haviam deixado as remessas do correio e, com os cavalos para a viagem de regresso presos atrás, retornavam para a estação. A troica do correio, com cavalos robustos e sinetas de caçador, corria com ímpeto à frente. O cocheiro ia sentado na boleia e gritava para os cavalos com energia. Atrás, no meio de cada um dos trenós vazios, vinham dois cocheiros sentados e se ouvia sua conversa alta e animada. Um deles fumava cachimbo, e a brasa, atijada pelo vento, iluminava uma parte de seu rosto.

Olhando para eles, senti vergonha de meu medo de seguir viagem e meu cocheiro na certa experimentava o mesmo sentimento, porque dissemos os dois a uma só voz:

– Vamos atrás deles.

III

Antes que a última troica tivesse passado, meu cocheiro começou a dar meia-volta e, de maneira desastrada, bateu com o varal nos cavalos que vinham amarrados atrás. Três cavalos empinaram, soltaram-se das rédeas e dispararam para o outro lado.

– Presta atenção, seu diabo vesgo, olha para onde vira para não bater nos outros. Diabo! – pôs-se a praguejar com voz rouca e estridente um cocheiro baixo; um velho, até onde pude deduzir, pela voz e pela estatura, que vinha sentado na troica de trás, desceu agilmente do trenó com um pulo e correu atrás dos cavalos, enquanto continuava a xingar meu cocheiro de modo bruto e cruel. Mas os cavalos não se renderam. O cocheiro correu atrás deles e, num minuto, cavalos e cocheiro sumiram na branca bruma da nevasca.

– Vassíli-i-i! Traga para cá o baio, desse jeito não dá para pegar – ouviu-se ainda sua voz.

Um dos cocheiros, homem extraordinariamente alto, desceu do trenó, em silêncio desamarrou seus três cavalos, montou num deles pela garupa e, triturando a neve num galope confuso, desapareceu na mesma direção.

Depois das outras duas troicas, seguimos a troica do correio, que, ressoando as sinetas, corria à frente a pleno galope, e não perdemos mais o caminho.

– Pegar os cavalos! Pois sim! – disse meu cocheiro, referindo-se ao homem que havia corrido para apanhar os cavalos. – Se não foram na mesma direção, quer dizer que o cavalo desembestou e agora

vai se enfiar num canto por aí e... ele não sai mais.

Desde o momento em que passou a seguir os outros trenós, meu cocheiro pareceu ficar mais animado e mais falante e eu, é claro, como estava sem sono, pensei em me aproveitar disso. Comecei a lhe fazer perguntas, de onde ele vinha, como vivia, e logo fiquei sabendo que era meu conterrâneo, de Tula, da aldeia senhorial de Kirpítchnoie, que de suas terras pouco restou e que, depois da cólera, o solo secou e ali quase não nasce mais nada, que ele tinha dois irmãos, um terceiro havia ido para o Exército, que o cereal não ia dar nem para chegar ao Natal e que eles viviam de salário, que o irmão caçula era quem mandava em casa, porque era casado, e que ele mesmo era viúvo; que todo ano vinham homens de sua aldeia para as guildas dali a fim de trabalhar como cocheiros, que, apesar de não ser cocheiro, ele foi trabalhar no correio para ajudar um irmão que morava lá, graças a Deus, e assim ganhava cento e vinte rublos por ano, dos quais mandava cem para a família, e que viver seria bom, se “os correios não fossem esses animais e o povo aqui não praguejasse o tempo todo”.

– Por que aquele cocheiro me xingou tanto? Meu Deus do céu! Por acaso foi de propósito que bati nos cavalos dele? Eu fiz alguma maldade para alguém? E para que galopou atrás dos cavalos? Iam acabar voltando sozinhos; desse jeito, agora, vai acabar matando os cavalos de cansaço e ele mesmo vai se perder – repetia o mujique temente a Deus.

– O que é aquilo preto lá? – perguntei, notando alguns objetos pretos à nossa frente.

– Uma caravana. Viajar assim é que é bom! – prosseguiu, quando alcançamos umas carroças enormes, cobertas por esteiras, que avançavam uma atrás da outra. – Olhe só, não se vê ninguém, está todo mundo dormindo. O cavalo é o bicho mais inteligente que tem, ele sabe: não se perde do caminho de jeito nenhum. Eu também já viajei em fila – acrescentou –, por isso eu sei.

De fato, era estranho ver aquelas carroças enormes, cobertas de neve, do topo das esteiras até as rodas, movendo-se exatamente como se fossem uma só. Apenas na primeira carroça a esteira coberta de neve se levantou um pouquinho, só dois dedos, e por um instante despontou ali um gorro, quando nossas sinetas retiniram ao lado da caravana. Um cavalo grande e malhado, de pescoço espichado e costas esticadas, batia as patas de modo ritmado na estrada totalmente coberta de neve, balançava a cabeça peluda embaixo do arco do varal embranquecido e, quando passamos por ele, pôs de sobreaviso as orelhas cobertas de neve.

Depois de andar mais meia hora em silêncio, o cocheiro virou-se para mim outra vez.

– E então, o que o senhor acha, patrão? Estamos indo bem?

– Não sei – respondi.

– Antes, o vento batia do lado de cá, mas agora estamos andando a favor. Não, não estamos indo para lá, nos desviamos também – concluiu, absolutamente calmo.

Era evidente que, apesar de ser muito covarde – como diz o provérbio, em companhia, até a morte é boa –, o cocheiro ficara totalmente tranquilo desde o momento em que passamos a ser muitos e ele deixou de ser o guia e de ter a responsabilidade. Inteiramente senhor de si, fazia observações sobre os erros do cocheiro que ia na frente, como se aquilo não tivesse nada a ver com ele. Na verdade percebi que, às vezes, a troica da frente ficava de perfil à esquerda, outras vezes, à direita; tive até a impressão de que andávamos em círculos, numa área muito pequena. De resto, podia ser um engano dos sentidos, como acontecia quando às vezes eu tinha a impressão de que a troica da frente subia uma ladeira, ou ia por um declive, ou morro abaixo, embora a estepe fosse perfeitamente plana em toda parte.

Depois de viajarmos mais algum tempo, avistei ao longe, bem na linha do horizonte, assim me pareceu, uma faixa preta e comprida que se movia; mas um minuto depois ficou claro que se tratava da mesma caravana que tínhamos ultrapassado. Da mesma forma que antes, a neve recobria as rodas rangentes, algumas das quais já nem giravam; da mesma forma que antes, todos dormiam embaixo das esteiras; e tal como antes, o cavalo malhado da frente, bufando pelas narinas, farejava a estrada e punha as orelhas em alerta.

– Está vendo só? Rodamos, rodamos, e topamos de novo com a mesma cavarana! – disse meu cocheiro, em tom de insatisfação. – Os cavalos do correio são bons, não se importam de ficar rodando feito bobos; mas os nossos vão empacar de vez, se a gente viajar a noite inteira.

Pigarreou.

– Vamos voltar, patrão, foi um erro.

– Por quê? Vamos acabar chegando a algum lugar.

– Mas chegar aonde? Vamos ter de pernoitar na estepe. Com a nevasca... Meu Deus do céu!

Embora eu me admirasse do fato de o cocheiro da frente, que obviamente já havia perdido o caminho e a orientação, não procurar a estrada e, em vez disso, continuar tocando os cavalos a trote acelerado e com gritos vibrantes, eu já não queria me afastar das troicas.

– Vamos atrás deles – disse eu.

O cocheiro prosseguiu, mas já guiava sem a boa vontade de antes e não conversava mais comigo.

IV

A nevasca ficava cada vez mais forte e, do alto, a neve caía seca e miúda; parecia que começava a gear de leve: o nariz e as bochechas gelavam com mais força, a corrente de ar frio passava com mais frequência por baixo do casaco de pele e era preciso se enrolar mais nos agasalhos. De vez em quando, os esquis topavam com algum trecho de gelo nu, do qual a neve tinha sido varrida. Como já tinha viajado seiscentas verstas sem parar para pernoitar, às vezes eu não conseguia evitar que os olhos fechassem e eu cochilava, por mais que o desfecho de nossa perambulação fosse do maior interesse para mim. Uma hora, quando abri os olhos, me impressionou no primeiro minuto como parecia clara a luz que iluminava a campina branca; o horizonte se alargou consideravelmente, o céu negro e baixo de repente desapareceu, de todos os lados viam-se as linhas brancas oblíquas da neve que caía; distinguiam-se com mais clareza as formas das troicas na nossa frente e, quando olhei para cima, pareceu no primeiro minuto que as nuvens tinham se dissipado e só a neve que caía encobria o céu. Enquanto eu cochilava, a lua subia e lançava sua luz fria e clara através das nuvens esparsas e da neve que caía. Só uma coisa eu via com clareza – era meu trenó, os cavalos e as três troicas que iam na nossa frente: a primeira, a do correio, na qual o cocheiro ia sentado sozinho na boleia, como antes, e tocava os cavalos num trote acelerado; a segunda, com as rédeas soltas, levava dois homens que, de um *armiak*,² fizeram um toldo, e não paravam de fumar cachimbo, o que se podia perceber pelas fagulhas que brilhavam; e a terceira, na qual não se via ninguém, possivelmente porque o cocheiro dormia no meio dela. O cocheiro da frente, no entanto, quando acordei, passou a deter os cavalos de vez em quando para procurar a estrada. Então, assim que parávamos, era possível ouvir o assovio do vento e ver a imensa e impressionante quantidade de neve que se movia no ar. À luz da lua, toldada pela nevasca, eu podia ver a figura baixa do cocheiro com o chicote na mão, ele o usava para apalpar a neve à sua frente, andava para um lado e para o outro no meio da neblina luminosa, aproximava-se de novo do trenó, subia de lado na boleia e, no meio do assovio monótono do vento, ouviam-se de novo as sinetas vivazes, ressonantes, estridentes e tilintantes. Quando o cocheiro da troica da frente descia a fim de procurar marcas da estrada ou montes de feno, do segundo trenó sempre se ouvia a voz animada e confiante de um dos cocheiros, que gritava para o cocheiro da frente:

– Escute, Ignachka! Viramos demais para a esquerda: vá para a direita, na direção do vento.

Ou então:

– Para que ficar rodando feito um bobo? Vá junto com a neve, na direção em que ela cai, e logo vai achar a saída.

Ou então:

– Vá para a direita, vá para direita, meu irmão! Olhe, tem uma coisa preta lá. Será um marco?

Não, não é nada.

Ou então:

– Para que essa confusão? Para que essa confusão? Solte o malhado e deixe que ele vá na frente, num instante vai achar a estrada. É o melhor a fazer!

O homem que dava tais conselhos não só não desatrelava o cavalo e não caminhava pela neve para procurar a estrada como nem sequer punha o nariz para fora do seu *armiak*, e quando Ignachka, no início, a um de seus conselhos, gritou que ele mesmo fosse para a troica da frente, já que sabia por onde devia ir, o conselheiro respondeu que, quando estivesse incumbido de conduzir um trenó do correio, iria na frente de fato e num instante encontraria o caminho.

– E nossos cavalos não andam na frente dos outros quando tem nevasca – gritou. – Não são cavalos desse tipo.

– Então não chateia! – retrucou Ignachka, e assobiou alegremente para o cavalo.

O outro cocheiro, que ia no trenó junto com o que dava conselhos, nada dizia para Ignachka e, no geral, não se metia no assunto, embora ainda não estivesse dormindo, o que deduzi pelo cachimbo que não apagava e também porque, quando parávamos, eu ouvia o rumor de sua voz ritmada e ininterrupta. Estava contando uma história. Só numa ocasião, quando Ignachka parou pela sexta ou sétima vez, ele se irritou visivelmente por interromperem sua viagem agradável e pôs-se a gritar com ele:

– Por que parou de novo? Já sei, quer encontrar a estrada! Todo mundo sabe, isso é uma nevasca! Desse jeito, nem um agrimensor consegue achar a estrada. É melhor ir em frente, enquanto os cavalos nos puxam. Não acho que a gente vá congelar nem nada... Toca em frente, anda!

– Pois sim! No ano passado parece que um agente postal gelou até morrer! – retrucou meu cocheiro.

O cocheiro da terceira troica não acordava de jeito nenhum. Só uma vez, durante uma parada, o conselheiro gritou:

– Filipp! Ei, Filipp! – E, como não recebeu resposta, comentou: – Será que já morreu? Ignachka, vá olhar você.

Ignachka, que se incumbia de tudo, aproximou-se do trenó e começou a cutucar o dorminhoco.

– Olhe só, bastou meia garrafinha para ficar desse jeito! Ei, se morreu congelado, diga logo! – exclamou, sacudindo o homem.

O dorminhoco rosnou alguma coisa e praguejou.

– Está vivo, irmãos! – anunciou Ignachka e foi para a frente outra vez; e seguimos viagem de novo, e tão depressa que o cavalinho baio atrelado num dos lados da minha troica, açoitado na cauda sem cessar, mais de uma vez chegou a dar saltos em seu galope desajeitado.

v

Acho que já era perto de meia-noite, quando o velhinho e Vassíli, que tinham ido atrás dos cavalos fugidos, apareceram. Encontraram os cavalos, prenderam e nos alcançaram; mas como conseguiram fazer tudo isso no escuro da nevasca cega e no meio da estepe nua, eu jamais vou entender. O velhinho, sacudindo os cotovelos e os pés, corria a trote montado no cavalo do meio da troica (os outros dois cavalos vinham amarrados nos arreios: no meio da nevasca, não se podia soltá-los). Quando emparelhou comigo, ele mais uma vez se pôs a xingar meu cocheiro:

– Está vendo, seu diabo vesgo? Francamente...

– Ei, tio Mítritch – gritou o contador de histórias, do segundo trenó. – Está vivo? Venha cá para o nosso trenó.

Mas o velhinho não respondeu e continuou a praguejar. Quando lhe pareceu que já era o bastante, foi para o segundo trenó.

– Pegou todos? – perguntaram, de lá.

– Quem dera!

Sua figura miúda, ao trotar, inclinava o peito junto às costas do cavalo, depois, sem parar, desceu de um salto na neve, correu atrás do trenó, pulou para dentro e ficou deitado, com as pernas estiradas por cima da borda. O alto Vassíli, assim como antes, continuou em silêncio no trenó da frente, ao lado de Ignachka, e junto com ele pôs-se a procurar a estrada.

– Viu como pragueja?... Meu Deus do céu! – resmungou meu cocheiro.

Depois disso, viajamos muito tempo pela vastidão branca sem parar, na luz fria, clara e instável da nevasca. Quando abro os olhos, o mesmo gorro tosco e as mesmas costas cheias de neve se erguem à minha frente, o mesmo arco baixo dos arreios, sob o qual, entre as esticadas correias de couro das rédeas, o cavalo do meio da troica balança a cabeça a intervalos, sempre no mesmo ritmo, com a mesma crina preta que o vento empurra para o lado; por cima das costas do cocheiro, se vê o mesmo cavaleiro baio no lado direito da troica, de rabo curto e amarrado, e a ponta do varal a que está atrelado se choca às vezes com a beirada de palha do trenó. Quando olho para baixo, a mesma neve movediça rasgada pelos esquis, levantada com tenacidade pelo vento e sempre carregada para o mesmo lado. À frente, numa distância sempre igual, corre a troica que nos guia; à direita e à esquerda, tudo branco e incerto. Em vão os olhos procuram algum novo objeto: nem marcos da estrada, nem montes de feno, nem cercas – não se vê nada. Em toda parte, tudo é branco, branco e imóvel: ora o horizonte parece imensamente distante, ora se encurta e fica a dois passos, em todos os lados, ora um muro branco e alto de repente se ergue à direita e corre paralelo ao trenó, ora desaparece de súbito e ressurge à frente, para fugir para mais longe e de novo desaparecer. Quando olho para cima – num primeiro momento, parece claro –, parece que, através da neblina, se veem estrelinhas; mas as estrelinhas fogem do olhar, cada vez mais altas, e só se vê a neve, que, bem perto dos olhos, cai no rosto e na gola do casaco de pele; em toda parte, o céu tem a mesma luz, o mesmo branco, sem cor, monótono, constante e fugidio. O vento parece mudar: ora sopra contrário e acumula neve sobre os olhos, ora arremete pelo lado e, de modo irritante, bate a gola do casaco na cabeça, a esfrega com escárnio no meu rosto, ora zune por trás e penetra por qualquer fissura. Ouve-se o crepitar fraco e incessante dos cascos e dos esquis do trenó sobre a neve e o tilintar das sinetas, que silencia quando passamos sobre uma camada de neve mais funda. Só de tempos em tempos, quando andamos contra o vento e passamos sobre um trecho de gelo nu, sem neve, chegam nitidamente aos ouvidos o assovio vigoroso de Ignat e os tinidos ressonantes de suas sinetas, com o ecoante e estridente intervalo de uma quinta, e esses sons de repente perturbam de forma agradável o caráter desolador da vastidão erma, mas logo depois ressoam de novo de maneira monótona, com uma precisão insuportável, tocando os mesmos motivos que eu, sem querer, imagino. Um pé começou a congelar e, quando me virei para me cobrir melhor, a neve acumulada na gola e no gorro escorregou pelo pescoço e me fez estremecer; mas no geral eu ainda estava aquecido dentro do casaco de pele e o cochilo tomou conta de mim.

As lembranças e as imagens se sucederam com velocidade redobrada na minha imaginação.

“O conselheiro, que não para de gritar do segundo trenó – como deve ser esse mujique? Na certa, é

ruivo, gorducho, de pernas curtas”, penso. “Do tipo do Fiódor Filíppitch, nosso velho copeiro.” E na mesma hora vejo, em pensamento, a escadaria de nossa casa-grande e cinco criados que, pisando pesadamente nuns panos grossos, arrastam um piano do pavilhão anexo; vejo Fiódor Filíppitch, com as mangas enroladas da sobrecasaca preta, que traz um pedal na mão, corre na frente deles, abre os ferrolhos, puxa os panos dali, empurra daqui, se enfia por baixo das pernas dos homens, atrapalha todo mundo e, com voz preocupada, grita sem parar:

– Vocês aí na frente, carreguem nas costas! Assim, com a cauda para cima, para cima, levem para a porta! Isso!

– Ajude aqui, Fiódor Filíppitch! Estou sozinho – chama timidamente o jardineiro, apertado contra o corrimão, todo vermelho com o esforço, apoiando sozinho, com as últimas forças, o canto do piano de cauda.

Mas Fiódor Filíppitch não sossega.

“E o que é isso?”, eu raciocinava. “Será que ele acha que é útil, indispensável para o interesse comum, ou apenas está feliz porque Deus lhe deu essa eloquência confiante, persuasiva, e a esbanja com prazer? Deve ser isso.” E por algum motivo vejo o lago, os criados cansados que, com a água nos joelhos, puxam uma rede, e de novo Fiódor Filíppitch, com um regador, gritando para todos, corre pela margem e só de vez em quando chega perto da água e, enquanto segura na mão as carpas douradas, entorna a água turva e recolhe água limpa. Mas surge um meio-dia do mês de julho. Eu caminho para algum lugar, por um jardim onde o capim acabou de ser aparado, debaixo de raios de sol que caem ardentes. Ainda sou muito jovem, me falta alguma coisa, quero alguma coisa. Caminho na direção do lago, meu lugar predileto, entre canteiros de roseiras silvestres e alamedas de bétulas, e me deito para dormir. Lembro-me do sentimento com que, deitado, olho através dos ramos espinhosos e vermelhos das roseiras silvestres, para a terra preta e ressecada por grãosinhos, e para o espelho translúcido do lago muito azul. É um sentimento de satisfação ingênua e de tristeza. Tudo à minha volta é tão belo e essa beleza me afeta com tanta força que me parece que eu mesmo sou bonito e apenas me aborreço o fato de ninguém me admirar. Faz calor. Experimento adormecer, para me consolar; mas moscas, moscas atrevidas, nem aqui me dão sossego, começam a se juntar à minha volta e, tenazmente, com força, como carocinhos de fruta, ficam pulando da testa para as mãos. Uma abelha zumbe perto de mim no calor do sol; borboletas de asas amarelas, como que atordoadas, voam de um pé de capim para outro. Olho para o alto; os olhos doem – o sol brilha demais através da folhagem iluminada da bétula frondosa, que balança seus ramos de leve, no alto, acima de mim – e o calor parece mais forte. Cubro o rosto com um lenço; fica abafado e as moscas parecem fincar-se nas mãos, onde brota o suor. Pardais em número cada vez maior começam a surgir nas roseiras silvestres. Um deles pulou na terra e, mastigando raminhos e trinando com alegria, voou do canteiro; outro também saltou na terra, ergueu a cauda, olhou para trás e, como um tiro, gorjeando, saiu voando atrás do primeiro. No lago, ouviam-se os golpes de pás de madeira batendo nas peças de roupa de cama molhadas e tais golpes ressoam e parecem se propagar para o fundo do lago. Ouviam-se os risos, as vozes e os mergulhos dos banhistas. Uma rajada de vento farfalhou o cume das bétulas, ainda longe de mim; mais perto, percebo, o vento começou a sacudir o capim, as folhas do canteiro de roseiras silvestres começaram a balançar, seus ramos começaram a bater uns nos outros; uma corrente de vento fresco me alcança, levanta o canto do lenço e faz cócegas no rosto. Onde o lenço foi levantado, uma mosca vem voando e, assustada, passa perto da boca úmida. Um ramo seco espeta minhas costas. Não, não é possível mais ficar deitado: tenho de ir me banhar. Mas, bem perto do canteiro, ouço passos precipitados e uma voz assustada de mulher:

– Ah, meu Deus! Será possível? E não tem nenhum homem por perto!

– O que está acontecendo? – pergunto, saio correndo para o sol, para a serva que passa por mim se lamentando.

Ela apenas olha para trás, abana as mãos e continua a correr. Então aparece uma velha de cento e

cinco anos, Matriona, segurando com a mão o lenço que escorrega da cabeça, avançando aos pulinhos e arrastando um pé calçado em meia de lã, que se apressa rumo ao lago. Duas mocinhas correm, segurando-se uma na outra, e um menino de dez anos, com a sobrecasaca do pai, corre atrás, agarrando a saia de cânhamo de uma delas.

– O que aconteceu? – pergunto a elas.

– Um mujique se afogou.

– Onde?

– No lago.

– Quem? Um dos nossos?

– Não, alguém que estava de passagem.

O cocheiro Ivan, rangendo as botas sobre o capim cortado, e o gordo administrador Iákov, ofegante, correm na direção do lago e eu corro atrás deles.

Lembro que tive a sensação de uma voz que me dizia: “Mergulhe e vá buscar o mujique, salve o homem, e todos vão admirar você” – e era exatamente o que eu queria.

– Onde foi, onde? – pergunto para a multidão de criados reunidos na margem.

– Lá, olhe, lá no fundo, na direção da outra margem, quase na casinha onde trocam de roupa para tomar banho – responde uma lavadeira, estendendo a roupa de cama lavada numa vara horizontal. – Olho para lá e vejo que ele afunda; depois reaparece e mergulha de novo, aparece mais uma vez e tenta gritar: “Estou me afogando, gente!”. E de novo foi para o fundo e só subiram umas bolhazinhas. Foi então que entendi que o mujique estava se afogando. Comecei a berrar: “Gente, um mujique se afogou!”.

E a lavadeira, depois de colocar a vara sobre o ombro, inclinando-se para o lado, seguiu pela picada, afastando-se do lago.

– Veja só que pecado! – diz Iákov Ivánov, o administrador, com voz desesperada. – Vamos ter problemas com o tribunal do *ziémstvo*.³ Não vamos ter sossego.

Um mujique com uma foice na mão abriu caminho entre o bando de mulheres, crianças e velhos aglomerados na outra margem e, depois de pendurar a foice no galho de um salgueiro, lentamente se descalçou.

– Onde foi? Onde ele se afogou? – não paro de perguntar, querendo me atirar na água e fazer algo extraordinário.

Mas me apontam a superfície lisa do lago, que de vez em quando o vento arrepia. Não entendo como é possível que, tendo ele se fogado, a água continue lisa e bonita como antes, indiferente, brilhando dourada sob o sol do meio-dia; e parece-me que não posso fazer nada, não posso despertar a admiração de ninguém, ainda mais porque nado muito mal; mas o mujique já está tirando a camisa pela cabeça e logo vai entrar na água. Todos olham para ele com esperança, ansiosos; mas, quando está com a água nos ombros, o mujique lentamente volta e veste a camisa: ele não sabe nadar.

Continua a chegar gente, a multidão cresce mais e mais, as mulheres ficam de mãos dadas; mas ninguém oferece ajuda. Os que acabaram de chegar dão conselhos, lamentam-se e no rosto se exprimem o temor e o desespero; entre os que já estavam ali desde antes, alguns sentam no capim, cansados de ficar de pé, alguns começam a voltar. A velha Matriona pergunta para a filha se ela fechou a tampa da estufa; o menino com a sobrecasaca do pai atira pedrinhas com capricho na água.

Então, com um latido e olhando para trás, desconcertado, Trezorka, o cachorro de Fiódor Filíppitch, vem correndo da casa, morro abaixo; mas então a figura do próprio Fiódor Filíppitch surge de trás dos canteiros de roseiras silvestres e corre morro abaixo, gritando algo.

– Por que estão parados? – grita, enquanto tira a sobrecasaca, sem parar de correr. – O homem se afogou e eles ficam parados! Deem uma corda!

Com temor e esperança, todos olham para Fiódor Filíppitch, enquanto ele, apoiando-se com a mão no ombro de um servo prestativo, empurra o salto da bota direita com a ponta da bota esquerda para se

descalçar.

– Foi lá, onde está aquela gente, logo à direita do salgueiro, Fiódor Filíppitch, foi lá – diz alguém.

– Já entendi! – responde e, de sobrancelhas franzidas, talvez em resposta aos sinais de vergonha que surgem na multidão de mulheres, tira a camisa, a cruz, entrega para um menino jardineiro que está parado na sua frente numa atitude servil, avança com energia sobre o capim cortado e se aproxima do lago.

Trezorka, em dúvida sobre o motivo da rapidez dos movimentos de seu dono, se detém junto à multidão e, estalando os beiços, mordisca folhas de capim perto da margem, olha com ar interrogativo para ele e, de repente, depois de soltar um ganido alegre, se atira na água junto com o dono. No primeiro momento, não se vê nada, senão espuma e respingos que voam até nós; mas então Fiódor Filíppitch, movendo os braços de modo elegante e levantando e abaixando ritmadamente as costas brancas, nada com braçadas ligeiras até a outra margem. Já Trezorka, depois de afundar, volta afobado, se sacode perto da multidão e se enxuga deitado de costas na margem. Ao mesmo tempo que Fiódor Filíppitch nada rumo à outra margem, dois cocheiros correm na direção do salgueiro com uma rede presa numa vara. Por algum motivo, Fiódor Filíppitch levanta a mão para o alto, afunda uma vez, mais uma, uma terceira vez, e sempre que sobe à tona solta um jato de água pela boca, balança o cabelo de um jeito bonito e não responde às perguntas que chovem sobre ele de todos os lados. Por fim, sai pela margem e, até onde se pode distinguir, dá instruções sobre como abrir a rede. Puxam a rede, mas na malha não há nada, senão lodo e uns peixinhos, que se debatem no lodo. Quando jogam a rede mais uma vez, dou a volta e sigo a pé para aquela margem.

Só se ouvem a voz de Fiódor Filíppitch dando ordens, a batida da corda molhada na água e os suspiros de horror. A corda molhada, presa do lado direito, cada vez mais encoberta pelo capim, vai saindo da água pouco a pouco.

– Agora, puxem juntos, amigos, vamos lá! – grita a voz de Fiódor Filíppitch.

Os flutuadores aparecem, encharcados de água.

– Tem alguma coisa, está pesado, irmãos – exclama uma voz.

E então as duas abas da rede, onde três ou quatro carpas se debatem, desdobram-se sobre a margem, molhando e comprimindo o capim. E através de uma camada fina e superficial de água fervilhante, surge algo branco na rede estendida. No meio do silêncio de morte, um suspiro de horror, baixo, mas audível de uma forma impressionante, percorre a multidão.

– Puxem, amigos, puxem para o seco! – ouve-se a voz decidida de Fiódor Filíppitch, e puxam o afogado na direção do salgueiro, arrastando a rede por cima dos pés de bardana ceifados.

E então vejo minha boa e velha tia, de vestido branco, vejo sua sombrinha lilás com franjas, que de algum modo, por sua simplicidade, se mostra incompatível com aquele horroroso quadro de morte, vejo seu rosto, pronto para chorar a qualquer instante. Lembro-me da decepção expressa naquele rosto, porque, no caso, de nada serviria usar arnica, e então me lembro do sentimento doloroso, triste, que experimentei quando ela, com o ingênuo egoísmo do amor, me disse: “Vamos, meu amigo. Ah, como isso é horrível! E você, que sempre nada e toma banho sozinho”.

Lembro como o sol ardia, radiante e candente, na terra seca que se esfarelava sob os pés, como o sol rebrilhava no espelho do lago, como as carpas fortes se debatiam na beira do lago e os cardumes de peixes rodopiavam rente à superfície lisa da água, como um gavião serpenteava no alto do céu, pairando acima de uns patinhos que, borbulhando e fazendo a água espirrar, subiam à tona na margem, através dos juncos; como nuvens brancas, encrespadas e chuvosas se avolumavam no horizonte, como o lodo arrastado para a margem pela rede aos poucos se dissolvia e passava pela barragem, e ouvi de novo o som dos golpes da pá de madeira na roupa lavada se propagando pelo lago.

Mas aquela pá de madeira soa como se duas pás vibrassem juntas num intervalo de terça e aquele som me aflige, me atormenta, ainda mais porque sei que aquela pá de madeira é uma sineta e Fiódor

Filíppitch não vai silenciá-la. E aquela pá de madeira, como um instrumento de suplício, comprime meu pé, que está gelado – adormeço.

Acordo com a impressão de que estamos galopando muito depressa e duas vozes falam bem perto de mim.

– Escute, Ignat, ei, Ignat! – diz a voz de meu cocheiro. – Leve meu passageiro... você vai sozinho e tem de ir mesmo, mas para mim, de que adianta ficar viajando à toa? Leve!

A voz de Ignat responde, bem do meu lado:

– Mas o que vou ganhar de bom ficando responsável por um passageiro?

– Meio litro!... Meia garrafa já vai dar.

– Meia garrafa, pois sim! – grita a outra voz. – Matar os cavalos de cansaço por meia garrafa!

Abro os olhos. A mesma neve insuportável e palpitante surge diante de meus olhos, os mesmos cocheiros e cavalos, mas a meu lado vejo um trenó. Meu cocheiro alcançou o trenó de Ignat e andamos emparelhados durante muito tempo. Apesar de vozes dos outros trenós aconselharem a não aceitar menos do que meio litro, de repente Ignat detém sua troica.

– Passe para o meu trenó, vamos lá, você está com sorte. Me dê a meia garrafa amanhã, quando a gente voltar. Tem muita bagagem?

Meu cocheiro, com um entusiasmo incomum para ele, pula sobre a neve, me saúda e pede que eu passe para o trenó de Ignat. Estou plenamente de acordo; mas é claro que o mujique temente a Deus está tão satisfeito que deseja extravasar com alguém sua gratidão e sua alegria: me cumprimenta, me agradece, bem como a Aliocha e Ignachka.

– Pronto, agora sim, graças a Deus! Puxa vida! Viajamos metade da noite sem saber para onde. Mas ele vai levar o senhor ao seu destino, patrão, e meus cavalos já estão para lá de cansados.

E arruma as bagagens com movimentos entusiasmados.

Enquanto arrumava as bagagens, fui caminhando no vento, que parecia me levantar do chão, e me aproximei do segundo trenó. Especialmente daquele lado em que os dois cocheiros estavam protegidos do vento por um *armiak* estendido acima de suas cabeças, um quarto do trenó estava coberto pela neve; atrás do *armiak*, estava confortável e calmo. O velhote continuava deitado do mesmo jeito, com as pernas balançando na beirada, e o contador de histórias continuava seu relato:

– Ao mesmo tempo que o general chega, quer dizer, a mando do rei, quer dizer, chega ao calabouço para encontrar Mária, ao mesmo tempo Mária diz para ele: “General! Não preciso de você e não posso amar você e, quer dizer, você não é meu bem-amado; meu bem-amado é aquele príncipe... Aí ao mesmo tempo... – quis continuar, mas, ao me ver, calou-se um minuto e pôs-se a soprar e avivar as brasas de seu cachimbo.

– E então, patrão, veio escutar uma historinha com a gente? – disse o outro, que eu chamava de conselheiro.

– Sim, é divertido ficar aqui com vocês! – respondi.

– Pois é! Espanta o tédio... pelo menos a gente não fica pensando.

– Mas então vocês não sabem onde é que estamos agora?

A pergunta, me pareceu, não agradou aos cocheiros.

– Quem é que pode saber onde estamos? Vai ver já entramos pelas terras dos calmucos – respondeu o conselheiro.

– E o que vamos fazer? – perguntei.

– O que vamos fazer? Vamos andando, de um jeito ou de outro a gente acaba chegando lá – disse ele, num tom de voz descontente.

– Mas e se não chegarmos e os cavalos se cansarem de andar na neve, o que vai acontecer?

– O que vai acontecer? Nada.

– Podemos morrer congelados.

- Podemos, sim, é claro, porque a gente não encontra montes de feno em lugar nenhum: quer dizer, estamos viajando no meio das terras dos calmucos. A primeira coisa que a gente precisa fazer é olhar a neve com cuidado.
- E você não tem medo de morrer congelado, patrão? – perguntou o velhote, com voz trêmula. Apesar de parecer que estava zombando de mim, era evidente que ele estava gelado até os ossos.
- Pois é, está ficando muito frio – respondi.
- Ei, patrão! É melhor fazer que nem eu: de vez em quando dou uma corridinha e assim a gente esquenta.
- O melhor é correr atrás do trenó – disse o conselheiro.

VII

- Vamos lá: tudo pronto! – gritou Aliocha para mim, do trenó dianteiro.

A nevasca estava tão forte que só me inclinando muito para a frente e segurando com as duas mãos as abas do capote consegui a duras penas vencer os poucos passos que me separavam do trenó, andando sobre a neve instável, que o vento retirava de debaixo de meus pés. O meu cocheiro anterior já estava de joelhos no meio do trenó vazio, mas, ao me ver, tirou seu gorro grande, com o que na mesma hora o vento levantou seu cabelo com fúria, e me pediu vodka. Sem dúvida, ele não esperava que lhe desse algo, porque minha recusa não o desanimou nem um pouco. Agradeceu-me assim mesmo, tirou o gorro e me disse: “Que Deus o ajude, patrão...”, e, sacudindo as rédeas com força e estalando os lábios, afastou-se de nós. Em seguida, Ignachka moveu as costas de cima a baixo e gritou para os cavalos. De novo os sons da batida dos cascos, da gritaria e das sinetas encobriram o barulho do vento uivante, que se fazia ouvir nitidamente quando estavam parados.

Durante quinze minutos após a mudança de trenó, não dormi e me distraí com a observação da figura do novo cocheiro e dos cavalos. Ignachka se sentava de maneira destemida, saltitava sem cessar, brandia um chicote na direção dos cavalos, dava gritos, batia um pé contra o outro e, curvando-se para a frente, corrigia a posição do arreio na anca do cavalo do meio, que a toda hora escorregava para o lado direito. Era um homem de pequena estatura, mas bem constituído, ao que parecia. Por cima do casaco curto de pele, vestia um *armiak* sem cinto cuja gola estava quase virada para trás, e o pescoço estava inteiramente descoberto; as botas não eram de feltro, mas de couro, e o gorro, que ele a todo momento tirava e ajustava, era pequeno. As orelhas estavam cobertas apenas pelos cabelos. Em todos os seus movimentos se percebia não só a energia como também, mais que isso, assim me pareceu, o desejo de despertar ainda mais energia dentro de si. No entanto, quanto mais para longe andávamos, com frequência cada vez maior ele dava pulinhos na boleia e estalava um pé contra o outro a fim de se acomodar melhor, e se punha a conversar comigo e com Aliochka; pareceu-me que ele tinha medo de perder a coragem. E havia bons motivos para isso: embora os cavalos fossem bons, o caminho ficava mais árduo a cada passo e se percebia como os cavalos corriam de má vontade; já era preciso aplicar chicotadas e o cavalo do meio da troica, um animal bom, peludo e grande, tropeçou duas ou três vezes e no entanto, apesar de se assustar na hora, logo tocava adiante e erguia a cabeça peluda quase na altura da sineta. O cavalo da direita, que eu observava sem querer, assim como observava o comprido arreio de couro enfeitado com uma borla que escorregava e sacudia para o lado, tentava visivelmente se desvencilhar dos arreios, exigia o chicote, mas, por ser, de costume, um cavalo bom e até fioso, parecia contrariado com a própria fraqueza, baixava e erguia a cabeça irritado, pedindo o rigor das rédeas. De fato, era terrível ver que a nevasca e a friagem ficavam cada vez mais fortes, os cavalos se enfraqueciam, o caminho piorava e nós, decididamente, não sabíamos onde estávamos e para onde devíamos ir, não só a fim de chegar à

estação, mas a qualquer abrigo que fosse – e era estranho e irônico ouvir as sinetas soarem tão espontâneas e alegres e Ignatka dar gritos tão animados e bonitos como se estivéssemos passeando de trenó por uma rua de aldeia no meio-dia ensolarado de um enregelante feriado de Dia de Reis – e, acima de tudo, era estranho pensar que seguíamos sem parar, e com ímpeto, para não se sabia onde, mas certamente para longe do lugar onde estávamos. Ignatka começou a cantarolar uma canção num falsete de fato medonho, mas tão alto e com tais pausas – momento em que dava uns assobios – que, enquanto o ouvíamos, seria até estranho ter medo.

- Ei, ei! Segura essa garganta, Ignat! – ouviu-se a voz do conselheiro. – Pare aí, pare aí!
- O quê?
- Pare aiiiii!

Ignat parou os cavalos. De novo tudo ficou em silêncio e o vento começou a uivar e chiar e a neve, rodopiando, começou a cair espessa sobre o trenó. O conselheiro aproximou-se de nós.

- E então?
- Pois é! Para onde vamos?
- Quem sabe?
- Seus pés estão congelados para ficar batendo assim com eles no chão?
- Está tudo dormente.
- É melhor descer: tem alguma coisa lááá... Vai ver é um acampamento de nômades calmucos.

Podia esquentar os pés.

- Certo. Segure os cavalos... tome.

E Ignat correu na direção indicada.

– É preciso ir olhar tudo: assim dá para achar; de que adianta andar sem rumo desse jeito? – disse o conselheiro para mim. – Viu só como ele bateu nos cavalos?

O tempo todo que Ignat caminhava – e isso se prolongou tanto que até temi que ele tivesse se perdido –, o conselheiro me dizia, em tom confiante e sereno, o que era preciso fazer durante uma nevasca, que o melhor de tudo era desatrelar um cavalo e soltá-lo para que ele, assim como Deus é santo, os levasse para o caminho certo, ou então às vezes era possível se guiar pelas estrelas, e disse que, se ele mesmo tivesse conduzido o trenó da frente, já estaríamos na estação havia muito tempo.

– Então, o que tem lá? – perguntou para Ignat, que voltava andando com dificuldade, com a neve quase nos joelhos.

– Vi uma coisa, sim, um acampamento – respondeu Ignat, ofegante. – Só não sei de quem é. Irmão, parece que a gente se desviou para o lado de Prolgov. Agora a gente vai ter de ir para a esquerda.

– Que nada! É um acampamento da nossa gente mesmo, que fica atrás da aldeia dos cossacos – retrucou o conselheiro.

- Estou dizendo que não é!

– Pois eu vi, eu sei: não tem dúvida; se não for, é Tamíchevsko. É preciso seguir sempre para a direita: vamos dar direto na ponte grande... são oito verstas.

- Estou dizendo que não é isso! Fui eu que vi! – retrucou Ignat com irritação.

– Ah, irmão! E você ainda se diz cocheiro!

– Sou cocheiro mesmo! Vá lá olhar, então.

– Para que andar? Eu sei.

Era evidente que Ignat estava irritado: sem responder, pulou na boleia e tocou os cavalos adiante.

– Olhe, meus pés estão dormentes: não dá para esquentar – disse para Aliocha, enquanto batia cada vez mais com os pés um no outro e recolhia e jogava longe a neve que caía no cano das botas.

Eu sentia uma vontade terrível de dormir.

“Será que estou morrendo congelado?”, pensei no meio do sono. “O congelamento sempre começa com o sono, é o que dizem. É melhor se afogar do que morrer congelado, assim vão me puxar numa rede; de resto, tanto faz afogar ou congelar, contanto que aquele pedaço de pau não me empurre pelas costas e que eu perca a consciência.”

Desfalesço por um segundo.

“Então será que está tudo acabado?”, pergunto de repente, em pensamento, abrindo os olhos por um instante e vislumbrando a vastidão branca. “Será que está tudo acabado? Se não encontrarmos montes de feno e os cavalos se cansarem, o que parece que vai ocorrer daqui a pouco, vamos todos morrer congelados.” Embora eu tivesse um pouco de medo, confesso que o desejo de que acontecesse conosco algo fora do comum e um pouco trágico era mais forte do que o pequeno temor que havia dentro de mim. Parecia-me que não seria ruim se, já de manhã, os cavalos sozinhos nos levassem, já meio congelados, e alguns de nós até completamente congelados, para alguma aldeia distante e desconhecida. E sonhos desse teor se desenrolavam na minha frente com uma nitidez e uma velocidade fora do comum. Os cavalos param, a neve se avoluma cada vez mais e dos cavalos só se veem as orelhas e o arco dos arreios; mas de repente Ignachka surge com sua troica e passa por nós. Imploramos, aos gritos, que ele nos leve também; mas o vento carrega a voz, a voz não soa. Ignachka dá risadas, grita para os cavalos, assovia e se esconde de nós numa profunda ravina coberta pela neve. O velhote salta para cima de um cavalo, movimentando os cotovelos e quer galopar, mas não consegue nem sair do lugar; meu cocheiro anterior, com o gorro grande, se atira sobre o velhote, o derruba no chão e o pisoteia sobre a neve. “Você é um bruxo”, grita, “é um safado! Vamos ficar perdidos juntos!” Mas o velhote, com a cabeça, abre um buraco na neve; ele é menos um velhote do que uma lebre e pula para longe de nós. Todos os cachorros pulam atrás dele. O conselheiro, que é Fiódor Filíppitch, diz a todos que se sentem numa roda, que não importa se a neve nos cobrir: vamos ficar aquecidos. De fato, ficamos aquecidos e confortáveis; só que sinto vontade de beber. Pego a arca em que estão as bebidas, sirvo rum e açúcar para todos e eu mesmo bebo com grande prazer. O conselheiro conta uma história qualquer sobre o arco-íris – e acima dele já há um teto de neve e um arco-íris.

“Agora cada um de nós vai fazer um quartinho na neve e vamos dormir!”, digo. A neve está macia e morna, como um pelo. Faço um quartinho para mim e quero entrar nele; mas Fiódor Filíppitch, que viu meu dinheiro na arca de bebidas, diz: “Espere! Me dê o dinheiro. Vamos todos morrer mesmo!”. E me puxa pelo pé. Entrego o dinheiro e só peço que me soltem; mas eles não acreditam que aquele é todo o dinheiro que tenho e querem me matar. Agarro a mão do velhote e, com um prazer indescritível, começo a beijá-la; a mão do velhote é tenra e doce. De início, ele tenta puxar a mão, mas depois se rende e até me afaga com a outra mão. No entanto Fiódor Filíppitch se aproxima e me ameaça. Corro para meu quarto; mas não é um quarto e sim um corredor comprido e branco, e alguém me agarra pelo pé. Escapo. Nas mãos de quem me segura, ficam minhas roupas e uma parte da pele; mas só sinto frio e vergonha – fico ainda mais envergonhado porque minha tia, com sua sombrinha e sua farmácia de homeopatia, de braço dado com o afogado, vem em minha direção. Eu me jogo no trenó, os pés se arrastam na neve; mas o velhote me persegue, abanando os cotovelos. O velhote já está perto, porém escuto dois sinos ressoando à minha frente e entendo que estou salvo quando corro na direção deles. Os sinos ressoam com nitidez cada vez maior; mas o velhote me alcança e cai com a barriga em cima da minha cara, de tal modo que mal consigo ouvir os sinos. De novo agarro sua mão e começo a beijá-la, mas o velhote não é o velhote, e sim o afogado... e grita: “Ignachka! Espere, aquilo lá são as medas de feno de Akhmétkin, eu acho! Vá dar uma olhada!”. Isso é terrível demais. Não! É melhor acordar...

Abro os olhos. O vento empurrou para trás a aba do capote de Aliocha, que cobria meu rosto, meus

joelhos estão descobertos, avançamos sobre uma fina camada de gelo nu, sobre a neve, e o som do intervalo de terça das sinetas soa no ar com clareza, junto com sua quinta vibrante.

Olho e procuro as medas de feno; mas em lugar disso, já com os olhos abertos, vejo uma casa com varanda e o muro de uma fortaleza com ameias. Tenho pouco interesse em observar melhor a casa e a fortaleza: quero, acima de tudo, ver de novo o corredor branco pelo qual eu corria, ouvir o som do sino da igreja e beijar a mão do velho. Fecho os olhos mais uma vez e adormeço.

IX

Dormi profundamente; mas a terça das sinetas se fazia ouvir o tempo todo e, no sono, me aparece ora na forma de um cachorro que late e se atira sobre mim, ora na forma de um órgão, do qual eu sou um dos tubos, ora na forma de versos franceses, que eu estou compondo. Ora me parecia que aquela terça era uma espécie de instrumento de tortura, que não parava de apertar meu calcanhar direito. Isso foi tão forte que acordei e abri os olhos, esfregando o pé. Tinha começado a congelar. A noite continuava fresca, branca e turva como antes. O mesmo movimento sacudia a mim e ao trenó; o mesmo Ignachka estava sentado de lado e batia os pés um no outro; o mesmo cavalo do lado da troica, com o pescoço esticado e erguendo as patas muito pouco, andava a galope sobre a neve funda, a mesma borla balançava no arreio e açoitava a barriga do cavalo. A cabeça do cavalo do meio da troica, com a crina esvoaçante, balançava ritmadamente, esticando e relaxando as rédeas presas ao arco dos arreios. Porém tudo isso estava velado, encoberto pela neve, ainda mais do que antes. A neve rodopiava pela frente, pelos lados, engolia os esquis do trenó e as patas dos cavalos até os joelhos e, mais acima, se acumulava nas golas e nos gorros. O vento batia ora da direita, ora da esquerda, levantava as golas, a aba do *armiak* de Ignachka, a crina do cavalo do meio da troica e uivava por cima do arco dos arreios e por trás dos varais em que estavam atrelados os cavalos.

O frio tornou-se horroroso e, mal eu baixava a gola, a neve seca e enregelante, que rodopiava, se acumulava nas pestanas, no nariz, na boca e entrava de um salto por trás do pescoço; quando se olhava em redor, tudo estava branco, iluminado e fresco, não havia nada em lugar nenhum, a não ser a luz turva e a neve. Senti medo de verdade. Aliocha dormia aos meus pés, bem no fundo do trenó; suas costas estavam cobertas por uma espessa camada de neve. Ignachka não desanimava: sacudia as rédeas sem parar, dava gritos e batia os pés no chão. A sineta soava maravilhosa como antes. Os cavalos bufavam, mas corriam, tropeçando cada vez mais, e um pouco mais devagar. Ignachka deu um pulo outra vez, abanou a luva e começou a cantar uma canção com sua voz tensa e fina. Antes de terminar a canção, deteve a troica, jogou as rédeas na borda da frente do trenó e desceu. O vento uivava com violência; como se caísse a pazadas, a neve se espalhava sobre as abas do casaco de pele. Olhei para trás: a terceira troica já não estava conosco (tinha ficado para trás em algum ponto). Perto do segundo trenó, dentro de uma nuvem de neve, via-se que o velhote pulava ora num pé, ora no outro. Ignachka afastou-se três passos do trenó, sentou na neve, desamarrou as botas e começou a descalçá-las.

– O que está fazendo? – perguntei.

– Tenho de tirar as botas; senão meus pés vão congelar de uma vez – respondeu e continuou sua tarefa.

Eu estava com frio demais para esticar o pescoço de dentro da gola e espiar o que ele estava fazendo. Fiquei sentado, reto, olhando para o cavalo do lado da troica, que, com as patas afastadas, de um jeito doloroso e cansado, balançava o rabo amarrado e coberto de neve. O tranco que Ignat causou no trenó ao pular na boleia me acordou.

– Onde estamos agora? – perguntei. – Vamos chegar lá pelo menos ao raiar do dia?

– Fique tranquilo: vamos chegar – respondeu. – Agora o que interessa é que os pés ficaram aquecidos, já que troquei de botas.

E tocou os cavalos para a frente, as sinetas soaram, o trenó recomeçou a balançar e o vento voltou a assoviar por baixo dos varais. E nós, mais uma vez, saímos a navegar pelo infinito mar de neve.

X

Adormeci profundamente. Quando acordei e abri os olhos, depois que Aliochka empurrou minha cabeça, já era de manhã. Parecia mais frio do que na noite anterior. Do alto, não vinha neve; mas o vento forte e seco continuava a espalhar o pó de neve pelo campo e sobretudo embaixo dos cascos dos cavalos e dos esquis do trenó. O céu estava pesado à direita, no leste, com uma cor azul-escura; porém claras faixas diagonais alaranjadas surgiam no céu de maneira cada vez mais luminosa. No alto, acima de nós, por trás de nuvens que corriam brancas, levemente coloridas, via-se um azul pálido: à esquerda, havia nuvens claras, leves e em movimento. Em toda parte ao redor, até onde os olhos podiam alcançar, jazia sobre o campo a neve profunda, branca, disposta em camadas espessas. Aqui e ali se viam montinhos cinzentos, em torno dos quais revoava teimosamente um pó de neve seco e fino. Não se via nenhuma pegada ou marca sobre a neve, nem de homem, nem de bicho, nem de trenó. O contorno e a cor das costas do cocheiro e dos cavalos eram visíveis de modo claro e distinto, contra o fundo branco... A fita azul-escura do gorro de Ignachka, o colarinho, o cabelo e até as botas estavam brancos. O trenó estava totalmente coberto. O cavalo cinza-escuro do meio da troica tinha a crina e todo o lado direito da cabeça cobertos pela neve; o cavalo do meu lado tinha as pernas afundadas na neve até os joelhos, bem como o lado direito da garupa suada, cujo pelo tinha encrespado. A borla presa no arreio continuava a balançar como antes, no mesmo ritmo, como se quisesse imaginar uma melodia, e o próprio cavalo corria como antes, só que pela barriga afundada, que baixava e levantava muitas vezes, e pelas orelhas caídas percebia-se como estava exausto. Só um novo objeto chamou a atenção: um marco das verstas da estrada, do qual a neve caía na terra e junto ao qual, do lado direito, o vento havia acumulado um monte de neve e continuava a desprender e a atirar a neve ressecada de um lado para outro. Fiquei horrivelmente surpreso ao ver que tínhamos andado a noite inteira puxados pelos mesmos cavalos, durante doze horas, sem saber para onde e sem parar, e mesmo assim, de algum modo, havíamos encontrado o caminho. Nossas sinetas pareciam tocar mais alegres ainda. Ignat se agasalhava e dava gritos; atrás, os cavalos bufavam e ressoavam as sinetas da troica do velhote e do conselheiro; mas aquele que antes dormia tinha seguramente ficado para trás de nós, em algum lugar da estepe. Depois de percorrer meia versta, encontramos marcas frescas, e ainda não cobertas de neve, de um trenó e de uma troica e, sobre elas, esparsas manchas rosadas de sangue de um cavalo que, com certeza, se ferira ao bater uma pata na outra.

– É o Filipp! Veja só, chegou antes de nós! – disse Ignachka.

Então surge um casebre com uma tabuleta, sozinho na beira da estrada e no meio da neve, que por muito pouco não o cobriu até as janelas e o telhado. Ao lado da taberna está uma troica de cavalos cinzentos, com os pelos encrespados pelo suor, patas afastadas e cabeça baixa. A área junto à porta foi limpa e uma pá está ali encostada: mas o vento que zune continua a varrer e rolar para baixo a neve do telhado.

Ao som de nossas sinetas, um cocheiro grande, corado e ruivo aparece na porta com um copo de vinho nas mãos e grita alguma coisa. Ignachka se volta para mim e pede permissão para parar. Ali, vejo pela primeira vez sua fisionomia.

XI

Seu rosto não era seco, de nariz reto e pele escura, como eu esperava, a julgar por seus cabelos e por seu físico. Era um rosto redondo, alegre, de nariz arrebitado, boca grande e olhos redondos, brilhantes e azul-claros. As bochechas e o pescoço eram vermelhos, como se tivessem sido lustrados com um pano; as sobrancelhas, as pestanas compridas e a penugem que cobriam por igual a parte inferior do rosto estavam recobertas pela neve e completamente brancas. Até a estação, faltava só meia versta, então paramos ali.

– Mas não vamos demorar – avisei.

– Só um minuto – respondeu Ignachka, pulando da boleia e aproximando-se de Filipp. – Me dê um pouco, irmão – disse ele, tirando a luva da mão direita e jogando na neve, junto com o chicote. Depois inclinou a cabeça para trás e sorveu de um só gole o copinho de vodca que o outro lhe dera.

O vendedor de bebidas, na certa um cossaco aposentado, saiu pela porta com uma garrafinha na mão.

– Quem vai querer? – disse.

O alto Vassíli, mujique louro e magro, de barbicha de bode, e o conselheiro, gordo, muito louro, de barba branca e espessa, que envolvia o rosto vermelho, se aproximaram e também beberam um copinho de um só gole. O velhote também quis se juntar ao grupo de bebedores, mas não lhe serviram bebida e ele se afastou para junto de seus cavalos amarrados atrás do trenó, e pôs-se a afagar um deles, nas costas e na garupa.

O velhote era exatamente como eu o havia imaginado: pequeno, magrinho, com o rosto enrugado e azulado, barbicha rala, nariz pontudo e dentes amarelos e roídos. Seu gorro era bastante novo, do correio, mas o curto casaco de pele, surrado, manchado de piche e rasgado no ombro e nas abas, não chegava a cobrir os joelhos e, quanto à roupa que usava por baixo, feita de cânhamo, a calça estava enfiada por dentro dos canos das enormes botas de feltro. Andava todo curvado, encolhido e, com os joelhos e o rosto trêmulos, vagava em redor do trenó, obviamente para tentar se aquecer.

– Puxa, Mítritch, tome aí uma garrafinha; é bom para esquentar – disse-lhe o conselheiro.

Mítritch tremia. Ajeitou os arreios de seu cavalo, arrumou o arco do arreio e aproximou-se de mim.

– E então, patrão – disse ele, tirando o gorro de seus cabelos grisalhos e curvando-se bastante num cumprimento –, andamos sem rumo com o senhor a noite inteira, procuramos um caminho; o senhor podia me agradecer com uma meia garrafa. É sim, paizinho, Vossa Excelência! Não tenho nada para me aquecer – acrescentou com um sorrisinho servil.

Dei-lhe uma moeda de vinte e cinco copeques. O vendedor de bebidas trouxe a garrafinha e serviu o velhote. Ele tirou a luva, soltou o chicote e levou a mão miúda, morena, retorcida e um pouco azulada na direção do copo; mas seu polegar, como se fosse alheio, não lhe obedecia; ele não conseguia segurar o copo, derramou a bebida e deixou o copo cair na neve.

Todos os cocheiros gargalharam.

– Olhe só, o Mítritch ficou congelado! Nem consegue segurar a vodca.

Mas Mítritch se aborreceu muito por ter derramado a vodca.

No entanto serviram mais um copo e lhe deram de beber na boca. Na mesma hora ele se alegrou, foi para dentro da taberna, acendeu um cachimbo, pôs-se a sorrir com os dentes amarelados e roídos e, em cada palavra que dizia, misturava xingamentos. Depois de beberem a última garrafinha, os cocheiros se dispersaram em direção às suas troicas e partimos.

A neve se tornava cada vez mais branca e mais clara, de tal modo que olhar para ela fazia doer a vista. As faixas alaranjadas e vermelhas ficavam cada vez mais altas, dissipavam-se cada vez mais claras no céu; até o círculo vermelho do sol se fez visível no horizonte, através de nuvens acinzentadas; o azul tornou-se mais brilhante e mais escuro. As marcas na neve perto da aldeia dos cossacos estavam bem claras, nítidas, amareladas, aqui e ali havia buracos; no ar gélido e rarefeito, faziam-se sentir uma leveza e um frescor agradável.

Minha troica corria muito veloz. A cabeça do cavalo do meio e seu pescoço, com a crina que esvoaçava até o arco dos arreios, balançavam ligeiro, quase sem sair do lugar, embaixo das sinetas de caçador, cujo badalo já não batia mais, apenas raspava suas paredes. Os bons cavalos laterais da troica puxavam em harmonia os tirantes congelados e tortos, saltavam com energia, a borla batia embaixo do arreio e da barriga. Às vezes um cavalo lateral se desviava da estrada batida e esbarrava num monte de neve, a qual espirrava em seus olhos enquanto ele tentava afoitamente se desvencilhar. Ignachka dava alegres gritos de tenor; a geada seca uivava por baixo dos varais; atrás, duas sinetas ressoavam festivas e tilintantes e se ouviam os gritos embriagados dos cocheiros. Virei-me para trás: os cavalos laterais, cinzentos e de pelo encrespado, com o pescoço esticado, respirando ritmadamente e com o bridão torto, davam saltos sobre a neve. Filipp, brandindo o chicote, ajeitou o gorro, o velhote, com as pernas penduradas como antes, estava deitado no meio do trenó.

Dois minutos depois, o trenó rangeu sobre as tábuas rachadas da entrada da estação. Ignachka virou para mim seu rosto alegre, coberto pela neve, bafejado pela friagem.

– Está entregue, patrão!

11 de fevereiro de 1856

DOIS HUSSARDOS

*É Jomini para lá, Jomini para cá
Mas sobre a vodca que é bom, ninguém dá um pio...*

D. Davidov²

Em mil oitocentos e alguma coisa, na época em que ainda não havia estradas de ferro nem estradas de carruagens, em que não havia luz a gás nem velas de estearina, nem sofás de molas, nem móveis que não tivessem verniz, nem jovens desalentados que usam monóculo, nem mulheres filósofas liberais, nem as encantadoras damas das camélias que tanto proliferam em nosso tempo; na época ingênua em que, quando se viajava de Moscou para Petersburgo, de carruagem ou de coche, se levava uma cozinha inteira de comidas feitas em casa e viajava-se oito dias e oito noites por caminhos não batidos, poeirentos ou enlameados, acreditava-se em croquetes de Pojárski,³ em sinetas e rosquinhas de Valdai;⁴ quando, nas compridas tardes de outono, ardiam as velas de sebo iluminando círculos familiares formados por vinte ou trinta pessoas e, nos bailes, punham nos candelabros velas de cera e de espermacete, quando arrumavam os móveis de forma simétrica; quando nossos pais ainda eram jovens, não só devido à ausência de rugas e cabelos brancos, mas também porque trocavam tiros por causa de mulheres e se precipitavam de um canto da sala a outro a fim de pegar no chão lencinhos, que caíam por acaso ou não, e nossas mães usavam roupas de cintura fina e de mangas enormes e resolviam questões familiares tirando a sorte; quando lindas damas das camélias se escondiam da luz do dia; na época ingênua das lojas maçônicas, dos martinistas, do Tugendbund, na época dos Milorádovitch,⁵ dos Davidov e dos Púchkin, houve, na cidade provincial de K., uma reunião de senhores de terra, e a votação para eleger o representante da nobreza estava terminando.

I

– Ora, tanto faz, pode até ser no salão – disse um jovem oficial de casaco de pele e quepe de hussardo que acabara de descer de um trenó de passageiros e entrar no melhor hotel da cidade de K.

– É uma reunião enorme, Vossa Excelência – disse o porteiro do hotel, que já tivera tempo de saber do encarregado da recepção que o sobrenome do hussardo era conde Turbin, e por isso o chamou de Vossa Excelência. – A senhora de terras Afremóvskaja e suas filhas prometeram ir embora à tarde; portanto, assim que o número onze vagar, o senhor tenha a bondade de ocupá-lo – disse, enquanto caminhava à frente do conde pelo corredor e a todo instante olhava para trás.

No salão comum, diante de uma mesa pequena, perto de um retrato enegrecido, e de corpo inteiro, do imperador Alexandre, estavam sentados alguns homens em torno de um champanhe – nobres locais, ao que parecia, e um pouco à parte alguns comerciantes de passagem, em casaco de pele azul.

Ao entrar na sala, enquanto chamava Blücher, um imenso cão buldogue cinzento que viera com ele, o conde se desfez do sobretudo, cuja gola ainda estava coberta de gelo, pediu vodca e, sem tirar o casaco curto de cetim azul com cinto, sentou-se à mesa e entrou na conversa com os demais senhores ali sentados, os quais prontamente simpatizaram com o recém-chegado, por sua ótima aparência e franqueza, e lhe ofereceram uma taça de champanhe. O conde bebeu de início um copinho de vodca e depois também pediu uma garrafa a fim de ser gentil com os novos conhecidos. O cocheiro entrou para pedir o dinheiro da vodca.

– Sachka – gritou o conde. – Dê a ele!

O cocheiro saiu com Sachka e voltou em seguida, trazendo o dinheiro na mão.

– Paizinho, Excelência, parece que me esforcei muito para merecer sua bondade! Prometeu meio rublo e agora só me oferece um quarto.

– Sachka! Dê a ele um rublo de prata!

Sachka baixou os olhos e fitou os pés do cocheiro.

– Para ele já serve – respondeu com voz de baixo. – Além disso, não tenho mais dinheiro.

O conde tirou da carteira as duas únicas notas azuis que lhe restavam e deu uma delas ao cocheiro, que beijou sua mão e saiu.

– Pronto, se foi! – disse o conde. – Fiquei com meus últimos cinco rublos.

– Bem ao jeito dos hussardos, conde – comentou sorrindo um dos nobres, que, a julgar pelo bigode, pela voz e pela enérgica desenvoltura dos pés, era obviamente um cavalariano aposentado. – O senhor tem intenção de ficar muito tempo aqui, conde?

– Preciso arranjar dinheiro; do contrário não vou ficar. De resto, não há quartos vagos. Que o diabo esfole todos eles, neste albergue maldito...

– Com sua permissão, conde – retrucou o cavalariano –, não gostaria de ficar no meu quarto? Estou aqui, no número sete. Talvez o senhor não se ofenda de pernoitar comigo. Seria bom o senhor ficar conosco uns três dias. Hoje mesmo haverá um baile na casa do decano da nobreza. Como ele ficaria contente!

– Sério, conde, fique um pouco mais – insistiu outro interlocutor, um jovem bonito. – Para onde vai com tanta pressa? Afinal, só daqui a três anos haverá outra eleição. Por acaso já viu nossas senhoritas, conde?

– Sachka! Traga roupa de baixo: vou à casa de banho – exclamou o conde e se levantou. – E de lá, quem sabe, talvez eu de fato dê um pulo na casa do decano da nobreza.

Depois chamou o camareiro do hotel, falou algo e o camareiro riu e respondeu “que para tudo há um jeito”, e saiu.

– Então, meu caro, vou mandar que levem minha mala para o quarto do senhor – gritou o conde da porta.

– Será um prazer, uma felicidade – respondeu o cavalariano, correndo na direção da porta. – Número sete! Não esqueça.

Quando já não se ouviam mais seus passos, o cavalariano voltou para seu lugar e, depois de sentar-se perto de um funcionário e fitar seu rosto com um sorriso nos olhos, disse:

– Esse é o tal sujeito.

– Quem?

– Aquele de quem falei com você, o hussardo duelista... Turbin, ele é famoso. Ele me reconheceu, aposto que me reconheceu. Estive com ele em Lebedián, uma farra de três dias, sem interrupção, no tempo em que eu cuidava da remonta. Lá, pregamos uma peça... eu e ele juntos armamos tudo... por isso ele finge que não me conhece. Bom rapaz, o Turbin, não achou?

– Sim. E como fala de maneira agradável! Nem dá para perceber quem ele é – respondeu o jovem bonito. – E como fizemos amizade depressa... Deve ter no máximo uns vinte e cinco anos, não é?

– Não. Parece, mas tem mais. Quer saber quem é ele? Pois quem foi que raptou Migúnova? Ele. E matou Sablin. E pendurou Mátniev para fora da janela, seguro pelas pernas. Ganhou trinta mil do príncipe Nestiérov no jogo. Ele vive com a faca entre os dentes, é bom saber! Jogador de apostas, duelista, sedutor; mas é um hussardo... tem coragem, peito aberto. De nós, só conhecem nossa glória, mas ninguém entende o que significa de verdade ser hussardo. Ah, que época foi aquela!

E o cavalariano contou a seu interlocutor a tal farra com o conde em Lebedián, de um modo como não só nunca havia ocorrido como não poderia de fato ocorrer. E não poderia, em primeiro lugar, porque ele jamais vira o conde na vida e deixara o serviço ativo dois anos antes de o conde entrar para o

Exército, e em segundo lugar porque o cavalariano na verdade jamais servira na cavalaria, mas sim como o mais modesto *junker* no regimento de Biélevski, durante quatro anos, e deixou o serviço ativo assim que foi promovido a subtenente. Porém, dez anos antes, tendo ganhado uma herança, ele fora de fato a Lebedián e lá dissipara setecentos rublos com os oficiais da remonta e mandara fazer para si um uniforme de ulano com lapelas de cor laranja com o intuito de entrar nos ulanos. O desejo de ingressar na cavalaria e as três semanas passadas com os oficiais da remonta em Lebedián permaneceram como o período mais feliz e radioso de sua vida, a tal ponto que de início ele transpôs aquele desejo para a realidade e em seguida para a memória, e ele mesmo passara a crer firmemente em seu passado de cavalariano, o que não o impedia de ser, pela cortesia e pela honestidade, um homem da mais autêntica honradez.

– Pois é, quem não serviu na cavalaria nunca vai entender nosso irmão. – Estava sentado com as pernas muito abertas sobre a cadeira e, com a mandíbula inferior um pouco projetada para a frente, falava com voz de baixo. – Imagine que você está montado num cavalo à frente do esquadrão; embaixo de você, um diabo, e não um cavalo, que não para de corcovear; imagine que você monta também como um diabo. O comandante do esquadrão se adianta para uma revista. “Tenente”, diz ele, “por favor, sem o senhor nada vai dar certo... conduza o esquadrão na parada.” Muito bem, diz você, e pronto, lá vai! Olha para trás e grita para seus camaradas bigodudos. Ah, com mil diabos, aquilo é que era vida!

O conde voltou do banho todo vermelho, de cabelos molhados, e foi direto para o quarto número 7, onde o cavalariano já estava sentado, de roupão, com um cachimbo, e refletia com prazer, e também com um certo temor, sobre a felicidade que lhe coubera por dividir o mesmo quarto com o famoso Turbin. “Já pensou se ele cismar de repente de chegar aqui, me deixar sem roupa, me levar nu para além do portão e me jogar no meio da neve, ou então... me cobrir todo de piche, ou simplesmente... Não, entre camaradas não se fazem essas coisas...”, consolou-se.

– Sachka! Dê comida para o Blücher! – gritou o conde.

Sachka apareceu, um tanto embriagado, depois de beber um copo de vodca para se refazer da viagem.

– Você não se conteve, seu canalha, encheu a cara!... Dê comida para o Blücher!

– Mas ele também não vai morrer por causa disso: olhe só como está forte! – retrucou Sachka, acariciando o cachorro.

– Vamos, deixe de conversa fiada! Dê logo a comida dele.

– O senhor só quer saber de dar comida para o cachorro, mas se um homem bebe uma tacinha de nada passa logo uma descompostura.

– Ah, vou lhe dar uma surra! – gritou o conde, com tal voz que os vidros das janelas tremeram e o cavalariano ficou até um pouco assustado.

– O senhor devia era perguntar se o Sachka teve alguma coisa para comer hoje. Tudo bem, pode bater, se o seu cachorro tem mais valor do que um homem – desandou a falar Sachka. Mas então recebeu na cara um soco tão tremendo que caiu, bateu com a cabeça na parede e, segurando o nariz com a mão, pulou na direção da porta e desabou aos trambolhões sobre uma arca no corredor.

– Ele quebrou meus dentes – resmungou Sachka, esfregando com a mão o nariz ensanguentado, enquanto com a outra mão coçava as costas de Blücher, que lambia os beiços. – Ele quebrou meus dentes, Bliuchka, mas mesmo assim continua a ser o meu conde e, por ele, eu entro até no fogo... pois é! Porque ele é o meu conde, entende, Bliuchka? E aí, quer comer?

Depois de ficar um tempo ali, Sachka se levantou, deu comida para o cachorro e, quase sóbrio, foi atender seu conde e lhe oferecer chá.

– O senhor simplesmente vai me fazer uma ofensa – dizia o cavalariano com timidez, de pé diante do conde, que jazia deitado na cama, com as pernas escoradas na parede. – Pois também sou um velho camarada militar, posso garantir. Para que pedir emprestado a outras pessoas se eu estou aqui, pronto

para lhe oferecer, com alegria, uns duzentos rublos? Não tenho o dinheiro todo comigo agora, só cem; mas mandarei vir hoje mesmo. O senhor vai simplesmente me fazer uma ofensa, conde!

– Obrigado, meu caro – disse o conde, que havia adivinhado desde o início o tipo de relação que devia se estabelecer entre os dois, e deu tapinhas no ombro do cavalariano. – Obrigado. Pois muito bem, então iremos ao baile, não é assim? Mas e agora? O que vamos fazer? Diga lá o que vocês têm nesta cidade: quem são as beldades? Quem gosta de farra? Quem joga cartas?

O cavalariano explicou que no baile haveria beldades de sobra; que o comissário de polícia Kolkóv era o maior farrista de todos, havia sido eleito pouco tempo antes, só que não tinha o verdadeiro ímpeto dos hussardos, mas mesmo assim era um bom sujeito; que o coro cigano de Iliúchka estava na cidade e cantava desde o início das eleições, que Stióchka ia cantar e que, depois da festa na casa do decano da nobreza naquela noite, todo mundo iria se reunir para ouvi-los.

– E o carteadado é de primeira – disse. – Lúkhnov, que veio de fora, joga a dinheiro, e Ilin, que está no quarto número oito, alferes dos ulanos, também perde muito. No quarto dele, a função já começou. Jogam toda noite e, eu lhe asseguro, conde, que sujeito formidável, esse Ilin: não tem nada de avarento, é capaz de abrir mão da sua última camisa.

– Então vamos ao quarto dele. Vamos ver que gente é essa – disse o conde.

– Vamos, vamos! Vão ficar tremendamente felizes.

II

O alferes dos ulanos, Ilin, tinha acordado pouco antes. Na véspera, havia se sentado para jogar cartas às oito da noite e continuado durante quinze horas seguidas, até as onze da manhã. Perdera bastante, mas exatamente quanto não sabia dizer, porque fazia muito tempo que havia misturado os três mil rublos de sua propriedade com os quinze mil do Tesouro que trazia consigo e temia fazer as contas e confirmar aquilo que já pressentia – que já estava faltando uma parte do dinheiro do Tesouro. Ilin tinha adormecido quase ao meio-dia e dormido o sono pesado e sem sonhos de que só pessoas bem jovens são capazes, mesmo depois de perdas muito grandes no jogo. Tendo acordado às seis da tarde, na mesma hora em que o conde Turbin estava chegando ao hotel, e vendo as cartas espalhadas no chão à sua volta, o giz e as mesas manchadas no meio do quarto, lembrou-se com horror do jogo da véspera e de sua última carta – um valete, que lhe custara quinhentos rublos, porém, ainda sem acreditar propriamente na realidade, pegou o dinheiro embaixo do travesseiro e começou a contar. Reconheceu algumas notas que, durante o jogo, haviam passado várias vezes de mão em mão, lembrou-se de todo o transcurso do jogo. Seus três mil rublos já não existiam e do dinheiro do Tesouro já faltavam dois mil e quinhentos.

O ulano tinha jogado quatro noites seguidas.

Ilin tinha vindo de Moscou, onde recebera o dinheiro do Tesouro. Em K. o inspetor da estação o reteve sob o pretexto de não ter cavalos disponíveis, mas no fundo era por causa de um acordo que fizera havia muito tempo com o dono da estalagem – reter por um dia todos os que passavam por ali. O ulano, rapaz jovenzinho e alegre, que acabara de ganhar três mil rublos do pai, em Moscou, para custear os acessórios de que ia precisar no regimento, estava feliz por passar alguns dias na cidade de K., durante as eleições, e tinha esperança de divertir-se bastante ali. Certo senhor de terras local era seu conhecido e o ulano pretendia ir visitá-lo e cortejar suas filhas, quando o cavalariano apareceu e se apresentou a ele e, na mesma noite, sem nenhuma intenção ruim, apresentou-o a alguns amigos, Lúkhnov e outros jogadores, no salão. Naquela mesma noite, Ilin começou a jogar e não só não foi visitar o senhor de terras seu conhecido, como não perguntou mais nada a respeito de cavalos e já fazia quatro dias que não saía do quarto.

Depois de trocar de roupa e tomar chá, aproximou-se da janela. Sentiu vontade de dar uma volta para dissipar as implacáveis recordações do jogo. Vestiu um sobretudo e saiu para a rua. O sol já se ocultava atrás das casas brancas de telhado vermelho; o crepúsculo começava. O tempo estava ameno. Nas ruas lamacentas, a neve molhada caía em flocos, e em silêncio. De repente ele sentiu uma insuportável tristeza ante a ideia de que havia dormido aquele dia inteiro, um dia que já estava terminando.

“Afinal, este dia que passou nunca mais vai voltar”, pensou.

“Estraguei minha mocidade”, disse de repente para si mesmo, não porque pensasse de fato que havia estragado a mocidade – em geral, ele nem pensava no assunto –, mas apenas lhe veio à cabeça aquela frase.

“O que vou fazer agora?”, refletiu Ilin. “Pegar dinheiro emprestado com alguém e ir embora.” Uma senhorita passou pela calçada. “Olhe só que senhorita tola”, pensou, sem saber por quê. “Não há ninguém a quem eu possa pedir dinheiro emprestado. Estraguei minha mocidade.” Dirigiu-se ao mercado. Um comerciante com casaco de pele de raposa estava na entrada de uma venda e chamava os fregueses. “Se eu não tivesse tirado aquele oito, teria recuperado o que perdi.” Uma mendiga velhinha se lamentava, andando atrás dele. “Não há ninguém a quem eu possa pedir dinheiro emprestado.” Passou um senhor num casaco de pele de urso, um guarda estava parado. “E se eu fizesse algo fora do comum? Se eu desse um tiro neles? Não, é maçante! Estraguei minha mocidade. Ah, que arreios lindos com enfeites pendurados. Bem que eu gostaria de andar numa troica. Ah, meus queridos! Vou para o hotel. Lúkhnov logo vai chegar, vamos começar a jogar.” Voltou, contou o dinheiro mais uma vez. Não, não se enganara: de novo, estavam faltando dois mil e quinhentos rublos do dinheiro do Tesouro. “Na primeira, vou apostar vinte e cinco, na segunda... na sétima, uma bolada... e quinze, e trinta, e sessenta... três mil. Vou comprar aqueles arreios bonitos e irei embora. Não vão deixar, os patifes! Estraguei minha mocidade.” Eis o que se passava na cabeça do ulano na hora em que Lúkhnov entrou de fato em seu quarto.

– E então, faz muito tempo que se levantou, Mikhail Vassíltch? – perguntou Lúkhnov, retirando preguiçosamente do nariz seco os óculos de ouro e limpando-os com afinco num lenço de seda.

– Não, acordei agora mesmo. Dormi esplendidamente.

– Quem é o hussardo que chegou e ficou no quarto de Zavalchévski?... Não soube de nada?

– Não... Mas e então, ninguém veio ainda?

– Parece que foram visitar o Priákhin. Vão chegar logo.

De fato, dali a pouco entraram no quarto um oficial da guarnição, que sempre acompanhava Lúkhnov; um comerciante grego de nariz enorme e arqueado, de cor parda e olhos pretos e fundos; um senhor de terras gordo, rechonchudo, fabricante de bebidas destiladas, que jogava noites inteiras, sempre apostando meio rublo. Todos queriam começar a jogar logo; mas os principais jogadores nada diziam a respeito do assunto, sobretudo Lúkhnov, que falava de maneira extremamente calma sobre os malfeitores em Moscou.

– É difícil imaginar – disse ele – que em Moscou, a antiga capital, malfeitores vagueiam pelas ruas à noite, armados com ganchos de ferro, com aparência de demônios, metendo medo na multidão estúpida e roubando estrangeiros, e nada acontece. O que é que a polícia está esperando? É o que eu gostaria de saber.

O ulano escutava com atenção o relato sobre os malfeitores, mas no fim se levantou e, em voz baixa, mandou dar as cartas. O senhor de terras gordo declarou primeiro:

– Pois é, senhores, estamos perdendo um tempo precioso! Vamos ao trabalho, ao trabalho!

– Sim, ontem, de meio em meio rublo o senhor ganhou um bocado, por isso achou bom – disse o grego.

– Certo, mas já está mesmo na hora – disse o oficial da guarnição.

Ilin olhou para Lúkhnov. Fitando-o nos olhos, Lúkhnov continuou a falar com toda a calma sobre os

malfeitores com ganchos de ferro, aspecto de demônio e garras.

– Vai dar as cartas? – perguntou o ulano.

– Não é muito cedo?

– Biélov! – gritou o ulano, ficando vermelho por algum motivo. – Traga meu almoço. Ainda não comi nada, meu Deus... Traga o champanhe e as cartas.

Naquele instante, o conde e Zavalchévski entraram no quarto. Verificou-se que Turbin e Ilin eram da mesma divisão. Prontamente ficaram amigos, brindaram com suas taças, beberam champanhe e cinco minutos depois já se tratavam por “você”. Pelo visto, Ilin havia simpatizado muito com o conde. E o conde não parava de sorrir, olhando para ele, e fazia pilhéria da sua juventude.

– Que ulano mais moço, esse! – disse. – Olhe só o bigode dele!

Acima do lábio, Ilin tinha apenas uma penugem completamente branca.

– Pelo que vejo vocês vão começar a jogar, não é? – disse o conde. – Bem, quero ver você vencer, Ilin! Aposto que é um mestre! – acrescentou, sorrindo.

– Pois é, estamos nos preparando – respondeu Lúkhnov, separando uma dúzia de cartas. – E o senhor, conde, não nos dá a honra?

– Não, hoje não vou jogar. Senão eu deixaria todos vocês sem nada. Quando eu entro num jogo, quebro qualquer banca! E além do mais não tenho dinheiro para jogar. Perdi tudo na estação em Vólotchók. Lá me apareceu um infante com anel no dedo, na certa um trapaceiro, e acabou me deixando liso com suas tramoias.

– E o senhor ficou muito tempo na estação? – perguntou Ilin.

– Vinte e duas horas. Não vou esquecer aquela estação maldita! E o encarregado também não vai esquecer.

– O que houve?

– Sabe, eu cheguei lá, o encarregado veio logo para fora, tinha cara de malfeitor, o patife... Cavalos, não havia, disse ele; mas eu preciso explicar para vocês que tenho uma regra: quando me dizem que não têm cavalos, não tiro o casaco de pele e parto direto para dentro da estação... não vou para o escritório oficial, entendem, mas sim para o quarto particular do encarregado, e dou ordem para abrir completamente todas as portas e as venezianas: finjo que há um cheiro de gás. Pois foi o que fiz ali. E vocês lembram a friagem que fez no mês passado – vinte graus abaixo de zero, não foi? O encarregado da estação quis me enrolar, mas eu meti logo um soco nos dentes dele. Tinha uma velhota lá, umas meninas, e a mulherada abriu um berreiro, apanharam umas painéis e quiseram correr para a aldeia... Eu fui para a porta; falei: “Me deem cavalos que vou embora daqui, senão eu não deixo ninguém sair e todo mundo vai morrer congelado!”.

– Isso é que são boas maneiras! – disse o senhor de terras gordo, soltando uma gargalhada. – É assim que a gente congela essas baratas!

– Só que eu me descuidei não sei como e o encarregado e a mulherada toda me escaparam. Só uma velha ficou sob o meu poder, junto à estufa, e ela não parava de espirrar e rezar. Depois começamos as negociações; o encarregado da estação entrou e, de longe, ficou falando para eu soltar a velha. Eu aticei o Blücher contra ele... O Blücher é ótimo para pegar os encarregados de estação de posta. Mesmo assim o canalha só me deu cavalos no dia seguinte. Nesse meio-tempo é que chegou o tal infante. Fui para o outro quarto e começamos a jogar. Vocês viram o Blücher?... Blücher!... Fiu!

Blücher veio correndo. Os jogadores se interessaram por ele com indulgência, embora fosse óbvio que queriam se ocupar de algo completamente diferente.

– Mas por que não jogam, senhores? Por favor, não quero atrapalhar. Sou um grande tagarela – disse Turbin. – Ganhando ou perdendo, jogar é muito bom.

Lúkhnov puxou duas velas para junto de si, pegou uma enorme carteira de couro repleta de dinheiro e, lentamente, como se executasse algo misterioso, abriu-a sobre a mesa, retirou duas cédulas de cem rublos e colocou-as embaixo das cartas.

– Assim como ontem, a banca é duzentos – disse, ajustando os óculos e cortando o baralho.

– Muito bem – disse Ilin, sem olhar para Lúkhnov, no meio da conversa que entabulava com Turbin.

O jogo teve início. Lúkhnov dava cartas de maneira prodigiosa, como uma máquina, de quando em quando parava, apontava algo sem pressa ou olhava severamente por cima dos óculos e dizia com voz fraca: “Jogue”. O senhor de terras gordo falava mais alto do que os outros, fazia para si mesmo diversos comentários em voz alta, molhava a ponta dos dedos roliços e dobrava as cartas. Em silêncio, o oficial da guarnição fazia anotações com letras bonitas na parte de trás das cartas e dobrava os cantinhos embaixo da mesa. O grego estava sentado junto à banca e acompanhava o jogo atentamente, com seus olhos negros e fundos, à espera de alguma coisa. Zavalchévski, de pé junto à mesa, de repente começava a se mexer, tirava do bolso da calça uma nota vermelha ou azul, punha uma carta em cima da nota, batia com a palma da mão sobre a carta e exclamava: “Sorte no sete!”, mordiscava o bigode, ficava trocando o pé de apoio, ruborizava e se mexia todo, e assim continuava até a carta sair. Ilin comia carne de vitela e pepino, servidos a seu lado, sobre um sofá felpudo, e, limpando as mãos rapidamente no casaco, baixava uma carta depois da outra. Turbin, que de início se sentara no sofá, na mesma hora entendeu o que se passava. Lúkhnov não olhava nunca para o ulano e nada lhe dizia: apenas de vez em quando seus óculos se dirigiam por um instante para as mãos do ulano, porém perdia a maior parte de suas cartadas.

– Queria muito matar essa cartinha – acrescentou Lúkhnov, referindo-se a uma carta do senhor de terras gordo, que jogava apostando meio rublo.

– Mate as cartas do Ilin e me deixe em paz – respondeu o senhor de terras.

E, de fato, as cartas de Ilin eram derrotadas com mais frequência do que as dos outros. Nervosamente, ele rasgava debaixo da mesa a carta derrotada e, com mãos trêmulas, escolhia outra. Turbin levantou-se do sofá e pediu ao grego que abrisse um espaço para ele sentar ao lado da banca. O grego mudou de lugar e o conde, sentado em sua cadeira, sem desviar os olhos, pôs-se a observar atentamente as mãos de Lúkhnov.

– Ilin! – disse ele, de repente, com sua voz de costume, que de maneira absolutamente involuntária abafou a voz de todos os demais. – Por que insiste em jogar sempre as mesmas cartas? Você não sabe jogar!

– Tanto faz jogar de um jeito ou de outro.

– Assim é certo que vai perder. Deixe que eu o ajude.

– Não, me desculpe, por favor; sempre faço as coisas do meu jeito. Jogue por si mesmo, se quiser.

– Por mim, já disse que não vou jogar; quero ajudar você. Acho irritante ver você perder.

– Parece que esse é o meu destino!

O conde calou-se e, apoiando-se nos cotovelos, pôs-se novamente a observar com extrema atenção as mãos do jogador que estava na banca.

– É vergonhoso! – exclamou de repente em voz alta e prolongada.

Lúkhnov virou os olhos para ele.

– É vergonhoso! É vergonhoso! – exclamou ainda mais alto, fitando Lúkhnov nos olhos.

O jogo prosseguiu.

– Não está direito! – disse outra vez Turbin, na hora em que Lúkhnov bateu uma carta de Ilin de valor mais alto.

- O que tanto desagrada ao senhor, conde? – perguntou a banca, em tom de cortesia e indiferença.
- O senhor deixa Ilin ganhar as pequenas e vence as grandes. Isso é que é vergonhoso.

Com os ombros e com as sobranceiras, Lúkhnov fez um ligeiro movimento que exprimia uma sugestão para submeter-se ao destino em tudo, e continuou a jogar.

- Blücher, fiu! – gritou o conde, levantando. – Vem cá, vem cá! – acrescentou depressa.

Esbarrando nas costas do sofá e por muito pouco não derrubando o oficial da guarnição, Blücher acudiu aos saltos e afoito ao chamado de seu dono e começou a rosnar, olhando em redor e abanando o rabo, como se perguntasse: “Quem é que está perturbando? Hein?”.

Lúkhnov baixou as cartas e, sem sair da cadeira, virou-se para o lado.

– Desse jeito é impossível jogar – disse. – Detesto cachorros. Que tipo de jogo se pode fazer quando estamos no meio de um verdadeiro canil?

– Ainda mais cachorros dessa raça: parece que são chamados de sanguessugas – concordou o oficial da guarnição.

– E então, vamos jogar ou não vamos, Mikhail Vassílich? – disse Lúkhnov ao anfitrião.

– Não nos atrapalhe, conde, por favor! – pediu Ilin a Turbin.

– Venha cá um minutinho – disse Turbin, pegando Ilin pelo braço e levando-o para trás da parede.

Dali, se ouviam perfeitamente as palavras do conde, ditas com sua voz de costume. E sua voz era tal que sempre se fazia ouvir para quem estivesse até a três cômodos de distância.

– O que há com você, é um tonto ou o quê? Será que não enxerga que aquele senhor de óculos é um trapaceiro de mão cheia?

– Ah, me deixe! Do que está falando?

– Nada disso, pare de jogar, estou lhe dizendo. Para mim, não devia ter nenhuma importância. Noutra situação, eu mesmo ganharia de você; mas está me dando pena ver como você é passado para trás. Além de tudo, não está apostando com o dinheiro do Tesouro?

– Não. De onde tirou essa ideia?

– Eu, irmão, já rodei muito por este mundo e conheço todos os métodos de trapaça; estou lhe dizendo que o homem de óculos é um trapaceiro. Pare de jogar, por favor. Peço a você como um camarada.

– Certo, só vou terminar esta rodada e depois acabou.

– Sei, conheço bem essa conversa. Pois bem, vamos ver no que vai dar.

Voltaram. Na rodada seguinte, todas as cartas que Ilin apostou acabaram sendo derrotadas e ele perdeu muito.

Turbin bateu a mão no meio da mesa.

– Agora chega! Vamos.

– Não, não posso parar; me deixe em paz, por favor – disse Ilin, irritado, embaralhando as cartas tortas, sem olhar para Turbin.

– Não, que o diabo o carregue! Perca à vontade, então, se é o que você gosta. Para mim, chega! Zavalchévski! Vamos à casa do decano da nobreza.

E saíram. Todos ficaram em silêncio e Lúkhnov não voltou a dar as cartas enquanto o som dos passos e os rosnados de Blücher não sumiram no corredor.

– Que cabeça quente! – disse o senhor de terras, rindo.

– Bem, agora não vai mais atrapalhar – acrescentou, afobado, e ainda num sussurro, o oficial da guarnição. E o jogo prosseguiu.

Os músicos, servos domésticos do decano da nobreza, estavam postados na sala de jantar, enfeitada para a ocasião do baile, já com as mangas dos casacos arregaçadas e, a um sinal combinado, puseram-se a tocar a antiga polca “Alexandre, Elisabete” e, sob a luz clara e suave das velas de cera, começaram a desfilar flutuantes sobre o assoalho de parquê do salão um governador-geral do tempo da imperatriz Catarina, com uma medalha em forma de estrela, de braço dado com a magricela esposa do decano da nobreza, o próprio decano da nobreza de braço dado com a esposa do governador-geral, e assim por diante – as autoridades da província em variadas combinações e permutas –, quando entraram no salão Zavalchévski, de fraque azul com gola enorme e ombreiras bufantes, meias compridas e sapatos, propagando à sua volta perfume de jasmim, com o qual borrifara em abundância o bigode, a lapela e o lenço, e também um hussardo esbelto, de calças de montaria azuis e bem justas e com um dólmã com bordados vermelhos e dourados, no qual pendiam a Cruz de Vladímir e uma medalha da campanha de 1812. O conde não era alto, mas tinha uma constituição física excelente e garbosa. Os olhos azul-claros extraordinariamente brilhantes e bem grandes e os cabelos ruivos e escuros que pendiam em cachos densos conferiam à sua beleza um caráter notável. A chegada do conde ao baile era esperada: o jovem bonito que o vira no hotel já tinha avisado o decano da nobreza a respeito. A impressão produzida por aquela novidade foi variada, mas no geral não de todo desagradável. “Esse menino ainda vai nos expor ao ridículo”, era o pensamento das velhas e dos homens. “E se ele me raptar?”, era mais ou menos o pensamento das moças e senhoritas.

Assim que a polca terminou, os pares se curvaram em agradecimento mútuo e separaram-se para se reunirem de novo as mulheres com as mulheres e os homens com os homens, e Zavalchévski, feliz e orgulhoso, levou o conde para apresentá-lo à anfitriã. A esposa do decano da nobreza, experimentando um certo temor íntimo de que aquele hussardo fizesse algo escandaloso com ela na frente de todos, virou-se com orgulho e desdém e disse:

– Muito prazer! Espero que o senhor tenha vindo dançar.

E, com ar descrente, olhou-o com uma expressão que dizia: “Se depois disso você ofender alguma mulher, é porque não passa de um completo canalha”. O conde, no entanto, logo venceu aquela animosidade com sua atenção, amabilidade e aparência bela e alegre, de tal modo que em cinco minutos a fisionomia da esposa do decano da nobreza já dizia a todos ao redor: “Sei como lidar com esses senhores: ele agora entendeu com quem está falando; vai me cobrir de cortesias a noite inteira”. No entanto, o governador, que conhecia o pai de Turbin, se aproximou rapidamente do conde e, com ar totalmente simpático, levou-o para um canto e começou a conversar com ele, o que tranquilizou ainda mais o público da província e elevou a opinião que tinham a respeito do conde. Depois, Zavalchévski apresentou-o à sua irmã – viuvinha jovem e carnuda, que desde a chegada do conde cravara nele seus grandes olhos negros. O conde pediu à viuvinha que dançasse com ele a valsa que os músicos estavam tocando naquele momento e, com sua arte de dançar, venceu em definitivo a animosidade geral.

– Mas ele dança como um mestre! – exclamou uma senhora de terras gorda, enquanto seguia com os olhos as calças azuis de montaria que se deslocavam velozes pelo salão e contava mentalmente: um, dois, três; um, dois, três... – Um mestre!

– E vai para lá, e vai para cá – disse outra senhora, vinda de fora, considerada de mau gosto na sociedade da província. – Como é que não se enrola nas esporas? Admirável, muito habilidoso!

O conde, com sua arte de dançar, ofuscou os três melhores dançarinos da província: o louro ajudante de ordens do governador, notável por sua velocidade na dança e por segurar as damas muito perto de si; um cavalariano famoso por seu balanço gracioso durante a valsa e pelas constantes, mas leves, batidas do salto do sapato no chão; e por último um civil que todos diziam ter inteligência curta, mas ser também um dançarino excelente e a alma de todos os bailes. De fato, do início ao fim do baile, aquele civil convidava todas as damas para dançar, uma por uma, na ordem em que estavam sentadas, não parava de dançar nem um minuto e de vez em quando se detinha só para enxugar seu rosto cansado, mas

alegre, com um lenço de cambraia já completamente molhado. O conde ofuscou todos eles e dançou com as três damas mais importantes: uma grande – rica, bonita e tola; uma mediana – magra, não muito bonita, mas que se vestia esplendidamente; e uma pequena – dama feia, mas muito inteligente. Dançou também com outras, com todas as bonitas, e eram muitas as bonitas. Mas a viuvinha, irmã de Zavalchévski, agradou ao conde mais do que todas as outras: com ela, o conde dançou uma quadrilha, uma escocesa e uma mazurca. Quando se sentaram depois da quadrilha, ele começou a lhe fazer muitos elogios, comparou-a a Vênus, a Diana, a uma rosa, e ainda a outra flor. Porém, em resposta a todas essas amabilidades, a viuvinha se limitava a curvar o pescocinho branco, baixava os olhos, fitando seu vestido branco de musselina ou passando o leque de uma mão para a outra. Mas quando ela disse: “Chega, conde, o senhor está brincando” etc., sua voz, um pouco gutural, soou com uma ingenuidade tão inocente e com uma tolice tão ridícula que, olhando para ela, de fato vinha à cabeça a ideia de que não se tratava mesmo de uma mulher e sim de uma flor, mas não uma rosa e sim alguma esplêndida flor silvestre branca e rosada, sem perfume, que crescera sozinha numa encosta nevada virginal, em alguma terra muito distante.

Aquela combinação de ingenuidade, ausência de toda convenção e frescor de beleza produziu no conde uma impressão tão estranha que, nos intervalos da conversa, algumas vezes, quando ele observava em silêncio os olhos ou as belas linhas da mão e do pescoço da viúva, vinha à sua cabeça com muita força o desejo de tomá-la nos braços de repente e cobri-la de beijos, a tal ponto que ele foi obrigado a se conter com esforço. A viuvinha percebeu com prazer a impressão que estava produzindo; mas algo na fisionomia do conde começou a perturbá-la e assustá-la, apesar de o jovem hussardo, para os padrões atuais, ser de uma amabilidade bajuladora e mostrar-se enjoativamente respeitoso. Correu para lhe trazer orchata,⁶ apanhou seu lenquinho, tomou uma cadeira da mão de um jovem senhor de terras escrofuloso, que também queria fazer uma gentileza à viuvinha, para entregá-la mais depressa etc.

Ao notar que a amabilidade mundana daquele tempo pouco efeito produzia em sua dama, o conde experimentou fazê-la rir e contou-lhe anedotas divertidas; garantiu que, caso ela ordenasse, ele estaria pronto, na mesma hora, a plantar bananeira, imitar um galo, pular pela janela ou mergulhar num buraco aberto no gelo. Aquilo funcionou perfeitamente: a viuvinha se alegrou e ria às gargalhadas, deixando à mostra os esplêndidos dentes brancos, e se mostrou perfeitamente satisfeita com seu cavaleiro. A cada minuto o conde gostava mais dela, a tal ponto que no final da quadrilha estava sinceramente apaixonado.

Depois da quadrilha, quando dela se aproximou um antigo admirador de dezoito anos, que ainda não estava empregado no serviço público, filho de um riquíssimo senhor de terras, o mesmo jovem escrofuloso de quem Turbin havia tomado uma cadeira, a viuvinha recebeu-o de modo extraordinariamente frio e nela não se percebia nem um décimo da perturbação que experimentara com o conde.

– O senhor é gentil – disse-lhe ela, enquanto olhava para as costas de Turbin e, sem se dar conta, imaginava quantos *archin* de cordões dourados teriam sido necessários para bordar todo o seu dólmã. – O senhor é gentil: prometeu me levar para passear de carruagem e me dar bombons.

– Sim e fui buscá-la, Anna Fiódorovna, mas a senhora já não estava em casa, e deixei lá os melhores bombons – respondeu o jovem de voz muito fina, apesar da estatura elevada.

– O senhor sempre encontra uma desculpa! Não preciso de seus bombons. Por favor, não pense...

– Estou vendo, Anna Fiódorovna, que a senhora mudou em relação a mim e eu sei por quê. E não é direito – acrescentou, mas deixou sua frase incompleta aparentemente por causa de alguma forte comoção interior, que fez tremer seus lábios de modo estranho e muito rápido.

Anna Fiódorovna não o escutava e continuava a seguir Turbin com os olhos.

O decano da nobreza, dono da casa, um velho gordo, desdentado e venerável, aproximou-se do conde e, tomando-o pelo braço, convidou-o para ir ao escritório a fim de fumar e beber, se fosse de seu agrado. Assim que Turbin saiu, Anna Fiódorovna sentiu que não havia absolutamente nada para fazer no salão e tomou pelo braço uma amiga, senhora velha e seca, e foi com ela para o toucador.

– E então? É gentil? – perguntou a senhora.

– Só que é horrível quando fica insistente demais – respondeu Anna Fiódorovna, aproximando-se do espelho e fitando-o.

Seu rosto brilhava, os olhos riam, ela até se ruborizou e de repente, imitando as bailarinas que vira durante aquelas eleições, rodopiou num pé só, depois desatou a rir com seu riso rouco mas meigo, e até deu um saltinho, dobrando os joelhos.

– Já pensou? Ele me pediu uma lembrança – disse ela à amiga. – Só que ele não terá na-da – disse, cantarolando a última palavra, e levantou um dedo na luva de pelica, que ia até o cotovelo...

No escritório, aonde o decano da nobreza levava Turbin, havia diversos tipos de vodca, licores de frutas, aperitivos e champanhe. Envoltos na fumaça do tabaco, os nobres estavam sentados ou andavam, conversando sobre as eleições.

– Se toda a ilustre nobreza de nosso distrito o honrou com a eleição – disse o comissário de polícia que acabara de ser eleito, já visivelmente embriagado –, ele não deveria faltar diante de toda a sociedade, jamais deveria...

A chegada do conde interrompeu a conversa. Todos lhe foram apresentados e o comissário de polícia, em especial, apertou sua mão demoradamente, com as duas mãos, e pediu algumas vezes que não se recusasse a ir, em companhia deles, depois do baile, a uma taberna nova, onde ele ia dar uma festa para os nobres e onde os ciganos iam cantar. O conde prometeu ir sem falta e bebeu com ele algumas taças de champanhe.

– Mas por que os senhores não dançam? – perguntou no momento em que ia sair do escritório.

– Não somos dançarinos – respondeu o comissário de polícia, rindo. – Preferimos a vodca, conde... De resto, todas essas senhoritas cresceram diante dos meus olhos, conde! Mesmo assim posso dançar uma escocesa de vez em quando, conde... posso, sim, conde...

– Então vamos dançar um pouco – disse Turbin. – Vamos dançar um pouco antes dos ciganos.

– Sim, vamos lá, senhores! Vamos entreter o anfitrião.

E uns três ou quatro nobres, que desde o início do baile estavam bebendo no escritório, com o rosto vermelho, puseram uns luvas pretas, outros luvas de seda, e junto com o conde já estavam prontos para entrar no salão, quando o jovem escrofuloso os deteve e, muito pálido e mal contendo as lágrimas, aproximou-se de Turbin.

– O senhor acha que, por ser conde, pode falar como se estivesse numa feira – disse, respirando com dificuldade. – Pois isso é desrespeitoso...

De novo os lábios que tremiam contra sua vontade interromperam o fluxo de sua fala.

– Como? – gritou Turbin, de súbito, com as sobranceiras franzidas. – Como? Um menino! – gritou, segurou-o pelos braços e apertou-os de tal modo que o sangue subiu à cabeça do jovem, menos de irritação do que de medo. – O senhor quer briga? Se for isso, estou às suas ordens.

Mal Turbin soltou os braços que apertava com tanta força, dois nobres vieram depressa, seguraram o jovem pelas costas e pelos braços e o arrastaram para a porta dos fundos.

– O que é isso? O senhor ficou louco? O senhor bebeu demais, com certeza. Vou contar para seu pai. O que deu no senhor? – diziam para ele.

– Não, eu não bebi demais, mas ele me empurra e nem pede desculpa. É um porco! É isso mesmo! – esbravejava o jovem, já completamente em prantos.

No entanto não lhe deram ouvidos e o levaram para casa.

– Não se irrite, conde! – exortavam Turbin, por seu lado, o comissário de polícia e Zavalchévski. – É só uma criança, ainda apanha de chicote, mal fez dezesseis anos. Não dá para entender o que foi que deu nele. Que bicho o mordeu? E o pai é um homem tão respeitável, nosso candidato.

– Bem, que o diabo o carregue, e ele que não queira...

E o conde voltou para o salão e, assim como antes, dançou alegremente a escocesa com a bela

viuvinha, riu com toda a alma vendo os passos executados pelos senhores que haviam saído do escritório junto com ele e desatou uma sonora gargalhada, que encheu a sala toda, quando o comissário de polícia escorregou e tombou estirado no chão, no meio dos dançarinos.

v

Quando o conde saiu do escritório, Anna Fiódorovna aproximou-se do irmão e, entendendo por algum motivo que era necessário fingir que se interessava muito pouco pelo conde, começou a indagar:

– Quem é aquele hussardo que dançou comigo? Diga, irmão.

O cavalariano explicou à irmã, o melhor que pôde, que grande homem era aquele hussardo e contou também que o conde estava ali só porque haviam roubado seu dinheiro e que ele mesmo lhe havia emprestado cem rublos, mas era pouco e perguntou se a irmã não poderia lhe emprestar mais duzentos rublos; mas Zavalchévski pediu que ela não contasse aquilo para ninguém, de maneira nenhuma, sobretudo para o conde. Anna Fiódorovna prometeu mandar o dinheiro naquele mesmo dia e manter tudo em segredo, porém, por algum motivo, na hora da escocesa, sentiu uma vontade tremenda de oferecer ao conde quanto dinheiro ele quisesse. Durante muito tempo ela tentou, ruborizou-se e por fim, com grande esforço, entrou no assunto da seguinte maneira:

– Meu irmão me disse que o senhor, conde, teve um infortúnio em sua viagem e agora está sem dinheiro. Caso o senhor tenha necessidade, não gostaria que eu lhe emprestasse dinheiro? Eu ficaria imensamente feliz de ajudar.

No entanto, assim que terminou de falar, Anna Fiódorovna assustou-se com alguma coisa e ruborizou-se. Toda a alegria desaparecera de repente do rosto do conde.

– O irmão da senhora é um tolo! – disse ele com rispidez. – A senhora sabe que, quando um homem ofende outro, os dois se batem a tiros num duelo; mas quando uma mulher ofende um homem, o que se deve fazer? A senhora sabe?

A pobre Anna Fiódorovna, constrangida, ruborizou-se no pescoço e nas orelhas. Baixou a cabeça e não respondeu.

– Beija-se a mulher na frente de todos – prosseguiu o conde em voz baixa, inclinando-se junto à orelha da viuvinha. – Permita-me beijar a mãozinha da senhora – acrescentou baixinho depois de um demorado silêncio, com pena, diante do constrangimento de sua dama.

– Ah, mas não aqui – exclamou Anna Fiódorovna, ofegante.

– Então quando? Vou partir amanhã cedo... E a senhora me deve isso.

– Se é assim, não será possível – disse Anna Fiódorovna, sorrindo.

– Apenas permita que eu procure uma ocasião para vê-la hoje e beije sua mão. E eu encontrarei um jeito.

– Mas como o senhor o fará?

– Isso é por minha conta. Se me permitir vê-la, para mim tudo é possível... Está bem?

– Está.

A escocesa terminou; dançaram ainda a mazurca, na qual o conde fez prodígios, apanhou lencinhos no chão, agachou-se apoiado num só joelho e estalou as esporas de um modo diferente, ao estilo de Varsóvia, de tal maneira que todos os velhos pararam de jogar bóston e vieram ao salão para ver, e o cavalariano, o melhor dançarino do local, reconheceu que tinha sido superado. Jantaram, dançaram mais uma Grossvater e começaram a se retirar. O conde não perdia de vista a viuvinha, nem por um instante. Não estava fingindo quando disse que, por ela, estava pronto a jogar-se num buraco aberto no gelo. Fosse fantasia, fosse amor, fosse um capricho, naquela noite todas as suas forças espirituais estavam

concentradas num só desejo – vê-la e amá-la. Tão logo percebeu que Anna Fiódorovna se despedia da anfitriã, o conde foi para a sala dos lacaios e de lá, sem o casaco de pele, dirigiu-se para o lugar onde estavam as carruagens.

– A carruagem de Anna Fiódorovna Záitseva! – pôs-se a gritar. Um coche alto, com quatro lugares e lanternas, se moveu e veio na direção do alpendre. – Pare! – gritou o conde para o cocheiro, enquanto corria em sua direção, com a neve na altura do joelho.

– O que o senhor quer? – disse o cocheiro.

– Tenho de entrar na carruagem – respondeu o conde, abrindo a porta com o veículo em movimento e tentando subir. – Pare, demônio! Imbecil!

– Vaska! Pare! – gritou o cocheiro para o postilhão e deteve os cavalos. – Como o senhor pode subir na carruagem que não é sua? Esta é da senhora Anna Fiódorovna e não a carruagem de Vossa Excelência.

– Ora, fique calado, sua besta! Tome aqui um rublo, desça da carruagem e feche a porta – disse o conde.

Mas, como o cocheiro não se mexeu, ele mesmo recolheu a escadinha, abriu a janela e deu um jeito de bater a porta. Dentro, como acontecia em todas as carruagens antigas, sobretudo aquelas enfeitadas com galões amarelos, havia um certo cheiro de podre e de palha queimada. As pernas do conde estavam empapadas de neve até os joelhos e gelavam por dentro dos sapatos e da calça fina, a friagem do inverno penetrava todo o seu corpo. O cocheiro resmungou na boleia e, pelo visto, preparou-se para descer. Mas o conde não ouviu nem sentiu nada. Seu rosto queimava, seu coração batia com força. Tenso, agarrou a faixa amarela presa na janela lateral e toda a sua vida concentrou-se numa só expectativa. Tal expectativa não durou muito. No alpendre, gritaram: “A carruagem de Záitseva!”, o cocheiro sacudiu as rédeas, a carroceria do coche começou a balançar sobre as molas altas, as janelas iluminadas da casa passaram uma depois da outra pela janela da carruagem.

– Olhe lá, seu canalha, não vá dizer ao laçao que estou aqui, senão já sabe – disse o conde para o cocheiro, debruçando-se na janelinha da frente. – Faço picadinho de você. Mas se não contar, lhe dou mais dez rublos.

Mal teve tempo de fechar a janela e a carroceria balançou de novo com força e a carruagem parou. O conde espremeu-se no canto, parou de respirar, até semicerrou os olhos, tamanho era seu temor de que, por qualquer motivo, sua terrível expectativa não se realizasse. A portinhola abriu, os degraus foram baixados com ruído um após o outro, ouviu-se o roçar de um vestido de mulher, dentro da carruagem abafada irrompeu um perfume de jasmim, pezinhos ligeiros correram pelos degraus e Anna Fiódorovna, com a aba do casaco comprido se abrindo e roçando nos pés do conde, afundou no assento a seu lado, em silêncio, mas ofegante.

Ninguém poderia dizer se ela o havia notado ou não, nem mesmo Anna Fiódorovna; porém, quando Turbin segurou sua mão e disse: “Então agora vou beijar sua mãozinha”, ela exprimiu muito pouco medo, nada respondeu, mas lhe ofereceu a mão, a qual ele cobriu de beijos, até bem acima da luva. A carruagem se pôs em movimento.

– Diga alguma coisa. Não está zangada? – perguntou para ela.

Anna Fiódorovna ficou em silêncio em seu canto, mas de repente, por algum motivo, começou a chorar e afundou a cabeça no peito do conde.

ciganos havia muito tempo e cantavam na taberna nova quando o conde, num casaco de pele de urso forrado de tecido azul, que pertencera ao falecido marido de Anna Fiódorovna, se uniu ao grupo.

– Meu caro, Vossa Excelência! Já não aguentávamos mais esperar! – exclamou um cigano vesgo e moreno, deixando à mostra os dentes brilhantes, que fora ao seu encontro ainda no vestíbulo, apressando-se para ajudá-lo a tirar o casaco. – Não vimos mais o senhor desde Lebedián... Stióchka está se desmanchando de saudade do senhor...

Stióchka, uma cigana jovem e formosa, com um rubor cor de tijolo no rosto marrom, de olhos brilhantes, profundos e negros, sombreados por pestanas compridas, também correu a seu encontro.

– Ah! Condezinho! Querido! Tesouro! Que alegria! – começou a falar entre os dentes, com um sorriso alegre.

O próprio Iliúchka veio depressa a seu encontro, fingindo estar muito contente. Velhas, mulheres, meninas levantaram-se com um pulo e rodearam o convidado. Uns se julgavam seus favoritos, outros, seus irmãos de sangue. Turbin beijou nos lábios todas as ciganas jovens; as velhas e os homens beijaram seus ombros e suas mãos. Os nobres também ficaram muito contentes com a chegada do convidado, ainda mais porque a farra, tendo chegado a seu apogeu, agora já arrefecia. Todos começavam a experimentar uma saciedade; a bebida, depois de perder o efeito excitante nos nervos, apenas pesava na barriga. Todos já haviam disparado toda a sua munição de turbulência e haviam-se tornado indiferentes uns aos outros; todas as canções tinham sido cantadas e se misturaram na cabeça de todos, restando apenas uma sensação de barulho e desregramento. A despeito de qualquer coisa que se fizesse de estranho ou de extravagante, começava a vir à cabeça de todos que não havia ali nada de bom ou divertido. O comissário de polícia, deitado no chão com um aspecto indecoroso aos pés de alguma velha, pôs-se a sacudir as pernas e desatou a gritar:

– Champanhe!... O conde chegou!... Champanhe!... Chegou!... Vamos, champanhe!... Encho uma banheira de champanhe e vou tomar banho dentro dela... Senhores nobres!... Eu adoro a sociedade da nobreza bem-nascida... Stióchka! Cante “A estradinha”.

O cavalariano também estava embriagado, mas de outra forma. Sentado no sofá, no canto, muito perto de uma cigana alta e bonita, Liubacha, e com a sensação de que a bebedeira toldava seus olhos, esfregava-os, balançava a cabeça e, repetindo as mesmas palavras em sussurros, tentava persuadir a cigainha a fugir com ele para algum lugar. Liubacha, sorrindo, escutava suas palavras como se aquilo que ele dizia fosse muito engraçado e ao mesmo tempo um pouco triste, de vez em quando lançava olhares para o marido, o vesgo Sachka, que estava de pé atrás de uma cadeira diante dela, e em resposta à confissão de amor do cavalariano inclinava-se junto de sua orelha e pedia que ele comprasse perfumes e fitas para ela, mas discretamente para que os outros não vissem.

– Hurra! – começou a gritar o cavalariano, quando o conde entrou.

O rapaz bonito, de aspecto preocupado, caminhava tenazmente para um lado e para outro pela sala, em passos firmes, e cantarolava trechos de “A revolta no serralho”.⁷

Seduzido a ouvir os ciganos por força dos pedidos insistentes dos senhores da nobreza, que disseram que sem ele tudo estaria perdido e era melhor nem irem até lá, um velho pai de família jazia estirado num sofá, onde havia tombado assim que chegara, e ninguém lhe dava a menor atenção. Também estava lá um funcionário, sem fraque, com os pés estendidos sobre a mesa, que desgrenhava os cabelos para mostrar que se divertia muito. Assim que o conde entrou, ele desabotoou o colarinho da camisa e sentou-se por inteiro em cima da mesa. Com a chegada do conde, a balbúrdia geral ganhou força.

As ciganas, que se haviam espalhado pela sala, puseram-se de novo num círculo. O conde sentou Stióchka, a cantora, sobre os joelhos e mandou servir mais champanhe.

Com o violão, Iliúchka se pôs diante da cantora e teve início a dança, quer dizer, as canções ciganas: “Quando ando pela rua”, “Ei, hussardos...”, “Escute, preste atenção...” etc., na ordem conhecida. Stióchka cantava esplendidamente. Sua voz de contralto maleável, ressonante, que jorrava do

fundo do peito, os sorrisos que dava ao cantar, os olhos apaixonados, que riam, e os pezinhos que se moviam involuntariamente no ritmo da canção, seu grito selvagem no início do coro – tudo isso fazia vibrar uma corda ressonante, mas que raramente vibrava. Era óbvio que ela inteira vivia apenas na canção que cantava. Iliúchka, com o sorriso, as costas, os pés, com todo o seu ser, exprimia uma empatia com a canção, acompanhava a cigana no violão e, com os olhos cravados nela, como se ouvisse a música pela primeira vez, atento, compenetrado, baixava e erguia a cabeça no ritmo da música. Em seguida, de repente, ele aprumou o corpo ao som da última nota da cantora e, com a sensação de estar acima de todos no mundo, com orgulho e determinação, arremessou com o pé o violão para o alto, apanhou-o e virou-o ao contrário, sapateou no chão, sacudiu os cabelos e, com as sobrancelhas franzidas, virou-se e olhou para o coro. Todo o seu corpo, do pescoço ao calcanhar, em todas as fibras, pôs-se a dançar... E vinte vozes vigorosas, enérgicas, jorraram no ar, todas tentando ecoar umas às outras, com todas as forças e da maneira mais estranha e extraordinária possível. As velhas pulavam sobre as cadeiras, abanando lenços e mostrando os dentes, gritavam de acordo com a harmonia e com o ritmo, cada uma mais alto do que a outra. Os baixos, com a cabeça inclinada para o lado e o pescoço tenso, uivavam de pé atrás das cadeiras.

Quando Stióchka emitia notas agudas, Iliúchka levava o violão para mais perto dela, como se quisesse ajudá-la, e o rapaz bonito gritava entusiasmado que agora viriam os bemóis.

Quando começaram a tocar uma canção dançante, Duniacha passou sacudindo os ombros e o peito, fazendo evoluções diante do conde, e foi em frente; Turbin ergueu-se de um pulo, tirou o uniforme e, só de camisa vermelha, seguiu-a com audácia, no mesmo ritmo e compasso, executando tamanhos artifícios com os pés que os ciganos se entreolharam, sorrindo com aprovação.

O comissário de polícia sentou-se à maneira turca, bateu o punho contra o peito e pôs-se a gritar: “Viva!”, e depois, segurando o conde pela perna, começou a dizer que chegara com dois mil rublos, mas que agora só restavam quinhentos e que ele podia fazer qualquer coisa que quisesse, contanto que o conde permitisse. O velho pai de família acordou e quis ir embora, mas não deixaram. O jovem bonito pediu à cigana que dançasse uma valsa com ele. Desejoso de se gabar de sua amizade com o conde, o cavalariano levantou-se de seu canto e abraçou Turbin.

– Ah, meu caro amigo! – disse Zavalchévski. – Por que nos deixou? Hein? – O conde ficou em silêncio, obviamente pensando em outra coisa. – Para onde foi? Ah, é um malandro, eu já sei aonde foi.

Por algum motivo, Turbin não gostou daquela familiaridade. Sem sorrir, fitou calado o rosto do cavalariano e, de repente, disparou à queima-roupa contra ele um xingamento tão vulgar e terrível que o cavalariano se afligiu e, durante um bom tempo, não soube como entender tal ofensa: se era uma brincadeira ou não. Por fim resolveu que era brincadeira, sorriu, voltou para junto da sua cigana e garantiu que se casaria com ela depois da Páscoa. Cantaram outra canção, e mais uma, dançaram de novo, festejaram, e todos continuaram a se mostrar alegres. O champanhe não acabava. O conde bebia muito. Seus olhos pareciam cobertos de umidade, mas ele não vacilava, dançava melhor ainda, falava com firmeza, chegou a cantar esplendidamente com o coro e fez a segunda voz para Stióchka, quando ela cantou “Doce emoção da amizade”. No meio da dança, o comerciante que era dono da taberna pediu aos fregueses que fossem para casa, porque já eram três horas da madrugada.

O conde agarrou o comerciante pelo colarinho e mandou que dançasse a *prissiádka*.⁸ O comerciante negou-se. O conde pegou uma garrafa de champanhe e, levantando o comerciante pelos pés, de cabeça para baixo, mandou que o segurassem naquela posição e, para a gargalhada geral, derramou lentamente sobre ele todo o conteúdo da garrafa.

Já começava a nascer o dia. Todos estavam pálidos e cansados, exceto o conde.

– Está na hora de partir para Moscou – disse ele, de repente, levantando-se. – Venham todos comigo, pessoal. Acompanhem-me... e vamos beber um chá.

Todos concordaram, menos o senhor de terras adormecido, que ficou ali mesmo. Lotaram três trenós

que estavam parados junto à entrada e foram para o hotel.

VII

– Atrelar os cavalos! – gritou o conde, ao entrar no salão do hotel com todos os convivas e os ciganos. – Sachka! Não o cigano, mas o meu Sachka, diga ao gerente que ele vai levar uma surra se os cavalos forem ruins. E sirva chá para nós! Zavalchévski! Cuide do chá, que eu vou ver como está o Ilin – acrescentou Turbin e, seguindo para o corredor, dirigiu-se ao quarto do ulano.

Ilin havia terminado o jogo pouco antes, perdera todo o seu dinheiro até o último copeque, jazia deitado de bruços num sofá rasgado, forrado de crina, arrancava os fios de crina um a um, punha na boca, mascava e cuspiam. Duas velas de sebo, uma das quais já queimara até o papel, estavam acesas sobre a mesa de jogo, atulhada de cartas, e lutavam debilmente contra a luz da manhã que penetrava pela janela. Na cabeça do ulano, não havia nenhum pensamento: uma espécie de nuvem espessa causada pela paixão de jogo toldava todas as suas capacidades mentais; não havia sequer remorsos. Experimentou pensar uma vez no que iria fazer agora, como partir sem ter nenhum copeque, como devolver os quinze mil rublos do Tesouro que perdera no jogo, o que dizer ao comandante do regimento, o que dizer à sua mãe, o que dizer aos camaradas – e dentro de si apenas encontrava o medo e tamanho nojo de si mesmo que, na ânsia de se alhear de tudo de algum modo, levantou-se e começou a caminhar pelo quarto, esforçando-se para só pisar nas fendas entre as tábuas do soalho e, de novo, pôs-se a lembrar nos mínimos detalhes das circunstâncias do jogo que terminara; imaginou com clareza que iria à forra no jogo e lembrou que tinha tirado o nove, apostado dois mil rublos no rei de espadas, à direita estava uma dama, à esquerda um ás, à direita um rei de ouros – e perdera tudo; mas se à direita tivesse um seis, à esquerda um rei de ouros, recuperaria tudo o que havia perdido, apostaria tudo de novo e ganharia quinze mil líquidos, compraria o cavalo marchador do comandante do regimento e mais uma parilha de cavalos, e também um faetonte. E depois, o que mais? Ah, que maravilha, que glória ia ser!

Deitou-se de novo no sofá e começou a mastigar as crinas.

“Para que estão cantando assim no quarto número sete?”, pensou. “Devem estar fazendo uma farra no quarto do Turbin. É melhor dar um pulo lá e beber um pouco.”

Nesse momento, entrou o conde.

– E então, perdeu tudo, irmão? Hein? – gritou.

“Vou fingir que estou dormindo”, pensou Ilin. “Senão terei de falar com ele, e estou mesmo com vontade de dormir.”

No entanto Turbin se aproximou e afagou sua cabeça.

– E então, amiguinho querido, está dormindo? Perdeu tudo? Fale.

Ilin não respondeu.

O conde segurou-o pelo braço.

– Perdi. O que você tem a ver com isso? – balbuciou Ilin, com voz aborrecida, sonolenta e indiferente, sem mudar de posição.

– Tudo?

– Bem, sim. O que é que tem? Tudo. O que você tem a ver com isso?

– Escute, diga a verdade, como um camarada – disse o conde, propenso à ternura sob o efeito da vodca, enquanto continuava a afagar os cabelos de Ilin. – Sério, gostei de você. Diga a verdade: se perdeu o dinheiro do Tesouro, vou salvar você; do contrário, já será tarde demais... Era o dinheiro do Tesouro?

Ilin levantou-se bruscamente do sofá.

– Já que quer tanto que eu fale, é melhor não falar comigo, porque... e, por favor, não fale comigo... vou meter uma bala na cabeça... é só isso que me resta! – exclamou ele num desespero sincero, batendo com a mão na testa e afogando-se em lágrimas, apesar de, um minuto antes, estar pensando tranquilamente num cavalo marchador.

– Ah, uma mocinha envergonhada! Bem, isso acontece com todo mundo! Não é nada de mais: ainda se pode dar um jeito, talvez. Espere-me aqui.

O conde saiu do quarto.

– Onde está Lúkhnov, o senhor de terras? – perguntou ao porteiro.

O porteiro se ofereceu para conduzir o conde. Apesar da advertência do lacaio, de que o patrão tinha acabado de chegar e queria trocar de roupa, o conde entrou no quarto. Lúkhnov estava sentado, de roupão, diante da mesa, contando alguns maços de notas dispostos à sua frente. Sobre a mesa, havia uma garrafa de vinho do Reno, de que ele gostava muito. Com o lucro, ele se concedera aquele prazer. Severa e friamente, Lúkhnov olhou para o conde através dos óculos, como se não o reconhecesse.

– Parece que o senhor não está me reconhecendo, não é? – disse o conde, aproximando-se da mesa a passos resolutos.

Lúkhnov reconheceu o conde e disse:

– O que senhor deseja?

– Quero jogar com o senhor – disse Turbin, sentando-se no sofá.

– Agora?

– Sim.

– Em outra ocasião, com todo o prazer, conde! Agora estou cansado e vou me preparar para dormir. Aceita um pouco de vinho? É um vinho bom.

– Agora o que eu quero é jogar um pouquinho.

– Hoje não estou mais disposto a jogar. Quem sabe algum dos outros senhores queira. Eu não vou jogar, conde! O senhor me perdoe, por favor.

– Então não vai jogar?

Lúkhnov fez um gesto com os ombros, expressando pena e impossibilidade de atender ao desejo do conde.

– Não vai jogar por nada neste mundo?

De novo o mesmo gesto.

– Estou pedindo ao senhor... E então, vai jogar?

Silêncio.

– O senhor vai jogar? – perguntou o conde mais uma vez. – Veja bem!

O mesmo silêncio e um rápido olhar por cima dos óculos para o rosto do conde, que começava se franzir.

– Vai jogar? – gritou o conde com voz rouca, batendo com o punho cerrado na mesa de tal modo que a garrafa de vinho do Reno tombou e derramou-se. – Afinal, o senhor não jogou limpo. Vai jogar? – perguntou outra vez.

– Já disse que não. Isso é de fato estranho, conde! E é de muito mau gosto pôr a faca no pescoço de um homem – protestou Lúkhnov, sem levantar os olhos.

Seguiu-se um momentâneo silêncio, durante o qual o rosto do conde empalideceu cada vez mais. De súbito, um terrível murro na cabeça apanhou Lúkhnov de surpresa. Ele caiu no sofá, tentando agarrar o dinheiro – e começou a gritar com uma voz estridente e desesperada, que jamais se esperaria de uma figura sempre tranquila e sempre sóbria. Turbin apanhou o dinheiro que restava sobre a mesa, afastou o criado que acudiu às pressas em socorro do patrão, e saiu do quarto a passos ligeiros.

– Se o senhor quiser uma satisfação, estou às suas ordens, ficarei em meu quarto mais meia hora – acrescentou o conde, na porta, virando-se para Lúkhnov.

– Trapaceiro! Ladrão! – ouviu-se de lá. – Vou denunciar na Justiça!

Sem dar a menor atenção à promessa do conde de salvá-lo, Ilin continuava deitado em seu quarto, no sofá, e lágrimas de desespero o oprimiam. A consciência da realidade que o carinho e a simpatia do conde haviam despertado, em meio à estranha confusão de sentimentos, pensamentos e lembranças, enchia sua alma e não a largava. A juventude rica em esperanças, a honra, o respeito da sociedade, os sonhos de amor e as amizades – tudo estava perdido para sempre. A fonte de lágrimas começou a secar, um sentimento de desespero demasiado tranquilo o dominava cada vez mais, e a ideia de suicídio, que já não suscitava repulsa e horror, retinha cada vez mais sua atenção. Naquela altura, ouviram-se os passos firmes do conde.

No rosto de Turbin ainda se viam traços de ira, suas mãos tremiam um pouco, mas nos olhos brilhavam a alegria cordial e também a confiança.

– Pronto! Peguei de volta! – disse, jogando na mesa alguns maços de notas. – Conte, está tudo aí? E vá depressa para a sala, vou embora daqui a pouco – acrescentou, como se não percebesse a tremenda comoção de alegria e de gratidão que se exprimia no rosto do ulano, e saiu do quarto assoviando uma canção cigana.

VIII

Sachka, apertando bem seu cinto, comunicou que os cavalos estavam prontos, mas exigiu que, antes, fossem apanhar o sobretudo do conde, que, com a gola, valia trezentos rublos, e que devolvessem o imundo casaco azul de pele àquele patife que o trocara pelo sobretudo na casa do decano da nobreza; mas Turbin respondeu que não era necessário buscar o sobretudo e foi para seu quarto trocar de roupa.

O cavalariano soluçava sem parar, sentado em silêncio ao lado de sua cigana. O comissário de polícia pediu vodca e convidou todos os senhores a irem agora tomar o café da manhã na sua casa, prometendo que sua esposa mesma iria, sem falta, dançar com as ciganas. Com ar pensativo e profundo, o jovem bonito explicava para Iliúchka que o piano tinha mais alma e que era impossível arrancar bemóis do violão. Com ar triste, o chefe de polícia bebia chá num canto e, pelo visto, à luz do dia, se envergonhava de sua depravação. Os ciganos discutiam entre si, na língua cigana, insistiam que era preciso enaltecer os senhores de novo, a que Stióchka se opunha, dizendo que o *barorai* (em língua cigana, conde ou príncipe, ou, mais precisamente, um grande senhor) ficaria irritado. No geral, a última centelha da orgia já havia queimado até o fim.

– Bem, mais uma canção de despedida e vamos para casa – disse o conde, rejuvenescido, alegre, bonito, mais do que nunca, quando entrou na sala em roupa de viagem.

Os ciganos novamente se dispuseram em círculo e, assim que começaram a cantar, apareceu Ilin com um pacote de notas na mão e chamou o conde para o lado.

– Ao todo, eu tinha quinze mil rublos do Tesouro, e você me deu dezesseis mil e trezentos rublos – disse. – Estes aqui devem ser seus.

– Boa ideia! Dê aqui!

Ilin entregou o dinheiro, olhando tímido para conde, fez menção de encobrir a boca, querendo dizer alguma coisa, mas ficou tão ruborizado que até lágrimas lhe surgiram nos olhos, em seguida segurou a mão do conde e apertou-a.

– Vá embora! Iliúchka!... Escute... Tem aqui um dinheiro para você; é só me acompanhar com canções até os portões. – E jogou em cima do seu violão os mil e trezentos rublos que Ilin tinha trazido. Mas, para o cavalariano, o conde se esqueceu de pagar os cem rublos que recebera emprestados na véspera.

Já eram dez horas da manhã. Um solzinho se erguera acima dos telhados, gente corria pelas ruas, comerciantes tinham aberto os armazéns fazia muito tempo, nobres e funcionários andavam de coche pelas ruas, senhoras circulavam pela galeria de lojas, quando o bando de ciganos, o comissário de polícia, o cavalariano, o jovem bonito, Ilin e o conde de casaco azul de pele de urso saíram para a varanda do hotel. Era um dia de sol e degelo. Três troicas de posta, com os rabos curtos e amarrados, batendo as patas na lama encharcada, aproximaram-se da varanda e todo o bando alegre começou a se acomodar. O conde, Ilin, Stióchka, Iliúchka e o ordenança Sachka sentaram-se no primeiro trenó. Blücher estava eufórico e, sacudindo o rabo, latia para o cavalo do meio da troica. Nos outros trenós, instalaram-se os outros senhores, bem como os ciganos e as ciganas. Os trenós seguiram emparelhados desde o hotel, e os ciganos puseram-se a cantar uma bela canção.

As troicas, com as canções e as sinetas, obrigavam todos os veículos que encontravam no caminho a subir na calçada, e assim percorreram a cidade inteira até os portões.

Muito se admiraram os comerciantes e os passantes, os conhecidos e sobretudo os desconhecidos, vendo nobres fidalgos que, em plena luz do dia, seguiam pelas ruas entre canções, com ciganas e ciganos embriagados.

Quando cruzaram os portões, as troicas se detiveram e todos se despediram do conde.

Ilin, que havia bebido demais na despedida e conduzira os cavalos o tempo todo, de repente se sentiu tristonho, começou a tentar persuadir o conde a ficar mais um dia só; porém, quando se convenceu de que era impossível, com lágrimas, de forma completamente inesperada, pôs-se a beijar seu novo amigo e prometeu que, assim que voltasse, iria pedir uma transferência para os hussardos, para o mesmo regimento em que Turbin servia. O conde estava especialmente alegre, empurrou sobre um monte de neve o cavalariano, que pela manhã já passara a tratá-lo definitivamente por “você”, atçou Blücher contra o comissário de polícia, tomou Stióchka nos braços e quis levá-la consigo para Moscou, e por fim pulou no trenó, instalou a seu lado Blücher, que só queria ficar no meio, Sachka pediu mais uma vez ao cavalariano que tomasse deles a sobrecasaca do conde e a enviasse depois, e também pulou para a boleia. O conde gritou: “Vamos!”, tirou o quepe, brandiu-o acima da cabeça e assoviou para os cavalos, à maneira dos cocheiros de posta. As troicas se separaram.

Ao longe, à frente, via-se uma planície nevada e monótona, na qual se estendia a faixa amarela e lamacenta da estrada. O sol forte, brincando, rebrilhava na transparente casca de geada e neve semiderretida e aquecia o rosto e as costas de forma agradável. Um vapor exalava dos cavalos suados. A sineta tilintava. Um mujiquezinho que puxava um trenó carregado e oscilante, sacudindo as rédeas de cordas, às pressas se pôs para o lado e, em sua corrida, estalava as sandálias de palha na neve descongelada da estrada; uma camponesa gorda, vermelha, com uma criança no peito de seu casaco de pele de ovelha, vinha sentada em outra carroça, tangendo com a ponta das rédeas um pangaré branco e de rabo fino. De repente, o conde lembrou-se de Anna Fiódorovna.

– Vamos voltar! – gritou.

O cocheiro não entendeu logo.

– Volte, para trás! Vá para a cidade! Rápido!

A troica novamente atravessou os portões e seguiu a galope até a calçada de tábuas na frente da casa da senhora Záitseva. O conde subiu depressa a escadinha da porta, atravessou o vestíbulo, a sala e, encontrando a viúva ainda adormecida, tomou-a nos braços, ergueu-a do leito, beijou os olhos sonolentos e rapidamente foi embora outra vez. Anna Fiódorovna, ainda meio adormecida, apenas lambeu os lábios e perguntou: “O que aconteceu?”. O conde pulou no trenó, gritou para o cocheiro e, agora sem mais se deter, sem lembrar-se de Lúkhnov nem da viúva nem de Stióchka, e apenas pensando que o esperavam em Moscou, partiu para sempre da cidade de K.

Passaram-se vinte anos. Muita água correu desde então, muita gente morreu, muita gente nasceu, muita gente cresceu e envelheceu, e ainda mais pensamentos nasceram e morreram; muitas coisas belas, ruins e velhas pereceram, muitas coisas belas e jovens cresceram e ainda mais coisas imaturas, monstruosas e jovens surgiram neste mundo de Deus.

Fazia muito tempo que o conde Fiódor Turbin fora morto num duelo contra um estrangeiro que ele havia cortado com um golpe de açoite em plena rua; o filho se parecia com ele como duas gotas de água, já era um lindo jovem de vinte e três anos e servia na guarda da cavalaria. No aspecto moral, o jovem conde Turbin era totalmente distinto do pai. Não havia nele nem uma sombra daquelas inclinações turbulentas, passionais e, para dizer a verdade, lascivas da era passada. Junto com a inteligência, a educação e o talento natural herdado, o amor pelo decoro e pelos confortos da vida, a visão prática das pessoas e das circunstâncias, a discrição e a prudência eram seus atributos característicos. No serviço militar, o jovem conde estava se saindo esplendidamente: aos vinte e três anos já era tenente... No início das ações de guerra, ele resolveu que era mais vantajoso para a promoção transferir-se para o Exército ativo e ingressou como capitão no regimento de hussardos, no qual logo recebeu um esquadrão para comandar.

No mês de maio de 1848, o regimento de hussardos de S. passou em campanha pela província de K. e aquele mesmo esquadrão que o jovem conde Turbin comandava teve de pernoitar em Morózovka, aldeia nas terras de Anna Fiódorovna. Anna Fiódorovna estava viva, mas já tão pouco jovem que ela mesma não se considerava mais jovem, o que para uma mulher quer dizer muito. Tinha engordado bastante, o que, dizem, rejuvenesce a mulher; porém, mesmo naquela obesidade branca, percebiam-se rugas grandes e moles. Ela já não ia mais à cidade, tinha até dificuldade para subir na carruagem, porém continuava tão bem-humorada e tão tolinha como antes – agora, quando já não subornava as pessoas com sua beleza, era possível dizer a verdade. Junto com ela, viviam a filha, Liza, uma beldade russa rural de vinte e três anos, e o irmão, nosso conhecido cavalarião, que, com seu espírito bonachão, havia dissipado todas as suas propriedades e encontrara na casa de Anna Fiódorovna o abrigo de sua velhice. Tinha os cabelos totalmente grisalhos; o lábio superior estava caído, mas acima dele o bigode era meticulosamente enegrecido. As rugas cobriam não só a testa e as faces, como até o nariz e o pescoço, e as costas estavam curvadas; no entanto, nas pernas fracas e tortas viam-se as maneiras do velho cavalarião.

Na sala pequena da velha casinha, com a porta e as janelas da sacada abertas para o velho jardim de tílias em forma de estrela, estavam todos os familiares e os criados domésticos de Anna Fiódorovna. De cabeça grisalha, casaquinho violeta, no sofá diante da mesa redonda feita de mogno, Anna Fiódorovna jogava cartas. O velho irmão, instalado junto à janela, de calça branca bem limpa e casaca azul, trançava um cadarço de algodão branco numa forquilha de madeira – atividade que aprendera com a sobrinha e de que gostava muito, ainda mais porque já não podia fazer outra coisa e os olhos estavam fracos para ler o jornal, sua ocupação predileta. A seu lado, Pímotchka, uma criança que Anna Fiódorovna pegara para criar, fazia a lição sob a orientação de Liza, que ao mesmo tempo tricotava com agulhas de madeira meias compridas de lã de cabra para o tio. Os últimos raios do sol poente, como sempre ocorria naquela época do ano, lançavam faixas de luz oblíquas e entrecortadas através da alameda de tílias na última janela e na estante de livros que ficava a seu lado. No jardim e na sala, era tamanho o silêncio que dava para ouvir o rápido adejar das asas de uma andorinha, ou, dentro da sala, a respiração de Anna Fiódorovna, ou um gemido do velho quando cruzava as pernas.

– Como se faz isto aqui? Lízanka, mostre-me. Sempre esqueço tudo – disse Anna Fiódorovna, interrompendo o jogo de paciência.

Sem parar seu trabalho, Liza se aproximou da mãe e lançou um olhar para as cartas.

– Ah, a senhora fez confusão, mãezinha querida! – disse, arrumando as cartas. – Olhe, tinha de ser deste jeito. Mesmo assim, aquilo que a senhora planejou vai se realizar – acrescentou, retirando, sem ser notada, uma carta da mesa.

– Ora, você está sempre me enganando: diz sempre que deu certo.

– Não, é sério, tem jeito. Vai dar certo, sim.

– Está bem, está bem, sua trapaceirazinha! Mas não está na hora do chá?

– Já mandei aquecer o samovar. Irei ver agora mesmo. Quer que traga para a senhora aqui?...

Pímotchka, termine logo e vamos dar um passeio.

E Liza saiu pela porta.

– Lízotchka! Lízotchka! – exclamou o tio, olhando fixamente para sua forquilha. – Parece que perdi o laço outra vez. Levante para mim, meu anjo!

– Já vou, já vou! Assim que eu mandar esfarelar o açúcar.

E, de fato, três minutos depois ela veio correndo para a sala, aproximou-se do tio e puxou sua orelha.

– Tome aqui, para que o senhor não deixe mais o laço escapar – disse ela, rindo. – O senhor não fez sua lição.

– Ora, chega, chega; corrija para mim, na certa havia algum nó.

Liza pegou a forquilha de madeira, soltou um prendedor de seu lenço de cabeça, que com isso se abriu um pouco, empurrado pelo vento que veio da janela, tentou apanhar a ponta do laço com o prendedor, puxou duas vezes e devolveu a forquilha para o tio.

– Pronto, agora me dê um beijo por isso – disse ela, oferecendo-lhe a face rosada e prendendo o lenço de novo. – O senhor hoje quer o chá com rum? Afinal, é sexta-feira.

E novamente saiu para cuidar do chá.

– Titio, venha ver; os hussardos estão vindo para cá! – ouviu-se uma vozinha sonora lá dentro.

Anna Fiódorovna e o irmão foram à sala de chá, cujas janelas davam para a aldeia, a fim de ver os hussardos. Da janela, via-se muito pouco, através da poeira apenas se percebia uma multidão em movimento.

– Que pena, irmãzinha – comentou o tio para Anna Fiódorovna. – Que pena que tenhamos tão pouco espaço e que a nova ala ainda não esteja pronta, senão poderíamos convidar os oficiais para ficar aqui. Afinal os oficiais hussardos são sempre jovens tão alegres, exuberantes; eu bem que gostaria de vê-los.

– Ora, a mim também daria grande alegria; mas o senhor bem sabe, meu irmão, que não temos espaço: o meu quarto, o cômodo de Liza, a sala que é o seu quarto, e isso é tudo. Onde alojá-los, reflita o senhor mesmo. Mikhail Matviéiev limpou a isbá do estaroste para eles; diz que está bem limpa.

– E poderíamos procurar entre eles um noivo para você, Lízotchka, um hussardo magnífico! – disse o tio.

– Não, não quero um hussardo; quero um ulano, pois o senhor serviu com os ulanos, não foi, tio? Esses eu não quero. Dizem que são terríveis.

E Liza ruborizou-se um pouco, mas riu de novo, com seu riso harmonioso.

– Olhem, lá vem a Ustiúchka correndo; temos de lhe perguntar o que viu – disse ela.

Anna Fiódorovna mandou chamar Ustiúchka.

– Você não sabe mesmo ficar cuidando do seu trabalho, não é? Que necessidade tinha de correr para ver os hussardos? – disse Anna Fiódorovna. – Bem, e então, onde se instalaram os oficiais?

– Na casa dos Eriómkin, patroa. São dois, e tão bonitos! Um é conde, pelo que disseram.

– E qual é o sobrenome?

– Ou é Nazárov ou é Turbípov; não lembro, desculpe.

- Que tola, não é capaz de nos contar nada. Pelo menos devia saber o sobrenome.
- Eu vou lá correndo saber.
- Pois sim, eu sei que você é mestre nessas coisas... Não, deixe que o Danilo vai ver; diga para ele ir até lá e perguntar se os oficiais precisam de alguma coisa; é preciso mostrar cortesia, e diga que foi a senhora da casa que mandou perguntar.

Os velhos sentaram-se de novo na sala de chá, enquanto Liza foi para o aposento das criadas colocar o açúcar esfarelado dentro de uma gaveta. Lá, Ustiúchka falou sobre os hussardos.

– Patroazinha, querida, como aquele conde é bonito – disse ela. – Um verdadeiro querubim de sobranceiras pretas. Que noivinho seria para a senhora, que parzinho os dois iam fazer.

As outras criadas sorriram com aprovação; a velha babá, sentada junto à janela, de meia comprida, suspirou e até recitou uma prece, respirando fundo.

– Então você gostou muito dos hussardos – disse Liza. – E você sabe contar muito bem. Por favor, Ustiúchka, traga um refresco de fruta, uma coisinha ácida para os hussardos beberem.

E Liza, rindo, saiu dali levando o açúcar.

“Eu bem que gostaria de ver como é esse hussardo”, pensou ela. “Moreno ou louro? E acho mesmo que ele ficaria contente de nos conhecer. Ele vai embora e não vai saber o que eu pensei sobre ele. E quantos como ele já passaram por mim. Ninguém me vê, a não ser titio e Ustiúchka. Não importa como eu me penteio, que mangas eu visto, ninguém me admira”, pensava ela, suspirando e olhando para o braço branco e carnudo. “Ele deve ser alto, de olhos grandes, sem dúvida, de bigodinho preto. Não, já se passaram vinte e três anos e ninguém se apaixonou por mim, exceto o bexiguento Ivan Ipátitch; e quatro anos atrás eu era ainda mais bonita; e assim passou minha mocidade, sem dar alegria a ninguém. Ah, sou uma infeliz, uma infeliz mocinha da roça.”

A voz da mãe, que a chamava para servir o chá, despertou a mocinha da roça daquele momentâneo devaneio. Liza balançou a cabecinha e foi para a sala de chá.

As melhores coisas sempre ocorrem sem querer: quanto mais nos esforçamos, pior o resultado. Nas aldeias, raramente se esforçam em dar educação, por isso, sem querer, oferecem em geral uma educação excelente. Foi o que aconteceu especialmente com Liza. Anna Fiódorovna, por limitação de inteligência e descuido de temperamento, não deu a Liza nenhuma educação: não lhe ensinou música nem a tão útil língua francesa, mas tendo, sem querer, concebido com seu falecido marido uma criança saudável e bonita – uma filhinha –, deu-a para uma ama de leite, que a amamentou; então vestiu-a com roupinhas de chita, calçou-a com tamanquinhos de pele de cabra, mandava-a passear, colher cogumelos e cerejas, e também contratou um seminarista que a ensinou a ler e a fazer contas – e assim, sem querer, durante dezesseis anos, teve em Liza uma amiga e uma dona de casa diligente, sempre alegre e bondosa. Na casa de Anna Fiódorovna, por bondade sua, havia sempre crianças para criar, que provinham ou dos servos ou tinham sido crianças abandonadas. Desde os dez anos, Liza se ocupava com elas: ensinava, vestia, levava à igreja e as reprimia, quando já haviam feito muitas travessuras. Depois apareceu o tio decrépito, bondoso, que precisava de cuidados, como se fosse um menino. Além disso, havia os criados e os mujiques, que se dirigiam à jovem senhora com apelos e enfermidades, e ela os tratava com essências de sabugueiro, hortelã e cânfora. Havia também os afazeres domésticos, que sem querer passaram todos para suas mãos. Havia também a necessidade insatisfeita do amor, que se exprimia apenas na natureza e na religião. E, sem querer, Liza se tornou uma mulher ativa, alegre, bondosa, independente, pura e profundamente religiosa. Na verdade, havia pequenos sofrimentos de vaidade, quando via a seu lado, na igreja, as vizinhas com chapéus da moda, comprados em K.; havia irritações e até lágrimas por causa dos caprichos da mãe velha e rabugenta; havia também sonhos de amor, nas formas mais absurdas e, às vezes, brutas – mas a atividade útil, que se tornara uma necessidade para ela, dispersava tudo o mais e, aos vinte e três anos, nenhuma mancha, nenhum remorso caíra na alma fresca e serena da mocinha que crescera repleta de beleza física e moral. Liza era de estatura mediana, antes carnuda do que magra; tinha

olhos castanhos, pequenos, com uma ligeira sombra na pálpebra inferior; uma trança bonita e comprida. Seu passo era largo e desajeitado – de pato, como se diz. Quando estava ocupada com afazeres e nada em especial a perturbava, a expressão de seu rosto parecia dizer a todos que olhassem para ela: é bom e alegre viver neste mundo, quando se tem alguém para amar e uma consciência pura. Mesmo nos momentos de irritação, inquietude, angústia ou tristeza, brilhava através de uma lágrima, da sobrancelha esquerda contraída, dos beicinhos comprimidos, brilhava, como que contra sua vontade, nas covinhas das faces, nos cantos dos lábios e nos olhinhos reluzentes, habituados a sorrir e alegrar-se com a vida – brilhava assim um coração bondoso, franco, que a razão não havia estragado.

X

O ar ainda estava quente, embora o sol já estivesse se pondo, quando o esquadrão entrou em Morózovka. À frente deles, na poeirenta rua da aldeia, uma vaca malhada, extraviada do rebanho, corria a trote, olhava para trás e de vez em quando se detinha com um mugido, sem entender de forma alguma que bastaria apenas se afastar para o lado. Velhos camponeses, mulheres, crianças e criados domésticos olhavam para os hussardos com avidez, aglomerando-se de ambos os lados da rua. Na densa nuvem de poeira, em cavalos muito negros e de bridão puxado, que estalavam os cascos no chão e resfolegavam de vez em quando, avançavam os hussardos. Do lado direito do esquadrão, montados muito à vontade em cavalos murzelos, iam dois oficiais. Um era o comandante, o conde Turbin, o outro, muito jovem, promovido pouco antes dos *junkers*, era Polozov.

Da melhor isbá saiu um hussardo de jaqueta branca, tirou o quepe e se aproximou dos oficiais.

– Onde ficam nossos aposentos? – perguntou o conde.

– Para Vossa Excelência? – indagou o sargento, o corpo inteiro tremendo. – Aqui, na casa do estaroste, a isbá foi limpa. Exigi um lugar na casa senhorial, mas disseram: não tem lugar. A proprietária é uma mulher brava.

– Certo, tudo bem – disse o conde, desmontando e esticando as pernas junto à isbá do estaroste. – E então, meu coche já chegou?

– Tenho a honra de dizer que chegou, Vossa Excelência! – respondeu o sargento, apontando com o quepe para a carroceria de couro de um coche que se via através do portão, e lançou-se para a frente, rumo à entrada da isbá, ocupada por uma família de camponeses que se haviam reunido para ver os oficiais. Ele chegou a esbarrar com o pé numa velhinha, ao abrir a porta meio de lado para a isbá que tinha sido limpa e recuando para o conde poder passar.

A isbá era bem grande e espaçosa, mas não muito limpa. O criado alemão, vestido como um nobre, estava dentro da isbá e, tendo instalado ali um leito de ferro e tendo feito a cama, escolhia roupas brancas dentro de uma mala.

– Puxa, que quarto abominável! – disse o conde, aborrecido. – Diádienko! Não seria possível encontrar algo melhor, na casa da senhora de terras ou em algum lugar?

– Se Vossa Excelência ordenar, posso expulsar alguém da casa senhorial – respondeu Diádienko. – Mas a casinha deles não é de encher os olhos, não parece muito melhor do que uma isbá.

– Agora já não é preciso. Pode ir.

E o conde deitou-se na cama, com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

– Johann! – gritou para o criado alemão. – Você deixou um calombo no meio das cobertas outra vez! Será que não aprende a fazer a cama direito?

Johann quis ajeitar a cama.

– Não, agora já não precisa... E o roupão, onde está? – prosseguiu com voz descontente.

O criado trouxe o roupão. Antes de vesti-lo, o conde olhou para a aba.

– Aí está: você não tirou a mancha. Será que existe no mundo um criado pior do que você? – acrescentou, tomando o roupão das mãos dele e vestindo-o. – Até parece que faz de propósito... E o chá, está pronto?

– Não tive tempo – respondeu Johann.

– Idiota!

Depois disso, o conde pegou um romance francês que já estava pronto para ele e ficou lendo em silêncio por muito tempo; Johann foi para o vestíbulo soprar as brasas para aquecer o samovar. Era evidente que o conde estava de mau humor – talvez sob o efeito do cansaço, do rosto empoeirado, da roupa apertada e do estômago faminto.

– Johann! – gritou de novo. – Venha prestar contas dos dez rublos. O que você comprou na cidade?

O conde examinou a conta que lhe foi entregue e fez comentários mal-humorados sobre o preço elevado das compras.

– Traga chá com rum.

– Não comprei rum – disse Johann.

– Ótimo! Quantas vezes já falei para você trazer rum?

– O dinheiro não deu.

– E por que o Polozov não comprou? Você podia ter pegado com o criado dele.

– O alferes Polozov? Não sei. Ele comprou o chá e o açúcar.

– Animal!... Vá embora!... Só você consegue acabar com a minha paciência... Sabe que, em campanha, eu sempre bebo chá com rum.

– Aqui estão duas cartas para o senhor, do quartel-general – disse o criado.

Deitado, o conde retirou o lacre de uma carta e pôs-se a ler. O alferes entrou com cara alegre, depois de acomodar o esquadrão.

– E então, Turbin? Aqui parece um bom lugar. Estou cansado, confesso. Fez calor.

– Muito bom! Uma isbá fedorenta e imunda e, por gentileza sua, não tem rum: o seu cretino não comprou, e esse outro também não. Você bem que poderia ter dito.

E continuou a ler. Quando terminou a carta, amassou-a e jogou no chão.

– Por que não comprou rum? – perguntou naquela altura o alferes, em voz baixa, para seu ordenança, na entrada. – Por acaso não tinha dinheiro?

– Tinha, mas para que ficar comprando a toda hora? Sou eu que cuido de toda a despesa; enquanto o alemão dele só faz fumar o cachimbo e mais nada.

A segunda carta, pelo visto, não era desagradável, pois o conde leu sorrindo.

– De quem é? – perguntou Polozov, que voltara para o quarto e arrumava para si uma cama sobre tábuas, ao lado da estufa.

– De Mina – respondeu o conde com alegria, entregando-lhe a carta. – Quer ler? Que mulher encantadora!... Pois é, na verdade, bem melhor do que as nossas senhoritas da nobreza... Veja quanto sentimento e inteligência nessa carta!... A única coisa ruim... é que pede dinheiro.

– Sim, isso é ruim – comentou o alferes.

– Na verdade, prometi a ela; mas aqui estou em campanha e... de resto, se eu comandar o esquadrão mais três meses, mandarei o dinheiro para ela. Sério, não me queixo! Que encanto!... Hein? – disse, sorrindo, enquanto acompanhava com o olhar a expressão no rosto de Polozov, que lia a carta.

– Uma tremenda analfabeta, mas é meiga, e parece que gosta bastante de você – respondeu o alferes.

– Hmm! E como! Essas mulheres, quando amam, amam com sinceridade.

– E a outra carta, é de quem? – perguntou o alferes, devolvendo a que tinha lido.

– Pois é... Há um certo senhor, muito vulgar, a quem devo uma quantia por causa de um jogo de

cartas e já é a terceira vez que ele me lembra disso... Não posso pagar agora... Carta idiota! – respondeu o conde, visivelmente aborrecido com aquela lembrança.

Os dois oficiais ficaram em silêncio por muito tempo depois dessa conversa. O alferes, que se encontrava visivelmente sob a influência do conde, bebia chá em silêncio e de vez em quando olhava para o belo semblante ensombrecido de Turbin, que mirava fixamente pela janela e hesitava em recomeçar a conversa.

– Bem, afinal talvez dê certo – disse o conde, de repente, virando-se para Polozov e sacudindo a cabeça com alegria –, se houver promoções nas linhas de frente este ano e se entrarmos em combate, quem sabe eu possa até ultrapassar meus capitães da guarda.

A conversa prosseguiu nesse tema e já estavam no segundo copo de chá, quando o velho Danilo entrou e trouxe o recado de Anna Fiódorovna.

– Também me mandou perguntar se o senhor não é filho do conde Fiódor Ivánitch Turbin – acrescentou Danilo por sua própria conta, pois reconheceu o nome do oficial e ainda se lembrava da passagem do falecido conde por K. – Nossa patroa, Anna Fiódorovna, foi muito amiga dele.

– Foi meu pai; diga à sua senhora que estou muito agradecido, não preciso de nada, mas talvez pudesse perguntar se não haveria em algum lugar um alojamento mais limpo, em sua casa ou em algum outro lugar.

– Puxa, para que fez isso? – disse Polozov, quando Danilo se retirou. – Não dá tudo na mesma? Tanto faz passar uma noite aqui; e ela vai ficar constrangida.

– Ora essa! Parece-me que já estamos fartos de isbás que não têm sequer chaminé!... Logo se percebe que você não é um homem prático... Por que não aproveitar, se pelo menos por uma noite pudermos dormir feito gente? E ela, ao contrário, vai ficar tremendamente satisfeita. Só uma coisa me incomoda: se essa tal senhora conheceu de fato meu pai – continuou o conde, abrindo um sorriso com os dentes brancos e brilhantes –, vou passar alguma vergonha por causa do falecido papai: há sempre a história de algum escândalo ou de alguma dívida. Por isso eu não suporto encontrar esses conhecidos do papai. De resto, isso tudo já faz tanto tempo – acrescentou, já sério.

– E eu não lhe contei uma coisa – disse Polozov. – Encontrei o Ilin, o comandante de uma brigada de ulanos. Ele queria muito ver você, tem uma afeição enorme pelo seu pai.

– Parece-me um tremendo inútil, esse Ilin. O importante é que todos esses senhores que garantem ter conhecido meu pai, a fim de ganhar minha confiança, pensam contar histórias encantadoras sobre ele, mas relatam tamanhas bobagens que tenho até vergonha de escutar. Na verdade, eu não me deixo seduzir e encaro as coisas com imparcialidade... ele era um homem exaltado demais, às vezes fazia coisas nada recomendáveis. De resto, tudo é uma questão de época. Em nosso tempo, talvez, ele seria uma pessoa muito útil, porque tinha imensas capacidades, é preciso fazer justiça.

Quatro horas depois, o criado voltou e apresentou o pedido da proprietária para que fizesse a gentileza de pernoitar em sua casa.

Ao saber que o oficial hussardo era filho do conde Fiódor Turbin, Anna Fiódorovna ficou alvoroçada.

– Ah, meus caros! É ele, o meu querido!... Danilo! Vá depressa e diga que eu os convido para ficar aqui – exclamou, deu um pulo e seguiu a passos ligeiros para o aposento das criadas. – Lízanka! Ustiúchka! É preciso preparar seu quarto, Liza. Você vai se mudar para o quarto do titio; e o senhor, irmão... irmão! O senhor dorme na sala mesmo. Uma noite só não tem importância.

– Tudo bem, irmãzinha! Eu deito no chão.

– Deve ser bonito, se for parecido com o pai. Gostaria muito de poder vê-lo, meu anjinho... Você mesma vai ver, Liza! O pai era uma beleza... Para onde vai levar a mesa? Deixe aí mesmo – agitava-se Anna Fiódorovna. – E traga duas camas... traga uma para o subalterno; e coloque o castiçal de cristal na estante, aquele que meu irmão me deu de aniversário, e acenda a vela de estearina.

Por fim, tudo ficou pronto. Apesar da interferência da mãe, Liza arrumou à sua maneira seu quarto para os dois oficiais. Preparou as camas com lençóis limpos, perfumados de resedá; mandou pôr uma jarra de água e velas na mesinha de cabeceira; fumigou o aposento com um papel perfumado e ela mesma levou sua caminha para o quarto do tio. Anna Fiódorovna acalmou-se um pouco, instalou-se de novo em seu lugar, chegou a pegar o baralho, mas não baixou as cartas na mesa, curvou-se apoiada nos cotovelos gorduchos e pôs-se a pensar. “Ah, tempo, tempo, como o tempo voa!”, repetiu consigo, num sussurro. “Parece que foi ontem. É como se eu o estivesse vendo agora. Ah, era um patife!” E lágrimas surgiram em seus olhos. “Agora, a Lízanka... Mas ela não é nada do que eu era naquela época... é uma boa moça, mas não, não é a mesma coisa...”

– Lízanka, você devia pôr seu vestido de musselina e linho à noite.

– Mas a senhora vai convidá-los para ficar, mãe? É melhor não – respondeu Liza, experimentando uma emoção irreprimível ante o pensamento de que ia ver os oficiais. – É melhor não, mamãe!

Na verdade, sua vontade de vê-los era menor do que seu temor de uma espécie de felicidade arrebatadora, que, assim lhe parecia, estava à sua espera.

– Talvez eles mesmos queiram nos conhecer, Lízotchka! – disse Anna Fiódorovna, afagando seus cabelos e ao mesmo tempo pensando: “Não, não eram assim meus cabelos no tempo em que eu tinha a idade dela... Não, Lízotchka, como eu gostaria que você...”. E ela, de fato, desejava muitas coisas para a filha; mas não chegava ao ponto de supor um casamento com o conde; as relações que tivera com o pai dele, isso ela não podia desejar; porém desejava muito, muito mesmo, para a filha, só não sabia o quê. Talvez desejasse viver novamente, na alma da filha, a experiência que tivera com o falecido.

O velho cavalariano também estava um pouco emocionado com a chegada do conde. Foi para seu quarto e trancou-se lá. Quinze minutos depois, apareceu vestido de casaco húngaro e calça de montaria azul, com uma expressão confusa e satisfeita no rosto, a mesma expressão de uma jovem que pela primeira vez usa um vestido de baile, e foi para o quarto reservado para os hóspedes.

– Vou ver os hussardos de hoje em dia, irmãzinha! O falecido conde era um hussardo de verdade. Vou ver, vou ver...

Os oficiais já haviam chegado pela varanda dos fundos, para o quarto reservado para eles.

– Pronto, está vendo só? – disse o conde quando se deitou, com as botas empoeiradas, na cama arrumada. – Vai dizer que não é melhor do que na isbá, com as baratas?

– Melhor, muito melhor, mas a gente vai ficar em dívida com os proprietários...

– Que absurdo! É preciso ter espírito prático em tudo. Eles estão tremendamente satisfeitos... Criado! – gritou. – Peça alguma coisa para cobrir essa janelinha, senão vai ficar ventando de noite.

Naquele momento, entrou o velho para conhecer os oficiais. Embora um pouco ruborizado, ele naturalmente não deixou de dizer que foi camarada do falecido conde, que desfrutara as suas atenções e disse até que mais de uma vez recebera grandes favores do falecido. Se por favores do falecido ele entendia os cem rublos emprestados que o conde não lhe pagara, ou o fato de o conde tê-lo empurrado em cima de um monte de neve e tê-lo xingado asperamente – isso o velho não explicou. O conde se mostrou absolutamente cortês com o velho cavalariano e agradeceu a hospedagem.

– Queira perdoar a falta de luxo, conde (quase disse “Vossa Excelência”, de tão desacostumado no trato com pessoas importantes), a casinha da irmã é pequena. Vamos pendurar uma cortina na janela e vai ficar melhor – acrescentou o velho e, sob o pretexto de arranjar uma cortina, mas na verdade a fim de ir logo contar a respeito dos oficiais, saiu do quarto, arrastando os pés.

A graciosa Ustiúchka veio pendurar na janela o xale da patroa, para fazer as vezes de cortina. Além

disso, a patroa pediu que perguntasse se os senhores não gostariam de tomar chá.

As boas acomodações, pelo visto, produziram um efeito favorável no estado de ânimo do conde; sorrindo alegre, ele brincou com Ustiúchka, de tal modo que ela até o chamou de patife, e perguntou a ela se a patroa era bonita e, à sua pergunta sobre o chá, o conde respondeu que podia trazer o chá, sem dúvida, mas que o mais importante era saber se o jantar deles já estava pronto, se não era possível tomar uma vodca, beliscar alguma coisa e tomar um vinho xerez, se houvesse.

O tio estava entusiasmado com a cortesia do jovem conde e enalteceu até os céus a jovem geração de oficiais, dizendo que as pessoas de então eram incomparavelmente superiores às do passado.

Anna Fiódorovna discordou – não existia ninguém melhor do que o conde Fiódor Ivánitch – e por fim, já com ar sério, zangou-se, retrucou em tom seco que “para o senhor, irmão, aquele que o cumulou de atenções por último é sempre o melhor. Certamente todos sabem que hoje em dia as pessoas se tornaram mais inteligentes, mesmo assim o conde Fiódor Ivánitch dançava a escocesa de tal modo e era tão amável que, pode-se dizer, todos ficavam loucos por ele; só que ele deu atenção apenas a mim e mais ninguém. Portanto, no passado também havia pessoas boas.”

Nessa altura, chegou a notícia sobre o pedido de vodca, petiscos e vinho xerez.

– Ora, só o senhor mesmo, irmão! Sempre faz as coisas erradas. Era preciso preparar um jantar – exclamou Anna Fiódorovna. – Liza! Tome providências, minha querida!

Liza correu para a despensa atrás de cogumelos e manteiga fresca, mandou a cozinheira fazer costeletas.

– O senhor ainda tem um pouco de vinho xerez, irmão?

– Não, irmã! Não tenho.

– Como não? O senhor bebe chá com o quê?

– Com rum, Anna Fiódorovna.

– E não é a mesma coisa? Sirva isso, dá na mesma... rum. Não era melhor pedir que viessem para cá, irmão? O senhor sabe de tudo. Não iam ficar ofendidos, não é?

O cavalariano declarou ter certeza de que o conde, em sua bondade, não iria recusar e que ele iria trazê-los sem falta. Anna Fiódorovna foi pôr um vestido de noite e uma touca nova; já Liza estava tão ocupada que não teve tempo de trocar o vestido rosa de algodão grosso e de mangas largas que estava usando. De resto, sentia-se terrivelmente agitada: tinha a impressão de que algo espantoso a aguardava, como se uma nuvem negra e baixa pairasse sobre sua alma. Aquele hussardo, conde, garboso, parecia algo inteiramente novo para ela, uma criatura incompreensível, mas bela. Seu temperamento, seus hábitos, sua fala – tudo devia ser fora do comum, como ela nunca vira antes. Tudo que ele pensava e dizia devia ser inteligente e verdadeiro; tudo que ele fazia devia ser honesto; toda a sua aparência devia ser bela. Liza não duvidava disso. Caso ele não só exigisse petiscos e vinho xerez, mas também um banho aromático com sálvia, ela não ficaria surpresa, não o criticaria e tinha a firme convicção de que aquilo era apenas o devido e o necessário.

O conde prontamente concordou, quando o cavalariano exprimiu o desejo da irmãzinha, penteou o cabelo, vestiu o sobretudo e pegou a charuteira.

– Vamos lá – disse para Polozov.

– Sério, é melhor não ir – retrucou o alferes. – *Ils feront des frais pour nous recevoir.*⁹

– Bobagem! Vão ficar muito contentes. E eu descobri uma coisa: há uma filha bonita... Vamos lá – disse o conde em francês.

– *Je vous en prie, Messieurs*¹⁰ – disse o cavalariano só para dar a entender que ele também sabia falar francês e compreendia o que os oficiais estavam dizendo.

Liza ruborizou-se e baixou os olhos, como se estivesse ocupada enchendo a chaleira, com temor de olhar para o oficial, quando eles entraram na sala. Anna Fiódorovna, ao contrário, ergueu-se afoita, fez uma reverência e, sem despregar os olhos do rosto do conde, pôs-se a falar com ele, ora encontrando uma extraordinária semelhança com o pai, ora elogiando a filha, ora oferecendo chá, geleia ou *pastilás*¹¹ da roça. Com sua aparência simples, ninguém prestava a menor atenção no alferes, o que o deixava muito contente, pois, na medida em que a decência permitia, observava e analisava minuciosamente Liza, que pelo visto o impressionara de forma inesperada. O tio, enquanto escutava a conversa entre a irmã e o conde, com um discurso pronto já na ponta da língua, esperava apenas uma oportunidade para contar suas lembranças de cavalarião. Após o chá, e depois de fumar seu charuto forte, que obrigava Liza a se esforçar para conter a tosse, o conde se mostrou muito falante e afável, de início interpunha seus relatos nas pausas intermitentes da fala de Anna Fiódorovna, mas no fim tomou conta da conversa sozinho. Apenas uma coisa pareceu um pouco estranha a seus ouvintes: o conde, em seus relatos, muitas vezes dizia palavras que, mesmo não sendo vistas como censuráveis em seu meio, ali eram um tanto atrevidas, o que deixou Anna Fiódorovna um pouco assustada, e Liza se ruborizava até as orelhas; mas o conde não percebeu nada disso e continuou a se mostrar igualmente simples, sereno e amável. Liza servia os copos em silêncio, mas não os entregava nas mãos dos convidados, colocava-os perto deles e, ainda sem ter se recuperado de sua agitação, escutava com avidez as palavras do conde. Suas histórias despreziosas e suas hesitações na fala pouco a pouco acalmaram Liza. Não ouvia do conde as ideias muito inteligentes que ela havia previsto, nem via a elegância absoluta que vagamente esperava encontrar nele. Já no terceiro copo de chá, depois que os olhos tímidos de Liza cruzaram uma vez com os do conde e ele não baixou os olhos, ao contrário, continuou a fitá-la de maneira muito tranquila, quase sorrindo, Liza sentiu-se até um pouco hostil em relação a ele e logo achou que não só não havia nada de especial no conde, como ele não se distinguia de forma alguma de todos que ela vira e que não valia a pena ter medo dele – apenas tinha unhas limpas e compridas, mas nem sequer possuía uma beleza especial. De súbito, não sem alguma angústia interior, Liza abandonou seu sonho, acalmou-se e só a perturbava o olhar do alferes calado, que Liza sentia fixo sobre ela. “Quem sabe não é ele, mas sim ele!”, pensou Liza.

XIII

Depois do chá, a velhinha convidou os hóspedes para um outro cômodo e novamente sentou-se em seu lugar.

– Não gostaria de repousar, conde? – perguntou. – Então como poderei distraí-los, caros hóspedes? – prosseguiu, depois de receber uma resposta negativa. – O senhor joga cartas, conde? Vamos, irmão, o senhor podia organizar uma partida de algum jogo...

– Sim, mas a senhora mesma joga *préférence* – respondeu o cavalarião. – Vamos jogar juntos, então. Não quer, conde? E o senhor?

Os oficiais concordaram e se disseram dispostos a fazer tudo o que fosse agradável para os amáveis anfitriões.

Liza trouxe do seu quarto suas velhas cartas, as quais ela usava para adivinhar se o resfriado de Anna Fiódorovna ia passar logo, se o tio ia voltar da cidade no mesmo dia, quando viajava, se o vizinho viria visitá-los etc. As cartas, embora fossem usadas já havia mais ou menos dois meses, estavam mais limpas do que as que Anna Fiódorovna usava para ler a sorte.

– Mas talvez os senhores não queiram jogar apostando pouco, não é? – perguntou o tio. – Eu e Anna Fiódorovna jogamos por meio copeque... E ela ganha sempre de todos nós.

– Ah, qualquer coisa que os senhores ordenarem me deixará muito contente – respondeu o conde.

– Bem, então a um coque, em *assignats*!¹² Em honra aos queridos hóspedes, a velhinha vai deixar que eles ganhem – disse Anna Fiódorovna, sentando-se relaxadamente em sua poltrona e abrindo sua mantilha.

“E quem sabe eu ganho um rublo deles?”, pensou Anna Fiódorovna, que na velhice adquirira uma pequena paixão pelas cartas.

– Se quiserem, eu ensino a jogar com *tables* e *misères* – disse o conde. – É muito divertido.

Todos gostaram muito da nova moda de Petersburgo. O tio estava até convencido de que já conhecia aquilo e que era o mesmo que jogar boston, apenas havia esquecido um pouco. Anna Fiódorovna, por sua vez, não compreendia nada e demorou tanto tempo para entender que se sentiu obrigada a sorrir e balançar a cabeça, para mostrar que agora, sim, havia entendido e que tudo estava claro. Houve alguns risos durante o jogo, quando Anna Fiódorovna, com um ás e um rei, falou *misère* e ficou com um seis. Mostrou-se até embaraçada, sorriu tímida e se apressou a explicar que ainda não estava inteiramente acostumada com a novidade. No entanto, teve de pagar a aposta assim mesmo, ainda mais porque o conde, habituado a partidas com apostas elevadas, jogava com cautela, conduzia os lances muito bem e não entendia de maneira alguma os chutes que o alferes lhe dava por baixo da mesa nem seus erros terríveis no fim de cada rodada.

Liza trouxe mais *pastilás*, três tipos de geleia e maçãs especiais deixadas de molho em vinho do Porto, e se pôs de pé atrás da mãe, observando o jogo e de vez em quando olhando para os oficiais, em especial para as mãos brancas do conde, de unhas finas, rosadas e bem-feitas, que com tanta habilidade, segurança e beleza baixavam as cartas e recolhiam da mesa as cartas dos perdedores.

Mais uma vez, interrompendo os outros com certo entusiasmo, comprando sete e perdendo três e, a pedido do irmão, anotando horrivelmente os números do que perdera, Anna Fiódorovna estava completamente confusa e afobada.

– Não tem importância, mamãe, a senhora ainda vai recuperar o que perdeu! – disse Liza, sorrindo, querendo tirar a mãe daquela situação ridícula. – Deixe o tio perder a vez: aí ele vai ver só.

– Se você pudesse me ajudar, Lízotchka! – disse Anna Fiódorovna, olhando assustada para a filha. – Não sei como é...

– E eu também não sei jogar isso – respondeu Liza, calculando em pensamento as perdas da mãe. – Assim a senhora vai perder muito, mamãe! E não vai sobrar nada para o vestido de Pímotchka – acrescentou, em tom jocoso.

– Pois é, desse jeito se pode perder facilmente dez rublos de prata – disse o alferes, olhando para Liza e querendo atraí-la para a conversa.

– Mas nós não estamos jogando em *assignats*? – perguntou Anna Fiódorovna, olhando para todos.

– Não sei como estamos jogando, porém não sei contar em *assignats* – disse o conde. – Como se faz? E o que são *assignats*?

– Hoje em dia ninguém mais conta por *assignats* – acrescentou o tio, que jogava sem arriscar e estava ganhando.

A velha mandou servir vinho espumante, bebeu ela mesma duas taças, ficou vermelha e pareceu resignar-se à sua sorte. Uma mecha de cabelo grisalho chegou a soltar-se de dentro de sua touca e ela nem a repôs no lugar. De fato, tinha a impressão de que havia perdido milhões e que estava falida. O alferes chutava cada vez mais a perna do conde. Por sua vez, o conde anotava as perdas da velhinha. Por fim, a partida terminou. Por mais que Anna Fiódorovna tentasse aumentar seus pontos, de modo desonesto, e fingir que se enganava nas contas e que não conseguia calcular, e apesar do horror que sentia com o volume de suas perdas, no final a conta mostrou que ela havia perdido novecentos e vinte pontos. “Em *assignats*, isso dá nove rublos, não é?”, perguntou Anna Fiódorovna algumas vezes, sem ainda se dar conta de toda a dimensão do que havia perdido, até que o irmão, para horror de Anna Fiódorovna, lhe explicou que ela havia perdido trinta e dois rublos em *assignats* e que teria de pagá-los sem falta. O

conde nem calculou o que havia ganhado e, assim que a partida terminou, levantou-se e foi para perto da janela, junto à qual Liza estava servindo os petiscos, retirando cogumelos de um vidro e pondo numa travessa, para o jantar, e de maneira absolutamente tranquila e simples o conde fez aquilo que a noite inteira tanto desejava e que o alferes não pudera fazer: entabulou com Liza uma conversa sobre o tempo.

O alferes, naquela altura, se encontrava numa situação inteiramente desagradável. Anna Fiódorovna, com a saída do conde e sobretudo de Liza, que a ajudara com seu ânimo alegre, mostrava-se francamente irritada.

– Mas é muito ruim que ganhamos da senhora desse jeito – comentou Polozov, para dizer alguma coisa. – É uma verdadeira vergonha.

– Sim, para que foram inventar essas *tables* e *misères*? Não sei jogar isso; em *assignats*, quanto deu ao todo? – perguntou ela.

– Trinta e dois rublos, trinta e dois e meio – repetiu o cavalariano, que se mostrava muito bem-humorado, sob o efeito de seus lucros no jogo. – Dê-me o dinheirinho, irmã. Vamos, dê aqui.

– Darei tudo ao senhor; mas não vão me pegar nunca mais, não senhor! Não vou recuperar essa quantia nem jogando a vida inteira.

E Anna Fiódorovna foi para seu quarto depressa e balançando o corpo, voltou e trouxe nove rublos em cédulas. Apenas à custa da grande insistência do irmão, ela pagou o total.

Polozov estava apavorado, com medo de que Anna Fiódorovna se irritasse, caso fosse falar com ela. Calado e discreto, afastou-se da anfitriã e foi juntar-se ao conde e Liza, que conversavam junto à janela aberta.

Na sala, sobre a mesa posta para o jantar, havia duas velas de sebo. A luz das velas às vezes oscilava com a aragem fresca e quente da noite de maio. Na janela, aberta para o jardim, também estava claro, mas de um modo bem diferente do interior da sala. A lua quase cheia, já perdendo o matiz dourado, pairava acima do topo das tílias altas e iluminava cada vez mais as nuvenzinhas brancas e finas que de vez em quando a encobriam. No lago, cuja superfície, num ponto visível através da alameda, parecia prateada por causa da lua, os sapos coaxavam. Num arbusto azul e perfumado, logo abaixo da janela, em que flores úmidas balançavam devagar, alguns passarinhos de quando em quando se sacudiam e saltitavam bem de leve.

– Que tempo maravilhoso está fazendo! – disse o conde, aproximando-se de Liza e sentando-se na janela baixa. – A senhora passeia muito, não é?

– Sim – respondeu Liza, por algum motivo já sem sentir o menor embaraço ao conversar com o conde. – De manhã, mais ou menos às sete horas, ando pela propriedade e passeio um pouco com Pímotchka, a filha adotiva de mamãe.

– É agradável viver no campo! – disse o conde, erguendo aos olhos seu monóculo e mirando ora o jardim, ora Liza. – E à noite, com o luar, a senhora não sai para passear?

– Não. Mas dois anos atrás, eu e o titio passeávamos toda noite de luar. Ele tinha uma doença estranha, ficava com insônia. Quando havia lua cheia, ele não conseguia dormir. O quarto dele é aquele lá, de frente para o jardim, e a janelinha é baixa: a lua batia em cheio nele.

– Que estranho – comentou o conde. – Mas aquele é o seu quarto, não é?

– Não, estou passando a noite lá só hoje. O meu quarto é o que o senhor ocupa.

– É mesmo?... Ah, meu Deus!... Eu nunca vou me perdoar por causar esse incômodo – disse o conde e retirou o monóculo do olho, como um sinal da sinceridade de seu sentimento. – Se eu soubesse que ia incomodá-la...

– Não é nenhum incômodo! Ao contrário, estou muito contente; o quarto do titio é maravilhoso, alegre, a janelinha é baixa; eu vou ficar sentada ali, enquanto não dormir, ou vou andar um pouco de noite.

“Que moça adorável!”, pensou o conde, levantando de novo o monóculo, enquanto olhava para ela

e, como se quisesse sentar-se melhor no parapeito da janela, tentava tocar com o pé no pezinho de Liza. “E como é esperta ao me dar a entender que poderei vê-la no jardim, junto à janela, se eu quiser.” Liza até perdeu boa parte de seu encanto aos olhos do conde, de tão fácil lhe pareceu a vitória sobre ela.

– E que prazer deve ser – disse ele, olhando com ar pensativo para as alamedas escuras – passar uma noite como esta no jardim com a pessoa que amamos.

Liza ficou um pouco embaraçada com essas palavras e também com o repetido e como que involuntário toque do pé. Sem pensar, falou qualquer coisa para que ele não notasse seu constrangimento. Disse: “Sim, é maravilhoso passear nas noites de luar.”

Liza sentiu-se um pouco incomodada. Fechou o vidro do qual havia tirado cogumelos e já ia se afastar da janela, quando o alferes se aproximou e ela teve vontade de saber como era aquele homem.

– Que noite maravilhosa! – disse o alferes.

“Será que eles só sabem falar sobre o tempo?”, pensou Liza.

– Que vista maravilhosa! – prosseguiu o alferes. – Mas a senhora já deve estar cansada disso, imagino – acrescentou, fiel à sua tendência estranha e peculiar de dizer coisas um pouco desagradáveis para as pessoas de quem gostava muito.

– Mas por que o senhor pensa assim? A mesma comida, o mesmo vestido, isso pode cansar, mas um jardim bonito não cansa quando se ama passear e sobretudo quando a lua está alta. Do quarto do tio se vê todo o lago. Hoje eu vou olhar para lá.

– Mas rouxinóis, isso a senhora não tem, não é? – perguntou o conde, totalmente insatisfeito com a chegada de Polozov, que assim o impediu de descobrir, de maneira positiva, as condições do encontro.

– Não, sempre tivemos rouxinóis; no ano passado os caçadores pegaram um e ainda na semana passada havia um cantando muito bonito, mas o comissário de polícia rural veio numa carruagem com sinetas e assustou-o. Há algum tempo, três anos atrás, eu e o tio ficávamos sentados na alameda coberta e escutávamos os rouxinóis durante duas horas.

– O que essa tagarela está contando aos senhores? – disse o tio, aproximando-se da conversa. – Não querem comer alguma coisa?

Após o jantar, durante o qual o conde, com seu apetite e com seus louvores à comida, conseguiu dissipar um pouco o mau humor da anfitriã, os oficiais se despediram com reverências e foram para o quarto. O conde apertou a mão do tio e a de Anna Fiódorovna – para sua surpresa, sem beijá-la, apenas apertou-a –, bem como a mão de Liza, momento em que a fitou nos olhos e sorriu de leve, com seu jeito simpático. Aquele olhar deixou a moça embaraçada mais uma vez.

“É muito bonito”, pensou ela. “Só que se preocupa demais consigo mesmo.”

XIV

– Puxa, não se envergonha? – disse Polozov, quando os oficiais voltaram ao seu quarto. – Tentei perder de propósito, fiquei chutando você por baixo da mesa. Você não se envergonha? A velhinha ficou tão aflita.

O conde deu uma tremenda gargalhada.

– Que senhora mais engraçada! Como ficou ofendida!

E deu outra gargalhada, tão alegre que até Johann, que estava na sua frente, baixou a cabeça e sorriu de leve para o lado.

– Aqui está o filho do amigo da família! Ha, ha ha! – continuou a rir o conde.

– Não, sério, aquilo foi ruim. Cheguei a sentir pena dela – disse o alferes.

– Que absurdo! Você ainda é muito jovem! O que queria, que eu perdesse? Para que ia perder? Eu

perdia quando não sabia jogar. Os dez rublos vão ser úteis, irmão. É preciso encarar a vida de modo prático, senão sempre faremos papel de bobos.

Polozov calou-se: no momento, só tinha vontade de pensar em Liza, que lhe parecia uma criatura linda e extraordinariamente pura. Trocou de roupa e deitou-se na cama limpa e macia, preparada para ele.

“Que absurdo são essas honras e glórias militares!”, pensou o alferes, olhando para o xale pendurado na frente da janela, através da qual vazavam os raios pálidos do luar. “Isto é a felicidade, viver num recanto tranquilo, com uma mulher meiga, inteligente e simples! Isso, sim, é uma felicidade duradoura e verdadeira!”

Mas por algum motivo o alferes não comunicava tais pensamentos a seu amigo e sequer mencionava a mocinha da roça, apesar de estar convencido de que o conde também pensava nela.

– Por que não troca de roupa? – perguntou para o conde, que andava pelo quarto.

– Ainda não estou com sono. Apague a vela, se quiser; vou me deitar assim mesmo.

E continuou a andar para um lado e para outro.

– Ainda não está com sono – repetiu Polozov, que depois daquela noite se sentia mais descontente do que nunca com a influência do conde e disposto a rebelar-se contra ele. “Imagino”, raciocinou, dirigindo-se a Turbin em pensamento, “que ideias andam agora dentro da sua cabeça tão bem penteada! Notei como você gostou dela. Mas você não tem condição de compreender aquela criatura simples e pura; você gosta é de Mina, e dos galões de coronel. Na verdade, vou perguntar para ele se gostou dela.”

E Polozov fez menção de virar-se para Turbin, mas mudou de ideia: sentiu que não só não estava em condições de discutir com Turbin, caso o conde encarasse Liza da maneira como ele supunha, como sentiu também que não teria forças para discordar dele, a tal ponto estava habituado a submeter-se à influência do conde, que a cada dia se tornava mais opressiva e injusta para o alferes.

– Aonde vai? – perguntou, quando o conde pôs o quepe e seguiu para a porta.

– Vou à cocheira, ver se está tudo em ordem.

“Estranho!”, pensou o alferes, mas apagou a vela e, tentando dissipar absurdos pensamentos de inveja e de hostilidade com relação a seu antigo amigo que lhe subiram à cabeça, virou-se para o outro lado.

Anna Fiódorovna, naquela altura, como de hábito, depois de abençoar e beijar carinhosamente o irmão, a filha e a filha adotiva, também se havia retirado para seu quarto. Fazia tempo que a velha não experimentava impressões tão fortes num só dia, de tal modo que não conseguiu fazer suas preces em paz: todo o tempo lhe vinha ao pensamento a lembrança triste e viva do falecido conde e do jovem esnobe que a vencera no jogo de maneira tão desafortada. No entanto, por costume, depois de trocar de roupa e beber meio copo de *kvás*, já pronto na mesinha de cabeceira, deitou-se na cama. Seu gato adorado esgueirou-se para dentro do quarto sem fazer barulho. Anna Fiódorovna chamou-o e pôs-se a afagá-lo, escutando seu ronronar, mas não conseguiu dormir.

“Este gato está me atrapalhando”, pensou e rechaçou-o. O gato caiu suavemente no chão, abanou devagar o rabo felpudo e pulou para cima do banco de tijolos, junto à estufa; nisso entrou a criada que dormia no chão daquele quarto; ela estendeu sua manta de feltro, apagou a vela e acendeu um candeeiro. Dali a pouco a criada começou a roncar; mas o sono ainda não vinha para Anna Fiódorovna, sua imaginação agitada não se acalmava. O rosto do hussardo surgia tão logo ela fechava os olhos e parecia se mostrar pelo quarto em diversas feições estranhas, quando ela, de olhos abertos, à luz fraca do candeeiro, olhava para a cômoda, para a mesinha de cabeceira, para a roupa banca pendurada. Ora sentia calor no edredom de penas, ora o relógio na mesinha a incomodava e a criada roncava pelo nariz de maneira insuportável. Acordou-a e mandou que parasse de roncar. De novo pensamentos sobre a filha, sobre o conde velho e o novo, o esnobe, se embaralharam estranhamente em sua cabeça. Ora ela se via numa valsa com o velho conde, via os próprios ombros brancos e fartos, sentia sobre eles beijos de

alguém e depois via a filha abraçada pelo jovem conde. Ustiúchka começou a roncar mais uma vez...

“Não, agora não é a mesma coisa, as pessoas são diferentes. Ele estava disposto a entrar no fogo por mim. E havia motivo para isso. Mas esse de agora não passa de um tolo e deve estar dormindo feliz da vida, porque ganhou de mim no jogo; não é do tipo que se ajoelha para uma mulher. Como aquele de antes, que disse de joelhos: ‘Farei qualquer coisa que você quiser: eu me mataria agora mesmo por você, o que deseja?’ ... E se mataria mesmo, se eu mandasse.”

De repente, passos de pés descalços soaram no corredor e Liza, em roupas desarrumadas, muito pálida e trêmula, entrou correndo no quarto e quase caiu na cama da mãe...

Depois de dar boa-noite para a mãe, Liza foi sozinha para o quarto que antes era do tio. Depois de vestir uma blusa branca e cobrir a trança comprida e grossa com um lenço, Liza apagou a vela, abriu a janela e sentou-se na cadeira com as pernas dobradas, com os olhos pensativos e fixos no lago, que àquela hora brilhava com uma luz prateada.

Todas as suas ocupações e interesses habituais de repente surgiram diante dela sob uma luz nova: a mãe velha e caprichosa, o amor indiscriminado por tudo que se tornara parte de sua vida, o tio decrépito mas amável, os criados, os mujiques, que adoravam sua patroa, as vacas leiteiras e as novilhas; tudo aquilo, toda a natureza que tantas vezes morria e se renovava e na qual ela fora criada com o amor pelos outros e dos outros, tudo o que lhe dava um repouso interior tão leve e tão agradável – tudo aquilo de repente lhe parecia diferente, lhe parecia maçante, fútil. Como se alguém tivesse dito: “Tolinha, tolinha! Jogou fora vinte anos, prestando serviços para qualquer um, para nada, e não sabe o que são a vida e a felicidade!”. Ela pensava assim agora, enquanto espreitava as profundezas do jardim iluminado e imóvel, e pensava com mais força, muito mais força, do que lhe ocorria pensar antes. E o que a havia levado a tais pensamentos? Não fora absolutamente algum amor repentino pelo conde, como se poderia supor. Ao contrário, Liza não tinha gostado dele. O alferes até que poderia interessá-la, mas era pobre, feio e muito calado. Sem querer, esquecia-se dele e, com raiva e irritação, evocava na imaginação a figura do conde. “Não, não é esse”, dizia para si. O ideal de Liza era tão belo! Era um ideal que poderia ser amado no meio daquela noite, daquela natureza, sem perturbar sua beleza – um ideal que nunca se truncava a fim de fundir-se com qualquer realidade grosseira.

No início, a solidão e o isolamento das pessoas que poderiam chamar sua atenção redundaram em que toda a força do amor que a Providência deposita por igual na alma de todos nós continuasse íntegra e imperturbável em seu coração; agora já fazia tempo demais que vivia com a felicidade melancólica de sentir dentro de si a presença daquilo e de, abrindo de vez em quando um recipiente secreto do coração, deleitar-se na contemplação de sua riqueza, para poder derramar sobre alguém, de forma irrefletida, tudo o que houvesse ali dentro. Quem dera ela pudesse desfrutar até o túmulo aquela felicidade avarenta. Quem sabe não é essa uma felicidade melhor e mais forte? Ou não é a única possível e verdadeira?

“Meu Deus!”, pensou Liza. “Será que desperdicei a felicidade e a juventude e já não poderei mais... nunca mais? Será verdade?” E voltou os olhos para o céu alto, luminoso em redor da lua, coberto por nuvens brancas e onduladas que, toldando as estrelinhas, se moviam na direção da lua. “Se aquela nuvenzinha branca mais alta cobrir a lua, quer dizer que é verdade”, pensou Liza. A faixa de nuvem fumacenta passou depressa sobre a metade inferior do círculo iluminado e, aos poucos, a luz começou a diminuir sobre a grama, no topo das tílias, no lago; as sombras negras das árvores ficaram menos perceptíveis. E, como que fazendo eco à sombra escura que turvava a natureza, uma brisa corria entre as folhas e levava até a janela o aroma orvalhado das folhas, da terra molhada e do lilás florido.

“Não, não é verdade”, consolou-se, “mas se um rouxinol cantar esta noite, quer dizer que tudo o que pensei é bobagem e não é preciso se desesperar”, pensou. E ficou mais um bom tempo quieta, esperando alguém, e no entanto tudo se iluminou de novo, e as nuvens mais uma vez correram com vivacidade na direção da lua e tudo ficou encoberto. Liza já começava a adormecer sentada junto à janela, quando um rouxinol a despertou com seu trinado repetido, que vinha de baixo, ressonante, através do lago. A

senhorita da roça abriu os olhos. Outra vez, com novo prazer, toda a sua alma se renovou com aquela união misteriosa com a natureza, que se estendia tão serena e clara à sua frente. Liza apoiou-se nos cotovelos. Um doce e prolongado sentimento de tristeza dominou seu peito e lágrimas de um amor puro e vasto, que desejava ser satisfeito, lágrimas boas, consoladoras, inundaram seus olhos. Liza colocou as mãos no peitoril e apoiou a cabeça sobre elas. Por algum motivo, lhe veio ao espírito sua prece predileta e assim ela cochilou, com os olhos molhados.

O toque das mãos de alguém a despertou. Ela voltou a si. Mas aquele toque era leve e agradável. A mão apertou a sua com força. De súbito, ela se lembrou da realidade, deu um grito, levantou-se bruscamente e, persuadindo-se de que não havia reconhecido o conde, que estava ao pé da janela, banhado inteiro pelo luar, fugiu do quarto...

XV

Na realidade, era o conde. Ao ouvir o grito da moça e um resmungo do vigia do outro lado da cerca em resposta àquele grito, precipitadamente, com a sensação de um ladrão apanhado em flagrante, Turbin desatou a correr pela grama molhada de orvalho rumo ao fundo do jardim. “Ah, como sou idiota!”, repetia mecanicamente. “Eu a assustei. Tinha de chegar mais devagar, acordá-la com palavras. Ah, sou uma besta desajeitada!” Parou e ficou escutando, à espreita: o vigia atravessou o portão e entrou no jardim, pela trilha arenosa, brandindo um sarrafo na mão. Era preciso esconder-se. Turbin desceu na direção do lago. As rãs, debaixo de seus pés, pularam afoitas para a água fazendo o conde estremecer. Ali, apesar dos pés encharcados, agachou-se de cócoras e pôs-se a recordar tudo o que fizera: como havia pulado a cerca, procurado a janela de Liza e vira, por fim, a sombra branca; como, ao ouvir um levíssimo farfalhar, aproximou-se e afastou-se da janela algumas vezes; como ora lhe parecia indubitável que ela o esperava com irritação por seu atraso, ora lhe parecia impossível que ela tivesse tão facilmente sugerido um encontro; como, enfim, supondo que ela apenas fingia dormir, devido ao embaraço de uma senhorita da roça, o conde se aproximou resoluto e viu com clareza a situação dela, mas então, de repente, por algum motivo, fugiu, recuando precipitadamente, e logo depois, muito envergonhado da própria covardia, aproximou-se dela com ousadia e tocou sua mão. O vigia fez barulho de novo e, rangendo o portão, saiu do jardim. A janela do quarto da moça bateu com força e a veneziana fechou por dentro. O conde ficou tremendamente irritado ao ver aquilo. Daria qualquer coisa para poder apenas começar tudo outra vez: assim, quem sabe, não teria agido de maneira tão tola... “Ah, que mocinha maravilhosa! Que frescor! Que encanto simples! E assim acabei deixando escapar minha chance. Que besta mais idiota eu sou!” Com isso, já não teve vontade de dormir e, em passos decididos de um homem irritado, andou a esmo, para a frente, pela trilha de uma alameda sombreada pelas tílias.

E ali, também para ele, aquela noite trouxe sua dádiva apaziguadora de uma espécie de tristeza reconfortante e de exigência de amor. A trilha barrenta, aqui e ali coberta de capim ou de ramos secos, era iluminada por círculos formados por raios retos e brancos do luar, através da folhagem densa das tílias. Um ramo torto, como que envolto por musgo branco, rebrilhava numa linha oblíqua. Folhas prateadas sussurravam de quando em quando. Dentro da casa, as luzes foram apagadas, todos os sons silenciaram; apenas o rouxinol parecia preencher todo o enorme silêncio e a vastidão iluminada. “Meu Deus, que noite! Que noite maravilhosa!”, pensou o conde, inalando o frescor perfumado do jardim. “Mas sinto pena. É como se eu estivesse insatisfeito comigo mesmo, e também com os outros, e com a vida toda. Que mocinha adorável, meiga. Quem sabe ficou amargurada...” Nesse ponto, seus devaneios se embaralharam, Turbin se imaginou naquele mesmo jardim junto com a senhorita da roça, em diversas situações, as mais estranhas; depois o papel da senhorita era representado por sua querida Mina. “Que idiota eu sou! Bastava segurá-la pela cintura e beijá-la.” E, com tais remorsos, o conde voltou para o quarto.

O alferes ainda não estava dormindo. Em sua cama, na mesma hora virou o rosto para o conde.

– Não está dormindo? – perguntou o conde.

– Não.

– Quer que conte o que aconteceu?

– O que foi?

– Não, é melhor não contar... Mas vou contar. Encolha as pernas.

E o conde, pondo de lado, em pensamento, a aventura que havia desperdiçado, sentou na cama de seu camarada com um sorriso radiante.

– Imagine só que aquela mocinha marcou um rendez-vous comigo!

– O que está dizendo? – exclamou Polozov, erguendo-se da cama com um pulo.

– Calma, escute só.

– Mas como? Quando? Não pode ser!

– Pois é, enquanto vocês contavam os pontos do jogo de cartas, ela me disse que ia ficar sentada na janela de noite e que era possível pular pela janela. Isso é que é uma pessoa de senso prático! Enquanto vocês e a velha contavam os pontos, eu estava tratando de um assunto sério. Você mesmo ouviu, ela falou na sua frente que ia ficar na janela de noite, para olhar para o lago.

– Sim, foi o que ela disse mesmo.

– Na verdade eu não sei se ela falou por falar ou se tinha alguma intenção. Talvez ela ainda não quisesse nada de imediato e apenas deu essa impressão. No final acabou acontecendo uma coisa estranha. Agi como um verdadeiro idiota! – acrescentou, sorrindo com desprezo de si mesmo.

– Mas o que houve? Onde você estava?

Deixando de lado suas reiteradas investidas hesitantes, o conde contou tudo o que havia acontecido.

– Eu mesmo estraguei tudo: era preciso ser mais ousado. Ela deu um grito e fugiu da janelinha.

– Então ela deu um grito e fugiu – disse o alferes, com um sorriso desajeitado, em resposta ao sorriso do conde, que exercia sobre ele uma influência tão duradoura e tão forte.

– Sim. Bem, agora está na hora de dormir.

O alferes virou-se de novo para a parede e ficou deitado em silêncio por uns dez minutos. Só Deus sabe o que se passou em sua alma; mas, quando se virou outra vez, seu rosto exprimia sofrimento e determinação.

– Conde Turbin! – disse, com voz entrecortada.

– O que há? Está delirando? – retrucou o conde, com calma. – O que é, alferes Polozov?

– Conde Turbin! O senhor é um canalha! – gritou Polozov e ergueu-se da cama com um pulo.

No dia seguinte o esquadrão partiu. Os oficiais não viram os anfitriões e não se despediram deles. Entre si, também não falavam. Na parada de descanso do primeiro dia de marcha, foi proposto um duelo. Mas o capitão Schultz, um bom camarada, excelente cavaleiro, amado por todos no regimento e escolhido pelo conde como seu padrinho, soube conduzir de tal modo os preparativos do assunto que não apenas não houve duelo como ninguém no regimento soube daquele incidente e até Turbin e Polozov, embora não mantivessem as mesmas relações amistosas de antes, continuaram a tratar-se por “você” e se encontravam nos jantares e nas festas.

11 de abril de 1856

DAS MEMÓRIAS DO CÁUCASO

[O rebaixado]

Estávamos num destacamento. As operações já haviam terminado, abríamos uma clareira na mata e esperávamos, a qualquer dia, uma ordem do quartel-general para nos retirarmos para o interior da fortaleza. Nossa divisão de baterias de canhões estava estacionada na encosta de uma serra montanhosa e escarpada, que terminava num ribeirão íngreme e rápido chamado Miétchik, e devíamos abrir fogo cerrado na direção de uma planície que se estendia à nossa frente. E aquela planície pitoresca, às vezes, sobretudo ao cair da noite, deixava ver, aqui e ali, fora do alcance dos tiros, grupos de cavaleiros montanheses não hostis, que por curiosidade vinham observar o acampamento russo. O anoitecer era claro, calmo e fresco, como são em geral os finais de tarde em dezembro no Cáucaso, o sol se pusera atrás de um escarpado contraforte das montanhas, à esquerda, e lançava raios rosados nas barracas espalhadas pela montanha, nos grupos de soldados em movimento e em nossos dois canhões, que estavam imóveis, como que com o pescoço esticado, pesadamente posicionados a dois passos de nós, numa bateria escavada na terra. Um destacamento de infantaria situado numa colina à esquerda distinguia-se nitidamente na luz diáfana do pôr do sol, com seus fuzis ensarilhados, a figura da sentinela, um grupo de soldados e a fumaça da fogueira em brasa. À direita e à esquerda, no meio da montanha, sobre a terra negra e pisada, branquejavam as barracas e, atrás das barracas, negrejavam os troncos pelados da floresta de plátanos, na qual, sem parar, os machados batiam, as fogueiras crepitavam e, com estrondo, caíam árvores abatidas a machadadas. De todos os lados, como de uma chaminé, a fumaça azulada subia no céu gélido e azul-claro. Diante das barracas e nas partes mais baixas perto do ribeirão, cossacos, dragões e artilheiros passavam, com as montarias em tropel e resfolegantes, de volta do bebedouro dos cavalos. A geada começava a cair, todos os sons eram audíveis com uma clareza especial – e se enxergava até longe, na planície à frente, através do ar limpo e rarefeito. Grupos de inimigos, que já não despertavam a curiosidade dos soldados, percorriam tranquilos a cavalo o campo amarelo-claro de milho ceifado, em alguns pontos se viam por trás das árvores os pilares altos dos cemitérios e aldeias caucasianas fumegantes.

Nossa barraca ficava perto dos canhões, num local seco e alto, onde a vista era especialmente ampla. Ao lado da barraca, bem perto da bateria, numa esplanada, foi montado para nós um campo para jogar *gorodki* ou *tchúchki*.¹ Os prestativos soldados rasos até instalaram para nós banquinhos e uma

mesinha. Por causa de todos esses confortos, os oficiais de artilharia, nossos camaradas, e alguns infantes gostavam de se reunir ao anoitecer em nossa bateria e chamavam o local de clube.

O anoitecer estava esplêndido, os melhores jogadores se reuniram e nós jogávamos *gorodki*. Eu, o alferes D. e o tenente O. perdemos duas partidas seguidas e, para satisfação geral e riso dos espectadores – oficiais, soldados e ordenanças que assistiam ao nosso jogo de suas barracas –, carregamos o vencedor nas costas duas vezes, de uma ponta à outra do campo. Engraçada em especial foi a situação do imensamente gordo subcapitão Ch., que, ofegante e sorridente, passou arrastando os pés na terra, montado sobre o fracote e miúdo tenente O. Porém já era tarde, os ordenanças trouxeram, para nós seis, apenas três copos de chá sem pires, e nós, terminado o jogo, nos dirigimos para os bancos de palha trançada. Perto, estava um homem pequeno que não conhecíamos, de pernas tortas, com um *tulup* de pele de carneiro sem forro e um *papakha* de lã branca, comprida e pendente.² Assim que chegamos perto, ele tirou e pôs o chapéu algumas vezes com hesitação, e algumas vezes fez menção de se aproximar de nós, mas de novo parava. No entanto, na certa concluindo que já era impossível passar despercebido, o desconhecido tirou o chapéu e, desviando-se de nosso círculo, aproximou-se do subcapitão Ch.

– Ah, Guskantini! Puxa, como vai, meu velho? – disse Ch., sorrindo com simpatia, ainda sob o efeito de seu passeio nas costas do tenente O.

Guskantini, como o chamava Ch., imediatamente pôs o chapéu na cabeça e fingiu que ia enfiar as mãos nos bolsos do casaco de pele, porém no lado virado para mim o casaco não tinha bolso nenhum e sua pequenina mão vermelha ficou numa posição um tanto sem jeito. Eu queria muito descobrir quem era aquele homem (um *junker* ou um rebaixado?) e, sem notar que meu olhar (ou seja, o olhar de um oficial desconhecido) o perturbava, continuei observando atentamente sua roupa e seu aspecto. Parecia ter trinta anos. Seus olhos pequenos, redondos e cinzentos fitavam de maneira um tanto preguiçosa e ao mesmo tempo inquieta, por trás do *papakha* imundo, de lã branca, que pendia acima de seu rosto. O nariz gordo, irregular, no meio das bochechas cavadas, denunciava uma magreza doentia, não natural. Os lábios, só um pouco encobertos pelo bigode ralo, mole e esbranquiçado, a toda hora se encontravam numa situação inquieta como se tentassem adotar ora uma expressão, ora outra. Mas todas essas expressões ficavam como que inacabadas; em seu rosto restava sempre a mesma expressão predominante de medo e afobação. O pescoço magro e fibroso estava envolto em um cachecol de lã verde, enfiado por baixo do casaco de pele. O casaco estava puído e era curto, com pele de cachorro costurada na gola e nos bolsos falsos. As calças eram xadrez, de cor cinzenta, e as botas tinham canos curtos, que não eram pretos, como são as botas dos soldados.

– Por favor, não fique preocupado – eu lhe disse quando tirou o chapéu mais uma vez, fitando-me timidamente.

Ele me saudou fazendo uma reverência, com uma expressão agradecida, pôs o chapéu na cabeça, tirou do bolso das calças uma imunda bolsinha de tabaco feita de chita e com um cordãozinho, e pôs-se a enrolar um cigarro.

Eu mesmo fora *junker* até pouco tempo antes, um *junker* velho, já incapaz de me mostrar simpático e prestativo com os camaradas mais jovens, e um *junker* sem fortuna, e por isso, como conhecia muito bem todo o peso moral que tal situação representava para um homem orgulhoso e já não tão jovem, eu me compadecia de todas as pessoas que se encontravam nessa condição e tentava explicar para mim mesmo seu caráter, bem como o teor e a orientação de suas forças intelectuais, para assim poder avaliar o grau de seus sofrimentos morais. Aquele *junker*, ou rebaixado, por seu olhar inquieto e por sua deliberada e constante mudança na expressão do rosto, que nele percebi, pareceu-me um homem muito sagaz e orgulhoso ao extremo, e por isso mesmo digno de muita pena.

O subcapitão Ch. propôs que jogássemos mais uma partida de *gorodki*, combinando que o vencedor, além do passeio montado nas costas dos outros, ganharia também algumas garrafas de rum vermelho, açúcar, canela e cravo para fazer um quentão, que naquele inverno, por causa do frio, estava em grande

voga em nosso destacamento. Guskantini, como o chamou de novo Ch., também foi convidado a participar do jogo, mas antes de começar a partida, visivelmente dividido entre a satisfação que lhe dera o convite e uma espécie de temor, chamou o subcapitão Ch. à parte e pôs-se a sussurrar-lhe alguma coisa. O simpático subcapitão bateu na barriga de Guskantini com a palma de sua mão grande e rechonchuda e retrucou em voz alta: “Não há de ser nada, eu serei seu fiador”.

Quando o jogo terminou e o time do qual o soldado raso desconhecido fazia parte saiu vencedor e coube a ele andar montado nas costas de um de nossos oficiais, o alferes D., este ruborizou-se, afastou-se na direção dos banquinhos e propôs ao soldado raso um cigarro a título de recompensa. Enquanto cuidavam do quentão e ouviam-se, na barraca dos ordenanças, os agitados afazeres de Nikita, que mandara um ordenança buscar canela e cravo, e enquanto suas costas, ora aqui, ora ali, empurravam por baixo da lona suja da barraca, nós sete nos sentamos nos banquinhos e, bebendo chá alternadamente nos três copos e contemplando à nossa frente a planície que começava a vestir-se com o crepúsculo, ríamos e conversávamos sobre várias circunstâncias do jogo. O desconhecido de casaco de pele não tomava parte na conversa, recusava obstinadamente o chá que lhe ofereci algumas vezes e, sentando-se no chão à maneira dos tártaros, fazia cigarros de tabaco picado, um depois do outro, e pelo visto fumava menos por prazer pessoal do que para dar a impressão de ser um homem ocupado. Quando começaram a falar que esperavam a ordem de retirada no dia seguinte e, talvez, um combate, ele se ergueu sobre os joelhos e, dirigindo-se apenas ao subcapitão Ch., disse que estivera pouco antes com o ajudante de ordens e ele mesmo escrevera a ordem da retirada no dia seguinte. Todos nós ficamos em silêncio na hora em que ele falava e, apesar de se mostrar obviamente acanhado, nós o obrigamos a repetir aquela notícia, de extremo interesse para nós. Ele repetiu e acrescentou, no entanto, que *se encontrava* na barraca do ajudante de ordens, com o qual *ele morava*, na hora em que trouxeram a ordem.

– Veja bem, não vá mentir para nós, meu velho, eu tenho de ir ao meu regimento dar umas ordens para amanhã – disse o subcapitão Ch.

– Não... por quê?... Como assim, eu tenho certeza... – exclamou o soldado raso, mas calou-se de repente e, tendo nitidamente resolvido que devia se mostrar insultado, contraiu as sobrancelhas de maneira afetada e, resmungando consigo mesmo em voz baixa, voltou a enrolar um cigarro. Mas o tabaco picado em sua bolsinha de chita já era insuficiente e ele pediu a Ch. que lhe emprestasse um cigarrinho. Por bastante tempo, prosseguimos entre nós com aquela tagarelice militar rotineira, conhecida de todos os que participaram de campanhas, e sempre com as mesmas expressões reclamávamos do tédio e do prolongamento da campanha, sempre da mesma maneira julgávamos os superiores e, como tantas vezes antes, sempre do mesmo jeito enaltecíamos um camarada, nos queixávamos de outro, nos admirávamos de quanto havia ganhado este e de quanto havia perdido aquele etc. etc.

– Veja, meu velho, o nosso ajudante de ordens está de crista baixa – disse o subcapitão Ch. – No quartel-general, sempre estava do lado que ganhava, não importava com quem ficasse ele levava a melhor, mas agora já faz dois meses que só perde. Este destacamento não foi bom para ele. Acho que perdeu uns mil rublos em moedas de prata e outros quinhentos rublos em bens: o tapete que tinha ganhado de Múkhin, as pistolas de Nikítin, o relógio de ouro de Sada, que Vorontsóv lhe dera de presente, tudo desperdiçado.

– Ele bem que merece – disse o tenente O. – Trapaceava demais com todo mundo: era impossível jogar com ele.

– Trapaceava com todo mundo e agora perdeu tudo. – E o subcapitão Ch. deu uma gargalhada satisfeita. – O Gúskov mora com ele... e por pouco ele não apostou o Gúskov também, sério. Não é mesmo, meu velho? – perguntou para Gúskov.

Gúskov riu. Tinha um riso patético, doentio, que transformava totalmente a expressão do rosto. Diante daquela mudança, me pareceu que eu vira e conhecera aquele homem antes, e além do mais seu verdadeiro sobrenome, Gúskov, era conhecido para mim, mas como e quando eu o vira e conhecera,

decididamente eu não conseguia lembrar.

– Sim – disse Gúskov, que a toda hora levantava as mãos na direção do bigode e, sem tocá-lo, abaixava as mãos outra vez. – Pável Dmítievitch teve muito azar neste destacamento, uma grande *veine de malheur*³ – acrescentou num francês esforçado mas puro, o que mais uma vez me deu a impressão de já ter visto aquele homem antes, e até com certa frequência, não sabia onde. – Conheço bem o Pável Dmítievitch, ele confia em mim – prosseguiu. – Eu e ele somos velhos conhecidos, ou seja, ele gosta de mim – acrescentou, visivelmente assustado com a afirmação atrevida demais, de que era um velho conhecido do ajudante de ordens. – Pável Dmítievitch joga muito bem, mas agora é de admirar o que lhe aconteceu, parece que perde sempre... *la chance a tourné*⁴ – acrescentou, dirigindo-se sobretudo a mim.

De início, escutamos Gúskov com uma atenção indulgente, porém, assim que pronunciou essa outra expressão em francês, não demos mais importância ao que dizia.

– Joguei com ele mil vezes e de fato temos de admitir que é uma coisa estranha – disse o tenente O., com uma ênfase especial na última palavra. – Tremendamente estranho: jamais ganhei dele sequer uma moedinha de prata. Por que, então, ganho dos outros?

– Pável Dmítievitch joga esplendidamente, eu o conheço há muito tempo – falei. De fato, eu conhecia o ajudante de ordens havia alguns anos, vira-o jogar várias vezes, apostando alto, para os padrões dos oficiais, e admirei sua fisionomia bonita, um pouco sombria e sempre imperturbavelmente calma, sua maneira de falar vagarosa da Ucrânia, seus belos cavalos e equipamentos, sua ponderada galhardia ucraniana e sobretudo sua capacidade de conduzir o jogo de maneira contida, distinta e agradável. Confesso que mais de uma vez, olhando para suas mãos rechonchudas e brancas, com um anel de brilhante no dedo indicador, que batiam minhas cartas uma depois da outra, me irritei com aquele anel, com aquelas mãos brancas, com toda a pessoa do ajudante de ordens, e me vieram pensamentos ruins a seu respeito; mas depois, pensando com sangue-frio, eu me convenci de que ele apenas era um jogador melhor do que todos aqueles com quem calhava de jogar. Ainda mais porque, ao ouvir suas ponderações gerais sobre o jogo – como não se devia recuar depois de ter feito alguma aposta, por menor que fosse, como não se devia deixar passar sua vez em determinadas situações, como a regra número um dos honrados era jogar honestamente etc. etc. –, ficava claro que ele sempre ganhava apenas porque era mais inteligente e mais determinado do que todos nós. Agora, no entanto, parecia que aquele jogador determinado e contido perdera tudo no destacamento, não só seu dinheiro como também seus pertences, o que representava o último grau da derrota para um oficial.

– Tem uma sorte desgraçada quando joga comigo – continuou o tenente O. – Já prometi a mim mesmo que não ia mais jogar com ele.

– Você é mesmo uma peça, meu velho – disse Ch., balançando a cabeça para mim e se dirigindo a O. – Perdeu para ele uns trezentos rublos, vai dizer que não perdeu?

– Mais que isso – respondeu o tenente com irritação.

– E agora é que está pensando no assunto, mas já é tarde, meu velho: todo mundo está cansado de saber que ele é o trapaceiro do nosso regimento – disse Ch., mal conseguindo conter o riso, muito satisfeito com a sua tirada. – Veja o Gúskov, ele é testemunha, até prepara as cartas para ele. Por isso são amigos, meu velho... – E o subcapitão Ch., dobrando o corpo inteiro, deu uma gargalhada de maneira tão simpática que entornou um copo de quentão que segurava na mão naquele momento. No rosto amarelo e esquelético de Gúskov surgiu uma espécie de mancha vermelha, ele abriu a boca algumas vezes, ergueu as mãos para o bigode e baixou-as de novo para onde deviam ficar os bolsos, se pôs de pé e sentou-se, e por fim disse para Ch., com uma voz que não era a sua:

– Isso não é brincadeira, Nikolai Ivánovitch; o senhor fala essas coisas na frente de pessoas que não me conhecem e me veem neste casaco de pele curto e sem forro... porque... – Sua voz vacilou e, de novo, as mãozinhas vermelhas de unhas sujas se afastaram do casaco na direção do rosto, ora se dirigiam para o bigode, os cabelos, o nariz, ora esfregavam os olhos ou coçavam a bochecha sem a menor

necessidade.

– Mas o que quer que diga, todo mundo sabe, meu velho – prosseguiu Ch., sinceramente satisfeito com seu gracejo e sem se dar conta, por pouco que fosse, da perturbação de Gúskov, que resmungou mais alguma coisa e, apoiando o cotovelo direito no joelho esquerdo, numa posição nada natural, olhando para Ch., passou a fingir que sorria com desdém.

“Não”, pensei, decidido, ao ver aquele sorriso. “Eu não só o vi como conversei com ele, não sei onde.”

– Eu e o senhor já nos encontramos antes em algum lugar – disse-lhe, quando o riso de Ch., sob a influência do silêncio geral, começou a se aquietar. O rosto instável de Gúskov de súbito se iluminou e seus olhos, pela primeira vez com uma sincera expressão de alegria, me fitaram.

– É claro, reconheci o senhor na mesma hora – disse ele em francês. – No ano de 48, tive o prazer de ver o senhor muitas vezes em Moscou, na casa de minha irmã Iváchina.

Desculpei-me por não o reconhecer de imediato, naquela roupa e em sua nova aparência. Ele se levantou, aproximou-se de mim e, com a mão úmida, apertou a minha de maneira hesitante, frouxa, e sentou-se a meu lado. Em vez de olhar para mim, já que me reencontrar deveria deixá-lo muito contente, voltou-se para os oficiais com uma expressão desagradável e petulante. Ou porque reconheci nele um homem que, alguns anos antes, eu via de fraque nos salões, ou porque, com aquela recordação, de repente ele mesmo se tornara mais importante aos próprios olhos, pareceu-me que seu rosto e até seus movimentos se modificaram por completo: agora, exprimiam uma inteligência ágil, um orgulho infantil com a consciência dessa mesma inteligência, bem como uma espécie de negligência desdenhosa, de tal modo que, confesso, apesar da condição digna de pena em que se encontrava, meu velho conhecido já me inspirava não a compaixão, mas sim um certo sentimento de hostilidade.

Lembrava-me com clareza de nosso primeiro encontro. Em 1848, em minha estadia em Moscou, não raro eu ia à casa de Iváchin, com quem eu tinha sido criado e de quem era um velho amigo. Sua esposa era uma mulher afável, simpática dona de casa, como se diz, mas nunca me agradara... Naquele inverno, quando a conheci, muitas vezes ela falava com um orgulho mal disfarçado acerca do irmão, que pouco antes terminara os estudos e, pelo visto, era um dos jovens mais cultos e encantadores na melhor sociedade de Petersburgo. Como eu tinha ouvido falar do pai dos Gúskov, homem muito rico que ocupava uma posição de destaque, e como conhecia as maneiras da irmã, recebi o jovem Gúskov com certa prevenção. Numa noite, em casa de Iváchin, encontrei um jovem baixo, de aspecto muito agradável, de fraque preto, colete e gravata brancos, que o dono da casa se esqueceu de me apresentar. O jovem, que parecia ter se arrumado para ir a um baile, estava de pé, com o chapéu na mão, na frente de Iváchin e, com ardor, mas de maneira respeitosa, discutia com ele sobre um conhecido comum que, naquela época, se havia destacado na campanha da Hungria.⁵ Disse que aquele conhecido comum nada tinha de herói ou de uma pessoa nascida para a guerra, como o chamavam, tratava-se apenas de um homem inteligente e culto. Lembro que participei da conversa tomando posição contrária à de Gúskov e me deixei arrebatado, chegando ao extremo de querer mostrar que a inteligência e a cultura se encontram sempre em relação inversa à valentia, e lembro que Gúskov, com argúcia e cordialidade, me fez ver que a valentia é uma consequência necessária da inteligência e de um determinado grau de desenvolvimento, com o que eu mesmo, por me considerar inteligente e culto, no íntimo não podia deixar de concordar! Lembro que no fim de nossa conversa Iváchina me apresentou a seu irmão e ele, sorrindo com indulgência, ofereceu-me sua mão pequena, na qual ainda não tivera tempo de calçar a luva de pele de cabrito, e apertou a minha da mesma forma frouxa e hesitante como tinha acabado de fazer agora. Embora eu tivesse certa prevenção contra ele, não pude, então, deixar de fazer justiça a Gúskov e concordei com sua irmã que se tratava de um jovem de fato inteligente e simpático, que havia de ter sucesso na sociedade. Era extraordinariamente asseado, elegante na vestimenta, cheio de frescor, tinha maneiras discretas e seguras de si, aspecto extremamente jovem, quase infantil, graças ao qual nos sentíamos obrigados a perdoar sua

expressão presunçosa e seu desejo de rebaixar o grau de sua superioridade em relação a nós, o que se refletia constantemente em seu rosto inteligente e em seu sorriso peculiar. Diziam que, naquele inverno, ele desfrutava um vasto sucesso entre as jovens da nobreza moscovita. Ao vê-lo em casa da irmã, só pela expressão de felicidade e de satisfação que sua aparência jovem lhe inspirava o tempo todo, e por seus relatos às vezes presunçosos, pude concluir a que ponto aquilo era verdade. Nós nos encontramos umas seis vezes e conversamos muito, ou melhor, ele falava muito e eu escutava. No geral, ele falava em francês, em que se expressava muito bem, de maneira muito correta e enfeitada, e durante a conversa sabia interromper os outros de forma branda e respeitosa. No geral, tratava a mim e a todos com bastante soberba, e eu – como sempre acontece comigo na relação com pessoas firmemente convencidas de que devem me tratar de forma soberba e que conheço pouco – sentia que ele tinha todo o direito de agir assim.

Agora, quando sentou a meu lado e apertou minha mão, reconheci nele de modo bem vivo a antiga expressão pretensiosa e me pareceu que, de maneira nada honesta, ele se aproveitava da vantagem de sua condição de soldado raso diante de um oficial ao me perguntar, de modo tão displicente, o que eu tinha feito durante todo aquele tempo e como fora parar ali. Apesar de eu sempre responder em russo, ele recomeçava a falar em francês, língua em que já era visível que não se exprimia com o mesmo desembaraço de antigamente. A seu próprio respeito, contou-me por alto que, depois de sua história tola e malfadada (em que consistia aquela história, eu ignorava, e ele também não me explicou), passara três meses preso, depois fora enviado para o Cáucaso, no regimento de N., e agora fazia três anos que servia como soldado naquele regimento.

– O senhor nem acredita – disse-me em francês – quanto tive de sofrer nesses regimentos por causa do convívio com os oficiais; minha sorte é que eu conhecia, de antes, o ajudante de ordens do qual eu falava há pouco: é um bom homem, de verdade – comentou, condescendente. – Moro com ele, mas para mim isso já é um pequeno alívio. *Oui, mon cher, les jours se suivent, mais ne se ressemblent pas*⁶ – acrescentou e de repente começou a gaguejar, ficou vermelho e levantou-se, ao notar que vinha em nossa direção o mesmo ajudante de ordens de quem estávamos falando. – Que alegria encontrar um homem como o senhor – disse-me Gúskov num sussurro, ao se afastar de mim. – Tenho muita, muita vontade de conversar mais com o senhor.

Respondi que estava muito contente com aquilo, mas confesso que no fundo Gúskov me inspirava uma compaixão opressiva e sem simpatia.

Eu pressentira que ficaria constrangido ao me ver a sós com ele, mas tinha vontade de saber muita coisa a seu respeito e, em especial, por que, sendo seu pai tão rico, ele vivia na pobreza, como se podia perceber por sua roupa e seu aspecto.

O ajudante de ordens cumprimentou-nos a todos, exceto Gúskov, e sentou-se a meu lado, no lugar antes ocupado pelo rebaixado. Sempre calmo e vagaroso, típico jogador e homem endinheirado, Pável Dmítrievitch era agora uma pessoa em tudo diferente daquela que eu conhecera no tempo de seu apogeu no jogo; parecia afobado para ir a algum lugar, virava-se e olhava para todos sem parar e, mal passaram cinco minutos, ele, que ultimamente se recusava a jogar, propôs ao tenente O. jogar uma partida. O tenente O. recusou com a desculpa de que estava ocupado com suas obrigações, mas na verdade, como sabia que restava pouco dinheiro e poucos bens a Pável Dmítrievitch, julgou insensato arriscar seus trezentos rublos contra os cem, talvez até menos, que ele poderia ganhar.

– Mas me diga, Pável Dmítrievitch – disse o tenente, obviamente no intuito de evitar a repetição do convite –, é verdade o que andam dizendo? Amanhã é a retirada?

– Não sei – respondeu Pável Dmítrievitch. – Só mandaram deixar tudo preparado, mas, falando sério, é melhor a gente jogar um pouquinho, eu deixo como fiança meu cavalo de Kabarda.

– Não, hoje...

– Ele é cinzento, mas, se não quer, podemos jogar a dinheiro. Que tal?

– Claro que sim... eu bem que gostaria, não pense que... – disse o tenente O., respondendo à sua própria dúvida. – Talvez amanhã haja uma incursão ou algum deslocamento, e aí vai ser preciso dormir bem.

O ajudante de ordens levantou-se, pôs as mãos nos bolsos, começou a caminhar pela esplanada. Seu rosto assumiu a habitual expressão de frieza e de um certo orgulho, que eu apreciava.

– Não quer tomar um copinho de quentão? – perguntei.

– Pode ser – e ele veio na minha direção, mas Gúskov, afobado, tomou o copo da minha mão e levou-o para o ajudante de ordens, tentando não olhar para ele. Porém, como não prestara atenção na corda que prendia a barraca, Gúskov tropeçou nela e, deixando o copo cair, tombou sobre as próprias mãos. – Que desastrado! – exclamou o ajudante de ordens, que já havia esticado a mão para pegar o copo.

Todos gargalharam, sem excluir o próprio Gúskov, que com a mão magra esfregava o joelho, o qual ele não poderia, de maneira nenhuma, ter machucado na hora da queda.

– Era assim que o urso servia o eremita⁷ – prosseguiu o ajudante de ordens. – É desse mesmo jeito que ele me serve todos os dias, já arrancou todas as estacas da minha barraca, vive tropeçando.

Sem lhe dar ouvidos, Gúskov se desculpou perante nós e me olhou de relance com um sorriso triste, quase imperceptível, com o qual parecia dizer que só eu podia compreendê-lo. Era digno de pena, mas o ajudante de ordens, seu protetor, por algum motivo parecia desgostoso com seu parceiro de barraca e não queria deixá-lo em paz.

– Ora, seu menino habilidoso! Aonde você acha que vai?

– Mas, também, quem é que não tropeça nessas estacas, Pável Dmítievitch? – disse Gúskov. – O senhor mesmo tropeçou anteontem.

– Eu, meu velho, não sou soldado raso, não exigem de mim habilidade.

– Mas ele sabe arrastar os pés – retrucou o subcapitão Ch. – E um soldado raso deve saber dar pulinhos...

– Que gracejos estranhos – disse Gúskov quase num sussurro e de olhos voltados para baixo.

O ajudante de ordens, estava claro, não era indiferente ao seu parceiro de barraca e, com avidez, escutava cada palavra que ele dizia.

– Terá de mandá-lo de novo para um posto avançado de observação – disse o ajudante de ordens, dirigindo-se a Ch. e piscando os olhos para o rebaixado.

– Puxa, lágrimas vão rolar outra vez – respondeu Ch., rindo.

Gúskov já não olhava para mim e fingia pegar tabaco na bolsinha, na qual fazia tempo que não havia mais nada.

– Prepare-se para ir para um posto avançado de observação, meu velho – disse Ch., rindo. – Hoje os espiões contaram que haverá um ataque contra o acampamento esta noite, portanto é preciso indicar rapazes de confiança.

Gúskov sorriu, hesitante, como que se preparando para falar alguma coisa, e várias vezes ergueu um olhar de súplica para Ch.

– Ora, eu já fui antes e irei de novo, se me mandarem – balbuciou.

– E vão mandar.

– Bem, então irei. O que é que tem de mais?

– Sim, como em Argun, quando você fugiu do posto avançado e abandonou o fuzil – disse o ajudante de ordens e, dando as costas para ele, contou-nos quais eram as ordens para o dia seguinte.

De fato, esperavam naquela noite disparos do inimigo contra o acampamento e algum movimento para o dia seguinte. Depois de falar sobre vários assuntos, o ajudante de ordens, como se lembrasse aquilo de repente e por acaso, propôs ao tenente O. jogar uma partidinha. O tenente O., de modo totalmente inesperado, concordou e, junto com Ch. e o alferes, foi para a barraca do ajudante de ordens,

onde havia uma mesa verde de armar e cartas. O capitão, comandante de nossa divisão, foi dormir em sua barraca, os outros senhores também se dispersaram e fiquei sozinho com Gúskov. Eu não me enganara, de fato me senti constrangido de ficar a sós com ele. Sem querer, me levantei e comecei a andar pela bateria, para um lado e para outro. Gúskov andava em silêncio a meu lado, movendo-se inquieto e afobado para não ficar para trás nem me ultrapassar.

– Não estou incomodando o senhor? – perguntou com voz dócil e tristonha. Até onde eu podia enxergar seu rosto no escuro, parecia-me profundamente pensativo e melancólico.

– De jeito nenhum – respondi; mas, como ele nada falava e como eu também não sabia o que lhe dizer, andamos muito tempo calados.

O pôr do sol já havia se transformado em noite escura, por cima da silhueta negra das montanhas ardia o claro crepúsculo noturno, no alto, no céu gélido e azul-claro, cintilavam estrelas miúdas, de todos os lados chamejavam nas trevas as labaredas vermelhas das fogueiras fumegantes, em volta sobressaíam o tom cinza das barracas e o negro sombrio dos parapeitos de terra de nossa bateria. De uma fogueira mais próxima, em torno da qual nossos ordenanças se aqueciam e conversavam em voz baixa, de vez em quando o cobre de nossos canhões pesados rebrilhava na bateria e se revelava a figura da sentinela, que, com o capote jogado sobre os ombros, se movia ritmadamente pelo parapeito de terra.

– O senhor nem pode imaginar que alegria é para mim conversar com um homem como o senhor – disse-me Gúskov, embora ainda não tivéssemos conversado sobre nada. – Só pode compreendê-lo quem já esteve na minha situação.

Eu não sabia o que lhe responder e, de novo, ficamos em silêncio, embora Gúskov, isso estava bem claro, quisesse me contar algo e eu quisesse escutá-lo.

– Por que o senhor foi... por que o senhor sofreu isso? – perguntei, enfim, sem conseguir pensar em nada melhor para começar a conversa.

– Será que o senhor não ouviu falar daquela malfadada história com Metiénin?

– Sim, um duelo, parece; ouvi por alto – respondi. – Afinal, estou no Cáucaso faz muito tempo.

– Não, não foi um duelo, foi uma história tola e horrível! Vou lhe contar tudo, se ainda não sabe.

Foi no mesmo ano em que nos conhecemos na casa de minha irmã, eu morava em Petersburgo na época. Tenho de lhe explicar, eu tinha, na época, o que se chama de *une position dans le monde*.⁸ E uma posição muito vantajosa, talvez até excepcional. *Mon père me donnait dix milles par an*.⁹ No ano de 1849, prometeram-me um posto na embaixada de Turim, um tio meu, por parte de mãe, podia fazer muito por mim e sempre estava pronto para me ajudar. Agora isso tudo é passado, *j'étais reçu dans la meilleure société de Pétersbourg, je pouvais prétendre*¹⁰ ao melhor partido. Eu havia estudado na escola como todos estudamos, portanto não tinha uma educação especial; na verdade, li muito, depois, *mais j'avais surtout ce jargon du monde*,¹¹ entende, e, fosse como fosse, por algum motivo me julgavam um dos jovens de mais destaque em Petersburgo. O que mais me elevou na opinião geral foi *cette liaison avec Madame D.*,¹² sobre a qual falavam muito em Petersburgo, porém eu era terrivelmente jovem na época e dava pouco valor a tais vantagens. Era apenas jovem e tolo, do que mais eu precisava? Em Petersburgo, na época, aquele Metiénin tinha reputação... – E Gúskov continuou a me contar nesse estilo a história de seu infortúnio, a qual, por nada ter de interessante, vou pular aqui. – Fiquei dois meses preso – prosseguiu. – Totalmente só, e o que eu não pensei durante aquele tempo! Mas, sabe, quando tudo aquilo terminou, parecia que meu vínculo com o passado estava definitivamente rompido, me senti mais leve. *Mon père, vous en avez entendu parler*,¹³ sem dúvida, é um homem com um caráter de ferro e de convicções firmes, *il m'a déshérité*¹⁴ e rompeu toda relação comigo. Segundo sua convicção, era necessário agir assim e eu não o censuro em nada: *il a été conséquent*.¹⁵ Em troca, não dei um passo para que ele mudasse de atitude. Minha irmã estava no exterior, só Madame D. me escrevia, quando permitiam, e oferecia sua ajuda, mas não aceitei, o senhor compreende. Portanto não recebi aquelas

ninharias que trazem um pouco de alívio em tais situações, entende? Nem livros, nem roupa de baixo, nem alimentos, nada. Pensei muito, muito mesmo, nessa época, passei a encarar tudo com outros olhos; por exemplo, aqueles rumores e tudo o que falavam de mim na sociedade em Petersburgo não me interessavam, não me deixavam nem um pouco lisonjeado, tudo aquilo me parecia ridículo. Eu sentia que a culpa era minha mesmo; descuidado, jovem, estraguei minha carreira e só pensava num jeito de recuperá-la. E sentia haver dentro de mim força e energia para isso. Depois da prisão, como lhe disse, me mandaram para cá, para o Cáucaso, para o regimento de N. Pensei – prosseguiu, cada vez mais animado – que aqui no Cáucaso *la vie de camp*,¹⁶ a gente simples, honesta, com quem eu ia me relacionar, a guerra, os perigos, tudo isso viria ao encontro do meu estado de espírito e nada poderia ser melhor para eu começar uma vida nova. *On me verra au feu*,¹⁷ vão me amar, vão me respeitar não só pelo nome... uma condecoração, o posto de suboficial, a suspensão da pena, e voltarei de novo *et, vous savez, avec ce prestige du malheur! Mas quel désenchantement*.¹⁸ O senhor nem pode imaginar como eu estava enganado!... O senhor conhece a sociedade dos oficiais de nosso regimento? – Calou-se por um bom tempo, esperando, assim me pareceu, que eu lhe dissesse que sabia como era ruim a sociedade dos oficiais locais; mas não respondi nada. Achei repugnante que ele acreditasse que eu, por saber falar francês, devia me sentir indignado com a sociedade dos oficiais, a qual, ao contrário, por ter vivido muito tempo no Cáucaso, eu aprendera a apreciar plenamente e respeitava mil vezes mais do que a sociedade da qual provinha o nobre senhor Gúskov. Eu quis lhe dizer isso, mas sua posição me tolhia. – No regimento de N., a sociedade dos oficiais é mil vezes pior do que aqui – continuou. – *J’espère que c’est beaucoup dire*,¹⁹ ou seja, o senhor nem pode imaginar o que é! Já nem falo dos *junkers* e dos soldados. Que horror! Receberam-me bem, no início, é a pura verdade, mas depois, quando perceberam que eu não podia deixar de desprezá-los, entende, nas pequenas atitudes imperceptíveis, viram que sou um homem totalmente diferente, que estava infinitamente acima deles, se irritaram comigo e começaram a se vingar com diversas humilhações miúdas. *Ce que j’ai eu à souffrir, vous ne vous faites pas une idée*.²⁰ Depois dessas indesejadas relações com os *junkers*, e sobretudo *avec les petits moyens, que j’avais, je manquais de tout*,²¹ eu só tinha aquilo que minha irmã me mandava. Para o senhor ver como eu sofria, que eu, com meu caráter, *avec ma fierté, j’ai écrit à mon père*,²² supliquei que ele me mandasse qualquer coisa. Entendo que viver cinco anos daquela maneira pode transformar a pessoa em algo como o rebaixado Drómov, que bebe com os soldados, escreve bilhetinhos para todos os oficiais, pedindo que lhe arranjem três rublos e assina “*tout à vous*,²³ Drómov”. É preciso ter um caráter como o meu para não se atolar por completo nessa situação horrível. – Ele caminhou em silêncio a meu lado por muito tempo. – *Avez-vous un papiros?*²⁴ – perguntou-me. – Mas onde foi mesmo que eu parei? Ah, é. Não consigo suportar isso, mesmo fisicamente, porque, embora estivesse com frio, com fome e passasse mal, eu vivia como um soldado e mesmo assim os oficiais tinham certo respeito por mim. Uma espécie de *prestige* perdurava em mim, para eles. Não me mandavam ficar de guarda ou comparecer aos treinamentos. Eu não suportaria aquilo. Mas sofria moralmente de uma forma terrível. E, sobretudo, não via saída para tal situação. Escrevi para meu tio, implorei que me transferisse para este regimento, que pelo menos estava em combate, e pensei que Pável Dmítievitch, *qui est le fils de l’intendant de mon père*,²⁵ estava aqui e que ele, apesar de tudo, poderia me ser útil. Meu tio fez o que pedi, me transferiram. Depois daquele regimento, este me pareceu uma reunião de camareiros da corte. Além do mais, o Pável Dmítievitch sabia como eu era e me receberam esplendidamente. A pedido de meu tio... Gúskov, *vous savez...*²⁶ mas percebi que com essas pessoas sem educação e sem cultura... eles não conseguem respeitar um homem e lhe mostrar sinais de respeito se não trouxer consigo aquela auréola de nobreza, de fama; quando viram que eu era pobre, aos poucos percebi, sua atitude em relação a mim se tornou cada vez mais displicente até por fim tornar-se quase desdenhosa. É horrível! Mas isso é a pura verdade. Aqui, estive nos combates, lutei, *on m’a vu au feu*²⁷ – prosseguiu. – Mas quando isso vai terminar? Eu

acho que nunca! E minhas forças e minha energia já começam a se esgotar. Eu imaginava *la guerre, la vie de camp*,²⁸ mas tudo isso é bem diferente agora que vejo as coisas de perto. Num casaco curto de pele, sem tomar banho, calçando botas de soldado, lá vai você para o posto avançado e fica a noite inteira deitado ao pé de um barranco, com um tal de Antónov, que mandaram para o serviço militar porque vivia embriagado, e a qualquer minuto podem atirar em você, de trás dos arbustos, em você ou em Antónov, tanto faz. Ali já não existe bravura nem nada... é um horror. *C'est affreux, ça tue*.²⁹

– Mas afinal, depois da campanha, o senhor pode receber a promoção para sargento e no ano seguinte para alferes – argumentei.

– Sim, posso, me prometeram isso, mas já estou aqui há dois anos, e nem sinal. E o que não valeriam esses dois anos, se eu conhecesse alguém. Imagine o senhor esta vida com esse Pável Dmítievitch: cartas, piadas sórdidas, farras; você quer exprimir algo que se acumulou em sua alma, não vão compreendê-lo e ainda vão rir da sua cara, falam com você não para lhe comunicar uma ideia, mas para fazer você de palhaço, se possível. E tudo isso é tão vulgar, rasteiro, brutal, e você fica sempre com a sensação de que é um soldado raso, dão a entender isso o tempo todo. Por isso o senhor nem imagina que prazer é falar *à couer ouvert*³⁰ com uma pessoa como o senhor.

Eu não entendia de maneira nenhuma que tipo de pessoa eu era e por isso não sabia o que lhe responder...

– O senhor quer lanchar? – disse-me naquele momento Nikita, que se havia aproximado no escuro, sem ser notado, e, pelo que percebi, estava descontente com a presença do visitante. – Só restaram uns poucos *variéniki*³¹ e umas costeletas.

– E o capitão já lanchou?

– Foi dormir já faz tempo – respondeu Nikita com mau humor.

Quando ordenei que trouxesse nosso lanche e um pouco de vodca, ele resmungou algo de má vontade e se enfiou em sua barraca. Depois de resmungar mais um pouco, no entanto, nos trouxe a arca de vinhos; acendeu uma vela sobre a arca de vinhos, protegeu a chama do vento com um papel, pôs ali também uma caçarola, uma lata de mostarda, uma taça de latão com alça e uma garrafa com vodca. Depois de arrumar tudo isso, Nikita ficou algum tempo parado perto de nós e observou como eu e Gúskov tomávamos vodca, o que, pelo visto, ele achou muito desagradável. Na iluminação baça da vela, por trás do papel, e no meio da escuridão que nos rodeava, só se enxergavam o forro de tule da arca de vinhos, o jantar sobre ela, o rosto e o casaco de Gúskov e suas mãozinhas vermelhas, com as quais ele começara a tirar os *variéniki* da caçarola. Em redor, tudo estava negro e só com esforço se podiam distinguir a bateria, a figura negra da sentinela que se avistava entre os parapeitos de terra, as chamas das fogueiras nos lados e, no alto, estrelas vermelhas. Gúskov sorria com pesar e vergonha, de modo quase imperceptível, como se fosse incômodo para ele fitar-me nos olhos depois de sua confissão. Bebeu mais uma taça de vodca e comeu com sofreguidão, raspando a caçarola.

– Pois é, para o senhor, apesar de tudo – disse eu, só para falar alguma coisa –, seu conhecimento com o ajudante de ordens é um alívio; ouvi dizer que é um homem muito bom.

– Sim – respondeu o rebaixado. – É um bom homem, mas não poderia ser mais do que isso, com o grau de instrução que tem, não se pode exigir grande coisa. – De repente, pareceu ruborizar-se. – O senhor percebeu as brincadeiras sórdidas que fizeram agora há pouco sobre o posto avançado? – E Gúskov, apesar de eu tentar várias vezes mudar de assunto, fez questão de se justificar diante de mim e mostrar que não tinha fugido do posto avançado e que não era covarde, como quiseram dar a entender o ajudante de ordens e Ch. – Como disse ao senhor – continuou, esfregando a mão no casaco –, essa gente não consegue ser delicada com um homem... que é soldado raso e que tem pouco dinheiro; está acima de suas forças. E ultimamente, como faz cinco meses que por algum motivo não recebo nada de minha irmã, notei como passaram a me tratar de modo diferente. Este casaco de pele que comprei de um soldado e

que não aquece, porque está todo puído (e, dizendo isso, mostrou-me a aba sem forro), não desperta compaixão nem respeito pelo infortúnio, mas sim desprezo, que eles não conseguem disfarçar. Por maior que seja minha penúria, como acontece agora, quando não como nada senão a papa dos soldados, e nada tenho para vestir – prosseguiu, olhando para baixo, servindo para si mais uma taça de vodka –, o ajudante de ordens nem pensa em me oferecer um dinheiro emprestado, mesmo tendo certeza de que eu vou pagar, e em troca espera que eu, na minha situação, peça para ele. E o senhor entende o que isso significa para mim, ainda mais com ele. Ao senhor, por exemplo, eu diria com franqueza, *vous êtes au-dessus de cela; mon cher, je n'ai pas le sou*.³² E, sabe – disse ele, fitando-me nos olhos de repente, com ar desesperado. – Com o senhor, eu falo francamente, estou numa situação horrorosa: *pouvez-vous me prêter dix roubles argent?*³³ Minha irmã deve me mandar dinheiro no próximo correio, *et mon père...*³⁴

– Ah, com todo o prazer – respondi, quando, ao contrário, aquilo me causava dor e irritação, sobretudo porque na véspera tinha jogado uma partida de cartas e só me sobraram cinco rublos e alguns trocados, que estavam com Nikita. – Agora mesmo – respondi, me levantando. – Vou pegar na barraca.

– Não, depois, *ne vous dérangez pas*.³⁵

No entanto, sem lhe dar ouvidos, penetrei na barraca onde ficava meu leito e onde o capitão dormia.

– Aleksei Ivánitch, por favor, me dê dez rublos até o dia de nosso pagamento – disse ao capitão, acordando-o.

– O que foi, perdeu no jogo de novo? Ontem mesmo disse que não ia mais jogar – exclamou o capitão, sonolento.

– Não, eu não joguei, mas estou precisando, por favor, me dê o dinheiro.

– Makatiuk! – gritou o capitão, chamando seu ordenança. – Pegue a caixa do dinheiro e traga para cá.

– Fale baixo, fale baixo – pedi, ouvindo os passos ritmados de Gúskov por trás da barraca.

– Falar baixo por quê?

– Foi aquele rebaixado que me pediu o dinheiro emprestado. Ele está ali!

– Se soubesse, não emprestaria – comentou o capitão. – Ouvi falar dele... um cafajeste de primeira! – Apesar disso, o capitão me deu o dinheiro, mandou esconder a caixa, fechou melhor a barraca e repetiu: – Pois se soubesse que era assim, não daria o dinheiro. – E escondeu a cabeça embaixo do cobertor. – Agora o senhor me deve trinta e dois, não esqueça – gritou.

Quando saí da barraca, Gúskov andava ao redor dos bancos e sua figura pequena, de pernas tortas e gorro monstruoso, de pelos compridos e brancos, se destacava e desaparecia no escuro, depois de passar pela vela. Fingia não notar que eu estava ali. Entreguei-lhe o dinheiro. Ele disse: *merci*³⁶ e, amassando a nota, enfiou-a no bolso da calça.

– Imagino que agora a partida na barraca de Pável Dmítrievitch deve estar pegando fogo – disse ele, em seguida.

– Sim. Também acho.

– Ele joga de um jeito estranho, sempre arrojado, e não se retira do jogo: quando a gente ganha, tudo bem, mas quando não está dando certo, pode-se perder somas tremendas desse jeito. Ele mesmo provou isso. Neste destacamento, incluindo os pertences, ele já perdeu mais de mil e quinhentos rublos. E antes jogava de maneira tão contida que aquele oficial de vocês pareceu duvidar da honestidade dele.

– Sim, ele era assim... Nikita, não sobrou um pouco de *tchikhir*?³⁷ – perguntei, muito aliviado com a tagarelice de Gúskov. Nikita resmungou de novo, mas trouxe-nos o *tchikhir* e de novo olhou com raiva quando Gúskov bebeu seu copo. Na atitude de Gúskov, percebia-se a desenvoltura de outros tempos. Eu queria que ele fosse embora de uma vez e, ao que parecia, ele não fazia isso só porque tinha vergonha de ir embora logo depois de ter recebido de mim o dinheiro. Fiquei calado.

– Como foi que o senhor, que tem recursos, sem nenhuma necessidade, *de gaieté de coeur*³⁸ veio

para o Cáucaso? É isso que não entendo – disse-me.

Tentei me justificar daquele ato tão estranho aos seus olhos.

– Imagino como também é penosa para o senhor a companhia daqueles oficiais, gente sem apreço pela educação. Com eles, não é possível uma compreensão mútua. Pois, além de cartas, bebida e conversas sobre condecorações e campanhas, nada ouviremos nem veremos da parte deles, mesmo que fiquemos aqui dez anos.

Para mim, era desagradável que ele quisesse que eu, a todo custo, compartilhasse seu ponto de vista, então garanti a Gúskov que eu gostava muito de jogar cartas, de bebida e de conversas sobre as campanhas e que não desejava ter camaradas melhores do que os que eu tinha. Porém ele não quis acreditar em mim.

– O senhor até pode falar assim – prosseguiu –, mas a ausência de mulheres, quero dizer, *femmes comme il faut*,³⁹ por acaso não é uma privação horrível? Eu daria qualquer coisa, nem sei o quê, para só por um minuto ser transportado a um salão e ver uma mulher graciosa, nem que fosse através de uma fresta da porta.

Ficou um tempo calado e tomou mais um copo de *tchikhir*.

– Ah, meu Deus, meu Deus! Quem sabe um dia ainda aconteça de estarmos juntos em Petersburgo, em casa de gente boa, ficar e viver com gente boa, com mulheres? – Tomou o resto da bebida que ainda havia na garrafa e depois disse: – Ah, *pardon*,⁴⁰ talvez o senhor quisesse beber mais um pouco, sou horrivelmente distraído. No entanto parece que bebi demais, *et je n'ai pas la tête forte*.⁴¹ Houve um tempo, quando eu morava na rua Morskaia, *au rez de chaussée*, eu tinha um apartamentozinho maravilhoso, os móveis, entende, eu sabia arrumar com elegância, embora não fossem caríssimos, é verdade: *mon père*⁴² me dava porcelanas, flores, pratarias maravilhosas. *Le matin je sortais*, visitas, *à cinq heures régulièrement*⁴³ eu ia jantar na casa dela, que muitas vezes estava sozinha. *Il faut avouer que c'était une femme ravissante!*⁴⁴ O senhor não a conheceu? Nem um pouco?

– Não.

– Sabe, nela a feminilidade se manifestava no grau mais alto, que ternura e também que amor! Meu Deus! Na época, eu não sabia apreciar aquela felicidade. Ou então, depois do teatro, voltávamos juntos e jantávamos. Com ela, nunca era maçante, *toujours gaie, toujours aimante*.⁴⁵ Sim, eu nem pressentia como era rara aquela felicidade. *Et j'ai beaucoup à me reprocher*⁴⁶ diante dela. *Je l'ai fait souffrir et souvent*.⁴⁷ Fui cruel. Ah, que tempo maravilhoso! Estou aborrecendo o senhor?

– Não, nem um pouco.

– Então vou lhe contar como eram nossas noites. Antigamente, eu entrava... aquela escada, eu conhecia cada jarro de flores... a maçaneta da porta, tudo era tão adorável, familiar, depois o vestíbulo, o quarto dela... Não, isso nunca, nunca mais vai voltar! Ela escreve até hoje para mim, talvez lhe mostre uma de suas cartas. Mas não sou o mesmo, estou acabado, já não a mereço... Sim, estou definitivamente acabado! *Je suis cassé*.⁴⁸ Não tenho energia nem orgulho, nada. Nem nobreza eu tenho... Sim, estou acabado! E ninguém jamais vai compreender meus sofrimentos. Ninguém se importa. Sou um homem perdido! Nunca mais vou me erguer, porque caí moralmente... na lama... caí... – Nesse instante, em suas palavras, dava para perceber um desespero sincero, profundo; ele não olhava para mim e ficou imóvel.

– Para que se desesperar assim? – perguntei.

– Porque sou abominável, esta vida me aniquilou, tudo o que havia em mim, tudo está morto. Eu já sofro não com orgulho, mas com baixeza, já não há *dignité dans le malheur*.⁴⁹ Humilham-me a todo minuto, eu tudo suporto, eu mesmo procuro a humilhação. Essa lama *a déteint sur moi*,⁵⁰ eu mesmo me tornei grosseiro, esqueci o que sabia, já não sei falar francês, sinto que sou vulgar e baixo. Não posso combater nesta situação, não consigo de forma nenhuma, e eu talvez pudesse até ser um herói: deem-me um regimento para comandar, dragonas douradas, clarins, mas ficar ao lado de um selvagem chamado

Antónov Bondarenko e outros do mesmo tipo e pensar que entre mim e ele não existe nenhuma diferença, que podem matar a mim ou a ele, tanto faz, essa ideia me mata. O senhor compreende como é horrível pensar que algum maltrapilho qualquer vai matar a mim, um homem que pensa, sente, e que tanto faz que matem um Antónov qualquer ao meu lado, criatura que em nada se diferencia de um animal, e pode perfeitamente acontecer que matem justamente a mim e não ao Antónov, pois sempre ocorre *une fatalite*⁵¹ para todos que são elevados e bons. Eu sei que me chamam de covarde; pois que eu seja covarde, sou mesmo covarde e não posso ser diferente. E mais do que covarde, para eles sou um mendigo e um homem desprezível. Veja, acabei de lhe pedir dinheiro e o senhor tem o direito de me desprezar. Não, tome de volta seu dinheiro – e estendeu na minha direção a nota amassada. – Quero que me respeite. – Cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar; eu não sabia absolutamente o que fazer e o que dizer.

– Acalme-se – comecei a lhe dizer. – O senhor é muito emotivo, não tome tudo assim tão a peito, não fique analisando demais, encare as coisas de maneira mais simples. O senhor mesmo diz que tem caráter. Controle-se, já resta pouco para suportar – disse eu, mas muito constrangido, porque estava perturbado por um sentimento de compaixão e por um sentimento de remorso, por ter me permitido censurar mentalmente um homem sincera e profundamente infeliz.

– Sim – começou ele –, se pelo menos uma vez, quando estive naquele inferno, se eu recebesse pelo menos uma palavra de simpatia, de conselho, de amizade... uma palavra humana, como ouço agora do senhor. Talvez eu conseguisse suportar tudo com tranquilidade; talvez eu até conseguisse me controlar e até ser um soldado, mas agora é um horror... Quando raciocino com sensatez, tenho vontade de morrer, e afinal por que amar esta vida desonrada e a mim mesmo, que estou acabado para tudo o que há de bom no mundo? E diante do menor perigo, sem querer, começo de repente a adorar esta vida sórdida e a protegê-la como algo precioso e não posso, *je ne puis pas*,⁵² me dominar. Quer dizer, até posso – prosseguiu de novo, após um minuto de silêncio –, mas para mim isso requer um esforço enorme, grande demais, se estou sozinho. Com outras pessoas, em condições normais, quando vamos para o combate, eu sou corajoso, *j'ai fait mes preuves*,⁵³ porque sou vaidoso e orgulhoso: esse é meu defeito, e diante dos outros... Escute, deixe-me dormir na sua barraca, pois na nossa vão ficar jogando a noite inteira, fico em qualquer lugar, até no chão.

Enquanto Nikita arrumava a cama, nos levantamos e começamos a caminhar de novo pela bateria no escuro. De fato, Gúskov devia ter mesmo uma cabeça bem fraca, pois com duas taças de vodca e dois copos de vinho ele tinha ficado trôpego. Quando nos levantamos e nos afastamos da vela acesa, notei que ele, se esforçando para que eu não visse, pôs de novo no bolso a nota de dez rublos, que havia segurado na palma da mão durante todo o tempo da conversa. Continuou dizendo que ainda sentia, que ainda podia erguer-se, se contasse com um homem como eu, que se interessasse por ele.

Já estávamos dispostos a ir para a barraca e dormir, quando de repente uma bala de canhão sibilou por cima de nós e caiu na terra, ali perto. Foi tão estranho – o acampamento silencioso e adormecido, a nossa conversa, e de repente uma bala de canhão do inimigo, que só Deus sabe de que lado vinha, cai no meio de nossas barracas –, tão estranho que demorei para me dar conta do que estava acontecendo. Nosso soldado Andréiev, de sentinela na bateria, veio na minha direção.

– Puxa, passou rente! Miraram naquela luz ali – disse ele.

– Temos de acordar o capitão – eu disse, e lancei um olhar para Gúskov.

Ele estava muito inclinado para o chão e gaguejava, tentava falar alguma coisa. “Isso... senão... inimigo... isso é... de fazer rir.” Não disse mais nada e num instante sumiu, não vi como nem para onde.

Na barraca do capitão, a vela estava acesa, ouvia-se a tosse que sempre o acometia quando acordava e ele mesmo saiu da barraca, pedindo um tição para acender seu pequeno cachimbo.

– O que foi isso, meu caro? – perguntou ele, sorrindo. – Hoje não querem deixar que eu durma: ora é o senhor com seus rebaixados, ora é o Chamil; o que vamos fazer, reagir ou não? Não havia nada a respeito disso nas ordens?

– Nada. Lá vem ele de novo – eu disse. – E são duas.

De fato, no escuro, à frente e à direita, duas chamas fulguravam, como dois olhos, e logo passaram voando acima de nós uma bala de canhão e uma granada, talvez apontada contra nós, que emitia um assovio alto e cortante. Soldados saíram correndo das barracas vizinhas, ouviram-se seus berros, bufos e conversas.

– Puxa, a bandida assovia feito um rouxinol – comentou um artilheiro.

– Chame Nikita – disse o capitão, com seu sorriso sempre simpático. – Nikita! Não se esconda, venha ouvir os rouxinóis da montanha.

– Claro, Vossa Excelentíssima – respondeu Nikita, de pé ao lado do capitão. – Eu vi esses rouxinóis e não tenho medo, mas aquela nossa visita, que estava aqui e bebeu o nosso *tchikhir*, assim que ouviu, deu o fora bem depressa no meio das nossas barracas, rolou feito uma bola, feito um bicho que foge no mato!

– Mas é preciso ir falar com o chefe da artilharia – disse-me o capitão em tom sério de comando –, perguntar se temos de responder ao fogo; não vai adiantar nada, mesmo assim é possível. Rápido, vá lá e pergunte. Mande selar um cavalo, irá mais depressa se montar no meu Polkan.

Em cinco minutos me trouxeram o cavalo e parti ao encontro do comandante da artilharia.

– Veja bem, a senha é “vara” – sussurrou-me o capitão, meticoloso –, do contrário não vão deixar que você cruze as linhas.

A distância até o comandante da artilharia era de meia versta, todo o caminho no meio das barracas. Assim que me afastei de nossa fogueira, fez-se um negror tão grande que eu não enxergava nem as orelhas do cavalo, apenas distinguia as chamas das fogueiras, que ora me pareciam muito próximas, ora muito distantes. Depois de avançar um pouco ao capricho do cavalo, cujas rédeas eu deixara soltas, comecei a vislumbrar os quadrados brancos das barracas e depois os sulcos negros da estrada; meia hora mais tarde, depois de perguntar umas três vezes qual era o caminho e tropeçar umas duas vezes nas estacas das barracas, o que me fez ouvir xingamentos vindos de dentro delas, e depois de ser retido duas ou três vezes por sentinelas, cheguei ao comandante da artilharia. Enquanto cavalgava, ouvi mais dois tiros contra nosso acampamento, mas os obuses não alcançaram o local onde ficava o quartel-general. O comandante da artilharia não deu ordem para responder aos tiros, ainda mais porque o inimigo tinha parado de atirar, e eu voltei para minha bateria a pé, entre as barracas dos infantess, puxando o cavalo pelas rédeas. Mais de uma vez diminuí o passo ao cruzar uma barraca de soldados na qual havia fogo aceso e fiquei escutando ou uma história que um piadista contava, ou um livro que um soldado alfabetizado lia em voz alta para um destacamento inteiro, que o escutava espremido dentro da barraca lotada e até do lado de fora, interrompendo o leitor de vez em quando com diversos comentários, ou eu escutava apenas conversas sobre a campanha, sobre a terra natal, sobre os superiores.

Ao passar por uma das barracas do terceiro batalhão, ouvi a voz alta de Gúskov, que falava muito alegre e animado. A ele respondiam vozes jovens, também alegres, de cavaleiros, não de soldados rasos. Era, obviamente, uma barraca de *junkers* ou de sargentos. Parei por alguns instantes.

– Eu o conheço há muito tempo – disse Gúskov. – Quando morei em Petersburgo, ele ia me visitar muitas vezes e eu ia à sua casa, ele vivia na melhor sociedade.

– De quem você está falando? – perguntou uma voz embriagada.

– Do príncipe – respondeu Gúskov. – Somos parentes e, mais ainda, velhos amigos. Os senhores sabem como é bom ter um conhecido desses. É tremendamente rico. Para ele, cem rublos de prata são uma ninharia. Acabei de pegar emprestado com ele um bom dinheiro, enquanto minha irmã não me manda nada.

– Então me dê um pouco aí.

– Claro, Saviélitch, meu caro! – exclamou a voz de Gúskov, aproximando-se da porta da barraca. – Tome aqui dez moedas, vá até os vendedores ambulantes e traga duas garrafas de vinho de Kaheti.⁵⁴ E

o que mais querem, senhores? Digam!

E Gúskov, balançando o corpo, com os cabelos alvoroçados, sem chapéu, saiu da barraca. Abriu as abas do casaco de pele, enfiou as mãos nos bolsos da calça cinzenta e ficou parado na porta. Embora ele estivesse na luz e eu no escuro, tremi de medo de que me visse e, tentando não fazer barulho, fui em frente.

– Quem está aí? – gritou Gúskov para mim, com a voz completamente bêbada. Estava claro que o frio o havia despertado. – Quem diabo está andando por aí com um cavalo?

Não respondi e, em silêncio, fui embora pela estrada.

15 de novembro de 1856

MANHÃ DE UM SENHOR DE TERRAS

I

O príncipe Nekhliúdob tinha dezenove anos quando, ao terminar o terceiro ano da universidade, foi passar as férias de verão em sua propriedade rural e lá ficou sozinho durante toda a estação. No outono, com mão hesitante de menino, escreveu para a tia, a condessa Beloretskaia, que na sua opinião era sua melhor amiga e a mulher mais genial do mundo, a carta abaixo, traduzida do francês:

Querida titia,

Tomei uma decisão da qual vai depender a sorte de toda a minha existência. Vou abandonar a universidade para dedicar minha vida ao campo, porque sinto que nasci para isso. Pelo amor de Deus, querida titia, não ria de mim. A senhora diz que sou jovem; talvez eu ainda seja apenas uma criança, mas isso não me impede de sentir minha vocação, de desejar fazer o bem e de amá-lo.

Como já lhe escrevi antes, encontrei os negócios aqui numa confusão indescritível. No intuito de pôr as coisas em ordem, aprofundei-me na situação e descobri que o principal problema reside na condição lastimável e calamitosa em que se encontram os mujiques e que esse problema só se pode corrigir com trabalho e paciência. Se a senhora pudesse ver apenas dois de meus mujiques, David e Ivan, e a vida que levam, eles e suas famílias, estou convencido de que uma só visão desses dois infelizes persuadiria a senhora mais do que tudo o que eu poderia lhe dizer para explicar minha intenção. Afinal, não é meu dever claro e sagrado me empenhar pela felicidade dessas setecentas pessoas, pelas quais vou responder perante Deus? Não seria um pecado deixá-las à mercê de rudes estarotes e administradores, com seus planos de prazer ou de ambição? Sinto-me capaz de ser um bom proprietário; e para ser aquilo que entendo por essa palavra não é preciso nem diploma nem um posto no serviço público, que a senhora tanto gostaria que eu tivesse. Querida titia, não faça planos ambiciosos para mim, habitue-se à ideia de que vou seguir um caminho muito diferente, mas bom, e que sinto que vai me levar à felicidade. Refleti muito, muito mesmo, a respeito de minhas futuras obrigações, redigi para mim regras de conduta e, se Deus me der vida e força, terei êxito em minha

iniciativa.

Não mostre esta carta ao meu irmão Vássia: receio sua zombaria; ele está habituado a ter a primazia sobre mim e eu estou habituado a me submeter a ele. Quanto a Vânia, se não aprovar minha intenção, pelo menos vai compreendê-la.

A condessa respondeu com a seguinte carta, também aqui traduzida do francês:

Sua carta, querido Dmítiri, não mostra nada, senão que você tem um belo coração, do que jamais duvidei. Porém, querido amigo, nossas tendências boas nos trazem mais mal na vida do que as más. Não vou lhe dizer que está fazendo uma tolice, que seu comportamento me aflige, mas vou tentar influenciar você só com persuasão. Vamos raciocinar, meu amigo. Você diz que sente uma vocação para a vida rural, que quer fazer a felicidade de seus camponeses e que espera vir a ser um bom proprietário. Devo lhe dizer 1) que apenas sentimos nossa vocação quando já nos enganamos uma vez a respeito; 2) que é mais fácil fazer nossa própria felicidade do que a felicidade dos outros; e 3) que para ser um bom proprietário é preciso ser um homem frio e rigoroso, o que você jamais será na vida, por mais que se esforce em fingir que é.

Você considera seus argumentos irreversíveis e até os adota como regras de vida; mas na minha idade, meu amigo, não acreditamos em argumentos e em regras, só acreditamos na experiência; e a experiência me diz que seus planos são uma infantilidade. Já tenho cinquenta anos e conheci muitas pessoas dignas, mas nunca ouvi falar de um jovem de boa família e com muitos talentos que, sob o pretexto de fazer o bem, tenha se enterrado no campo. Você sempre quis se mostrar original e sua originalidade não é outra coisa senão um amor-próprio excessivo. E, meu amigo!, é melhor escolher caminhos batidos: eles conduzem ao sucesso em menos tempo, e o sucesso, caso já não seja necessário para você enquanto sucesso, é no entanto indispensável para ter a possibilidade de fazer o bem, que você ama.

A pobreza de alguns camponeses é um mal inevitável, ou melhor, é um mal que não se pode remediar sem esquecer todas as suas obrigações com a sociedade, com seus parentes e consigo mesmo. Com sua inteligência, com seu coração e amor à virtude, não há carreira em que você não vá obter sucesso; mas pelo menos escolha alguma que seja digna de você e que lhe traga honra.

Creio na sua sinceridade quando diz que não tem ambições; mas você engana a si mesmo. Na sua idade e com seus recursos, a ambição é uma virtude; mas ela se torna um defeito e uma vulgaridade quando o homem já não está em condições de satisfazer essa paixão. E você vai experimentar isso, se não mudar de intenção. Adeus, querido Mítia. Parece-me que o amo ainda mais, por seu plano absurdo, mas nobre e generoso. Aja como quiser, mas confesso que não posso concordar com você.

O jovem, ao receber essa carta, refletiu longamente a respeito e por fim, tendo decidido que a mulher genial podia se enganar, mandou para a universidade um pedido de desligamento e ficou no campo para sempre.

O jovem senhor de terras, como ele havia escrito para a tia, tinha definido regras de conduta em relação à sua propriedade, e toda a sua vida e seus afazeres estavam distribuídos em horas, dias e meses. O

domingo era destinado a ouvir as reclamações e pedidos dos servos domésticos e dos mujiques, a visitar os camponeses pobres da propriedade e a lhes prestar ajuda, com a concordância do *mir*,¹ que se reunia todo domingo à tarde e tinha de decidir a quem prestar ajuda e como ela seria. Em tais atividades, passou-se mais de um ano, e o jovem já não era mais nenhum iniciante nos conhecimentos práticos e teóricos de uma propriedade rural.

Era um claro domingo de junho quando, depois de tomar café e ler correndo um capítulo de *Maison rustique*,² com um caderno de anotações e um pacote de dinheiro no bolso do casaco, Nekhliúdiv saiu da grande casa rural, com colunas e varandas, onde ocupava apenas um quarto pequeno no térreo, e seguiu pelo maltratado e descuidado caminho do velho jardim inglês rumo à vila que se distribuía de ambos os lados da estrada principal. Nekhliúdiv era um jovem alto, vigoroso, de cabelos compridos, espessos, crespos e ruivo-escuros, com um brilho radiante nos olhos negros, faces frescas e lábios rosados, acima dos quais apenas se distinguiam as primeiras penugens da mocidade. Em todos os movimentos e em seus passos, percebia-se a força, a energia e a generosa satisfação consigo mesmo da juventude. Os camponeses, em grupos variados, voltavam da igreja; velhos, mocinhas, crianças, mulheres com bebês no colo, em roupas domingueiras, dispersavam-se em suas isbás, cumprimentando o patrão com uma grande inclinação da cabeça ao passar por ele. Nekhliúdiv entrou na rua e parou, tirou do bolso o caderno e na última página, onde havia anotações com sua letra infantil, leu alguns nomes de camponeses e lembretes. “Ivan Tchurissenok – pediu escoras”, leu Nekhliúdiv e, seguindo pela rua, aproximou-se do portão da segunda isbá à direita. A residência de Tchurissenok consistia numa estrutura semidesmoronada com os cantos estragados pelo mofo e as laterais inclinadas, afundada na terra de tal modo que, por cima do imundo banco de areia misturado com esterco ao redor da isbá, mal se viam uma janelinha quebrada com os contraventos meio soltos e uma outra janela menor, coberta por farrapos. Um vestíbulo feito de troncos, com a soleira imunda e a porta baixa, uma outra estrutura pequena, ainda mais antiga e mais baixa do que a entrada, um portão e um pequeno estábulo de palha trançada se aglomeravam em torno da isbá propriamente dita. Tudo aquilo tinha sido coberto, muito tempo antes, por um telhado único e irregular; agora, só no beiral pendia uma palha densa, preta e apodrecida; no alto, aqui e ali, viam-se caniços trançados e pequenas vigas. Na frente do pátio, havia um poço com uma armação destrozada, os restos de uma coluna e de uma roda, e uma poça lamacenta, pisoteada por vacas, na qual se banhavam patos. Perto do poço, havia dois velhos salgueiros rachados e partidos, com uns poucos ramos verde-claros. Embaixo de um dos salgueiros, que davam testemunho de que alguém, algum dia, se ocupara com o embelezamento do lugar, estava sentada uma garota loura de oito anos que obrigava outra garotinha, de dois anos, a rastejar à sua volta. Um cachorrinho dos criados, que sacudia a cauda perto delas, ao ver o patrão, correu esbaforido por debaixo do portão e, de lá, começou a dar latidos assustados e estridentes.

– Ivan está em casa? – perguntou Nekhliúdiv.

A menina mais velha pareceu estupefata com a pergunta e abriu os olhos cada vez mais, sem responder nada; a menorzinha abriu a boca e fez menção de chorar. Uma velhinha miúda, de saia xadrez e em farrapos, presa bem baixa por um cinto avermelhado e velho, espiou por trás da porta e também não respondeu nada. Nekhliúdiv aproximou-se da entrada e repetiu a pergunta.

– Está em casa, benfeitor – exclamou a velhinha com voz rascante, curvando-se muito numa saudação, dominada por uma emoção assustada.

Quando Nekhliúdiv, depois de cumprimentá-la, atravessou a entrada para o pátio acanhado, a velha apoiou o queixo na palma da mão, aproximou-se da porta e, sem baixar os olhos, pôs-se a balançar a cabeça em silêncio. O pátio era miserável; aqui e ali jazia um estrume velho, enegrecido e abandonado; sobre o estrume estavam largados de qualquer jeito um cepo podre, um forcado e dois ancinhos. Em redor do pátio, os telheiros – sob os quais, de um lado, estavam um arado, uma carroça sem rodas e uma pilha de caixas de colmeias de abelhas quebradas, vazias e inúteis, escoradas umas nas outras – estavam quase todos descobertos, e um lado deles tinha tombado, de modo que o telhado da frente já não estava

escorado nas hastes de madeira, mas sim no estrume. Com a lâmina e as costas de um machado, Tchurissenok estava cortando as varas que sustentavam o telhado. Ivan Tchuris era um mujique de cinquenta anos, mais baixo do que o comum. Os traços de seu rosto queimado e comprido, rodeado por uma barba ruivo-escuro já um pouco grisalha e por cabelos espessos da mesma cor, eram bonitos e expressivos. Seus olhos azul-escuros fitavam de modo inteligente, bondoso e despreocupado. A boca reta e pequena se recortava de modo brusco por baixo do bigode ralo e castanho-claro quando ele sorria, e exprimia uma tranquila confiança em si mesmo e uma certa indiferença desdenhosa por tudo o que o rodeava. Pela aspereza da pele, pelas rugas fundas, pelas veias saltadas no pescoço, no rosto e nas mãos, pelo estranho arqueamento de seu corpo e pela posição torta e convexa das pernas, era evidente que toda a sua vida havia transcorrido em trabalhos pesados, excessivos, estafantes. Sua roupa consistia em calças brancas de cânhamo com remendos azuis nos joelhos e uma camisa do mesmo pano, imunda, meio desfiada nas costas e nas mangas. A camisa estava amarrada bem baixa na cintura por um cadarço, do qual pendia uma chavezinha de cobre.

– Deus o ajude! – disse o patrão, entrando no pátio.

Tchurissenok virou-se para olhar e depois retomou seu trabalho. Com um esforço vigoroso, ele soltou uma vara de baixo do telheiro e só então cravou o machado no cepo e, ajeitando o cadarço na cintura, veio para o meio do pátio.

– Bom domingo, Vossa Excelência! – disse, inclinando-se bastante e balançando os cabelos.

– Obrigado, meu caro. Vim aqui ver como vão seus negócios – disse Nekhliúdob com humildade e simpatia infantis, enquanto observava a roupa do mujique. – Mostre-me como são as escorazinhas de que precisa e que pediu na reunião.

– As escoras? Claro, as escoras são assim, paizinho, Vossa Excelência. Isto aqui não dá mais para escorar nada, o senhor mesmo pode ver; olhe só, o canto desabou faz pouco tempo; graças a Deus o gado não estava ali na hora. Tudo aqui está assim, cai não cai – disse Tchuris, olhando com desprezo para seus telheiros meio desmoronados. – Agora os abrigos estão tortos e as colunas, se encostar cai tudo... olhe, madeira boa nem tem mais. E onde é que se pode arranjar madeira hoje? Eu gostaria de saber.

– Então para que você quer cinco escoras, quando um telheiro já desabou e o outro vai cair logo? Você não precisa de escoras, mas de telhados, colunas, vigas... precisa de tudo novo – disse o patrão, visivelmente querendo exibir seu conhecimento do assunto.

Tchurissenok ficou calado.

– Quer dizer que você precisa de muita madeira e não de umas escorazinhas; você tinha de me dizer isso.

– Está certo, eu tinha, mas não tenho onde pegar; não é todo mundo que pode ir à casa senhorial! Se nossos irmãos todos tivessem o costume de ir à casa senhorial falar com Vossa Excelência para saudar e pedir qualquer favor, que camponeses nós íamos ser? Mas se Vossa Senhoria chegasse ao ponto de me deixar pegar os pedaços de carvalho que estão no curral do patrão jogados e sem uso nenhum – disse ele, curvando-se e mudando a toda hora o pé de apoio –, aí talvez eu pudesse trocar uns e cortar outros e assim eu podia dar um jeito de o velho durar mais um tempo.

– O velho, como assim? Pois você mesmo disse que tudo o que tem está velho e estragado; hoje esse canto caiu, amanhã será aquele, depois de amanhã, mais um; pois então, se tem de fazer, que faça tudo novo, para não gastar trabalho à toa. Você pode me explicar como acha que seu telheiro vai conseguir aguentar de pé o inverno?

– Ah, quem pode saber?

– Mas o que você acha? Vai cair ou não?

Tchuris ficou pensando um minuto.

– Deve cair tudo – disse ele, de repente.

– Pois então, você está vendo que era melhor ter falado isso na reunião, que você precisava

reconstruir todo o telheiro e não só de algumas escorazinhas. Pois eu ficaria muito feliz de ajudar você...

– Muito agradecido a Vossa Excelência – respondeu Tchurissenok, desconfiado e sem olhar para o patrão. – Prefiro que o senhor me conceda quatro escorazinhas e alguma lenha e eu mesmo talvez possa consertar, e se alguém por aí quiser uns pedaços de madeira que não servem para nada, pode vir pegar as escoras da isbá.

– Então a sua isbá também está ruim?

– Eu e minha velha vivemos esperando que ela caia em cima de alguém, mais dia, menos dia – disse Tchuris em tom indiferente. – Não faz muito tempo caiu um pedaço do teto e matou minha velha!

– O quê? Matou?

– Estou dizendo, matou, Vossa Excelência: bateu nas costas e deixou ela sem ar e ela ficou estirada até de noite que nem morta.

– Mas o que aconteceu?

– Aconteceu o que aconteceu, ela sempre está doente. É doente de nascença.

– Você está doente? – perguntou Nekhliúдов para a mulher, que continuava parada na porta e tinha começado a gemer, assim que o marido se pusera a falar dela.

– Sempre me dói aqui, olhe. Ainda mais no domingo – respondeu ela, apontando para o peito sujo e magro.

– De novo! – exclamou o jovem patrão com irritação, encolhendo os ombros. – Se está doente, por que não foi ao hospital? É para isso que serve o hospital. Não explicaram para você?

– Explicaram sim, benfeitor, mas nunca dá tempo: tem a casa, as crianças, o trabalho da corveia...³ e tudo a gente tem de fazer sozinho!

III

Nekhliúдов entrou na isbá. As paredes tortas e sujas de fuligem estavam cobertas, na parte dos fundos, por vários trapos e roupas e a parte da frente estava literalmente atulhada de baratas vermelhas, que se aglomeravam em torno dos ícones e da despensa. No meio daquela isbazinha escura e fedorenta de seis *archin*, no teto, havia uma grande fenda e, apesar das escoras em dois lugares, o teto havia entortado tanto que parecia ameaçar desmoronar a qualquer minuto.

– Sim, a isbá está muito ruim mesmo – disse o patrão, olhando de relance para o rosto de Tchurissenok, que, pelo visto, não queria tratar do assunto.

– Vai esmagar a gente, vai esmagar a criançada – começou a lamentar a mulher, com voz chorosa, encostando-se na estufa, embaixo do leito de tábuas que, como um jirau, se estendia da estufa até a parede do outro lado.

– Feche a boca! – disse Tchuris com severidade e, com um sorriso sutil, quase imperceptível, que se recortou embaixo do bigode que se mexia, voltou-se para o patrão. – E não me entra na cabeça o que fazer com ela, Vossa Excelência, com esta isbá; as escoras, os forros, tudo, não tem mais o que fazer!

– Como é que se pode passar o inverno aqui? Ai, ai, ai! – disse a mulher.

– Bom, se a gente ainda pusesse umas colunas e fizesse um chão novo – interrompeu o marido, com uma expressão calma e prática. – E se trocasse umas escoras aqui e ali talvez, quem sabe, desse até para aguentar um inverno. Dá para viver, mas tem de pôr uns apoios por todos os lados... pois é, mas se sacudir um pouquinho não vai sobrar nada; se não sacudir, aguenta – concluiu, visivelmente satisfeito por ter conseguido resumir a situação.

Nekhliúдов ficou aborrecido e penalizado por Tchuris ter chegado àquela condição e não o ter procurado mais cedo, pois desde sua chegada à propriedade rural nenhuma vez recusara ajuda aos

mujiques e insistia em dizer que todos o procurassem pessoalmente para manifestar suas carências. Chegou a sentir certa raiva do mujique, sacudiu os ombros com irritação e franziu as sobrancelhas; mas a imagem da miséria que o rodeava e, no meio dessa miséria, a expressão de calma e satisfação consigo mesmo que via em Tchuris transformaram sua irritação numa espécie de sentimento triste e desesperançado.

– Então, Ivan, por que foi que não falou antes? – perguntou em tom de censura, sentando-se num banco imundo e torto.

– Não tive coragem, Vossa Excelência – respondeu Tchuris, com o mesmo sorriso quase imperceptível, enquanto mudava a posição dos pés descalços e pretos, no chão irregular de terra; mas falou aquilo com tamanha coragem e tranquilidade que era difícil acreditar que não tivesse coragem de procurar o patrão.

– A gente não passa de mujiques; como é que ia se atrever...? – quis falar a mulher, choramingando.

– Chega de conversa – Tchuris interrompeu-a de novo.

– É impossível viver nesta isbá: é um horror! – disse Nekhliúdiv, depois de um breve silêncio. – Veja, vamos fazer o seguinte, meu irmão...

– Pode dizer, patrão – disse Tchuris.

– Você viu aquelas isbás de pedra, as isbás *guerardovskaias*,⁴ que eu construí na granja nova, as que têm as paredes descobertas?

– Quem é que pode não ver? – respondeu Tchuris, abrindo um sorriso com seus dentes ainda inteiros e brancos. – Todo mundo fica admirado com o jeito como são construídas... isbás sabidas demais! A rapaziada ficou rindo, se não iam virar armazém, as paredes são à prova de ratos. Senhoras isbás! – concluiu com expressão de admiração ridícula, balançando a cabeça. – Igualzinho a uma prisão.

– Pois é, as isbás são ótimas, secas e quentes, e não têm tanto risco de pegar fogo – disse o patrão, com as sobrancelhas franzidas em seu rosto jovem, visivelmente insatisfeito com o desdém do mujique.

– Nem se discute, Vossa Excelência, umas isbás formidáveis.

– Pois é, acontece que uma isbá já está toda pronta. Tem dez *archin*, com vestíbulo, um telheiro, e está toda pronta. Posso ceder a isbá para você pelo valor de custo, e não precisa pagar agora; um dia você paga – disse o *barin* com um sorriso satisfeito, que não conseguiu reprimir ante a ideia de que estava fazendo uma boa ação. – Você derruba sua isbá velha – prosseguiu –, ela vai servir de celeiro; vamos transferir também o estábulo. Lá tem uma água ótima, vou lhe dar uma terra para a horta, também deixo você usar três lotes de terra, do lado. Você vai viver muito bem! E então, será que isso não lhe agrada? – perguntou Nekhliúdiv, ao notar que, assim que falou em transferência, Tchuris se retraiu, ficou totalmente imóvel e, já sem sorrir, olhava para a terra.

– Como Vossa Excelência quiser – respondeu, sem erguer os olhos.

A velha se adiantou um pouco, como que voltando à vida, e se preparou para dizer alguma coisa, mas o marido a deteve.

– Como Vossa Excelência quiser – repetiu ele em tom decidido e obediente, olhando de relance para o patrão e sacudindo os cabelos. – Mas na nova granja a gente não vai conseguir viver.

– Por quê?

– Não, Vossa Excelência, se transferir a gente para lá, aqui a gente já está muito mal, mas lá nunca que a gente vai ser mujique. Que tipo de mujique a gente vai ser? Não, lá não vai dar para viver, mas o senhor manda!

– E por quê?

– Vamos ficar arruinados, Vossa Excelência.

– Mas por que não podem viver lá?

– Que vida tem lá? Pense bem: ninguém morou no lugar, a gente não conhece a água, não tem pasto

em lugar nenhum. Aqui a gente tem a plantação de cânhamo adubada desde muito tempo, e lá o que é que tem? O que é que tem lá? Mato! Nem cercados, nem estábulos, nem celeiros, não tem nada em lugar nenhum. Vamos ficar arruinados, Vossa Excelência, se nos enxotar para lá, vamos ficar na miséria completa! Um lugar novo, desconhecido... – repetiu, pensativo, mas balançando a cabeça com ar determinado.

Nekhliúdiv tentou mostrar para o mujique que a transferência, ao contrário, era muito vantajosa para ele, que os cercados e os celeiros iam ser construídos, que a água lá era boa etc., mas o silêncio obtuso de Tchuris deixou-o confuso e, por algum motivo, ele sentiu que falar assim não adiantava. Tchurissenok não retrucou; porém, quando o patrão se calou, ele, sorrindo de leve, comentou que seria melhor transferir para aquela granja uns velhos criados domésticos e o palerma do Aliocha, para que lá eles tomassem conta dos cereais.

– Isso, sim, seria bom! – exclamou e sorriu de novo. – É uma coisa à toa, Vossa Excelência!

– Sei, quer dizer que o lugar é inabitável? – insistiu Nekhliúdiv, com paciência. – Pois aqui, um dia, era inabitável, mas as pessoas moram aqui; e lá, veja bem, você vai se instalar primeiro, com todo o apoio... Não tem como não dar certo...

– Mas, paizinho, Vossa Excelência, como é que se pode comparar? – replicou Tchuris com energia, como se temesse que o patrão ainda não tivesse tomado uma decisão definitiva. – Aqui é nosso lugar no mundo, um lugar alegre, acostumado: a estrada, o lago para a mulher lavar roupa, para as vacas beberem, e todas as nossas coisas de mujique, aqui faz muito tempo que a gente é acostumado, e o curral, a horta, os salgueiros... meus pais viveram aqui; e meu avô, e meu pai entregaram a alma a Deus aqui, e a gente vai terminar nossos dias aqui, Vossa Excelência, não peço mais nada. Tenha misericórdia e deixe consertar a isbá... vamos ficar muito satisfeitos com Vossa Senhoria; mas, não, nem na nossa velhice vamos viver de outro jeito. Deixe a gente rezar aqui para sempre – prosseguiu, curvando-se muito. – Não enxote a gente do nosso ninho, paizinho!...

Enquanto Tchuris falava, embaixo do leito de tábua suspenso acima da estufa, no lugar onde estava sua esposa, ouvia-se um choro cada vez mais forte e, quando o marido disse “paizinho”, a mulher, inesperadamente, deu um passo adiante e, chorando, bateu na perna do patrão.

– Não nos mate, benfeitor! Você é nosso pai, você é nossa mãe! Para onde vai nos mandar? A gente é velho, sozinho. Você é feito Deus... – berrou.

Nekhliúdiv pulou do banco onde estava sentado e quis levantar a velha, mas ela, com uma espécie de volúpia de desespero, batia a cabeça no chão de terra e repelia as mãos do patrão.

– O que deu em você? Levante, por favor! Se não querem, não precisam ir; não vou forçar – disse ele, abanando as mãos e recuando na direção da porta.

Quando Nekhliúdiv se sentou de novo no banco e se fez silêncio na isbá, interrompido apenas pelas lamúrias da mulher, que de novo se havia recolhido para debaixo do leito de tábua e enxugava as lágrimas com a manga da camisa, o jovem senhor de terras compreendeu o que significava para Tchuris e a esposa a isbazinha que se esboroava, o poço desmoronado com a poça lamacenta, os pequenos e arruinados estábulos e celeiros e os salgueiros quebrados que se viam na frente da janela torta – e sentiu um peso, uma tristeza e certa vergonha.

– Mas então, Ivan, por que não falou na reunião do *mir* no domingo passado que precisava de uma isbá? Agora eu já não sei como ajudar você. Na primeira reunião, eu disse para todos vocês que vinha morar no campo e ia dedicar minha vida a vocês; que estou pronto a me privar de tudo para que fiquem satisfeitos e felizes e, perante Deus, juro que estou cumprindo minha palavra – disse o jovem senhor de terras, sem saber que esse tipo de efusão não era capaz de despertar a confiança de ninguém, ainda menos de um russo, que ama não as palavras, mas as ações, e não se entusiasma com a expressão de sentimentos, por mais belos que sejam.

Porém o jovem ingênuo ficou tão feliz com o sentimento que experimentava que não podia deixar de

expressá-lo.

Tchuris inclinou a cabeça para o lado e, pestanejando devagar, com uma atenção forçada, escutava o patrão como um homem que não pode deixar de ouvir, embora a pessoa falasse coisas ruins e que, absolutamente, não lhe diziam respeito.

– Mas é claro que não posso dar para todo mundo tudo aquilo que me pedem. Se eu não recusasse madeira a ninguém que me pede, logo eu mesmo ia ficar sem madeira nenhuma e não poderia dar para aquele que de fato precisa. Quando estabeleci essas regras, foi para facilitar a reforma das construções dos camponeses e deixei tudo na mão do *mir*. Aquela madeira, agora, já não é minha, mas de vocês, camponeses, e já não posso controlar o que se faz com ela, quem cuida disso é o *mir*, como você sabe. Vá à reunião de hoje; vou explicar ao *mir* o seu pedido; se eles decidirem dar uma isbá para você, tudo certo, mas agora eu já não tenho madeira. Quero ajudar você, com toda a minha alma; mas se você não quer se transferir, aí a questão já não é mais comigo, mas com o *mir*. Está entendendo?

– Muito obrigado por sua misericórdia – respondeu Tchuris, embaraçado. – Se o senhor fizer a caridade de nos dar algumas madeirinhas, vamos ficar muito contentes... O que é o *mir*? A gente sabe muito bem...

– Não, você vai lá.

– Sim, senhor. Eu vou. Por que não ir? Só que não vou pedir nada ao *mir*.

IV

O jovem senhor de terras, pelo visto, ainda queria perguntar alguma coisa; não se levantou do banco e lançava olhares hesitantes ora para Tchuris, ora para a estufa vazia e sem fogo.

– E então, já jantaram? – perguntou, afinal.

Pelo bigode de Tchuris recortou-se um sorriso de zombaria, como se lhe parecesse ridículo que o patrão fizesse perguntas tão tolas; ele nada respondeu.

– Que jantar, benfeitor? – exclamou a mulher, suspirando fundo. – A gente comeu um pedacinho de pão, isso é nosso jantar. Já faz tempo que não se conseguem legumes e assim hoje não tem com que fazer sopa, mas tinha *kvás* e aí dei para a criança.

– Hoje a gente está fazendo jejum, Vossa Excelência – interveio Tchuris, emendando as palavras da mulher. – Pão e cebola, essa é a comida dos mujiques. Por bondade de Deus, tenho um pouquinho de pão ainda, graças à Vossa Senhoria, guardei até agora, mas aqui em volta tem um monte de mujiques que não têm pão nenhum. A cebola hoje em dia anda bem escassa. Ainda outro dia mandaram o jardineiro Mikhail trazer umas cebolinhas miúdas, só que nosso irmão não achou em lugar nenhum. Desde a Páscoa a gente não vai à igreja e não tenho com que comprar nem uma velinha para Mikola.⁵

Fazia tempo que Nekhliúdob, não por ouvir dizer, não por fé nas palavras dos outros, mas na prática, conhecia o extremo grau de pobreza em que se encontravam seus camponeses; mas toda aquela realidade era tão incompatível com a sua educação, formação e modo de vida que ele, contra a própria vontade, esquecia a verdade e sempre que ele, como agora, a recordava de maneira viva e concreta, sentia no coração um peso e uma tristeza insuportáveis, como se a memória de um crime perpetrado e não redimido o atormentasse.

– Por que são tão pobres? – perguntou, exprimindo involuntariamente seu pensamento.

– Mas do jeito que a gente vive, paizinho, Vossa Excelência, como é que dá para não ser pobre? A terra da gente, o senhor mesmo sabe: é barro, barranco, e é claro que a gente deve ter irritado Deus, porque desde o cólera, veja, o trigo não nasce. O pasto e o resto ficam cada vez mais baixos: às vezes mandam trabalhar na terra comum, outras vezes despacham para os campos do senhor de terras. Cuido de

tudo sozinho e estou velho... eu bem que ficaria contente de dar duro... não tenho forças. Minha velha está doente, não tem ano em que não nasça uma menininha: tenho de alimentar todo mundo. E ainda tenho de dar duro sozinho, e com seis almas em casa. Para Deus, sou um pecador, muitas vezes eu penso: Deus levou uns embora mais cedo, e para mim seria até mais fácil, porque é melhor do que ficar se matando aqui desse jeito...

– A-ai! – suspirou alto a mulher, como que para confirmar as palavras do marido.

– Olhe, toda a ajuda que tenho é essa aí – continuou Tchuris, apontando para um menino louro e desgrenhado de sete anos, de barriga enorme, que abriu timidamente a porta naquele momento, entrou na isbá e cravou no patrão os olhos tristes e admirados, enquanto se agarrava com as duas mãos na camisa de Tchuris. – Esta é a única pessoa que tenho para me ajudar – continuou Tchuris com voz bombástica, enquanto passava a mão áspera nos cabelos louros do menino. – O que se pode esperar dele? E para mim o trabalho já é insuportável. A velhice até que não é nada, mas minha hérnia dói. Quando o tempo piora, me dá vontade de gritar e já faz muito tempo que pago o tributo para o senhor de terras, e já estou velho. Tem o Ermílov, o Diémki, o Ziárev, todos mais jovens do que eu, e já faz muito tempo que ficaram isentos do tributo. Pois é, não tenho como fazer isso, essa é minha desgraça. Tenho de dar de comer: aí eu batalho muito, Vossa Excelência.

– Eu ficaria muito feliz de lhe dar algum alívio, é claro. Como fazer? – disse o jovem senhor de terras, olhando para o camponês com simpatia.

– Como dar um alívio? É muito fácil, se o patrão tem a terra, também tem de governar, esse é o costume, todo mundo sabe. Eu espero alguma coisa deste pequeno. Se pelo menos Vossa Senhoria deixasse que ele não fosse à escola: mas outro dia mesmo veio um homem do *ziémstvo* e disse que Vossa Excelência também exige que ele vá à escola. Libere o menino da escola: afinal, qual é a inteligência que ele tem, Vossa Excelência? Ainda é novo, não entende nada.

– Não, irmão, faça como quiser – disse o patrão –, mas seu menino já é capaz de compreender, sim, e está na hora de estudar. E digo isso para seu próprio bem. Pense só, quando ele for mais velho, vai ser um proprietário rural e vai ter de saber ler e fazer contas, e vai ler na igreja... será muito melhor para todos em sua casa, se Deus quiser – disse Nekhliúdob, tentando exprimir-se da maneira mais clara possível e ao mesmo tempo, por algum motivo, se ruborizando e titubeando.

– Nem se discute, Vossa Excelência... o senhor não quer fazer o mal para a gente, mas não tem quem cuide da casa: eu e a mulher temos de cuidar da terra comum... e ele, apesar de ser menino, dá uma boa ajuda, toca as vacas, dá água para os cavalos. Faça o que fizer, é um mujique dos pés à cabeça. – E Tchurissenok, com um sorriso, segurou o menino pelo nariz, com seus dedos grossos, e tirou o muco.

– Mesmo assim você vai mandar o menino para a escola, quando você mesmo estiver em casa e ele tiver tempo, entendeu? Sem falta.

Tchurissenok suspirou fundo e não respondeu.

v

– Eu ainda queria dizer mais uma coisa – acrescentou Nekhliúdob. – Por que não remove o estrume?

– Que estrume, paizinho, Vossa Excelência? Não tem nenhum estrume para remover. Qual é o gado que eu tenho? Uma eguazinha e um potro, e no outono vendi a novilha para o zelador... esse é todo o meu gado.

– Mas se você tem tão poucos animais, por que ainda foi vender a novilha? – perguntou o patrão, com surpresa.

- Como é que eu ia dar comida para ela?
- Será que você não tinha forragem suficiente para alimentar a vaca? Os outros tinham.
- Os outros têm terra adubada, a minha terra é um deserto só, não cresce nada.
- Então ponha o estrume na terra, para que não fique estéril; o cereal vai crescer e aí você vai ter com que alimentar o gado.
- Sei, só que não tem gado nenhum e então como é que vai ter estrume?

“Isso é um estranho *cercle vicieux*”,⁶ pensou Nekhliúdiv, mas não conseguiu pensar em um conselho para dar ao mujique.

– E vou dizer de novo, Vossa Excelência, não é o estrume que faz o cereal crescer, é Deus – prosseguiu Tchuris. – Olhe que no ano passado, numa *osmínik* sem nada deu seis pilhas, já na parte adubada não deu nem um *krestiéts*.⁷ Só Deus! – acrescentou com um suspiro. – E além do mais o gado da gente não vinga. Faz seis anos que está assim. Ano passado, morreu uma novilha, outra eu passei adiante: não tinha como dar comida; e no outro ano minha vaca principal se acabou; estavam trazendo a vaca do rebanho, não tinha nada de mais, de repente capengou, capengou, e se acabou ali mesmo. É muita falta de sorte!

– Bem, irmão, como você disse que não tem vacas porque não tem como dar comida para elas e não tem comida porque não tem vacas, tome aqui para arranjar uma vaca – disse Nekhliúdiv, se ruborizando; tirou do bolso um maço amarrado e embolado de notas e desmanchou-o. – Compre uma vaca que eu vou ficar contente, e pegue a comida para ela no celeiro... eu ordeno. Trate de estar com essa vaca no domingo que vem: vou vir aqui.

Tchuris ficou indeciso por tanto tempo, sem estender a mão para pegar o dinheiro, que Nekhliúdiv colocou as notas na ponta da mesa e ficou ainda mais ruborizado.

– Muito obrigado a Vossa Senhoria – disse Tchuris, com seu sorriso de costume, um pouco zombeteiro.

A velha suspirou fundo algumas vezes, embaixo do leito de tábua suspenso acima da estufa, e pareceu rezar.

O jovem patrão sentiu-se constrangido; levantou-se do banco afobado, saiu para o vestíbulo e chamou Tchuris. A visão do homem a quem ele tinha feito um bem era tão agradável que ele não quis se afastar logo.

– Estou contente de ajudar você – disse, detendo-se junto ao poço. – Posso ajudá-lo porque sei que não é preguiçoso. Trabalhe que eu o ajudarei; se Deus quiser, você vai se recuperar.

– Não tem como recuperar, basta não afundar na miséria completa, Vossa Excelência – disse Tchuris, de repente com uma expressão séria e até severa, como se tivesse ficado muito descontente com a sugestão do patrão de que ele podia se recuperar. – No tempo em que eu e meus irmãos vivíamos com o pai, não passávamos nenhuma necessidade; mas, quando ele morreu, fomos à ruína e aí a coisa só fez ficar cada vez pior. Um abandono total!

– E por que vocês se arruinaram?

– Tudo por causa das mulheres, Vossa Excelência. Na época, o seu avô já tinha morrido e com ele vivo a gente não se atrevia a isso: naquele tempo, tinha ordem para valer. Ele, que nem o senhor também, andava e via tudo e ninguém se atrevia a se separar. O falecido não gostava de fazer pressão nos mujiques; e depois do seu avô, o Andrei Ilitch tomou conta... nem é bom lembrar... Era um bêbado, um relaxado. A gente ia pedir para ele uma vez, outra vez... não dá para viver junto por causa das mulheres, deixe a gente se separar; pois bem, ele enxotava, enxotava a gente, mas a situação piorou, as mulheres foram cada uma para um lado, a gente passou a viver separado; e um mujique sozinho todo mundo sabe como é! Não tinha ordem nenhuma: Andrei Ilitch fazia da gente o que bem entendia. “Tome deles tudo o que quiser.” E ele pegava do mujique o que queria, sem pedir nem nada. E aumentaram o tributo cobrado por cabeça, também começaram a exigir mais alimentos, e a terra diminuiu cada vez mais e o cereal

parou de crescer. Aí, quando veio a nova divisão das terras, ele nos privou das nossas terras esterçadas e passou tudo para o lote do senhor de terras, o canalha, e levou todos nós à ruína, ele devia morrer! O pai do senhor, que Deus o tenha no Reino do Céu, era um patrão bom, mas a gente quase que não via ele; morava em Moscou o tempo todo; começaram a vir com carroças, cada vez mais. Na temporada em que as estradas ficam lamacentas, não tinha como alimentar os animais, mas vinham assim mesmo. O patrão não podia passar sem isso. A gente não se atrevia a negar; e não tinha ordem nenhuma. Agora, Vossa Senhoria deixa qualquer mujique ver seu rosto e assim a gente ficou diferente, e o administrador também é diferente. Agora, apesar de tudo, a gente sabe que tem um patrão. E nem dá para dizer como os mujiques são agradecidos por sua misericórdia. Mas antes não tinha nenhum patrão de verdade: qualquer um era o patrão. O vigia era o patrão, Ilitch era o patrão, a esposa dele era a patroa, até o escrivão da polícia era o patrão. Era demais, ah! Os mujiques sofreram muitas desgraças!

Mais uma vez, Nekhliúdiv experimentou um sentimento semelhante à vergonha ou ao remorso. Tirou o chapéu e foi em frente.

VI

“Iukhvanka, o Sabido, quer vender o cavalo”, leu Nekhliúdiv no caderninho de anotações e atravessou a rua, rumo à casa de Iukhvanka, o Sabido. A isbá de Iukhvanka era meticulosamente coberta de palha tirada do celeiro senhorial e construída de madeira fresca cinza-claro de choupo (também dos domínios senhoriais), com duas venezianas pintadas de vermelho nas janelas e um alpendrezinho com um toldo e com uma engenhosa balaustrada entalhada em tábuas finas. O vestíbulo e a isbá fria também estavam em ordem; mas o aspecto geral de satisfação e prosperidade que tinham aquelas instalações era um pouco perturbado pelo pequeno estábulo pegado ao portão com a cerca quebrada e pelo telheiro caído que se via por trás. Ao mesmo tempo, quando Nekhliúdiv se aproximou do alpendre por um lado, do outro vieram duas camponesas com uma tina cheia de água. Uma delas era a esposa, a outra a mãe de Iukhvanka, o Sabido. A primeira era gorda, ruiva, com peito extraordinariamente desenvolvido e bochechas carnudas e largas. Estava de blusa limpa, bordada nas mangas e na gola, avental do mesmo pano, saia nova, tamancos, um cordão de contas e um elegante chapéu de camponesa de quatro pontas, bordado, enfeitado com papel vermelho e lantejoulas.

Uma ponta da tina de água não balançava, repousava estável sobre o ombro dela, firme e largo. Uma leve tensão, perceptível em seu rosto corado, na curva das costas e no movimento ritmado das mãos e dos pés, indicava uma saúde incomum e uma força viril. A mãe de Iukhvanka, que segurava a outra ponta da tina, era, ao contrário, uma dessas velhas que parecem ter chegado ao último grau da velhice e da decrepitude na vida humana. Seu corpo esquelético, vestido numa blusa preta e puída e numa saia desbotada, estava tão curvado que a tina repousava mais nas suas costas do que nos ombros. As duas mãos de dedos retorcidos com que ela, parecendo agarrar-se, segurava a tina de água tinham uma coloração marrom-escura e davam a impressão de que não conseguiriam mais se abrir; a cabeça baixa, enrolada numa espécie de trapo, carregava em si os traços mais horrendos de miséria e profunda velhice. Abaixo da testa estreita, cortada em todas as direções por rugas profundas, dois olhos vermelhos, baços e sem pestanas fitavam a terra. Um dente amarelo despontava por baixo do murcho lábio superior, que, sem parar de se mexer, às vezes fazia com que o dente tocasse no queixo pontudo. As rugas da parte de baixo do rosto e do pescoço pareciam formar bolsinhas que balançavam a cada movimento. Ela respirava ofegante e rouca; mas os pés descalços e retorcidos, embora dessem a impressão de que iam se arrastar na terra a muito custo, moviam-se ritmadamente, um após o outro.

Quase esbarrando no patrão, a jovem baixou a tina às pressas, olhou para o chão, fez uma reverência, depois, com olhos brilhantes, lançou um olhar de soslaio para ele e, tentando cobrir o leve sorriso com a manga bordada da blusa, batendo os tamancos na terra, correu para a entrada.

– Mãezinha, leve a tina de água para tia Nastássia – disse ela, detendo-se na porta, dirigindo-se à velha.

O jovem e humilde senhor de terras olhou para a mulher corada com ar severo mas atento, franziu as sobrancelhas e voltou-se para a velha, que, depois de pegar a tina de água com os dedos tortos, apoiou-a sobre os ombros e, obediente, fez menção de seguir para a isbá vizinha.

– É a casa do seu filho? – perguntou o patrão.

Curvando ainda mais sua figura já encurvada, a velha inclinou-se e fez menção de dizer algo, mas pôs a mão sobre a boca e tossiu tanto que Nekhliúdiv, sem esperar que ela parasse, entrou na isbá. Iukhvanka, sentado num banco no canto vermelho,⁸ ao ver o patrão, precipitou-se na direção da estufa como se quisesse esconder-se, enfiou alguma coisa às pressas no leito de tábua acima da estufa e, mexendo muito os olhos e a boca, encostou-se bem junto à parede, como se quisesse deixar o caminho livre para o patrão. Iukhvanka era um jovem russo de uns trinta anos, magro, forte, de barba pontuda, bastante bonito, a não ser pelos olhinhos castanhos e esquivos, que fitavam de modo desagradável por baixo das sobrancelhas enrugadas, e pela falta dos dois dentes da frente, o que logo saltava aos olhos, porque seus lábios eram curtos e não paravam de se mexer. Estava com uma camisa domingueira com reforços vermelho-claros nas axilas, calças estampadas e listradas e botas pesadas, de canos pregueados. O interior da isbá de Iukhvanka não era tão apertado e escuro quanto o interior da isbá de Tchuris, apesar de haver ali o mesmo abafamento, o mesmo cheiro de fumaça e pele de carneiro e a mesma desordem nas roupas e nos utensílios de mujique. Ali, duas coisas um tanto estranhas chamavam a atenção: um pequeno samovar amassado numa prateleira e uma moldura preta, com um resto de vidro sujo e com o retrato de um general de uniforme vermelho, pendurada perto da janela. Nekhliúdiv olhou com hostilidade para o samovar, o retrato do general e o leito de tábua acima da estufa, onde sobressaía, por baixo de uns trapinhos, a ponta de um cachimbo com a boca de cobre, e se voltou para o mujique.

– Bom dia, Epifan – disse ele, fitando-o nos olhos.

Epifan curvou-se numa reverência e balbuciou: “Bom dia, Vossência”, pronunciando de modo especialmente gentil a última palavra, e seus olhos percorreram num instante toda a figura do patrão, a isbá, o chão e o teto, sem se deter em nada; em seguida, aproximou-se ligeiro do leito de tábua suspenso acima da estufa, puxou dali um casaco e começou a vesti-lo.

– Para que está se vestindo? – perguntou Nekhliúdiv, sentando-se num banco e, pelo visto, tentando olhar para Epifan com a expressão mais severa possível.

– Como posso ficar na presença de Vossência assim? A gente, sabe, parece...

– Vim à sua casa saber por que você precisa vender um cavalo, se tem muitos cavalos, e qual é o cavalo que quer vender – disse o patrão em tom seco, visivelmente repetindo palavras decoradas de antemão.

– A gente está muito agradecido a Vossência por não ter nojo de vir à minha casa, à casa de um mujique – respondeu Iukhvanka, enquanto lançava olhares rápidos para o retrato do general, para a estufa, para as botas do patrão e para todos os objetos, menos para o rosto de Nekhliúdiv. – A gente sempre reza a Deus por Vossência...

– Para que vai vender um cavalo? – repetiu Nekhliúdiv, levantando a voz e tossindo um pouco.

Iukhvanka deu um suspiro, sacudiu os cabelos (seu olhar percorreu de novo a isbá) e, ao notar o gato que ronronava tranquilamente deitado no banco, gritou para ele: “Para fora, bandido”, e voltou-se

depressa para o patrão.

– O cavalo, Vossência, não serve para nada... Se fosse um animal bom, eu não ia vender, Vossência.

– E quantos cavalos você tem ao todo?

– Três cavalos, Vossência.

– E não tem um potro?

– Claro, Vossência! Tem um potrinho também.

VIII

– Vamos lá, me mostre seus cavalos; estão em sua casa?

– Claro que sim, Vossência; do jeito que mandam, eu faço, Vossência. Por acaso a gente pode desobedecer a Vossência? Iákov Ilitch me ordenou: não mande os cavalos para o pasto amanhã; o príncipe vai ver; eu não mandei. A gente não se atreve a desobedecer a Vossência.

Enquanto Nekhliúdob se dirigia para a porta, Iukhvanka pegou o cachimbo do leito de tábua e enfiou-o escondido por trás da estufa; seus lábios também se mexiam inquietos mesmo na hora em que o patrão não estava olhando para ele.

Uma eguazinha magra e ruça fuçava na palha podre embaixo do telheiro; um potro de dois meses, de pernas compridas e de cor indefinida, de focinho e patas azulados, não se afastava do rabo ralo da égua, coalhado de bardanas. No meio do terreiro, de olhos meio fechados, cabeça baixa e ar pensativo, estava um cavalo baio castrado e de barriga estufada, com aspecto de ser um cavalo bom para um mujique.

– Então estes são todos os seus cavalos?

– Não, nada disso, Vossência. Ainda tem também uma égua e aquele potrinho ali – respondeu Iukhvanka, apontando para uns cavalos que o patrão nem conseguia enxergar.

– Sei. Então, qual é o cavalo que você quer vender?

– Olhe, este aqui, Vossência – respondeu, abanando a aba do casaco em direção ao castrado meio adormecido, enquanto piscava os olhos e retorcia os lábios sem parar. O castrado abriu os olhos e, preguiçosamente, virou o rabo para ele.

– Não tem aspecto de velho e até que é um cavalinho bem fornido – disse Nekhliúdob. – Traga o cavalo para cá e me mostre os dentes. Aí vou saber se é velho.

– Não dá para saber por uma coisa só, Vossência. Olhe, o animal não vale nada, e ainda é empacador... tem de olhar os dentes e as patas da frente também, Vossência – disse Iukhvanka, sorrindo muito alegre e deixando os olhos virarem para muitas direções.

– Mas que absurdo! Traga o cavalo, estou dizendo.

Iukhvanka se demorou sorrindo, mudou o pé de apoio e só quando Nekhliúdob gritou, irritado: “E então? O que há com você?”, ele se precipitou por baixo do telheiro, segurou o cabresto e começou a puxar o cavalo, assustando-o e fazendo com que andasse para trás, em vez de vir para a frente.

O jovem patrão ficou perturbado ao ver aquilo e teve vontade, talvez, de mostrar seu aborrecimento.

– Dê aqui o cabresto! – disse ele.

– Desculpe! Não pode, Vossência! Não convém...

Mas Nekhliúdob se aproximou do cavalo pela frente, em linha reta, e de repente segurou-o pelas orelhas, puxou na direção da terra com tanta força que o castrado, que, ao que tudo indicava, era um cavalinho de mujique muito dócil, começou a se sacudir e resfolegar, na tentativa de se desvencilhar. Quando Nekhliúdob notou que tais esforços eram completamente em vão e lançou um olhar para Iukhvanka, que não parava de sorrir, veio-lhe à cabeça o pensamento mais ultrajante de sua vida, que

Iukhvanka estava rindo dele e, em pensamento, o julgava uma criança. Nekhliúdiv ficou ruborizado, soltou as orelhas do cavalo e, sem a ajuda do cabresto, abriu a boca do animal e examinou os dentes: os caninos estavam inteiros, as panelas dos dentes estavam cheias, até onde o jovem patrão teve tempo de ver... O cavalo devia ser jovem.

Iukhvanka, nessa altura, se afastou para o telheiro e, ao notar que o ancinho estava fora do lugar, levantou-o e encostou-o de pé na cerca viva.

– Venha cá! – gritou o patrão, com fisionomia de criança irritada, e, em sua voz, quase se percebiam lágrimas de revolta e raiva. – Quem disse que este cavalo é velho?

– Desculpe, Vossência, muito velho, vai fazer vinte anos... um cavalo que...

– Chega! Você é um mentiroso e um sem-vergonha, porque um mujique honesto não fica mentindo: ele não precisa! – exclamou Nekhliúdiv, sufocando em lágrimas iradas que lhe subiram à garganta. Calou-se para não passar o vexame de chorar na frente de um mujique.

Iukhvanka também ficou calado e, com o ar de quem vai começar a chorar a qualquer momento, fungou o nariz e balançou a cabeça de leve.

– Pois bem, com o que você vai puxar o arado quando vender esse cavalo? – prosseguiu Nekhliúdiv, acalmando-se o bastante para falar com sua voz habitual. – Mandam que você trabalhe a pé justamente para cuidar dos cavalos no arado, e agora quer vender seu melhor animal? E, o mais importante, para que você mente?

Assim que o patrão se acalmou, Iukhvanka também ficou calmo. Estava parado em seu lugar, empertigado, embora continuasse a retorcer os lábios e a correr os olhos de um objeto para outro, do mesmo jeito de antes.

– Vossência é que manda – respondeu. – Eu não sou pior do que os outros no trabalho.

– Mas com o que vai trabalhar?

– Fique tranquilo, Vossência, seu trabalho vai ser feito – respondeu, tocando o cavalo castrado e o enxotando. – Se a gente precisa de dinheiro, tem de vender, não é?

– E para que precisa de dinheiro?

– Não tem mais cereal nenhum, Vossência, e os mujiques têm de pagar as dívidas, Vossência.

– Como não há cereal? Por que na casa dos outros, com família, ainda tem, mas na sua, que nem tem família, o cereal acabou? Onde ele foi parar?

– Foi comido, Vossência, e agora não tem nem uma migalha. Eu compro um cavalo no outono, Vossência.

– Nem pense em vender o cavalo!

– Mas aí, Vossência, como é que vai ser nossa vida? Não tem cereal e não posso vender nada – respondeu todo de lado, retorcendo os lábios e lançando, de repente, um olhar cortante para o rosto do patrão: – Quer dizer que tenho de morrer de fome.

– Olhe aqui, irmão! – começou a gritar Nekhliúdiv, empalidecendo e experimentando um sentimento de raiva pessoal contra o mujique. – Mujiques como você eu não vou tolerar. Você vai ver só.

– Seja feita sua vontade, Vossência – respondeu, fechando os olhos com uma expressão de falsa obediência. – Eu não sou digno do senhor. Mas acho que não fiz nada de errado. É claro que Vossência não gosta de mim e eu faço toda a sua vontade; só que não sei por que é que eu tenho de sofrer assim.

– Pois vou dizer por quê: porque deixa seu terreiro descoberto, não lavra com o esterco, as cercas estão caídas, fica sentado em casa fumando cachimbo e não trabalha; porque você não dá nem um pedacinho de pão para sua mãe, que lhe deu esta terra, e ainda deixa sua mulher bater nela e por isso ela tem de vir falar comigo e fazer suas queixas.

– Desculpe, Vossência. Não sei que história é essa de cachimbo – respondeu Iukhvanka confuso, visivelmente ofendido, em especial com a acusação de que fumava cachimbo. – As pessoas falam o que querem da gente.

– Está mentindo de novo! Eu mesmo vi...

– Como eu me atreveria a mentir para Vossência?

Nekhliúdiv calou-se e, mordendo o lábio, pôs-se a andar para um lado e para outro pelo pátio. Iukhvanka, parado no mesmo lugar, sem erguer os olhos, seguia os passos do patrão.

– Escute, Epifan – disse Nekhliúdiv com voz infantil e dócil, detendo-se na frente do mujique e tentando esconder sua perturbação. – Não se pode viver desse jeito e você vai acabar se destruindo. Pense um pouquinho. Se você quer ser um bom mujique, tem de mudar sua vida, abandone seus hábitos ruins, não minta, não se embriague, respeite sua mãe. Pois eu sei de tudo o que você faz. Cuide das terras e não de roubar a floresta do imperador e ir à taberna. Pense só em como aqui é bom! Se você precisar de alguma coisa, fale comigo, peça com franqueza o que precisa e para quê, e não minta, fale toda a verdade, e então não vou lhe recusar nada do que eu puder fazer.

– Desculpe, Vossência, acho que estou conseguindo entender Vossência! – respondeu Iukhvanka, sorrindo, como se tivesse entendido plenamente toda a graça de uma brincadeira do patrão.

Aquele sorriso e aquela resposta frustraram completamente a esperança de Nekhliúdiv de comover o mujique e dirigi-lo para o caminho certo por meio de exortações. Aliás, sempre lhe pareceu impróprio que ele, como detentor do poder, apelasse à consciência de seus mujiques, e achava que tudo o que ele dizia não era, de forma nenhuma, o que se devia dizer. Nekhliúdiv baixou a cabeça com tristeza e foi para a saída. Na soleira da porta, a velha estava sentada e gemia alto – pelo visto, em sinal de simpatia pelas palavras do patrão, que ela ouvira.

– Tome aqui para o seu pão – disse-lhe Nekhliúdiv junto ao ouvido, colocando uma nota em sua mão. – Mas compre você mesma, não dê para Iukhvanka, senão ele vai torrar em bebida.

A velha, com a mão esquelética, agarrou-se ao batente para se levantar e fez menção de agradecer ao patrão; sua cabeça começou a balançar, mas Nekhliúdiv já estava no outro lado da rua quando ela se levantou.

IX

“Davidka Branco pede cereal e mourões”, estava anotado no caderno, depois de Iukhvanka.

Enquanto passava por alguns terrenos, Nekhliúdiv encontrou, na esquina de um beco, Iákov Alpátitch, seu administrador, que ao ver o patrão de longe tinha tirado o quepe impermeável e, depois de pegar um lenço de seda, pôs-se a enxugar o rosto gordo e vermelho.

– Ponha o chapéu, Iákov! Iákov, ponha o chapéu, estou dizendo...

– Aonde o senhor deseja ir, Vossa Excelência? – perguntou Iákov, protegendo-se do sol com o quepe, mas sem cobrir a cabeça.

– Estive na casa de Iukhvanka, o Sabido. Diga, por favor, por que ele faz isso? – perguntou o patrão, enquanto continuava a avançar pela rua.

– Isso o quê, Vossa Excelência? – retrucou o administrador, que seguia o patrão a uma distância respeitosa e, depois de pôr o quepe na cabeça, repuxava o bigode.

– O quê? Ele é um completo canalha, preguiçoso, ladrão, maltrata a mãe. É um canalha tão contumaz que está claro que nunca vai se emendar.

– Eu não estava sabendo, Vossa Excelência, que ele parecia ser assim para o senhor...

– E a esposa dele – o patrão interrompeu o administrador – parece uma mulher horrorosa. A velha se veste pior do que um mendigo; não tem nada para comer, mas ela anda toda bem-vestida, e ele também. O que fazer com eles... eu decididamente não sei.

Iákov ficou visivelmente confuso quando Nekhliúdiv começou a falar da esposa de Iukhvanka.

– Bom, se ele se comporta assim, Vossa Excelência – começou –, é preciso tomar providências. Ele vive na mesma miséria que todos os mujiques desamparados, mas mesmo assim se cuida de um jeito diferente dos outros. É um mujique inteligente, sabe ler e, afinal, ao que tudo indica, é um mujique honesto. E sempre comparece na hora de pagar os tributos. E nos três anos em que fui estaroste, ele foi administrador, e também não notei nada. No terceiro ano, o capataz cismou de falar mal dele e então ele foi obrigado a lavrar a terra do patrão. Pode ser que quando morou na cidade, no correio, ele até se embriagasse um pouco, aí, nesses casos, é preciso tomar providências. Acontece de ele aprontar umas e outras, a gente dá uma bronca, ele põe a cabeça no lugar outra vez: ele é bom, vive em paz com a família; mas como o senhor não está satisfeito, então tem de tomar providências, mas eu já não sei o que fazer com ele. Ele decaiu muito mesmo. No Exército, já não pode ficar, porque, como o senhor pode se lembrar, faltam dois dentes na boca. Além do mais, não é sozinho, tomo a liberdade de lembrar o senhor que eles não têm absolutamente...

– Chega dessa história, Iákov – respondeu Nekhliúdob, sorrindo de leve. – Já falei sobre essas coisas com você até cansar. Você sabe o que penso sobre isso; e não importa o que você me diga, continuarei a pensar do mesmo jeito.

– Claro, Vossa Excelência, o senhor já sabe de tudo isso – respondeu Iákov, encolhendo os ombros e olhando de esguelha para o patrão, como se aquilo que visse não promettesse nada de bom. – E no que diz respeito à velha, o senhor tenha a bondade de se acalmar, isso não adianta – prosseguiu. – É claro que ela criou o órfão, alimentou e casou Iukhvanka e tudo isso; mas é costume entre camponeses, quando a mãe ou o pai transferem a propriedade para o filho, os donos passam a ser o filho e a nora, e a velha tem de ganhar seu pão com seu esforço e seu suor. Claro que eles não têm sentimentos de carinho, mas isso acontece a toda hora entre os camponeses. Por isso me atrevo a dizer ao senhor que não adianta se preocupar com a velha. É uma velha inteligente e boa dona de casa; para que um senhor nobre vai se preocupar com ela? Bom, brigou com a nora, é verdade, pode ser que ela tenha batido na velha! E depois fazem as pazes, não tem por que o senhor se preocupar. Olhe, o senhor toma as coisas a sério demais, se me permite – disse o administrador com certa delicadeza, olhando com indulgência para o patrão, que caminhava à frente dele pela rua, em silêncio e de olhos baixos. – Quer ir para casa? – perguntou.

– Não, vou à casa de Davidka Branco, ou de Kaziol... como ele se chama?

– Mais um que não presta para nada, garanto ao senhor. Olhe, toda a raça dos Kaziol é assim. Com ele, nada dá certo... não se consegue nada. Ontem passei pela lavoura dos camponeses e o trigo-sarraceno dele não estava nem semeado; o que é que se pode fazer com uma gente dessas? Por mais que o velho tenha ensinado, o filho saiu um inútil: nem na terra dele nem na terra comum, fica parado o tempo todo feito um idiota. Nem eu nem o capataz sabemos mais o que fazer com ele: a gente mandou o homem para a delegacia e o castigou em casa... aí está, se agrada ao senhor saber...

– Quem? O velho?

– Ele mesmo. O capataz já castigou uma porção de vezes, e na frente de todo mundo; dá para acreditar, Vossa Excelência? Por mais que a gente faça, ele vai, toma coragem e faz tudo de novo. Agora o Davidka, garanto ao senhor, é um mujique manso, não é bobo, e não fuma... quer dizer, não bebe – explicou Iákov. – Mas, olhe só, é pior do que os bêbados. Só resta mandar para o Exército ou para o degredo, não tem outro jeito. Toda a raça dos Kaziol é assim: e a Matriúchka que mora nos fundos também é da família deles, o mesmo tipo de gente imprestável e desgraçada. O senhor ainda precisa de mim, Vossa Excelência? – acrescentou o administrador, percebendo que o patrão não o escutava.

– Não, vá embora – respondeu Nekhliúdob e tomou a direção da casa de Davidka Branco.

A isbá de Davidka era torta e ficava isolada, no fim da aldeia. Em redor não havia nem pátio, nem celeiro, nem depósito; só uma espécie de estábulo sujo para os animais, encostado num dos lados da casa; do outro lado, galhos e restos de madeira estavam amontoados, prontos para virar lenha. O capim verde estava alto no lugar onde antes tinha havido um pátio. Não havia ninguém em torno da isbá, a não

ser um porco deitado na lama que guinchava perto da entrada.

Nekhliúдов bateu na janela quebrada: mas, como ninguém atendeu, aproximou-se da entrada e gritou: “Ó de casa!”. E a isso ninguém respondeu. Ele passou pela entrada, deu uma olhada no chiqueirinho vazio e entrou na isbá aberta. Um galo velho e vermelho e duas galinhas, sacudindo o pescoço e ciscando a terra com as patas, andavam pelo chão e pelos bancos. Ao verem o homem, as galinhas, com um cacarejo aflito e sacudindo as asas, se esconderam atrás das paredes e uma delas pulou na estufa. Todos os seis *archin* da isbazinha eram ocupados por uma estufa com a chaminé quebrada, um tear manual que, apesar de ser verão, não tinha sido retirado, e uma mesa enegrecida, feita de uma tábua rachada e torta.

Embora no pátio estivesse seco, havia uma poça lamacenta na frente da entrada, formada pela chuva recente que escorrera pelo teto e pelo telhado. Não havia nem o tradicional leito de tábua suspenso acima da estufa. Era difícil acreditar que o lugar fosse uma habitação – o aspecto categórico de desolação e desordem se impunha tanto por fora quanto por dentro da isbá; no entanto, naquela isbá moravam Davidka Branco e toda a sua família. No momento presente, apesar do calor do dia de junho, Davidka, com a cabeça coberta pelo casaco de pele, dormia profundamente, alheio a tudo, no canto da estufa. A galinha assustada, que tinha pulado na estufa e ainda não havia se recuperado da agitação, andava sobre as costas de Davidka, sem acordá-lo.

Como não viu ninguém na isbá, Nekhliúдов pensou em sair logo, quando um suspiro arrastado, úmido, denunciou o dono da casa.

– Ei! Quem está aí? – gritou o patrão.

Da estufa, ouviu-se outro suspiro arrastado.

– Quem está aí? Venha cá!

Outro suspiro, um mugido e um bocejo alto responderam ao grito do patrão.

– Ei, o que há com você?

Na estufa, houve um movimento vagaroso, surgiu a aba de um casaco de pele de carneiro surrado; um pé grande baixou, calçado numa alpargata gasta de palha, depois outro pé e por fim se revelou a figura inteira de Davidka Branco, sentado na estufa, esfregando os olhos, aborrecida e preguiçosamente, com o grande punho cerrado. Depois de inclinar a cabeça bem devagar, bocejando, ele lançou um olhar ligeiro pela isbá e, ao ver o patrão, pôs-se a se mexer mais depressa, mas ainda com tanta calma que Nekhliúдов teve tempo de ir e voltar três vezes da poça ao tear, e Davidka ainda estava se levantando da estufa. Davidka Branco era de fato branco: o cabelo, o corpo e o rosto – tudo era extraordinariamente branco. Era alto e muito gordo, mas gordo como ocorre com os mujiques – ou seja, não na barriga, mas no corpo. Sua gordura, no entanto, era meio mole, sem saúde. Seu rosto muito bonito, de olhos azul-claros e calmos e com barba espessa e larga, tinha a marca da enfermidade. Nele, não se percebia nem bronzeado nem rubor; todo o rosto era de uma cor branca amarelada, com um leve matiz lilás em redor dos olhos, e como que saturado de gordura ou inchado. As mãos eram balofas, amareladas, como as mãos de quem sofre de hidropsia, e cobertas por pelos brancos e finos. Estava num sono tão profundo que não conseguia de jeito nenhum abrir os olhos, nem ficar de pé sem cambalear e sem bocejar.

– Puxa, como não se envergonha – começou Nekhliúдов – de dormir a esta hora do dia, quando devia estar trabalhando em seu terreiro, quando ainda não tem seu cereal?...

Assim que Davidka se recuperou da sonolência e começou a compreender que diante dele estava o patrão, cruzou as mãos abaixo da barriga, baixou a cabeça, inclinou-a um pouco para o lado e não moveu mais nenhuma parte do corpo. Ficou calado, mas a expressão do rosto e a posição do corpo inteiro diziam: “Já sei, já sei; não é a primeira vez que estou ouvindo isso. Certo, bata de uma vez, se é preciso... eu aguento”. Ele parecia desejar que o patrão parasse de falar e batesse logo nele, até batesse dolorosamente nas bochechas gorduchas, mas que o deixasse em paz de uma vez. Percebendo que Davidka não o compreendia, Nekhliúдов, por meio de várias perguntas, tentou arrancar o mujique de seu

silêncio submisso e paciente.

– Por que você me pediu madeira, quando já tem madeira para um mês inteiro e fica deitado com tanto tempo livre, hein?

Davidka se manteve teimosamente calado e não se mexeu.

– Vamos, responda!

Davidka resmungou alguma coisa e piscou as pestanas brancas.

– Afinal é preciso trabalhar, irmão: sem trabalho, o que vai acontecer? Olhe só, agora você já não tem cereal, e tudo por quê? Porque você lavrou mal a terra, não passou o ancinho e não semeou na hora certa... tudo por preguiça. Você me pede cereal; pois bem, vamos supor que eu dê, porque não é possível deixar que você morra de fome, só que não é certo fazer isso. Que cereal é esse que dou para você? O que você acha? De quem é? Responda: de quem é o cereal que dou para você? – indagou Nekhliúdob com obstinação.

– Do patrão – balbuciou Davidka, erguendo os olhos timidamente e com ar interrogativo.

– Mas de onde veio o cereal do patrão? Pense você mesmo, quem lavrou a terra? Semeou? Ceifou? Colheu? Os mujiques? Então? Você está vendo? Se for para distribuir o cereal para os mujiques, então é preciso dar mais para aqueles que mais trabalharam, e de todos eles você é quem menos trabalhou... Reclamam que você não trabalha nem na sua terra nem na terra comum, foi quem trabalhou menos e é quem mais pede o cereal do patrão. Por que dar para você e não para os outros? Pois se todo mundo ficasse deitado que nem você, já teríamos todos morrido de fome. Irmão, é preciso trabalhar, desse jeito é ruim... escutou, David?

– Sim, senhor – respondeu o mujique bem devagar, entre os dentes.

X

Naquele momento, surgiu na janela a cabeça de uma mulher que carregava um pano numa vara ao comprido sobre os ombros, e um minuto depois a mãe de Davidka entrou na isbá, mulher alta, de uns cinquenta anos, muito fresca e cheia de vida. O rosto furado por bexigas e rugas era feio, mas o nariz era reto e firme, os lábios, finos e curtos, e os olhos rápidos e cinzentos exprimiam inteligência e energia. A linha angulosa dos ombros, o achatamento do peito, a secura das mãos e a desenvoltura dos músculos nos pés pretos e descalços davam testemunho de que ela, já fazia muito tempo, deixara de ser mulher e era apenas uma trabalhadora. Entrou impetuosa na isbá, fechou a porta, baixou a bainha da saia comprida e olhou para o filho com ar zangado. Nekhliúdob quis dizer algo para ela, mas a mulher lhe deu as costas e começou a se benzer, voltada para o ícone de madeira preta que espreitava atrás do tear. Quando terminou, ela ajeitou o sujo lenço xadrez com o qual cobria a cabeça e curvou-se muito, numa reverência para o patrão.

– Que o senhor tenha um dia abençoado, Vossa Excelência – disse ela. – Que Deus o proteja, você é o nosso pai...

Ao ver a mãe, Davidka visivelmente sentiu-se confuso, curvou um pouco as costas e baixou o pescoço mais ainda.

– Obrigado, Arina – respondeu Nekhliúdob. – Eu estava agora mesmo conversando com seu filho sobre os negócios da senhora.

Arina, ou Arichka Burlak, como os mujiques a chamavam desde menina, apoiou o queixo no punho cerrado da mão direita, que escorou na palma da mão esquerda e, sem deixar o patrão terminar sua explicação, pôs-se a falar de maneira tão incisiva e sonora que a isbá inteira se encheu com o som de sua voz e, de fora, podia parecer que várias vozes de mulheres tinham começado a falar de repente:

– Mas o que, meu pai, o que é que se vai falar com ele? Ora, não dá para falar com ele feito homem. Olhe só para ele aí parado, feito um palerma – prosseguiu ela com desprezo, apontando com a cabeça para a figura lamentável e volumosa de Davidka. – O que têm os meus negócios, paizinho, Vossa Excelência? Estamos na miséria; pior do que a gente não há ninguém em toda a sua aldeia: nem na nossa terra nem na terra comum... uma vergonha! E tudo por causa dele. A gente dá à luz, cria, amamenta; não esperava que fosse dar num cretino desses. É o que dá ficar esperando: o cereal acabou e querer algum trabalho dele é que nem querer alguma coisa daquele pedaço de pau podre ali. Só sabe ficar deitado na estufa, ou então fica aí em pé, parado, e coça sua cabeça imbecil – disse ela, imitando-o. – Quem dera, pai, você pudesse meter medo nele. Eu mesma peço: castigue, em nome de Deus, mande para o Exército... Não tem remédio! Para mim, ele não serve para nada... e pronto.

– Puxa, não sente vergonha, Davidka, de levar sua mãe a esse ponto? – perguntou Nekhliúdob, dirigindo-se ao mujique em tom de censura.

Davidka nem se mexeu.

– Até dava para aceitar se fosse um mujique doente – prosseguiu Arina com a mesma vitalidade e os mesmos gestos –, mas basta olhar para ele que a gente vê que engordou que nem um porco no moinho. Parece que tem força de sobra para trabalhar! Que nada, o molenga só sabe ficar estirado na estufa. Quando se mete a fazer alguma coisa, antes meus olhos não estivessem vendo: tanto tempo para se levantar, para se mexer, para sei lá o quê – disse ela, esticando as palavras e balançando os ombros angulosos de um lado para outro, de um jeito desengonçado. – Olhe, hoje mesmo o velho foi buscar lenha na mata e disse para ele cavar um buraco; pois aí está, ele nem pôs as mãos na pá... (Ela ficou calada por um momento.) Ele acabou comigo, o órfão! – exclamou de repente com voz esganiçada, abanando os braços e se aproximando do filho com um gesto ameaçador. – Que Deus achate esse seu focinho! (Com desprezo e desespero, ela deu as costas para Davidka, cuspiu e virou-se de novo para o patrão, com a mesma animação e lágrimas nos olhos, continuando a abanar os braços.) Afinal, sou sozinha, sou o sustento da casa. Meu velho está doente, está velhinho, ele também não traz lucro, eu tenho de resolver tudo sozinha, sozinha. Esse daí é uma pedra no meu pescoço. Se eu morresse, seria mais fácil: era o fim. Ele me deixa morrer de fome, o canalha! Você é nosso pai! Não aguento mais! Minha nora se acabou de tanto trabalhar... e comigo vai ser a mesma coisa.

XI

– Como assim, se acabou? – perguntou Nekhliúdob, incrédulo.

– De tanto fazer força, benfeitor, santo Deus, ela se acabou. A gente trouxe a moça no ano passado do Baburin – prosseguiu ela, de repente trocando sua expressão de amargura por outra, chorosa e tristonha. – Bem, era uma mulher jovem, fresca, obediente, nativa daqui. Morava com o pai e as cunhadas, vivia bem, não passava necessidade e, quando veio para cá, aprendeu como era nosso trabalho, na terra comum, em casa e em toda parte. Ela e eu, só a gente. Para mim, o que é que tem? Estou acostumada, e ela logo ficou grávida, meu pai, começou a sofrer, ter dores; e continuava a trabalhar pesado... e se esgotava, a boazinha. No verão, no dia de São Pedro, para piorar ainda mais deu à luz um menino, e não tinha pão, a gente comia tudo o que aparecia, você é meu pai, ela voltou a trabalhar muito depressa, os peitos dela ficaram sequinhos. A criancinha era a primeira, não tinha uma vaquinha sequer, e a gente afinal não passa de mujiques: como é que vai criar sem leite materno? Bem, é verdade, a moça era boba, ela começou se consumir de desgosto. E quando a criancinha morreu, ela, com aquela tristeza, chorava e chorava, gemia e gemia, e as necessidades e o trabalho, tudo cada vez pior; assim ela se acabou no verão, a boazinha, na festa do manto da Virgem, e finou-se. Ele deu cabo dela, o animal! –

voltou-se de novo para o filho, com raiva desesperada. – Eu queria pedir uma coisa para você, Vossa Excelência – prosseguiu, depois de um breve silêncio, baixando a voz e se curvando numa reverência.

– O que é? – perguntou Nekhliúdob, ainda emocionado com a história dela.

– Ele ainda é um mujique jovem. De mim, que trabalho se pode esperar? Hoje estou viva, amanhã posso morrer. Como ele pode viver sem esposa? Ele não vai servir de nada para você. Ajude a gente de algum jeito, nosso pai.

– Quer dizer, você quer casar seu filho? Como assim? Ora essa!

– Faça a vontade de Deus; o senhor é nosso pai e nossa mãe.

E, depois de fazer um sinal para o filho, ela e ele se agacharam junto aos pés do patrão.

– Para que você se curvou desse jeito? – disse Nekhliúdob, irritado, levantando-a pelos ombros. – É possível falar desse jeito? Você sabe que eu não gosto dessas coisas. Case o filho, à vontade; fico muito feliz que você tenha uma nora para ajudar.

A velha se levantou e, com o punho cerrado, começou a enxugar os olhos secos. Davidka seguiu seu exemplo e, depois de enxugar os olhos com o punho balofo, na mesma posição submissa e paciente, continuou a ouvir, parado, o que Arina dizia.

– Noivas tem de sobra, como não! Olhe só a Vassiutka Mikhéikina, mocinha boa, mas sem a vontade do senhor, não vai querer.

– Então ela não está de acordo?

– Não, benfeitor, não vai vir de vontade própria!

– Ora, o que se pode fazer? Não posso obrigar; procure outra: se não tem aqui, vá para outra aldeia; eu pago, mas ela tem de vir por sua própria vontade, não se pode casar à força. Não há nenhuma lei sobre isso e além do mais é um grande pecado.

– E-e-eh, benfeitor! Vendo como a gente vive e a nossa miséria, é possível que alguém venha por vontade própria? Nem a mulher de um soldado vai querer suportar tanta necessidade. Qual é o mujique que vai nos dar sua filha? Não adianta esperar. Afinal, somos indigentes, miseráveis. Vão dizer: vocês mataram outra de fome e com a minha vai ser a mesma coisa. Quem vai dar? – acrescentou ela, balançando a cabeça, incrédula. – Pense bem, Vossa Excelência.

– Mas o que eu posso fazer?

– Pense num jeito, querido – insistiu Arina, em tom persuasivo. – O que a gente vai fazer?

– O que posso pensar? Também não tenho como ajudar vocês nesse caso.

– Quem vai nos ajudar, se não for você? – disse Arina, baixando a cabeça e abrindo os braços, com expressão de perplexidade.

– Pediram cereal, então vou mandar que tragam para vocês – disse o patrão, depois de um breve silêncio, durante o qual Arina suspirava e Davidka a imitava. – Mais do que isso não posso fazer.

Nekhliúdob saiu. Mãe e filho curvaram-se numa reverência e saíram atrás do patrão.

XII

– O-o-oh, minha orfandade! – disse Arina, suspirando fundo.

Parou e olhou zangada para o filho. Davidka logo se virou e, depois de erguer penosamente a perna gorda através da soleira, com o pé metido numa alpargata de palha imunda, escondeu-se atrás da porta em frente.

– O que vou fazer com ele, meu pai? – prosseguiu Arina, dirigindo-se ao patrão. – Você mesmo está vendo como ele é! Não é um mau mujique, não é um bêbado e é manso, não faz mal às crianças... não se pode apontar um pecado: não tem nada de mau, então só Deus sabe o que foi que deu na cabeça

dele para virar um sem-vergonha desses. Pois ele mesmo não está nada contente com isso. Acredite, paizinho, o coração chora lágrimas de sangue só de olhar para ele e ver que tormento ele suporta. Pois afinal de contas eu o carreguei no meu útero; tenho pena dele, que pena eu sinto!... Pois ele não é de fazer nada contra mim, nem contra o pai, nem contra as autoridades, é um mujique medroso, quer dizer, que nem uma criança. Como vai ficar assim, viúvo? Pense num jeito de nos ajudar, benfeitor – repetiu, desejando visivelmente apagar a impressão ruim que suas imprecações podiam ter produzido no patrão. – Eu, paizinho, Vossa Excelência – prosseguiu, num sussurro confiante –, já pensei mil vezes: não tenho inteligência para entender por que ele é assim. Só se alguma gente malvada estragou meu filho. (Ela ficou em silêncio por um momento.) Se a gente conseguisse achar o homem, podia curar meu filho.

– Que absurdo está dizendo, Arina! Como se pode estragar alguém?

– Meu pai, eles estragam, sim, para que ele nunca seja um homem! Tem gente ruim no mundo! Por maldade, pegam um punhado de terra onde ele pisou... ou alguma coisa... e ele nunca mais vai ser um homem; não é um grande pecado? Fico pensando se eu não devia ir falar com o Dunduk, um velho que mora em Vórobiévka: ele sabe todas as palavras mágicas e conhece as ervas, tira feitiço e faz a água brotar com uma cruz; quem sabe ele não dá um jeito? – disse ela. – Quem sabe ele cura o Davidka?

“Aí está ela, miserável e ignorante!”, pensou o jovem patrão, baixando a cabeça tristemente e seguindo pela aldeia a largas passadas. “O que vou fazer com ele? Deixá-lo nessa situação é impossível, para mim, para os outros, para os quais ele é um exemplo, e para ele mesmo, é impossível”, disse consigo mesmo, enquanto contava nos dedos essas razões. “Não posso vê-lo nessa situação, mas como livrá-lo? Ele aniquila todos os meus melhores planos para a propriedade. Se mujiques assim ficarem aqui, meus sonhos nunca vão se realizar”, pensou, experimentando desgosto e raiva contra o mujique pela destruição de seus planos. “Mandar para o degredo, como disse o Iákov, mesmo contra sua vontade, seria bom para ele? Ou mandá-lo para o Exército? Isso mesmo. Pelo menos eu me livraria dele e poria em seu lugar um mujique bom”, raciocinou.

Ele pensava nisso com satisfação: mas ao mesmo tempo uma consciência obscura lhe dizia que estava pensando só com um lado da inteligência e que isso era ruim. Ele se deteve. “Chega, o que estou pensando?”, disse consigo mesmo. “Sim, para o Exército, para o degredo. Para quê? Ele é um bom homem, melhor do que muitos, puxa, eu sei lá... Deixá-lo livre?”, pensou, examinando a questão não só com um lado da inteligência, como antes. “É injusto, além do mais é impossível.” Mas de repente lhe veio uma ideia que o alegrou muito; sorriu com a expressão de um homem que se atribuiu uma tarefa difícil. “Vou levá-lo para minha casa”, pensou. “Eu mesmo vou cuidar dele e, por meio de compreensão e conselhos, escolhendo uma ocupação, vou ensiná-lo a trabalhar e corrigi-lo.”

XIII

“É o que farei”, disse Nekhlíúdiv para si mesmo, com uma presunção alegre, e, ao lembrar que precisava ainda tratar da questão do mujique rico Dútlov, dirigiu-se a uma construção ampla e alta com duas chaminés que ficava no meio da aldeia. Ao aproximar-se, topou na isbá vizinha com uma mulher alta e desarrumada, de uns quarenta anos, que vinha andando na sua direção.

– Bom dia, paizinho – disse ela sem a menor timidez, detendo-se perto dele, sorrindo cordialmente e fazendo uma reverência.

– Bom dia, ama de leite – respondeu ele. – Como tem passado? Eu vou à casa do seu vizinho.

– Certo, paizinho, Vossa Excelência, não me diga. Mas não quer ter a bondade de nos fazer uma visitinha? Meu velho ia ficar muito contente!

– Claro, vou, sim, vamos conversar um pouquinho, ama de leite. Esta é a sua isbá?

– Esta mesma, paizinho.

E a ama de leite correu na frente. Ao entrar no vestíbulo atrás dela, Nekhliúdob sentou-se num barrilete, pegou um cigarro e pôs-se a fumar.

– Lá está quente; é melhor ficarmos aqui mesmo, vamos conversar um pouquinho – respondeu ao convite da ama de leite para entrar mais na isbá. A ama de leite ainda era uma mulher fresca e bonita. Nas feições do rosto e, sobretudo, nos grandes olhos negros, havia uma forte semelhança com o rosto do patrão. Ela cruzou as mãos embaixo do avental e, olhando sem medo para Nekhliúdob e balançando a cabeça sem parar, começou a falar com ele:

– Pois então, paizinho, o que traz o senhor à casa de Dútlov?

– Quero que ele arrende mais uma parte de minhas terras, umas trinta *dessiatinas*, e cuide das terras sozinho, e também que compre madeira comigo. Afinal, ele tem dinheiro, portanto, para que deixar o dinheiro parado? O que é que você acha, ama de leite?

– O que acho? É verdade, paizinho, que os Dútlov são gente forte; veja, é o primeiro mujique de toda esta terra – respondeu a ama de leite, balançando a cabeça. – No verão, construiu outra casa só com a madeira dele, não pediu nada do patrão. Tem cavalos, além de potros pequenos e uns mais crescidos, possui três troicas, e gado, vacas e ovelhas, e são tantos que quando tocam os animais de volta do pasto e as mulheres saem para a rua para ajudar, os animais ficam até espremidos no portão, sem poder passar; e também tem duzentas casas de abelha, não cabe mais nada. Um mujique forte demais, e deve ter dinheiro.

– Mas o que é que você acha, ele tem muito dinheiro mesmo? – perguntou o patrão.

– As pessoas falam, é verdade... por maldade, pode ser, que o velho tem um dinheiro que não é pouco; só que ele nem fala do assunto, nem para os filhos ele conta, mas deve ter. Por que ele não ia ficar com a madeira? Vai ver tem medo de ganhar fama de soltar dinheiro fácil. Uns cinco anos atrás, dividia uns pastos com o zelador Chkalik, começou a se preocupar com coisinhas miúdas, mas foi enganado pelo tal Chkalik e nisso o velho perdeu uns trezentos rublos; desde então ele não quer mais saber. E como é que ele não vai ser desconfiado, Vossa Excelência? – prosseguiu a ama de leite. – Vivem em três propriedades, uma família grande, todos trabalhadores, e o velho... como é que a gente vai criticar?... Quer dizer, ele é um verdadeiro administrador. Com ele, tudo dá certo, o povo até se admira; cereal, cavalos, gado, abelhas, e os filhos são uma felicidade só. Agora, todos os filhos casaram. Ele casou suas filhas mocinhas e agora o Iliúchka casou e ganhou alforria, ele mesmo comprou. E também foi com uma boa mulher.

– Então eles vivem bem? – perguntou o patrão.

– Enquanto tiver um cabeça de verdade dentro de casa, vão viver bem. Mesmo com os Dútlov... já se vê, isso é coisa de mulher; as noras reclamam umas com as outras em volta do fogão, mas o velho e os filhos se dão muito bem.

A ama de leite ficou algum tempo em silêncio.

– Agora o velho quer deixar o filho mais velho, Karp, no comando da casa. Estou velho, diz ele, já estou cansado, meu trabalho vai ser cuidar das abelhas. O Karp é um bom mujique, um mujique correto, mas não vai ser nem de longe um administrador tão bom quanto o velho. Não tem essa inteligência!

– Talvez Karp queira, quem sabe, ocupar-se com a terra e os bosques para extrair madeira... o que você acha? – disse o patrão, querendo arrancar da ama de leite tudo o que soubesse a respeito do vizinho.

– Duvido muito, paizinho – continuou a ama de leite. – O velho não liberou o dinheiro para o filho. Enquanto estiver vivo e o dinheiro estiver em sua casa, o velho vai mandar em tudo; além do mais, eles estão mais interessados em fazer carretos.

– E o velho não concorda?

– Tem medo.

– Medo de quê?

– Mas, paizinho, como é que pode um mujique do senhor de terras declarar que tem tanto dinheiro? É uma situação difícil, pode pôr em risco o dinheiro todo! Olhe só, ele fez negócio com o zelador e foi enganado. Como é que ele pode entrar na Justiça? Assim, o dinheiro sumiu; e não ia adiantar nada pedir para o senhor de terras.

- Sim, nessa questão... – disse Nekhliúdob, ruborizando-se. – Até logo, ama de leite.
- Até, paizinho, Vossa Excelência. Muito obrigada.

XIV

“Será que não é melhor ir para casa?”, pensou Nekhliúdob, aproximando-se dos portões dos Dútlov e sentindo uma vaga melancolia e um cansaço moral.

Mas naquele instante o novo portão de tábuas abriu com um rangido na sua frente e um rapaz bonito, rosado, louro, de uns dezoito anos, com roupa de cocheiro, surgiu no portão, trazendo uma troica de cavalos de pernas fortes, ainda suados e com os pelos eriçados, e fez uma reverência para o patrão, sacudindo com desenvoltura os cabelos claros.

– Então, seu pai está em casa, Iliá? – perguntou Nekhliúdob.

– Nas abelhas, nos fundos do pátio – respondeu o rapaz, enquanto passava um cavalo depois do outro pelo portão entreaberto.

“Não, eu vou levar adiante minha intenção, vou fazer a proposta, vou fazer o que puder”, pensou Nekhliúdob e, depois de deixar passar os cavalos, entrou no espaçoso pátio dos Dútlov. Era evidente que o estrume tinha sido retirado do pátio fazia pouco tempo: a terra ainda estava preta, suada, e em alguns pontos, sobretudo perto dos portões, estavam jogados trapos vermelhos e esfiapados. No pátio e embaixo de telheiros altos, em boa ordem, havia muitas carroças, arados de madeira, trenós, cepos, barris e toda sorte de pertences de camponeses; pombos esvoaçavam e arrulhavam nas sombras embaixo dos sólidos e largos telheiros; havia um cheiro de estrume e de piche. Num canto, Karp e Ignat instalavam um novo eixo embaixo de uma grande carroça chapeada de ferro, para três cavalos. Os três filhos de Dútlov tinham o rosto quase igual. O mais novo, Iliá, que Nekhliúdob encontrara no portão, não tinha barba, era de estatura mais baixa, mais rosado e mais bem-vestido do que os mais velhos; o do meio, Ignat, era de estatura mais elevada, mais moreno, tinha uma barbicha em forma de cunha e, embora também estivesse de botas, camisa de cocheiro e chapéu de pele de carneiro, não tinha o aspecto festivo e despreocupado do irmão mais novo. O mais velho, Karp, era ainda mais alto, calçava alpargatas de palha, vestia um caftã cinzento e camisa sem reforço nos cantos, barba ruiva e em leque, com um aspecto não apenas sério, mas quase sombrio.

– O senhor quer que eu mande chamar o pai, Vossa Excelência? – disse ele, aproximando-se do patrão e fazendo uma reverência ligeira e desajeitada.

– Não, eu mesmo vou falar com ele, nas abelhas, e ver como organizou tudo; mas também preciso falar um pouco com você – disse Nekhliúdob, afastando-se para o outro lado do pátio, para que Ignat não pudesse ouvir o que ele tinha a intenção de dizer para Karp.

A confiança em si mesmo, um certo orgulho, que se percebia em todos os gestos dos dois mujiques, e também aquilo que a ama de leite lhe dissera deixaram o jovem patrão tão confuso que Nekhliúdob sentiu dificuldade de se decidir a falar com eles sobre a proposta de negócio. Tinha a sensação de ser culpado de alguma coisa e lhe pareceu mais fácil falar com um irmão sem que o outro ouvisse. Karp se mostrou surpreso ao ver que o patrão o levava para o lado, mas assim mesmo o seguiu.

– Escute – começou Nekhliúdob, hesitante –, eu queria lhe perguntar uma coisa: vocês têm muitos cavalos?

- Umas cinco troicas, e também uns potros – respondeu Karp, sem timidez, coçando as costas.
- E seus irmãos levam cavalos para a estação de muda?
- Levamos três troicas para a estação de muda e o Iliúchka estava fazendo um carroto, mas acabou de voltar.
- E isso dá lucro para vocês? Quanto ganham com isso?
- Que lucro, Vossa Excelência? No máximo, dá para alimentar os cavalos... e com a bênção de Deus.
- Então por que vocês não se ocupam com outra coisa? Podiam comprar madeira de um bosque ou arrendar terra.
- Claro, Vossa Excelência, a gente podia arrendar uma terra, quando aparecer uma terra conveniente.
- Pois eu quero lhe propor uma coisa: em vez de trabalhar fazendo frete, que só dá para alimentar os cavalos, é melhor arrendar trinta *dessiatinas* de minhas terras. Vou oferecer para vocês toda a faixa de terra que fica atrás de Sapov, assim vão poder cuidar sozinhos de uma propriedade grande.

E Nekhliúdob, empolgado com seu plano de uma fazenda camponesa, que tantas vezes repetira para si mesmo e sobre o qual pensara tanto, já sem hesitação, pôs-se a explicar ao mujique sua proposta de uma fazenda de mujiques.

Karp escutou com muita atenção as palavras do patrão.

- Estamos muito satisfeitos, Vossa Nobreza – disse ele, quando Nekhliúdob se calou e ficou observando-o, à espera da resposta. – Claro, não tem nada de ruim aqui. Para um mujique, é melhor trabalhar na terra do que chicotear cavalos numa carruagem. Ficar andando com gente estranha, ver pessoas diferentes, isso perturba nosso irmão. Para o mujique, não tem melhor negócio do que trabalhar na terra.
- Então, o que você acha?
- Enquanto meu pai estiver vivo, de que adianta eu pensar, Vossa Excelência? Ele é quem manda.
- Leve-me até o apiário; vou falar com ele.
- Por aqui, por favor – disse Karp, seguindo lentamente na direção do telheiro dos fundos. Ele abriu um portão baixinho que dava para o apiário e, depois de deixar o patrão passar, fechou-o, voltou-se na direção de Ignat e, em silêncio, retomou o trabalho que fazia antes.

Abaixando-se, Nekhliúdob passou pelo portão baixinho que dava para o apiário, embaixo de um toldo de tábuas, nos fundos do pátio. Toda iluminada pelos raios candentes e brilhantes do sol de junho, a área pequena onde as colmeias estavam dispostas de forma simétrica, cobertas por pedaços de tábua e com abelhas douradas voando ruidosamente em círculos, era rodeada por uma cerca coberta de palha, que a luz atravessava. Do portãozinho, uma trilha pisada conduzia pelo meio do apiário rumo a um pequeno toldo de tábuas onde havia um iconezinho de metal, iluminado com força pelo sol. Algumas tílias jovens, que erguiam com elegância a copa cacheada acima do telhado de palha de uma construção vizinha, sacudiam sua viçosa folhagem verde-escura de modo quase inaudível, por causa do zunido das abelhas. Todas as sombras, da cerca, das tílias e das colmeias cobertas por tábuas, caíam negras e curtas sobre a relva baixa e densa que brotava entre as colmeias. A miúda e curvada figura do velho, com a cabeça grisalha descoberta e um pouco calva que brilhava ao sol, apareceu perto da porta de um barraco de troncos musgosos, coberto de palha, que ficava no meio das tílias. Ao ouvir o rangido do portãozinho, o velho virou-se e, enxugando com a aba da camisa o rosto suado e queimado de sol, e sorrindo tímido e

contente, caminhou na direção do patrão.

O apiário era muito confortável, alegre, silencioso, iluminado; a figura do velhinho grisalho que, com espessas rugas raiadas em torno dos olhos, sapatos largos calçados nos pés sem meias, balançando-se e sorrindo satisfeito e simpático, cumprimentou o patrão em seus domínios exclusivos era tão simples e afetuosa que Nekhliúdob no mesmo instante esqueceu as impressões pesadas da manhã e seu querido sonho ressurgiu bem vivo para ele. Já via todos os seus camponeses tão ricos e simpáticos quanto o velho Dútlov, e todos sorriam para ele daquele mesmo jeito afetuoso e alegre, porque seriam agradecidos apenas a ele, por sua riqueza e felicidade.

– Não é melhor usar uma rede, Vossa Excelência? Agora as abelhas estão com raiva, picam – disse o velho, pegando da cerca um sujo saco de tela com cheiro de mel, costurado a um pedaço de pau, e o ofereceu ao patrão. – A mim, as abelhas não picam – acrescentou com um sorriso dócil, que quase não se desprendia de seu rosto bonito e queimado de sol.

– Então eu também não preciso. Diga, elas já estão formando os enxames? – perguntou Nekhliúdob, sorrindo também, sem saber por quê.

– Estão sim, paizinho Mítri Mikoláitch – respondeu o velho, exprimindo um carinho especial ao chamar o patrão pelo prenome e pelo patronímico. – Mas só agora começaram a formar os enxames direito. A primavera foi fria, como o senhor sabe.

– Pois é, eu li num livro – começou Nekhliúdob, afastando com a mão uma abelha que se havia metido no seu cabelo e zumbia bem perto da orelha – que quando os favos são colocados em linha reta, em varas horizontais, as abelhas fazem os enxames mais cedo. Para isso também fazem colmeias de tábuas... com vigas...

– Por favor, não abane a mão, elas ficam mais bravas – disse o velho. – Não acha melhor usar o saco de tela?

Nekhliúdob sentia dor; mas, por algum orgulho infantil, não queria reconhecer aquilo e, depois de recusar mais uma vez o saco de tela, continuou a explicar para o velho a técnica de construção de colmeias que tinha lido em *Maison rustique* e que, na sua opinião, devia ser duas vezes mais produtiva; mas a abelha o picou no pescoço e ele se atrapalhou e começou a titubear no meio da explanação.

– Pois é assim mesmo, paizinho Mítri Mikoláitch – disse o velho, olhando para o patrão com atenção paternal. – É assim mesmo que escrevem nos livros. Sim, pode ser que escrevam assim por maldade: vamos, deixe que ele faça o que a gente escreveu e depois a gente vai rir dele. E isso acontece! Como é que se pode ensinar as abelhas onde vão prender o favo? Se cismar, podem fazer num pedaço de pau, uma vez enviesado, outra vez reto. Por favor, venha aqui ver – acrescentou, abrindo uma das caixas mais próximas e espiando pela abertura, coberta por abelhas que rastejavam e zumbiam por cima do favo torto. – Olhe só, estas são jovens; a única coisa que têm na cabeça é ficar com a rainha, mas fazem o favo reto ou enviesado, conforme a melhor posição no lugar – explicou o velho, visivelmente empolgado com seu assunto predileto e sem levar em conta a posição do patrão. – Olhe, hoje elas vão trazer pólen nas patinhas; o dia está quente, não tem dúvida – acrescentou, fechando de novo a colmeia e apertando com um pano uma abelha rastejante e depois empurrando com a bruta palma da mão algumas abelhas que estavam nas rugas de sua nuca. As abelhas não o picavam; em compensação Nekhliúdob já mal conseguia conter o desejo de fugir do apiário; as abelhas o haviam picado em três lugares e zumbiam à sua volta, em todos os lados da cabeça e do pescoço.

– E você, tem muitas colmeias? – perguntou Nekhliúdob, enquanto se esquivava rumo ao portãozinho.

– Quantas Deus me deu – respondeu Dútlov, rindo um pouco. – Não precisa contar, paizinho: as abelhas não gostam. Olhe, Vossa Excelência, quero pedir uma coisa a Vossa Misericórdia – continuou, apontando para uns mourões finos que estavam junto à cerca. – É o Óssip, o marido da ama de leite; o senhor podia falar com ele: os vizinhos se dão mal na nossa aldeia, é ruim.

– Como assim, se dão mal?... Puxa, como elas picam! – disse o patrão, já segurando a tranca do portãozinho.

– Pois todo ano ele deixa suas abelhas virem para junto das minhas abelhas jovens. Elas podiam melhorar, mas as abelhas de fora vêm para brigar e roubar o favo delas – disse o velho, sem perceber a careta do patrão.

– Está bem, depois, daqui a pouco... – exclamou Nekhliúдов e, já sem forças para suportar, abanando os dois braços, fugiu a trote pelo portãozinho.

– Esfregue com terra; não é nada – disse o velho, saindo para o pátio atrás do patrão. Nekhliúдов esfregou terra no lugar onde estava dolorido e, ruborizando-se, lançou um olhar ligeiro para Karp e Ignat, que nem estavam olhando para ele, e franziu as sobrancelhas com ar zangado.

XVI

– Eu queria fazer um pedido pelos meus filhos, Vossa Excelência – disse o velho, fingindo não notar, ou sem notar de fato, o aspecto terrível do patrão.

- O que é?
- Olhe, cavalos, com a graça de Deus, a gente tem bastante, e tenho também um trabalhador contratado, portanto o trabalho na corveia não tem problema para a gente.
- E então?
- O senhor, em vossa misericórdia, podia liberar meus filhos do trabalho nas terras do senhor, e assim Iliúchka e Ignat podiam levar três troicas para fazer fretes o verão inteiro: quem sabe assim ganhavam alguma coisa?
- E para onde eles vão?
- Qualquer lugar – interveio Iliúchka, que naquela altura, depois de trazer os cavalos por trás da cerca, havia se aproximado do pai. – Os filhos de Kadmínski foram com oito troicas para Romen e dizem que o que ganharam deu para comer e ainda trouxeram de volta para casa trinta rublos por troica; e em Odest,⁹ dizem, a comida para os cavalos é mais barata.
- Era sobre isso mesmo que eu queria falar com você – disse o patrão, voltando-se para o velho no intuito de atraí-lo com astúcia para uma conversa sobre a fazenda. – Diga, por favor, será que é mais vantajoso fazer fretes do que se ocupar com a agricultura aqui mesmo?
- Como é que não vai ser mais vantajoso, Vossa Excelência? – interferiu de novo Iliá, balançando os cabelos com vigor. – Aqui a gente nem tem como alimentar os cavalos.
- Mas quanto você ganha no verão?
- Olhe, desde a primavera, e com a comida cara, a gente foi para Kíev com mercadorias, para Kursk e para Moscou, ida e volta, carregando grãos, e deu para a gente comer e para alimentar muito bem os cavalos, e de quebra ainda trouxemos para casa quinze rublos.
- Não há nada de errado em trabalhar num negócio honesto, qualquer que seja ele – disse o patrão, dirigindo-se de novo ao velho. – Mas me parece que é possível trabalhar em outras coisas; além do mais esse trabalho, em que um jovem vai para muitos lugares estranhos, vê muita gente estranha, pode estragar o rapaz – acrescentou, repetindo as palavras de Karp.
- E com o que o nosso irmão, um mujiqe, pode se ocupar, senão com o frete? – retrucou o velho, com seu sorriso dócil. – Se é bom cocheiro, tem muito que comer, e para os cavalos também; e quanto a mau comportamento, em minha casa, graças a Deus, eles são sempre a mesma coisa, e não é o primeiro ano que vão, e eu mesmo já fui também, e não vi nisso nada de ruim, só coisa boa.
- Vocês podiam se ocupar com tantas coisas aqui: a terra, os pastos...
- Mas como é que pode, Vossa Excelência? – interrompeu Iliúchka, com animação. – A gente nasceu para isso, conhece tudo do assunto, é um trabalho próprio para a gente, o que a gente mais gosta, Vossa Excelência, não tem nada melhor do que fazer frete para nossos irmãos!
- Venha, Vossa Excelência, nos dê a honra de conhecer nossa isbá. O senhor ainda não nos deu o prazer de visitar nossa morada – disse o velho, fazendo uma reverência e piscando o olho para o filho. Iliúchka correu para dentro da isbá e, atrás dele, Nekhliúdob entrou junto com o velho.

XVII

Ao entrar na isbá, o velho curvou-se mais uma vez numa reverência, com a aba do casaco tirou a poeira de um banco no canto da frente e perguntou, sorrindo:

- O que o senhor deseja tomar, Vossa Excelência?

A isbá era branca (com chaminé), espaçosa, com leitos suspensos de tábua e de palha. A lenha fresca de choupos ainda não enegrecera e no meio dela se via um musgo que apenas começara a desbotar; os bancos e os leitos de tábua ainda não estavam gastos e o chão ainda não estava machucado. Uma moça

magrinha, de rosto alongado e pensativo, a esposa de Iliá, estava sentada num colchão de palha e, com o pé, balançava um berço preso ao teto por uma vara comprida. No berço, com a respiração quase inaudível, uma criança de peito cochilava com os olhinhos fechados e os braços abertos; outra mulher, robusta, de faces vermelhas, a mulher de Karp, com as mangas enroladas acima dos cotovelos e os braços bronzeados mesmo acima dos pulsos, picava cebola em frente à estufa, dentro de uma tigela de madeira. Uma mulher grávida e bexiguenta, que se escondia atrás da manga, estava de pé junto à estufa. Na isbá estava quente, por causa do calor do sol, mas também da estufa, e havia um cheiro forte do pão que acabara de assar. Do leito de tábua suspenso acima da estufa, a cabecinha loura de dois garotos e uma menina, que haviam subido ali à espera do almoço, espiava o patrão com curiosidade.

Nekhliúfov se alegrou de ver aquela satisfação e ao mesmo tempo sentiu certa vergonha diante das mulheres e crianças que olhavam todas para ele. Ruborizando-se, sentou-se num banco.

– Aceito um pedacinho de pão quente, eu gosto, sim – disse e ficou ainda mais vermelho.

A mulher de Karp rasgou um grande pedaço de pão e colocou-o num prato para o patrão. Nekhliúfov não falou nada, sem saber o que dizer; as mulheres também ficaram caladas; o velho sorria, dócil.

“Mas do que tenho vergonha? Parece que sou culpado de alguma coisa”, pensou Nekhliúfov. “O que me custa fazer a proposta sobre a fazenda? Que tolice!” No entanto, permaneceu calado.

– Pois então, paizinho Mítri Mikoláitch, que ordem o senhor dá para os rapazes? – perguntou o velho.

– Eu recomendo a você que não deixe seus filhos soltos e que eles achem trabalho por aqui mesmo – exclamou Nekhliúfov de repente, tomando coragem. – Sabe, pensei numa coisa para você: compre em parceria comigo um trecho da floresta do Estado e também uma terra...

O sorriso dócil de repente sumiu do rosto do velho.

– Mas como, Vossa Excelência? Com que dinheiro vamos comprar? – ele interrompeu o patrão.

– Mas é um bosque pequeno, só uns vinte rublos – observou Nekhliúfov.

O velho forçou um riso contrariado.

– Certo, até podia ser, se eu tivesse dinheiro para comprar – disse ele.

– Mas será que você não tem esse dinheiro? – perguntou o patrão em tom de censura.

– Ah, paizinho, Vossa Excelência! – respondeu o velho com tristeza na voz, lançando um olhar para a porta. – Só dá para alimentar a família, comprar um bosque não é coisa para nós.

– Mas se você tem dinheiro, o que vai fazer com ele? – insistiu Nekhliúfov.

De repente, o velho ficou muito agitado; os olhos cintilaram, os ombros começaram a se remexer.

– Vai ver gente ruim andou falando de mim – disse com voz trêmula. – Mas acredite, em nome de Deus – disse, animando-se cada vez mais e voltando os olhos para o ícone –, que meus olhos se apaguem, que eu desapareça aqui mesmo, se eu tiver qualquer coisa mais do que os quinze rublos que Iliúchka trouxe, e ainda tenho de pagar o tributo por cabeça... e o senhor mesmo sabe: construí uma isbá.

– Está bem, está bem! – disse o patrão, levantando-se do banco. – Até logo para todos.

“Meu Deus! Meu Deus!”, pensou Nekhliúfov, dirigindo-se para casa a largas passadas, pelas alamedas sombreadas do jardim pouco cuidado, enquanto catava distraído folhas e galhos com que topava no caminho. “Serão absurdos todos os meus sonhos sobre o propósito e as responsabilidades de minha vida? Por que me sinto triste, oprimido, como se estivesse insatisfeito comigo, se antes eu imaginava que, quando trilhasse esse caminho, eu iria experimentar o tempo todo a plenitude do sentimento de satisfação

moral que experimentei quando tais ideias me vieram ao pensamento pela primeira vez?” E, com uma vitalidade e uma lucidez extraordinárias, transportou a imaginação para um ano antes, para aquele momento feliz.

De manhã bem cedo, levantou-se antes de todos em casa e, agitado de forma dolorosa por indescritíveis e ocultos impulsos de juventude, saiu para o jardim sem nenhum propósito, de lá foi para a floresta e, em meio à natureza de maio, pujante e viçosa mas tranquila, vagou sozinho, sem nenhum pensamento, sofrendo com o excesso de uma espécie de sentimento para o qual não encontrava expressão. Então, com todo o encanto do desconhecido, sua imaginação jovem representou para ele a forma voluptuosa de uma mulher e lhe pareceu que ali estava o desejo inexprimível. Mas um sentimento diferente, mais elevado, disse *não é isso* e obrigou-o a procurar outra coisa. Assim, sua inteligência fogosa e inexperiente, erguendo-se cada vez mais rumo à esfera da abstração, descobriu, assim lhe pareceu, as leis da existência e ele, com um prazer orgulhoso, se deteve em tais pensamentos. Mas de novo um sentimento mais elevado lhe disse *não é isso* e mais uma vez obrigou-o a procurar e a agitar-se. Sem ideias e sem desejos, como sempre acontece depois de uma atividade intensa, ele se deitou de costas embaixo de uma árvore e pôs-se a fitar as nuvens transparentes da manhã, que passavam correndo acima dele pelo céu azul e infinito. De repente, sem nenhum motivo, em seus olhos surgiram lágrimas e, Deus sabe por que caminho, lhe veio uma ideia clara, que tomou toda a sua alma, à qual ele se agarrou com prazer – a ideia de que o amor e o bem são a verdade e a felicidade e a única verdade e a única felicidade no mundo. O sentimento mais elevado não disse *não é isso*; ele se levantou e começou a analisar aquela ideia. “Isso, é assim mesmo!”, disse consigo, com emoção, avaliando todas as convicções anteriores, todas as aparências da vida, à luz daquela verdade novamente descoberta e que lhe parecia absolutamente nova. “Que tolice tudo aquilo que eu sabia, em que eu acreditava e que eu amava”, disse consigo. “O amor, a abnegação, essa é a única felicidade verdadeira, e independente das circunstâncias!”, insistiu, sorrindo e gesticulando. Aplicou aquela ideia a todos os aspectos da vida e encontrou sua confirmação na vida e naquela voz interior que lhe dizia *é isso*, e experimentou um alegre sentimento de entusiasmo e emoção, novo para ele. “Portanto, devo fazer o bem para ser feliz”, pensou, e todo o seu futuro se desenhou com vivacidade à sua frente, já não de modo abstrato, mas em imagens, na forma da vida de um proprietário de terras.

Ele viu à sua frente um imenso campo para toda a vida, que ele ia dedicar ao bem e na qual, por consequência, ia ser feliz. Não era preciso procurar uma esfera de atividade: ela já estava pronta; ele já tinha um dever imediato: possuía camponeses... E que trabalho agradável e gratificante se apresentava à sua frente – “trabalhar com essa classe de gente simples, impressionável, pura, salvá-los da miséria, dar-lhes satisfação, transmitir-lhes a educação que tive a felicidade de poder desfrutar, corrigir seus erros, causados pela ignorância e pela superstição, desenvolver neles a moral, obrigá-los a amar o bem... Que futuro radiante e feliz! E além disso, eu, que farei isso para minha própria felicidade, vou me deleitar com a felicidade deles, verei como avanço sempre, a cada dia, rumo ao objetivo proposto. Um futuro maravilhoso! Como é possível que eu não tenha enxergado isso antes?”.

“Além do mais”, pensou naquele momento, “quem me impede de ser eu mesmo feliz no amor com uma mulher, de alcançar a felicidade na vida em família?” E a imaginação juvenil pintou para ele um futuro ainda mais fascinante: “Eu e uma esposa, que amarei mais do que ninguém amou neste mundo, nós viveremos sempre em meio a esta natureza campestre, serena, poética, com filhos, talvez com uma velha tia; teremos nosso amor mútuo, o amor pelos filhos, e os dois saberemos que nosso destino é o bem. Ajudaremos um ao outro a chegar a esse objetivo. Eu tomarei as providências gerais, distribuirei os benefícios gerais, justos, vou cuidar da fazenda, das economias, da oficina; e ela, com sua cabecinha bonita, num vestido branco e simples, levantando-o acima dos pezinhos finos, irá pela lama para a escola dos camponeses, ao hospital, à casa de um mujique desafortunado, que na verdade nem merece ajuda, e em toda parte ela conforta, ajuda... Crianças, velhos, mulheres a adoram e veem nela uma espécie de

anjo, enviado pela Providência. Depois ela vai voltar e esconder de mim que foi à casa de um mujique desafortunado e que lhe deu dinheiro, mas eu sei de tudo e a abraço com força, beijo com força e com ternura seus olhos encantadores, as faces ruborizadas de vergonha e os lábios rosados que sorriem...”

XIX

“O que foi feito desses sonhos?”, pensava agora o jovem ao aproximar-se de casa, depois de suas visitas. “Já faz mais de um ano que procuro a felicidade neste caminho, e o que encontrei? Na verdade, às vezes sinto que posso ficar satisfeito comigo mesmo; mas é uma espécie de satisfação seca, racional. Mas não, no fundo estou insatisfeito comigo mesmo! Estou insatisfeito porque aqui não conheci a felicidade, mas eu desejo, e desejo ardentemente, a felicidade. Não experimentei os prazeres e até me distanciei de tudo o que dá prazer. Para quê? Por quê? A quem isso traz alívio? A tia escreveu a verdade, quando disse que é mais fácil encontrar a felicidade para si do que dá-la aos outros? Por acaso meus mujiques ficaram mais ricos? Adquiriram educação ou se desenvolveram moralmente? Nem um pouco. Nada melhorou para eles e, para mim, a cada dia fica mais penoso. Se eu visse algum sucesso em meus projetos, se eu visse gratidão... Mas não, eu vejo uma rotina mentirosa, o erro, a desconfiança, a impotência. Estou desperdiçando os melhores anos da vida”, pensou e por algum motivo lembrou que os vizinhos, como soubera pela babá, o chamavam de tolo; que do seu dinheiro já não restava nada no escritório; que a máquina de debulhar que ele havia inventado, para riso geral dos mujiques, só tinha feito barulho e não debulhou nada, quando pela primeira vez, diante de um público numeroso, ele a pôs em movimento no celeiro de debulha; que mais dia, menos dia, ele ia receber a visita do juiz do *ziémstvo* para fazer o inventário dos bens cujo pagamento ele deixara de cumprir no prazo, de tão envolvido que estava em seus novos e numerosos projetos agrícolas. E de repente, com a mesma nitidez com que antes lhe viera ao pensamento o passeio campestre pelo bosque e o sonho de uma vida de senhor de terras, surgiu diante de seus olhos, com a mesma nitidez, o quarto de estudante em Moscou onde ele ficava até tarde da noite, à luz de uma vela, com o seu camarada de estudos e adorado amigo de dezesseis anos. Liam e repetiam, por cinco horas seguidas, maçantes leis do direito civil e, ao terminar, pediam o jantar, serviam uma garrafa de champanhe e se punham a conversar sobre o futuro que os aguardava. Como o futuro se apresentava diferente para o jovem estudante! Na época, o futuro era cheio de prazer, de atividades variadas, de esplendor, de sucessos, e os levaria sem dúvida nenhuma ao – assim lhes parecia – supremo bem no mundo: a glória.

“Ele já está indo, e bem depressa, por esse caminho”, pensou Nekhliúdiv a respeito do amigo. “Mas eu...”

Naquela altura, ele já havia se aproximado da varanda da casa, perto da qual estavam uns dez mujiques e criados, que esperavam o patrão com diversos pedidos, e ele teria de deixar os sonhos e voltar-se para a realidade.

Ali estava uma camponesa esfarrapada, descabelada, manchada de sangue, que com lágrimas reclamava do sogro, o qual pelo visto queria matá-la; e dois irmãos que havia dois anos dividiam entre si os trabalhos agrícolas e agora se olhavam com uma raiva virulenta; e um criado doméstico grisalho, barbado, com mãos trêmulas de bêbado, trazido pelo filho, um jardineiro, que se queixava para o patrão de seu comportamento desordeiro; e um mujique que expulsara a mulher de casa porque ela passara a primavera inteira sem trabalhar; e uma camponesa grande, sua esposa, que, chorando e sem dizer nada, estava sentada no capim, perto da varanda, e mostrava a perna inchada, inflamada, toscamente envolta num trapo sujo...

Nekhliúdiv ouviu todos os pedidos e queixas e, depois de dar conselhos a alguns, esclarecer a

situação de outros e fazer promessas a outros mais, experimentando um confuso sentimento de cansaço, vergonha, impotência e remorso, seguiu para seu quarto.

XX

No quarto pequeno que Nekhliúdob ocupava, havia um velho sofá de couro, enfeitado com tachas de cobre; algumas poltronas no mesmo estilo; uma velha mesa articulada de jogar cartas, com incrustações e buracos e chapeada de cobre, sobre a qual havia papéis, e um velho piano de cauda inglês, aberto e amarelado, com as teclas estragadas, tortas e estreitas. Entre as janelas, pendia um espelho grande, numa velha moldura entalhada e dourada. No chão, perto da mesa, havia pilhas de papel, livros e contas. No conjunto, o quarto tinha um aspecto de desordem e desleixo; e essa desordem clamorosa criava um contraste marcante com a afetada arrumação aristocrática e antiquada dos demais quartos da casa-grande. Ao entrar no quarto, Nekhliúdob jogou o chapéu na mesa com irritação e sentou-se na cadeira na frente do piano, cruzou as pernas e baixou a cabeça.

– E então, o senhor quer tomar o café da manhã, Vossa Excelência? – perguntou uma velha alta e magra que entrou naquele momento, de gorro, xale grande e vestido de chita.

Nekhliúdob olhou para ela e ficou em silêncio, como se estivesse pensando.

– Não, não quero, babá – disse e, de novo, pôs-se a pensar.

A babá balançou a cabeça para ele, zangada, e suspirou:

– Ah, paizinho Dmítri Nikoláitch, por que está aborrecido? Não há mal que dure para sempre... Deus é quem sabe...

– Não estou aborrecido. De onde tirou essa ideia, mãezinha Malânia Finoguénovna? – replicou Nekhliúdob, tentando sorrir.

– Como não está aborrecido? Por acaso sou cega? – a babá começou a falar com fervor. – Dia vai, dia vem, o tempo todo sozinho, sozinho. E o senhor leva tudo a ferro e fogo, quer resolver por sua conta; e passou a não comer quase nada. Por acaso tem motivo para isso? Se pelo menos fosse à cidade ou visitasse os vizinhos; onde é que já se viu? São seus anos de mocidade, então para que se aborrecer com tudo? O senhor me desculpe, paizinho, vou me sentar – prosseguiu a babá, sentando-se perto da porta. – O senhor ficou tão conhecido deles que ninguém mais tem medo. Por acaso é assim que os senhores fazem? Não tem nada de bom nisso: o senhor se arruína e o povo fica mole. A nossa gente é assim: não entende, é verdade. Era melhor o senhor voltar para sua tia: ela escreveu a verdade... – a babá o exortava.

Nekhliúdob sentia-se cada vez mais triste. Sua mão direita, com o punho apoiado no joelho, tocava apática nas teclas do piano. Soou um acorde, outro, um terceiro... Nekhliúdob chegou mais perto, tirou a outra mão do bolso e começou a tocar. Os acordes que tocou eram às vezes malfeitos, e até errados, muitas vezes eram corriqueiros e mesmo banais e não revelavam nenhum talento musical, mas aquela ocupação lhe dava um prazer vago e triste. A cada mudança de harmonia, com um aperto no coração, ele esperava o que dali iria sair e, quando algo resultava de fato, ele completava confusamente na imaginação aquilo que faltava. Tinha a impressão de ouvir centenas de melodias: e um coro e uma orquestra, de acordo com a sua harmonia. O que lhe trazia mais prazer era a intensa atividade da imaginação, que de forma incoerente e fragmentada, mas com uma clareza impressionante, lhe apresentava naquele momento as mais diversas, misturadas e absurdas imagens e quadros do passado e do futuro. Ora lhe surgia a figura balofa de Davidka Branco, que piscava assustado as pestanas brancas diante do musculoso e negro punho cerrado da mãe, com suas costas curvadas e as mãos enormes, cobertas de pelos brancos, e que, em face da penúria e das aflições, só reage com a paciência e a

submissão ao destino. Ora vê a animada ama de leite, desinibida por ter trabalhado na casa senhorial, e por algum motivo Nekhliúdob imagina que ela anda pelas aldeias e faz sermões para os mujiques, dizendo que eles devem esconder seu dinheiro dos senhores de terras e ele, de modo inconsciente, repete consigo mesmo: “Sim, é mesmo preciso esconder seu dinheiro dos senhores de terras”. Mas de repente lhe surgem na mente a cabeça e o cabelo castanho-claro de sua futura esposa, que chora por alguma razão e se apoia no ombro dele, numa tristeza profunda; ora vê os bondosos olhos azuis de Tchuris que fitam com ternura o filhinho único e barrigudo. Sim, além de um filho, vê na criança um ajudante e o salvador. “Isso é o amor!”, sussurra Nekhliúdob. Depois se lembra da mãe de Iukhvanka, se lembra da expressão de paciência e de perdão geral que, apesar dos dentes saltados e das feições muito feias, ele percebeu no seu rosto de velha. “Nos setenta anos de sua vida, talvez eu tenha sido o primeiro a notar isso”, pensou, e murmurou: “Que estranho!”, enquanto continuava a dedilhar as teclas e a ouvir as notas de modo mecânico. Em seguida se lembra nitidamente de sua fuga do apiário e da expressão no rosto de Ignat e de Karp, que visivelmente tinham vontade de rir, mas fingiam não olhar para ele. Ele fica vermelho e, sem querer, vira-se para olhar para a babá, que continua sentada perto da porta e o fita atentamente, em silêncio, e de vez em quando balança a cabeça grisalha. De súbito lhe vêm à mente a troica de cavalos suados e a bela e forte figura de Iliúchka, de cachos claros, de olhos azuis, estreitos, que brilham com alegria, com a penugem tenra, rosada e clara que apenas começou a cobrir o lábio e o queixo. Lembra como Iliúchka temia que não fosse liberado para fazer fretes, e como defendeu ardorosamente aquela atividade, tão apreciada por ele; e Nekhliúdob viu uma manhã cinzenta, nebulosa, bem cedo, uma estrada escorregadia e uma comprida fileira de carroças puxadas por troicas, abarrotadas até em cima e cobertas por esteiras, com grandes letras pretas gravadas. Os cavalos bem nutridos e de pernas grossas, tilintando os guizos, arqueando as costas e esticando os tirantes, empurram com ímpeto morro acima, cravando com esforço o salto pontudo das ferraduras na estrada escorregadia. Morro abaixo, na direção das carroças, vem depressa um coche do correio, tilintando as sinetas, que ressoam ao longe na vasta floresta que se estende de ambos os lados da estrada.

– A-a-ai! – grita bem alto, e com voz infantil, o cocheiro, que traz um distintivo no chapéu de pele de carneiro, brandindo o chicote acima da cabeça.

Junto à roda da frente da primeira carroça, Karp caminha a passos pesados, em botas enormes, com sua barba avermelhada e seu olhar triste. Na segunda carroça, sobressai a cabeça bonita de Iliúchka, que, debaixo do abrigo de esteira, se aquece aconchegadamente ao raiar do dia. Três troicas passam ligeiro com um grito, sobrecarregadas de malas, com o barulho das rodas e o som das sinetas; Iliúchka esconde de novo sua bonita cabeça embaixo da esteira e pega no sono. Chega o anoitecer, morno e claro. Diante das troicas fatigadas, que se aglomeram junto à estalagem, os portões de tábuas rangem e, uma após a outra, trepidando sobre a tábua dos portões, desaparecem as altas esteiras das carroças sob os amplos telheiros. Iliúchka saúda alegremente a hospedeira de rosto branco e peito largo, que pergunta: “Vocês vêm de longe? Vão comer muito?”, enquanto observa o rapaz bonito com prazer, com os olhos doces e radiosos. E então ele, depois de soltar os cavalos, entra na isbá quente, cheia de gente, faz o sinal da cruz, senta-se diante de uma tigela de madeira cheia, entabula uma conversa animada com a hospedeira e seus camaradas. E então ele se abriga para pernoitar sob o céu estrelado, que se avista do telheiro, deitado sobre o feno cheiroso, perto dos cavalos, que, batendo as patas no chão e resfolegando, fuçam a comida dentro das manjedouras de madeira. Ele se acomoda no feno, vira-se para o leste e, depois de fazer o sinal da cruz umas trinta vezes seguidas diante do peito largo e forte, sacode os cachos claros, reza o pai-nosso e, umas vinte vezes, “Deus Misericordioso” e, cobrindo-se até a cabeça com a manta, adormece com o sono saudável e despreocupado de um jovem forte. E então, no sonho, vê a estrada de Kíev, com os lugares sagrados e os bandos de peregrinos, Romen, com os comerciantes e as mercadorias, vê Odest e, ao longe, o mar azul com velas brancas, e a cidade de Tsargrad,¹⁰ com casas douradas e turcas de peito branco e sobrelhas negras, para onde ele voa, depois de se erguer em asas invisíveis.

Voa livre e leve, cada vez para mais longe – e vê lá embaixo cidades douradas, banhadas em um esplendor radiante, e o céu azul com estrelas cerradas, e o mar azul com velas brancas – e é alegre e doce voar cada vez para mais longe...

“Que maravilha!”, sussurra Nekhliúдов consigo mesmo; e também lhe vem o pensamento: por que não sou Iliúchka?

DAS MEMÓRIAS DO PRÍNCIPE D. NEKHLIÚDOV

[Lucerna]

8 de julho

Ontem à noite cheguei a Lucerna e me hospedei no melhor hotel da localidade: o Schweizerhof.

“Lucerna, antiga cidade cantonal, situada à margem do lago dos Quatro Cantões”, diz Murray,¹ “uma das localidades mais românticas da Suíça; ali se cruzam três estradas importantes; e a apenas uma hora de viagem de barco a vapor se encontra o monte Rigi, do qual se avista uma das paisagens mais magníficas do mundo.”

Com justiça ou não, outros guias dizem o mesmo e por isso os viajantes de todas as nações, em especial ingleses, acorrem em multidões a Lucerna.

O majestoso prédio de cinco andares do hotel Schweizerhof foi construído perto do cais, bem na beira do lago, no mesmo lugar onde, em tempos antigos, havia uma ponte de madeira, coberta e sinuosa, com capelas nos cantos e imagens nas vigas do telhado. Agora, graças ao enorme afluxo de ingleses, suas exigências, seu gosto e seu dinheiro, demoliram a ponte velha e em seu lugar fizeram um cais de pedra, reto como uma prancha; junto ao cais, construíram prédios retos, quadrados, de cinco andares; e na frente dos prédios plantaram duas fileiras de tiliazinhas, instalaram suportes e, entre as tílias, como convém, uns banquinhos verdes. Isso é o passeio; e ali caminham inglesinhas, para lá e para cá, com chapéus de palha suíços, e ingleses, em trajes resistentes e confortáveis, alegres com sua obra. Talvez esse cais, esses prédios, essas tílias e esses ingleses ficassem muito bem em outro lugar – mas não aqui, em meio a essa natureza majestosa e ao mesmo tempo indescritivelmente harmônica e amena.

Quando subi, entrei no meu quarto e abri a janela para o lago, a beleza da água, das montanhas e do céu, no primeiro momento, me cegou e me abalou, literalmente. Senti uma inquietação interior e a necessidade de exprimir de algum modo o excesso de alguma coisa que de repente transbordava em minha alma. Naquele minuto, me veio uma vontade de abraçar alguém, abraçar com força, fazer cócegas, beliscar, em suma, fazer com ele e comigo algo fora do comum.

Já eram mais de seis horas. Tinha chovido o dia inteiro e agora o tempo estava limpando. Azul como enxofre ardente, com os pontos dos barcos e seus rastros que iam sumindo, o lago liso, imóvel e como que convexo se estendia diante das janelas entre as margens de vários tons de verde, fugia para a frente, se comprimia entre dois enormes promontórios e, escurecendo, se fundia e desaparecia nos vales, montanhas, nuvens e geleiras que se acumulavam uns sobre os outros. Em primeiro plano, estão as margens molhadas, verde-claras, com juncos, prados, jardins e casas de campo; mais além, promontórios verde-escuros, de capim alto, com ruínas de castelos; ao fundo, a distância montanhosa, enrugada, lilás e branca, com os fantásticos picos rochosos, nevados, brancos e opacos; e tudo coberto pelo suave e transparente azul do ar e iluminado pelos raios quentes do pôr do sol, que rompiam através do céu em

farrapos. Nem no lago nem nas montanhas nem no céu, nenhuma linha completa, nenhuma luz completa, nenhum momento igual ao outro, em toda parte movimento, assimetria, extravagância, infinita mistura e variedade de sombras e linhas, e em tudo a calma, a brandura, a unidade e a premência do belo. E ali, em meio a uma beleza indeterminada, confusa e livre, bem na frente de minha janela, de modo tolo e artificial, ressaltavam a prancha branca do cais, as tílias com os suportes e os banquinhos verdes – pobres e vulgares obras humanas, que, à diferença das casas de campo e das ruínas ao longe, não imergiam na harmonia geral da beleza, mas, ao contrário, a contradiziam de modo grosseiro. O tempo todo, e mesmo sem querer, meu olhar esbarrava com a horrível linha reta do cais e, em pensamento, eu queria rechaçá-la, aniquilá-la, como uma mancha negra que aparece no nariz, embaixo dos olhos; mas o cais e os ingleses que passeavam continuavam em seu lugar e, involuntariamente, eu procurava um ponto de vista do qual não os visse. Aprendi um jeito de olhar assim e, até o jantar, me delicieei sozinho com aquele sentimento incompleto, e por isso mais docemente aflitivo, que experimentamos na contemplação solitária das belezas naturais.

Às sete e meia me chamaram para jantar. Numa sala grande e magnificamente decorada, no térreo, duas mesas compridas estavam postas e havia pelo menos umas cem pessoas. O movimento silencioso dos hóspedes presentes demorou uns três minutos: o rumor dos vestidos das mulheres, os passos leves, as conversas em voz baixa com os garçons respeitossíssimos e elegantíssimos; todos os assentos estavam ocupados por homens e damas vestidos de modo extremamente bonito, até suntuoso e, no geral, com um asseio extraordinário. Como costuma acontecer na Suíça, os hóspedes, em grande parte, eram ingleses e por isso as principais características da mesa comum eram o decoro austero, conforme a lei, a incomunicabilidade, com base não no orgulho, mas na falta de necessidade de aproximação, e o contentamento solitário, na cômoda e agradável satisfação das necessidades individuais. De todos os lados, rebrilham rendas branquíssimas, colarinhos branquíssimos, dentes branquíssimos, verdadeiros ou postiços, mãos e rostos branquíssimos. Mas os rostos, grande parte deles muito bonitos, exprimem apenas a consciência da própria prosperidade e a completa ausência de atenção a tudo ao redor que não se relacione diretamente com a própria pessoa, e as mãos branquíssimas, com anéis e luvas femininas que deixam de fora os dedos, só se movimentam para arrumar os colarinhos, para cortar o bife e servir o vinho nas taças: nenhuma emoção se reflete em tais movimentos. Raramente as famílias trocam palavras em voz baixa sobre o sabor agradável de um prato ou do vinho e sobre a bela vista do monte Rigi. Solitários, os turistas e as turistas se sentam em fila, isolados e em silêncio, nem olham uns para os outros. Se de vez em quando duas dessas cem pessoas conversam entre si, certamente é sobre o tempo e sobre a subida ao monte Rigi. Garfos e facas se movimentam nos pratos de modo quase inaudível, apanham a comida aos poucos, ervilhas e legumes sempre são comidos com o garfo; os garçons, submetendo-se mesmo sem querer ao mutismo geral, perguntam em sussurros que vinho o cliente deseja. Em tais jantares, sempre me sinto constrangido, aborrecido e, no fim, triste. Parece-me sempre que sou culpado de algo, que estou sendo punido, como na infância, quando me obrigavam a ficar sentado numa cadeira por causa de alguma travessura e diziam, com ironia: “Descanse, meu querido!”, enquanto o sangue jovem latejava dentro das veias e, no quarto ao lado, ressoavam os gritos alegres dos irmãos. No passado, eu tentava me rebelar contra esse sentimento de opressão que experimentava em tais jantares, mas era em vão; todos aqueles rostos mortos exercem sobre mim um efeito irresistível e eu também me torno um morto. Não quero nada, não penso, até não observo. De início, tentava conversar com os vizinhos de mesa; mas, exceto por algumas poucas expressões, as quais obviamente tinham sido repetidas cem mil vezes naquele mesmo lugar e cem mil vezes por aquela mesma pessoa, eu não recebia resposta alguma. E vejam que todas essas pessoas não são tolas nem insensíveis, e seguramente muitas dessas pessoas congeladas têm uma vida interior igual à minha, muitos até uma vida interior imensamente mais complexa e rica. Então por que se privam de uma das melhores satisfações da vida, o prazer da companhia, o prazer do convívio humano?

Era bem diferente em nossa pensão parisiense, onde nós, vinte pessoas das mais diversas nações, profissões e personalidades, sob a influência da sociabilidade francesa, descíamos para o refeitório como para uma festa. Lá, na mesma hora, de uma ponta à outra da mesa, a conversa, salpicada de gracejos e trocadilhos, se generalizava, ainda que muitas vezes numa linguagem estropiada. Lá, sem se preocuparem com a consequência, todos falavam à vontade o que viesse à cabeça; lá, tínhamos o nosso filósofo, o nosso polemista, o nosso *bel esprit*, o nosso objeto de zombarias, tudo era coletivo. Lá, logo depois do jantar, empurrávamos a mesa para o canto e, no ritmo certo ou não, dançávamos a polca até tarde da noite, sobre o tapete empoeirado. Lá, podíamos não ser elegantes, nem muito inteligentes e respeitados, mas éramos gente. A condessa espanhola com aventuras românticas, o abade italiano que declamava *A divina comédia* depois do jantar, o médico americano que tinha acesso às Tulherias, o jovem dramaturgo de cabelos compridos, a pianista que compusera, segundo as próprias palavras, a melhor polca do mundo, a viúva bela e infeliz com três anéis em cada dedo – todos nos relacionávamos de forma humana, ainda que superficial, mas como amigos uns dos outros, e nos encantávamos mutuamente com recordações ligeiras de uns, sinceras de outros, e sempre cordiais. Já com os convivas da *table d'hôte* de ingleses, muitas vezes penso, ao olhar para todas aquelas rendas, fitas, anéis, cabelos empomadados e vestidos de seda: quantas mulheres vivas ficariam felizes e fariam outras pessoas felizes com essas roupas? É estranho pensar quantos amigos e amantes, os mais felizes amigos e amantes, talvez estejam sentados lado a lado, sem saber disso. E só Deus sabe por que nunca saberão disso e nunca darão uns aos outros a felicidade que podem dar tão facilmente e que tanto desejam.

Fiquei triste, como sempre acontece depois desses jantares, e, sem comer a sobremesa, no estado de ânimo mais tristonho, fui caminhar pela estrada. As ruas estreitas e imundas, sem iluminação, atravancadas por barracas de feira, os encontros com trabalhadores embriagados e mulheres que iam buscar água, ou que, de chapéu, junto aos muros, virando-se para olhar para trás, se esgueiravam pelos becos, não só não dissiparam como até reforçaram meu ânimo tristonho. Nas ruas, já estava totalmente escuro quando, sem olhar à minha volta, sem nenhum pensamento na cabeça, fui para o hotel, na esperança de que o sono me livrasse daquele estado de alma sombrio. Sentia-me terrivelmente frio por dentro, solitário e pesado, como às vezes acontece sem uma causa visível, quando se chega a um lugar novo.

Olhando apenas para meus pés, eu andava pelo cais rumo ao Schweizerhof, quando de repente irromperam os sons de uma música estranha, mas extraordinariamente agradável e encantadora. No mesmo instante, aqueles sons agiram sobre mim de modo reanimador, como se uma luz alegre e radiante tivesse penetrado em minha alma. Eu me senti bem, alegre. Minha atenção adormecida de novo se projetou sobre todos os objetos que me rodeavam. E a beleza da noite e do lago, à qual eu me mostrava indiferente, de súbito me impressionou com prazer, como uma novidade. Num instante, e sem querer, percebi o céu nublado, com tiras cinzentas sobre o azul turvo, iluminado pela lua que subia, o lago verde-escuro e liso que refletia cintilações, as montanhas enevoadas ao longe, o coaxar das rãs de Fröschenburg e os pios das codornizes que soavam da outra margem, no frescor orvalhado. Bem na minha frente, do lugar de onde vinham os sons e para o qual, mais que tudo, minha atenção foi atraída, avistei na penumbra, no meio da rua, uma aglomeração de pessoas em semicírculo e, na frente da multidão, a certa distância, um homem minúsculo de roupa preta. Atrás da multidão e do homem, sob o céu turvo e rasgado, cinza e azul, alguns choupos negros de um jardim se destacavam com rigor, e duas austeras torres de campanário se erguiam majestosamente de ambos os lados de uma catedral antiga.

Cheguei mais perto, os sons ficaram mais claros. Distingui com clareza os acordes perfeitos de um violão que flutuavam docemente no ar da noite e algumas vozes que, interrompendo umas às outras, não cantavam o tema, mas, aqui e ali, entoavam os trechos mais salientes e assim davam uma ideia da melodia. O tema era uma espécie de mazurca meiga e graciosa. As vozes pareciam ora próximas, ora distantes, ora se ouvia o tenor, ora o baixo, ou um falsete gutural com arrulhantes floreios tiroleses. Não

era uma canção, mas um ligeiro e magistral esboço de canção. Eu não conseguia entender o que era aquilo; mas era lindo. Os delicados e sensuais acordes de violão, a melodia meiga e suave, a figura miúda e solitária do homem de preto naquele ambiente fantástico do lago escuro, da lua translúcida, das duas imensas torres de campanário que se erguiam em silêncio e do jardim de choupos negros – tudo era estranho, mas indescritivelmente belo, ou assim me pareceu.

Todas as confusas e inconscientes impressões da vida ganharam de repente, para mim, significado e encanto. Em minha alma, parecia desabrochar uma flor viçosa e aromática. Em lugar do cansaço, do alheamento, da indiferença a tudo no mundo que experimentava um minuto antes, de repente eu sentia a necessidade do amor, a plenitude da esperança e a alegria gratuita da vida. Querer o quê, desejar o quê? – não pude deixar de me perguntar. Lá estão elas, de todos os lados o cercam a beleza e a poesia. Aspire-as em largos sorvos, com toda a força, se delicie: do que mais você precisa? Tudo é seu, toda a felicidade...

Cheguei mais perto. O homem miúdo, pelo visto, era um tirolês itinerante. Estava de pé diante das janelas do hotel, uma perna levantada, a cabeça inclinada para a frente, e, tocando desafinado o violão, cantava em vozes variadas sua canção graciosa. No mesmo instante senti uma ternura por aquele homem e uma gratidão por aquela reviravolta que havia produzido em mim. O cantor, pelo que pude notar, vestia uma sobrecasaca preta e envelhecida, tinha cabelo preto e curto e, na cabeça, trazia um quepe muito simples, vulgar e velho. Em sua roupa nada havia de artístico, mas seu jeito arrojado e alegre de criança e seus movimentos, combinados com sua estatura diminuta, compunham um espetáculo comovente e ao mesmo tempo divertido. Na entrada, nas janelas e nas sacadas do hotel magnificamente iluminado, em trajes resplandecentes, estavam senhoras de saia larga, senhores de colarinho branquíssimo, um lacaio e um porteiro de libré com frisos dourados; na rua, na multidão em semicírculo e mais além, no bulevar, entre as tílias, haviam-se detido e agrupado garçons vestidos com requinte, cozinheiros de chapéu e jaleco branquíssimo, mocinhas abraçadas e pessoas que passeavam. Todos, pelo visto, experimentavam o mesmo sentimento que eu. Em silêncio, todos se mantinham ao redor do cantor e escutavam com atenção. Todos estavam calados, apenas nos intervalos da canção, de algum lugar distante, vinha voando sobre a água o som ritmado de um martelo e, de Fröschenburg, em trinados avulsos, chegavam as vozes das rãs, entrecortadas pelos pios molhados e monótonos das codornizes.

O homenzinho miúdo, na escuridão do meio da rua, gorjeava como um rouxinol, uma estrofe depois da outra, uma canção depois da outra. Apesar de eu ter chegado bem perto dele, seu canto continuou a me dar grande satisfação. Sua voz pequenina era extremamente agradável e a delicadeza, o gosto e o senso de medida com que controlava aquela voz eram extraordinários e revelavam um imenso talento natural. Cantava todas as estrofes de modo diferente e era visível que aquelas alterações graciosas lhe vinham na hora e de forma espontânea.

Na multidão, bem como no Schweizerhof, mais acima e mais abaixo no bulevar, reinava um silêncio respeitoso e muitas vezes se ouvia um sussurro de aprovação. Nas sacadas e janelas, se aglomeravam cada vez mais homens e mulheres enfeitados, pitorescamente apoiados nos cotovelos, sob a luz dos lampiões do prédio. Os pedestres paravam e, na sombra, em grupos, perto das tílias, viam-se homens e mulheres em toda parte pelo cais. Perto de mim, fumando charuto, estavam um cozinheiro e um lacaio aristocráticos, que se destacavam da multidão. O cozinheiro sentia intensamente o encanto da música e, a cada nota aguda em falsete, virava-se para o lacaio, piscava os olhos e o cutucava com o cotovelo, como se dissesse: como canta, hein? O lacaio, cujo sorriso aberto me deixava perceber toda a satisfação que experimentava, respondia aos cutucões do cozinheiro levantando os ombros, para mostrar que era bastante difícil surpreendê-lo e que já ouvira muita coisa melhor.

Num intervalo da canção, quando o cantor tossiu um pouco, perguntei ao lacaio quem era ele e se ia lá muitas vezes.

– Sim, no verão costuma vir mais ou menos duas vezes – respondeu o lacaio. – Ele é de Argóvia.

Vem pedir esmola.

– E vêm muitos deles para cá? – perguntei.

– Sim, sim – respondeu o lacaio, sem entender de pronto o que eu havia perguntado, mas, depois de compreender minha pergunta, acrescentou: – Ah, não! Ele é o único que vi por aqui. Mais nenhum.

Naquele momento o homenzinho terminou a primeira canção, girou agilmente o violão e disse algo para si mesmo, em seu *patois*² alemão, que não consegui entender, mas que provocou o riso da multidão em redor.

– O que ele disse? – perguntei.

– Disse que a garganta ficou muito seca, que gostaria de beber vinho – acrescentou o lacaio, que estava a meu lado.

– Quer dizer que ele gosta de beber?

– Sim, essas pessoas são todas assim – respondeu o lacaio, sorrindo e apontando para ele com a mão.

O cantor tirou o quepe e, erguendo o violão, aproximou-se do prédio. De cabeça erguida, dirigiu-se para os senhores que estavam nas janelas e nas sacadas.

– *Messieurs e Mesdames* – disse com um sotaque meio italiano, meio alemão, e com a entonação que os ilusionistas usam quando falam para sua plateia –, *si vous croyez que je gagne quelque chose, vous vous trompez; je ne suis qu'un bœuf tiaple*.³

Parou, ficou em silêncio um momento; mas, como ninguém lhe deu nada, empunhou de novo o violão e disse:

– *À présent, Messieurs et Mesdames, je vous chanterai l'air du Righi*.⁴

A plateia no alto ficou em silêncio, mas continuou à espera da canção seguinte; embaixo, na multidão, começaram a rir, talvez porque ele se exprimisse de forma tão estranha e porque não lhe deram nada. Eu lhe dei alguns centavos, ele passou as moedas agilmente de uma mão para a outra, enfiou no bolso do colete, pôs o quepe na cabeça e começou agilmente a cantar a graciosa e doce cançoneta tirolesa, que chamou de *l'air du Righi*. Essa canção, que ele deixara para o final, era ainda melhor do que todas as anteriores e, de todos os lados da multidão, que aumentara, ouviram-se sons de aprovação. Ele terminou. De novo, ergueu o violão, tirou o quepe, estendeu-o à sua frente, avançou até dois passos das janelas e disse mais uma vez sua frase incompreensível: “*Messieurs et Mesdames, si vous croyez que je gagne quelque chose*”, a qual, sem dúvida, ele considerava muito perspicaz e inteligente, mas em sua voz e em seus movimentos notei dessa vez certa hesitação e uma timidez infantil, que se tornavam especialmente notáveis por causa de sua pequena estatura. A plateia elegante continuava de pé, nas sacadas e janelas, pitorescamente sob a luz dos lampiões, radiantes em seus trajes ricos; alguns, em voz decorosa e comedida, trocaram palavras entre si, pelo visto acerca do cantor, que continuava na frente deles, com a mão estendida; outros olhavam atentamente para baixo, com curiosidade, para aquela figurinha de preto; numa sacada, ouviu-se o riso sonoro e alegre de uma mocinha. Na multidão, embaixo, cada vez mais altos, ouviam-se conversas e risos. Pela terceira vez o cantor repetiu sua frase, mas com voz ainda mais fraca, e nem chegou a terminá-la quando estendeu a mão com o quepe, mas logo em seguida baixou-a. E, daquela centena de pessoas esplendidamente vestidas que haviam parado para ouvi-lo, nenhuma lhe jogou um copeque. Impiedosamente, a multidão desatou uma gargalhada. O pequeno cantor, assim me pareceu, tornou-se ainda menor, pegou o violão com a outra mão, ergueu o quepe acima da cabeça e disse:

– *Messieurs et Mesdames, je vous remercie et je vous souhaite une bonne nuit*⁵ – e pôs o quepe. A multidão desatou uma gargalhada efusiva. Nas sacadas, começaram a desaparecer muitas senhoras e senhores bonitos, que conversavam tranquilamente entre si. No bulevar, o vaivém de pedestres novamente se animou. Silenciosa durante o canto, a rua ganhou vida outra vez; algumas pessoas, sem se

aproximarem, apenas olhavam de longe para o cantor e riam. Ouvi que o homem miúdo falou algo consigo mesmo, virou-se e, como se ficasse ainda menor, seguiu para a estrada a passos ligeiros. Alegres fanfarrões que olhavam para ele, sempre a certa distância, o seguiam e riam...

Fiquei totalmente desnorteado, não entendia o que aquilo significava e, sem sair do lugar, olhava atônito para o homem diminuto que se afastava na escuridão, o qual, abrindo mais os passos, caminhava ligeiro até a estrada, e para os fanfarrões que riam e andavam atrás dele. Senti mal-estar, amargura e sobretudo vergonha do homem miúdo, da multidão, de mim mesmo, como se eu houvesse pedido dinheiro, não me tivessem dado e fosse preciso rir de mim. Também sem olhar para trás, e com um aperto no coração, fui a passos ligeiros para a varanda do meu hotel, o Schweizerhof. Ainda não conseguira uma explicação para o que estava sentindo, só sabia que algo pesado, insolúvel, enchia minha alma e me oprimia.

Na entrada majestosa e iluminada, encontrei um porteiro, que respeitosamente abriu caminho, e uma família inglesa. Um homem alto, bonito e corpulento, de costeletas inglesas pretas, chapéu preto e agasalho no braço, empunhando uma requintada bengala, caminhava preguiçosamente e com ar confiante, de braço dado com uma senhora que trajava um extravagante vestido de seda, um chapéu com fitas cintilantes e rendas encantadoras. Ao lado deles ia uma senhorita atraente, viçosa, que usava um gracioso chapéu suíço com uma pena espetada, *à la mousquetaire*,⁶ de sob o qual caíam cachos compridos, macios e louros em torno de seu rostinho branco. Mais à frente, saltitava uma menina corada, de dez anos, joelhos brancos e carnudos, que se entreviam por baixo das rendas finíssimas.

– Noite encantadora – disse a senhora com voz doce e feliz, na hora em que eu passava.

– *Ohe!* – resmungou preguiçosamente o inglês, para o qual, pelo visto, era tão bom viver neste mundo que nem tinha vontade de falar. E parecia que para todos eles era tão tranquilo, confortável, limpo e fácil viver neste mundo, seus movimentos e seu rosto exprimiam tamanha indiferença à vida de qualquer estranho e tamanha certeza de que o porteiro ia abrir caminho para eles e saudá-los com uma reverência, e que ao voltarem encontrariam uma cama e um quarto limpo e tranquilo, e que tudo isso era correto e que eles tinham direito a tudo isso, que eu de repente, e sem querer, contrapus a eles o cantor itinerante, que cansado, talvez com fome, agora fugia envergonhado da multidão que ria, e entendi o que era a pedra pesada que oprimia meu coração e senti uma raiva inexprimível daquelas pessoas. Duas vezes passei pelo inglês, para lá e para cá, e com um prazer inexprimível em ambas as vezes não lhe abri caminho, esbarrei nele com o cotovelo e depois descii os degraus da varanda e corri na escuridão, na direção da estrada, onde desaparecera o homem miúdo.

Ao alcançar três homens que caminhavam juntos, perguntei onde estava o cantor; rindo, apontaram para a frente. Ele caminhava sozinho, a passos rápidos, ninguém se aproximava do cantor, que, assim me pareceu, resmungava algo para si mesmo, em voz baixa e com ar irritado. Alcancei-o e propus que fôssemos a algum lugar para beber uma garrafa de vinho. Ele continuou a caminhar no mesmo passo ligeiro e olhou para mim com ar descontente; mas, ao entender do que se tratava, parou.

– Bem, não vou recusar, se o senhor é tão bondoso – disse ele. – Ali adiante há um pequeno café, podemos ir lá, é bem simplesinho – acrescentou, apontando para uma vendinha de bebidas que ainda estava aberta.

Sua palavra “simplesinho” me trouxe, sem querer, a ideia de não ir ao café simplesinho, mas sim ao Schweizerhof, onde estavam as pessoas que tinham ouvido o cantor. Apesar de ter recusado várias vezes, com tímida perturbação, a ideia de ir ao Schweizerhof, dizendo que lá era pomposo demais, fiz pé firme, e ele, já fingindo não estar nada constrangido, rodou o violão com alegria e voltou comigo pelo cais. Alguns fanfarrões ociosos, assim que me aproximei do cantor, chegaram perto a fim de ouvir o que eu dizia e agora, depois de confabularem entre si, vieram atrás de nós até a entrada, esperando, certamente, que o tirolês fizesse mais uma apresentação.

Pedi uma garrafa de vinho ao garçom, que me recebeu no saguão. Sorrindo, o garçom fitou-nos e,

sem nada responder, foi em frente. O garçom mais velho, ao qual me dirigi com o mesmo pedido, escutou-me com ar sério e, depois de olhar dos pés à cabeça para a pequenina figura do cantor, disse ao porteiro em tom severo que nos conduzisse a uma sala à esquerda. A sala era um bar para gente simples. No canto, uma empregada corcunda estava lavando louça e toda a mobília se resumia a mesas e bancos de madeira nua. O garçom que veio nos servir, olhando-nos com um sorriso submisso e zombeteiro, as mãos enfiadas nos bolsos, conversava alguma coisa com a lavadora de louças corcunda. Pelo visto, tentava nos dar a entender que, sentindo-se indescritivelmente superior ao cantor, em posição social e em dignidade, não só não se sentia ofendido por nos servir como, sinceramente, achava aquilo divertido.

– O senhor quer um vinho simples? – perguntou com ar de entendido, piscando os olhos para mim e indicando meu parceiro, enquanto jogava o guardanapo de uma mão para a outra.

– Champanhe, o melhor que tiver – respondi, tentando adotar o aspecto mais orgulhoso e imponente. Mas nem o champanhe nem minha pose orgulhosa e imponente produziram efeito no lacaio; ele soltou uma risada, demorou-se um pouco olhando para nós, deu uma olhada no relógio de pulso dourado e, em passos vagarosos, como se estivesse passeando, saiu da sala. Logo voltou com a bebida e mais dois lacaios. Dois deles sentaram perto da lavadora de louça e, com atenção divertida e um sorriso dócil no rosto, ficaram nos admirando, como os pais admiram os filhos pequenos que brincam ingenuamente. Só a lavadora de pratos corcunda parecia nos olhar sem zombaria, mas com simpatia. Embora eu me sentisse bastante constrangido de conversar com o cantor e lhe servir bebida sob o fogo daqueles olhos de lacaios, tentava representar meu papel da maneira mais independente possível. Sob a luz, observei-o melhor. Tratava-se de um homem diminuto, musculoso, de formas proporcionais, quase um anão, de cabelos pretos eriçados, grandes olhos pretos sempre chorosos, pestanas escassas e boquinha extremamente agradável, de aspecto afetuoso. Tinha costeletas pequenas, cabelo curto, a roupa mais simples e mais pobre que se pode imaginar. Estava sujo, andrajoso, queimado de sol e, no geral, tinha o aspecto de um trabalhador. Parecia antes um vendedor pobre do que um artista. Apenas nos olhos úmidos e brilhantes e na boquinha contraída havia algo de original e comovente. Por seu aspecto, era possível imaginar que tivesse entre vinte e cinco e quarenta anos; na realidade, tinha trinta e oito.

Aqui está o que contou de sua vida, com presteza, simpatia e evidente sinceridade. Era de Argóvia. Ainda na infância, perdeu o pai e a mãe, não tinha outros parentes. Nunca teve bens. Foi aprendiz de marceneiro, mas teve um calo nos ossos da mão havia vinte e dois anos e ficou impedido de trabalhar. Desde a infância teve queda para o canto e começou a cantar. Os estrangeiros de vez em quando lhe davam dinheiro. Fez disso uma profissão, comprou um violão e já fazia dezoito anos que perambulava pela Suíça e pela Itália, cantando na frente dos hotéis. Toda a sua bagagem era o violão e uma carteira, na qual tinha então apenas um franco e meio, para pernoitar e comer naquela noite. Todos os anos, como já fizera dezoito vezes, percorria as melhores e mais visitadas localidades da Suíça: Zurique, Lucerna, Interlaken, Chamonix etc.; ia para a Itália pelo São Bernardo e voltava pelo São Gotardo ou pela Savoia. Agora, para ele, era penoso caminhar, por causa do resfriado e da dor nos pés, a qual ele chamava de *gliedertzucht*, que aumentava a cada ano, e também porque os olhos e a voz estavam ficando mais fracos. Apesar disso, estava a caminho de Interlaken, de Aix-les-Bains e, passando pelo São Bernardo, da Itália, pela qual tinha um apreço especial; no geral, ao que parecia, estava muito satisfeito com sua vida. Quando perguntei por que voltava para casa e se tinha parentes lá, ou uma casa e terras, sua boquinha pareceu se franzir e abriu um sorrisinho alegre, e ele me respondeu:

– *Oui, le sucre est bon, il est doux por les enfants!*⁷ – e piscou para os lacaios.

Não entendi nada, mas o grupo de lacaios riu.

– Lá não tem nada, senão eu não saía andando por aí desse jeito – explicou. – E vou para casa porque, apesar de tudo, alguma coisa me puxa para a terra natal.

E mais uma vez, com um sorriso esperto e satisfeito, repetiu a frase: “*Oui, le sucre est bon*”, e riu com simpatia. Os lacaios se mostraram muito satisfeitos e gargalharam; só a lavadora de pratos corcunda

fitou o homenzinho muito séria, com seus olhos bondosos, e ergueu o chapéu do cantor, que ele deixara cair do banco enquanto falava. Eu havia notado que os cantores, os acrobatas e até os ilusionistas itinerantes gostam de se chamar de artistas e por isso algumas vezes dei a entender a meu interlocutor que ele era um artista, porém ele não se reconhecia nessa categoria e, com total simplicidade, encarava seu trabalho como um meio de ganhar a vida. Quando perguntei se ele mesmo compunha as canções que cantava, admirou-se com aquela pergunta tão estranha e respondeu que não tinha tanta capacidade, que eram todas antigas canções tirolesas.

– Mas e a canção do Rigi? Não é antiga, suponho – perguntei.

– Sim, foi composta quinze anos atrás. Foi um alemão de Basileia, um homem inteligente, foi ele que compôs. Ótima canção! Veja, ele compôs para os turistas.

E passou a traduzir para o francês a letra da canção do Rigi, da qual, pelo visto, gostava muito.

Se quiser ir ao Rigi

Não precisa de sapatos para ir a Weggis

(Porque se vai lá de barco a vapor),

E em Weggis arranje uma grande bengala,

E dê o braço para uma mocinha,

E vá beber um cálice de vinho.

Só que não beba demais,

Porque quem quer beber

Deve primeiro merecer...

– Ah, que canção maravilhosa! – concluiu.

Os lacaios certamente achavam a canção muito boa, pois se aproximaram de nós.

– Mas e a música, quem foi que compôs? – perguntei.

– Ninguém, já existia, sabe, para cantar para os estrangeiros tem de ter sempre novidades.

Quando nos trouxeram o gelo, servi um copo de champanhe para meu interlocutor, que ficou visivelmente sem graça e, olhando para trás, para os lacaios, se remexeu em seu banco. Brindamos à saúde dos artistas; ele bebeu meio copo e achou necessário refletir um pouco e contrair as sobrancelhas com ar pensativo.

– Há muito tempo não bebo um vinho assim, *je ne vous dis que ça*.⁸ Na Itália, o vinho *d’Asti* é bom, mas este é melhor. Ah, a Itália! Como lá é maravilhoso! – acrescentou.

– Sim, lá sabem dar valor à música e aos artistas – respondi, querendo levá-lo a falar sobre o fracasso daquela noite, na frente do Schweizerhof.

– Não – disse ele. – Lá não consigo satisfazer ninguém com música. Os próprios italianos são músicos como não existem outros no mundo inteiro; mas eu só canto canções tirolesas. Para eles, isso é novidade.

– Então os senhores lá são mais generosos? – prossegui, querendo obrigá-lo a dividir comigo meu rancor contra os hóspedes do Schweizerhof. – Lá não acontece, como aqui, de num hotel enorme, onde se hospedam os ricos, cem pessoas escutarem um artista e não lhe darem nada...

Minha pergunta produziu um efeito muito diferente do que eu esperava. Ele nem pensava em ficar ressentido com aquela gente; ao contrário, viu em minha observação uma censura ao seu talento, que não buscava recompensas, e tentou justificar-se perante mim.

– Nem sempre se pode ganhar muita coisa – respondeu. – Às vezes a voz some, se cansa... Afinal, hoje andei nove horas e cantei quase o dia todo. É difícil. E senhores importantes são aristocratas, às

vezes não estão com vontade de escutar canções tirolesas.

– Mesmo assim, como podem não dar nada? – insisti.

Ele não entendeu minha observação.

– Não é isso – disse ele. – O principal é que aqui *on est très serré pour la police*,⁹ essa é a questão. Aqui, por causa dessas leis republicanas, não permitem que a gente cante, mas na Itália a gente pode ir aonde quiser, ninguém diz nada. Aqui, se quiserem deixar, deixam, mas se não quiserem, podem até mandar a gente para a prisão.

– Como? Será possível?

– Sim. Se você foi advertido uma vez e depois ainda for cantar, podem mandar você para a prisão. Já fiquei preso três meses – disse, sorrindo, como se fosse uma de suas lembranças mais agradáveis.

– Ah, que horror! – exclamei. – Por quê?

– É por causa das novas leis republicanas deles¹⁰ – prosseguiu, animando-se. – Não querem saber se os pobres têm de arranjar um jeito para viver. Se eu não fosse aleijado, ia trabalhar. Mas se eu canto, que mal faço a alguém por causa disso? O que é que tem? Os ricos podem viver como quiserem, mas *un pauvre tiaple* como eu já não pode viver. Que leis de república são essas? Se é assim, nós não queremos república, não é mesmo, estimado senhor? Não queremos república, mas queremos... queremos simplesmente... queremos... – gaguejou um pouco. – Queremos leis naturais.

Servi mais um copo para ele.

– O senhor não bebe – disse para o tirolês.

Ele pegou o copo na mão e inclinou a cabeça para mim, numa saudação.

– Sei o que o senhor quer – disse ele, enviesando os olhos e me ameaçando com o dedo. – Quer me embebedar, ver o que é que eu vou fazer, mas não, isso o senhor não vai conseguir.

– Para que eu ia querer embebedar você? – retruquei. – Queria apenas deixar você satisfeito.

Ele obviamente se encabulou por ter me ofendido, entendendo mal minha intenção, ficou embaraçado, levantou-se e apertou meu cotovelo.

– Não, não – disse ele, com expressão de súplica, fitando-me com seus olhos úmidos. – Eu estava só brincando.

E em seguida pronunciou uma espécie de frase tremendamente confusa e tortuosa, destinada a mostrar que eu, apesar de tudo, era um bom sujeito.

– *Je ne vous dis que ça!* – concluiu.

Dessa forma, eu e o cantor continuamos a beber e a conversar e os lacaios, sem constrangimento, continuaram a se admirar conosco e, pelo visto, a zombar de nós. Apesar do interesse de minha conversa, não pude deixar de notar os lacaios e, confesso, me irritava cada vez mais. Um deles se levantou, aproximou-se do homenzinho e, fitando seu cocuruto, se pôs a sorrir. Eu já tinha pronta minha reserva de rancor contra os hóspedes do Schweizerhof, que eu ainda não tivera a chance de descarregar em ninguém, e naquela hora, confesso, a plateia de lacaios me deixou com raiva. O porteiro, sem tirar o quepe, entrou na sala e sentou a meu lado, com os cotovelos apoiados na mesa. Essa última circunstância ofendeu meu amor-próprio ou minha vaidade, me fez explodir definitivamente e dar vazão ao rancor reprimido que, a noite inteira, se acumulava dentro de mim. Por que na entrada, quando eu estava sozinho, ele me saudava humildemente com uma reverência e agora, porque eu estava sentado com um cantor itinerante, ele sentava comodamente ao meu lado? Fiquei completamente furioso, com essa raiva que ferve de indignação, que gosto de sentir e que até atijo, quando me domina, porque produz em mim um efeito tranquilizador e me dá por um tempo, embora curto, uma espécie de extraordinária flexibilidade, energia e força para todas as faculdades físicas e mentais.

Levantei-me de um salto.

– Do que o senhor está rindo? – gritei para o lacaios, sentindo que meu rosto ficava vermelho e os lábios se contraíam involuntariamente.

– Não estou rindo, não é nada – respondeu o lacaio, se afastando de mim.

– Não, o senhor está rindo deste cavalheiro. E você, que direito tem de estar aqui e sentar, quando isto é um lugar para hóspedes? Não se atreva a sentar! – gritei.

O porteiro, resmungando alguma coisa, levantou-se e se moveu na direção da porta.

– Que direito tem o senhor de zombar deste cavalheiro quando ele é um convidado e o senhor, um lacaio? Por que não zombou de mim, hoje, no jantar, e não sentou ao meu lado? É porque ele está pobrememente vestido e canta na rua, é por isso? Enquanto eu uso roupas boas? Ele é pobre, mas é mil vezes melhor do que o senhor, disso estou convencido. Porque ele não ofendeu ninguém e o senhor o ofendeu.

– Mas eu não fiz nada, por favor – respondeu timidamente meu inimigo lacaio. – Eu não o impedi de sentar.

O lacaio não me compreendia e meu alemão se perdia sem proveito. O porteiro rude fez menção de defender o lacaio, mas eu o ataquei com tal ímpeto que o porteiro fingiu também não entender o que eu dizia e abanou a mão. A lavadora de pratos corcunda percebeu meu estado de descontrole e, temendo um escândalo ou compartilhando minha opinião, tomou meu partido e, tentando se colocar entre mim e o porteiro, convenceu-o a se calar, dizendo que eu tinha razão, e pediu que eu me acalmasse. “*Der Herr hat Recht; Sie haben Recht*”,¹¹ insistia ela. O cantor mostrava o rosto mais desolado e temeroso e, visivelmente sem entender por que eu me irritara e o que eu queria, pediu-me para sair dali o mais depressa possível. Porém dentro de mim se inflamava cada vez mais a loquacidade raivosa. Tudo me vinha à memória: a multidão que rira dele, os espectadores que nada lhe deram; eu não queria me acalmar por nada neste mundo. Acho que, se os garçons e o porteiro não se mostrassem tão complacentes, eu lutaria com eles com todo o prazer, ou bateria com a bengala na cabeça da senhora inglesa indefesa. Se naquele instante estivesse em Sebastopol,¹² eu me lançaria ao ataque com prazer para cortar e cravar a baioneta nas trincheiras inglesas.

– E por que o senhor trouxe a mim e a este cavalheiro para esta sala aqui, e não para aquela outra? Hein? – questionei o porteiro, segurando-o pelo braço para que não se afastasse de mim. – Que direito o senhor tinha de concluir, pela aparência dele, que este cavalheiro devia ficar nesta sala e não na outra? Por acaso os hóspedes pagantes de um hotel não são todos iguais? Não só numa república, mas no mundo inteiro. É nojenta esta sua república! Aí está a igualdade dela! Os ingleses, esses o senhor não se atreve a trazer para esta sala, os mesmos ingleses que escutaram este cavalheiro e não deram nada, ou seja, roubaram dele alguns centavos, cada um deles, os centavos que deveriam ter lhe dado. Como o senhor se atreveu a me indicar esta sala?

– A outra sala está fechada – respondeu o porteiro.

– Não – gritei. – Não é verdade, não está fechada.

– Como é que o senhor sabe?

– Eu sei, eu sei que o senhor está mentindo.

O porteiro encolheu os ombros e virou-se de lado.

– Ah! Não adianta falar! – resmungou.

– Não, não me venha com essa de “não adianta falar” – berrei. – Leve-me para aquela sala neste minuto.

Apesar das exortações da corcunda e dos apelos do cantor, que dizia que era melhor ir embora, exigi a presença do chefe dos garçons e fui para a sala junto com meu companheiro. O chefe dos garçons, ao ouvir minha voz exasperada e ver meu rosto perturbado, não discutiu e, com uma cortesia desdenhosa, disse que eu podia ir aonde desejasse. Não pude mostrar ao porteiro que ele estava mentindo, porque ele já havia sumido, antes de eu entrar na sala.

De fato, a sala estava aberta, iluminada, e numa das mesas, jantando, estavam um inglês e uma dama. Apesar de nos indicarem uma determinada mesa, eu e o cantor sujo sentamos bem perto do inglês e

mandei que nos trouxessem a garrafa inacabada.

De início surpresos, depois irritados, os ingleses olhavam para o homem pequeno sentado a meu lado, mais morto do que vivo; falaram algo entre si, a mulher afastou o prato, fez um rumor com o vestido de seda e os dois desapareceram. Pela porta de vidro, vi que o inglês dizia algo ao garçom, com ar exasperado, apontando com a mão de modo insistente em nossa direção. O garçom surgiu na porta e olhou através dela. Com alegria, eu esperava que viessem nos expulsar e que eu pudesse afinal despejar sobre eles toda a minha indignação. Porém, felizmente, apesar de na hora aquilo ter me desagradado, nos deixaram em paz.

O cantor, que antes recusara a bebida, agora bebeu afobadamente tudo o que restava na garrafa, a fim de poder escapar dali quanto antes. No entanto, me agradeceu pelo convite com sinceridade, foi minha impressão. Seus olhos chorosos tornaram-se ainda mais chorosos e brilhantes e ele me disse a mais estranha e confusa frase de agradecimento. Mesmo assim, agradeceu-me bastante aquela frase, em que disse que, se todos respeitasse os artistas como eu, seria bom para ele, e que me desejava toda a felicidade. Saímos juntos para o saguão. Ali estavam os lacaios e o porteiro, meu inimigo, que me pareceu estar se queixando de mim com eles. Todos pareciam olhar para mim como se eu fosse um louco. Pus o homenzinho miúdo em nível de igualdade com todo aquele público e ali, com todo o respeito que eu era capaz de exprimir em minha pessoa, tirei o chapéu e apertei sua mão, de dedos ressecados e endurecidos. Os lacaios agiram como se não prestassem a menor atenção em mim. Só um deles riu de modo sardônico.

Depois que o cantor se despediu com uma inclinação da cabeça e sumiu na escuridão, subi para meu quarto com a intenção de sufocar no sono todas aquelas impressões e a raiva tola e infantil que me dominara tão inesperadamente. No entanto, sentindo-me agitado demais para dormir, saí de novo para a rua a fim de ficar andando até me acalmar e além disso, confesso, com a confusa esperança de ter uma chance de brigar com o porteiro, com o lacaios ou com o inglês e mostrar toda a sua crueldade e, acima de tudo, sua injustiça. Mas, além do porteiro, que ao me ver me deu as costas, não encontrei mais ninguém e fiquei andando sozinho pelo cais, para lá e para cá.

“Aí está ele, o destino estranho da poesia”, raciocinei, ao me acalmar um pouco. “Todos adoram, procuram, só querem isso e só isso buscam na vida, e ninguém reconhece sua força, ninguém dá valor a esse que é o maior bem do mundo, ninguém dá valor e ninguém é grato àqueles que oferecem isso às pessoas. Pergunte a quem quiser, a todos os hóspedes do Schweizerhof: qual é o maior bem do mundo? E todos, ou noventa e nove por cento, adotando uma expressão sardônica, lhe dirão que o maior bem do mundo é o dinheiro. “Talvez essa ideia não agrade ao senhor e não combine com suas ideias elevadas”, dirá essa pessoa. “Mas o que fazer se a vida humana está organizada de tal forma que só o dinheiro traz a felicidade do homem? Não posso impedir que minha razão veja o mundo como ele é”, acrescentará, “ou seja, que veja a verdade.” Que triste é essa razão, que triste é essa felicidade que você deseja, e que infeliz é a sua condição de não saber, você mesmo, aquilo de que precisa... Para que, afinal, todos vocês deixaram para trás sua terra natal, seus parentes, suas atividades e suas preocupações com dinheiro e se aglomeraram no pequeno vilarejo suíço de Lucerna? Para que todos vocês, nesta noite, se precipitaram para as sacadas e, num silêncio respeitoso, escutaram a canção de um pequeno indigente? E se ele quisesse cantar mais, vocês continuariam a ouvir em silêncio. Será que por dinheiro, ainda que por milhões, todos vocês admitiriam ser expulsos da terra natal e se amontoariam no cantinho acanhado de Lucerna? Por dinheiro, admitiriam ficar aglomerados nas sacadas durante meia hora, obrigados a se manter imóveis e em silêncio? Não! O que obriga vocês a agir é só uma coisa, que sempre irá movê-los com mais força que todos os outros motores da vida: a necessidade de poesia, de que vocês nem têm consciência, mas sentem e sempre irão sentir, enquanto restar algo de humano em vocês. A palavra “poesia” lhes parece ridícula, usam-na como forma de repreensão irônica, vocês admitem o amor como algo poético nas crianças ou em senhoritas tolas e mesmo assim riem delas; para vocês, é preciso algo de

positivo. Mas as crianças encaram a vida de maneira sensata, elas amam e sabem que devem amar o homem e aquilo que traz felicidade, mas a vida os confundiu e corrompeu vocês a tal ponto que vocês riem da única coisa que amam e procuram só o que odeiam e que lhes traz infelicidade. Vocês estão a tal ponto confusos que não entendem a obrigação que têm perante o tirolês pobre que lhes proporcionou um prazer puro e, em vez disso, se consideram obrigados gratuitamente, sem proveito e sem prazer, a se prostrar perante um lorde e, sabe-se lá por que motivo, a sacrificar por ele sua tranquilidade e seu bem-estar. Que absurdo, que disparate insolúvel! Mas não foi isso que me impressionou com mais força nesta noite. O desconhecimento do que traz a felicidade, a inconsciência dos prazeres poéticos, a isso já estou quase acostumado, depois de ter visto tantas vezes; a crueldade brutal e inconsciente da multidão também não era nenhuma novidade para mim; digam o que disserem os defensores do sentimento popular, a multidão pode ser até uma reunião de pessoas boas, no entanto elas só se comunicam pelos aspectos animais e nefastos e só exprimem a fraqueza e a crueldade da natureza humana. Mas como vocês, filhos de um povo livre e humano, vocês, cristãos, vocês, simplesmente pessoas, reagem com frieza e escárnio a um prazer puro proporcionado por um mendigo infeliz? Mas não, em sua terra natal há abrigos para mendigos – não, mendigos, não, eles não devem existir, e também não devem existir sentimentos de compaixão, que constituem a base da mendicância. Mas ele trabalhou, ele alegrou vocês, ele implorou para que vocês lhe dessem algo que lhes era supérfluo em troca do seu trabalho, o qual vocês usufruíram. E vocês, com um sorriso frio, o observaram como uma preciosidade saída de suas câmaras grandiosas e reluzentes, e entre centenas de vocês, ricos, felizes, não apareceu ninguém, nem um só, que lhe jogasse qualquer coisa! Envergonhado, ele se afastou de vocês, e a multidão absurda, rindo, atormentou e ofendeu não a vocês, mas a ele – porque vocês são frios, cruéis e infames; porque vocês roubaram dele o prazer que ele lhes deu, por isso ofenderam a *ele*.

Em 7 de julho de 1857, em Lucerna, na frente do hotel Schweizerhof, no qual se hospedam as pessoas mais ricas, um mendigo cantor itinerante cantou e tocou violão durante meia hora. Cerca de cem pessoas ouviram-no. O cantor pediu três vezes a todos que lhe dessem alguma coisa. Nenhuma das pessoas lhe deu nada e muitas riram dele.

Isto não é uma invenção, mas um fato positivo, que pode ser comprovado por quem quiser, perguntando aos hóspedes habituais do Schweizerhof ou verificando nos jornais quem eram os estrangeiros que estavam no hotel Schweizerhof no dia 7 de julho.

Aí está um acontecimento que os historiadores de nosso tempo devem registrar com letras ardentes e indeléveis. É um acontecimento mais relevante, mais sério e de um significado mais profundo do que os fatos registrados nos jornais e nos livros de história. Que os ingleses tenham matado mais mil chineses porque os chineses não compram nada por dinheiro, enquanto a terra dos ingleses devora moeda sonante; que os franceses tenham matado mais mil cabildas porque o trigo cresce melhor na África e a guerra constante é útil para a formação das tropas; que o embaixador turco em Nápoles não possa ser judeu; e que o imperador Napoleão fique passeando a pé em Plombières e assegure ao povo, por escrito, que ele reina apenas pela vontade do seu povo¹³ – tudo isso são palavras que escondem ou mostram fatos já sabidos há muito tempo; mas o acontecimento que teve lugar no dia 7 de julho em Lucerna parece-me completamente novo, estranho e não pertence ao lado eternamente maldoso da natureza humana, mas a uma época determinada do desenvolvimento da sociedade. Tal fato não é para a história das ações humanas, mas para a história do progresso e da civilização.

Por que esse fato desumano, impossível em qualquer aldeia alemã, francesa ou italiana, é possível aqui, onde a civilização, a liberdade e a igualdade alcançaram um nível tão alto, local para onde acorrem os viajantes que são as pessoas mais civilizadas das nações mais civilizadas? Por que essas pessoas desenvolvidas, humanas, em geral capazes de qualquer ação honesta, humana, não demonstram um sentimento humano e afetuoso por um gesto pessoal e bom? Por que tais pessoas, em suas câmaras, assembleias e sociedades, se preocupam fervorosamente com a situação dos chineses solteiros na

Índia,¹⁴ com a expansão do cristianismo e a educação na África, com a fundação de sociedades para o aprimoramento de toda a humanidade, mas não encontram em sua alma o sentimento simples, primitivo, de um homem para outro homem? Será que não têm esse sentimento e seu lugar foi ocupado pela vaidade, pela ambição e pelo lucro, que governam tais pessoas em suas câmaras, assembleias e sociedades? Será que a expansão de uma racional e egocêntrica associação de pessoas a que chamam de civilização contradiz e aniquila a necessidade de uma associação instintiva e amorosa? E será possível que isso seja a igualdade pela qual foi derramado tanto sangue inocente e foram cometidos tantos crimes? Será possível que os povos, como crianças, podem ficar felizes com o mero som da palavra “igualdade”?

Igualdade perante a lei? E por acaso toda a vida das pessoas se passa na esfera da lei? Só a milésima parte dela está sujeita à lei, a parte restante se passa fora dali, na esfera dos costumes e das opiniões da sociedade. E na sociedade o lacaio se veste melhor do que o cantor e o insulta impunemente. Eu me visto melhor do que o lacaio e insulto o lacaio impunemente. O porteiro do hotel me considera superior, e o cantor inferior a ele; quando me uni ao cantor, ele se considerou igual a nós e tornou-se rude. Eu me tornei insolente com o porteiro, e o porteiro reconheceu ser inferior a mim. O lacaio tornou-se insolente com o cantor, e o cantor reconheceu ser inferior a ele. Será isso um Estado livre, aquilo que as pessoas chamam de Estado positivamente livre, no qual existe um cidadão, ainda que um só, que mandam para a cadeia porque, sem ferir ninguém, sem incomodar ninguém, faz a única coisa que pode para não morrer de fome?

Criatura infeliz e lamentável é o homem, com sua necessidade de decisões positivas, lançado em meio a esse infinito e eternamente agitado oceano de bem e de mal, de fatos, pontos de vista e contradições! Há séculos as pessoas lutam e se empenham para separar, de um lado, o bem e, do outro, o mal. Passam os séculos e, por mais que a mente imparcial tenha pressionado a balança do bem e do mal, os pratos da balança não se mexeram e em ambos os lados há tanto bem quanto mal. Quem dera o homem aprendesse a não julgar e a não pensar com dureza e de forma positiva e a não dar respostas a perguntas que são feitas apenas para que permaneçam para sempre como perguntas! Quem dera ele entendesse que toda ideia é errada e também correta! Errada pela unilateralidade, pela impossibilidade de o homem abarcar toda a verdade, e correta pela expressão de um lado das aspirações humanas. Por sua própria conta, traçaram subdivisões nesse caos de bem e mal em eterno movimento, infinito e infinitamente misturado, criaram linhas imaginárias nesse mar e esperam que o mar assim se divida. Como se não houvesse milhões de outras subdivisões a partir de um ponto de vista muito diferente, num outro plano. Na verdade, essas novas subdivisões desenvolvem-se pelos séculos, mas os séculos também passaram e passarão milhões. Civilização é o bem; barbarismo é o mal; liberdade é o bem; servidão é o mal. Esse é o saber imaginário que destrói a instintiva, bem-aventurada e primitiva necessidade do bem na natureza humana. E quem vai definir para mim o que são a liberdade, o despotismo, a civilização, a barbárie? E onde ficam as fronteiras entre um e outro? Na alma de quem se encontra esse critério tão inflexível do bem e do mal, para que se possam avaliar fatos confusos e fugazes? Quem tem uma inteligência tão magnífica que lhe permita abarcar todos os fatos e pesá-los, ainda que no passado imóvel? E quem já viu uma situação em que o mal e o bem não estivessem juntos? E por que sei que, se vejo mais um do que outro, não é por me encontrar num lugar inadequado? E quem é capaz de desprender a mente por completo da vida, ainda que só por um instante, para vê-la de cima, com independência? Só um, só existe um guia infalível, o Espírito Universal, que nos penetra a todos juntos e a cada um, como uma unidade, e inocula em cada um a aspiração àquilo que deve ser, o mesmo espírito que ordena à árvore crescer na direção do sol, ordena à flor cair no outono e a nós ordena acolhermos uns aos outros, sem ter disso consciência.

E essa voz única, bendita, infalível, abafa o barulho do afobado desenvolvimento da civilização. Quem é o maior homem e o maior bárbaro: o lorde que, ao ver a roupa surrada do cantor, fugiu da mesa com raiva e, em troca do trabalho do cantor, não lhe deu a milionésima parte de sua fortuna e agora,

saciado, sentado num quarto tranquilo e bem iluminado, pondera serenamente acerca dos problemas da China e acha perfeitamente justificáveis os assassinatos lá cometidos; ou o pequeno cantor, que, correndo o risco de ser preso, com um franco no bolso, caminha pelas montanhas e pelos vales há vinte anos, sem fazer mal a ninguém, consolando as pessoas com seu canto, que foi ofendido, que por pouco não foi mesmo expulso dali e que, cansado, com fome, envergonhado, foi dormir em algum canto, deitado na palha podre?

Naquele momento, da cidade, no silêncio de morte da noite, ouvi muito longe o violão do pequeno homem e sua voz.

Não – disse a mim mesmo, sem querer –, você não tem o direito de ter pena dele e enfurecer-se com a riqueza do lorde. Quem pesou a felicidade interior que existe na alma de cada uma dessas pessoas? Agora ele está sentado, longe, na soleira suja de algum abrigo, não sei onde, olha para o céu que brilha enluarado e canta com alegria no meio da noite calma e perfumada, em sua alma não há acusação, nem maldade, nem arrependimento. Quem sabe o que se passa agora na alma de todas as pessoas atrás dos muros ricos e altos? Quem sabe se existe em todos eles tanta alegria de viver, despreocupada, dócil, e tanta harmonia com o mundo quanto se abriga na alma daquele homenzinho? São infinitas a misericórdia e a sabedoria daquele que permitiu e ordenou que todas essas contradições existam. Só para você, verme insignificante, que de modo estabonado e sem lei tenta penetrar nas leis dele, só para você parece haver contradições. Das alturas luminosas e imensuráveis, ele olha com doçura e se alegra com a harmonia infinita na qual vocês todos se movimentam infinitamente e em contradição. Você, em seu orgulho, crê desvencilhar-se das leis comuns. Não, e você com sua pequena e rasteira indignação com os lacaios, você também correspondeu à necessidade harmônica do eterno e do infinito...

18 de julho de 1857

ALBERT

I

Cinco homens ricos e jovens chegaram às três horas da madrugada a um bailezinho de Petersburgo para se divertir.

Bebeu-se muito champanhe, os senhores, na maior parte, eram muito jovens, as moças eram bonitas, o piano e o violino incansáveis tocavam uma polca depois da outra, as danças e o barulho não cessavam; mas havia algo de maçante, incômodo, sabe-se lá por quê, e todos tinham a sensação (como acontece muitas vezes) de que havia algo errado e desnecessário em tudo aquilo.

Esforçaram-se algumas vezes para aumentar a alegria, mas a alegria ilegítima era ainda pior do que o tédio.

Um dos cinco rapazes, mais do que os outros, insatisfeito consigo mesmo, com os demais e com toda a noite, levantou-se com um sentimento de aversão, procurou o chapéu e saiu com a intenção de ir embora sem ser notado.

No vestíbulo não havia ninguém, mas numa sala contígua, atrás da porta, ele ouviu duas vozes que discutiam. O jovem se deteve e pôs-se a escutar.

- É impossível, há convidados lá – disse uma voz de mulher.
- Solte-me, por favor, não tenho nada! – implorou uma voz fraca de homem.
- Não vou soltar sem a autorização da madame – disse a mulher. – Para onde o senhor vai? Ah, mas que sujeito!

A porta se abriu com um tranco e, na soleira, surgiu uma estranha figura masculina. Ao ver um convidado, a criada parou de segurá-lo, e a figura estranha, depois de fazer uma saudação com uma tímida reverência, entrou na sala, cambaleando nas pernas tortas. Era um homem de estatura mediana, costas arqueadas e estreitas e cabelos compridos e desgrenhados. Vestia um casaco curto e calças apertadas e rasgadas por cima de botas sujas e grosseiras. A gravata, torcida como uma corda, amarrava o pescoço branco e comprido. A camisa imunda se destacava pelas mangas, sobre as mãos magras. No entanto, apesar da magreza extraordinária do corpo, seu rosto era meigo, branco, e até um frescor rosado dançava em suas faces, acima da barba preta e rala e das costeletas. Os cabelos despenteados, apontados para cima, deixavam à mostra a testa baixa e extraordinariamente clara. Olhos escuros e cansados miravam para a frente com brandura e, ao mesmo tempo, com ar indagador e grave. A expressão dos olhos se fundia de modo cativante com a expressão dos lábios frescos, curvados nos cantos, que se viam por trás do bigode ralo.

Depois de dar alguns passos, ele parou, voltou-se para o jovem e sorriu. Sorriu como que com certa dificuldade; mas quando o sorriso iluminou seu rosto, o jovem, sem saber por quê, também sorriu.

– Quem é esse? – perguntou para a criada, depois que a figura estranha entrou na sala onde se ouviam os sons da dança.

– É um músico meio maluco, lá do teatro – respondeu a criada. – Às vezes ele vem ver a dona da casa.

– Onde você se meteu, Diélessov? – gritaram de dentro da sala naquele momento.

O jovem, que chamavam de Diélessov, voltou para a sala.

O músico estava na porta e, olhando para as pessoas que dançavam, com o sorriso, o olhar e as batidas dos pés no chão, exprimia a satisfação que lhe dava aquele espetáculo.

– E então, vá dançar – disse-lhe um dos convidados.

O músico fez uma reverência e olhou com ar indagador para a dona da casa.

– Vá, vá... ora, os cavalheiros o estão chamando – interveio a dona da casa.

Os membros magros e fracos do músico ganharam de repente uma mobilidade vigorosa e ele, piscando os olhos, sorrindo e se remexendo, pôs-se a saltitar pela sala, tenso e desajeitado. No meio da quadrilha, um oficial alegre que dançava de maneira muito bonita e animada esbarrou por acaso nas costas do músico. As pernas fracas e cansadas não conseguiram manter o equilíbrio e o músico, depois de dar alguns passos trôpegos para o lado, caiu estatelado no chão. Apesar do barulho cortante e seco produzido pela queda, quase todos riram no primeiro momento.

Porém o músico não se levantou. Os convidados emudeceram, até o piano parou de tocar, e Diélessov e a dona da casa foram os primeiros a acudir o acidentado. Ele estava deitado, apoiado no cotovelo, olhando aturdido para o chão. Quando o levantaram e sentaram numa cadeira, o músico, com um movimento ligeiro da mão ossuda, jogou para trás o cabelo que estava sobre a testa e começou a sorrir, sem nada responder ao que lhe perguntavam.

– Senhor Albert! Senhor Albert! – disse a dona da casa. – O que foi, o senhor se machucou? Onde? Eu bem que lhe disse que não era preciso dançar. Ele é tão fraco! – prosseguiu, voltando-se para os convidados. – Mal consegue andar, onde já se viu?

– Quem é ele? – perguntaram para a dona da casa.

– Um pobre coitado, um artista. Um jovem muito bom, só que dá pena, como estão vendo.

Ela disse isso sem se constranger com a presença do músico. Ele voltou a si e, como que assustado com alguma coisa, se encolheu e, com um gesto, afastou as pessoas que o rodeavam.

– Não foi nada – disse ele de repente, levantando-se da cadeira com visível esforço.

E, para provar que não sentia dor nenhuma, foi para o meio da sala e quis saltitar, porém cambaleou, e cairia de novo se não o segurassem.

Todos se sentiram encabulados; olhando para ele, permaneceram em silêncio.

O olhar do músico apagou-se de novo e, visivelmente esquecido de todos, ele esfregou o joelho com a mão. De repente, levantou a cabeça, esticou para a frente a perna trêmula, jogou o cabelo para trás com o mesmo gesto vulgar de antes e, aproximando-se do violinista, tomou seu violino.

– Não foi nada! – repetiu mais uma vez, brandindo o violino. – Senhores! Vamos tocar.

– Que rosto mais estranho! – comentavam entre si os convidados.

– Quem sabe um grande talento está enterrado dentro dessa criatura infeliz? – disse um dos convidados.

– Pois é, dá pena, dá pena! – disse um outro.

– Que belo rosto! Há nele algo fora do comum – disse Diélessov. – Veremos...

II

Albert, nessa altura, sem prestar atenção em ninguém, tendo segurado o violino com o ombro, afinou-o enquanto caminhava devagar junto ao piano. Os lábios estavam imóveis numa expressão impassível, não se podiam ver os olhos; mas as costas estreitas e ossudas, o pescoço comprido e branco, as pernas tortas e a cabeça preta e cabeluda apresentavam um espetáculo bizarro, porém, por algum motivo, sem nada de ridículo. Depois de afinar o violino, ele tocou um acorde com ousadia e, jogando a cabeça para trás, voltou-se para o pianista, que se preparou para acompanhá-lo.

– “*Melancholie*”, *C-dur*!¹⁵ – disse com um gesto imperativo, dirigindo-se ao pianista.

E em seguida, como se pedisse perdão pelo gesto imperativo, sorriu de modo brando e, com aquele sorriso, lançou um olhar para o público. Depois de jogar o cabelo para trás com a mão que segurava o arco, Albert parou na frente do piano e, com um movimento elástico do arco, fez vibrar as cordas. Uma nota pura, harmoniosa, percorreu a sala e fez-se um silêncio absoluto.

As notas do tema se derramaram livres e delicadas após a primeira nota, uma espécie de luz apaziguadora e inesperadamente clara iluminou de repente o mundo interior de todos os ouvintes. Nenhuma nota em falso ou exagerada perturbou a submissão dos ouvintes, todas as notas eram claras, distintas e significativas. Em silêncio, com um tremor de esperança, todos acompanhavam o desdobramento das notas. Do estado de tédio, de dispersão barulhenta e de sono do espírito no qual se encontravam, de repente e sem notar eles foram transportados para outro mundo bem diferente, por eles esquecido. Despertava na alma deles ora o sentimento sereno de contemplação do passado, ora a lembrança fervorosa de algo feliz; ora a necessidade ilimitada de poder e de glória, ora sentimentos de resignação, de amor insatisfeito e de tristeza. Notas ora tristemente meigas, ora impetuosamente desesperadas, misturavam-se livremente umas com as outras, jorravam e jorravam umas depois das outras de modo tão elegante, tão vigoroso e tão espontâneo que nem se ouviam mais as notas, e sim uma espécie de fluxo de poesia, bela e conhecida havia muito tempo mas revelada pela primeira vez, que se derramava por si só na alma de todos. Albert crescia mais e mais a cada nota. Ele estava longe de ser grotesco ou estranho. Com o violino preso embaixo do queixo e ouvindo suas notas com uma fisionomia de atenção fervorosa, ele mudava convulsivamente a posição dos pés. Ora se aprumava em toda a sua estatura, ora arqueava as costas com esforço. Tensamente torcida, a mão esquerda parecia morta em sua posição e apenas remexia, de maneira nervosa, os dedos ossudos; a mão direita movimentava-se fluente, elegante, sem ser notada. O rosto rebrilhava com uma alegria ininterrupta, arrebatada; os olhos ardiam

com um brilho seco e radiante, as narinas se dilatavam, os lábios vermelhos se abriam de prazer.

Às vezes a cabeça se inclinava mais para perto do violino, os olhos se fechavam e o rosto meio encoberto pelos cabelos se iluminava com um sorriso de doce beatitude. Às vezes ele se apurava ligeiro, punha um pé mais à frente; e a testa nua e o olhar radioso com que abarcava a sala reluziam de orgulho, de grandeza, com a consciência do poder. Em certo momento, o pianista se enganou e tocou um acorde errado. Um sofrimento físico se exprimiu no rosto e em toda a figura do músico. Deteve-se um segundo e, batendo o pé no chão com uma fisionomia de raiva infantil, gritou: “*Mol, c-mol!*”.¹⁶ O pianista se refez, Albert fechou os olhos, sorriu e, de novo esquecido de si mesmo, dos outros e do mundo inteiro, entregou-se com beatitude ao seu dever.

Todos que se encontravam na sala na hora em que Albert tocou guardaram um silêncio submisso e, ao que parecia, viviam e respiravam apenas suas notas.

Um oficial alegre estava sentado imóvel na cadeira junto à janela, o olhar sem vida cravado no chão, e respirava fundo, a intervalos e pesadamente. As moças, em completo silêncio, se mantinham sentadas ao longo das paredes e só de vez em quando, com aprovação, num estado de perplexidade, trocavam olhares entre si. O rosto risonho e gordo da dona da casa se derretia de prazer. O pianista tinha os olhos presos no rosto de Albert e, com medo de errar, medo que se exprimia em toda a sua figura tensa, esforçava-se para acompanhá-lo. Um dos convidados, que bebera mais do que os outros, estava deitado de bruços no sofá e tentava não se mexer para não deixar que vissem sua emoção. Diélessov experimentava um sentimento extraordinário. Uma espécie de círculo frio, que ora se estreitava, ora se dilatava, comprimia sua cabeça. As raízes dos cabelos tornaram-se sensíveis, um calafrio percorria a espinha de baixo para cima, algo subia mais e mais por dentro da garganta, como agulhas fininhas que dessem picadas no nariz e no céu da boca, e lágrimas molharam suas faces sem que ele percebesse. Diélessov se sacudiu, tentou puxá-las de volta e enxugá-las sem ser notado, mas outras desceram e escorreram pelo rosto. Por uma estranha espécie de encadeamento de impressões, as primeiras notas do violino de Albert transportaram Diélessov ao início da mocidade. Ele, homem já não tão jovem, cansado da vida, esgotado, de repente se sentiu com dezessete anos de idade, uma criatura bonita, satisfeita consigo mesma, extasiadamente tola e desprevenidamente feliz. Lembrou-se do primeiro amor por uma prima, num vestidinho cor-de-rosa, lembrou-se da primeira declaração de amor numa alameda de túlias, lembrou-se do calor e do encanto incompreensível de um beijo casual, lembrou-se do fascínio e do mistério indecifrável da natureza que então o rodeava. Em sua imaginação retrospectiva, brilhava *ela* numa nuvem de esperanças vagas, de desejos inexplicáveis e de uma crença inquestionável na possibilidade de uma felicidade impossível. Todos os momentos menosprezados daquele tempo, um depois do outro, ergueram-se à sua frente, mas não como momentos insignificantes de um presente fugaz, e sim como imagens do passado, imobilizadas, ampliadas e repreensíveis. Com prazer, contemplou-as e chorou – chorou não porque houvesse passado um tempo que ele poderia ter empregado melhor (se aquele tempo lhe fosse devolvido, ele não se empenharia em empregá-lo melhor), mas, sim, chorava só porque aquele tempo havia passado e nunca mais ia voltar. As recordações surgiam espontaneamente enquanto o violino de Albert repetia a mesma coisa. Dizia: “Passou para você, passou para sempre o tempo da força, do amor e da felicidade, passou e nunca vai voltar. Chore por isso, chore todas as suas lágrimas, morra nas lágrimas daquele tempo – essa é a única e a melhor felicidade que lhe restou”.

Ao final da última variação, o rosto de Albert ficou vermelho, os olhos brilharam sem esmorecer, gotas grandes de suor escorreram pelas bochechas. Na testa, as veias estavam saltadas, todo o corpo ganhava num movimento cada vez maior, os lábios empalidecidos não se fechavam e toda a sua figura exprimia uma arrebatada avidez de prazer.

Balançando todo o corpo desesperadamente e sacudindo o cabelo, ele largou o violino e, com um sorriso de altivez orgulhosa e de felicidade, lançou um olhar para os presentes. Depois suas costas se arquearam, a cabeça baixou, os lábios se fecharam, os olhos se apagaram e ele, como que com vergonha

de si mesmo, olhando em volta timidamente e tropeçando nas próprias pernas, foi para outra sala.

III

Algo estranho se passou com todos os presentes e percebia-se algo estranho no silêncio mortal que se seguiu à música de Albert. Como se todos quisessem, e não conseguissem, exprimir o que significava tudo aquilo. O que significava a sala iluminada e quente, as mulheres radiosas, a aurora nas janelas, o sangue agitado e a pura sensação das notas que passaram voando? Mas ninguém tentava dizer o que aquilo significava; ao contrário, quase todos rebelavam-se, sentindo-se sem forças para passar de uma vez para o lado daquilo que a sensação nova lhes havia revelado.

– Puxa, ele toca bem mesmo – disse o oficial.

– Extraordinariamente! – respondeu Diélessov, enxugando o rosto com a manga de modo furtivo.

– Mas está na hora de ir embora, senhores – disse o homem deitado no sofá, ajeitando-se um pouco. – É preciso lhe dar alguma coisa, senhores. Vamos fazer uma coleta de dinheiro entre nós.

Albert, naquela altura, estava sentado sozinho no sofá da outra sala. Com os cotovelos apoiados nos joelhos ossudos, esfregava o rosto com as mãos suadas e sujas, alisava o cabelo e sorria, feliz consigo mesmo.

As contribuições foram grandes e Diélessov se incumbiu de entregar-lhe o dinheiro.

Além disso, Diélessov, em quem o músico havia produzido uma impressão tão forte e incomum, teve a ideia de fazer algo de bom para ele. Veio-lhe a ideia de levá-lo para sua própria casa, vesti-lo, arranjar um lugar para ele ficar – em suma, arrancá-lo daquela situação sórdida.

– Então, o senhor está cansado? – perguntou Diélessov, aproximando-se.

Albert sorriu.

– O senhor tem um talento verdadeiro; é preciso ocupar-se a sério com a música, tocar em público.

– Eu bem que beberia alguma coisa – disse Albert, como se tivesse acordado.

Diélessov trouxe vinho e o músico bebeu duas taças com avidez.

– Que vinho maravilhoso! – disse.

– “Melancolia”, que coisa fascinante! – disse Diélessov.

– Ah! Sim, sim – respondeu Albert, sorrindo. – Mas, me desculpe, não sei com quem tenho a honra de conversar; talvez o senhor seja um conde ou um príncipe: não poderia me emprestar algum dinheiro? – Ficou um minuto calado. – Não tenho nada... sou um homem pobre. Não posso pagar ao senhor.

Diélessov ficou vermelho, sentiu-se constrangido e, às pressas, entregou ao músico o dinheiro angariado.

– Agradeço muito ao senhor – disse Albert, apanhando o dinheiro. – Agora vamos tocar; vou tocar quanto o senhor quiser. Só quero beber alguma coisinha, beber – acrescentou, levantando-se.

Diélessov lhe trouxe mais vinho e pediu que ele sentasse a seu lado.

– Desculpe por ser franco com o senhor – disse Diélessov. – Seu talento me interessou muito. Parece-me que o senhor não se encontra em boa situação, não é verdade?

Albert olhava ora para Diélessov, ora para a dona da casa, que havia entrado na sala.

– Permita-me lhe oferecer meus serviços – acrescentou Diélessov. – Caso precise de alguma coisa, ficarei muito contente se o senhor se alojar em minha casa por um tempo. Moro sozinho e talvez possa lhe ser útil.

Albert sorriu e nada respondeu.

– Por que não exprime sua gratidão? – disse a dona da casa. – É claro que para o senhor isso é uma vantagem. Só que eu não lhe recomendaria isso – prosseguiu, dirigindo-se agora a Diélessov e

balançando a cabeça negativamente.

– Sou muito grato ao senhor – disse Albert, apertando a mão de Diélessov com suas mãos molhadas. – Só que agora vamos tocar, por favor.

Mas os demais convidados já se haviam aprontado para ir embora e, como Albert não os chamou, foram para o vestibulo.

Albert despediu-se da dona da casa, pôs na cabeça o chapéu surrado de abas largas e sua velha capa de verão, que vinha a ser toda a sua roupa de inverno, e saiu com Diélessov para o alpendre.

Quando Diélessov se sentou na carruagem com seu novo conhecido e sentiu o cheiro desagradável de bebida e de sujeira do qual o músico estava impregnado, começou a arrepender-se de seu gesto e se recriminou pela infantil brandura do coração e pela falta de bom senso. Além do mais, tudo o que Albert dizia era tão tolo e vulgar e, ao ar livre, de súbito se mostrou tão sordidamente embriagado que ganhou um aspecto repulsivo para Diélessov. “O que vou fazer com ele?”, pensou.

Depois de quinze minutos, Albert calou-se, seu chapéu caiu sobre as pernas, ele mesmo tombou para o canto da carruagem e começou a roncar. As rodas rangiam ritmadamente sobre a neve glacial; a luz fraca da aurora penetrava a custo pela janela coberta de gelo.

Diélessov virou-se para observar seu vizinho. O corpo comprido, coberto pela capa, jazia sem vida a seu lado. Ele teve a impressão de que a cabeça comprida, com o nariz grande e escuro, balançava na extremidade do torso; porém, olhando mais de perto, viu que o que tomara por nariz e face eram os cabelos e que o rosto na verdade estava mais embaixo. Inclinou-se e analisou os traços do rosto de Albert. A beleza da testa e da boca serenamente fechada o impressionou novamente.

Sob o efeito do cansaço dos nervos, irritados com a falta de sono àquela hora da madrugada, e sob o efeito da música que tinha ouvido, Diélessov, ao olhar para aquele rosto, se viu de novo transportado para o mundo de beatitude do qual tivera um relance naquela noite; recordou de novo o tempo feliz e *generoso* da mocidade e parou de lamentar o que fizera. Naquele momento, ele amou Albert com ardor e sinceridade e decidiu firmemente fazer algo de bom por ele.

IV

No dia seguinte pela manhã, quando o acordaram para ir ao trabalho, Diélessov olhou à sua volta e viu com desprazer seu velho biombo, seu velho criado e o relógio na mesinha de cabeceira. “Então o que é que eu gostaria de ver, se não é isso que sempre me rodeia?”, perguntou-se. Então lembrou-se dos olhos negros e do sorriso feliz do músico; o motivo de “Melancolia” e toda a estranha noite do dia anterior passaram ligeiro pela sua imaginação.

No entanto não teve tempo de refletir se agira bem ou mal ao trazer o músico para sua casa. Enquanto trocava de roupa, ordenou mentalmente seu dia; pegou um papel, deu as ordens necessárias para os assuntos da casa e, às pressas, vestiu o capote e as galochas. Ao passar pela sala de jantar, olhou pela porta. Albert, esparramado em sua camisa imunda e grosseira, o rosto afundado no travesseiro, dormia um sono de morte no sofá de marroquim em que o colocaram, sem sentidos, na noite anterior. Algo não estava bem – Diélessov não pôde deixar de ter essa impressão.

– Por favor, vá ao Boriuzóvski, peça um violino por uns dois dias para ele – disse ao criado. – Quando ele acordar, sirva um café e lhe dê para vestir uma de minhas roupas de baixo e alguma roupa velha. No geral, trate bem dele. Por favor.

Quando voltou para casa no final da tarde, para sua surpresa, Diélessov não encontrou Albert.

– Onde ele está? – perguntou ao criado.

– Foi embora logo depois do almoço – respondeu o criado. – Pegou o violino e foi embora,

prometeu voltar uma hora depois, mas até agora não veio.

– Ora! Ora! Que aborrecimento – exclamou Diélessov. – Por que você o deixou ir, Zakhar?

Zakhar era um laçao de Petersburgo, já servia Diélessov havia oito anos. Diélessov, *como era solteirão e morava sozinho*, não podia deixar de confiar a ele suas intenções e gostava de saber sua opinião a respeito de todas as suas iniciativas.

– Como poderia me atrever a impedi-lo? – respondeu Zakhar, mexendo num enfeite pendurado em seu relógio. – Se o senhor me dissesse para retê-lo, Dmítri Ivánovitch, eu poderia segurá-lo em casa. Mas o senhor só me deu ordens relativas às roupas.

– Ora! Que aborrecimento! Mas afinal o que ele fez aqui, sem mim?

Zakhar deu uma risada.

– Ele é o que se pode mesmo chamar de um artista, Dmítri Ivánovitch. Assim que acordou, pediu um vinho Madeira, depois ficou o tempo todo com o cozinheiro e um vizinho. É muito engraçado... E tem um caráter muito bom. Dei chá para ele, servi o almoço, ele não quis saber de comer sozinho, não parou de me convidar. E como ele toca violino, sério, artistas como ele há poucos, mesmo em Izler.¹⁷ Vale a pena manter consigo um homem assim. Quando tocou “Descendo a mãezinha Vólga” para nós, foi como se um homem chorasse. Bonito demais! De todos os andares veio gente, aqui dentro e na porta, para ouvir.

– Mas você o vestiu? – quis saber o patrão.

– Como não, senhor? Dei para ele sua camisola de dormir e vesti nele meu casaco. É bom ajudar um homem desses, pessoa boa, gentil. – Zakhar sorriu. – O tempo todo me perguntou qual era o cargo do senhor e se tinha conhecidos importantes. E quantas almas o senhor possuía no campo.¹⁸

– Está bem. Só que agora será preciso encontrá-lo e, daqui para a frente, não lhe dar nada para beber, senão vamos fazer mais mal ainda a ele.

– É verdade – interveio Zakhar. – É claro que tem a saúde fraca. Nosso patrão antigo tinha um administrador assim também e...

Diélessov já conhecia havia muito tempo a história do administrador bebereão, de modo que não deixou que Zakhar terminasse; disse que ele mesmo ia preparar tudo para a noite e mandou que Zakhar saísse à procura de Albert e o trouxesse de volta.

Deitou-se na cama, apagou a vela, mas ficou muito tempo sem conseguir dormir, sempre pensando em Albert. “Embora possa parecer estranho a muitos de meus conhecidos”, pensou Diélessov, “é tão raro fazermos algo que não seja para nós mesmos que é preciso ser grato a Deus quando surge um caso assim, e não vou perdê-lo. Farei tudo, absolutamente tudo, que puder para ajudá-lo. Talvez ele não seja de todo louco, apenas bebe demais. Isso não vai me custar caro, nem um pouco: onde come um, comem dois. De início, ele vai morar comigo, depois vamos arranjar um lugar para ele, um concerto, vamos tirá-lo desse apuro e então veremos.”

Um sentimento agradável de satisfação consigo mesmo dominou-o depois desse raciocínio.

“Na verdade, não sou absolutamente um homem mau; não sou um homem mau, nem de longe”, pensou. “Sou até muito bom, quando me comparo com os outros...”

Já estava adormecendo quando os sons da porta sendo aberta e de passos no vestíbulo o despertaram.

“Bem, vou tratá-lo com um pouco mais de severidade”, pensou. “É melhor; é o que devo fazer.”

Tocou a sineta.

– E então, trouxe? – perguntou para Zakhar, que entrara.

– Pobre homem, Dmítri Ivánovitch – disse Zakhar, balançando a cabeça de modo expressivo e fechando os olhos.

– O que foi? Está bêbado?

– Muito fraco.

– E o violino está com ele?

– Está, a dona da casa devolveu.

– Muito bem, por favor, agora não o traga para cá, acomode-o para dormir e amanhã não o deixe sair de casa de maneira nenhuma.

Porém, Zakhar mal teve tempo de sair quando Albert entrou no quarto.

v

– O senhor já quer dormir? – perguntou Albert, sorrindo. – Eu fui à casa de Anna Ivánovitch. Passei uma noite muito agradável: tocamos, rimos, a companhia era muito simpática. Permita-me beber um copo de alguma coisa – acrescentou, apanhando uma jarra de água que estava na mesinha de cabeceira. – Mas não água.

Albert estava como na noite anterior: o mesmo belo sorriso nos olhos e nos lábios, a mesma testa clara, inspirada, e os mesmos membros fracos. O casaco de Zakhar caíra nele como uma luva e o colarinho limpo, comprido e não engomado da camisa social erguia-se de modo pitoresco em torno de seu pescoço branco e fino, dando a ele um toque especialmente infantil e ingênuo. Sentou-se na cama de Diélessov e, em silêncio, sorrindo com ar alegre e agradecido, fitou-o. Diélessov fitou Albert nos olhos e de repente, mais uma vez, sentiu-se sob o poder de seu sorriso. Não queria mais dormir, esqueceu-se de seu dever de mostrar-se severo; sua vontade, ao contrário, era divertir-se, ouvir música e conversar amistosamente com Albert até amanhecer. Diélessov mandou Zakhar trazer uma garrafa de vinho, cigarros e um violino.

– Ah, isso é ótimo – disse Albert. – Ainda é cedo, vamos tocar, vou tocar o que o senhor quiser.

Com visível satisfação, Zakhar trouxe uma garrafa de Lafite, dois copos, os cigarros fracos que Albert fumava e um violino. Mas, em vez de deitar-se para dormir, como o patrão ordenara, fumou ele mesmo um charuto, sentado no quarto vizinho.

– É melhor conversarmos – disse Diélessov para o músico, que fizera menção de pegar o violino.

Albert sentou na cama com ar obediente e sorriu, alegre, outra vez.

– Ah, sim – disse ele, batendo de súbito com a mão na testa e adotando uma expressão preocupada e curiosa. (A expressão de seu rosto sempre prenunciava o que ele queria dizer.) – Permita que pergunte... – e deteve-se um pouco. – Aquele cavalheiro que estava com o senhor lá, ontem à noite... o senhor o chamou de N. Ele não é filho do famoso N.?

– É filho dele – respondeu Diélessov, sem entender em absoluto por que aquilo podia ser do interesse de Albert.

– Sei, sei – disse Albert, sorrindo, satisfeito, consigo mesmo. – Notei logo um quê especialmente aristocrático nas maneiras dele. Amo os aristocratas: vê-se que há algo belo e refinado num aristocrata. E aquele oficial que dança de maneira tão esplêndida – prosseguiu –, ele também me agradou muito, tão alegre e nobre. É o ajudante de ordens N. N., não é mesmo?

– Quem? – perguntou Diélessov.

– O que esbarrou em mim quando estávamos dançando. Deve ser um homem ilustre.

– Não, é um sujeito vazio – respondeu Diélessov.

– Ah, não! – interveio Albert com fervor. – Há nele algo de muito, muito agradável. E é um músico excelente – acrescentou. – Tocou alguma coisa de uma ópera. Fazia muito tempo que ninguém me agradava tanto.

– Sim, toca bem, mas não gosto do seu jeito de tocar – disse Diélessov, com a intenção de levar seu interlocutor a falar sobre música. – Ele não entende de música clássica; Donizetti e Bellini, ora, isso não é música. O senhor, creio, é da mesma opinião, não é?

– Ah, não, não, me perdoe – exclamou Albert com uma expressão levemente defensiva. – A velha música é música e a nova música é música. Na nova também há belezas extraordinárias: e *La sonnambula*?¹⁹ E o final de *Lucia*?!²⁰ E Chopin?! E *Robert*?!²¹ Muitas vezes penso que... – deteve-se, visivelmente procurando as palavras – ... que, se Beethoven estivesse vivo, choraria de alegria ao ouvir *La sonnambula*. Há beleza em toda parte. Ouvei *La sonnambula* pela primeira vez quando Viardot e Rubini²² estiveram aqui... Foi assim – disse ele, piscando os olhos e fazendo um gesto com as mãos, como se arrancasse uma coisa de dentro do peito. – Mais um pouco e seria impossível suportar.

– Mas e agora, o que acha da ópera? – perguntou Diélessov.

– Bosio²³ é boa, muito boa – respondeu –, extraordinariamente requintada, mas não toca aqui – disse, apontando para o peito afundado. – Uma cantora tem que ter paixão, e ela não tem. Ela alegre, mas não atormenta.

– Bem, mas e Lablache?²⁴

– Eu o ouvi ainda em Paris, no *Barbeiro de Sevilha*,²⁵ na época era sem igual, mas agora está velho... não pode ser um artista, está velho.

– Ainda que seja velho, foi bem em *Morceau d'ensemble*²⁶ – disse Diélessov, que sempre dizia isso a respeito de Lablache.

– Como, se é velho? – retrucou Albert em tom severo. – Ele não devia ser velho. Um artista não deve ser velho. Muita coisa é necessária para a arte, mas o principal é o fogo! – disse, com os olhos brilhando e erguendo as mãos.

E, de fato, um fogo interior terrível ardia em toda a sua figura.

– Ah, meu Deus! – disse ele de repente. – O senhor não conhece Petrov, o pintor?

– Não, não conheço – respondeu Diélessov, sorrindo.

– Como eu gostaria que o senhor e ele se conhecessem! O senhor acharia um prazer conversar com ele. Como ele também entende de arte! Nós nos encontramos muitas vezes em casa de Anna Ivánovna, mas agora ela está zangada com ele por um motivo qualquer. Eu gostaria muito que vocês se conhecessem. É um grande, grande talento.

– Então ele pinta quadros? – perguntou Diélessov.

– Não sei; não, parece, mas ele era um pintor da Academia. Que ideias ele tem! Quando fala, às vezes é surpreendente. Ah, Petrov é um grande talento, só que leva uma vida muito alegre. Isso é uma pena – acrescentou Albert, sorrindo. Em seguida, levantou-se da cama, pegou o violino e começou a afinar.

– Então faz muito tempo que o senhor não vai à ópera? – perguntou Diélessov.

Albert virou-se e suspirou.

– Ah, já não posso mais – respondeu, agarrando a cabeça. Sentou-se de novo perto de Diélessov. – Vou contar ao senhor – disse quase num sussurro. – Não posso ir à ópera, não posso tocar lá, não tenho nada, nada... não tenho roupas, não tenho onde morar, não tenho violino. Que vida horrorosa! Que vida horrorosa! – repetiu algumas vezes. – Mas para que eu deveria ir lá? Para quê? Não é preciso – disse, sorrindo. – Ah, *Don Giovanni*!²⁷

E bateu na cabeça.

– Então vamos juntos um dia – disse Diélessov.

Sem responder, Albert ergueu-se de um pulo, empunhou o violino e começou a tocar o final do primeiro ato de *Don Giovanni*, enquanto contava com suas palavras o enredo da ópera.

E os cabelos de Diélessov ondulavam na cabeça enquanto ele tocava a melodia do comendador agonizante.

– Não, hoje não posso tocar – disse Albert, baixando o violino. – Bebi muito.

Mas em seguida ele se aproximou da mesa, serviu-se de um copo cheio de vinho, bebeu de um trago

e sentou de novo na cama, perto de Diélessov.

Sem desviar os olhos, Diélessov fitou Albert; de quando em quando, Albert sorria e Diélessov sorria também. Os dois ficaram calados; mas entre ambos, por meio do olhar e do sorriso, se estabelecia uma relação de amor cada vez mais estreita. Diélessov sentia que amava cada vez mais aquele homem e experimentava uma alegria incompreensível.

– O senhor esteve apaixonado? – perguntou de repente.

Albert refletiu por alguns segundos, depois seu rosto se iluminou com um sorriso triste. Inclinou-se na direção de Diélessov e fitou-o bem nos olhos, com atenção.

– Por que o senhor me perguntou isso? – falou num sussurro. – Mas vou contar tudo, gostei do senhor – prosseguiu, depois de encará-lo por um instante e virar-se para o lado. – Não vou enganar o senhor, vou contar tudo, desde o início. – Deteve-se e seus olhos ficaram parados, de modo estranho, selvagem. – O senhor sabe que tenho a cabeça fraca – disse, de repente. – Sim, sim – prosseguiu. – Anna Ivánovna certamente falou com o senhor. Ela diz para todo mundo que sou maluco! Não é verdade, ela diz isso de brincadeira, é uma boa mulher e eu, de fato, de um tempo para cá, não ando totalmente saudável.

Albert calou-se outra vez, parou e fitou a porta escura com olhos muito abertos.

– O senhor perguntou se estive apaixonado? Sim, estive enamorado – sussurrou, erguendo as sobrancelhas. – Isso aconteceu há muito tempo, ainda quando eu trabalhava no teatro. Eu era segundo violino na ópera e ela sentava num camarote do lado esquerdo da plateia.

Albert levantou-se e inclinou-se na direção do ouvido de Diélessov.

– Não, para que dar a ela um nome? – disse Albert. – O senhor certamente a conhece, todos a conhecem. Eu ficava calado e apenas olhava para ela; sabia que era um pobre artista e ela, uma dama aristocrata. Eu sabia muito bem. Apenas olhava para ela e não pensava em nada.

Albert refletiu, recordando.

– Como aconteceu, não lembro; mas certa vez me chamaram para ir acompanhá-la no violino. Mas o que sou eu, um pobre artista! – disse, balançando a cabeça e sorrindo. – Mas não, não sou capaz de contar, não sou capaz... – acrescentou, agarrando a cabeça. – Como fui feliz!

– Então o senhor esteve muitas vezes na casa dela? – perguntou Diélessov.

– Uma vez, só uma vez... mas eu mesmo fui culpado, perdi a cabeça. Sou um pobre artista, e ela uma dama aristocrata. Eu não devia falar nada para ela. Mas perdi a cabeça, fiz uma besteira. Desde então, tudo terminou para mim. Petrov me disse a verdade: era melhor vê-la só no teatro...

– O que o senhor fez? – perguntou Diélessov.

– Ah, espere, espere, isso eu não posso contar.

E, de olhos fechados, ficou alguns momentos calado.

– Cheguei tarde à orquestra. Eu e Petrov bebemos naquela noite e eu estava perturbado. Ela estava sentada em seu camarote e conversava com um general. Não sei quem era o general. Ela estava bem na ponta, a mão apoiada no batente; usava um vestido branco e pérolas no pescoço. Conversava com ele e olhava para mim. Duas vezes, lançou um olhar para mim. O penteado dela era assim, olhe; eu não tocava, estava parado junto ao contrabaixo e olhava. Foi então que pela primeira vez senti uma coisa estranha. Ela sorriu para o general e olhou para mim. Senti que ela estava falando de mim e de repente vi que eu não estava na orquestra, mas no camarote, perto dela, segurei sua mão, neste lugar aqui. O que foi aquilo? – perguntou Albert, depois de calar-se por um momento.

– É a força da imaginação – disse Diélessov.

– Não, não... Mas não sei explicar – retrucou Albert, enrugando o rosto. – Eu já era pobre na época, não tinha um apartamento para morar e, quando ia ao teatro, às vezes dormia lá mesmo.

– O quê? No teatro? Na sala escura e vazia?

– Ah! Não tenho medo dessas bobagens. Ah, espere. Assim que todos saíam, eu ia para aquele camarote onde ela ficava e dormia. Era a minha única alegria. Que noites eu passava ali! Só que, um dia,

aquilo começou a acontecer de novo comigo. Muitas coisas começaram a me aparecer de noite, só que não posso contar tudo para o senhor. – Albert, depois de baixar as pupilas, fitou Diélessov. – O que é isso? – perguntou.

– É estranho! – disse Diélessov.

– Não, espere, espere! – prosseguiu, num sussurro, falando perto do ouvido. – Eu beijava a mão dela, chorava a seu lado, falava muito com ela. Sentia o aroma de seu perfume, ouvia sua voz. Certa noite, ela falou muito comigo. Depois peguei o violino e comecei a tocar baixinho. E toquei esplendidamente. Mas me senti horrível. Não tenho medo dessas bobagens e não acredito; mas comecei a temer pela minha cabeça – disse, sorrindo de modo gentil, e tocando a testa com a mão. – Comecei a temer pela minha pobre cabeça, me pareceu que algo estava acontecendo dentro da minha cabeça. Quem sabe não é nada? O que o senhor acha?

Os dois ficaram em silêncio alguns minutos.

– *Und wenn die Wolken sie verhüllen, Die Sonne bleibt doch ewig klar*²⁸ – cantou Albert, sorrindo de leve.

– Não é verdade? – acrescentou. – *Ich auch habe gelebt und genossen.*²⁹ Ah! Como o velho Petrov explicaria bem tudo isso para o senhor.

Diélessov, em silêncio, olhava com horror para o rosto perturbado e empalidecido de seu interlocutor.

– O senhor conhece a “Juristen-walzer”? – gritou Albert de repente e, sem esperar a resposta, ergueu-se de um pulo, agarrou o violino e começou a tocar a valsa animada. Totalmente esquecido e, é óbvio, supondo que a orquestra inteira tocava com ele, Albert sorria, balançava-se, movimentava as pernas e tocava esplendidamente.

– Eh, chega de diversão! – disse quando terminou, brandindo o violino no ar. – Eu vou lá – disse, depois de ficar sentado um minuto. – E o senhor, não vai?

– Aonde? – perguntou Diélessov, com surpresa.

– Vamos de novo à casa de Anna Ivánovna; lá é divertido: tem movimento, música, gente.

Diélessov, num primeiro momento, quase concordou. No entanto pensou melhor e quis convencer Albert a não ir naquele dia.

– Vou ficar só um pouquinho.

– Falando sério, não vá.

Albert suspirou e largou o violino.

– Então vamos ficar aqui?

O músico olhou mais uma vez para a mesa (não tinha vinho) e, depois de lhe dar boa-noite, saiu.

Diélessov tocou a sineta.

– Preste atenção para não deixar que o senhor Albert saia para lugar nenhum sem minha permissão – disse para Zakhar.

VI

O dia seguinte era feriado. Diélessov acordou, sentou-se sozinho na sala de estar para o café e leu um livro. No cômodo contíguo, Albert ainda não tinha se mexido.

Com cuidado, Zakhar abriu a porta e olhou para a sala de jantar.

– acredite, Dmítri Ivánovitch, ele está dormindo no sofá sem nenhuma roupa de cama! Não quis forrar com nada, meu Deus. É como uma criança. É mesmo um artista.

Ao meio-dia, ouviram-se por trás da porta um gemido e uma tosse.

Zakhar foi de novo para a sala de jantar; e o patrão ouviu a voz afetuosa de Zakhar e a voz fraca e suplicante de Albert.

– O que há? – perguntou o patrão a Zakhar quando este voltou.

– Está aborrecido, Dmítiri Ivánovitch; não quer se lavar, está muito abatido. Não para de pedir bebida.

“Não, agora que já comecei, tenho de prosseguir com firmeza”, disse Diélessov para si mesmo.

E, sem dar ordem para servir bebida, levantou seu livro outra vez, no entanto não pôde deixar de ouvir o que se passava na sala de jantar. Lá, nada se mexia, só de vez em quando se ouvia uma tosse pesada, peitoral, e uma expectoração. Passaram-se duas horas. Diélessov trocou de roupa e, antes de sair para a rua, resolveu dar uma olhada em seu hóspede. Albert estava sentado, imóvel, junto à janela, a cabeça apoiada nas mãos. Virou-se. Seu rosto estava amarelado, enrugado, não apenas triste, mas profundamente infeliz. Ele fez força para sorrir, como forma de cumprimento, mas seu rosto tomou uma expressão ainda mais dolorosa. Parecia estar prestes a chorar. Com dificuldade, levantou-se e fez uma reverência.

– Se eu pudesse tomar só um calicezinho de vodca – disse, com expressão de súplica. – Estou tão fraco... por favor!

– É melhor um café para lhe dar forças. É o que eu recomendaria ao senhor.

O rosto de Albert de repente perdeu a expressão infantil; de modo frio e turvo, fitou a janela e, fraco, deixou-se cair na cadeira.

– Ou prefere tomar o desjejum?

– Não, obrigado, não tenho apetite.

– Se quiser tocar violino, não vai me incomodar – disse Diélessov, colocando o violino sobre a mesa.

Albert olhou para o violino com um sorriso de desdém.

– Não; estou fraco demais, não consigo tocar – disse e afastou de si o violino.

Depois disso, por mais que Diélessov o chamasse para dar uma volta e ir ao teatro à noite, Albert se limitava a agradecer com submissão e mantinha um silêncio obstinado. Diélessov foi para a rua, fez algumas visitas, jantou fora e, antes do teatro, foi para casa trocar de roupa e ver o que se passava com o músico. Albert estava sentado no vestíbulo escuro e, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça nas mãos, olhava para o fogo na estufa. Estava com roupas limpas, lavado e penteado; mas seus olhos estavam turvos, mortos, e toda a sua figura exprimia debilidade e magreza, mais ainda do que de manhã.

– O que jantou hoje, senhor Albert? – perguntou Diélessov.

Albert fez um sinal afirmativo com a cabeça e, depois de lançar um olhar para o rosto de Diélessov, baixou os olhos, assustado.

Diélessov sentiu-se embaraçado.

– Falei hoje com seu diretor – explicou ele, também baixando os olhos. – Disse que vai ficar muito contente de receber o senhor, se permitir que ele o escute tocar.

– Obrigado, não posso tocar – disse Albert em voz muito baixa e foi para seu quarto, fechando a porta com todo o cuidado para não fazer barulho.

Alguns minutos depois, a maçaneta da porta girou da mesma forma silenciosa e ele saiu do quarto com o violino. Após lançar um olhar malévolo e fugaz para Diélessov, colocou o violino na cadeira e de novo sumiu.

Diélessov encolheu os ombros e sorriu.

“O que mais devo fazer? De que sou culpado?”, pensou.

– E então, como vai o músico? – foi a primeira pergunta, quando voltou para casa, já tarde.

– Péssimo! – respondeu Zakhar, alto e incisivo. – Não para de suspirar, tossir, não fala nada, só pediu vodca, quatro ou cinco vezes. E eu lhe dei uma vez. Sem isso, quem sabe, nós o levaríamos à

morte, Dmítiri Ivánovitch. Foi assim com o administrador...

– Mas ele não tocou violino?

– Nem encostou a mão. Eu bem que levei o violino para ele umas duas vezes... ele o segurava um pouquinho e punha de lado – respondeu Zakhar, com um sorriso. – O senhor não vai mandar servir uma bebida para ele?

– Não, vamos esperar mais um dia, vamos ver o que vai acontecer. E agora, o que ele está fazendo?

– Trancou-se na sala de estar.

Diélessov foi para o escritório, escolheu alguns livros franceses e um Evangelho em alemão.

– Amanhã, ponha isto no quarto dele, e não deixe que saia de casa – disse para Zakhar.

Na manhã seguinte, Zakhar comunicou ao patrão que o músico passara a noite inteira sem dormir: ficara andando pela casa e fora ao bufê, tentara abrir o armário e a porta, mas tudo estava trancado, graças ao cuidado de Zakhar. Comunicou também que, enquanto fingia dormir, ouviu que Albert, no escuro, balbuciava sozinho e mexia as mãos.

Dia a dia, Albert ficava mais sombrio e mais calado. Parecia ter medo de Diélessov e, no rosto, exprimia-se um temor aflito quando os olhos dos dois se cruzavam. Não punha as mãos nem nos livros nem no violino e não respondia às perguntas que lhe faziam.

No segundo dia da estadia do músico em sua casa, Diélessov chegou tarde à noite, cansado e preocupado. Tinha andado sem parar o dia inteiro, tratando de negócios que pareciam muito simples e fáceis, mas que, como não raro acontece, não queriam de jeito nenhum avançar nem um passo, apesar de seu esforço enorme. Além disso, tinha sido chamado para ir ao clube e perdera no jogo de cartas. Estava aborrecido.

– Bem, que Deus o ajude! – respondeu para Zakhar, que lhe explicara a situação lamentável de Albert. – Amanhã vou ter uma conversa definitiva com ele: saber se quer ou não quer ficar em minha casa e seguir meus conselhos. Se não... paciência. Parece que fiz tudo o que podia.

“É o que dá fazer o bem a alguém”, pensou. “Esforcei-me por ele, mantive em minha casa essa criatura imunda, de tal modo que não posso receber a visita de um desconhecido de manhã, me movimento, ando para lá e para cá pelo seu bem, e ele me olha como se eu fosse um malfeitor que, para seu próprio prazer, o mantivesse trancado numa jaula. O pior é que não quer dar nem um passo pelo seu próprio bem. Assim são todos eles (esse “todos” referia-se às pessoas em geral e, especialmente, às que haviam tratado de negócios com Diélessov naquele dia). E o que vou fazer com ele agora? No que fica pensando e por que vive triste? Está triste com a devassidão da qual o arranquei? Com a humilhação em que vivia? Com a penúria da qual o salvei? Pelo visto, ele decaiu a tal ponto que lhe causa dor ver uma vida honrada...”

“Não, foi um gesto infantil”, decidiu Diélessov. “Como posso querer corrigir os outros, quando só Deus sabe como me esforço para entender a mim mesmo?” Teve vontade de libertá-lo na mesma hora, mas pensou melhor e deixou para o dia seguinte.

À noite, o barulho de uma mesa tombada no vestíbulo e o som de vozes e passos acordaram Diélessov. Acendeu uma vela e pôs-se a escutar, surpreso...

– Espere, vou contar para Dmítiri Ivánovitch – disse Zakhar: a voz de Albert murmurava algo com fervor e incoerência.

Diélessov levantou-se de um salto e correu com a vela para o vestíbulo. Zakhar, em roupas de dormir, estava parado na frente da porta, Albert, de chapéu e capa, tentava afastá-lo da porta e gritava com voz chorosa:

– O senhor não pode me prender! Tenho passaporte, não peguei nada do senhor! Pode me revistar! Vou dar queixa na delegacia!

– Por favor, Dmítiri Ivánovitch! – Zakhar voltou-se para o patrão, enquanto continuava a barrar a

porta com as costas. – Ele se levantou de noite, encontrou a chave no meu casaco e bebeu uma garrafa inteira de vodca doce. Acha que isso está certo? E agora quer sair. O senhor não deu ordem, por isso não posso deixá-lo sair.

Ao ver Diélessov, Albert pôs-se a empurrar Zakhar com mais empenho ainda.

– Ninguém pode me prender! Não tem o direito! – gritava, a voz cada vez mais alta.

– Pode deixar, Zakhar – disse Diélessov. – Não quero nem posso prender o senhor, mas recomendo que deixe para sair amanhã – disse para Albert.

– Ninguém pode me prender! Vou dar queixa na delegacia! – gritava Albert cada vez mais alto, dirigindo-se só a Zakhar, sem olhar para Diélessov. – Socorro! – berrou de repente, com voz furiosa.

– Por que o senhor grita assim? Ninguém está prendendo o senhor – disse Zakhar, abrindo a porta.

Albert parou de gritar.

– Não conseguiram? Queriam me matar. Não! – balbuciava consigo mesmo, enquanto calçava as galochas. Sem despedir-se e continuando a falar algo incompreensível, saiu pela porta. Zakhar iluminou seu caminho até o portão e voltou.

– Graças a Deus, Dmítri Ivánovitch! Mais um tempo e isso podia acabar muito mal – disse para o patrão. – E agora é preciso conferir a prataria.

Diélessov limitou-se a balançar a cabeça e nada respondeu. Voltaram então à sua memória as duas noites anteriores, que passara com o músico, lembrou-se dos últimos dias tristonhos que, por culpa sua, Albert havia passado ali e, acima de tudo, lembrou-se do doce sentimento híbrido de surpresa, amor e sofrimento que aquele homem estranho despertara nele desde o primeiro olhar, e sentiu pena. “O que será dele agora?”, pensou. “Sem dinheiro, sem roupas para o frio, sozinho no meio da noite...” Teve vontade de mandar Zakhar buscá-lo imediatamente, mas era tarde.

– Está frio lá fora? – perguntou Diélessov.

– Bem gelado, Dmítri Ivánovitch – respondeu Zakhar. – Esqueci de informar ao senhor que é preciso comprar lenha para a temporada até a primavera.

– Então por que você me disse que ainda tinha lenha?

VII

Lá fora, de fato, fazia muito frio, mas Albert não sentia – a tal ponto estava encalorado pela bebida e pela discussão.

Ao sair para a rua, olhou ao redor e esfregou as mãos com alegria. A rua estava vazia, mas a comprida fila de lâmpões ainda brilhava com chamas vermelhas, o céu estava claro e estrelado. “O quê?”, disse, voltando-se para a janela iluminada do apartamento de Diélessov; e, depois de enfiar as mãos nos bolsos da calça, por baixo do casaco, e inclinar-se para a frente, Albert seguiu para o lado direito da rua, a passos pesados e incertos. Sentia um peso extraordinário nas pernas e na barriga, algo zumbia dentro da cabeça, uma espécie de força invisível o jogava de um lado para outro, mas ele continuava a andar para a frente, na direção da casa de Anna Ivánovna. Em sua mente, vagavam pensamentos estranhos, obscuros. Recordava ora a última discussão com Zakhar, ora, por algum motivo, o mar e sua chegada à Rússia num navio a vapor; ora uma noite feliz com um amigo numa cantina, diante da qual estava passando naquele momento, ora uma melodia conhecida começava a cantar de repente em sua imaginação e ele recordava o objeto de sua paixão e a noite terrível no teatro. Mas, apesar da incoerência, todas aquelas lembranças se apresentavam à sua imaginação com tamanha clareza que, de olhos fechados, ele não sabia o que era mais real: aquilo que ele fazia ou aquilo que ele pensava? Albert não lembrava nem sentia como suas pernas se moviam, como ele esbarrava cambaleante no muro, como

olhava em volta e como passava de uma rua para outra. Só lembrava e sentia as imagens que, de modo caprichoso, se sucediam e se embaralhavam em seu pensamento. Ao passar pela rua Málaia-Morskaia, Albert tropeçou e caiu. Voltando à razão por um momento, viu diante de si um prédio enorme e grandioso, e seguiu em frente. No céu, não se via nenhuma estrela, nem a aurora nem a lua, também não havia lâmpioes, porém todos os objetos se apresentavam com clareza. Nas janelas do prédio que se erguia no final da rua, ardiavam luzes, mas as luzes oscilavam como reflexos. O prédio crescia diante de Albert, cada vez mais próximo, cada vez mais claro. Mas as luzes se apagaram assim que ele entrou pela porta larga. Dentro, estava escuro. Os passos solitários ressoavam alto sob as abóbadas e sombras deslizavam em fuga ante sua aproximação. “Para que vim aqui?”, pensou Albert; mas uma espécie de força irresistível o empurrava para a frente, rumo ao vão de uma sala enorme... Lá havia uma espécie de palanque e, em volta, em silêncio, algumas poucas pessoas. “Quem vai falar?”, perguntou Albert. Ninguém respondeu, só um deles apontou para o palanque. Sobre o palanque, já havia um homem alto e magro, de cabelos eriçados e roupão de bolinhas. Albert logo reconheceu seu amigo Petrov. “Que estranho que ele esteja aqui!”, pensou. “Não, irmãos!”, exclamou Petrov, apontando para alguém. “Vocês não compreenderam o homem que vivia entre vocês; não o compreenderam! Ele não é um artista vendido, não é um intérprete mecânico, não é um louco, não é um homem perdido. É um gênio, um grande gênio da música, que sucumbiu entre vocês, sem ser notado e apreciado.” Albert imediatamente entendeu de quem seu amigo estava falando; mas, sem querer corrigi-lo, baixou a cabeça por modéstia.

“Como palha, ele ardeu até o fim, no fogo sagrado que todos nós cultuamos”, prosseguiu a voz. “Mas cumpriu tudo aquilo que Deus queria dele; por isso deve ser chamado de um grande homem. Vocês puderam desprezá-lo, atormentá-lo, humilhá-lo”, continuou a voz, cada vez mais alta. “Porém ele foi, é e será incomparavelmente mais elevado do que todos vocês. Ele é feliz, é bom. Ele ama e despreza a tudo e todos igualmente, não faz diferença, e serve apenas aquilo que lhe foi determinado das alturas. Ele só ama uma coisa: a beleza, o único bem incontestável no mundo. Sim, ele é assim! Curvemo-nos todos diante dele, de joelhos!”, gritou bem alto.

Mas outra voz começou a falar baixo, do lado oposto da sala. “Não quero ficar de joelhos diante dele”, disse a voz, que Albert logo reconheceu como a de Diélessov. “Por que ele é grande? E por que temos de nos ajoelhar diante dele? Por acaso se comportou de forma honrada e justa? Por acaso foi de algum proveito para a sociedade? Por acaso não sabemos que pegava dinheiro emprestado e não devolvia, que levou o violino de um camarada artista e o perdeu?...” (“Meu Deus! Como sabe disso tudo?”, pensou Albert, baixando ainda mais a cabeça.) “Por acaso não sabemos que bajulou as pessoas mais insignificantes, e bajulou por dinheiro?”, continuou Diélessov. “Não sabemos que o expulsaram do teatro? Que Anna Ivánovna quis entregá-lo à polícia?” (“Meu Deus! Tudo isso é verdade, mas interceda em meu favor”, exclamou Albert, “só você sabe por que fiz isso.”)

“Basta, tenha vergonha”, exclamou de novo a voz de Petrov. “Que direito tem o senhor de acusá-lo? Por acaso o senhor viveu a vida dele? Experimentou seus êxtases?” (“É verdade! É verdade!”, murmurou Albert.) “A arte é a manifestação suprema da força que há no homem. Ela é dada a raros eleitos e ergue seus eleitos a tal altura que, lá, a cabeça chega a rodar e é difícil manter-se são. Na arte, como em toda luta, existem heróis que devotam tudo à sua adoração e que sucumbem sem alcançar seu objetivo.”

Petrov calou-se e Albert ergueu a cabeça e gritou bem alto: “É verdade! É verdade!”, mas sua voz morreu sem emitir som nenhum.

“Isso não é da sua conta”, dirigiu-se a ele o pintor Petrov, com severidade. “Sim, vocês o humilham, o desprezam”, prosseguiu, “mas ele é melhor e mais feliz do que todos nós!”

Albert, com a alma em êxtase ao ouvir aquelas palavras, não se conteve, aproximou-se do outro e quis lhe dar um beijo.

“Suma daqui, não o conheço”, retrucou Petrov. “Siga seu caminho, do contrário você não vai

chegar...”

– Cuidado, bebeu demais! Você não vai chegar – gritou um guarda no cruzamento.

Albert se deteve, reuniu todas as suas forças e, tentando não oscilar, dobrou num beco.

Faltavam alguns passos para chegar até a casa de Anna Ivánovna. Da entrada, vinha uma luz que caía na neve do pátio e, junto ao portão, havia trenós e carruagens.

Agarrando o corrimão com os dedos enregelados, ele subiu correndo a escadinha da varanda e tocou a campainha.

O rosto sonolento da criada despontou na fresta da porta e ela olhou para Albert com ar zangado. “Não pode!”, gritou. “Mandaram não deixar”, e fechou a fresta da porta. Chegavam à escada sons de música e de vozes femininas. Albert sentou-se no chão, apoiou a cabeça na parede e fechou os olhos. No mesmo instante, uma multidão de imagens incoerentes, mas afins, o rodeou com força renovada, o carregou em suas ondas e o levou para algum lugar nos domínios livres e belos do devaneio. “Sim, ele é melhor e mais feliz!”, se repetiu, sem querer, em sua imaginação. Pela porta, vinham os sons de uma polca. Tais sons também diziam que ele era melhor e mais feliz! Numa igreja próxima, soou um sino e o sino dizia também: “Sim, ele é melhor e mais feliz”. “Mas vou entrar de novo na sala”, pensou Albert. “Petrov ainda tem muita coisa para me dizer.” Na sala, já não havia ninguém e, em lugar do pintor Petrov, sobre o palanque, estava o próprio Albert, que tocava no violino tudo aquilo que a voz dissera antes. Mas o violino era feito de um modo estranho: era todo de vidro. E era preciso abraçá-lo com os dois braços e, lentamente, comprimi-lo ao peito para que emitisse os sons. As notas eram meigas e encantadoras como Albert nunca tinha ouvido. Quanto mais forte apertava o violino no peito, maiores o bem-estar e a doçura que sentia. Quanto mais alto soavam as notas, mais depressa as sombras se dissipavam e mais as paredes da sala se iluminavam com uma luz cristalina. Porém era preciso tocar o violino com muito cuidado para não esmagá-lo. Albert tocava bem e com muito cuidado o instrumento de vidro. Tocava coisas que, sentia, ninguém jamais voltaria a ouvir. Já começava a se cansar quando outro som surdo e distante o distraiu. Era o som de um sino, mas aquele som pronunciou algumas palavras: “Sim”, disse o sino, zunindo alto e ao longe, em algum lugar. “Vocês têm pena dele, vocês o desprezam, mas ele é melhor e mais feliz! Ninguém jamais vai tocar outra vez esse instrumento.”

Aquelas palavras familiares de súbito pareciam tão inteligentes, tão novas e justas para Albert que ele parou de tocar e, tentando não se mexer, levantou as mãos e os olhos para o céu. Sentia-se belo e feliz. Apesar de não haver ninguém na sala, Albert aprumou o peito e, erguendo a cabeça com orgulho, postou-se sobre o palanque de modo que todos pudessem vê-lo. De repente a mão de alguém tocou de leve em seu ombro; virou-se e, na penumbra, viu uma mulher. Ela olhava para Albert com ar triste e balançou a cabeça negativamente. Ele logo compreendeu que aquilo que estava fazendo era ruim e sentiu vergonha. “Para onde, então?”, perguntou para ela. A mulher mais uma vez o fitou fixamente, por um bom tempo, e inclinou a cabeça com tristeza. Era aquela, exatamente aquela que ele amava, e suas roupas eram as mesmas, no pescoço branco e farto havia um colar de pérolas e os braços encantadores estavam despídos até os cotovelos. Ela o segurou pela mão e conduziu-o para fora da sala. “A saída é do outro lado”, disse Albert; no entanto, sem responder, ela sorriu e levou-o para fora. No limiar da sala, Albert viu a lua e a água. Mas a água não estava embaixo, como costuma acontecer, e a lua não estava no alto: um círculo branco num só lugar, como costuma acontecer. A lua e a água estavam juntas e em toda parte – no alto, embaixo, dos lados, ao redor de ambos. Albert e a mulher lançaram-se dentro da lua e da água e ele compreendeu que agora podia abraçar aquilo que amava mais que tudo no mundo; abraçou-a e sentiu uma felicidade insuportável. “Será que estou sonhando?”, perguntou-se; mas não! Era realidade, era mais do que realidade: era realidade e recordação. Ele sentiu que a felicidade indescritível em que se deliciava no minuto presente havia passado e nunca mais voltaria. “Por que estou chorando?”, perguntou para ela. Em silêncio, ela o fitou com ar triste. Albert entendeu o que ela queria dizer com aquilo. “Mas como pode ser, se estou vivo?”, exclamou Albert. Sem responder, ela olhava para a frente, imóvel. “Isso

é horrível! Como explicar a ela que estou vivo?”, pensou com horror. “Meu Deus! Estou vivo, compreenda!”, sussurrou. “Ele é melhor e mais feliz”, disse uma voz. Porém algo oprimia Albert com força cada vez maior. Seriam a lua e a água, os abraços ou as lágrimas dela? – Albert não sabia, no entanto sentia que não dizia o que era necessário e que, em pouco tempo, tudo estaria terminado.

Dois convidados, ao saírem da casa de Anna Ivánovna, esbarraram em Albert, estirado na soleira da porta. Um deles voltou e chamou a dona da casa.

– Isso é um escândalo – disse ele. – A senhora, desse jeito, vai matar o homem de frio.

– Ah, esse Albert me apronta cada uma! Olhe só onde deitou – disse a dona da casa. – Ánnuchka! Ponha o Albert em algum canto, num quarto qualquer – disse para uma criada.

– Mas eu estou vivo, para que vão me enterrar? – balbuciou Albert na hora em que o levavam sem sentidos para o quarto.

28 de fevereiro de 1858

TRÊS MORTES

I

Era outono. Pela estrada grande, iam duas carruagens a trote ligeiro. Na da frente, iam duas mulheres. Uma era a patroa, pálida, magra. A outra, a criada, gorda, corada e lustrosa. Cabelos secos e curtos despontavam por baixo do gorro desbotado, a mão vermelha, numa luva rasgada, de tempos em tempos ajeitava os fios de cabelo. O peito alto, coberto por um xale grosso, respirava com saúde, os olhos negros e ligeiros ora acompanhavam, pela janela, os campos que fugiam, ora lançavam um olhar tímido para a dama, ora espiavam inquietos os cantos da cabine da carruagem. Diante do nariz da criada, o chapéu da patroa balançava, pendurado numa bolsa de rede, sobre os joelhos jazia um cãozinho, os pés da criada estavam erguidos sobre umas caixas no chão e tamborilavam sobre elas, mas quase não se ouvia o som, por causa do barulho dos solavancos das molas e da trepidação dos vidros.

Com as mãos sobre os joelhos e os olhos fechados, a patroa sacudia-se debilmente sobre os travesseiros colocados por trás de suas costas e, com o rosto um pouco franzido, tossia para dentro. Trazia uma touca de noite branca na cabeça e um lenço azul amarrado no pescoço pálido e delicado. Uma risca reta, que despontava por baixo da touca, dividia o cabelo ruivo, empomadado e extraordinariamente liso, e havia algo de seco e morto na brancura da pele daquela risca larga. A pele murcha e um pouco amarelada recobria de maneira flácida os contornos finos e bonitos do rosto e se avermelhava nas bochechas e nos malaras. Os lábios estavam secos e inquietos, os pelos escassos das pestanas não eram curvos e seu agasalho de viagem feito de feltro formava dobras retas sobre o peito afundado. Apesar de os olhos estarem fechados, o rosto da patroa exprimia cansaço, irritação e um sofrimento constante.

Na boleia, o lacaio cochilava recostado em seu assento, o cocheiro da carruagem de posta, gritando com energia, aticava os quatro fortes cavalos suados, de vez em quando voltando o olhar para o outro cocheiro, que gritava atrás, numa caleche. As trilhas paralelas e largas das rodas estendiam-se regulares e bem marcadas pela estrada lamacenta de calcário. O céu estava cinzento e frio, a neblina úmida se espalhava no campo e na estrada. Dentro da carruagem, havia barulho e um cheiro de água-de-colônia e

de poeira. A enferma inclinou a cabeça para trás e abriu os olhos lentamente. Os olhos grandes eram brilhantes e de uma encantadora cor escura.

– De novo – disse ela nervosa, afastando com a mão magra e bonita a ponta da manta da criada, que roçou de leve sua perna, e sua boca se torceu com ar de dor.

Matriocha recolheu a manta com as duas mãos, pôs-se de pé sobre as pernas fortes e sentou-se mais longe. Um rubor claro cobria seu rosto fresco. Os olhos escuros e encantadores da enferma seguiam com avidez os movimentos da criada. A patroa apoiava-se com as mãos no assento e também quis levantar-se a fim de se acomodar mais acima; no entanto as forças lhe faltaram. Sua boca se torceu e o rosto inteiro se desfigurou numa expressão de ironia impotente e cruel.

– Quem dera você me ajudasse!... Ah! Não precisa! Eu me viro sozinha, só não ponha nas minhas costas essas suas trouxas ou sei lá o que são, por gentileza!... E é melhor não tocar em mim, senão é capaz de fazer nada de bom! – A patroa fechou os olhos e, erguendo depressa as pálpebras outra vez, espiou a criada.

Matriocha, olhando para ela, mordida o lábio inferior vermelho. Um suspiro profundo ergueu-se do peito da enferma, mas o suspiro, antes de chegar ao fim, foi cortado pela tosse. Ela se virou, contraiu-se e segurou o peito com as mãos. Quando a tosse passou, abriu os olhos de novo e continuou sentada imóvel. A carruagem e a caleche entraram num povoado. Matriocha retirou a mão gorda de sob o xale e fez o sinal da cruz.

– O que é isso?

– Uma estação, senhora.

– Por que fez o sinal da cruz? É o que estou perguntando.

– Uma igreja, senhora.

A enferma virou-se para a janela e, devagar, começou a se benzer, fitando com os olhos arregalados a grande igreja rural que sua carruagem contornava.

A carruagem e a caleche pararam juntas diante da estação. Da caleche, desceram o marido da enferma e um médico e ambos se aproximaram da carruagem.

– Como a senhora está se sentindo? – perguntou o médico, enquanto tomava seu pulso.

– E então, minha amiga, como está, ficou cansada? – perguntou o marido em francês. – Não gostaria de descer?

Matriocha apanhou as trouxas e espremeu-se num canto para não atrapalhar a conversa.

– Vou indo, na mesma – respondeu a enferma. – Não vou descer.

Depois de ficar um pouco ali, o marido entrou na casa da estação de muda de cavalos. Matriocha pulou para fora da carruagem e correu na ponta dos pés sobre a lama até o portão.

– O fato de eu não estar bem não é motivo para o senhor não almoçar – disse a enferma sorrindo de leve para o doutor, que estava de pé junto à janela.

“Ninguém se importa comigo”, acrescentou para si mesma, assim que o médico se afastou em passos silenciosos e subiu ligeiro a escadinha da entrada da estação. “Para eles, tanto faz, está tudo bem. Ah! Meu Deus!”

– E então, Eduard Ivánovitch – disse o marido ao encontrar o médico e esfregando as mãos com um sorriso alegre. – Mandei trazer a arca de mantimentos. O que o senhor acha?

– Pode ser – respondeu o médico.

– E então, como está ela? – perguntou o marido com um suspiro, baixando a voz e levantando as sobrancelhas.

– Eu avisei: ela não aguenta chegar à Itália, e não é só isso... Só se Deus ajudar chega a Moscou. Ainda mais com este tempo.

– E o que vou fazer então? Ah, meu Deus! Meu Deus! – O marido cobriu os olhos com a mão. – Traga para cá – acrescentou para o criado que entrou com a arca de mantimentos.

– Era melhor ter ficado lá – respondeu o médico, encolhendo os ombros.

– Mas, me diga, o que eu podia fazer? – retrucou o marido. – Pois empreguei todos os meios para contê-la, falei sobre os custos, sobre os filhos que tivemos de deixar, e sobre meus negócios... Ela não quis ouvir nada. Faz planos de uma vida no exterior, como se estivesse saudável. E falar com ela sobre seu estado de saúde, isso seria o mesmo que matá-la.

– Mas ela já está morta, o senhor precisa saber disso, Vassíli Dmítritch. Um ser humano não pode viver quando não tem pulmões e os pulmões não podem nascer de novo. É triste, é deprimente, mas o que fazer? O meu papel e o do senhor são apenas cuidar para que o fim dela seja o mais sereno possível. É preciso um padre confessor.

– Ah, meu Deus! O senhor pense na minha situação, tendo que lembrá-la de seu testamento. Aconteça o que acontecer, não vou falar disso com ela. O senhor sabe como é bondosa...

– Mesmo assim, tente convencê-la a ficar aqui até a abertura das estradas de inverno – disse o médico, balançando a cabeça com ar pensativo. – Senão, algo pior pode ocorrer no caminho...

– Aksiucha, Aksiucha! – gritou a filha do encarregado da estação, jogando um casaco sobre a cabeça a pisando a enlameada varanda dos fundos. – Vamos ver a dama que veio de Chirkino, dizem que vão levá-la para o estrangeiro por causa de uma doença no peito. Eu nunca vi como fica uma pessoa quando tem tuberculose.

Aksiucha apareceu de repente na porta e as duas, de mãos dadas, correram pelo portão. Diminuindo o passo, passaram pela carruagem e deram uma espiada pela janela abaixada. A enferma virou a cabeça para elas, porém, ao notar a curiosidade das meninas, fechou a cara e deu as costas para elas.

– Nossa mãe! – disse a filha do encarregado da estação, virando a cabeça rápido. – Antes era bonita demais, e agora como é que ficou! Chega a dar medo. Viu, viu só, Aksiucha?

– Vi, como está magra! – concordou Aksiucha. – Vamos olhar mais uma vez, finge que a gente está indo para o poço. Olhe, ela virou a cara, mas eu ainda vi um pouquinho. Que pena dá na gente, Macha.

– É, mas quanta lama! – respondeu Macha, e as duas voltaram correndo pelo portão.

“Pelo visto, estou com péssimo aspecto”, pensou a enferma. “Quem dera eu fosse logo para o exterior, lá ia me curar logo.”

– Então, como vai, minha amiga? – perguntou o marido, aproximando-se da carruagem e mastigando um bocado de comida.

“Sempre a mesma pergunta”, pensou a enferma. “E ainda por cima está comendo!”

– Vou indo! – disse ela, entre dentes.

– Sabe, minha amiga, receio que você piore na estrada com este tempo e Eduard Ivánovitch diz a mesma coisa. Não será melhor voltarmos?

Com ar zangado, ela nada respondeu.

– O tempo vai melhorar depois, a estrada vai ficar melhor e você vai ficar melhor; então iremos todos juntos.

– Desculpe. Se eu não tivesse dado ouvidos a você, tempos atrás, estaria agora em Berlim e minha saúde estaria ótima.

– O que fazer, meu anjo? Era impossível, você sabe. Mas agora, se você ficasse mais um mês, teria uma melhora formidável; eu teria terminado meus negócios e levaríamos os filhos conosco...

– As crianças estão bem de saúde, e eu não.

– Mas convenhamos, minha amiga, com este tempo, se você piorar na estrada... pelo menos você estaria em casa.

– Como assim, estaria em casa?... Para morrer em casa? – retrucou a enferma, enfurecida. Mas a palavra *morrer*, pelo visto, assustou-a e ela fitou o marido com ar indagador e suplicante. Ele baixou os olhos e ficou em silêncio. A boca da enferma de repente se torceu de um jeito infantil e lágrimas escorreram dos olhos. O marido cobriu o rosto com um lenço e se afastou da carruagem em silêncio. –

Não, eu vou em frente – disse a enferma, erguendo os olhos para o céu, cruzou os braços e começou a murmurar palavras incoerentes. – Meu Deus! Mas para quê? – disse, e as lágrimas correram com mais força. Ela rezou com fervor e por muito tempo, mas seu peito doía e apertava muito, o céu e os campos estavam cinzentos e turvos, a mesma neblina de outono, nem mais densa nem mais rala, mas exatamente igual, se espalhava sobre a lama da estrada, sobre os telhados, a carruagem e os casacos de pele de carneiro dos cocheiros, que, conversando com voz forte e alegre, punham graxa na carruagem e atrelavam os cavalos...

II

A carruagem estava pronta, mas o cocheiro demorava. Tinha ido à isbá dos cocheiros. Lá dentro era quente, abafado, escuro e opressivo, tinha cheiro de alojamento, de pão assado, de repolho e de pele de carneiro. Alguns cocheiros estavam na sala, a cozinheira estava atarefada junto ao fogão da estufa, um homem doente jazia deitado sobre a estufa, envolto em peles de carneiro.

– Tio Khvédor! Ei, tio Khvédor – disse o cocheiro de casaco de pele de carneiro e com um chicote preso no cinto ao entrar na sala, dirigindo-se ao enfermo.

– O que é isso, rapaz, para que incomodar o Fiedka? – retrucou um dos cocheiros. – Vai embora, estão esperando você na carruagem.

– Quero pedir as botas; as minhas arrebentaram – respondeu o rapaz, jogando os cabelos para trás e ajeitando as luvas por trás do cinto. – Pegou no sono? Ei, tio Khvédor! – repetiu, aproximando-se da estufa.

– O que é isso? – ouviu-se uma voz fraca e um rosto magro e ruivo levantou-se um pouco da estufa. A mão comprida, descarnada e pálida, coberta de pelos, puxou um agasalho de aniagem por cima do ombro pontudo, coberto por uma camisa imunda. – Dê alguma coisa para eu beber, irmão; o que você quer?

O rapaz lhe deu uma cumbuca com água.

– Escute, Fiédia – disse, mudando o pé de apoio, embaraçado. – Acho que agora você não vai mais precisar das botas novas; dê para mim, parece que você não vai andar mais.

Depois de baixar a cabeça cansada sobre a cumbuca lustrosa e mergulhar na água escura os ralos fios do bigode caído, o enfermo bebeu, sôfrego e fraco. Sua barba emaranhada estava suja, os olhos fundos e turvos se ergueram com dificuldade para o rosto do rapaz. Depois de afastar-se da água, ele quis levantar a mão para enxugar os lábios molhados, mas não conseguiu e enxugou-se nas mangas do casaco de aniagem. Calado, ofegante, respirando pelo nariz, fitou o rapaz bem nos olhos, enquanto reunia suas forças.

– Talvez você já tenha prometido dar para alguém – disse o rapaz. – Aí, não adianta. O negócio é que a terra está encharcada e tenho de ir para o trabalho e aí pensei assim: vou lá pedir as botas do Fiedka, talvez ele não precise. Mas se vão fazer falta para você, diga...

Algo começou a roncar e borbulhar dentro do peito do enfermo; ele se curvou e deu umas tossidas roucas e insistentes.

– Que fazer falta, nada – em tom zangado e sem ninguém esperar, a voz da cozinheira encheu toda a isbá. – Já tem dois meses que não se levanta da estufa. Olhe como se mata de tossir, dói dentro da gente só de ouvir. Para que ele precisa das botas? Não vai ser enterrado com botas novas. Já passou da hora faz tempo, Deus me perdoe este pecado. Olhe como se mata de tossir. Era melhor levar o homem para outra isbá ou sei lá para onde! Ouvi dizer que tem hospitais para isso na cidade; a verdade é que aqui ele toma um canto inteiro, e pronto. Não sobra espaço para a gente. E também reclamam da limpeza.

– Ei, Serega! Vá para sua boleia, os patrões estão esperando – gritou o chefe da estação de posta.

Serega fez menção de sair sem esperar a resposta, mas o enfermo, enquanto tossia, fez com os olhos um sinal de que queria falar.

– Pegue as botas, Serega – disse, reprimindo a tosse e descansando um pouco. – Só escute aqui uma coisa: compre uma pedra para mim quando eu morrer – acrescentou, ofegante.

– Obrigado, tio, vou pegar, e a pedra, pode deixar que eu compro.

– Aí, pessoal, vocês ouviram – ainda conseguiu falar o enfermo, antes de se curvar de novo e sentir-se sufocado.

– Certo, a gente ouviu – respondeu um dos cocheiros. – Vá para a sua boleia, Serega, o chefe está chamando de novo. Olhe que a patroa de Chirkino está doente.

Serega livrou-se de suas botas grandes, rasgadas, de tamanhos diferentes, e jogou-as embaixo de um banco. As botas novas do tio Fiódor prontamente calçaram seus pés e Serega, olhando para elas, saiu na direção da carruagem.

– Puxa, que botas ótimas! Deixe eu dar uma engraxada – disse o cocheiro com a graxa na mão, na hora em que Serega subiu na boleia e segurou as rédeas. – Ele deu de graça?

– Está com inveja? – retrucou Serega, levantando-se um pouco e enrolando nas pernas as abas do casaco de aniagem. – Vamos embora! Eh, meus queridos! – gritou para os cavalos, brandindo o chicote; e a carruagem e a caleche, com seus passageiros, malas e arcas de couro rolaram ligeiras pela estrada encharcada, sumindo no nevoeiro cinzento do outono.

O cocheiro doente ficou sobre a estufa na isbá abafada e, sem expectorar, virou-se com esforço para o outro lado e dormiu.

Na isbá, até de tarde, entravam, saíam e comiam – ninguém notava o enfermo. Ao anoitecer, a cozinheira subiu na estufa e puxou o casaco de pele de carneiro que estava embaixo das pernas dele.

– Não fique brava comigo, Nastássia – exclamou o enfermo. – Logo vou deixar o canto livre para você.

– Tudo bem, tudo bem, puxa, não é nada – balbuciou Nastássia. – Mas o que é que está doendo em você, tio? Fale.

– Dentro, está tudo ruim. Só Deus sabe o que é.

– Não é a garganta que dói quando tosse?

– Dói tudo. Minha morte chegou, é isso. Ah, ah, ah! – gemeu o enfermo.

– Cubra melhor as pernas, assim – disse Nastássia, esticando o casaco de aniagem em cima dele, no caminho, enquanto descia da estufa.

De noite, o candeeiro brilhava fraco dentro da isbá. Nastássia e uns dez cocheiros dormiam roncando no chão e nos bancos. Só o enfermo respirava sem força, gemia e rolava de um lado para o outro sobre a estufa. Quando amanheceu, ele estava completamente quieto.

– Hoje vi uma coisa incrível no meu sonho – disse a cozinheira, espreguiçando-se na penumbra da manhã. – Vi o tio Khvédor descer da estufa e sair para cortar lenha. Ei, Nástia, ele me disse, deixe eu ajudar você; e eu respondi: Como é que vai conseguir cortar lenha? E na mesma hora ele pegou o machado e começou a cortar com tanta agilidade, tanta agilidade, que eu só via as lascas voando. Como é que pode?, eu disse, se você estava doente. Não, ele disse, eu estou bom, e brandiu o machado de um jeito que fiquei até com medo, que coisa! Então dei um grito e acordei. Será que ele morreu? Tio Khvédor! Ei, titio!

Fiódor não reagiu.

– Puxa, será que morreu? Vou dar uma olhada – disse um dos cocheiros que tinham acordado.

A mão magra que pendia na estufa, coberta por pelos castanho-claros, estava fria e pálida.

– Vá avisar ao encarregado da estação, parece que morreu – disse o cocheiro.

Fiódor não tinha parentes – era de longe. No dia seguinte, o enterraram no cemitério novo, do outro lado do bosque, e durante alguns dias Nastássia contou a todos sobre o sonho que tivera e dizia que ela foi a primeira a se lembrar do tio Fiódor.

Chegou a primavera. Nas ruas molhadas da cidade, pequenos regatos corriam borbulhantes entre bloquinhos de gelo sujos de esterco; a cor das roupas e os sons da voz do povo em movimento eram radiantes. Nos jardimzinhos atrás das cercas, os brotos das árvores inchavam e os ramos balançavam no

vento fresco, quase sem fazer barulho. Em toda parte, gotas cristalinas escorriam, pingavam... Pardais davam pios incoerentes e esvoaçavam com suas asas miúdas. Do lado do sol, nas cercas, nas casas e nas árvores, tudo se mexia e brilhava. Havia juventude e alegria no céu, na terra e no coração do homem.

Numa das ruas principais, diante de uma grande casa senhorial, estendiam palha fresca; dentro da casa, estava a mesma enferma moribunda que tinha pressa de ir para o exterior.

Junto à porta fechada do quarto, estavam o marido da enferma e uma mulher mais velha. Sentado no sofá, o padre, de olhos baixos, segurava alguma coisa embrulhada numa estola. No canto, numa poltrona reclinada, jazia uma velhinha – a mãe da enferma –, que chorava com amargura. Perto dela, a criada segurava um lenço limpo, à espera de que a velha o pedisse; outra criada esfregava alguma coisa nas têmporas da velha e borrifava algo na cabeça grisalha por baixo da touca.

– Bem, Cristo esteja com a senhora, minha amiga – disse o marido para a mulher mais velha que estava com ele de pé, junto à porta. – Ela tem muita confiança na senhora, e a senhora sabe como falar com ela, convença-a, por favor, minha querida, vá.

Ele fez menção de abrir a porta para ela; mas a mulher, sua prima, o conteve, levou o lenço aos olhos algumas vezes e balançou a cabeça.

– Pronto, agora não parece que chorei – disse, abriu a porta ela mesma e entrou.

O marido, sob forte emoção, parecia completamente desorientado. Fez menção de se dirigir à velhinha; porém, depois de alguns passos, deu meia-volta, cruzou a sala e aproximou-se do padre. O padre olhou para ele, ergueu as sobrancelhas para o céu e deu um suspiro. A barba densa e cinzenta também se moveu para cima e para baixo.

– Meu Deus! Meu Deus! – disse o marido.

– O que fazer? – disse o sacerdote suspirando, e mais uma vez as sobrancelhas e a barba se moveram para cima e para baixo.

– E a mãezinha dela está aqui! – exclamou o marido quase em desespero. – Ela não vai suportar isso. Ama tanto, ama tanto a filha, como é que ela... eu não sei. Quem sabe, meu caro, o senhor podia tranquilizá-la e convencê-la a ir embora.

O padre levantou-se e aproximou-se da velhinha.

– Na verdade, senhora, ninguém pode avaliar o que é um coração de mãe – disse. – No entanto Deus é misericordioso.

De repente o rosto da velhinha começou a agitar-se muito e ela teve um ataque de soluços histéricos.

– Deus misericordioso – prosseguiu o padre, quando a velhinha se acalmou um pouco. – Vou contar para a senhora, na minha paróquia havia um enfermo, muito pior do que Mária Dmítrievna, e então uma mulher simples, do povo, curou-o com ervas, em pouco tempo. E essa mulher simples agora está até em Moscou. Falei com Vassíli Dmítrievitch... ele podia experimentar. Pelo menos traria um consolo à enferma. Para Deus, tudo é possível.

– Não, ela não vai viver mais – disse a velhinha. – Em vez de mim, Deus está levando a ela. – E os soluços histéricos ficaram mais fortes, a tal ponto que a mulher perdeu os sentidos.

O marido da enferma cobriu o rosto com as mãos e saiu depressa da sala.

No corredor, a primeira pessoa que o encontrou foi um menino de seis anos, que corria esbaforido atrás de uma menina menor.

– E então, o senhor não vai mandar levar as crianças para ver a mãe? – perguntou a babá.

– Não, ela não quer vê-los. Vai irritá-la.

O menino parou um minuto, fitando fixamente o rosto do pai, e de súbito deu um coice com o pé e seguiu correndo, com um grito.

– Ela está fingindo que é um cavalo murzelo, papai! – gritou o menino, apontando para a irmã.

Enquanto isso, no quarto, a prima estava sentada junto à enferma e, com uma conversa habilmente

conduzida, tentava prepará-la para a ideia da morte. O médico, ao lado da janela do outro lado, misturava uma bebida.

A enferma, de camisolão branco, toda apoiada em travesseiros, estava sentada no leito e olhava em silêncio para a prima.

– Ah, minha amiga – disse ela, interrompendo-a de modo inesperado. – Não precisa me prevenir. Não me tome por uma criança. Sou cristã. Sei tudo. Sei que não vou viver muito tempo, sei que se meu marido tivesse me dado ouvidos antes eu estaria na Itália e, talvez, ou com toda a certeza, estaria curada. Todos diziam isso para ele. Mas o que fazer, parece que é a vontade de Deus. Todos temos muitos pecados, eu sei; mas tenho esperança na misericórdia de Deus, que vai perdoar tudo, acredito, vai perdoar tudo. Tento compreender a mim mesma. E tenho muitos pecados, minha amiga. Em compensação, quanto eu sofri. Tentei suportar meu sofrimento com paciência...

– Quer que eu chame o padre, minha amiga? A senhora vai sentir-se mais aliviada, depois que tiver comungado – disse a prima.

A enferma inclinou a cabeça em sinal de concordância.

– Deus! Perdoe-me, sou uma pecadora – sussurrou.

A prima saiu e piscou para o padre.

– É um anjo! – disse ela para o marido, com lágrimas nos olhos.

O marido começou a chorar, o padre cruzou a porta, a velhinha continuava sem sentidos e, no quarto, o silêncio era completo. Cinco minutos depois, o padre saiu pela porta, retirou a estola dos ombros e arrumou os cabelos.

– Graças a Deus, agora ela está mais serena – disse. – Quer ver vocês.

A prima e o marido entraram no quarto. A enferma chorava em silêncio, olhando para um ícone.

– Congratulações, minha amiga – disse o marido.

– Muito obrigada! Como me sinto bem agora, que doçura inexplicável estou sentindo – disse a enferma, e um leve sorriso passou pelos lábios finos. – Como Deus é misericordioso! Não é verdade que Ele é misericordioso e todo-poderoso? – E novamente, numa prece sôfrega, fitou o ícone com os olhos cheios de lágrimas.

Em seguida, de repente, pareceu lembrar-se de uma coisa. Fez sinais para o marido chegar perto.

– Você nunca quer fazer o que eu peço – disse com voz fraca e descontente.

O marido, esticando o pescoço, ouvia, submisso.

– O que foi, minha amiga?

– Quantas vezes eu lhe disse que esse médico não sabe nada, existem curandeiras simples, que curam... O padre me disse... uma pessoa do povo... Chame.

– Chamar quem, minha amiga?

– Meu Deus! Ele não quer entender nada!... – E a enferma franziu o rosto e fechou os olhos.

O médico aproximou-se e segurou a mão dela. Era evidente que o pulso estava cada vez mais fraco. Ele piscou para o marido. A enferma notou o gesto e olhou ao redor, assustada. A prima virou-se de costas e começou a chorar.

– Não chore, não atormente a si e a mim – disse a enferma. – Isso me tira o que resta de tranquilidade.

– Você é um anjo! – disse a prima, beijando sua mão.

– Não, beije aqui, só se beija a mão dos mortos. Meu Deus! Meu Deus!

Naquela mesma noite, a enferma já era um corpo e o corpo estava dentro de um caixão, na sala da casa-grande. No cômodo amplo com as portas fechadas, um sacristão estava sentado e, com voz fanhosa e contida, lia um salmo de Davi. A luz clara das velas de cera dos altos candelabros de prata batia na testa pálida da falecida, nas mãos pesadas, cor de cera, nas dobras petrificadas da mortalha, que se levantava de modo aterrorador nos dedos dos pés e nos joelhos. O sacristão lia ritmadamente sem levantar

a voz e, na sala silenciosa, as palavras ressoavam e se extinguíam de modo estranho. De vez em quando, chegavam de um cômodo remoto sons de vozes de crianças e de seus passos.

“Escondes tua face e eles se apavoram”, rezava o salmo. “Retiras deles o fôlego e eles morrem, e voltam ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra. Que a glória do Senhor dure para sempre.”¹

O rosto da morta estava severo, calmo e imponente. Nem na testa fria e limpa, nem nos lábios cerrados com firmeza, nada se movia. Toda ela era atenção. Mas será que pelo menos agora entendia aquelas grandes palavras?

IV

Um mês depois, sobre o túmulo da falecida, erguia-se uma capela de pedras. Sobre o túmulo do cocheiro, ainda não havia pedra nenhuma e só o capim verde-claro irrompia sobre o montinho de terra que servia como único sinal da existência passada de um homem.

– Vai ser um pecado para você, Serega – disse uma vez a cozinheira, na estação de muda de cavalos –, se não comprar uma pedra para o Khvédor. Você disse: está no inverno, está no inverno, mas e agora, como é que não cumpre sua palavra? Falou na minha frente. Ele já veio uma vez pedir para você e, se não comprar, vai vir de novo, vai estrangular você.

– Mas por acaso eu disse que não? – retrucou Serega. – Vou comprar uma pedra, como disse, vou comprar, sim, vou comprar por um rublo e meio. Eu não esqueci, só que tem de transportar. Quando eu tiver uma chance de ir à cidade, eu compro.

– Pelo menos podia ter colocado uma cruz, puxa vida – reagiu um velho cocheiro. – Senão fica muito feio. Está usando as botas.

– E onde é que vou arranjar uma cruz? Vou cortar lenha na mata?

– O que está dizendo? Não pode cortar lenha, então pegue um machado, vá cedinho na mata e corte. Corte um freixo ou alguma coisa assim. Pode fazer uma capelinha. Vai lá, quem sabe, dê uma vodca para o guarda-florestal deixar. Não tem fim, para qualquer besteira a gente tem de dar bebida para eles. Olhe, outro dia quebrei um varal de atrelar cavalos, cortei madeira e fiz um novo que ficou uma beleza, e ninguém deu um pio.

De manhã cedinho, quase ao raiar do dia, Serega pegou o machado e foi para a mata.

Em toda parte, jazia a fria e turva mortalha do orvalho, que ainda estava caindo, não iluminada pelo sol. O nascente clareava de modo imperceptível, refletindo sua luz fraca na abóbada do céu, velada por nuvens finas. Nenhum capim embaixo, nenhuma folha nos galhos altos das árvores se mexia. Só de vez em quando se ouviam sons de asas na folhagem densa de uma árvore ou um farfalhar na terra rompia o silêncio da mata. De repente, um som estranho, alheio à natureza, se espalhou e morreu nos limites da mata. Mas ouviu-se o som outra vez e começou a se repetir de modo ritmado, mais abaixo, em torno do tronco de uma das árvores imóveis. O topo de uma das árvores começou a estremecer de maneira estranha, centenas de suas folhas começaram a cochichar e um pisco-de-peito-ruivo, que estava num de seus ramos, sacudiu as asas duas vezes, deu um assovio e, contraindo a cauda, pousou em outra árvore.

O machado batia embaixo cada vez mais fundo, centenas de lascas brancas voavam sobre o capim orvalhado e se ouviu um ligeiro estalo por trás dos golpes. A árvore tremeu inteira, inclinou-se e se aprumou depressa, oscilando assustada sobre suas raízes. Por um instante, tudo ficou em silêncio, no entanto a árvore mais uma vez se inclinou, mais uma vez se ouviu um estalo em seu tronco, e, quebrando os galhos e curvando os ramos, ela desabou, de uma ponta à outra, sobre a terra molhada. Os sons do machado e de passos silenciaram. O passarinho cantou e voou mais para o alto. O ramo que ele havia

roçado com suas asas balançou algum tempo e, como os demais, se aquietou com todas as suas folhas. As árvores ostentaram, com ainda mais alegria, seus ramos imóveis naquele novo espaço aberto.

Os primeiros raios do sol que romperam através das nuvens reluziram no céu e dispararam pela terra e pelo céu. A neblina começou a escoar em ondas pelos vales, o orvalho, brilhando, cintilava nas folhagens, nuvens transparentes e esbranquiçadas dispersavam-se ligeiras pela abóbada azulada. Passarinhos esvoaçavam dentro das folhagens e, como que desconcertados, gorjeavam algo feliz; centenas de folhas sussurravam alegres e tranquilas nas copas, e os ramos das árvores vivas puseram-se a balançar, lentos e majestosos, acima da árvore tombada, morta.

POLIKUCHKA

I

– A senhora é quem manda, patroa! Só que dá pena dos Dútlov. Todos eles são gente boa; e se a senhora não mandar pelo menos um servo doméstico, vai ter de ir um dos Dútlov mesmo, não tem jeito – disse o administrador. – E agora todo mundo está apontando para eles. Mas a senhora é quem manda.

E trocou a posição das mãos, cruzou a direita sobre a esquerda, apoiou as duas na frente da barriga, inclinou a cabeça para o outro lado, contraiu os lábios finos até quase estalarem, ergueu os olhos e ficou em silêncio, com a visível intenção de se manter calado por muito tempo e ouvir, sem fazer objeção, todos os absurdos que a patroa certamente ia lhe dizer.

Esse administrador era um dos servos domésticos, de barba raspada, casacão comprido (no feito especial dos administradores), e naquela tarde de outono apresentava um relatório à sua patroa. No entendimento da patroa, seu papel no relatório consistia apenas em escutar a prestação de contas dos negócios anteriores da propriedade rural e dar as ordens relativas aos negócios futuros. No entendimento do administrador, Iégor Mikháilovitch, o relatório era uma cerimônia em que ele devia permanecer de pé sobre as pernas tortas, num canto, com o rosto virado para o sofá, ouvindo todo o palavrório e todas as digressões da patroa até que, em pouco tempo e por diversos meios, ela afinal respondesse com impaciência “Está bem, está bem” a toda e qualquer proposta de Iégor Mikháilovitch.

Dessa vez, tratava-se do recrutamento de soldados. Pokróvskoie tinha de mandar três recrutas. Dois, sem dúvida, foram indicados pelo destino, devido à coincidência de circunstâncias familiares, morais e econômicas. A respeito deles, não podia haver hesitação nem discussão, tanto por parte da comuna camponesa, o *mir*, quanto por parte da patroa, nem por parte da opinião pública. O terceiro recruta era objeto de debate. O administrador queria defender os três Dútlov e mandar em seu lugar o servo doméstico Polikuchka, que tinha péssima reputação e já fora apanhado roubando sacos, arreios e feno; já a patroa, que muitas vezes aflagava os filhos esfarrapados de Polikuchka e, por meio de ensinamentos evangélicos, tentava promover o aprimoramento moral de seu servo, não queria mandá-lo. Ao mesmo tempo, não queria também causar mal aos Dútlov, que ela não conhecia e nunca tinha visto. No entanto, por algum motivo, não conseguia de jeito nenhum entender a situação, e o administrador não se decidia a explicar de modo direto que, caso Polikuchka não fosse, iria um Dútlov.

– Sim, eu não quero causar a infelicidade dos Dútlov – disse ela com sinceridade.

“Se a senhora não quer, então pague trezentos rublos por um recruta” – era o que ele precisava responder à patroa. Mas a política não permitia isso.

Assim, Iégor Mikháilovitch se limitava a ficar olhando com calma, até se encostou disfarçadamente na ombreira da porta, mantendo no rosto a expressão de servilismo, e pôs-se a observar como os lábios da patroa se mexiam, como as fitinhas de seu gorro sacudiam, junto com sua sombra na parede, abaixo de um quadrinho. Porém, no geral, ele não achava necessário penetrar no significado do que ela falava. A patroa falou demais e por muito tempo. Ele sentiu, atrás das orelhas, o impulso de bocejar; mas habilmente substituiu aquele tremor por uma tosse abafada pela mão, e fingiu pigarrear. Há pouco tempo, vi lorde Palmerston¹ sentado, de chapéu na cabeça, na hora em que um membro da oposição vituperava contra o ministério, e de repente o lorde levantou-se e, num discurso de três horas, retrucou a todos os pontos do opositor; vi isso e não me admirei, porque tinha visto mil vezes algo parecido entre Iégor Mikháilovitch e sua patroa. Se temesse pegar no sono ou se percebesse que ela já estava se exaltando demais, o administrador passava o peso do corpo da perna esquerda para a direita e dava início a um preâmbulo sacramental, que começava assim:

– A senhora é quem manda, patroa, só que... só que agora a assembleia dos camponeses está reunida na frente do meu escritório e é preciso pôr um ponto-final nesse assunto. A ordem diz que, antes do Dia de Pokrov,² é preciso levar os recrutas para a cidade. E os camponeses indicam os Dútlov, pois não há outros mesmo. E a comuna camponesa não leva em conta os interesses da senhora; para eles, tanto faz que os Dútlov fiquem na miséria. Mas eu sei como eles têm lutado. Olhe, desde que sou administrador, eles vivem na maior pobreza. O velhinho esperou tanto a chegada do sobrinho mais novo, e agora vai ser levado à ruína outra vez. E eu, se a senhora permite que lhe diga, me preocupo tanto com os interesses da senhora quanto com os meus. Dá pena, Excelência, mas seja como a senhora quiser! Não são meus parentes nem nada, não tenho nenhum negócio com eles...

– Sei, eu nem pensei nisso, Iégor – interrompeu a patroa, e na mesma hora imaginou que ele tinha sido subornado pelos Dútlov.

–...Só que eles têm a melhor lavoura entre os camponeses. São mujiques tementes a Deus, trabalhadores. O velho é estaroste há trinta anos, não bebe nada, não fala nenhum palavrão, vai à igreja. (O administrador sabia como persuadir.) E o mais importante, digo à senhora, ele tem só dois filhos, os outros são sobrinhos. A comuna camponesa está indicando os Dútlov, mas na verdade era preciso sortear entre os que têm um lote de dois filhos. Os outros que tinham três filhos se separaram, em seu descaramento, e agora estão bem, mas esses têm de sofrer por sua virtude.

Agora a patroa já não estava entendendo nada – não entendia o que significavam aquele “lote de dois filhos” e o que seria a tal “virtude”; apenas ouvia os sons e observava os botões de nanquim no casacão do administrador: o botão de cima, pelo visto, ele abotoava com menos frequência, por isso estava preso bem firme, mas no botão do meio a linha tinha afrouxado demais e ele já estava pendurado e fazia tempo que devia ter sido costurado de novo. No entanto, como todos sabem, numa conversa, sobretudo de negócios, não é necessário absolutamente entender o que estão dizendo, é preciso apenas lembrar o que queremos dizer. Assim também agia a patroa.

– Por que você não quer me entender, Iégor Mikháilovitch? – disse ela. – Não quero de forma nenhuma que Dútlov vá para o Exército. Acho que você me conhece bem e sabe que faço tudo o que posso para ajudar meus camponeses e não quero a infelicidade deles. Você sabe que estou disposta a sacrificar tudo para livrá-los dessa coerção triste e não ceder nem os Dútlov nem os Khoríúchkin. (Não sei se passou pela cabeça do administrador que, para livrá-los daquela triste coerção, não era necessário sacrificar *tudo*, bastavam trezentos rublos; mas esse pensamento podia facilmente lhe ocorrer.) Só vou lhe dizer uma coisa: não vou ceder o Polikei de jeito nenhum. Quando, depois daquela história do relógio, ele mesmo me confessou e chorou e prometeu que ia se reabilitar, conversei muito com ele e vi que estava comovido e que seu arrependimento era sincero. (“Pronto, começou a cantoria!”, pensou Iégor Mikháilovitch, e pôs-se a observar o xarope de frutas que estava dentro do copo de água da patroa: seria de laranja ou de limão? “Deve estar ácido”, pensou.) Faz seis meses que ele não se embriaga e vem se

comportando de modo excelente. A esposa me contou que ele se tornou outro homem. E como é que, agora que se reabilitou, você quer que eu o castigue? E não seria uma desumanidade mandar para o Exército um homem que tem cinco filhos e é o único sustento da família? Não, é melhor que não me fale mais disso, Iégor...

E a patroa pegou o copo e bebeu.

Iégor Mikháilovitch acompanhou a passagem da água pela garganta da patroa e em seguida fez sua objeção, de modo conciso e seco:

– Então a senhora vai mandar um Dútlov?

A patroa ergueu as mãos.

– Como é que você não consegue me entender? Por acaso eu quero a infelicidade de Dútlov, por acaso tenho alguma coisa contra ele? Deus é testemunha de que estou disposta a fazer tudo por ele. (Voltou o olhar para o quadro no canto, mas lembrou que não era uma imagem de Deus: “Bem, tanto faz, não vem ao caso”, pensou. Mais uma vez, é estranho que não tenha passado pela cabeça da patroa a ideia dos trezentos rublos.) Mas o que vou fazer? Você acha que sei o que fazer e como? Não tenho como saber. Bem, eu conto com você, você sabe o que eu quero. Faça de um jeito que todos fiquem satisfeitos, conforme a lei. O que fazer? Não é só ele. Todos passam por momentos difíceis. Só não pode mandar o Polikei. Entenda que isso seria uma coisa horrível da minha parte.

Ela ainda teria falado por mais tempo – estava muito animada; porém, naquele momento, entrou uma criada.

– O que foi, Duniacha?

– Chegou um mujique para perguntar ao Iégor Mikháilitch se ele quer que a assembleia espere mais – disse Duniacha e olhou para Iégor Mikháilovitch com ar zangado. (“Esse administrador não tem jeito”, pensou ela. “Deixou a patroa nervosa; agora de novo ela não vai me deixar dormir até duas horas.”)

– Então vá logo, Iégor – disse a patroa. – Faça o que achar melhor.

– Sim, senhora. (Já não disse mais nada sobre Dútlov.) E quem a senhora quer que eu mande pegar o dinheiro com o jardineiro?

– Petrucha ainda não voltou da cidade?

– Não, senhora.

– E o Nikolai não pode ir?

– O papai está de cama com dor nas costas – disse Duniacha.

– Não quer que eu mesmo vá lá amanhã? – perguntou o administrador.

– Não, você é necessário aqui, Iégor. (A patroa refletiu por um momento.) Quanto dinheiro é?

– Quatrocentos e sessenta e dois rublos, senhora.

– Mande o Polikei – disse a patroa, fitando resoluta o rosto de Iégor Mikháilovitch.

Com os dentes cerrados, o administrador esticou os lábios como se fosse sorrir, mas não mudou a expressão do rosto.

– Sim, senhora.

– Mande que ele venha falar comigo.

– Sim, senhora. – E Iégor Mikháilovitch foi para o escritório.

Polikei, como homem desprezível e de má fama, tendo chegado havia pouco tempo de outra aldeia, não contava com a proteção nem da governanta nem do copeiro nem do administrador nem da arrumadeira, e

seu canto era o mais miserável, apesar de sua família ter sete pessoas, contando com a esposa e os filhos. Os cantos tinham sido construídos, ainda no tempo do falecido patrão, da seguinte forma: no meio de uma isbá de pedra de dez *archin*, estava o fogão russo,³ em volta ficava o *colidor* (como os criados chamavam o corredor) e em cada ângulo da isbá havia um canto, cercado por tábuas. Portanto havia pouco espaço, sobretudo no canto de Polikei, que ficava bem perto da porta. O leito conjugal, com um cobertor acolchoado e travesseiros coloridos, o berço com um bebê, a mesinha de três pés – sobre a qual preparavam a comida, lavavam a roupa, colocavam todos os objetos de casa e onde o próprio Polikei trabalhava (ele era curandeiro de cavalos) –, ferramentas, roupas, galinhas, um bezerro e as sete pessoas da família ocupavam o canto inteiro, e não seria possível nem se mexer, se a estufa comum não lhes proporcionasse a quarta parte que lhes cabia, para sobre ela guardarem objetos e se acomodarem a si mesmas, e se não pudessem também sair para a varanda. Mas isso costumava ser impossível: em outubro fazia frio demais e os agasalhos se reduziam a um único casaco de pele de carneiro para todos os sete; em compensação, as crianças podiam se esquentar correndo, os adultos, trabalhando, e tanto uns quanto os outros, subindo na estufa, onde o calor chegava a quarenta graus. Parece terrível viver em tais condições, mas para eles não tinha importância: dava para viver. Akulina lavava a roupa e costurava para as crianças e para o marido, fiava, tecia e branqueava as roupas de algodão, cozinhava e assava na estufa comum, praguejava e fofocava com as vizinhas. O suprimento de comida para o mês dava não só para os filhos como também para a vaca. A lenha era de graça, bem como a ração para os animais. E uma sobra do feno da cavalaria ficava para eles. Havia um terreno para a horta. A vaquinha tivera cria; eles possuíam galinhas. Polikei trabalhava na cavalaria, cuidava de dois garanhões, sangrava os cavalos e o gado; limpava as ferraduras, cuidava das feridas, aplicava pomadas que ele mesmo inventava e, em troca, lhe davam dinheiro e provisões. Também ficavam com a sobra da aveia da patroa. Na aldeia, havia um mujiquezinho que, todo mês, sem falta, dava duas libras de carne de carneiro em troca de duas medidas de aveia. Seria possível viver, se não houvesse o sofrimento moral. E o sofrimento era grande para toda a família. Quando jovem, Polikei tinha vivido em outra aldeia, cuidando da criação de cavalos. O cavaliço a quem ele era subordinado era o maior ladrão de toda a redondeza: no fim, mandaram o homem para o degredo. Polikei foi o aluno mais aplicado daquele cavaliço e, nos anos de juventude, se acostumou de tal modo a *essas bobagens* que, por mais que tentasse largar o costume, não conseguia. Era jovem, fraco; pai e mãe, não teve, e também não teve com quem se educar. Polikei adorava beber e não gostava que deixassem as coisas fora do lugar. Fosse uma correia, uma sela, uma braçadeira, um cravo ou algum objeto de mais valor – para tudo, Polikei Ilitch encontrava o devido lugar. Em toda parte havia gente que precisava dessas coisas e pagava por elas, com vodca ou com dinheiro, conforme combinassem. Aqueles lucros eram os mais fáceis, como diz o povo: não era preciso nem estudo nem trabalho, não era preciso nada, e, depois que se experimenta isso uma vez, não se quer mais saber de outro trabalho. Só uma coisa não era boa naqueles lucros: embora tudo se conseguisse a baixo custo e sem muito trabalho e fosse bastante agradável viver assim, a qualquer momento apareciam pessoas que não aprovavam aquele comércio e então era preciso receber tudo de uma vez só e a vida perdia a graça. Foi o que aconteceu também com Polikei. Ele casou e Deus o abençoou: a esposa, filha de um vaqueiro, era uma mulher saudável, inteligente, trabalhadora; deu-lhe filhos, cada um melhor do que o outro. Polikei não abria mão de seu tipo de comércio e tudo continuava a correr bem. De repente, sofreu um lance de má sorte e foi apanhado. Foi apanhado por uma bobagem: guardou as rédeas de couro de um mujique. Descobriram, bateram, denunciaram à patroa e passaram a vigiar. Foi apanhado outra vez, e uma terceira. O povo começou a falar mal, o administrador ameaçou com os soldados, a patroa repreendeu, a esposa passou a chorar, se desesperar; tudo virou de pernas para o ar. Ele era um bom homem, não tinha maldade, só era fraco, gostava de beber e tinha aquele hábito tão arraigado que não conseguia parar de jeito nenhum. Antigamente, a mulher o xingava, até batia quando ele chegava em casa embriagado, e ele chorava. “Sou um homem infeliz, o que vou fazer? Arranque meus olhos, vou parar, não vou fazer mais

isso.” Mas um mês depois saía de casa outra vez, ficava bebendo e sumia dois dias. “Está arranjando dinheiro em algum lugar por aí, para fazer farra”, pensavam as pessoas. Seu último negócio tinha sido com um relógio do escritório. Havia um velho relógio de parede no escritório; não funcionava fazia muito tempo. Certa vez, calhou de ele entrar sozinho no escritório, que estava aberto: ficou tentado pelo relógio, pegou-o e vendeu-o na cidade. Como que de propósito, o comerciante a quem ele tinha vendido o relógio era parente de uma criada da patroa e, num feriado, o homem foi ao campo e contou a respeito do relógio. Começaram a investigar, como se aquilo fosse necessário para alguém. Sobretudo o administrador, que não gostava de Polikei. E descobriram. Comunicaram à patroa. A patroa chamou Polikei. Na mesma hora, ele caiu de joelhos e, com sinceridade, emocionado, confessou tudo, como a esposa lhe ensinara. Ele fez tudo muito bem. A patroa começou a lhe pregar um sermão, falou e falou, lamentou e lamentou, falou de Deus, da virtude, da vida após a morte, da esposa, dos filhos e levou-o às lágrimas. A patroa disse:

– Perdoo você, só me prometa que nunca mais vai fazer isso.

– Nunca mais vou fazer! Que eu seja engolido pela terra, que minhas entranhas sejam arrancadas!

– disse Polikei, e chorou de modo comovente.

Polikei foi para casa e ficou lá o dia todo, mugindo como um bezerro, deitado sobre a estufa. Desde então, ninguém notou nada de ruim na conduta de Polikei. Só que sua vida perdeu a alegria; as pessoas o viam como um ladrão e, quando chegou a hora do recrutamento, todos começaram a indicá-lo.

Polikei era curandeiro de cavalos, como já foi dito. Mas como ele se tornara curandeiro de cavalos, isso ninguém sabia, e ele menos ainda. Na cavalaria, com o antigo cavaleiro que foi mandado para o degredo, ele não tinha outra função além de limpar o estrume das baias e às vezes limpar os cavalos e trazer água. Lá, não podia ter aprendido. Depois foi tecelão; depois trabalhou num jardim, limpava as veredas; depois, por castigo, foi fazer tijolos; depois foi trabalhar como zelador para um comerciante. Portanto, em nenhuma dessas atividades havia como aprender seu ofício. Porém, durante sua última estadia em casa, por alguma razão, começou a se espalhar aos poucos a reputação de que possuía um dom extraordinário, e até um pouco sobrenatural, para curar cavalos. Sangrava os cavalos uma vez, duas, depois derrubava o bicho e passava alguma coisa em suas ancas, depois exigia que prendessem o cavalo a um mourão e ali fazia um corte na pata do animal até sair sangue, apesar de o cavalo espernear e até relinchar, e ele dizia que aquilo era para “fazer descer o sangue agarrado embaixo dos cascos”. Depois explicava ao mujique que era preciso tirar sangue das duas veias, “para ficar mais leve”, e começava a bater com um martelinho numa lanceta cega; depois passava por baixo da barriga do cavalo uma espécie de atadura de pano, feita com um lenço de cabeça da esposa. Por fim pulverizava sulfato em todas as feridas, molhava com o conteúdo de um frasco e às vezes fazia o bicho ingerir o que lhe desse na cabeça. E quanto mais atormentava e matava cavalos, mais acreditavam nele e mais cavalos levavam para curar.

Acho que, para nossos irmãos, os senhores de terras, não é de todo honesto zombar de Polikei. Os métodos que ele usava para inspirar confiança são os mesmos que produziram efeito em nossos pais, em nós, e que produzirão efeito em nossos filhos. O mujique que aperta contra a barriga a cabeça de sua única égua, que constitui não só toda a sua fortuna, mas que é quase uma parte de sua família, e com fé e com horror vê o rosto grave e contraído de Polikei quando, com as mãos finas e os braços de mangas arregaçadas, aperta de propósito exatamente o lugar que dói e tem a coragem de fazer um corte num corpo vivo, pensando em segredo “depois a gente dá um jeito”, fazendo cara de quem sabe onde está o sangue, onde está a carne, onde está seco, onde está a veia molhada, enquanto segura entre os dentes um trapo de curativo ou um pequeno frasco com sulfato – esse mujique não é capaz de acreditar que Polikei levanta a mão sem saber o que vai cortar. Ele mesmo não seria capaz de fazer isso. E, assim que o corte é feito, ele não se recrimina por ter deixado Polikei cortar à toa. Não sei quanto aos senhores, mas eu experimentei a mesmíssima coisa com o médico que, a meu pedido, torturava as pessoas mais caras ao meu coração. A lanceta, o misterioso frasco esbranquiçado com um sublimado e as palavras *frieira*,

lumbago, lanzeira, aliviar o sangue etc. são tão boas quanto *nervos, reumatismo, organismo* etc., ou não são? *Wage du zu irren und zu träumen!*⁴ O verso se refere menos aos poetas do que aos médicos e curandeiros de cavalos.

III

Na mesma noite em que a assembleia dos camponeses, reunida para tratar da questão do recrutamento, fazia alarde em frente ao escritório, na fria escuridão de uma noite de outubro, Polikei estava sentado na beirada da cama, junto à mesa, e triturava sobre ela os ingredientes para fazer um remédio de cavalo que ele mesmo não sabia o que era. Havia um sublimado, enxofre, sal de Glauber e uma erva que Polikei costumava colher, depois que um dia, por qualquer motivo, se convenceu de que era muito útil para erupções, e achava que não fazia mal usar a erva também contra outras doenças. Os filhos já estavam deitados: dois na estufa, dois na cama, um no berço, junto ao qual Akulina estava sentada, fiando. Um toco de vela, sobra da casa da patroa, estava mal fixado num castiçal de madeira na beirada da janela e, para que o marido não interrompesse sua importante atividade, Akulina se levantava para avivar com os dedos a mecha do toco de vela. Havia alguns livres-pensadores que consideravam Polikei um curandeiro vazio e um homem vazio. Outros, que eram maioria, o consideravam um homem ruim, mas um grande mestre em seu ofício. Já Akulina, apesar de muitas vezes brigar com o marido e até bater nele, o considerava sem dúvida o melhor curandeiro de cavalos e o melhor homem do mundo. Polikei entornou na mão alguma especiaria. (Não usava balança e falava com ironia sobre os alemães que usavam balanças. “Isto não é uma farmácia!”, dizia.) Polikei pesou a especiaria na palma da mão e sacudiu; mas lhe pareceu pouco e entornou dez vezes mais. “Vou colocar tudo, vai levantar melhor”, disse consigo mesmo. Akulina lançou um olhar ligeiro ao ouvir a voz de seu soberano, à espera de alguma ordem; porém, ao ver que o assunto não lhe dizia respeito, encolheu os ombros. “Puxa, como é sabido! De onde inventou isso?”, pensou, e recomeçou a fiar. O papelzinho do qual Polikei retirava a especiaria caiu embaixo da mesa. Akulina não deixou de perceber.

– Aniutka – gritou ela. – Vem cá, o papai deixou cair, pegue.

Aniutka tirou as perninhas nuas de debaixo da manta que a cobria, engatinhou por baixo da mesa e pegou o papelzinho.

– Tome, papai – disse ela, e disparou de novo para a cama, com as perninhas geladas.

– Não empurra – reclamou a irmã caçula, com voz fina e sonolenta.

– Eu pego vocês! – gritou Akulina, e as duas cabeças se esconderam embaixo da manta.

– É só ele me dar três rublos – disse Polikei, arrolhando a garrafa – que eu curo o cavalo. E ainda está barato – acrescentou. – Vai me dar dor de cabeça, se vai! Akulina, vá pedir tabaco para o Nikita. Amanhã eu devolvo.

E Polikei tirou da calça um cachimbinho de tília, que tinha sido pintado muito tempo antes, com lacre no bocal, e começou a montar o cachimbo.

Akulina largou o fuso de fiar e saiu sem esbarrar em nada, o que era muito difícil. Polikei abriu o armariozinho, guardou a garrafa e levou à boca o frasco vazio; não tinha vodca. Franziu o rosto por um momento, mas quando a esposa trouxe o tabaco e ele encheu o cachimbo, começou a fumar e sentou na cama, seu rosto se iluminou com a satisfação e o orgulho do homem que terminou seu trabalho do dia. Ou imaginava como, no dia seguinte, ia segurar a língua de um cavalo e despejar em sua boca aquela mistura maravilhosa, ou pensava em como ninguém recusa nada para um homem necessário, pois ali estava o Nikita, que acabara de lhe mandar o tabaco. Sentia-se bem. De repente a porta, pendurada em uma só dobradiça, se abriu de repente e a criada *de cima* entrou no canto, não a segunda criada, mas a terceira, a

pequena, que usavam para levar recados. *De cima*, como todos sabem, significa da casa senhorial, mesmo que fique embaixo. Aksiutka – assim se chamava a menina – sempre voava como uma bala e por isso seus braços não se dobravam, mas, de acordo com a velocidade de seus movimentos, balançavam como pêndulos, não junto aos flancos, mas à frente do corpo; as bochechas estavam sempre mais vermelhas do que seu vestido cor-de-rosa; a língua sempre se movia tão depressa quanto as pernas. Ela entrou voando e, segurando-se à estufa por algum motivo, começou a se balançar e, como se quisesse a todo custo pronunciar duas ou três palavras ao mesmo tempo, de repente, sem fôlego, disse o seguinte, dirigindo-se a Akulina:

– A patroa mandou que o Polikei Ilitch vá para lá neste miminuto, mandou... (Parou e respirou bem fundo.) Iégor Mikháilitch estava com a patroa, falaram sobre os arrecrutas, falaram do Polikei Ilitch... Avdótia Mikolavna mandou que vá neste miminuto. Avdótia Mikolavna mandou... (ofegou de novo) que vá neste miminuto.

Durante meio minuto, Aksiutka ficou olhando para Polikei, para Akulina, para os filhos, que espiavam, pondo a cabeça para fora da manta, agarrou uma casca de noz largada sobre a estufa, jogou-a para Aniutka e, depois de falar mais uma vez “que vá neste miminuto”, saiu voando como um tufão, e os pêndulos, com a rapidez habitual, começaram a balançar numa diagonal em relação à trajetória de sua corrida.

Akulina levantou-se de novo e pegou as botas do marido. As botas eram de soldado, péssimas, em petição de miséria. Tirou o casaco dos ombros e deu para o marido, sem olhar para ele.

– Ilitch, não tem uma camisa para pôr no lugar dessa?

– Não – respondeu.

Akulina não olhou para seu rosto nem uma vez enquanto ele se vestia e se calçava em silêncio, e fez bem em não olhar. O rosto de Polikei estava branco, o maxilar tremia e nos olhos havia uma expressão chorosa, submissa e profundamente infeliz, que só se vê em pessoas bondosas, fracas e culpadas. Ele penteou o cabelo e quis sair, a esposa o deteve e ajeitou sua camisa debruada com uma fita, que estava solta para fora da calça, e pôs um chapéu em sua cabeça.

– E aí, Polikei Ilitch, a patroa está mesmo chamando você? – ouviu-se a voz da esposa do marceneiro, do outro lado da divisória.

A esposa do marceneiro tivera, naquela manhã, uma áspera discussão com Akulina por causa de uma caçarola de branqueador de roupa que os filhos de Polikei tinham derrubado e, no primeiro instante, até achou agradável saber que a patroa estava chamando Polikei; não devia ser coisa boa. De resto, era uma mulher sutil, astuta, sarcástica. Ninguém melhor do que ela sabia dar respostas cortantes; pelo menos era assim que ela mesma se via.

– Vai ver ela quer que você vá buscar compras na cidade – prosseguiu. – Acho que é isso, porque querem um homem de confiança e aí mandam você. Então compre para mim um quarto de chá, Polikei Ilitch.

Akulina conteve as lágrimas e seus lábios se contraíram numa expressão de rancor. Como gostaria de arrancar os cabelos imundos daquela safada, a esposa do marceneiro. Mas quando olhou para os filhos e pensou que iam ficar órfãos e ela seria viúva de um soldado, tirou da cabeça a sarcástica esposa do marceneiro, cobriu o rosto com as mãos, sentou na cama e afundou a cabeça no travesseiro.

– Mãezinha, você está me esmagando – exclamou a menina que ciciava, puxando seu vestido de debaixo do cotovelo da mãe.

– Quem dera todos vocês tivessem morrido! Foi sofrendo que dei vocês à luz! – gritou Akulina, e seus soluços encheram o canto inteiro, para deleite da esposa do marceneiro, que ainda não havia esquecido o branqueador derramado naquela manhã.

Passou meia hora. O bebê começou a gritar. Akulina levantou e o amamentou. Ela já não estava chorando, porém, apoiada nos cotovelos e com o rosto magro e bonito pousado nas mãos, cravou os olhos cansados na vela, que chegava ao fim, e ficou pensando por que havia se casado, por que precisavam tanto de soldados e ainda como podia se vingar da esposa do marceneiro.

Ouviram-se os passos do marido; ela enxugou o resto das lágrimas e levantou-se para lhe dar passagem. Polikei entrou em triunfo. Jogou o chapéu na cama, bufou e começou a tirar o cinto.

– E aí? Para que foi que ela chamou?

– Hmm, a mesma coisa de sempre! Polikuchka é o último dos homens, mas quando o assunto é sério, quem é que chamam? O Polikuchka.

– Que assunto?

Polikei não se apressou a responder; começou a fumar o cachimbo e cuspiu.

– Mandou pegar um dinheiro com o comerciante.

– Pegar dinheiro? – perguntou Akulina.

Polikei riu e balançou a cabeça.

– E como ela é sabida com as palavras! Você, me disse ela, é conhecido como um homem que não merece confiança, só que eu confio mais em você do que em qualquer outro. (Polikei falou bem alto, para que os vizinhos ouvissem.) Você me prometeu que ia se reabilitar, disse ela, pois então aqui está o primeiro testemunho de que confio em você: vá à casa do comerciante, disse ela, pegue o dinheiro e traga para cá. Respondi: Excelência, todos nós somos seus servos, falei, e temos de servir à senhora como servimos a Deus, porque me sinto capaz de fazer tudo para o seu bem-estar e não posso me negar a cumprir minha obrigação, qualquer que seja; o que a senhora mandar eu farei, porque sou seu escravo. (Riu de novo com aquele sorriso do homem fraco, bondoso e culpado.) Então você, disse ela, vai fazer isso direito? Entende que seu destino, disse ela, depende disso? Como posso deixar de entender, se posso fazer tudo? Se me caluniaram, podem caluniar qualquer um, e eu nunca e de jeito nenhum fiz nada contra o bem-estar da senhora e nem mesmo posso pensar numa coisa dessas. E, olhe, falei de tal jeito que minha patroa ficou toda mole comigo. Você, disse ela, será meu servo número um. (Ele ficou em silêncio um momento e, de novo, o mesmo sorriso se imobilizou em seu rosto.) Sei muito bem como falar com essa gente. Antigamente, quando eu ainda pagava o tributo ao senhor de terras, como ele pegava no meu pé! Mas era só eu ter uma chance de falar um pouquinho com ele, para logo ficar mansinho, suave que nem seda.

– E é muito dinheiro? – perguntou Akulina.

– Três metades de mil rublos – respondeu Polikei, com displicência.

Ela balançou a cabeça.

– Quando vai?

– Mandou ir amanhã. Pegue o cavalo que quiser, disse ela, vá ao escritório e que Deus o proteja.

– Deus seja louvado! – disse Akulina, levantando-se e fazendo o sinal da cruz. – Deus o proteja, Ilitch – acrescentou num sussurro, para que não ouvissem do outro lado da divisória, e segurando-o pela manga da camisa. – Ilitch, me escute. Peço em nome de Cristo, quando você for, beije a cruz e jure que não vai pôr um pingão na boca.

– E como é que posso beber, viajando com tanto dinheiro? – bufou ele. – Sabe, tinha alguém lá tocando o piano tão bem, uma coisa! – acrescentou, depois de calar-se um instante, sorrindo. – Deve ser a patroazinha. Eu estava lá de pé na frente da patroa, junto ao bufê, e a patroazinha começou a função atrás da porta. E ia para lá e para cá e tudo encaixava tão bonito, puxa vida! Eu gostaria de tocar assim, sério. Podia conseguir. Podia mesmo. Tenho jeito para essas coisas. Amanhã, me dê a camisa limpa.

E foram dormir felizes.

v

A assembleia dos camponeses fazia alarde na frente do escritório. O assunto não era brincadeira. Quase todos os mujiques estavam reunidos e, na hora em que Iégor Mikháilovitch foi falar com a patroa, as cabeças cobriram-se com chapéus, ouviram-se mais vozes na conversa geral e as vozes ficaram mais altas. O denso rumor de vozes, de vez em quando interrompido por uma fala ofegante, estridente e gritada, pairava no ar e esse rumor voava, como o ronco do mar, até a janela da patroa, a qual experimentava com aquilo uma inquietação nervosa semelhante ao sentimento provocado por uma forte tempestade. Tinha um pouco de medo e um pouco de desgosto. Sua impressão era de que as vozes iam ficar cada vez mais altas e que alguma coisa ia acontecer. “Como se fosse impossível fazer tudo sem barulho, em paz, sem briga, sem gritaria”, pensou ela, “como um cristão, com fraternidade e delicadeza.”

Muitas vozes falaram de repente, porém Fiódor Rezun, o carpinteiro, gritou mais alto que todos. Estava entre os que tinham dois filhos aptos para o serviço militar e atacava os Dútlov. O velho Dútlov se defendia; avançou para a frente da multidão, pois antes estava atrás de todos, e, ofegante, gesticulando muito e repuxando a barbicha com a mão, falou com voz tão fanhosa que ele mesmo teve dificuldade de entender o que dizia. Os filhos e os sobrinhos, bons moços, se espremiavam de pé atrás dele, enquanto o velho Dútlov fazia lembrar uma galinha que protege os pintos do gavião. O gavião era Rezun, e não só Rezun, mas todos os que tinham dois filhos ou um só filho, quase toda a assembleia, que estavam atacando Dútlov. A questão era que o irmão de Dútlov tinha sido entregue ao Exército uns trinta anos antes e por isso ele não queria ser incluído entre os que tinham três filhos aptos, queria que pusessem na conta o seu irmão e assim o igualassem aos que tinham dois filhos no sorteio geral e, entre todos eles, se sortearse o terceiro recruta. Ainda havia quatro pais com três filhos, além de Dútlov, mas um era o estaroste, e a patroa o havia liberado; de outra família, tinham escolhido um recruta num recrutamento anterior; das duas restantes, haviam indicado os outros dois recrutas e um deles nem tinha se apresentado à assembleia, só sua mulher estava de pé atrás de todos, tristonha, esperando com ar confuso que a roda do acaso girasse a seu favor; o outro dos dois indicados, o ruivo Roman, com um casaco esfarrapado, embora não fosse pobre, estava de pé, encostado no alpendre, e, com a cabeça inclinada, sempre calado, apenas de vez em quando voltava o olhar atento para alguém que falava mais alto, para logo depois baixar a cabeça de novo. Toda a sua figura exalava infelicidade. O velho Semion Dútlov era um desses homens para quem, mesmo sem conhecê-lo muito bem, qualquer um entregaria centenas e até milhares de rublos para guardar. Era um homem sério, temente a Deus, próspero; além do mais, era o estaroste da igreja. Por isso, era ainda mais impressionante o estado de exaltação em que se encontrava.

O carpinteiro Rezun, ao contrário, era um homem alto, moreno, turbulento, beberrão, atrevido e especialmente habilidoso nas discussões e nos debates nas assembleias, nos bazares, com os trabalhadores, os comerciantes, os mujiques ou com os patrões. Agora se mostrava calmo, mordaz, e, tirando proveito de sua elevada estatura, com toda a força de sua voz ressoante e de seu talento oratório, atacava o estaroste da igreja, já sem fôlego e totalmente fora de seu trilho de sobriedade. Os outros participantes da discussão eram: Garaska Kopílov, jovem de rosto redondo e cabeça quadrada, atarracado e de barbicha crespa, um dos debatedores da geração mais jovem que apoiava Rezun, que sempre se destacava pela voz cortante e que já ganhara proeminência nas assembleias. Depois havia Fiódor Melníchni, mujique amarelo, magro, comprido, de ombros curvados, também jovem, de barba rala e olhos miúdos, sempre irritado, soturno, em tudo encontrava um lado ruim e muitas vezes causava confusão nas assembleias com suas perguntas e objeções inesperadas e abruptas. Esses dois debatedores

estavam do lado de Rezun. Além disso, dois tagarelas às vezes se manifestavam: um de fisionomia simpática e de barba ruiva e em leque, chamado Khrápkov, que sempre dizia: “Você, meu amigo querido”, e outro, miúdo, com cara de pássaro, chamado Jídkov, que também dizia a todos: “É por isso mesmo, meus irmãos”, dirigindo-se a todos e falando com correção, mas sem dizer coisa com coisa. Os dois estavam ora de um lado, ora do outro, mas ninguém lhes dava atenção. Havia outros também, mas aqueles dois andavam para lá e para cá no meio da assembleia, gritavam mais do que todos, assustavam a patroa e eram também os menos ouvidos de todos, porém, entontecidos pelo barulho e pela gritaria, ficavam completamente dominados pelo prazer de soltar a língua. Havia ainda muitos outros personagens variados: havia os sombrios, os decentes, os indiferentes, os esgotados; havia mulheres atrás de mujiques, com porretes nas mãos; mas sobre todos eles falarei em outra ocasião, se Deus permitir. No geral, a multidão era formada por mujiques, que ficavam na assembleia como ficavam na igreja, e os que se punham atrás conversavam em sussurros sobre assuntos domésticos, sobre quando iam cortar o mato rasteiro, ou então esperavam em silêncio que os outros parassem de berrar. E havia também os ricos, a quem, em sua riqueza, a assembleia não podia acrescentar nem tomar nada. Ermil era um deles, de rosto largo e lustroso, que os mujiques chamavam de barrigudo, porque era rico. E também Stárostin, em cujo rostinho havia uma expressão satisfeita de poder: “Podem falar o que quiserem, em mim ninguém toca. Tenho quatro filhos e nenhum vai para o Exército”. De vez em quando os livres-pensadores, como Kopílov e Rezun, os atacavam também, e eles reagiam, mas com calma e segurança, com a consciência de sua imunidade. Se Dútlov parecia uma galinha protegendo seus filhotes das investidas de um gavião, seus protegidos não pareciam pintos: não se mexiam, não guinchavam, mas ficavam parados, tranquilos, atrás dele. Ignat, o mais velho, já tinha trinta anos; o segundo, Vassíli, também era casado, mas não era apto para o serviço militar; o terceiro, Iliúchka, seu sobrinho, acabara de casar, era branco e rosado, vestia um elegante casaco de pele de carneiro (trabalhava de cocheiro), ficava parado, olhando para as pessoas, e de vez em quando coçava a nuca, embaixo do chapéu, como se o assunto não lhe dissesse respeito e não fosse justamente ele que os gaviões quisessem estraçalhar.

– Pois o meu avô também foi para o Exército – disse Rezun. – Por isso não vou querer participar do sorteio. Não existe lei para isso, irmãos. No recrutamento passado, levaram Mikhéitch, e o tio dele ainda não voltou.

– Nem seu pai nem seu tio serviram ao tsar – disse Dútlov ao mesmo tempo. – E você mesmo não serviu nem aos patrões nem à comuna camponesa, só ficou de farra por aí, bebendo, por isso os filhos se separaram de você. É impossível viver com você, por isso fica criticando, aponta os outros, e eu fui *sótski*⁵ por dez anos, fui estaroste, minha casa pegou fogo duas vezes e ninguém me ajudou; e por isso, porque em nossa casa se vive em paz e com honestidade, querem me arruinar? Então me devolvam meu irmão. Na certa ele morreu por lá. Julguem segundo a verdade, segundo Deus, povo ortodoxo, em vez de escutar o que um bêbado inventa.

Dútlov falava ao mesmo tempo que Guerássim.

– Você fala do seu irmão, mas não foi a comuna camponesa que mandou seu irmão para o Exército, foram os patrões, por causa das safadezas dele; portanto ele não serve de desculpa para você.

Guerássim ainda não tinha terminado de falar quando o amarelo e comprido Fiódor Melníchni tomou a frente e começou, em tom sombrio:

– Pois é isso mesmo, os patrões mandam quem querem e depois a comuna camponesa que se vire. A comuna manda que seu filho vá para o Exército, mas você não quer, pede à patroa e ela, por exemplo, pode mandar raspar minha cabeça,⁶ eu, que sou sozinho, com filhos. Isso é a lei – disse ele, com raiva. E de novo abanou os braços e ficou parado onde estava.

O ruivo Roman, cujo filho tinha sido indicado como recruta, ergueu a cabeça e exclamou: “É isso mesmo!”, e, de tão irritado, sentou-se num degrau da escada.

Mas essas ainda não eram todas as vozes que falavam ao mesmo tempo. Além dos que estavam atrás

e falavam de seus assuntos particulares, os tagarelas não esqueciam seu dever.

– É isso mesmo, povo ortodoxo – disse o pequeno Jídkov, repetindo as palavras de Dútlov. – É preciso julgar conforme a religião cristã. Conforme a religião cristã, quer dizer, meus irmãos, assim é que é preciso julgar.

– É preciso julgar conforme sua consciência, meu amigo querido – disse o cordial Khrápkov, repetindo as palavras de Kopílov e puxando Dútlov pelo casaco. – Foi a vontade da patroa, e não uma decisão da comuna.

– Está certo! Essa é a questão! – disseram outros.

– Quem é o bêbado que está mentindo aqui? – protestou Rezun. – Você está me chamando para beber com você, ou será que é o seu filho, que recolheram caído lá no meio da estrada, que vai me acusar de beber? Ora, meus irmãos, é preciso tomar uma decisão. Se querem desculpar o Dútlov e indicar um que tem dois filhos ou até um só, depois ele vai ficar rindo de nós.

– Vai o Dútlov! Nem se discute!

– Todo mundo sabe! É preciso sortear primeiro os que têm três filhos – disseram várias vozes.

– Vamos ver o que a patroa manda. Iégor Mikháilitch falou que ela queria mandar um servo doméstico – disse outra voz.

Esse comentário conteve um pouco a discussão, mas logo ela reacendeu e passou para questões pessoais.

Ignat, que Rezun disse que tinha sido recolhido na estrada, pôs-se a mostrar para Rezun que ele havia roubado uma serra de uns carpinteiros que estavam de passagem e que, certa vez, estando embriagado, quase matara a esposa de tanto bater.

Rezun respondeu que batia na esposa sóbrio ou embriagado e que mesmo assim nunca era o bastante, e com isso todos riram. Quanto à serra, sentiu-se subitamente ofendido, chegou perto de Ignat e começou a perguntar:

– Quem foi que roubou?

– Você roubou – respondeu sem medo o corpulento Ignat, chegando ainda mais perto do outro.

– Quem roubou? Não foi você, não? – gritou Rezun.

– Não, foi você! – gritou Ignat.

Depois da questão da serra, passaram para um cavalo roubado, para um saco de aveia, para uma certa faixa de terra cultivada na horta comum, e até para um certo cadáver. E os dois mujiques disseram um para o outro coisas tão aterradoras que, se a centésima parte daquilo de que se acusavam fosse verdade, para cumprir a lei seria preciso no mínimo deportar os dois para a Sibéria, para uma colônia penal.

O velho Dútlov, entretanto, escolheu outra forma de defesa. Não gostava dos gritos do filho; deteve-o e disse: “É pecado, pare! Estou mandando”, e passou a argumentar que os que tinham três filhos não eram só aqueles que tinham os três filhos juntos, mas também aqueles cujos filhos tinham se separado. E apontou também para Stárostin.

Stárostin sorriu de leve, deu um grasnido e, depois de alisar a barba do jeito como fazem os mujiques ricos, respondeu que quem mandava era a patroa. Se o filho tinha sido liberado do serviço militar, era porque merecia.

Quanto às famílias separadas dos filhos, Guerássim também destruiu os argumentos de Dútlov, observando que era preciso proibir a separação dos filhos, como era nos tempos do velho patrão, e disse que depois do verão não se colhem framboesas, que agora não podiam mais escolher os que tinham um filho só.

– Por acaso foi por diversão que os filhos se separaram dos pais? Então para que levar a gente à ruína, afinal? – ouviram-se as vozes dos separados dos filhos, e os tagarelas aderiram a essas vozes.

– Compre um recruta, se não está gostando. Você pode! – disse Rezun para Dútlov.

Em desespero, Dútlov abotoou o casaco e foi para trás de outros mujiques.

– Parece que você andou contando meu dinheiro – exclamou, com rancor. – Mas vamos ver que notícia o Iégor Mikháilovitch vai trazer da patroa.

VI

De fato, Iégor Mikháilovitch saía da casa naquele momento. Os gorros foram retirados das cabeças, um depois do outro, e, à medida que o administrador se aproximava, uma depois da outra, se descobriram cabeças carecas no meio e na frente, grisalhas, semigrisalhas, ruivas, negras e loiras, e pouco a pouco as vozes começaram a silenciar e, por fim, silenciaram de todo. Iégor Mikháilovitch parou no alpendre e fez sinal de que queria falar. Num casacão muito comprido, com as mãos desconfortavelmente enfiadas nos bolsos da frente, com um quepe de lona inclinado para a frente, apoiado com firmeza no estrado sobre as pernas afastadas uma da outra, com o ar de quem comandava aquelas cabeças atentas e levantadas para ele, na maioria velhas e na maioria bonitas e barbadas, Iégor Mikháilovitch tinha um aspecto completamente distinto do que mostrava diante da patroa. Estava majestoso.

– A decisão da patroa é a seguinte, pessoal: ela não acha certo pegar dos que têm dois filhos, mas quem vocês escolherem é o que vai. Hoje temos de mandar três. Na verdade, dois e mais um, e esse um vai na frente. Tanto faz: se não for hoje, vai em outra vez.

– Todo mundo sabe! É isso mesmo! – disseram algumas vozes.

– Na minha opinião – prosseguiu Iégor Mikháilovitch –, Khoríúchkin e Mitiúchkin Vaska têm de ir... é a vontade de Deus.

– Isso mesmo, é verdade – disseram algumas vozes.

– O terceiro vai ter de ser o do Dútlov ou dos que têm dois filhos. O que vocês acham?

– Dútlov – começaram a responder algumas vozes. – O Dútlov tem três.

E de novo, pouco a pouco, começou a gritaria e de novo a discussão chegou à serra roubada, à faixa de terra da horta comum, a uns sacos de aniagem roubados do pátio da patroa. Iégor Mikháilovitch já dirigia a propriedade havia vinte anos e era um homem experiente e sagaz. Esperou, escutou durante quinze minutos e de repente mandou que todos se calassem e que Dútlov tirasse a sorte para saber qual dos três iria. Cortaram os pedacinhos de papel, Khrápkov estendeu a mão para o chapéu que haviam remexido e tirou o papel com o nome de Iliúchkin. Todos ficaram em silêncio.

– Então é o meu? Deixe eu ver aqui – disse Iliá, com voz enrolada.

Todos ficaram calados. Iégor Mikháilovitch mandou que no dia seguinte lhe trouxessem o dinheiro do imposto dos recrutas, sete copeques de cada família, explicou que tudo estava resolvido e encerrou a assembleia. A multidão se pôs em movimento, iam pondo os chapéus depois que faziam a curva ao lado da casa e ouvia-se o rumor das vozes e dos passos. O administrador ficou parado no alpendre, olhando para os mujiques que se afastavam. Quando os jovens Dútlov passaram na curva, ele chamou o velho, que havia parado, e entrou com ele no escritório.

– Estou com pena de você, velho – disse Iégor Mikháilovitch, sentando na poltrona diante da mesa. – Chegou sua vez. Vai ou não vai pagar para seu sobrinho não ir?

O velho, sem responder, olhou demoradamente para Iégor Mikháilovitch.

– Não tem como evitar – respondeu Iégor Mikháilovitch ao seu olhar.

– Eu até que pagaria, mas não tenho com quê, Iégor Mikháilovitch. Dois cavalos morreram no verão. O sobrinho casou. Claro, esse é meu destino, porque vivemos honestamente. Ele fala bonito. (Estava se referindo a Rezun.)

Iégor Mikháilovitch esfregou o rosto com a mão e bocejou. Era evidente que já se sentia entediado,

além do mais estava na hora do chá.

– Eh, velho, não faça um pecado desses – disse. – Procure bem no porão, quem sabe encontra uns quatrocentos rublos velhos. Comprarei um substituto de primeira para você. Não faz muito tempo, um homem se ofereceu.

– Na província? – perguntou Dútlov, que por *província* queria dizer cidade.

– Claro, vai comprar?

– Bem que eu gostaria, Deus é testemunha, mas...

Iégor Mikháilovitch o interrompeu com severidade:

– Bem, então me escute bem, velho: cuide para que o Iliúchka não faça nada; e que ele venha quando eu chamar, hoje ou amanhã. Você mesmo vai trazer o Iliúchka, você é o responsável, e se alguma coisa acontecer com ele, Deus nos livre, vou mandar seu filho mais velho. Entendeu?

– Não se pode tratar assim quem tem dois filhos, Iégor Mikháílitch, é uma ofensa – disse ele, depois de um breve silêncio. – Como é que meu irmão morreu no Exército e ainda vão me tomar um filho? Por que me atacar desse jeito? – exclamou, quase chorando e disposto a se jogar aos pés do administrador.

– Vamos, calma, calma – disse Iégor Mikháilovitch. – Não tem nada de mais, é o normal. Cuide do Iliúchka, você é o responsável.

Dútlov foi para casa, pensativo, batendo com a bengala nos matinhos da estrada.

VII

No dia seguinte, bem cedo, na frente do alpendre da ala dos servos domésticos, estava parada uma charrete (que o administrador também usava para viajar) à qual estava atrelado um cavalo baio, castrado e robusto, que chamavam de Tambor, sabe-se lá por quê. Aniutka, a filha mais velha de Polikei, apesar da chuva, do granizo e do vento frio, estava descalça, parada na frente do cavalo, visivelmente assustada, segurando-o de longe pela brida e, com a outra mão, cobrindo a cabeça com um paletozinho verde e amarelo que na família fazia as vezes de cobertor, casaco, capuz, tapete e jaqueta para Polikei, além de muitas outras funções. No canto, havia uma agitação. Ainda estava escuro; a luz matinal de um dia chuvoso mal rompia através da janela, coberta aqui e ali por pedaços de papel. Akulina, que naquela hora deixara de lado a comida no fogão e os filhos, dos quais os menores ainda não tinham levantado e tremiam de frio, porque seu cobertor tinha sido retirado para servir de roupa e, em seu lugar, puseram o lenço de cabeça da mãe – Akulina estava ocupada com os preparativos do marido para a viagem. A camisa estava limpa. As botas, que, como dizem, estavam pedindo mingau, exigiram dela um cuidado especial. Em primeiro lugar, Akulina tirou dos próprios pés suas únicas meias grossas, de lã, e deu para o marido; depois, aproveitando uma manta de sela de cavalo que estava mal guardada na cavalaria e que Ilitch trouxera para a isbá dois dias antes, ela arranjou um jeito de fazer umas palmilhas, para que vedassem os buracos e protegessem os pés de Ilitch da umidade. O próprio Ilitch, sentado com os pés na cama, estava ocupado virando o cinto de um jeito que não parecesse mais um imundo pedaço de corda. E a menininha zangada que ciciava, enrolada da cabeça aos pés num casaco de pele e tropeçando nele, foi enviada à casa de Nikita para pedir um gorro emprestado. Os servos domésticos aumentaram ainda mais a agitação, quando chegaram para pedir a Ilitch que fizesse compras na cidade – um queria uma agulha, outro queria chá, um queria azeite para lamparina, outro queria tabaco, e pediram até açúcar para a esposa do carpinteiro, que se apressou em preparar o samovar e, a fim de lisonjear Ilitch, serviu-lhe uma caneca da bebida que ela chamava de chá. Embora Nikita tivesse se recusado a ceder o gorro e fosse necessário usar o gorro do próprio Polikei, ou seja, enfiar para dentro do forro os fiapos soltos e costurar

um furo com a agulha de curandeiro de cavalo, embora de início os pés não entrassem nas botas forradas com as palmilhas feitas da manta de sela de cavalo, embora Aniutka tivesse congelado e largado as rédeas de Tambor, e Machka, de casaco de pele, tivesse tomado seu lugar, e embora depois Machka fosse obrigada a tirar o casaco e, com isso, a própria Akulina fosse segurar Tambor – apesar de tudo isso, no final, Ilitch tinha se vestido com quase toda a roupa que a família possuía, só deixou para trás o paletozinho e as pantufas e, se ajeitando, sentou na charrete, enrolou-se nos agasalhos, ajeitou o feno debaixo dos pés, enrolou-se de novo nos agasalhos, segurou as rédeas, enrolou-se mais ainda nos agasalhos, como fazem as pessoas muito importantes, e partiu.

Seu filho pequeno, Michka, que saía correndo para o alpendre, pediu que o levassem para passear de charrete. Maska, que ciciava, também começou a pedir que a “levassem para passear” e que ela “não sentia frio e não precisava de casaco”, e Polikei freou Tambor, sorriu com seu sorriso fraco, e Akulina suspendeu as crianças para ele e, inclinando-se para perto do marido, num sussurro, pediu que não esquecesse o juramento de não beber nada na viagem. Polikei levou os filhos até a oficina do ferreiro, desembarcou as crianças, de novo se enrolou nos agasalhos, de novo ajeitou o gorro e seguiu num trote curto e solene, balançando as bochechas com os trancos das rodas e batendo com os pés no fundo da charrete. Machka e Michka correram descalços para casa pela ladeira escorregadia em tal velocidade e com tamanha gritaria que um cachorro que viera da aldeia dar uma volta pelo pátio da casa senhorial olhou para eles e, de repente, abaixando o rabo, correu para casa latindo, com o que a gritaria dos herdeiros de Polikei aumentou ainda mais.

Fazia um tempo muito feio, o vento cortava o rosto e ora a neve, ora a chuva, ora o granizo de vez em quando vinham fustigar o rosto de Polikei e suas mãos nuas, que ele protegia das rédeas geladas com a ponta da manga do casaco, e fustigavam também a cobertura de couro da coelheira e a velha cabeça de Tambor, que encolhia as orelhas e semicerrava os olhos.

Depois, de repente, o mau tempo cessou, o céu limpou de uma hora para outra; viam-se com clareza nuvens azuis de neve, e o sol parecia começar a espiar, ainda que hesitante e triste, como era o sorriso do próprio Polikei. Apesar disso, Ilitch estava imerso em pensamentos agradáveis. Ele, que queriam mandar para uma colônia penal, que ameaçavam mandar para o Exército, que só não era xingado e surrado por quem tivesse preguiça de fazer aquilo, alguém que sempre empurravam para os piores trabalhos – agora ele estava viajando para receber uma *soma* de dinheiro, e uma soma bem grande, e a patroa confiava nele, e estava viajando na charrete do administrador, puxada por Tambor, na qual a própria patroa viajava, ele estava viajando como se fosse um estalajadeiro, com rédeas e correias de couro. E Polikei se pôs mais ereto na boleia, ajeitou os fiapos soltos do gorro e se enrolou mais ainda nos agasalhos. No entanto, se Ilitch pensava que estava igualzinho a um rico estalajadeiro, enganava-se. Na verdade, todo mundo sabe que numa charrete com arreios de couro viajam também comerciantes que têm dez mil rublos; só que são coisas diferentes. Vai viajando um homem barbado, de casaco preto ou azul, com um cavalo bem alimentado, sentado sozinho na boleia: basta olhar uma vez para saber se o cavalo e o próprio homem estão bem alimentados, e pelo jeito como está sentado, pelos arreios do cavalo, pelos aros das rodas da charrete, pelo cinturão do viajante, logo se percebe se o mujique faz negócios com centenas ou com milhares de rublos. Qualquer pessoa experiente, só de olhar mais de perto para Polikei, para suas mãos, para seu rosto, para sua barba pouco crescida, para seu cinturão, para o feno espalhado de qualquer jeito na boleia, para o magro Tambor, para os aros gastos das rodas, logo saberia que ali viajava um servo inferior e não um comerciante, um criador de gado, um estalajadeiro, e que não tinha nem milhares nem centenas nem dezenas de rublos. Mas Ilitch não pensava assim, ele se enganava, e se enganava com prazer. Ia levar três metades de mil rublos enfiadas no peito, por dentro da camisa. Se cismasse, em vez de guiar Tambor para casa, iria para Odessa ou para onde bem entendesse. Só que não ia fazer isso, ia entregar fielmente o dinheiro para a patroa e ia dizer que já havia transportado muito mais dinheiro. Ao se aproximar de uma taverna, Tambor começou a puxar a rédea para a esquerda, quis

parar e virar; mas Polikei, apesar de ter dinheiro, que recebera para comprar as encomendas, acenou com o chicote para Tambor e tocou em frente. Fez a mesma coisa ao passar por outra taverna e assim, ao meio-dia, desceu da charrete, abriu o portão do pátio da casa do comerciante onde se hospedavam todos os servos da patroa, avançou com a charrete, desatrelou o cavalo, deu feno para o animal, almoçou com os trabalhadores do comerciante, sem deixar de contar qual era a missão importante de sua viagem, e seguiu, com a carta enfiada no gorro, ao encontro do jardineiro. O jardineiro, conhecido de Polikei, ao ler a carta, obviamente em dúvida, perguntou se haviam mesmo mandado que ele, Polikei, fosse pegar o dinheiro. Ilitch quis se mostrar ofendido, mas não conseguiu, apenas sorriu com seu sorriso. O jardineiro releu a carta mais uma vez e entregou o dinheiro. Depois de receber o dinheiro, Polikei enfiou-o no peito e foi para o quarto. Nem as tavernas nem as cantinas, nada conseguia seduzi-lo. Ele experimentava uma agradável agitação em todo o seu ser e não parou nem uma vez nas barraquinhas com mercadorias tentadoras: botas, casacos, gorros, panos e comidas. Detinha-se um pouco e depois se afastava com um sentimento agradável: posso comprar tudo, mas não vou fazer isso. Passou pelo bazar para comprar o que lhe haviam encomendado, pegou tudo e começou a negociar um casaco de pele castanho pelo qual pediam vinte e cinco rublos. O vendedor, por algum motivo, olhando para Polikei, não acreditou que ele pudesse pagar; mas Polikei lhe mostrou o que tinha no peito, dizendo que podia comprar a loja inteira se quisesse e fez questão de experimentar o casaco, e apalpou, esfregou, cheirou a pele até se impregnar do odor do casaco, e por fim, com um suspiro, o despiu. “Não vale o preço. Só se vendesse por quinze”, disse. O comerciante, irritado, tirou o casaco da mesa e Polikei saiu e, com o espírito alegre, se dirigiu para o quarto. Depois de jantar, deu de beber a Tambor, lhe deu aveia, foi até a estufa, pegou um envelope, observou-o demoradamente e pediu ao zelador, que era alfabetizado, que lesse o nome do destinatário e as palavras: “Contém mil e seiscentos e dezessete rublos em espécie”. O envelope era feito de papel comum, os selos eram de lacre marrom, com a figura de uma âncora: um grande no meio, quatro menores nas beiradas; numa linha oblíqua, havia uma gota de lacre. Ilitch observou tudo isso e memorizou, e chegou até a tocar nas pontas finas das cédulas. Ele experimentava uma espécie de prazer infantil, sabendo que tinha nas mãos aquele dinheiro. Enfiou o envelope no vão do forro do gorro, colocou o gorro na cabeça e deitou-se; mas de noite acordou algumas vezes e apalpou o envelope. E toda vez, ao achar o envelope em seu lugar, experimentou o agradável sentimento da consciência de que lá estava ele. Polikei, o desacreditado, o humilhado, levava consigo todo aquele dinheiro e ia entregá-lo com uma honestidade de que nem o administrador seria capaz.

VIII

Por volta da meia-noite, os trabalhadores e Polikei, na casa do comerciante, foram despertados por pancadas no portão e pelo grito de mujiques. Eram os recrutas que foram enviados de Pokróvskoie e seus acompanhantes. Eram dez homens: Khoríúchkin, Mitiúchkin e Iliá (o sobrinho de Dútlov), dois substitutos, o estaroste, o velho Dútlov e os cocheiros. Na isbá, estava acesa a lamparina noturna, a cozinheira dormia num banco, embaixo dos ícones. Ela acordou e tratou de acender a vela. Polikei também acordou e, inclinando-se para o lado contrário à estufa, observou os mujiques que chegavam. Todos entraram, benzeram-se e sentaram nos bancos. Todos estavam perfeitamente calmos, de tal modo que era impossível distinguir quem ia para o Exército e quem fazia a escolta. Cumprimentaram, falaram um pouco, pediram algo para comer. Na verdade, alguns estavam calados e tristonhos; em compensação, outros se mostravam bastante alegres e era evidente que haviam bebido. Entre eles estava Iliá, que até então jamais havia bebido.

– E então, pessoal, vamos jantar ou vamos dormir? – perguntou o estaroste.

– Jantar! – respondeu Iliá, abrindo o casaco de pele e sentando no banco. – Mande servir vodca.

– Vodca só depois – respondeu o estaroste, olhando de relance, e de novo dirigiu-se aos outros: –

Comam um pedaço de pão, pessoal. Para que acordar essa gente?

– Me dá vodca – repetiu Iliá, sem olhar para ninguém e com uma voz que deixava claro que não ia desistir.

Os mujiques seguiram o conselho do estaroste, pegaram um pãozinho que estava na carroça, comeram, pediram *kvás* e se deitaram, uns no chão, outros em cima da estufa.

De vez em quando Iliá continuava a repetir: “Me dá vodca, estou dizendo, me dá aí”. De repente, viu Polikei.

– Ilitch, ah, Ilitch! Você está aqui, amigo querido? Pois eu vou para os soldados, me despedi para sempre da mãe e da esposa... Como ela uivava! Me mandaram à força para o Exército. Me arranje uma vodca.

– Não tenho dinheiro – respondeu Polikei. – Se Deus quiser, você vai ser recusado – acrescentou Polikei, para consolar.

– Não, irmão, sou que nem uma bétula pura, não tenho nenhuma doença. Vão me dispensar por quê? Que soldado melhor o tsar pode querer?

Polikei começou a contar uma história, de como um mujique deu uma nota de dinheiro azul para um médico e assim se livrou do Exército.

Iliá chegou mais perto da estufa e falou com mais desembaraço:

– Não, Ilitch, agora está terminado, e eu mesmo não quero sair. Meu tio me mandou. Será que não podia ter comprado um substituto para mim? Não, ele não quer dar nem o filho nem o dinheiro. Me jogaram fora... Agora, sou eu mesmo que não quero voltar. (Falava baixo, com segurança, sob o efeito de uma tristeza serena.) Só tenho pena da mamãe; como ela sofreu, coitada! E também a minha esposa; arruinaram à toa uma mulher; agora está perdida; numa palavra, mulher de soldado. Era melhor não ter casado. Para que foi que me casaram? Amanhã elas vão vir para cá.

– Mas por que trouxeram você tão cedo? – perguntou Polikei. – Ninguém sabe de nada e então, de repente...

– Veja só, estão com medo de que eu faça alguma coisa contra mim mesmo – respondeu Iliúchka, sorrindo. – Claro, não vou fazer nada. Não vou perder nada sendo soldado, só tenho pena da mãezinha. Para que foram me casar? – falou em voz baixa e triste.

A porta abriu, bateu com força e o velho Dútlov entrou sacudindo o gorro, calçado em suas alpercatas de palha de tília, sempre enormes, como se tivesse os pés metidos em dois barcos.

– Afanássi – disse ele, fazendo o sinal da cruz e dirigindo-se ao estalajadeiro. – Será que não tem uma lamparina? Vou dar aveia para os cavalos.

Dútlov nem olhou para Iliá e, tranquilamente, começou a acender um toco de vela. Enfiados na cintura, trazia as luvas e o chicote, e o casaco estava bem preso com um cinto; seu rosto diligente tinha um ar tão simples, seguro e preocupado com os negócios que ele mais parecia estar viajando com uma caravana.

Ao ver o tio, Iliá calou-se, baixou de novo os olhos com ar sombrio, virando-se para o banco, e disse para o estaroste:

– Me dá vodca aí, Ermila. Quero beber.

Sua voz era sombria e maldosa.

– Beber agora? Que é isso? – respondeu o estaroste, sorvendo a xícara. – Veja, o pessoal comeu e foi deitar; e você fica fazendo bagunça?

As palavras “fazendo bagunça” lhe deram a ideia de fazer bagunça.

– Estaroste, vou arrumar a maior confusão se você não me der vodca.

– Talvez você possa acalmá-lo – disse o estaroste para Dútlov, que já havia acendido a lamparina,

mas pelo visto tinha parado para ver até onde aquilo ia chegar, e observava o sobrinho de lado, com comiseração, como que admirado da sua infantilidade.

Iliá, de cabeça baixa, exclamou de novo:

– Me dá uma bebida, vou fazer confusão.

– Pare com isso, Iliá! – disse o estaroste com brandura. – Sério, pare com isso, vai ser melhor.

Porém mal teve tempo de terminar essas palavras e Iliá se ergueu com um pulo, deu um soco no vidro da janela e berrou com toda a força:

– Não querem me escutar, pois tomem! – e se lançou na direção de outra janela para quebrar o vidro também.

Iltch, num piscar de olhos, girou duas vezes e se escondeu num canto da estufa, assustando todas as baratas. O estaroste largou sua colherzinha e correu para Iliá. Dútlov baixou a lamparina lentamente, soltou o cinturão, estalando a língua, balançou a cabeça e se aproximou de Iliá, que já brigava com o estaroste e o estalajadeiro, que não o deixavam chegar perto da janela. Apanharam-no pelos braços e, pelo visto, o seguravam com força; mas assim que Iliá viu o tio com o cinto na mão, suas forças se decuplicaram, ele escapou e, revirando os olhos, partiu na direção de Dútlov com o punho cerrado.

– Vou matar, não chegue perto, seu bárbaro! Você me destruiu, você e os bandidos de seus filhos, você me destruiu. Para que foram me casar? Não chegue perto que eu mato!

Iliúchka estava assustador. O rosto vermelho, os olhos não sabiam onde pousar; todo o seu corpo jovem e saudável tremia como que tomado pela febre. Parecia querer e ser capaz de matar os três mujiques que o atacavam.

– É o sangue de seu irmão que você bebe, seu vampiro!

Algo cintilou no rosto sempre calmo de Dútlov. Ele deu um passo à frente.

– Não quis por bem – exclamou e, de repente, reunindo energia não se sabe de onde, com um movimento rápido, segurou o sobrinho, tombou com ele no chão e, com a ajuda do estaroste, começou a amarrar seus braços.

Lutaram uns cinco minutos; por fim, Dútlov se levantou com a ajuda dos mujiques, soltando as mãos de Iliá que tinham se agarrado em seu casaco de pele – uma vez de pé, levantou Iliá com os braços amarrados nas costas e sentou-o no banco, num canto.

– Já falei, vai ser pior – disse, ainda arquejante por causa da luta, e ajeitou a camisa na cintura. – Para que pecar? Todos temos de morrer. Dê o casaco para ele colocar embaixo da cabeça – acrescentou, dirigindo-se ao estalajadeiro –, senão a cabeça vai inchar. – E ele mesmo pegou a lamparina, amarrou um cordão na cintura e saiu para o local onde estavam os cavalos.

Iliá, com os cabelos alvoroçados, o rosto pálido e a camisa amarfanhada, olhou a sala em redor como se quisesse lembrar onde estava. O estalajadeiro catou os cacos de vidro e enfiou na janela um casaco de pele para o vento não passar. O estaroste sentou-se de novo diante de sua xícara.

– Eh, Iliúchka, Iliúchka! Que pena tenho de você, de verdade. O que fazer? Veja só o caso do Khoriúchkin, ele também é casado; não tem como escapar.

– Vou morrer por causa do miserável do meu tio – repetiu Iliá, com raiva fria. – Tem pena do seu filho... Mamãe disse que o administrador ofereceu um recruta para ele comprar. Não quis; disse: não posso. Será que eu e o irmão pusemos pouca coisa dentro daquela casa?... Ele é um miserável!

Dútlov entrou na isbá, rezou para os ícones, tirou o casaco e sentou-se ao lado do estaroste. A trabalhadora lhe deu *kvás* e uma colherzinha. Iliá calou-se e, de olhos fechados, estirou-se sobre o casaco. O estaroste apontou para ele em silêncio e balançou a cabeça. Dútlov abanou a mão.

– Acha que não sinto pena? É o filho do meu irmão. Por mais pena que eu tenha, fizeram de mim um miserável aos olhos dele. Sua esposa, mulher esperta, ainda que bem novinha, enfiou na cabeça dele que a gente tem dinheiro para comprar um recruta substituto. É disso que me acusa. E que pena sinto desse moço!...

- Ah, é um bom garoto! – disse o estaroste.
 - Mas não posso mais com ele. Amanhã, vou mandar o Ignat, a mulher dele também queria vir.
 - Mande sim, é bom – O estaroste se levantou e subiu na estufa. – O que é o dinheiro? Dinheiro é pó.
 - Se a gente tem dinheiro, para que vai guardar? – exclamou um empregado do comerciante, levantando a cabeça.
 - Ah, dinheiro, dinheiro! Quantos pecados por causa dele – reagiu Dútlov. – Nada no mundo causa tanto pecado quanto o dinheiro, está dito nas Escrituras.
 - Tudo está dito – repetiu o estalajadeiro. – Foi o que me contou um sujeito: havia um comerciante, tinha acumulado muito dinheiro e não queria abrir mão de nada; amava tanto seu dinheiro que foi com ele para o túmulo. Quando começou a morrer, mandou colocar uma almofadinha com ele no caixão. Ninguém imaginava. Depois os filhos foram procurar o dinheiro: não tinha nada. Um filho achou que devia estar dentro da almofadinha. Chegaram a pedir ao tsar que deixasse escavar a sepultura. E imagine só! Abriram a sepultura e dentro da almofadinha não tinha nada, o caixão estava cheio de vermes; então enterraram de novo. Olhe só o que faz o dinheiro.
 - Todo mundo sabe, são muitos pecados – Dútlov levantou-se e se pôs a rezar.
- Depois de rezar, olhou para o sobrinho. Estava dormindo. Dútlov se aproximou, soltou o cinto que prendia seus braços e deitou-se. O outro mujique foi dormir com os cavalos.

IX

Assim que tudo se acalmou, Polikei, como se tivesse culpa de alguma coisa, desceu da estufa sem fazer barulho e começou a se arrumar. Por algum motivo, estava com pavor de dormir ali, com os recrutas. Os galos já cantavam uns para os outros em intervalos menores, o cavalo Tambor tinha comido toda a sua aveia e esticava a cabeça na direção do bebedouro. Ilitch pôs os arreios no cavalo e puxou-o para fora, passando pelas charretes dos mujiques. O gorro com seu conteúdo estava intacto e as rodas da charrete novamente trepidaram sobre a estrada congelada rumo a Pokróvskoie. Polikei só se sentiu aliviado quando deixou a cidade para trás. Até então, por algum motivo, tinha a sensação de que a qualquer instante viriam atrás dele, iriam detê-lo em lugar de Iliá, amarrariam seus braços nas costas e no dia seguinte o mandariam para o recrutamento. Fosse pelo frio, fosse pelo medo, sentia arrepios nas costas e toda hora atijava o cavalo para não retardar o passo. A primeira pessoa que encontrou foi um padre, com um gorro alto de inverno, acompanhado por um criado todo torto. Polikei sentiu mais medo ainda. No entanto, fora da cidade, aquele medo aos poucos passou. Tambor seguia a passo lento, a estrada à frente ficou mais clara; Ilitch tirou o gorro e apalpou o dinheiro. “Será melhor colocar no peito, dentro da camisa?”, pensou. “Para isso, vou ter de abrir o cinto. Deixe chegar ao pé do morro, lá vou descer da charrete e me ajesto melhor. O gorro está bem costurado por cima e, por baixo, o forro não vai soltar. E não vou tirar o gorro da cabeça até chegar em casa.” Ao pé do morro, por vontade própria, Tambor começou a galopar, e Polikei, que assim como Tambor queria chegar em casa o quanto antes, não conteve o cavalo. Tudo estava em ordem; pelo menos assim lhe parecia, e ele se entregou a devaneios sobre a gratidão da patroa, os cinco rublos que ela lhe daria, a alegria em sua casa. Tirou o gorro, apalpou mais uma vez a carta, afundou mais ainda o gorro na cabeça e sorriu. A pelúcia do gorro estava podre e, justamente porque Akulina, na véspera, havia costurado com esmero o lugar rasgado, o gorro rasgou do outro lado e justamente aquele movimento com que Polikei, ao tirar o gorro, no escuro, pensou que enfiava a carta e o dinheiro mais fundo debaixo do forro, aquele mesmo movimento descosturou o gorro e fez o envelope ficar com uma ponta para fora, por baixo da pelúcia.

O céu começou a ficar mais claro e Polikei, que não tinha dormido à noite, começou a cabecear de sono. Afundou mais ainda o gorro na cabeça e o envelope ficou ainda mais para fora. Polikei, cochilando, começou a bater com a cabeça numa escora no canto da charrete. Acordou já perto de casa. Seu primeiro movimento foi apanhar o gorro: estava afundado em sua cabeça: não tirou o gorro, convencido de que o envelope estava ali. Atiçou Tambor, ajeitou o feno, de novo tomou ares de estalajadeiro e, olhando à sua volta com pose de importância, seguiu na direção de casa.

Lá estava a cozinha, lá estava a “ala” dos servos, a esposa do marceneiro levava roupas de cama, lá estava o escritório, a casa da patroa, onde dali a pouco Polikei ia mostrar que era um homem de confiança e honesto, que “era fácil caluniar as pessoas”, e a patroa ia dizer: “Sim, muito obrigado, Polikei, tome aqui três rublos...”, talvez até cinco, quem sabe dez rublos, e talvez ainda mandasse lhe servir chá, ou até uma vodcazinha. Com aquele frio, não cairia mal. Com dez rublos, dá para eu me divertir no feriado, comprar botas e, paciência, devolver os quatro rublos e meio que devo a Nikita, que já começou a me aborrecer por causa disso... A menos de cem passos da casa, Polikei se aprumou na boleia, ajeitou o cinto e a gola, tirou o gorro, arrumou o cabelo e, sem pressa, enfiou a mão embaixo do forro. A mão revirou-se dentro do gorro, mais depressa, ainda mais depressa, ele enfiou também a outra mão; o rosto empalideceu cada vez mais, a mão saiu do outro lado do gorro... Polikei caiu de joelhos, freou o cavalo e começou a olhar pela charrete, no feno, nas compras, apalpou o peito, as calças: o dinheiro não estava em lugar nenhum.

– Meu Deus! Como é que pode? O que vai ser de mim? – pôs-se a berrar, agarrando os próprios cabelos.

Mas então, lembrando que poderiam vê-lo, fez o cavalo dar meia-volta, afundou o gorro na cabeça e tocou o assombrado e descontente Tambor pelo caminho de volta.

“Não suporto viajar com Polikei”, devia estar pensando Tambor. “Só uma vez na vida me deu de comer e de beber na hora certa e, mesmo assim, foi só para me enganar de um modo muito desagradável. Como me apressou para chegar logo em casa! Fiquei cansado e agora, mal senti o cheirinho do nosso feno, ele me atiça para voltar outra vez para a estrada.”

– Ei, sua besta dos demônios! – gritou Polikei entre lágrimas, erguido em cima da charrete, puxando a boca de Tambor pelos arreios e batendo nele com o chicote.

X

Durante todo aquele dia, ninguém em Pokróvskoie viu Polikei. A patroa perguntou algumas vezes depois do almoço, e Aksiutka ia correndo toda hora falar com Akulina; mas Akulina dizia que ele não tinha chegado, que na certa o comerciante o havia detido lá, ou que acontecera alguma coisa com o cavalo. “Será que o cavalo não está mancando?”, disse ela. “Na última vez, Maksim demorou um dia inteiro e fez o caminho todo a pé!” E Aksiutka balançava seus pêndulos de novo, correndo para a casa, e Akulina inventava motivos para a demora do marido e tentava se tranquilizar – mas em vão! Tinha um peso no coração e as mãos não conseguiam cumprir nenhuma tarefa para a festa do dia seguinte. E se atormentava ainda mais porque a esposa do marceneiro afirmava que o tinha visto de manhã: “Um homem igual ao Ilitch chegou perto da casa e depois deu meia-volta”. As crianças também esperavam o pai com impaciência e agitação, mas por outras razões. Aniutka e Machka tinham ficado sem o casaco de pele e o paletó, que lhes permitiam sair à rua, ainda que apenas alternadamente, uma de cada vez, e por isso eram obrigadas a ficar correndo em volta da casa só de vestido, em círculos e com muita velocidade e esforço, o que incomodava bastante todos os habitantes da ala dos servos, quando entravam e saíam. Uma vez, Machka esbarrou nas pernas da esposa do marceneiro, que estava levando água, e embora já tivesse

começado a berrar por ter se chocado contra os joelhos da mulher, recebeu mesmo assim um puxão no cabelo e pôs-se a chorar com mais força ainda. Mesmo quando não esbarrava em ninguém, ela corria direto pela porta, trepava num barril e subia na estufa. Só a patroa e Akulina estavam sinceramente preocupadas com o próprio Polikei; as crianças só queriam saber de seus agasalhos. E Iégor Mikháilovitch, ao responder à pergunta da patroa: “Será possível que o Polikei não chegou, e onde ele pode estar?”, sorriu e lhe disse: “Não tenho como saber”, e pelo visto estava satisfeito ao ver que sua hipótese havia se confirmado. “Era para ter chegado na hora do almoço”, disse ele, com ar expressivo. Durante todo o dia, em Pokróvskoie, ninguém soube nada sobre Polikei; só depois se soube que ele tinha sido visto por uns mujiques da vizinhança, correndo pela estrada, sem gorro, e perguntando a todo mundo: “Não acharam uma carta?”. Outro homem o viu dormindo à beira da estrada ao lado de um cavalo amarrado e de uma charrete. “Achei também que estava bêbado”, disse aquele homem, “e que o cavalo estava dois dias sem comer e beber, de tão fundas pareciam as costelas.” Akulina passou a noite sem dormir, o tempo todo atenta a qualquer barulho, mas Polikei não veio de noite. Se vivesse sozinha e tivesse com ela um cozinheiro e uma criada, Akulina se sentiria ainda mais infeliz; porém, quando o terceiro galo cantou e a esposa do marceneiro acordou, Akulina teve de se levantar e ir para a estufa. Era dia de festa: antes de clarear, era preciso pôr o pão no forno, fazer *kvás*, assar pastéis, ordenhar a vaca, passar os vestidos e as camisas, lavar as crianças, trazer água e não deixar que a vizinha ocupasse a estufa inteira. Sempre atenta a qualquer barulho lá fora, Akulina cumpriu aquelas tarefas. O dia já havia clareado, os sinos já haviam tocado, as crianças já haviam levantado, mas nada de Polikuchka. Na véspera, tinha caído uma grande friagem, a neve cobria de forma irregular os campos, a estrada e os telhados; e nesse dia, como que de propósito para a festa do feriado, o dia estava bonito, ensolarado e fazia frio, por isso dava para ouvir e ver até bem longe. Mas Akulina, sempre junto à estufa, metendo a cabeça na porta do forno, estava tão ocupada com os pastéis que nem notou a chegada de Polikei e só pelos gritos das crianças soube que o marido tinha chegado. Aniutka, por ser a mais velha, já havia untado o cabelo e se vestira sozinha. Usava um vestido de chita cor-de-rosa novo, mas amarrotado, presente da patroa, que caía nela como numa bonequinha de *lubok*⁷ e causava inveja nas vizinhas; seus cabelos brilhavam, tinha passado neles meia vela de sebo; embora os sapatos não fossem novos, eram delicados. Machka ainda estava de camisolinha e suja, e Aniutka não deixava que ela chegasse perto para não ficar manchada. Machka estava do lado de fora quando o pai chegou com a bolsa. “Papai chegou”, berrou ela, entrando afoita pela porta, passando por Aniutka e sujando a irmã de lama. Aniutka, já sem medo de se manchar, começou a bater na irmã, mas Akulina não podia parar seus afazeres. Apenas gritou para as filhas: “Ei, vocês! Vou dar uma surra nas duas!”, e virou-se para a porta. Ilitch, com a bolsa nas mãos, entrou no vestíbulo e, na mesma hora, seguiu para seu canto. Akulina teve a impressão de que ele estava pálido e seu rosto parecia que chorava e ria ao mesmo tempo; mas ela não conseguiu chegar a uma conclusão.

– E aí, Ilitch? Tudo certo? – perguntou ela, da estufa.

Ilitch resmungou alguma coisa que Akulina não entendeu.

– O quê? – gritou ela. – Já falou com a patroa?

Ilitch, no seu canto, estava sentado na cama, olhava em volta com ar desarvorado e sorria seu sorriso culpado e profundamente infeliz. Ficou muito tempo sem nada responder.

– E então, Ilitch? Que demora foi essa? – ressoou a voz de Akulina.

– Akulina, entreguei o dinheiro à patroa, e como ela agradeceu! – disse de repente e, ainda mais inquieto, pôs-se a olhar em volta e sorrir. Dois objetos em especial detiveram seus olhos arregalados, agitados e febris: as cordas amarradas ao berço e o bebê. Aproximou-se do berço e, com os dedos finos, começou a desatar rapidamente o nó das cordas. Em seguida, seus olhos se detiveram no bebê; mas então Akulina entrou no canto com os pastéis num tabuleiro. Ilitch escondeu depressa a corda no peito, dentro da camisa, e sentou-se na cama.

– O que há com você, Ilitch? Parece que não está bem – disse Akulina.

– Não dormi – respondeu.

De repente, algo se mexeu do outro lado da janela e, num instante, como um tiro, entrou a criada *de cima*, Aksiutka.

– A patroa mandou Polikei Ilitch ir falar com ela neste miminuto – disse. – Neste miminuto, Avdótia Mikolavna mandou... neste miminuto.

Polikei olhou para Akulina, para a criada.

– Já vou! O que ela quer mais? – disse ele de maneira tão natural que Akulina se tranquilizou: talvez quisesse agradecer. – Diga que já vou.

Levantou-se e saiu. Akulina pegou uma tina, colocou sobre o banco, derramou água de uns baldes que estavam junto à porta e também de uma panela que fervia no fogão, arregaçou as mangas e experimentou a temperatura da água.

– Vem cá, Machka, vou lavar você.

Zangada, a menina que ciciava começou a berrar.

– Vem cá, sua porquinha, vou vestir em você uma camisa limpa. Vamos, chega! Vem cá, ainda vou ter de lavar sua irmã.

Enquanto isso, Polikei não foi atrás da criada *de cima* para a casa da patroa, mas sim para um lugar muito diferente. No vestíbulo, ao lado da parede, havia uma escada íngreme que levava ao sótão. Ao entrar no vestíbulo, Polikei olhou para trás e, como não viu ninguém, se agachou e, quase correndo, subiu ligeiro e com agilidade por aquela escada.

– O que isso significa? Polikei não vai vir? – disse a patroa com impaciência, dirigindo-se a Duniacha, que penteava seu cabelo. – Onde está o Polikei? Por que não vem?

Aksiutka correu de novo para a ala dos servos e de novo entrou muito ligeira no vestíbulo e exigiu que Ilitch fosse falar com a patroa.

– Mas ele já foi há muito tempo – respondeu Akulina, que, depois de lavar Machka, tinha acabado de pôr dentro da tina o seu menino, um bebê, e molhava os ralos cabelinhos, apesar de seus gritos. O menino berrava, fazia cara feia e tentava agarrar alguma coisa com as mãozinhas indefesas. Akulina sustentava com a mão grande as costas do bebê, rechonchudas, moles, cheias de covinhas, enquanto o lavava com a outra mão.

– Vá ver se ele não dormiu por aí em algum canto – disse ela, olhando para trás com inquietação.

A esposa do marceneiro, despenteada, camisa aberta no peito, segurando a saia, subiu ao sótão naquele instante para pegar um vestido que deixara lá para secar. De repente um grito de horror ressoou no sótão e, como louca, de olhos fechados, andando para trás de gatinhas, e mais depressa do que um gato, a esposa do marceneiro, em vez de descer correndo, despencou escada abaixo.

– Ilitch! – gritou ela.

Akulina soltou o bebê.

– Enforcou-se! – urrou a esposa do marceneiro.

Akulina correu para o vestíbulo, sem notar que o bebê rolou como uma bolinha e, com os pés para cima, afundou de cabeça na água.

– Na viga... se enforcou – exclamou a esposa do marceneiro, mas parou ao ver Akulina.

Akulina se projetou pela escada e, antes que pudessem detê-la, subiu correndo e, com um grito terrível, caiu pela escada como um corpo morto e teria se matado se as pessoas não tivessem acudido de todos os cantos para ampará-la.

Durante alguns minutos, nada foi possível entender na confusão geral. Formou-se uma multidão enorme, todos gritavam, todos falavam, crianças e velhos choravam, Akulina jazia desacordada. Por fim, alguns homens, o marceneiro e o administrador, que haviam corrido para lá, subiram ao sótão, enquanto a esposa do marceneiro contava pela décima vez como ela, “sem pensar em nada, tinha subido para pegar a capa, e então olhei: vi um homem parado; olhei melhor: o gorro estava caído no chão, virado para cima. Olhei, e as pernas estavam balançando. Aí gelei dos pés à cabeça. Será possível? Um homem se enforcou e logo eu tinha de ver isso! Como despenquei pela escada, nem eu lembro. Foi um milagre, Deus me salvou. Verdade, o Senhor teve misericórdia. Não é pouca coisa! A inclinação e a altura não são de brincadeira! Podia ter morrido com a queda”.

As pessoas que subiam contavam a mesma coisa. Ilitch se enforcou numa viga, só de camisa e calça, com a mesma corda que havia soltado do berço. Seu gorro estava caído e virado para baixo, a seu lado. O paletó e o casaco de pele tinham sido despídos e estavam dobrados, bem perto dele. Os pés tocavam o chão, num sinal de que já não havia vida. Akulina voltou a si e se arremessou de novo escada acima, mas a contiveram.

– Mãezinha, o Siomka se afogou – guinchou de repente, do canto, a menina que ciciava.

Akulina se desvencilhou de novo e correu para o canto. O bebê, sem se mexer, jazia de barriga para cima dentro da tina, e suas perninhas não se mexiam. Akulina retirou-o dali, mas o bebê não respirava e não se mexia. Akulina colocou-o na cama, apoiou-se nas mãos e deu uma gargalhada tão forte, um riso tão sonoro e terrível, que Machka, que de início também deu uma gargalhada, apertou os ouvidos e, chorando, correu para o vestíbulo. Muita gente se aglomerou no canto, entre gemidos e choro. Pegaram o bebê, começaram a esfregar; mas foi tudo em vão. Akulina se jogou na cama e gargalhou, gargalhou de tal modo que todos que ouviam aquele riso, por pouco que fosse, ficavam horrorizados. Só agora, ao ver toda aquela multidão variada, de velhos, crianças e pessoas casadas que se amontoavam no vestíbulo, era possível se dar conta de quanta gente morava na ala dos servos. Todos estavam agitados, todos falavam, muitos choravam e ninguém fazia nada. A esposa do marceneiro ainda encontrava pessoas que não tinham ouvido sua história e contava de novo como seus sentimentos delicados foram abalados pela visão chocante e como Deus a salvara de morrer na queda pela escada. O copeiro velhinho, com um paletó de mulher, contava como no tempo do falecido patrão uma mulher se afogara no lago. O administrador mandou chamar o comissário de polícia e o padre e incumbiu alguém de ficar de vigia. A criada *de cima*, Aksiutka, de olhos arregalados, espiava tudo através de um buraco no sótão e, apesar de não ver nada lá dentro, não conseguia sair de onde estava para ir falar com a patroa. Agáfia Mikháilovna, ex-arrumadeira da antiga patroa, pedia chá para acalmar seus nervos e chorava. Vóvó Anna, com mãos hábeis, gorduchas e saturadas de azeite barato, deitou o pequeno defunto sobre a mesinha. As mulheres estavam paradas em volta de Akulina e a observavam em silêncio. As crianças, tapando os ouvidos com as mãos, olhavam para a mãe e começaram a berrar, depois se calaram, de novo olharam para ela e se apertaram mais ainda uma à outra. Meninos e mujiques se aglomeravam no alpendre e, com a cara assustada, olhavam para a porta e para a janela sem ver nada, sem compreender nada e perguntando uns para os outros o que havia acontecido. Um disse que o marceneiro tinha cortado o pé da esposa com o machado. Outro disse que a lavadeira dera à luz trigêmeos. Um terceiro disse que o gato do cozinheiro havia tido um ataque de raiva e saíra mordendo as pessoas. Mas aos poucos a verdade foi se espalhando e, por fim, chegou aos ouvidos da patroa. E parece que nem se deram ao trabalho de prepará-la: o brutal Iégor comunicou de forma direta e assim abalou os nervos da patroa de tal modo que ela demorou muito tempo para se recuperar. A multidão já começava a se acalmar; a esposa do marceneiro acendeu o samovar e ferveu o chá, com o que as pessoas que não eram de casa, por não serem convidadas, acharam indecoroso permanecer ali por mais tempo. Os meninos começaram a brigar no alpendre. Todos já sabiam do que se tratava e, fazendo o sinal da cruz, começaram a se dispersar, quando de repente se ouviu: “A patroa, a patroa!”, e todos se aglomeraram novamente e se apertaram para lhe dar passagem, mas todos também queriam ver o que ela

ia fazer. A patroa, pálida, coberta de lágrimas, entrou no vestíbulo e atravessou a soleira rumo ao canto de Akulina. Dezenas de cabeças se espremiavam e olhavam pela porta. Apertaram de tal modo uma mulher grávida que ela começou a gritar, mas logo tirou proveito de sua condição para conquistar um lugar na frente dos outros. E quem não ia querer ver a patroa no canto de Akulina? Para os servos domésticos, era o mesmo que ver fogos de artifício no fim de um espetáculo. Era coisa importante se soltavam fogos de artifício, e também era coisa importante se a patroa, em roupas de seda e de rendas, ia ao canto de Akulina. A patroa se aproximou de Akulina e segurou sua mão; mas Akulina soltou-a com força. Os velhos servos domésticos balançaram a cabeça com ar desaprovador.

– Akulina! – disse a patroa. – Você tem filhos, tenha piedade de si mesma.

Akulina deu uma gargalhada e levantou-se.

– Meus filhos são todos de prata, todos de prata... Documento, não tenho nenhum – balbuciou, falando depressa. – Falei para o Ilitch, não pegue em documentos, lambuzaram você com alcatrão, lambuzaram você todo. Com alcatrão e sabão, minha senhora. Por piores que fossem as cicatrizes, logo iam fechar. – E de novo deu uma gargalhada ainda mais forte.

A patroa deu meia-volta e mandou trazer o enfermeiro e mostarda. “Tragam água fria”, ela mesma foi buscar água; mas, ao ver o bebê morto, diante do qual estava vovó Anna, a patroa deu as costas e todos viram como cobriu o rosto com um lenço e começou a chorar. Vovó Anna (pena que a patroa não viu: ela teria apreciado; tudo aquilo era feito para ela) cobriu o bebê com um pedaço de pano, ajeitou o bracinho do bebê com sua mãozinha rechonchuda e ágil, e de tal modo balançou a cabeça, de tal modo distendeu os lábios, piscou os olhos com tanto sentimento e de tal modo suspirou que todos podiam ver que tinha um coração excelente. Mas a patroa não viu nada disso e nem podia ver. Chorava, soluçava, teve um ataque histérico e foi preciso ampará-la e levá-la pelo braço para casa. “Dela não sai mais nada”, pensaram muitos e começaram a se dispersar. Akulina continuava a gargalhar e falava coisas absurdas. Levaram-na para outro cômodo, fizeram uma sangria, aplicaram cataplasmas de mostarda, puseram gelo na cabeça; mas ela continuava sem entender nada e sem chorar, apenas gargalhava e falava e fazia tais coisas que as pessoas bondosas que cuidavam dela não conseguiam se conter e riam também.

XII

O feriado não foi alegre em Pokróvskoie. Apesar de fazer um dia bonito, o povo não saiu para passear; as moças não se juntaram para cantar, os rapazes da fábrica, que vieram da cidade, não tocaram acordeão nem balalaica e não brincaram com as meninas. Todos ficaram em seu canto e, se falavam, era em voz baixa, como se ali estivesse um espírito maligno que pudesse ouvi-los. Mesmo assim, durante o dia foi suportável. Porém à tardinha, quando começou a escurecer, os cachorros se puseram a uivar e, naquele instante, por azar, o vento também uivou nas chaminés, e um medo tão grande dominou todos os habitantes da ala dos servos que quem tinha velas acendeu-as diante dos ícones; quem estava sozinho em seu canto foi para junto dos vizinhos e pediu para dormir onde havia mais gente e quem tinha de sair para o estábulo não foi e lamentou ter deixado o gado sem comida naquela noite. E a água benta, que todos guardavam consigo dentro de um frasquinho, foi toda ela usada naquela noite. Muitos até ouviram que alguém caminhava pelo sótão a passos pesados naquela noite, e o ferreiro viu um dragão voar direto para dentro do sótão. No canto dos Polikei, não havia ninguém; as crianças e a louca foram transferidas para outro lugar. Lá, apenas jazia o bebê falecido, além de duas velhinhas e uma peregrina, que lia os Salmos com fervor, não pelo bebê, mas por causa de toda aquela desgraça. Era a vontade da patroa. Toda vez que terminavam um versículo, as velhas e a peregrina ouviam lá em cima a viga ranger e alguém dar um gemido. Rezavam: “E Deus vai ressuscitar”, e tudo silenciava de novo. A esposa do marceneiro chamou

sua comadre e naquela noite, sem dormir, ela bebeu todo o chá que havia armazenado para a semana. Também ouviam as vigas rangerem lá em cima e um barulho parecido com a queda de sacos. Os mujiques de vigia infundiam coragem nos servos domésticos, do contrário teriam morrido de medo naquela noite. Mujiques se deitaram no vestíbulo, sobre o feno, e depois garantiram ter ouvido também coisas extraordinárias no sótão, embora naquela mesma noite tenham ficado conversando tranquilamente sobre o recrutamento, enquanto mastigavam pão, se coçavam e, acima de tudo, enchiam o vestíbulo com o cheiro característico dos mujiques, a tal ponto que a esposa do marceneiro, ao passar por eles, cuspiu e xingou-os de mal-educados. De todo modo, o enforcado continuava pendurado no sótão e parecia que naquela noite o próprio espírito do mal cobria a ala dos servos com sua asa enorme, ostentando seu poder e ficando mais perto que nunca daquela gente. Pelo menos todos tinham essa sensação. Não sei se era verdade. Até acho que, no geral, não era verdade. Acho que, se houvesse algum atrevido, naquela noite terrível, que pegasse uma vela ou uma lamparina e, benzendo-se ou até sem se benzer, subisse ao sótão e, com a chama da vela, fosse afastando devagar à sua frente o horror da noite e iluminasse as vigas, a areia, o cano da chaminé coberto de teias e o vestido esquecido pela esposa do marceneiro – chegasse até Ilitch e, se não se rendesse ao sentimento de pavor, levantasse a lamparina à altura do rosto, então veria o conhecido corpo magro, com os pés que tocavam o chão (a corda tinha afrouxado), a cabeça sem vida inclinada para o lado, tombada sobre o peito, o colarinho da camisa desabotoado, sob a qual não se via um crucifixo, e o rosto bondoso, de olhos abertos, imóveis, o sorriso dócil e culpado, a calma austera e, em tudo, o silêncio. Na verdade, a esposa do marceneiro, encolhida em sua cama, no seu canto, de cabelos despenteados e com olhos assustados que exprimiam que ela escutava com atenção o barulho de sacos caindo, estava muito mais assustadora e terrível do que Ilitch, embora tivessem retirado o crucifixo dele e colocado sobre a viga.

Em cima, ou seja, na casa da patroa, reinava o horror, assim como na ala dos servos domésticos. No quarto da patroa, havia um cheiro de água-de-colônia e de remédio. Duniacha esquentava cera amarela e preparava um cataplasma. Para que exatamente servia o cataplasma, eu não sei; mas sei que sempre faziam cataplasmas quando a patroa estava doente. E dessa vez ela ficara tão abalada que adoecera. Para dar coragem a Duniacha, sua tia veio passar a noite com ela. Em companhia de mais uma serva, as quatro ficaram juntas no quarto das criadas, e conversavam em voz baixa.

- Quem é que vai pegar o azeite de lamparina? – perguntou Duniacha.
- Eu não vou de jeito nenhum, Avdótia Mikolavna – respondeu a segunda criada, em tom decidido.
- Deixe disso; vá junto com a Aksiutka.
- Vou sozinha, não tenho medo de nada – disse Aksiutka, mas na mesma hora se assustou.
- Vá, boa menina, peça um copo de azeite para a vovó Anna e traga sem derramar – disse Duniacha.

Aksiutka levantou a barra da saia com a mão e, embora por causa disso já não pudesse balançar os dois braços, balançou um braço com duas vezes mais força, numa linha oblíqua a seu trajeto, enquanto corria. Estava apavorada e tinha a sensação de que, se visse ou ouvisse qualquer coisa, ainda que fosse sua mãe viva, cairia dura de medo. Com os olhos semicerrados, ela voou pela trilha conhecida.

XIII

- A patroa está dormindo ou não? – perguntou de repente uma voz grossa de mujique, ao lado de Aksiutka.

Ela abriu os olhos, que antes estavam semicerrados, e viu um vulto que lhe pareceu mais alto do que a casa dos servos; ela soltou um grito estridente e deu meia-volta tão depressa que a saia teve de voar

atrás dela. Num pulo só, Aksiutka estava no alpendre, com outro pulo, no quarto das criadas, e jogou-se na cama num choro desarvorado. Duniacha, sua tia e a outra criada estavam morrendo de medo; mas nem tiveram tempo de se recuperar quando passos pesados, vagarosos e hesitantes soaram no vestíbulo e na porta. Duniacha se precipitou para o quarto da patroa, deixando cair o cataplasma; a segunda criada se escondeu atrás de uma saia pendurada na parede; a tia, mais decidida, quis segurar a porta, mas a porta se abriu e um mujique entrou. Era Dútlov, com os pés metidos em suas lanchas. Sem prestar atenção no pavor das criadas, procurou os ícones com os olhos e, sem notar a pequena imagem pendurada no canto esquerdo, fez o sinal da cruz voltado para uma pequena cristaleira com xícaras, colocou o gorro na janela e, depois de enfiar a mão bem fundo no casaco de pele, como se quisesse coçar a axila, pegou uma carta com cinco lacres marrons, marcados com o desenho de uma âncora. A tia de Duniacha apertou a mão no peito... Com dificuldade, exclamou:

- Que susto você me deu, Naúmitch! Não consigo nem falar. Pensei que tinha chegado meu fim.
- Como pode fazer isso? – reclamou a segunda criada, saindo de trás da saia.
- Assustou até a patroa – disse Duniacha, vindo pela porta. – Como é que entra no quarto das criadas sem pedir licença? Um verdadeiro mujique!

Dútlov, sem se desculpar, repetiu que precisava falar com a patroa.

- Ela está doente – disse Duniacha.

Naquele momento, Aksiutka deu uma risada tão alta e tão escandalosa que teve de esconder de novo a cabeça nos travesseiros da cama, de onde, apesar das ameaças de Duniacha e da tia, durante uma hora não foi possível retirá-la, pois toda vez que levantava a cabeça desatava a rir de novo, como se o peito rosado e as bochechas vermelhas fossem rebentar. Ela achava engraçado demais o fato de todas terem se assustado – e escondia de novo a cabeça e, como que dominada por convulsões, esperneava e sacudia o corpo todo.

Dútlov ficou parado, observou-a com atenção, como se quisesse entender o que estava acontecendo com ela, mas, sem conseguir decifrar do que se tratava, virou-se para o lado e continuou a falar.

- É que tenho um assunto muito importante – explicou. – Diga para ela que achei a carta do mujique com o dinheiro.

- Que dinheiro?

Duniacha, antes de avisar a patroa, leu o nome do destinatário e perguntou a Dútlov onde e como tinha encontrado o dinheiro que Ilitch devia ter trazido da cidade. Depois de ser informada de tudo em detalhes e mandar para o vestíbulo a criada corredora, que não parava de gargalhar, Duniacha foi falar com a patroa, mas, para surpresa de Dútlov, mesmo assim a patroa não o recebeu e não disse nada de forma clara para Duniacha.

- Não sei de nada nem quero saber – disse a patroa. – Não quero saber de mujique nenhum nem de dinheiro nenhum. Não quero e não posso ver ninguém. Mande que me deixem em paz.

- O que vou fazer? – disse Dútlov, rodando o envelope nas mãos. – O dinheiro não é pouco. O que está escrito aqui? – perguntou a Duniacha, que de novo leu para ele o nome do destinatário.

Dútlov, no entanto, parecia não acreditar. Tinha esperança de que o dinheiro, quem sabe, não fosse da patroa e que tivessem lido errado o nome do destinatário. Mas Duniacha confirmou mais uma vez. Dútlov suspirou, colocou o envelope no peito e se preparou para sair.

- Acho melhor entregar para o comissário de polícia – disse ele.

- Espere, vou tentar falar com ela mais uma vez – o deteve Duniacha, que havia olhado atentamente para o envelope, na hora em que ele desaparecia por dentro da camisa do mujique. – Dê aqui a carta.

Dútlov retirou o envelope de novo, mas não o colocou logo na mão de Duniacha.

- Diga que Dútlov Semion achou na estrada.
- Sim, me dê aqui.

– Achei que era só uma carta; mas um soldado leu tudo e disse que tinha dinheiro.

– Sim, me dê aqui.

– Eu nem me atrevi a ir para casa porque... – disse de novo Dútlov, sem separar-se do precioso envelope. – Diga isso para ela.

Duniacha agarrou o envelope e foi de novo falar com a patroa.

– Ah, meu Deus, Duniacha! – disse a patroa, com voz de censura. – Não venha me falar sobre esse dinheiro. Só de lembrar daquele pequenino...

– O mujique, senhora, não sabe para quem deve entregar – explicou de novo Duniacha.

A patroa rompeu o lacre do envelope, teve um sobressalto assim que viu o dinheiro e ficou pensativa.

– O dinheiro é terrível, quanto mal ele faz! – disse ela.

– E o Dútlov, senhora? Quer que ele vá embora ou a senhora vai se dignar a sair para falar com ele? Será que o dinheiro está todo aí?

– Não quero saber deste dinheiro. É um dinheiro horroroso. O que ele já causou! Diga que fique com o dinheiro, se quiser – falou de repente a patroa, procurando a mão de Duniacha. – Sim, sim, sim – repetiu a patroa para a espantada Duniacha. – Que ele leve tudo consigo e faça o que quiser.

– Mil e quinhentos rublos – notou Duniacha, sorrindo de leve, como se falasse com uma criança.

– Que ele leve tudo – repetiu a patroa com impaciência. – Será que você não está me ouvindo? Esse dinheiro é maldito, nunca mais me fale sobre isso. Que o mujique fique com o dinheiro que ele achou. Vá embora, já!

Duniacha voltou para o quarto das criadas.

– Está tudo aí? – perguntou Dútlov.

– Sim, conte você mesmo – respondeu Duniacha, entregando o envelope. – Mandaram dar para você.

Dútlov pôs o chapéu embaixo do braço e, curvado, começou a contar.

– Não tem um ábaco?

Dútlov entendeu que a patroa, por burrice, não sabia contar e mandou que ele fizesse aquilo.

– Vá contar em casa! É seu! O dinheiro é seu! – disse Duniacha, zangada. – Não quero ver esse dinheiro, ela disse. Entregue para quem o trouxe.

Dútlov, ainda curvado, cravou os olhos em Duniacha.

A tia de Duniacha bateu uma mão na outra.

– Mãezinhas queridas! Que sorte Deus lhe deu! Mãezinhas queridas!

A segunda criada não acreditou:

– Não está brincando, Avdótia Mikolavna?

– Que brincando, nada! Ela mandou entregar para o mujique... Vamos, leve o dinheiro, vá embora – disse Duniacha, sem esconder a irritação. – Para uns a desgraça, para outros a sorte.

– Mil e quinhentos rublos não é brincadeira – disse a tia.

– Tem mais que isso – corrigiu Duniacha. – Bom, acenda uma vela de dez copeques para São Nicolau – disse, em tom de zombaria. – O que foi, ainda não entendeu? E quanto bem isso não faria para um pobre! Mas você já tem muito.

Afinal Dútlov compreendeu que não era brincadeira e tentou juntar o dinheiro, que ele havia separado para contar, e colocá-lo dentro do envelope; mas as mãos tremiam e ele não parava de lançar olhares para as moças, a fim de verificar se não estavam pregando alguma peça.

– Olhem só, ficou apalermado de tão alegre – disse Duniacha, mostrando que ela, mesmo assim, desprezava o mujique e o dinheiro. – Dê aqui, eu ajeito as notas para você.

E ela quis pegar. Mas Dútlov não deixou; embolou as notas, enfiou o dinheiro ainda mais fundo no bolso e apanhou o chapéu.

- Contente?
- Não sei o que dizer! É como se...

Não terminou de falar, limitou-se a abanar a mão, deu um risinho, à beira de chorar, e saiu.

A sineta chamou, no quarto da patroa.

- Então, devolveu?
- Devolvi.
- E ele? Ficou muito contente?
- Ficou que nem um doido.
- Ah, chame-o. Quero perguntar como foi que achou. Chame-o aqui, não posso sair.

Duniacha correu e alcançou o mujique no vestíbulo. Sem ter colocado o chapéu, ele tinha erguido a bolsa e, curvado, abriu-a, mas mantinha o dinheiro seguro entre os dentes. Talvez achasse que, enquanto o dinheiro não estivesse dentro da bolsa, não seria de fato seu. Quando Duniacha o chamou, ele se assustou.

– O que Avdótia... Avdótia Mikolavna. Ela quer tomar de volta? Por favor, interceda por mim, por Deus, vou trazer mel para vocês.

– E como! Traga mesmo.

De novo a porta abriu e levaram o mujique à presença da patroa. Ele não estava alegre. “Ah, ela vai tomar de volta!”, pensou enquanto, ao percorrer os cômodos, por algum motivo levantava muito os pés, como quem caminha no meio do capim alto, e não deixava as alpercatas de palha baterem com força no chão. Não entendia nada e não via o que estava à sua volta. Passou por um espelho, viu umas flores, um mujique de alpercatas de palha levantando os pés, a pintura de um senhor de monóculo, uma espécie de barrica verde e uma coisa branca... Quando olhou, aquela coisa branca começou a falar: era a patroa. Dútlov nada compreendia, apenas olhava fixamente. Não sabia onde estava e tudo lhe parecia nebuloso.

– É você, Dútlov?

– Sou eu, sim, senhora. Está do mesmo jeito, nem toquei – disse. – Eu não gosto, Deus é testemunha! Quase matei meu cavalo...

– Bem, sorte sua – disse ela com um sorriso de bondade e desdém. – Fique, fique para você.

Ele apenas arregalou os olhos.

– Estou contente que você tenha encontrado. Deus queira que lhe traga proveito! Então, está contente?

– Como não ficar contente? Contente demais, mãezinha! Vou rezar pela senhora a vida toda. Estou tão feliz que dou graças a Deus de nossa patroa estar viva. A culpa é só minha.

– Mas como foi que você achou?

– Sabe, a gente está sempre pronto para sofrer pela patroa com honra e não...

– Ele já não está dizendo coisa com coisa, senhora – disse Duniacha.

– Fui levar meu sobrinho, o recruta, e, quando voltei, achei no meio da estrada. Na certa, Polikei deixou cair.

– Muito bem, vá embora, vá, meu caro. Estou satisfeita.

– E eu estou muito contente, mãezinha! – disse o mujique.

Depois Dútlov lembrou que não lhe agradecera e não se portara como convinha. A patroa e Duniacha sorriam e ele, de novo, começou a andar como se estivesse no meio do capim e mal conseguia se conter para não sair correndo. Tinha sempre a impressão de que, a qualquer momento, iriam detê-lo e tomar o dinheiro...

De volta ao ar livre, Dútlov afastou-se da estrada rumo às túlias, até tirou o cinto para pegar a bolsa com mais facilidade, e começou a guardar o dinheiro. Seus lábios se mexiam, se esticavam, se contraíam, embora ele não pronunciasse nenhum som. Depois de guardar o dinheiro e apertar o cinto, fez o sinal da cruz e seguiu em frente pela estradinha, para lá e para cá, como um bêbado: estava ocupado demais com os pensamentos que jorravam dentro de sua cabeça. De repente viu à sua frente o vulto de um mujique que vinha a seu encontro. Chamou-o: era Efim, que vigiava a ala dos servos com um porrete.

– Ah, tio Semion – exclamou Efimka com alegria, chegando mais perto. (Efimka tinha medo de ficar sozinho.) – Então, levaram os recrutas, tio?

– Levamos. E você?

– Pois me puseram aqui para vigiar o Ilitch, o enforcado.

– Onde está ele?

– Lá no sótão, dizem que se enforcou – respondeu Efim, apontando com o porrete, no escuro, para o telhado da casa.

Dútlov olhou na direção da mão e, embora nada visse, fez cara feia, estreitou as pálpebras e balançou a cabeça.

– O chefe de polícia veio – disse Efimka. – O cocheiro me contou. Daqui a pouco vão tirar. Que horror fazer isso de noite, tio. Podem me mandar ir lá em cima que de noite eu não vou de jeito nenhum. Ainda que o Iégor bata em mim até matar, eu não vou.

– Que pecado, que pecado! – repetia Dútlov, obviamente só por decoro, mas no fundo sem pensar no que dizia, pois queria apenas seguir seu caminho.

Porém a voz de Iégor Mikháilovitch o deteve.

– Ei, guarda, venha cá – gritou Iégor Mikháilovitch da varanda.

Efimka se adiantou.

– Quem é o mujique que estava com você?

– Dútlov.

– Você também, Semion, venha cá.

Dútlov aproximou-se e, sob a luz do lampião seguro pelo cocheiro, avistou Iégor Mikháilovitch e um funcionário baixinho, de quepe, com um distintivo no capote: era o comissário de polícia rural.

– Vá, o velho virá conosco – disse Iégor Mikháilovitch ao vê-lo.

O velho ficou aborrecido; mas não podia fazer nada.

– E você, Efimka, meu bom jovem, corra lá no sótão, onde ele se enforcou, ajeite a escada para que Sua Excelência possa subir.

Efimka, que não queria de jeito nenhum chegar perto da ala dos servos, foi correndo para lá, estalando as alpercatas de palha como se fossem tabuinhas.

O comissário de polícia acendeu um fogo e começou a fumar cachimbo. Ele morava a duas verstas e tinha acabado de ser repreendido severamente pelo seu superior por ter bebido demais e por isso, agora, estava com um ataque de zelo: chegou às dez horas da noite e quis examinar logo o enforcado. Iégor Mikháilovitch perguntou a Dútlov por que ele estava ali. No caminho, Dútlov contou ao administrador como havia achado o dinheiro e o que a patroa tinha feito. Dútlov disse que vinha pedir permissão de Iégor Mikháilovitch. O administrador, para horror de Dútlov, exigiu o envelope e examinou-o. O comissário de polícia também pegou o envelope nas mãos e, em tom seco, indagou sobre os detalhes.

“Pronto, o dinheiro está perdido”, pensou Dútlov e pôs-se logo a se desculpar. Mas o comissário lhe devolveu o dinheiro.

– Que sorte desse sem-vergonha! – disse.

– Veio bem a calhar – disse Iégor Mikháilovitch. – Ele acabou de levar um sobrinho para o recrutamento; agora vai pagar o resgate.

– Ah! – exclamou o comissário de polícia, e adiantou-se.

- Vai pagar o resgate do Iliúchka, não vai? – perguntou Iégor Mikháilovitch.
- Como vou pagar o resgate? Será que o dinheiro dá? E talvez não dê mais tempo.
- Faça como quiser – disse o administrador, e os dois seguiram o comissário de polícia rural.

Aproximaram-se da ala dos servos, em cujo vestíbulo os guardas imundos esperavam com um lampião. Dútlov foi atrás. Os guardas tinham um ar de culpa, que só podia ser atribuído ao cheiro que deles emanava, porque não tinham feito nada de errado. Todos estavam calados.

– Onde? – perguntou o comissário.

– Aqui – respondeu Iégor Mikháilovitch, num sussurro. – Efimka – acrescentou –, meu bom jovem, vá na frente com o lampião!

Efimka, que já havia ajeitado as tábuas da escada, parecia ter perdido todo o medo. Galgando dois ou três degraus de cada vez, subiu com o rosto alegre, virando-se para trás e iluminando, com o lampião, o caminho para o comissário. Atrás do comissário, veio Iégor Mikháilovitch. Quando eles sumiram lá em cima, Dútlov pôs um pé na escada, suspirou e se deteve. Passaram dois minutos, os passos deles no sótão silenciaram; era evidente que tinham se aproximado do cadáver.

– Tio! Estão chamando! – exclamou Efimka pelo buraco.

Dútlov subiu. O comissário e Iégor Mikháilovitch estavam visíveis sob a luz do lampião, mas a viga ocultava a parte superior de seu corpo; por trás, viam-se também as costas de alguém. Era Polikei. Dútlov passou pela viga, fez o sinal da cruz e parou.

– Virem-no, pessoal – disse o comissário.

Ninguém se mexeu.

– Efimka, você é um bom jovem – disse Iégor Mikháilovitch.

O bom jovem andou até o outro lado da viga, virou Ilitch, ficou a seu lado com o ar mais alegre do mundo, olhando ora para Ilitch, ora para o comissário, como o apresentador de um circo que exhibe um albino ou Julia Pastrana,⁸ a mulher barbada, olha ora para a plateia, ora para as peças que apresenta, pronto a satisfazer todos os desejos do público.

– Vire de novo.

Ilitch foi virado mais uma vez, os braços balançaram de leve e um pé arrastou na areia.

– Vamos, baixe.

– Quer que corte, Vassíli Boríssovitch? – perguntou Iégor Mikháilovitch. – Tragam o machado, amigos.

Foi preciso ordenar duas vezes aos guardas e a Dútlov que se aproximassem. O bom jovem manuseava Ilitch como a uma carcaça de ovelha. Por fim cortaram a corda, baixaram o corpo e o cobriram. O comissário de polícia disse que o médico viria no dia seguinte e dispensou todos.

Mexendo os lábios, Dútlov foi para casa. No início estava com muito medo, mas à medida que se aproximava da aldeia aquele sentimento foi passando e uma sensação de alegria penetrava mais e mais em sua alma. Na aldeia, ouviam-se canções e vozes embriagadas. Dútlov nunca bebia e também dessa vez foi direto para casa. Já era tarde quando entrou na isbá. Sua velha estava dormindo. O filho mais velho e os netos dormiam em cima da estufa, o segundo filho, dentro da despensa. Só a esposa de Iliúchka não estava dormindo e, numa camisa imunda, de usar todo dia, com a cabeça descoberta, estava sentada num banco e gemia. Ela não veio abrir a porta para o tio, apenas passou a gemer e falar mais alto, assim que ele entrou na isbá. Na opinião da velha, ela entoava seus lamentos de modo muito bonito e correto, apesar de não poder ainda ter prática, por causa de sua juventude.

A velha se levantou e preparou o jantar do marido. Dútlov enxotou da mesa a esposa de Iliúchka. “Chega, chega!”, disse. Aksínia levantou-se e foi se deitar em outro banco, sem parar de gemer. Em silêncio, a velha pôs a mesa e depois tirou tudo. O velho também não disse nenhuma palavra. Depois de rezar, arrotou, lavou as mãos, pegou o ábaco que estava pendurado num prego e foi para a despensa. Lá, de início, conversou em sussurros com a velha; depois que ela saiu, ficou mexendo no ábaco, por fim bateu a tampa de um cofre e desceu para o porão. Ficou muito tempo ocupado na despensa e no porão. Quando voltou, já estava escuro na isbá, o tição já não ardia. A velha, em geral silenciosa e discreta durante o dia, já estava deitada na tábua suspensa perto da estufa e seu ronco enchia a isbá inteira. A barulhenta esposa de Iliúchka também dormia e respirava sem fazer ruído. Dormia num banco, do jeito que estava, sem trocar de roupa e sem colocar nada embaixo da cabeça. Dútlov pôs-se a rezar, depois observou a esposa de Iliúchka, balançou a cabeça, terminou de apagar o tição, arrotou de novo, subiu na estufa e deitou-se de costas, junto ao neto pequeno. No escuro, tirou as alpercatas de palha, deixou-as cair e estirou-se de barriga para cima, olhando para a rede suspensa no teto, que mal se distinguia acima de sua cabeça, e pôs-se a escutar o barulho das baratas que farfalhavam na parede, o barulho da respiração, do ronco, dos pés esfregando um no outro e do gado lá fora. Ficou muito tempo sem pegar no sono; a lua subiu, ficou mais claro dentro da isbá, ele conseguia ver Aksínia no canto e algo mais, que não conseguia distinguir: talvez um casaco esquecido pelo filho ou uma barrica que as mulheres deixaram ali, ou quem sabe havia alguém de pé. Talvez Dútlov tivesse cochilado um pouco ou não, mas se pôs a olhar outra vez... Era evidente que o espírito maligno que levava Ilitch àquela desgraça e cuja proximidade os servos sentiam naquela noite – era evidente que aquele espírito havia aberto sua asa também sobre a aldeia, sobre a isbá de Dútlov, onde estava o dinheiro que *ele* usara para destruir Ilitch. Pelo menos Dútlov sentia sua presença ali e não estava tranquilo. Não dormia nem levantava. Ao ver algo que não conseguia saber o que era, lembrou-se de Iliúchka com as mãos amarradas, lembrou-se do rosto de Aksínia e de seus lamentos bonitos, lembrou-se de Ilitch e dos braços balançando, moles. De repente o velho teve a impressão de que alguém passou pela janela. “O que pode ser? Será que o estaroste já veio me chamar?”, pensou. “Como foi que abriu a porta?”, pensou o velho, ao ouvir passos no vestíbulo. “Ou será que a velha não trancou a porta?” Um cachorro uivava no terreno dos fundos e *ele* andava pela entrada, assim contou o velho depois, como se procurasse a porta, passou, começou de novo a tatear a parede, tropeçou numa barrica e ela fez um barulho forte. E de novo *ele* começou a tatear como se procurasse a maçaneta. Então encontrou a maçaneta. E um tremor percorreu o corpo do velho. *Ele* puxou a maçaneta e entrou, em forma humana. Dútlov já sabia quem era. Quis fazer um sinal da cruz, mas não conseguiu. *Ele* se aproximou da mesa onde estava a toalha, puxou-a, jogou-a no chão e deitou-se na estufa. O velho sabia que *ele* havia assumido a figura de Ilitch. *Ele* arreganhou os dentes, os braços balançavam. *Ele* subiu na estufa, subiu direto em cima do velho e começou a estrangular.

– Meu dinheiro – disse Ilitch.

– Solte, não faço mais – quis falar Semion, mas não conseguiu.

Ilitch o sufocava apertando seu peito com todo o peso de uma montanha de pedras. Dútlov sabia que, se rezasse, *ele* o soltaria e sabia também qual prece tinha de rezar, mas a prece não saía. O neto dormia a seu lado. O menino começou a chorar e a gritar de modo estridente: o avô o espremia na parede. O grito da criança libertou a boca do velho. “E que Deus ressuscite”, proferiu Dútlov. *Ele* soltou um pouco. “E expulse os inimigos...”, murmurou Dútlov. *Ele* desceu da estufa. Dútlov ouviu como os pés *dele* batiam no chão. Dútlov continuou a rezar as preces que conhecia, uma depois da outra. No entanto, a não ser o neto e o avô, todos dormiam. O avô rezava e seu corpo todo tremia, o neto chorava, se cobria e se apertava ao avô. Tudo silenciou de novo. O avô estava deitado, sem se mexer. Um galo cantou atrás da parede, perto do ouvido de Dútlov. Ele escutou que, de repente, as galinhas começaram a se mexer, um galinho novo começou a cantar tentando imitar o galo adulto, mas sem conseguir. Algo se mexeu nos pés do velho. Era o gato: ele pulou da estufa para o chão, com suas patas macias, e pôs-se a miar junto à

porta. O avô levantou-se, ergueu a janela; a rua estava escura, lamacenta; a parte dianteira de uma carroça estava bem perto da janela. Descalço, fazendo o sinal da cruz, Dútlov saiu e foi na direção dos cavalos: e ali também estava evidente que o *dono* tinha vindo. A égua que estava debaixo do abrigo, no canto, enrolara as patas nas rédeas, entornara sua ração e, de pernas para cima e cabeça virada, esperava seu dono. O potro tinha caído no meio do estrume. O avô colocou-o de pé, desemaranhou a égua, pôs forragem para os animais comerem e voltou para a isbá. A velha tinha levantado e acendera um tição. “Acorde as crianças”, disse ele, “vou à cidade.” Acendeu a vela de cera dos ícones e desceu com ela ao porão. Não só na casa de Dútlov, mas em todas as casas vizinhas o fogo estava aceso quando ele saiu. As crianças levantaram e logo se arrumaram. Mulheres entravam e saíam com baldes e jarras de leite. Ignat arreava uma carroça. O segundo filho punha graxa na outra. A jovem esposa já não gemia, mas, arrumada e com o xale na cabeça, estava sentada num banco dentro da isbá, à espera da hora de ir à cidade para despedir-se do marido.

O velho parecia extraordinariamente severo. Não dizia nenhuma palavra a ninguém, vestiu um casaco novo, apertou o cinto e, com todo o dinheiro de Ilitch enfiado no peito, foi falar com Iégor Mikháilovitch.

– Trate de trabalhar depressa! – gritou para Ignat, que estava ajeitando as rodas no eixo suspenso e engraxado. – Volto logo. E que tudo esteja pronto!

O administrador tinha levantado pouco antes, tomara chá e se arrumava para ir à cidade a fim de entregar o recruta.

– O que você quer? – perguntou.

– Eu, Iégor Mikháilovitch, quero resgatar o rapaz. Faça essa bondade. Há pouco tempo o senhor falou que sabia de um substituto na cidade. Ensine para mim como se faz. A gente não conhece o assunto.

– Então mudou de ideia?

– Mudei, Iégor Mikháilovitch: dá pena, é filho de meu irmão. E mesmo que não fosse, dá pena, mesmo assim. Traz muitos pecados, o dinheiro. Faça a bondade de me ensinar – disse, curvando-se até a cintura.

Como sempre acontecia nessas situações, Iégor Mikháilovitch ficou muito tempo pensativo, calado, estalando os lábios e, depois de avaliar bem a questão, redigiu dois bilhetes e disse o que e como era preciso fazer na cidade.

Quando Dútlov voltou para casa, a esposa de Iliúchka já havia partido com Ignat e a égua ruça e barriguda, já atrelada na carroça, estava ao lado do portão. Ele arrancou uma varinha da cerca; agasalhou-se bem, sentou-se na boleia e atçou a égua. Dútlov tangia o animal com tanta pressa que toda a gordura da égua desapareceu de uma hora para outra e Dútlov nem olhava para ela, para não ficar com pena. Era torturado pela ideia de que ia se atrasar para o recrutamento, que Iliúchka ia entrar para o Exército e o dinheiro amaldiçoado acabaria ficando em suas mãos.

Não vou descrever em detalhes todas as aventuras de Dútlov naquela manhã; direi apenas que foi muito bem-sucedido. Na casa do estalajadeiro para quem Iégor Mikháilovitch mandou um bilhete, havia um substituto a postos, um homem que lhe devia vinte e três rublos e já tinha sido aprovado pelo serviço de recrutamento. O estalajadeiro queria receber, por ele, quatrocentos rublos, porém um negociante que tratava do assunto já havia três semanas insistiu para deixar por trezentos. Dútlov quis fechar o negócio com duas palavras:

– Aceita trezentos e vinte e cinco? – perguntou, estendendo a mão, mas com uma expressão que logo deixou claro que estava disposto a pagar mais.

O estalajadeiro afastou a mão e continuou pedindo quatrocentos.

– Não aceita trezentos e vinte e cinco? – repetiu Dútlov, agarrando com a mão esquerda a mão direita do homem e ameaçando bater nela com a outra mão. – Não aceita? Bem, Deus o proteja! – exclamou de repente, bateu na mão do estalajadeiro e, com um movimento brusco, lhe deu as costas. –

Então vamos fechar! Leve por trezentos e cinquenta – disse. – Dê o recibo. Traga o rapaz. E agora o adiantamento. Duas das vermelhinhas, o que acha? – E Dútlov soltou o cinto e entregou o dinheiro.

O estalajadeiro, apesar de não afastar a mão, continuava dando a impressão de que não estava de acordo e, sem receber aquele adiantamento, pediu mais dinheiro para o substituto se divertir e beber.

– Não cometa nenhum pecado – repetiu Dútlov, empurrando o dinheiro para ele. – Vamos morrer. – Repetia num tom de voz tão dócil, didático e convicto que o estalajadeiro respondeu:

– Não se pode fazer nada – outra vez bateu na mão e começou a rezar. – Que Deus tenha piedade de nossa alma.

Acordaram o substituto, que ainda estava dormindo depois da farra da véspera, examinaram-no sem nenhum motivo e foram todos para o recrutamento. O substituto estava alegre, exigiu que o refrescassem com um pouco de rum, Dútlov lhe deu o dinheiro para a bebida e só se intimidou quando começaram a entrar no vestíbulo da repartição pública. Ficaram ali muito tempo, o velho, o estalajadeiro de casaco azul e o substituto, com seu casaco de pele curtinho, de sobancelhas levantadas e olhos arregalados; ali se demoraram bastante, sussurrando entre si sobre onde deviam pedir, a quem procurar, diante de qualquer escrevente tiravam o chapéu, curvavam-se em reverências e escutaram com ar muito sério a decisão transmitida por um escrevente conhecido do estalajadeiro. Todas as esperanças de concluir o negócio naquele mesmo dia estavam quase abandonadas e o substituto já começava a se mostrar de novo mais alegre e desinibido, quando Dútlov avistou Iégor Mikháilovitch, prontamente o deteve e começou a pedir e a se curvar. Iégor Mikháilovitch ajudou-o tão bem que por volta das três horas o substituto, para sua grande insatisfação e surpresa, foi conduzido para o conselho de recrutamento, alistado e, ante a inexplicável alegria geral, desde o guarda até o presidente, o despiram, cortaram seu cabelo, vestiram-no e o liberaram pela porta, e cinco minutos depois Dútlov entregou o dinheiro, pegou o recibo e, após despedir-se do estalajadeiro e do substituto, foi para a casa do comerciante onde estavam os recrutas de Pokróvskoie. Iliá estava sentado com sua esposa num canto, na cozinha do comerciante, e assim que o velho entrou pararam de conversar e o encararam com uma expressão submissa e rancorosa. Como sempre, o velho rezou, soltou o cinto, pegou um papel e chamou para a isbá Ignat, seu filho mais velho, e a mãe de Iliúchka, que estavam do lado de fora.

– Não cometa um pecado, Iliúchka – disse ele, aproximando-se do sobrinho. – Ontem você me disse umas coisas... Acha que não sinto pena de você? Lembro como meu irmão me confiou você. Se dependesse de mim, acha que eu o entregaria? Deus me deu sorte e eu não tive dúvida. Olhe aqui, este papel – disse, colocando o recibo sobre a mesa e desamassando cuidadosamente a folha de papel com os dedos tortos e curvados.

Todos os mujiques de Pokróvskoie vieram do pátio para dentro da isbá, além dos empregados do comerciante e até gente de fora. Todos adivinharam do que se tratava; mas ninguém interrompeu o discurso solene do velho.

– Aqui está, este papelzinho! Paguei quatrocentos rublos. Não fale mal do tio.

Iliúchka levantou-se, mas ficou calado, sem saber o que dizer. Os lábios tremiam de emoção; a velha mãe quis se aproximar dele, gemendo, e pendurar-se em seu pescoço; mas o velho, com um gesto lento e autoritário, afastou-a com o braço e continuou a falar.

– Você ontem me disse umas coisas – repetiu o velho. – Você enfiou aquelas palavras no meu coração feito uma faca. Seu pai, ao morrer, me confiou você e para mim você é que nem um filho natural, mas se ofendi você de algum jeito, todos nós vivemos em pecado. Não é isso, cristãos ortodoxos? – dirigiu-se aos mujiques à sua volta. – Olhe, sua mãe está aqui e sua jovem esposa também, tomem aqui o recibo. Deus fique com ele, o dinheiro! E que me perdoem, com a graça de Cristo.

Dútlov levantou a aba do casaco, pôs-se lentamente de joelhos e curvou-se aos pés de Iliúchka e de sua esposa. Em vão os jovens tentaram contê-lo, mas só levantou depois de tocar a cabeça no chão e, sacudindo a poeira, sentou-se num banco. A mãe de Iliúchka e sua jovem esposa gemiam de felicidade;

ouviram-se na multidão vozes de louvor. “Assim é o certo, assim é que Deus quer”, disse alguém. “E o dinheiro? Não se compra isso com pouco dinheiro”, disse outro. “Que alegria”, disse um terceiro, “um homem justo, numa palavra.” Mas os mujiques indicados para o recrutamento não disseram nada e saíram discretamente.

Duas horas depois, as duas carroças de Dútlov partiram da periferia da cidade. Na primeira carroça, atrelada à égua ruça, barriguda e de pescoço suado, vinham o velho e Ignat. Na traseira, sacudiam embrulhos com panelas e pães. Na segunda carroça, que ninguém dirigia, vinham a jovem esposa e a sogra, envoltas em xales, com ar feliz e sério. A jovem esposa segurava uma garrafa de bebida embaixo de um pano. Torto, sentado de costas para o cavalo, de cara vermelha, o corpo batendo no anteparo da parte dianteira da carroça, Iliúchka ia mordiscando um pão e não parava de falar. As vozes, o barulho das carroças ao passar pela ponte e o bufo dos cavalos – tudo se fundia num som alegre. Abanando a cauda, os cavalos aumentaram o trote quando farejaram a direção de casa. Os que passavam a pé e de carroça não podiam deixar de virar-se para olhar aquela família feliz.

Na hora em que saíram da cidade, os Dútlov passaram por um comboio de recrutas. O grupo de recrutas estava reunido numa roda em torno de uma taberna. Um recruta, com a fisionomia estranha que um homem adquire quando tem a cabeça raspada, puxou até a nuca o gorro cinzento e começou a tocar balalaica com destreza; outro recruta, sem chapéu, com uma garrafa de vodca na mão, dançava no meio da roda. Ignat parou o cavalo e desceu para apertar os arreios. Com curiosidade, aprovação e alegria, todos os Dútlov ficaram olhando o homem que dançava. O recruta parecia não ver ninguém, mas sentia que o público atraído por ele aumentava sem parar e isso lhe dava força e agilidade. O recruta dançava com vivacidade. Tinha as sobrancelhas franzidas, o rosto rosado estava imóvel; a boca se detivera num sorriso que havia muito perdera a expressão. Parecia que todas as forças de sua alma estavam direcionadas para mover o mais depressa possível um pé depois do outro, ora sobre o salto da bota, ora sobre a ponta. Às vezes ele parava de repente, piscava o olho para o tocador de balalaica e este começava a percorrer todas as cordas com mais agilidade ainda e até batucava a caixa de ressonância com os nós dos dedos. O recruta parava, mas mesmo imóvel parecia que continuava a dançar. De repente pôs-se a se mover devagar, sacudiu os ombros e subitamente, com um salto, voou, pousou de cócoras e, com um grito selvagem, se pôs a dançar a *prissiádka*. Os meninos riam, as mulheres balançavam a cabeça, os homens sorriam com aprovação. Um velho sargento estava tranquilo ao lado do dançarino, com uma expressão que dizia: “Para vocês, é uma coisa do outro mundo, mas para nós tudo isso é comum”. O tocador de balalaica, pelo visto, se cansou, olhou para o lado com ar de preguiça, tocou um acorde errado e de repente bateu com os dedos na caixa de ressonância, e a dança terminou.

– Ei! Aliokha! – disse o tocador de balalaica para o dançarino, apontando para Dútlov. – Olhe lá, é o seu padrinho!

– Onde? Meu amigo querido! – exclamou Aliokha, o mesmo recruta que Dútlov havia comprado e, levantando uma garrafa de vodca acima da cabeça, quase caindo para a frente com as pernas cansadas, moveu-se na direção da carroça.

– Michka! Um copo! – pôs-se a berrar. – Senhor! Meu amigo querido! Que alegria, puxa vida! – gritava, inclinando a cabeça embriagada para dentro da carroça, e começou a oferecer vodca aos mujiques e às mulheres. Os mujiques beberam à vontade, as mulheres recusaram. – Minhas irmãs, o que posso lhes oferecer? – gritou Aliokha, enquanto abraçava a velha. Uma vendedora de petiscos se encontrava no meio da multidão. Aliokha a viu, agarrou seu tabuleiro e despejou tudo dentro da carroça. – Não tenha medo, vou pagar, diabo! – esbravejou com voz chorosa e, na mesma hora, tirou da calça uma bolsa com dinheiro e jogou-o para Michka.

Ficou parado, apoiado na carroça com os cotovelos e fitou com olhos úmidos as pessoas nela sentadas.

– Quem é a mãezinha? – perguntou. – É você? Vou dar uma coisa para você também.

Pensou um instante, meteu a mão no bolso, pegou um lenço novo e dobrado, soltou a toalha com que prendia a cintura por baixo do casaco, tirou com cuidado um lenço vermelho que tinha em volta do pescoço, embolou tudo e empurrou sobre os joelhos da velha.

– Para você, eu dou – falou com uma voz que ficava cada vez mais baixa.

– Para quê? Obrigada, querido! Olhe só que rapaz simples – disse a velha dirigindo-se ao velho Dútlov, que se aproximara da carroça deles.

Aliokha emudeceu por completo e, entorpecido, como se estivesse adormecendo, baixava a cabeça cada vez mais.

– Por causa de vocês vou embora, por causa de vocês estou perdido! – exclamou. – É por isso que presenteio vocês.

– Na certa também tem mãe – disse alguém na multidão. – Que rapaz simples! Que infelicidade!

Aliokha ergueu a cabeça.

– Tenho mãe, sim – disse. – Tenho pai também. Todos me largaram. Escute, velha – acrescentou, segurando a velha Iliuchkina pela mão. – Dei um presente para você. Agora me escute, por Cristo. Vá à aldeia de Vódnoie, lá pergunte pela velha Nikónova, ela é minha mãe, escute, e diga para essa mesma velha Nikónova, na terceira isbá da ponta, a que tem um poço novo... diga para ela que Aliokha, seu filho... quer dizer... Músico! Toque! – gritou.

E começou de novo a dançar, gritando, e deixou cair a garrafa com o resto de vodca.

Ignat subiu na carroça e quis tocar o cavalo para a frente.

– Adeus, Deus o ajude! – exclamou a velha, fechando ainda mais seu casaco de pele.

Aliokha parou de repente.

– Vão para o inferno – gritou, ameaçando com os punhos cerrados. – Que sua mãe...

– Ah, meu Deus. – A mãe de Iliúchkin fez o sinal da cruz.

Ignat tocou a égua para a frente e as carroças se puseram em movimento outra vez. O recruta Aleksei estava no meio da estrada e, de punhos cerrados, com uma expressão de fúria no rosto, xingava os mujiques com toda a força.

– Por que pararam? Vão embora! Demônios, canibais! – berrava. – Não vão escapar de minhas mãos! Diabos! Miseráveis!

Com essas palavras, sua voz se esgotou e, ali mesmo onde estava, ele desabou estirado no chão.

Logo os Dútlov se afastaram e, quando olharam para trás, já não viram o bando de recrutas. Depois de percorrerem umas cinco verstas a passo lento, Ignat desceu da carroça do pai, na qual o velho pegara no sono, e foi para a de Iliúchkin. Os dois beberam a garrafa de vodca trazida da cidade. Um pouco adiante, Iliá começou a cantar uma canção, as mulheres se juntaram a ele. Ignat gritava com alegria para o cavalo, no ritmo da música. Uma carruagem de posta vinha depressa e alegre em sua direção. O cocheiro gritou animado para os cavalos ao alcançar as duas carroças alegres; o cocheiro virou o rosto e piscou para o rosto vermelho dos mujiques e das mulheres, que se balançavam na carroça, no ritmo da música alegre.

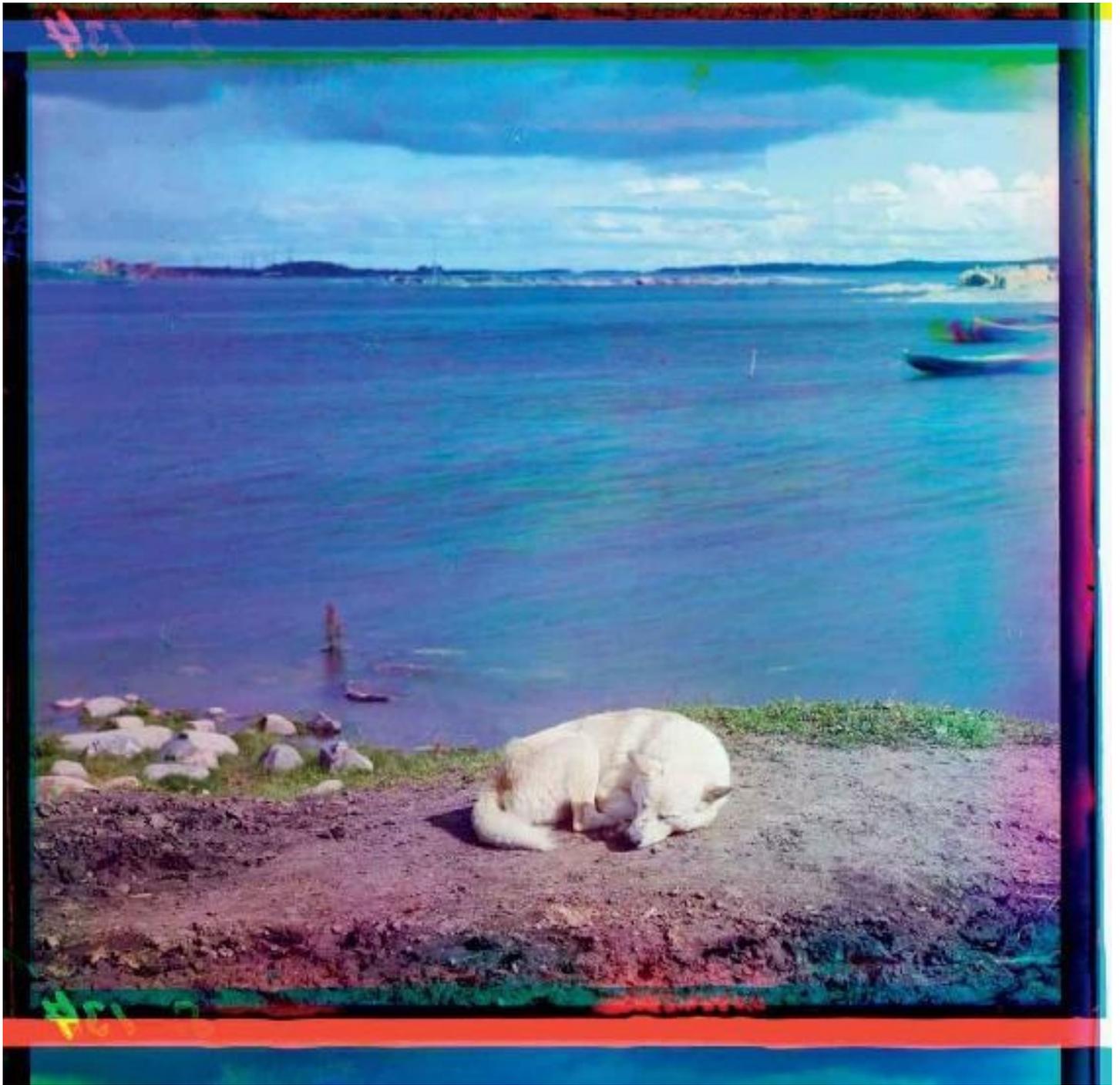
- 1 Os russos chamavam de tártaros os montanhesees do norte do Cáucaso, de religião muçulmana. [Todas as notas são do tradutor, exceto quando indicado de outro modo]
- 2 Povoado na Tchetchénia, onde residia Chamil, o líder da luta dos muçulmanos do norte do Cáucaso contra o Império Russo, e onde, na década de 1840, ele construiu um depósito de mantimentos e de munição.
- 3 Oficial cadete, oriundo de família nobre, formado na academia militar.
- 4 Versta: medida russa, equivalente a 1,06 km.
- 5 Os lezguianos são um grupo étnico do Cáucaso.
- 6 Na língua do Cáucaso, cavalo pequeno. [N. A.]
- 7 *Sájen*: antiga medida russa, equivalente a 2,13 m (aproximadamente uma braça).
- 8 Ucrânia.
- 9 *Djíguit*, na língua kumit [do Daguestão], significa corajoso; adaptado à língua russa, *djigúitovat* corresponde a “exibir coragem”. [N. A.]
- 10 Escritores russos da primeira metade do século XIX.
- 11 Herói de um conto de Marlínski. Liérmontov escreveu um romance intitulado *O herói do nosso tempo*.
- 12 Camaradas, na língua do Cáucaso. [N. A.]
- 13 Povo viking que, no século II, se deslocou da Escandinávia para o leste e para o sul.
- 14 “Boa tarde, senhora condessa”.
- 15 “A senhora sabe que jurei combater os infiéis; portanto, tome cuidado para não se tornar uma infiel”.
- 16 “Então, adeus, caro general”.
- 17 “Não, até logo” / “Não esqueça que estou convidado para o sarau de amanhã”.
- 18 No Cáucaso, as rãs produzem sons que nada têm em comum com o som das rãs russas. [N. A.]
- 19 “Valsa da aurora”.
- 20 A cheia dos rios do Cáucaso acontece no mês de julho. [N. A.]
- 21 Aldeia do Cáucaso.
- 22 “Não”, na língua dos tártaros. [N. A.]
- 23 Chamavam-se *naíb* aqueles a quem Chamil conferia parte de seu governo. [N. A.]
- 24 “Que paisagem encantadora”.
- 25 “É um grande prazer fazer a guerra num país tão belo”.
- 26 “Ainda mais em boa companhia”.
- 27 Casas dos montanhesees do Cáucaso.
- 28 Referência aos cavaleiros caucasianos.
- 29 Vaso de barro. [N. A.]
- 30 *Ele* é a denominação genérica que os soldados caucasianos empregam para designar os inimigos em geral. [N. A.]
- 31 “A guarda morre, mas não se rende”.
- 32 Dança popular tradicional na Rússia e em países da Ásia Central.
- 1 Senhor da nobreza, na Polónia.
- 2 “Até logo”.
- 3 Trocadilho: “*Fiedot*” / “*da nie tot*” [sim, não, aquele].
- 4 Apostar o dobro ou abandonar o jogo.
- 5 “Basta”.
- 6 Em lugar de *delikaten* (delicado, em alemão).
- 7 “Meu caro”.
- 1 Instrumento para verificar, por meio de uma bolha na água, se uma superfície está na horizontal.
- 2 Jogo de cartas dos soldados. [N. A.]
- 3 Jogo de cartas em que batiam com o baralho no nariz do perdedor.
- 4 Túnica militar circassiana, que chega até os joelhos.
- 5 Unicórnio: canhão lançador de granadas; linha: antiga medida russa, equivalente a 2,5 mm.
- 6 Bolsinha com aspecto de atadura que os soldados levam em geral abaixo do joelho. [N. A.]
- 7 Usada para acender o pavio dos canhões.
- 8 Mingau de cereais.
- 9 A Ordem de Santa Ana tinha quatro classes. A de segunda classe era presa ao pescoço.
- 10 A. P. Ermólov (1777-1861), general russo, comandante no Cáucaso.
- 11 Moeda de prata oriental que valia cerca de vinte copeques (ou centavos de rublo).
- 12 Prato dos soldados: cozido de pão com toucinho. [N. A.]
- 13 Povoado no Daguestão. O cerco ocorreu em junho de 1848.
- 14 Corruptela do nome da serra Andíski, que faz parte da cordilheira Grande Cáucaso.
- 15 Diminutivo de *berioz*, bétula.
- 16 Corruptela do nome da canção citada acima.
- 1 Lado norte (*siéverni*) da baía de Sebastopol, onde havia um quartel.
- 2 Carroça típica da Crimeia.

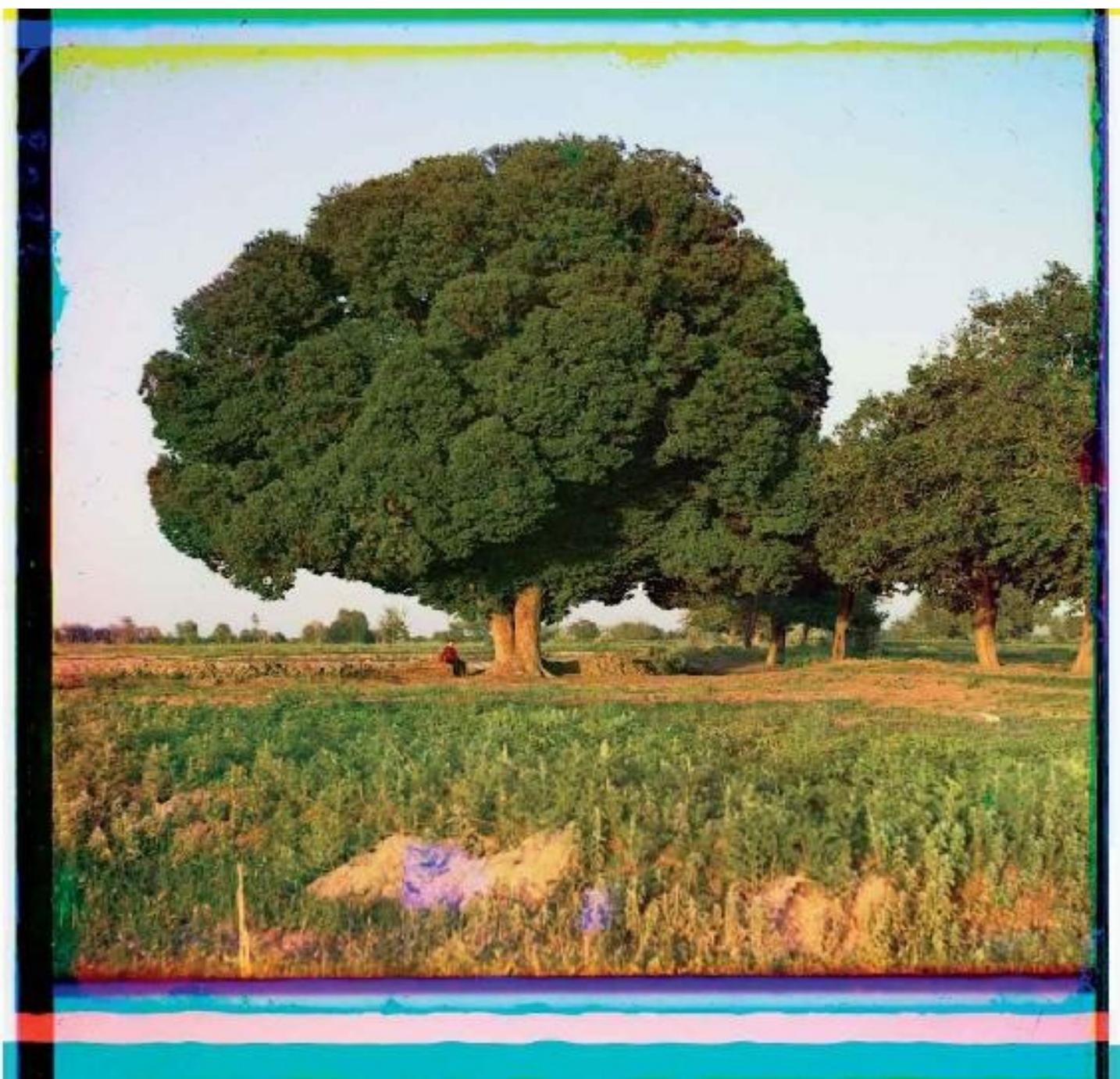
3 Porto situado do outro lado da baía.
4 Corruptela de *Konstantin*, nome de um navio. [N. A.]
5 V. A. Kornílov (1806-54). Vice-almirante russo, comandante na Guerra da Crimeia em defesa de Sebastopol.
6 Antiga bebida russa feita com água, mel e ervas.
7 Corruptela de “morteiro”. [N. A.]
1 Jornal oficial do Exército.
2 Fonte.
3 Referência aos livros *A feira das vaidades* e *O livro dos esnobes*, do escritor inglês Thackeray (1811-63), que Tolstói leu em 1855.
4 Jogo de cartas.
5 “Garanto a você, houve uma ocasião em que não se falava de outra coisa em Petersburgo”.
6 “Aquela bela bravura de cavalheiro”.
7 “Pois é, senhores, acho que esta noite a coisa vai esquentar”.
8 “Não, me diga, será que vai acontecer mesmo alguma coisa esta noite?”.
9 “Que visão encantadora!”.
10 “Vamos à rua saber das novidades”. [N. A.]
11 “Enquanto isso vamos tomar uma vodca, que ninguém é de ferro”. [N. A.]
12 Lutando contra os turcos, nossos soldados estavam tão habituados a esses gritos do inimigo que agora sempre diziam que os franceses também gritavam “Alá!”. [N. A.]
13 O autor destaca em itálico o erro (“onde” em vez de “aonde”) no registro da fala do personagem.
14 Latim: fratura complicada do fêmur.
15 Perfuração na cabeça.
16 Perfuração do peito.
17 Vai morrer.
18 “O senhor está ferido?”.
19 “Eu lhe peço perdão, senhor, me mataram”.
20 Medida equivalente a 71 cm.
21 Bucha de canhão.
22 Aprimoramento militar que permitia disparos de artilharia em ângulos muito elevados.
23 “Ah! Deus!”.
24 *Esplendores e misérias das cortesãs*. É um desses livros adorados que entusiasma multidões hoje em dia e que desfrutam de uma popularidade especial entre os nossos jovens, não se sabe por quê. [N. A.] Trata-se de um romance de Balzac.
25 “Vocês tinham de ver o estado em que o encontrei ontem sob o fogo”.
26 “Será que já baixaram a bandeira?”.
27 “Não, ainda não”.
28 “Se em meia hora o dia não tivesse clareado, as casamatas teriam sido retomadas”.
29 “Cavalheiro! Não direi que não para não contrariá-lo”.
30 “De que regimento é o senhor?”.
31 “Ele veio espionar nossas atividades. Esse desgraçado...”.
32 “E este aqui, por que tem este passarinho aqui?”. [No original, as falas desta personagem em francês vêm transcritas em caracteres russos, para indicar limitações no uso do idioma.]
33 “Porque se trata da cartucheira de um regimento da guarda, senhor, que traz a águia imperial”.
34 “E o senhor é da guarda?”
35 “Desculpe, senhor, do sexto de linha”.
36 “E este, onde comprou?”.
37 “Em Balaklava, senhor. É muito simples... feita do tronco da palmeira”.
38 “Bonito!”
39 “Se o senhor quiser ficar com ela como recordação deste encontro, me dará muito prazer”.
40 “Bom tabaco”.
41 “Sim, bom tabaco, tabaco turco. E vocês, têm tabaco russo? É bom?”.
42 “O russo é bom... o francês não é bom, bom dia, senhor”.
43 “Não são gentis esses russos animais?”.
44 “Do que eles estão rindo, afinal?”.
45 “O caftã é bom”.
46 “Não saiam de suas fileiras, a seus postos, que diabo...”.
47 “Conde Sazonóv, que conheci bem, senhor”.
48 “É um daqueles verdadeiros condes russos, como gostamos deles”.
49 “Há um Sazonóv que conheci” / “mas ele não é conde, pelo menos que eu saiba, um baixinho moreno mais ou menos da sua idade”.
50 É esse, senhor, é ele mesmo. Ah, como eu gostaria de ver o querido conde. Se o senhor o vir, peço encarecidamente que mande meus cumprimentos. Capião Latour.
51 “Não é terrível a triste tarefa que fazemos? Esta noite a coisa pegou fogo, não foi?”.
52 “Ah, senhor, é medonho! Mas como são bravos os vossos soldados, como são bravos! É um prazer bater-se contra bravos como eles”.
53 “É preciso reconhecer que os vossos não são menos garbosos”.
54 “Coragem de cavalheiro”.
1 Última estação para Sebastopol. [N. A.]

- 2 Em muitos regimentos do Exército, os oficiais, em parte com desprezo, em parte com carinho, chamam os soldados de Moscou ou de Blasfêmia. [N. A.]
- 3 Casaco ou túnica caucasiana de cintura fina.
- 4 Sopa tradicional de repolho e carne.
- 5 E. I. Totleben (1818-84): engenheiro e general russo, herói da defesa de Sebastopol.
- 6 Aimable-Jean-Jacques Pélissier, militar francês (1794-1864).
- 7 General russo (1793-1861).
- 8 *Lucia di Lammermoor*, ópera de Donizetti.
- 9 “Desculpe”.
- 10 Trocadilho com o nome Skovortsóv. “*Skvoriéts*” é a palavra russa para estorninho, pássaro muito comum.
- 11 Filhos de soldados, educados em escolas primárias militares e obrigados a servir nas Forças Armadas.
- 12 Corruptela de Konstantin.
- 13 Na Rússia, oferecer pão e sal é um gesto tradicional e simbólico de hospitalidade.
- 1 Os cossacos eram servos que fugiam de suas terras, soldados desertores, criminosos, toda sorte de pessoas que não se submetiam à ordem feudal. Desde séculos, se agruparam na região do rio Don, onde constituíram um povo à parte e um exército temível. Protagonizaram várias revoltas camponesas de grandes proporções. Posteriormente, a partir do tsar Pedro, o Grande, foram integrados ao Exército oficial do Império Russo.
- 2 Casacão comprido, feito de lã grossa, com cinto.
- 3 Conselho rural, eleito entre os senhores de terra, entre 1864 e 1918.
- 1 Irmã de Liev Tolstói.
- 2 Versos do poeta D. V. Davíдов (1784-1839), extraídos do poema “Canções de um velho hussardo”. Jomini foi um importante teórico e estrategista militar francês, na época das guerras napoleônicas.
- 3 Segundo a tradição, Pojárski foi dono de uma estalagem onde o tsar Nicolau I comeu, em viagem; como o tsar apreciou muito o croquete que o estalajadeiro improvisou com os ingredientes que tinha à mão na hora, ele e seu prato se tornaram célebres.
- 4 Cidade russa, perto de Novgórod.
- 5 Martinismo: movimento místico, criado no século XVIII; Tugendbund: associação nacionalista criada na Prússia no início do século XIX; M. A. Milorádovitch (1771-1825): general e político russo influente no início do século XIX.
- 6 Refresco feito de cevada e amêndoas.
- 7 *La Révolte des femmes au sérail*, balé de 1833 do compositor francês Théodore Labarre (1805-70).
- 8 Dança popular russa em que se pula de cócoras.
- 9 “Eles vão gastar até o que não têm para nos agradar”.
- 10 “Façam o favor, senhores”.
- 11 Doce tradicional russo, datado do século XIV, feito de maçã e mel.
- 12 Nota de banco. Papel-moeda.
- 1 Antigo jogo popular russo, com pequenos bastões de madeira.
- 2 *Tulup*: casaco grande, feito de pele de carneiro; *papakha*: gorro cilíndrico e alto, feito de pele de carneiro.
- 3 “Onda de azar”.
- 4 “A sorte virou”.
- 5 Trata-se da intervenção militar da Áustria e da Rússia na revolução húngara, ocorrida em 1848-49.
- 6 “Sim, meu caro, os dias se sucedem, mas não se parecem”.
- 7 Personagens da fábula “O eremita e o urso”, de I. A. Krilov (1769-1844).
- 8 “Uma posição no mundo [ou na sociedade]”.
- 9 “Meu pai me dava dez mil por ano”.
- 10 “Fui recebido na melhor sociedade de Petersburgo, podia aspirar”.
- 11 “Mas eu usava sobretudo aquele jargão da sociedade”.
- 12 “Aquela relação com madame D.”.
- 13 “Meu pai, o senhor ouviu falar”.
- 14 “Ele me deserdou”.
- 15 “Ele foi coerente”.
- 16 “A vida no acampamento”.
- 17 “Vão me ver no fogo do combate”.
- 18 “E, o senhor sabe, com o prestígio do infortúnio! Mas que decepção”.
- 19 “Espero que basta dizer isso”.
- 20 “O senhor nem imagina o que tive de sofrer”.
- 21 “Com os recursos limitados de que eu dispunha, pois me faltava tudo”.
- 22 “Apesar de meu orgulho, escrevi para meu pai”.
- 23 “Sempre a seu dispor.”
- 24 “O senhor tem um cigarro?”.
- 25 “Que é filho do administrador dos negócios de meu pai”.
- 26 “O senhor sabe.”
- 27 “Viram-me sob o fogo”.
- 28 “A guerra, a vida no acampamento”.
- 29 “É horrível, é de matar”.
- 30 “De coração aberto”.

31 Pasteizinhos cozidos de origem ucraniana; podem ser doces ou salgados, recheados com frutas, carnes ou legumes.
32 “O senhor está acima disso; meu caro, estou sem um centavo”.
33 “O senhor pode me emprestar dez rublos em espécie?”.
34 “E meu pai”.
35 “Não se incomode”.
36 “Obrigado”.
37 Vinho não fermentado.
38 “De bom grado”.
39 “Mulheres decentes”.
40 “Desculpe”.
41 “E não estou com a cabeça boa”.
42 “No térreo” / “Meu pai”.
43 “De manhã, eu saía” / “Sempre às cinco horas”.
44 “É preciso admitir que era uma mulher deslumbrante”.
45 “Sempre alegre, sempre amorosa”.
46 “E tenho muita coisa para me censurar”.
47 “Muitas vezes eu a fiz sofrer”.
48 “Estou quebrado”.
49 “Dignidade no infortúnio”.
50 “Me domina”.
51 “Uma fatalidade”.
52 “Eu não posso”.
53 “Eu já provei”.
54 Região da Geórgia, na fronteira com o Azerbaijão.
1 Comuna camponesa tradicional da Rússia.
2 Tratado francês em cinco tomos intitulado *Maison rustique du XIX^e siècle*, de 1837, sobre a administração de propriedades rurais.
3 Em russo, *bárschina*, cota de trabalho que o camponês tinha de prestar de graça nas terras do patrão.
4 Tipo de isbá recomendado por um famoso proprietário rural da época, A. I. Guerard (morto em 1830). [Nota da edição russa.]
5 Mikola: São Nicolau.
6 “Círculo vicioso”.
7 Antigas medidas agrárias russas. *Osmínik*: 1/8 de dessiatina (1,09 hectare dividido por oito); *krestiéts*: um monte de doze a vinte braçadas ou feixes.
8 Nome do lugar da isbá russa onde ficam os ícones e as velas.
9 Variante popular de Odessa.
10 Constantinopla, atualmente Istambul.
1 John Murray, editor de um guia de viagens publicado no século XIX.
2 Dialeto regional, de província.
3 Francês com alterações de pronúncia: “Senhores e senhoras” / “se acreditam que ganho alguma coisa, se enganam; não passo de um pobre-diabo”.
4 “Agora, senhores e senhoras, vou cantar a canção do Rigi”.
5 “Senhores e senhoras, eu agradeço e lhes desejo boa noite”.
6 Como um mosqueiro.
7 “Sim, o açúcar é bom, é doce para as crianças!”.
8 “É só o que lhe digo”.
9 “Somos muito tolhidos pela polícia”.
10 Referência à Constituição da República da Suíça de 1848.
11 “O cavalheiro tem razão, o senhor tem razão”.
12 Referência ao tempo em que Tolstói participou da campanha de Sebastopol, entre 1853 e 1856.
13 Neste parágrafo, o texto refere-se a fatos políticos de 1856 e 1857, noticiados nos jornais. No fim de 1856, sem declarar guerra, navios ingleses bombardearam várias cidades costeiras da China. O pretexto para o ataque foi a apreensão feita pelos chineses de uma carga de ópio num navio inglês. A China tentava proibir a venda de ópio, que a Inglaterra produzia no Afeganistão e vendia na China. Foi a segunda Guerra do Ópio. Em seguida, refere-se à guerra colonial da França na Argélia. Cabildas, ou cabiles, eram um povo berbere do norte da Argélia. A seguir, refere-se ao fato de o governo de Nápoles ter se recusado a reconhecer a autoridade do embaixador da Turquia por ele ser judeu. Por último, refere-se a Napoleão III, então imperador da França.
14 Em 1857, o Parlamento inglês mostrou-se preocupado com o fato de os chineses que iam para a Índia, então colônia inglesa, não terem esposas. Supunha-se que isso dificultava sua integração à colônia.
15 “‘Melancolia’, em dó maior”.
16 “Dó, dó bemol”.
17 Estação de águas perto de Petersburgo onde se promoviam atividades artísticas para entreter os visitantes.
18 Referência ao número de servos camponeses.
19 *La sonnambula*, ópera de Vincenzo Bellini (1801-35).
20 *Lucia di Lammermoor*, ópera de Gaetano Donizetti (1797-1848).
21 *Robert le diable*, ópera de Giacomo Meyerbeer (1791-1864).

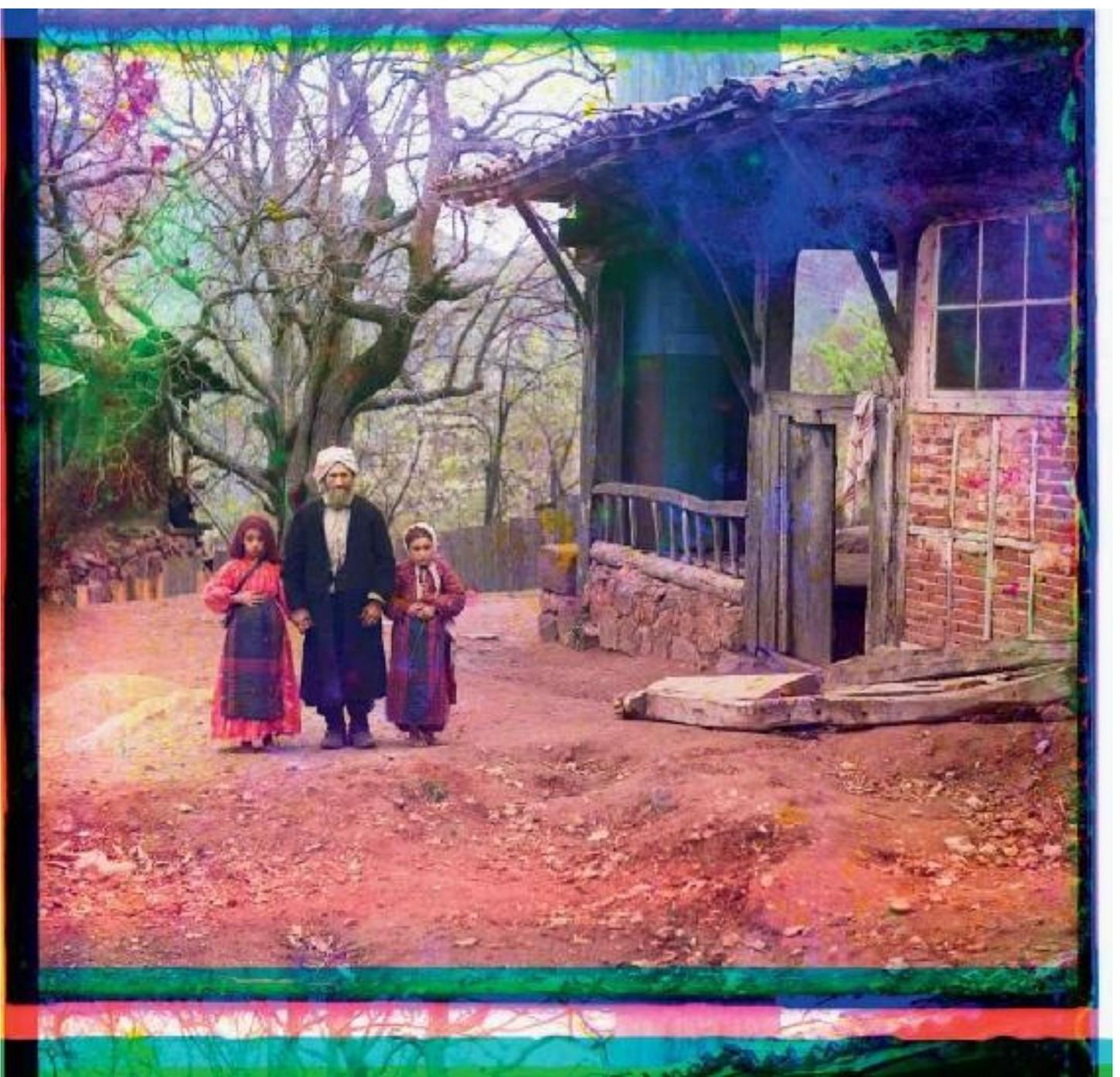
- 22 Pauline Viardot (1821-1910), meio-soprano francesa; Giovanni Battista Rubini (1794-1854), tenor italiano.
- 23 Angiolina Bosio (1830-59), soprano italiana.
- 24 Luigi Lablache (1794-1858), baixo italiano.
- 25 *O barbeiro de Sevilha*, ópera de Gioachino Rossini (1792-1868).
- 26 *Le Morceau d'ensemble*, ópera de Adolphe Adam (1803-56).
- 27 Ópera de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-91).
- 28 “Ainda que as nuvens encubram o sol, ele continuará a brilhar eternamente”.
- 29 “E eu vivi e me delíciei”.
- 1 Sl, CIV, 29-31.
- 1 Henry John Temple, político inglês (1784-1865).
- 2 Dia da Proteção da Mãe de Deus (1.º de outubro).
- 3 Aparato que servia de forno, fogão e estufa para aquecer o ambiente.
- 4 “Atreva-se a enganar-se e a sonhar!” (verso de Schiller).
- 5 Um dos postos mais baixos da polícia rural, na época.
- 6 Referência ao corte de cabelo militar.
- 7 Histórias ilustradas com xilogravuras, tradição popular surgida na Rússia no século XVII.
- 8 Mexicana que tinha o corpo coberto de pelos e era exibida como uma curiosidade. Morreu em Moscou em 1860.

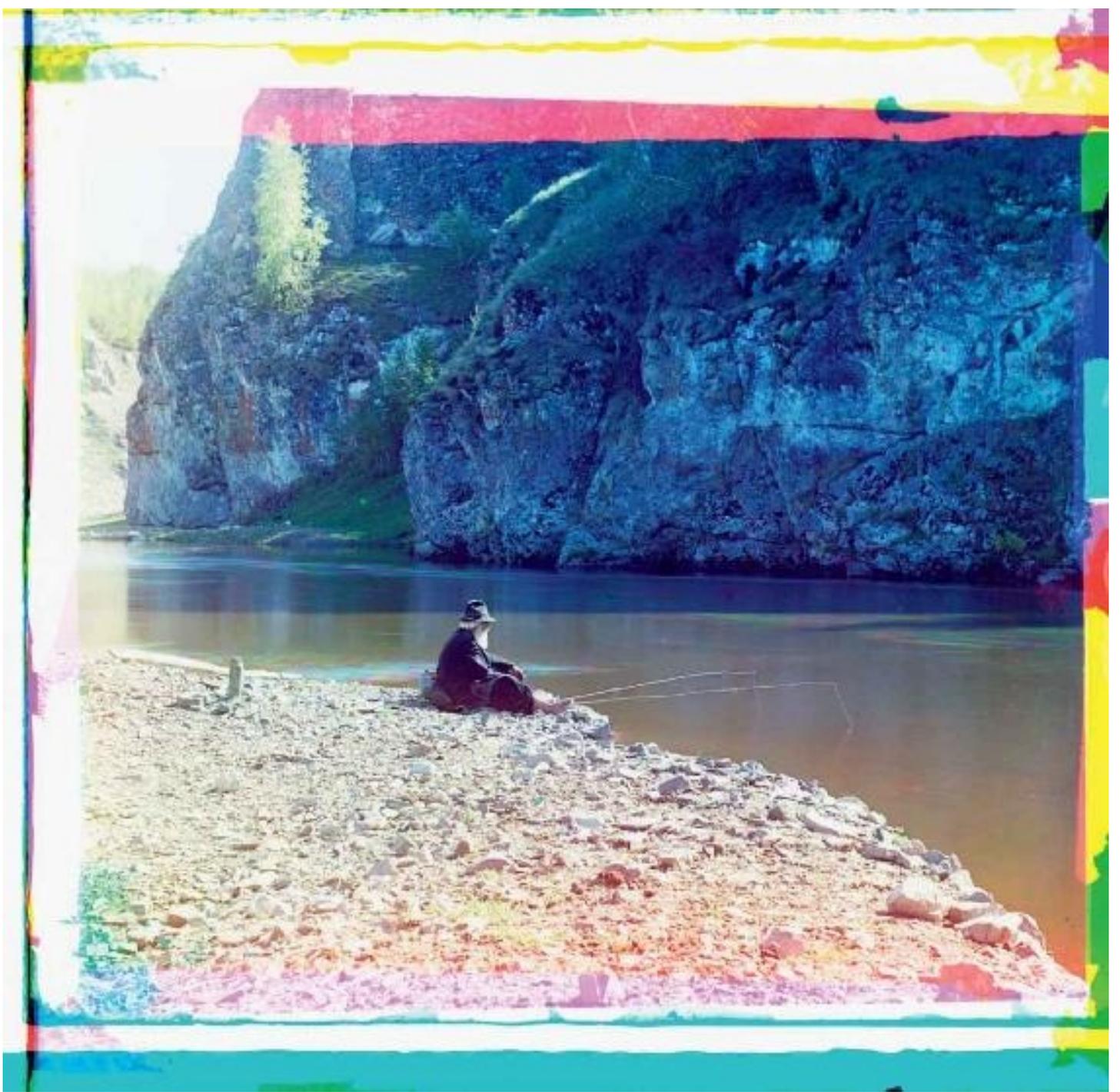


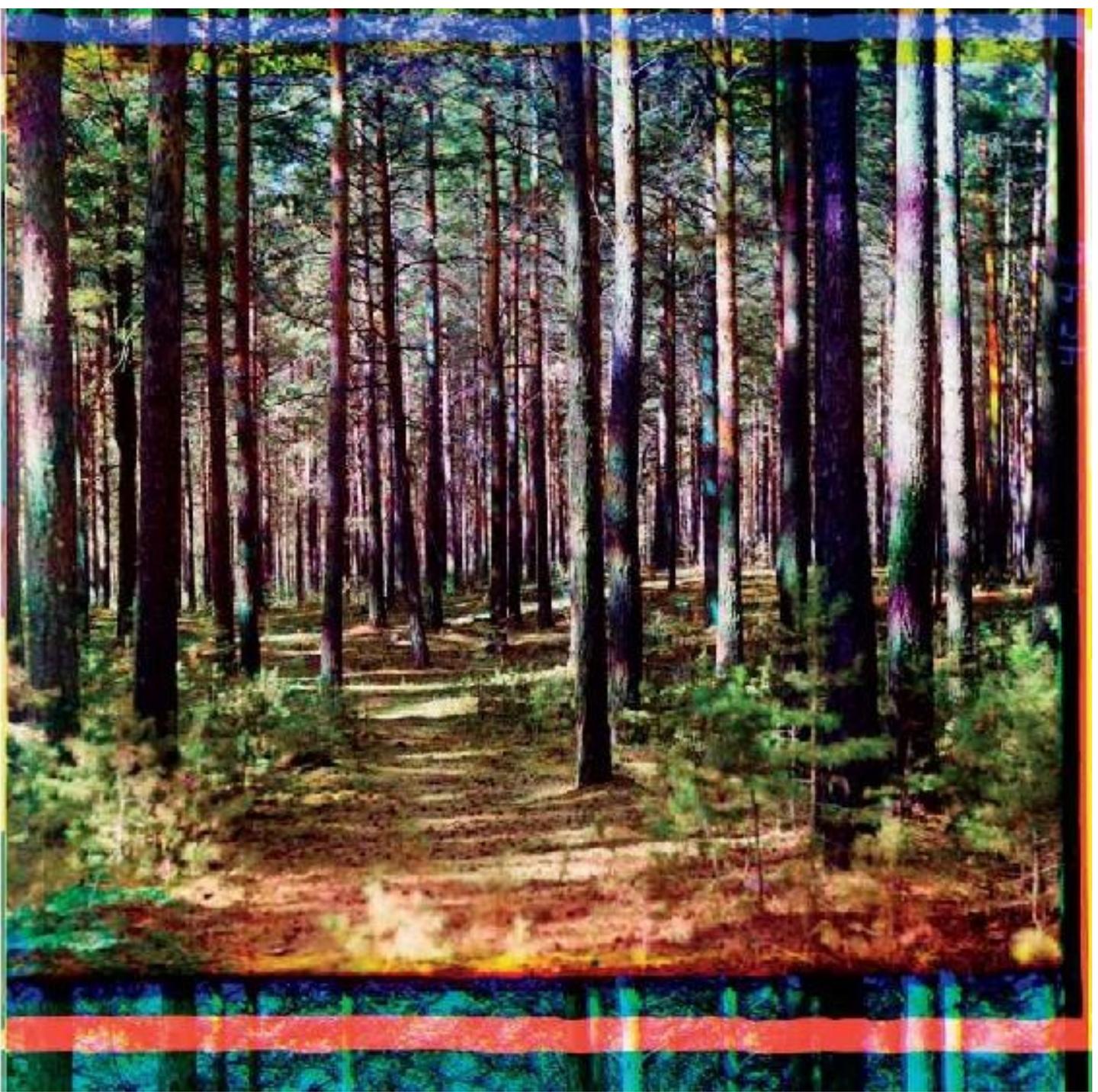




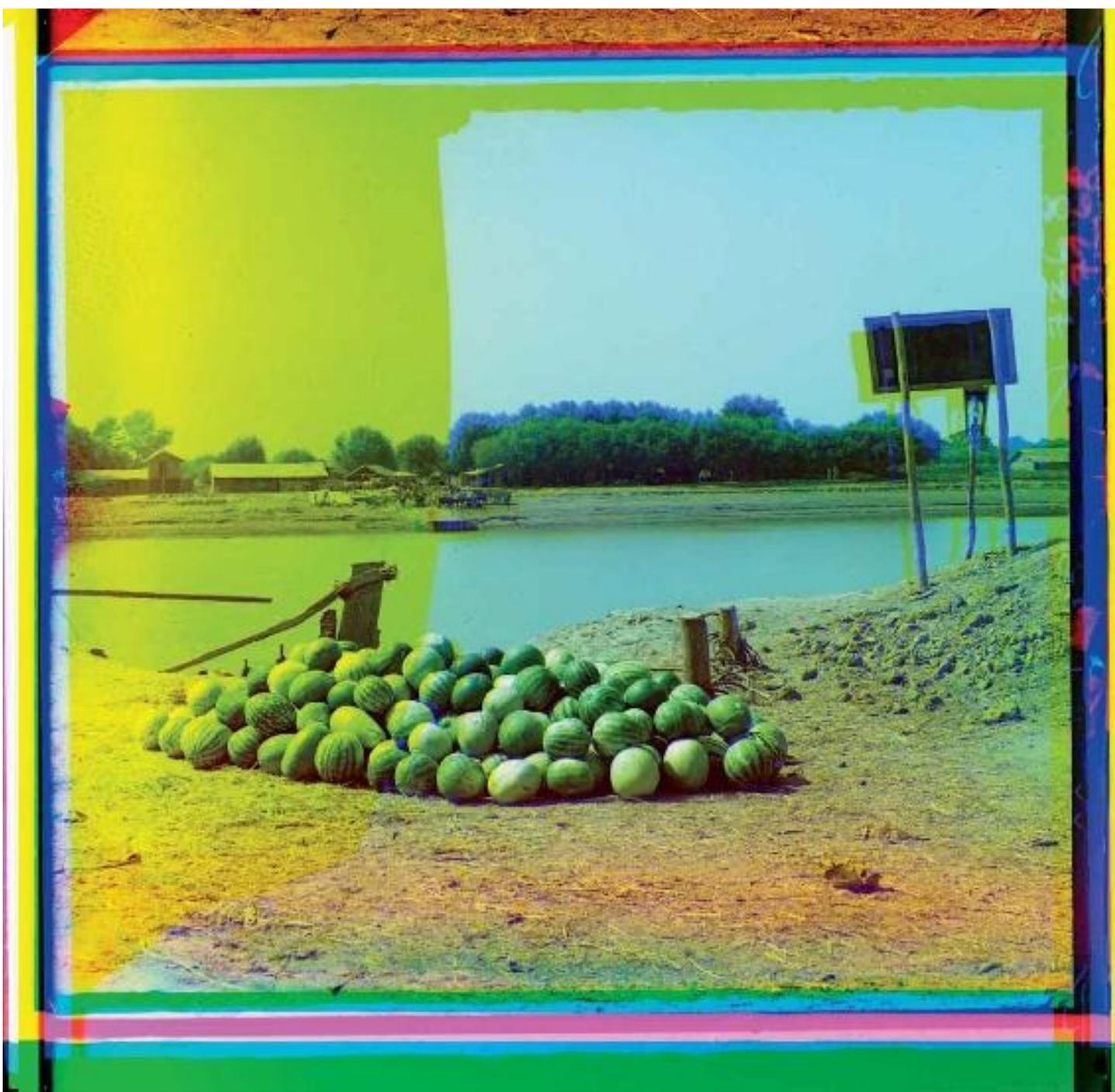




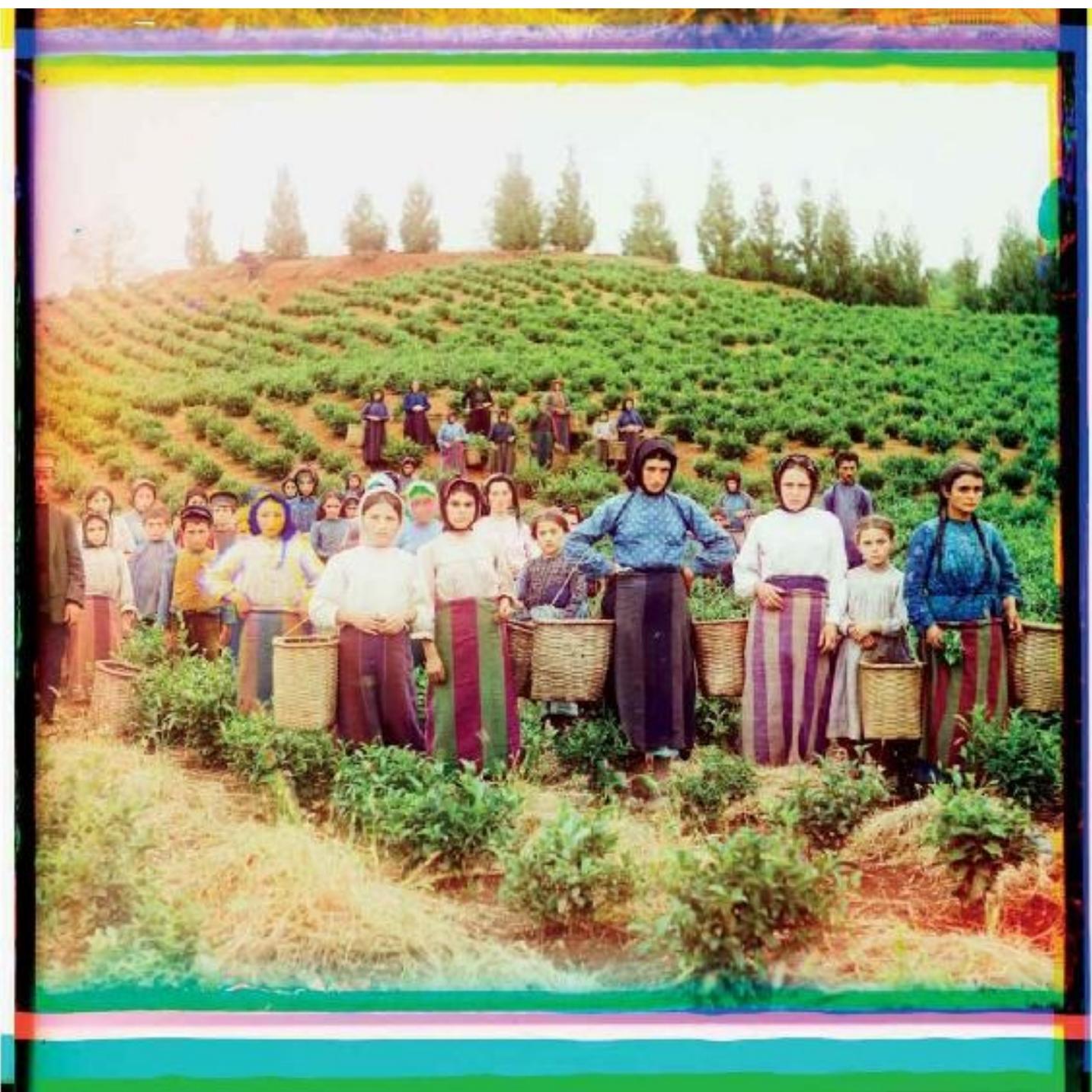










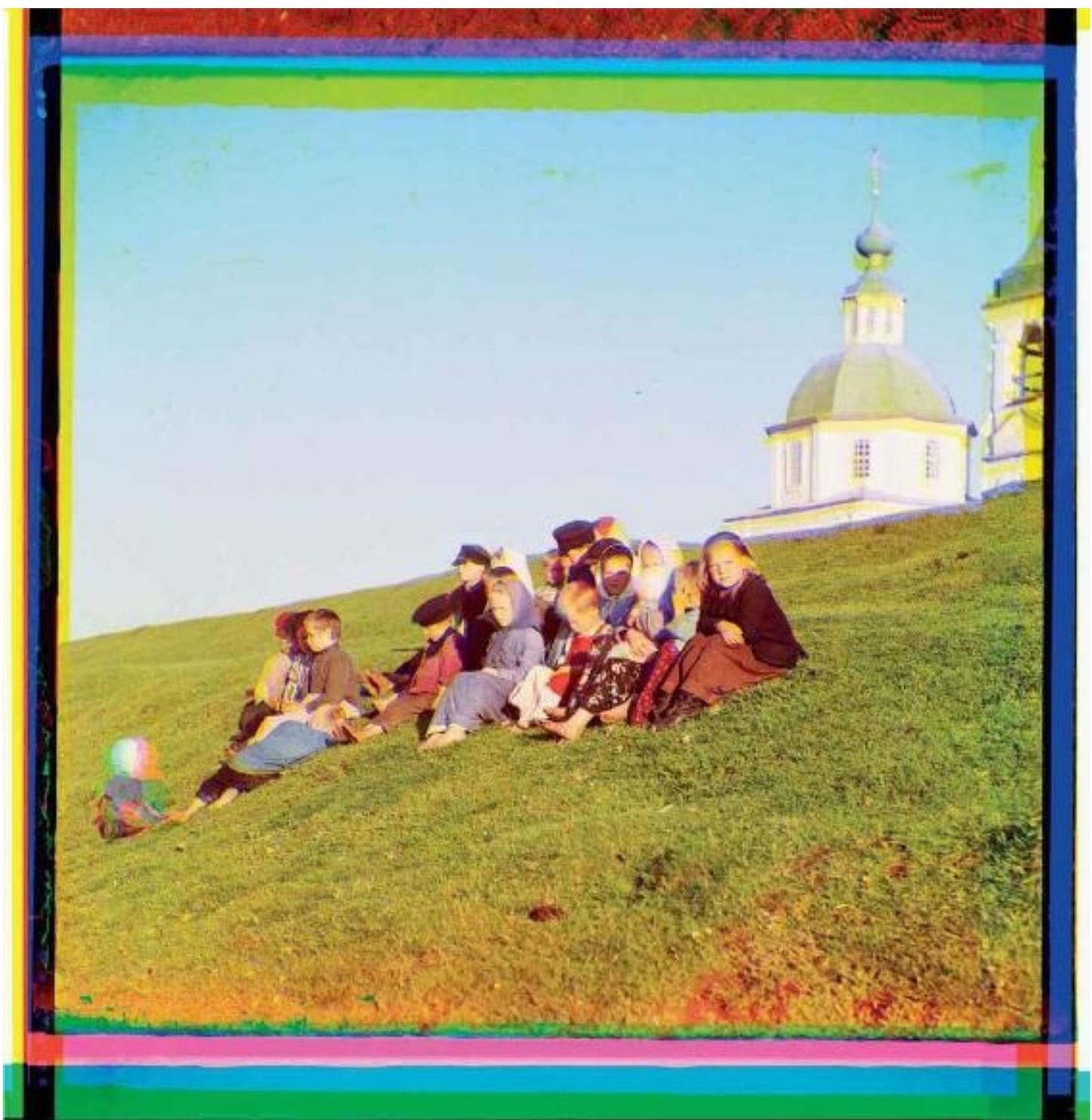






LIEV TOLSTÓI

COSACNAIFY



CONTOS COMPLETOS

**TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO RUBENS FIGUEIREDO FOTOS
SERGUEI MIKHÁILOVITCH PROKÚDIN-GORSKII**

VOLUME 2

CONTOS DA NOVA CARTILHA

Os três ursos

Como o tio Semion contou o que aconteceu com ele na floresta

A vaca

Filipok

PRIMEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A formiga e o pombo

O cego e o surdo

A tartaruga e a águia

A criança abandonada

A cabeça e o rabo da cobra

A pedra

Os esquimós

O furão

Como a tia contou de que modo aprendeu a costurar

Linhas finas

Da velocidade vem a força

O leão e o camundongo

Cachorros bombeiros

O macaco

Como um menino contou que não o levaram para a cidade

O mentiroso

Como consertaram uma casa na cidade de Paris

O burro e o cavalo

Como um menino contou que uma tempestade o apanhou de surpresa na floresta

A gralha e os pombos

O mujique e os pepinos

A mulher e a galinha

O velho avô e o netinho

A divisão da herança

Para onde vai a água do mar?

O leão, o urso e a raposa

Como um menino contou que achou abelhas-rainhas para seu avô

O cachorro, o galo e a raposa

O mar

O cavalo e o cavalariaço

O incêndio

A rã e o leão

O elefante

O macaco e a ervilha

Como um menino contou que parou de ter medo de mendigos cegos

A vaca leiteira

A imperatriz chinesa Si-Lin-Tchi

A libélula e as formigas

A menina-camundongo

A galinha dos ovos de ouro

Lipúniuchka

O lobo e a velha

O gatinho

O filho sábio

Como os habitantes de Bucara aprenderam a cuidar dos bichos-da-seda

O mujique e o cavalo

Como a titia contou para a vovó que o bandido Emelka Pugatchóv lhe deu uma moeda de dez rublos

O vizir Abdul

Como um ladrão denunciou a si mesmo

O fardo

O caroço

Os dois mercadores

O cachorro de São Gotardo

Conto em que um mujique explica por que gosta do irmão mais velho

Como matei uma lebre pela primeira vez

O pequeno polegar

SEGUNDO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A menina e os cogumelos

O burro em pele de leão

O que é o orvalho na grama

A galinha e a andorinha

O indiano e o inglês

O cervo e o filhote

O colete

A raposa e as uvas

A sorte

As trabalhadoras e o galo

O moto-contínuo

O pescador e o peixinho

O tato e a visão

A raposa e o bode

Como um mujique removeu uma pedra

O cachorro e sua sombra

Chat e Don

A garça e a cegonha

Sudoma

O jardineiro e seus filhos

O lobo e a garça

A coruja e a lebre

A águia

O pato e a lua

O urso na carroça

O lobo empoeirado

O salgueiro

O rato embaixo do celeiro

Como os lobos ensinam seus filhos

As lebres e as rãs

Como a titia contou que tinha um pardal ensinado, o Espoleteta

Três broas e um biscoito

Mil moedas de ouro

Pedro I e o mujique

O cachorro louco

Dois cavalos

O leão e o cachorro

A herança igual

Os três ladrões

O pai e os filhos

Por que existe o vento?

Para que existe o vento?

As melhores peras do mundo

Vólga e Vazuza

O bezerro sobre o gelo

A princesa de cabelos dourados

O falcão e o galo

O calor

Os chacais e o elefante

O magneto

A garça, os peixes e o caranguejo

Como o titio contou de que jeito ele andava a cavalo

O ouriço e a lebre

Os dois irmãos

O espírito da água e a pérola

A cobra

O pardal e a andorinha

Cambises e Psamético

O tubarão

Por que existe o orvalho e as janelas ficam suadas?

O bispo e o bandido

Ermak

TERCEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O rei e o falcão

A raposa

Um castigo severo

O burro selvagem e o burro domesticado

A lebre e o cão de caça

O cervo

As lebres

O cachorro e o lobo

Os irmãos do rei

O cego e o leite

A lebre

O lobo e o arco

Como o mujique dividiu o ganso

O mosquito e o leão

As macieiras

O cavalo e o dono

Os percevejos

O velho e a morte

Como os gansos salvaram Roma

Por que as árvores estalam no frio?

A umidade

A união diferente das partículas

O leão e a raposa

O juiz justo

O cervo e o vinhedo

O filho do rei e seus camaradas

A gralhazinha

Como aprendi a andar a cavalo

O machado e o serrote

Vida de mulher de soldado

O gato e os ratos

O gelo, a água e o vapor

A codorna e seus filhotes

Bulka

Bulka e o javali

Os faisões

Milton e Bulka

A tartaruga

Bulka e o lobo

O que aconteceu com Bulka em Piatigorsk

O fim de Bulka e Milton

Os pássaros e as redes

O olfato

Os cachorros e o cozinheiro

A fundação de Roma

Deus vê a verdade, mas custa a revelar

Os cristais

O lobo e a cabra

Polícrates de Samos

QUARTO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O rei e a camisa

O caniço e a oliveira

O lobo e o muji que

Dois camaradas

O pulo

O carvalho e a avelaneira

O ar venenoso

Ar venenoso

O lobo e o cordeiro

O peso específico

O leão, o lobo e a raposa

A roupa nova do rei

O rabo da raposa

O bicho-da-seda

O rei e os elefantes

A caça é pior que a escravidão

A galinha choca e os pintinhos

Gases

Gases

O leão, o burro e a raposa

O velho choupo

O azereiro

Como as árvores caminham

O codornizão e sua fêmea

Como se fazem balões de ar

Conto de um aeronauta

A vaca e o bode

O corvo e os filhotes de corvo

Sol é calor

Por que existe o mal no mundo

Galvanismo

O mujique e o espírito da água

O corvo e a raposa

O prisioneiro do Cáucaso

CONTOS POPULARES [DÉCADA DE 1880]

Do que vivem os homens?

Os dois irmãos e o ouro

Iliás

Onde está o amor, está Deus

Fogo aceso não se apaga

O Diabo insiste, mas Deus resiste

Meninas são mais inteligentes do que velhos

Um grão do tamanho de um ovo de galinha

De quanta terra precisa um homem

O pecador arrependido

Dois velhos

Os três eremitas

A velinha

Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malânia, o Diabo Velho e os três capetinhas

Como um capetinha resgatou um pedaço de pão

O afilhado

O trabalhador Emelian e o tambor vazio







CONTOS DA NOVA CARTILHA

OS TRÊS URSOS

[Conto]

Uma menina fugiu de casa para a floresta. Na floresta, ela se perdeu e começou a procurar o caminho de casa, mas não encontrou, e chegou a uma casinha na floresta.

A porta estava aberta: ela espiou pela porta, viu que dentro não tinha ninguém e entrou. Na casinha moravam três ursos. Um era o pai, chamava-se Mikhail Ivánitch. Era grande e peludo. O outro era uma urso. Era um pouco menor e chamava-se Nastássia Petrovna. O terceiro era um ursinho pequeno e chamava-se Míchutka. Os ursos não estavam em casa, tinham ido passear na floresta.

Na casinha havia dois cômodos: um era a sala, o outro era o quarto. A menina entrou na sala e viu na mesa três tigelas com sopa. A primeira tigela, muito grande, era de Mikhail Ivánitch. A segunda tigela, menor, era de Nastássia Petrovna; a terceira, uma tigelinha azul, era de Míchutka. Ao lado de cada tigela, havia uma colher: uma grande, uma média e uma pequena.

A menina pegou a colher maior e provou da tigela maior; depois pegou a colher média e provou da tigela média; depois pegou a colher pequena e provou da tigela pequena; e achou que a sopa de Míchutka era a melhor.

A menina quis sentar e viu três cadeiras junto à mesa: uma grande, de Mikhail Ivánitch, outra um pouco menor, de Nastássia Petrovna, e a terceira, pequena, com uma almofadinha azul, de Míchutka. Ela subiu na cadeira maior e caiu; depois sentou na cadeira média e não ficou bem acomodada, então sentou na cadeirinha pequena e se sentiu tão bem que deu uma risada. Pôs a tigelinha azul nos joelhos e começou a comer. Tomou a sopa toda e começou a se balançar na cadeira.

A cadeirinha quebrou e a menina caiu no chão. Ergueu-se, levantou a cadeirinha e foi para o outro cômodo. Lá havia três camas: uma grande, de Mikhail Ivánitch, a outra média, de Nastássia Petrovna, a terceira pequena, de Míchutka. A menina deitou na grande, era larga demais para ela; deitou na média, era alta demais; deitou na pequena – a caminha parecia feita sob medida para ela, e a menina adormeceu.

Então os ursos voltaram para casa com fome e quiseram comer. O urso grande pegou sua tigela, olhou em volta e urrou com voz terrível:

– Quem comeu da minha tigela?

Nastássia Petrovna olhou para sua tigela e rugiu, não tão alto:

– Quem comeu da minha tigela?

Míchutka viu sua tigelinha vazia e guinchou com voz fina:

– Quem comeu da minha tigela e raspou tudo?

Mikhail Ivánitch olhou para sua cadeira e rugiu com voz terrível:

– Quem sentou na minha cadeira e tirou do lugar?

Nastássia Petrovna olhou para sua cadeira e rugiu, não tão alto:

– Quem sentou na minha cadeira e tirou do lugar?

Míchutka olhou para sua cadeirinha quebrada e guinchou:

– Quem sentou na minha cadeira e quebrou?

Os ursos foram para o outro cômodo.

– Quem deitou na minha cama e amassou? – rugiu Mikhail Ivánitch com voz terrível.

– Quem deitou na minha cama e amassou? – rugiu Nastássia Petrovna, não tão alto.

E Míchenka encostou um banquinho ao lado de sua cama, subiu e guinchou com voz fina:

– Quem deitou na minha cama? – De repente viu a menina e deu um grito tão forte que parecia ter levado uma picada: – Foi ela! Pegue, pegue! Foi ela! Foi ela! Ai-aaai! Pegue!

Ele quis morder a menina. Ela abriu os olhos, viu os ursos e deu um pulo na direção da janela. A janela estava aberta, a menina pulou pela janela e fugiu. E os ursos não alcançaram a menina.

COMO O TIO SEMION CONTOU O QUE ACONTECEU COM ELE NA FLORESTA

[Conto]

Certa vez, no inverno, eu andava na floresta para pegar lenha, derrubei três árvores, cortei os galhos, desbastei, quando vi já era tarde e eu tinha de ir para casa. Mas o tempo estava ruim: nevava e ventava. Pensei: a noite vai cair e não vou achar o caminho de casa. Fiz o cavalo do trenó correr; andei, andei, e não achei a saída. Só havia a floresta. Pensei: meu casaco é ruim, vou morrer congelado. Andei, andei, e nem sinal de estrada, tudo escuro. Quis desatrelar o cavalo e me deitar embaixo do trenó, mas então ouvi: perto, guizos tilintavam. Fui na direção dos guizos, vi uma troica de cavalos baios com a crina trançada com fitinhas, os guizos brilhavam e dois rapazes iam no trenó.

– Salve, irmãos!

– Salve, mujique!

– Onde fica a estrada, irmãos?

– Mas já estamos na estrada.

Fui para onde eles estavam e, que surpresa: a estrada lisa e desimpedida.

– Venha atrás de nós – disseram, e tocaram os cavalos.

Meu cavalo era ruim, não andava tão depressa. Comecei a gritar:

– Esperem, irmãos!

Eles pararam, riram.

– Venha para o nosso trenó – disseram. – Sem o peso, vai ficar mais fácil para seu cavalo.

– Obrigado – respondi. E fui para o trenó deles.

Era um bom trenó, estofado. Assim que sentei, eles assoviaram para atirar os cavalos:

– Vamos, queridos!

Os cavalos baios partiram com tanta força que a neve espirrava para os lados. Quando olhei, que coisa incrível. O tempo clareou, a estrada ficou lisa como gelo e nós andávamos em tal disparada que o ar nos empurrava e os ramos batiam em nosso rosto. Comecei a sentir medo. Olhei para a frente: uma subida íngreme, escarpada, e um abismo no final. Os cavalos voavam direto para o abismo. Eu me

assustei e gritei:

– Amigos! Mais devagar, vamos morrer!

Com isso, eles apenas riram, assoviaram. Olhei para o abismo. O trenó estava na beiradinha do precipício. Virei, tinha um galho acima da minha cabeça. Aí, pensei: caíam vocês sozinhos. Levantei-me, segurei no galho e me pendurei. Assim que me pendurei, dei um grito:

– Segurem!

E também ouvi mulheres gritando:

– Semion? O que você tem?

Mulheres, ah, mulheres!

– Acendam o fogo. O tio Semion não está passando bem – gritaram.

Aumentaram a luz do lampião. Acordei. E dentro de uma isbá, nas tábuas suspensas acima da estufa e que serviam de cama, eu me agarrei com as mãos, me ergui e gritei com voz de doido:

– Então eu estou aqui...

Foi tudo um sonho.

A VACA

[História real]

A viúva Mária vivia com a mãe e seis filhos. Levavam uma vida pobre. Mas, juntando todo o dinheiro que tinham, compraram uma vaca marrom para ter leite para os filhos. Os filhos mais velhos alimentavam a vaca Buriónuchka no pasto e em casa lhe davam os restos de comida. Certo dia, mamãe saiu e o filho mais velho subiu para pegar pão na prateleira, derrubou um copo e quebrou. Micha teve medo de que a mãe brigasse com ele, juntou os cacos do copo, levou para fora e enterrou no monte de estrume, depois recolheu os pedacinhos de vidro menores e jogou numa gamela. A mãe procurou o copo, perguntou, mas Micha não disse nada; e o assunto morreu.

No dia seguinte, depois do almoço, a mãe deu para a vaca Buriónuchka os restos de comida na gamela e depois viu que a vaca estava estranha, não comia mais. Começaram a tratar da vaca. Chamaram a velha que curava os bichos. Ela disse:

– A vaca não vai viver, tem de matar para tirar a carne.

Chamaram os mujiques, começaram a bater na vaca. As crianças ouviram como Buriónuchka berrava no pátio. Todas se juntaram na estufa e desataram a chorar. Depois que mataram Buriónuchka, tiraram o couro e cortaram os pedaços, acharam um vidro na sua garganta.

E entenderam que tinha morrido porque havia engolido um pedaço de vidro junto com a comida. Quando Micha soube disso, começou a chorar amargamente e confessou para a mãe que tinha quebrado o copo. A mãe não disse nada e também começou a chorar. Disse:

– Nós matamos nossa Buriónuchka, agora não temos como comprar outra. Como é que as crianças pequenas vão viver sem leite?

Micha começou a chorar mais ainda e não desceu da estufa quando os outros comeram os miolos da vaca. Todo dia ele sonhava que o tio Vassíli carregava pelo chifre a cabeça morta de Buriónuchka, de olhos abertos e com o pescoço vermelho. Desde então, as crianças não tomaram mais leite. Só tinha leite nos dias de festa, quando Mária pedia uma jarra aos vizinhos. Aconteceu que a senhora de terras dona daquela aldeia gostou da avó e quis que ela fosse trabalhar de babá em sua casa. A velha disse para a filha:

– Agora eu vou ser babá, e você, que Deus a ajude, vai ter de cuidar sozinha das crianças. E eu, se Deus quiser, vou ser babá por um ano e vou juntar dinheiro para comprar uma vaca.

Assim fizeram. A velha foi para a casa da patroa. E Mária teve de trabalhar mais ainda para cuidar dos filhos. E os filhos viveram um ano inteiro sem leite: só comiam frutas amassadas e sopa de pão e começaram a ficar magros e pálidos. Passou um ano, a velha voltou para casa e trouxe vinte rublos.

– Pronto, filhinha! – disse. – Agora vamos comprar uma vaca.

Mária se alegrou, todas as crianças se alegraram. Mária e a velha foram à feira comprar uma vaca. Pediram que a vizinha ficasse com as crianças e pediram ao tio Zakhar, seu vizinho, que fosse com elas para escolher a vaca. Rezaram e foram à cidade. As crianças comeram e saíram à rua para ver se estavam trazendo uma vaca. As crianças começaram a pensar como seria a vaca: preta ou marrom? Conversaram sobre como iriam alimentar a vaca. Esperaram, esperaram o dia inteiro. Andaram uma versta para receber a vaca, já estava entardecendo, voltaram para casa. De repente, viram: pela rua, numa carroça, vinha a avó, e junto às rodas traseiras vinha uma vaca malhada, amarrada pelo chifre, e atrás vinha a mãe, tangendo com uma varinha. As crianças saíram correndo, ficaram observando a vaca. Levaram pão, capim, começaram a alimentar. A mãe entrou na isbá, trocou de roupa e saiu com um pano e um balde. Sentou ao lado da vaca, limpou as tetas. Bênção de Deus! Começou a ordenhar a vaca e as crianças sentaram numa roda e ficaram olhando como o leite esguichava das tetas para dentro do balde e chiava embaixo dos dedos da mãe. A mãe encheu metade do balde, levou para dentro e deu para os filhos uma jarra de leite no jantar.

FILIPOK

[História real]

Era uma vez um menino chamado Filipp. Um dia mandaram todos os meninos mais velhos para a escola. Filipp pegou o chapéu e também quis ir. Mas a mãe disse:

– Aonde vai, Filipok?

– À escola.

– Você ainda é pequeno, não vai.

E a mãe obrigou-o a ficar em casa. Os mais velhos foram à escola. Ainda bem cedo, o pai saiu para a floresta, a mãe saiu para cuidar do trabalho de todo dia. Só ficaram na isbá Filipok e a vovó, sobre a estufa. Filipok achou enjoado ficar sozinho, a vovó dormiu e ele foi procurar seu chapéu. Não achou seu chapéu, pegou um velho, do pai, e foi para a escola.

A escola ficava atrás da aldeia, junto à igreja. Quando Filipp andava pelos arredores de sua casa, os cachorros não corriam atrás dele, já o conheciam. Mas quando ia mais longe, o cachorro Jutchka¹ pulava, latia, e atrás de Jutchka vinha um cachorro grande chamado Voltchok.² Filipok saiu correndo e os cachorros foram atrás dele. Filipp começou a gritar, tropeçou e caiu. Veio um mujique, enxotou os cachorros e disse:

– Diabo, para onde vai correndo assim sozinho?

Filipok não respondeu, se levantou do chão e saiu correndo o mais que podia. Chegou à escola. Na entrada não tinha ninguém, mas dentro da escola se ouviam vozes de crianças que gritavam. Filipok teve medo: “O que vai acontecer quando o professor me enxotar?”. E começou a pensar no que ia fazer. Para voltar, tinha de enfrentar de novo os cachorros; para entrar na escola, sentia muito medo do professor. Uma mulher passou com um balde ao lado da escola e disse:

– Todos estão estudando e você fica parado aqui fora?

Filipok entrou na escola. Tirou o chapéu no vestíbulo e abriu a porta. A escola estava cheia de crianças. Todas gritavam, e o professor, com um cachecol vermelho, andava no meio delas.

– O que você quer? – gritou para Filipok.

O menino agarrou o chapéu e não disse nada.

– Quem é você?

Filipok continuou calado.

– É mudo?

Filipok estava tão assustado que nem conseguia falar.

– Então é melhor ir para casa, se não quer falar.

Filipok bem que gostaria de falar, mas o medo secava sua garganta. Olhou para o professor e começou a chorar. Então o professor teve pena dele. Afagou sua cabeça e perguntou à garotada quem era aquele menino.

– É o Filipok, irmão do Kostiúchka, vive pedindo para vir à escola, mas a mãe não deixa e ele acabou vindo escondido.

– Certo, então sente no banco ao lado de seu irmão que vou pedir à sua mãe que deixe você vir à escola.

O professor começou a mostrar as letras para Filipok, mas o menino já as conhecia e sabia ler um pouco.

– Muito bem, solete seu nome.

Filipok disse:

– Efe-i, fi, ele-i, li, pe-o-cá-pok.

Todos riram.

– Meu rapaz – disse o professor. – Quem ensinou você a ler?

Filipok tomou coragem e disse:

– Kostiúchka. Eu sou ligeiro, entendi tudo de uma vez só. Eu sou esperto de matar!

O professor riu e disse:

– E rezar, você sabe?

Filipok disse:

– Sei – e começou a dizer a ave-maria; mas não acertou todas as palavras.

O professor o deteve e disse:

– Você é muito convencido, mas vai aprender.

Daí em diante, Filipok passou a ir à escola com os outros meninos.

1 Besourinho.

2 Lobinho.







PRIMEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A FORMIGA E O POMBO

[Fábula]

Uma formiga desceu até a beira do riacho: queria beber água. Uma onda cobriu a formiga e ela quase se afogou. Um pombo levava um galinho no bico; viu a formiga se afogando e jogou o galinho para ela, no riacho. A formiga subiu no galinho e salvou-se. Tempos depois um caçador armou uma rede e apanhou o pombo. A formiga rastejou na direção do caçador e deu uma picada no seu pé; o caçador berrou e soltou a rede. O pombo bateu asas, voou e fugiu.

O CEGO E O SURDO

[História real]

Um cego e um surdo foram a um terreno que não era deles para pegar ervilhas. O surdo disse para o cego:

– Você escute e me avise; e eu vou olhar e descrevo para você.

Então eles entraram na plantação e se agacharam. O cego apalpou as ervilhas e disse:

– Uma vagenzinha.

E o surdo disse:

– Que margenzinha?

O cego tropeçou num buraco e caiu. O surdo perguntou:

– O que houve?

O cego respondeu:

– Eu caí!

O surdo disse:

– É para fugir? – e saiu correndo.

E o cego foi atrás.

A TARTARUGA E A ÁGUIA

[Fábula]

A tartaruga pediu à águia que a ensinasse a voar. A águia não recomendou, porque aquilo não ficava bem, mas a tartaruga não parava de pedir. A águia segurou-a pelas garras, levou-a lá em cima e largou: a tartaruga caiu nas pedras e se despedaçou.

A CRIANÇA ABANDONADA

[História real]

Uma mulher pobre tinha uma filha chamada Macha. De manhã, Macha foi pegar água e viu que, na porta, tinha uma coisa enrolada em trapos. Macha baixou o balde e desenrolou os trapos. Quando tocou nos trapinhos, alguma coisa por trás deles gritou: Buá! Buá! Buá! Macha se abaixou e viu que era um bebezinho vermelho. Ele gritava bem alto: Buá! Buá! Macha pegou-o nos braços, levou para dentro de casa e deu leite para ele, numa colher. A mãe disse:

– O que você trouxe?

Macha respondeu:

– Um bebezinho; achei na porta de casa.

A mãe disse:

– Somos tão pobres, como é que vamos alimentar mais um bebê? Vou falar com o chefe e pedir que fiquem com a criança.

Macha começou a chorar e disse:

– Mãezinha, ele não vai comer muito, deixe ficar. Veja como tem mãozinhas e dedinhos bonitos e enrugadinhos.

A mãe olhou e teve pena. Deixou o bebê ficar. Macha alimentava e vestia o bebê, e cantava para ele dormir.

A CABEÇA E O RABO DA COBRA

[Fábula]

O rabo e a cabeça da cobra discutiam sobre quem devia andar na frente. A cabeça disse:

– Você não pode ir na frente, você não tem olhos nem ouvidos.

O rabo disse:

– Em compensação, a força está em mim, sou eu que faço você andar: se eu quiser, me enrosco numa árvore e você não vai sair do lugar.

A cabeça disse:

– Então vamos nos separar!

E o rabo separou-se da cabeça e rastejou para a frente. Mas assim que se afastou um pouco da cabeça, caiu num buraco e sumiu.

A PEDRA

[História real]

O pobre foi à casa do rico e pediu esmola. O rico não deu nada e disse:

– Vá embora!

Mas o pobre não foi. Então o rico se irritou, pegou uma pedra e jogou no pobre. O pobre apanhou a pedra, guardou por dentro da camisa, na altura do peito, e disse:

– Vou levar esta pedra sempre comigo até chegar a hora de jogar nele.

E a hora chegou. O rico fez um negócio errado; tomaram tudo que ele tinha e o mandaram para a prisão. Quando o levaram para a prisão, o pobre se aproximou, tirou a pedra de dentro da camisa e levantou o braço; então pensou melhor, largou a pedra no chão e disse:

– Foi em vão que levei essa pedra comigo por tanto tempo: quando ele era rico e forte, eu tinha medo dele; mas agora tenho pena.

OS ESQUIMÓS

[Descrição]

Há no mundo um lugar onde o verão dura só três meses e o resto do tempo é inverno. No inverno, os dias são tão curtos que, mal o sol levanta, logo se põe. E durante três meses, bem no meio do inverno, o sol nem aparece e fica escuro o tempo todo. Nessa terra vive um povo; chamam-se esquimós. Essas pessoas falam uma língua própria, não entendem as outras línguas e nunca se afastam de sua terra. Os esquimós não são altos, mas têm a cabeça muito grande. O corpo deles não é branco, mas pardo, os cabelos são pretos e duros. O nariz é fino, as maçãs do rosto são largas, os olhos, pequenos. Os esquimós vivem em casas de neve. Constroem as casas assim: moldam tijolos de neve e fazem a casa pondo os tijolos uns em cima dos outros, como quem faz uma estufa. Em vez de vidro, põem gelo nas paredes e, em vez de porta, fazem um tubo comprido por baixo da neve e, através desse tubo, entram rastejando em suas casas. Quando chega o inverno, as casas dos esquimós ficam todas cobertas de neve e lá dentro é quentinho. Os esquimós comem cervos, lobos, ursos-brancos. Pegam peixes no mar com anzóis e varas e com redes. Matam os bichos com arco e flecha e com arpão. Como os animais, os esquimós comem carne crua. Eles não têm linho nem cânhamo para fazer camisas e cordas, não têm lã para fazer pano; fazem cordas com as veias dos animais e roupas com a pele dos animais.

Juntam duas peles com o pelo para fora, uma em cima da outra, furam com espinhas de peixe e costuram com veias. Assim fazem camisas, calças e botas. Ferro, eles também não têm. Fazem lanças e flechas com ossos. O que mais gostam de comer é gordura de animais e de peixes. As mulheres e os homens se vestem do mesmo jeito. Só que as mulheres calçam botas muito largas. Dentro dessas botas de cano largo, elas colocam os filhos pequenos e assim carregam os bebês.

No meio do inverno, os esquimós passam três meses no escuro. Mas no verão o sol nunca se põe e não existe noite.

O FURÃO

[Fábula]

O furão entrou na oficina do funileiro e começou a lamber uma lima. Saiu sangue da língua, mas o furão ficou alegre e continuou lambendo, achando que o sangue saía da lima, e arrebitou a língua toda.

COMO A TITIA CONTOU DE QUE MODO APRENDEU A COSTURAR

[Conto]

Quando eu tinha seis anos, pedi à mamãe que me deixasse costurar. Ela disse:

– Você ainda é pequena, vai só furar os dedos.

Mas eu não parava de pedir. Mamãe tirou do baú um pano vermelho e me deu; depois enfiou uma linha vermelha na agulha e me mostrou como segurar. Comecei a costurar, mas não conseguia dar pontos iguais; um ponto ficava grande, o outro ficava muito na beirada e rompia o pano. Depois espetei o dedo e fiz força para não chorar, mas mamãe me perguntou:

– O que você tem? – e eu não me contive e desatei a chorar. Então mamãe me mandou ir brincar.

Quando fui dormir, os pontos da costura não saíam da minha cabeça: eu não parava de pensar num jeito de aprender mais depressa a costurar e achei que era difícil, que eu nunca ia aprender. Mas agora já sou grande e nem lembro como aprendi a costurar; e quando ensino minha filhinha a costurar, me admiro de ver que ela não consegue segurar a agulha.

LINHAS FINAS

[Fábula]

Um homem encomendou linhas finas a uma fiandeira. A fiandeira fiou linhas finas, mas o homem disse:

– As linhas não ficaram boas, preciso de linhas muito finas.

A fiandeira disse:

– Se para você essas não são finas, então leve estas aqui.

E mostrou um lugar vazio. O homem disse que não estava vendo. A fiandeira respondeu:

– Não está vendo porque são muito finas; eu mesma não vejo.

O tolo se alegrou e encomendou mais linhas como aquelas e pagou em dinheiro por isso.

DA VELOCIDADE VEM A FORÇA

[História real]

Certa vez uma locomotiva andava muito depressa pela estrada de ferro. Bem no meio do caminho, num cruzamento, havia um cavalo com uma carroça pesada. O mujique ataçava o cavalo para atravessar os trilhos, mas o animal não conseguia mover a carroça, porque a roda de trás tinha soltado. O ajudante gritou para o maquinista: “Pare!”, mas o maquinista não obedeceu. Achou que o mujique não ia conseguir nem tocar o cavalo para a frente nem virar a carroça, e também achou que era impossível parar a locomotiva. Ele nem tentou frear e deixou a locomotiva avançar a toda a velocidade na direção da carroça. O mujique se afastou da carroça, e a locomotiva jogou longe o cavalo e a carroça, como se fosse uma lasca de madeira, e foi em frente sem sofrer nada. Então o maquinista disse ao ajudante:

– Nós só matamos um cavalo e quebramos uma carroça, mas se eu tivesse obedecido a você, nós mesmos teríamos morrido e mataríamos todos os passageiros. Em alta velocidade, jogamos a carroça longe e nem sentimos a batida, mas em baixa velocidade teríamos sido atirados para fora dos trilhos.

O LEÃO E O CAMUNDONGO

[Fábula]

O leão dormia. O camundongo passou correndo por cima de seu corpo. Ele acordou e agarrou-o. O camundongo pediu que o soltasse; disse:

– Se me soltar, vou fazer uma coisa boa para você.

O leão achou graça no camundongo que prometia fazer uma coisa boa para ele e o soltou.

Um dia, os caçadores capturaram o leão e o amarraram a uma árvore com uma corda. O camundongo ouviu o rugido do leão, foi correndo para lá, roeu a corda e disse:

– Lembra? Você riu, achou que eu não podia fazer uma coisa boa para você, mas agora está vendo... até um camundongo pode fazer uma coisa boa.

CACHORROS BOMBEIROS

[História real]

Nas cidades, muitas vezes acontece de crianças ficarem dentro das casas que pegam fogo e é impossível tirá-las de lá porque, assustadas, elas se escondem e ficam caladas e, com a fumaça, não dá para ver onde estão. Por isso, em Londres,¹ existem cachorros ensinados. Esses cachorros vivem com os bombeiros e, quando uma casa pega fogo, os bombeiros mandam um cachorro retirar as crianças. Um desses cachorros, em Londres, salvou doze crianças; chamava-se Bob.

Um dia, uma casa pegou fogo. E quando os bombeiros chegaram, uma mulher veio correndo falar com eles. Chorava e dizia que uma menina de dois anos tinha ficado dentro da casa. Os bombeiros mandaram o Bob. Bob subiu a escada correndo e sumiu na fumaça. Cinco minutos depois, saiu da casa, trazendo nos dentes, pendurada pela camisa, a menina de dois anos. A mãe abraçou a filha e chorou de alegria ao ver que a filha estava viva. Os bombeiros afagaram o cachorro e verificaram se não tinha se queimado; mas Bob quis se soltar e entrar de novo na casa. Os bombeiros acharam que havia mais alguém vivo lá dentro e o soltaram. O cachorro entrou correndo e logo depois saiu com alguma coisa

entre os dentes. Quando olharam o que ele trazia, todos começaram a rir: o cachorro trazia uma grande boneca.

O MACACO

[Fábula]

Um homem foi para a floresta, derrubou uma árvore e quis cortá-la em pedaços. Levantou a ponta sobre o cepo, montou a cavalo no tronco e começou a serrar. Depois enfiou uma cunha no lugar já serrado e começou a serrar mais adiante. Serrou, tirou a cunha e colocou-a mais à frente.

Um macaco observava, sentado numa árvore. Quando o homem deitou para dormir, o macaco montou a cavalo no tronco e quis fazer a mesma coisa; mas quando tirou a cunha, o tronco fechou a fenda e prendeu seu rabo. O macaco começou a puxar e gritar. O homem acordou, deu uma surra no macaco e amarrou-o com uma corda.

COMO UM MENINO CONTOU QUE NÃO O LEVARAM PARA A CIDADE

[Conto]

Papai estava se arrumando para ir à cidade e eu lhe disse:

– Pai, me leve com você.

E ele respondeu:

– Você vai morrer de frio lá; ir para quê?

Dei as costas, comecei a chorar e fui para a despensa. Chorei, chorei e peguei no sono. Sonhei com a estradinha que vai da nossa casa até a capela e vi que o papai vinha andando por essa estradinha. Cheguei até ele e fomos juntos para a cidade. Aí eu vi – lá na frente, uma estufa acesa. Perguntei:

– Pai, aquilo é a cidade?

E ele respondeu:

– Isso mesmo.

Então chegamos à estufa e vi que estavam assando broas. Falei:

– Compre uma broa para mim.

Ele comprou e me deu. Então acordei, levantei, me calcei, pus as luvas e fui para a rua. Na rua, os meninos brincavam de deslizar na neve, usando pranchas e trenós. Fui brincar com eles e fiquei deslizando na neve até quase congelar. Assim que voltei para casa e subi na estufa, ouvi que o papai estava voltando da cidade. Fiquei alegre, me levantei com um pulo e disse:

– Pai, comprou uma broa para mim?

Ele respondeu:

– Comprei. – E me deu a broa.

Pulei da estufa para um banco e comecei a dançar de alegria.

O MENTIROSO

[Fábula]

Um menino vigiava as ovelhas e, fingindo que tinha visto um lobo, começou a berrar:

– Socorro, um lobo! Um lobo!

Os mujiques vieram correndo e viram que não era verdade. Ele fez a mesma coisa duas, três vezes e então aconteceu que, um dia, apareceu um lobo de verdade. O menino começou a gritar:

– Venham cá, venham depressa, um lobo!

Os mujiques pensaram que, como sempre, ele estava querendo enganar e não deram atenção. O lobo viu que não tinha nada a temer: com total liberdade, trucidou o rebanho inteiro.

COMO CONSERTARAM UMA CASA NA CIDADE DE PARIS¹

[História real]

Numa casa grande, as paredes estavam se inclinando e se afastando uma da outra. Começaram a pensar num jeito de juntar as paredes sem quebrar o telhado. Um homem teve uma ideia. Prendeu argolas de ferro nas duas paredes opostas; depois fez uma haste de ferro uns três dedos mais curta do que a distância entre as duas argolas. Depois curvou as pontas da haste em dois ganchos para que esses ganchos se prendessem nas argolas. Depois esquentou a haste de ferro com fogo; ela se esticou e alcançou as argolas. Então ele prendeu os ganchos nas argolas e deixou assim. A tira de ferro começou a esfriar, encolheu e puxou as paredes.

O BURRO E O CAVALO

[Fábula]

Um homem tinha um burro e um cavalo. Iam por uma estrada. O burro disse para o cavalo:

– Está pesado, não consigo levar tudo, tire pelo menos um pouco das minhas costas.

O cavalo não deu atenção. O burro caiu de cansaço e morreu. O dono pôs toda a carga do burro sobre o cavalo e ainda mais o couro do burro, e o cavalo gemeu:

– Ai, que desgraça, pobre de mim, como sofro, como sou infeliz! Não quis ajudar um pouco o burro e agora tenho de levar toda a carga e ainda por cima o couro dele.

COMO UM MENINO CONTOU QUE UMA TEMPESTADE O APANHOU DE SURPRESA NA FLORESTA

Quando era menino, me mandaram ir à floresta para pegar cogumelos. Fui à floresta, peguei cogumelos e quis voltar para casa. De repente escureceu, choveu e trovejou. Tive medo e me sentei embaixo de um carvalho grande. Estourou um relâmpago tão claro que meus olhos doeram e fechei os olhos. Em cima de minha cabeça, alguma coisa rachou e estalou; então uma coisa bateu na minha cabeça. Caí e fiquei deitado até a chuva parar. Quando acordei, caíam gotas de todas as árvores da floresta, os passarinhos cantavam e um solzinho cintilava. O grande carvalho estava quebrado e do tronco saía uma fumaça. Em volta, pelo chão, havia pedaços do carvalho. Minha roupa estava toda molhada e colada no corpo; tinha um galo na cabeça e doía um pouco. Encontrei meu chapéu, peguei os cogumelos e corri para casa. Não tinha ninguém em casa, peguei pão na mesa e subi na estufa. Quando acordei, vi do alto da estufa que tinham fritado meus cogumelos, colocado na mesa e já queriam comer. Gritei:

– Vão comer sem mim?

Responderam:

– Por que fica dormindo? Venha logo comer.

A GRALHA E OS POMBOS

[Fábula]

A gralha viu que os pombos eram bem alimentados. Pintou-se de branco e voou para o pombal. No início os pombos acharam que a gralha era igual a um pombo e a deixaram ficar. Mas ela se distraiu e gritou como uma gralha. Então os pombos começaram a dar bicadas para enxotar a gralha. Ela voou de volta para seu bando, mas as gralhas se assustaram porque ela estava branca e também a expulsaram.

O MUJIQUE E OS PEPINOS

[Fábula]

Certa vez, um mujique foi à horta roubar pepinos. Enquanto rastejava na direção dos pepinos, pensava: “Vou levar um saco de pepinos e vender: com o dinheiro vou comprar uma galinha. A galinha vai botar ovos para mim, vai chocar os ovos, vão nascer muitos pintinhos. Vou criar os pintos, vender e comprar uma porquinha; a porca vai ter filhotes. Vou vender os porcos e comprar uma égua; a égua vai ter potros. Vou criar os potros e vou vender; vou comprar uma casa e plantar uma horta. A horta vai crescer, vou plantar pepinos, não vou deixar que roubem, vou ficar de vigia, bem atento. Vou contratar vigias, pôr perto dos pepinos, eu mesmo vou chegar lá de surpresa e gritar: ‘Ei, fiquem de olho bem aberto!’”. O mujique ia pensando tão concentrado que acabou esquecendo que estava no terreno de outra pessoa e gritou mesmo com toda a força. Os vigias ouviram, correram e deram uma surra no mujique.

A MULHER E A GALINHA

[Fábula]

Uma galinha botava um ovo por dia. A dona achou que, se desse mais comida, a galinha poria duas vezes mais ovos. Assim fez. Mas a galinha engordou e parou de botar ovos.

O VELHO AVÔ E O NETINHO

[Fábula]

O avô estava muito velho. As pernas não andavam, os olhos não enxergavam, os ouvidos não escutavam, os dentes tinham caído. E quando comia, a comida escorria pelo canto da boca. O filho e a nora deixaram de sentar o avô à mesa e lhe davam comida atrás da estufa. Um dia, lhe deram o almoço numa tigela. Ele quis puxar a tigela, mas deixou cair e ela quebrou. A nora brigou com o velho, dizendo que ele estragava tudo em casa, quebrava as tigelas, e disse que agora ia lhe dar comida na gamela onde os bichos comiam. O velho apenas suspirou e não disse nada. Um dia, o marido e a esposa estavam em casa e olhavam para o filho, que brincava no chão com umas tabuinhas e tentava montar alguma coisa. O pai perguntou:

– O que está fazendo, Micha?

E Micha respondeu:

– Estou fazendo uma gamela, pai. Quando você e a mamãe ficarem velhos, vou dar comida para vocês nesta gamela.

O marido e a esposa olharam um para o outro e começaram a chorar. Sentiram vergonha de terem humilhado o velho; e daí em diante passaram a trazer o avô para a mesa e cuidaram dele.

A DIVISÃO DA HERANÇA

[Fábula]

O pai tinha dois filhos. Disse para eles:

– Vou morrer, dividam tudo pela metade.

Quando o pai morreu, os filhos não conseguiram fazer a partilha sem brigar. Foram ao vizinho, para ele servir de juiz. O vizinho perguntou:

– Como seu pai mandou dividir?

Responderam:

– Mandou dividir tudo pela metade.

O vizinho disse:

– Então rasguem todas as roupas pela metade, quebrem pela metade toda a louça e cortem pela metade todo o gado.

Os irmãos obedeceram ao vizinho e acabaram ficando sem nada.

PARA ONDE VAI A ÁGUA DO MAR?

[Raciocínio]

Das fontes, nascentes e pântanos, a água vai para os riachos, dos riachos para os córregos, dos córregos para os rios e dos rios para o mar. De outros lados do mar, correm outros rios e todos os rios correm para o mar, e é assim, desde que o mundo é mundo. Para onde vai a água do mar? Por que ela não transborda?

A água do mar sobe em forma de névoa; a névoa sobe ainda mais e da névoa se formam as nuvens. O vento empurra e espalha as nuvens pela terra. Das nuvens, a água cai sobre a terra. Da terra, ela escorre para os pântanos e para as nascentes. Das nascentes, escorre para os rios; dos rios, para o mar. Do mar a água sobe de novo em forma de nuvens e as nuvens se espalham pela terra...

O LEÃO, O URSO E A RAPOSA

[Fábula]

O leão e o urso acharam um pedaço de carne e começaram a brigar por ele. O urso não queria ceder e o leão também não. Brigaram tanto tempo que os dois perderam as forças e caíram deitados. A raposa viu a carne entre os dois, apanhou e fugiu.

COMO UM MENINO CONTOU QUE ACHOU ABELHAS-RAINHAS PARA SEU AVÔ

[Conto]

No verão, meu avô vivia no apiário. Quando eu ia visitá-lo, ele me dava mel.

Certo dia, fui ao apiário e comecei a andar no meio das colmeias. Não tinha medo das abelhas porque o vovô tinha me ensinado a andar de mansinho pelo terreiro.¹

E as abelhas estavam acostumadas comigo e não me picavam. Ouvi uma coisa roncar dentro de uma colmeia. Fui atrás do vovô e contei para ele.

O vovô voltou comigo, escutou e disse:

– Dessa colmeia já saiu um enxame, o primeiro, com a rainha velha; agora as abelhas rainhas jovens estão saindo dos ovos. São elas que estão gritando. Amanhã elas vão embora voando com outro enxame.

Perguntei ao vovô o que era uma abelha-rainha. Ele respondeu:

– A abelha-rainha é igual ao tsar para o povo; sem ela não pode haver abelhas.

Perguntei:

– Mas como é que elas são?

Ele disse:

– Venha amanhã; se Deus quiser, vai se formar um enxame, aí mostro a você e ainda lhe dou mel.

No dia seguinte, quando fui falar com o vovô, na entrada estavam pendurados dois cestos fechados. O vovô mandou que eu me cobrisse com uma rede e amarrou-a no meu pescoço com um lenço; depois pegou um dos cestos fechados e levou para o apiário. As abelhas zumbiam dentro do cesto. Tive medo delas e enfiei as mãos nas calças; mas queria ver a abelha-rainha e fui atrás do vovô.

No terreiro das colmeias, o vovô foi até um tronco oco, ajeitou uma tigela, abriu o cesto cheio de abelhas e sacudiu, para as abelhas caírem na tigela. As abelhas rastejaram pela tigela para dentro do tronco, sem parar de zumbir, e o vovô ia empurrando as abelhas com uma vassourinha.

– Olhe aqui a abelha-rainha!

O vovô me mostrou com a vassourinha e eu vi uma abelha comprida e de asinhas curtas. Ela foi rastejando com as outras e sumiu. Depois o vovô tirou a rede que me cobria e fomos para a pequena isbá. Lá ele me deu um bom bocado de mel, eu comi e lambuzei as bochechas e as mãos. Quando cheguei em casa, mamãe disse:

– De novo seu avô sem-vergonha deu mel para você comer, não foi?

Respondi:

– Ele me deu mel porque ontem eu achei para ele uma colmeia com abelhas-rainhas jovens e hoje formamos um enxame novo.

O CACHORRO, O GALO E A RAPOSA

[Fábula]

O cachorro e o galo saíram pelo mundo afora. Ao anoitecer, o galo adormeceu numa árvore e o cachorro se acomodou entre as raízes da mesma árvore. Quando chegou a hora, o galo cantou. A raposa ouviu o galo, correu e, embaixo da árvore, começou a pedir que o galo descesse, pois ela queria fazer uma homenagem a ele e à sua voz bonita. O galo respondeu:

– Antes é preciso acordar o porteiro, ele está dormindo entre as raízes. Quando ele destrancar o portão, eu desço.

A raposa foi procurar o porteiro e começou a grunhir. O cachorro deu um pulo de surpresa e estrangulou a raposa.

O MAR

[Descrição]

O mar é vasto e profundo; não se vê o fim do mar. O sol se levanta e se põe no mar. Ninguém alcança nem conhece o fundo do mar. Quando não venta, o mar fica azul e liso; quando o vento sopra, o mar se agita e fica ondulado. As ondas se erguem no mar; as ondas correm umas atrás das outras; elas se encontram, se chocam e delas esguicha uma espuma branca. Então os navios balançam nas ondas como lascas de madeira. Quem nunca esteve no mar nunca rezou para Deus.

O CAVALO E O CAVALARIÇO

[Fábula]

O cavalariaço roubava a aveia do cavalo e vendia, mas todo dia escovava o cavalo. Então o cavalo disse:

- Se quer de verdade que eu fique bem, pare de vender minha aveia.

O INCÊNDIO

[História real]

Na época de ceifar, os mujiques e as mulheres foram embora trabalhar. Na aldeia, só ficaram os velhos e as crianças. Numa isbá, ficaram a avó e três netos. A avó acendeu a estufa e deitou-se para descansar. As moscas pousavam em cima da avó e picavam. Ela cobriu a cabeça com uma toalha e pegou no sono. Uma das netas, Macha (tinha três anos), jogou brasas num pedaço de louça e foi para a varandinha na entrada da isbá. Ali havia uns feixes de palha no chão. As mulheres amarravam os feixes com atilhos.¹ Macha trouxe as brasas, colocou embaixo dos feixes e começou a soprar. Quando a palha começou a arder, ela ficou alegre, voltou para dentro da isbá, trouxe pelo braço o irmão, Kiriúchka (tinha um ano e meio e havia acabado de aprender a andar), e disse:

- Olhe, Kiliúska, o que eu tirei da estufa.

Os feixes de palha já estavam ardendo e crepitando. Quando a varanda ficou escura de fumaça, Macha se assustou e correu para trás, para dentro da isbá. Kiriúchka caiu na soleira da porta, quebrou o nariz e desatou a chorar; Macha arrastou o irmão para dentro da isbá e os dois se esconderam embaixo de um banco. A vovó não percebeu nada e dormia. O menino mais velho, Vânia (tinha oito anos), estava na rua. Quando viu que saía fumaça da varanda, passou correndo pela porta, atravessou a fumaça, entrou na isbá e começou a sacudir a avó; mas a avó, tonta de sono, confusa, esqueceu as crianças, levantou-se com um pulo e saiu correndo para fora, chamando as pessoas. Macha, nessa altura, estava sentada embaixo do banco e continuava calada; só o menino pequeno gritava, porque o nariz quebrado estava doendo. Vânia ouviu os gritos dele, olhou embaixo do banco e começou a gritar para Macha:

- Corre para fora, vai se queimar!

Macha correu para a varanda, mas não podia passar, por causa da fumaça e do fogo. Ela voltou para dentro. Então Vânia abriu uma janela e mandou a irmã pular. Quando ela pulou, Vânia agarrou o irmão e o puxou. Mas o menino era pesado e além disso resistia, não deixava o irmão puxar. Empurrava Vânia e chorava. Vânia caiu duas vezes, enquanto puxava o menino para a janela, e a porta da isbá já estava em chamas. Vânia empurrou a cabeça do irmãozinho pela janela e quis jogá-lo para fora; mas o menino (estava muito assustado) se agarrava com as mãozinhas e não soltava. Então Vânia gritou para Macha:

- Puxe a cabeça dele!

E Vânia também empurrava por trás. E assim conseguiram puxar o menino para a rua, através da janela, e eles escaparam também.

ARÃ E O LEÃO

[Fábula]

O leão ouviu a rã coaxar alto e ficou assustado. Achou que para berrar tão alto tinha de ser um bicho grande. Esperou um pouco, espiou – a rã saiu do brejo. O leão esmagou a rã com a pata e disse:

– De agora em diante, não vou me assustar antes de ver o que é.

O ELEFANTE

[História real]

Um indiano tinha um elefante. O dono não alimentava direito o elefante e o obrigava a trabalhar muito. Um dia o elefante se zangou e pisou em seu dono. O indiano morreu. Então a esposa do indiano começou a chorar, levou seus filhos até o elefante e jogou as crianças aos pés do animal. Disse:

– Elefante! Você matou o pai, mate os filhos também.

O elefante olhou para as crianças, pegou o mais velho com a tromba, levantou devagar e colocou o menino montado no seu pescoço. Daí em diante, o elefante obedeceu ao menino e trabalhou para ele.

O MACACO E A ERVILHA

[Fábula]

Um macaco levava dois punhados de ervilhas nas mãos bem cheias. Uma ervilhazinha pulou; o macaco quis pegar e deixou cair vinte ervilhas. Pulou para apanhar as ervilhas e derramou todas. Então ficou zangado, espalhou as ervilhas para todos os lados e fugiu correndo.

COMO UM MENINO CONTOU QUE PAROU DE TER MEDO DE MENDIGOS CEGOS

[Conto]

Quando eu era pequeno, os mendigos cegos me assustavam e eu tinha medo deles. Um dia cheguei em casa e, na varandinha, estavam sentados dois mendigos cegos. Eu não sabia o que fazer; tinha medo de correr para trás e medo de passar por eles: achei que iam me agarrar. De repente um deles (tinha os olhos brancos como leite) levantou-se, me segurou pela mão e disse:

– Garoto! Não tem uma esmolinha?

Soltei-me dele e corri para minha mãe. Ela me deu dinheiro e pão para dar para eles. Os mendigos ficaram contentes com o pão, se benzeram e começaram a comer. Depois o mendigo de olhos brancos disse:

– Seu pão é bom, graças a Deus. – E segurou de novo minha mão e apalpou. Tive pena dele e, daí em diante, deixei de ter medo de mendigos cegos.

A VACA LEITEIRA

[Fábula]

Um homem tinha uma vaca; todo dia ela dava uma jarra de leite. O homem convidou algumas pessoas; para juntar mais leite para os convidados, ficou dez dias sem ordenhar a vaca. Achou que no décimo dia a vaca ia dar dez vasos cheios de leite. Mas todo o leite empedrou dentro da vaca e ela deu menos leite que antes.

A IMPERATRIZ CHINESA SI-LIN-TCHI

[História real]

O imperador chinês Go-An-Tchi tinha uma esposa adorada, Si-Lin-Tchi. O imperador queria que todo o povo se lembrasse de sua adorada imperatriz. Mostrou para a esposa um bicho-da-seda e disse:

– Aprenda o que se pode fazer com essa lagarta e como cuidar dela e seu povo nunca vai se esquecer de você.

Si-Lin-Tchi passou a observar as lagartas e viu que, quando ficavam paradas, se formava uma teia por cima de seu corpo. Desenrolou a teia, fez um fio e teceu um lenço de seda. Depois notou que as lagartas ficavam nos pés de amora. Começou a juntar folhas de amoreiras e deu para as lagartas comerem. Criou muitos bichos-da-seda e ensinou ao seu povo como cuidar deles.

Desde então passaram cinco mil anos e os chineses até hoje se lembram da imperatriz Si-Lin-Tchi e fazem festas em sua homenagem.

A LIBÉLULA E AS FORMIGAS

[Fábula]

No outono, o trigo das formigas ficou molhado: elas puseram para secar. Uma libélula faminta pediu comida. As formigas perguntaram:

– Por que não juntou comida durante o verão?

Ela respondeu:

– Não tive tempo: estava cantando.

As formigas riram e disseram:

– Se cantou no verão, dance no inverno.

A MENINA-CAMUNDONGO

[Conto]

Um homem andava perto do rio e viu um corvo levando um camundongo pelo bico. O homem jogou uma pedra e o corvo largou o camundongo; o camundongo caiu na água. O homem tirou o camundongo da água e levou para casa. Ele não tinha filhos e disse:

– Ah! Quem dera esse camundongo virasse uma menina!

E o camundongo virou uma menina. Quando a menina cresceu, o homem perguntou para ela:

– Com quem você quer casar?

A menina disse:

– Quero casar com o mais forte do mundo.

O homem foi falar com o sol e disse:

– Sol! Minha menina quer casar com o mais forte do mundo. Você é o mais forte de todos; case com minha menina.

O sol respondeu:

– Não sou o mais forte de todos: as nuvens me escurecem.

O homem foi falar com as nuvens e disse:

– Nuvens! Vocês são os mais fortes de todos; casem com minha menina.

As nuvens responderam:

– Não, nós não somos os mais fortes de todos, o vento nos espalha.

O homem foi falar com o vento e disse:

– Vento! Você é o mais forte de todos; case com minha menina.

O vento respondeu:

– Não sou o mais forte de todos: as montanhas bloqueiam minha passagem.

O homem foi falar com as montanhas e disse:

– Montanhas! Casem com minha menina; vocês são os mais fortes de todos.

As montanhas responderam:

– Mais forte que nós é o rato. Ele nos rói.

Então o homem foi falar com o rato e disse:

– Rato! Você é o mais forte de todos; case com minha menina.

O rato concordou. O homem voltou para casa e disse para a menina:

– O rato é o mais forte de todos: rói as montanhas, as montanhas bloqueiam a passagem do vento, o vento espalha as nuvens, as nuvens escurecem o sol e o rato quer casar com você.

Mas a menina disse:

– Ah! O que vou fazer agora? Como posso casar com o rato?

Então o homem disse:

– Ah! Quem dera minha menina virasse de novo um camundongo!

E a menina virou camundongo e casou com o rato.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

[Fábula]

Um homem tinha uma galinha que botava ovos de ouro. Ele quis ter muito ouro de uma vez só e matou a galinha (achou que dentro dela havia um monte de ouro); mas a galinha era igual a todas as outras.

LIPÚNIUCHKA¹

[Conto]

Um velho vivia com uma velha. Não tinham filhos. O velho foi arar a terra e a velha ficou em casa para fazer panquecas. A velha fez as panquecas e disse:

– Se a gente tivesse um filho, ele levaria as panquecas para o pai; mas, agora, a quem vou pedir?

De repente, do meio do algodão, saiu um menininho e disse:

– Bom dia, mamãe!

A velha perguntou:

– Filhinho, de onde você saiu e como se chama?

E o filho respondeu:

– Mãezinha, você fiou o algodão e enrolou as meadas e eu saí de lá. Pode me chamar de Lipúniuchka. Pode deixar, mãezinha, eu levo as panquecas para o papai.

A velha disse:

– Você consegue levar mesmo, Lipúniuchka?

– Consigo, mãezinha...

A velha amarrou as panquecas dentro de uma trouxinha e deu para o filho. Lipúniuchka pegou a trouxa e correu para o campo. No campo, ele topou com um morrinho na estrada e gritou:

– Papai, papai, me ajude a passar pelo morrinho! Eu trouxe panquecas para você.

No campo, o velho ouviu que alguém chamava, foi ao encontro do filho, levou o menino para o outro lado do morrinho e disse:

– De onde você veio, filho?

E o menino respondeu:

– Papai, eu saí do algodão – e deu as panquecas para o pai.

O velho sentou-se para comer e o menino disse:

– Deixe que eu vou arar a terra.

O velho disse:

– Você não tem força para arar a terra.

Mas Lipúniuchka pegou o arado e começou a arar. Ele arava e ainda por cima cantava.

Um senhor de terras passou por aquele campo e viu que o velho estava sentado comendo enquanto o cavalo arava sozinho. O senhor de terras desceu da carruagem e disse para o velho:

– Como pode ser isso, velho? O cavalo está arando sozinho?

O velho respondeu:

– Tenho um menino que está arando, e ele ainda canta.

O senhor de terras chegou mais perto, ouviu a canção e viu Lipúniuchka.

O senhor de terras disse:

– Velho! Venda esse menino para mim.

E o velho respondeu:

– Não, não posso vender, só tenho um.

E Lipúniuchka disse para o velho:

– Venda, papai, eu fujo dele.

O mujique vendeu o menino por cem rublos. O senhor de terras deu o dinheiro, pegou o menino, embrulhou num lenço e guardou no bolso. O senhor de terras correu para casa e disse para a esposa:

– Trouxe uma alegria para você.

E a esposa disse:

– Mostre. O que é?

O senhor de terras tirou o lenço do bolso, abriu e dentro do lenço não havia mais nada. Fazia tempo que Lipúniuchka tinha fugido para o pai.

O LOBO E A VELHA

[Fábula]

Um lobo faminto procurava uma presa. Na ponta de uma aldeia, ele ouviu um menino chorando dentro de uma isbá, enquanto uma velha dizia:

– Se não parar de chorar, vou dar você para o lobo.

O lobo parou e ficou esperando a hora em que iam lhe dar o menino. Aí anoiteceu; ele continuou a esperar e a ouvir. A velha disse outra vez:

– Não chore, bebezinho; não vou dar você para o lobo; assim que o lobo chegar, vamos matá-lo.

O lobo pensou: “Pelo visto, aqui falam uma coisa e fazem outra”. E foi embora da aldeia.

O GATINHO

[Fábula]

Era uma vez um irmão e uma irmã – Vássia e Kátia. Eles tinham uma gata. Na primavera, a gata sumiu. As crianças procuraram por todo canto, mas não conseguiram achar. Um dia, estavam brincando ao lado do celeiro e ouviram, lá em cima, alguma coisa miando com vozes finas. Vássia subiu correndo a escada para o forro do celeiro. Kátia ficou embaixo e toda hora perguntava: “Achou? Achou?”. Mas Vássia não respondia. Afinal, Vássia gritou:

– Achei! A nossa gata... e ela teve gatinhos; são lindos; venha cá, depressa.

Kátia foi para casa correndo, pegou leite e levou para a gata.

Os filhotes eram cinco. Quando cresceram um pouco e começaram a sair do cantinho onde nasceram, as crianças escolheram para elas um gatinho cinzento de patas brancas e levaram para casa. A mãe deu todos os outros gatos, mas aquele ficou para os filhos. As crianças lhe davam comida, brincavam com ele e dormiam junto com o gatinho.

Um dia as crianças foram brincar na estrada e levaram o gatinho.

O vento remexia a palha na estrada, o gatinho brincava com a palha e aquilo divertia as crianças. Depois viram no caminho umas folhas de azedinha, foram colher e esqueceram o gato. De repente ouviram alguém gritar bem alto:

– Para trás! Para trás!

E viram um caçador vir correndo e, na frente dele, dois cachorros que olhavam para o gatinho e

queriam agarrá-lo. Mas o gatinho era bobo e, em vez de fugir, se agachou no chão, arqueou as costas e olhou para os cachorros. Kátia ficou assustada com os cachorros, começou a gritar e fugiu para longe deles. Mas Vássia foi correndo na direção do gato e o pegou na mesma hora em que os cachorros pularam na direção dele. Os cachorros queriam agarrar o gatinho, mas Vássia pulou de barriga em cima do gato e o escondeu dos cachorros.

O caçador chegou a galope e enxotou os cachorros; Vássia levou o gatinho para casa e nunca mais saiu com ele para o campo.

O FILHO SÁBIO

[Fábula]

O filho voltou da cidade para a casa do pai, na roça. O pai disse:

– Hoje é dia de ceifar. Pegue o ancinho e venha me ajudar.

Mas o filho não queria trabalhar e disse:

– Estudei as ciências e esqueci todas as palavras dos mujiques; o que quer dizer ancinho?

Mal saiu para o pátio, pisou na ponta de um ancinho; a haste levantou e bateu na sua testa. Então lembrou o que era um ancinho, pôs a mão na testa e disse:

– Quem foi o idiota que largou este ancinho aqui?

COMO OS HABITANTES DE BUCARA APRENDERAM A CUIDAR DOS BICHOS-DA-SEDA

[História real]

Durante muito tempo, só os chineses sabiam fazer seda e não ensinavam essa arte para ninguém, mas vendiam os panos de seda por um preço alto.

O rei de Bucara ouviu falar disso e quis conseguir as lagartas e aprender aquele ofício. Pediu aos chineses que lhe dessem ovos de bichos-da-seda, lagartas e amoreiras. Os chineses negaram. Então o rei de Bucara mandou pedir em casamento a filha do imperador chinês, mandou dizer à noiva que ele tinha muitas coisas em seu reino, só não tinha uma coisa – panos de seda –, e pediu que ela trouxesse escondidos ovinhos de bichos-da-seda e lagartas, senão ela não poderia ter roupas bonitas para vestir.

A princesa arranjou ovos de bichos-da-seda e sementes de amoreira e escondeu por dentro da faixa que usava enrolada na cabeça.

Na fronteira, quando foram olhar se não estava levando alguma coisa proibida, ninguém se atreveu a tirar a faixa de sua cabeça.

E os habitantes de Bucara começaram a plantar amoreiras e a criar bichos-da-seda e a princesa ensinou como cuidar deles.

O MUJIQUE E O CAVALO

[Fábula]

O mujique teve de ir à cidade comprar aveia para o cavalo. Assim que ele saiu da aldeia, o cavalo quis voltar para casa. O mujique bateu no cavalo com o chicote. O cavalo andou e pensou: “Para onde esse imbecil quer que eu vá? É melhor ficar em casa”. Antes de chegar à cidade, o mujique viu que os cavalos tinham dificuldade de andar na lama e se desviou para uma rua calçada, mas o cavalo não queria andar na rua calçada. O mujique bateu com o chicote e puxou o cavalo com força; o cavalo andou pela rua calçada e pensou: “Para que ele me desviou para a rua calçada? Só para quebrar os cascos. Aqui é duro demais por baixo das patas”.

O mujique foi a uma barraca na feira, comprou aveia e voltou para casa. Quando chegou em casa, deu aveia para o cavalo. O cavalo começou a comer e pensou: “Como os homens são bobos! Gostam de se mostrar mais inteligentes do que nós, mas a inteligência deles é menor do que a nossa. Para que ele teve todo esse trabalho? Foi sei lá para onde e me forçou a ir também. Andamos tanto para depois voltar para a mesma casa de antes. Era melhor ter ficado aqui de uma vez; ele ficaria sentado junto à estufa, enquanto eu comeria aveia”.

COMO A TITIA CONTOU PARA A VOVÓ QUE O BANDIDO EMELKA PUGATCHÓV LHE DEU UMA MOEDA DE DEZ RUBLOS

[História real]

Eu tinha uns oito anos e nós morávamos na província de Kazan, em nossa aldeia. Lembro que papai e mamãe começaram a ficar preocupados, porque todo mundo falava de Pugatchóv.² Mais tarde eu soube que o bandido Pugatchóv tinha aparecido naquela época. Ele dizia ser o tsar Pedro III, reunia muitos bandidos, enforcava todos os nobres e libertava todos os servos. E diziam que ele e sua gente não estavam longe de nós. Papai queria fugir para Kazan, mas receava levar a nós, as filhas, com ele, porque o tempo estava frio e as estradas, ruins. Isso aconteceu em novembro e era perigoso andar pelas estradas. Papai resolveu ir só com mamãe para Kazan e prometeu juntar uns cossacos e vir de lá para nos buscar.

Eles partiram e nós ficamos sozinhas com a babá Anna Trofímovna e todas morávamos no térreo, num só cômodo. Lembro que estávamos sentadas certa noite, a babá embalava minha irmã no colo, porque ela estava com dor de barriga, e eu trocava as roupas de uma boneca. Paracha, nossa criada, e a esposa do diácono estavam sentadas à mesa, bebiam chá e conversavam; sempre sobre Pugatchóv. Enquanto vestia a boneca, eu ouvia o tempo todo as coisas horríveis que a esposa do diácono contava.

– Lembro – contou ela – que Pugatchóv chegou à casa de nossos vizinhos, a quarenta verstas de nós, e enforcou o senhor de terras no porão e matou todos os filhos.

– E como esse monstro matou as crianças? – perguntou Paracha.

– Foi assim, minha mãe, Ignátitch me contou: amarraram pelos pés e depois bateram na quina da parede.

– E você ainda conta esses horrores na frente da menina – disse a babá. – Vá dormir, Kátienka. Está na hora.

Eu estava mesmo querendo dormir, mas de repente ouvimos que batiam na porta, os cachorros latiam e vozes gritavam.

A esposa do diácono e Paracha correram para ver e logo voltaram às pressas.

– É ele! É ele!

A babá se esqueceu da dor de barriga de minha irmã, jogou-a na caminha, correu para o baú e pegou uma blusa e um vestidinho rústico. Tirou toda a minha roupa, me deixou descalça e me vestiu com uma roupa de camponesa. Envolheu minha cabeça com um lenço e disse:

– Veja bem, se perguntarem, diga que é minha neta.

Mal terminou de me vestir, ouvimos: lá em cima, botas pisavam com força. Pelo barulho, devia ter muita gente. A esposa do diácono, a criada Mikhaila, veio nos avisar:

– É ele mesmo, chegou! Mandou matar os carneiros. Está pedindo vinho, bebida.

Anna Trofímovna disse:

– Dê tudo. Mas cuidado, não diga que são filhas do senhor de terras. Diga que todos fugiram. E dela, diga que é minha neta.

Ficamos a noite inteira sem dormir. Cossacos bêbados entravam em nosso quarto toda hora.

Mas Anna Trofímovna não tinha medo deles. Quando um entrava, ela dizia:

– Meu caro, o que você quer? Não temos nada para você. Crianças pequenas e eu, uma velha.

E os cossacos saíram.

De manhã, peguei no sono e, quando acordei, vi em nosso quarto um cossaco de casaco de veludo verde e, diante dele, Anna Trofímovna se curvava em reverências até o chão.

O cossaco apontou para minha irmã e disse:

– De quem é?

E Anna Trofímovna respondeu:

– Minha neta. Minha filha partiu com os patrões e deixou comigo.

– E essa menina? – Apontou para mim.

– Também é minha neta, senhor.

Ele acenou para mim com o dedo.

– Venha cá, espertinha.

Fiquei ruborizada. E Anna Trofímovna disse:

– Vá, Katiúchka, não tenha medo. – Cheguei perto dele.

O cossaco segurou-me pela bochecha e disse:

– Olhe como é branquinha, vai ficar bonita. – Tirou do bolso um punhado de moedas de prata, escolheu uma de dez copeques e me deu.

– Para você se lembrar do seu soberano – e saiu.

Ficaram dois dias em nossa casa, comeram e beberam à vontade e quebraram tudo, mas não incendiaram nada e foram embora.

Quando papai voltou com mamãe, não sabia como agradecer a Anna Trofímovna. Ele a libertou da servidão, mas ela não aceitou e viveu conosco até ficar velha e morrer. Desde então, de brincadeira, me chamam de a noiva de Pugatchóv. E desde aquele dia guardo comigo a moeda de dez copeques que Pugatchóv me deu; e toda vez que olho para ela me lembro de meus tempos de criança e da boa Anna Trofímovna.

O rei da Pérsia tinha um vizir honesto, chamado Abdul. Certa vez ele atravessou a cidade para falar com o rei. E na cidade o povo estava revoltado. Assim que viram o vizir, cercaram, seguraram seu cavalo e começaram a ameaçar, dizendo que iam matar o vizir se não fizesse o que eles queriam. Um homem se mostrou tão atrevido que chegou a agarrar a barba do vizir e deu uns puxões.

Quando largaram o vizir, ele foi falar com o rei e o convenceu a ajudar o povo e não condenar aquelas pessoas por terem sido brutas com ele.

Na manhã seguinte, um pequeno mercador foi falar com o vizir. O vizir perguntou o que ele queria. O mercador disse:

– Vim denunciar aquele homem que ofendeu você ontem. Conheço o homem, é meu vizinho, se chama Naguim; mande prender e castigue!

O vizir dispensou o mercador e mandou trazer Naguim. Naguim adivinhou que tinha sido denunciado, foi falar com o vizir e, mais morto que vivo, se jogou a seus pés.

O vizir levantou-o e disse:

– Não chamei você para castigar, mas só para dizer que tem um mau vizinho. Ele denunciou você, cuidado com ele. Vá com Deus.

COMO UM LADRÃO DENUNCIOU A SI MESMO

[História real]

De noite, um ladrão escalou as paredes da casa de um mercador e entrou no sótão. Escolheu casacos de pele, panos e quis descer, mas tropeçou numa viga e fez muito barulho. O mercador ouviu o barulho no alto da casa, acordou um empregado e quis ir ao sótão com uma vela. O empregado estava dormindo pesado e disse para o mercador:

– Ver o quê? Não tem ninguém lá, vai ver é um gato.

Apesar disso o mercador foi até o sótão. Assim que o ladrão percebeu que alguém estava vindo, colocou os casacos e os panos onde estavam antes e procurou um lugar para se esconder. E encontrou: um monte de alguma coisa. Na verdade, era um monte de folhas de tabaco. O ladrão abriu um espaço no tabaco, enfiou-se no meio e cobriu-se. O ladrão ouviu que duas pessoas estavam vindo – entraram e falaram. O mercador disse:

– Eu ouvi o barulho de uma coisa pesada.

E o empregado disse:

– Pode ser um gato, pode ser um fantasma.

O mercador passou pelo monte de tabaco, não notou nada e disse:

– Parece que foi só impressão minha: não tem ninguém; vamos embora.

E o ladrão ouviu que os dois saíam e pensou: “Agora vou pegar tudo e descer pela janela”. Mas de repente o ladrão sentiu que o nariz coçava por causa do tabaco e sentiu vontade de espirrar. Cobriu a boca com a mão, a coceira aumentou mais ainda e ele não conseguiu segurar o espirro. O mercador e o empregado já estavam saindo. Ouviram alguém espirrar no canto. “Atchim, atchim! A-tchim!” Voltaram e apanharam o ladrão.

O FARDO

[Fábula]

Dois homens andavam juntos pela estrada e cada um levava seu fardo nos ombros. Um deles andava sem tirar o fardo dos ombros e o outro parava toda hora, baixava o fardo no chão e sentava para descansar. Mas sempre tinha de levantar o fardo de novo e colocar de novo sobre os ombros. E aquele que parava e baixava o fardo ficou mais cansado do que o outro, que levava o fardo sem tirar dos ombros.

O CAROÇO

[História real]

A mãe comprou ameixas e quis dar para os filhos depois do almoço. Pôs as ameixas num prato. Vânia nunca tinha comido aquilo e ficou o tempo todo cheirando as ameixas. Gostou muito delas. Sentiu muita vontade de comer. Não parava de passar perto das ameixas. Numa hora em que não tinha ninguém, ele não conseguiu se conter, pegou uma ameixa e comeu. Antes do almoço, a mãe foi contar as ameixas e viu que faltava uma. Avisou o pai.

Na hora do almoço, o pai disse:

– Pois bem, meus filhos, será que algum de vocês comeu uma ameixa?

Todos responderam:

– Não.

Vânia ficou vermelho como um caranguejo e também respondeu:

– Não, eu não comi.

Então o pai disse:

– Não é nada bom que um de vocês tenha comido uma ameixa; mas o pior não é isso. O pior é que dentro da ameixa tem um caroço e se a pessoa não sabe comer a ameixa e engole o caroço, morre no dia seguinte. É disso que tenho medo.

Vânia ficou pálido e disse:

– Não, o caroço eu joguei pela janela.

E todos riram e Vânia começou a chorar.

OS DOIS MERCADORES

[Fábula]

Um mercador pobre partiu em viagem e deixou todas as suas mercadorias de ferro sob a guarda de um mercador rico. Quando voltou, encontrou-se com o mercador rico e pediu seu ferro de volta.

O mercador rico tinha vendido todas as mercadorias de ferro e, para dar uma desculpa, disse:

– Aconteceu uma coisa triste com seu ferro.

– O quê?

– Guardei o ferro no depósito de cereais. Lá está cheio de ratos. Eles roeram todo o ferro. Eu

mesmo vi como roíam. Se não acredita, vá ver só.

O mercador pobre não quis discutir. Respondeu:

– Para que ver? Eu acredito. Sei que os ratos sempre roem o ferro. Adeus. – E o mercador pobre foi embora.

Na rua, viu um menino brincando – era o filho do mercador rico. O mercador pobre afagou o menino, segurou sua mão e levou-o para casa.

No dia seguinte, o mercador rico encontrou o mercador pobre e contou sua desgraça, seu filho havia sumido, e perguntou:

– Você não viu nada, não soube de nada?

O mercador pobre respondeu:

– Vi, sim, como não? Assim que saí da sua casa ontem, eu vi: um falcão desceu voando direto em cima do seu filho, pegou e levou embora.

O mercador rico se zangou e disse:

– Não tem vergonha de debochar de mim? Acha que vou acreditar que um falcão pode carregar um menino?

– Não, não estou debochando. O que há de admirar num falcão carregar um menino, quando os ratos já roeram cem *pud*¹ de ferro? Acontece de tudo neste mundo.

Então o mercador rico levantou-se e disse:

– Os ratos não roeram seu ferro, eu vendi e vou lhe pagar em dobro.

– Se é assim, o falcão também não levou seu filho e eu vou devolver o menino.

O CACHORRO DE SÃO GOTARDO

[Descrição]

Existem dois países vizinhos: a Suíça e a Itália. Entre os dois, ficam as montanhas dos Alpes. São montanhas tão altas que, nelas, a neve nunca derrete. A estrada que vai da Suíça para a Itália tem de passar por essas montanhas. A estrada passa pela montanha de São Gotardo. Bem no alto dessa montanha, construíram um mosteiro na beira da estrada. E nesse mosteiro vivem monges. Os monges rezam e dão abrigo aos viajantes, para descansar e passar a noite. Em São Gotardo, o céu está sempre cinzento; no verão há uma neblina e não dá para enxergar nada. No inverno caem nevascas tão fortes que a neve acumulada chega a cinco *archin* de altura. E os viajantes e os caminhantes muitas vezes morrem congelados nessas nevascas. Os monges têm cachorros. E os cachorros são ensinados a procurar pessoas na neve.

Certa vez, na estrada para a Suíça, ia uma mulher com um bebê. Começou a nevasca; a mulher perdeu o caminho, sentou na neve e começou a congelar. Os monges saíram com os cachorros e acharam a mulher com o bebê. Os monges aqueceram e alimentaram o bebê. Mas a mulher já estava morta e os monges a enterraram no mosteiro.

CONTO EM QUE UM MUJIQUE EXPLICA POR QUE GOSTA DO IRMÃO MAIS VELHO

Eu gosto muito de meu irmão, acima de tudo porque ele foi para o Exército no meu lugar. Foi assim que aconteceu: começaram o sorteio. Fui sorteado, tinha de ir para o Exército, mas fazia uma semana que eu tinha casado. Não queria me afastar da esposa jovem.

Mamãe começou a gemer e disse:

– Como Petruchka pode ir? É tão novo.

Não havia nada a fazer, começaram a me arrumar. Minha mulher costurou camisas para mim, me deu dinheiro e no dia seguinte eu tinha de ir para o recrutamento na cidade. Mamãe morria de desespero, chorava, e eu, só de pensar que tinha de ir, sentia meu coração apertado como se estivesse indo para a morte.

À noite, nos reunimos todos para jantar. Ninguém tinha vontade de comer. O irmão mais velho, Nikolai, estava deitado no alto da estufa, sempre calado. Minha esposa gemia. Papai estava zangado. Quando mamãe pôs a *kacha* na mesa, ninguém tocou na comida. Mamãe foi chamar Nikolai, no alto da estufa, para jantar. Ele desceu, fez o sinal da cruz, sentou à mesa e disse:

– Não sofra, mãezinha. Vou para o Exército no lugar do Petruchka, sou mais velho que ele. Pode ser que eu não morra. Vou servir no Exército e voltar para casa. E você, Piotr, sem mim, cuide do papai e da mamãe e não ofenda minha esposa.

Fiquei alegre, mamãe também parou de sofrer; começaram a preparar Nikolai para a partida.

De manhã, quando acordei e me dei conta de que meu irmão ia partir no meu lugar, me senti muito mal. Eu disse:

– Não vá, Nikolai, é minha vez, eu vou.

Ele ficou calado e continuou a se arrumar. Eu também me arrumei para ir. Fomos os dois para o recrutamento na cidade. Ele se apresentou, e eu também. Os dois éramos rapazes bonitos, ficamos em posição de sentido, esperamos para ver se nos recusavam. Meu irmão mais velho olhou para mim, riu e disse:

– Vá embora, Piotr, vá para casa. Não fique triste por minha causa, eu vou porque quero.

Comecei a chorar e fui para casa. E agora, quando me lembro do irmão, parece que eu daria minha vida por ele.

COMO MATEI UMA LEBRE PELA PRIMEIRA VEZ

[Conto de um senhor de terras]

Eu tinha um tio chamado Ivan Andreitch. Ele me ensinou a atirar quando eu tinha treze anos. Ele pegava uma espingarda pequena e me dava para atirar quando íamos passear. Uma vez matei uma gralha e outra vez, uma pega. Mas papai não sabia que eu tinha aprendido a atirar. Certa vez, no outono, no dia do santo padroeiro de minha mãe, estávamos à espera de meu tio para o almoço, eu estava sentado junto à janela e olhava para o lado por onde ele ia chegar enquanto papai andava pela sala. Vi atrás dos arbustos quatro cavalos cinzentos e uma carruagem e gritei:

– Está chegando! Está chegando!

Papai olhou pela janela, viu a carruagem, tirou o chapéu e foi à varanda para recebê-lo. Corri atrás dele. Papai alegrou-se com meu tio e disse:

– Entre logo.

Mas meu tio disse:

– Não, é melhor pegar uma espingarda e vir comigo. Olhe lá, depois daqueles arbustos, tem uma lebre no mato. Pegue uma espingarda e vamos matá-la.

Papai mandou trazer um casaco de pele e uma espingarda e eu corri para o meu quarto, no primeiro andar, pus um gorro e peguei uma espingarda. Quando papai sentou com o titio na carruagem, eu me pendurei com a espingarda no estribo de trás e por isso ninguém me viu.

Assim que passamos dos arbustos, titio mandou o cocheiro parar, levantou-se e disse:

– Está vendo uma coisa cinzenta naquela valeta? Na direita tem um matinho e na esquerda, a uns cinco passos... está vendo?

Papai olhou muito tempo e não conseguiu ver nada. E eu, que olhava por baixo, também não via nada. Por fim, papai avistou e foi com titio para o campo. Papai levava a espingarda pronta para disparar e titio mostrava o lugar. Eu caminhava atrás deles com minha espingarda e não conseguia ver nada. Mas estava contente por não terem notado que eu estava ali. Avançamos uns cem passos. Papai parou, quis fazer pontaria, mas titio o deteve:

– Não, está longe, vamos avançar mais um pouco. Ela vai deixar a gente chegar perto.

Papai obedeceu, mas assim que andaram um pouco, a lebre pulou e só então eu a vi. Era uma lebre grande, quase toda branca, só tinha as costas prateadas. Deu um salto, levantou uma orelha e começou a pular um pouco mais para longe. Papai fez pontaria – pam! A lebre correu. Papai deu outro tiro. A lebre correu. Eu me esqueci do papai e de tudo. Fiz pontaria atrás dele – pam! E nem acreditei nos meus olhos – a lebre rolou por cima da cabeça, caiu estirada, sacudindo uma das patas. Papai e titio viraram para trás:

– De onde você saiu? Puxa, muito bem!

E depois disso me deram uma espingarda e me deixavam atirar.

O PEQUENO POLEGAR

[Conto]

Um homem pobre tinha sete filhos, cada um menor que o outro. O menor de todos era tão pequeno que, quando nasceu, não chegava a um dedo. Depois cresceu um pouco, mas continuou pequeno e era só um pouco maior que um dedo, e por isso o chamavam de Pequeno Polegar. Mas o Pequeno Polegar, apesar de pequeno, era muito esperto e habilidoso.

O pai e a mãe ficaram cada vez mais pobres e chegaram a uma situação tão ruim que não tinham comida para dar aos filhos. O pai e a mãe pensaram, pensaram, e resolveram levar os filhos para a floresta e deixá-los lá, bem longe, para que não pudessem voltar para casa. Quando o pai e a mãe falaram sobre isso, o Pequeno Polegar ouviu tudo, porque não estava dormindo. De manhã, o Pequeno Polegar acordou antes de todo mundo, correu ao riacho e encheu os bolsos de pedrinhas brancas. Quando o pai e a mãe levaram os filhos para a floresta, o Pequeno Polegar andava atrás de todos, tirava do bolso uma pedrinha branca de cada vez e largava pelo caminho.

Quando o pai e a mãe tinham levado os filhos bem longe na floresta, foram para trás de umas árvores e fugiram correndo. Os filhos ficaram chamando por eles e, quando viram que não vinha ninguém, começaram a chorar.

Só o Pequeno Polegar não chorou. Ele gritou com sua voz fina:

– Parem de chorar, vou levar vocês para fora da floresta.

Mas os irmãos choravam tão alto que não ouviam. Quando afinal ouviram, ele explicou que tinha deixado cair pedrinhas brancas pelo caminho e que ia tirá-los da floresta; os irmãos ficaram alegres e foram atrás dele. O Pequeno Polegar foi de pedrinha em pedrinha e assim levou todos para casa.

Aconteceu que, naquele mesmo dia em que o pai e a mãe deixaram os filhos na floresta, o pai ganhou um dinheiro. O pai e a mãe disseram:

– Para que levamos nossos filhos para a floresta? Eles vão morrer lá. Agora temos dinheiro e podemos alimentar os filhos.

A mãe começou a chorar e disse:

– Ah! Quem dera meus filhos estivessem com a gente agora!

E o Pequeno Polegar ouviu pela janela e disse:

– Olhe, estamos aqui!

A mãe se alegrou, correu para a varanda e todos os filhos entraram, um depois do outro.

Compraram tudo o que era necessário e começaram a viver como antes; e viveram bem, enquanto durou o dinheiro.

Mas o dinheiro acabou de novo, o pai e a mãe começaram de novo a pensar em como iam viver e de novo resolveram levar os filhos para a floresta e deixá-los lá.

O Pequeno Polegar ouviu de novo a conversa e, assim que amanheceu, quis ir na ponta dos pés até o riacho pegar pedrinhas. Quando chegou à porta, tentou abrir, mas a porta estava trancada com um ferrolho; quis levantar a tranca, porém, por mais que tentasse, não conseguia alcançar o ferrolho.

Era impossível pegar pedrinhas, por isso pegou pão. Guardou no bolso e pensou: “Quando nos levarem para a floresta, vou jogar migalhas de pão pelo caminho e assim vou trazer de volta os irmãos outra vez”.

O pai e a mãe levaram os filhos de novo para a floresta e os deixaram lá, e o Pequeno Polegar deixou cair migalhas de pão pelo caminho.

Quando os irmãos mais velhos começaram a chorar, o Pequeno Polegar prometeu tirá-los de novo da floresta.

Mas dessa vez ele não achou o caminho, porque os passarinhos comeram todas as migalhas de pão.

As crianças andaram, andaram pela floresta e não acharam o caminho, até que anoiteceu. Choraram, choraram e todos dormiram. O Pequeno Polegar acordou antes dos outros, subiu numa árvore, olhou em volta e avistou uma casinha. Desceu da árvore, acordou os irmãos e levou-os até a casinha.

Bateram na porta, uma velha saiu na varanda e perguntou o que eles queriam. Responderam que tinham se perdido na floresta. Então a velha deixou que entrassem em casa e disse:

– Tenho pena de vocês por terem vindo à nossa casa. Meu mujique é um ogro e come carne de gente. Se vir vocês, vai querer comer. Tenho pena de vocês. Escondam-se aqui embaixo da cama e amanhã vou soltar vocês todos.

As crianças ficaram com medo e rastejaram para debaixo da cama. De repente ouviram alguém bater na porta e depois entrar na casa. O Pequeno Polegar espiou de debaixo da cama e viu um ogro terrível sentar à mesa e gritar para a velha:

– Traga vinho.

A velha trouxe o vinho, ele bebeu tudo e começou a farejar:

– Está com cheiro de gente aqui em casa! Quem você escondeu?

A velha começou a dizer que não tinha ninguém, mas o ogro farejou e foi chegando cada vez mais perto, mais perto, e seguiu o cheiro até a cama. Apalpou embaixo da cama com as mãos, pegou o pé do Pequeno Polegar e gritou:

– Ah, aqui estão eles!

Puxou todos para fora e se alegrou. Depois pegou uma faca e quis cortar as crianças em pedacinhos, mas a esposa o convenceu a não fazer isso. Ela disse:

– Veja como estão magros e ruins. Deixe-me alimentar um pouco esses meninos, vão ficar mais gordos e gostosos.

O ogro obedeceu, mandou que ela desse comida aos meninos e que eles dormissem junto de suas filhas.

O ogro tinha sete filhas, tão pequenas quanto os irmãos do Pequeno Polegar. Todas as meninas dormiam na mesma cama e todas usavam um gorro dourado. O Pequeno Polegar notou aquilo e, quando o ogro e a esposa saíram, ele foi até a cama na ponta dos pés, pegou os gorros dourados das filhas do ogro e colocou na sua cabeça e na dos irmãos, e pôs os gorros dele e dos irmãos na cabeça das meninas.

O ogro tomou vinho a noite toda e, depois de beber muito, sentiu outra vez vontade de comer. Levantou-se e foi ao quarto onde dormiam o Pequeno Polegar, seus irmãos e as sete meninas. O ogro chegou perto dos meninos, apalpou os gorros dourados e disse:

– Bebi tanto que quase corto minhas filhas em pedacinhos.

Deixou os meninos e foi na direção das meninas, apalpou seus gorros macios, devorou todas e dormiu.

Então o Pequeno Polegar acordou os irmãos, abriu a porta e correu com eles para a floresta.

As crianças andaram a noite toda e o dia inteiro e não conseguiram sair da floresta.

O ogro, quando acordou de manhã e viu que tinha comido as próprias filhas em lugar das outras crianças, calçou suas botas de sete léguas e correu para a floresta em busca dos meninos.

As botas de sete léguas tinham esse nome porque quem as calçava dava passos de sete léguas.

O ogro procurou as crianças por todo lado; não encontrou e, já bem perto delas, sentou-se para descansar e dormiu.

O Pequeno Polegar viu que o ogro estava dormindo, rastejou até ele, tirou um punhado de ouro do bolso do ogro e distribuiu para os irmãos. Depois, bem de leve, tirou as botas do ogro. Em seguida, calçou as botas de sete léguas, mandou os irmãos se segurarem com força uns aos outros pelas mãos e se agarrarem a ele. E o Pequeno Polegar correu tão ligeiro que num instante saiu da floresta e achou sua casa.

E, quando voltaram, deram o ouro para o pai e a mãe. Eles ficaram ricos e nunca mais abandonaram os filhos.

1 Principal cidade dos ingleses. [N. A.]

1 Principal cidade dos franceses. [N. A.]

1 Lugar onde ficam as abelhas. [N. A.]

1 Cordão usado para amarrar os feixes. [N. A.]

1 O nome deriva de *lipa*, tília, árvore cujas sementes têm aspecto de algodão.

2 Emelian (Emelka) Pugatchóv (1742-75), líder cossaco de grandes revoltas camponesas na Rússia.

1 Antiga medida russa, equivalente a 16,3 kg.







SEGUNDO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A MENINA E OS COGUMELOS

[História real]

Duas meninas levavam cogumelos para casa.

Tinham de atravessar uma estrada de ferro.

Acharam que a locomotiva estava longe, subiram no aterro e andaram entre os trilhos.

De repente a locomotiva apitou. A menina mais velha voltou correndo e a menor atravessou a estrada de ferro.

A menina mais velha gritou para a irmã:

– Não volte!

Mas a locomotiva estava tão perto e fazia tanto barulho que a menina menor não ouviu; pensou que a irmã queria que ela corresse de volta. E ela correu por entre os trilhos, tropeçou, os cogumelos caíram e ela começou a catar os cogumelos no chão.

A locomotiva estava perto e o maquinista tocou o apito com toda a força.

A menina mais velha gritou:

– Largue os cogumelos!

Mas a menina pequena achou que a irmã queria que ela pegasse os cogumelos e se agachou junto aos trilhos.

O maquinista não conseguia frear a locomotiva. Apitou com toda a força e a locomotiva passou por cima da menina.

A menina mais velha gritava e chorava. Todos os viajantes olharam pelas janelas dos vagões e o ajudante do maquinista correu para o fim do trem para ver o que tinha acontecido com a menina.

Quando o trem passou, todos viram que a menina estava deitada no meio dos trilhos, de bruços, e sem se mexer.

Depois, quando o trem já estava longe, a menina levantou a cabeça, ficou de joelhos, pegou os cogumelos e correu ao encontro da irmã.

O BURRO EM PELE DE LEÃO

[Fábula]

Um burro vestiu a pele de um leão e todos acharam que era mesmo um leão. As pessoas e os animais correram. Bateu um vento, a pele caiu e deu para ver que era um burro. As pessoas vieram correndo: deram uma surra no burro.

O QUE É O ORVALHO NA GRAMA

[Descrição]

No verão, de manhã, quando o sol nasce na floresta ou no campo, vemos uns brilhantes sobre a grama. Todos esses brilhantes cintilam e se desfazem ao sol em várias cores – amarelo, vermelho, azul. Quando chegamos mais perto para ver o que é, percebemos que são gotas de orvalho que se juntaram nas folhas triangulares da grama e brilham sob o sol.

Essas folhinhas de grama são felpudas por dentro e macias feito veludo. E as gotas escorrem sem molhar as folhas.

Quando por descuido arrancamos uma folhinha com orvalho, a gota escorre como uma bolinha brilhante e nem vemos como ela desliza pelo caule. Às vezes a gente arranca uma plantinha em forma de cálice, leva bem devagar até a boca, bebe o orvalho e esse orvalho parece mais gostoso do que qualquer bebida.

A GALINHA E A ANDORINHA

[Fábula]

Uma galinha achou ovos de cobra e começou a chocar. Uma andorinha viu e disse:

– Ei, sua boba, você vai chocar os ovos, mas, quando as cobras crescerem, você vai ser a primeira que elas vão atacar.

O INDIANO E O INGLÊS

[História real]

Os indianos capturaram um jovem inglês na guerra, amarraram numa árvore e quiseram matá-lo.

Um velho indiano chegou e disse:

– Não matem, deem para mim.

Deram.

O velho indiano desamarrou o inglês, levou para a sua barraca, deu comida e um lugar para dormir.

Na manhã seguinte, o indiano mandou o inglês segui-lo. Andaram muito e, quando estavam perto do acampamento dos ingleses, o indiano disse:

– Vocês mataram meu filho, eu salvei sua vida; vá para sua gente e nos mate.

O inglês ficou surpreso e disse:

– Por que está zombando de mim? Eu sei que nós matamos seu filho: mate-me logo de uma vez.

Então o indiano disse:

– Quando iam matar você, me lembrei de meu filho e tive pena de você. Não estou zombando: vá para sua gente e nos mate, se quiser. – E o indiano soltou o inglês.

O CERVO E O FILHOTE

[Fábula]

Um dia o filhote disse para o cervo.

– Pai, você é maior e mais ligeiro do que os cachorros e ainda por cima tem chifres enormes para se defender; por que tem tanto medo dos cachorros?

O cervo riu e disse:

– O que você diz é verdade, filhote. O problema é que, assim que escuto o latido dos cachorros, nem paro para pensar e saio logo correndo.

O COLETE

[História real]

Um mujique fazia negócios e enriqueceu tanto que virou o mais rico de todos. Centenas de ajudantes trabalhavam para ele e o comerciante sabia o nome de todos.

Uma vez, sumiram cem rublos do comerciante. Os ajudantes mais velhos começaram a investigar e descobriram quem tinha roubado o dinheiro.

O ajudante mais velho foi falar com o comerciante e disse:

– Achei o ladrão. Temos de mandar para a Sibéria.

O comerciante perguntou:

– E quem foi que roubou?

O ajudante mais velho respondeu:

– Ivan Petrov, ele mesmo confessou.

O comerciante pensou um pouco e disse:

– Temos de perdoar o Ivan Petrov.

O ajudante ficou surpreso e disse:

– Perdoar como? Assim os ajudantes vão fazer a mesma coisa: todos vão roubar à vontade.

O comerciante respondeu:

– Temos de perdoar o Ivan Petrov: quando comecei a fazer negócios, eu e ele éramos parceiros.

Quando casei, não tinha nada para vestir. Ele me deu seu colete para vestir. Temos de perdoar o Ivan Petrov.

E assim perdoaram Ivan Petrov.

A RAPOSA E AS UVAS

[Fábula]

A raposa viu cachos de uvas maduras no alto na videira e começou a pensar num jeito de comer as uvas. Ficou pulando muito tempo, mas não conseguiu alcançar as uvas. Para sufocar a decepção, disse:

- Ainda estão verdes.

A SORTE

[História real]

Algumas pessoas chegaram a uma ilha onde havia muitas pedras preciosas. Tentaram encontrar mais; comiam pouco, dormiam pouco e todos trabalhavam. Só uma delas não fazia nada, ficava parada, comia, bebia e dormia. Quando começaram a se preparar para ir para casa, acordaram aquele homem e disseram:

- E você, o que vai levar para casa?

Ele pegou um punhado de terra embaixo dos pés e pôs dentro da bolsa.

Quando todos chegaram em casa, aquele homem tirou sua terra da bolsa e, no meio dela, achou uma pedra mais preciosa do que todas as outras juntas.

AS TRABALHADORAS E O GALO

[Fábula]

A patroa acordava as trabalhadoras ainda de noite e, assim que o galo cantava, mandava que fossem trabalhar. As trabalhadoras achavam aquilo penoso e pensaram em matar o galo para que ele não acordasse a patroa. Mataram, mas foi pior: a patroa teve medo de perder a hora e passou a acordar as trabalhadoras ainda mais cedo.

O MOTO-CONTÍNUO

[História real]

Um mujiقة aprendeu a arte de fazer moinhos e começou a fazer moinhos de água, de vento e movidos por cavalos.

Depois teve a ideia de fazer um moinho que não precisasse nem de água nem de vento nem de cavalos; quis fazer de um jeito que uma pedra pesada caísse e seu peso fizesse girar a roda, e depois a pedra subiria outra vez e cairia de novo – e assim o moinho rodaria sozinho sem parar.

O mujique foi falar com o senhor de terras e disse:

– Inventei um moinho que roda sozinho, sem água e sem cavalos; é só pôr em movimento uma vez que ele vai ficar rodando até alguém parar. Só que não tenho dinheiro para a madeira e para o ferro. Patrão, me dê trinta rublos, vou fazer para você o primeiro moinho desse tipo.

O senhor de terras perguntou ao mujique se sabia ler.

O mujique respondeu que não sabia.

Então o senhor de terras disse:

– Veja, se você soubesse ler, eu lhe daria um livro sobre mecânica e lá você ia ler a respeito desse moinho e ia ver que é impossível fazer moinhos assim, que muita gente sábia já queimou os miolos tentando inventar um moinho desse jeito, que rodasse sozinho.

O mujique não acreditou no patrão e disse:

– Nos livros do senhor, escrevem muita bobagem. Tem um mecânico estudioso que construiu um descascador para um comerciante na cidade e logo estragou; e eu posso ser analfabeto, mas observei, vi como era, consertei a máquina e ela começou a funcionar.

O senhor de terras disse:

– Como vai levantar sua pedra, quando ela descer?

O mujique respondeu:

– A própria roda do moinho vai levantar a pedra.

O senhor de terras disse:

– Vai levantar, só que mais baixo que antes, e na outra vez vai levantar mais baixo ainda e vai acabar parando, por mais que você faça adaptações na roda. É a mesma coisa: se você descer de trenó de uma montanha grande, com o impulso vai subir numa montanha pequena e, depois que descer da pequena, não vai conseguir subir uma montanha grande.

O mujique não acreditou, procurou o comerciante e prometeu fazer para ele um moinho que não usava água nem cavalos.

O comerciante deu o dinheiro. O mujique trabalhou, trabalhou, gastou todos os trezentos rublos, mas o moinho não funcionou.

Então o mujique começou a vender os próprios bens e acabou gastando tudo.

O comerciante disse:

– Agora me dê o moinho que anda sozinho, sem cavalos, ou então devolva o dinheiro.

O mujique foi falar com o senhor de terras e contou sua desgraça.

O senhor de terras lhe deu o dinheiro e disse:

– Fique trabalhando para mim: construa moinhos movidos por água e por cavalos: nisso você é um mestre. E daqui em diante não acredite que não existem pessoas mais inteligentes do que você.

O PESCADOR E O PEIXINHO

[Fábula]

Um pescador pescou um peixinho. O peixinho disse:

– Pescador, me solte na água; veja, sou miúdo: você vai ter pouco lucro comigo. Me solte, eu vou crescer, e aí então me pesque: você vai ter um grande lucro.

O pescador respondeu:

– É tolo quem deixa escapar das mãos um lucro pequeno para esperar no futuro um lucro grande.

O TATO E A VISÃO

[Raciocínio]

Cruze o dedo indicador com o médio e, com os dedos cruzados, toque numa bolinha de modo que ela role entre os dois dedos, e então feche os olhos. Você vai ter a impressão de que há duas bolinhas. Abra os olhos e verá que só há uma bolinha. Os dedos enganaram e os olhos corrigiram.

Olhe (vai ser melhor se olhar de lado) para um espelho limpo e reto: você terá a impressão de que é uma janela ou uma porta e de que tem alguém lá. Toque com o dedo e verá que é um espelho. Os olhos enganaram e os dedos corrigiram.

A RAPOSA E O BODE

[Fábula]

O bode sentiu sede; desceu da pedreira até o poço, bebeu muito e ficou pesado. Quis subir de novo e não conseguiu. E começou a berrar. A raposa viu e disse:

– Ora, que cabeça dura! Se você tivesse tanta inteligência na cabeça como tem pelos na barba, antes de descer teria pensado em como ia fazer para voltar.

COMO UM MUJIQUE REMOVEU UMA PEDRA

[História real]

Na praça de uma cidade, havia uma pedra enorme. A pedra ocupava muito espaço e atrapalhava a passagem pela cidade. Chamaram engenheiros e perguntaram como remover a pedra e quanto ia custar.

Um engenheiro disse que era preciso despedaçar a pedra com pólvora e depois remover os fragmentos e que isso ia custar oito mil rublos; outro disse que era preciso enfiar um grande cilindro embaixo da pedra e mover a pedra sobre o cilindro e que isso ia custar seis mil rublos.

Então um mujique disse:

– Vou remover a pedra e cobro cem rublos para fazer isso.

Perguntaram como faria. E o mujique respondeu:

– Cavo ao lado da pedra um buraco bem grande; espalho a terra do buraco pela praça, empurro a pedra para dentro do buraco e nivelo o terreno.

Assim fez o mujique e lhe deram os cem rublos e mais outros cem pela inteligência de sua invenção.

O CACHORRO E SUA SOMBRA

[Fábula]

Um cachorro estava atravessando um riacho numa pinguela e levava um pedaço de carne entre os dentes. Viu o próprio reflexo na água e pensou que era outro cachorro levando um pedaço de carne. Largou seu pedaço de carne e se jogou na água para tomar a carne do outro cachorro: lá, não existia carne nenhuma e sua carne foi levada pela corrente.

E o cachorro ficou sem nada.

CHAT E DON¹

[Conto]

O velho Ivan tinha dois filhos: Chat Ivánitch e Don Ivánitch. Chat Ivánitch era o irmão mais velho; era maior e mais forte; e Don Ivánitch era o mais jovem, menor e mais fraco. O pai mostrou a cada um qual era o caminho e mandou que obedecessem. Chat Ivánitch não obedeceu ao pai e não foi pelo caminho indicado, perdeu-se e sumiu. Mas Don Ivánitch obedeceu ao pai e foi por onde o pai havia mostrado. Por isso ele percorreu a Rússia inteira e ficou famoso.

Na província de Tula, no distrito de Epifan, há uma aldeia chamada Lago Ivan e na aldeia existe de fato um lago. Do lago, saem dois riachos em direções opostas. Um riacho é tão estreito que dá para atravessar com um passo. Esse riacho se chama Don. O outro riacho é mais largo e se chama Chat.

Don vai sempre reto e, quanto mais avança, mais largo fica.

Chat faz curvas para um lado e para o outro.

Don atravessou a Rússia inteira e foi sair no mar de Azov. Lá, existem muitos peixes e sobre a água andam barcos e navios.

Chat andou aos trancos e barrancos, não saiu da província de Tula e terminou no rio Upá.

A GARÇA E A CEGONHA

[Fábula]

Um mujique armou uma rede para as garças porque elas atacavam sua plantação. As garças caíram na rede e, junto com elas, uma cegonha.

A cegonha disse para o mujique:

– Solte-me: não sou uma garça, mas uma cegonha; somos as aves mais nobres; moro na casa de seu pai. E pelas penas se vê que não sou uma garça.

O mujique respondeu:

– Peguei com as garças, vou matar com as garças.

SUDOMA

[Conto]

Na província de Pskov, no distrito de Pórokhov, há um rio chamado Sudoma e nas margens desse rio há duas montanhas, uma de frente para a outra.

Numa das montanhas havia antigamente uma cidadezinha chamada Vichgórod e na outra montanha, em tempos antigos, eram julgados os eslavos. Os velhos contam que, antigamente, naquela montanha, havia uma corrente pendurada no céu e quem era inocente alcançava a corrente com a mão, mas quem era culpado não conseguia alcançar.

Um homem pegou dinheiro emprestado com outro e não pagou. Levaram os dois para a montanha Sudoma e mandaram que tocassem a corrente com a mão. O que havia emprestado o dinheiro levantou a mão e logo alcançou a corrente. Chegou a vez do culpado. Ele não se negou, apenas pediu que o outro segurasse sua muleta, pois achou que assim seria mais fácil tocar na corrente com as mãos; esticou as mãos e alcançou. Então o povo se admirou: como podia ser, os dois tinham razão? Mas a muleta do culpado era oca e dentro dela estava escondido o dinheiro que ele não queria devolver. Quando pôs a muleta com o dinheiro nas mãos do homem a quem ele devia, junto com a muleta deu também o dinheiro. Por isso alcançou a corrente.

Assim, enganou a todos. Mas depois disso a corrente subiu para o céu e não baixou mais. É o que contam os velhos.

O JARDINEIRO E SEUS FILHOS

[Fábula]

Um jardineiro quis ensinar jardinagem aos filhos. Quando ia morrer, chamou os filhos e disse:

– Filhos, quando eu morrer, procurem o que está escondido na plantação de uvas.

Os filhos acharam que havia um tesouro enterrado lá e, quando o pai morreu, começaram a cavar e cavoucaram a terra toda. Não encontraram tesouro, mas reviraram tão bem a terra na plantação de uvas que as frutas começaram a nascer cada vez maiores. E eles ficaram ricos.

O LOBO E A GARÇA

[Fábula]

Um lobo se engasgou com um osso e não conseguia desengasgar. Chamou a garça e disse:

– Escute, garça, você tem um pescoço comprido, enfie a cabeça na minha garganta e tire o osso: vou recompensar você.

A garça enfiou a cabeça, retirou o osso e disse:

– Me dê a recompensa.

O lobo rangeu os dentes e disse:

– Você acha que foi pouca recompensa eu não engolir sua cabeça quando ela estava embaixo de meus dentes?

A CORUJA E A LEBRE

[Fábula]

Anoiteceu. As corujas começaram a voar pela ravina na floresta em busca de presas.

Uma lebre grande pulou numa pequena clareira, começou a se exhibir. Uma coruja velha olhou para a lebre e pousou num galho, mas uma coruja jovem disse:

– Por que não apanha a lebre?

A coruja velha respondeu:

– Não tenho força. É uma lebre grande: se eu pegar essa lebre, o peso dela vai me partir ao meio.

E a coruja jovem disse:

– Pois eu vou pegar a lebre com uma pata e, com a outra, vou logo me segurar à árvore.

E a coruja jovem se lançou sobre a lebre, agarrou-a pelas costas de tal modo que todas as garras de uma de suas patas ficaram cravadas nelas e, com a outra pata, a coruja se preparou para segurar-se ao galho de uma árvore. Como a lebre começou a se remexer e a puxar a coruja para baixo, ela se agarrou firme ao galho com a outra pata e pensou: “Não vou largar”. Mas a lebre fez força para se soltar e acabou rasgando a coruja ao meio. Uma pata ficou no galho da árvore e a outra, nas costas da lebre. No ano seguinte, um caçador matou aquela lebre e se admirou ao ver que tinha cravadas nas costas as garras de uma coruja.

A ÁGUIA

[História real]

Uma águia fez um ninho à beira de uma estrada grande, longe do mar, e teve filhotes.

Certa vez, algumas pessoas tinha vindo trabalhar perto da árvore, a águia chegou voando ao ninho e trouxe um peixe grande preso pelas garras. As pessoas viram o peixe, cercaram a árvore, começaram a gritar e a jogar pedras na águia.

A águia deixou cair o peixe, as pessoas o pegaram e foram embora.

A águia pousou na beira do ninho, as aguiazinhas levantaram a cabeça e começaram a piar: pediam comida.

A águia estava cansada e não podia voar de novo até o mar; sentou sobre o ninho, cobriu os filhotes com as asas, acariciou-os, arrumou suas penas e parecia pedir a eles que esperassem um pouco. Porém, quanto mais a águia os afagava, mais alto eles piavam.

Então a águia voou e pousou no galho mais alto da árvore.

Os filhotes guincharam e piaram de modo ainda mais comovente.

Então, de repente, a própria águia começou a gritar, abriu as asas e partiu para o mar num voo pesado. Só voltou tarde da noite: voava devagar e baixo, pouco acima da terra, e nas garras trazia de novo um peixe grande.

Quando se aproximou da árvore, olhou em volta para ver se não havia pessoas por perto, rapidamente fechou as asas e pousou na beira do ninho.

As aguiazinhas levantaram a cabeça, abriram o bico e a águia picou o peixe e deu de comer aos filhotes.

O PATO E A LUA

[Fábula]

O pato nadava no rio, passou o dia inteiro à procura de peixes, mas não achou nenhum. Quando veio a noite, o pato viu a lua na água, pensou que era um peixe e mergulhou para pegar a lua. Outros patos viram aquilo e começaram a rir.

O pato ficou tão envergonhado e acanhado que, daí em diante, quando via um peixe embaixo da água, não tentava pegá-lo e acabou morrendo de fome.

O URSO NA CARROÇA

[Fábula]

Um guia chegou à taberna com um urso, amarrou o urso no portão e entrou na taberna para beber. O cocheiro de uma troica se aproximou da taberna, amarrou pela rédea o cavalo do meio da troica e também entrou na taberna. Na carroça havia broas. O urso sentiu o cheiro de broas na carroça, soltou-se, foi até a carroça, subiu e começou a revirar o feno. Os cavalos viraram-se para trás e partiram em disparada, para longe da taberna. O urso se agarrou com as patas na beirada da carroça sem saber o que fazer. Já os cavalos, quanto mais se afastavam pela estrada, mais queriam correr. O urso se segurava com as patas dianteiras na beirada da carroça e só virava a cabeça, ora para um lado, ora para outro. Os cavalos olhavam para trás sem parar, galopavam cada vez mais depressa pela estrada, e subiam ladeiras e desciam ladeiras... As pessoas na estrada mal tinham tempo de abrir caminho para a carroça passar. Os três cavalos galopavam todos cobertos de espuma e o urso continuava na carroça, segurando-se na beirada e olhando para os lados. O urso viu que a situação era ruim – os cavalos iam matá-lo. Começou a rugir. Os cavalos correram ainda mais. Galopavam em disparada, chegaram a uma casa numa aldeia. Todos foram ver o que era. Os cavalos faziam grande barulho no pátio, no portão. O dono da casa quis ver o que era. O dono da casa demorou a chegar – pelo visto, estava embriagado. Saiu para o pátio e, na carroça, em vez do cocheiro estava um urso. O urso desceu com um pulo, foi para o campo e de lá fugiu para a floresta.

O LOBO EMPOEIRADO

[Fábula]

Um lobo queria pegar uma ovelha do rebanho e andava contra o vento, para que a poeira do rebanho caísse sobre ele e disfarçasse seu cheiro.

O cão pastor percebeu e disse:

– Não adianta andar empoeirado, lobo, seus olhos vão doer.

E o lobo respondeu:

– O pior é que meus olhos já doem faz muito tempo, cachorrinho. Mas dizem que a poeira de um rebanho é boa para curar os olhos.

O SALGUEIRO

[Fábula]

Na Semana Santa, um mujique foi ver se o gelo estava derretendo.

Saiu para a horta e apalpou a terra com uma vara. A terra estava lamacenta. O mujique foi para a floresta. Na floresta, os salgueiros já estavam brotando. O mujique pensou: “Posso plantar salgueiros em volta da horta, vão crescer e servir de cerca!”. Pegou o machado, cortou uns dez galhos, afinou as extremidades grossas em forma de ponta e enfiou na terra.

Todos os salgueiros brotaram, deram folhas no alto e, embaixo da terra, também brotaram raízes; e umas raízes pegaram melhor e começaram a crescer, mas outras não pegaram muito bem e os salgueiros morreram e tombaram.

No outono, o mujique se animou com seus salgueiros: seis pés tinham vingado. Na primavera, as ovelhas comeram quatro salgueiros e só sobraram dois. Na primavera seguinte, as ovelhas comeram também parte daqueles dois. Um se perdeu e o outro pegou de novo, as raízes cresceram mais fundo e ele virou uma árvore. Na primavera, as abelhas vinham em bando zumbir no salgueiro. Muitas vezes formavam enxames e colmeias no salgueiro e os mujiques pegavam mel. As mulheres e os mujiques muitas vezes almoçavam e dormiam embaixo do salgueiro; e as crianças escalavam seus galhos e pegavam varinhas.

O mujique – aquele que plantou o salgueiro – já tinha morrido havia muito tempo, e o salgueiro continuava a crescer. O filho mais velho por duas vezes cortou seus galhos para fazer lenha. O salgueiro continuou a crescer. Podaram a árvore e deram a ela a forma de um cone, mas na primavera brotaram galhos novos e, embora fossem mais finos, sua quantidade era duas vezes maior do que antes, como a crina de um potro.

O filho mais velho deixou de ser o dono do terreno, a população da aldeia foi toda para outro lugar e o salgueiro continuava a crescer no campo vazio. Outros mujiques vieram, cortaram seus galhos e ele continuou a crescer. Um raio atingiu o salgueiro; ele se refez com outros galhos e continuou a crescer e a dar flores. Um mujique quis cortar o salgueiro no tronco, e cortou; o salgueiro foi mais forte do que o apodrecimento. O salgueiro caiu de lado, ficou preso na terra só por uma pontinha da raiz, e mesmo assim continuou a crescer, e todo ano as abelhas vinham voando colher pólen em suas flores.

Um dia, no início da primavera, uns meninos vigiavam cavalos embaixo do salgueiro. Ficaram com frio: quiseram acender um fogo, pegaram palha, folhas secas, gravetos. Um menino subiu no salgueiro e arrancou uns galhos. Puseram tudo dentro de uma parte oca do salgueiro e acenderam. O salgueiro começou a chiar, a seiva ferveu, saiu fumaça e o fogo começou a correr; tudo ficou preto dentro do salgueiro. Os brotos novos se enrugaram, as flores perderam a cor. Os meninos tocaram os cavalos para casa. O salgueiro ficou sozinho, queimando no campo. Um corvo preto veio voando, pousou no salgueiro e gritou:

– Então morreu, afinal, o velho tição, e já não era sem tempo!

O RATO EMBAIXO DO CELEIRO

[Fábula]

Um rato morava embaixo do celeiro. No chão do celeiro havia um buraquinho e o trigo caía no

buraquinho. A casa do rato era boa, mas ele queria melhorar sua residência. Roeu e aumentou o buraco e convidou outros ratos para visitá-lo.

– Venham até minha casa – disse. – Vou tratar bem de vocês. Tem comida para todo mundo.

Quando chegou com os ratos, ele viu que o buraco não existia mais. Um mujique notou aquele buraco grande no chão e tapou.

COMO OS LOBOS ENSINAM SEUS FILHOS

[Conto]

Eu andava pela estrada e ouvi um grito atrás de mim. Era um menino pastor que gritava. Corria pelo campo e apontava para alguém.

Olhei e vi – dois lobos corriam pelo campo: um era a mãe e o outro, um filhote. O filhote levava nas costas um cordeiro degolado e, com os dentes, segurava o cordeiro pela perna. A mãe loba corria atrás.

Quando vi os lobos, corri atrás deles junto com o menino pastor e os dois começamos a gritar. Mujiques e cachorros acudiram aos nossos gritos.

Assim que a loba velha viu cachorros e pessoas, alcançou o filhote, tomou dele o cordeiro, jogou-o nas costas e os dois lobos correram ainda mais depressa e sumiram de vista.

Então o menino contou o que tinha acontecido: uma loba grande pulou do barranco, agarrou um cordeiro, degolou e levou.

Um filhote de lobo foi ao encontro da loba e se jogou em cima do cordeiro. A loba velha deu o cordeiro para o filhote levar e correu perto dele, um pouco mais devagar.

Só quando houve um perigo a loba tomou o lugar do aprendiz e ela mesma levou o cordeiro.

AS LEBRES E AS RÃS

[Fábula]

Um dia as lebres se juntaram e começaram a reclamar da vida.

– Somos perseguidas pelos homens, pelos cachorros, pelas águias e por outros bichos. Era melhor morrer logo de uma vez do que viver sempre com medo e ter de aguentar tanto tormento. Vamos nos afogar!

E as lebres correram para o lago para se afogar. As rãs perceberam a chegada das lebres e começaram a pular na água. Uma lebre disse:

– Esperem, pessoal! Não vamos nos afogar ainda, não; olhem só, a vida das rãs parece que é ainda pior: até de nós elas têm medo.

COMO A TITIA CONTOU QUE TINHA UM PARDAL ENSINADO,

O ESPOLETA

[Conto]

Em nossa casa, num cantinho atrás da veneziana da janela, um pardal fez um ninho e botou cinco ovinhos. Eu e minhas irmãs observamos como o pardal levava raminhos e pedacinhos de palha para trás da veneziana e ali construiu um ninho bem pequeno. Depois, quando botou os ovos, ficamos muito alegres. O pardal parou de vir voando com pedacinhos de palha e gravetos e ficou no ninho chocando os ovos. Outro pardal – nos disseram que aquele era o marido e o outro era a esposa – trazia minhocas para a esposa comer.

Dias depois, ouvimos uns pios atrás da veneziana e fomos ver o que tinha acontecido no ninho do pardal; dentro, havia cinco passarinhos miúdos e pelados, sem asas e sem penas; tinham bico amarelo e mole e cabeça grande.

Achamos que eram muito feios e nossa alegria com eles acabou, mas só aí vimos o que eles faziam. A mãe toda hora voava para trazer comida para os filhotes e, quando voltava, os pardaizinhos piavam e abriam o bico amarelo e a mãe dividia entre eles pedacinhos de minhocas.

Uma semana depois, os pardaizinhos tinham crescido, se cobriram de penugem, ficaram mais bonitos e então nós olhamos mais vezes para eles. De manhã, fomos até a veneziana para observar nossos pardais e vimos que o pardal velho jazia morto ao lado da veneziana. Entendemos que a mãe pardal tinha passado a noite junto à veneziana, dormiu e, quando fecharam a veneziana, ela foi esmagada.

Pegamos a mãe pardal e jogamos na grama. Os filhotes piavam, esticavam a cabeça e abriam o biquinho, mas não havia ninguém para lhes dar comida.

Minha irmã mais velha disse:

– Agora eles não têm mãe, não têm quem lhes dê comida; vamos dar comida para eles!

Ficamos animados, pegamos uma caixa, dentro dela colocamos papel amassado e o ninho com os passarinhos, e levamos para nosso quarto, no primeiro andar. Depois catamos minhocas, molhamos pão no leite e começamos a alimentar os pardaizinhos. Eles comiam bem, sacudiam a cabeça, limpavam o biquinho nas paredes da caixa e ficamos todos muito contentes.

Assim demos comida para eles o dia inteiro e ficamos muito animados. Na manhã seguinte, quando olhamos dentro da caixa, vimos que o pardalzinho menor estava morto, a perninha presa no papel amassado. Nós o soltamos e retiramos todo o papel para que os outros pardais não ficassem presos e pusemos capim e musgo na caixa. Mas à noite mais dois pardais arrepiaram as penas, abriram a boca, fecharam os olhos e também morreram.

Dois dias depois, morreu também o quarto pardalzinho e só restou um. Disseram que nós tínhamos dado comida demais para os pardais.

Minha irmã chorou por causa de seus pardais e passou a dar comida sozinha para o último pardal, enquanto nós só ficávamos olhando. O último – o quinto pardal – era alegre, saudável e esperto; demos a ele o nome de Espoleta.

O Espoleta viveu tanto tempo que aprendeu a voar e atendia pelo nome.

Quando a irmã gritava: “Espoleta, Espoleta!”, ele vinha voando, pousava no ombro dela, na cabeça ou na mão, e ela lhe dava comida.

Depois ele cresceu mais e passou a se alimentar sozinho. Vivia em nosso quarto no primeiro andar, às vezes voava para fora pela janela, mas sempre voltava para passar a noite em seu canto, na caixinha.

Certa vez, de manhã, ele não saiu da caixa: as penas ficaram molhadas e arrepiadas, como tinha acontecido com os outros pardais quando morreram. Minha irmã não saía de perto do Espoleta, cuidava dele; mas ele não comia nem bebia.

Ficou doente três dias e, no quarto, morreu. Quando vimos o pardal morto, de costas, com as patas

encolhidas, nós três começamos a chorar tanto que mamãe veio correndo saber o que era. Quando entrou, viu sobre a mesa o pardal morto e entendeu nosso desgosto. Minha irmã ficou alguns dias sem comer, sem brincar e não parava de chorar.

Enrolamos o Espoleta nos melhores pedacinhos de pano que encontramos, colocamos dentro de um caixão de madeira e enterramos no jardim, numa cova. Depois pusemos sobre ela um montinho de terra e umas pedrinhas, como sepultura.

TRÊS BROAS E UM BISCOITO

[Fábula]

Um mujique queria comer. Comprou uma broa e comeu; continuou com fome, quis comer mais. Comprou outra broa e comeu; ainda queria comer. Comprou a terceira broa e comeu, mas continuou com vontade de comer. Então comprou um biscoito e, depois de comer, ficou satisfeito. Aí o mujique deu um tapa na própria cabeça e disse:

– Como sou burro! Para que fui comer tanta broa à toa? Desde o início, eu tinha de comer só um biscoito.

MIL MOEDAS DE OURO

[História real]

Um homem rico quis dar mil moedas de ouro para os pobres, mas não sabia a que pobre dar o dinheiro.

Procurou o sacerdote e disse:

– Quero dar mil moedas de ouro para os pobres, mas não sei a quem dar. Tome o dinheiro e dê para quem quiser.

O sacerdote disse:

– É muito dinheiro e eu também não sei para quem dar: talvez eu dê muito para um e pouco para outro. Diga a que pobres quer dar o dinheiro e quanto quer dar.

O rico disse:

– Se o senhor não sabe a quem dar o dinheiro, então Deus é que sabe: dê o dinheiro ao primeiro pobre que vier à casa do senhor.

Ali perto vivia um homem pobre. Tinha muitos filhos, estava doente e não podia trabalhar. Certa vez, o homem pobre lia os Salmos e achou estas palavras: *Eu fui jovem e envelheci e nunca vi um homem justo desamparado, com os filhos sem ter o que comer.*¹

O pobre pensou: “Vou abandonar Deus! Nunca fiz nenhum mal. Vou falar com o padre e perguntar como uma mentira dessas pode estar nas Escrituras”.

Foi falar com o padre.

O padre olhou para ele e disse:

– Aqui está o primeiro pobre que vem à minha casa. – E deu para ele as mil moedas de ouro do homem rico.

PEDRO I E O MUJIQUE

[História real]

O tsar Pedro encontrou um mujique na floresta. O mujique estava cortando lenha.

O tsar disse:

– Deus o ajude, mujique!

O mujique respondeu:

– Bem que eu preciso que Deus me ajude.

O tsar perguntou:

– Você tem uma família muito grande?

– Tenho dois filhos e duas filhas.

– Então sua família nem é tão grande. O que faz com o dinheiro?

– Divido o dinheiro em três partes. Com a primeira pago as dívidas, a segunda eu empresto e a terceira eu jogo na água.

O tsar ficou pensando e não entendeu o que significava aquilo: que o velho pagava as dívidas, emprestava dinheiro e jogava na água.

E o velho explicou:

– Pago as dívidas: dou comida para meu pai e minha mãe. Empréstimo: dou comida para meus filhos.

Jogo na água: crio minhas filhas.

O tsar disse:

– Tem uma cabeça inteligente, velhinho. Agora me mostre o caminho para sair da floresta e ir para o campo. Não encontro o caminho.

O mujique disse:

– Encontre o caminho você mesmo; vá reto, depois vire à direita, depois à esquerda, depois vá reto de novo.

O tsar disse:

– Eu não entendo essa explicação, você vai me levar.

– Senhor, não tenho tempo para levar: o dia dos camponeses é muito caro.

– Bem, se é caro, eu pago.

– Então pague que nós vamos.

Sentaram os dois na charrete e foram.

No caminho, o tsar começou a perguntar ao mujique:

– Já estive muito longe, mujique?

– Estive aqui e ali.

– E já viu o tsar?

– O tsar eu não vi, mas gostaria de ver.

– Pois então, quando sairmos da floresta, você vai ver o tsar.

– E como vou saber que é ele?

– Todos vão tirar o chapéu, só o tsar vai ficar de chapéu.

Chegaram ao campo. O povo viu o tsar – todos tiraram o chapéu. O mujique olhou com atenção e não viu o tsar.

Ele perguntou:

– Cadê o tsar?

Piotr Alekséievitch lhe disse:

– Olhe bem, só nós dois estamos de chapéu... Um de nós é o tsar.

O CACHORRO LOUCO

[História real]

Um senhor de terras comprou um filhote de cão perdigueiro na cidade e levou-o para a aldeia debaixo da manga do casacão de pele. Sua mulher adorou o cachorrinho e criou-o dentro de casa. O filhote cresceu e lhe deram o nome de Amigo.

Ele ia caçar com o senhor de terras, vigiava a casa e brincava com os filhos dos donos.

Um dia, um cachorro entrou em disparada no jardim. Esse cachorro corria direto pela trilha, tinha o rabo abaixado, a boca aberta, dos beiços escorria saliva. As crianças estavam no jardim.

O senhor de terras viu o cachorro e gritou:

– Crianças! Corram já para casa, é um cachorro louco!

As crianças ouviram o grito do pai, mas não viram o cachorro e correram na direção de onde ele vinha. O cachorro louco quis jogar-se em cima de uma das crianças, mas naquele momento Amigo pulou no cachorro e começou a brigar com ele.

As crianças correram, mas quando Amigo voltou para casa, gania e tinha sangue no pescoço.

Durante sete dias, Amigo ficou abatido, não bebia, não comia e queria brigar com outros cachorros. Trancaram Amigo num quarto vazio.

As crianças não entendiam por que haviam trancado Amigo e foram às escondidas ver o cachorro.

Destrancaram a porta e começaram a chamar Amigo. O cachorro quase derrubou as crianças, fugiu correndo pela porta e deitou-se no jardim embaixo de um arbusto. Quando a mulher do senhor de terras viu Amigo, ela chamou o cachorro com um grito, mas ele não obedeceu, não balançou o rabo nem olhou para ela. Seus olhos estavam turvos, da boca escorria saliva. Então a mulher chamou o marido e disse:

– Vá logo! Alguém soltou o Amigo, ele está completamente louco. Pelo amor de Deus, faça alguma coisa com ele.

O senhor de terras pegou a espingarda e foi para onde estava Amigo. Fez pontaria, só que a mão tremia quando mirava. Atirou e não acertou na cabeça, mas no quadril.

O cachorro ganiu e se escondeu.

O senhor de terras chegou mais perto para ver o que tinha acontecido.

O quadril de Amigo estava todo ensanguentado e as patas traseiras, despedaçadas.

Amigo rastejou na direção do senhor de terras e começou a lambe seu pé. O homem começou a tremer, a chorar, e fugiu para casa.

Então chamaram um caçador e o caçador matou o cachorro com outra espingarda e levou-o embora.

DOIS CAVALOS

[Fábula]

Dois cavalos puxavam duas carroças. O cavalo da frente puxava bem, mas o de trás parava muito. Começaram a passar a carga do cavalo de trás para o cavalo da frente; quando haviam transferido toda a carga, o cavalo de trás andou mais leve e disse para o da frente:

– Sue e sofra. Quem mais se esforçar, mais vai sofrer.

Quando chegaram à estalagem, o dono disse:

– Para que dar comida para dois cavalos se só um leva a carga? É melhor dar toda a comida para

um só. O outro eu vou matar e depois tirar o couro.

E assim fez.

O LEÃO E O CACHORRO

[História real]

Em Londres, exibiam animais selvagens numa feira e recebiam da plateia dinheiro, ou gatos e cachorros para alimentar as feras.

Um homem quis ver as feras: pegou um cachorrinho na rua e levou para o local onde exibiam os animais selvagens. Deixaram que visse as feras, pegaram o cachorrinho e jogaram na jaula do leão.

O cachorrinho baixou o rabo e se encolheu no canto da jaula. O leão chegou perto do cachorro e farejou.

O cachorrinho deitou-se de costas, levantou as patas e começou a abanar o rabo.

O leão tocou-o com a pata e virou-o.

O cachorrinho deu um pulo e se ergueu, apoiado nas patas traseiras, na frente do leão.

O leão olhou para o cachorrinho, balançou a cabeça de um lado para outro e não tocou nele.

Quando o dono jogou carne para o leão comer, ele cortou um pedaço e deu para o cachorrinho.

À noite, quando o leão foi dormir, o cachorrinho deitou-se a seu lado e colocou a cabeça sobre a pata do leão.

A partir daí, o cachorrinho viveu na jaula do leão, o leão não tocava nele, dormia e comia junto com o cachorro e às vezes brincava com ele.

Um dia um nobre visitou a feira e reconheceu seu cachorrinho; disse que o cachorrinho era seu e pediu ao diretor que o devolvesse. O homem quis devolver, mas quando foi chamar o cachorro para tirá-lo da jaula, o leão arrepiou os pelos e urrou.

Assim o leão e o cachorrinho viveram um ano inteiro na mesma jaula.

Depois de um ano, o cachorrinho ficou doente e morreu. O leão parou de comer, toda hora farejava e lambia o cachorrinho e tocava nele de leve com a pata.

Quando entendeu que o cachorrinho tinha morrido, o leão de repente começou a dar pulos, arrepiou os pelos, batia com o rabo no próprio corpo, se jogava contra as paredes da jaula, mordida as grades e o chão da jaula.

Ficou se debatendo um dia inteiro, desabou no meio da jaula e urrou, depois foi deitar ao lado do cachorrinho morto e ficou quieto. O diretor quis tirar o cachorrinho morto, mas o leão não deixava ninguém se aproximar.

O diretor achou que o leão esqueceria seu desgosto se lhe dessem outro cachorro e levou para a jaula outro cachorrinho, mas o leão fez o cachorro em pedaços. Depois abraçou entre as patas o cachorrinho morto e assim ficou cinco dias deitado com ele.

No sexto dia o leão morreu.

A HERANÇA IGUAL

[Fábula]

Um comerciante tinha dois filhos. O mais velho era o predileto do pai, que queria deixar toda a sua herança para ele. A mãe teve pena do mais novo e pediu ao marido que não avisasse antecipadamente aos filhos como faria a partilha: ela queria encontrar um modo de igualar as partes dos dois filhos. O comerciante obedeceu à esposa e não comunicou sua decisão aos filhos.

Um dia a mãe estava sentada à janela e chorava; um andarilho se aproximou e perguntou por que estava chorando.

Ela respondeu:

– Como posso não chorar? Gosto igualmente de meus dois filhos, mas o pai quer deixar toda a herança para um filho e nada para o outro. Pedi a meu marido que não comunicasse sua decisão a eles enquanto eu não inventasse um modo de ajudar o mais novo. Mas não tenho dinheiro e não sei como resolver esse problema.

O andarilho disse:

– É fácil resolver seu problema: diga a seus filhos que o mais velho vai ficar com toda a herança, e o mais novo com nada; e os dois ficarão na mesma situação.

O filho mais novo, quando soube que não ganharia nada, partiu para o exterior, aprendeu ofícios e ciências, enquanto o mais velho vivia com o pai e não aprendeu nada, porque sabia que seria rico.

Quando o pai morreu, o mais velho não sabia fazer nada, gastou tudo o que tinha, enquanto o mais novo, que havia aprendido a ganhar dinheiro no exterior, ficou rico.

OS TRÊS LADRÕES

[História real]

Um mujique foi à cidade vender um burro e uma cabra.

A cabra tinha um guizo no pescoço.

Três ladrões viram o mujique e um deles disse:

– Vou roubar a cabra e o mujique nem vai notar.

O outro ladrão disse:

– Pois eu vou tomar o burro do mujique.

O terceiro disse:

– Isso não é difícil: eu vou roubar toda a roupa do mujique.

O primeiro ladrão rastejou até a cabra, tirou o guizo, amarrou no rabo do burro e levou a cabra para o campo.

Numa curva, o mujique se virou para trás, viu que a cabra tinha sumido e foi procurar.

Então o segundo ladrão chegou perto dele e perguntou o que estava procurando.

O mujique respondeu que tinham roubado sua cabra. O segundo ladrão disse:

– Eu vi sua cabra: olhe, naquele bosque lá embaixo acabou de passar um homem levando uma cabra. Ainda dá para você alcançar.

O mujique correu atrás da cabra e pediu ao ladrão que segurasse o burro. O segundo ladrão foi embora com o burro.

Quando o mujique voltou do bosque e viu que seu burro não estava mais ali, começou a chorar e foi andando pela estrada.

No caminho, junto a um poço, viu um homem sentado, chorando. O mujique perguntou o que tinha acontecido.

O homem contou que tinham mandado que ele pegasse um saco de ouro na cidade, mas, na volta, ele sentou para descansar no poço, dormiu e, sem notar, derrubou o saco dentro da água.

O mujique perguntou por que não mergulhava para pegar o saco.

O homem respondeu:

– Tenho medo da água e não sei nadar, mas dou vinte moedas de ouro a quem pegar o saco.

O mujique se animou e pensou: “Deus me deu essa sorte, porque me roubaram a cabra e o burro”. Tirou a roupa, mergulhou na água, mas não achou o saco de ouro; quando saiu da água, sua roupa tinha sumido.

Era o terceiro ladrão: ele roubou também a roupa.

O PAI E OS FILHOS

[Fábula]

O pai mandou que os filhos vivessem em harmonia; não obedeceram. Então mandou trazer uma vassoura de varetas e disse:

– Quebrem!

Por mais força que fizessem, não conseguiram quebrar. Então o pai desamarrou as varetas que formavam a vassoura e mandou que os filhos quebrassem uma vareta de cada vez.

Eles quebraram as varetas com muita facilidade.

O pai disse:

– Assim também são vocês: se viverem em harmonia, ninguém vai lhes fazer mal; mas se ficarem brigando, sempre desunidos, vai ser muito fácil destruir cada um de vocês.

POR QUE EXISTE O VENTO?

[Raciocínio]

Os peixes vivem na água, e as pessoas no ar. Os peixes só sentem a água quando eles se mexem ou quando a água se mexe. Nós também só sentimos o ar quando nos mexemos ou quando o ar se mexe.

Basta correr para sentir o ar – ele sopra em nossa cara; e às vezes, quando corremos, ouvimos o ar assoviando nos ouvidos. Quando abrimos a porta de uma casa aquecida, o vento sempre sopra *para baixo*, de fora para dentro da casa, e sopra *para cima*, de dentro da casa para fora.

Quando alguém anda dentro de casa ou sacode uma peça de roupa, dizemos: “Ele está fazendo vento”. E quando acendem a estufa, o vento sempre sopra dentro dela. Quando o vento sopra do lado de fora, sopra o dia todo e a noite inteira, às vezes de um lado, às vezes de outro. Isso acontece porque, em algum lugar na terra, o ar ficou muito quente, e em outro esfriou – então o vento começa e o ar frio vai para baixo e o quente, para cima, como quando abrimos a porta de uma isbá. Mas o vento apenas sopra enquanto o ar não esquenta onde estava frio e enquanto não esfria onde estava quente.

PARA QUE EXISTE O VENTO?

[Raciocínio]

Amarre dois paus em forma de cruz e, em volta da cruz, mais quatro pedaços de pau. Prenda um papel em cima de tudo. Na ponta de trás, amarre a rabiola e na outra, uma linha comprida, e a pipa está pronta. Depois segure a pipa, corra no vento e solte. O vento vai arrastar a pipa e levá-la para o céu. E a pipa vai tremer, chiar, puxar, virar e esvoaçar, presa pela linha.

Se não houvesse vento, não seria possível empinar a pipa.

Faça quatro pás com tábuas, prenda as quatro em forma de cruz sobre um eixo e coloque no eixo uma engrenagem e uma roda dentada, de modo que, quando o eixo rodar, vai empurrar a engrenagem e a roda dentada vai fazer girar a pedra mó. Depois volte as quatro pás contra o vento: elas vão girar, a engrenagem e a roda dentada vão empurrar uma à outra e a pedra mó vai girar sobre outra pedra mó. Então espalhe os grãos entre as duas pedras; os grãos vão ser moídos e a farinha vai cair no coletor.

Se não houvesse vento, seria impossível moer grãos no moinho de vento.

Quando um barco está navegando e querem que ande mais depressa, colocam um mastro grande num buraco no meio do barco e prendem no meio do mastro uma trave perpendicular. Nessa trave, penduram uma vela de pano, embaixo da vela amarram cordões e seguram com as mãos. Depois voltam a vela na direção do vento. O vento sopra tão forte na vela que o barco chega a se inclinar, os cordões se soltam das mãos e o barco navega ao vento tão depressa que a proa do barco faz a água espirrar e a terra passa ligeiro ao lado do barco.

Se não houvesse vento, seria impossível navegar com vela.

Onde vivem pessoas, existe mau cheiro; se não houvesse vento, esse cheiro ficaria parado. Mas o vento vem, dispersa o mau cheiro e traz das matas e dos campos o ar puro e fresco. Se não houvesse vento, as pessoas estragariam o ar e teriam dificuldade para respirar. O ar ficaria sempre no mesmo local e as pessoas teriam de ir embora desse lugar, onde se sentiriam sufocadas.

Quando animais selvagens andam pelas matas e pelos campos, sempre andam contra o vento, sentem nos ouvidos e farejam nas narinas aquilo que vem na sua direção. Se não houvesse vento, não saberiam para onde vão.

Quase todo o capim, todos os arbustos e todas as árvores são feitos de modo que no capim, no arbusto ou na árvore nasça a semente que permite que o pólen de uma flor voe para outra flor. As flores nascem longe umas das outras e não podem mandar seu pólen umas para as outras.

Quando os pepinos crescem na estufa, onde não há vento, as próprias pessoas pegam uma flor e colocam em outra a fim de levar o pólen para a flor que irá frutificar e, por assim dizer, *fecundá-la*. As abelhas e outros insetos às vezes levam nas patas o pólen de uma flor para outra, mas a maior parte do pólen é levada pelo vento. Se não houvesse vento, metade das plantas não seria semeada.

No calor, o vapor se levanta da água. O vapor vai mais alto e, quando se resfria nas alturas, cai em forma de gotas de chuva.

O vapor se ergue da terra só onde há água – dos riachos, pântanos, poços e rios, e sobretudo do mar. Se não houvesse vento, os vapores não se moveriam, se juntariam em nuvens acima da água e cairiam de novo no mesmo lugar de onde subiram. Haveria chuva no riacho, no pântano, no rio, no mar, mas não haveria chuva na terra, nos campos e nas matas. O vento espalha as nuvens e faz chover na terra. Se não houvesse vento, onde há água haveria mais água ainda e a terra ficaria cada vez mais seca.

AS MELHORES PERAS DO MUNDO

[Fábula]

Um senhor de terras mandou um criado trazer peras e disse:

– Compre as melhores.

O criado chegou à feira e pediu peras. O vendedor lhe deu, mas o servo disse:

– Não, me dê as melhores.

O vendedor respondeu:

– Experimente uma, vai ver que são boas.

– Como vou saber que todas são boas se vou provar só uma? – disse ele.

Deu uma mordida em cada pera e levou para o patrão. Então o patrão o demitiu.

VOLGA E VAZUZA¹

[Conto]

Eram duas irmãs: Volga e Vazuza. Começaram a discutir para saber quem era mais inteligente e quem vivia melhor.

Volga disse:

– Para que brigar? Já somos bem crescidas. Amanhã de manhã vamos sair de casa e cada uma vai seguir seu caminho; aí vamos ver qual das duas anda melhor e chega primeiro ao reino do mar Cáspio.

Vazuza concordou, mas enganou Volga. Assim que Volga dormiu, Vazuza partiu de noite direto para o reino do mar Cáspio.

Quando Volga acordou e viu que a irmã já havia partido, ela tomou seu caminho, nem depressa nem devagar, e alcançou Vazuza.

Vazuza teve medo de ser castigada por Volga, disse que era a irmã caçula e pediu que Volga a levasse até o reino do mar Cáspio. Volga perdoou a irmã e levou-a consigo.

O rio Volga começa no distrito de Ostáchkov, num pântano na aldeia de Volgo. Lá existe um pequeno poço e dele nasce o Volga. O rio Vazuza começa nas montanhas. Vazuza corre em linha reta e o Volga faz muitas curvas.

No Vazuza, o gelo quebra mais cedo na primavera e no Volga, mais tarde. Porém, quando os dois rios se encontram, o Volga tem trinta braças de largura e o Vazuza ainda é um riozinho estreito e pequeno. O Volga atravessa toda a Rússia por três mil cento e sessenta verstas e deságua no mar Cáspio. E na cheia sua largura chega a doze verstas.

O BEZERRO SOBRE O GELO

[Fábula]

O bezerro dava saltos no estábulo e aprendeu a dar cambalhotas e piruetas. Quando chegou o inverno,

levaram o bezerro e outros bois e vacas sobre o gelo para beber água. Todas as vacas se aproximaram do cocho com cautela, mas o bezerro correu sobre o gelo, empinou o rabo, encolheu as orelhas e começou a dar piruetas. Logo na primeira, sua pata escorregou e ele bateu com a cabeça no cocho.

Começou a mugir:

– Como sou infeliz! Eu pulava com a palha batendo no joelho e não caía, mas aqui, no chão liso, escorreguei.

Uma vaca velha disse:

– Se você não fosse um bezerrinho pequeno, saberia que onde é fácil pular é difícil se segurar.

A PRINCESA DE CABELOS DOURADOS

[Conto]

Na Índia vivia uma princesa de cabelos dourados. Sua madrasta era malvada. Tinha ódio do cabelo dourado da enteada e convenceu o rei a banir a princesa para o deserto. Levaram a princesa de cabelos dourados para bem longe no deserto e a deixaram lá. No quinto dia, a princesa de cabelos dourados voltou para o pai, montada num leão.

Então a madrasta convenceu o rei a mandar a enteada de cabelos dourados para as montanhas selvagens, onde só viviam abutres. No quinto dia, os abutres trouxeram a princesa de volta.

Então a madrasta mandou a princesa para uma ilha no meio do mar. Os peixes viram a princesa de cabelos dourados e, no sexto dia, a trouxeram de volta para o rei.

Então a madrasta mandou escavar um poço bem fundo, jogou lá dentro a princesa de cabelos dourados e cobriu de terra.

Seis dias depois, no lugar onde haviam enterrado a princesa, acendeu uma luz e então o rei mandou escavar a terra e encontraram a princesa de cabelos dourados.

Então a madrasta mandou abrir um buraco no tronco de uma amoreira, colocou lá dentro a princesa e jogou no mar.

No quinto dia, o mar levou a princesa de cabelos dourados para perto do Japão e lá os japoneses a retiraram de dentro do tronco. Ela estava viva.

Mas, assim que chegaram à costa, ela morreu e dela nasceu um bicho-da-seda.

O bicho-da-seda rastejou para uma amoreira e começou a comer as folhas. Então de repente ficou maior, dava a impressão de estar morto: não comia e não se mexia.

No quinto dia, na mesma data em que o leão levou a princesa do deserto para casa, o bicho-da-seda renasceu e começou a comer as folhas da amoreira.

Quando o bicho-da-seda cresceu de novo, morreu outra vez e, no quarto dia, na mesma hora em que os abutres levaram a princesa para casa, o bicho-da-seda renasceu e começou outra vez a comer.

E morreu de novo e, na mesma hora em que a princesa voltou do mar, renasceu de novo.

E morreu de novo pela quarta vez e renasceu no sexto dia, quando retiraram a princesa de dentro do poço.

E de novo morreu, pela última vez, e no nono dia, na mesma hora em que a princesa chegou ao Japão, renasceu na forma de uma boneca dourada de seda. Da boneca virou uma borboleta, pôs ovos e, dos ovos, nasceram bichos-da-seda e se espalharam pelo Japão. Os bichos-da-seda adormecem cinco vezes e renascem cinco vezes.

Os japoneses criam muitos bichos-da-seda, produzem muita seda; e o primeiro sono do bicho-da-

seda se chama *sono do leão*, o segundo, *sono do abutre*, o terceiro, *sono do peixe*, o quarto, *sono do poço* e o quinto, *sono do tronco*.

O FALCÃO E O GALO

[Fábula]

O falcão estava acostumado ao dono e pousava na sua mão quando ele chamava; o galo fugia do dono e gritava quando chegavam perto. O falcão disse para o galo:

– Você não tem gratidão, galo; logo se vê que os galos são uma espécie inferior. Só quando têm fome vão para perto dos donos. Já nós somos aves selvagens: temos muita força e voamos mais ligeiro do que qualquer outra ave; não fugimos dos homens, até pousamos na mão deles quando nos chamam. Lembramos que eles nos dão comida.

O galo respondeu:

– Vocês não fogem dos homens porque nunca viram um falcão cozido, mas nós toda hora vemos galos cozidos.

O CALOR

[Raciocínio]

I

Por que os trilhos da ferrovia são colocados de modo que nunca se tocam nas pontas?

É porque no inverno o ferro se contrai e no verão se dilata. Se as pontas dos trilhos ficassem bem juntas no inverno, quando chegasse o verão os trilhos iam se dilatar, iam empurrar uns aos outros e iam levantar.

Tudo se dilata com o calor, tudo se encolhe com o frio.

Se o parafuso não entra na porca, esquente a porca que o parafuso vai entrar. E se o parafuso ficar folgado, esquente o parafuso que ele vai ficar firme.

Por que o copo quebra quando pomos água fervente dentro dele?

É porque o lugar que fica em contato com a água fervente aquece, se dilata, e o lugar sem água fervente continua como antes: a parte de baixo puxa o copo para um lado, mas a parte de cima não deixa, e ele quebra.

II

Por que, no degelo, quando cai neve, ela derrete na mão e se agarra no casaco?

É porque o calor do rosto e da mão se transmite à neve e a derrete; é por isso que o ponto do rosto onde a neve derreteu fica frio.

Por que, quando a gente segura na palma da mão uma latinha com água fria, a água esquenta e a palma da mão esfria?

É porque o calor da mão passa para a lata e depois para a água.

Se a gente segura a latinha com luvas, por que ela não esquenta logo?

É porque as luvas não permitem que o calor da mão passe para a água, mas a lata transmite o calor da mão para a água. O ferro e a lata transmitem o calor e o frio, mas o pano e a madeira não transmitem. Por isso o ferro, a lata, o cobre e qualquer metal se aquecem no sol mais do que a madeira, o pano e o papel e se resfriam mais depressa. Por isso, no frio, as pessoas se vestem com roupas de pele, de lã e com tudo o que não transmite calor.

Para que cobrem a tina de trigo com um casaco de pele e não com uma tampa?

É porque a pele não deixa passar o calor e o trigo não fermenta; já a tampa deixa passar o calor de fora e o trigo vai fermentar.

Por que debaixo da palha e da serragem a neve não derrete e dura até o Jejum de São Pedro?¹

Por que o gelo se conserva melhor num porão embaixo de um telhado de palha?

Por que, quando querem secar tábuas, colocam embaixo de um telhado de ferro e não embaixo de um telhado de palha?

Por que na época da ceifa e da colheita os mujiques embrulham as jarras com toalhas, para a água não esquentar?

III

Por que o vento sem geada causa mais frio do que a geada sem vento?

É porque o calor do corpo se propaga no ar e, se o ar está parado, o ar em volta do corpo se aquece e permanece quente. Mas, quando há vento, ele carrega o ar aquecido e traz ar frio. De novo o calor sai do corpo e aquece o ar à sua volta e de novo o vento leva embora o ar quente. Quando sai calor demais do corpo, ele sente frio.

Por que sopram a xícara quando o chá está quente?

OS CHACAIS¹ E O ELEFANTE

[Fábula]

Os chacais devoraram um animal morto inteiro na floresta até não sobrar mais nada para comer. Então um chacal velho pensou num jeito de alimentá-los. Chegou perto do elefante e disse:

– Nós tínhamos um rei, mas ele ficou muito arrogante: mandou-nos fazer coisas impossíveis de cumprir; queremos escolher outro rei e meu povo mandou que eu pedisse a você que seja nosso rei. A vida entre nós é muito boa: vamos fazer tudo o que você quiser e todos irão respeitá-lo. Venha para nosso reino.

O elefante concordou e foi atrás do chacal. O chacal levou-o para o pântano. Quando o elefante atolou, o chacal disse:

– Agora ordene o que desejar que vamos fazer.

O elefante disse:

– Ordeno que me retirem daqui.

O chacal riu e disse:

– Segure meu rabo com a tromba, num instante vou puxar.

O elefante disse:

– E será que é possível você me puxar com seu rabo?

Mas o chacal respondeu:

– Então para que ordenou uma coisa impossível? Expulsamos nosso primeiro rei porque ordenava coisas impossíveis.

Quando o elefante morreu atolado no pântano, os chacais vieram e o comeram.

O MAGNETO

[Descrição]

Muito tempo atrás, havia um pastor. Chamava-se Magnis. Ele perdeu um carneiro. Foi procurar na montanha. Chegou a um lugar onde só havia pedras, sem nenhuma vegetação. Caminhou por aquelas pedras e sentiu que as botas grudavam nelas. Tocou com a mão – as pedras eram secas e não grudavam nas mãos. Caminhou de novo – as botas grudaram de novo. Sentou-se, ficou descalço, segurou as botas nas mãos e tocou com elas nas pedras.

Tocou com o couro e com a sola, e a bota não grudava, mas quando tocava com os pregos, a bota grudava.

Magnis tinha uma bengala com a ponta de ferro. Tocou a madeira na pedra – não grudou; tocou o ferro e grudou tanto que ele teve de quebrá-la.

Magnis examinou a pedra, viu que parecia ferro e levou um pedaço para casa. Desde então ficaram conhecendo essa pedra e lhe deram o nome de magneto, ou ímã.

O magneto se encontra dentro da Terra, junto com o ferro bruto. Onde há magneto, o minério de ferro é melhor. Em si, o magneto se parece com o ferro.

Se colocarmos um pedaço de ferro junto do magneto, o ferro começa a atrair outro pedaço de ferro. E se colocarmos uma agulha de aço junto do magneto e a segurarmos ali por um tempo, a agulha se transforma em magneto e passa a atrair o ferro. Se juntarmos as pontas de dois magnetos, uma ponta vai repelir a outra, mas do outro lado as pontas vão se atrair.

Se cortarmos ao meio uma vareta magnetizada, de novo cada metade vai atrair de um lado, mas na outra ponta vai repelir. E se cortarmos de novo, o mesmo vai acontecer, e podemos cortar quantas vezes quisermos que sempre vai acontecer a mesma coisa: as pontas de um lado vão se repelir e as do outro vão se atrair, como se de um lado o magneto empurrasse e do outro puxasse. E toda vez que quebrarmos o magneto, sempre uma ponta vai empurrar e a outra vai puxar. É igual à pinha de um abeto, sempre que quebramos, uma ponta será o umbigo e a outra, o cálice. Numa das pontas, o cálice e o umbigo se encaixam, mas na outra, não.

Se magnetizarmos uma agulha (para isso mantemos a agulha junto com o magneto por um tempo) e a colocarmos no meio de uma forquilha, de modo que ela fique solta sobre a forquilha, por mais que a gente rode e puxe a agulha magnetizada, ela continuará com uma ponta voltada para o sul e a outra, para o norte.

Quando não conheciam o magneto, ninguém viajava para longe no mar. Quando as pessoas viajavam para longe no mar e não enxergavam mais a terra, só era possível saber a direção observando o sol e as

estrelas. Se o céu ficasse encoberto, não viam nem o sol nem as estrelas e não era possível saber para onde estavam navegando. O navio era levado pelo vento, batia nas pedras e afundava.

Enquanto não conheciam o magneto, não navegavam no mar para longe da costa; mas quando conheceram o magneto, puseram uma agulha magnetizada sobre uma forquilha de modo que ela rodasse à vontade. Graças a essa agulha, agora podiam saber em que direção estavam navegando. Com a agulha magnetizada, passaram a viajar para longe da costa e, desde então, conheceram muitos mares novos.

Nos navios, existe sempre uma agulha magnetizada (a bússola) e uma corda de medição com nós na popa do navio. A corda é feita de tal modo que, quando é solta na água, com ela se pode calcular que distância o navio percorreu.

Assim, quando as pessoas viajam no mar, sempre sabem em que lugar está o navio e em que direção navega, por mais longe que esteja da costa.

A GARÇA, OS PEIXES E O CARANGUEJO

[Fábula]

No lago, morava uma garça, mas ela ficou velha; já não tinha forças para pegar peixes. Ela começou a imaginar um jeito de sobreviver com astúcia. Disse para os peixes:

– Vocês, peixes, não sabem que desgraça estão preparando para vocês: ouvi as pessoas dizerem que vão esvaziar o lago e então vão pescar todos os peixes. Mas sei que lá do outro lado da montanha existe um lagunho muito bom. Eu até poderia ajudar, mas fiquei velha: é difícil voar.

Os peixes perguntaram para a garça como ela ajudaria.

A garça respondeu:

– Talvez eu possa ajudar vocês a sobreviver. Posso tentar levar vocês para lá, mas todos ao mesmo tempo eu não consigo, só um de cada vez.

Os peixes então ficaram contentes; todos pediram:

– Me leve, me leve!

E a garça começou a levar os peixes: pegava, levava para o campo e comia. E assim comeu peixes demais.

No lago, morava um velho caranguejo. Quando a garça começou a levar os peixes, ele entendeu o que estava acontecendo e disse:

– Muito bem, garça, agora me leve para nosso novo lar.

A garça pegou o caranguejo e levou. Assim que voou para o campo, quis soltar o caranguejo. Mas o caranguejo viu as espinhas dos peixes no campo, agarrou-se com as pinças ao pescoço da garça e a estrangulou, voltou rastejando sozinho para o lago e contou tudo para os peixes.

COMO O TITIO CONTOU DE QUE JEITO ELE ANDAVA A CAVALO

[Conto]

Onde nós morávamos, havia um velhinho bem velho, Pímen Timoféitch. Tinha noventa anos. Morava na casa do neto e não trabalhava. Tinha as costas curvadas, andava com uma bengala e mexia as pernas devagar. Não tinha nenhum dente, a cara era enrugada. O lábio inferior tremia; quando ele andava e quando falava, os lábios estalavam e não dava para entender o que ele dizia.

Éramos quatro irmãos e todos adorávamos andar a cavalo. Mas não tínhamos cavalos mansos para montar. Só nos deixavam montar um cavalo velho; esse cavalo se chamava Corvo.

Um dia, mamãe nos deixou andar a cavalo e fomos todos à cocheira com um criado. O cocheiro selou o Corvo para nós e o primeiro a montar foi meu irmão mais velho. Ele ficou andando muito tempo; andou pelo curral e em volta do jardim e, quando voltou, gritamos:

– Vai, agora galopa!

O irmão mais velho começou a bater no Corvo com os pés e com o chicote e o Corvo passou por nós galopando.

Depois do mais velho, montou outro irmão, ficou andando muito tempo no cavalo e também atçou o Corvo com o chicote e galopou pelo morro. Queria andar mais, só que o terceiro irmão pediu para montar logo. O terceiro irmão andou pelo curral e em volta do jardim, mas também foi à aldeia e galopou pelo morro, até a cocheira. Quando chegou, o Corvo estava ofegante e o pescoço e as costas estavam ensopados de suor.

Na minha vez de andar a cavalo, eu quis deixar os irmãos admirados e mostrar como eu montava bem – comecei a cavalgar o Corvo com toda a força, mas o Corvo não queria nem sair da cocheira. Por mais que eu batesse, ele não queria galopar, andava a passo lento e chegava até a voltar para trás. Fiquei com raiva do cavalo e bati com toda a força, com o chicote e com os pés.

Tentei bater nos lugares onde doía mais, quebrei o chicote e, com o que sobrou do chicote, comecei a bater na sua cabeça. Mas o Corvo não queria galopar de jeito nenhum. Então dei meia-volta, fui até onde estava o criado e pedi um chicote mais forte. Mas o criado me disse:

– Não ande mais, senhor, desça. Para que torturar o cavalo?

Fiquei ofendido e disse:

– Como, se ainda não andei? Vocês vão ver como sei galopar! Por favor, me dê um chicote mais forte. Vou dar um calor nele.

Então o criado balançou a cabeça e disse:

– Ah, o senhor não tem pena. Para que dar um calor nele? Olhe, o Corvo tem vinte anos. O cavalo está esgotado, respira com esforço, está velho. Olhe só, ele é muito velho! É igual ao Pímen Timoféitch. É a mesma coisa que o senhor montar em Timoféitch e bater com o chicote para ele galopar. E então, o senhor não teria pena?

Lembrei-me de Pímen e obedeci ao criado. Desmontei e, quando vi como o Corvo mal aguentava seu flanco suado, como ofegava com dificuldade pelas narinas e abanava o rabo meio pelado, entendi que era difícil ser cavalo. Antes eu pensava que, para ele, era tão divertido quanto para mim. Senti tanta pena do Corvo que comecei a beijá-lo no pescoço suado e a lhe pedir desculpas por ter batido nele.

De lá para cá, cresci e sempre tenho pena dos cavalos, sempre me lembro do Corvo e de Pímen Timoféitch quando vejo alguém maltratando um cavalo.

O OURIÇO E A LEBRE

[Fábula]

A lebre encontrou o ouriço e disse:

- Você seria todo bonito, ouriço, se suas pernas não fossem tortas e cambaleassem.

O ouriço se zangou e disse:

– Do que você está zombando? Minhas pernas tortas correm mais depressa do que suas pernas retas. Deixe-me só ir em casa e depois vamos disputar uma corrida!

O ouriço foi para casa e disse para a esposa:

- Tive uma discussão com a lebre: queremos disputar uma corrida!

A esposa do ouriço respondeu:

– Você deve ter ficado maluco! Como é que vai correr com a lebre? As pernas dela são velozes e as suas são tortas e lerdas.

O ouriço disse:

- Ela tem pernas velozes, mas minha inteligência é rápida. É só você fazer o que vou mandar.

Vamos para o campo.

Foram a um campo, ao encontro da lebre; o ouriço disse para a esposa:

– Fique escondida dentro dessa ponta da vala do arado e eu e a lebre vamos correr da outra ponta para cá; assim que ela se adiantar, eu vou voltar para trás; e quando ela chegar aqui na sua ponta, você aparece e diz: Faz tempo que estou esperando você. Ela não vai distinguir você de mim, vai pensar que sou eu.

A esposa do ouriço escondeu-se dentro da vala do arado e o ouriço e a lebre começaram a correr da outra ponta.

Assim que a lebre se adiantou, o ouriço voltou para trás e escondeu-se dentro da vala. A lebre chegou em disparada à outra ponta da vala, olhou: a esposa do ouriço já estava lá! Ela deixou a lebre surpresa e disse:

- Faz tempo que estou esperando você!

A lebre não distinguiu a esposa do ouriço do próprio ouriço e pensou: “Que coisa incrível! Como ele conseguiu me vencer?”

- Bem – disse a lebre –, vamos correr mais uma vez!

- Vamos!

A lebre partiu em disparada no caminho de volta, chegou à outra ponta, olhou: o ouriço já estava lá e disse:

- Puxa, minha cara, só chegou agora? Faz tempo que estou aqui.

“Que coisa incrível!”, pensou a lebre. “Por mais depressa que eu corra, ele sempre chega na minha frente. Bem, então vamos correr mais uma vez, agora você não vai me vencer.”

- Vamos correr!

A lebre correu o máximo que podia, olhou: o ouriço estava sentado na frente e esperava.

E assim a lebre ficou correndo de uma ponta da vala para a outra, até não ter mais forças.

A lebre desistiu e disse que dali em diante nunca mais ia discutir.

OS DOIS IRMÃOS

[Conto]

Dois irmãos foram viajar juntos. Ao meio-dia, deitaram na floresta para descansar. Quando acordaram, viram que a seu lado havia uma pedra e na pedra havia algo escrito. Começaram a soletrar e leram:

Quem achar esta pedra deve seguir direto para dentro da floresta na direção do nascer do sol. Na floresta, passa um rio; atravesse o rio até o outro lado. Vai ver uma urso e seus filhotes: tome os filhotes da urso e corra o mais que puder direto para a montanha. Na montanha, vai ver uma casa e, na casa, vai encontrar a felicidade.

Os irmãos leram até o fim o que estava escrito e o mais jovem disse:

– Vamos os dois juntos. Quem sabe a gente consegue atravessar o rio, achar os ursinhos, levá-los até a casa e então, juntos, encontraremos a felicidade?

Então o mais velho respondeu:

– Não vou entrar na floresta atrás de filhotes de urso e não aconselho que você faça isso. Em primeiro lugar, ninguém sabe se é verdade o que está escrito nessa pedra; talvez tenham escrito tudo isso de brincadeira. Talvez não tenham soletrado direito. Em segundo lugar, se for verdade o que está escrito, vamos entrar na floresta, vai anoitecer, não vamos achar o rio e vamos nos perder. E se acharmos o rio, como é que vamos atravessar? Quem sabe se é largo e tem correnteza? Em terceiro lugar, se atravessarmos o rio, por acaso é fácil tirar os filhotes de uma urso? Ela vai nos fazer em pedaços e, juntos, vamos perder a felicidade à toa. Em quarto lugar, se conseguirmos pegar os ursinhos, não vai dar para correr até a montanha sem descansar. E o principal ainda não foi dito: *que felicidade vamos encontrar nessa casa? Talvez lá nos espere uma felicidade da qual não temos nenhuma necessidade.*

O mais jovem respondeu:

– Para mim, é diferente. Não iam escrever isso à toa numa pedra. E tudo está escrito com clareza. Em primeiro lugar, não vamos sofrer nenhuma desgraça se tentarmos. Em segundo lugar, se não formos, outra pessoa vai ler a mensagem na pedra, vai encontrar a felicidade e nós vamos ficar sem nada. Em terceiro lugar, não se esforçar, não trabalhar não traz alegria a ninguém. Em quarto lugar, eu não quero que pensem que eu tive medo de alguma coisa.

Aí o irmão mais velho respondeu:

– Diz o provérbio: “Quem procura a grande felicidade perde a pequena”; e também: “Um pardal na mão vale mais do que uma cegonha no céu”.

E o mais jovem disse:

– Pois eu ouvi: “Quem tem medo de lobo não entra na floresta”; e também: “Debaixo de uma pedra parada, a água não corre”. Acho que é preciso ir.

O irmão mais jovem foi e o mais velho ficou.

Assim que o mais jovem entrou na floresta, topou com o rio, atravessou-o e logo na margem viu uma urso. Estava dormindo. Ele agarrou os ursinhos e fugiu em desabalada carreira para a montanha. Quando chegou ao topo, vieram muitas pessoas a seu encontro, trouxeram uma carroça, o levaram para a cidade e o fizeram rei.

Ele reinou por cinco anos. No sexto ano, teve uma guerra contra um rei mais forte que ele, que conquistou a cidade e o expulsou. Então o irmão mais jovem voltou a vagar pelo mundo e foi ao encontro do irmão mais velho.

O irmão mais velho morava na aldeia, não era rico nem pobre. Os irmãos se alegraram um com o outro e conversaram sobre a vida.

O irmão mais velho disse:

– Aí está, eu tinha razão: levei uma vida boa e sossegada, o tempo todo; já você, embora tenha sido rei, passou muita desgraça.

O mais jovem disse:

– Eu não sofro com o que aconteceu no passado na floresta e na montanha; apesar de agora eu estar mal, tenho o que recordar na minha vida, já você não tem nada para lembrar.

O ESPÍRITO DA ÁGUA E A PÉROLA

[Fábula]

Um homem estava andando de barco e deixou cair no mar uma pérola preciosa. O homem voltou à margem, apanhou um balde e começou a pegar água e derramar na terra. Passou três dias pegando água no balde e derramando na terra, sem parar.

No quarto dia, o espírito da água saiu do mar e perguntou:

– Para que está pegando água no balde?

O homem respondeu:

– É porque deixei cair uma pérola no mar.

O espírito da água perguntou:

– E vai ficar muito tempo fazendo isso?

O homem respondeu:

– Quando eu secar o mar, aí eu paro.

Então o espírito da água voltou para dentro do mar, trouxe de lá a mesma pérola e entregou ao homem.

A COBRA

[Conto]

Uma mulher tinha uma filha chamada Macha. Macha foi tomar banho com as amigas. As meninas tiraram a blusa, deixaram na margem e pularam dentro da água.

Uma cobra grande saiu da água e se enrolou dentro da blusa de Macha. As meninas saíram da água, vestiram as blusas e correram para casa. Quando Macha foi pegar sua blusa, viu que tinha uma cobrinha em cima dela, pegou um pedaço de pau e quis espantar a cobra; mas o animal levantou a cabeça e sibilou com voz de gente:

– Macha, Macha, prometa que vai casar comigo.

Macha começou a chorar e disse:

– Então me dê minha blusa que farei tudo.

– Vai casar comigo?

Macha respondeu:

– Vou.

E a cobra deslizou para fora da blusa e fugiu para dentro da água.

Macha vestiu a blusa e correu para casa. Em casa, contou para a mãe:

– Mãezinha, uma cobra se enrolou em cima da minha blusa e disse: “Case comigo, senão eu não devolvo sua blusa”. Aí eu prometi casar.

A mãe riu e disse:

– Você sonhou tudo isso.

Uma semana depois, um grande bando de cobras chegou rastejando à casa de Macha.

Macha viu as cobras, assustou-se e disse:

– Mãezinha, as cobras vieram atrás de mim.

A mãe não acreditou, mas quando viu também teve medo e trancou o portão e a porta da isbá. As

cobras rastejaram pelo vão embaixo do portão, entram no vestibulo, mas não conseguiram passar pela porta para dentro da isbá. Então voltaram, enrolaram-se todas umas nas outras, formaram uma bola e se jogaram de encontro à janela. Quebraram o vidro, caíram no chão, dentro da isbá, e rastejaram pelos bancos, pelas mesas e subiram na estufa. Macha estava escondida no canto da estufa, mas as cobras a encontraram, a tiraram dali e a levaram para a água.

A mãe ficou chorando pela filha e achou que tinha morrido.

Um dia, a mãe estava sentada junto à janela e olhou para a rua. De repente viu que sua Macha vinha em sua direção e trazia pela mão um menino pequeno e, nos braços, carregava uma menina.

A mãe se alegrou, começou a beijar Macha e perguntar por onde tinha andado e de quem eram aquelas crianças. Macha respondeu que eram seus filhos, que tinha casado com a cobra e que eles moravam no reino das águas.

A mãe perguntou para a filha se ela vivia bem no reino das águas e a filha respondeu que vivia melhor do que na terra.

A mãe pediu a Macha que ficasse com ela, mas Macha não concordou. Disse que tinha prometido voltar para o marido.

Então a mãe perguntou:

– E como você vai para casa?

– Chego bem à beirada e grito: Óssip, Óssip, venha cá e me leve. Ele vai subir na beirada e vai me levar.

A mãe, então, disse para Macha:

– Bem, está certo, mas passe só esta noite comigo.

Macha deitou e dormiu, mas a mãe pegou um machado e foi para a beira da água.

Chegou e começou a chamar:

– Óssip, Óssip, venha cá.

A cobra saiu para a margem. Então a mãe bateu nela com o machado e cortou sua cabeça. A água ficou vermelha de sangue.

A mãe voltou para casa, a filha tinha acordado e disse:

– Agora vou para minha casa, mãezinha; não me sinto bem aqui. – E foi embora.

Macha pegou a menina nos braços e segurou o menino pela mão.

Quando chegaram à beira da água, Macha começou a gritar:

– Óssip, Óssip, venha me levar.

Mas não veio ninguém.

Então ela olhou para a água e viu que estava vermelha e que tinha uma cabeça de cobra boiando.

Então Macha beijou a filha e o filho e disse para eles:

– Se vocês não têm pai, também não vão ter mãe. Filhinha, você vai ser uma andorinha, vai voar por cima da água; você, meu filho, vai ser um rouxinolzinho, vai cantar ao nascer do sol; e eu vou ser um cuco, vou cantar pelo meu marido, que mataram.

E todos saíram voando em direções diferentes.

O PARDAL E A ANDORINHA

[Conto]

Um dia eu estava do lado de fora da casa e fui olhar um ninho de andorinha que estava em cima do

telhado. Ao me ver, as duas andorinhas voaram e o ninho ficou vazio.

Na ausência delas, um pardal pousou no telhado, pulou em cima do ninho, olhou em volta, sacudiu as asinhas e mergulhou dentro dele; então levantou a cabecinha e começou a piar.

Só depois disso a andorinha voou de volta para o ninho. Entrou no ninho, mas, assim que viu o visitante, piou forte, sacudiu as asas e foi embora.

O pardal ficou piando no ninho.

De repente, veio um bando de andorinhas: todas voaram para o ninho, como se quisessem olhar para o pardal, e depois foram embora outra vez.

O pardal não cedeu, levantou a cabeça e piou.

As andorinhas voltaram de novo para o ninho, fizeram alguma coisa e foram embora outra vez.

As andorinhas não estavam indo ali à toa: cada uma trazia no bico um punhado de lama e aos poucos fechavam a entrada do ninho.

As andorinhas vinham e voltavam e, cada vez mais, cobriam o ninho de lama, e a entrada ficava cada vez mais estreita.

No início, dava para ver o pescoço do pardal, depois só a cabeça, depois o bico, depois não se via mais nada; as andorinhas prenderam o pardal dentro do ninho, foram embora voando e, com um zunido, começaram a rodar em volta da casa.

CAMBISES E PSAMÉTICO

[História]

Quando o rei Cambises conquistou o Egito e capturou Psamético, o rei egípcio, mandou que levassem o rei Psamético para uma praça com outros egípcios e mandou que também fossem levados para a praça dois mil homens, junto com a filha de Psamético, e mandou que vestissem a filha com trapos esfarrapados para que fosse buscar água em baldes; junto com ela, vestida da mesma forma, mandou também as filhas dos egípcios mais importantes. Quando as moças passaram pelos pais gemendo e chorando, eles começaram a chorar, olhando para as filhas. Só Psamético não chorou, apenas baixou os olhos.

Depois que as moças passaram, Cambises chamou o filho de Psamético e outros egípcios. Havia cordas amarradas no pescoço de todos eles e um cabresto na boca. Mandou matá-los.

Psamético viu tudo isso e entendeu que estavam levando o filho para a morte. Mas, assim como na hora em que vira a filha, enquanto os outros pais choraram vendo seus filhos, ele apenas baixou os olhos.

Depois passou na frente de Psamético um velho amigo e parente.

Antes, ele era rico, mas agora, como um mendigo, pedia esmolas à tropa. Assim que Psamético o viu, chamou-o pelo nome, deu tapas na própria cabeça e desatou a soluçar. Cambises ficou surpreso com o gesto de Psamético e mandou perguntar-lhe assim:

– Psamético! Seu senhor Cambises pergunta: por que quando humilharam sua filha e levaram seu filho para a morte você não chorou nem um pouco, mas sentiu tanta pena de alguém que não é seu parente consanguíneo?

Psamético respondeu:

– Cambises! Minha dor é tão grande que é impossível chorar por ela; mas senti pena de meu amigo porque, na velhice, ele decaiu da riqueza para a indigência.

Outro rei cativo estava presente: Creso. Quando ouviu essas palavras, lhe pareceu mais dolorosa sua tristeza e começou a chorar, e todos os persas que estavam ali começaram a chorar.

E o próprio Cambises teve pena, mandou trazer de volta o filho de Psamético e chamou o próprio Psamético para junto de si. Mas não alcançaram o filho vivo – já estava morto, e levaram Psamético à presença de Cambises, e Cambises o perdoou.

O TUBARÃO

[Conto]

Nosso navio estava ancorado na costa da África. Fazia um dia lindo, um vento fresco soprava do mar; mas à tarde o tempo mudou: ficou abafado e o ar quente do deserto do Saara batia sobre nós como se viesse de um forno em brasa.

Antes do pôr do sol, o capitão saiu para o convés e gritou:

– Tomar banho!

E num minuto os marinheiros pularam na água, baixaram a vela na água, amarraram e, com a vela, fizeram uma banheira.

Conosco no navio estavam dois meninos. Os meninos foram os primeiros a pular na água, mas acharam que tinha pouco espaço para eles na vela e inventaram de nadar em mar aberto e apostar uma corrida.

Os dois se esticavam na água como lagartixas e nadaram com toda a força que tinham para o lugar onde havia um barrilete preso acima da âncora.

No início, um menino ultrapassou o amigo, mas depois começou a ficar para trás. O pai do menino, velho artilheiro, estava de pé no convés e admirava o filho. Quando o menino começou a ficar para trás, o pai gritou para ele:

– Não desista! Faça um esforço!

De repente, no convés, alguém gritou:

– Tubarão! – e todos viram na água o dorso do monstro marinho.

O tubarão nadou direto para os meninos.

– Para trás! Para trás! Vötem! Tubarão! – começou a gritar o artilheiro. Mas os meninos não ouviram, continuaram a nadar, rindo e gritando ainda mais alto e com mais alegria do que antes.

Os marinheiros baixaram um bote, se jogaram dentro dele e, batendo os remos com toda a força, correram na direção dos meninos; mas já estavam distantes, e o tubarão estava a não mais de vinte passos.

No início, os meninos não ouviam o que estavam gritando e não viram o tubarão; mas depois um deles olhou para trás e todos nós ouvimos um grito estridente, e os dois meninos nadaram em direções diferentes.

Aquele grito parece ter despertado o artilheiro. Ele deu um pulo e correu para os canhões. Virou a base, inclinou-se sobre o canhão, fez pontaria e pegou o pavio.

Todos nós que estávamos no navio tremíamos de pavor e esperávamos para ver o que ia acontecer.

Ressou um tiro e vimos que o artilheiro estava caído ao lado do canhão e cobria o rosto com as mãos. O que aconteceu com o tubarão e os meninos nós não vimos, porque a fumaça encobriu nossa visão por um minuto.

Mas quando a fumaça se dissipou sobre a água, de todos os lados se ouviu um murmúrio, depois o murmúrio ficou mais forte e, por fim, em toda parte ressoou um grito alto de alegria.

O velho artilheiro descobriu o rosto, levantou-se e olhou para o mar.

Sobre as ondas, flutuava a barriga amarela do tubarão morto. Em poucos minutos, o bote chegou aos meninos e os trouxe de volta para o navio.

POR QUE EXISTE O ORVALHO E AS JANELAS FICAM SUADAS?

[Raciocínio]

Quando a água seca, o que acontece com essa água?

Todas as coisas dilatam com o calor. A água se dilata com o calor e toda ela se desfaz em partículas tão pequenas que os olhos não conseguem enxergar, e ela escapa para o ar. Essas partículas, o vapor, flutuam no ar e não são visíveis, enquanto o ar estiver quente. Mas é só o ar esfriar que logo o vapor se resfria e se torna visível.

Se você esquentar bastante a sauna e derramar água nos ladrilhos, a água vai virar vapor e ela vai ficar seca. Jogue mais – de novo a água vai se desfazer. Se a sauna estiver muito quente mesmo, a água dentro do balde vai se desfazer no ar. O balde vai ficar invisível no meio do ar quente da sauna. O ar da sauna vai absorver todo o conteúdo do balde. Mas se você acrescentar mais água, o ar já estará impregnado e não vai mais absorver a água, e a água excedente vai se condensar em gotinhas. Só o balde vai se conservar, mas a água excedente vai se condensar.

Se na mesma sauna resfriada pusermos ladrilhos bem quentes e começarmos a jogar água em cima – despejarmos um barril –, ela vai se dissipar, não ficará visível – o ar vai absorvê-la. Mas se derramarmos mais um barril, a água vai se condensar em gotas. A água excedente se condensa em gotas e o ar frio só vai suportar um barril.

Se você soprar no vidro, vão surgir gotas nele. E quanto mais frio, mais gotas vão aparecer. Por que é assim? Porque a respiração das pessoas é mais quente do que o vidro e na respiração há muita água em suspensão. Assim que a respiração pousa no vidro frio, dele emana água.

A esponja contém água, mas não se vê a água antes que a esponja seja espremida; só quando se espreme a esponja a água escorre. É assim que o ar contém a água, enquanto está quente, mas quando esfria, a água escorre.

Se no verão você tirar uma caçarola do porão, logo nela se formam gotas de água. De onde vem essa água? Ela já estava lá. Só que, enquanto estava quente, não dava para ver, mas quando o calor saiu do ar que estava dentro da caçarola, o ar em volta da caçarola esfriou e se formaram gotas. O mesmo acontece nas janelas. No calor de dentro de casa, o vapor fica contido no ar; mas do lado de fora as janelas esfriam e, dentro, perto das janelas, o ar também esfria e gotas começam a se formar.

É por isso que existe o orvalho. Quando a terra resfria com a noite, em cima dela o ar esfria e, por causa do frio, o vapor sai do ar frio em forma de gotas que pousam sobre a terra.

Às vezes acontece de estar frio do lado de fora e quente dentro de casa – e as janelas não suam; e às vezes está mais quente do lado de fora e do lado de dentro não está tão quente – e as janelas suam.

Às vezes também a noite está quente e há muito orvalho; ou a noite é fria e não há orvalho.

Por que isso acontece? Porque existe ar seco e ar úmido. O ar fica seco quando ainda pode levantar muito vapor e o ar fica úmido quando não pode mais levantar vapor. O ar seco é uma esponja ainda não totalmente impregnada de água e o ar úmido é uma esponja totalmente impregnada de água. Esfrie um pouco o ar e aperte um pouco a esponja que o a água vai escorrer. No ar úmido, qualquer coisa mais fria do que o ar fica molhada e, no ar seco, uma coisa molhada fica seca. O vapor sai dela e o ar absorve o

vapor.

O BISPO E O BANDIDO

[História real]

Fazia muito tempo que procuravam um bandido. Um dia ele pôs um disfarce e foi a uma cidade. Na cidade, a polícia o reconheceu e foi atrás dele. O bandido fugiu e entrou na casa do bispo; o portão estava aberto: ele entrou no pátio.

Um noviço perguntou o que ele desejava.

O bandido não sabia o que responder e disse qualquer coisa:

– Preciso falar com o bispo.

O bispo recebeu o bandido e perguntou o que o trazia ali.

O bandido respondeu:

– Sou um bandido, estão me perseguindo; me esconda, senão eu mato você.

O bispo disse:

– Sou velho, não tenho medo da morte; mas tenho pena de você. Vá para aquele quarto, você está cansado, vou trazer alguma coisa para você comer.

Os policiais não se atreveram a entrar na casa do bispo e o bandido ficou para passar a noite lá.

Quando o bandido descansou um pouco, o bispo foi falar com ele:

– Tenho pena de você, sente frio, sente fome, está sendo perseguido como um lobo, mas sinto pena de você acima de tudo porque fez muita maldade e perdeu sua alma. Pare de fazer maldades!

O bandido disse:

– Não, estou acostumado às maldades: vivi bandido e vou morrer bandido.

O bispo saiu, abriu todas as portas e foi dormir.

De noite, o bandido levantou e andou pelos cômodos da casa. Ficou admirado porque o bispo não havia trancado nada e deixara todas as portas escancaradas.

O bandido começou a observar em redor para ver o que ia roubar. Viu um grande castiçal de prata e pensou: “Vou levar isso, vale muito dinheiro, vou fugir daqui e não vou matar o velho”. Assim fez.

Os policiais não tinham se afastado da casa do bispo e vigiavam o bandido o tempo todo. Assim que ele saiu da casa, foi cercado e a polícia encontrou o castiçal escondido embaixo da sua roupa.

O bandido começou a negar, mas os policiais disseram:

– Se você nega as coisas que fez antes, não pode negar o roubo do castiçal. Vamos falar com o bispo, ele vai culpar você.

Levaram o ladrão à presença do bispo, mostraram o castiçal e perguntaram:

– Esse objeto é do senhor?

Ele respondeu:

– É meu.

Os policiais disseram:

– Roubaram esse objeto do senhor e aqui está o ladrão.

O bandido ficou calado e seus olhos, como os de um lobo, se esquivavam.

O bispo não falou nada, voltou para dentro de outra sala, pegou lá o par daquele castiçal, entregou ao bandido e disse:

– Por que você, meu amigo, só levou um castiçal? Eu lhe dei os dois de presente.

O bandido começou a chorar e disse aos policiais:

– Sou ladrão e bandido, me levem preso!

Depois ele disse ao bispo:

– Perdoe-me, em nome de Cristo, e reze a Deus por mim.

ERMAK

[História]

No tempo do tsar Ivan Vassílievitch, o Terrível, havia os ricos comerciantes Strógonov, que moravam em Perm, no rio Kama. Ouviram dizer que ao longo do rio Kama havia uma terra boa, num raio de cento e quarenta verstas; fazia séculos que não aravam aquela terra nem cortavam as árvores da floresta. Na mata, havia muitos animais selvagens, havia lagoas com muitos peixes ao longo do rio e ninguém vivia naquela terra, só tártaros às vezes passavam por lá.

Os Strógonov escreveram uma carta para o tsar: “Dê para nós aquela terra, vamos construir cidades, reunir um povo, fixar gente lá e não vamos mais deixar que os tártaros atravessem aquela terra”.

O tsar concordou e deu a terra para eles. Os Strógonov mandaram seus capatazes reunir o povo. E muita gente errante atendeu ao chamado. Todos que chegavam ganhavam dos Strógonov uma porção de terra, floresta, animais de criação, e não tinham de pagar o tributo do senhor de terras, bastava morar ali e, quando necessário, juntar-se para combater os tártaros. Assim aquela terra foi povoada pelo povo russo.

Passaram-se vinte anos. Os comerciantes Strógonov ficaram ainda mais ricos e começaram a achar que aquelas cento e quarenta verstas de terra ainda era pouco. Queriam mais terra. A cem verstas dali, ficavam os altos montes Urais e, depois daquelas montanhas, eles ouviram dizer que havia uma terra maravilhosa, que não tinha fim. O príncipe siberiano Kutchum era o senhor daquelas terras. Em tempos passados, Kutchum tinha sido obediente ao tsar russo, mas depois começou a se rebelar e agora ameaçava destruir as cidades dos Strógonov.

Os Strógonov escreveram para o tsar:

Você nos deu a terra, nós a pusemos sob o seu domínio; agora Kutchum, o reizinho dos ladrões, se rebela contra você, quer tomar essa terra e nos destruir. Dê ordem para ocuparmos a terra do outro lado dos montes Urais; vamos conquistar Kutchum e poremos toda a terra dele sob seu domínio.

O tsar concordou e escreveu: “Se vocês têm força para isso, tomem a terra de Kutchum. Só não tirem muita gente da Rússia”.

Quando receberam a resposta do tsar, os Strógonov mandaram seus capatazes convocar mais pessoas. E mandaram convencer sobretudo os cossacos do Volga e do Don. Naquele tempo, muitos cossacos viviam no Volga e no Don. Formavam bandos de duzentos, trezentos, seiscentos homens, escolhiam um atamã, andavam em barcos pequenos, interceptavam embarcações, saqueavam, e no inverno ficavam em povoados na beira do rio.

Os capatazes chegaram ao Volga e começaram a perguntar quais eram os cossacos de cada lugar. Respondiam:

– Os cossacos são muitos. Não têm casa. Há o Michka Tcherkáchenin; há o Sári-Azman... Mas não tem nenhum mais cruel do que Ermak Timoféitch, o atamã. O povo dele tem mil homens e dele têm medo não só o povo e os comerciantes: nem as tropas do tsar se atrevem a cruzar seu caminho.

Os capatazes foram ao encontro do atamã Ermak e tentaram convencê-lo a ir ao encontro dos Strógonov. Ermak recebeu os capatazes, escutou o que disseram e prometeu ir com seu povo no dia da Assunção da Virgem Maria.

No dia da Assunção, os cossacos chegaram para se juntar aos Strógonov – uns seiscentos homens e o atamã Ermak Timoféievitch. Primeiro, Strógonov mandou-os atacar os tártaros mais próximos. Os cossacos os mataram. Depois, quando não havia mais nada a fazer, os cossacos começaram a andar à toa pela região e roubar.

Strógonov chamou Ermak e disse:

– Agora não vou poder mais abrigar vocês, se vão fazer tanta maldade.

Mas Ermak disse:

– Eu mesmo não estou contente, meu povo não consegue se controlar, estão estragados pelo ócio. Arranje algum trabalho para nós.

Strógonov disse:

– Atravesse os montes Urais e trave guerra contra Kutchum, tome a terra dele. O tsar vai lhes dar uma recompensa. – E mostrou a Ermak a carta do tsar.

Ermak se alegrou, reuniu os cossacos e disse:

– Vocês me cobrem de vergonha na frente do senhor, ficam sempre saqueando sem nenhum motivo. Se não pararem, ele vai expulsar vocês, e aí para onde irão? No Volga, as tropas do tsar são muito grandes: vão nos capturar e nos fazer mal, por causa de nossos crimes antigos. E se estão com tédio, eis aqui um trabalho para vocês.

Mostrou a carta do tsar que permitia a Strógonov conquistar a terra do outro lado dos Urais. Os cossacos deliberaram um pouco e aceitaram ir. Ermak foi falar com Strógonov e os dois começaram a pensar na maneira como os cossacos iriam para lá.

Discutiram quantos barcos seriam necessários, quanto mantimento, quantas cabeças de gado, armas de fogo, pólvora, porcos, quantos intérpretes – prisioneiros tártaros –, quantos mestres de armas – alemães.

Strógonov pensou: “Ainda que me custe caro, tenho de dar tudo para eles, do contrário vão ficar aqui e me arruinar”. Strógonov concordou, juntou tudo e equipou Ermak e os cossacos.

No dia 1º de setembro, os cossacos e Ermak partiram pelo rio Tchussovaia em trinta e dois barcos, cada um com vinte homens. Viajaram quatro dias a remo, rio acima, e saíram no rio Serebriánaia. Dali para a frente, não puderam mais prosseguir de barco. Perguntaram aos guias e ficaram sabendo que dali era preciso passar para o outro lado da montanha, fazer uma travessia de vinte verstas a pé, e que só depois os rios recomeçavam. Os cossacos ficaram ali, construíram uma cidade e descarregaram todo o material que tinham trazido; abandonaram os barcos, fizeram carroças, colocaram tudo nas carroças e foram em frente por terra, para o outro lado da montanha. Toda a região era coberta de florestas e ninguém vivia lá. Seguiram dez dias por terra, deram no rio Jaróvnia. Ali pararam outra vez e começaram a construir barcos. Subiram a bordo e partiram rio abaixo. Navegaram cinco dias e chegaram a um lugar ainda mais bonito: um prado, uma floresta, um lago. Muitos peixes e muitos animais silvestres; os animais não tinham medo deles. Navegaram mais um dia, seguiram pelo rio Tura. No rio Tura, começaram a aparecer tártaros e povoados tártaros.

Ermak mandou alguns cossacos observar um povoado, ver como era e verificar se eram fortes. Foram vinte cossacos, assustaram e puseram em fuga todos os tártaros, tomaram todo o povoado e todo o gado. Mataram alguns tártaros, capturaram vivos outros tantos.

Com a ajuda do intérprete, Ermak perguntou aos tártaros quantas pessoas eles eram e sob o domínio

de quem viviam. Os tártaros disseram que faziam parte do reino da Sibéria e que seu rei era Kutchum. Ermak soltou os tártaros, mas levou consigo três deles, os mais inteligentes, para que lhe indicassem o caminho.

Navegaram em frente. Quanto mais avançavam, mais largo ficava o rio; e quanto mais distantes eram os locais, melhores ficavam. As pessoas apareciam em número cada vez maior. Só que não era um povo forte. E os cossacos conquistavam todos os povoados que apareciam no rio.

Em certo povoado, capturaram muitos tártaros e um velho tártaro importante. Perguntaram ao tártaro quem ele era. Respondeu:

– Sou Tauzik, sirvo ao meu rei Kutchum e, em nome dele, sou o chefe desta cidade.

Ermak perguntou a Tauzik a respeito do seu rei. A cidade da Sibéria ficava longe? Eram grandes as forças de Kutchum? Ele tinha muita riqueza? Tauzik contou tudo. Disse:

– Kutchum é o maior rei do mundo. Sua cidade é a Sibéria, a maior cidade do mundo. Nessa cidade, dizem que as pessoas e as cabeças de gado são tão numerosas quanto as estrelas no céu. E as forças do rei Kutchum são incalculáveis, nem todos os reis juntos podem vencê-lo na guerra.

Ermak disse:

– Nós, russos, viemos aqui para travar guerra contra seu rei e tomar sua cidade; pôr tudo sob o domínio do tsar russo. Nossas forças são grandes. Os que vieram comigo são só a vanguarda, atrás vêm mais barcos, nem se pode calcular quantos são, e todos trazem armas de fogo. Os tiros de nossos fuzis atravessam as árvores, não são como seus arcos e flechas. Olhe, veja só.

E Ermak atirou numa árvore, que se partiu, e de todos os lados os cossacos começaram a atirar. De medo, Tauzik caiu de joelhos. Ermak lhe disse:

– Vá ao encontro do seu rei Kutchum e conte o que viu. Que ele se renda, pois, se não se render, vamos destruí-lo. – E soltou Tauzik.

Os cossacos continuaram navegando. Tomaram o grande rio Tobol e chegavam cada vez mais perto da cidade da Sibéria. Foram na direção do riacho Babassan, olharam – na margem, havia um povoado e, em torno do povoado, muitos tártaros.

Mandaram o intérprete ao encontro dos tártaros para saber que gente era aquela. O intérprete voltou e disse:

– As tropas de Kutchum se reuniram. E o comandante das tropas é o próprio genro de Kutchum, Mametkul. Ele me recebeu e mandou dizer que vocês devem voltar, senão ele vai destruir vocês.

Ermak reuniu os cossacos, desembarcou na margem e começou a atirar nos tártaros. Quando os tártaros ouviram os disparos, fugiram. Os cossacos os perseguiram, mataram alguns e capturaram outros. O próprio Mametkul escapou por pouco.

Os cossacos avançaram pelo rio. Seguiram pelo Írtich, um rio largo e rápido. Navegaram um dia pelo rio Írtich, chegaram a um povoado bonito e pararam ali. Os cossacos foram ao povoado. Assim que se aproximaram, os tártaros começaram a atirar flechas e feriram três cossacos. Ermiak mandou o intérprete dizer aos tártaros que entregassem a cidade, do contrário mataria todos. O intérprete voltou e disse:

– Aqui mora um súdito de Kutchum, Atik Murza Katchara. Ele tem forças numerosas e disse que não vai entregar a cidade.

Ermak reuniu os cossacos e disse:

– Bem, rapazes, se não tomarmos esse povoado, os tártaros vão fazer uma festa. E não vão nos deixar passar. Quanto mais rápido espalharmos o pavor entre os tártaros, mais fácil vai ser para nós. Desembarquem todos. Vamos atacar todos ao mesmo tempo.

Assim fizeram. Os tártaros ali eram muitos e corajosos.

Quando os cossacos atacaram, os tártaros atiraram flechas. Inundaram os cossacos de flechas. Alguns morreram, outros ficaram feridos.

Os cossacos ficaram enfurecidos, alcançaram os tártaros e mataram todos os que caíram em suas mãos.

No povoado, os cossacos acharam muitos bens, gado, tapetes, peles e mel. Enterraram os mortos, descansaram, juntaram os bens capturados e seguiram adiante nos barcos. Navegaram um pouco mais, olharam – na margem, erguia-se uma espécie de cidade, tropas cujo fim não dava para ver, toda aquela tropa rodeada por um fosso e o fosso cheio de mata fechada. Os cossacos pararam. Ficaram pensando; Ermak reuniu uma roda.

– E então, pessoal, como vai ser?

Os cossacos ficaram com medo. Alguns disseram:

– Temos de ir em frente pelo rio.

Outros disseram:

– Temos de voltar.

E começaram a se aborrecer, a discutir com Ermak. Disseram:

– Por que nos trouxe aqui? Já mataram e feriram muitos dos nossos; e aqui todos nós vamos acabar morrendo.

Começaram a se lamentar.

Ermak disse para seu sub-atamã, Ivan Koltso:

– Então, Vânia, o que você acha?

E Koltso respondeu:

– O que acho? Se não nos matarem hoje, vão matar amanhã; e se não for amanhã, vamos acabar morrendo de qualquer jeito, em casa. Por mim, vamos desembarcar, atacar os tártaros de frente e seja o que Deus quiser.

Ermak disse:

– Ah, meu bom Vânia! É isso mesmo. Eh, vocês, rapazes! Vocês não são cossacos, mas mulherzinhas. Parece que só servem mesmo para pescar esturjões e meter medo nas mulheres tártaras. Será que não enxergam? Se voltarmos agora, vão nos matar; se formos em frente, vão nos matar; se ficarmos parados aqui, vão nos matar. Para onde podemos ir? Depois do primeiro esforço, vai ficar mais fácil. Escutem, rapazes, meu pai tinha uma égua saudável. Ela puxava a carroça morro abaixo e em terra plana, mas quando era para subir, empacava, andava para trás, achava mais fácil. Então meu pai pegou um sarrafo, guiou a égua batendo com o sarrafo. Ela deu meia-volta, se sacudiu, arrebitou a carroça. Meu pai desatrelou a égua e lhe deu uma surra. Se ela tivesse puxado a carroça, não teria sofrido aquele tormento. A mesma coisa somos nós, rapazes. Só temos uma direção para ir: atacar os tártaros de frente.

Os cossacos caíram na gargalhada e disseram:

– Pelo visto, Timoféitch, você é mais inteligente do que nós; não pergunte nada para nós, que somos tolos. Vamos aonde você quiser. Não se morre duas vezes, a morte é uma só e dela ninguém escapa.

Ermak disse também:

– Pois bem, escutem, rapazes! Eis o que vamos fazer. Eles ainda não viram todos nós. Vamos nos separar em três grupos. Um vai ficar no meio e partir direto para eles, os outros dois vão cercar pela direita e pela esquerda. Quando os do meio chegarem, os tártaros vão pensar que ali estamos nós todos e vão pular em cima da gente. E então vamos atacar pelos lados. Pronto, rapazes. Se vencermos esses aqui, não vamos ter medo de mais ninguém. Nós mesmos vamos ser os reis.

Assim fizeram. Quando o grupo do meio chegou, os tártaros assoviaram, pularam; então atacaram, pela direita, Ivan Koltso e, pela esquerda, Mecheriak, o atamã. Os tártaros se assustaram, fugiram. Os cossacos os mataram. Dali em diante, ninguém mais se atrevia a lutar contra Ermak. E assim ele entrou na própria cidade da Sibéria. E lá se estabeleceu como se fosse o rei.

Pequenos reis começaram a vir para reverenciar Ermak. Tártaros começaram a se estabelecer na

Sibéria; Kutchum e seu genro Mametkul tinham medo de atacá-lo de frente, apenas andavam em círculos, enquanto pensavam num meio de destruí-lo.

No verão, na época das cheias, vieram uns tártaros falar com Ermak:

– Mametkul vem de novo contra você, juntou muitas tropas, está no rio Vagai.

Ermak atravessou rios, pântanos, riachos, florestas, avançou sorrateiramente com os cossacos, atacou Mametkul, matou muitos tártaros, capturou vivo o próprio Mametkul e levou-o para a Sibéria. Lá, já restavam poucos tártaros hostis e, no verão, Ermak atacou os que não quiseram se render; ao longo do rio Írtich e do rio Ob, Ermak conquistou tantas terras que não daria para contornar todas elas nem em dois meses de marcha.

Quando tomou toda aquela terra, Ermak mandou uma carta para Strógonov. “Tomei a cidade de Kutchum e fiz Mametkul prisioneiro, pus todo o povo daqui sob seu domínio. Só que perdemos muitos cossacos. Mande gente para cá, para ficarmos mais alegres. E a riqueza das terras daqui não têm fim.” E mandou junto peles caras: de raposa, de marta, de zibelina.

Assim se passaram dois anos. Ermak continuou dominando a Sibéria, mas a ajuda da Rússia não chegava e tinha sobrado pouca gente russa com Ermak.

Um dia, o tártaro Karacha mandou um mensageiro para Ermak e ele disse:

– Nós não nos rendemos a você, mas agora os nogais nos atacam. Mande suas tropas nos ajudar. Juntos, vamos vencer os nogais. E então juramos que não vamos mais atacar suas tropas.

Ermak acreditou no juramento deles e mandou quarenta homens com Ivan Koltso. Quando os quarenta homens chegaram, os tártaros se lançaram contra eles e os mataram; sobraram ainda menos cossacos.

Noutra ocasião, mercadores de peles mandaram avisar a Ermak que iam levar mercadorias para ele na cidade da Sibéria, mas que Kutchum e suas tropas estavam barrando o caminho e não os deixavam passar.

Ermak levou consigo cinquenta homens para liberar o caminho dos mercadores de peles. Chegou ao rio Írtich e não encontrou os mercadores de peles. Ficou ali para passar a noite. Era uma noite escura e chovia. Assim que os cossacos se deitaram para dormir, os tártaros apareceram de repente, atacaram os homens adormecidos e começaram a matá-los. Ermak levantou-se e começou a lutar. Foi ferido na mão por um golpe de faca. Saiu correndo para o rio. Os tártaros foram atrás. Ele entrou no rio. Não o viram mais. Não encontraram seu corpo e ninguém sabe como morreu.

No ano seguinte, chegaram as tropas do tsar e os tártaros foram pacificados.

¹ O Chat é um pequeno rio da região de Tula e o Don é um dos maiores rios da Rússia.

¹ Sl, XXXVI, 25.

¹ Nome de dois rios da Rússia.

¹ Período que, no calendário da Igreja Ortodoxa, começa na segunda-feira após o Domingo de Todos os Santos (o primeiro domingo depois de Pentecostes) e termina em 29 de junho, dia de São Pedro e São Paulo.

¹ Animais semelhantes a lobos pequenos. [N. A.]



527





TERCEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O REI E O FALCÃO

[Fábula]

Um rei soltou seu falcão predileto no encalço de uma lebre e saiu atrás, a galope.

O falcão pegou a lebre. O rei soltou a lebre e foi procurar água para beber. Numa colina, encontrou água. Só que ela caía gota a gota. O rei então pegou uma caneca na sela e colocou embaixo da água. A água escorria gota a gota e, quando a caneca ficou cheia, o rei levantou-a até a boca e quis beber. De repente, o falcão se agitou no braço do rei, sacudiu as asas e entornou a água. O rei colocou a caneca de novo embaixo das gotas. Esperou muito tempo até ficar cheia até a borda e de novo, quando aproximou a caneca da boca, o falcão se alvoroçou e entornou a água.

Quando, pela terceira vez, o rei pegou a caneca cheia e ergueu até os lábios, o falcão derramou a água de novo. O rei se irritou e, num ímpeto, jogou o falcão de encontro a uma pedra e matou-o. Os criados do rei se aproximaram e um deles subiu correndo para a nascente a fim de achar mais água e trazer rapidamente a caneca cheia. Só que o criado não trouxe água; voltou com a caneca vazia e disse:

– Não se pode beber essa água: a nascente está envenenada e o veneno passou para a água. Ainda bem que o falcão entornou a água. Se você bebesse, morreria.

O rei disse:

– Fui muito ingrato com o falcão: ele salvou minha vida e eu o matei.

A RAPOSA

[Fábula]

A raposa caiu numa armadilha, cortou o rabo e fugiu. E começou a pensar num jeito de esconder sua vergonha. Reuniu as raposas e tentou convencê-las a cortar o rabo.

– O rabo – disse ela – não serve para nada, é só um peso morto que carregamos à toa atrás de nós.

Uma raposa respondeu:

– Ah, você não diria isso se ainda tivesse seu rabo!

A raposa sem rabo se calou e foi embora.

UM CASTIGO SEVERO

[Conto]

Um homem foi à feira e comprou carne de vaca. Na feira, foi enganado: deram-lhe carne de vaca ruim e ainda por cima o roubaram no peso.

No caminho de volta para casa, ia praguejando. O rei encontrou-o e perguntou:

– Está praguejando contra quem?

E ele respondeu:

– Contra a pessoa que me enganou. Paguei por três libras e só me deram duas, e essa carne de vaca está ruim.

O rei disse:

– Vamos voltar à feira, me mostre quem enganou você.

O homem voltou e mostrou o comerciante. O rei pesou a carne: viu de fato que estavam enganando no peso. O rei disse:

– Como quer que eu castigue o comerciante?

O outro respondeu:

– Mandé que corte das próprias costas a mesma quantidade de carne que ele me roubou.

O rei disse:

– Está bem, pegue você uma faca e corte uma libra de carne do comerciante; mas preste atenção para que o peso seja exato, pois se cortar mais ou menos do que uma libra, você será culpado.

O homem calou-se e foi para casa.

O BURRO SELVAGEM E O BURRO DOMESTICADO

[Fábula]

Um burro selvagem avistou um burro domesticado, se aproximou e começou a elogiar a vida dele: que seu pelo era liso e sua comida era doce. Depois, quando puseram muita carga em cima do burro domesticado e o carroceiro começou a bater em suas ancas com um porrete, o burro selvagem disse:

– Não, meu caro, agora não invejo você, estou vendo que sua vida custa caro demais.

A LEBRE E O CÃO DE CAÇA

[Fábula]

Um dia, a lebre disse para o cão de caça:

– Por que você late quando nos caça? Você nos pegaria mais depressa se corresse calado. E latindo você só nos espanta na direção do caçador: ele escuta para onde estamos correndo, vem com a espingarda ao nosso encontro, nos mata e não dá nada para você.

O cão respondeu:

– Não é por isso que fico latindo. É só porque, quando sinto seu cheiro, me irrita e me alegro,

porque dali a pouco vou apanhar você; eu mesmo não sei por que não consigo deixar de latir.

O CERVO

[Fábula]

O cervo se aproximou do riacho para beber, viu sua imagem refletida na água e ficou alegre com seus chifres, porque eram grandes e ramificados, mas observou as pernas e disse:

– Só que minhas pernas são feias e franzinas.

De repente um leão deu um pulo e se jogou em cima do cervo. O cervo disparou a galope pelo campo aberto. Fugiu e, quando chegou à floresta, os chifres se engancharam nos galhos de um arbusto e o leão o apanhou. Quando estava morrendo, o cervo disse:

– Ai, como sou tolo! Aquilo que eu achava feio e franzino me salvou e aquilo que me deixava contente foi minha perdição.

AS LEBRES

[Descrição]

As lebres se alimentam à noite. No inverno, as lebres da floresta se alimentam da casca das árvores, as lebres do campo se alimentam de capim e brotos, as lebres de celeiro se alimentam dos grãos de cereal nos celeiros. De noite, as lebres deixam pegadas profundas e visíveis na neve.

As lebres são perseguidas por caçadores – homens, cães, lobos, raposas, corvos e águias. Se uma lebre andar direto, em frente, de manhã logo será encontrada pelas pegadas e será capturada; mas Deus deu à lebre a covardia e é essa covardia que a salva.

A lebre anda à noite pelos campos e pelas florestas sem nenhum medo de deixar pegadas bem claras na neve; mas, assim que começa a amanhecer, seus inimigos acordam: a lebre começa a ouvir ora o latido do cão, ora o zunido do trenó, ora as vozes dos mujiques, ora os estalidos do lobo pela mata, e, de medo, começa a se mover de um lado para outro. Corre para a frente, se assusta com alguma coisa e foge para trás, sobre as próprias pegadas. Ouve mais alguma coisa e pula com todo o ímpeto para o lado e corre para longe das pegadas anteriores. De novo esbarra com alguma coisa – de novo a lebre volta atrás e de novo salta para o lado. Quando o dia começa a clarear, ela descansa.

De manhã, os caçadores começam a analisar as pegadas da lebre, se confundem com as pegadas duplas e com os saltos de grande distância e ficam admirados com a esperteza da lebre. Mas a lebre nem pensa em ser astuta. Apenas tem medo de tudo.

O CACHORRO E O LOBO

[Fábula]

O cachorro dormiu do lado de fora da casa. Um lobo faminto veio correndo e quis devorar o cachorro. O cachorro disse:

– Lobo! Espere que eu coma, agora estou magro, só pele e osso. Escute, me dê um tempo, meus donos vão dar uma festa de casamento e aí vou comer à vontade, vou engordar. Então vai ser melhor para me devorar.

O lobo acreditou e foi embora. Ele voltou tempos depois e viu o cachorro deitado no telhado. O lobo perguntou:

– Então, já teve o casamento?

E o cachorro respondeu:

– Pois é, lobo. Da próxima vez que me apanhar dormindo do lado de fora, não espere mais o casamento.

OS IRMÃOS DO REI

[Conto]

Um rei estava andando pela rua. Um mendigo se aproximou e pediu uma esmola.

O rei não deu nada. O mendigo disse:

– Rei, pelo visto você esqueceu que Deus é o pai de todos; somos todos irmãos e todos temos de repartir nossos bens.

Então o rei parou e disse:

– Você diz a verdade. Somos irmãos e temos de repartir. – E deu ao mendigo uma moeda de ouro.

O mendigo agarrou a moeda de ouro e disse:

– Você deu pouco; será que é assim que se divide a riqueza com os irmãos? É preciso dividir tudo meio a meio. Você tem um milhão de moedas e me deu uma só.

Então o rei disse:

– É verdade que tenho um milhão de moedas e que lhe dei só uma; mas tenho tantos irmãos quantas moedas possuo.

O CEGO E O LEITE

[Fábula]

Um cego de nascença perguntou a um homem que enxergava:

– Qual é a cor do leite?

O homem que enxergava respondeu:

– A cor do leite é branca como papel.

O cego perguntou:

– Então essa cor estala na nossa mão como acontece com o papel?

O homem respondeu:

– Não, ela é branca como a farinha é branca.

O cego perguntou:

– Então essa cor é macia e seca como a farinha?

O homem respondeu:

– Não, ela é só branca mesmo, como uma lebre branca.

O cego perguntou:

– Então ela é fofa e peluda como uma lebre?

O homem respondeu:

– Não, ela é branca exatamente como a neve.

O cego perguntou:

– Então ela é fria como a neve?

E por mais exemplos que o homem que enxergava desse, o cego não conseguia entender o que era a cor branca do leite.

A LEBRE

[Descrição]

A lebre comum passava o inverno perto dos povoados. Quando chegava a noite, ela erguia uma orelha, escutava; depois erguia a outra, mexia o bigode, farejava e ficava quieta, apoiada nas patas traseiras. Depois dava um ou dois pulos pela neve funda e parava de novo, apoiada nas patas traseiras, e olhava para trás. Em todos os lados, não se via nada senão neve. A neve se estendia em ondas, branca como açúcar. Acima da cabeça da lebre, pairava o vapor da friagem e, através desse vapor, viam-se grandes estrelas brilhantes.

A lebre precisava atravessar uma estrada larga para chegar a um celeiro conhecido. Na estrada, ouvia-se o sibilo dos esquis dos trenós, o resfolegar dos cavalos, o rangido das poltronas dentro dos trenós.

A lebre parou de novo à beira da estrada. Mujiques caminhavam perto dos trenós, com a gola do caftã levantada. Mal se via seu rosto. Barba, bigode e pestanas estavam brancos. Da boca e do nariz, saía vapor. Os cavalos estavam suados e o gelo grudava no suor. Os cavalos se arrastavam presos às cangas, afundavam e atolavam em fossos de neve. Os mujiques avançavam, ultrapassavam, batiam nos cavalos com chicotes. Dois velhos caminhavam lado a lado e um contava para o outro como haviam roubado seu cavalo.

Quando o comboio passou, a lebre pulou para o outro lado da estrada e seguiu sorrateira na direção do celeiro. O cão de guarda do celeiro viu a lebre. Começou a latir e correu para cima dela. A lebre disparou pelos montes de neve na direção do celeiro; os montes de neve reduziam a velocidade da lebre, mas o cão, no décimo pulo, ficou preso na neve e parou. A lebre também parou, sentou-se apoiada nas patas traseiras e, devagar, avançou na direção do celeiro. Pelo caminho, na vegetação rasteira, ela encontrou duas lebres. Elas comiam e brincavam. A lebre brincou um pouco com suas camaradas, escavou a neve com elas, comeu um pouco de cereais e foi em frente. No povoado, ainda estava tudo quieto, o fogo das estufas estava apagado. Só se ouvia, através da parede, um choro de criança dentro de uma isbá e os estalos do gelo nas tábuas das isbás. A lebre entrou no celeiro e lá encontrou outras camaradas. Brincou com elas na eira coberta, comeu aveia do depósito, escalou o telhado cheio de neve e voltou para sua ravina, passando pelo celeiro e pela cerca viva. A aurora brilhava no leste, as estrelas começavam a diminuir e o vapor da geada subia da terra, ainda mais espesso. Numa aldeia próxima, as mulheres acordaram e foram buscar água; os mujiques traziam forragem dos celeiros; as crianças

gritavam e choravam. Pela estrada, os comboios de carroças de carga eram ainda maiores e os mujiques conversavam mais alto.

A lebre saltou para o outro lado da estrada, aproximou-se de sua velha toca, escolheu um cantinho um pouco mais alto, escavou a neve, deitou-se de lado dentro da toca nova, deitou as orelhas sobre as costas e adormeceu de olhos abertos.

O LOBO E O ARCO

[Fábula]

Um caçador foi caçar de arco e flecha, matou uma cabra, pôs sobre os ombros e levou-a. No caminho, avistou um javali. O caçador tirou a cabra dos ombros, disparou flechas no javali e o feriu. O javali se atirou contra o caçador, estraçalhou-o até a morte, mas ele mesmo morreu também. Um lobo farejou sangue e foi até o lugar onde estavam a cabra, o javali, o homem e seu arco. O lobo ficou alegre e pensou: “Agora vou comer até me fartar; só que não vou comer tudo de uma vez, vou comer aos poucos, para não perder nada: primeiro vou comer o mais duro, depois comer o que for mais macio e mais doce”.

O lobo farejou a cabra, o javali e o homem e disse:

– Essa comida é macia, vou deixar para comer depois. Primeiro vou comer a veia que usaram para fazer a corda nesse arco.

E começou a roer a corda do arco. Quando mordeu, a corda estalou e o golpe feriu o lobo na barriga. O lobo morreu na hora e outros lobos vieram e comeram o homem, a cabra, o javali e o lobo.

COMO O MUJIQUE DIVIDIU O GANSO

[Conto]

Um mujique pobre não tinha pão. Então pensou em pedir pão ao patrão. Para não ir falar com o patrão de mãos abanando, pegou um ganso, assou e levou. O patrão recebeu o ganso e disse para o mujique:

– Obrigado pelo ganso, mujique, só não sei como vamos dividir seu ganso. Veja, tenho esposa, dois filhos e duas filhas. Como vamos dividir o ganso sem prejudicar ninguém?

O mujique respondeu:

– Eu divido.

Pegou um canivete, cortou a cabeça e disse para o patrão:

– Você é a cabeça da casa toda, a cabeça fica para você.

Depois cortou a parte de trás do ganso e deu para a mulher do patrão:

– Você fica em casa, cuida da casa, você fica com a parte de trás.

Depois cortou as coxas e deu para os filhos:

– Vocês ficam com as pernas, para trilhar os caminhos do pai.

E para as filhas deu as asas:

– Em breve vocês vão embora de casa voando, então para vocês ficam as asinhas. E o resto fica para mim!

E pegou o ganso inteiro.

O patrão riu, deu pão e dinheiro para o mujique.

Um mujique rico soube que o patrão, em troca do ganso, recompensou o mujique pobre com pão e dinheiro e então assou cinco gansos e levou para o patrão.

O patrão disse:

– Obrigado pelos gansos. Mas eu tenho esposa, dois filhos, duas filhas, somos seis ao todo. Como vamos dividir seus gansos entre nós de modo igual?

O mujique rico pensou e não conseguiu inventar nada.

O patrão mandou chamar o mujique pobre e mandou-o dividir. O mujique pobre pegou um ganso e deu para o patrão e para sua esposa e disse:

– Vocês dois e mais o ganso são três.

Deu um ganso para os filhos:

– Vocês também são três.

Deu um para as filhas:

– Vocês também são três.

Pegou dois gansos para si:

– Pronto, nós também somos três: tudo foi dividido por igual.

O patrão riu e deu ao mujique pobre mais pão e dinheiro e mandou embora o mujique rico.

O MOSQUITO E O LEÃO

[Fábula]

O mosquito voou para perto do leão e disse:

– Você acha que sua força é maior do que a minha? Pois não é! Que força você tem? Arranha com as unhas e morde com os dentes, mas é isso o que fazem as mulheres quando brigam com os mujiques. Sou mais forte do que você; se quiser, vamos travar uma guerra!

E o mosquito começou a zumbir e picou o leão nas bochechas nuas e no focinho. O leão começou a bater com as patas na própria cara e se feriu com as garras; o rosto inteiro se cobriu de sangue e ele se debateu até ficar esgotado.

O mosquito zumbiu de alegria e foi embora voando. Depois se emaranhou numa teia de aranha e a aranha começou a sugar o sangue do mosquito. O mosquito disse:

– Venci o mais forte dos animais e vou morrer por causa de uma aranha nojenta.

AS MACIEIRAS

[Conto]

Plantei duzentas mudas de macieira, durante três anos escavei em volta das macieiras na primavera e no outono e no inverno as envolvi com palha para protegê-las das lebres. No quarto ano, quando a neve derreteu, fui olhar minhas macieiras. Tinham engrossado no inverno; a casca estava reluzente e cheia de seiva; todos os ramos estavam fortes e em todas as pontinhas e bifurcações havia brotos de flor redondos como ervilhas. Em alguns lugares, os botões já rebentavam e viam-se pontas de pétalas vermelhas. Eu

sabia que todos os botões dariam flores e frutos e me alegrei ao olhar para minhas macieiras. Mas quando retirei a palha que cobria a primeira macieira, vi que embaixo, bem junto à terra, a casca estava roída num círculo até a madeira, formando um anel branco. Os ratos fizeram aquilo. Descobri outra macieira e nela também havia a mesma coisa. Das duzentas macieiras, nenhuma havia escapado. Passei piche e cera nos locais roídos; mas quando as macieiras floriram, as flores logo caíram. Nasceram folhinhas miúdas, que se desbotaram e murcharam. A casca enrugou e ficou preta. Das duzentas macieiras, só restaram dez. Nessas dez, a casca não tinha sido roída num círculo completo, havia ficado uma tira de casca no anel branco. Naquelas tiras, no lugar onde a casca tinha sido arrancada, formaram-se calombos, e as macieiras, embora enfraquecidas, não morreram. Todas as outras se perderam, só abaixo dos locais roídos nasceram brotos, mas todos selvagens.

A casca das árvores é como as veias das pessoas: através das veias o sangue circula pelo corpo e através da casca a seiva circula pela árvore, sobe para os ramos, folhas e flores. Podemos escavar toda a parte interna de uma árvore que ela não morre, como acontece com os salgueiros velhos, mas só se a casca estiver viva a árvore continuará a viver; se a casca se for, a árvore está perdida. Se uma pessoa cortar as veias, vai morrer, primeiro porque o sangue vai escorrer para fora do corpo, e depois porque o sangue não vai mais circular pelo corpo.

Assim também uma bétula começa a murchar quando as crianças abrem um buraco no tronco para beber sua seiva e toda a seiva escorre para fora.

Assim também as macieiras morreram, porque os ratos roeram um anel completo na casca e a seiva já não encontrou mais um caminho da raiz até os ramos, folhas e flores.

O CAVALO E O DONO

[Fábula]

Um jardineiro tinha um cavalo. O cavalo tinha trabalho demais e comida de menos. E começou a pedir a Deus que arranjasse outro dono para ele. Assim aconteceu. O jardineiro vendeu o cavalo para um oleiro. O cavalo ficou contente, mas com o oleiro passou a trabalhar ainda mais do que antes. E de novo começou a queixar-se de seu destino e pediu a Deus que arranjasse um dono melhor para ele. E assim aconteceu. O oleiro vendeu o cavalo para o dono de um curtume. Quando o cavalo viu peles de cavalo penduradas no pátio do curtume, deu um gemido:

– Ah, que desgraça, pobre de mim! Era melhor ter ficado com o patrão do início: desta vez, pelo visto, não me venderam pelo trabalho, mas pelo meu couro.

OS PERCEVEJOS

[Conto]

Parei para dormir numa estalagem na estrada. Antes de deitar, peguei uma vela e observei os cantos da cama e das paredes e, quando percebi que havia percevejos em todos os cantos, comecei a imaginar como faria para passar a noite de um jeito que os percevejos não me alcançassem.

Eu tinha trazido uma cama de armar, mas sabia que, se a colocasse no meio do quarto, os percevejos

rastejariam das paredes para o chão e, do chão, subiriam pelos pés da cama e me alcançariam; por isso pedi ao dono da estalagem quatro vasos de madeira, enchi de água e coloquei cada pé da cama dentro de um vaso com água. Deitei, pus a vela no chão e fiquei olhando para ver o que os percevejos iam fazer. Havia muitos percevejos e eles já tinham me farejado; vi como rastejaram pelo chão, subiram até a beirada dos vasos, uns caíram na água e os outros tombaram para trás. “Fui mais esperto do que vocês”, pensei, “agora não vão me alcançar.” E já ia apagar a vela quando, de repente, senti uma picada. Olhei: um percevejo. Como ele conseguiu chegar até mim? Menos de um minuto depois, achei outro percevejo. Comecei a procurar e tatear para descobrir como tinham me alcançado.

Demorei muito tempo para entender, mas afinal olhei para o teto e vi – um percevejo rastejava pelo teto; assim que ele ficou bem em cima da cama, se despreendeu do teto e caiu em cima de mim. “Não”, pensei, “ninguém é mais esperto do que vocês.” Vesti o casaco de pele e fui para o lado de fora.

O VELHO E A MORTE

[Fábula]

Um velho cortou lenha e levou para casa. O caminho era longo; ele ficou cansado, baixou o feixe de lenha e disse:

– Ah, por que a morte não me leva logo?

A morte chegou e disse:

– Aqui estou. O que você quer?

O velho se assustou e respondeu:

– Levante esse feixe de lenha para mim.

COMO OS GANSOS SALVARAM ROMA

[História]

No ano de 390 antes de Cristo, os povos bárbaros da Gália atacaram Roma. Os romanos não conseguiram enfrentá-los e alguns fugiram da cidade, mas outros se trancaram numa fortaleza. Essa fortaleza se chamava Capitólio. Só os senadores ficaram na cidade. Os gauleses entraram na cidade, mataram todos os senadores e incendiaram Roma. No meio de Roma, só restou a fortaleza, o Capitólio, que os gauleses não conseguiram tomar. Os gauleses queriam saquear o Capitólio porque sabiam que lá dentro havia muitas riquezas. Mas o Capitólio ficava num monte escarpado: de um lado, havia muralhas e portões, do outro, um precipício vertical. À noite, às escondidas, os gauleses subiram pelo precipício na direção do Capitólio: apoiaram-se uns nos outros e foram passando as lanças e as espadas de um para o outro.

Assim escalaram aos poucos o precipício e nem os cachorros perceberam nada.

Já haviam começado a galgar a muralha, quando de repente os gansos sentiram cheiro de gente, começaram a grasnar e a estalar as asas. Um romano acordou, correu para a muralha e lançou um gaulês precipício abaixo. O gaulês caiu e derrubou outro. Então os romanos vieram correndo e começaram a despejar pedras e troncos pelo precipício e mataram muitos gauleses. Depois chegou o socorro a Roma e os gauleses foram expulsos.

Desde então, os romanos criaram um feriado para lembrar esse fato. Nesse dia, os sacerdotes se enfeitam e percorrem a cidade; um deles leva um ganso e puxa um cachorro preso a uma corda. O povo se aproxima do ganso e faz uma saudação para ele e para o sacerdote: dão presentes para o ganso e batem com um pau no cachorro até ele morrer.

POR QUE AS ÁRVORES ESTALAM NO FRIO?

[Raciocínio]

É porque as árvores têm umidade e essa umidade congela, como a água. Quando a água congela, se dilata; quando não tem mais espaço para se dilatar, ela racha a árvore.

Se você puser água dentro de uma garrafa e deixar num frio forte, a água vai congelar e partir a garrafa.

Quando a água se transforma em gelo, esse gelo tem tanta força que, se você encher de água um canhão feito de ferro fundido e a água congelar, o gelo vai rachar o canhão.

Por que a água não se contrai quando congela, como acontece com o ferro no frio, e em vez disso se dilata? É porque, quando a água congela, suas partículas se ligam umas às outras de outro modo e, entre elas, há mais espaços vazios.

Para que a água não se contrai quando congela? É para que a água nos rios e nos lagos não fique congelada até o fundo.

O gelo se dilata com o frio, se torna mais leve do que a água e flutua sobre ela, e por baixo a água fica só um pouco congelada e se torna mais grossa, porém jamais congela até o fundo. Se a água se contraísse com o frio, como o ferro se contrai, a água congelada por cima do rio afundaria, porque o gelo seria mais pesado do que a água. Depois a água de cima congelaria de novo e afundaria, e assim os lagos e os rios ficariam congelados do fundo até em cima.

A UMIDADE

[Raciocínio]

I

Por que a aranha às vezes faz uma teia e fica parada bem no meio de sua casa e, outras vezes, sai dali e tece uma teia nova?

A aranha constrói a teia conforme o tempo que está fazendo e que vai fazer. Olhando a teia, a gente pode saber que tempo vai fazer; se a aranha está parada, escondida no meio da teia, e não sai, vai chover. Se ela sai da toca e faz outra teia, o tempo vai ser bom.

Como a aranha pode saber que tempo vai fazer?

A sensibilidade da aranha é tão aguçada que, quando a umidade do ar apenas começa a crescer e nós nem percebemos essa umidade e para nós o tempo continua claro, para a aranha já está chovendo.

É a mesma coisa que acontece com um homem nu que logo sente a umidade, enquanto um homem

vestido não percebe nada; assim também para a aranha já está chovendo, enquanto para nós a chuva está só se formando.

II

Por que no outono e no inverno as portas incham e não fecham, mas no verão encolhem e fecham?

É porque no outono e no inverno a madeira se enche de água, como uma esponja, e fica encharcada, e no verão a água evapora e a madeira encolhe.

Por que a madeira fraca – de choupo – incha mais e a do carvalho, menos?

É porque na madeira forte – do carvalho – há menos espaços vazios e a água não tem onde se acumular; já na madeira fraca – do choupo – há mais espaços vazios e a água tem onde se acumular. Na madeira podre, há ainda mais espaços vazios e por isso a madeira podre incha mais e se encolhe mais.

As abelhas fazem as colmeias na madeira mais fraca e podre: as melhores colmeias são feitas em bambus podres. Por quê? É porque o ar passa através de um bloco de madeira podre e, para as abelhas, o ar fica mais fresco dentro da colmeia.

Por que as tábuas úmidas entortam?

É porque elas secam de modo desigual. Se você colocar uma tábua úmida com um lado virado para a estufa, a água vai sair dali, a madeira vai encolher desse lado e vai esticar do outro lado; o lado úmido não pode encolher, porque ali tem água dentro da madeira – e assim a tábua toda se entorta.

Para que o piso não fique torto, cortam as tábuas secas em pedaços pequenos e esses pedaços são postos para ferver. Quando toda a água deles evapora, os pedaços colam e já não entortam mais (assoalho).

A UNIÃO DIFERENTE DAS PARTÍCULAS

[Raciocínio]

Por que os amortecedores embaixo das carroças se cortam e os cubos das rodas embaixo das carruagens se gastam quando não são feitos de carvalho, mas sim de bétula? Os amortecedores e os cubos das rodas têm de ser fortes e o carvalho não é mais caro do que a bétula. O carvalho se racha ao comprido; já a bétula não racha, mas se desfaz toda.

O carvalho, apesar de ser mais denso do que a bétula, é unido de tal modo que racha ao comprido, enquanto a bétula não racha.

Por que as rodas e os esquis dos trenós são feitos de carvalho e de olmo, em vez de serem moldados de bétula e de tília?

É porque o carvalho e o olmo, quando aquecidos no vapor, entortam mas não quebram; já a bétula e a tília se desfazem para todos os lados.

Tudo isso porque as partículas da madeira são unidas de maneira diferente no carvalho e na bétula.

O LEÃO E A RAPOSA

De tão velho, o leão já não conseguia pegar bichos e por isso resolveu viver com astúcia: foi para uma caverna, deitou e fingiu que estava doente. Os animais começaram a visitar o leão e ele comia os que entravam na caverna. A raposa entendeu o truque, parou na entrada da caverna e disse:

– E então, leão, como vai?

O leão respondeu:

– Vou mal. Mas por que você não entra?

A raposa disse:

– Não entro porque vejo pelas pegadas no chão que muitos entram e ninguém sai.

O JUIZ JUSTO

[Conto]

O rei Baiakás, da Argélia, quis descobrir se era mesmo verdade o que lhe contavam: que numa de suas cidades havia um juiz justo capaz de reconhecer a verdade imediatamente e que nenhum vigarista conseguia enganá-lo. Baiakás se disfarçou de mercador e viajou montado num cavalo até a cidade onde morava o juiz. Na entrada da cidade, um aleijado chegou perto de Baiakás e pediu esmola. Baiakás lhe deu uma esmola e quis ir em frente, mas o aleijado insistiu, pedindo mais dinheiro.

– O que mais você quer? – perguntou Baiakás. – Já não lhe dei a esmola?

– Esmola você deu – respondeu o aleijado –, mas faça a caridade de me levar no seu cavalo até a praça, senão os cavalos e os camelos vão me esmagar.

Baiakás acomodou o aleijado atrás de si e levou-o até lá. Na praça, Baiakás deteve o cavalo. Mas o mendigo não desmontou. Baiakás disse:

– Continua montado? Desça, já chegamos.

Mas o mendigo respondeu:

– Para que descer? O cavalo é meu; se não quer me entregar o cavalo por bem, vamos falar com o juiz.

O povo se juntou em volta deles e ouviu sua discussão; todos começaram a gritar:

– Vão ao juiz, ele vai julgar vocês.

Baiakás e o aleijado foram ao encontro do juiz. O tribunal estava cheio de gente e o juiz chamava pela ordem as pessoas que ia julgar. Antes de chegar a vez de Baiakás, o juiz chamou um sábio e um mujique; estavam sendo julgados por causa da esposa. O mujique dizia que a esposa era dele e o sábio dizia que era sua. O juiz escutou os dois, ficou um momento calado e disse:

– Deixem a esposa na minha casa e venham amanhã.

Quando eles foram embora, vieram um açougueiro e um fabricante de manteiga. O açougueiro estava coberto de sangue e o fabricante de manteiga estava lambuzado de manteiga. O açougueiro trazia dinheiro na mão, o fabricante de manteiga segurava a mão do açougueiro. O açougueiro disse:

– Comprei manteiga desse homem e peguei a bolsa para pagar, mas ele me agarrou pela mão e quis tirar o dinheiro. Por isso viemos aqui: trago na mão a bolsa e ele segura minha mão. Mas o dinheiro é meu e ele é um ladrão.

O fabricante de manteiga disse:

– Não é verdade. O açougueiro veio comprar manteiga. Quando enchi para ele um jarro inteiro,

pediu que eu desse o troco. Peguei o dinheiro e coloquei em cima do banco, mas ele apanhou as moedas e quis fugir. Segurei sua mão e vim para cá.

O juiz ficou um momento calado e disse:

– Deixem o dinheiro aqui e venham amanhã.

Quando chegou a vez de Baiakás e do aleijado, Baiakás contou o que tinha acontecido. O juiz escutou e perguntou ao mendigo. O mendigo disse:

– É tudo mentira. Eu estava andando a cavalo pela cidade, ele estava sentado no chão e pediu que eu o levasse. Montei-o no cavalo comigo e o levei aonde queria ir; só que ele não quis mais descer do cavalo e disse que o cavalo era dele. É mentira.

O juiz pensou um momento e disse:

– Deixem o cavalo comigo e venham amanhã.

No dia seguinte, muita gente veio ver o que juiz ia decidir.

Primeiro, vieram o sábio e o mujique.

– Leve sua esposa – disse o juiz para o sábio – e deem cinquenta pauladas no mujique.

O sábio levou a esposa e o mujique foi castigado na mesma hora.

Depois o juiz chamou o açougueiro.

– O dinheiro é seu – disse para o açougueiro; depois apontou para o fabricante de manteiga e lhe disse: – E nele deem cinquenta pauladas.

Então chamaram Baiakás e o aleijado:

– Você reconhece seu cavalo entre outros vinte? – perguntou o juiz para Baiakás.

– Reconheço.

– E você?

– Também reconheço – disse o aleijado.

– Venha comigo – disse o juiz para Baiakás.

Foram para a cocheira. Baiakás logo apontou seu cavalo no meio dos outros vinte. Depois o juiz chamou o aleijado para a cocheira e mandou que apontasse para o cavalo. O aleijado reconheceu o cavalo e apontou para ele. Então o juiz sentou-se em seu lugar e disse para Baiakás:

– O cavalo é seu; pode levar. E no mendigo, deem cinquenta pauladas.

Depois do julgamento, o juiz foi para casa e Baiakás foi atrás dele.

– O que quer? Não ficou satisfeito com minha decisão? – perguntou o juiz.

– Não, estou satisfeito, sim – disse Baiakás. – Só queria saber como você soube que a esposa era do sábio e não do mujique, que o dinheiro era do açougueiro e não do fabricante de manteiga, e que o cavalo era meu e não do aleijado.

– Quanto à mulher, eu soube assim: chamei a mulher de manhã e disse: ponha tinta no meu tinteiro. Ela pegou o tinteiro, lavou-o depressa e com habilidade e encheu-o de tinta. Portanto, estava habituada a fazer isso. Se fosse esposa do mujique, não saberia fazer isso. Logo, o sábio disse a verdade. Quanto ao dinheiro, eu soube assim: coloquei as moedas num vaso com água e olhei hoje de manhã, para ver se tinham soltado manteiga na água. Se o dinheiro fosse do fabricante de manteiga, as moedas teriam sido lambuzadas por suas mãos engorduradas. Não havia manteiga na água, portanto o açougueiro disse a verdade. Quanto ao cavalo, foi mais difícil descobrir. Tanto você como o aleijado conseguiram identificar rapidamente o cavalo no meio de outros vinte. Mas não chamei vocês dois à cocheira para ver se conseguiam identificar o cavalo no meio de outros vinte, e sim para ver qual dos dois o cavalo reconhecia. Quando você se aproximou do cavalo, ele virou a cabeça, esticou-se na sua direção. Mas quando o aleijado o tocou, o cavalo encolheu as orelhas e levantou a cabeça. Por isso eu soube que você é o verdadeiro dono do cavalo.

Então Baiakás disse:

– Não sou um mercador, e sim o rei Baiakás. Vim aqui para ver se era mesmo verdade o que dizem

sobre você. Agora vejo que é um juiz sábio. Peça o que quiser, vou lhe dar uma condecoração.

O juiz disse:

- Não preciso de condecorações; já estou bastante feliz porque o meu rei me elogiou.

O CERVO E O VINHEDO

[Fábula]

O cervo escondeu-se dos caçadores no vinhedo. Quando os caçadores passaram sem vê-lo, o cervo começou a comer as folhas do vinhedo.

Os caçadores notaram que as folhas estavam balançando e pensaram: “Será que não tem um bicho atrás das folhas?”. Atiraram e feriram o cervo.

O cervo disse, ao morrer:

- Bem feito para mim, que quis comer as mesmas folhas que tinham me salvado.

O FILHO DO REI E SEUS CAMARADAS

[Conto]

O rei tinha dois filhos. O rei adorava o mais velho e lhe deu o reino inteiro. A mãe teve pena do filho mais novo e discutiu com o rei. O rei se irritou com ela e todo dia os dois brigavam por causa disso. O filho mais novo do rei pensou: “É melhor eu ir para outro lugar”. Despediu-se do pai e da mãe, vestiu roupas modestas e saiu a perambular pelo mundo.

Na estrada, encontrou um mercador. O mercador contou ao príncipe que já havia sido um homem rico, mas que todas as suas riquezas tinham afundado no mar e que ele estava indo para terras estrangeiras em busca da felicidade.

Seguiram viagem juntos. No terceiro dia, mais um camarada se uniu a eles. Conversaram e o novo camarada contou que era um mujique; tinha terra e uma casa, mas veio a guerra, suas plantações foram pisoteadas e sua casa foi incendiada, ele não tinha mais como viver e agora ia procurar trabalho em terras estrangeiras.

Seguiram viagem juntos. Aproximaram-se de uma grande cidade e pararam para descansar. Então o mujique disse:

- Bem, irmãos, vamos caminhar, agora chegamos à cidade, vamos ter de trabalhar, cada um vai fazer o que sabe.

O mercador disse:

- Eu sei fazer comércio. Se eu tivesse algum dinheiro, por pouco que fosse, faria muitos negócios.

E o príncipe disse:

- Pois eu não sei nem trabalhar nem comerciar, só sei reinar. Se eu tivesse um reino, reinaria bem.

E o mujique disse:

- Pois eu não preciso de dinheiro nem de um reino; bastam os pés para andar e os braços para mexer que consigo sobreviver e ainda produzo alimento para vocês. Já vocês dois, enquanto esperam um o dinheiro e o outro um reino, vão morrer de fome.

O príncipe disse:

– O mercador precisa de dinheiro, eu preciso de um reino e você precisa de força para trabalhar; mas o dinheiro, o reino e a força vêm de Deus. Se Deus quiser, vai me dar um reino e força para você, mas se não quiser, não dará força para você nem um reino para mim.

O mujique não quis ouvir e foi para a cidade. Na cidade, ele arranhou um serviço, carregando lenha. À tardinha lhe deram dinheiro. O mujique levou o dinheiro para os camaradas e disse:

– Enquanto vocês se preparam para reinar, eu já ganhei dinheiro com o trabalho.

No dia seguinte, o mercador pediu dinheiro ao mujique e foi à cidade.

Na feira, o mercador soube que na cidade havia pouca manteiga e que esperavam um novo carregamento a qualquer dia. O mercador foi ao porto e ficou observando os navios. Chegou um navio com manteiga. Antes de todo mundo, o mercador entrou no navio, procurou o dono, comprou toda a manteiga e pagou um sinal. Depois o mercador correu à cidade, revendeu a manteiga e, com seus esforços, multiplicou por dez o dinheiro que o mujique lhe dera, e levou para seus camaradas.

O príncipe disse:

– Bem, agora é minha vez de ir à cidade. Vocês dois tiveram sorte, talvez eu também tenha. Para Deus, nada é difícil: dar trabalho para você, mujique, dar lucro para o mercador, dar um reino para o príncipe.

O príncipe entrou na cidade, viu que o povo andava pelas ruas e chorava. O príncipe perguntou por que estavam chorando. Responderam:

– Será que não sabe que nosso rei morreu esta noite? E não temos como achar outro rei igual. Deve ter sido envenenado pelos nossos malfeitores.

O príncipe riu e disse:

– Não pode ser.

De repente um homem observou bem o príncipe, percebeu que ele falava de modo diferente, que não estava vestido como todos na cidade e gritou:

– Pessoal! Esse sujeito foi enviado aqui pelos nossos malfeitores para espionar nossa cidade. Talvez ele mesmo tenha envenenado o rei. Vejam, ele fala de um jeito diferente e ri quando todos nós estamos chorando. Agarrem e levem para a prisão!

Agarraram o príncipe, levaram para a prisão e não lhe deram comida por dois dias. No terceiro dia, vieram buscar o príncipe e o levaram a julgamento. Muita gente se juntou para ver como iam julgar o príncipe.

No tribunal, perguntaram ao príncipe quem ele era e por que estava na cidade. O príncipe respondeu:

– Sou filho de um rei. Meu pai deu todo o reino a meu irmão mais velho, minha mãe tomou meu partido e, por minha causa, minha mãe e meu pai brigaram. Eu não queria isso, me despedi do pai e da mãe e fui andar pelo mundo. No caminho, encontrei dois camaradas: um mercador e um mujique, e com eles cheguei à sua cidade. Quando paramos para descansar perto da cidade, o mujique disse que agora era preciso trabalhar, cada um fazendo o que sabia; o mercador disse que sabia fazer negócios, mas que não tinha dinheiro; eu disse que só sabia reinar, mas não tinha reino. O mujique disse que nós íamos morrer de fome esperando o dinheiro e um reino, mas que ele tinha força nos braços e que nos daria o que comer. Ele veio para a cidade, ganhou dinheiro com seu trabalho e levou para nós. O mercador pegou o dinheiro, veio para a cidade e multiplicou por dez. Então eu vim para a cidade e me prenderam sem nenhum motivo, me puseram na prisão, não me deram comida durante dois dias e agora querem me executar. Mas eu não tenho medo de nada disso, porque sei que tudo vem de Deus e, se Deus quiser, vocês vão me executar sem nenhum motivo, mas se Ele quiser, vocês farão de mim seu rei.

Quando o príncipe contou tudo isso, o juiz ficou calado sem saber o que dizer. De repente, um homem no meio do povo começou a gritar:

– Foi Deus que nos mandou esse príncipe. Não vamos achar outro rei melhor! Vamos elegê-lo nosso rei!

E todos o elegeram rei.

Quando foi eleito rei, o príncipe mandou trazer seus camaradas para a cidade. Quando lhes disseram que o rei exigia sua presença, os dois se assustaram: acharam que tinham feito alguma coisa na cidade. Mas não podiam fugir e foram levados ao rei. Os dois se curvaram aos pés do rei, mas ele mandou que se levantassem. Então reconheceram que era seu camarada. O rei contou tudo o que havia acontecido e lhes disse:

– Estão vendo como estou com a razão? O bom e o mau, tudo vem de Deus. E para Deus não é mais difícil dar um reino do que dar lucro ao mercador e trabalho ao mujique.

Ele lhes deu uma recompensa e passaram a viver no seu reino.

A GRALHAZINHA

[Fábula]

Certa vez, um eremita viu um falcão na floresta. O falcão levou um pedaço de carne para um ninho, rasgou a carne em pedaços pequenos e deu a comida para uma gralhazinha.

O eremita ficou admirado ao ver que o falcão alimentava um filhote de gralha e pensou: “É uma gralhazinha, mas Deus não a abandonou, ensinou aquele falcão a alimentar o filhote de outra ave. É claro que Deus alimenta todas as criaturas, enquanto nós sempre pensamos em nós mesmos. Vou parar de me preocupar comigo, não vou mais procurar alimento para mim. Deus não abandona nenhuma criatura e não vai me deixar”.

Assim fez: ficou sentado na floresta sem sair do lugar, só rezava para Deus. Ficou três dias e três noites sem comer e sem beber. No terceiro dia, o eremita estava tão fraco que não conseguia levantar a mão. De fraqueza, adormeceu. E sonhou com um ancião. O ancião se aproximou dele e disse:

– Por que não arranja comida? Acha que vai agradar a Deus, mas está cometendo um pecado. Deus fez o mundo de modo que toda criatura obtenha sozinha aquilo de que precisa. Deus mandou o falcão alimentar a gralhazinha porque ela estaria perdida sem o falcão; mas você pode trabalhar por sua conta. Quer pôr Deus à prova e isso é pecado. Acorde e trabalhe como fazia antes.

O eremita acordou e passou a viver como antes.

COMO APRENDI A ANDAR A CAVALO

[Conto de um patrão]

Quando morávamos na cidade, estudávamos todos os dias, só nos domingos e feriados eu e meus irmãos íamos passear e brincávamos. Certa vez, papai disse:

– Temos de ensinar os filhos mais crescidos a andar a cavalo. Mande-os para a escola de equitação.

Eu era o menor de todos e perguntei:

– E eu não posso aprender?

Papai respondeu:

– Você vai cair.

Comecei a pedir que também me ensinassem a montar e fiquei à beira de chorar. Papai disse:

– Bem, está certo, você vai também. Mas preste atenção: não chore quando cair. Quem não cai uma vez do cavalo nunca aprende a montar.

Quando chegou a quarta-feira, nos levaram os três à escola de equitação. Entramos num alpendre grande e do alpendre passamos para outro menor. Para baixo, havia um salão muito amplo. Ali, em lugar de assoalho havia areia. E nesse salão andavam a cavalo senhores, senhoras e também meninos como nós. Ali era a escola de equitação. Não era um lugar claro, tinha cheiro de cavalo, ouvia-se o barulho das chicotadas, os gritos que davam para os cavalos e as batidas dos cascos nas tábuas das paredes. No início, fiquei assustado e não consegui entender nada. Depois nosso preceptor chamou o instrutor de equitação e disse:

– Escolha cavalos para estes meninos, eles vão aprender a montar.

O instrutor respondeu:

– Está certo.

Depois ele olhou para mim e disse:

– Esse é muito pequeno.

Mas o preceptor disse:

– Ele prometeu que não vai chorar quando cair.

O instrutor riu e se afastou.

Em seguida trouxeram três cavalos selados; nós tiramos o capote, descemos por uma escadinha para a escola de equitação, o instrutor segurava um cavalo por uma corda e os irmãos andaram no cavalo em círculos.

No início andaram devagar, depois a trote. Depois trouxeram um cavalinho miúdo. Era alazão e tinha o rabo cortado. Chamava-se Vermelhinho. O instrutor riu e me disse:

– Muito bem, cavaleiro. Monte.

Fiquei alegre, tive medo, e me esforcei para não deixar ninguém perceber. Por muito tempo e com grande esforço, tentei acertar o pé no estribo, mas não consegui, porque minha perna era pequena demais. Então o instrutor me ergueu em seus braços e me colocou na sela. Disse:

– O patrão não é pesado: umas duas libras, se tanto.

No início, ele me segurava pela mão; mas vi que ninguém segurava meus irmãos e pedi que me soltasse. Ele disse:

– Não tem medo?

Eu tinha muito medo, mas respondi que não tinha medo. E tinha medo acima de tudo porque o Vermelhinho toda hora baixava as orelhas. Eu achava que ele estava zangado comigo. O instrutor disse:

– Olhe lá, cuidado, não vá cair! – E me soltou.

No início, Vermelhinho andou devagar e eu me mantive reto. Mas a sela era escorregadia e tive medo de virar. O instrutor me perguntou:

– Então, está firme?

Respondi:

– Estou firme.

– Muito bem, agora trote! – E o instrutor estalou a língua.

Vermelhinho iniciou um trote curto e eu comecei a sacudir. Mas fiquei calado e fiz força para não tombar para o lado. O instrutor me elogiou:

– Grande cavaleiro, muito bem!

Isso me deixou muito contente.

Então o instrutor se aproximou de um de seus camaradas, começou a conversar com ele e parou de

olhar para mim.

De repente senti que eu tinha virado na sela um pouco para o lado. Quis me endireitar, mas não consegui. Quis gritar para o instrutor para que parasse o cavalo, mas achei que seria uma vergonha se fizesse isso e fiquei calado. O instrutor nem olhava para mim. Vermelhinho continuava a trotar e eu me inclinei mais ainda para o lado. Olhei para o instrutor e pensei que ele viria me ajudar; mas ele continuava a conversar com seu camarada e, sem olhar para mim, dizia:

– Grande cavaleiro!

Eu já estava todo torto e muito assustado. Achei que ia cair. Mas tinha vergonha de gritar. Vermelhinho me sacudiu mais uma vez, eu escorreguei de todo e caí no chão. Então Vermelhinho parou, o instrutor virou-se e viu que eu não estava montado no Vermelhinho.

– Ora essa! O meu cavaleiro caiu. – E veio na minha direção.

Quando eu lhe disse que não estava machucado, ele riu e disse:

– O corpo das crianças é mole.

Tive vontade de chorar. Pedi para montar de novo e me puseram em cima do cavalo. E depois disso não caí mais.

Íamos à escola de equitação duas vezes por semana e logo aprendi a montar e não tive mais medo de nada.

O MACHADO E O SERROTE

[Fábula]

Dois homens foram à floresta pegar madeira. Um levava o machado e o outro, o serrote. Escolheram uma árvore e começaram a discutir. Um disse que era preciso derrubar a machadadas, o outro, que era preciso serrar.

Veio um terceiro mujique e disse:

– Vou fazer as pazes entre vocês num instante: se o machado estiver afiado, vai ser melhor derrubar com machadadas, mas se o serrote estiver ainda mais afiado, vai ser melhor serrar.

Ele pegou o machado e começou a cortar a árvore. Mas o machado estava tão cego que não conseguia cortar.

Pegou o serrote: estava muito ruim e não conseguia serrar nada. Então ele disse:

– Não briguem mais: o machado não corta e o serrote não serra. Primeiro vão amolar o machado e afiar o serrote e depois podem discutir.

Mas com isso os mujiques se irritaram ainda mais um com o outro, porque o machado de um estava cego e o serrote do outro estava ruim, e começaram a brigar.

VIDA DE MULHER DE SOLDADO

[Conto de mujique]

Vivíamos pobres no final de uma aldeia. Eu tinha mãe, babá (minha irmã mais velha) e avó. Vovó andava num casaco velho, saia de camponesa puída, uma espécie de trapo amarrado na cabeça e uma bolsinha

presa no pescoço. Vovó gostava de mim e tinha pena de mim, mais do que minha mãe. Meu pai estava no Exército. Diziam que bebia demais e por isso acabaram mandando que fosse para o Exército. Como num sonho, lembro uma vez em que ele veio para casa, de licença. Nossa isbá era apertada e escorada no meio por uma forquilha e lembro que trepei nessa escora, desabei lá de cima e quebrei a testa no banco. Desde então, tenho uma cicatriz na testa.

Na isbá, havia duas janelas pequenas e uma sempre ficava coberta por um trapo. Nossa porta era estreita e aberta. No meio, ficava uma tina velha. No pátio, tinha só um cavalinho velho e torto; não tínhamos vacas, mas tínhamos duas ovelhinhas feias e um carneirinho. Eu sempre dormia com o carneirinho. Comíamos pão e água. Não tínhamos ninguém para trabalhar em nossa casa; mamãe vivia se queixando da barriga, e vovó da cabeça, e ficava sempre perto da estufa. Apenas a babá, minha irmã, trabalhava e só comprava roupa para seu dote, não para a família, e se preparava para casar.

Lembro que mamãe sentiu mais dores e depois deu à luz um menino. Puseram a mamãe no vestíbulo da isbá. A vovó pegou migalhas de pão no vizinho e mandou o tio Nefeda chamar o pope. E minha irmã foi juntar as pessoas para o batismo.

O povo se reuniu, trouxeram três broas. Os parentes começaram a arrumar as mesas e cobrir com toalhas. Depois trouxeram bancos e um jarro de água. Todos sentaram em seus lugares. Quando chegou o sacerdote, o padrinho e a madrinha foram para a frente, depois foi a tia Akulina com o menino. Começaram a rezar. Depois levaram o menino, o sacerdote pegou a criança e baixou na água. Fiquei assustado e gritei:

– Me dê o menino aqui!

Mas vovó se zangou comigo e disse:

– Fique calado, senão vai apanhar.

O sacerdote mergulhou o menino três vezes e entregou para a tia Akulina. Ela o enrolou num pano e levou para a mãe, no vestíbulo.

Depois todos sentaram junto às mesas, vovó encheu duas xícaras de *kacha*, pegou o óleo vegetal e serviu as pessoas. Quando todos tinham comido, se levantaram das mesas, agradeceram à vovó e foram embora.

Fui até onde estava mamãe e disse:

– Mãe, qual é o nome dele?

Mamãe respondeu:

– Igual ao seu.

O menino era magro; tinha braços e pernas fininhos, não parava de gritar. Quando acordava de noite, sempre gritava e mamãe balançava a criança nos braços, cantarolava. Ela mesma respirava com dificuldade, mas não parava de cantar.

Certa vez, à noite, acordei e ouvi que mamãe estava chorando. Vovó levantou e disse:

– Meu Deus, o que há com você?

Mamãe respondeu:

– O menino morreu.

Vovó acendeu o fogo, lavou o menino, vestiu uma camisinha limpa, enrolou-o numa faixa e colocou-o junto aos ícones. Quando nasceu o dia, vovó saiu da isbá e trouxe o tio Nefeda. Titio trouxe duas tábuas e começou a fazer um caixão. Fez um pequeno caixote e colocou o menino ali dentro. Depois mamãe sentou junto ao caixão e, com voz fina, começou a lamentar e gemer. Depois o tio Nefeda pegou o caixão debaixo do braço e levou para enterrar.

Só tivemos alegria quando a babá ficou noiva. Os mujiques vieram à nossa casa e trouxeram pão e vinho. E começaram a servir o vinho para mamãe. Mamãe bebeu tudo. O tio Ivan rasgou um naco de pão e deu para ela. Eu estava de pé ao lado da mesa e queria um pãozinho. Fiz mamãe se abaixar e falei no seu ouvido. Mamãe riu e o tio Ivan disse:

– O que ele quer? Pão? – E rasgou um grande naco para mim.

Peguei o pão e fugi para a despensa. Mas a babá estava na despensa. Perguntou para mim:

– O que os mujiques estão falando?

Respondi:

– Estão bebendo vinho.

Ela riu e disse:

– Estão querendo que eu case com Kondrachka.

Depois se reuniram para celebrar o casamento. Todo mundo acordou cedo. Vovó acendeu a estufa, mamãe preparou a massa da torta e a tia Akulina limpou a carne de boi.

Minha irmã mais velha se arrumou toda, pôs um vestido vermelho, um lenço bonito na cabeça e não fez mais nada. Depois, quando a estufa da isbá esquentou, mamãe também se arrumou e muita gente veio à nossa casa; a isbá ficou cheia.

Depois chegaram ao nosso pátio três carroças com sinetas, cada uma puxada por uma parelha. Na carroça de trás, vinha o noivo Kondrachka num caftã novo e de gorro alto. O noivo desceu da carroça e foi para a isbá. Puseram um casaco de pele novo na minha irmã e a levaram na direção do noivo. Sentaram o noivo e a noiva junto à mesa e as mulheres começaram a celebrar os dois. Depois saíram da mesa, rezaram e foram para o pátio. Kondrachka pôs minha irmã numa carroça e foi sentar-se em outra. Todo mundo se acomodou nas carroças, se benzeu e partiu. Voltei para a isbá, sentei junto à janela e fiquei esperando que voltassem do casamento. Mamãe me deu um pedaço de pão; comi e adormeci ali mesmo. Depois mamãe me acordou e disse:

– Estão vindo!

Deu-me o rolo de massa e mandou-me sentar à mesa. Kondrachka e minha irmã entraram na isbá e atrás deles veio muita gente, mais do que antes. E tinha gente na rua e todos olhavam para nós pela janela. O tio Guerássim era o padrinho do noivo; se aproximou de mim e disse:

– Saia.

Eu me assustei e quis sair, mas a vovó disse:

– Você tem de mostrar o rolo de massa e perguntar: o que é isto?

Assim fiz. O tio Guerássim pôs uma moeda dentro de uma caneca, encheu de vinho e deu para mim.

Peguei a caneca e dei para a vovó. Então nós saímos e eles sentaram.

Depois começaram a servir vinho, gelatina, carne; começaram a cantar e dançar. Deram vinho para o tio Guerássim, ele bebeu um pouco e disse:

– O vinho está um pouco amargo.

Então minha irmã pegou Kondrachka pelas orelhas e começou a beijá-lo.¹ Ficaram muito tempo cantando e dançando, depois todo mundo saiu e Kondrachka levou a babá embora, para a casa dele.

Depois disso, passamos a levar uma vida ainda mais pobre. O cavalo e as últimas ovelhas foram vendidos, muitas vezes nem tínhamos pão para comer. Mamãe pedia coisas para os parentes. Em pouco tempo, vovó morreu. Lembro como mamãe chorou e se lamentou por causa dela:

– Minha mãezinha querida! Como foi me deixar assim, nesta amargura, nesta miséria? Como foi abandonar agora sua filhinha infeliz? Como vou conseguir me virar? Como é que vou viver?

E assim ela chorou e se lamentou durante muito tempo.

Uma vez fui com a meninada olhar os cavalos que passavam na estrada e vi um soldado andando com um saco no ombro. Ele se aproximou dos meninos e disse:

– Vocês são de que aldeia, garotos?

Respondemos:

– De Nikólski.

– E lá vive uma esposa de soldado chamada Matriona?

Eu disse:

– Vive, sim. É minha mãe.

O soldado olhou para mim e disse:

– Você chegou a ver seu pai?

Respondi:

– Ele está no Exército, não vi.

O soldado disse:

– Bem, venha comigo, me leve até a Matriona. Trago uma carta do seu pai para ela.

Perguntei:

– Que carta?

E ele disse:

– Vamos lá, você vai ver.

– Então está bem, vamos.

O soldado foi comigo, mas andava tão depressa que eu corria para não ficar para trás. Chegamos à minha casa. O soldado rezou um pouco e disse:

– Bom dia!

Depois tirou o saco do ombro, sentou-se de pernas abertas, começou a observar a isbá e disse:

– Mas a família são só vocês?

Mamãe ficou envergonhada e não disse nada, só olhou para o soldado. Ele disse:

– Onde está minha mãe? – e começou a chorar. Então mamãe correu para o papai e começou a beijá-lo. Eu também rastejei para perto dele e comecei a apalpá-lo com as mãos. Ele parou de chorar e começou a rir.

Depois vieram pessoas e papai cumprimentava todo mundo e contava que agora estava dispensado do Exército.

Depois que levaram o gado para o pasto, chegou minha irmã e deu um beijo no papai. Mas o papai disse:

– Mas quem é essa borboletinha jovem?

Mamãe riu e disse:

– Não reconheceu sua filha.

Papai chamou-a de novo para perto, beijou-a e perguntou como estava vivendo. Depois mamãe saiu para fazer uma omelete e minha irmã foi buscar vinho. Trouxe uma jarra tampada com uma rolha de papel e colocou em cima da mesa. Papai disse:

– O que é isso?

Mamãe respondeu:

– Seu vinho.

Ele disse:

– Não, faz cinco anos que não bebo e vocês me dão uma jarra!

Ele rezou, sentou-se à mesa e começou a comer. Depois disse:

– Se não tivesse parado de beber, não seria sargento e não teria trazido nada para casa, e agora, graças a Deus.

Meteu a mão no saco, pegou uma carteira com dinheiro e entregou para mamãe. Ela se alegrou e foi depressa guardar.

Depois, quando todos se dispersaram, papai deitou no quarto de trás, me colocou junto dele e mamãe deitou aos nossos pés. E os dois ficaram conversando muito tempo, quase até meia-noite. Depois dormi.

De manhã, mamãe disse:

– Ah, não tenho lenha!

E papai disse:

- Tem um machado aqui?
- Tem, sim, mas está ruim, com dentes.

Papai se calçou, pegou o machado e foi para fora. Corri atrás dele.

Papai pegou uma trave do telhado, colocou sobre o cepo, levantou o machado, cortou com agilidade, trouxe para dentro da isbá e disse:

– Pronto, aqui está a lenha, acenda a estufa; agora vou comprar uma isbá com um bosque. Também tenho de comprar uma vaca.

Mamãe respondeu:

- Ah, para isso tem de ter muito dinheiro.

Papai respondeu:

- Então vamos trabalhar. Olhe só para ele, já é um mujique crescido! – apontou para mim.

Papai rezou, comeu pão, trocou de roupa e disse para mamãe:

- E no almoço, vamos comer ovos assados na brasa. – E saiu.

Passou muito tempo e papai não voltou. Comecei a pedir para mamãe me deixar ir atrás do papai. Ela não deixou. Eu queria ir, mas mamãe não deixou e me bateu. Sentei no alto da estufa e comecei a chorar. Então papai entrou na isbá e disse:

- Por que está chorando?

Respondi:

– Eu quis ir atrás de você, mas mamãe não deixou, e ainda me bateu. – E chorei com mais força ainda.

Papai riu, foi até onde estava a mamãe e bateu nela de brincadeira, dizendo:

- Não bata no Fedka, não bata no Fedka!

Mamãe fingiu que chorava, papai riu e disse:

- Olhe como você e o Fedka são fracos para as lágrimas, já está chorando também.

Depois papai sentou à mesa, colocou-me a seu lado e gritou:

- Muito bem, agora vamos almoçar, mamãe e Fédochka: a gente quer comer.

Mamãe serviu *kacha* e ovos e começamos a comer. Mamãe disse:

- E então... comprou?

Papai respondeu:

– Comprei: oitenta rublos, tudo lilás e branco, que nem cristal. Daqui a pouco vamos comprar vinho para os mujiques, eles vão vir falar comigo no domingo para fechar o negócio.

De lá para cá, passamos a viver bem.

O GATO E OS RATOS

[Fábula]

Apareceram muitos ratos numa casa. Um gato se meteu nessa casa e começou a pegar ratos. Vendo que a situação estava ruim, os ratos disseram:

- Muito bem, ratos, não vamos mais descer do teto, porque lá o gato não nos alcança!

Quando os ratos pararam de descer, o gato se pôs a pensar num jeito de enganá-los. Pulou e ficou preso no teto por uma só pata, escorregou, caiu e se fingiu de morto. Um rato deu uma espiada no gato e disse:

- Não, irmão! Eu não chegaria perto nem se você tivesse virado uma bolsa.

O GELO, A ÁGUA E O VAPOR

[Raciocínio]

O gelo fica duro como pedra. Se uma vara congela dentro do gelo, não se consegue soltar essa vara do gelo antes que ele derreta. Quando o gelo esfria, sobre ele passam carroças de carga e não afundam, e podem jogar dez *pud* de ferro sobre o gelo que ele não afunda.

Quanto mais frio o gelo, mais resistente. À medida que esquenta, ele vai ficando fraco, vira uma espécie de mingau; dá para puxar com a mão o que ficou congelado no gelo; ele afunda sob o peso dos pés e não aguenta uma libra de ferro. Quando o gelo esquenta ainda mais um pouco, vira água. Da água, é fácil puxar qualquer coisa, a água já não sustenta nada, exceto a madeira. Se a água ficar ainda mais quente, diminui ainda mais sua resistência. É mais fácil boiar na água fria do que na quente. E na água fervente até a madeira afunda.

Se a água ficar ainda mais quente, ela se desfaz toda em vapor; o vapor já não sustenta nada e ele mesmo se espalha para todo lado.

Se a água ferver embaixo de uma tampa, ela evapora e se prende em forma de gotas embaixo da tampa, depois escorre e vira água de novo. Se você pegar essa água e deixar exposta ao frio forte, vai virar gelo de novo.

Esquente a água e ela vira vapor; esfrie a água e ela vira gelo. Assim, a água fica volátil quando é aquecida e fica dura quando resfria.

No gelo, não há calor; na água, há um pouco; no vapor, há muito.

Se você puser um bloco de gelo junto do gelo, esse bloco não esquenta nem esfria.

Mas se derramar água no gelo, o gelo esquenta um pouco e a água esfria um pouco. O gelo derrete se a água for muita e a água congela se o gelo for muito.

E se jogar vapor no gelo, o gelo esquenta um pouco e o vapor esfria um pouco: o gelo derrete, vira água, e o vapor esfria e também vira água.

Se a água está fria e o ar está frio, nem a água esquenta nem o ar esfria. Mas se o ar está quente e a água está fria, o que acontece? O calor vai se transferir do ar para a água, a água fica cada vez mais quente e o ar cada vez mais frio, até que os dois ficam na mesma temperatura.

Se o ar está mais quente do que a água, a água esquenta e o ar esfria; mas se a água está mais quente, o ar esquenta e a água esfria.

Se, em contato com o ar, a água líquida fica coberta de gelo, quer dizer que a água está mais quente do que o ar – ela vai esfriar e o ar vai esquentar.

Se, em contato com o ar, a água volátil vira água líquida, quer dizer que o ar está mais frio do que a água volátil, e a água vai esfriar e o ar vai esquentar.

Se a água sólida vira água líquida em contato com o ar, quer dizer que o ar está mais quente, ele vai esfriar, e o gelo vai esquentar.

Se, em contato com o ar, a água vira vapor e seca, quer dizer que o ar está mais quente, ele vai esfriar e a água vai esquentar.

Com o gelo, não se pode esquentar nada, mas com a água e com o vapor se pode esquentar. Com a água se pode esquentar assim: leve água para uma casa fria. Quando a água congela, leve o gelo para fora; ela congela de novo: leve de novo para fora. E dentro de casa vai ficar cada vez mais quente, até que a água não vai mais congelar. Por que isso acontece? Porque, quando a água congela, libera no ar o excesso de calor que tem, e vai liberar seu calor até que o ar da casa esquente e a água pare de congelar.

Com o vapor, é possível esquentar assim: solte vapor numa casa fria. O vapor começa a esfriar, escorre em forma de gotas e vira água. Leve essa água para fora e dentro da casa vai ficar mais quente.

Por que isso acontece? Porque, assim que o vapor vira água, ele libera no ar o excesso de calor.

Quando a água vira gelo e o vapor vira água, o calor da água e do vapor passa para o ar, e o ar fica mais quente. Quando o gelo vira água e a água vira vapor, o calor do ar passa para a água e para o vapor – e o ar fica mais frio.

Se você quiser esfriar um lugar quente, traga gelo e deixe derreter. Por que o lugar fica mais frio? Porque o gelo, para virar água, absorve o calor do ar.

Se quiser esfriar, entorne a água e deixe secar. Por que isso acontece? Porque a água vira vapor. E para a água virar vapor, ela absorve muito calor do ar.

Por isso fica mais frio quando chove e mais quente quando a chuva ainda está se armando. Quando está chovendo, a água seca, evapora e absorve o calor. E quando a chuva está se armando, o vapor sobe no ar e se resfria nas nuvens: por causa delas vem o calor.

Por isso dizem que está abafado.

A CODORNA E SEUS FILHOTES

[Fábula]

Os mujiques capinaram o prado e, no capim, embaixo de um montinho, havia um ninho de codorna.

A codorna veio voando para o ninho com o alimento e viu que em volta tudo tinha sido capinado. Ela disse para seus filhotes:

– Pois é, meus filhos, aconteceu uma desgraça! Agora fiquem calados e não se mexam, senão vocês estão perdidos; à noite vou levar vocês para outro lugar.

Os filhotes estavam alegres porque no prado ficou mais quente e disseram:

– Mamãe está velha, não quer que a gente fique contente – e começaram a piar e fazer barulho.

Os meninos foram levar o almoço para os mujiques que trabalhavam na capina; ouviram o barulho das codornas e arrebentaram a cabeça delas.

BULKA

[Conto de um oficial]

Eu tinha um cachorrinho buldogue. Chamava-se Bulka. Era todo preto, só a pontinha das patas da frente era branca.

Todos os buldogues têm a mandíbula inferior mais comprida do que a superior e os dentes da arcada superior fecham por trás da inferior; mas em Bulka a arcada inferior era tão projetada para a frente que dava para enfiar um dedo no espaço entre os dentes de cima e os de baixo. Bulka tinha uma cara larga; olhos grandes, pretos e brilhantes; dentes e presas brancos, sempre para fora. Ele parecia um negro. Bulka era pacífico e não mordia, mas era muito forte e teimoso. Quando acontecia de segurar alguma coisa na boca, apertava os dentes e agarrava aquilo feito um trapo, e era impossível arrancar de sua boca, como se fosse um carrapato.

Uma vez, soltaram Bulka em cima de um urso, ele mordeu a orelha do urso e ficou ali pendurado, como se fosse uma sanguessuga. O urso bateu nele com as patas, apertou, sacudiu para um lado e para o outro, mas não conseguiu se soltar e então virou de cabeça contra o chão para esmagar o Bulka; mas

Bulka não largou o urso, até que jogaram água fria em cima dele.

Eu o levei para casa quando era filhote e criei. Quando fui servir no Exército no Cáucaso, não quis levá-lo e parti escondido, mas mandei prendê-lo. Na primeira parada da viagem, eu ia mudar os cavalos quando de repente vi uma coisa preta e brilhante correndo pela estrada. Era Bulka, com sua coleira de cobre. Vinha em disparada na direção da estalagem. Jogou-se na minha direção, lambeu minha mão e se estirou na sombra embaixo da carroça. Sua língua ficou pendurada com um palmo para fora. Ele ora encolhia a língua para engolir a saliva, ora desenrolava de novo um palmo para fora. Tentava respirar depressa, não conseguia, os lados do corpo davam uns trancos. Ele se virava ora sobre um lado ora sobre outro e batia com o rabo no chão.

Depois eu soube que, para vir atrás de mim, ele quebrou a veneziana, pulou pela janela, seguiu meu rastro correndo pela estrada e assim percorreu umas vinte verstas debaixo do maior calor.

BULKA E O JAVALI

[Conto]

Uma vez, no Cáucaso, fomos caçar javalis e Bulka foi comigo. Assim que soltaram os cães de caça, Bulka correu atrás dos latidos deles e sumiu na floresta. Era o mês de novembro: nessa época, os javalis e os porcos estavam muito gordos.

Nas florestas do Cáucaso onde vivem os javalis, há muitas frutas gostosas: uvas silvestres, pinhas, maçãs, peras, amoras, bolotas, ameixas silvestres. E quando todas essas frutas ficam maduras e a geada bate nelas, os javalis se fartam de comer e engordam.

Nessa época, um javali fica tão gordo que não consegue correr muito tempo quando foge dos cachorros. Depois que foge por umas duas horas, ele procura um lugar de mata mais fechada para se esconder. Então os caçadores correm para o lugar onde ele está e atiram. Pelo latido dos cães, dá para saber se o javali está parado ou correndo. Se está correndo, os cães latem com um ganido, como se alguém estivesse batendo neles; se o javali está parado, latem como se fosse para um homem e uivam.

Naquela caçada, corri pela floresta durante muito tempo, mas nenhuma vez me ocorreu de cruzar a trilha de um javali. Por fim ouvi o latido longo e o uivo dos cães e corri naquela direção. Eu já estava perto do javali. Já podia ouvir os estalos da folhagem na mata cerrada. O javali tinha se virado e enfrentava os cães. Mas pelo latido dava para perceber que os cães não tinham atacado o javali, apenas o cercavam. De repente ouvi um barulho atrás de mim e vi Bulka. Estava claro que ele tinha se perdido dos outros cães na floresta e havia se assustado, agora tinha ouvido os cães latindo e, como eu, corria naquela direção. Bulka corria pela mata fechada, pelo capim alto, e dele eu só via a cabeça preta e a língua presa entre os dentes brancos. Gritei para ele, mas Bulka não olhou para mim, passou direto e sumiu no meio da mata fechada. Corri atrás dele, porém quanto mais eu avançava, mais o mato ficava fechado. Os galhos derrubavam meu chapéu toda hora, batiam na cara, os espinhos do abrunheiro agarravam na roupa. Eu já estava perto dos latidos, mas não conseguia ver nada.

De repente ouvi que os cães começaram a latir mais alto, os estalos da folhagem soavam mais fortes e o javali começava a bufar e guinchar. Logo pensei que Bulka tinha pulado em cima dele e o acossava. Com minhas últimas forças, corri no meio da mata fechada rumo àquele local. No ponto mais cerrado da mata, vi um cão de caça malhado. Latia e uivava para um determinado ponto e, a três passos dele, alguma coisa preta se agitava.

Quando cheguei mais perto, avistei o javali e ouvi que Bulka dava ganidos estridentes. O javali

grunhia e avançou para cima do cão de caça – o cão encolheu o rabo entre as pernas e pulou para trás. Eu vi o flanco e a cabeça do javali. Fiz pontaria para o flanco e atirei. Vi que acertei.

O javali grunhiu e correu para longe de mim, no meio do mato fechado. Os cães ganiam, latiram atrás do javali, eu parti no meio do mato atrás deles. De repente, quase debaixo de meus pés, vi ou ouvi uma coisa. Era Bulka. Estava caído e gania. Embaixo dele, havia uma poça de sangue. Pensei: o cachorro está perdido; mas agora eu não tinha tempo para ele e fui em frente. Logo vi o javali. Os cães o agarravam por trás, ele se virava ora para um lado, ora para outro. Quando o javali me viu, se atirou na minha direção. Atirei outra vez, quase à queima-roupa, tanto que os pelos do javali ficaram queimados. Ele guinchou, bambeou e, pesado, tombou por terra de uma só vez.

Quando cheguei perto, o javali já estava morto e só aqui e ali seu corpo tremia e sacudia. Os cães, de pelo eriçado, mordiam sua barriga e suas patas ou lambiam o sangue de sua ferida.

Então me lembrei de Bulka e fui procurá-lo. Ele rastejou na minha direção e gemia. Cheguei bem perto, sentei e examinei seu ferimento. Sua barriga estava aberta, um bolo de intestinos estava para fora da barriga e era arrastado sobre as folhas secas. Quando os camaradas chegaram, pusemos o bolo de tripas de novo dentro de Bulka e costuramos sua barriga. Enquanto costurávamos a barriga e furávamos o couro, o tempo todo ele lambia minhas mãos.

Amarramos o javali na garupa de um cavalo para tirar da floresta, pusemos Bulka sobre um cavalo e assim o levamos para casa. Bulka ficou doente mais ou menos seis semanas e depois se recuperou.

OS FAISÕES

[Descrição]

No Cáucaso, as galinhas selvagens são chamadas de faisões. São tantos que, lá, custam mais barato do que galinhas domésticas. Os faisões são caçados de três maneiras: *com cavalete*, *no alto da árvore* e *debaixo do cachorro*.

Caçar *com cavalete* é assim: pegam um pedaço de lona, estendem sobre uma moldura, no meio da moldura põem um travessão e abrem um rasgo na lona. Essa moldura com a lona é chamada de cavalete. Com esse cavalete e uma espingarda, os caçadores vão para a floresta ao raiar do dia. Levam o cavalete na frente e espiam os faisões através do rasgo na lona. Ao raiar do dia, os faisões vão comer nas clareiras; às vezes, uma ninhada inteira – uma galinha e seus filhotes; às vezes, o galo e a galinha; às vezes, vários galos juntos.

Os faisões não veem o caçador e não têm medo da lona e deixam que ele chegue perto. Então o caçador apoia o cavalete, enfia a espingarda no rasgo e atira no faisão que quiser.

Caçar *no alto da árvore* é assim: soltam um cão de guarda na floresta e vão atrás dele. Quando o cachorro encontra um faisão, pula em cima dele. O faisão voa para uma árvore e então o cachorro começa a latir. O caçador vai na direção do latido e atira no faisão que está na árvore. Essa caçada seria fácil, se o faisão ficasse pousado num lugar desimpedido e ficasse parado na árvore – pois assim ficaria visível. Mas os faisões sempre pousam em árvores de folhagem espessa, fechada, e quando veem o caçador se escondem no meio dos galhos. E é difícil penetrar na mata e chegar à árvore onde está o faisão e é difícil enxergar onde ele está. Quando só o cachorro late para ele, o faisão não tem medo, fica no galho e se remexe todo para o cão, bate as asas. Mas assim que vê um homem, logo se estica junto ao galho e só um caçador experiente o enxerga, mas o inexperiente pode até ficar bem perto que não vai ver nada.

Quando os cossacos se aproximam dos faisões, puxam o gorro sobre o rosto e não olham para cima, porque o faisão teme um homem com uma espingarda e acima de tudo teme seus olhos.

Caçar *debaixo do cachorro* é assim: pegam um cão perdigueiro e vão com ele para a floresta. O cão sente pelo faro onde os faisões andaram e comeram ao raiar do dia, e começa a seguir seu rastro. E por mais que os faisões misturem seus rastros, um bom cão sempre encontra o último rastro que deixaram ao sair do lugar onde estavam comendo. Quanto mais o cão avança pelo rastro, mais forte fica o cheiro que sente, e assim ele vai chegar ao lugar onde os faisões andam ou ficam parados no capim durante o dia. Quando o cão começa a se aproximar, dá a impressão de que o faisão já está ali na sua frente, e avança cada vez com mais cuidado para não assustá-lo e para, como se fosse saltar sobre ele, apanhá-lo de um bote. Quando o cão está bem perto mesmo, o faisão voa e o caçador atira.

MILTON E BULKA

[Conto]

Arranjei um cão perdigueiro para caçar faisões. O cão se chamava Milton; era alto, magro, cinzento e malhado, de beiços e orelhas compridos, muito forte e inteligente. Com Bulka, ele não arranjava confusão. Cachorro nenhum jamais mostrava os dentes para Bulka. Na verdade, bastava ele mostrar os dentes que os cachorros encolhiam o rabo entre as pernas e caíam fora. Certa vez, fui com Milton caçar faisões. De repente, Bulka correu para junto de mim na floresta. Quis enxotá-lo, mas não consegui de jeito nenhum. Já estava muito longe para voltar e deixá-lo em casa. Achei que ele não ia me atrapalhar e fui em frente; mas assim que Milton farejou no capim o rastro de um faisão e começou a seguir, Bulka se atirou na frente e começou a rodar para lá e para cá. Ele estava se esforçando para levantar o faisão antes de Milton. Sentia alguma coisa no capim, pulava, se revirava: mas seu faro era ruim, não conseguia encontrar o rastro sozinho, olhava para Milton e corria para onde Milton estava indo. Assim que Milton seguia um rastro, Bulka saía correndo na frente. Eu chamava Bulka, batia, mas não conseguia nada com ele. Assim que Milton começava a farejar, ele se atirava na frente e atrapalhava. Eu já estava querendo ir embora porque achei que minha caçada estava perdida, mas Milton sabia melhor do que eu como enganar Bulka. Eis o que ele fez: assim que Bulka corria na frente dele, Milton abandonava a trilha, virava para outra direção e fingia seguir um rastro. Bulka se atirava para o lado indicado por Milton, e Milton virava os olhos para mim, abanava o rabo e ia de novo para o rastro verdadeiro. De novo Bulka corria na direção de Milton, se atirava na frente e de novo Milton dava uns dez passos em outra direção, de caso pensado, enganava Bulka e me conduzia outra vez no caminho certo. Assim, durante toda a caçada, ele enganou Bulka e não deixou que ele estragasse a caçada.

A TARTARUGA

[Conto]

Um dia, fui caçar com Milton. Ele começou a farejar junto à mata, esticou o rabo, ergueu as orelhas e de novo começou a farejar. Preparei a espingarda e fui atrás dele. Achei que ele tinha encontrado uma perdiz, um faisão ou uma lebre. Mas Milton não foi para dentro da mata e sim para o campo. Fui atrás

dele e olhei para a frente. De repente vi o que ele estava perseguindo. À sua frente, andava uma pequena tartaruga, do tamanho de um gorro. A cabeça nua e cinza-escuro estava esticada no pescoço comprido, como um pilão; a tartaruga andava abrindo muito as pernas nuas, mas todo o seu dorso era coberto pelo casco.

Quando viu o cão, ela escondeu a cabeça e as patas e se abaixou no meio do capim, de modo que só se via sua carapaça. Milton abocanhou a tartaruga e tentou mastigar, mas não conseguiu cravar os dentes porque a barriga das tartarugas é tão protegida pelo casco quanto o dorso. Só na frente, atrás e dos lados existem buracos por onde ela põe para fora a cabeça, as patas e o rabo.

Tirei a tartaruga da boca de Milton e observei como tinha o dorso enfeitado, como era a carapaça e como ela se escondia lá dentro. Quando seguramos a tartaruga na mão e observamos por baixo do casco, lá dentro, como num porão, se vê algo preto e vivo. Larguei a tartaruga no capim e fui em frente, mas Milton não quis abandonar a caça e trouxe a tartaruga nos dentes atrás de mim. De repente Milton ganiu e soltou a tartaruga. Dentro da boca de Milton, ela pôs uma pata para fora e arranhou o cachorro. Milton ficou tão zangado com ela que começou a latir, agarrou-a de novo entre os dentes e veio atrás de mim. De novo mandei largar, mas Milton não me obedeceu. Então arranquei a tartaruga de sua boca e joguei para o lado. Mas ele não a deixou. Começou a mexer as patas e cavar um buraco junto à tartaruga. Quando escavou o buraco, rolou a tartaruga com as patas para dentro do buraco e cobriu de terra.

As tartarugas vivem na terra e na água, como os sapos e as cobras. Põem ovos para ter filhotes, colocam os ovos na terra e não chocam, os ovos arrebentam sozinhos, como as ovas dos peixes – e as tartarugas saem dos ovos. Existem tartarugas pequenas, do tamanho de um pires, e também grandes, com três *archin* de comprimento e vinte *pud* de peso. As tartarugas grandes vivem no mar.

Na primavera, uma tartaruga põe centenas de ovos. O casco da tartaruga são suas costelas. Nas pessoas e em outros animais, as costelas são separadas, mas na tartaruga as costelas se juntam num casco. O mais importante é que em todos os animais as costelas ficam dentro do corpo, embaixo da carne, mas na tartaruga as costelas ficam por fora, e a carne por baixo delas.

BULKA E O LOBO

[Conto]

Quando fui embora do Cáucaso, lá havia uma guerra e era perigoso viajar de noite sem escolta.

Eu queria partir o mais cedo possível e por isso nem fui dormir.

Um amigo veio me acompanhar e ficamos a noite e a madrugada inteira do lado de fora, na rua, na frente da minha cabana.

Era uma noite de luar nublada e estava tão claro que dava para ler, embora não se visse a lua.

No meio da noite, de repente, ouvimos um porco guinchar do outro lado da rua. Um de nós gritou:

– O porco farejou um lobo.

Corri para a minha cabana, apanhei a espingarda carregada e voltei correndo para a rua. Todos estavam junto ao portão do terreno onde o porco guinchava, e gritaram para mim:

– Olhe!

Milton correu atrás de mim – na certa, achou que eu ia sair para caçar com a espingarda, e Bulka levantou as orelhas curtas e se mexia de um lado para outro, como se perguntasse quem ele tinha de abocanhar. Quando corri na direção da cerca viva, percebi que, do outro lado do pátio, um animal corria direto para mim. Era um lobo. Ele se aproximou da cerca viva e pulou para ela. Eu me afastei e preparei

a espingarda. Assim que o lobo atravessou a cerca viva para o lado onde eu estava, fiz pontaria quase à queima-roupa e puxei o gatilho; mas a espingarda fez “clique” e não disparou. O lobo não parou e correu para o outro lado da rua. Milton e Bulka correram atrás dele. Milton estava mais perto do lobo, mas parecia ter medo de agarrá-lo, porém Bulka, com suas perninhas curtas, por mais que se afobasse não conseguia se aproximar. Nós corremos atrás do lobo com todas as nossas forças, mas o lobo e os cachorros acabaram sumindo de vista. Só das bandas do canal, no fim da aldeia, ouvimos latidos, ganidos e, no luar nublado, vimos uma poeira subir e os cachorros acossando o lobo. Quando chegamos ao canal, o lobo já não estava mais lá e os dois cães voltaram para nós, de rabo erguido e cara furiosa. Bulka rosnava e me empurrava com a cabeça – pelo visto, queria contar uma coisa, mas não conseguia.

Examinamos os cães e vimos que Bulka tinha um pequeno ferimento na cabeça. Parece que ele acossou o lobo até a frente do canal, mas não conseguiu apanhá-lo, e o lobo lhe deu uma mordida e fugiu.

O ferimento era pequeno, por isso não havia nada de perigoso.

Voltamos para a cabana, sentamos e conversamos sobre o que tinha acontecido. Eu estava aborrecido porque minha espingarda havia falhado e o tempo todo pensava que o lobo teria tombado ali mesmo se a arma tivesse disparado. Meu amigo ficou espantado de ver como o lobo tinha conseguido chegar ao pátio. Um velho cossaco disse que não havia nada de admirar, que aquele animal não era um lobo, era uma bruxa e que ela havia enfeitiçado minha espingarda. Assim ficamos ali conversando. De repente os cães saíram correndo e vimos no meio da rua, na nossa frente, o mesmo lobo; mas dessa vez, ao ouvir nossos gritos, ele saiu correndo tão depressa que os cães não conseguiram alcançá-lo.

Depois disso, o velho cossaco ficou totalmente convencido de que não era um lobo, mas uma bruxa; eu achei que aquele lobo devia estar enlouquecido pela raiva, pois nunca tinha visto nem ouvido falar que um lobo, depois de ter fugido, voltasse para perto das pessoas.

Em todo caso, polvilhei de pólvora o ferimento de Bulka e pus fogo. A pólvora explodiu e queimou uma área grande.

Queimei a ferida com pólvora para exterminar a saliva raivosa, caso ela ainda não tivesse entrado no sangue. Se a saliva raivosa já tivesse passado para o sangue, eu sabia que, pelo sangue, ia se espalhar por todo o corpo e então seria impossível curar.

O QUE ACONTECEU COM BULKA EM PIATIGORSK

[Conto]

Não fui direto da aldeia cossaca para a Rússia, passei por Piatigorsk e lá fiquei dois meses. Dei Milton de presente para um caçador cossaco e levei Bulka comigo para Piatigorsk.

Piatigorsk tem esse nome porque fica na montanha Bechtau. Em tártaro, *bech* quer dizer cinco, e *tau*, montanha.¹ Dessa montanha, nasce uma água quente e sulfúrica. Essa água é quente como se estivesse fervendo e, no lugar onde a água desce da montanha, há sempre vapor, como acima de um samovar. Toda a região onde fica a cidade é muito aprazível. Da montanha, desce a água quente das nascentes, ao pé da montanha passa o riacho Podkumok. Na montanha há uma floresta, em torno há um campo e ao longe sempre se veem as grandes montanhas do Cáucaso. Naquelas montanhas, a neve nunca derrete e elas estão sempre brancas como açúcar.

Quando o tempo está claro, de qualquer lugar se pode avistar a grande montanha Elbrus, como uma cabeça branca de açúcar. As pessoas vêm se curar nas fontes de água quente; junto às fontes, construíram chalés, coretos com parques em volta, cortados por trilhas. De manhã, tocam música e o povo bebe água

ou se banha e passeia.

A própria cidade fica na montanha, e ao pé da montanha há um povoado. Morei nesse povoado, num casebre pequeno. O casebre ficava num pátio, na frente das janelas havia um jardim e no jardim ficavam as abelhas da dona da casa – não dentro de troncos de árvore, como fazemos na Rússia, mas dentro de cestos redondos. Lá, as abelhas são tão mansas que, de manhã, eu e Bulka sempre ficávamos naquele jardim, no meio das colmeias.

Bulka andava no meio das colmeias, se admirava com as abelhas, farejava, escutava como elas zumbiam, mas andava com tanto cuidado perto delas que não as perturbava e as abelhas nem tocavam nele.

Um dia, de manhã, voltei das águas para casa e sentei para beber café no jardim na frente do casebre. Bulka começou a se coçar atrás das orelhas e sua coleira fazia barulho. O som incomodou as abelhas e então tirei a coleira de Bulka. Dali a pouco, ouvi um barulho estranho e terrível que vinha da cidade, descendo pela montanha. Os cachorros latiam, uivavam, ganiem, as pessoas gritavam e o barulho veio descendo da montanha e se aproximava cada vez mais do nosso povoado. Bulka parou de se coçar, apoiou a cabeça larga, de dentes brancos, entre as patas dianteiras e brancas, deixou a língua para fora, como gostava, e ficou deitado e quieto a meu lado. Quando ouviu o barulho e pareceu compreender do que se tratava, ergueu as orelhas, pôs os dentes à mostra, pulou e começou a rosnar. O barulho se aproximava. Parecia que todos os cachorros da cidade uivavam, ganiem e latiam. Fui até o portão olhar e a dona da minha casa também foi. Perguntei:

– O que é isso?

Ela respondeu:

– Os detentos saíram do presídio para matar os cachorros. Os cachorros se reproduziram demais e o prefeito mandou matar todos os cachorros na cidade.

– Então vão matar o Bulka se o apanharem?

– Não, os que têm coleira eles não podem matar.

Na mesma hora em que estávamos falando, os detentos já se aproximavam de nosso pátio.

Na frente, vinham soldados; atrás, vinham quatro detentos presos em correntes. Dois deles traziam ganchos de ferro nas mãos e os outros dois traziam porretes. Na frente de nosso portão, um dos detentos com um gancho capturou um cachorrinho de guarda, arrastou para o meio da rua e outro detento começou a bater com o porrete. O cachorrinho gania horripelantemente, mas os detentos gritavam alguma coisa e riam. O detento com o gancho virou o cachorro e, quando viu que estava morto, tirou o gancho e começou a olhar em volta para ver se havia outros cachorros.

Nesse momento, a toda pressa, como se atacasse um urso, Bulka arremeteu contra aquele detento. Lembrei que ele estava sem a coleira e gritei:

– Bulka, para trás! – e gritei para os detentos que não batessem em Bulka.

Mas o detento viu Bulka, deu uma gargalhada e, agilmente, golpeou-o com o gancho e o prendeu pelo quadril. Bulka lutou para se soltar; mas o detento o puxou para si e gritou para o outro:

– Bata!

O outro brandiu o porrete e Bulka ia morrer, mas escapou, rasgando a pele do quadril, e com o rabo encolhido entre as pernas, uma ferida vermelha na coxa, correu para dentro do portão, entrou na casa e se enfiou embaixo da minha cama.

Ele se salvou porque sua pele se rompeu no local onde estava cravado o gancho.

O FIM DE BULKA E MILTON

Bulka e Milton terminaram ao mesmo tempo. O velho cossaco não soube lidar com Milton. Em vez de só levar Milton para caçar aves, passou a levá-lo para caçar javalis. E, naquele mesmo outono, um javali *sekatch*¹ rasgou sua barriga. Ninguém sabia como costurá-lo e Milton morreu.

Bulka também não sobreviveu muito tempo, depois que escapou dos detentos. Logo depois de se salvar dos detentos, começou a andar desanimado e lambia tudo o que encontrava. Lambia minha mão, mas não como antes, quando me fazia carinho. Lambia por muito tempo, passava a língua com força e depois começava a beliscar com os dentes. Parecia que tinha de morder a mão, mas não queria. Não lhe dei mais a mão. Então ele passou a lamber minha bota, o pé da mesa e depois começou a morder a bota ou o pé da mesa. Isso continuou por dois dias e, no terceiro, Bulka sumiu, ninguém viu nem soube mais dele.

Era impossível roubá-lo e ele não podia fugir de mim, mas isso aconteceu com Bulka seis semanas depois de ter sido mordido pelo lobo. Na certa, o lobo estava louco.

Bulka enlouqueceu e fugiu. Aconteceu com ele o que os caçadores chamam de raiva. Dizem que nessa loucura o animal fica com espasmos na garganta. Os animais loucos pela raiva querem beber e não conseguem, porque com a água os espasmos ficam mais fortes. Então, de dor e de sede, eles enlouquecem e começam a morder. Na verdade, Bulka começou a ter esses espasmos quando começou a lamber e depois morder minha mão e o pé da mesa. Andei por todos os arredores e perguntei sobre Bulka, mas não consegui descobrir onde tinha ido parar e como havia morrido. Se ele corresse e mordesse como fazem os cachorros loucos, alguém teria visto e me contado. Na certa, ele fugiu para um lugar distante e lá acabou morrendo sozinho. Os caçadores dizem que, quando um cachorro enlouquece com a raiva, foge para o campo ou para a mata e lá procura o capim de que precisa, rola no orvalho e se cura sozinho. Com certeza, Bulka não conseguiu se curar. Não voltou e sumiu.

OS PÁSSAROS E AS REDES

[Fábula]

Um caçador armou uma rede junto a um lago e apanhou muitos pássaros. Os pássaros eram grandes, levantaram a rede e fugiram com ela. O caçador correu atrás dos pássaros. Um mujique viu o caçador correndo e disse:

– Para onde está correndo? Acha que a pé você consegue alcançar um pássaro?

O caçador respondeu:

– Se fosse só um pássaro, eu não alcançaria, mas desse jeito vou alcançar.

E assim foi. Quando anoiteceu, os pássaros foram para seus abrigos noturnos, cada um para seu lado: um para o bosque, outro para o pântano, outro para o campo; e todos caíram por terra, dentro da rede, e o caçador os capturou.

O OLFATO

[Raciocínio]

O homem vê com os olhos, escuta com os ouvidos, cheira com o nariz, sente o paladar com a língua e o tato com os dedos. Há homens que enxergam melhor e outros, pior. Alguns escutam de longe e outros são surdos. Alguns têm o olfato mais forte e sentem um cheiro de longe, outros ficam perto de um ovo estragado e não sentem o cheiro. Alguns identificam qualquer objeto pelo tato, outros não conseguem reconhecer nada pelo tato, não distinguem a madeira do papel. Alguns, mal põem uma coisa na boca, sentem que é doce, outros engolem e não distinguem o doce do amargo.

Assim, diferentes sentidos são mais fortes em animais diferentes. Mas todos os bichos têm o olfato mais forte do que o homem.

Quando quer conhecer uma coisa, o homem olha, escuta se faz barulho, às vezes cheira e experimenta o paladar; mas para reconhecer uma coisa, o homem precisa mais do tato.

Quase para todos os bichos, o mais necessário é sentir o cheiro de uma coisa. O cavalo, o lobo, o cachorro, a vaca, o urso só conhecem uma coisa quando sentem seu cheiro.

Quando um cavalo tem medo de alguma coisa, bufa – limpa as narinas para farejar melhor e só para de ter medo depois de farejar bem.

O cachorro muitas vezes vai atrás de seu dono pelo cheiro do rastro, mas ao ver o dono se assusta, não o reconhece e começa a latir, até que fareja e reconhece que aquilo que aos olhos parecia temível é mesmo seu dono.

Os bois veem que matam os bois, ouvem como os bois urram no matadouro, e mesmo assim não entendem o que acontece. Mas basta um boi ou uma vaca ficar num lugar onde há sangue bovino e sentir o cheiro que logo entende, começa a urrar, bater com as patas no chão, e ninguém consegue tirá-lo do lugar.

A esposa de um velho ficou doente; ele mesmo foi ordenhar a vaca. A vaca bufou, sentiu que não era sua dona e não deu leite. A dona mandou o marido vestir seu casaco de pele e pôr seu xale na cabeça – a vaca deu leite; mas o velho abriu o casaco, a vaca sentiu o cheiro e de novo parou de dar leite.

Os cães de caça, quando vão atrás de um animal pelo rastro, nunca avançam em cima do rastro, mas pelo lado, a uns vinte passos. Quando um caçador inexperiente quer pôr um cão no rastro de um animal e esfrega seu focinho no rastro, o cão sempre recua. Para o cão, o rastro tem um cheiro tão forte que na verdade ele não consegue distinguir nada e não sabe se o animal foi para a frente ou para trás. O cão se afasta para o lado e só então fareja a direção de onde vem o cheiro mais forte e corre atrás do animal. O cão faz o mesmo que nós, se gritam muito alto em nossos ouvidos: nós nos afastamos e só de longe conseguimos entender o que estão falando; ou quando aquilo que olhamos está perto demais: recuamos e então observamos.

Os cães se reconhecem uns aos outros e mandam sinais uns para os outros pelo olfato.

Nos insetos, o olfato é ainda mais apurado. A abelha voa direto para a flor de que precisa. A lagarta rasteja para sua folha. O percevejo, a pulga e o mosquito farejam um homem a centenas de milhares de passos de percevejo.

Se são pequenas as partículas que se desprendem de uma substância e alcançam nosso nariz, como devem ser pequeninas as partículas que alcançam o olfato dos insetos!

OS CACHORROS E O COZINHEIRO

[Fábula]

O cozinheiro preparava o almoço; os cachorros estavam deitados na porta da cozinha. O cozinheiro matou um bezerro e jogou as tripas no pátio. Os cachorros apanharam, comeram e disseram:

– O cozinheiro é bom: cozinha bem.

Dali a pouco, o cozinheiro começou a limpar a ervilha, o nabo e a cebola, e jogou fora os restos. Os cachorros se atiraram naquela direção, viraram o focinho e disseram:

– Nosso cozinheiro se atrapalhou – antes, cozinhava bem, mas agora não está acertando de jeito nenhum.

Porém o cozinheiro não deu ouvidos aos cachorros e preparou o almoço ao seu jeito. Os donos da casa comeram e elogiaram, mas os cachorros não.

A FUNDAÇÃO DE ROMA

[História]

Era uma vez um rei que tinha dois filhos: Numitor e Amúlio. Quando estava morrendo, chamou os filhos:

– Como vocês querem fazer a partilha? Quem vai ficar com o reino e quem vai ficar com minhas riquezas?

Numitor ficou com o reino e Amúlio pegou as riquezas. Quando Amúlio tomou posse das riquezas, sentiu inveja do irmão, que era rei, e começou a presentear os soldados e convencê-los de que deviam derrubar Numitor e nomeá-lo rei. Os soldados assim fizeram e Amúlio se tornou rei. Numitor tinha uma filha. Essa filha teve filhos gêmeos – dois meninos. Ambos grandes e bonitos.

Amúlio temia que o povo se tomasse de amores pelos gêmeos quando crescessem e deles fizesse reis. Chamou um criado, Faustino, e disse:

– Pegue os dois meninos e jogue no rio.

O rio se chamava Tibre.

Faustino colocou os meninos dentro de um cesto, levou para a margem e deixou ali. Faustino achou que eles iam morrer sozinhos. Mas o Tibre subiu até a margem, levantou o bercinho, levou-o e deixou-o junto a uma árvore alta. De noite, veio uma loba e passou a alimentar os gêmeos com seu leite.

Os meninos cresceram muito, ficaram bonitos e fortes. Viviam numa floresta perto da cidade onde morava Amúlio, aprenderam a matar animais e a se alimentar deles. O povo os conhecia e os amava por sua beleza. Chamavam o maior de Rômulo e o menor de Remo.

Certa vez, os pastores de Numitor e de Amúlio vigiavam o gado perto da floresta e discutiram: os pastores de Amúlio roubaram os animais de Numitor. Os gêmeos viram aquilo e correram para os pastores, puseram todos para correr e levaram os animais.

Os pastores de Numitor ficaram zangados com os gêmeos por causa disso, escolheram uma hora em que Rômulo estava ausente, capturaram Remo, levaram para Numitor na cidade e disseram:

– Na floresta, apareceram dois irmãos, eles atacam e roubam o gado. Capturamos um deles e trouxemos.

Numitor mandou levar Remo ao rei Amúlio. Amúlio disse:

– Eles ofenderam os pastores de meu irmão, deixe que meu irmão julgue.

Levaram Remo de novo para Numitor. Numitor chamou-o e perguntou:

– Quem é você e de onde veio?

Remo respondeu:

– Somos dois irmãos; quando éramos pequenos, nos puseram num berço junto a uma árvore na beira do rio Tibre e lá os animais selvagens e os pássaros nos alimentaram. Lá crescemos. Para saber quem somos, só restou nosso cesto. Dentro dele, há tiras de bronze e nelas há algo escrito.

Numitor se admirou e pensou: “Serão meus netos?”. Deixou Remo ficar ali e chamou Faustino para lhe perguntar.

Enquanto isso, Rômulo procurava o irmão e não o encontrava em lugar nenhum. Quando os pastores lhe disseram que o irmão tinha sido levado para a cidade, Rômulo pegou o cesto e foi atrás dele. Faustino logo reconheceu o cesto e disse ao povo que ali estavam os netos de Numitor que Amúlio queria afogar. Então o povo se revoltou contra Amúlio e matou-o e fez de Rômulo e Remo os novos reis. Mas Rômulo e Remo não quiseram morar naquela cidade e deixaram seu avô Numitor reinar ali. Voltaram sozinhos para o local junto à árvore onde a loba os havia alimentado, à beira do rio Tibre, e construíram uma cidade nova: Roma.

DEUS VÊ A VERDADE, MAS CUSTA A REVELAR

[História real]

Na cidade de Vladímir, morava um jovem mercador chamado Aksiónov. Ele tinha duas lojas e uma casa.

Aksiónov era bonito, louro, de cabelo crespo, bem-humorado e gostava de cantar. Na mocidade, Aksiónov bebia muito e, quando se embriagava, arrumava confusão, mas depois que casou, parou de beber e aquilo só acontecia raramente.

Certa vez, no verão, Aksiónov foi a uma feira em Níjni. Quando se despediu da família, a esposa lhe disse:

– Ivan Dmíttrievitch, não vá hoje, tive um pesadelo com você.

Aksiónov riu e disse:

– Você vive com medo, acha que vou arrumar confusão na feira?

A esposa respondeu:

– Eu mesma não sei do que tenho medo, mas tive um pesadelo: sonhei que você chegou da cidade, tirou o chapéu e, quando olhei, vi que sua cabeça estava toda grisalha.

Aksiónov riu:

– Ora, é sinal de que vou ter lucro. Escute, se eu fizer bons negócios, vou trazer presentes caros.

E se despediu da família e foi embora.

Na metade do caminho, encontrou um mercador conhecido e os dois pernoitaram juntos numa estalagem. Beberam chá e foram dormir em dois quartos contíguos. Aksiónov não gostava de dormir muito; despertou no meio da noite e, como era mais fácil viajar no frio, acordou o cocheiro e mandou atrelar os cavalos. Depois foi para a casa dos fundos, pagou ao proprietário e partiu.

Depois de percorrer mais ou menos quarenta verstas, parou de novo para comer, descansou no vestíbulo de uma estalagem, na hora do jantar foi para a varanda e mandou servir o samovar; pegou um violão e começou a tocar; de repente, na direção do pátio, veio uma troica com guizos, e da carruagem desceram um funcionário e dois soldados, aproximaram-se de Aksiónov e perguntaram quem era e de onde vinha. Aksiónov contou tudo e perguntou se não queriam tomar chá junto com ele. Só que o funcionário não parava de fazer perguntas: “Onde passou a noite? Sozinho ou com um mercador? Viu o mercador de manhã? Por que partiu tão cedo da estalagem?”. Aksiónov ficou surpreso com tantas perguntas: contou tudo como havia acontecido e disse:

– Por que está me perguntando tudo isso? Não sou ladrão, não sou bandido. Vivo do meu trabalho e não há motivo para me fazer tantas perguntas.

Então o funcionário chamou o soldado e disse:

– Sou comissário de polícia e faço perguntas a você porque o mercador com quem você esteve na noite passada foi esfaqueado. Mostre suas coisas e, vocês aí, revistem tudo.

Entraram na isbá, pegaram a mala e a bolsa e começaram a revistar e procurar. De repente o comissário tirou da bolsa uma faca e gritou:

– Para que essa faca?

Aksiónov olhou e viu que haviam tirado da bolsa uma faca com sangue e ficou assustado.

– Por que tem sangue na faca?

Aksiónov quis responder, mas não conseguiu pronunciar nenhuma palavra.

– Eu... eu não sei... eu... a faca... não é minha.

Então o comissário disse:

– De manhã, encontraram o mercador esfaqueado na cama. Ninguém poderia ter feito isso, senão você. A isbá estava fechada por dentro e não tinha mais ninguém na isbá, senão você. Dentro da sua bolsa, há uma faca com sangue, e também pelo rosto está evidente. Diga como o matou e quanto dinheiro roubou.

Aksiónov jurou que não tinha feito aquilo, que não tinha visto o mercador depois de beber chá com ele, que o dinheiro que trazia eram os seus oito mil rublos, que a faca não era dele. Mas sua voz se enrolou, o rosto ficou branco e ele todo tremia de medo, como se fosse culpado.

O comissário chamou o soldado, mandou prender Aksiónov e levar suas coisas para a carroça. Quando o levaram de pés atados para a carroça, Aksiónov se benzeu e começou a chorar. Tomaram o dinheiro e os pertences de Aksiónov, mandaram-no para a prisão numa cidade próxima. Mandaram perguntar em Vladímir que tipo de pessoa era Aksiónov e todos os mercadores e habitantes de Vladímir afirmaram que, na mocidade, Aksiónov bebia e arranjava confusão, mas era um homem bom. Então foi levado a julgamento. Foi acusado de assassinar um mercador de Riazan e roubar vinte mil rublos.

A esposa se desesperava por causa do marido e não sabia o que pensar. Os filhos ainda eram pequenos e um era só uma criança de peito. Ela pegou todos os filhos e foi para a cidade onde o marido estava preso. No início, não a deixaram entrar, mas depois ela pediu às autoridades e a levaram até o marido. Quando o viu em roupa de presidiário, com correntes, junto com bandidos, a mulher desabou no chão e demorou muito para voltar a si. Depois, distribuiu os filhos à sua volta, sentou ao lado do marido e começou a contar como andavam as coisas em casa e perguntou sobre tudo o que havia acontecido. O marido contou tudo. Ela disse:

– E agora, o que vai ser de nós?

Ele respondeu:

– Temos de fazer um apelo ao tsar. Não se pode pôr fim à vida de um inocente!

A esposa disse que já havia enviado um pedido de perdão ao tsar, mas o apelo não chegara até ele. Aksiónov não disse nada e só baixou a cabeça. Então a esposa disse:

– Bem que eu tive aquele sonho, lembra, em que você tinha ficado grisalho. Na verdade, você já ficou grisalho de desgosto. Quem dera não tivesse viajado.

E começou a apalpar o cabelo do marido e disse:

– Vânia, amigo querido, diga a verdade para sua esposa: você não fez aquilo?

Aksiónov disse:

– Até você pensou isso de mim! – Cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar. Depois veio um soldado e disse que a esposa e os filhos tinham de sair. E Aksiónov se despediu da família pela última vez.

Quando a esposa foi embora, Aksiónov começou a lembrar o que disseram. Quando lembrou que até a esposa desconfiou dele e lhe perguntou se tinha matado o mercador, Aksiónov disse para si mesmo: “Está claro que só Deus e mais ninguém pode saber a verdade, só a Ele se pode pedir piedade e só Dele se pode esperar misericórdia”. E a partir de então Aksiónov parou de fazer apelos, parou de ter

esperança e só rezava a Deus.

Aksiónov foi condenado a levar chicotadas e a ir para os trabalhos forçados. Assim fizeram.

Foi açoitado e depois, quando as feridas das chicotadas se curaram, mandaram-no para a Sibéria com outros condenados a trabalhos forçados.

Na Sibéria, nos trabalhos forçados, Aksiónov viveu vinte e seis anos. Os cabelos ficaram brancos como neve na cabeça e a barba cresceu e ficou comprida, pontuda e grisalha. Toda a sua alegria desapareceu. Ficou curvado, começou a andar devagar, falava pouco, nunca ria e rezava muito.

Na prisão, Aksiónov aprendeu a fazer botas e, com o dinheiro ganho com seu trabalho, comprou o *Tchéti-Míniei*,¹ e lia quando havia luz na prisão; nos feriados, ia à igreja da prisão, lia o Livro dos Apóstolos e cantava no coro – sua voz continuava boa. O diretor da prisão gostava de Aksiónov por sua índole pacífica e seus camaradas o estimavam e o chamavam de “vovô” e “homem de Deus”. Quando havia reivindicações na prisão, os camaradas sempre mandavam Aksiónov falar com o diretor e, quando havia desavenças entre os condenados, eles sempre pediam que Aksiónov fosse o juiz.

De casa, ninguém mandava cartas para Aksiónov e ele não sabia se a esposa e os filhos estavam vivos.

Um dia, chegaram novos condenados a trabalhos forçados. À noite, todos os velhos condenados se reuniram em torno dos novos e lhes fizeram perguntas para saber quem tinha vindo dessa ou daquela cidade ou povoado e o que tinham feito. Aksiónov também se sentou numa esteira ao lado dos novos e, de cabeça baixa, escutava o que diziam. Um dos novos condenados era um velhinho alto, saudável, de uns sessenta e poucos anos, de barba grisalha e curta. Contou como foi preso. Disse:

– Pois é, irmãos, me mandaram para cá sem nenhum motivo. Desatrelei um cavalo do cocheiro do trenó. Prenderam-me, disseram: roubou. E eu disse: Eu só queria chegar mais depressa e soltei o cavalo. Além do mais o cocheiro é meu amigo. Tudo normal, estou dizendo. Não, responderam, você roubou. Mas eles não sabem o que eu roubei mesmo e onde. É uma coisa muito antiga, pela qual eu devia ter sido mandado para cá, mas eles não conseguiram me pegar, e agora me mandaram para cá de um jeito fora da lei. Mas é mentira... já estive na Sibéria, só que por pouco tempo...

– Mas de onde você é? – perguntou um dos condenados.

– Sou da cidade de Vladímir, morador de lá. Meu nome é Makar, sobrenome Semiónovitch.

Aksiónov levantou a cabeça e perguntou:

– Mas então, Semiónovitch, em Vladímir você não ouviu falar da família do mercador Aksiónov? Estão vivos?

– Se ouvi falar? São mercadores ricos, apesar de o pai estar na Sibéria. Na certa, é um pecador como nós. E você, vovô, por que está aqui?

Aksiónov não gostava de falar de seu infortúnio; suspirou e disse:

– Por meus pecados, estou há vinte e seis anos nos trabalhos forçados.

Makar Semiónov disse:

– E que pecados são esses?

Aksiónov disse:

– Sem dúvida, é merecido. – E não quis mais falar, porém outros condenados contaram ao novato como Aksiónov tinha ido parar na Sibéria. Contaram que alguém havia matado um mercador na estrada, escondido a faca dentro da bolsa de Aksiónov e que ele tinha sido condenado sem culpa.

Quando Makar Semiónov terminou de ouvir, olhou para Aksiónov, bateu com as mãos nos joelhos e disse:

– Que milagre! É mesmo um milagre! Como envelheceu, vovô!

E lhe perguntaram por que estava admirado e onde tinha visto Aksiónov; mas Makar Semiónov não respondeu, só dizia:

– É incrível, pessoal, onde a gente acaba se encontrando!

E aquelas palavras trouxeram ao pensamento de Aksiónov que o homem talvez soubesse quem havia assassinado o mercador. E perguntou:

– Então, Semiónitch, você já ouviu falar dessa história, ou já me viu antes?

– Se ouvi? O mundo está cheio de boatos. Mas esse caso aconteceu há muito tempo: o que ouvi falar, já esqueci – disse Makar Semiónov.

– Por acaso você soube quem foi que matou o mercador? – perguntou Aksiónov.

Makar Semiónov riu e disse:

– É claro que quem matou era o dono da bolsa onde acharam a faca. Se quem escondeu a faca na sua bolsa não foi apanhado, não é um ladrão. Mas, afinal, como é que iam esconder uma faca na sua bolsa? Você não dormiu com ela embaixo da cabeça? Você teria percebido.

Assim que ouviu tais palavras, Aksiónov pensou que aquele homem tinha matado o mercador. Levantou-se e saiu. A noite inteira, Aksiónov não conseguiu dormir. Sentia uma tristeza e começou a ver imagens: ora via a esposa tal como estava na hora em que se despediu pela última vez para ir à feira. Ele a via como se estivesse na sua frente, via o rosto e os olhos e ouvia como falava e ria. Depois via os filhos como eram na época: pequenos, um de casaco, outro no peito da mãe. E lembrou como ele mesmo era então: alegre, jovem; lembrou como estava sentado na varanda da estalagem tocando violão quando foi preso, e como tinha a alma alegre naquela hora. Lembrou-se do local de punição onde foi açoitado, do carrasco, das pessoas em volta, das correntes, dos condenados, de todos os vinte e seis anos de vida na prisão e de sua velhice. Foi tanta a tristeza que se abateu sobre Aksiónov que ele pensou em se matar.

“E tudo por causa daquele miserável!”, pensou Aksiónov.

E sentiu tanta raiva de Makar Semiónov que quis vingar-se, ainda que aquilo o levasse à morte. Rezou a noite inteira, mas não conseguiu se acalmar. De dia, não se aproximou de Makar Semiónov e não olhou para ele.

Assim passaram duas semanas. De noite, Aksiónov não conseguia dormir e sentia uma tristeza tão grande que não sabia mais o que fazer.

Certa noite, ele andava pela prisão e viu que punhados de terra eram lançados de debaixo de uma cama de palha. Aksiónov parou para ver. De repente, Makar Semiónov pulou de debaixo da cama de palha e, com cara assustada, olhou para Aksiónov. Aksiónov quis ir embora para não olhar para ele; mas Makar agarrou seu braço e contou que tinha escavado uma passagem por baixo da parede e todo dia levava a terra escondida e jogava na rua, quando eles eram levados para o trabalho. Disse:

– Não conte nada, velhinho, que levo você comigo. Mas se contar, vou levar chicotadas, mas não vou perdoar e mato você.

Quando Aksiónov olhou para o criminoso, tremeu todo de raiva, levantou a mão e disse:

– Não tenho motivo para ir embora e me matar não importa: você já me matou há muito tempo. Quanto a contar o que você está fazendo ou não, vai ser como Deus mandar.

No dia seguinte, quando os condenados saíram para trabalhar, os soldados notaram que Makar Semiónov despejou terra, foram procurar na prisão e acharam o buraco. O diretor foi à prisão e perguntou a todo mundo: quem cavou o buraco? Ninguém respondeu. Os que sabiam não denunciaram Makar Semiónov, porque sabiam que, por ter feito aquilo, seria chicoteado quase até a morte. Então o diretor se voltou para Aksiónov. Ele sabia que Aksiónov era um homem correto e disse:

– Velho, você é honesto; diga-me, perante Deus: quem fez isso?

Makar Semiónov ficou quieto, parecia que não tinha nada a ver com aquilo, olhava para o diretor sem virar os olhos para Aksiónov. As mãos e os lábios de Aksiónov tremiam e durante muito tempo ele não conseguiu pronunciar nenhuma palavra. Pensava: “Se eu o proteger, por que vou perdoá-lo, se ele arruinou minha vida? Deixe que pague pelo meu tormento. Mas se o denunciar, vai ser chicoteado até a morte. E se minha suspeita não for verdadeira? Isso vai aliviar minha situação?”

O diretor perguntou mais uma vez:

– Então, velho, diga a verdade: quem escavou?

Aksiónov olhou para Makar Semiónov e disse:

– Não vi e não sei.

Assim, não ficaram sabendo quem tinha cavado o buraco.

Na noite seguinte, quando Aksiónov estava deitado em sua cama de palha, quase dormindo, percebeu que alguém se aproximou e sentou junto aos seus pés. Olhou no escuro e reconheceu Makar.

Aksiónov disse:

– O que você quer de mim? O que faz aqui?

Makar Semiónov ficou calado. Aksiónov soergueu-se e disse:

– O que você quer? Vá embora! Senão vou chamar os soldados.

Makar Semiónov inclinou-se bem perto de Aksiónov e sussurrou:

– Ivan Dmítievitch, me perdoe!

Aksiónov disse:

– Perdoar o quê?

– Eu matei o mercador, escondi a faca na sua bolsa. Eu queria matar você também, mas ouvi barulho e escondi a faca na sua bolsa e fugi pela janela.

Aksiónov ficou calado, sem saber o que dizer. Makar Semiónov desceu da cama de palha, curvou-se no chão e disse:

– Ivan Dmítievitch, me perdoe, me perdoe, em nome de Deus. Vou confessar que matei o mercador e vão perdoar você. Vão mandar você para casa.

Aksiónov disse:

– Para você, é fácil falar, mas para mim, quanto sofrimento! Para onde irei agora? Minha esposa morreu, os filhos me esqueceram; não tenho para onde ir...

Makar Semiónov não se levantou do chão, bateu com a cabeça na terra e disse:

– Ivan Dmítievitch, me perdoe! Quando me bateram com o chicote, foi mais fácil do que olhar para você agora... E você ainda teve pena de mim, não me denunciou. Perdoe-me, pelo amor de Cristo! Perdoe-me, esse malfeitor desgraçado! – E começou a soluçar.

Quando Aksiónov ouviu Makar Semiónov chorando, também começou a chorar e disse:

– Deus vai perdoar você; quem sabe eu não sou cem vezes pior do que você? – E de repente sentiu a alma leve. Parou de sofrer por causa de sua família, de sua casa, e não tinha vontade de ir a lugar nenhum fora da prisão e só pensava na hora da morte.

Makar Semiónov não obedeceu a Aksiónov e confessou seu crime. Quando chegou a ordem para soltar Aksiónov, ele já havia morrido.

OS CRISTAIS

[Raciocínio]

Se polvilharmos sal na água e misturarmos, ele se dissolve a tal ponto na água que não dá para ver o sal; mas se pusermos muito sal, no fim o sal para de se dissolver e, por mais que misturemos a água, ele vai continuar como um pó branco. A água fica saturada de sal e não consegue absorver mais. Porém, se aquecermos a água, ela vai absorver mais sal; e o sal que não se dissolve na água fria se dissolve na água quente. Mas se pusermos mais sal ainda, nem a água quente vai absorver o sal. E se esquentarmos ainda mais a água, ela vai virar vapor e o sal vai aparecer mais ainda. Assim, para todas as coisas que se

dissolvem na água, existe uma medida além da qual a água não consegue absorver. Todas as coisas se dissolvem mais quando a água está quente do que quando está fria, mas a partir de um ponto, por mais que esquentemos a água, as coisas já não se dissolvem. As coisas permanecem como são e a água evapora.

Se saturarmos a água de pó de salitre e depois pusermos ainda mais salitre, esquentarmos tudo e deixarmos esfriar, o salitre excedente não vai se depositar como um pó no fundo da água, mas vai se juntar em colunas de seis lados e se depositar no fundo e dos lados, uma coluna ao lado da outra. Se saturarmos a água de pó de salitre e deixarmos num lugar quente, a água vai evaporar e o salitre excedente vai se distribuir também em colunas de seis lados.

Se aquecermos a água cheia de sal comum e também deixarmos que evapore, o sal vai se distribuir não em forma de pó, mas em pequenos cubos. Se saturarmos a água de salitre e sal, o salitre e o sal excedentes não vão se misturar, vão se distribuir cada um a seu modo – o salitre em forma de colunas e o sal em forma de cubos.

Se saturarmos a água de cal, ou de outro tipo de sal, ou ainda de qualquer coisa, quando a água virar vapor, essa coisa vai se depositar no fundo à sua maneira: uma, em colunas de três lados; outra, em colunas de oito lados; outra, em tijolinhos; outra, em estrelinhas – cada uma à sua maneira. Essas formas variadas existem em todas as coisas sólidas. Às vezes, essas formas são do tamanho da mão; como pedras na terra. Às vezes essas formas são tão pequenas que não dá para enxergar a olho nu; mas toda coisa tem sua forma própria.

Quando a água está cheia de salitre e nela começam a se formar figuras, se quebrarmos o cantinho de uma dessas figuras, novos pedacinhos de salitre virão de novo para aquele lugar e completarão a ponta quebrada exatamente como deve ser – em colunas de seis lados. O mesmo acontece com o sal e com qualquer coisa. Todos os pequenos pós vão rodar sozinhos e se acumular no lado que for necessário.

Quando o gelo derrete, acontece a mesma coisa.

Cai um flocozinho de neve – nele não se vê nenhuma figura; mas assim que ele pousa sobre uma coisa escura e fria, num pano, num couro, dá para distinguir uma figura no floco de neve: vemos uma estrelinha ou uma pastilha de seis lados. Nas janelas, o vapor não se congela de um jeito qualquer, mas assim que começa a se congelar logo toma a forma de uma estrelinha.

O que é o gelo? É a água sólida, fria. Quando a água líquida se torna água sólida, ela toma a forma de figuras e dela sai calor. O mesmo ocorre com o salitre: quando ele passa de líquido para figuras sólidas, dele sai calor. O mesmo ocorre com o sal, o mesmo com o ferro derretido, quando passa de líquido para sólido. Quando alguma coisa passa de líquido para sólido, dela sai calor e ela toma a forma de figuras. E quando de sólida passa a líquida, a substância absorve calor em si e dela sai o frio, e as figuras se desfazem.

Pegue o ferro derretido e deixe esfriar; pegue massa quente de farinha e deixe esfriar; pegue cal e deixe esfriar – vai sentir calor. Pegue gelo e derreta – vai sentir frio. Pegue salitre, sal e qualquer coisa que dissolve na água, e ponha na água – vai sentir frio. Para derreter sorvete, eles põem sal na água.

O LOBO E A CABRA

[Fábula]

O lobo viu uma cabra pastando no alto de uma montanha pedregosa e era impossível se aproximar dela; o lobo lhe disse:

– Você devia vir para baixo: aqui é mais plano e o capim é mais doce.

A cabra respondeu:

– Não é por isso que você está me dizendo para descer: você não está pensando na minha comida, mas sim na sua.

POLÍCRATES DE SAMOS

[História]

Houve um rei grego chamado Polícrates. Ele era feliz em tudo. Conquistou muitas cidades e ficou muito rico. Polícrates descreveu numa carta toda a sua vida feliz e mandou a carta para um amigo, o rei Amásis, do Egito. Amásis leu a carta e escreveu a resposta para Polícrates. Escreveu assim:

É bom saber da felicidade de um amigo. Mas não gosto da sua felicidade. Acho melhor quando um homem é feliz numa coisa e em outra não – para que haja alternância. Escute o que digo e faça o seguinte: pegue aquilo que é mais precioso para você, leve e deixe num lugar aonde não vá ninguém. E então você terá felicidade alternando com infelicidade.

Polícrates leu a carta e obedeceu ao amigo. Fez o seguinte: tinha um anel precioso; pegou o anel, reuniu muita gente e entrou num barco com toda aquela gente. Depois mandou ir para o mar. E quando foi para longe da ilha de Samos, na frente de todo mundo, jogou o anel no mar e voltou para casa.

Cinco dias depois, aconteceu que um pescador apanhou um peixe muito grande e bonito e quis dar de presente ao rei. Foi ao palácio de Polícrates e, quando o rei foi falar com ele, o pescador disse:

– Rei, pesquei este peixe e trouxe para você, porque um peixe tão bonito só um rei pode comer.

Polícrates agradeceu ao pescador e convidou-o para almoçar com ele. O pescador entregou o peixe e foi para a sala com o rei, mas os cozinheiros abriram o peixe e encontraram dentro dele o mesmo anel que Polícrates tinha jogado no mar.

Quando os cozinheiros levaram o anel para Polícrates e contaram onde tinham achado, Polícrates escreveu outra carta para o Egito, para seu amigo Amásis, e contou que tinha jogado o anel no mar e que ele tinha sido encontrado. Amásis leu a carta e refletiu: “Não adianta – está claro que não se pode escapar do destino. É melhor me afastar do amigo para que depois eu não lamente sua sorte”. E mandou dizer a Polícrates que a amizade deles estava terminada.

Naquele tempo, havia um homem chamado Oroites. Esse Oroites estava zangado com Polícrates e queria matá-lo. Oroites imaginou a seguinte trapaça. Escreveu para Polícrates dizendo que o rei persa Cambises o havia ofendido, queria matá-lo, e que ele ia fugir de Cambises. Oroites escreveu assim para Polícrates: “Possuo muitas riquezas, mas não sei onde posso viver. Receba-me em seu reino, com minhas riquezas, e eu e você juntos seremos os reis mais poderosos do mundo. Se não acredita que possuo grandes riquezas, mande alguém para ver”.

Polícrates mandou um súdito verificar se era verdade que Oroites tinha tanta riqueza. Quando o súdito foi ver as riquezas, Oroites enganou-o assim: levou muitos barcos, encheu de pedras e por cima das pedras pôs ouro, até as bordas.

Quando o súdito de Polícrates viu os barcos, acreditou que estavam cheios de ouro até as bordas, e contou isso para Polícrates.

Então o próprio Polícrates quis ir ao encontro de Oroites para ver sua riqueza. Na mesma noite, a filha de Polícrates sonhou que o pai tinha sido enforcado. A filha pediu ao pai que não fosse ao encontro de Oroites; mas o pai ficou irritado e disse que não ia casar a filha, se não ficasse calada. A filha respondeu:

– Eu bem que ficaria contente de não casar nunca, mas não vá ao encontro de Oroites: tenho medo de que aconteça uma desgraça.

O pai não deu ouvidos e partiu. Quando chegou, Oroites o prendeu e o enforcou. Assim o sonho da filha se tornou realidade.

E aconteceu o que Amásis tinha previsto: que a grande felicidade de Polícrates terminaria em grande infelicidade.

1 É tradição nos casamentos russos que os convidados gritem “amargo” para que o casal se beije e o vinho, então, fique doce.

1 Em russo, *piát* é cinco e *gorá* é montanha.

1 Javali de dois anos, com presas pontudas e retas. [N. A.]

1 Ou *Menaion*, em grego, livro que reúne as histórias das vidas dos santos da Igreja Ortodoxa, distribuídas pelos doze meses do ano.







QUARTO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O REI E A CAMISA

[Conto]

Um rei ficou doente e disse:

– Darei metade do reino a quem me curar.

Então se juntaram todos os sábios e começaram a discutir o que fazer para curar o rei. Ninguém sabia. Só um sábio falou que era possível curar o rei. Ele disse:

– Se acharmos um homem feliz, pegarmos sua camisa e vestirmos no rei, o rei vai se curar.

O rei mandou que procurassem em seu reino um homem feliz; mas os enviados do rei percorreram o reino inteiro por muito tempo e não conseguiram achar um homem feliz. Não havia ninguém satisfeito com tudo. Um era rico, mas doente; outro era saudável, mas pobre; um era rico e saudável, mas a esposa era feia; e o outro tinha filhos ruins; todos reclamavam de alguma coisa. Certa vez, tarde da noite, o filho do rei estava passando por uma isbá pequena e ouviu alguém dizer:

– Pronto, graças a Deus já trabalhei, já comi e deitei para dormir; do que mais eu preciso?

O filho do rei se alegrou, mandou tirar a camisa daquele homem, lhe dar dinheiro, quanto quisesse, e vestir o rei com sua camisa. Os enviados foram falar com o homem feliz e quiseram tomar sua camisa; mas o homem feliz era tão pobre que não tinha camisa nenhuma.

O CANIÇO E A OLIVEIRA

[Fábula]

A oliveira e o caniço discutiam sobre quem era mais forte e mais resistente. A oliveira zombou do caniço, dizendo que ele quebrava com qualquer ventinho. O caniço ficou quieto. Veio uma tempestade: o caniço balançou, sacudiu, curvou até o chão – sobreviveu. A oliveira ficou dura, com os galhos abertos contra o vento – e se partiu.

O LOBO E O MUJIQUE

[Conto]

Os caçadores perseguiram um lobo. E na correria o lobo deu de cara com um mujique. O mujique vinha do celeiro, trazia um saco e um mangual.

O lobo disse:

– Mujique, me esconda, os caçadores estão atrás de mim.

O mujique teve pena do lobo, escondeu-o dentro do saco e colocou sobre o ombro. Os caçadores chegaram e perguntaram ao mujique se tinha visto o lobo.

– Não vi, não.

Os caçadores foram embora. O lobo saltou para fora do saco e pulou em cima do mujique, queria devorá-lo. O mujique disse:

– Ah, lobo, você não tem vergonha? Salvei você e agora quer me devorar?

E o lobo respondeu:

– A velha hospitalidade não existe mais.

– Não, a velha hospitalidade existe, sim, pode perguntar a quem quiser, todo mundo vai dizer que existe.

O lobo disse:

– Então vamos juntos pela estrada. Vamos perguntar a quem aparecer primeiro se a velha hospitalidade não existe mais ou ainda existe. Se responder que ainda existe, solto você. Se responder que não existe, eu devoro você.

Foram pela estrada e uma égua velha e cega veio ao encontro deles. O mujique perguntou:

– Diga lá, égua: a velha hospitalidade ainda existe ou não?

A égua respondeu:

– Vejam só: vivi doze anos na propriedade do meu dono, dei para ele doze filhotes e o tempo todo puxava o arado e a carroça, mas no ano passado fiquei cega e mesmo assim me matava de tanto trabalhar; aí fiquei sem forças para puxar a carroça e caía. Bateram e bateram em cima de mim, me puxaram pelo rabo até a beira de um barranco e me jogaram lá de cima. Acordei, reuni minhas forças e agora nem eu mesma sei para onde vou.

O lobo disse:

– Está vendo, mujique? A velha hospitalidade não existe mais.

O mujique respondeu:

– Espere, vamos perguntar de novo.

Continuaram andando. Encontraram um cachorro velho. Ele rastejava, arrastava o quadril no chão.

O mujique disse:

– Diga lá, cachorro: a velha hospitalidade ainda existe ou não existe mais?

– Olhem só: vivi com meu dono quinze anos, vigiava sua casa, latia e pulava para morder; aí fiquei velho, perdi os dentes, me expulsaram da casa e ainda bateram no meu quadril com um varal de carroça. Agora ando me arrastando pelo chão, para longe de meu antigo dono, e nem sei para onde ir.

O lobo disse:

– Está vendo, não falei?

E o mujique respondeu:

– Vamos esperar o terceiro encontro.

E encontraram uma raposa. O mujique perguntou:

– Diga, raposa: a velha hospitalidade não existe mais ou ainda existe?

A raposa respondeu:

– Para que você quer saber?

O mujique disse:

– Veja, o lobo estava fugindo dos caçadores, pediu minha ajuda, eu o escondi dentro de um saco e agora ele quer me devorar.

A raposa disse:

– Mas será possível que um lobo tão grande consiga entrar num saco? Se eu visse como se faz, poderia analisar o problema.

O mujique respondeu.

– Ele entrou todinho no saco, pergunte para ele mesmo.

E o lobo disse:

– É verdade.

Então a raposa disse:

– Não acredito enquanto não puder ver. Mostre como conseguiu se enfiar no saco.

Então o lobo enfiou a cabeça no saco e disse:

– Pronto, foi assim.

A raposa disse:

– Você disse que entrou inteiro e não é isso que estou vendo.

O lobo se enfiou todo no saco. A raposa disse para o mujique:

– Agora amarre.

O mujique amarrou a boca do saco. A raposa disse:

– Agora, mujique, mostre como faz para sovar a massa do pão.

O mujique se alegrou e começou a bater no lobo com o mangual.

Depois disse:

– Agora, raposa, você vai ver como se sova a massa do pão.

E bateu na raposa até ela morrer, e depois disse:

– A velha hospitalidade não existe mais!

DOIS CAMARADAS

[Fábula]

Dois camaradas andavam pela floresta e um urso pulou sobre eles. Um saiu correndo, subiu numa árvore e se escondeu, mas o outro ficou parado. Não tinha o que fazer – se jogou no chão e se fingiu de morto.

O urso se aproximou dele e começou a farejar: o homem até parou de respirar.

O urso farejou seu rosto, achou que estava morto e se afastou.

Quando o urso foi embora, o outro desceu da árvore e riu:

– Puxa vida, o que foi que o urso falou no seu ouvido?

– Ele me disse que gente que presta não abandona um camarada na hora do perigo.

O PULO

[História real]

Um navio deu a volta ao mundo e retornou para casa. O tempo estava bom, todo mundo estava no convés. No meio das pessoas, um macaco grande dava piruetas e divertia a todos. O macaco pulava, se contorcia, fazia caretas gozadas, imitava as pessoas e estava claro que sabia que as pessoas estavam adorando e por isso ficava ainda mais alvoroçado.

O macaco pulou na direção de um menino de doze anos, filho do capitão do navio, tirou seu chapéu, pôs o chapéu na própria cabeça e escalou depressa o mastro principal. Todos riram, mas o menino ficou sem o chapéu e não sabia se devia rir ou chorar.

O macaco sentou na primeira viga do mastro, tirou o chapéu e começou a rasgá-lo com os dentes e as patas. Parecia zombar do menino, fazia caretas e trejeitos para ele. O menino ameaçou o macaco, gritou, mas o macaco rasgou o chapéu com mais raiva ainda. Os marinheiros começaram a rir mais alto e o menino ficou vermelho, tirou a jaqueta e se atirou ao mastro, no encaixe do macaco. Num minuto, já estava subindo por uma corda para a primeira viga; mas o macaco era mais ágil e mais rápido do que ele e, no instante em que o menino achou que ia pegar o chapéu, o macaco subiu mais ainda.

– Você não vai me escapar! – começou a gritar o menino, e escalou mais alto.

O macaco o enganou mais uma vez, subiu ainda mais, porém o menino se encheu de ardor e não desistiu. Assim o macaco e o menino num instante alcançaram o alto do mastro. Lá em cima, o macaco se esticou todo e, segurando-se à corda pela pata traseira, pendurou o chapéu na ponta da última viga, subiu até o topo do mastro e de lá se contorcia, mostrava os dentes e se divertia. Do mastro até a ponta da última viga, onde o chapéu estava pendurado, havia uma distância de mais ou menos dois *archin*, de modo que não havia como alcançá-lo sem soltar a mão do mastro e da corda.

Mas o menino estava muito agitado. Largou o mastro e começou a andar sobre a viga. No convés, todos olhavam e riam do que o macaco e o filho do capitão estavam fazendo; mas quando perceberam que o menino tinha largado a corda e andava sobre a viga, de braços abertos, todos morreram de medo.

Bastava um passo em falso e ele se arrebentaria sobre o convés. Mas, ainda que não pisasse em falso e chegasse à ponta da viga e pegasse o chapéu, seria difícil voltar e chegar ao mastro. Todos olhavam para ele em silêncio e esperavam o que ia acontecer.

De repente, alguém gritou de pavor. O menino, com aquele grito, se distraiu, olhou para baixo e cambaleou.

Naquele instante, o capitão do navio, pai do menino, saiu da cabine. Trazia uma espingarda para atirar numa gaivota. Viu o filho no mastro e na mesma hora apontou para ele e gritou:

– Para a água! Pule já para a água! Vou atirar!

O menino cambaleou, mas não entendeu.

– Pule, senão vou atirar!... Um, dois...

E na hora em que o pai gritou “três”, o menino baixou a cabeça e pulou.

O corpo do menino afundou no mar como uma bala de canhão e vinte marinheiros mergulharam do navio antes que as ondas tivessem tempo de se fechar sobre o menino. Quarenta segundos depois – pareceu a todos um tempo bem maior – o corpo do menino emergiu. Apanharam e levaram para o navio. A água espirrou de sua boca e de seu nariz durante alguns minutos e então ele começou a respirar.

Quando o capitão viu, de repente começou a gritar, como se alguma coisa o sufocasse, e correu para sua cabine para que ninguém visse como chorava.

O CARVALHO E A AVELANEIRA

[Fábula]

Um velho carvalho largou um fruto embaixo de uma avelaneira. A avelaneira disse para o carvalho:

– Será que não basta o espaço que tem embaixo dos seus galhos? Largue seus frutos em outro lugar. Aqui, meus brotos são tantos que já estou apertada, e além do mais eu não jogo minhas nozes à toa pelo chão, dou para as pessoas.

– Estou vivo há duzentos anos – respondeu o carvalho – e o carvalho que vai nascer dessa semente vai viver o mesmo tempo.

Então a avelaneira se irritou e disse:

– Pois eu vou sufocar sua muda e ela não vai viver nem três dias.

O carvalho não respondeu e mandou seu filho brotar da semente.

A semente se molhou, germinou e se prendeu à terra por um broto, e outro broto se desdobrou para cima.

A avelaneira o abafou, não deixou o sol bater nele. Mas o carvalhinho se esticou para cima e ficou mais forte à sombra da avelaneira. Passaram cem anos. A avelaneira tinha murchado havia muito tempo, mas o carvalho daquela semente se erguia até o céu e espalhava sua copa para todos os lados.

O AR VENENOSO

[História real]

Na aldeia Nikólskoie, num feriado, o povo foi à missa. Na casa senhorial, ficaram só uma vaqueira, o estaroste e um cavaliço. A vaqueira foi ao poço buscar água. O poço ficava no pátio. Ela puxou o balde, mas não conseguiu segurar. O balde despencou, bateu na parede do poço e soltou a corda. A vaqueira voltou para a isbá e disse ao estaroste:

– Aleksandr! Desça lá no poço, paizinho. Deixei o balde cair.

Aleksandr disse:

– Você que deixou cair o balde que pegue.

A vaqueira disse que podia até descer no poço, mas pediu que ele a segurasse.

O estaroste riu e disse:

– Certo, vamos lá. Agora você está de jejum, de barriga vazia, e eu consigo segurar; se fosse depois do almoço, não aguentava.

O estaroste prendeu uma corda num pedaço de pau e a mulher montou nele de pernas abertas, se amarrou na corda e começou a descer no poço, e o estaroste começou a baixar a vaqueira, rodando o eixo. Dentro do poço, eram seis *archin* até o fundo, e a água tinha só um *archin* de profundidade. O estaroste baixava a corda devagar e toda hora dizia:

– Ainda falta?

A vaqueira gritava de dentro:

– Mais um pouquinho!

De repente o estaroste sentiu que a corda ficou frouxa; gritou para a vaqueira, mas ela não respondeu. O estaroste olhou dentro do poço e viu que a mulher estava dentro da água, de cabeça para baixo. O estaroste começou a gritar e chamar o povo; mas não havia ninguém. Só veio o cavaliço. O estaroste mandou que ele segurasse a roda com a corda e ele mesmo se amarrou, sentou de pernas abertas sobre o eixo e desceu no poço.

Assim que o cavaliço baixou o estaroste até a água, aconteceu a mesma coisa. A corda ficou frouxa porque ele tinha caído de cabeça para baixo em cima da mulher. O cavaliço começou a gritar,

depois correu até a igreja, atrás do povo. A missa tinha acabado, o povo estava saindo da igreja. Todos os mujiques e mulheres correram para o poço. Todos se aglomeraram em torno do poço, todos gritavam, mas ninguém sabia o que fazer. O jovem carpinteiro Ivan abriu caminho na multidão até o poço, apanhou a corda, sentou sobre o eixo e mandou que o baixassem. Só que Ivan amarrou a corda ao cinto. Dois homens o baixaram, os outros olhavam o tempo todo para dentro do poço, para ver o que ia acontecer com Ivan. Assim que chegou perto da água, suas mãos soltaram a corda e ele teria caído de cabeça, mas ficou preso pelo cinto. Todo mundo gritou:

– Puxem de volta! – E puxaram Ivan.

Parecia morto, pendurado pelo cinto, sua cabeça estava tombada, mole, e bateu na beirada do poço. Tinha o rosto azul-avermelhado. Retiraram Ivan do poço, soltaram a corda e o deitaram na terra. Acharam que estava morto; mas de repente ele deu um suspiro profundo, começou a tossir e voltou a si.

Então quiseram descer de novo, mas um mujique velho disse que era impossível, porque dentro do poço o ar era venenoso e que aquele ar venenoso matava as pessoas. Então os mujiques foram correndo pegar uns ganchos e começaram a içar o estaroste e a vaqueira. A esposa e a mãe do estaroste se lamentavam à beira do poço, os outros as acalmavam, enquanto os mujiques desciam os ganchos no poço e tentavam içar os mortos. Por duas vezes, levantaram o estaroste até a metade do poço, preso pela roupa; mas ele era pesado, a roupa se rompeu e ele despencou. Afinal o prenderam com dois ganchos e o retiraram do poço. Depois tiraram a vaqueira. Os dois já estavam mortos, não voltaram a si.

Depois, quando observaram o poço, se deram conta de que, de fato, no fundo do poço o ar era venenoso.

AR VENENOSO

[Raciocínio]

Existem lugares em que o ar é tão venenoso que nenhuma pessoa ou animal consegue ficar vivo, se respirar.

Existem lugares embaixo da terra onde esse ar se acumula e, se alguém cair nesse lugar, morre logo. Por isso, nas minas, fazem lampiões e, antes que uma pessoa entre, descem o lampião. Se o fogo apagar, ninguém pode ir lá; então jogam ar puro lá dentro, até que o fogo possa ficar aceso.

Perto da cidade de Nápoles, existe uma caverna assim. Dentro dela, o ar venenoso sempre fica parado até um *archin* da terra, daí para cima o ar é puro. Uma pessoa anda na caverna e não lhe acontece nada, mas um cachorro, assim que entra, fica sufocado.

De onde vem esse ar venenoso? Ele é formado do mesmo ar puro que nós respiramos. Se muita gente se junta no mesmo lugar e todas as portas e janelas são fechadas para que não entre nenhum ar fresco, forma-se um ar igual àquele do poço e as pessoas vão morrer.

Cem anos atrás, numa guerra, os indianos capturaram cento e quarenta e seis ingleses. Aprisionaram numa caverna subterrânea, onde o ar não podia entrar.

Os prisioneiros ingleses, depois de algumas horas, começaram a sufocar e, no fim da noite, cento e vinte e três haviam morrido e os restantes saíram de lá doentes ou quase mortos. No início, o ar na caverna estava bom; mas quando os prisioneiros tinham inspirado todo o ar bom e o ar não tinha sido renovado, formou-se um ar venenoso, parecido com o que havia no poço, e eles morreram. Por que do ar bom se forma um ar venenoso, quando muita gente se junta? Porque as pessoas, quando respiram, inspiram o ar bom e expiram o ar ruim.

O LOBO E O CORDEIRO

[Fábula]

O lobo viu o cordeiro bebendo água no rio.

O lobo queria devorar o cordeiro e começou a reclamar dele.

– Você turva minha água de lama e não me deixa beber.

O cordeiro disse:

– Ah, lobo, como eu posso turvar sua água? Eu fico abaixo do rio e ainda por cima bebo com a pontinha dos lábios.

E o lobo disse:

– Bem, então por que você xingou meu pai no verão passado?

O cordeiro disse:

– Mas, lobo, no verão passado eu nem era nascido ainda.

O lobo se irritou e disse:

– Não dá para conversar direito com você. E, já que estou de barriga vazia, vou devorar você.

O PESO ESPECÍFICO

[História]

O rei grego Heron de Siracusa encomendou a Demétrio, seu mestre ourives, uma coroa de ouro para o ídolo Júpiter e lhe deu doze libras de ouro. Demétrio fez a coroa e, quando o rei pesou a coroa viu que tinha exatamente doze libras. Só que o rei tinha ouvido falar que Demétrio havia roubado muito ouro da coroa e substituído por prata. O rei queria descobrir se ele tinha posto muita prata na coroa em lugar do ouro, então mandou derreter a coroa para ver o que havia no meio. Havia um homem inteligente e culto, parente do rei, chamado Arquimedes. Ele disse para o rei:

– Não mande destruir a coroa para não desperdiçar o trabalho dele; eu, sem destruir a coroa, posso descobrir quanto há nela de prata e quanto há de ouro.

O rei concordou com ele e Arquimedes fez o seguinte:

Pegou uma libra de ouro e uma libra de prata, pesou-as nos pratos de uma balança e depois pesou as duas dentro da água. A libra de ouro pesou um peso de chumbo a menos que antes, mas a libra de prata pesou dois pesos de chumbo a menos.

Depois Arquimedes pesou a coroa toda na água, chamou o rei e disse:

– Quando pesamos uma libra de ouro puro na água, fica um peso de chumbo a menos; mas quando pesamos a prata na água, ficam dois pesos a menos; portanto, se a coroa fosse toda de ouro puro e nela houvesse doze libras de ouro, teríamos de tirar doze pesos da balança. Vamos ver.

Ele pôs na balança doze libras e começou a afundar a coroa na água. A coroa não baixou doze libras menos doze pesos, mas menos. Tiraram mais um peso. Arquimedes então disse:

– Veja, o número de pesos a mais que tiramos da balança representa a quantidade de ouro que Demétrio roubou.

Assim Arquimedes descobriu com segurança quanta prata havia na coroa em lugar do ouro.

O LEÃO, O LOBO E A RAPOSA

[Fábula]

Um leão velho e doente estava deitado dentro de uma caverna. Todos os animais vieram visitar o rei. Só a raposa não apareceu. Aí o lobo se alegrou com o caso e começou a falar da raposa para o leão.

– Ela não tem consideração por você, não veio visitar o rei nem uma vez.

A raposa estava passando na hora e ouviu as palavras do lobo. E pensou: “Deixe estar, lobo. Você me paga”.

Então o leão rugiu chamando a raposa e ela lhe disse:

– Não mande me matar, antes deixe que eu diga uma coisa. Não vim visitá-lo porque não tive tempo. E não tive tempo porque corri o mundo todo perguntando aos médicos qual é o remédio para você. Só agora encontrei e vim correndo.

O leão perguntou:

– E qual é o remédio?

– É o seguinte: se esfolar um lobo vivo e vestir seu couro ainda quente...

Quando o leão esticou o lobo no chão, a raposa deu uma risada e disse:

– Pois é, meu caro; para os senhores, nós temos de apontar o bem, e não o mal.

A ROUPA NOVA DO REI

[Conto]

O rei gostava muito de roupas bonitas. Não pensava em outra coisa senão em vestir-se melhor. Certo dia, vieram falar com ele dois mestres alfaiates e disseram:

– Nós podemos fazer a roupa mais elegante que jamais se viu. Só que os tolos e aqueles que não merecem a posição que ocupam não vão conseguir enxergar nossa roupa. Quem for inteligente vai ver, e quem for tolo, mesmo se estiver bem perto, não vai ver a roupa criada pelo nosso trabalho.

O rei se animou com os alfaiates e mandou costurar uma roupa nova. Levaram os alfaiates para um grande aposento do palácio e lhes deram veludo, seda, ouro – tudo o que fosse necessário para a roupa.

Uma semana depois, o rei mandou seu ministro saber se a roupa nova estava pronta. O ministro foi e perguntou; os alfaiates disseram que estava pronta e mostraram ao ministro um espaço vazio. O ministro sabia que os tolos e aqueles que não mereciam a posição que ocupavam não conseguiam enxergar a roupa e então ele fingiu que via a roupa e elogiou. O rei mandou trazer a roupa. Levaram a roupa para ele e mostraram um espaço vazio. O rei também fingiu que estava vendo a roupa nova, tirou sua roupa velha e mandou que vestissem nele a nova. Quando o rei foi passear pela cidade com a roupa nova, todos viram que o rei não estava usando roupa nenhuma; mas todos tinham medo de dizer que não viam a roupa, porque tinham ouvido falar que só os tolos não conseguiam enxergar a roupa nova. E, em segredo, cada um pensava que não estava vendo, mas achava que todas as outras pessoas viam a roupa nova. Assim, o rei passeou pela cidade e todos elogiaram a roupa nova. De repente, um bobo viu o rei e começou a gritar:

– Olhem, o rei está andando pelado na rua!

E o rei sentiu vergonha por não estar vestido e viram que o rei não estava com roupa nenhuma.

O RABO DA RAPOSA

[Fábula]

Um homem capturou uma raposa e perguntou para ela:

– Quem ensinou as raposas a enganar os cães com o rabo?

A raposa perguntou:

– Como assim, enganar? Nós não enganamos os cães, simplesmente fugimos deles com toda a força que temos.

O homem disse:

– Não, vocês usam o rabo para enganar. Quando os cães perseguem vocês e querem pegar, vocês balançam o rabo para um lado; os cães viram bruscamente atrás do rabo, mas aí vocês correm para o lado contrário.

A raposa riu e disse:

– Não fazemos isso para enganar o cão; fazemos isso para dar a curva: quando o cão nos alcança e vemos que não podemos mais fugir em linha reta, viramos para o lado; para isso, para poder virar de repente para o lado, temos de balançar o rabo para o outro lado, assim como vocês fazem com os braços quando querem fazer uma curva numa corrida. Não é uma invenção nossa: foi inventado por Deus mesmo, ainda no tempo em que nos criou, para que os cães não consigam capturar todas as raposas.

O BICHO-DA-SEDA

[Conto]

Eu tinha no jardim antigos pés de amora. Foi meu avô quem plantou. No outono, me deram uma caixinha de ovos de bicho-da-seda e recomendaram que eu incubasse as lagartas e fizesse seda. Os ovos eram cinza-escuro e tão miúdos que, dentro da caixinha, contei cinco mil oitocentos e trinta e cinco ovos. Eram menores do que a cabeça de um alfinete. Parecem estar mortos: só que quando a gente aperta, eles estalam.

Os ovinhos ficaram largados na minha mesa e eu me esqueci deles.

Um dia, na primavera, fui ao jardim e notei que uma amoreira tinha começado a dar brotos e que, do lado que o sol batia, já havia folhas. Lembrei-me dos ovos de bicho-da-seda, fui para casa examinar os ovos e os espalhei sobre a mesa. A maior parte dos ovinhos já não estava mais cinza-escuro, como antes, alguns estavam cinza-claro e outros mais claros ainda, com um matiz leitoso.

Na manhã seguinte, bem cedo, observei os ovinhos e vi que de alguns já saíam as lagartas e outros haviam inchado e estavam cheios. É claro que, dentro de sua casca, as lagartas sentiram que seu alimento já havia amadurecido.

As lagartas eram pretas, peludas e tão pequenas que era difícil observá-las. Olhei na lente de aumento e vi que, dentro da casca, elas ficavam enroladas em anéis e, quando saíam, se esticavam. Fui ao jardim pegar folhas de amoreira, apanhei três punhados, coloquei sobre minha mesa e arrumei um lugar para as lagartas da maneira como me haviam ensinado.

Enquanto eu preparava o papel, as lagartas farejaram seu alimento sobre a mesa e rastejaram em sua direção. Eu me aproximei e comecei a atrair as lagartas para uma folha e elas, como cães atrás de um pedaço de carne, rastejaram atrás da folha, sobre o tecido que forrava a mesa, em meio a lápis, tesouras e

papéis. Então recortei um papel, furei com uma faquinha, coloquei as folhas sobre o papel e, com a folha, coloquei o papel sobre as lagartas. As lagartas rastejaram através do furinho, escalaram a folha e logo todas começaram a fazer sua refeição.

Sobre as outras lagartas, quando saíram dos ovos, também coloquei um papel com uma folha de amoreira e todas rastejaram através do furinho e começaram a comer. Em cada folha de papel, as lagartas sempre se juntavam e, a partir das beiradas, comiam a folha de amoreira. Depois, quando tinham comido tudo, rastejavam pelo papel à procura de mais alimento.

Então eu colocava sobre elas mais uma folha de papel furado, com uma folha de amoreira, e as lagartas escalavam pelo furo na direção do novo alimento.

As lagartas ficavam paradas na minha prateleira e, quando não tinha uma folha, rastejavam pela prateleira, chegavam até a beiradinha, mas, apesar de serem cegas, jamais caíam. Assim que uma lagarta se aproximava do abismo, antes de descer, expelia uma teia pela boca e, nela, se colava à beirada, descia, ficava suspensa, tomava pé da situação e, se quisesse, descia, descia, mas se quisesse voltar, subia pendurada em sua teia.

As lagartas passavam dias inteiros comendo e não faziam mais nada. E era preciso lhes dar folhas cada vez maiores. Quando levávamos uma folha fresca para elas e as lagartas rastejavam em cima dela, ouvia-se um barulho igual ao da chuva caindo nas folhas; eram as lagartas que começavam a comer a folha fresca.

Assim, as lagartas mais velhas viveram cinco dias. Já haviam crescido muito e passaram a comer dez vezes mais do que antes. No quinto dia, entendi que as lagartas precisavam adormecer e fiquei esperando a hora em que isso ia acontecer. Na tarde do quinto dia, uma lagarta mais velha grudou no papel e parou de comer e de se mexer. No outro dia, fiquei muito tempo vigiando. Sabia que as lagartas iam mudar de pele algumas vezes, porque elas tinham crescido, estavam apertadas na pele de antes e se cobriam com uma nova.

Eu e meus camaradas vigiamos as mudanças. Ao anoitecer, um camarada gritou:

– Começou a tirar a roupa, venham!

Fui e vi que exatamente aquela lagarta que tinha grudado a pele no papel havia rasgado um furo perto da boca, esticava a cabeça para fora e se esforçava e se retorcia – como se quisesse sair, mas a camisa velha não a largava. Fiquei muito tempo observando como ela se debatia sem conseguir se soltar e eu quis ajudar. Puxei um pouquinho com a unha, mas logo percebi que estava fazendo uma bobagem. Embaixo da unha, apareceu algo líquido e a lagarta morreu. Achei que era sangue, mas depois entendi que debaixo da pele da lagarta há um líquido oleoso – para que sua camisa saia mais facilmente com a ajuda daquele óleo. Com a unha, na verdade, eu estraguei a camisa nova, porque a lagarta logo morreu, apesar de ainda rastejar um pouco.

Nas outras eu já não toquei e todas elas conseguiram sair de suas camisas; só algumas se perderam, mas quase todas, depois de muito esforço, se desfizeram de suas camisas velhas.

Depois de mudarem de pele, as lagartas passaram a comer mais ainda e trouxemos folhas ainda maiores. Em quatro dias, elas adormeceram de novo e começaram, de novo, a rastejar para fora da pele. Trouxemos uma folha ainda maior e as lagartas já estavam crescidas, com um oitavo de *verchok*¹ de altura. Depois, no sexto dia, adormeceram de novo e, com pele nova, saíram de novo da pele velha; já eram bem grandes e gordas e nós logo tratamos de arranjar folhas para elas.

No nono dia, as lagartas mais velhas pararam totalmente de comer e rastejaram para cima das prateleiras e das colunas. Juntei as lagartas e pus uma folha fresca para elas, mas viraram a cabeça para outro lado e continuaram a rastejar. Então lembrei que as lagartas, quando se preparam para se enrolar dentro do casulo, param de comer e rastejam para o alto.

Eu as deixei e fiquei só observando o que iam fazer.

As lagartas mais velhas subiram para o teto, se espalharam, rastejaram e começaram a fazer uma

teia em várias direções. Observei uma delas. A lagarta se escondeu num canto, estendeu fios de uns seis *verchok* para todos os lados, pendurou-se neles, curvou-se ao meio como uma ferradura e começou a rodar a cabeça e soltar uma teia de seda, de modo que a teia se enrolasse em torno dela. Ao anoitecer, a lagarta já estava dentro de sua teia, como numa neblina. Mal dava para enxergar a lagarta; e na manhã seguinte ela já estava totalmente invisível por trás da teia: a lagarta estava toda envolta pela seda e ainda continuava a rodar.

Após três dias, ela parou de rodar e morreu.

Depois vim a saber quanto fio a lagarta produzia naqueles três dias. Se desenrolássemos toda a teia, às vezes o comprimento chegava a mais de uma versta, raramente menos. E se contássemos quantas vezes a lagarta tinha de rodar a cabeça naqueles três dias, para expelir o fio da teia e se enrolar nele, veríamos que ela, naqueles três dias, roda trezentas mil vezes em torno do próprio corpo. Quer dizer, a lagarta não para de rodar nem um segundo. Em compensação, depois de todo esse trabalho, quando tiramos alguns casulos e quebramos, deparamos com as lagartas dentro dos casulos totalmente ressecadas, brancas, como cobertas de cera.

Aprendi que de dentro daqueles casulos, como cadáveres brancos e cobertos de cera, iam sair as borboletas; mas, olhando para eles, não dava para acreditar. No entanto, no vigésimo dia, comecei a observar o que ia acontecer com os casulos que deixei.

No vigésimo dia entendi que devia ter havido uma transformação. Não era visível e eu já estava achando que algo estava errado, quando notei num casulo a pontinha escurecida e molhada. Logo pensei que podia estar estragado e ia jogar fora. Mas pensei: será que não é assim que começa? E fiquei olhando o que ia acontecer. E de fato: a partir do lugar molhado, alguma coisa se mexeu.

Demorei muito tempo para entender o que era. Mas depois surgiu algo parecido com uma cabecinha com bigodinhos. Os bigodes se mexiam. Depois notei que uma pata se esticou através de um buraco, depois outra pata – e as patas se reviraram e acabaram escapando do casulo. Alguma coisa se debatia cada vez mais para fora e entendi que era uma borboleta molhada. Quando as patas se desembaraçaram, a parte de trás pulou, a borboleta surgiu e ficou parada. Quando secou, ficou branca, ajeitou as asas, voou um pouco, deu umas voltas e pousou na janela.

Dois dias depois, a borboleta pôs ovos em favos no peitoril da janela e grudou-os ali. Os ovinhos eram amarelos, vinte e cinco borboletas puseram ovos. E eu recolhi cinco mil lagartas.

No ano seguinte, já alimentei mais lagartas e fiei mais seda.

O REI E OS ELEFANTES

[Fábula]

Um rei indiano mandou reunir todos os cegos e, quando chegaram, mandou que mostrassem a eles seus elefantes. Os cegos foram para a cocheira e começaram a apalpar os elefantes. Um apalpou a perna; o segundo, a ponta da cauda; o terceiro, o início da cauda; o quarto, a barriga; o quinto, as costas; o sexto, as orelhas; o sétimo, as presas; o oitavo, a tromba; o nono, os lados; o décimo, a cabeça. Depois o rei chamou os cegos e perguntou:

– Como são meus elefantes?

Um cego disse:

– Seus elefantes parecem colunas. – Era o cego que tinha apalpado as pernas.

Outro cego disse:

– Parecem vassouras. – Era o cego que tinha apalpado a ponta da cauda.

O terceiro disse:

– Eles parecem galhos de árvore. – Era o que tinha apalpado a parte de cima da cauda.

O que tinha apalpado a barriga disse:

– Os elefantes parecem montes de terra.

O que tinha apalpado os lados disse:

– Eles parecem uma parede.

O que tinha apalpado as costas disse:

– Eles parecem um morro.

O que tinha apalpado as orelhas disse:

– Eles parecem mantas.

O que tinha apalpado a cabeça disse:

– Eles parecem uma caçamba.

O que tinha apalpado as presas disse:

– Eles parecem chifres.

O que tinha apalpado a tromba disse:

– Eles parecem uma corda grande.

E todos os cegos começaram a discutir e brigar.

A CAÇA É PIOR QUE A ESCRAVIDÃO

[Conto de caçador]

Fomos caçar ursos. Meu camarada teve de atirar num urso; ele o feriu, acertando de raspão no traseiro do urso. Ficou um pouco de sangue na neve e o urso fugiu.

Nós nos reunimos na floresta e conversamos para decidir o que fazer: ir naquele momento pegar aquele urso ou esperar três dias, até o urso deitar.

Fomos perguntar a mujiques acostumados a caçar ursos se era possível ou não cercar o urso naquele momento. Um velho caçador de ursos disse:

– Não pode, não. Tem de dar tempo para o urso deitar; daqui a uns cinco dias já pode ir atrás dele, se for agora só vai assustar o urso, ele não vai deitar.

Um jovem mujique caçador de ursos discutiu com o velho e disse que era possível apanhar o urso naquele momento.

– Nessa neve, o urso não vai longe, o urso é gordo. Ele vai deitar hoje mesmo. Se não deitar, eu o alcanço com os esquis.

Meu camarada também não quis ir atrás do urso naquele momento e preferiu esperar.

E eu disse:

– Não adianta discutir. Vocês façam como quiserem, eu vou com Demian seguir os rastros. Se pegarmos, tudo bem; se não, tanto faz. Não vamos fazer nada mesmo hoje, e ainda não está tarde.

Assim fizemos.

Meus camaradas foram no trenó para a aldeia e eu e Demian pegamos comida e ficamos na floresta.

Depois que todos foram embora, eu e Demian examinamos as espingardas, fechamos o casaco de pele amarrando na cintura e seguimos os rastros.

O tempo estava bom: gelado e tranquilo. Mas andar de esqui era difícil: a neve estava funda e

parecia pó. A neve não estava assentada no solo da floresta, ainda por cima tinha nevado na véspera e por isso os esquis afundavam um palmo na neve, e até mais, em certos trechos.

Dava para ver a trilha do urso de longe. Dava para ver como o urso estava andando, como às vezes caía de barriga e revirava a neve. No início, avançamos vendo bem os rastros, entre árvores altas; depois, quando os rastros entraram numa floresta de pinheiros pequenos, Demian parou.

– Temos de deixar a trilha. Acho que ele vai deitar aqui. Começou a sentar, dá para ver pela neve. Vamos nos afastar da trilha e dar a volta. Só que não podemos fazer barulho, nem gritar, nem tossir, senão ele se assusta.

Nós nos afastamos da trilha, para a esquerda. Percorremos uns quinhentos passos, olhamos – a trilha do urso estava de novo à nossa frente. Seguimos a trilha novamente e essa trilha nos levou à estrada. Paramos na estrada e ficamos observando para que lado o urso tinha ido. Aqui e ali, na estrada, víamos como o urso deixava a marca de sua pata inteira, com os dedos, e aqui e ali víamos como um mujique havia pisado na estrada com suas sandálias de palha. Dava para ver que ele ia para a aldeia.

Seguimos pela estrada. Demian disse:

– Agora não vamos achar nada na estrada; em algum lugar ele vai sair da estrada, para a direita ou para a esquerda, e vai dar para ver na neve. Em algum lugar, ele vai sair da estrada, não vai entrar na aldeia.

Assim seguimos uma versta pela estrada; olhamos para a frente – a trilha deixava a estrada. Olhamos e... que coisa incrível! Era a trilha do urso, só que não ia da estrada para a floresta, mas sim vinha da floresta para a estrada: os dedos estavam voltados para a estrada. Eu disse:

– É outro urso.

Demian observou, pensou.

– Não, é o mesmo, só que começou a querer despistar. Ele saiu da estrada andando de costas.

Seguimos a trilha, e era aquilo mesmo. Vimos que o urso se afastou da estrada uns dez passos andando de costas, passou por um pinheiro, virou-se e então andou para a frente. Demian parou e disse:

– Agora vamos cercar de verdade. Ele não tem mais onde deitar senão nesse pântano. Vamos fazer o cerco.

Começamos a fazer a volta pela densa floresta de pinheiros. Eu já estava exausto, tinha dificuldade para andar. Ora esbarrava num ramo de junípero e ficava agarrado aos ramos, ora um pinheirinho pequeno se dobrava entre minhas pernas, ora o esqui se prendia por causa da minha falta de prática, ora eu tropeçava num toco ou num cepo escondido embaixo da neve. Eu já começava a cansar. Tirei o casaco de pele e meu suor escorria. Mas Demian flutuava como se estivesse num bote. Os esquis pareciam andar sozinhos embaixo dele. Não se enganchava nem esbarrava em nada. E ainda pôs meu casaco de pele sobre os ombros e não parava de me animar.

Demos uma volta de umas três verstas, contornamos o pântano. Eu já estava cansado, os esquis já estavam tortos, as pernas vacilavam. De repente, Demian parou na minha frente e acenou com a mão. Fui até lá. Demian se agachou, sussurrou e apontou:

– Olhe, uma pega está piando em cima de uma árvore, o pássaro sente o cheiro do urso de longe. É ele.

Fomos em frente, seguimos mais uma versta e achamos de novo a trilha antiga. Assim, demos uma volta inteira em redor do urso e ele tinha ficado no meio de nosso cerco. Paramos. Tirei o chapéu e me desabotoei todo: estava com calor, parecia uma sauna, estava todo molhado, feito um rato. E Demian ficou vermelho, se enxugou com a manga.

– Bom, patrão – disse –, está feito. Agora temos de descansar.

O crepúsculo logo começou a brilhar vermelho através da floresta. Sentamos nos esquis para descansar. Pegamos pão e sal na bolsa; primeiro comi um pouco de neve, depois pão. E o pão me pareceu o mais gostoso que eu já havia comido em toda a vida. Ficamos sentados; já começava a

escurecer. Perguntei a Demian se a aldeia ficava longe.

– Umas doze verstas! Vamos chegar lá tarde da noite e agora temos de descansar. Vista seu casaco de pele, patrão, senão vai se resfriar.

Demian partiu uns ramos de pinheiro, forrou a neve, armou um leito e eu e ele deitamos pertinho um do outro, as mãos embaixo da cabeça. Eu mesmo não lembro como foi que adormeci. Acordei umas duas horas depois. Alguma coisa estalou.

Tinha dormido um sono tão profundo que nem lembrei onde estava. Olhei em volta e... que coisa incrível! Onde eu estava? Havia umas salas brancas acima de mim, e colunas brancas, e em tudo eu via o brilho de lantejoulas. Olhei para cima – enfeites brancos e, no meio dos desenhos, uma espécie de arco azul metálico e luzes acesas coloridas. Olhei para trás e lembrei que estávamos na floresta, que aquilo era uma árvore na neve e que, por causa da geada, tive a impressão de que eram salões, e as luzes na verdade eram as estrelas no céu, cintilando no meio dos ramos.

Tinha geado à noite: havia geada nos galhos, havia geada no meu casaco de pele, Demian estava todo coberto pela geada e a geada jorrava do alto. Acordei Demian. Calçamos os esquis e seguimos em frente. A floresta estava em silêncio; só se ouvia o roçar de nossos esquis na neve fofa, o estalo de uma ou outra árvore por causa da friagem e, em toda a floresta, o rumor do vento. Só uma vez um bicho fez barulho perto de nós e foi embora correndo. Pensei que era o urso. Fomos para o lugar de onde viera o barulho, vimos um rastro de lebre, os álamos pequenos estavam roídos. Eram as lebres que estavam comendo.

Fomos para a estrada, amarramos os esquis nas costas e seguimos por ela. Era fácil andar. Os esquis nas costas chacoalhavam e rangiam enquanto andávamos na estrada plana, a neve chiava embaixo das botas, a geada fria batia no rosto, grudava como uma penugem. Através dos galhos, as estrelas pareciam correr em nossa direção, brilhavam, apagavam, como se o céu inteiro tremesse com força.

Meu camarada estava dormindo – eu o acordei. Contamos que tínhamos cercado o urso e mandamos o senhorio preparar os mujiques batedores de manhã. Jantamos e fomos dormir.

De tão cansado, eu dormiria até a hora do almoço, mas meu camarada me acordou. Levantei e olhei: meu camarada estava vestido, fazia alguma coisa com a espingarda.

– Onde está o Demian?

– Foi para a floresta faz tempo. Foi verificar a situação e voltou para cá; agora conduziu os batedores.

Eu me lavei, troquei de roupa, carreguei minha espingarda; sentamos no trenó e partimos.

A friagem continuava forte, o ar estava calmo, não se via o sol; uma neblina pairava no alto e a geada estava assentando no solo.

Percorremos umas três verstas pela estrada, nos aproximamos da floresta. Vimos: uma fumacinha azul numa baixada e gente parada – mujiques e mulheres com porretes.

Descemos do trenó, chegamos perto do povo. Os mujiques estavam sentados, assando batatas, eles e as mulheres riam.

E Demian estava junto com eles. O povo se levantou, Demian levou-os para que se postassem em círculo, na linha do nosso cerco da noite anterior. Os mujiques e as mulheres se puseram numa fila. Trinta pessoas – só se via da cintura para cima – entraram na floresta; depois eu e meu camarada fomos atrás deles.

Embora o caminho fosse plano, era difícil andar; em compensação, não tinha espaço para cair – era como andar entre duas paredes.

Assim andamos mais ou menos meia versta – Demian logo veio correndo de esqui do outro lado em nossa direção, abanou a mão para que fôssemos ao encontro dele.

Chegamos perto, ele mostrou o lugar. Fiquei onde ele estava, olhei em volta.

À minha esquerda, havia um pinheiro alto; através dele, se via longe e, atrás das árvores, vi algo

preto: era um mujique batedor. Na minha frente, havia um pinheiral novo, denso, da altura de um homem. E no pinheiral os galhos estavam curvados e carregados de neve. No meio do pinheiral, o caminho estava coberto de neve. Aquele caminho vinha reto na minha direção. À minha direita, um pinheiral denso e, no fim do pinheiral, uma clareira. Vi que Demian pôs meu camarada naquela clareira.

Examinei minhas duas espingardas, engatilhei, comecei a pensar qual seria o melhor lugar para eu ficar. Atrás de mim, a três passos, havia um grande pinheiro. “Vou tomar posição junto ao pinheiro e vou deixar a outra espingarda encostada nele.” Fui até o pinheiro, a neve chegava até acima do joelho, bati a neve com os pés junto ao pinheiro numa área de um *archin* e meio e me instalei ali. Tomei uma espingarda nos braços e a outra, engatilhada, encostei no pinheiro. Peguei o punhal e deixei na bainha, para poder sacar com facilidade, caso necessário.

Assim que me instalei, ouvi o grito de Demian, na floresta:

– Vamos! A caminho! Vamos!

E quando Demian começou a gritar, os mujiques no círculo gritaram em várias vozes.

– Vamos! Uuuu! – gritaram os mujiques.

– Ai! Ih-ih! – gritaram as mulheres, com voz aguda.

O urso estava dentro do círculo. Demian o enxotava. O povo gritava em toda parte do círculo, só eu e meu camarada ficamos parados, em silêncio e sem nos mexer, à espera do urso. Levantei, olhei, escutei, meu coração parecia martelar. Segurei a espingarda, eu tremia. Pronto, pensei, vai pular, vou fazer pontaria, vou atirar, ele vai cair... De repente, à esquerda, escuto, algo desaba na neve, longe. Olho para o pinheiral alto: a uns cinquenta passos, atrás das árvores, há algo preto, grande. Faço pontaria e espero. Penso que pode chegar mais perto. Olho: ele mexeu as orelhas, voltou para trás. De lado, ficou todo visível para mim. Animal corpulento! Fiz pontaria às pressas. Pum! – escuto: minha bala acertou numa árvore. Olho através da fumaça: meu urso pulou para trás em busca de abrigo e se escondeu no meio da mata. Ora, pensei, desperdicei meu trabalho; agora ele já não vai vir na minha direção. Ou meu camarada vai atirar ou então ele vai para o meio dos mujiques, e não na minha direção. Fiquei onde estava, recarreguei a espingarda e ouvi com atenção. Os mujiques gritavam de todos os lados, mas da direita, perto do meu camarada, ouvi uma mulher gritar de um jeito estranho:

– Olha ele lá! Olha ele lá! Aqui! Aqui! Ei, ei! Ai, ai, ai!

De repente, o urso tinha aparecido. Eu já não esperava que o urso viesse para mim, e olhei para a direita, para meu camarada. Olho: Demian, com um porrete e sem esquis, correu pela trilha na direção de meu camarada; sentou a seu lado e apontou para alguma coisa com o porrete, como se fizesse pontaria. Olhei: meu camarada empunhou a espingarda, apontou na direção indicada por Demian. Pum! – disparou. “Pronto, matou”, pensei. Só que olhei e vi que meu camarada não corria na direção do urso. “Na certa errou ou não atingiu o lugar certo”, pensei. “Agora o urso vai fugir e não vai vir mais para o meu lado!” O que foi isso? De repente ouvi na minha frente – alguém voou como um redemoinho, espalhou a neve bem perto e bufou. Olhei para a frente: ele vinha retinho para mim, pela trilha, no meio do pinheiral alto, rápido, de cabeça abaixada, fora de si por causa do medo. A cinco passos de mim, ele ficou inteiramente visível: o peito preto, a cabeça enorme de cor ruiva. Vinha voando direto com a testa na minha direção, espirrava neve para todos os lados. Percebi pelos olhos do urso que ele não estava me vendo, de tanto medo ele corria feito um louco, sem rumo. Seu caminho ia dar direto no pinheiro onde eu estava. Empunhei a espingarda e atirei – e ele já estava ainda mais perto. Olho: não caiu, a bala passou ao lado; mas ele nem ouviu, corria na minha direção sem ver nada. Baixei a espingarda, quase a apoiei na sua cabeça. Pum! Olho: ele caiu, mas não matei.

Levantou a cabeça, encolheu as orelhas, pôs os dentes à mostra e veio direto para mim. Apanhei a outra espingarda; porém, mal fechei a mão, ele já voava em cima de mim, só que bateu com a pata na neve e errou o pulo. “Puxa, que bom que não me pegou”, pensei. Comecei a me levantar, senti uma coisa me apertando e não soltava. Na investida, ele não se conteve, errou o pulo, mas deu meia-volta e se jogou

sobre mim com o peito. Sinto que ele está deitado em cima de mim com todo o peso, sinto o calor sobre a cara e sinto que ele tomou todo o meu rosto entre as mandíbulas. Meu nariz já está dentro de sua boca e sinto calor e cheiro de sangue. Ele segurou meus ombros com as patas, não consigo me mexer. Só posso encolher a cabeça na direção do peito, tirar o nariz e os olhos de suas mandíbulas. Mas ele quer mesmo pegar meu nariz e meus olhos. Sinto que, com os dentes da arcada superior, ele agarrou a carne de minha testa, logo abaixo do cabelo, e a carne logo abaixo dos olhos, apertou os dentes, começou a espremer. Parecia que cortavam minha cabeça com facas; eu me debato, puxo, mas ele tem pressa e morde como um cachorro – tritura, tritura. Eu me viro, ele me segura de novo. “Pronto, chegou meu fim”, pensei. Sinto de repente que o peso em cima de mim acabou. Olho: ele não está mais ali, pulou e fugiu.

Quando meu camarada e Demian viram que o urso tinha me derrubado na neve e me mordeu, vieram correndo me ajudar. Meu camarada quis chegar mais depressa, mas cometeu um erro; em lugar de correr pela trilha batida, veio pelo mato e acabou caindo. Enquanto ele se desvencilhava da neve, o urso me mordeu todo. E Demian, como não tinha espingarda, mas apenas um porrete, veio pela trilha, gritando:

– Está comendo o patrão! Está comendo o patrão! – E corria e gritava para o urso: – Ah, seu maluco! O que está fazendo? Solte! Solte!

O urso obedeceu, me soltou e fugiu. Quando me levantei, tinha sangue na neve, parecia que tinham abatido um carneiro, e abaixo dos meus olhos a carne estava pendurada como trapos, mas no meio da afobação eu nem sentia dor.

Meu camarada chegou às pressas, o povo se juntou, examinaram minha ferida, fizeram uma compressa de neve. Mas eu nem me lembrava do ferimento e perguntei:

– Cadê o urso, para onde foi?

De repente, ouvimos:

– Lá está ele! Lá está ele!

Olhamos: o urso vinha correndo de novo para nós. Estendi a mão para pegar a espingarda, mas ninguém teve tempo de atirar – ele já havia passado correndo. O urso estava louco de raiva: ainda queria morder mais, porém vi que tinha muita gente e ele se assustou. Pelas pegadas, vimos que estava saindo sangue da cabeça do urso; queríamos ir atrás, mas minha cabeça começou a doer e então fomos para a cidade, procurar um médico.

O médico costurou meus ferimentos com seda e eles começaram a cicatrizar.

Um mês depois, fomos de novo atrás daquele urso; mas não consegui matá-lo. O urso não saía da mata, andava sempre em círculos e rugia com uma voz terrível. Demian o matou. Meu tiro havia acertado a gengiva inferior do urso e arrancado um dente.

O urso era muito grande e tinha um lindo pelo escuro.

Mandeí empalhar o urso e agora ele está na minha casa. Minhas feridas na testa cicatrizaram, mal se percebe onde elas estavam.

A GALINHA CHOCA E OS PINTINHOS

[Fábula]

A galinha chocou os pintinhos e agora não sabia como protegê-los. Disse para eles:

– Voltem para dentro da casca do ovo; quando estiverem dentro da casca, eu me sentarei em cima, como fazia antes, e assim vou proteger vocês.

Os pintinhos obedeceram, foram para os ovos, mas não conseguiram de jeito nenhum entrar de novo

na casca, só machucaram as asas. Então um pintinho disse para a mãe:

- Se era para nós ficarmos dentro da casca para sempre, era melhor não ter nos chocado.

GASES

[Raciocínio]

I

O ar existe de várias formas, embora seja sempre fresco e invisível.

A água se desfaz no ar, se torna volátil; e quando há muita água no ar, ele fica úmido; quando há pouca, fica seco. Quando as pessoas respiram num espaço fechado, o ar fica ruim, insalubre; mas em lugares abertos ou no bosque, o ar é saudável, bom. Isso acontece porque, num cômodo fechado, ao ar comum se acrescenta o ar ruim que as pessoas e todos os seres vivos expiram.

Portanto, no ar existem várias partes e os olhos não conseguem distingui-las: sempre se parece com o ar comum. Essas várias substâncias são diversos gases que se misturam no ar, assim como a água no vinagre ou no vinho. Se pomos vodca na água, a água e a vodca se misturam de tal modo que os olhos não percebem se há água na vodca e se ela é pouca ou muita. Mas pelo cheiro é possível perceber; assim, também no ar há uma mistura variada e não se pode distinguir nada com os olhos, mas se pode sentir, quando se respira por mais tempo. No ar bom, respirar é agradável e sadio; no ar ruim, é penoso e às vezes nocivo.

Para a respiração, a parte mais necessária do ar é aquela chamada *oxigênio*. Se acumularmos esse gás isoladamente e jogarmos um cigarro aceso, ele vai se incendiar na mesma hora. Portanto, com ele, a madeira e qualquer outra coisa pega fogo com mais força. E se no ar não há oxigênio e jogarmos nesse ar um cigarro aceso, ele vai se apagar.

O ar é necessário para a combustão, porque nele há oxigênio. Para levantar a chama, soprmos, abanamos, e se quisermos apagar o fogo, abafamos, para que não haja mais ar em torno dele: cobrimos, envolvemos de todos os lados, e o fogo apaga.

Outra parte do ar é o *nitrogênio*. Nele não se pode respirar e as coisas não pegam fogo.

A terceira parte do ar é o gás carbônico, *dióxido de carbono*. Ele também não serve para respirar nem para acender o fogo. Há pouco desse gás no ar, mas ele está em toda parte. Quando se avoluma demais, o gás carbônico desce e se junta embaixo, porque é mais pesado do que os outros gases.

A quarta parte do ar é o vapor de água, a água volátil.

Quando respiramos, o oxigênio sai de nosso corpo e, nesse ar que expiramos, há menos oxigênio do que no ar comum; em compensação há mais dióxido de carbono. É por isso que a respiração deixa o ar ruim.

As árvores, o capim e todas as plantas também respiram, só que não aspiram o ar para dentro de si, como aspiramos com o peito, mas o absorvem por meio das folhas e da casca jovem. E, de maneira imperceptível, todas as folhas também expiram ar; esse ar também é diferente do ar comum: nele, há menos gás carbônico e mais oxigênio. Portanto o dióxido de carbono é necessário para as plantas, ao passo que para os animais ele é desnecessário e até nocivo. É por isso que na floresta o ar é tão saudável: lá, há menos gás carbônico e mais oxigênio.

GASES

[Raciocínio]

II

Se num balde com água jogarmos pedras, palha, cortiça, madeira seca e úmida, acrescentarmos areia, barro e sal, e derramarmos também azeite, vodka e sacudirmos e misturarmos tudo isso e depois observarmos o que vai acontecer, veremos que as pedras, o barro, a areia irão para o fundo, a madeira seca, a palha, a cortiça e o azeite ficarão em cima, o sal e a vodka vão se dissolver de tal modo que não serão mais visíveis. Tudo isso, de início, vai rodar, balançar, empurrar uns aos outros, e depois tudo vai encontrar seu lugar e ficar em repouso: os mais pesados irão logo para baixo, os mais leves irão logo para cima.

Assim também todos os gases se acomodam no ar debaixo da terra. Os mais pesados do que o ar ficam embaixo; os mais leves vão para cima; alguns podem se espalhar, outros se dissolvem por todo o ar.

Se os gases não se renovassem, não se misturassem com outros, não se transformassem, o ar ficaria embaixo da terra e não se moveria, como a água num balde, quando ela assenta; mas dentro da terra se formam novos gases o tempo todo e os que já existem se misturam com outras substâncias.

Toda pessoa e todo animal, quando respiram, retiram do ar o oxigênio e, dentro de si, o misturam com as substâncias do seu corpo, e liberam outros gases. Toda planta – capim, árvore – retira para si gás carbônico e libera oxigênio. Num lugar, a água passa de líquida a volátil, gás de água, vapor invisível; noutro lugar, a água passa de volátil a líquida. Por isso, no ar, sempre circulam vários gases: os mais leves vão para cima, outros mais pesados vão para baixo, e os gases circulam o tempo todo, como num balde de água circulam várias substâncias. Mas sobretudo o ar se move e circula porque, ali onde ele esquenta, vai para cima e, onde esfria, vai para baixo. Quando num dia ensolarado o sol brilha oblíquo na janela, nos raios do sol se vê como os grãos de poeira rodam e saltam para cima e para baixo. É que o ar quente e o ar frio rodam e levam consigo os leves grãos de poeira.

O LEÃO, O BURRO E A RAPOSA

[Fábula]

O leão, o burro e a raposa foram caçar. Apanharam muitos bichos e o leão mandou o burro dividir. O burro dividiu em três partes iguais e disse:

– Muito bem, agora sirvam-se!

O leão se irritou, devorou o burro e mandou a raposa dividir de novo. A raposa juntou tudo num monte só e deixou para si só um pouquinho. O leão observou e disse:

– Ah, é inteligente! Quem foi que ensinou você a dividir tão bem?

Ela disse:

– O que foi que aconteceu com o burro?

O VELHO CHOUPÓ

[Conto]

Nosso jardim ficou abandonado por cinco anos; contratei trabalhadores com machados e pás e fui eu mesmo trabalhar com eles no jardim. Podamos e cortamos os galhos secos e o mato, árvores e arbustos supérfluos. Os choupos e as cerejeiras cresceram mais do que tudo e sufocavam as outras árvores. O choupo cresce pela raiz e é impossível arrancá-lo da terra, é preciso escavar as raízes. Depois do poço, havia um choupo enorme, eram necessários dois homens para abraçá-lo. À sua volta, havia uma pequena clareira; estava cheia de mudas de choupo. Mandeí cortar as mudas: queria que o lugar ficasse mais alegre e, sobretudo, queria aliviar o velho choupo, porque achei que todas aquelas árvores jovens tinham crescido dele e estavam sorvendo sua seiva. Quando derrubávamos os choupos jovens, às vezes me dava pena ver como cortávamos suas raízes cheias de seiva sob a terra e depois como nós quatro puxávamos e mesmo assim não conseguíamos arrancar o choupo cortado. Ele se agarrava com todas as forças e não queria morrer. Pensei: é claro que eles precisam viver, pois se agarram à vida com tanta força. Mas era preciso cortar e cortei. Depois, quando já era tarde, entendi que não era necessário eliminá-los.

Pensei que as mudas sorviam a seiva do choupo velho, mas era o contrário. Quando cortei as mudas, o choupo velho já estava morrendo. Quando as folhas nasceram (elas brotaram em dois galhos), vi que um galho ficou nu; e naquele mesmo verão o choupo murchou. Já estava morrendo havia muito tempo, e ele sabia disso, e transferiu sua vida para as mudas.

Por isso os choupos jovens cresceram tão depressa e eu, que queria aliviar o velho choupo, matei todos os seus filhos.

O AZEREIRO

[Conto]

Um azereiro cresceu no meio de uma trilha de avelaneiras e sufocou as árvores de avelã. Pensei muito tempo se devia ou não cortá-lo: me dava pena. O azereiro cresceu e formou não um arbusto, mas uma árvore, de uns três *verchok* de diâmetro e umas quatro *sájeni* de altura, todo ramificado, espesso e cheio de flores claras, brancas e perfumadas. De longe dava para sentir seu odor. Eu não ia cortar o azereiro, mas um dos trabalhadores (antes, eu lhe dissera para cortar o azereiro todo) começou a cortar sem mim. Quando cheguei, já tinha cortado um *verchok* e meio e a seiva se derramava sob o machado, quando ele acertava no corte já feito. “Pelo visto, não se pode fazer nada. É o destino”, pensei. Peguei eu mesmo o machado e cortei junto com o mujique.

Dá alegria fazer qualquer trabalho; cortar uma árvore também dá alegria. Dá alegria cravar o machado bem fundo na diagonal e depois dar um corte reto para abrir a cunha e ir cortando a árvore mais e mais.

Eu havia esquecido totalmente o azereiro e só pensava em derrubá-lo o mais rápido possível. Quando fiquei sem fôlego, baixei o machado, eu e o mujique nos apoiamos na árvore e tentamos derrubá-la.

Sacudimos: as folhas da árvore tremeram, o orvalho respingou sobre nós e começaram a cair pétalas de flores brancas e cheirosas.

Ao mesmo tempo, algo pareceu gritar – estalar – no meio da árvore; empurramos e tivemos a

impressão de que uma coisa começava a chorar – rachar no meio –, e a árvore tombou. Ela se rompeu no corte e, balançando-se, estirou-se com os galhos e as flores sobre o capim. Os ramos e as flores ficaram tremendo depois da queda e pararam.

- Ah! Que coisa incrível! – disse o mujique. – Dá muita pena!
Eu também senti pena e tratei de procurar logo outros trabalhos.

COMO AS ÁRVORES CAMINHAM

[Conto]

Certa vez, estávamos capinando uma trilha com muito mato na encosta de uma colina junto a um poço, cortamos muitas roseiras, salgueiros, choupos, depois veio um azereiro. Ele tinha crescido bem no meio da trilha e era tão velho e tão grosso que não podia ter menos de dez anos. Mas eu sabia que o bosque tinha sido limpado cinco anos antes. Eu não conseguia entender como um azereiro tão velho podia ter crescido ali. Cortamos o azereiro e fomos em frente. Adiante, noutra trecho de mata mais fechada, havia crescido outro azereiro como aquele, e ainda mais grosso. Examinei suas raízes e descobri que ele havia crescido embaixo de uma velha tília. Com seus ramos, a tília havia abafado o azereiro e ele então esticou seu caule uns cinco *archin*, reto sobre a terra; quando alcançou um ponto onde a luz batia, ergueu a cabeça e começou a florir. Cortei sua raiz e me admirei ao ver que a árvore estava fresca, ao passo que a raiz estava podre. Quando cortei a árvore, eu e os mujiques tentamos arrancá-la; no entanto, por mais que puxássemos, não conseguíamos movê-la: o azereiro parecia agarrado. Eu disse:

- Vamos ver se não está preso em alguma coisa.

Um trabalhador se agachou junto à árvore e gritou:

- Ei, ele tem outra raiz, olhem, na trilha!

Fui até lá: vi que era mesmo verdade.

O azereiro, para não ser sufocado pela tília, atravessou por baixo dela na direção da trilha e se afastou uns três *archin* da raiz anterior. A raiz que eu tinha cortado estava podre e seca, mas a nova estava fresca. Estava claro que o azereiro havia sentido que não podia viver ao pé da tília, esticou-se, agarrou-se à terra com um ramo, daquele ramo fez uma nova raiz e abandonou a outra. Só então entendi como o primeiro azereiro tinha crescido na trilha. Sem dúvida, ele fez o mesmo – só que teve tempo para se desfazer totalmente da raiz antiga, por isso eu não a encontrei.

O CODORNIZÃO E SUA FÊMEA

[Fábula]

O codornizão fez seu ninho no campo já tarde e, na época da ceifa, a fêmea ainda estava chocando os ovos. De manhã cedo, os mujiques foram para o campo, tiraram os casacos, afiaram as gadanhas e, um atrás do outro, foram ceifar o capim e arrumar em fileiras. O codornizão voou para ver o que os ceifadores estavam fazendo. Quando viu um mujique levantar a gadanha e cortar uma cobra ao meio, ele se alegrou, foi voando para sua fêmea e disse:

- Não tenha medo dos mujiques; eles vieram cortar as cobras; faz tempo que elas não nos dão

sossego.

E a fêmea disse:

– Os mujiques cortam o capim e, junto com o capim, cortam tudo o que aparece pela frente: uma cobra, um ninho de codornizão e a cabeça de um codornizão. Meu coração não fareja coisa boa; não posso tirar os ovos daqui, nem posso deixar o ninho; os filhotes vão ficar gelados.

Quando as gadanhas chegaram ao ninho do codornizão, um mujique ergueu a gadanha e cortou a cabeça da fêmea do codornizão, mas guardou os ovos no peito, embaixo da roupa, e deu para os filhos brincarem.

COMO SE FAZEM BALÕES DE AR

[Raciocínio]

Se você pegar uma bexiga cheia de ar, afundar na água e depois soltar, a bexiga vai pular para a superfície da água e ficar boiando. Da mesma forma, se você ferver água numa panela de ferro, no fundo, em cima do fogo, a água se torna volátil, gás; e assim que se junta um pouco mais desse gás, que é o vapor de água, logo ele sobe em forma de bolhas. Primeiro salta uma bolha, depois outra e, quando toda a água esquentar, as bolhas pulam para cima sem parar: então a água *está fervendo*.

Da mesma forma como as bolhas pulam para a superfície da água, cheias de vapor de água, porque são mais leves do que a água, também os balões cheios de gás *hidrogênio*, ou ar quente, sobem no ar, para a parte mais alta do ar, porque o ar quente é mais leve do que o ar frio e o hidrogênio é o mais leve de todos os gases.

Balões de ar são feitos de hidrogênio e de ar quente. Os balões de hidrogênio são feitos assim: construímos uma grande bolha, amarramos com cordas a estacas e enchemos com hidrogênio. Assim que soltarmos a corda, a bolha vai voar para cima e vai continuar subindo, até deixar para trás o ar que é mais pesado que o hidrogênio. E quando sobe para o ar leve, começa a flutuar pelo ar, como uma bolha sobre a água. É assim que se fazem os balões de ar com ar quente: pegamos um grande balão vazio, com um gargalo embaixo, semelhante a uma botija de cabeça para baixo, prendemos uma bucha de algodão no gargalo, encharcamos o algodão com álcool e ateamos fogo. A chama aquece o ar dentro do balão, que fica mais leve do que o ar frio, de fora, e o balão é puxado para cima, como as bolhas sobem na água. O balão vai voar para cima até alcançar um ar mais leve do que o ar que está dentro do balão.

Quase cem anos atrás, os irmãos Montgolfier, franceses, inventaram o balão de ar. Fizeram um balão de pano e papel e puseram ar quente dentro do balão; o balão voou. Então fizeram outro balão maior, amarraram um carneiro, um galo e um pato e soltaram. O balão subiu e desceu em segurança. Depois prenderam um cesto embaixo do balão e, dentro do cesto, foi um homem. O balão subiu tão alto que sumiu de vista: voou e depois desceu em segurança. Depois tiveram a ideia de encher os balões com hidrogênio e eles passaram a voar mais alto e mais depressa.

Para voar num balão, amarram um cesto embaixo dele e no cesto ficam duas, três e até oito pessoas, que levam consigo bebida e comida.

Para o balão descer e subir conforme a vontade das pessoas, instalam uma válvula no balão e quem viaja nele pode abrir e fechar essa válvula puxando uma corda. Se o balão sobe demais e o passageiro quer que o balão desça, ele então abre a válvula, o gás sai, o balão se contrai e começa a baixar. Além disso, no balão há sempre sacos de areia. Se o passageiro soltar um saco, o balão vai ficar mais leve e vai subir. Se o passageiro quiser baixar mas vir que o local não é bom para pousar – se houver um rio ou

uma floresta –, ele esvazia a areia de alguns sacos, o balão fica mais leve e sobe de novo.

CONTO DE UM AERONAUTA

O povo se reuniu para me ver voar. O balão estava pronto. Ele tremia, puxava para cima as quatro cordas e ora encolhia, ora inflava. Despedi-me das pessoas, entrei na barquinha, observei se minhas provisões estavam no lugar e comecei a gritar:

– Soltem!

Cortaram as cordas e o balão subiu, primeiro devagar – como um cavalo bravo se desvencilha das rédeas e olha em volta – e de repente deu uma arrancada para cima e voou tanto que a barquinha balançou e sacudiu. Lá embaixo, batiam palmas, gritavam, abanavam lenços e chapéus. Também abanei o chapéu para eles e, antes que eu tivesse tempo de recolocá-lo na cabeça, já estava tão alto que era difícil avistar as pessoas lá embaixo. No primeiro minuto, fiquei assustado e um frio percorreu minhas veias; mas depois, de repente, estar no ar me deu uma alegria tão grande que esqueci que tinha medo. Mal dava para ouvir o barulho na cidade. Como abelhas, o povo zumbia lá embaixo. Eu via as ruas, as casas, o rio, os jardins na cidade como se fosse um mapa. Parecia que eu era o rei de toda a cidade e do povo – tamanha era minha alegria de estar lá em cima. Eu subia rapidamente, as cordas da barquinha apenas tremiam, a certa altura um vento bateu em mim, me fez rodar duas vezes; mas depois, mais uma vez, eu nem sentia se estava voando ou se estava parado. Só percebia que estava voando para cima porque o mapa da cidade embaixo de mim ficava cada vez menor e dava para eu avistar uma distância cada vez maior. A terra parecia se estender embaixo de mim, ficava cada vez mais larga, e de repente notei que a terra embaixo de mim ficava como uma xícara. As bordas ficaram arqueadas – no fundo da xícara estava a cidade. Eu sentia uma alegria cada vez maior. Respirar era fácil e divertido e tive vontade de cantar. Comecei a cantar, mas a voz saiu tão fraca que me admirei e me assustei com minha própria voz.

O sol ficava ainda mais alto, mas no poente uma nuvem se estendia – e de repente ela cobriu o sol. Tive medo outra vez e, para me ocupar com alguma coisa, peguei o barômetro e o examinei, e por ele soube que eu já havia subido quatro verstas. Quando coloquei o barômetro no lugar, algo começou a palpitar perto de mim e vi um pombo. Lembrei que havia trazido um pombo a fim de soltá-lo com um bilhete para as pessoas em terra. Escrevi num papel que eu estava vivo e bem, a quatro verstas de altura, prendi o papelzinho no pescoço do pombo.

O pombo ficou parado na beira da barquinha e me fitou com seus olhos avermelhados. Tive a sensação de que ele estava me pedindo que não o soltasse. Desde que ficou nublado, não se via mais nada lá embaixo. Mas eu não podia fazer nada, tinha de mandar o pombo para a terra. Ele tremia com todas as penas quando o segurei na mão. Retirei a mão e larguei-o. Agitando as asas, ele voou na diagonal para baixo, como uma pedra. Olhei para o barômetro. Agora eu já estava cinco verstas acima do solo e sentia certa falta de ar, tinha de respirar com força. Puxei a corda para liberar o gás e baixar o balão, mas ou eu tinha ficado fraco ou algo havia quebrado, pois a válvula não abriu. Fiquei paralisado. Não sentia se estava subindo ou não, parecia que nada se mexia, mas ficava cada vez mais difícil respirar. “Se eu não detiver o balão”, pensei, “ele vai estourar e então estarei perdido.” Para saber se eu estava subindo ou se estava no mesmo lugar, joguei alguns papéis para fora da barquinha. Os papéis, como pedras, voaram para baixo. Aquilo queria dizer que eu voava para cima como uma flecha. Então me agarrei à corda com todas as forças e puxei. Graças a Deus, a válvula abriu, algo chiou. Joguei mais um papel – o papel voou à minha volta e subiu. Aquilo queria dizer que eu estava descendo. Abaixo, ainda não dava para ver nada, só uma neblina se estendia embaixo de mim como um mar. Desci para

dentro da neblina: eram nuvens. Depois bateu um vento, levou-me para não sei onde e logo surgiu o sol e vi de novo, embaixo de mim, a xícara da terra. Já não se via a nossa cidade, mas uma floresta e duas faixas azuis, que eram rios. De novo me alegrei e não quis mais descer; mas de repente algo farfalhou perto de mim e vi uma águia.

Ela me olhava com olhos admirados e ficou parada, de asas abertas. Eu voava para baixo, como uma pedra. Comecei a diminuir o lastro para deter a queda.

Logo deu para ver campos, uma floresta e uma aldeia junto à floresta, e um rebanho andava na direção da aldeia. Eu ouvia as vozes do povo e do rebanho também. Meu balão baixava devagar. Eles estavam me vendo. Comecei a gritar e joguei cordas para eles. O povo correu. Vi que um menino foi o primeiro a segurar uma corda. Outros também seguraram, amarraram o balão numa árvore e então eu saí. Tinha voado apenas três horas. Aquela aldeia ficava a duzentos e cinquenta verstas da minha cidade.

A VACA E O BODE

[Conto]

Uma velha tinha uma vaca e um bode. A vaca e o bode pastavam juntos. A vaca ficava sempre agitada quando tiravam seu leite. A velha trazia pão e sal, dava para a vaca e a repreendia:

– Vamos, fique quieta, mãezinha; ei, ei; vou trazer mais depois, agora fique quietinha.

Num fim de tarde, o bode voltou do pasto antes da vaca, afastou as pernas e ficou parado na frente da velha. A velha sacudiu a toalha para ele, mas o bode ficou parado, não se mexeu. Tinha entendido que a velha prometia dar pão para a vaca ficar parada e quieta. A velha viu que o bode não queria se mover, pegou um chapéu e bateu no bode com ele.

Quando o bode se afastou, a velha começou outra vez a dar pão para a vaca e tentar acalmá-la.

“Não existe honestidade nos homens!”, pensou o bode. “Fiquei mais quieto do que ela e bateram em mim.”

Afastou-se, correu, esbarrou no balde, derramou o leite e machucou a velha.

O CORVO E OS FILHOTES DE CORVO

[Fábula]

Um corvo fez um ninho numa ilha e, quando os filhotes nasceram, começou a transportá-los da ilha para a terra. Primeiro segurou nas garras um corvinho e levou-o voando sobre o mar. Quando o corvo adulto estava voando no meio do mar, ficou esgotado, começou a bater as asas mais devagar e pensou: “Agora sou forte e ele é fraco, eu o carrego por cima do mar; mas quando ele crescer e ficar forte, e eu ficar fraco de velhice, será que vai se lembrar de meu esforço e vai me carregar de um lugar para outro?”. E o corvo adulto perguntou ao corvinho:

– Quando eu ficar fraco e você já estiver forte, vai me carregar também? Responda a verdade.

O corvinho teve medo de que o pai o largasse no mar e disse:

– Vou, sim.

Mas o corvo adulto não acreditou no filho e largou o filhote. O corvinho caiu como uma bola e

afundou no mar. O corvo adulto voou sozinho sobre o mar, de volta para sua ilha. Depois o corvo adulto pegou outro filhote e também o levou sobre o mar. De novo ficou esgotado no meio do mar e perguntou ao filho se, na sua velhice, iria carregá-lo de um lugar para outro. O filho teve medo de que o pai o largasse e disse:

– Vou, sim.

O pai também não acreditou naquele filho e largou-o no mar. Quando o corvo adulto voou de volta para seu ninho, ali só restava um filhote de corvo. Ele pegou o último filho e voou com ele sobre o mar. Quando estava no meio do mar e ficou muito cansado, perguntou:

– Na minha velhice, você vai me alimentar e me carregar de um lugar para outro?

O corvinho respondeu:

– Não, não vou.

– Por quê? – perguntou o pai.

– Quando você ficar velho e eu for grande, terei meu ninho e meus filhotes e vou alimentar e carregar meus filhotes.

Então o corvo adulto pensou: “Ele disse a verdade, por isso vou me esforçar e levá-lo para o outro lado do mar”.

E o corvo adulto não largou o corvinho, bateu as asas até o fim de suas forças e conseguiu levá-lo até a terra, para que ele fizesse seu próprio ninho e tivesse filhos.

SOL É CALOR

[Raciocínio]

No inverno, vá para o campo ou a floresta num dia calmo e gelado, olhe e escute à sua volta: tudo está coberto de neve, os rios estão congelados, o capim está seco e só as pontas aparecem acima da neve, as árvores estão nuas, nada se mexe.

Observe no verão: os rios correm, fazem barulho; os sapos coaxam e pulam em todos os brejos; os pássaros revoam, piam, cantam; as moscas e os mosquitos rodam, zumbem; as árvores e o capim crescem, balançam.

Congele água dentro de uma caçarola e ela vai ficar dura como pedra. Ponha a caçarola congelada no fogo: o gelo começa a rachar, derreter, se mexer; a água começa a balançar, soltar borbulhas; depois, quando começa a ferver, ela chia, roda. O mesmo acontece com o mundo por causa do calor. Se não há calor, tudo fica morto; se há calor, tudo se movimenta e ganha vida. Se há pouco calor, há pouco movimento; se há mais calor, há mais movimento; se há muito calor, há muito movimento; se há um calor enorme, há um movimento enorme.

De onde vem o calor para o mundo? O calor vem do sol.

No inverno, o sol passa baixo, de lado, não crava com firmeza os raios na terra, e nada se mexe. Quando o solzinho começa a passar mais alto, acima de nossa cabeça, começa a iluminar a terra na vertical, tudo se aquece no mundo e começa a se movimentar.

A neve começa a assentar, o gelo nos rios começa a derreter, a água escorre das montanhas, o vapor sobe da água, forma nuvens, chove. Quem faz tudo isso? O sol. As sementes germinam, dão pequenas raízes, as raízes se prendem à terra; das raízes velhas nascem brotos, árvores e ervas começam a crescer. Quem faz isso? O sol.

Os ursos e as toupeiras acordam; as moscas e as abelhas despertam; os mosquitos saem dos ovos,

os peixes saem das ovas, no calor. Quem faz tudo isso? O sol.

O ar esquenta num lugar, sobe, em seu lugar vem um ar mais frio – surge uma brisa. Quem fez isso? O sol.

As nuvens sobem, começam a se juntar e se dissipar – estoura um raio. Quem faz esse fogo? O sol.

O capim, o trigo, os frutos, as árvores crescem; os animais se saciam, as pessoas se fartam, acumulam-se alimentos e lenha para o inverno; as pessoas constroem casas, fazem panelas de ferro, cidades. Quem permitiu tudo isso? O sol.

Um homem construiu uma casa para morar. De que ele fez a casa? De madeira. A madeira é cortada das árvores; o sol fez as árvores crescerem.

O forno se aquece com lenha. Quem fez crescer a madeira da lenha? O sol.

O homem tem trigo, batata. Quem fez crescer? O sol. O homem tem carne. Quem alimentou os animais, as aves? O capim. E foi o sol que fez crescer o capim.

Um homem constrói uma casa de pedra, tijolo e cal. O tijolo e a cal são feitos com o calor da lenha. Quem prepara a lenha é o sol.

Tudo de que as pessoas precisam, tudo que tem uma utilidade direta, quem prepara tudo isso é o sol e em tudo isso há muito do calor do sol. Se o trigo é necessário a todos é porque foi o sol que fez o trigo crescer e nele há muito calor do sol. O trigo esquenta quem o come.

Se a lenha e a madeira são necessárias, é porque nelas há muito calor. Quem compra lenha no inverno está comprando calor do sol; e, no inverno, acende a lenha quando tem vontade e assim libera o calor do sol para si, dentro de casa.

Quando existe calor, também existe movimento. Qualquer movimento que seja vem sempre do calor – ou direto do calor do sol, ou do calor que o sol armazenou no carvão, na lenha, no trigo, no capim.

Os cavalos e os bois puxam carroças, as pessoas trabalham – o que as *movimenta*? O calor. E de onde eles tiram calor? Do alimento. E é o sol que prepara o alimento.

Os moinhos de vento e de água giram e moem. Quem os movimenta? O vento e a água. E o vento, quem empurra? O calor. E a água, quem empurra? O calor também. Ele ergueu a água com vapores e sem isso a água não viria para baixo. A locomotiva funciona – é o vapor que a movimenta; e quem faz o vapor? A lenha. E na lenha está o calor do sol.

Do calor se faz o movimento e do movimento, o calor. E o calor e o movimento vêm do sol.

POR QUE EXISTE O MAL NO MUNDO

[Fábula]

Um eremita vivia na floresta e os animais selvagens não tinham medo dele. O eremita e os bichos conversavam e se entendiam.

Certa vez, o eremita dormiu embaixo de uma árvore. Um corvo, um pombo, um cervo e uma cobra resolveram pernoitar no mesmo lugar. Os bichos começaram a conversar, querendo saber por que existia o mal no mundo.

O corvo disse:

– Todo o mal do mundo vem da fome. Quando a gente come à vontade, fica no galho grasnando... tudo é alegria, tudo é bonito, tudo é satisfação; mas é só passar um dia com fome que tudo fica ruim, qualquer coisa neste mundo de Deus. E a gente fica sempre voando para lá e para cá e não tem mais sossego. E se a gente vê carne, fica ainda mais nojento, e se atira em cima sem pensar em mais nada. Às

vezes jogam paus e pedras na gente, lobos e cachorros atacam, e a gente nem assim desiste. Quantos irmãos nossos já se perderam desse jeito, por causa da fome. Todo o mal vem da fome.

O pombo disse:

– Para mim, o mal não vem da fome e sim do amor. Se a gente vivesse sozinho, nossos desgostos seriam poucos. Uma só cabeça não é pobre, e se for, mesmo assim é só uma. Em vez disso a gente vive sempre em pares. E amamos tanto nossa companheira que não temos mais sossego. Vivemos pensando sempre nela: está satisfeita? Está aquecida? E quando a companheira voa para algum lugar e fica longe, a gente se sente perdido, não para de pensar que um gavião pegou, ou que os homens prenderam; e a gente acaba voando para procurar a companheira e aí encontra a própria desgraça: ou nas garras de um gavião ou numa armadilha. E se a companheira desaparece, a gente já não acha alegria em nada. Não come, não bebe, só faz procurar e chorar. Quantos já morreram por causa disso! Todo o mal não vem da fome, mas do amor.

A cobra disse:

– Não, o mal não vem da fome nem do amor, o mal vem da raiva. Se a gente vivesse em paz, sem raiva, tudo seria bom. Quando alguma coisa não acontece do jeito que a gente quer, a gente fica enfurecido e aí nada presta. A gente só pensa em se vingar do mal que sofreu. A gente até se esquece de si mesmo, só quer saber de chiar, rastejar, morder qualquer um que apareça na frente. A gente não tem pena de mais ninguém, quando tem raiva, e pode picar até a gente mesmo. Todo o mal do mundo vem da raiva.

O cervo disse:

– Não, todo o mal do mundo não vem da raiva nem do amor nem da fome, mas sim do medo. Se fosse possível não ter medo, tudo seria bom. Nossas pernas são ágeis, temos muita força. Contra feras pequenas, nos defendemos com os chifres e, das grandes, fugimos correndo. É impossível não ter medo. É só um ramo estalar na mata, uma folha farfalhar, e logo a gente treme todo de medo, o coração começa a bater com força, parece que quer pular, e a gente sai voando com toda a força que tem. Outra vez uma lebre passa correndo, um pássaro esvoaça ou um galho seco se parte e a gente logo pensa que é uma fera e foge direto para as garras de uma fera. Ou então a gente foge dos cães e cai nas mãos dos homens. Toda hora a gente se assusta e foge correndo, sem saber para onde vai, dá de cara com um precipício e acaba morrendo. A gente dorme com um olho aberto, escutando, com medo. Não tem sossego. Todo o mal vem do medo.

Então o eremita disse:

– Todos os nossos tormentos não vêm da fome nem do amor nem da raiva nem do medo, é do nosso corpo que vem todo o mal do mundo. Dele vêm a fome, o amor, a raiva e o medo.

GALVANISMO

[Raciocínio]

Era uma vez um sábio italiano chamado Galvani. Ele tinha uma máquina elétrica e mostrava a seus alunos o que é a eletricidade. Esfregava um vidro com força usando um pedaço de seda com óleo e depois aproximava do vidro uma plaquinha de bronze que se grudava ao vidro e uma fagulha saltava do vidro na direção da plaquinha de bronze. Ele dizia aos alunos que uma fagulha igual àquela também saltava da cera de lacre e do âmbar. Mostrava como as penas e o papel às vezes eram atraídos e outras vezes repelidos pela eletricidade, e por que isso acontecia. Fez várias experiências com eletricidade e mostrava tudo aos alunos.

Um dia sua esposa adoeceu. Ele chamou o médico e perguntou como curar a esposa. O médico mandou fazer uma sopa de rã para ela. Galvani mandou capturar rãs comestíveis. Capturaram as rãs, mataram e colocaram na mesa dele.

Enquanto a cozinheira não vinha para cozinhar as rãs, Galvani continuou a mostrar aos alunos a máquina elétrica e continuou a soltar faíscas.

De repente ele viu que as pernas das rãs mortas sobre a mesa tremiam. Começou a observar e notou que toda vez que ele soltava uma faísca da máquina elétrica, as pernas das rãs tremiam. Galvani pegou mais rãs e fez experiências com elas. Toda vez que saía uma faísca, as rãs mortas começavam a mexer as pernas, como se estivessem vivas.

Galvani achou que as rãs vivas moviam as pernas porque a eletricidade passava por dentro delas. E Galvani sabia que há eletricidade no ar, que na cera de lacre, no âmbar e no vidro, a eletricidade é perceptível, mas que ela também existe no ar e que os trovões e os raios acontecem por causa da eletricidade do ar.

Então ele começou a fazer experiências para ver se as rãs mortas mexiam as pernas também com a eletricidade do ar. Para isso pegou as rãs, tirou sua pele, cortou a cabeça e as patas dianteiras e pendurou-as em ganchos de cobre embaixo da calha de ferro do telhado. Ele achou que, quando viesse uma tempestade com raios e o ar ficasse cheio de eletricidade, ela ia passar pelos ganchos de cobre e chegar às rãs e elas iam começar a se mexer.

Só que houve várias tempestades com raios e as rãs não se mexeram. Galvani já estava começando a retirar as rãs, quando a perna de uma delas encostou na calha de ferro e estremeceu. Galvani retirou as rãs e começou a testar: prendeu um arame de ferro ao gancho de cobre e encostou o arame na pata da rã – a pata estremeceu.

Então Galvani concluiu que todos os animais vivem só porque há eletricidade dentro deles e também que a eletricidade passa do cérebro para a carne e por isso os animais se mexem. Na época, ninguém ainda havia experimentado direito essa tese, ninguém sabia, e todos acreditaram em Galvani. Na época, outro sábio, chamado Volta, começou a experimentar por conta própria e mostrou a todos que Galvani estava errado. Ele experimentou tocar na pata de uma rã de um jeito diferente do de Galvani, não tocou na pata da rã com um gancho de cobre e um arame de ferro, mas com um arame de cobre e um gancho de cobre, e também com um arame de ferro e um gancho de ferro – e as rãs não se mexeram. As rãs só se mexiam quando Volta tocava nelas com um arame de ferro preso a um arame de cobre.

Volta achou também que a eletricidade não estava na rã morta, mas no ferro e no cobre. Começou a fazer experiências e pronto: toda vez que encostava o ferro no cobre, surgia a eletricidade; e com a eletricidade, as pernas da rã morta estremeciam. Volta fez mais experiências para ver se conseguia produzir eletricidade de um modo diferente do que já conheciam. Antes, faziam eletricidade esfregando um vidro ou uma cera de lacre. Mas Volta começou a fazer eletricidade juntando o ferro e o cobre. Experimentou juntar o ferro e o cobre com outros metais e descobriu que da simples união de metais – prata, platina, zinco, estanho, ferro –, ele produzia faíscas elétricas.

Depois de Volta, tiveram também a ideia de reforçar a eletricidade derramando vários líquidos – água e ácidos – entre os metais. Com tais líquidos, a eletricidade ficou ainda mais forte, de tal modo que já não era necessário esfregar para produzir eletricidade, como faziam antes; bastava pôr fragmentos de diversos metais numa xícara e entornar líquidos, que havia eletricidade na xícara e saíam faíscas de um arame.

Quando inventaram esse tipo de eletricidade, passaram a usá-la na prática: inventaram um meio de dourar e pratear com eletricidade, inventaram a luz elétrica e inventaram um meio de transmitir sinais à distância, de um lugar para outro, por meio da eletricidade.

Para isso colocam fragmentos de diversos metais dentro de uns copinhos e derramam líquidos dentro deles. A eletricidade se acumula nos copinhos, depois transportam essa eletricidade por um arame

para o lugar que quiserem e desse lugar passam o arame pela terra. Na terra, a eletricidade corre de novo para trás, para os copinhos, sobe da terra para eles por outro arame; assim a eletricidade não para de ir e vir entre dois lugares, andando em círculo, como num anel, pelo arame para a terra e de volta pela terra, e de novo pelo arame, e de novo pela terra. Se soltarmos eletricidade pelo arame e enrolarmos um pedaço de ferro com esse arame, o ferro vai se tornar um ímã e vai atrair para si outro pedaço de ferro.

O telégrafo é feito assim: soltam a eletricidade pelo arame e enrolam uma barrinha de ferro com esse arame. Em cima dessa barrinha, instalam, em uma mola, um martelinho de ferro. Enquanto a eletricidade anda pelo arame, a barrinha de ferro, enrolada pelo arame, atrai o martelinho. Assim que na outra extremidade – pode ser a cem verstas dali – soltam a outra ponta do arame, a eletricidade para de andar em círculo, a barrinha de ferro deixa de ser um ímã e o martelinho se desprende dela. Quando prendem de novo a ponta do arame, o martelinho é logo atraído. E assim é possível bater com o martelinho de uma estação para outra. E por meio dessas batidas são enviados sinais.

O MUJIQUE E O ESPÍRITO DA ÁGUA

[Fábula]

Um mujique deixou o machado cair num rio. De tristeza, sentou na margem e começou a chorar.

O espírito da água ouviu e teve pena do mujique, pegou no fundo da água um machado de ouro, levou para ele e disse:

– Este machado é seu?

O mujique respondeu:

– Não, não é meu.

O espírito da água trouxe outro, um machado de prata.

O mujique respondeu de novo:

– Não é o meu machado.

Então o espírito da água trouxe o machado de verdade.

O mujique disse:

– Este é o meu machado.

O espírito da água deu os três machados de presente para o mujique, por sua honestidade.

Em casa, o mujique mostrou os machados aos camaradas e contou o que havia acontecido.

Então um mujique pensou em fazer a mesma coisa: foi ao rio, deixou o machado cair na água de propósito, sentou na margem e começou a chorar.

O espírito da água trouxe o machado de ouro e perguntou:

– Este é o seu machado?

O mujique ficou muito contente e disse:

– É meu, é meu!

O espírito da água não lhe deu o machado de ouro nem lhe devolveu o machado que era dele de fato – por causa de sua desonestidade.

O CORVO E A RAPOSA

O corvo pegou um pedaço de carne e pousou na árvore. A raposa queria a carne, chegou perto e disse:

– Ei, corvo, quando olho para você, para seu tamanho, sua beleza, parece que estou vendo um rei!

E, acredite, seria mesmo um rei se tivesse uma voz boa.

O corvo abriu muito o bico e desatou a grasnar com toda a força. A carne caiu. A raposa a apanhou e disse:

– Ah, corvo, se você fosse inteligente, seria um rei.

O PRISIONEIRO DO CÁUCASO

[História real]

I

Um nobre servia no Cáucaso como oficial. Chamava-se Jílin.

Certo dia, recebeu uma carta de casa. Sua velha mãe lhe escreveu:

Já estou velha e, antes de morrer, queria ver o meu filho querido. Venha se despedir de mim, me enterre e então, com a graça de Deus, volte para o Exército. Arranjei uma noiva para você: inteligente, bonita e tem uma propriedade. Quem sabe você se apaixona, se casa e fica aqui.

Jílin pensou bem: “Na verdade, a velha já andava mal, pode ser que eu nem consiga vê-la mais. Vou partir; e se a noiva for bonita, talvez eu case”.

Foi falar com o coronel, obteve uma licença, despediu-se dos companheiros, distribuiu quatro baldes de vodca a seus soldados como presente de despedida e preparou-se para partir.

No Cáucaso, na época, havia uma guerra. Não se podia passar pelas estradas nem de noite nem de dia. Mal um russo se afastava da fortaleza, a pé ou a cavalo, os tártaros o matavam ou o levavam para as montanhas. Por isso ficou estabelecido que, duas vezes por semana, os soldados iam de uma fortaleza para outra, em comboio. Na frente e atrás iam os soldados, e no meio viajava o povo.

O caso se deu no verão. Ao raiar do dia, o comboio se reuniu atrás dos muros da fortaleza, os soldados da escolta saíram e se puseram em marcha. Jílin viajava a cavalo, e uma telega, com a sua bagagem, seguia no comboio.

A viagem era de vinte e cinco verstas. O comboio avançava devagar: ora os soldados paravam, ora uma roda se soltava no comboio, ora um cavalo empacava, e todos paravam, tinham de esperar.

O sol já havia passado do meio-dia e o comboio só tinha percorrido metade do caminho. Poeira, calor, o sol cozinava, não havia onde se abrigar. A estepe nua: nenhuma arvorezinha, nem uma única moita miúda pelo caminho.

Jílin viajava na frente, parou e esperou que o comboio se aproximasse dele. Escutou, lá atrás tocaram a corneta – pararam de novo. Jílin pensou: “E se eu fosse sozinho, sem os soldados? O meu cavalo é bom, se eu topar com os tártaros, fujo a galope. Ou será melhor não ir?...”.

Ficou e refletiu. Outro oficial, a cavalo, aproximou-se dele. Era Kostúlin, com um fuzil, que lhe disse:

– Vamos sozinhos, Jílin. Não aguento mais, estou com fome, e este calor ainda por cima. Minha camisa está toda suada. – Kostúlin era corpulento, gordo, todo vermelho, e o seu suor escorria.

Jílin refletiu e disse:

– E o fuzil está carregado?

– Está carregado.

– Bom, então vamos lá. Mas com uma condição: não vamos nos separar.

E seguiram adiante pela estrada. Foram pela estepe, conversavam, mas olhavam para os lados. Em volta, dava para ver ao longe.

No fim da estepe, a estrada penetrava entre duas montanhas, num desfiladeiro. Jílin disse:

– É preciso subir na montanha e dar uma olhada em volta, senão, aqui eles podem pular da montanha em cima de nós, antes que a gente perceba.

Kostúlin respondeu:

– Que olhar, nada! Vamos em frente.

Jílin não obedeceu.

– Não – disse. – Você fica esperando aqui embaixo e eu vou lá, só para dar uma espiada.

E avançou com o cavalo pela esquerda, para o alto da montanha. O cavalo de Jílin era caçador (tinha pagado cem rublos pelo cavalo, quando ainda era um potro na manada, e ele mesmo o domou); como se tivesse asas, o cavalo levava Jílin escarpa acima. Mal havia galopado um pouco, logo avistou, bem na sua frente, a uma *dessiatina*, uns tártaros a cavalo. Cerca de trinta homens. Jílin os viu, começou a dar meia-volta; os tártaros também o viram, correram atrás dele, retiraram os fuzis dos coldres já em pleno galope. Jílin disparou com o cavalo escarpa abaixo, a todo o galope, e gritou para Kostúlin:

– Pegue o fuzil! – e disse em pensamento para o seu cavalo: “Vamos lá, voe, meu amigo, não se enrole nas pernas; se tropeçar, estou perdido. É só eu chegar ao fuzil, aí ninguém vai me pegar”.

Mas Kostúlin, em lugar de esperar, assim que viu os tártaros, galopou o mais rápido que pôde na direção da fortaleza. Batia com o chicote no cavalo, ora de um lado, ora do outro. No meio da poeira, só dava para ver como o rabo do cavalo balançava.

Jílin viu que a situação estava ruim. O fuzil tinha ido embora, só com um sabre ele não podia fazer nada. Lançou o cavalo para trás, na direção dos soldados, pensava em fugir. Viu seis cavaleiros correndo para barrar seu caminho. O cavalo de Jílin era bom, os cavalos deles eram ainda melhores, e já tinham conseguido barrar seu caminho. Começou a puxar as rédeas, quis dar meia-volta, mas seu cavalo já estava desembestado, não freou, correu direto para eles. Jílin viu que um tártaro de barba vermelha se aproximava num cavalo cinzento. Dava gritos esganiçados, arreganhava os dentes, o fuzil a postos.

“Bem”, pensou Jílin, “conheço vocês, demônios; se me pegarem vivo, vão me jogar num buraco, vão me surrar de chicote. Não vou me entregar vivo.”

E Jílin, embora não fosse de grande estatura, era valente. Sacou seu sabre, lançou o cavalo direto para cima do tártaro vermelho e pensou: “Ou atropelo com o cavalo, ou derrubo com o sabre”.

Antes que alcançasse o cavalo, atiraram em Jílin por trás, com um fuzil, e acertaram no seu cavalo. O animal tombou por terra com toda a força – caiu em cima da perna de Jílin.

Jílin quis levantar-se, mas dois tártaros fedorentos sentaram-se em cima dele, torceram os seus braços pelas costas. Ele conseguiu se soltar, derrubou os tártaros, mas outros três, a cavalo, pularam sobre ele, começaram a bater com as coronhas na sua cabeça. Seus olhos se turvaram e ele começou a balançar. Os tártaros o agarraram, tiraram das selas as barrigueiras de reserva, enrolaram-no com os braços nas costas, amarraram com um nó tártaro, arrastaram na direção da sela. Derrubaram seu chapéu, tiraram as botas, o revistaram todo – tomaram o dinheiro, o relógio, rasgaram todas as roupas. Jílin virou-se para ver seu cavalo. Ele, o amigo, estava estirado do mesmo jeito que caiu, só remexia as

pernas no ar, sem alcançar o chão; tinha um furo na cabeça e, do furo, sangue preto assoviava – encharcou toda a poeira, um *archin* ao redor. Um tártaro aproximou-se do cavalo, começou a tirar a sela – o cavalo não parava de espernear; o tártaro sacou um punhal, cortou sua garganta. Da goela, veio um chiado, o cavalo se sacudiu... e expirou.

Os tártaros tiraram a sela, os arreios. O tártaro de barba vermelha montou no cavalo, os outros colocaram Jílin sobre a sela, junto dele, e para não cair amarraram-no ao tártaro com uma correia, pela cintura, e depois partiram a galope para as montanhas.

Jílin ficou atrás do tártaro, sacudindo-se, o rosto batia nas costas fedorentas do tártaro. Jílin só via na sua frente as costas robustas do tártaro, o pescoço musculoso, a nuca raspada e azulada, abaixo do gorro. A cabeça de Jílin estava partida, o sangue coagulava sobre os olhos. E ele não conseguia ajeitar-se sobre o cavalo, nem limpar o sangue. Os braços foram tão torcidos que forçavam a clavícula.

Cavalgaram muito tempo pela montanha, cruzaram um rio a vau, saíram numa estrada e seguiram por um vale.

Jílin queria observar o caminho por onde o levavam, mas os olhos estavam encobertos pelo sangue e ele não conseguia virar-se.

Começou a anoitecer: atravessaram mais um rio, começaram a subir por uma montanha de pedra, veio um cheiro de fumaça, cachorros começaram a latir. Haviam chegado a um *aul*. Os tártaros desmontaram dos cavalos, acudiram crianças tártaras, rodearam Jílin, davam guinchos, alegraram-se, começaram a jogar pedras nele.

O tártaro enxotou as crianças, tirou Jílin do cavalo e gritou chamando um criado. Veio um *nogáiets*,¹ de zigomas salientes, só de camisa. O pano estava rasgado, o peito nu. O tártaro ordenou-lhe alguma coisa. O criado trouxe as sapatas às quais Jílin ficaria preso: dois blocos de carvalho com argolas de ferro cravadas e, numa das argolas, um fecho e um cadeado.

Desamarraram os braços de Jílin, calçaram as sapatas e o levaram para um celeiro; empurraram-no para dentro e trancaram a porta. Jílin caiu em cima do estrume. Ficou quieto por um tempo, apalpou em volta, no escuro, à procura de um lugar mais macio, e ali ficou estirado.

II

Jílin quase não dormiu durante toda aquela noite. As noites eram curtas. Viu que, numa fresta, a luz começou a brilhar. Jílin levantou-se, escavou para alargar a fresta, começou a olhar.

Pela fresta, viu uma estrada – descia a montanha, à direita havia uma *sáclia*² tártara, duas árvores a seu lado. Um cachorro preto estava deitado na soleira, uma cabra andava com os cabritos, sacudiam os rabos. Viu uma juvenzinha tártara vir de baixo da montanha, de blusa colorida, sem cinto, de calças e botas, a cabeça coberta por um *caftã* e, em cima da cabeça, um grande jarro de lata cheio de água. Andava, as costas tremiam de vez em quando, se curvavam, e pela mão trazia um tartarozinho de cabeça raspada, só de camisa. A tártara entrou na *sáclia* com a água, de lá saiu o tártaro de barba vermelha, o mesmo do dia anterior, de *bechmet*³ de seda, um punhal de prata no cinturão, sapatilhas nos pés, sem meias. Sobre a cabeça, um gorro alto, preto, de pele de carneiro, rasgado atrás. Saiu, espreguiçou-se, puxou a barba vermelha. Ficou um tempo parado, deu uma ordem ao criado e foi para algum lugar.

Depois, dois meninos passaram a cavalo, para o bebedouro. O focinho dos cavalos estava molhado. Uns meninos de cabeça raspada, só de camisa, sem calças, também saíram correndo, formaram um grupinho, aproximaram-se do celeiro, pegaram uma varinha e enfiaram na fresta. Com um berro, Jílin pareceu explodir em cima deles: as crianças deram gritos esganiçados, saíram correndo em todas as direções – só os joelhinhos nus brilhavam.

Mas Jílin tinha sede, a garganta estava toda seca. Pensou: “Tomara que venha alguém me ver”. Ouviu um barulho: abriram o celeiro. Veio o tártaro vermelho e, com ele, outro de menor estatura, moreno. Olhos pretos, brilhantes, corado, barba curta, aparada; rosto alegre, ria-se todo. O moreno estava mais bem-vestido ainda: *bechmet* de seda azul, ornado com galões. Um punhal grande, de prata, na cintura; sapatilhas vermelhas, de marroquim, também ornadas de prata. E por cima das sapatilhas vermelhas e finas, outros sapatos, grossos. Usava um gorro alto, de pele de carneiro branca.

O tártaro vermelho entrou, falou alguma coisa, como se praguejasse, e ficou parado, encostado na parede, mexendo com o punhal, olhando para Jílin com o rabo do olho, como um lobo. E o moreno – rápido, animado, parecia andar sobre molas – caminhou direto para Jílin, sentou-se de cócoras, arreganhou os dentes, deu palmadinhas no seu ombro, começou a balbuciar algo bem depressa para si mesmo, piscou os olhos, estalou a língua. Toda hora, dizia:

– *Rus bo! Rus bo!*

Jílin não entendia e disse:

– Beber, me dê água para beber.

O escuro ria.

– *Rus bo* – não parava de balbuciar para si mesmo.

Com as mãos e os lábios, Jílin tentou pedir que lhe dessem algo para beber.

O moreno entendeu, soltou uma risada, lançou um olhar para a porta, gritou para alguém:

– Dina!

Uma moça veio correndo, fininha, magrinha, uns treze anos, rosto igual ao do moreno. Filha dele, estava claro. Os olhos também eram pretos, brilhantes e o rosto, bonito. Vestida numa blusa comprida, azul, mangas largas e sem cintura. Enfeites vermelhos nas abas, no peito e nas mangas. Nas pernas, calças e sapatilhas, mas por cima das sapatilhas tinha outras, diferentes, com saltos grossos, e um colar de moedas no pescoço, todas russas, de cinquenta copeques. A cabeça descoberta, a trança preta, uma fita na trança, e presos na fita uma medalhinha e um rublo de prata.

O pai lhe deu uma ordem. A menina foi embora e voltou de novo, trouxe uma jarrinha de lata. Deu a água, ela mesma ficou de cócoras e curvou-se tanto que os ombros ficaram mais baixos do que os joelhos. Ficou quieta, de olhos arregalados, olhando para Jílin enquanto ele bebia – como se olhasse para um bicho.

Jílin lhe devolveu a jarra. Na mesma hora, ela deu um pulo para trás, feito uma cabra selvagem. Até o pai riu. Mandou que ela fosse a algum lugar. A menina pegou a jarra, correu, trouxe um pão sem fermento sobre uma tabuinha redonda e sentou-se de novo, curvada, e observava sem desviar os olhos.

Os tártaros saíram, trancaram de novo a porta. Pouco depois, o *nogáiets* se aproximou de Jílin e disse:

– *Aida*, patrão, *aida!*

Ele também não sabia falar russo. Jílin só entendeu que o mandavam ir para algum lugar.

Jílin começou a andar com o bloco de madeira nos pés, mancava, era impossível pisar direito, de tanto que a perna ficava torcida. Jílin saiu atrás do *nogáiets*. Viu a aldeia tártara, dez casas e uma igreja deles, com uma torrezinha. Na frente de uma casa, estavam três cavalos com selas. Meninos seguravam as rédeas. O tártaro moreno saiu dessa casa, acenou com o braço para que Jílin o seguisse. Riu sozinho, ficou falando alguma coisa na sua língua e entrou pela porta. Jílin entrou na casa. A habitação era boa, as paredes, recobertas de argila. Junto à parede da entrada, estavam empilhados colchões de penas de várias cores, nas paredes laterais pendiam tapetes caros; presos nos tapetes, havia fuzis, pistolas, sabres – todos ornados de prata. Numa das paredes, uma estufa pequena ao nível do chão. O chão de terra era limpo como um terreiro de debulhar e todo um canto da entrada estava recoberto de feltro; sobre o feltro, havia tapetes e, sobre os tapetes, almofadas de penas. Também sobre os tapetes, de sapatilhas nos pés, os tártaros estavam sentados: o moreno, o vermelho e mais três convidados. Nas costas de todos, havia

almofadas de penas e diante deles, sobre uma tabuinha redonda, estavam servidos *bliní*,⁴ manteiga derretida numa xícara e cerveja tártara – a *buzá* – numa jarrinha. Comiam com as mãos e todos punham as mãos na manteiga.

O tártaro moreno ergueu-se de um salto, mandou pôr Jílin num cantinho, não sobre um tapete, mas no chão nu; voltou para o tapete, ofereceu os *bliní* e a *buzá* aos convidados. O criado pôs Jílin no seu lugar, descalçou as sapatilhas externas, colocou-as junto à porta, lado a lado das outras, e sentou sobre o feltro, perto dos patrões, olhando como eles comiam e enxugando a saliva.

Os tártaros terminaram de comer os *bliní*, entrou uma tártara de blusa igual à da menina e de calças, a cabeça coberta por um xale. Levou a manteiga, os *bliní*, deixou uma baciuzinha bonita e uma jarra de bico fino. Os tártaros lavaram as mãos, depois cruzaram os braços, sentados sobre os joelhos, arrotaram para todos os lados e recitaram preces. Falaram na sua língua. Em seguida, um dos tártaros convidados voltou-se para Jílin, passou a falar em russo.

– Kazi-Mohammed prendeu você – disse e apontou para o tártaro vermelho. – E deu você para Abdul-Murat. – Apontou para o moreno. – Abdul-Murat agora é seu patrão.

Jílin ficou calado. Abdul-Murat começou a falar, toda hora apontava para Jílin e ria e falava:

– *Soldat, rus, bo, rus.*

O intérprete disse:

– Ele está mandando você escrever uma carta para sua casa, pedindo um resgate para soltar você. Quando chegar o dinheiro, ele solta você.

Jílin pensou bem e disse:

– E o resgate que ele quer é muito?

Os tártaros falaram entre si; o intérprete disse:

– Três mil moedas.

– Não – respondeu Jílin. – Não posso pagar tudo isso.

Abdul levantou-se de um salto, começou a sacudir os braços, disse algo para Jílin – sempre achando que ele estava entendendo. O intérprete traduziu, dizendo:

– Quanto você dá?

Jílin pensou bem e disse:

– Quinhentos rublos.

Nesse ponto, de uma hora para outra, os tártaros passaram a falar depressa. Abdul começou a gritar para o vermelho, pôs-se a gaguejar de tal modo que a saliva respingava da boca.

E o vermelho também semicerrou os olhos e ainda estalou a língua.

Calaram-se, o intérprete disse:

– Um resgate de quinhentos rublos é pouco para o patrão. Ele mesmo já pagou duzentos rublos por você. Kazi-Mohammed devia a ele. Abdul aceitou você como pagamento. Três mil rublos, por menos que isso não dá para soltar. Se você não escrever, vão pôr num buraco, vão castigar com um chicote.

“Eh”, pensou Jílin, “com eles, quanto mais medo a gente tiver, pior.”

Levantou-se de um salto e disse:

– Pois trate de dizer para esse cachorro que, se ele quiser me assustar, não vou dar nem um copeque, e não vou escrever nada. Não estou com medo e não vou ter medo de vocês, seus cachorros.

O intérprete traduziu, de novo todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Tagarelaram bastante, até que o moreno se levantou de um salto, aproximou-se de Jílin.

– *Rus* – disse –, *djíguit, djíguit rus.*

Na língua deles, *djíguit* quer dizer “valente”. E ele mesmo riu; falou algo para o intérprete e o intérprete disse:

– Pague mil rublos.

Jílin fincou pé:

– Mais de quinhentos rublos, eu não vou dar. Se me matarem, não ganham nada.

Os tártaros conversaram, mandaram o criado para algum lugar, e ficaram olhando ora para Jílin, ora para a porta. Veio o criado e, atrás dele, um homem alto, gordo, descalço, em farrapos; também tinha um bloco de madeira preso aos pés.

Jílin ficou estupefato quando reconheceu Kostílin. Também o haviam capturado. Puseram os dois lado a lado, os dois começaram a conversar e os tártaros, calados, observavam.

Jílin contou o que tinha acontecido com ele; Kostílin contou que o seu cavalo se cansou, o fuzil engasgou e o mesmo Abdul o alcançou e o capturou.

Abdul ergueu-se de um salto, apontou para Kostílin, falou algo. O intérprete traduziu que agora eles dois tinham o mesmo patrão e quem desse o dinheiro primeiro seria solto primeiro.

– Olhe – disse para Jílin –, você só sabe ficar irritado, mas seu camarada é manso; ele escreveu uma carta para casa, vão mandar cinco mil moedas. Aí ele vai ser bem alimentado e não vai ser humilhado.

Jílin disse:

– O meu camarada pode fazer como quiser, ele pode, é rico, mas eu não sou rico – disse. – Eu vou fazer o que eu já disse. Se quiserem, matem, não vai ter nenhum proveito para vocês, mais de quinhentos rublos eu não vou pedir.

Ficaram calados por um tempo. De repente, como de um pulo, Abdul pegou uma pequena arca, tirou de lá uma pena, um pedaço de papel e tinta, empurrou para Jílin, bateu no ombro dele, indicando: escreva. Havia concordado com os quinhentos rublos.

– Espere um pouco – disse Jílin para o intérprete. – Diga para ele que nos alimente direito, nos dê roupa e sapatos, como deve ser, e que mantenha nós dois juntos... Assim vamos ficar mais alegres, e que tire o bloco de madeira dos pés.

Olhou para o dono da casa e riu. O dono da casa ria também. Ele ouviu até o fim e disse:

– Vou dar a melhor roupa: um casaco da Circássia, botas boas até para um casamento. Vou dar comida como se fosse para um príncipe. E se querem morar juntos, podem morar no celeiro. Mas o bloco de madeira não posso tirar... Vão fugir. Vou tirar só de noite. – Deu um pulo para perto de Jílin, deu palmadinhas no seu ombro. – Você é bom, eu sou bom!

Jílin escreveu a carta, mas não pôs o destinatário correto, para que a carta não chegasse. Pensou: “Vou fugir”.

Conduziram Jílin e Kostílin para o celeiro, levaram para eles palha de milho, água numa jarra, pão, dois velhos casacos da Circássia e botas surradas, de soldado. Claro: tomadas de soldados mortos. De noite, retiraram os blocos de madeira de seus pés e trancaram o celeiro.

III

Jílin viveu assim com seu camarada um mês inteiro. O patrão sempre ria:

– Você, Ivan, *bo*... Eu, Abdul, *bo*.

Mas os alimentava mal – só lhes dava pão sem fermento, de farinha grossa de milho, assado em forma de panquecas, ou então só a massa crua e sovada.

Kostílin escreveu de novo para a sua casa, vivia esperando a remessa de dinheiro e andava abatido. Ficava dias inteiros dentro do celeiro, contava os dias que faltavam para chegar a carta, ou então dormia. Mas Jílin sabia que sua carta não chegaria ao destino e também não escreveu outra.

“Onde é que a minha mãe vai arranjar tanto dinheiro para pagar por mim?”, pensava. “Ainda mais que ela vive com o dinheiro que eu lhe mando. Para juntar quinhentos rublos, vai ter de se arruinar; se

Deus quiser, vou conseguir fugir.”

E ele tudo observava, queria descobrir um modo de fugir.

Caminhava pelo *aul*, assoviava, ou então sentava, fazia trabalhos de costura, ou modelava bonecos de barro, ou trançava cestos com varas de vime. E Jílin era um mestre em todos os trabalhos manuais.

Certa vez, moldou uma boneca com nariz, mãos, pés e com uma camisa tártara, e colocou a boneca em cima de um telhado.

As tártaras foram buscar água. Dina, a filha do patrão, viu a boneca, chamou as tártaras. Baixaram as jarras no chão, observaram, riram. Jílin pegou a boneca, deu para elas. As mulheres riram, mas não se atreviam a pegar. Ele deixou a boneca ali, foi para dentro do celeiro e observou o que ia acontecer.

Dina aproximou-se correndo, olhou para os lados, agarrou a boneca e fugiu.

De manhã, ao raiar do dia, Jílin viu que Dina foi com a boneca até o limiar da porta. Mas já havia vestido a boneca de retalhos vermelhos, embalava-a nos braços como um bebê e a ninava na sua língua. Uma velha saiu, repreendeu a menina, tomou a boneca, quebrou-a, mandou Dina para algum lugar, para trabalhar.

Jílin fez outra boneca, ainda melhor, deu para Dina. Certa vez, Dina trouxe uma jarrinha, colocou-a no chão, sentou-se e ficou olhando para Jílin, ria sozinha, apontava para a boneca.

“Por que ela está alegre?”, pensou Jílin. Pegou a jarra, começou a beber. Pensou que era água, mas era leite. Ele bebeu o leite.

– Bom – disse.

Como Dina ficou contente!

– Bom, Ivan, bom! – e ergueu-se de um salto, bateu palmas, agarrou a jarrinha e fugiu correndo.

A partir daí, ela passou a trazer um pouco de leite furtado para Jílin todos os dias. Com leite de cabra, os tártaros fazem panquecas de queijo e colocam em cima do telhado para secar – e aí Dina, às escondidas, levava para ele essas panquecas. Um dia o patrão Abdul matou um carneiro – e Dina levou para Jílin um pedaço de carne de carneiro, por baixo da manga. Largou e foi embora correndo.

Um dia, houve uma tempestade forte e choveu uma hora sem parar, como se derramassem um balde. E todos os riachos ficaram turvos. Onde antes dava para atravessar a pé, a água chegou a três *archin* de profundidade, arrastava as pedras. Regatos corriam por toda parte, um ronco soava nas montanhas sem parar. Assim que a tempestade passou, regatos corriam por todos os lados da aldeia. Jílin tanto pediu que o patrão acabou por lhe dar uma faquinha, com ela talhou um cilindro, umas tabuinhas, fixou na forma de uma roda e colocou dois bonecos em duas extremidades da roda.

As garotinhas lhe trouxeram uns retalhos – ele vestiu os bonecos: um de mujique, outro de camponesa. Firmou bem os dois bonecos, colocou a roda sobre um regato. A roda girou e os bonequinhos pularam.

A aldeia toda se juntou para ver: os meninos, as meninas, as mulheres; também vieram os tártaros, estalaram a língua:

– *Ai, rus! Ai, Ivan!*

Na casa de Abdul, havia um relógio russo quebrado. Ele chamou Jílin, mostrou, estalou a língua. Jílin disse:

– Deixe que eu conserto.

Pegou, abriu com a faquinha, desmontou; montou de novo, entregou. O relógio estava funcionando.

O patrão alegrou-se, trouxe um *bechmet* velho, todo esfarrapado, e lhe deu de presente. Não havia outro jeito, aceitou: servia para se cobrir de noite.

A partir daí, Jílin ganhou fama de ser engenhoso. Começaram a vir procurá-lo de aldeias distantes: um trazia a trava de um fuzil ou de uma pistola para consertar, outro trazia um relógio. O patrão lhe deu um jogo de ferramentas: alicatezinhos, verrumas, limas.

Um dia, um tártaro ficou doente, vieram falar com Jílin:

– Vá curar.

Jílin não sabia curar nada. Foi, examinou, refletiu: “Talvez se cure sozinho”. Foi para o celeiro, pegou água, areia, misturou. Diante dos tártaros, sussurrou algo em cima da água e mandou o doente beber. Por sorte sua, o tártaro ficou bom. Jílin estava começando a entender um pouco a língua deles. E alguns tártaros se acostumaram com ele, quando precisavam de Jílin gritavam: “Ivan, Ivan”. Mas outros continuavam a olhar para Jílin com o rabo do olho, como se olha para uma fera.

O tártaro vermelho não gostava de Jílin. Quando o via, fechava a cara e lhe dava as costas, ou então xingava. Entre eles, havia um velho. Não morava no *aul*, mas vinha do pé da montanha. Jílin só o via quando ia à mesquita, rezar a Deus. Era de baixa estatura, tinha uma toalha branca enrolada no chapéu. Barba e bigode aparados, brancos, feito uma penugem; rosto enrugado e vermelho como tijolo; nariz curvado em gancho, feito um gavião, olhos cinzentos, cruéis, e não tinha dentes – só dois caninos. Às vezes passava com seu turbante, apoiado na muleta, olhava em volta feito um lobo. Assim que via Jílin, começava a bufar e dava as costas.

Um dia Jílin foi até o pé da montanha, ver onde morava o velho. Seguiu pela trilha, olhou – um jardimzinho, uma cerca de pedras, por trás da cerca, cerejas, damascos, uma pequena isbá com um telhadinho plano. Chegou mais perto, olhou – colmeias em palhas trançadas, abelhas voavam, zumbiam. O velho estava de joelhos, ocupado, fazia alguma coisa numa colmeia. Jílin levantou-se um pouco mais para observar e o bloco nos pés fez barulho. O velho levantou os olhos – na mesma hora soltou um grito, pegou uma pistola atrás do cinto, atirou em Jílin. Ele mal teve tempo de abrigar-se atrás de uma pedra.

O velho veio queixar-se com o patrão. O patrão mandou chamar Jílin, riu e ele mesmo perguntou:

– Por que foi à casa do velho?

– Não fiz mal nenhum a ele – disse. – Queria ver como ele vive.

O patrão traduziu isso. O velho irritou-se, resmungou, balbuciou alguma coisa, pôs à mostra os caninos, sacudiu os braços para Jílin.

Jílin não entendia tudo, mas entendeu que o velho mandava o patrão matar os russos e não manter os dois no *aul*. O velho foi embora.

Jílin perguntou ao patrão quem era aquele velho. O patrão disse:

– É um homem importante! Foi o mais valente de todos, matou muitos russos, era rico. Tinha três esposas e oito filhos. Todos moravam numa aldeia. Os russos vieram, devastaram a aldeia e mataram sete filhos. Sobrou um filho, que se entregou aos russos. O velho foi lá e também se entregou aos russos. Viveu com eles durante três meses; encontrou seu filho, matou-o e fugiu. Desde então, parou de lutar, viajou a Meca para rezar a Deus, por isso tem um turbante. Quem foi a Meca é chamado de Hadji e usa um turbante. Ele não gosta de você e seus irmãos. Manda que eu mate você; mas eu não posso matar, paguei por você; e eu, Ivan, gostei de você; não vou matar, de jeito nenhum, eu nem deixaria mais você ir embora, se não tivesse dado minha palavra. – Riu, e pronunciou em russo: – Você, Ivan, *bo...* Eu, Abdul, *bo!*

IV

Assim viveu Jílin um mês. De dia, andava pelo *aul* ou fazia trabalhos manuais e, quando anoitecia e o *aul* ficava quieto, ele cavava no celeiro. Era difícil cavar por causa das pedras, mas ele raspava as pedras com a lima e, por baixo da parede, escavava um buraco largo o bastante para fugir. “Se ao menos eu conhecesse bem a região, soubesse para que lado ir”, pensava. “Mas nenhum tártaro vai me contar.”

Então ele escolheu um momento em que o patrão tinha viajado; depois do almoço, saiu do *aul*, foi para a montanha – de lá, queria observar a região. Mas, quando o patrão partiu, mandou um menino ir

sempre atrás de Jílin, não o perder de vista. O menino correu atrás de Jílin, gritou:

– Não vá! O pai não deixa. Vou chamar o povo!

Jílin tentou convencê-lo.

– Não vou longe – disse. – Só vou subir naquela montanha, preciso achar uma erva para curar o seu povo. Venha comigo; com o bloco de madeira nos pés, não vou fugir. E amanhã eu faço um arco e flecha para você.

Convenceu o menino e foram. Quando olhava, a montanha não parecia distante, mas, com o bloco de madeira nos pés, foi difícil chegar lá, ele andou, andou, subiu a muito custo. Jílin sentou-se, observou a região. Ao sul, além do celeiro, havia um vale, um rebanho pastava, e via-se outro *aul* mais abaixo. Além do *aul*, havia outra montanha, mais escarpada ainda; e depois outra montanha. Entre as montanhas, uma floresta azulada e mais adiante outras montanhas, que se erguiam cada vez mais altas. As montanhas mais altas de todas, brancas como açúcar, estavam cobertas de neve. E uma montanha nevada, mais alta que todas as outras, parecia estar de chapéu. A leste e oeste, tudo eram montanhas iguais àquelas, um ou outro *aul* fumegava, aqui e ali, nos desfiladeiros. “Bem”, pensou ele, “tudo isso é o lado deles.”

Passou a observar o lado russo: a seus pés, um riacho, o seu *aul*, jardinzinhos em volta. No riacho – como uns bonequinhos –, mulheres estavam sentadas, enxaguando roupa. Além do *aul*, mais abaixo, uma montanha, e depois dela duas outras montanhas, cobertas pela floresta; entre as duas montanhas, uma região plana e azulada, e na planície, bem ao longe, estendia-se algo parecido com fumaça. Jílin começou a lembrar como era quando morava na fortaleza, onde o sol se erguia e onde se punha. Olhou – lá, exatamente, naquela várzea, devia estar a nossa fortaleza. Era para lá, entre aquelas duas montanhas, que ele tinha de correr.

O solzinho começou a se encolher. As montanhas nevadas passaram de brancas a vermelhas; escureceu um pouco nas montanhas negras; dos vales, erguia-se um vapor e a várzea onde devia estar a nossa fortaleza ardeu como uma chama, por causa do pôr do sol.

Jílin olhou com atenção – algo oscilava na várzea, como a fumaça de uma chaminé. E assim Jílin pensou que era mesmo ela: a fortaleza russa.

Ficou tarde. Ouviam-se os gritos do mulá. Recolhiam o rebanho, as vacas mugiam. O menino toda hora chamava:

– Vamos.

Mas Jílin não tinha vontade de ir embora.

Voltaram para casa. “Bem”, pensou Jílin, “agora já sei em que direção preciso correr.” Queria fugir naquela mesma noite. As noites estavam escuras – era a lua minguante. Por azar, os tártaros voltaram naquela noite. Às vezes, voltavam trazendo um rebanho e muito alegres. Mas dessa vez não traziam nada, a não ser, sobre a sela, um tártaro morto, o irmão do ruivo. Chegaram revoltados, juntaram-se todos para o enterro. Jílin também veio ver. Enrolaram o morto num pano, sem caixão, carregaram até um plátano, fora da aldeia, colocaram sobre o capim. Veio o mulá, reuniram-se os velhos, amarraram os chapéus com toalhas, tiraram os sapatos, sentaram-se lado a lado sobre os calcanhares, diante do morto.

Na frente, o mulá; atrás, três velhos de turbante, em fila; e atrás deles, outros tártaros. Sentaram-se, baixaram os olhos e ficaram em silêncio. Ficaram em silêncio por muito tempo. O mulá levantou a cabeça e disse:

– Alá! – Disse essa única palavra e de novo baixou os olhos, e ficaram muito tempo em silêncio, quietos, sem se mexer.

De novo, o mulá levantou a cabeça:

– Alá!

E todos exclamaram:

– Alá. – E de novo ficaram em silêncio.

O morto jazia sobre o capim, imóvel, e eles também ficaram parados, feito mortos. Nenhum deles se

mexia. Só se ouviam as folhinhas do plátano que sacudiam com a brisa. Depois, o mulá recitou uma prece, todos ficaram de pé, levantaram o morto nos braços, carregaram. Foram até a cova; não era uma cova comum, mas escavada por baixo da terra, como um porão. Seguraram o morto pelas axilas e por baixo dos joelhos, dobraram, baixaram devagarzinho, enfiaram debaixo da terra em posição sentada, cruzaram as mãos do morto sobre a barriga.

O *nogáiets* trouxe uns juncos verdes, forraram a cova com os juncos, encheram de terra depressa, lisaram e colocaram uma pedra de pé no lugar onde estava enterrada a cabeça do defunto. Pisaram a terra, sentaram de novo diante do túmulo. Ficaram em silêncio por muito tempo.

– Alá! Alá! Alá! – Suspiraram e levantaram-se.

O ruivo deu um dinheiro para os velhos, depois se levantou, pegou um chicote, bateu três vezes na própria testa e foi para casa.

De manhã, Jílin viu – o vermelho levou uma égua para fora da aldeia, atrás dele foram três tártaros. Saíram da aldeia, o vermelho despiu o *bechmet*, arregaçou as mangas – uns braços bem fortes –, sacou o punhal, afiou numa pedra de amolar. Os tártaros puxaram a cabeça da égua para cima, o ruivo se aproximou, cortou a garganta de ponta a ponta, derrubou a égua e começou a esfolar o animal, descolava a pele com as mãozonas. As mulheres e as meninas vieram, começaram a lavar os intestinos e as entranhas. Depois retalharam a égua, carregaram para uma isbá. E toda a aldeia reuniu-se na casa do ruivo para homenagear o falecido.

Comeram a égua durante três dias, beberam *buzá* – recordaram o morto. Todos os tártaros ficaram em casa. No quarto dia, na hora do almoço, Jílin viu que se preparavam para ir a algum lugar. Trouxeram os cavalos, selaram, e uns dez homens partiram, e o vermelho também foi; só Abdul ficou em casa. A lua só diminuía – as noites estavam escuras.

“Bem”, pensou Jílin, “tenho de fugir hoje.” E falou para Kostílin.

Mas Kostílin teve medo.

– E como vamos fugir? A gente não sabe o caminho.

– Eu sei o caminho.

– Mas numa noite não dá para chegar lá.

– Se não chegarmos, vamos passar o dia na floresta. Olhe, separei umas panquecas. E então, você vai ficar aqui? Está bem, vão mandar o dinheiro, mas e se não conseguirem juntar o dinheiro? Os tártaros agora estão com raiva porque os russos mataram um deles. Andam falando de novo... querem nos matar.

Kostílin pensou, pensou.

– Está bem, vamos!

v

Jílin meteu-se no buraco, cavou mais para alargar, de modo que Kostílin pudesse passar; e ficaram quietos, esperando que tudo ficasse em silêncio no *aul*.

Assim que o povo no *aul* se aquietou, Jílin meteu-se por baixo da parede, conseguiu sair. Sussurrou para Kostílin:

– Entre.

Kostílin também se meteu no buraco, mas deu uma topada numa pedra, fez um barulho forte. O patrão tinha um vigia, um cachorro pintado. Cruel, feroz, chamado Uliáchin. Antes, por precaução, Jílin tinha dado de comer para o cachorro. Uliáchin ouviu o barulho, começou a latir e avançou, e atrás dele vieram outros cachorros. Jílin assoviou baixinho, jogou um pedaço de panqueca – Uliáchin reconheceu, abanou o rabo e parou de latir.

O patrão ouviu, de sua *sáclia* gritou:

– *Hait! Hait*, Uliáchin!

Mas Jílin afagou Uliáchin por trás das orelhas. O cachorro ficou quieto, esfregou-se nas pernas de Jílin, abanando o rabo.

Jílin e Kostúlin ficaram quietos atrás de um canto da parede. Tudo ficou em silêncio, só se ouvia uma ovelha balir no estábulo e a água rumorejar, descendo pelas pedrinhas. Estava escuro, as estrelas, muito altas no céu; acima da montanha, o vermelho da lua agora crescente, que se punha com os bicos para cima. Nos vales, uma nuvem branca feito leite.

Jílin levantou-se, disse para o companheiro:

– Bem, irmão, vamos!

Puseram-se em movimento; mal se afastaram um pouco, ouviram – o mulá começou a cantar em cima do telhado:

– *Alá, Besmilá! Ilrahman!*

Aquilo queria dizer que o povo ia para a mesquita. Os dois esconderam-se de novo atrás da parede.

Ficaram ali muito tempo, esperaram que o povo passasse. De novo, tudo ficou em silêncio.

– Bom, que Deus nos ajude! – Fizeram o sinal da cruz, saíram. Passaram pelo pátio, desceram a escarpa na direção do riacho, cruzaram o riacho, seguiram pelo vale. Uma névoa densa pairava no chão, mas por cima da cabeça as estrelas estavam bem visíveis. Jílin localizava-se pelas estrelas, resolvia que direção tomar. Dentro da névoa, estava fresco, era fácil andar, só as botas eram incômodas, estavam gastas. Jílin tirou as botas, jogou fora, seguiu descalço. Saltitava de uma pedra para outra e olhava para as estrelas de vez em quando. Kostúlin começou a ficar para trás.

– Ande mais devagar – disse. – Essas botas desgraçadas esfolaram os meus pés.

– Então tire, vai ficar mais fácil.

Kostúlin seguiu descalço e ficou ainda pior: os pés se cortavam nas pedras e ele ficava cada vez mais para trás. Jílin disse:

– Os pés podem se cortar que depois curam, mas se eles pegarem a gente, vão matar, é pior.

Kostúlin não dizia nada, andava, gemia. Caminharam por muito tempo, para baixo. À direita, ouviram os latidos de cachorros. Jílin parou, olhou em volta, subiu um pouco a montanha, apalpando com as mãos.

– Eh – disse. – A gente se enganou. Fomos para a direita. Ali fica outro *aul*, eu o avistei lá da montanha; temos de voltar e ir para a esquerda, montanha acima. Lá é que deve estar a floresta.

E Kostúlin disse:

– Espere um pouquinho, me deixe descansar, meus pés estão em sangue.

– Ah, irmão, eles vão ficar curados; tem de pular mais leve. Assim, olhe!

E Jílin correu para trás e para a esquerda, pela montanha, na direção da floresta.

Kostúlin ficava para trás o tempo todo e praguejava. Jílin fazia psiu para ele ficar quieto e continuava a andar.

Subiram a montanha. E lá estava a floresta. Entraram na floresta, rasgaram as roupas todas nos espinheiros. Toparam com uma trilha na floresta. Andaram.

– Espere!

Reressoaram cascos pela trilha. Eles pararam, escutaram. Um tropel, como de um cavalo, e parou. Eles foram em frente... De novo, o som de cascos. Eles pararam, e o barulho também parava. Jílin rastejou para mais perto, a fim de enxergar a trilha, na luz. Tinha alguma coisa lá: o cavalo não era um cavalo, e em cima dele tinha algo esquisito, não parecia um homem. Soltou um bufo, Jílin ouviu. “Que coisa estranha!” Jílin assoviou bem baixinho, e na mesma hora aquilo se esgueirou para fora da trilha, entrou na floresta, fazendo estalar a mata, como uma tempestade, quebrando os galhos.

– É um cervo. Escute só como os chifres quebram os galhos. Nós ficamos com medo dele, e ele,

com medo da gente.

Seguiram em frente. A constelação da Ursa Maior já começava a baixar, a manhã não estava longe. E eles não sabiam se iam na direção certa ou não. Jílin achava que tinha sido trazido por aquele mesmo caminho e que, até chegar aos russos, faltavam umas dez verstas, mas não havia nenhum sinal seguro, e à noite era difícil se localizar. Saíram numa clareira. Kostúlin sentou-se e disse:

– Faça como quiser, não vou conseguir chegar lá: meus pés não andam.

Jílin tentou convencê-lo.

– Não – respondeu. – Não vou chegar lá, não consigo.

Jílin irritou-se, cuspiu, xingou.

– Então eu vou sozinho, adeus.

Kostúlin levantou-se de um salto, andou. Caminharam umas quatro verstas. A névoa ficou ainda mais densa na floresta, não enxergavam nada na sua frente e quase não se viam as estrelas.

De repente ouviram, à frente, os cascos de um cavalo. Dava para ouvir que as ferraduras resvalavam nas pedras. Jílin deitou-se de bruços, encostou o ouvido na terra para escutar.

– É isso mesmo, um cavalo vem de lá na nossa direção!

Correram para fora da trilha, sentaram-se no meio da mata e esperaram. Jílin rastejou na direção da trilha, observou – um tártaro a cavalo levava uma vaca. Cantarolava alguma coisa pelo nariz. O tártaro passou. Jílin voltou para perto de Kostúlin.

– Bem, Deus o fez passar; levante, vamos.

Kostúlin começou a levantar, mas caiu.

– Não consigo, por Deus, não consigo; não tenho forças.

O homem pesado, gordo, estava suando; envolvido pela neblina fria e com os pés em frangalhos, ele ficou prostrado. Jílin tentou levantá-lo à força. Logo Kostúlin se pôs a gritar:

– Ai, está doendo!

Jílin ficou transtornado.

– Por que está gritando? Os tártaros andam por perto, vão ouvir. – E pensou: “Ele está fraco de verdade, o que vou fazer com ele? Abandonar um camarada não é certo”.

– Está bem, levante – disse ele. – Suba nas minhas costas, se você não pode andar, eu carrego.

Colocou Kostúlin nas suas costas, segurou as coxas com as mãos, foi andando pela trilha, se arrastando.

– Só não aperte a minha garganta com as mãos, pelo amor de Deus – disse. – Segure-se nos meus ombros.

Era difícil para Jílin, seus pés estavam ensanguentados e ele se cansou. Curvava-se, ajeitava-se, sacudia Kostúlin para o alto, para ficar mais bem acomodado nas costas, e o carregava adiante pela trilha.

É claro que os tártaros tinham ouvido os gritos de Kostúlin. Jílin escutou: alguém vinha de trás, gritava na sua língua. Jílin atirou-se para dentro da mata. O tártaro puxou o rifle, disparou, não acertou, deu um grito esganiçado na sua língua, galopou para longe pela trilha.

– Bem – disse Jílin –, estamos perdidos, irmão! Ele, esse cachorro, logo vai reunir os tártaros e vir atrás de nós, nos perseguir. Se não conseguirmos avançar umas três verstas, estamos perdidos. – E pensou, a respeito de Kostúlin: “Foi o diabo que prendeu nos meus pés esse bloco de madeira, o meu irmão. Sozinho, eu já teria escapado há muito tempo”.

Kostúlin disse:

– Vá sozinho, não tem por que você perder sua vida por minha causa.

– Não, não vou: não é direito abandonar um camarada.

Colocou-o de novo sobre os ombros, começou a carregá-lo. Seguiu assim mais uma versta. Ainda estava na floresta e não via a saída. E a neblina já começava a dispersar, mas umas nuvenzinhas pareciam

estar se juntando. Já não se viam estrelas. Jílin estava esgotado.

Chegou a uma fontezinha, na beira da trilha, entre as pedras. Parou, baixou Kostílin no chão.

– Deixe-me descansar – disse ele –, matar a sede. Vamos comer uma panqueca. Não deve estar longe.

Assim que se abaixou para beber, ouviu cascos de cavalo, atrás. De novo, atiraram-se para a direita, para dentro da mata, debaixo dos galhos, e deitaram.

Ficaram escutando as vozes de tártaros; os tártaros pararam no mesmo lugar onde eles dois haviam saído da trilha. Conversaram um pouco, depois começaram a gritar, como se aticassem um cachorro. Escutaram – algo estalou entre os arbustos, um cachorro desconhecido veio direto para eles. Parou, começou a latir.

E os tártaros entraram na mata – eram desconhecidos também; agarraram os dois, amarraram, puseram nos cavalos, levaram.

Atravessaram umas três verstas, o patrão Abdul veio ao encontro deles com dois tártaros. Falou alguma coisa com os tártaros, passaram os dois para os cavalos deles, partiram de volta para o *aul*.

Abdul já não ria e não falava nenhuma palavra com eles.

Chegaram ao *aul* ao raiar do dia, foram postos no meio da rua. As crianças vieram correndo. Bateram neles com pedras, chicotes, davam gritos agudos.

Os tártaros reuniram-se numa roda e o velho veio do pé da montanha. Começou a falar. Jílin ouviu que julgavam os dois, resolviam o que iam fazer com eles.

Uns disseram que era preciso mandá-los mais para longe, nas montanhas, mas o velho disse:

– Tem de matar.

Abdul discutiu, disse:

– Dei dinheiro por eles. Estou pedindo um resgate por eles.

E o velho disse:

– Não vão pagar nada, só vão trazer desgraça. E é um pecado dar comida para russos. Matar, e acabou.

Dispersaram. O patrão aproximou-se de Jílin, e lhe disse:

– Se não me mandarem um resgate por vocês, daqui a duas semanas vou açoitá-los até a morte. E se tentarem fugir de novo, vou matar você como se fosse um cachorro. Escrevam uma carta, e escrevam direito.

Trouxeram papel, eles escreveram as cartas. Prenderam os blocos de madeira em seus pés, levaram os dois para trás da mesquita. Lá, havia um buraco de uns cinco *archin* – e enfiaram os dois no buraco.

VI

A vida deles ficou muito ruim. Nunca soltavam os blocos de madeira dos pés e não os deixavam sair ao ar livre. Jogavam para eles, de longe, massa crua de pão, como se faz com um cachorro, e deixavam a água numa jarra. O buraco fedia, era abafado, úmido. Kostílin ficou muito doente, inchado, sentia dores em todo o corpo e vivia gemendo ou dormindo. E Jílin ficou desanimado, via que a situação estava muito ruim. E não sabia como escapar.

Começou a cavar um túnel, mas não havia onde jogar a terra, o patrão percebeu, ameaçou matar.

Um dia, Jílin estava de cócoras no buraco, pensava na vida em liberdade, e sentia-se triste. De repente, caiu uma panqueca bem em cima dos seus joelhos, e mais outra, e começaram a cair cerejas. Olhou para cima e lá estava Dina. Ela olhou para ele, riu e fugiu correndo. Jílin pensou: “Será que Dina me ajudaria?”.

Limpou um cantinho no buraco, cavou um pouco de barro, pôs-se a modelar bonecos. Dez pessoas, cavalos, cachorros; pensou: “Quando Dina vier, jogo para ela”.

Só que no dia seguinte, Dina não veio. E Jílin ouviu o som de cascos de cavalos, algumas pessoas estavam de passagem e os tártaros se reuniram na mesquita, discutiam, gritavam e falavam dos russos. E Jílin ouviu a voz do velho. Não distinguia muito bem, mas adivinhou que os russos estavam próximos e os tártaros tinham medo de que entrassem no *aul*, e não sabiam o que fazer com os prisioneiros.

Terminaram de conversar e saíram. De repente, ele ouviu algo chiar lá em cima. Olhou – Dina estava de cócoras, os joelhos mais altos do que a cabeça, curvada para a frente, o colar de moedas pendia, balançava acima do buraco. Os olhinhos brilhavam tanto que pareciam estrelinhas. Tirou duas panquecas de queijo de debaixo da manga, jogou para ele. Jílin pegou e disse:

– Por que ficou tanto tempo sem aparecer? Fiz uns brinquedos para você. Olhe, tome! – Começou a arremessar um a um, mas ela abanava a cabeça e nem olhava.

– Não precisa! – disse. Ficou calada um tempo, quieta e então disse: – Ivan, eles querem matar você. – E mostrou com um gesto da mão no pescoço.

– Quem quer me matar?

– Papai, os velhos mandaram, mas eu tenho pena de você.

Jílin então disse:

– Se tem pena de mim, me traga um pau comprido.

Dina balançou a cabeça, para dizer que “não podia”. Jílin cruzou as mãos, implorou para ela.

– Dina, por favor. Traga, Dínuchka.

– Não posso – respondeu. – Vão me ver. Estão todos lá em casa. – E foi embora.

Jílin ficou pensando, ao fim do dia. “O que vai acontecer?” Toda hora, olhava para cima. Viam-se as estrelas, mas a lua ainda não tinha surgido. O mulá gritou, tudo ficou quieto. Jílin começou a cochilar, pensando: “A menina vai ficar com medo”.

De repente, começou a cair barro na sua cabeça, Jílin lançou um olhar para cima – pelo outro lado do buraco, uma vara comprida ia sendo enfiada. Foi entrando, começou a descer, raspando a terra, devagar. Jílin alegrou-se, agarrou com a mão, baixou a vara; era forte. Já tinha visto aquela vara no telhado da casa do patrão.

Olhou para cima: as estrelas brilhavam no alto do céu e, bem em cima do buraco, os olhos de Dina reluziam no escuro, como os de um gato. Ela inclinou o rosto na beira do buraco e sussurrou:

– Ivan, Ivan! – E agitava as mãos perto do rosto, para dizer “sem barulho”.

– O quê? – perguntou Jílin.

– Todo mundo foi embora, só tem duas pessoas.

Jílin disse:

– Ei, Kostílin, vamos, vamos tentar pela última vez; levo você nas costas.

Kostílin não quis nem ouvir.

– Não – respondeu. – É claro que eu não vou sair mais daqui. Como é que posso ir, se não tenho forças nem para me virar?

– Bem, então adeus, não me queira mal.

Ele e Kostílin beijaram-se no rosto.

Agarrou-se na vara, mandou Dina segurar e subiu. Uma ou duas vezes, ele perdeu o pé de apoio – o bloco de madeira atrapalhava. Kostílin o amparou – de algum modo, conseguiu arrastar-se até em cima. Dina, com as mãozinhas, puxou-o pela camisa com todas as suas forças e riu sozinha. Jílin pegou a vara e disse:

– Ponha no lugar, Dina, senão eles vão dar pela falta, vão bater em você.

Ela saiu arrastando a vara e Jílin seguiu montanha abaixo. Ao pé de uma escarpa, pegou uma pedra pontuda e tentou romper o cadeado do bloco de madeira. Mas o cadeado era resistente, não quebrava de

jeito nenhum, e era difícil de manejar. Escutou – alguém vinha correndo da montanha, dava saltos ágeis. Pensou: “Na certa, é Dina outra vez”. Dina se aproximou, pegou a pedra e disse:

– Deixe comigo.

Sentou-se sobre os joelhos, começou a forçar. Mas as mãozinhas eram finas como varetas, não tinham força nenhuma. Largou a pedra, começou a chorar. Jílin ocupou-se de novo do cadeado e Dina ficou ao seu lado, de cócoras, a mão apoiada no ombro dele. Jílin olhou para o lado, viu à esquerda, atrás da montanha, um clarão vermelho começar a arder. A lua subia. “Bem”, pensou, “antes da lua, tenho de cruzar o vale, chegar até a floresta.” Levantou-se, largou a pedra. Apesar do bloco de madeira, tinha de andar.

– Adeus, Dínuchka – disse ele. – Vou sempre me lembrar de você.

Dina agarrou-se a ele, apalpou-o com as mãos, procurou um lugar para enfiar uma panqueca. Jílin pegou a panqueca.

– Obrigado, menina inteligente – disse ele. – E agora, sem mim, quem vai fazer bonecos para você? – E afagou a cabeça de Dina.

E Dina desatou a chorar, cobriu o rosto com as mãos, correu montanha acima, aos saltos, como uma cabritinha. Na escuridão, só se ouviam as moedas da trança tilintando nas suas costas.

Jílin fez o sinal da cruz, segurou na mão o cadeado do bloco de madeira para ele não retinir, seguiu pela trilha arrastando os pés, toda hora olhando para o clarão no lado onde a lua ia surgir. Sabia o caminho. Tinha de seguir reto umas oito verstas. Só precisava chegar à floresta antes que a lua subisse totalmente. Cruzou o riacho: a luz atrás da montanha já tinha ficado branca. Seguiu pelo vale, andou, andou, sempre olhando para trás: ainda não via a lua. O clarão já começava a iluminar e um lado do vale ficava cada vez mais claro. Uma sombra se arrastava no fundo do vale, chegava cada vez mais perto dele.

Jílin andava, sempre se mantendo na sombra. Apressou-se, mas a lua subia cada vez mais depressa; à direita, os cumes já começavam a brilhar. Jílin estava perto da floresta, a luz surgiu por trás da montanha – tudo ficou branco, claro, como o dia. Nas árvores, viam-se todas as folhas. Estava claro e quieto nas montanhas: parecia que tudo havia morrido. Só se ouvia o murmúrio do riacho lá embaixo.

Chegou à floresta – não encontrou ninguém no caminho. Jílin escolheu um recanto mais escuro na floresta, sentou-se para descansar.

Descansou, comeu a panqueca. Achou uma pedra, experimentou de novo romper o cadeado. Bateu com toda a força da mão, mas não quebrou. Levantou-se, seguiu pela trilha. Avançou quase uma versta, ficou esgotado – os pés doíam. Dava mais ou menos dez passos e parava de novo. “Não há o que fazer”, pensou. “Vou me arrastando assim mesmo, enquanto tenho forças. Se ficar parado, não vou mais levantar. Eu não vou conseguir chegar à fortaleza, mas quando o dia nascer, vou ficar deitado dentro da floresta, deixo o dia passar, e de noite volto a caminhar.”

Andou a noite toda. Só topou no caminho com dois tártaros a cavalo, mas Jílin ouviu de longe, escondeu-se atrás de uma árvore.

A lua já começava a empalidecer, caía o orvalho, o nascer do dia estava perto e Jílin não havia chegado ao fim da floresta. “Bom”, pensou, “vou dar mais trinta passos, me desvio para dentro da floresta e fico lá.” Avançou trinta passos, e viu – a floresta terminava ali. Foi até a orla da mata – já estava tudo claro; à sua frente, bem visíveis, a estepe e a fortaleza e, à esquerda, bem perto do pé da montanha, chamas ardiam, se apagavam, a fumaça se espalhava no ar, e havia pessoas junto às fogueiras.

Olhou bem, viu: fuzis rebrilhavam – cossacos, soldados.

Jílin alegrou-se, juntou as últimas forças, caminhou montanha abaixo. E pensou: “Deus permita que aqui, em terreno aberto, nenhum cavaleiro tártaro me veja; apesar de estar perto, eu não conseguiria escapar”.

Bastou pensar isso e viu: à esquerda, numa colina, estavam três tártaros, a umas duas *dessiatinas* de

distância. Avistaram Jílin, partiram em sua direção. Seu coração se fez em pedaços. Agitou os braços, começou a gritar, com o fôlego que lhe restava:

– Irmãos! Socorro! Irmãos!

Os nossos ouviram. Os cossacos montaram nos cavalos, lançaram-se em sua direção – para cortar o caminho dos tártaros.

Os cossacos estavam longe e os tártaros estavam perto. Mas Jílin juntou as últimas forças que tinha, segurou o bloco de madeira nas mãos, correu na direção dos cossacos, já fora de si, fazia o sinal da cruz e gritava:

– Irmãos! Irmãos! Irmãos!

Os cossacos eram uns quinze.

Os tártaros ficaram com medo – antes de o alcançarem, pararam. E Jílin veio correndo para perto dos cossacos.

Os cossacos o rodearam, perguntaram quem era ele, o que tinha acontecido, de onde tinha vindo. Mas Jílin estava fora de si, chorava e repetia:

– Irmãos! Irmãos!

Os soldados acudiram às pressas, cercaram Jílin – um trouxe pão, outro trouxe mingau, outro trouxe vodca; alguém o cobriu com um capote, outro soltou o bloco de madeira de seus pés.

Os oficiais o reconheceram, levaram para a fortaleza. Os soldados alegraram-se, os camaradas reuniram-se em torno de Jílin.

Jílin contou tudo o que tinha acontecido e disse:

– Fui para casa me casar e olhem só no que deu! Não, está claro que esse não é o meu destino.

Assim, ficou servindo o Exército no Cáucaso. E Kostúlin foi resgatado, um mês depois, por cinco mil rublos. Quando o trouxeram, estava mais morto que vivo.

1 Um *verchok* equivale a 4,4 cm. Um oitavo equivale a 0,55 cm.

1 Montanhês do Daguestão.

2 Casa dos montanhês do Cáucaso.

3 Casaco acolchoado caucasiano.

4 Panquequinhas russas.







CONTOS POPULARES [DÉCADA DE 1880]

DO QUE VIVEM OS HOMENS?

Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Aquele que não ama permanece na morte.

Primeira Epístola de João, III, 14

Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?

Meus filhos! Não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e verdade.

III, 17-18

O amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece Deus.

Aquele que não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor.

IV, 7-8

Ninguém nunca viu Deus. Se amarmos uns aos outros, Deus vai permanecer em nós.

IV, 12

Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.

IV, 16

Se alguém diz: “Amo a Deus” mas odeia seu irmão é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?

IV, 20

pouco e tudo o que ganhava só dava para pagar a comida. O sapateiro e a esposa tinham só um casaco de pele e, de tão usado, estava em farrapos; já fazia dois anos que o sapateiro tentava comprar uma pele de ovelha para fazer um casaco novo.

No outono, o sapateiro juntou um dinheirinho: três rublos em notas estavam guardados no cofre da mulher e havia mais cinco rublos e vinte copeques, que mujiques da aldeia lhe deviam.

E assim, de manhã, o sapateiro se preparou para ir à aldeia a fim de comprar um casaco. Por cima da camisa, vestiu o paletó da esposa, de nanquim estofado de algodão, e por cima de tudo seu caftã de feltro, meteu no bolso os três rublos em notas, cortou uma vara para servir de cajado e partiu depois do café da manhã. Pensou: “Vou receber cinco rublos dos mujiques, acrescento meus três e compro a pele de ovelha para fazer um casaco de pele”.

O sapateiro chegou à aldeia, foi falar com um mujique – não estava em casa, a mulher prometeu que dali a uma semana ia mandar o marido com o dinheiro, e não pagou; foi falar com outro – o mujique jurou por Deus que não tinha dinheiro, só pagou vinte copeques pelo conserto das botas. O sapateiro pensou em comprar fiado a pele de ovelha, mas o criador de ovelhas não vendia fiado.

– Traga o dinheirinho – disse ele – e depois escolha a que lhe agrada, pois a gente sabe o que é cobrar as dívidas.

Portanto o sapateiro não fez negócio nenhum, apenas recebeu vinte copeques por um conserto e outro mujique lhe deu um par de botas de feltro velhas para ele costurar o couro rasgado.

O sapateiro ficou aflito, gastou os vinte copeques bebendo vodca e foi para casa sem o casaco de pele. De manhã, ele achava o tempo frio, mas como havia bebido seu corpo estava quente, mesmo sem o casaco de pele. O sapateiro foi andando pela estrada, com uma mão batia o cajado na terra congelada, como faz um calmuco,¹ com a outra mão sacudia as botas de feltro, enquanto falava consigo mesmo:

– Eu me aqueci mesmo sem casaco – disse. – Bebi só dois dedinhos; se espalhou por todas as veias. E nem preciso de sobretudo. Vou andando e já esqueci a desgraça. Esse é o homem que eu sou! Do que eu preciso? Sobrevivo sem casaco de pele. Não preciso disso nunca. Só que minha mulher vai ficar zangada. Sim, é uma vergonha... A gente trabalha, mas eles não pagam. Agora, espere aí: se não trouxer meu dinheirinho, vou arrancar seu couro, juro por Deus. Como pode ser isso? Vai pagar vinte copeques de cada vez? O que dá para fazer com vinte copeques? Beber e mais nada. O sujeito disse: estou passando necessidade. E eu por acaso também não passo necessidade? Você tem casa, animais, tudo, já eu, tudo que tenho está aqui; você tem seu próprio trigo, mas eu tenho de comprar... Faça o que fizer, eu tenho de pagar três rublos toda semana só pelo pão. Vou chegar em casa e o pão já foi comido; de novo tenho de ganhar mais um rublo e meio. Portanto trate de me pagar.

Assim, o sapateiro se aproximou de uma capela, numa curva, e olhou – por trás da capela, algo brilhava. Já começava a anoitecer. O sapateiro olhou, mas não conseguiu enxergar. “Uma pedra? Aqui não tinha isso”, pensa. “Será que é um boi? Não parece um boi. A cabeça parece de um homem, mas é uma coisa branca. Mas para que um homem ia parar aqui?”

Chegou mais perto e viu bem melhor. Que surpresa: era mesmo um homem, não sabia se vivo ou morto, estava sentado e sem roupa, encostado na capela, sem se mexer. O sapateiro ficou assustado; pensou: “Mataram um homem, tiraram a roupa e largaram aqui. É só eu chegar perto que depois acabo levando a culpa”.

E o sapateiro seguiu em frente. Passou pela capela, como se não tivesse visto o homem. Mais à frente, virou-se e olhou – o homem não estava mais encostado na capela, tinha se mexido, parecia observar. O sapateiro teve mais medo ainda e pensou: “Devo me aproximar ou ir em frente? Se me aproximar, pode acontecer algo ruim: quem conhece esse homem, quem sabe como ele é? Não foi por causa de alguma coisa boa que veio parar aqui. Se eu chegar perto, ele pula em cima de mim e me estrangula, e não vou ter como fugir. E se não me estrangular, vai acabar sendo um peso nas minhas costas. O que vou fazer com ele, um homem nu? Não tenho roupas para tirar e dar a ele. Deus me ajude a

ir embora daqui!”.

E o sapateiro apertou o passo. Já começava a se afastar da capela, quando sua consciência pesou.

E o sapateiro parou na estrada.

– O que está fazendo, Semion? – disse para si mesmo. – Um homem nu está morrendo e você tem medo, passa direto. Por acaso ficou rico e tem medo de que roubem sua riqueza? Ei, Semion, que coisa feia!

Semion voltou e foi ao encontro do homem.

II

Semion aproximou-se do homem, examinou-o e viu: era jovem, robusto, não tinha ferimentos no corpo, só um homem com frio e com medo; sentado, recurvado e sem olhar para Semion, parecia enfraquecido, não conseguia erguer os olhos. Semion chegou bem perto e de repente, como se o homem tivesse acordado, virou a cabeça, abriu os olhos e fitou Semion. Aquele olhar fez Semion sentir afeição pelo homem. Largou as botas de feltro no chão, soltou o cinto, colocou em cima das botas e tirou o caftã.

– Vamos, sem conversa! – disse. – Vista logo! Vai!

Semion segurou o homem pelos cotovelos e quis levantá-lo. Pôs o homem de pé. E Semion viu: o corpo era fino, limpo, os braços e as pernas não estavam quebrados e o rosto era afetuoso. Semion cobriu seus ombros com o caftã – o homem não vestiu as mangas. Então Semion enfiou os braços dele nas mangas, esticou, fechou o caftã e apertou o cinto.

Semion começou a tirar seu gorro esfarrapado, queria vestir na cabeça nua do homem, mas sentiu frio na cabeça e pensou: “Tenho a cabeça toda careca e ele tem cabelo comprido, cacheado”. Vestiu o gorro de novo. “É melhor calçar as botas.”

Fez o homem sentar e calçou-o com as botas de feltro.

O sapateiro calçou-o e disse:

– Pois é, irmão. Vamos lá, se estique e se esquente. Para tudo tem um jeito. Consegue andar?

O homem ficou de pé, olhou para Semion com afeição, mas não conseguia falar nada.

– O que há, não consegue falar? Não vamos passar o inverno todo aqui. Temos de achar um abrigo. Vamos, tome aqui meu cajado, se apoie nele, se estiver fraco. Tome impulso e vamos embora!

E o homem andou. E andou com facilidade, não ficou para trás.

Seguiram pela estrada e Semion disse:

– Para onde vai?

– Não sou daqui.

– Conheço as pessoas daqui. Então, como foi parar ali, na capela?

– Não posso contar.

– Será que fizeram mal a você?

– Ninguém me fez mal. Deus me castigou.

– Claro, Deus vê tudo, mas mesmo assim a gente precisa de um lugar para ficar. Para onde você vai?

– Para mim, tanto faz.

Semion estava admirado. Ele não parecia um malfeitor e tinha a fala mansa, mas não revelava nada sobre si mesmo. E Semion pensou: “Sabe lá quanta coisa acontece”. E disse para o homem:

– Pois é, então é melhor a gente ir lá para minha casa, para você se recuperar um pouquinho.

Semion caminhava, o peregrino não ficava para trás, andava a seu lado. O vento começou a soprar, penetrava por baixo da camisa de Semion, sua embriaguez começou a se desfazer e ele já sentia o frio

endurecer o corpo. Andava, fungava, se encolhia todo dentro do paletó da esposa e pensava: “Pronto, cadê o casaco de pele? Vim atrás de um casaco de pele e agora volto para casa sem o caftã e ainda por cima levo comigo um sujeito nu. Matriona não vai gostar nada disso!”. E ao pensar em Matriona, Semion ficou triste. Mas quando olhou para o peregrino, lembrou como o homem tinha olhado para ele junto à capela e seu coração se alegrou.

III

A esposa de Semion arrumou tudo bem cedo. Cortou lenha, trouxe água, deu comida para as crianças, ela mesma comeu um pouco e ficou pensando; calculou quanta comida tinha em casa: dava só para hoje ou para amanhã? Havia sobrado um grande pedaço de pão.

“Se o Semion almoçar por lá mesmo”, pensou, “não vai comer muito no jantar e o pão vai dar para amanhã.”

Matriona segurou o pedaço de pão, sentiu o peso e pensou: “Não vou fazer mais pão hoje. Só sobrou farinha para fazer um pão. Vou esticar até sexta-feira”.

Matriona guardou o pão e sentou diante da mesa de costura, para remendar uma camisa do marido. Matriona costurava e pensava no marido, pensava que ele ia comprar a pele de carneiro para fazer um casaco.

“Tomara que o criador de ovelhas não passe o Semion para trás. O meu Semion é muito inocente. Não engana ninguém, mas pode ser tapeado por qualquer criança. Oito rublos não é pouco dinheiro. Dá para fazer um bom casaco de pele. Nada dessas coisas de couro curtido, mas um casaco de pele de verdade. No inverno passado, como a gente penou sem um casaco de pele! Não dava para ir ao riacho, não dava para ir a lugar nenhum. Quando ele saía de casa, vestia tudo o que tinha em casa e não sobrava nada para eu vestir. Ele não foi muito cedo. Mas já devia ter voltado. Tomara que não tenha ficado de bebedeira, o meu falcãozinho.”

Assim que Matriona pensou isso, rangeram os degraus da escadinha da varanda e alguém entrou. Matriona enfiou a agulha no pano e foi para o vestíbulo. Olhou: dois homens entravam. Semion e um mujique sem gorro e de botas de feltro.

Na mesma hora Matriona sentiu o cheiro de bebida no marido. “Puxa, então ele foi para a farra”, pensou. Mas quando ela viu que estava sem caftã, só de paletó, não trazia mais nada e ficava calado, de cara abatida, o coração de Matriona ficou em farrapos. “Gastou tudo em bebida”, pensou, “foi para a farra com algum cabeça-oca e ainda trouxe o sujeito aqui para casa.”

Matriona trouxe os dois para dentro da isbá, veio atrás e olhou – um homem desconhecido, jovem, magricela, com o caftã que não era dele. Não tinha camisa por baixo do caftã e também não tinha chapéu. Assim que entrou, ficou parado, não se mexia e não erguia os olhos. Matriona pensou: “É um homem ruim, tem medo”.

Matriona franziu a cara, se afastou para a estufa, olhou para ver o que eles iam fazer.

Semion tirou o chapéu, sentou no banco, como se estivesse tudo certo.

– Então, Matriona – disse ele –, tem jantar para a gente?

Matriona resmungou qualquer coisa para si mesma. Ficou de pé junto à estufa sem se mexer: ora olhava para um, ora para outro e só balançava a cabeça. Semion notou que a mulher estava aborrecida, não ia fazer nada; como se não tivesse percebido, ele pegou o peregrino pelo braço.

– Sente, irmão – disse. – Vamos jantar.

O peregrino sentou-se no banco.

– E então, não cozinhou nada?

A raiva de Matriona aumentou.

– Cozinhei, mas não para você. Você, pelo que vejo, encheu a cara de tanto beber. Foi para comprar um casaco de pele e voltou sem caftã e ainda por cima trouxe um vagabundo pelado. Não tenho nada para vocês jantarem, seus bêbados.

– Matriona, não fique matraqueando à toa! Antes pergunte quem é o homem...

– Você é que tem de dizer onde foi parar o dinheiro.

Semion enfiou a mão no caftã, tirou o dinheiro e desenrolou as notas.

– O dinheiro está aqui, mas o Trifonov não pagou, prometeu pagar amanhã.

A raiva de Matriona aumentou mais ainda: ele não comprou o casaco de pele, pegou seu último caftã e vestiu num sujeito pelado qualquer e ainda trouxe o homem para casa.

Agarrou o dinheiro na mesa, levou para guardar e disse:

– Não tenho jantar nenhum. Ninguém dá comida para bêbados sem roupa.

– Ah, Matriona, segura essa língua. Antes escute o que dizem...

– Para que escutar o que diz um bêbado cabeça-oca? Bem que eu não queria me casar com você, seu bêbado. O dote que mamãe me deu você gastou em bebida; foi comprar um casaco e gastou o dinheiro em bebida.

Semion quis explicar à esposa que tinha bebido só vinte copeques; quis contar onde tinha encontrado o homem, mas Matriona não deixava o marido falar: bastava ele dizer duas palavras que ela cortava e desandava a reclamar. Contava coisas de dez anos antes, lembrava tudo.

Matriona falou e falou, deu um pulo para perto de Semion, segurou o marido pelas mangas.

– Me dá meu paletó. Só sobrou um e você teve de tirar de mim para vestir. Me dê aqui, seu cachorro sarnento, que o diabo faça picadinho de você!

Semion tratou de tirar o casaquinho, soltou as mangas, a mulher deu um puxão – o casaquinho se rompeu nas costuras. Matriona segurou o paletó, enfiou pela cabeça e foi para a porta. Queria sair, mas parou: o coração dela se dividiu: queria dar vazão à raiva mas também queria saber quem era o tal homem.

IV

Matriona parou e disse:

– Se fosse um homem bom, não ia andar sem roupa e ele não tem nem camisa. Se fosse um homem bom, você teria contado onde achou um sem-vergonha feito esse.

– Pois vou contar para você: eu ia pela estrada e ele estava sentado junto a uma capela, sem roupa e morto de frio. A gente não está no verão para ficar pelado ao ar livre. Foi Deus que me levou para ele, senão teria morrido. Pois é, o que eu ia fazer? Sabe lá o que foi que aconteceu? Peguei, vesti e trouxe para casa. Acalme seu coração. Que pecado, Matriona. Todos vamos morrer.

Matriona quis discutir, mas olhou para o peregrino e calou-se. O peregrino estava quieto, não se mexia, parado na ponta do banco. Mãos cruzadas sobre os joelhos, cabeça afundada no peito, não abria os olhos, o rosto muito franzido, como se alguma coisa o sufocasse. Matriona ficou calada. Então Semion disse:

– Matriona, você não tem Deus?!

Ao ouvir aquelas palavras, Matriona olhou mais uma vez para o peregrino e de repente seu coração se amansou. Afastou-se da porta, foi para o canto da estufa, pegou o jantar. Pôs uma xícara na mesa, serviu o *kvás*, pegou o último pedaço de pão. Trouxe faca e colheres.

– Podem comer – disse.

Semion levou o peregrino para a mesa.

– Venha para cá, meu jovem – disse.

Semion cortou o pão, esfarelou e eles começaram a jantar. Mas Matriona sentou-se no canto da mesa, apoiou a cabeça na mão e olhou para o peregrino.

Matriona teve pena do desconhecido e sentiu afeição por ele. De repente, o desconhecido se alegrou, parou de franzir o rosto, levantou os olhos para Matriona e sorriu.

Jantaram; a mulher arrumou as coisas e começou a perguntar ao peregrino:

– Quem é você?

– Não sou daqui.

– Mas como foi parar naquela estrada?

– Não posso contar.

– Quem foi que roubou você?

– Deus me castigou.

– Então estava caído lá sem roupa?

– Sem roupa e morrendo de frio. Semion me viu, teve pena, tirou seu caftã, vestiu em mim e me trouxe para cá. E aqui você me deu comida, bebida, teve pena. Deus proteja vocês!

Matriona levantou-se, pegou uma camisa velha de Semion na janela, a mesma que estava remendando, deu para o desconhecido; encontrou também uma calça e deu para ele.

– Tome aqui, estou vendo que você não tem camisa. Vista e vá deitar onde quiser... no corredor ou em cima da estufa.

O desconhecido tirou o caftã, vestiu a camisa e a calça e deitou no corredor. Matriona apagou a vela, pegou o caftã e subiu na parte de cima da estufa, onde o marido estava deitado.

Matriona cobriu o marido com as abas do caftã, deitou e não dormiu, pois o desconhecido não saía de sua cabeça.

Lembrou que ele tinha comido o último pedaço de pão e que no dia seguinte não ia ter mais pão, lembrou que tinha dado a camisa e a calça e ficou muito triste; mas lembrou como ele tinha sorrido e seu coração se alegrou.

Matriona demorou para dormir e percebeu que Semion também não dormia, puxava o caftã para se cobrir.

– Semion!

– Ah?

– Vocês comeram o último pedaço de pão e eu não deixei massa fermentando. Amanhã, não sei como vai ser. Talvez eu peça alguma coisa à comadre Malânia.

– Se amanhã a gente estiver vivo, dá-se um jeito.

A mulher deitou-se, ficou em silêncio.

– Aquele homem parece bom, só não sei por que não diz quem é.

– Na certa não pode mesmo contar.

– Semion!

– O quê?

– Nós damos coisas para os outros, mas por que ninguém dá nada para nós?

Semion não sabia o que responder. Disse:

– Chega de conversar.

Virou-se e dormiu.

Semion acordou de manhã. As crianças dormiam, a esposa foi pedir pão para a vizinha. O desconhecido da véspera estava sentado no banco, de calça e camisa velhas, e olhava para cima. O rosto estava mais claro do que no dia anterior.

E Semion disse:

– Pois é, meu caro: a barriga pede pão e o corpo nu pede roupa. É preciso se alimentar. Que trabalho sabe fazer?

– Não sei fazer nada.

Semion se admirou e disse:

– Quando existe vontade, tudo se aprende.

– As pessoas trabalham e eu também vou trabalhar.

– Como você se chama?

– Mikhail.

– Muito bem, Mikhail, se não quer falar de si mesmo, é problema seu, mas tem de comer. Vai trabalhar no que eu mandar e então vou lhe dar comida.

– Deus o proteja, e eu vou aprender. Mostre o que tenho de fazer.

Semion pegou a linha, enrolou no dedo e deu um nó na ponta.

– Não é nada complicado, olhe bem...

Mikhail observou, também enrolou no dedo e logo imitou, dando um nó na ponta.

Semion lhe mostrou como cortar o couro. Mikhail aprendeu na mesma hora. Mostrou como enfiar a linha na agulha e como dar pontos, e Mikhail também aprendeu na mesma hora.

Todo trabalho que Semion mostrava, ele aprendia na mesma hora e, no terceiro dia, começou a trabalhar como se tivesse costurado a vida toda. Trabalhava sem cessar, comia pouco; concluído o trabalho, ficava quieto, sempre olhando para cima. Não andava na rua, não falava nada, não fazia brincadeiras, não ria.

Só uma vez o viram sorrir, na primeira noite, quando Matriona lhe deu o jantar.

VI

Entra dia e sai dia, entra semana e sai semana, e um ano virou. Mikhail vivia com Semion como antes, trabalhava. E o trabalhador de Semion ganhou fama, ninguém costurava botas tão bem e tão firme como Mikhail, o trabalhador de Semion, de toda parte passaram a levar botas para o Semion consertar e ele começou a melhorar de vida.

Uma vez, no inverno, Semion e Mikhail estavam trabalhando, quando chegou à isbá uma troica com guizos. Olharam pela janela: a carruagem parou em frente à isbá, um rapaz pulou da boleia e abriu a portinhola. Um nobre de casaco de pele saltou da carruagem. Afastou-se da carruagem, andou na direção da casa de Semion e entrou na varanda. Matriona se ergueu de um pulo, abriu a porta toda para trás. O nobre curvou-se, entrou na isbá, se pôs ereto, a cabeça quase batia no teto e ele enchia todo aquele canto da casa.

Semion levantou-se, curvou-se numa saudação e olhou admirado para o nobre. Nunca tinha visto alguém assim. O próprio Semion era mirrado, Mikhail era magro e Matriona era seca feito uma vareta, mas aquele homem parecia vir de outro mundo: cara vermelha, rechonchuda, pescoço como o de um touro, todo ele parecia ter sido fundido em ferro.

O nobre resfolegou, tirou o casaco de pele, sentou-se no banco e disse:

– Quem é o mestre sapateiro?

Semion se adiantou e respondeu:

– Eu, Vossa Alteza.

O nobre gritou para seu criado:

– Ei, Fiodka, traga aqui o couro de sapateiro.

O criado entrou, trazendo uma trouxa. O nobre pegou a trouxa e colocou sobre a mesa.

– Desamarre – disse. O criado desamarrou.

O nobre tocou com o dedo no couro de sapateiro e disse para Semion:

– Agora, escute bem, sapateiro. Está vendo isto?

– Estou, Vossa Senhora – respondeu.

– Então, será que entende que couro é este?

Semion apalpou o couro e disse:

– Um bom couro.

– Pois é, muito bom mesmo! Você, seu tolo, nunca viu na vida um couro dessa qualidade. É alemão, custou vinte rublos.

Semion se assustou e disse:

– Quem sou eu para ver uma coisa assim?

– Pois é, pois é. Você pode fazer uma bota para mim com esse couro?

– É possível, Vossa Alteza.

O nobre gritou para ele:

– Ora, ora, “é possível”. Entenda bem para quem é que vai fazer as botas e com que couro. Vai me fazer botas que durem um ano, sem gastar o salto, sem perder a forma e sem descosturar. Se pode, pegue o couro, corte, mas se não pode, não pegue no couro e não corte. Aviso logo de antemão: se as botas se deformarem e descosturarem antes de um ano, vou mandar você para a prisão; se depois de um ano as botas não se deformarem nem descosturarem, pagarei dez rublos pelo seu trabalho.

Semion teve medo e não soube o que dizer. Olhou para Mikhail.

Cutucou-o com o cotovelo e sussurrou:

– Irmão, o que acha?

Mikhail balançou a cabeça:

– Pode pegar o trabalho.

Semion obedeceu a Mikhail e se incumbiu de fazer botas que ficariam um ano sem perder a forma e sem descosturar.

O nobre gritou para o criado, mandou que tirasse a bota do pé esquerdo e estendeu a perna.

– Tire as medidas!

Semion apanhou um papel com dez *verchok*, alisou bem, ficou de joelhos, limpou bastante a mão no avental para não sujar a meia do nobre e começou a tirar as medidas. Semion tirou a medida da sola, tirou a medida do peito do pé; começou a medir a panturrilha, mas o papel não dava. A perna na panturrilha era grossa como um tronco.

– Cuidado, não vá fazer o cano da bota estreito.

Semion pegou mais um papel para marcar. O nobre sentou-se, remexeu os dedos dentro da meia, olhou em redor pela isbá. Viu Mikhail.

– Quem é aquele ali – perguntou –, mora com você?

– É meu contramestre, ele é que vai costurar.

– Tome cuidado – disse o nobre para Mikhail. – Lembre, a bota tem de durar um ano.

Semion também se virou para olhar para Mikhail; viu que Mikhail nem olhava para o nobre, cravava os olhos no canto atrás do nobre, como se estivesse olhando para alguém. Mikhail ficou olhando, olhando, e de repente sorriu, ficou todo radiante.

– Por que está arreganhando os dentes assim, seu burro? – gritou o nobre. – É melhor tomar cuidado para que as botas fiquem prontas logo.

E Mikhail respondeu:

- Vou começar logo, não vai atrasar.
- Certo, certo.

O nobre calçou as botas, vestiu o casaco de pele, bufou e foi na direção da porta. Mas esqueceu de se abaixar e bateu com a cabeça no alto do portal.

O nobre praguejou, esfregou a cabeça, tomou seu assento na carruagem e partiu.

Depois que o nobre foi embora, Semion disse:

– Que colosso feito de rocha. Não dá para matar esse homem nem a marretadas. Bateu com a cabeça na porta e nem sentiu.

Mas Matriona disse:

– Também, com a vida que leva, como é que não vai ficar parrudo? Nem a morte consegue atravessar essa armadura.

VII

E Semion disse para Mikhail:

– Já pegamos esse trabalho, mas como vamos fazer para não nos metermos em confusão? O couro é caro e o nobre é bravo. A gente não pode errar. Vamos lá, seus olhos são mais afiados e suas mãos ficaram mais habilidosas que as minhas, pegue as medidas. Corte o couro que eu vou costurar a parte de cima do bico.

Assim que ouviu isso, Mikhail pegou o couro do senhor, estendeu sobre a mesa, dobrou ao meio, apanhou a faca e começou a cortar.

Matriona chegou perto, observou como Mikhail cortava e se admirou ao ver como ele fazia. Matriona estava habituada com o trabalho de sapateiro, olhou e viu que Mikhail não cortava como se faz uma bota, recortava em círculos.

Matriona quis falar, mas pensou: “Na certa eu não entendo como se faz para costurar as botas do nobre; Mikhail deve saber o que está fazendo, não vou atrapalhar”.

Mikhail cortou um par, pegou a ponta e começou a costurar não nas duas pontas, como se faz uma bota, mas numa ponta só, como se costura um chinelo.

Matriona também se admirou com aquilo, mas de novo não quis atrapalhar. E Mikhail continuou a costurar. Chegou a hora de comer, Semion se levantou e viu que Mikhail havia cortado chinelos com o couro do nobre.

Semion ficou espantado. “Como pode ser?”, pensou. “Mikhail mora aqui há um ano e nunca fez nada errado, mas agora me faz uma desgraça dessas? O nobre pediu botas de cano alto e ele me cortou chinelos sem sola, estragou o couro. Agora como vou indenizar o nobre? Um couro feito esse não se encontra por aí.”

E disse para Mikhail:

– Meu caro amigo, me diga o que foi que você fez. Você acabou comigo! Pois o nobre pediu botas, e o que é isso que você fez?

Assim que ele começou a falar com Mikhail, alguém subiu na varanda e bateu na porta. Semion olhou pela janela: alguém tinha chegado a cavalo e amarrara o animal. Abriram: entrou o mesmo criado do nobre.

- Bom dia!
- Bom dia. O que deseja?
- Minha patroa me mandou vir por causa das botas.

- O que tem as botas?
- O que tem as botas! Meu patrão não precisa das botas. Ele deixou este mundo.
- O quê?

– Mal saiu daqui de sua casa, ele morreu dentro da carruagem. Quando a carruagem chegou, vieram abrir a porta e ele desabou feito um saco, já acabado, tombou morto no chão da carruagem, e foi difícil tirar lá de dentro. A patroa chamou e disse: “Vá falar com o sapateiro a quem seu patrão mandou fazer as botas e entregou o couro, conte o que aconteceu e diga: as botas não são mais necessárias, mas com o mesmo couro faça bem depressa uns chinelos próprios para defunto”. Por isso estou aqui.

Mikhail pegou na mesa os retalhos do couro, enrolou num canudo, pegou também os chinelos prontos, bateu um contra o outro, esfregou no avental e entregou ao criado. O criado pegou os chinelos.

- Até logo, senhores! Felicidades!

VIII

Passou mais um ano, e outro, e assim Mikhail morou seis anos com Semion. Vivia como antes. Não ia a lugar nenhum, não jogava conversa fora e, durante todo o tempo, só tinha sorrido duas vezes: a primeira, quando Matriona lhe deu o jantar, e a segunda, para o nobre. Semion não cansava de se admirar com seu trabalhador. E não lhe perguntou mais de onde ele vinha; só temia uma coisa: que Mikhail fosse embora.

Certo dia, ele estava em casa. A mulher punha as panelas no fogo e os filhos corriam entre os bancos, olhavam pela janela. Semion costurava junto a uma janela e, na outra, Mikhail pregava um salto.

Um menino veio correndo pelo banco na direção de Mikhail, se apoiou em seu ombro e espiou pela janela.

- Tio Mikhail, olhe lá, uma madame e umas meninas estão vindo para cá. Uma das meninas é manca.

Assim que o menino disse aquilo, Mikhail largou o trabalho, virou-se para a janela e olhou para a rua.

E Semion se admirou. Mikhail nunca olhava para a rua, mas agora se grudou à janela, olhando alguma coisa. Semion também olhou pela janela; viu que na verdade uma mulher vinha na direção de seu pátio, bem-vestida, levava pelas mãos duas meninas de casaco de pele e com xale acolchoado. Não era possível distinguir uma menina da outra. Só que uma delas mancava da perna esquerda – dava um passo, claudicava.

A mulher entrou na varanda, no vestíbulo, bateu a porta, achou a maçaneta – abriu. Deixou as duas meninas passarem na sua frente e entrou na isbá.

- Bom dia, ô de casa!
- Entre, por favor. O que deseja?

A mulher sentou-se à mesa. As meninas se apertaram junto a seus joelhos, estranharam as pessoas.

- Queria que fizessem sapatos de couro para estas meninas aqui, para a primavera.
- Ora, é possível. Nunca fizemos sapatos tão pequenos, mas para tudo há um jeito. Podem ser com vira ponteada, podem ser forrados de lona. O Mikhail, este aqui, é um mestre.

Semion olhou para Mikhail e viu: Mikhail tinha largado o trabalho, estava parado e não desgrudava os olhos das meninas.

E Semion se admirou com Mikhail. Na verdade, pensou, eram mesmo meninas bonitas: olhinhos pretos, gorduchinhas, rosadas, e os casacos e os xales eram bonitos, mas ainda assim Semion não entendia o que Mikhail tanto observava nelas, eram como se fossem conhecidas dele.

Semion ficou admirado, mas começou a combinar um preço com a mulher. Resolveu o preço, tirou

as medidas. A mulher levantou a menina manca, colocou-a sobre seus joelhos e disse:

– Desta aqui, tire duas medidas; faça um sapato para o pé torcido e para o pé normal faça três. As duas meninas têm os pezinhos iguais. São gêmeas.

Semion tirou as medidas e perguntou, referindo-se à menina manca:

– O que aconteceu com ela? Uma menina tão bonita. É de nascença?

– Não, a mãe esmagou seu pé.

Matriona entrou na conversa, queria saber quem era a mulher e que crianças eram aquelas, e perguntou:

– E por acaso não será você a mãe delas?

– Não sou a mãe nem sou parente, minha senhora, nada tinham a ver comigo, mas são minhas filhas adotivas.

– Não são suas filhas, mas como tem carinho por elas!

– E como não ter carinho por elas? Eu mesma amamentei as duas. Tive um filho meu, mas Deus levou, e não tive tanta pena dele quanto tenho delas.

– Então são filhas de quem?

IX

A mulher começou a contar:

– Seis anos atrás – disse –, aconteceu que os pais delas morreram, os dois na mesma semana: enterraram o pai na terça-feira e a mãe morreu na sexta-feira. Estas órfãs nasceram três dias depois da morte do pai e a mãe não sobreviveu nem mais um dia. Naquela época, eu e meu marido vivíamos como camponeses. Éramos vizinhos deles, muro com muro. O pai era um mujique solitário, trabalhava na mata. Cortaram uma árvore e caiu em cima dele, atravessada no corpo, espremeu tudo lá dentro. Mal levaram para casa, entregou a alma a Deus, e sua mulher na mesma semana deu à luz filhas gêmeas, estas meninas aqui. Pobreza, solidão, a mulher era sozinha, não tinha parentes, nem velhos nem jovens. Nasceu sozinha e morreu sozinha.

“De manhã, fui visitar minha vizinha, entrei na isbá, e ela, a minha querida, já estava dura. E quando morreu, caiu em cima da menina. Esmagou esta aqui, torceu o pezinho. O povo se juntou, lavaram o corpo, arrumaram, fizeram um caixão, enterraram. Todos eram pessoas boas. As meninas acabaram sozinhas. Onde iam ficar? Das mulheres, eu era a única que tinha um bebê. Amamentava meu primeiro filho, de oito semanas. Levei as meninas para ficarem comigo por um tempo. Os mujiques se reuniram, pensaram, pensaram onde iam deixar as meninas e acabaram me dizendo: ‘Você, Mária, cuide delas em sua casa por enquanto, até a gente, com o tempo, decidir alguma coisa’. Na mesma hora, comecei a amamentar a que tinha os pés normais, mas esta aqui, que foi esmagada, não amamentei: não tinha esperança de que fosse viver. Mas então pensei: para que maltratar o anjinho? Tive pena desta aqui também. Passei a amamentar o que era meu e mais estas duas... amamentei os três no meu peito! Eu era jovem, tinha força e o leite era bom. Deus me deu tanto leite no peito que às vezes até derramava. Às vezes eu amamentava dois, enquanto o terceiro esperava. Tirava um, pegava o terceiro. Deus permitiu que estas duas vingassem, já o meu mesmo enterrei antes de completar dois anos. Deus não me deu mais filhos. Mas começamos a melhorar de vida. Agora moramos aqui, no moinho do comerciante. O salário é maior, a vida é boa. E não tive filhos. Se não fossem estas meninas, como eu ia viver sozinha? Como posso não ter amor por elas? São a luz da minha vida!”

Com um braço, apertou junto a si a menina manca e, com a outra mão, enxugou as lágrimas do rosto.

Matriona deu um suspiro e disse:

– Parece que não é à toa que existe o provérbio: “Pode-se viver sem pai e sem mãe, mas não se pode viver sem Deus”.

Conversaram mais um pouco entre si, a mulher se levantou para ir embora; os donos da casa a levaram até a porta e, quando se viraram, olharam para Mikhail. Estava sentado, as mãos cruzadas sobre os joelhos, olhava para cima e sorria.

x

Semion se aproximou:

– O que você tem, Mikhail?

Mikhail levantou-se do banco, largou o trabalho, tirou o avental, curvou-se em saudação para Semion e para Matriona e disse:

– Adeus, patrões. Deus me perdoou. Vocês também me perdoem.

E os dois viram que uma luz saía de Mikhail. E Semion levantou, curvou-se para Mikhail e lhe disse:

– Vejo que você, Mikhail, não é um homem comum, não posso reter você nem posso lhe fazer perguntas. Diga só uma coisa: por que, quando o encontrei e o trouxe para casa, você ficou de cara séria, mas quando Matriona lhe deu o jantar, você sorriu para ela e daí em diante ficou mais claro? Depois, quando o nobre encomendou as botas, você sorriu outra vez e daí em diante ficou ainda mais claro? E agora, quando a mulher veio com as meninas, você sorriu pela terceira vez e ficou brilhante. Diga-me, Mikhail, por que essa luz saiu de você e por que você sorriu pela terceira vez?

E Mikhail respondeu:

– Uma luz saiu de mim porque fui castigado e agora Deus me perdoou. Sorri três vezes porque tinha de aprender três palavras de Deus. E eu aprendi as palavras de Deus; aprendi uma palavra quando sua esposa teve pena de mim e por isso eu sorri pela primeira vez. Aprendi outra palavra quando o rico encomendou as botas, e sorri outra vez; e agora, quando vi as meninas, aprendi a última, a terceira palavra, e sorri pela terceira vez.

Semion disse:

– Diga, Mikhail, por que Deus castigou você e quais são essas palavras de Deus, para que eu aprenda.

E Mikhail respondeu:

– Deus castigou-me porque eu lhe desobedeci. Eu era um anjo no céu e desobedeci a Deus.

“Eu era um anjo no céu e o Senhor mandou-me tirar a alma de uma mulher. Voiei para a terra e vi: uma mulher estava deitada, doente, tinham nascido gêmeos, duas meninas. As meninas não paravam de se mexer ao lado da mãe e a mãe não conseguia segurar as meninas no peito. Ao me ver, a mulher entendeu que Deus tinha me mandado para levar sua alma, começou a chorar e disse: ‘Anjo de Deus! Acabei de enterrar meu marido, morreu embaixo de uma árvore que cortaram na mata. Não tenho irmã nem tia nem ninguém para criar minhas órfãs. Não leve minha alma, me deixe dar de comer a minhas filhas, amamentar, pôr as meninas de pé! Crianças não podem viver sem pai e sem mãe!’. Obedeci à mãe, pus uma criança no seu peito, ajeitei a outra no braço da mãe e subi para o céu, ao encontro de Deus. Fui até Deus e disse: ‘Não consegui tirar a alma da mulher que tinha acabado de dar à luz. O tronco de uma árvore matou o pai, a mãe deu à luz duas gêmeas e implorou para que eu não tirasse sua alma. Ela disse: Deixe que eu alimente as filhas, amamente, ponha as meninas de pé. Não tirei a alma da mãe’. E Deus disse: ‘Vá tirar a alma da mulher que deu à luz e aprender três palavras: aprenda o que existe nos homens, o que não é dado aos homens e do que vivem os homens. Quando aprender, volte para o céu’.

Voei de volta para a terra e tirei a alma da mulher que tinha dado à luz.

“Os bebês caíram do peito. O corpo morto rolou na cama, esmagou uma menina, torceu o pezinho dela. Voei sobre a aldeia, queria levar a alma para Deus, um vento me alcançou, puxou minhas asas, elas se soltaram, a alma seguiu sozinha ao encontro de Deus e eu caí na terra, numa estrada.”

XI

E Semion e Matriona compreenderam quem tinham vestido e alimentado e quem estava morando com eles, e choraram de medo e de felicidade.

E o anjo disse:

– Fiquei no campo sozinho e nu. Antes, não sabia o que eram as necessidades dos homens, não conhecia nem o frio nem a fome, e me tornei um homem. Passei fome, gelei de frio e não sabia o que fazer. Avistei no campo uma capela feita para Deus, fui para a capela de Deus, quis me abrigar ali. A capela estava trancada com um ferrolho, era impossível entrar. Sentei atrás da capela para me abrigar do vento. O vento batia, senti fome, fiquei duro de frio, desesperado. De repente, percebi: um homem vinha caminhando pela estrada, trazia um par de botas na mão, falava sozinho. E, pela primeira vez desde que eu me tornara homem, vi um rosto mortal e tive medo daquele rosto, virei de costas para ele. E ouvi que aquele homem falava sozinho sobre como proteger seu corpo da friagem do inverno, como a esposa ia alimentar os filhos. E pensei: Estou aqui morto de fome e de frio e lá vai um homem e a única coisa em que ele pensa é como comprar um casaco de pele para ele e para a esposa e como arranjar comida. Ele não pode fazer nada para me ajudar. Mas o homem me viu, fez cara feia, ficou ainda mais assustador e seguiu em frente. Eu me desesperei. De repente percebi que o homem estava voltando. Olhei melhor e nem reconheci o homem de antes: no rosto do outro homem havia a morte e agora, de repente, ele estava vivo e no seu rosto reconheci Deus. Ele se aproximou, me vestiu e levou-me consigo para sua casa. Cheguei à sua casa, uma mulher nos recebeu e começou a falar. A mulher era ainda mais assustadora do que o homem: o espírito da morte saía pela sua boca e eu nem conseguia respirar direito por causa do fedor da morte. Ela queria me expulsar de volta para o frio e eu sabia que ela ia morrer se me expulsasse. E de repente seu marido falou de Deus para ela e a mulher de repente se transformou. E quando nos deu o jantar e ficou olhando para mim, olhei bem para ela: na mulher já não havia a morte, ela estava viva e nela também reconheci Deus.

“E lembrei a primeira palavra de Deus: ‘Vá aprender o que existe nos homens’. E aprendi que existe amor nas pessoas. E me alegrei porque Deus já havia começado a me revelar o que tinha prometido e sorri pela primeira vez. Mas eu ainda não tinha conseguido aprender tudo. Não tinha aprendido o que não é dado aos homens e do que os homens vivem.

“Fiquei morando na casa de vocês e passou um ano. E veio um homem encomendar botas que durassem um ano, não perdessem a forma, não descosturassem. Olhei para ele e de repente, por trás dos ombros do homem, vi um de meus camaradas, o anjo da morte. Ninguém a não ser eu podia ver aquele anjo, mas o reconheci e soube que, antes que o sol nascesse de novo, ele iria levar a alma do rico. E pensei: ‘O homem faz provisões para um ano, mas não sabe que não vai viver nem mais uma noite’. E lembrei a outra palavra de Deus: ‘Aprenda o que não é dado aos homens’.

“Eu já sabia o que existe nos homens. Agora eu tinha aprendido o que não é dado aos homens. Não é dado aos homens saber o que é necessário para seu corpo. E sorri mais uma vez. Alegrei-me porque vi um anjo meu camarada e porque Deus me revelou outra palavra.

“Mas eu ainda não tinha compreendido tudo. Ainda não podia compreender do que os homens vivem. E fui vivendo e continuei esperando a hora em que Deus iria me revelar a última palavra. E no

sexto ano chegaram as gêmeas e a mulher, e eu reconheci as meninas e soube que aquelas meninas tinham sobrevivido. Reconheci e pensei: ‘A mãe me pediu pelas filhas e acreditei na mãe, pensei que os filhos não podem viver sem pai e sem mãe, mas outra mulher amamentou e criou as meninas’. E quando a mulher se comoveu com as filhas de outra mulher e chorou, nela eu vi o Deus vivo e entendi do que vivem os homens. Reconheci que Deus me havia revelado a última palavra e me perdoara, e sorri pela terceira vez.”

XII

E o corpo do anjo se desnudou, vestiu-se todo de luz, de tal modo que não era possível olhar para ele; e começou a falar mais alto, como se falasse do céu e sua voz viesse do céu. E o anjo disse:

– Aprendi que cada pessoa vive não da preocupação consigo mesmo, mas sim do amor.

“À mãe, não era dado saber do que as filhas precisavam para viver. Ao rico, não era dado saber do que ele mesmo precisava. E a nenhum homem é dado saber se à noite vai precisar de botas para um vivo ou de chinelos para um morto.

“Enquanto fui homem, fiquei vivo não porque me preocupava comigo mesmo, mas porque havia amor no homem que passou na estrada e em sua esposa e porque eles tiveram pena de mim e me amaram. As órfãs ficaram vivas não porque se preocuparam com elas, mas porque havia amor no coração de uma mulher estranha, que teve pena e amou as meninas. E todas as pessoas estão vivas não porque cuidam de si mesmas, mas porque existe amor nas pessoas.

“Antes eu sabia que Deus dá a vida às pessoas e quer que vivam; agora entendi mais uma coisa.

“Entendi que Deus não quer que os homens vivam separados e por isso não revelou a eles aquilo de que cada um precisa, mas quer que eles vivam juntos e por isso revelou a cada um o que é necessário para todos e também para cada um.

“Agora entendi que os homens apenas têm a impressão de que vivem preocupados só consigo mesmos, quando na verdade vivem só pelo amor. Quem está no amor está em Deus e Deus está nele, porque Deus é amor.”

E o anjo cantou um louvor a Deus e sua voz fez tremer a isbá. E o teto se abriu e uma coluna de fogo se ergueu da terra para o céu. E Semion, a esposa e os filhos caíram no chão. Nasceram asas nas costas do anjo e ele subiu ao céu.

E quando Semion acordou, a isbá estava como antes e na isbá já não havia ninguém além de seus familiares.

OS DOIS IRMÃOS E O OURO

Em tempos antigos, dois irmãos moravam perto de Jerusalém, Afanássi, o mais velho, e Johan, o mais jovem. Moravam numa montanha, não distante da cidade, e se alimentavam do que as pessoas lhes davam. Os irmãos passavam o dia inteiro no trabalho. Não trabalhavam para si, mas para os pobres. Onde houvesse gente oprimida pelo trabalho, onde houvesse doentes, órfãos e viúvas, para lá iam os irmãos, trabalhavam e iam embora, sem receber pagamento. Assim, os irmãos passavam a semana inteira separados e só se reencontravam no sábado à tarde ao voltar para casa. Só no domingo ficavam em casa, rezavam e conversavam. E o anjo do Senhor descia ao encontro deles e os abençoava. Na segunda-feira,

separavam-se e cada um ia para um lado. Assim viveram muitos anos e toda semana o anjo do Senhor descia e os abençoava.

Numa segunda-feira, quando os irmãos saíram para trabalhar e já tinham ido para direções diferentes, o mais velho, Afanássi, teve pena de se afastar do irmão querido, parou e olhou para trás. Johan caminhava de cabeça baixa e não olhou para trás. Mas de repente Johan também parou e, como se tivesse visto alguma coisa, pôs-se a olhar fixamente naquela direção, usando a mão para proteger os olhos da luz do sol. Em seguida se aproximou daquilo que tinha visto, depois pulou para o lado e, sem olhar para trás, correu montanha abaixo e montanha acima, para longe daquele lugar, como se uma fera corresse atrás dele. Afanássi ficou espantado e caminhou para aquele lugar a fim de saber o que havia deixado o irmão tão assustado. Chegou perto e viu algo brilhar no sol. Chegou mais perto – no capim, como se tivesse sido derramado de um saco, havia um montinho de ouro, dividido em dois. E Afanássi ficou ainda mais admirado, com o ouro e com o pulo do irmão.

“Por que ficou assustado e por que fugiu?”, pensou Afanássi. “Não há pecado no ouro, há pecado no homem. Com o ouro, se pode fazer o mal e o bem. Quantos órfãos e quantas viúvas se podem alimentar, quantos nus se podem vestir, quantos aleijados e doentes se podem curar com esse ouro! Ajudamos as pessoas, mas nossa ajuda é pouca, pois nossa força é pouca, mas com este ouro podemos ajudar mais gente.” Afanássi pensava assim e queria dizer tudo isso para o irmão; mas Johan já estava fora do alcance de sua voz e só podia ser visto lá na outra montanha, já do tamanho de uma formiga.

E Afanássi tirou sua capa, juntou nela todo o ouro que conseguia carregar, pendurou no ombro e levou para a cidade. Chegou a uma hospedaria, deu o ouro para a dona da hospedaria e foi buscar o resto. Quando trouxe todo o ouro, procurou os comerciantes, comprou terras na cidade, comprou pedras, madeira, contratou trabalhadores e começou a construir três prédios. E Afanássi ficou três meses na cidade, construiu três prédios; um asilo para órfãos e viúvas, um hospital para aleijados e mutilados, um abrigo para mendigos e peregrinos. E Afanássi achou três velhos piedosos e a um entregou o asilo, a outro, o hospital e ao terceiro, o abrigo de peregrinos. E ainda sobraram três mil moedas de ouro com Afanássi. Então ele entregou mil moedas a cada velho para distribuir para os pobres. E começou a encher os três prédios de gente e as pessoas começaram a elogiar Afanássi por tudo aquilo que estava fazendo. Afanássi alegrou-se com isso, a tal ponto que não quis mais sair da cidade. Mas Afanássi amava o irmão e, depois de despedir-se do povo, sem que restasse consigo mais nenhuma moeda, com a mesma roupa velha em que tinha chegado, exatamente como antes, voltou para sua morada.

Afanássi aproximou-se de sua morada e pensou: “O irmão julgou errado quando se afastou do ouro com um pulo e fugiu. O que fiz não foi melhor?”.

E assim que Afanássi pensou nisso, viu de repente que no caminho estava aquele mesmo anjo que os abençoava e agora olhava para ele com ar terrível. Afanássi ficou aturdido e apenas disse:

– O que foi, Senhor?

E o anjo abriu os lábios e disse:

– Vá embora. Você não é digno de viver com seu irmão. Um pulo do seu irmão vale mais do que as coisas que você fez com seu ouro.

E Afanássi começou a dizer quantos pobres e peregrinos ele havia alimentado, quantos órfãos havia socorrido. E o anjo respondeu:

– Foi o diabo que pôs o ouro lá para tentar você e que lhe ensinou essas palavras.

E então a consciência de Afanássi o denunciou e ele reconheceu que não fez suas boas ações por Deus, e começou a chorar e se arrependeu.

Então o anjo abriu caminho para ele, recuando para o lado da estrada, onde Johan já estava à espera do irmão. E desde então Afanássi não se rendeu à tentação do diabo, que havia deixado o ouro ali, e entendeu que não era com o ouro, mas apenas com o trabalho que se podia servir a Deus e às pessoas.

E os irmãos voltaram a viver como antes.

ILIÁS

Na província de Ufa, vivia um baskir¹ chamado Iliás. O pai não lhe deixou nenhuma riqueza. Depois de casar o filho, o pai mal viveu um ano. Naquela altura, o patrimônio de Iliás eram sete éguas, duas vacas e duas dezenas de ovelhas. Mas Iliás era um bom criador e começou a ganhar mais: de manhã até a noite, trabalhava com a esposa, levantava mais cedo que todos e deitava mais tarde que todos e a cada ano ficava mais rico. Assim, Iliás viveu trabalhando trinta e cinco anos e fez uma grande fortuna.

Iliás tinha duzentos cavalos, cento e cinquenta cabeças de gado vacum e mil e duzentas ovelhas. Os trabalhadores levavam para pastar os rebanhos e as manadas de Iliás e as trabalhadoras tiravam o leite das éguas e das vacas e faziam *kumis*,² manteiga e queijo. Na casa de Iliás, tudo era farto; e nos arredores todos tinham inveja da vida de Iliás. As pessoas diziam: “Que homem feliz é o Iliás: tem tudo com fartura, ele nem precisa morrer”. Iliás passou a conhecer pessoas boas e tornou-se amigo delas. Hóspedes vinham de longe para ficar em sua casa. Iliás recebia todos e dava comida e bebida a todos. Quem quer que viesse, para todos havia *kumis*, para todos havia chá, sopa de peixe e carne de carneiro. Mal chegavam as visitas, matavam um carneiro ou dois e, se fossem muitas as visitas para comer, matavam uma égua.

Iliás tinha dois filhos e uma filha. Iliás casou os filhos e a filha. Quando Iliás era pobre, os filhos trabalhavam com ele e pastoreavam as manadas e as ovelhas, mas quando enriqueceram, os filhos passaram a gostar de farras e um deles começou a beber. O mais velho foi morto numa briga, o outro, o mais jovem, arranjou uma esposa orgulhosa e passou a não obedecer ao pai, e Iliás teve de dar uma propriedade ao filho para que vivesse separado dele.

Iliás deu ao filho uma casa e gado e sua fortuna diminuiu. Logo depois, uma doença abateu as ovelhas de Iliás e muitas morreram. Depois veio um ano de fome – o feno não cresceu; muitas cabeças de gado se perderam no inverno. Depois os quirguizes roubaram os melhores cavalos, e a fortuna de Iliás começou a minguar. Iliás começou a decair cada vez mais. Suas forças ficaram menores. Iliás chegou aos setenta anos de idade em tal condição que começou a vender os casacos, os tapetes, as selas, as éguas, depois também começou a vender as últimas cabeças de gado e acabou sem nada. Antes que ele se desse conta, não lhe restava mais nada e, já velho, teve de ir com a esposa trabalhar para outras pessoas. Os únicos bens de Iliás que sobraram eram as roupas do corpo, o casaco, o gorro, as meias e os sapatos, além da esposa, Cham-Chemagui, também velha. O filho que se havia separado tinha ido embora para uma terra distante e a filha havia morrido. Não havia ninguém para ajudar os velhos.

O vizinho Mukhamedchakh teve pena dos velhos. O próprio Mukhamedchakh não era pobre nem rico, era um homem bom e vivia sossegado. Lembrou-se da hospitalidade de Iliás, teve pena dele e disse:

– Venha morar na minha casa, Iliás, você e sua velha. No verão, trabalhe no meu meloal na medida de suas forças e, no inverno, dê comida para o gado, enquanto a Cham-Chemagui vai ordenhar as éguas e fazer *kumis*. A comida e a roupa de vocês dois vão ficar por minha conta e qualquer coisa que precisarem é só me dizer que eu dou.

Iliás agradeceu ao vizinho e ele e a mulher começaram a trabalhar na casa de Mukhamedchakh. No início, pareceu difícil, mas depois os velhos se acostumaram e começaram a viver e trabalhar na medida de suas forças.

Para o dono da casa, era vantajoso manter aquelas pessoas consigo, porque os velhos tinham sido proprietários também e sabiam como tudo devia ser feito, não tinham preguiça, trabalhavam na medida de suas forças; Mukhamedchakh só tinha pena de ver como pessoas tão capazes haviam caído numa condição tão baixa.

Aconteceu de um dia chegarem à casa de Mukhamedchakh uns hóspedes vindos de longe; eram

casamenteiros, e também veio um mulá. Mukhamedchakh mandou pegarem uma ovelha e matar. Mukhamedchakh esfolou a ovelha, cozinhou e serviu aos hóspedes. Eles comeram a carne da ovelha, tomaram chá e beberam *kumis*. Sentados em almofadas de penas sobre tapetes, os hóspedes e o anfitrião bebiam *kumis* em xícaras e comiam petiscos, e quando Iliás terminou seu trabalho, passou pela porta. Mukhamedchakh o viu e disse para um hóspede:

- Viu aquele velho que passou pela porta?
- Vi – respondeu o hóspede. – O que há nele de extraordinário?
- O que há de extraordinário é que ele foi o homem mais rico de nossa região. Chama-se Iliás. Por acaso não ouviu falar?

– Claro que sim – respondeu o outro. – Nunca o vi, mas sua fama chegou longe.

– Pois agora não lhe restou mais nada e ele vive em minha casa como empregado e a velha dele também, ordenando as éguas.

O hóspede ficou admirado, estalou a língua e sorriu, balançou a cabeça e disse:

– Pois é, a felicidade voa como uma roda; um sobe, outro desce. Mas então – disse o hóspede –, será que o velho tem saudade?

– Quem pode saber? Vive sossegado, modesto, trabalha direito.

O hóspede disse:

– Posso falar com ele? Perguntar sobre sua vida?

– Claro que pode! – respondeu o anfitrião e gritou para fora da tenda: – *Babai* (quer dizer vovô na língua dos baskires), venha cá tomar um *kumis*, e traga sua velha.

E entraram Iliás e a esposa. Iliás cumprimentou os hóspedes e o anfitrião, fez uma prece e sentou-se sobre os joelhos junto à porta; sua esposa passou por trás da cortina e sentou-se com a esposa do dono da casa.

Serviram uma xícara de *kumis* para Iliás. Ele fez uma saudação aos hóspedes e ao anfitrião, curvou-se, bebeu um pouco e colocou a xícara no chão.

– Pois é, vovô – disse o hóspede –, imagino que seja triste para você, olhando para nós, lembrar-se de sua vida antiga... Como foi que viveu tão feliz e agora vive no infortúnio?

Iliás sorriu e disse:

– Se for falar com você sobre minha felicidade e infelicidade, não vai acreditar; é melhor perguntar à minha mulher; ela é mulher: o que traz no coração traz também na língua; ela vai contar toda a verdade sobre o assunto.

E o hóspede disse, na direção da cortina:

– Então, vovó, diga para mim como avalia a felicidade de antes e o infortúnio de agora.

E Cham-Chemagui falou por trás da cortina.

– Aqui está como eu avalio: eu e meu velho vivemos cinquenta anos, procuramos a felicidade e não encontramos, e só agora, dois anos depois de perder tudo, vivendo como trabalhadores, encontramos a verdadeira felicidade e não precisamos de nenhuma outra.

O hóspede ficou surpreso e o anfitrião também, até se ergueu um pouco, abriu a cortina para ver a velha. Mas a velha ficou parada, de braços cruzados, sorria, olhava para seu velho, e o velho também sorria. A velha falou de novo:

– Digo a verdade, não estou brincando: procuramos a felicidade por meio século e, enquanto éramos ricos, nunca a encontramos; agora não nos restou nada, fomos ganhar a vida trabalhando para os outros, e encontramos tamanha felicidade que não precisamos de nada melhor.

– Mas em que consiste sua felicidade agora?

– Consiste nisto: éramos ricos, eu e o velho não tínhamos um minuto de sossego; não conversávamos, não pensávamos na alma, não rezávamos para Deus. Quantas preocupações! Quando tínhamos hóspedes em casa, era a preocupação com o que servir, o que presentear, para que não se

aborrecessem conosco. Quando os hóspedes saíam, tínhamos de olhar os trabalhadores, eles só queriam descansar e comer bem, e nós cuidávamos para que o que era nosso não se perdesse, e pecávamos. E havia a preocupação com os lobos que podiam trucidar um potro ou um bezerro, e com os ladrões que podiam levar um rebanho. A gente deita para dormir e não dorme: tem medo de que as ovelhas esmaguem os cordeirinhos. Vai vigiar, anda a noite inteira; assim que se acalma, uma nova preocupação: como fazer provisões de alimento para o inverno? Pior ainda, eu e meu velho não nos entendíamos direito. Ele diz que é preciso fazer assim e eu digo que é de outro jeito e começamos a brigar e pecar. Assim, vivíamos de uma preocupação para outra, de um pecado para outro, e não víamos nem sombra de uma vida feliz.

– Sim, mas e agora?

– Agora eu e meu velho acordamos, sempre falamos em amor, em concórdia, não temos nenhum motivo para discutir, nada para nos preocupar, nossa preocupação é só servir ao patrão. Trabalhamos na medida de nossas forças, trabalhamos com vontade, de modo que o patrão não sofra prejuízo, mas tenha lucro. Chegamos em casa, tem almoço, tem jantar, tem *kumis*. Faz frio, tem *kiziak*³ para acender o fogo e esquentar, tem um casaco de pele. E quando conversamos, pensamos na alma, rezamos para Deus. Procuramos a felicidade por cinquenta anos e só agora encontramos.

Os hóspedes riram.

E Iliás disse:

– Não riam, irmãos, isso não é brincadeira, mas sim a vida humana. Fomos tolos, eu e a velha, e choramos no passado por termos perdido nossa riqueza, mas agora Deus nos revelou a verdade e nós a revelamos a vocês, não para nossa satisfação, mas para o seu bem.

E o mulá disse:

– São palavras inteligentes e é a exata verdade o que Iliás falou, e está escrito nas Escrituras.

E os hóspedes pararam de rir e refletiram.

ONDE ESTÁ O AMOR, ESTÁ DEUS

O sapateiro Martin Avdeitch morava na cidade. Vivia num porão, num quarto com uma janela. A janela dava para a rua. Pela janela, viam-se as pessoas passando; embora só se vissem os pés, Martin Avdeitch reconhecia as pessoas pelas botas. Faziam muito tempo que Martin Avdeitch morava no mesmo lugar e tinha muitos conhecidos. Era raro o par de botas que já não tivesse parado em suas mãos uma ou duas vezes. Em alguns, trocava a sola, em outros, punha remendos, em outros, refazia a costura, em outros, fazia uma biqueira nova. E muitas vezes via pela janela o fruto de seu trabalho. Tinha muito trabalho, porque Avdeitch trabalhava com esmero, usava material bom, não usava material inferior e cumpria sua palavra. Se podia fazer no prazo, fazia, se não, ele não tentava enganar, dizia logo. E todos conheciam Avdeitch e nunca lhe faltava trabalho. Avdeitch sempre foi um homem bom, mas na velhice passou a pensar mais na própria alma e a se aproximar de Deus. Ainda no tempo em que Martin morava na casa do patrão, sua esposa morreu. A mulher lhe deixou um filho de três anos. Os filhos deles não sobreviveram. Os mais velhos tinham todos morrido antes. No início, Martin quis dar o filhinho para uma irmã que vivia no campo, depois teve pena. Pensou: “Vai ser difícil para o meu Kapitochka crescer no meio de outra família, vou deixá-lo comigo mesmo”. E Avdeitch saiu da casa do patrão e foi morar com o filho num quarto. Mas Deus não lhe deu sorte com os filhos. Assim que o menino cresceu um pouco, passou a ajudar o pai e lhe deu mais alegria, uma doença atacou Kapitochka, o menino caiu de cama, ardeu em febre uma semana e morreu. Martin enterrou o filho e se desesperou. E tanto se desesperou que passou a

se queixar de Deus. O abatimento de Avdeitch era tamanho que mais de uma vez pediu a Deus sua morte e censurou a Deus por não ter levado a ele, um velho, em lugar de seu filho único e querido. Avdeitch parou de ir à igreja. E um dia um velho conterrâneo de Avdeitch apareceu em sua casa – já estava peregrinando havia oito anos. Avdeitch conversou com ele e começou a queixar-se de seu infortúnio:

– Nem tenho mais vontade de viver, homem de Deus – disse ele. – Quem me dera morrer. É só isso que peço a Deus. Agora me tornei um homem sem esperança.

E o velhinho lhe disse:

– O que você diz não é bom, Martin, não podemos julgar os assuntos de Deus. Não vivemos pela nossa razão, mas pelo juízo divino. Deus julgou que seu filho devia morrer e você devia viver. Isso quer dizer que assim é melhor. O motivo de você se desesperar tanto é porque quer viver para sua própria alegria.

– Mas para que viver, então? – perguntou Martin.

E o velhinho disse:

– É preciso viver para Deus, Martin. Ele lhe deu a vida, é preciso viver para Ele. Quando começar a viver para Ele, não terá nenhum motivo para se afligir e tudo vai parecer mais fácil.

Martin ficou calado e depois disse:

– E como se faz para viver para Deus?

E o velhinho respondeu:

– Cristo nos mostrou como se faz para viver para Deus. Sabe ler? Compre o Evangelho e leia, e aprenda a viver para Deus. Lá está claro.

E aquelas palavras se gravaram no coração de Avdeitch. No mesmo dia, ele foi comprar um Novo Testamento em letras grandes e começou a ler.

Avdeitch quis ler só nos feriados, mas, quando começou, sentiu-se tão bem que passou a ler todo dia. Às vezes lia tanto que consumia todo o querosene da lamparina e mesmo assim não conseguia largar o livro. E desse modo Avdeitch lia toda noite. Quanto mais lia, mais claro compreendia o que Deus queria e como se devia viver para Deus; e seu coração ficava cada vez mais leve. Antes, acontecia de deitar-se para dormir e ficar gemendo, soluçando, pensando o tempo todo em Kapitochka, mas agora apenas dizia: “Glória a Ti, glória a Ti, Senhor! Seja feita Tua vontade!”. Desde então, toda a vida de Avdeitch se transformou. Antes, ele costumava passar os feriados na taberna, beber chá, e não recusava uma vodcazinha. Antigamente, bebia muito com algum conhecido e, ainda que não se embebedasse, saía da taberna alegre e falava bobagens: batia boca com os outros, xingava. Agora tudo isso havia ficado para trás. Sua vida se tornou mais serena e alegre. De manhã, sentava-se para trabalhar; uma vez terminado o serviço, tirava a lamparina do gancho, colocava na mesa, pegava o livro na estante, abria e ficava lendo. E quanto mais lia, mais entendia e o coração ficava mais claro e alegre.

Certa vez, Martin leu até mais tarde. Lia o Evangelho de Lucas. Leu o capítulo VI e os versículos: “A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatou o casaco, não recuses a camisa. Dá a quem pedir e não peças de volta o que te for tirado. E como quiseres que os outros te façam, assim também faz a eles”.

Mais adiante leu os versículos em que o Senhor diz:

“Por que me chamais de Senhor, Senhor!, mas não fazeis o que digo? Vou mostrar-vos a quem é comparável todo aquele que vem a mim, escuta as minhas palavras e as põe em prática. É comparável a um homem que, ao construir uma casa, cavou, aprofundou e assentou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra essa casa, mas não conseguiu derrubá-la, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas quem escuta e não pratica se parece com o homem que construiu sua casa ao rés do chão, sem alicerce. A torrente deu contra ela, e logo desabou; e foi grande a sua ruína.”

Avdeitch leu essas palavras e sentiu alegria na alma. Tirou os óculos, colocou sobre o livro, apoiou os cotovelos na mesa e pôs-se a pensar. E passou a avaliar sua vida segundo aquelas palavras. E pensou:

“Minha casa está assentada na rocha ou na areia? É boa, como se estivesse na rocha. É fácil ficar nela sozinho, parece que fiz tudo como Deus manda, mas se a gente se distrair, vai pecar de novo. Vou continuar sempre assim. É tão bom. Que Deus me ajude!”.

Pensou assim, quis deitar-se, mas teve pena de separar-se do livro. E começou a ler o sétimo capítulo. Leu sobre o centurião, leu sobre o filho da viúva, leu sobre a resposta aos discípulos de João e chegou à passagem em que o fariseu rico convidou o Senhor para ir à sua casa e leu como a mulher pecadora passou óleo nos pés do Senhor, lavou-os com lágrimas e como Ele a redimiu. E chegou ao versículo 44 e leu:

E, apontando para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me derramaste água nos pés; mas ela regou meus pés com lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Tu não me beijaste, mas ela, desde que entrei, não parou de beijar meus pés. Tu não derramaste óleo na minha cabeça; mas ela ungiu meus pés com perfume”.

Leu esses versos e pensou: “Não derramou água nos pés, não deu beijos, não untou a cabeça com óleo...”.

E Avdeitch tirou os óculos de novo, colocou sobre o livro e pôs-se a pensar outra vez.

“Está bem claro que o fariseu era como eu. Também ele, me parece, só pensava em si mesmo. Pensava em beber chá, ficar aquecido, no conforto, em vez de pensar no seu hóspede. Pensava em si e não tinha cuidado com o hóspede. E quem é o hóspede? O próprio Senhor. Se viesse à minha casa, será que eu faria o mesmo?”

E apoiou os cotovelos na mesa e nem notou quando adormeceu.

– Martin! – de repente, algo pareceu respirar bem junto de seu ouvido.

Martin teve um sobressalto em seu sono.

– Quem é?

Virou-se, olhou para a porta: ninguém. Cochilou de novo. De repente ouviu bem nítido:

– Martin, ei, Martin! Amanhã irei para a rua, preste atenção.

Martin acordou, levantou-se da cadeira, esfregou os olhos. Ele mesmo não sabia se tinha ouvido aquela voz num sonho ou acordado. Apagou a lamparina e foi deitar.

De manhã, Avdeitch levantou-se antes do raiar do sol, rezou, acendeu o fogo da estufa, fez a sopa de repolho e o mingau, acendeu o samovar, vestiu o avental e sentou-se junto à janela para trabalhar. Avdeitch ficou trabalhando, enquanto pensava o tempo todo no dia anterior. E pensava duas coisas: ora pensava que tinha sido uma ilusão, ora pensava que ouvira a voz de verdade. “Bem, essas coisas acontecem”, pensava.

Martin estava sentado junto à janela e ficava mais tempo olhando pela janela do que trabalhando, e quando passava alguém com botas desconhecidas, até se curvava para olhar pela janela e ver não só os pés, mas também o rosto. Passou um porteiro de botas novas, de feltro, passou um aguadeiro, depois um velho soldado do tempo do tsar Nicolau surgiu bem na frente da janela, com velhas botas de feltro forradas e com uma pá nas mãos. Pelas botas, Avdeitch o reconheceu. O velho se chamava Stepánitch e morava por caridade na casa de um comerciante vizinho. Sua obrigação era ajudar o porteiro. Na frente da janela de Avdeitch, Stepánitch começou a limpar a neve. Avdeitch olhou um pouco para ele e se ocupou de novo com o trabalho.

“Pelo visto, a idade está me deixando de miolo mole”, riu Avdeitch de si mesmo. “O Stepánitch vem retirar a neve e eu acho que é Cristo que veio me ver. Está ficando ruim da cabeça, velho.”

No entanto Avdeitch deu uns dez pontos de costura e se esticou para olhar de novo pela janela.

Olhou mais uma vez, viu que Stepánitch tinha encostado a pá na parede e estava se aquecendo ou descansando.

Era um homem velho, debilitado, era óbvio que não tinha forças para retirar a neve. Avdeitch pensou: “Eu podia lhe dar um pouco de chá, que bom que o samovar está pronto”. Avdeitch espetou a sovela, levantou-se, colocou o samovar sobre a mesa, serviu o chá e bateu com o dedo no vidro. Stepánitch virou-se e se aproximou da janela. Avdeitch chamou-o com a mão e foi abrir a porta.

– Entre, se aqueça – disse. – Tome um chá.

– Que Cristo o salve, meus ossos estão quebrados – disse Stepánitch.

Ele entrou, sacudiu a neve, pôs-se a limpar os pés para não deixar marcas no chão e andou, claudicante.

– Não precisa limpar os pés. Eu limpo depois, é nosso trabalho, venha cá, sente-se – disse Avdeitch. – Beba este chá aqui.

E Avdeitch encheu dois copos, serviu um para o hóspede e o outro derramou num pires, para si mesmo, e soprou.

Stepánitch bebeu seu copo até o fim, virou-o de boca para baixo, colocou o resto do açúcar sobre o fundo e começou a agradecer. Mas era evidente que queria mais.

– Tome mais – disse Avdeitch e serviu mais um copo para si e para o hóspede.

Avdeitch bebeu seu chá, mas não parava de espiar a rua.

– Está esperando alguém? – perguntou o hóspede.

– Se espero alguém? Tenho até vergonha de dizer quem estou esperando: não é que eu esteja esperando de verdade, mas umas palavras ficaram gravadas no meu coração. Não sei se foi uma visão ou o que foi. Veja só se compreende, meu irmão: ontem eu estava lendo o Evangelho sobre o Paizinho Cristo, como Ele sofreu, como andou pela terra. Você já ouviu falar, não é?

– Ouvi falar, sim – respondeu Stepánitch. – Mas sou ignorante, não sei ler.

– Pois acontece que estava lendo sobre como Ele andava pela terra, e lia sobre a hora em que foi à casa do fariseu, sabe, e o fariseu não recebeu Cristo direito. Pois então, meu irmão, eu estava lendo essas coisas ontem e pensei: como ele pôde não receber o Paizinho Cristo com as honras devidas? Se fosse à casa de qualquer um ou à minha casa, por exemplo, como não saber de que jeito precisa ser recebido? Mas ele não recebeu direito. Aí fiquei pensando nisso e cochilei. Cochilei, meu irmão, e ouvi uma voz me chamando pelo nome, levantei, alguém sussurrava: espere, disse a voz, vou chegar amanhã. E repetiu. Pois então, acredite, isso entrou na minha cabeça, eu mesmo me censuro, mas continuo esperando o Paizinho.

Stepánitch balançou a cabeça e não disse nada, bebeu seu copo até o fim e colocou-o de lado, mas Avdeitch levantou o copo outra vez e encheu-o.

– Beba e recupere a saúde. Também penso que quando Ele, o Paizinho, veio à terra não desdenhou ninguém e ficou mais com as pessoas simples. Sempre andava com gente simples, escolheu os apóstolos entre nossos irmãos trabalhadores, pecadores como nós. Quem se eleva, disse, será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado. Vocês me chamam de Senhor, disse, mas eu lavo seus pés. Quem quer ser o primeiro, disse, será o servo de todos. Porque, disse, abençoados são os pobres, os humildes, os mansos, os misericordiosos.

Stepánitch esqueceu o chá, era um homem velho e chorava à toa. Escutava quieto e as lágrimas escorreram pelo rosto.

– Vamos, beba mais um pouco – disse Avdeitch.

Mas Stepánitch fez o sinal da cruz, agradeceu, afastou o copo e levantou-se.

– Obrigado, Martin Avdeitch – disse. – Você me serviu bem, saciou minha alma e meu corpo.

– Seja bem-vindo, venha outra vez, vou ficar contente – disse Avdeitch.

Stepánitch saiu e Martin serviu o resto do chá, bebeu tudo, tirou a louça e sentou-se de novo junto à

janela para trabalhar – costurar a parte de trás de uma bota. Costurava e não parava de olhar pela janela – esperava Cristo, o tempo todo pensando Nele e em Suas ações. E o tempo todo as palavras de Cristo estavam na cabeça de Martin.

Passaram dois soldados, um com botas oficiais, outro com botas dele mesmo, depois passou o dono de um prédio vizinho, de galochas muito limpas, passou um padeiro com um cesto. Todos passavam e então uma mulher de meias de lã e tamancos de madeira surgiu bem na frente da janela. Passou e parou no espaço entre duas janelas. Avdeitch olhou para ela por baixo da janela, viu uma mulher desconhecida, malvestida, com um bebê, tinha parado junto à parede, de costas para o vento, tentava agasalhar a criança, mas não tinha com o que agasalhar. A roupa da mulher era de verão e ruim. Por trás da esquadria da janela, Avdeitch ouvia o bebê gritar e a mulher queria acalmar a criança, mas não tinha como fazer isso. Avdeitch levantou-se, saiu pela porta, foi até a escada e gritou:

– Sabida! Ei, sabida!

A mulher ouviu e virou-se.

– Para que fica aí no frio com o bebê? Entre aqui, no calor é mais fácil cuidar dele. Venha para cá. A mulher ficou surpresa. Viu um velho de avental e óculos chamando por ela. Foi atrás dele.

Desceram pela escada, entraram no quarto, o velho conduziu a mulher até a cama.

– Aqui – disse –, sente perto da estufa, mulher sabida... Se aqueça e amamente o menino.

– Não tenho leite nos peitos, não como nada desde a manhã – disse ela, e mesmo assim levou o bebê ao peito.

Avdeitch balançou a cabeça, foi até a mesa, pegou pão, chá, abriu a tampa da estufa, pôs sopa de repolho numa tigela, pegou a panela de mingau, mas ainda não estava pronto, pôs a sopa de repolho sobre a mesa. Pegou o pão, tirou um pano do gancho e botou sobre a mesa.

– Sente – disse –, coma, sabida, enquanto eu fico com o menino, pois também tive filhos, sei cuidar de crianças.

A mulher fez o sinal da cruz, sentou-se à mesa e começou a comer, e Avdeitch sentou-se na cama com o bebê. Avdeitch ficou estalando os lábios para a criança, mas não estalava os lábios direito porque não tinha dentes. O bebê continuava a gritar. Avdeitch inventou de assustá-lo com o dedo, brandia o dedo para ele, avançava na direção da boca e depois recuava. Não deixava o menino pôr seu dedo na boca, porque estava preto, sujo de piche. E o bebê olhou para o dedo, se calou e depois começou a rir. E Avdeitch também achou graça. A mulher comia, enquanto contava quem era e o que estava fazendo.

– Sou esposa de um soldado – disse –, faz oito meses que levaram meu marido para longe e não tive mais notícias dele. Eu ganhava a vida trabalhando como cozinheira, quando dei à luz. Não quiseram que eu ficasse com a criança. Agora faz três meses que estou nessa luta, sem ter onde ficar. Gastei tudo o que tinha. Queria trabalhar de ama de leite, não aceitaram, sou magra, eles dizem. Aí fui à casa da mulher do comerciante, nossa avó mora lá e por isso me prometeu que ia arranjar um lugar para mim. Achei que era para ir já. Mas ela mandou ir só na semana que vem. E mora longe. Estou que não me aguento mais e meu queridinho também. Ainda bem que nossa senhoria tem pena de nós e, com a graça de Cristo, nos deixa ficar no quarto. Se não fosse isso, nem sei como ia sobreviver.

Avdeitch suspirou e disse:

– E não tem roupas quentes?

– Pois é, irmão, está na época de usar roupas quentes. Ontem penhorei meu último xale por uma moeda de vinte copeques.

A mulher chegou perto da cama e pegou o bebê. Avdeitch levantou-se, foi até o armário, remexeu, pegou um casaco velho.

– Tome aqui – disse –, é uma roupa meio ruim, mas pode servir para você se esquentar.

A mulher olhou para o casaco, olhou para o velho, pegou o casaco e começou a chorar. Avdeitch desviou o olhar; se agachou ao lado da cama, apanhou uma arca pequena, remexeu dentro dela por um

tempo e sentou-se na frente da mulher.

E a mulher disse:

– Que Cristo abençoe você, vovô, parece que foi Ele que me fez passar na frente da sua janela. Meu filhinho estava morrendo de frio. Na hora em que saí estava quente, mas agora ficou gelado. E foi Ele mesmo, o Paizinho, que fez você olhar pela janela e ter pena de minha amargura.

Avdeitch sorriu e disse:

– Foi Ele mesmo que me guiou. Eu não estava olhando pela janela à toa, mulher sabida.

E Martin contou seu sonho à esposa do soldado, contou que ouviu uma voz que prometeu que o Senhor viria à sua casa naquele dia.

– Tudo pode acontecer – disse a mulher. Levantou-se, vestiu o casaco, envolveu nele o filhinho e então se curvou e agradeceu mais uma vez a Avdeitch.

– Tome aqui, em nome de Cristo – disse Avdeitch, e lhe deu uma moeda de vinte copeques. – Resgate o xale do penhor.

A mulher fez o sinal da cruz, Avdeitch fez o sinal da cruz e levou a mulher até a porta.

Ela saiu; Avdeitch tomou a sopa de repolho, arrumou a louça e sentou-se de novo para trabalhar. Ficou trabalhando, mas pensava na janela, e toda vez que a janela escurecia, ele logo espiava para ver quem estava passando. Passavam conhecidos, passavam desconhecidos e não havia ninguém especial.

E então Avdeitch viu uma velha mascate parada bem na frente de sua janela. Levava um cesto com maçãs. Restavam poucas, parecia ter vendido tudo, mas trazia pendurado no ombro um saco de lascas de madeira. Na certa tinha pegado em alguma obra e ia levar para casa. Mas o saco parecia pesar muito em seu ombro; quis passar o saco para o outro ombro, baixou o saco na calçada, colocou o cesto de maçãs sobre uma pequena coluna e começou a esvaziar um pouco o saco. Enquanto diminuía o peso do saco, do nada apareceu um menino de chapéu rasgado, apanhou uma maçã do cesto e quis fugir depressa, mas a velha percebeu, se virou e segurou o menino pela manga. O menino se debateu, quis soltar-se, mas a velha o segurava com as duas mãos, arrancou seu capuz e agarrou seu cabelo. O menino gritava, a velha xingava. Avdeitch não teve tempo para espetar a sovela. Largou-a no chão mesmo, se precipitou para a porta, até tropeçou na escada, e seus óculos caíram. Avdeitch correu às pressas para a rua: a velha segurava o menino pelo cabelo e xingava, dizia que ia levar o menino para a polícia; o menino se debatia e negava tudo:

– Não peguei nada – dizia. – Por que está me batendo? Me solte.

Avdeitch tratou de separá-los, segurou o menino pelo braço e disse:

– Solte o menino, vovó, perdoe, em nome de Cristo!

– Pois vou perdoar, sim, mas de um jeito que ele não vai esquecer, até as bétulas brotarem de novo. Vou levar esse bandido para a polícia.

Avdeitch implorou para a velha:

– Solte, vovó, ele não vai mais fazer isso. Solte, pelo amor de Cristo!

A velha soltou, o menino quis correr, mas Avdeitch o conteve.

– Peça desculpa para a vovó. E não faça mais isso, eu vi que você pegou.

O menino começou a chorar, pediu desculpa.

– Pronto, aí está. Agora tome esta maçã para você.

E Avdeitch pegou no cesto e deu para o menino.

– Vou pagar, vovó – disse para a velha.

– Assim você estraga esses malandros – disse a velha. – Tem de recompensar esse moleque de um jeito que ficasse uma semana sem poder sentar.

– Eh, vovó, vovó – disse Avdeitch. – Para nós é assim, mas para Deus, não é. Se é preciso bater no menino com o chicote, o que será preciso fazer conosco por nossos pecados?

A velha ficou calada.

E Avdeitch contou para a velha a parábola do patrão que perdoou todas as dívidas grandes de um servo camponês e o servo saiu dali e foi estrangular um devedor seu. A velha ouviu e o menino também ficou ouvindo.

– Deus mandou perdoar – disse Avdeitch. – Senão, nós também não seremos perdoados. Temos de perdoar todos, e mais ainda os que não têm noção do que fazem.

A velha balançou a cabeça e suspirou.

– É isso mesmo – disse ela. – Mas eles já estão muito estragados.

– Por isso nós, os velhos, temos de ensinar a eles – disse Avdeitch.

– É o que eu digo também – respondeu a velha. – Eu mesma tive sete, só sobrou uma filha.

E a velha começou a contar onde e como ela e a filha viviam e quantos netos tinha.

– Veja, minhas forças se foram – disse ela –, mas trabalho sempre. Tenho pena dos netos, das crianças, e que netinhos bons eu tenho; ninguém me recebe como eles. A Aksiutka não me larga, não quer saber de mais ninguém. Vozinha, querida vozinha, meu coração... – E a velha amoleceu toda de ternura. – É claro que foi coisa de criança. Deus o proteja – disse a velha para o garoto.

E quando ela quis levantar o saco do chão e pôr no ombro, o menino deu um pulo para a frente e disse:

– Deixe que eu carregue, vovó, é meu caminho.

A velha balançou a cabeça e entregou o saco ao menino.

E foram os dois lado a lado pela rua. A velha até se esqueceu de pedir a Avdeitch o dinheiro para pagar a maçã. Avdeitch ficou olhando para eles e ouviu como conversavam sem parar, enquanto caminhavam.

Avdeitch observou os dois e voltou para casa, encontrou seus óculos na escada e não tinham quebrado, pegou no chão a sovelá e sentou-se de novo para trabalhar. Trabalhou um pouco e começou a não conseguir enfiar a linha no lugar certo. “Parece que está na hora de acender a lamparina”, pensou, abasteceu a lamparina, pendurou e voltou a trabalhar. Terminou uma bota; virou, examinou: estava boa. Juntou as ferramentas, varreu os retalhos, guardou as linhas, o alicate e as sovelas, pegou a lamparina, colocou sobre a mesa e tirou o Evangelho da estante. Queria abrir o livro no lugar que marcara na véspera com uma tira de couro de cabra, mas abriu em outro lugar. E quando Avdeitch abriu o Evangelho, lembrou-se do sonho da véspera. E assim que lembrou, teve a impressão de que alguém se movia e dava um passo a seu lado. Virou-se e viu: num canto escuro, parecia haver pessoas paradas – pessoas, mas ele não conseguia distinguir quem era. E uma voz sussurrou em seu ouvido:

– Martin! Ah, Martin. Será que você não me reconheceu?

– Quem é? – perguntou Avdeitch.

– Sou Eu – respondeu a voz. – Veja, sou Eu.

E do canto escuro saiu Stepánitch, sorriu, se dissipou como uma nuvem e sumiu...

– E esse também sou Eu – disse a voz.

E do canto escuro saíram a mulher e o bebê, ela sorriu, o bebê também sorriu, e também se foram.

– E esse também sou Eu – disse a voz.

E vieram a velha e o menino com a maçã e os dois sorriram e também se foram.

E Avdeitch ficou alegre, fez o sinal da cruz, pôs os óculos e leu o Evangelho, no lugar onde havia aberto o livro. E no alto da página leu:

“Eu tive fome e tu me deste o que comer, eu tive sede, e tu me deste o que beber, eu era um forasteiro, e tu me deste abrigo...”

E embaixo da página, leu também:

“Cada vez que fizeste isso a um de meus irmãos mais pequeninos, o fizeste também a mim” (Mateus, xxv).

E Avdeitch entendeu que o sonho não o havia enganado, que tinha sido exatamente o Salvador que o

visitara naquele dia e que ele o havia acolhido.

FOGO ACESO NÃO SE APAGA

Então Pedro, chegando-se a ele, perguntou: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?”.

Jesus respondeu: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes”.

Eis por que o Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com seus servos.

Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um servo que devia dez mil talentos.

Não tendo ele com que pagar, o senhor ordenou que o vendessem, juntamente com a mulher e com os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida.

O servo, porém, caiu aos seus pés e, prostrado, suplicava: “Dá-me um prazo e eu pagarei tudo”.

O senhor, compadecendo-se do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida.

Mas, quando saiu dali, esse servo encontrou um dos seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários e, agarrando-o pelo pescoço, pôs-se a sufocá-lo e a insistir: “Paga-me o que deves”.

O companheiro, caído aos seus pés, suplicava e dizia: “Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo”.

Mas ele não quis, saiu e mandou levá-lo para a prisão, enquanto não pagasse o que devia.

Seus companheiros, vendo o que acontecera, ficaram muito penalizados e, procurando o senhor, contaram-lhe todo o acontecido.

Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: “Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida, porque me rogaste”.

“Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?”

Assim, encolerizado, o senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida.

Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão.

Mateus, XVIII, 21-35

Numa aldeia, morava o camponês Ivan Cherbákov. Vivia bem; estava no pleno vigor de suas energias, era o melhor trabalhador do povoado, e tinha três filhos já grandes: um casado, um noivo e o terceiro, adolescente, já andava a cavalo e começava a lavrar a terra. A esposa de Ivan era uma mulher inteligente e econômica e a nora era sossegada e trabalhadora. Não havia por que Ivan não viver bem com a família. Só uma boca não trabalhava em sua casa e era seu velho pai doente (fazia sete anos que estava de cama, com asma). Tudo era farto na casa de Ivan – três cavalos e um potro, uma vaca e um bezerro, quinze ovelhas. As mulheres faziam os sapatos e as roupas dos mujiques e trabalhavam no campo; os mujiques cultivavam a terra. Tinham milho que dava até a colheita seguinte. Com a aveia, pagavam os impostos e cumpriam todas as suas obrigações. Ivan não tinha por que viver mal com os filhos. Mas eles tinham um vizinho chamado Gavriilo, o Manco, filho de Gordiei Ivánov. E surgiu uma inimizade entre ele e Ivan.

Enquanto o velho Gordiei estava vivo e o pai de Ivan cuidava da propriedade, os mujiques viviam como vizinhos. Se as mulheres precisassem de uma peneira ou de uma cuia, se os mujiques precisassem de um eixo ou precisassem trocar uma roda, bastava pedir na porta ao lado e eles se ajudavam mutuamente, como vizinhos e amigos. Se um bezerro fugia para o terreiro de secagem dos grãos, enxotavam e apenas diziam: Não deixe solto, a gente não tirou o monte de grãos. Mas esconder e trancar o bezerro na eira coberta ou no celeiro, ou xingar uns aos outros, isso não acontecia.

Assim viviam no tempo dos velhos. Mas, quando os jovens começaram a mandar, a coisa mudou.

Tudo começou por causa de uma bobagem.

Uma galinha da nora de Ivan botava ovo bem cedo. A moça tinha começado a separar os ovos para a Semana Santa. Todo dia ela ia ao celeiro apanhar ovos dentro da charrete. Parece que as crianças assustaram a galinha e ela voou para o outro lado da cerca, no terreno do vizinho, e lá botou um ovo. A

moça ouviu a galinha cacarejar – pensou: “Agora não tenho tempo, tenho de arrumar a isbá para o dia santo; vou pegar depois”. À tarde, foi ao celeiro e olhou dentro da charrete – nada de ovo. A moça foi perguntar à sogra e ao cunhado se não tinham pegado.

– Não pegamos – disseram.

E Taraska, o cunhado mais jovem, disse:

– Sua gorduchinha pôs um ovo no terreno do vizinho, cacarejou e veio voando de lá.

A moça olhou para sua gorduchinha, ao lado do galo no poleiro, já de olhos fechados, pronta para dormir. E perguntou onde tinha botado o ovo, mas a galinha não respondeu, e a moça foi falar com os vizinhos. A velha a recebeu.

– O que deseja, mocinha?

– Acontece, vovó, que minha galinha voou hoje para o seu terreno. Será que ela não botou um ovo em algum canto?

– Ver eu não vi. A gente tem as nossas, graças a Deus, e elas botaram faz muito tempo. Nós temos as nossas e não precisamos das dos outros. Nós, menina, não andamos por aí pegando ovos dos vizinhos.

A moça ficou ofendida, falou uma palavra que não devia, a vizinha falou mais duas; e as mulheres começaram a discutir. A mulher de Ivan passou com a água e também se meteu na briga. A senhora Gavrílova se exaltou, começou a acusar a vizinha, lembrou-se disso e daquilo, inventou coisas. Começou o bate-boca. Todos em volta gritavam, falavam duas palavras ao mesmo tempo. E eram todas palavras feias. Você é isso, você é aquilo, você é uma ladra, uma safada, você deixa seu sogro morrer de fome, você é uma unha de fome.

– E você é uma mendiga, arreventou minha peneira! E ainda está com a nossa canga de levar baldes, devolva a canga!

Puxaram a canga, derramaram a água, rasgaram os xales, começaram a brigar. Gavriilo veio do campo, tomou o partido da esposa. Acudiram Ivan e o filho, se meteram no bolo. O mujique Ivan era forte, espalhou todo mundo. Arrancou um punhado da barba de Gavriilo. O povo acudiu, separaram à força.

E com isso começou.

Gavriilo embrulhou o punhado de sua barba numa petição e mandou o documento para o tribunal.

– Vocês acham que deixei crescer a barba para que o sarnento do Vanka me arranque um punhado desse jeito? – disse ele.

E sua esposa se gabava com os vizinhos, dizendo que agora iam condenar Ivan na Justiça e ele ia para a Sibéria. E a inimizade não parou mais.

O velho que vivia de cama tentou acalmar os ânimos desde o primeiro dia, mas os jovens não lhe davam ouvidos. Dizia para eles:

– Vocês fizeram uma bobagem, rapazes, e de uma bobagem criaram uma confusão. Pensem bem, tudo isso por causa de um ovo. A criançada pegou um ovo, muito bem, Deus os ajude; um ovo não é grande coisa. Deus provê para todos. E aí uma mulher usou palavras feias. Então você corrige, ensina como falar direito. E aí brigaram, gente pecadora. Isso acontece. Pois bem, vão lá e façam as pazes, ponham um ponto-final nisso tudo. Se continuarem com raiva, vai ser pior para vocês.

Os jovens não deram ouvidos ao velho, pensavam que tudo o que o velho dizia não tinha sentido, só estava tagarelado à toa, como os velhos.

Ivan não fez as pazes com os vizinhos.

– Eu não arranquei a barba dele – disse. – Ele mesmo puxou, e o filho dele arrancou os botões da minha roupa e rasgou toda a minha camisa. Olhe só.

E Ivan foi ao tribunal. O caso foi julgado pelo juiz de paz e pelo juiz do distrito. Enquanto eles eram julgados, sumiu a cravija da charrete de Gavriilo. As mulheres da casa de Gavriilo acusaram o filho de Ivan de ter pegado a cravija.

– Nós vimos como ele entrou pela janela de noite, foi até a charrete e a comadre contou que ele apareceu na barraca de um mercador e ofereceu a cravija para vender.

Entraram na Justiça outra vez. E na casa não passava um dia sem xingamentos e brigas. As crianças xingavam, aprendiam com os mais velhos, e as mulheres iam ao riacho menos para bater a roupa do que para soltar a língua, e tudo ficava cada vez pior.

No início, os mujiques caluniavam uns aos outros, depois começaram de verdade a pegar para si qualquer coisa que encontrassem largada fora do lugar. E assim as mulheres e as crianças aprenderam a fazer a mesma coisa. E a vida deles ficou cada vez pior. Julgaram Ivan Cherbákov e Gavrilo, o Manco, na assembleia popular, no juizado do distrito e no juiz de paz, e os juízes ficaram até cansados de tanto julgar; ora Gavrilo obrigava Ivan a pagar multa, ora o mandava para a cadeia, ora Ivan fazia o mesmo com Gavrilo. E quanto mais se perseguiam, mais raiva sentiam. Os cachorros se atracam: quanto mais brigam, mais furiosos ficam. Batem num cachorro pelas costas e ele pensa que foi o outro cachorro que o mordeu e fica ainda mais raivoso. Assim eram aqueles mujiques: iam ao tribunal, eram punidos, ora um, ora outro, com multa ou com prisão, e por tudo aquilo o coração deles se inflamava contra um e contra outro. “Espere só que ainda vou fazer você pagar por tudo isso.” E desse jeito se passaram seis anos. Só o velho de cama dizia sempre a mesma coisa. Aconselhava:

– O que estão fazendo, crianças? Deixem de lado todas as diferenças, não deixem de lado o trabalho, não queiram mal às pessoas, assim vai ser melhor. Quanto mais quiserem mal às pessoas, será pior para vocês.

Não davam ouvidos ao velho.

Depois de sete anos a coisa chegou a tal ponto que a nora de Ivan, num casamento, diante de pessoas que se juntaram para ouvi-la, acusou Gavrilo de ter sido apanhado em flagrante com cavalos roubados. Gavrilo estava embriagado, não se controlou, bateu na mulher e a machucou tanto que ela ficou uma semana de cama, e a mulher estava grávida. Ivan se alegrou, foi com uma petição ao juiz de instrução. Dessa vez, pensou, vou acabar com o vizinho, não escapa da prisão ou da Sibéria. Porém mais uma vez Ivan não obteve sucesso. O juiz não aceitou a petição; levaram a mulher para testemunhar; ela já havia ficado boa e não tinha nenhum sinal da agressão. Ivan foi ao juiz de paz e este passou o caso para o juizado do distrito. Ivan fez de tudo no tribunal do distrito, embriagou um escrivão e um sargento com meio balde de aguardente doce e conseguiu que condenassem Gavrilo a levar chibatadas nas costas. No tribunal, leram a sentença para Gavrilo.

O escrivão leu:

– “O tribunal resolveu: castigar o camponês Gavrilo Gordiéiev com vinte chicotadas diante da autoridade do distrito.”

Ivan também ouviu a sentença e olhou para Gavrilo: o que seria dele agora? Gavrilo escutou, ficou branco feito um lenço, deu meia-volta e saiu para o vestíbulo. Ivan foi logo depois, queria ir na direção dos cavalos, mas ouviu Gavrilo dizer:

– Está certo, ele vai me dar chicotadas nas costas, vai arder, vai queimar, mas ele que se cuide para que alguma coisa dele não queime com mais força ainda.

Ivan ouviu aquelas palavras e na mesma hora voltou para os juízes.

– Senhores juízes! Ele ameaçou pôr fogo na minha casa. Podem perguntar, ele falou diante de testemunhas.

Chamaram Gavrilo.

– É verdade, você disse mesmo?

– Não falei nada. Podem me chicotear, a autoridade é de vocês. Parece que tenho de sofrer sozinho pela verdade, enquanto ele pode fazer o que quiser.

Gavrilo ainda quis falar mais alguma coisa, mas os dentes e o queixo começaram a tremer. E ele se virou para a parede. Até os juízes se assustaram, olhando para Gavrilo. Pensaram: é bem possível que

faça mesmo algo de ruim contra o vizinho ou até contra si mesmo.

E o juiz velho começou a falar:

– Escutem aqui, irmãos: é melhor fazerem as pazes. Você, irmão Gavriilo, acha que agiu bem quando bateu numa mulher grávida? Pois felizmente Deus teve piedade, do contrário já pensou que pecado teria cometido? Por acaso isso é bom? Confesse sua culpa e peça desculpas a ele. E ele vai perdoar. Vamos fazer uma alteração na sentença.

O escrivão ouviu aquilo e disse:

– Não é possível, porque não se fez a conciliação segundo o artigo 117 e a sentença do tribunal foi declarada, e ela deve ser cumprida.

Mas o juiz não deu atenção ao escrivão.

– Pare de falar asneiras – disse. – O primeiro artigo, irmão, é um só: temos de nos lembrar de Deus e Deus mandou viver em paz.

E o juiz tentou convencer os mujiques, mas não convenceu. Gavriilo não quis lhe dar ouvidos.

– Tenho quarenta e nove anos, tenho um filho casado e nunca na vida bateram em mim, mas agora o sarnento do Vanka mandou me darem chicotadas e ainda tenho de pedir desculpas para ele! Ora, ele vai ver só... Vai se lembrar de mim, Vanka!

A voz de Gavriilo tremeu de novo. Não conseguiu mais falar, virou-se e saiu.

Do tribunal até sua casa eram dez verstas e Ivan voltou tarde. As mulheres tinham ido buscar o gado. Ele desatrelou o cavalo, arrumou-se e entrou na isbá. Não havia ninguém. As crianças não tinham voltado do campo. Ivan entrou, sentou no banco e começou a pensar. Lembrou como leram a sentença de Gavriilo, como ele ficou pálido e virou-se para a parede. E Ivan teve um aperto no coração. Provou em si mesmo como se sentiria se fosse condenado a levar chicotadas. E teve pena de Gavriilo. Ouviu que o velho deitado acima da estufa tossiu, baixou as pernas e desceu. O velho se arrastou com dificuldade até o banco e sentou. Curvou-se no banco, tossiu, tossiu, expectorou, apoiou-se na mesa e disse:

– E então? Julgaram?

Ivan respondeu:

– Condenaram a vinte chicotadas.

O velho balançou a cabeça.

– Que maldade você fez, Ivan. Ah, que maldade! Não para ele, mas para você mesmo. Pois bem, vão dar chicotadas nas costas dele, e será que isso vai fazer você se sentir melhor?

– Ele não vai fazer isso outra vez – disse Ivan.

– Como não vai? O que ele fez de pior do que você?

– Então não sabe o que ele me fez? – exclamou Ivan. – Ele quase matou uma mulher de tanto bater e ainda agora ameaçou incendiar a casa. Acha que tenho de agradecer a ele por isso?

O velho suspirou e disse:

– Você, Ivan, tem andado e vivido livre pelo mundo, enquanto eu estou de cama há anos, você acha que enxerga tudo e que eu não enxergo nada. Não, meu pequeno, você não enxerga nada; a raiva embaçou seus olhos. Os pecados dos outros estão na sua frente, mas seus próprios pecados estão às suas costas. Você diz: ele fez maldade! Se só ele fizesse maldade, não haveria mal. Por acaso o mal entre as pessoas vem só de um? O mal acontece entre dois. A maldade dele você vê, mas a sua, não. Se só ele fosse mau e você fosse bom, não haveria maldade nenhuma. Quem foi que arrancou a barba dele? Quem foi que espalhou as medas que já estavam separadas? Quem foi que o levou ao tribunal? E você o acusa de tudo. Você mesmo vive fazendo maldade, por isso também é ruim. Não foi assim que eu vivi, irmão, e não foi assim que ensinei a você. Por acaso eu e o velho pai dele vivíamos assim? Como é que a gente vivia? Na camaradagem. A farinha dele acabava, a mulher vinha: Tio Frol, a gente precisa de farinha! Venha, menina, pegue o quanto quiser no celeiro. Se ele não tinha ninguém para tomar conta dos cavalos, eu dizia: Vá lá, Ivan, cuidar dos cavalos dele. E se alguma coisa faltava em minha casa, eu ia pedir para ele.

Tio Gordiei, preciso disso ou daquilo. Pode pegar, tio Frol! Era assim que a gente vivia. A vida era fácil. E agora? Outro dia um soldado falou sobre a batalha de Plevna. Pois o que vocês fazem agora é pior do que a tal guerra de Plevna. Acha que isso é vida? Que pecado! Você é um mujique, é o chefe da casa. Você é o responsável. O que está ensinando às mulheres e aos filhos? A viver feito cachorros. Outro dia vi o Taraska, aquele malandro, ficou falando mal da tia Arina para a mãe, e a mãe ainda achou graça dele. Será que isso é bom? Pois você é o responsável! Pense bem nisso, no fundo da alma. Por acaso isso é preciso? Você me diz uma palavra, eu digo duas, você me dá uma bofetada, eu dou duas em você. Não, meu pequeno, Cristo andou pela terra, não foi isso que ensinou a nós, tolos. Se alguém diz uma palavra para você e você fica calado, a consciência dele mesmo vai acusar. Foi assim que Ele, o Paizinho, nos ensinou. Dão um tapa em você, você oferece o outro lado: Vai, bate, se eu mereço. E a consciência dele vai ter remorso. Ele pede para fazer as pazes e você aceita. Foi assim que Ele nos ensinou, a não se encher de orgulho. Por que está calado? Não é como estou dizendo?

Ivan ficou calado, ouvindo.

O velho tossiu, expectorou com esforço, começou a falar de novo:

– Você acha que Cristo ia nos ensinar uma coisa ruim? Pois fez tudo por nós, pelo nosso bem. Pense na sua vida terrena: ficou melhor ou pior desde que essa Plevna de vocês começou? Faça as contas de quanto gastou nos julgamentos, nessas viagens para lá e para cá, quanto desperdiçou. Olhe seus filhos, são verdadeiras águias, você devia viver muito bem, subir na vida até as alturas, em vez disso está dilapidando o que tem. E por quê? Sempre pela mesma coisa. Por seu orgulho. Você e seus filhos deviam ir para o campo, lavrar a terra, mas a raiva faz você correr para os tribunais, para as mãos de qualquer escrivão sem-vergonha. Não semeia na hora certa, não passa o arado na hora certa, e ela, a mãezinha, a terra, não faz nascer. A aveia, por que não cresceu? Quando você semeou? Quando você chegou da cidade. E o que ganhou lá? Muita dor de cabeça. Eh, meu pequeno, cuide de seu trabalho: fique em casa e prepare a terra com seus filhos e, se alguém o ofender, faça como Deus, perdoe, e sua vida vai ficar mais sossegada, sua alma vai ficar sempre mais leve.

Ivan ficou calado.

– Pois é, Vânia! Escute o que diz este velho. Atrale o cavalo na charrete, vá agora lá no tribunal, mande desfazer tudo e, de manhã, vá falar com o Gavriilo, faça as pazes com ele, como Deus manda, e o convide para vir à sua casa amanhã, que é feriado (o caso se deu na época da festa da Natividade de Nossa Senhora), prepare o samovar, traga meia garrafa e se livre de todos os pecados e que daqui para a frente não aconteça mais isso e mande as mulheres e os filhos fazerem a mesma coisa.

Ivan suspirou e pensou: “O velho diz a verdade”, e seu coração se aplacou de todo. Só não sabia como executar aquilo, como fazer as pazes agora.

E o velho começou outra vez, como se adivinhasse:

– Vá, Vânia, não recue. Apague o fogo na fonte, porque, quando acende, ninguém consegue controlar.

O velho quis dizer mais alguma coisa, mas não terminou: as mulheres entraram na isbá, começaram a grasnar como gralhas. As notícias já tinham chegado a elas: que Gavriilo tinha sido condenado a golpes de chibata e que ele havia ameaçado incendiar a casa. Já sabiam de tudo e inventavam mais um pouco e, no pasto, ainda tiveram tempo de bater boca de novo com as mulheres da casa de Gavriilo. Começaram a contar como a nora de Gavriilo ameaçou denunciá-las ao juiz de instrução. Gavriilo estava molhando a mão do juiz de instrução, disseram elas. Agora ele ia mudar todo o caso e um professor estava escrevendo outra petição para o próprio tsar sobre Ivan e na petição estavam descritos todos os casos: o da cravija, o da horta, e agora metade do jardim ia voltar para as mãos deles. Ivan ouviu o que contaram e seu coração se endureceu outra vez, e Ivan deixou de lado a ideia de fazer as pazes com Gavriilo.

Na terra de um camponês, há sempre muita coisa para fazer. Ivan não ficou conversando com as mulheres, levantou-se e saiu da isbá, foi para o celeiro e para a eira coberta. Quando arrumou tudo e

saiu, o solzinho já tinha se posto; os filhos também vieram do campo: estavam lavrando a terra para o inverno. Ivan encontrou-os, perguntou sobre o trabalho, ajudou-os a arrumar as coisas, separou um arreio rasgado para consertar, quis ainda arrumar umas varas embaixo do celeiro, mas já estava totalmente escuro. Ivan deixou as varas para o dia seguinte e pôs comida para os animais, abriu o portão, deixou os cavalos com Taraska para irem ao pasto da noite, fechou o portão de novo e tapou o vão embaixo do portão. “Agora é jantar e dormir”, pensou Ivan, pegou o arreio rasgado e foi para a isbá. E durante todo aquele tempo se esqueceu de Gavriilo e do que o pai tinha dito. Assim que subiu no alpendre, ouviu: por trás da cerca, o vizinho praguejava contra alguém com voz rouca.

– Que o diabo o carregue! – gritava Gavriilo. – Era bom que morresse!

Com aquelas palavras, toda a raiva de antes contra o vizinho veio à tona. Ivan parou, ficou ouvindo enquanto Gavriilo praguejava. Gavriilo calou-se e Ivan entrou na isbá. Lá dentro, já haviam acendido o fogo; a jovem nora estava sentada num canto, junto à roda de fiar, a velha preparava o jantar, o filho mais velho torcia tiras de palha para fazer alparcatas, o segundo filho estava na mesa, com um livrinho, e Taraska se preparava para ir ao pasto da noite.

Dentro da isbá, tudo estava bem, alegre, a não ser por causa daquela desgraça – um vizinho malvado.

Ivan chegou nervoso, derrubou o gato que estava em cima do banco e ralhou com a mulher porque o balde não estava no lugar. E Ivan ficou aborrecido; sentou-se, franziu o rosto, começou a consertar o arreio e não saíam de sua cabeça as palavras de Gavriilo, como tinha ameaçado e como pouco antes gritava com voz rouca sobre alguém: “Era bom que morresse!”.

A velha serviu o jantar de Taraska; ele comeu, vestiu o casaco, a túnica, fechou o cinturão, pegou um pão e saiu para a rua, na direção dos cavalos. O filho mais velho quis acompanhá-lo, mas o próprio Ivan levantou e saiu para o alpendre. Lá fora, estava tudo escuro, nublado, o vento soprava. Ivan desceu do alpendre, ajudou o filho menor a montar, assustou um potro atrás dele e ficou parado, olhando, ouvindo, enquanto Taraska descia até a aldeia, onde se juntou a outros rapazes e todos seguiram adiante, até ficarem fora do alcance da audição de Ivan. Por muito tempo, Ivan ficou parado junto ao portão e não saíam de sua cabeça as palavras de Gavriilo: “Ele que se cuide para que alguma coisa dele não queime com mais força ainda”.

“E ele não está falando de brincadeira”, pensou Ivan. “O ar está seco, está ventando. Ele pode entrar pelos fundos, o bandido, tacar fogo e pronto; depois que o fogo pegar, quem vai apagar? Se eu pudesse apanhá-lo de surpresa, não ia escapar!” E essa ideia se enfiou tão fundo na cabeça de Ivan que ele nem voltou para o alpendre, foi direto para a rua, para o portão, para o canto do terreno. “Vou contornar o pátio. Quem sabe?” E Ivan andou sem fazer barulho ao longo do portão.

Assim que fez a curva no canto do terreno, olhou para a cerca e teve a impressão de que algo se mexia na outra ponta, pareceu que algo se esticou e se escondeu de novo atrás da cerca. Ivan ficou parado e quieto – ouvia e observava: tudo em silêncio, só o vento sacudia as folhinhas dos salgueiros e farfalhava na palha. Estava escuro, no entanto os olhos se habituaram à escuridão: Ivan enxergava todo aquele canto, um arado e o beiral. Ficou parado, observando: “Não tem ninguém”.

“Deve ter sido só uma impressão”, pensou. “Mesmo assim, vou dar uma volta.” E foi andando sorrateiramente ao longo do celeiro. Ivan pisava de leve, com as alparcatas de palha, e nem ele mesmo ouvia seus passos. Chegou à ponta – olhou e lá no final alguma coisa brilhou no arado e de novo se escondeu. Ivan teve a impressão de que uma coisa acertara seu coração e ficou parado. Assim que parou, naquele mesmo lugar algo se destacou com mais clareza e ficou bem visível – um homem de cócoras, de chapéu e de costas para ele, ateava fogo a um punhado de palha que tinha na mão. O coração de Ivan começou a bater forte no peito, como um passarinho, ele ficou todo tenso e começou a avançar a largas passadas. Nem sentia os próprios pés no chão. “Pronto”, pensou, “agora não vai fugir, peguei você em flagrante!”

Ivan não tinha ainda vencido a distância de dois mourões da cerca quando de repente viu um clarão mais forte, já não era naquele lugar, nem era mais um foguinho pequeno, mas sim uma labareda que saltou da palha por baixo do beiral e subiu para o telhado, e lá estava Gavrilo parado, perfeitamente visível.

Como um gavião se atira sobre uma cotovia, Ivan pulou sobre o Manco. “Vou amarrar”, pensou, “agora não vai fugir!” Mas o Manco certamente ouviu seus passos, virou-se e, com uma rapidez que não se sabe de onde veio, correu como uma lebre ao longo do celeiro.

– Não vai escapar! – gritou Ivan e voou atrás dele.

Quis segurá-lo pelo colarinho, quando Gavrilo girou por baixo do braço de Ivan, que então o agarrou pela aba do casaco. A aba rasgou e Ivan caiu. Gritou:

– Socorro! Peguem! – E correu de novo.

Enquanto Ivan se levantava, Gavrilo já havia chegado a seu terreno, mas lá também Ivan o alcançou. E já ia agarrá-lo, quando algo de repente o tonteou na cabeça, como se uma pedra o tivesse atingido no escuro: Gavrilo tinha pegado uma estaca de carvalho e, quando Ivan veio correndo na sua direção, acertou-o na cabeça com toda a força.

Ivan ficou tonto, fagulhas riscaram seus olhos, depois tudo escureceu e ele tombou. Quando voltou a si, Gavrilo tinha sumido; estava claro como o dia e, do lado do seu terreno, vinha o barulho de uma espécie de motor, algo chiava e estalava. Ivan virou-se e viu que toda a parte de trás do seu celeiro estava queimando, o lado do celeiro começava a pegar fogo e as chamas, a fumaça e as brasas da palha eram levadas na direção da isbá.

– O que é isso, irmãos? – gritou Ivan, ergueu as mãos e depois deu um tapa nas coxas. – Se eu tivesse puxado a palha do beiral para o chão e apagado o fogo com os pés! O que é isso, irmãos! – repetiu.

Quis gritar mais – teve falta de ar, a voz não saía. Quis correr – as pernas não se mexiam, uma se enroscava na outra. Deu um passo – cambaleou, de novo teve falta de ar. Esperou um pouco, tomou fôlego, andou novamente. Enquanto contornava o celeiro e andava na direção do incêndio, viu que todo o lado do celeiro se incendiava, o fogo já chegava ao canto da isbá e ao portão, saía fogo de dentro da isbá e não havia mais passagem para atravessar o pátio. Muita gente acudiu, mas não havia nada a fazer. Os vizinhos tiraram as próprias coisas para fora de suas casas e enxotaram o gado. Depois da casa de Ivan, o fogo foi para a de Gavrilo, o vento aumentou, o fogo passou para o outro lado da rua. O incêndio tomou conta de metade da aldeia.

Na casa de Ivan, só salvaram o velho, e pularam para fora de casa com o que tinham no corpo, o resto ficou; exceto os cavalos no pasto da noite, todo o gado queimou, as galinhas no galinheiro, as charretes, os arados, os ancinhos, as arcas das mulheres, os grãos nos celeiros, tudo foi queimado.

O gado de Gavrilo foi enxotado e ainda retiraram algumas coisas da casa.

O fogo ardeu muito tempo, a noite inteira. Ivan ficou perto de seu terreno, olhava e só dizia:

– O que é isso, irmãos! Se eu tivesse puxado a palha e apagado com os pés!

Mas na hora em que o telhado da isbá afinal desmoronou, ele pulou para o lugar mais quente, apanhou um tronco queimado e tentou arrancá-lo do fogo. As mulheres viram e tentaram puxar Ivan para trás, mas ele arrastou o tronco para fora e foi buscar outro, porém tropeçou e caiu no fogo. Então um filho correu em sua direção e puxou o pai. O cabelo e a barba de Ivan queimaram, a roupa pegou fogo, o braço ficou machucado, mas ele não sentia nada.

– O desgosto tirou sua sensibilidade – diziam as pessoas.

O incêndio começou a amainar e Ivan continuava parado, apenas repetia:

– Meus irmãos, o que é isso! Se eu tivesse apagado!

De manhã, o estaroste mandou o filho falar com Ivan.

– Tio Ivan, seu pai está morrendo, mandou chamar você, quer se despedir.

Ivan tinha esquecido o pai e não entendeu o que lhe diziam.

– Que pai? – perguntou. – Quem está chamando?

– Mandou chamar você, quer se despedir, ele está morrendo lá na nossa isbá. Vamos, tio Ivan – disse o filho do estaroste e puxou-o pelo braço. Ivan foi atrás do filho do estaroste.

Quando tiraram o velho da casa, palhas em chamas caíram em cima dele e o velho ficou queimado. Levaram-no para a casa do estaroste, numa parte distante da aldeia. Aquele arrabalde não tinha pegado fogo.

Quando Ivan chegou, na isbá só havia a velha mulher do estaroste e os filhos, em cima da estufa. Todos os outros tinham ido para o incêndio. O velho jazia num banco com uma vela na mão e olhava fixo para a porta. Quando o filho entrou, ele começou a se remexer. A velha se aproximou e disse que o filho tinha chegado. Ele mandou que viesse mais para perto. Ivan se aproximou e então o velho começou:

– Pois é, Vaniatka – disse ele. – Eu bem que lhe disse. Quem foi que pôs fogo na aldeia?

– Foi ele, papai – respondeu Ivan. – Ele, eu o peguei em flagrante. Na minha frente, ele pôs fogo no telhado. Por muito pouco não consegui pegar o punhado de palha e apagar com os pés, se tivesse conseguido não teria acontecido nada.

– Ivan – disse o velho. – Minha morte chegou e você vai morrer. De quem é o pecado?

Ivan cravou os olhos no velho e ficou calado, não conseguia falar nada.

– Diante de Deus: de quem é o pecado? O que foi que eu lhe disse?

Só então Ivan acordou e entendeu tudo. Bufou pelo nariz e disse:

– É meu, paizinho! – E caiu de joelhos diante do pai, começou a chorar e disse: – Perdoe, paizinho, sou culpado diante de você e diante de Deus.

O velho mexeu as mãos, passou a vela para a mão esquerda e colocou a direita na testa, quis fazer o sinal da cruz, mas não conseguiu e ficou parado.

– Glória a Ti, Deus! Glória a Ti, Deus! – disse, e olhou de lado para o filho outra vez.

– Vanka! Ah, Vanka!

– O que foi, paizinho?

– O que é preciso fazer agora?

Ivan não parava de chorar.

– Não sei, paizinho – respondeu. Como vou viver agora, paizinho?

O velho fechou os olhos, remexeu os lábios como se estivesse reunindo suas forças, abriu os olhos de novo e disse:

– Vivam. Com Deus, vocês vão viver... Vivam.

O velho calou-se um pouco, sorriu e disse:

– Escute, Vânia, não conte quem ateou o fogo. Esconda o pecado alheio. Deus vai perdoar duas vezes.

E o velho segurou a vela com as duas mãos, cruzou-as sobre o coração, suspirou, esticou-se e morreu.

Ivan não denunciou Gavriilo e ninguém descobriu como o incêndio começara.

E o coração de Ivan se abrandou com Gavriilo e Gavriilo se admirou com Ivan, por não ter denunciado a ninguém o que ele tinha feito. De início, Gavriilo teve medo dele, depois se acostumou. Os mujiques pararam de brigar, os familiares também. Enquanto reconstruíam tudo, as duas famílias moravam no mesmo terreno e, quando terminaram de reconstruir a aldeia, os terrenos ficaram mais amplos e Ivan e Gavriilo continuaram vizinhos, na mesma quadra.

Ivan e Gavriilo viviam como bons vizinhos, como os velhos tinham vivido. E Ivan Cherbákov lembrava o mandamento do velho e a lição de Deus, de que é preciso apagar o fogo no início.

E que se uma pessoa fizer mal à outra, ela não deve se vingar dessa pessoa, mas corrigir a situação;

e se uma pessoa disser palavras feias para outra, ela não deve responder com mais palavras feias, mas ensinar que não se deve falar mal dos outros; e é o que a mulher e os filhos também vão aprender. E Ivan Cherbákov se recuperou e passou a viver melhor do que antes.

O DIABO INSISTE, MAS DEUS RESISTE

Muito tempo atrás, vivia um bom patrão. Em sua casa, tudo era fartura e muitos escravos trabalhavam para ele. E os escravos se vangloriavam de seu senhor. Diziam:

– Não existe sob o céu um senhor melhor do que o nosso. Ele nos alimenta e nos veste bem e nos dá trabalho na medida de nossas forças, não ofende ninguém e não guarda rancor de ninguém; não é como outros senhores, que torturam seus escravos como se fossem animais e, culpados ou inocentes, os castigam e nunca dizem uma palavra boa. O nosso nos quer bem, faz coisas boas para nós e nos diz palavras boas. Não precisamos de uma vida melhor.

Assim os escravos se vangloriavam de seu senhor. E o Diabo ficou aborrecido de ver os escravos vivendo bem e no amor com seu senhor. E o Diabo possuiu Aleb, um dos escravos daquele senhor. De posse dele, mandou-o seduzir os outros escravos. E quando todos os escravos estavam descansando e elogiavam seu senhor, Aleb ergueu a voz e disse:

– Irmãos, não há por que ficar elogiando a bondade do nosso senhor. Basta fazer a vontade do Diabo que até ele vai ser bom. Servimos bem a nosso senhor, fazemos todas as suas vontades. É só ele pensar uma coisa que nós logo fazemos, até adivinhamos seu pensamento. Desse jeito, como é que ele não seria bom para nós? Agora, parem de fazer suas vontades, façam algo ruim para ele, que logo vai se comportar como todos os outros e vai pagar o mal com um mal ainda maior do que fazem os senhores mais cruéis.

E os outros escravos começaram a discutir com Aleb. Discutiram e fizeram uma aposta. Aleb ia se incumbir de irritar o bom senhor. Ficou apostado que, caso não conseguisse irritar o senhor, ele teria de dar sua roupa de festa, mas caso conseguisse, os outros prometeram que lhe dariam suas roupas de festa e, além disso, prometeram defendê-lo do senhor, se mandasse acorrentá-lo, e prometeram libertá-lo, se fosse levado para a prisão. Fizeram a aposta e Aleb prometeu irritar o senhor na manhã seguinte.

Aleb servia ao senhor no curral das ovelhas, cuidava dos carneiros caros, de raça. E então, de manhã, quando o bom senhor chegou ao curral das ovelhas com alguns visitantes e começou a lhes mostrar seus preciosos carneiros de raça, o trabalhador possuído pelo Diabo piscou para seus camaradas:

– Prestem atenção, agora vou deixar o patrão irritado.

Todos os escravos se reuniram, olhavam para o curral das ovelhas através da porteira, mas o Diabo subiu numa árvore e de lá observava o pátio para ver como o trabalhador dele iria servi-lo. O patrão avançava pelo pátio, mostrava as ovelhas e os cordeiros para os visitantes e quis lhes mostrar seu melhor carneiro.

– Os outros também são bons – disse. – Mas aquele com os chifres torcidos não tem preço, ele é mais valioso do que meus olhos.

As ovelhas e os carneiros se movimentavam pelo terreiro, assustados com as pessoas, e os visitantes não conseguiam ver direito o carneiro precioso. Assim que aquele carneiro parava, o trabalhador endiabrado, como se fosse sem querer, assustava uma ovelha e de novo todos os animais se misturavam. Os visitantes não conseguiam observar o carneiro de valor inestimável. Então o senhor se

cansou daquilo. Disse:

– Aleb, meu caro amigo, tenha a bondade de pegar com cuidado o melhor carneiro, o de chifres torcidos, e o segure.

E assim que o patrão disse isso, Aleb pulou para o meio dos carneiros como um leão e agarrou pelo toirão o carneiro precioso. Apanhou-o pelo toirão e, imediatamente, segurando com a mão a perna traseira esquerda do carneiro, ergueu-o bem na frente dos olhos do patrão e deu um puxão tão forte para cima que a perna estalou como uma tira de palha. Aleb quebrou a perna do carneiro precioso abaixo do joelho. O carneiro começou a balir e caiu apoiado nas patas dianteiras. Aleb segurou a perna direita e a perna esquerda estava solta e mole como um chicote. Os visitantes e os escravos exclamaram surpresos e o Diabo se alegrou ao ver como Aleb havia cumprido sua missão com sagacidade. O senhor ficou mais negro do que a noite, franziu o rosto, baixou a cabeça e não disse nenhuma palavra. Os visitantes e os escravos também ficaram calados... Esperaram o que ia acontecer. O patrão ficou calado mais um tempo, depois se sacudiu, como que para tirar algo de si, ergueu a cabeça e olhou para o céu. Contemplou por um tempo, as rugas se alisaram no rosto e ele sorriu. Fitou Aleb e disse:

– Ah, Aleb, Aleb! Seu patrão mandou você me irritar. Mas meu patrão é mais forte do que o seu: e você não me irritou, eu me irrito é com o seu patrão. Você tem medo de que eu o castigue e queria ser livre, Aleb, e então, diante de meus visitantes, eu o liberto. Vá para os quatro lados do mundo, e leve suas roupas de festa.

E o bom senhor foi para casa com seus visitantes. E o Diabo rangeu os dentes, caiu da árvore e afundou-se na terra.

MENINAS SÃO MAIS INTELIGENTES DO QUE VELHOS

Era o início da Semana Santa. Fazia pouco tempo que tinham parado de usar o trenó. Os pátios estavam cheios de neve e, pela aldeia, corriam filetes de água. Uma grande poça tinha escorrido debaixo de um monte de esterco para uma ruazinha entre dois terrenos. Junto dessa poça, encontravam-se duas meninas, uma de cada lado – uma mais jovem, outra mais velha. As mães vestiram as duas com *sarafans*¹ novos. A menor, com um *sarafan* azul, a maior, com um amarelo, com desenhos. As duas tinham xales vermelhos. Depois do almoço, as meninas foram até a poça, mostraram suas roupas uma para a outra e começaram a brincar. E sentiram vontade de mexer na água. A menor foi entrar na poça de sapato, mas a mais velha disse:

– Não vá assim, Malacha, sua mãe vai brigar. Vou tirar o sapato e você também.

As duas ficaram descalças, levantaram a barra da saia e andaram na poça, uma na direção da outra. Malachka entrou até as canelas e disse:

– É fundo, Akuliuchka. Estou com medo.

– Que nada – respondeu a outra. – Não vai ficar mais fundo que isso. Vem reto na minha direção.

Começaram a se aproximar. Akulka disse:

– Malacha, cuidado para não fazer a água espirrar, vai devagarzinho.

Mal disse isso e o pé de Malachka bateu com força na água – que espirrou direto no *sarafan* de Akulka. O *sarafan* ficou respingado, e a água espirrou também no nariz e nos olhos. Akulka viu a mancha no *sarafan*, zangou-se com Malachka, brigou com ela, correu atrás, quis bater. Malachka se assustou, viu o mal que tinha feito, pulou para fora da poça e correu para casa. A mãe de Akulka passou ali, viu o *sarafan* da menina respingado e a blusa manchada.

– Onde foi que você se emporcalhou desse jeito, sua bandida?

– Malachka espirrou água em mim de propósito.

A mãe de Akulka foi atrás de Malachka e lhe deu um cascudo. Malachka saiu pela rua berrando.

Veio a mãe de Malachka.

– Por que bateu na minha filha? – quis tomar satisfação com a vizinha.

Uma disse isso, outra disse aquilo e as mulheres começaram a brigar. Os mujiques vieram ver e uma multidão se formou na rua. Todos gritavam, ninguém escutava o que os outros diziam. Xingavam, xingavam, um bateu no outro, já ia começar uma briga geral, quando chegou uma velha, a avó de Akulka. Foi para o meio dos mujiques, começou a falar:

– O que é isso, minha gente? Logo hoje? É dia de ficar alegre e vocês fazem um pecado desses?

Não escutaram a velha, quase a derrubaram. E ela nunca teria conseguido convencer os outros, se não fossem Akulka e Malachka. Enquanto as mulheres batiam boca, Akulka despiu o *sarafan* e entrou de novo na poça na ruazinha. Pegou uma pedra miúda e começou a escavar a terra junto à poça para a água escorrer para outra rua. Enquanto cavava, Malachka chegou perto, começou a ajudar, também alargou o canal com um pedaço de pedra. Os mujiques tinham começado a brigar, quando a água escorreu no canal aberto pelas meninas e seguiu pela rua e para o riacho. As meninas largaram um pedacinho de pau na água. O pauzinho foi levado para a rua, direto para o lugar onde a velha tentava separar os mujiques. As meninas correram, uma de um lado do riachinho e a outra do outro lado.

– Cuidado, Malacha, cuidado! – gritou Akulka.

Malacha também quis falar alguma coisa, mas não conseguiu, porque estava rindo.

As meninas corriam, rindo do pedacinho de pau e de como ele afundava no riachinho. E foram dar bem no meio dos mujiques. A velha viu as meninas e disse para os mujiques:

– Tenham medo de Deus! Vocês, mujiques, estão brigando por causa dessas meninas, mas elas já esqueceram tudo faz tempo, já estão juntas de novo, no amor, na amizade, estão brincando. São mais inteligentes do que vocês!

Os mujiques olharam para as meninas e sentiram vergonha. Depois começaram a rir de si mesmos e foram para casa.

“Quem não for como as crianças não entrará no reino de Deus.”

UM GRÃO DO TAMANHO DE UM OVO DE GALINHA

Um dia, as crianças acharam num barranco uma coisa do tamanho de um ovo de galinha, mas com um corte no meio e parecida com um grão de cereal. Um homem que passava viu aquela coisa com as crianças, comprou por cinco copeques, levou para a cidade e vendeu para o tsar como uma curiosidade.

O tsar chamou os sábios, mandou que descobrissem o que era aquilo – um ovo ou um grão? Os sábios pensaram, pensaram, e não conseguiram dar uma resposta. A coisa ficou numa janela, uma galinha veio voando, começou a bicar e abriu um furo; todos viram que era um grão. Vieram os sábios, disseram para o tsar:

– Isso é um grão de centeio.

O tsar ficou admirado. Mandou que os sábios descobrissem onde e quando aquele grão tinha nascido. Os sábios pensaram, pensaram, procuraram nos livros e não encontraram nada. Foram falar com o tsar e disseram:

– Não conseguimos dar uma resposta. Em nossos livros, não há nada escrito sobre isso; é preciso

perguntar aos mujiques se ouviram os mais velhos falar quando e onde cresceram grãos como esse.

O tsar mandou que chamassem o mais velho dos velhos mujiques para falar com ele. Procuraram o mais velho dos velhos mujiques e o levaram para falar com o tsar. O velho chegou, verde, desdentado, andava a muito custo, apoiado em duas muletas.

O tsar lhe mostrou o grão, mas o velho já não enxergava direito; metade enxergava, metade apalpava com as mãos.

O tsar perguntou:

– Vovô, não sabe onde crescem grãos como esse? Na sua lavoura já semearam e colheram um cereal como esse ou alguma vez na vida já comprou um grão como esse, e onde foi?

O velho estava surdo, só escutava com muito esforço, e só com muito esforço entendia. Começou a dar uma resposta:

– Não – disse –, na minha lavoura não semearam um grão como esse, também não colhi, nem comprei. Quando comprava cereal, eram todos grãozinhos miúdos. Vou ter de perguntar ao meu paizinho: talvez ele tenha ouvido falar onde nasciam grãos feito esse.

O tsar mandou que encontrassem o pai do velho e o levassem à sua presença. Encontraram o pai do velho e levaram ao tsar. O velho mais velho chegou de muleta. O tsar lhe mostrou o grão. O velho ainda enxergava e observou bem. O tsar começou a perguntar:

– Não sabe, velho, onde crescem grãos como esse? Na sua lavoura não semearam e colheram um cereal como esse ou alguma vez na vida já comprou um grão como esse, e onde foi?

Embora tivesse a audição ruim, o velho ouvia melhor do que o filho.

– Não – respondeu. – Na minha lavoura não semeei um grão como esse, também não colhi. E também não comprei, porque no meu tempo ainda não existia dinheiro. Todo mundo se alimentava com seu próprio cereal e, quando havia necessidade, todo mundo dividia com os outros. Não sei onde crescem grãos como esse. Embora nosso grão fosse mais graúdo e mais forte do que os de hoje em dia, um grão assim eu nunca vi. Eu ouvia o papai falar que no tempo dele o cereal era melhor do que o nosso, mais graúdo e mais forte. Vai ter de perguntar para ele.

O tsar mandou chamar o pai do velho. Acharam o vovô, levaram para o tsar. O velho entrou sem muletas; andava ligeiro; tinha os olhos brihantes, ouvia bem e falava claro. O tsar mostrou o grão ao vovô. O vovô deu uma olhada, rodou o grão para um lado e para outro.

– Fazia muito tempo que eu não via um cerealzinho antigo – disse.

Deu uma mordida, provou o grão.

– É ele mesmo – disse.

– Diga, vovô, onde e quando cresciam grãos como esse? Na sua lavoura, semeavam ou colhiam grãos como esse ou alguma vez na vida já comprou algum, e onde foi?

O velho respondeu:

– No meu tempo, o cereal era assim em toda parte. No meu tempo, com esse cereal eu me alimentava e alimentava os outros. Eu semeava esse grão, era o grão que eu colhia, era o grão que eu debulhava.

E o tsar perguntou:

– Diga, vovô: você comprava esse grão em algum lugar ou você mesmo semeava na sua lavoura?

O velho deu uma risada.

– No meu tempo, ninguém nem pensava num pecado desses, vender o cereal, comprar, e a gente nem sabia o que era o dinheiro: tinha cereal à vontade, para todo mundo.

E o rei perguntou:

– Então me diga, vovô: onde você semeava esse grão, onde ficava sua terra?

E o vovô disse:

– Minha terra era a terra de Deus: onde eu arava era a minha lavoura. A terra era livre. A gente

não chamava a terra de minha. Só o trabalho a gente chamava de meu.

– Diga-me – continuou o tsar –, ainda quero saber duas coisas: uma é por que antigamente cresciam grãos como esse e hoje não crescem mais; a outra é por que seu neto anda com duas muletas, seu filho, com uma muleta e você anda sem esforço nenhum; seus olhos são brilhantes, os dentes são fortes e sua fala é clara e agradável. Diga-me, vovô: por que aconteceram essas duas coisas?

E o velho respondeu:

– As duas coisas aconteceram porque as pessoas pararam de viver do próprio trabalho, passaram a cobiçar o que é dos outros. No tempo antigo, não viviam desse jeito: no tempo antigo, viviam como Deus quer; tinham o que era seu e não queriam o que é dos outros.

DE QUANTA TERRA PRECISA UM HOMEM

I

A irmã mais velha saiu da cidade e foi para o campo, visitar a irmã mais nova. A mais velha era casada com um comerciante na cidade e a mais nova, com um mujique, no campo. As irmãs estavam tomando chá, conversavam. A mais velha começou a se gabar, contar vantagem de sua vida na cidade: na cidade ela vivia e andava com mais limpeza e mais conforto, vestia bem os filhos, comia e bebia que era uma beleza e saía para passeios e festas e para ir ao teatro.

A irmã mais nova começou a sentir-se ofendida e passou a falar mal da vida da mulher do comerciante e a elogiar sua vida de camponesa.

– Eu não troco minha vida pela sua – disse ela. – Embora a vida da gente seja parada, a gente não sabe o que é o medo. Vocês vivem mais arrumados, ganham muito, mas podem ir à ruína de uma hora para outra. Como diz o provérbio: “O prejuízo é o irmão mais velho do lucro”. E acontece de gente que num dia é rica ter de pedir esmola no outro dia. E nossa vida de mujique é mais justa: a vida do mujique é modesta, mas é longa, não vamos ficar ricos, mas sempre vamos ter o que comer.

A irmã mais velha disse:

– Comer? Junto com os porcos e os bezerros! Sem roupas boas nem boas maneiras! Por mais que seu marido se mate de trabalhar, vai passar a vida toda num monte de esterco e vai morrer assim, e com os filhos vai ser a mesma coisa.

– E o que é que tem? – respondeu a mais jovem. – Nosso trabalho é assim. Em compensação, vivemos com segurança, não nos curvamos diante de ninguém, não temos medo de ninguém. Já vocês, na cidade, vivem rodeados por tentações; hoje, está tudo bem, mas amanhã o Diabo aparece, olha e vai tentar seu marido com o baralho, com a bebida ou com alguma dona bonita. E tudo vai à ruína. Vai dizer que isso não acontece?

Deitado em cima da estufa, Pakhom, o dono da casa, ouvia o que as mulheres diziam.

– Isso é a pura verdade – disse ele. – Como a gente, desde criança, fica lavrando a terra, essas doidices não entram na nossa cabeça. Só uma coisa é ruim: a terra é pouca! Se tivesse terra à vontade, eu não tinha medo de ninguém, nem do Diabo!

As mulheres terminaram de beber o chá, ficaram falando ainda sobre roupas, tiraram as louças da mesa, foram dormir.

Mas o Diabo estava sentado no alto da estufa e ouviu tudo. Alegrou-se porque a mulher camponesa

levou o marido a se gabar: disse que se tivesse bastante terra não teria medo nem do Diabo.

“Muito bem”, pensou, “vamos medir nossas forças: vou lhe dar muita terra. E, pela terra, vou levar você comigo.”

II

Perto dos mujiques, morava uma pequena proprietária de terras. Tinha cento e vinte *dessiatinas* de terra. Antigamente, vivia em paz com os mujiques, não ofendia ninguém. Mas um soldado da reserva foi trabalhar para ela como administrador e passou a oprimir os mujiques com multas. Por mais que Pakhom tomasse cuidado, ou um cavalo fugia para a plantação de aveia, ou uma vaca entrava no jardim, ou um bezerro escapava para o pasto – e tudo tinha multa.

Pakhom pagava, mas brigava com as pessoas de sua casa e batia nelas. E por causa do administrador, Pakhom cometeu muitos pecados naquele verão. Ficou até contente quando chegou o tempo de manter o gado no curral: a comida era pouca, mas pelo menos ele não precisava ter medo.

No inverno, correu o boato de que a patroa ia vender a terra e que o dono de uma estalagem à beira da estrada principal pretendia comprar. Os mujiques ouviram o boato e suspiravam. “Puxa”, pensavam, “se o estalajadeiro ficar com a terra, vai aplicar multas piores do que as da patroa. Não podemos viver sem esta terra, dependemos dela.” Os mujiques foram falar com a patroa, em nome da comuna, pediram que não vendesse a terra para o estalajadeiro e desse para eles. Prometeram pagar caro. A patroa concordou. Os mujiques começaram a se organizar para comprar a terra toda em comum, para a comuna; se reuniram duas vezes e não conseguiram resolver a questão. O Diabo lançava a discórdia entre eles e assim não conseguiam entrar num acordo. E os mujiques decidiram comprar em separado, cada um com o que tinha. A patroa também concordou. Pakhom soube que um vizinho tinha comprado vinte *dessiatinas* da patroa e que ela aceitara receber a metade do valor à vista e o resto em prestações por um ano. Pakhom sentiu inveja: “Estão comprando a terra toda”, pensou, “não vai sobrar nada para mim”. Foi pedir conselho à esposa.

– As pessoas estão comprando – disse. – A gente precisa comprar umas dez *dessiatinas* de terra. Senão a gente não vai ter como viver: o administrador não vai dar sossego com as multas.

Ficaram pensando num jeito de comprar. Tinham cem rublos guardados, venderam um potro e metade das abelhas, arranjaram um emprego para o filho, pediram um empréstimo ao cunhado e assim conseguiram reunir metade do dinheiro.

Pakhom juntou o dinheiro e escolheu a terra, quinze *dessiatinas* com uma parte de floresta, e foi negociar com a patroa. Fecharam o negócio das quinze *dessiatinas*, apertaram as mãos e ele pagou a entrada. Foram à cidade, assinaram os documentos da compra, Pakhom deu metade do valor e ficou de pagar o resto em dois anos.

E Pakhom ficou com a terra. Pegou sementes emprestadas, semeou a terra comprada; brotaram bem. Num ano, terminou de pagar a dívida com a patroa e com o cunhado. E Pakhom virou um senhor de terras: lavrava e semeava sua terra, ceifava o feno na sua terra, cortava lenha na sua terra e alimentava o gado na sua terra. Pakhom saía por sua terra para lavrar ou para ver a brotação e o pasto e sua alegria não tinha fim. Parecia que nela o capim crescia como em nenhum outro lugar e as flores desabrochavam como ele nunca tinha visto. Antigamente, passava por aquela terra e a terra era como a terra, mas agora a terra tinha ficado muito diferente.

III

Assim vivia Pakhom e se alegrava. Tudo corria bem, só que os mujiques começaram a invadir o pasto e pegar os cereais de Pakhom. Ele pediu com educação, mas os mujiques não sossegavam: ora os pastores soltavam as vacas no pasto, ora os cavalos fugiam de noite para a plantação de cereais. E Pakhom enxotava, perdoava, não denunciava na Justiça, depois acabou se aborrecendo, passou a dar queixa no tribunal do distrito. E sabia que os mujiques faziam aquilo por necessidade e não de propósito, mas pensava: “Não se pode relaxar, senão vão destruir tudo. É preciso dar uma lição”.

E assim lhes deu uma lição no tribunal, e deu outra, multaram um, depois outro. Os mujiques vizinhos de Pakhom começaram a ficar com raiva dele; passaram a soltar os animais em suas terras de propósito. Teve um que, à noite, entrou na sua mata e cortou dez tílias para tirar a casca. Pakhom passou pela mata, viu uma coisa branca. Chegou perto, viu os troncos pelados caídos e os cepos cortados. Se pelo menos tivesse cortado um arbusto aqui e outro mais longe, mas o bandido cortou toda uma fileira. Pakhom se enraiveceu: “Ah, se eu pegar quem fez isso, ele vai pagar caro”. Ficou pensando e pensando em quem seria: “Mais que ninguém, deve ser o Semion”. Foi procurar na casa do Semion, não achou nada, e houve uma discussão. Pakhom ficou ainda mais convencido de que tinha sido o Semion. Deu queixa na Justiça. O tribunal convocou. Julgaram daqui e dali e deram razão ao mujique: não havia prova. Pakhom ficou ainda mais enraivecido; discutiu com os juízes e com o policial.

– Vocês – disse ele – estendem a mão para os ladrões. Se vivessem conforme a Justiça, não dariam razão aos ladrões.

Pakhom brigou com os juízes e com os vizinhos. Começaram a se ouvir ameaças de que iam incendiar sua casa. Pakhom passou a viver com mais largueza na terra, mas com mais opressão na comunidade.

Então correu o boato de que o povo ia partir para uma terra nova. E Pakhom pensou: “Não tenho razão para sair de minha terra e também, se muitos dos nossos forem embora, vamos ter mais terra. Posso tomar a terra deles, pegar para mim; a vida vai ficar melhor. Do jeito que está, ainda sinto que tenho pouco espaço”.

Certo dia, Pakhom estava em casa e chegou um mujique em viagem. Deixaram o mujique pernoitar, lhe deram comida, conversaram. De onde Deus o trazia? O mujique disse que vinha de longe, do outro lado do Volga, onde estava trabalhando. Conversa vai, conversa vem, o mujique contou que o povo estava indo morar lá. Disse:

– Foram morar lá, formaram uma comuna e ganharam dez *dessiatinas* de terra por pessoa. E a terra é ótima – disse –, o centeio cresce tão alto que lá dentro nem dá para ver um cavalo e é tão grosso que cinco talos formam um feixe. Tinha um mujique muito pobre, chegou de mãos vazias e agora tem seis cavalos e duas vacas.

O coração de Pakhom se inflamou. Pensou: “Para que viver aqui na miséria, sem espaço, se é possível viver bem? Vou vender a terra e a casa; com esse dinheiro, vou para lá e construo um negócio todo novo. Aqui, nesta falta de espaço, só tem aborrecimento. Só que antes eu preciso ir ver pessoalmente como são as coisas por lá”.

No verão, preparou-se e viajou. Navegou rio abaixo pelo Volga até Samara num barco a vapor, depois percorreu quatrocentas verstas a pé. Chegou ao lugar. Tudo era exatamente como tinham dito. Os mujiques viviam com conforto, cada um tinha dez verstas de terra, e tinham ainda mais terras na comuna. E se alguém tivesse dinheiro, arrendava por três rublos uma terra de primeira, quanto quisesse, exceto a terra comum; podia arrendar quanto quisesse!

Pakhom recolheu todas as informações, voltou para casa no outono, começou a vender tudo. Vendeu a terra com lucro, vendeu sua casa, vendeu todo o gado, retirou-se da comuna, esperou a primavera e partiu com a família para as terras novas.

Pakhom chegou às terras novas com a família, inscreveu-se na comuna de uma aldeia grande. Pagou bebida para os chefes, conseguiu todos os documentos. Receberam Pakhom, separaram terras da comuna para as cinco pessoas de sua família, cinquenta *dessiatinas* em campos separados, além do pasto comum. Pakhom construiu, comprou gado. Só de terra da comuna, tinha três vezes mais do que antes. E a terra era excelente. Em comparação com a vida de antes, a de agora era dez vezes melhor. Para a lavoura e para a forragem, havia terra à vontade. E quanto gado quisesse.

De início, enquanto construía e se instalava, Pakhom achou tudo bom, mas depois se acostumou e naquela terra também achou que tinha pouco espaço. No primeiro ano, semeou trigo na terra comum, e cresceu bem. Queria semear mais trigo, porém a terra comum era pouca. E a que havia não servia. Lá, só semeiam trigo em terra virgem ou em terra que ficou em descanso. Semeiam um ou dois anos e depois deixam a terra descansar, até o mato crescer. Muita gente queria usar aquelas terras, mas não dava para todos. Por isso também havia discussões: os mais ricos queriam semear eles mesmos, os mais pobres queriam arrendar a terra para os comerciantes, para pagarem os impostos que deviam. Pakhom queria semear mais. No ano seguinte foi falar com o negociante, arrendou terra por um ano. Semeou mais, cresceu bem; mas ficava longe da aldeia: era preciso transportar por quinze verstas. Viu que, nos arredores, mujiques negociantes viviam em fazendas próprias, enriqueciam. “Seria outra coisa”, pensou Pakhom, “se eu também comprasse uma terra minha em definitivo e construísse uma fazenda. Tudo ficaria bem perto.” E Pakhom começou a pensar num jeito de comprar terra para si em definitivo.

Assim viveu Pakhom por três anos. Arrendava uma terra, semeava trigo. Os anos passaram bem, o trigo crescia bem e o dinheiro ia se amontoando. Viver ele vivia, mas Pakhom achava maçante todo ano ter de arrendar terras das pessoas, sair atrás de mais terra: onde houvesse uma terrazinha boa, os mujiques logo avançavam, tomavam tudo; se ele não corresse e arrendasse logo, não tinha onde semear. Assim, ele e o negociante arrendaram juntos, por três anos, uma pastagem de uns mujiques; e já tinha arado a terra quando os mujiques deram queixa na Justiça e o trabalho foi perdido. “Se a terra fosse minha”, pensou, “eu não tinha de me curvar para ninguém e não havia aborrecimento.”

E Pakhom começou a imaginar onde comprar terra para si em definitivo. Achou um mujique. Tinha comprado quinhentas *dessiatinas* de terra, mas se meteu em dificuldades e agora estava vendendo barato. Pakhom começou a negociar com ele. Conversou, conversou, fechou o negócio por mil e quinhentos rublos, metade à vista e metade em prestações. Tudo já estava quase acertado, mas um negociante em viagem apareceu na casa de Pakhom para alimentar seus cavalos. Tomaram chá, conversaram. O negociante contou que estava vindo das distantes terras dos baskires. Lá, contou ele, tinha comprado dos baskires cinco mil *dessiatinas* de terra. E tudo aquilo só por mil rublos. Pakhom começou a fazer perguntas. O negociante explicou:

– É só ficar amigo dos chefes. Distribuí umas mantas, uns tapetes, uns cem rublos, uma caixa de chá, e dei vinho para os que bebiam. E comprei a terra por vinte copeques a *dessiatina*. – Mostrou o documento. – A terra fica junto ao rio e o prado é todo de terra virgem.

Pakhom fez mais perguntas.

– As terras lá – respondeu o negociante – são tantas que a gente não percorre nem andando durante um ano: tudo é dos baskires. É um povo ingênuo, como carneirinhos. A gente pode comprar por quase nada.

E Pakhom pensou: “Bem, para que vou gastar meus mil rublos para comprar quinhentas *dessiatinas* de terra e ainda ficar com uma dívida, se lá, por mil rublos, posso me apoderar do que quiser?”.

Pakhom perguntou como chegar lá e, assim que o negociante foi embora, preparou-se para a viagem. Deixou a casa por conta da esposa e partiu com um empregado. Foram para a cidade, compraram chá, presentes, vinho – tudo o que o negociante tinha falado. Viajaram, viajaram, percorreram quinhentas versts. Depois de sete dias, chegaram ao acampamento dos baskires. Tudo era como o negociante havia contado. Todos viviam na estepe, junto ao riacho, em barracas de feltro. Não semeavam a terra e não comiam trigo. O gado andava solto na estepe e também as manadas de cavalos. Os potros ficavam amarrados atrás das barracas, duas vezes por dia levavam as éguas para junto deles; tiravam o leite das éguas e com o leite faziam *kumis*. As mulheres sacudiam o *kumis* e faziam queijo e os mujiques só queriam saber de beber *kumis* e chá, comer carne de carneiro e tocar flauta. Todos eram alegres e tranquilos, passavam o verão inteiro em festa. O povo era todo moreno e não sabiam falar russo, mas eram amigáveis.

Assim que viram Pakhom, os baskires saíram das barracas e rodearam o visitante. Acharam um intérprete. Pakhom disse que tinha vindo em busca de terras. Os baskires se alegraram, pegaram Pakhom, levaram para uma barraca bonita, sentaram-no em tapetes, puseram embaixo dele almofadas macias, sentaram-se num círculo, começaram a servir chá e *kumis*. Mataram um carneiro e comeram carne de carneiro. Pakhom pegou os presentes na carroça e começou a distribuir para os baskires. Pakhom deu os presentes aos baskires, dividiu o chá. Os baskires ficaram contentes. Conversaram e conversaram entre si, depois mandaram o intérprete explicar.

– Mandam dizer para você – explicou o intérprete – que gostaram de você e que temos o costume de fazer todas as vontades de um visitante e recompensar os presentes. Você nos presenteou; agora diga o que gostaria de ganhar de presente de nós.

– Mais do que tudo, eu gostaria de ganhar terra – respondeu Pakhom. – Lá de onde eu venho, a terra é pouca e cansada e aqui vocês têm muita terra, e a terra é boa. Nunca vi outra igual.

O intérprete traduziu. Os baskires conversaram e conversaram. Pakhom não entendia o que diziam, mas viu que ficaram alegres, gritavam alguma coisa, riam. Depois ficaram calados, olharam para Pakhom e o intérprete disse:

– Mandaram dizer para você que, em troca de sua bondade, vão lhe dar quanta terra quiser. É só apontar com a mão e a terra será sua.

Falaram mais alguma coisa e começaram a discutir. E Pakhom perguntou o que estavam discutindo. O intérprete respondeu:

– Dizem que é preciso perguntar ao chefe a respeito da terra e que sem ele não se pode fazer nada. Outros dizem que podem fazer isso sem ele.

VI

Os baskires discutiam, de repente apareceu um homem com chapéu de pelo de raposa. Todos ficaram calados e se puseram de pé. O intérprete disse:

– Esse é o próprio chefe.

Pakhom logo pegou a melhor manta que tinha trazido e mais umas libras de chá e deu para o chefe. O chefe aceitou e sentou no melhor lugar. Logo os baskires começaram a falar com ele. O velho escutou por muito tempo, inclinou a cabeça para que se calassem e começou a falar com Pakhom em russo.

– Está certo, é possível – disse ele. – Escolha onde quiser. Tem muita terra.

“Como vou pegar quanta terra eu quiser?”, pensou Pakhom. “É preciso ter um documento. Senão dizem uma coisa agora e depois tomam de volta.”

– Muito obrigado – disse – por suas boas palavras. Afinal, vocês têm muita terra; e eu não preciso

de muita. Só que eu gostaria de saber qual terra será minha. É preciso medir de algum jeito e fazer um documento para mim. Deus manda na vida e na morte. Vocês, boas pessoas, me dão a terra, mas depois seus filhos podem tomar de volta.

– É verdade – disse o chefe –, podemos fazer um documento.

Pakhom disse:

– Eu soube que um negociante esteve aqui. Vocês também lhe deram terras e fizeram um documento; podiam fazer a mesma coisa para mim.

O chefe entendeu tudo.

– Tudo isso é possível – respondeu. – Temos um escrivão e aí vamos à cidade e deixamos tudo por escrito.

– E qual será o preço? – perguntou Pakhom.

– Nosso preço é um só: mil rublos por dia.

Pakhom não entendeu.

– Como assim, por dia, que medida é essa? Quantas *dessiatinas* vão ser?

– Não sabemos contar isso – respondeu. – Nós vendemos por dia; quanto puder contornar a pé num dia é seu, e o preço é mil rublos por dia.

Pakhom ficou admirado.

– Mas num dia é possível contornar muita terra – disse.

O chefe riu.

– Pois é toda sua! – disse. – Só tem uma condição; se num dia você não conseguir voltar ao lugar de onde partiu, você vai perder seu dinheiro.

– Mas como é que vou marcar o caminho?

– Vamos ficar no lugar que lhe agrada, vamos ficar parados enquanto você vai andar e dar toda a volta; vai levar uma pá, onde quiser, faça uma marca, nas curvas cave um buraco, faça um montinho com torrões de terra e depois nós vamos percorrer todos esses buracos com um arado. Pode dar a volta que quiser, só que até o pôr do sol tem de chegar ao lugar de onde partiu. O que contornar, é tudo seu.

Pakhom se alegrou. Resolveram sair cedo. Conversaram um pouco, beberam mais *kumis*, comeram carne de carneiro, serviram mais chá; chegou a noite. Puseram Pakhom para dormir num colchão de penas e os baskires se dispersaram à noite. Prometeram reunir-se no dia seguinte de madrugada e partir a cavalo para o local escolhido antes de o sol nascer.

VII

Pakhom deitou-se no colchão de penas e não conseguiu dormir, não parava de pensar na terra. “Vou marcar uma grande extensão”, pensou. “Vou contornar cinquenta verstas num dia. Agora o dia dura a vida toda; em cinquenta verstas, vai ter muita terra. A que for pior eu vendo ou dou para os mujiques, a que for melhor eu mesmo pego para plantar. Contrato dois bois para puxar o arado, emprego dois trabalhadores; vou lavrar umas cinquenta *dessiatinas* e o resto deixo para o gado pastar.”

Pakhom passou a noite sem dormir. Só adormeceu pouco antes da alvorada. Assim que dormiu, teve um sonho. Viu que estava deitado naquela mesma barraca e ouviu alguém dando gargalhadas lá fora. Quis ver quem ria daquele jeito, levantou-se, saiu da barraca e viu: o mesmo chefe baskir estava sentado na frente de uma barraca, segurava a barriga com as mãos, se sacudia e gargalhava, rindo de alguma coisa. Pakhom se aproximou e perguntou:

– Do que está rindo? – E viu que não era o chefe dos baskires, mas sim o negociante que tinha aparecido em sua casa e falado sobre as terras dos baskires. E assim que Pakhom perguntou ao

negociante: – Você está aqui há muito tempo? –, viu que já não era mais o negociante e sim o mesmo mujique que, muito tempo antes, tinha chegado de além do Vólga. E Pakhom viu que não era mais o mujique, e sim o próprio Diabo, com chifres e cascos, que estava sentado ali e ria, e que diante dele estava deitado um homem descalço, só de camisa e calça. E Pakhom quis olhar com mais atenção para ver quem era aquele homem. E viu que era um homem morto e que era ele mesmo. Pakhom se horrorizou e teve um sobressalto. Acordou. “A gente sonha cada coisa”, pensou. Olhou em volta; viu pela porta aberta que o céu já estava branco, começava a clarear. “Tenho de acordar o povo”, pensou, “está na hora de partir.” Pakhom levantou-se, acordou seu empregado na carroça, mandou atrelar os cavalos e foi acordar os baskires.

– Está na hora de ir para a estepe – disse – e tirar as medidas.

Os baskires acordaram e se juntaram todos, e veio também o chefe. Os baskires começaram de novo a beber *kumis*, quiseram oferecer chá para Pakhom, mas ele não queria perder tempo.

– Está na hora de ir – disse –, está na hora.

VIII

Os baskires se reuniram e partiram, uns a cavalo, outros em carroças. E Pakhom e seu empregado foram em sua carroça, levando uma pá. Chegaram à estepe, a alvorada começava a brilhar. Foram para uma colina, *xikhan*, na língua dos baskires. Desceram das carroças, desmontaram dos cavalos, se reuniram num círculo. O chefe chegou perto de Pakhom e estendeu a mão.

– Olhe, é toda sua – disse –, tudo o que o olho alcança. Escolha o que quiser.

Os olhos de Pakhom se iluminaram: tudo era terra virgem, plana como a palma da mão, preta como semente de papoula, e nos vales mais fundos o capim chegava à altura do peito.

O chefe tirou o chapéu de pelo de raposa, colocou sobre a terra.

– Olhe – disse –, esta vai ser a marca. A partir daqui, vá até onde puder. O que contornar será tudo seu.

Pakhom pegou o dinheiro, colocou dentro do chapéu, tirou o caftã, ficou só de casaco, reapertou o cinto abaixo da barriga, pendurou no peito um saco com pão, prendeu na cintura um cantil com água, apertou o cano das botas, pegou a pá com seu empregado e se preparou para ir. Pensou, pensou, que direção ia tomar – para qualquer lado era bom. Pensou: “Tanto faz, vou na direção do nascer do sol”. Voltou o rosto para o sol, espreguiçou-se, esperou que o sol aparecesse no horizonte. Pensou: “Não vou perder tempo. No frio, é mais fácil andar”. Assim que o sol surgiu no horizonte, Pakhom pôs a pá sobre o ombro e foi para a estepe.

Pakhom não andava depressa nem devagar. Percorreu uma versta; parou, cavou um buraco e empilhou torrões de terra para servir de marco. Foi em frente. Começou a relaxar, começou a alargar as passadas. Distanciou-se mais, cavou mais um buraco.

Pakhom olhou para trás. Sob o sol, via-se bem o *xikhan*, as pessoas de pé, e os aros das rodas das carroças brilhavam. Pakhom calculou que tinha percorrido cinco verstas. Começou a esquentar, tirou o casaco, jogou no ombro, seguiu em frente. Avançou mais cinco verstas. Fazia calor. Olhou para o sol – já estava na hora de comer.

“Passou a primeira das quatro partes do dia”, pensou Pakhom. “É cedo para voltar. Vou ficar descalço.” Sentou-se, ficou descalço, amarrou as botas na cintura, seguiu em frente. Ficou mais fácil andar. Pensou: “Vou andar mais umas cinco verstas, aí vou virar à esquerda. Aquele lugar lá é muito bom, dá pena largar. Quanto mais longe, melhor é a terra”. Continuou a andar para a frente. Olhou para trás: o *xikhan* estava quase fora de vista e as pessoas pareciam formigas, como pontinhos pretos, e algo brilhava

muito de leve.

“Bem”, pensou Pakhom, “para este lado já peguei bastante; tenho de dar a volta. Já estou todo suado, tenho sede.” Parou, cavou mais um buraco, fez um montinho com torrões de terra, desamarrou o cantil, bebeu e fez a curva para a esquerda. Andou, andou, o capim ficou mais alto e o calor aumentou.

Pakhom começou a se cansar; olhou um pouco para o sol, viu: hora do almoço. “Bem”, pensou, “tenho de descansar.” Pakhom parou, sentou-se. Comeu pão com água, mas não se deitou; pensou: “Se deitar, pego no sono”. Ficou um pouco sentado, continuou a andar. No início, andou ligeiro. A comida lhe deu força. Mas logo o calor aumentou muito e o sono pesava; no entanto não parava de andar e pensava: uma hora de sofrimento, cem anos de vida.

Ainda avançou muito naquela direção, quis fazer outra curva para a esquerda, mas olhou – um pequeno vale úmido; dava pena deixar aquilo para trás. Pensou: “Ali, o linho vai crescer bem”. Seguiu reto de novo. Apossou-se do pequeno vale, cavou um buraco no fim do vale, fez outra curva. Pakhom olhou para trás, para o *xikhan*: o calor nublava a visão, algo ondulava no ar e, através da névoa, quase não se viam as pessoas sobre o *xikhan* – até lá, dava umas quinze verstas. “Puxa”, pensou Pakhom, “peguei dois lados bem compridos, tenho de encurtar o próximo.” Seguiu pelo terceiro lado, começou a aumentar as passadas. Olhou para o sol – já se aproximava a hora do lanche e ele tinha percorrido ao todo duas verstas do terceiro lado. E faltavam as mesmas quinze verstas até o ponto de chegada. “Não”, pensou, “apesar de minha terra ficar enviesada, tenho de voltar depressa e em linha reta. Senão vou longe demais. E já estou com terra bastante.” Pakhom cavou um buraco depressa e voltou direto para o *xikhan*.

IX

Pakhom seguiu em linha reta para o *xikhan* e já tinha dificuldade para andar. Estava coberto de suor, os pés descalços estavam cortados e doloridos e as pernas começavam a fraquejar. Tinha vontade de descansar, mas não podia – precisava andar ligeiro para chegar antes do crepúsculo. O sol não esperava e baixava cada vez mais. “Ah”, pensou, “será que me enganei, será que peguei terra demais? O que vai acontecer se eu não conseguir chegar a tempo?” Olhou de relance para a frente, na direção do *xikhan*, olhou para o sol: o local de chegada estava longe e o sol já estava perto do horizonte.

Assim, Pakhom andava com dificuldade e não parava de alargar as passadas. Andou, andou – continuava longe; começou a correr. Largou o casaco, as botas, o cantil, largou o chapéu, só ficou segurando a pá, na qual se apoiava. “Ah”, pensou, “cobicei demais, perdi tudo, não vou chegar a tempo.” E com o medo, sua respiração ficou ainda mais difícil. Pakhom corria, a camisa e a calça suadas se colavam ao corpo, a boca estava seca. O peito arquejava como um fole de ferreiro, o coração batia como um martelo e as pernas pareciam não ser suas – arqueavam. Pakhom ficou apavorado; pensou: “Vou acabar morrendo de tanto esforço”.

Tinha medo de morrer, mas não podia parar. “Se parar agora depois de correr tanto”, pensou, “vão me chamar de imbecil.” Correu, correu, já estava mais perto e ouviu: os baskires assoviavam, berravam, e seus gritos inflamaram ainda mais o coração de Pakhom. Ele correu com suas últimas forças e o sol já se aproximava do horizonte, se escondia atrás de uma nuvem; ficou grande, vermelho, sangrento. Agora começava a se pôr. O sol estava próximo e o ponto de partida não estava distante. Pakhom viu que o povo sobre o *xikhan* acenava para ele com as mãos, o incentivava. Viu o chapéu de pelo de raposa sobre a terra e viu o dinheiro dentro dele; viu também o chefe, viu que estava sentado na terra, as mãos sobre a pança. E Pakhom lembrou-se do sonho. “Terra, tenho muita”, pensou, “mas será que Deus vai permitir que eu viva nela? Ah, eu me matei, não vou chegar lá.”

Pakhom olhou de relance para o sol e ele já havia tocado na terra, já tinha começado a sumir atrás

do horizonte, que cortava o sol em forma de arco. Pakhom recorreu a suas últimas energias, inclinou o corpo para a frente, só a muito custo conseguia equilibrar-se nas pernas e não cair. Pakhom corria para o *xikhan*, de repente tudo ficou escuro. Olhou – o sol tinha se posto. Pakhom suspirou. “Meu esforço foi em vão”, pensou. Quis parar, mas ouviu que todos os baskires gritavam e lembrou-se de que, de baixo, lhe parecia que o sol tinha se posto, mas visto de cima do *xikhan*, o sol ainda não baixara de todo. Pakhom respirou fundo, correu subindo o *xikhan*. No *xikhan*, ainda estava claro. Pakhom subiu correndo, viu o chapéu. O chefe estava sentado na frente do chapéu, gargalhava, as mãos seguravam a pança. Pakhom lembrou-se do sonho, suspirou, as pernas se dobraram e ele tombou para a frente, segurando o chapéu com as mãos.

– Ah, muito bem! – exclamou o chefe. – Pegou muita terra!

O empregado de Pakhom veio correndo, quis levantá-lo, mas estava saindo sangue de sua boca e ele jazia morto.

Os baskires estalaram a língua, para exprimir pena.

O empregado pegou a pá, cavou uma cova para Pakhom, exatamente o espaço que ocupava dos pés à cabeça – três *archin* – e o enterrou.

O PECADOR ARREPENDIDO

E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com Teu reino”. Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.

Lucas, XXIII, 42-43

Vivia no mundo um homem de setenta anos que passara a vida toda em pecados. Esse homem adoeceu e não se arrependeu. E quando a morte chegou, na última hora, ele começou a chorar e disse:

– Senhor! Perdoe-me, como fez com o ladrão na cruz!

Mal teve tempo de dizer isso e sua alma deixou o corpo. E a alma do pecador amava Deus, acreditava em Sua misericórdia e chegou aos portões do Paraíso.

E o pecador começou a bater e a pedir para entrar no reino dos céus.

E ouviu uma voz por trás da porta:

– Quem é o homem que bate na porta do Paraíso? E que ações praticou esse homem em sua vida?

E a voz do acusador respondeu e enumerou todos os atos de pecado daquele homem e não mencionou nenhuma boa ação.

E a voz atrás da porta respondeu:

– Os pecadores não podem entrar no reino dos céus. Vá embora daqui.

E o homem disse:

– Senhor! Escuto sua voz, mas não vejo seu rosto e não sei seu nome.

E a voz respondeu:

– Eu sou Pedro, o apóstolo.

E o pecador disse:

– Tenha piedade de mim, Pedro, apóstolo, lembre a fraqueza humana e a misericórdia divina. Não foi você discípulo de Cristo, não ouviu Seus ensinamentos e não viu o exemplo de vida Dele? E lembre

quando Ele ficou angustiado, com a alma aflita, e pediu três vezes a você que não dormisse, mas rezasse, e você dormiu, porque seus olhos estavam pesados, e três vezes ele surpreendeu você dormindo. Assim também sou eu.

“Lembre também que você mesmo prometeu não renegar Cristo até a morte, mas o renegou três vezes, quando O levaram para Caifás. Assim também sou eu.

“E lembre ainda como o galo cantou e você fugiu e chorou amargamente. Assim também sou eu. Você não pode me impedir de entrar.”

E a voz calou-se atrás dos portões do Paraíso.

Depois de um tempo, o pecador começou a bater de novo na porta e a pedir para entrar no reino dos céus.

E ouviu-se outra voz por trás da porta, que disse:

– Quem é esse homem? E como viveu no mundo?

E a voz do acusador respondeu e de novo repetiu todas as más ações do pecador e não mencionou nenhuma boa ação.

E a voz atrás da porta respondeu:

– Vá embora daqui: pecadores assim não podem viver conosco no Paraíso.

E o pecador disse:

– Senhor, ouço sua voz, mas não vejo seu rosto e não sei seu nome.

E a voz lhe disse:

– Sou o rei e o profeta Davi.

E o pecador não se intimidou, não se afastou dos portões do Paraíso e começou a falar:

– Tenha piedade de mim, rei Davi, lembre a fraqueza humana e a misericórdia divina. Deus amou você e o exaltou perante os povos. Você tinha tudo, reino, glória, riqueza, esposas, filhos, mas do terraço você viu a esposa de um homem pobre e o pecado tomou conta de você, e você tomou para si a esposa de Urias e matou-o com a espada dos amonitas. Você, rico, tomou a última ovelhinha de um pobre e matou-o. O mesmo fiz eu.

“E lembre que depois você se arrependeu e disse: ‘Reconheço minha culpa e me arrependo de meu pecado’. Assim também sou eu. Você não pode me impedir de entrar.”

E a voz atrás dos portões calou-se.

Depois de um tempo, o pecador voltou a bater e a pedir para entrar no reino dos céus. E se ouviu por trás da porta uma terceira voz, que disse:

– Quem é esse homem? E como viveu no mundo?

E a voz do acusador respondeu e, pela terceira vez, enumerou as más ações do homem e não mencionou nenhuma boa ação.

E a voz atrás da porta respondeu:

– Vá embora daqui; pecadores não podem entrar no reino dos céus.

E o pecador respondeu:

– Ouço sua voz, mas não vejo seu rosto e não sei seu nome.

E a voz respondeu:

– Sou João Evangelista, o discípulo predileto de Cristo.

E o pecador se alegrou e disse:

– Agora é impossível que não me deixe entrar: Pedro e Davi vão me deixar entrar porque conhecem a fraqueza humana e a misericórdia divina. E você vai me deixar entrar porque tem muito amor. Pois não foi você, João Evangelista, que escreveu no seu livro que Deus é amor e que quem não ama não conhece Deus? Não foi você que, na velhice, dizia às pessoas sempre a mesma coisa: “Irmãos, amais uns aos outros”? Como agora você vai se deixar tomar pelo ódio e me mandar embora? Ou renegue aquilo que você mesmo disse, ou tenha misericórdia de mim e me deixe entrar no reino dos céus.

E os portões do Paraíso se abriram, João abraçou o pecador arrependido e deixou-o entrar no reino dos céus.

DOIS VELHOS

Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que sois um profeta... Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar”.

Jesus lhe disse: “Crede, mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai.

“Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.

“Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura.”

João, IV, 19-23

I

Dois velhos tinham feito promessa de ir rezar na velha Jerusalém. Um deles era um mujique rico, chamado Efim Tarassitch Chevelev. O outro não era rico e se chamava Elissei Bodrov.

Efim era um mujique sério, não bebia vodca, não fumava nem cheirava tabaco, nunca xingava ninguém nem praguejava, era um homem austero e rigoroso. Havia sido eleito estaroste por duas vezes e deixou o cargo sem dívidas. Tinha uma família numerosa: dois filhos e um neto já casado, e todos moravam juntos. Era um mujique saudável, barbudo e correto e, aos sessenta e dois anos, sua barba só agora começava a ficar grisalha. Elissei era um velhinho nem rico nem pobre, antigamente trabalhava de carpinteiro, mas com a velhice passou a ficar em casa e cuidar das abelhas. Um filho trabalhava fora, o outro, em casa. Elissei era um homem bondoso e alegre. Bebia vodca, cheirava tabaco e gostava de cantar, mas era um homem cordato, vivia amistosamente com os de casa e com os vizinhos. Elissei era um mujique baixo, de pele bem morena, barba crespa e, como o profeta Eliseu, seu xará, tinha a cabeça toda careca.

Muito tempo antes, os velhos tinham feito um acordo e prometido partir juntos, mas Tarassitch nunca tinha tempo: seus negócios não deixavam. Assim que acabava um, outro começava: uma hora foi o neto que casou, depois teve de esperar o filho caçula que voltou do Exército, depois começou a construção de uma isbá.

Num feriado, os velhos se encontraram e sentaram-se sobre umas toras de madeira.

– E então – disse Elissei –, vamos partir e cumprir nossa promessa?

Efim franziu o rosto.

– Vou ter de esperar um pouco – respondeu. – Esse ano foi difícil para mim. Comecei a construir essa isbá, achei que ia gastar uns cem rublos, mais ou menos, mas já está me custando trezentos. E ainda falta muito para ficar pronta. Pelo visto, vamos ter de esperar até o verão. No verão, se Deus quiser, iremos sem falta.

– Na minha opinião – disse Elissei –, não há por que adiar, temos de ir agora. A melhor época é a primavera.

– É a melhor época, mas o trabalho já foi começado. Como vou largar no meio?

– Será que você não tem ninguém? Seu filho toca o trabalho.

- Pois sim! Não tenho confiança no mais velho, costuma se embriagar.
- Vamos morrer, compadre, e eles vão ter de viver sem nós. O filho também precisa aprender.
- Isso é verdade, mas a gente gosta de ver um trabalho terminado.
- Ah, bom homem! A gente nunca consegue terminar tudo. Olhe só, lá em casa as mulheres estavam lavando e arrumando tudo para o feriado. Ora tinha uma coisa, ora tinha outra, e não conseguiam terminar nada. A nora mais velha, mulher sensata, disse: “A gente tem de agradecer ao feriado por ele chegar sem esperar que a gente termine”, disse ela, “senão, por mais que a gente fizesse, nunca ia ficar tudo pronto”.

Tarassitch refletiu.

– Pus muito dinheiro nessa obra – disse. – Não dá para fazer uma viagem de mãos vazias. Não vamos gastar pouco: uns cem rublos.

Elissei riu.

– Não diga um pecado desses, compadre – respondeu Elissei. – Você tem uma renda dez vezes maior do que a minha e fica reclamando por causa de dinheiro? É só dizer quando vamos partir. Posso não ter agora, mas vou ter.

Tarassitch também deu uma risadinha.

– Olhe só como você está rico! – disse. – De onde vai tirar o dinheiro?

– Vou raspar tudo lá em casa, pegar o que puder; e se faltar algum, vendo umas dez colmeias para o vizinho. Faz tempo que ele está me pedindo.

– Se as colmeias derem novos enxames, você vai se arrepender.

– Arrepender? Não, compadre! Na vida não há nada para se arrepender, a não ser os pecados. Não existe nada mais precioso do que a alma.

– Pois é, mas ainda assim não está certo ser relaxado com as coisas de casa.

– Mas se a gente for relaxado com as coisas da alma, vai ser pior ainda. Nós fizemos uma promessa, agora vamos lá! Sério, vamos.

II

E Elissei convenceu seu camarada. Efim pensou, pensou, e de manhã foi à casa de Elissei.

– Pois é, então vamos – disse. – Você disse a verdade. A vida e a morte estão nas mãos de Deus. Temos de ir enquanto estamos vivos e com força.

Uma semana depois, os velhos estavam prontos.

Tarassitch tinha dinheiro em casa. Pegou cem rublos para a viagem, deixou duzentos rublos com sua velha.

Elissei também estava pronto; vendeu para o vizinho dez colmeias, com todos os enxames que pudessem se formar. Com isso, juntou setenta rublos. Os trinta rublos que faltavam, ele raspou de todo mundo em sua casa. Sua velha lhe deu as últimas economias, que guardava para o enterro; a nora também deu.

Efim Tarassitch deixou com o filho mais velho ordens minuciosas sobre tudo: onde e quanto tinha de ceifar, para onde levar o estrume, como terminar a isbá e pôr o telhado. Pensou em tudo e deixou ordens sobre tudo. Já Elissei só disse para sua velha separar as abelhas novas das colmeias vendidas e entregar todas para o vizinho, sem fazer tapeação, e quanto às coisas de casa, não falou nada:

– O trabalho vai ensinar a você o que e como se deve fazer. Você é a senhora da casa, faça como for melhor para você.

Os velhos estavam prontos. Assaram panquecas caseiras, costuraram sacos, cortaram perneiras novas, calçaram botas novas, pegaram alpercatas de palha de reserva e partiram. Os familiares

acompanharam os velhos até a cerca no limite da aldeia, despediram-se e os dois seguiram caminho.

Elissei partiu com a alma alegre e, assim que se afastou da aldeia, esqueceu todos os seus afazeres de casa. Só pensava em como agradar a seu camarada de viagem, não falar nenhuma palavra rude para ninguém e como chegar a seu destino e voltar para casa em paz e em amor. Elissei seguia pela estrada e o tempo todo murmurava preces para si mesmo ou recordava as vidas dos santos que conhecia e tinha guardadas na memória. Quando encontrava alguém no caminho ou chegava a algum local para pernoitar, fazia de tudo para ser amável com todo mundo e dizer palavras devotas. Andava e se alegrava. Só uma coisa Elissei não conseguia fazer. Quis parar de cheirar tabaco e deixou em casa a tabaqueira, mas se sentia incomodado. Um homem no caminho lhe deu uma. Ele tentou resistir, se afastou do camarada para não atraí-lo para o pecado, e cheirou.

Efim Tarassitch também andava bem, firme, não fazia nada de mau e não falava coisas frívolas, mas não tinha a alma leve. As preocupações de casa não saíam de sua cabeça. Pensava em tudo o que acontecia em sua casa. Não esquecia o que tinha ordenado ao filho e não sabia se o filho ia fazer direito. Na estrada, via que plantavam batata ou amontoavam estrume e pensava: “Será que meu filho está fazendo como ordenei?”. Parecia disposto a voltar e mostrar como se fazia ou até fazer tudo ele mesmo.

III

Os velhos andaram cinco semanas, gastaram as alpercatas de palha caseiras, já haviam comprado novas e chegaram à terra dos *khokhláti*.¹ Desde que saíram de casa, pagaram para comer e para pernoitar, mas quando chegaram à terra dos *khokhláti*, aquela gente até discutiu para saber quem ia abrigá-los em sua casa. Deram abrigo e comida e não quiseram receber dinheiro, e ainda lhes deram sacos para a viagem com pão e panquecas que tinham assado. Assim, os velhos percorreram setecentas verstas sem gastar nada. Passaram por outra província e chegaram a um lugar com escassez de alimento. Os habitantes deixaram que os velhos pernoitassem e também não quiseram receber dinheiro, mas pararam de dar comida. Não deram nem um pedaço de pão, em lugar nenhum, e nem com dinheiro os velhos conseguiam. No ano anterior, contaram as pessoas, a terra não tinha dado nada. Os que eram ricos se arruinaram, venderam tudo; os que eram remediados viviam na pobreza completa; e os pobres foram embora ou andavam pedindo esmola, ou então morriam de fome em casa. No inverno, comiam restos de cascas de cereais e ervas daninhas.

Os velhos, certa vez, pernoitaram num lugarejo, compraram quinze libras de pão, dormiram e saíram antes da alvorada a fim de viajar uma longa distância antes de aumentar o calor. Percorreram dez verstas e chegaram a um riacho, sentaram, pegaram água na caneca, molharam o pão, comeram e trocaram de calçado. Ficaram sentados, descansando. Elissei pegou a tabaqueira. Efim Tarassitch balançou a cabeça para ele.

– Como é que você não larga essa porcaria?

Elissei abanou a mão.

– Fiz esforço – respondeu –, é o meu pecado. O que posso fazer?

Levantaram, foram em frente. Percorreram mais dez verstas. Chegaram a uma aldeia grande, atravessaram a aldeia toda. Já fazia calor. Elissei estava muito cansado, queria descansar, beber alguma coisa, mas Tarassitch não parava. Tarassitch era mais forte na caminhada e Elissei tinha dificuldade para acompanhá-lo.

– Queria beber um pouquinho – disse.

– Que beber, nada. Eu não quero.

Elissei parou.

– Você não precisa esperar – disse. – Vou só dar um pulinho naquela choupana para beber. Alcanço você num instante.

– Está certo – respondeu Efim Tarassitch, e continuou sozinho pela estrada, enquanto Elissei foi para a choupana.

Elissei se aproximou da choupana. Era pequena, rebocada com barro; preta embaixo, branca em cima, o barro já estava descascando, pelo visto fazia muito tempo que o barro não era retocado e, de um lado, o telhado estava aberto. A porta da choupana dava para o pátio. Elissei entrou no pátio; viu que um homem sem barba e magro estava deitado num banco feito de terra, com a camisa enfiada na calça, à maneira dos *khokhláti*. Estava claro que o homem havia deitado na sombra, mas agora o sol batia direto nele. Estava deitado, mas não dormia. Elissei gritou para ele, pediu algo para beber – o homem não respondeu. “Ou está doente ou é malcriado”, pensou Elissei, e se aproximou da porta. Ouviu crianças chorando dentro da choupana. Bateu na porta.

– Ó de casa!

Não se mexeram.

– Servos de Deus!

Não atenderam. Elissei quis ir embora, mas ouviu: por trás da porta, alguém parecia gemer. “Será que aconteceu alguma desgraça com essa gente? Tenho de ver!” E Elissei entrou na choupana.

IV

Elissei girou a maçaneta – não estava trancada. Empurrou a porta, atravessou o vestíbulo. A porta que dava para dentro da choupana estava aberta. À esquerda ficava a estufa; em frente, o cômodo principal; ali havia um oratório, uma mesa; atrás da mesa, um banco; no banco, só de camisa, uma velha sem xale na cabeça estava sentada, a cabeça apoiada na mesa, e a seu lado um menino magro, parecia todo de cera, barriga grande, segurava a velha pela manga e chorava, pedia alguma coisa. Elissei avançou mais para dentro da choupana. O ar cheirava mal. Olhou – junto à estufa, na cama, havia uma mulher deitada. De bruços, não olhava, só respirava ofegante, ora esticava, ora encolhia as pernas. E se sacudia para um lado e para o outro, era dela que vinha o cheiro ruim – estava claro que ela havia se sujado e que não tinha ninguém para limpar. A velha levantou a cabeça, viu o homem.

– O que você quer? – disse. – O que quer? A gente não tem nada.

Elissei entendeu o que ela dizia, aproximou-se.

– Eu, serva de Deus – respondeu –, vim matar a sede.

– Nada, estou dizendo, não tem nada. A gente não tem nada para pegar. Vá embora.

Elissei então se virou e perguntou:

– Será que não tem ninguém aqui que não esteja doente para limpar essa mulher?

– Não tem ninguém; meu marido está morrendo lá fora e a gente, aqui dentro.

O menino tinha se calado ao ver um estranho, mas quando a velha começou a falar, ele voltou a puxar a manga da sua blusa:

– Pão, vovó! Pão. – E chorou de novo.

Quando Elissei ia fazer uma pergunta à velha, o mujique entrou na choupana, andou se escorando na parede e quis sentar no banco, mas não conseguiu chegar e arriou o corpo na soleira da porta, no canto. Sem tentar levantar-se, falou. Arrancava uma palavra de cada vez – falava, respirava, falava outra.

– Deu uma doença – disse –, e a fome. Ele está morrendo de fome! – O mujique balançou a cabeça na direção do menino e começou a chorar.

Elissei tirou o saco do ombro, soltou as alças dos braços, baixou o saco no chão, depois colocou

em cima do banco e começou a desamarrear. Desamarrou, pegou pão, faca, cortou um pedaço, deu ao mujique. O mujique não pegou, mas apontou para o menino e para a menina.

– Dê para eles.

Elissei deu para o menino. O menino sentiu o cheiro do pão, esticou-se, agarrou o pedaço com as duas mãos, enfiou o nariz no pedaço de pão. Uma menina saiu de trás da estufa, cravou os olhos no pão. Elissei deu um pedaço para ela. Cortou mais um pedaço e deu para a velha. A velha também pegou, começou a mascar.

– Quem dera tivesse água – disse –, as bocas estão rachadas de secas. Eu mesma quis trazer hoje, ou foi ontem, não lembro, mas caí, não aguentei, e o balde ficou lá, se ninguém pegou.

Elissei perguntou onde ficava o poço. A velha explicou. Elissei foi até lá, achou o balde, trouxe água, deu de beber àquela gente. As crianças comeram mais pão com água e a velha também comeu, mas o mujique não comeu.

– Não posso – disse.

A mulher não se levantou, continuava desacordada, apenas se revirava em cima da cama. Elissei foi ao armazém da aldeia, comprou painço, sal, farinha, manteiga. Achou um machadinho, cortou lenha, acendeu o fogo na estufa. A menina começou a ajudá-lo. Elissei cozinhou uma sopa e *kacha*, deu de comer àquela gente.

v

O mujique comeu um pouquinho, a velha comeu, a menina e o menino raspavam a tigela e caíram abraçados para dormir.

O mujique e a velha começaram a contar o que tinha acontecido com eles.

– A gente é pobre, mas ia vivendo – disseram –, mas aí a plantação não deu nada, no outono a gente comeu o que ainda sobrava. A gente comeu tudo, começamos a pedir aos vizinhos e a pedir para pessoas bondosas. No início, davam, depois começaram a negar. Uns ficariam contentes de dar, mas também não tinham nada. E também a gente começou a ter vergonha de pedir: todo mundo estava em dificuldade, sem dinheiro, sem farinha, sem pão. Procurei trabalho para mim – disse o mujique –, mas não tem trabalho. O povo, em toda parte, se oferece para trabalhar só pela comida. Um dia de trabalho, dois dias andando para achar trabalho. A velha e as crianças começaram a pedir esmola, iam para longe. A esmola era ruim, ninguém tinha pão. Mesmo assim a gente comia uma coisa aqui, outra ali, a gente pensava: vamos aguentar assim até a próxima colheita. Mas na primavera pararam de dar e aí veio uma doença. A coisa ficou de mal a pior. A gente comia um dia e ficava dois sem comer. Começamos a comer capim. Por causa do capim ou por alguma outra coisa, a mulher ficou doente. Ficou de cama e eu não tenho mais forças – disse o mujique. – Não tenho como dar um jeito.

– Fiquei sozinha – disse a velha –, fiz o que pude, mas, sem ter o que comer, fiquei enfraquecida. A menina também ficou fraca e é acanhada. Mandamos que fosse para a casa do vizinho e ela não foi. Se enfiou num canto e ficou quieta. Anteontem veio a vizinha, mas viu que a gente estava doente e com fome, deu as costas e foi embora. Na casa dela, o marido foi embora e os filhos pequenos não têm o que comer. Assim, ficamos deitados, esperando morrer.

Elissei ouviu o que contaram e desistiu de alcançar seu camarada naquele mesmo dia, resolvendo que ia passar a noite ali. De manhã, Elissei levantou, começou a trabalhar na casa, como se ele mesmo fosse o dono. Ele e a velha fizeram a massa para o pão, acenderam a estufa. Elissei foi com a menina à casa da vizinha arranjar o que fosse necessário. Faltava tudo, não tinha mais nada, tudo tinha sido vendido: nem objetos domésticos nem roupa, não tinha nada. E Elissei começou a providenciar o que era

necessário: algumas coisas ele mesmo fazia, outras, comprava. Assim Elissei passou um dia, outro dia, e o terceiro. O menino ficou bom, andava em cima do banco, fazia carinho em Elissei. A menina ficou muito alegre, ajudava em tudo. Os dois corriam atrás de Elissei:

– Tio! Titio!

A velha também se recuperou, foi para a casa da vizinha. O mujique começou a andar apoiado na parede. Só a mulher mais nova continuava de cama, mas até ela, no terceiro dia, acordou e pediu para comer. “Bem”, pensou Elissei, “eu não contava ficar aqui tanto tempo, agora está na hora de partir.”

VI

O quarto dia era o da primeira refeição depois do jejum e Elissei pensou: “Vou fazer a refeição santa com eles, compro alguma coisa para a festa e de tarde vou embora”. Elissei foi de novo à aldeia, comprou leite, farinha branca, sal. Cozinharam, assaram, ele e a velha, e de manhã Elissei foi à missa, chegou, quebrou o jejum com os outros. Nesse dia, a mulher mais nova também levantou, começou a andar. O mujique raspou a barba, vestiu uma camisa limpa – a velha tinha lavado –, foi à aldeia pedir um favor a um mujique rico. Um pasto e um campo lavrado do mujique estavam arrendados ao mujique rico e assim ele foi perguntar se não podia deixar que ele usasse o pasto e o campo antes do prazo. Voltou à tarde abatido e chorou. O mujique rico não atendeu, disse:

– Traga dinheiro.

Elissei se pôs a pensar outra vez. “Como eles vão viver agora? Os outros vão ceifar, eles não têm nada: o campo está arrendado. O centeio vai madurar, os outros vão colher (e como deu bem a mãezinha terra!), mas eles não têm nada o que esperar: sua *dessiatina* de terra está arrendada para o mujique rico. Se eu for embora, eles vão ficar de novo do jeito que estavam.” E Elissei ficou num dilema e não foi embora à tarde – adiou para a manhã seguinte. Foi dormir no lado de fora da casa. Rezou, deitou, mas não conseguiu dormir: precisava ir – já havia gastado muito dinheiro e muito tempo, mas aquela gente dava pena. “É claro que não dá para ajudar todo mundo. Eu quis dar um pouco de água e um pedaço de pão e olhe só onde fui parar. Agora já vou resgatar um pasto e um campo lavrado. Feito isso, vou ter de comprar uma vaca para as crianças e um cavalo para o mujique transportar os feixes. Pelo visto, você se enrolou todo, meu caro Elissei. Perdeu o rumo e agora não sabe para que lado vai!” Elissei levantou-se, pegou o caftã que estava usando como travesseiro, desdobrou, pegou a tabaqueira, cheirou, tentou clarear as ideias, mas não conseguiu: pensava, pensava e não chegava a lugar nenhum. Tinha de ir embora, mas sentia pena daquelas pessoas. Não sabia o que fazer. Enrolou o caftã embaixo da cabeça e deitou de novo. Ficou deitado muito tempo, os galos começaram a cantar e então ele pegou no sono. De repente teve a impressão de que alguém o acordou. Elissei viu que parecia estar todo vestido, com um saco e um bordão, e tinha de atravessar o portão, o portão estava aberto, mas só tinha espaço para passar um homem. E ele foi para o portão e ficou bloqueado de um lado pelo saco, quis soltar-se, acabou preso do outro lado pela perneira, e a perneira acabou desamarrando. Começou a soltar-se, mas foi seguro de novo, não pelo portão, mas pela menina, que o segurava e gritava:

– Tio, titio, pão!

Ele olhou para os pés, mas o menino o agarrava pela perneira, a velha e o mujique olhavam pela janela. Elissei acordou, começou a falar consigo mesmo: “Amanhã vou pagar o resgate do pasto e do campo lavrado, vou comprar um cavalo e farinha que dê até a colheita e também vou comprar uma vaca para as crianças. Senão, vou buscar Cristo do outro lado do mar e acabo perdendo Cristo dentro de mim mesmo. É preciso resolver a situação dessa gente!”. E Elissei dormiu até de manhã. Acordou cedo. Foi falar com o mujique rico – resgatou o pasto e deu dinheiro também para o campo lavrado. Comprou uma

gadanha – também tinham vendido a gadanha – e voltou para casa. Mandou o mujique ceifar e foi falar com os outros mujiques: procurou com o taberneiro um cavalo e uma carroça à venda. Acertou o preço, comprou, também comprou um saco de farinha, colocou na carroça e foi comprar uma vaca. No caminho, cruzou com duas mulheres. Elas andavam e conversavam uma com a outra. Elissei ouviu o que diziam, na sua língua, e entendeu que estavam falando dele.

– Pois é, no início ninguém sabia quem era: achavam que era um homem comum. Dizem que queria beber água e acabou vivendo lá. E comprou uma porção de coisas para eles. Eu mesma vi hoje que comprou um cavalo e uma carroça. A gente nem acredita que existe gente assim no mundo. Só vendo, mesmo.

Elissei ouviu aquilo, entendeu que o estavam elogiando e não foi comprar a vaca. Voltou à taberna, deu o dinheiro do cavalo. Arelou e foi para a choupana com a farinha. Aproximou-se do portão, parou e desceu da carroça. Os donos da casa viram o cavalo, ficaram admirados. E pensaram que ele havia comprado o cavalo para eles, mas não tinham coragem de dizer. O mujique veio, abriu o portão.

– Onde arranhou esse cavalo, vovô?

– Comprei – respondeu. – Saiu barato. Corte um pouco de capim e coloque na gamela para ele comer de noite. E leve o saco para dentro.

O mujique desarelou o cavalo, levou o saco para o celeiro, cortou capim e pôs na gamela. Foram dormir. Elissei deitou do lado de fora, tinha carregado seu saco a tarde toda. Todo mundo adormeceu. Elissei levantou-se, amarrou seu saco, calçou as perneiras, vestiu o caftã e seguiu caminho atrás de Efim.

VII

Elissei percorreu umas cinco verstas. Começou a clarear. Sentou embaixo de uma árvore, desamarrou o saco, começou a contar o dinheiro. Terminou de contar, sobravam dezessete rublos e vinte copeques. “Bem”, pensou, “com isso não dá para chegar ao mar! E pedir esmola em nome de Cristo vai ser um pecado ainda maior. O compadre Efim vai chegar lá sozinho e vai acender uma vela por mim. Pelo visto, não vou cumprir minha promessa antes de morrer. Ainda bem que o Senhor é misericordioso, sabe perdoar.”

Elissei levantou-se, pôs o saco sobre os ombros e voltou. Contornou a aldeia para que as pessoas não o vissem. E Elissei logo chegou a sua casa. Quando havia partido de lá, tinha achado difícil e cansativo acompanhar a marcha de Efim; mas quando voltou, Deus lhe deu forças e Elissei andou sem conhecer cansaço. Caminhava ligeiro, balançando o cajado, percorria setenta verstas por dia.

Elissei chegou em casa. Já tinham acabado a colheita. Ficaram contentes de ver seu velho de volta, fizeram perguntas: o que tinha acontecido, por que havia se separado de seu camarada, por que não foi até o fim e voltou para casa. Elissei não contou.

– Deus não quis – respondeu. – Perdi o dinheiro na estrada, fiquei muito para trás de meu camarada. Aí não fui mais. Que Cristo me perdoe!

E deu o resto do dinheiro para a velha. Elissei perguntou para as pessoas de casa como andava o trabalho: tudo estava bem, todas as tarefas tinham sido cumpridas, não houve relaxamento, todos viviam em paz e em concórdia.

No mesmo dia, os familiares de Efim souberam que Elissei tinha voltado e vieram perguntar sobre seu velho. E Elissei também disse para eles:

– O seu velho andou muito, nos separamos três dias antes do dia de Petrov – disse ele. – Eu queria alcançar o Efim, mas aconteceu uma porção de coisas: perdi o dinheiro e não tinha mais como viajar, por isso voltei.

O povo ficou admirado: como um homem tão inteligente tinha feito uma coisa tão tola – viajou e não chegou ao final, só conseguiu perder o dinheiro. Ficaram admirados e depois esqueceram. Elissei também esqueceu. Retomou o trabalho em casa: com o filho, começou a preparar a lenha para o inverno; com as mulheres, debulhou o cereal, refez o telhado do celeiro, cuidou das abelhas, entregou ao vizinho as dez colmeias que tinha vendido e mais suas crias. Sua velha quis esconder quantos enxames tinham nascido das colmeias, mas Elissei sabia de quais colmeias tinham nascido os enxames e entregou ao vizinho dezessete colmeias, em vez de dez. Elissei deixou tudo organizado para o inverno, mandou o filho arranjar trabalho e ele mesmo foi trançar palhas para fazer alpercatas e cortar cepos para as abelhas fazerem colmeias.

VIII

Durante todo aquele dia em que Elissei ficou na choupana com as pessoas doentes, Efim esperou seu camarada. Não se afastou muito e sentou. Esperou, esperou, cochilou, acordou, continuou sentado – e nada de seu camarada. Olhava o tempo todo. O sol já baixara por trás das árvores – e nada do Elissei. “Talvez ele tenha passado por mim”, pensou, “ou quem sabe alguém o levou numa carroça e ele passou enquanto eu dormia e nem me viu. Mas é impossível não me ver. Na estepe, a gente enxerga tudo de longe. Mas e se eu voltar e ele já estiver indo na frente? Vamos nos desencontrar e vai ser ainda pior. Vou em frente, vamos nos encontrar na pousada.” Chegou a uma aldeia, pediu ao vigia que, se chegasse um velhinho assim e assado, levasse para a mesma choupana em que ele estava. Elissei não chegou à pousada. Efim foi em frente, perguntou para todo mundo: não tinham visto um velhinho careca? Ninguém tinha visto. Efim se admirou e foi em frente. “Vamos nos encontrar em Odessa e no navio”, pensou, e depois parou de pensar.

No caminho, encontrou um peregrino. O peregrino de gorro de padre, sotaina e de cabelo comprido tinha ido ao monte Atos e ia pela segunda vez a Jerusalém. Encontraram-se numa pousada, conversaram e seguiram caminho juntos.

Chegaram bem a Odessa. Esperaram três dias pelo navio a vapor. Muitos romeiros esperavam. Vinham de vários lugares. Efim perguntou de novo a respeito de Elissei – ninguém tinha visto.

Efim conseguiu um passaporte de estrangeiro – custou cinco rublos. Pagou quarenta rublos por uma passagem de ida e volta para Jerusalém, comprou pão e arenque para a viagem. O navio foi carregado, os romeiros embarcaram e Tarassitch ficou instalado junto com o peregrino. Levantaram âncora, soltaram as amarras, o navio se lançou ao mar. A viagem correu bem durante o dia; ao anoitecer, bateu um vento, choveu, o navio começou a balançar e a inundar. O povo se alvoroçou, as mulheres começaram a gritar e os homens mais fracos começaram a correr pelo navio, em busca de um local para se abrigar. O medo também contagiou Efim, só que ele não demonstrava: ficou sentado no chão, junto com uns velhos de Tambov, no mesmo lugar, a noite inteira e o dia inteiro; eles seguravam seus sacos e não falavam nada. No terceiro dia, o tempo melhorou. No quinto dia, chegaram a Tsargrad. Alguns peregrinos desembarcaram e foram ver o templo de Santa Sofia, o templo da Sabedoria, agora sob o domínio dos turcos. Tarassitch não foi, ficou no navio. Apenas comprou pão ázimo. Ficaram ali um dia e uma noite e saíram ao mar outra vez. Pararam ainda na cidade de Esmirna, na cidade de Alexandria e viajaram com tranquilidade até a cidade de Jafa. Em Jafa, todos os peregrinos desembarcaram: eram setenta verstas de caminhada até Jerusalém. No desembarque, o povo também foi tomado pelo medo: o navio era alto e as pessoas eram jogadas em botes lá embaixo, os botes balançavam muito e as pessoas tinham medo de cair, não dentro do bote, mas fora; dois homens acabaram se molhando, mas todos foram levados a salvo para a margem. Desembarcaram e seguiram a pé; no terceiro dia, chegaram a Jerusalém na hora do almoço.

Efim e o peregrino ficaram na periferia da cidade, num albergue russo, assinaram os passaportes, almoçaram e foram aos lugares santos. No Santo Sepulcro, ainda não estavam deixando entrar. Foram ao convento do patriarca, ali se reuniram todos os romeiros, separaram as mulheres e só deixaram entrar os homens. Mandaram que ficassem descalços e sentados em círculo. Veio um monge com uma toalha e começou a lavar os pés de todos; lavou, enxugou e beijou os pés de todos no círculo. Também enxugou e beijou os pés de Efim. Assistiram às missas das vésperas e das matinas, rezaram, acenderam velas, entregaram santinhos com os nomes dos pais para serem lembrados nas preces. Comida e vinho foram servidos ali. De manhã, foram à cela do mosteiro de Maria do Egito, onde ela foi salva. Acenderam velas, fizeram orações. De lá foram ao mosteiro de Abraão. Viram o jardim onde Abraão foi sacrificar a Deus o próprio filho. Depois foram ao lugar onde Cristo apareceu para Maria Madalena e à igreja de Jacó, irmão do Senhor. O peregrino mostrou todos os lugares para Efim e, em cada um deles, sempre dizia quanto dinheiro era preciso dar e onde pôr. Na hora do jantar, voltaram para a pousada, comeram. E quando começaram a se arrumar para dormir, o peregrino se assustou, começou a revirar suas roupas, vasculhar.

– Fui roubado – disse. – Eu tinha um porta-moedas com dinheiro, rublos: duas notas de dez e três moedas.

O peregrino reclamou, reclamou, não havia nada a fazer – deitaram e foram dormir.

IX

Efim deitou para dormir e lhe veio uma tentação. “Não roubaram o dinheiro do peregrino”, pensou. “Acho que ele nem tinha dinheiro. Não deu dinheiro em lugar nenhum. Dizia para eu dar, mas ele mesmo não dava, e até me pediu um rublo emprestado.”

Efim pensou assim e começou a repreender a si mesmo: “Como posso julgar um homem? Isso é um pecado. Vou parar de pensar”. Assim que adormeceu, começou de novo a lembrar que o peregrino olhava fixamente para o dinheiro e a maneira estranha como tinha dito que haviam roubado seu porta-moedas. “Ele não tinha dinheiro”, pensou Efim. “É só para despistar.”

De manhã, se levantaram e foram para a missa matinal no grande templo da Ressurreição – onde fica o Santo Sepulcro. O peregrino não se afastava de Efim, andava sempre junto com ele.

Chegaram ao templo. O povo – peregrinos e romeiros, russos e de todos os povos, gregos, armênios, turcos e sírios – era muito numeroso. Efim chegou aos Portões Sagrados com o povo. Um monge os guiava. Passou com eles pelas sentinelas turcas rumo ao local onde o Salvador foi retirado da cruz e ungido e onde havia nove castiçais grandes com velas acesas. O monge mostrava e explicava tudo. Efim acendeu uma vela ali. Em seguida o monge conduziu Efim para cima, por uma escada à direita, rumo ao Gólgota, o lugar onde a cruz foi colocada; ali Efim rezou. Depois lhe mostraram a fenda onde a terra descera até o inferno; depois mostraram o lugar onde pregaram à cruz as mãos e os pés de Cristo; depois mostraram o túmulo de Adão, onde o sangue de Cristo foi derramado sobre os ossos de Adão. Depois chegaram à pedra onde Cristo sentou quando lhe puseram a coroa de espinhos; depois, ao poste em que Cristo foi amarrado, quando O espancaram. Depois Efim viu a pedra com dois furos para os pés de Cristo. Quiseram ainda lhe mostrar mais alguma coisa, mas o povo se alvoroçou: todos se dirigiram depressa para a própria caverna do Santo Sepulcro. Tinha acabado a missa dos outros e começava a missa ortodoxa. Efim se dirigiu com o povo para a caverna.

Quis livrar-se do peregrino – continuava a pecar em pensamento contra ele –, mas o peregrino não saía de perto dele, ia com ele a toda parte e foi também à missa no Santo Sepulcro. Eles quiseram ficar

mais na frente, mas não deu tempo. O povo estava tão espremido que era impossível se mover para a frente ou para trás. Efim ficou parado, de pé, olhava para a frente, rezava, e de vez em quando apalpava seu porta-moedas. Seu pensamento se dividia: primeiro pensava que estava enganado a respeito do peregrino; depois pensava que, se não estava enganado e se o peregrino tinha sido roubado de fato, o mesmo poderia acontecer com ele.

X

Assim, Efim ficou rezando, olhando para a frente, na capela onde ficava o Santo Sepulcro e, sobre o sepulcro, ardiam trinta e seis lampiões. Efim estava parado, olhava entre as cabeças e viu algo espantoso! Bem embaixo dos lampiões, onde ardia o fogo sagrado, na frente de todos, viu um velho numa túnica de burel e com a careca reluzente, na cabeça inteira, como a de Elicha Bodrov. “Parece o Elissei”, pensou. “Mas não pode ser ele! É impossível que tenha chegado na minha frente. O navio que veio na frente do nosso partiu uma semana antes. É impossível que tenha embarcado. E não estava no nosso navio. Eu vi todos os peregrinos.”

Assim que Efim pensou aquilo, o velhinho começou a rezar e curvou-se três vezes: uma vez à frente, para Deus, e depois para os dois lados, para o povo ortodoxo. E quando o velhinho virou a cabeça para a direita, Efim o reconheceu. Era mesmo ele, Bodrov – a barba preta, crespa, grisalha nas bochechas, as sobrancelhas, os olhos, o nariz, toda a sua fisionomia. Era ele mesmo, Elissei Bodrov.

Efim alegrou-se de achar seu camarada e admirou-se por Elissei ter conseguido chegar na sua frente.

“Ah, esse Bodrov”, pensou, “como consegui chegar na frente? Na certa encontrou alguém que o levou junto. Vou encontrá-lo na saída, me livrar desse meu peregrino e vou ficar andando só com ele, e quem sabe ele me mostra como fazer para ficar lá na frente.”

E Efim olhava o tempo todo como se não quisesse perder Elissei de vista. Mas a missa terminou, o povo começou a se movimentar para beijar o sepulcro, e o aperto aumentou, empurraram Efim para o lado. De novo lhe veio o medo: “Será que vão pegar meu porta-moedas?”. Segurou firme o porta-moedas com a mão e começou a abrir caminho com dificuldade, só pensando em se livrar da aglomeração. Conseguiu sair, andou para um lado e para outro, procurou Elissei ali e no templo. Nas celas do templo, Efim viu muita gente: alguns comiam ali mesmo, tomavam vinho, dormiam, liam. Mas Elissei não estava em nenhum lugar. Efim voltou para a pousada sem encontrar seu camarada. Naquela noite, o peregrino não apareceu. Foi embora sem pagar o rublo que devia. Efim ficou sozinho.

No dia seguinte, Efim foi de novo ao Santo Sepulcro, com um velho de Tambov que tinha vindo no mesmo navio que ele. Tentou conseguir um lugar na frente, mas de novo foi empurrado para trás e Efim ficou junto a uma coluna e rezou. Olhou para a frente – de novo, sob os lampiões, bem junto do sepulcro do Senhor, na primeira fila, estava Elissei, de braços abertos como um padre no altar, e a careca reluzia na cabeça inteira. “Bem”, pensou Efim, “desta vez não vou perdê-lo de vista.” Abriu caminho à força para a frente. Chegou lá – Elissei não estava. Na certa tinha saído. E no terceiro dia foi ver de novo o Santo Sepulcro – no mesmo lugar sagrado, estava Elissei, com o mesmo aspecto, de braços abertos, olhando para o alto, como se visse algo acima de si mesmo. E sua careca reluzia na cabeça inteira. “Bem”, pensou Efim, “desta vez não vou perdê-lo de vista, vou ficar na saída. Lá não podemos nos desencontrar.” Efim saiu, esperou, esperou, o meio-dia passou: todo mundo passou – e nada do Elissei.

Efim ficou seis semanas em Jerusalém e foi a toda parte: a Belém, a Betânia, ao rio Jordão, mandou estampar uma camisa nova no Santo Sepulcro para usar no próprio enterro, pegou água do Jordão numa garrafa, guardou um punhado de terra santa e velas que foram acesas no fogo sagrado, e nos oito lugares

sagrados escreveu nomes para serem lembrados nas orações, gastou todo o seu dinheiro, menos o necessário para voltar para casa. E Efim começou a viagem de volta para casa. Chegou a Jafa, embarcou no navio, navegou até Odessa e de lá foi a pé para casa.

XI

Efim seguiu sozinho pelo mesmo caminho. Começou a se aproximar de casa, de novo lhe veio a preocupação: como estariam vivendo em casa sem ele. “Num ano, corre muita água”, pensou. “É preciso um século para construir uma casa, mas para demolir basta pouco tempo. Como meu filho terá resolvido os problemas sem mim, como será que foi a primavera, como será que o gado passou o inverno, e será que terminaram de construir a isbá?” Efim chegou ao lugar onde um ano antes ele havia se separado de Elissei. Não conseguiu reconhecer as pessoas. Onde um ano antes pediam esmola, agora todos viviam com fartura. A colheita tinha sido boa. O povo tinha se recuperado e esquecido a desgraça de antes. Numa tarde, Efim se aproximou da aldeia onde Elissei tinha ficado um ano antes. Assim que entrou na aldeia, uma menina de blusa branca pulou para fora de uma choupana.

– Vô! Vovô! Venha à nossa casa.

Efim quis seguir adiante, mas a menina não o largava, segurava sua roupa, puxava-o para a choupana e ria.

Uma mulher saiu para a varanda com um menino, também acenava:

– Venha, por favor, vovô, jante com a gente, passe a noite aqui.

Efim foi. Pensou: “Acho que vou perguntar sobre o Elissei. Creio que foi exatamente nesta choupana que ele veio pedir algo para beber”.

Efim entrou, a mulher pegou sua bolsa, lhe deu água para se lavar, sentou-o à mesa. Pegou leite, bolinhos, *kacha* e colocou sobre a mesa. Tarassitch agradeceu, elogiou as pessoas por receberem bem os peregrinos. A mulher balançou a cabeça.

– A gente – disse ela – não pode deixar de receber bem os peregrinos. Foi um peregrino que nos ensinou a viver. A gente vivia sem pensar em Deus e Deus nos castigou de tal modo que só esperávamos morrer. No verão chegamos ao ponto de ficarmos todos deitados, doentes, sem ter o que comer. E a gente ia morrer mesmo, se Deus não nos mandasse um velhinho, assim feito você. Veio aqui beber água, mas viu a gente, teve pena e acabou morando aqui um tempo. Ele nos deu o que beber, o que comer, colocou a gente de pé outra vez, comprou terra, comprou uma carroça e um cavalo, e deixou tudo com a gente.

Uma velha entrou na choupana, interrompeu a fala da mulher.

– E a gente nem sabe se era mesmo um homem ou um anjo de Deus – disse ela. – Amava todo mundo, tinha pena de todo mundo e foi embora sem dizer quem era e por quem a gente ia rezar para Deus... a gente não sabe. Vejo como se estivesse na minha frente: eu estava deitada, esperando a morte, de repente olhei, um velhinho entrou, não tinha nada de mais, careca, pediu água. Eu, pecadora, ainda pensei: “Para que ele veio aqui?”. E agora olhe só o que ele fez! Assim que viu a gente, baixou a bolsa no chão, nesse lugar aí mesmo, e desamarrou.

A menina também interrompeu.

– Não, vovó, antes ele colocou a bolsa aqui, no meio da choupana, e depois colocou em cima do banco.

E as duas começaram a discutir e a lembrar todas as palavras e ações do homem: onde sentou, onde dormiu, o que fez, o que falou para quem.

De noite, o mujique dono da casa chegou, também começou a falar de Elissei, contou como tinha morado com eles.

– Se ele não viesse – disse –, todos nós teríamos morrido em pecado. A gente estava morrendo em desespero, praguejando contra Deus e contra as pessoas. Mas aí ele nos pôs de pé e graças a ele reconhecemos Deus e acreditamos nas pessoas boas. Que Cristo o proteja! Antes, nós vivíamos feito bichos, ele nos transformou em gente.

Deram de beber e de comer a Efim, lhe deram um lugar para dormir e eles mesmos foram deitar-se.

Efim ficou deitado e não dormiu. Elissei não saía de sua cabeça, e como ele tinha visto o amigo em Jerusalém três vezes, na primeira fila.

“Então foi assim que ele chegou antes de mim!” pensou. “Minhas ações podem ter sido aceitas ou não, mas as dele o Senhor aceitou.”

De manhã, as pessoas se despediram de Efim, lhe deram alguns bolinhos para a viagem e foram trabalhar, enquanto Efim seguia viagem.

XII

Efim passou um ano fora. Na primavera, voltou para casa.

Chegou à tarde. O filho não estava em casa: estava na taverna. O filho chegou embriagado, Efim começou a lhe fazer perguntas. Tudo indicava que o rapaz tinha se complicado em sua ausência. Gastou mal o dinheiro, bagunçou os negócios. O pai começou a repreendê-lo. O filho começou a dizer grosserias.

– Você mesmo devia ter ficado, mas foi embora para andar por aí, e ainda por cima levou todo o dinheiro, e agora vem reclamar comigo.

O velho se irritou, bateu no filho.

De manhã, Efim Tarassitch saiu para falar com o estaroste a respeito do filho e passou na porta da casa de Elisséiev. A velha Elisséieva estava na varandinha e cumprimentou Efim.

– Bom dia, compadre – disse. – Chegou bem de viagem, amigo?

Efim Tarassitch parou.

– Graças a Deus – disse. – Eu me perdi do seu velho, mas ouvi dizer que já voltou para casa.

E a velha começou a contar – contente de poder conversar.

– Voltou, sim, o arrimo da família – disse. – Voltou já faz tempo. Logo depois da Ascensão. A gente ficou feliz por Deus nos trazer o velho de volta! Sem ele a vida é sem graça. Já não trabalha tanto, seus anos passaram. Mas que cabeça ele tem, e a gente fica mais alegre. E como nosso filho ficou contente! Diz que sem ele é como não ter luz nos olhos. Sem ele, a vida não tem graça, o querido, nós o amamos, e como temos pena dele.

– Mas então ele está em casa agora?

– Está em casa, compadre, no apiário, cuidando das abelhas. Estão dando muitos enxames. Deus deu tanta força às abelhas como o velho nunca viu. Deus não está nos pagando conforme nossos pecados, diz ele. Entre, compadre, ele vai ficar muito contente.

Efim passou pelo corredor e atravessou o pátio rumo ao apiário, ao encontro de Elissei. Entrou no apiário, olhou – Elissei estava sem nenhuma rede protetora, sem luvas, de casaco cinzento, embaixo das bétulas, de braços abertos e olhando para cima, e a careca reluzia na cabeça inteira, do mesmo jeito como estava no Santo Sepulcro, em Jerusalém, e acima dele a luz do sol vazava através das bétulas, assim como em Jerusalém ardia a luz do fogo, e em torno da cabeça, como uma coroa, revoavam e zumbiam abelhas douradas sem picar Elissei. Efim ficou parado.

A velha Elisséieva gritou para o marido.

– O compadre chegou!

Elissei virou-se, alegrou-se, foi ao encontro do compadre, enquanto devagarzinho retirava abelhas da barba.

– Bom dia, compadre, bom dia, meu caro... Andou muito?

– Os pés andaram e eu trouxe para você um pouquinho da água do rio Jordão. Vá buscar lá em casa, mas se o Senhor aceitou minhas ações...

– Bem, graças a Deus, e que Cristo o abençoe.

Efim ficou em silêncio.

– Meus pés foram lá, mas se a minha alma ou a de qualquer outra pessoa...

– São coisas de Deus, compadre, coisas de Deus.

– Na volta, também estive naquela choupana onde você ficou...

Elissei se assustou, ficou afobado.

– São coisas de Deus, compadre, coisas de Deus. Mas vamos entrar comigo na isbá, eu separei mel.

E Elissei mudou de assunto, passou a falar de coisas de casa.

Efim suspirou, não lembrou Elissei das pessoas na choupana nem falou que tinha visto o próprio Elissei em Jerusalém. Entendeu que, no mundo, até a morte, Deus mandou que cada um cumprisse sua parte – com amor e com boas ações.

OS TRÊS EREMITAS

Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos. Não sejais como eles, porque o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de pedirdes.

Mateus, VI, 7-8

Um bispo estava viajando de navio da cidade de Arcangel para o monastério de Solóvki. No mesmo navio, viajavam peregrinos para visitar os lugares santos. O vento soprava a favor, o tempo estava claro, o navio não balançava. Os peregrinos – uns deitados, outros comendo, outros sentados em rodinhas – conversavam entre si. O bispo também saiu para o convés e começou a andar para um lado e para outro pela ponte. O bispo se aproximou da proa, viu uma rodinha de gente. Um homenzinho apontava para alguma coisa no mar e falava, enquanto as pessoas escutavam. O bispo parou, observou, olhando na direção para a qual o homenzinho apontava: não viu nada, só o mar e o sol radiante. O bispo chegou mais perto, escutou com atenção. O homenzinho viu o bispo, tirou o chapéu e calou-se. As pessoas também viram o bispo, também tiraram o chapéu, fizeram uma reverência.

– Não fiquem constrangidos, irmãos – disse o bispo. – Também vim escutar o que você está contando, bom homem.

– Pois é, o pescadorzinho está falando dos eremitas – explicou um mercador mais corajoso.

– Mas que eremitas? – perguntou o bispo, aproximou-se da borda e sentou num caixote. – Conte para mim também, quero ouvir. O que estava apontando?

– Aquela ilhazinha lá longe – respondeu o homem e apontou para a frente e à direita. – Naquela ilhazinha lá os eremitas vivem e se salvaram.

– Onde está a ilha? – perguntou o bispo.

– Olhe só, aqui, bem na direção da minha mão. Aquela nuvenzinha lá. Embaixo dela, à esquerda, uma faixa, dá para ver.

O bispo olhou, olhou, a água se agitava sob o sol, mas ele não via nada de extraordinário.

– Não estou vendo – disse. – Mas afinal quem eram esses eremitas que vivem na ilha?

– Gente de Deus – respondeu o homem. – Já ouvia falar deles faz muito tempo, mas nunca tinha visto, e aí no verão passado eu vi.

E o pescador recomeçou a contar que estava pescando e o mar arrastou seu barco até aquela ilha, e ele não sabia onde estava. De manhã, foi andar e topou com um abrigo feito de terra, viu ao lado um eremita e depois mais dois eremitas saíram do abrigo; deram-lhe comida, secaram sua roupa e o ajudaram a consertar o barco.

– E como é que eles são? – perguntou o bispo.

– Um é miúdo, curvado, muito velho, veste uma batina velhinha, deve ter mais de cem anos, o grisalho da barba já começou a ficar verde, mas ele está sempre sorrindo, alegre, como um anjo do céu. O outro é um pouco mais alto, também velho, veste um caftã esfarrapado, tem barba larga, grisalha e amarelada, mas é um homem forte: virou meu barco como se fosse uma barrica, nem tive tempo de ajudar, e ele também é alegre. O terceiro é alto, barba comprida até o joelho e branca feito a lua, é carrancudo, as sobrancelhas enrugadas em cima dos olhos, e anda todo nu, só com uma esteirinha na cintura.

– E o que eles falaram com você? – perguntou o bispo.

– Na maior parte do tempo, faziam as coisas calados, e pouco falavam uns com os outros. Um olhava e o outro logo entendia. Perguntei ao mais alto se fazia muito tempo que moravam ali. Ele fez uma carranca, falou alguma coisa, pareceu zangado, mas o miúdo e velho logo segurou a mão dele, sorriu, e o grande se calou. O velho só disse: “Tenha piedade de nós”, e sorriu.

Enquanto o homem contava, o navio chegava mais perto da ilha.

– Olhe, agora dá para ver bem – disse o mercador. – Olhe lá, Vossa Reverendíssima – disse e apontou.

O bispo olhou. E avistou nitidamente uma faixa preta – uma ilhota. O bispo observou, observou, se afastou da proa, foi na direção da popa, aproximou-se do timoneiro.

– Que ilhota é aquela – perguntou –, a que se vê ali?

– Não tem nome. Há muitas ilhas como essa.

– É verdade que alguns eremitas procuraram a salvação lá?

– É o que dizem, Vossa Reverendíssima, mas não sei se é verdade. Os pescadores já viram. Mas também acontece de falarem à toa.

– Quero ir àquela ilha e ver os eremitas – disse o bispo. – Como se pode fazer isso?

– De navio, é impossível – respondeu o timoneiro. – De bote dá para ir, mas é preciso pedir ao comandante.

Chamaram o comandante.

– Eu gostaria de conhecer aqueles eremitas – disse o bispo. – Não é possível me levar lá?

O comandante quis dissuadi-lo.

– Possível é, mas vamos perder muito tempo e me atrevo a dizer a Vossa Reverendíssima que não vale a pena conhecer os eremitas. Ouvi dizer que são uns velhinhos muito bobos que moram lá, não se lembram de nada e não conseguem falar, como os peixes do mar.

– Quero ir – disse o bispo. – Vou pagar pelo trabalho, me leve até lá.

Não havia nada a fazer, o comandante deu as ordens, levantaram as velas. O timoneiro fez a curva com o navio, rumaram para a ilha. Puseram uma cadeira na proa para o bispo. Ele sentou ali e observou. E todo o povo se juntou na proa, todos olhavam para a ilhota. E quem tinha olhos mais aguçados já avistava as pedras na ilha e apontava para o abrigo de terra. Um deles chegou a enxergar os três eremitas. O comandante pegou o telescópio, olhou por ele e depois o entregou ao bispo.

– É verdade, olhe na beira da praia, à direita de uma pedra grande, três homens estão parados ali.

O bispo olhou pelo telescópio, apontou na direção certa; lá estavam os três: um alto, outro um pouco mais baixo e o terceiro bem miúdo; estavam na praia, de mãos dadas.

O comandante virou-se para o bispo.

– O navio precisa parar aqui, Vossa Reverendíssima. Se for do seu agrado, podemos levá-lo de bote até lá, enquanto ficamos ancorados.

Logo soltaram o cabo, jogaram a âncora, desamarraram as velas – a embarcação sacudiu, deu um tranco. Baixaram um bote, os remadores pularam e o bispo começou a descer pela escadinha. O bispo desceu, sentou num banquinho no bote, os remadores bateram os remos na água, rumaram para a ilha. Chegaram a uma altura de onde se podia alcançar a praia com uma pedrada; viram os três eremitas parados: o alto – nu, uma esteira na cintura –, o mais baixo – de caftã esfarrapado – e o mais velho e curvado – numa batina surrada; os três estavam de mãos dadas.

Os remadores atracaram na praia, prenderam o bote com um gancho. O bispo desceu.

Os eremitas o cumprimentaram com uma reverência, o bispo os abençoou e eles se curvaram ainda mais. O bispo começou a lhes falar:

– Ouvi dizer que aqui, eremitas de Deus, vocês estão salvando sua alma, rezam a Cristo pelas pessoas e eu, servo indigno de Cristo, pela graça de Deus, fui chamado para apascentar Seu rebanho; por isso quis também conhecer vocês, servos de Deus, e lhes dar o ensinamento que eu puder.

Os eremitas ficaram calados, sorriram, olharam uns para os outros.

– Digam-me como estão salvando sua alma e como servem a Deus – disse o bispo.

O eremita de estatura mediana suspirou e olhou para o mais velho, o ancião; o eremita mais alto franziu as sobrancelhas e olhou para o mais velho, o ancião. E o mais velho, o ancião, sorriu e disse:

- Nós, servo de Deus, não sabemos servir a Deus, só servimos a nós mesmos, nos alimentamos.
- Como rezam a Deus? – perguntou o bispo.

E o eremita ancião disse:

- Rezamos assim: Nós somos três, Vós sois três, tende piedade de nós!

E assim que o eremita ancião disse essas palavras, os três eremitas ergueram os olhos para o céu e os três disseram:

- Nós somos três, Vós sois três, tende piedade de nós!

O bispo riu e disse:

– Vocês ouviram falar da Santíssima Trindade, mas não rezam direito. Eu me afeiçoei a vocês, eremitas de Deus, e vejo que querem agradar a Deus, mas não sabem como servi-Lo. Não é assim que se deve rezar, mas me escutem que vou ensinar. Não vou ensinar uma reza que eu mesmo inventei, mas a que está nas Escrituras divinas, como Deus mandou que todos rezassem para Ele.

E o bispo começou a explicar aos eremitas como Deus se revelou às pessoas: contou sobre o Deus Pai, o Deus Filho e o Espírito Santo de Deus, e disse:

– O Deus Filho desceu à terra para salvar as pessoas e ensinou todos a rezar. Escutem e repitam depois de mim.

E o bispo começou a dizer:

- Pai Nosso.

E um eremita repetiu “Pai Nosso”, e o outro repetiu “Pai Nosso”, e o terceiro também repetiu “Pai Nosso”.

- Que estais no céu.

Os eremitas repetiram:

- Que estais no céu.

O eremita de estatura mediana não conseguiu pronunciar direito; o eremita alto e nu também não falou tudo: seu bigode tinha crescido por cima da boca, ele não conseguia falar com clareza; o eremita ancião, desdentado, mastigou as palavras de um jeito confuso.

O bispo repetiu de novo, os eremitas repetiram de novo. O bispo sentou-se numa pedra e os eremitas ficaram em pé em volta dele, olhavam para sua boca, repetiam o que ele dizia. E o dia inteiro, até anoitecer, o bispo se esforçou para ensinar aos eremitas; repetiu dez, vinte, cem vezes as mesmas palavras, e os eremitas repetiam com ele. Erravam, o bispo corrigia e os obrigava a repetir do início.

E o bispo só largou os eremitas depois que aprenderam toda a oração do senhor, quando conseguiram repetir depois dele e quando conseguiram falar sozinhos a prece inteira. O primeiro a aprender foi o eremita de estatura mediana, que a repetiu sozinho do início ao fim. O bispo mandou-o dizer a prece mais uma vez, e outra, e ainda de novo, e depois os outros também aprenderam a prece inteira.

Já estava escurecendo, a luz começava a subir do mar, quando o bispo se levantou para ir para o bote. Despediu-se dos eremitas, eles se curvaram numa reverência até o chão. O bispo os levantou, beijou o rosto de todos, mandou que rezassem como ele havia ensinado, sentou-se no bote e partiu na direção do navio.

O bispo seguiu para o navio e ouvia o tempo todo como os eremitas repetiam alto, a três vezes, a oração do Senhor. O bote começou a se afastar, já não se ouvia a voz dos eremitas, mas à luz do luar ainda se podia ver: estavam parados na praia, no mesmo lugar, os três eremitas – o menor de todos no meio, o mais alto à direita, o de estatura mediana à esquerda. O bispo chegou ao navio, subiu no convés, levantaram a âncora, ergueram as velas, o vento as inflou, o navio se pôs em movimento e eles foram embora. O bispo foi à proa, sentou-se e ficou o tempo todo olhando para a ilha. No início, dava para ver os eremitas, depois sumiram, só se via a ilha, depois a ilha também desapareceu, só o mar ondulava sob a luz da lua.

Os peregrinos foram dormir e tudo ficou em silêncio no convés. Mas o bispo não teve vontade de dormir, continuou sentado sozinho na proa, olhava para o mar na direção onde a ilhota havia desaparecido e pensava nos bondosos eremitas. Pensava em como tinham ficado contentes por aprender a prece e agradeceu a Deus por tê-lo enviado para ajudar os eremitas de Deus e ensinar-lhes as palavras divinas.

O bispo ficou assim, pensando, olhando para o mar, na direção em que a ilhota havia desaparecido. E seus olhos se turvavam e, ora aqui, ora ali, a luz rebrilhava nas ondas. De repente ele viu algo brilhar, branco, na faixa da luz do luar: uma ave, uma gaivota, ou a vela branca de um barquinho. O bispo olhou com atenção. “É um bote a vela que vem atrás de nós”, pensou. “Mas vem depressa demais, daqui a pouco vai nos ultrapassar. Estava lá longe e agora dá para ver bem perto. Mas não pode ser um bote, não parece uma vela. Mas algo vem correndo atrás de nós e vai nos alcançar.” E o bispo não conseguia distinguir o que era: nem bote, nem ave, nem peixe. Parecia um homem, mas muito grande, e um homem não podia estar assim, no meio do mar. O bispo se levantou, aproximou-se do timoneiro.

– Olhe – disse. – O que é aquilo? O que é aquilo, irmão? O que é aquilo? – perguntou o bispo, e então ele mesmo viu: os eremitas corriam sobre o mar, brancas, suas barbas grisalhas reluziam e se aproximavam do navio, como se estivesse parado.

O timoneiro olhou, se assustou, largou o leme e começou a gritar:

– Meu Deus! Os eremitas estão vindo atrás de nós pelo mar, correm como se estivessem na terra!

O povo ouviu, levantou, correram todos para a proa. Todos viram: os eremitas vinham correndo, de mãos dadas, os dois das pontas acenavam com a mão, mandavam parar o navio. Os três sobre a água, como se estivessem na terra, corriam sem mexer as pernas.

Antes que tivessem tempo de parar a embarcação, os eremitas alcançaram o navio, aproximaram-se da borda, ergueram a cabeça e disseram a uma só voz:

– Esquecemos, servo de Deus, esquecemos sua lição! Enquanto repetíamos, lembramos, mas na hora em que paramos de repetir, uma palavra escapou, esquecemos e tudo se desmanchou. Não lembramos nada, ensine de novo.

O bispo se benzeu, curvou-se para os eremitas e disse:

– A prece de vocês já alcançou Deus, eremitas de Deus. Não tenho nada para lhes ensinar. Rezem por nós, pecadores!

E o bispo se curvou numa reverência até o chão diante dos eremitas. E os eremitas pararam, deram meia-volta e retornaram para o mar. E até de manhã, se viu um resplendor no lado para onde foram os eremitas.

A VELINHA

Ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau.

Mateus, V, 38

Foi uma questão entre os senhores. Eram todos senhores. Havia alguns que se lembravam da hora da morte e de Deus e tinham piedade das pessoas, e havia uns cachorros, que não se lembravam de nada. Mas os piores não eram os chefes, mas uns servos que tinham subido da lama para o principado! E entre eles havia um que era o pior de todos.

Um feitor tomou o poder e sentou no pescoço dos mujiques. Pessoalmente, era um homem de família – tinha esposa e duas filhas casadas – e havia juntado dinheiro: podia levar uma vida sem pecado, mas era invejoso e preso ao pecado. Começou acabando com os dias de folga dos mujiques e aumentando a corveia. Montou uma olaria, matava todo mundo de trabalhar – mulheres e homens – e vendia os tijolos. Os mujiques foram reclamar com o senhor de terras em Moscou, mas não deu em nada. Ele não concordou com nada que os mujiques pediram e não tirou o poder do feitor. O feitor soube que os mujiques tinham ido reclamar e começou a vingar-se. A vida dos mujiques ficou ainda pior. Havia gente desleal no meio dos mujiques: denunciavam os próprios irmãos ao feitor e traíam uns aos outros. Todo o povo vivia assustado e o feitor se enraivecia.

Assim foi cada vez mais, até que o feitor chegou a um ponto em que o povo tinha medo dele como se fosse de um animal feroz. Ele passava pela aldeia e todo mundo tinha medo, como se fosse um lobo que podia pular de repente, do nada, em cima de quem aparecesse diante de seus olhos. E o feitor percebia e ficava ainda mais raivoso, para que tivessem medo dele. E enchia o povo de pancada e de trabalho, e os mujiques sofriam muitos suplícios por causa dele.

Acontecia de darem cabo de malvados como ele; e os mujiques começaram a conversar sobre isso. Reuniam-se num canto qualquer e alguém mais corajoso dizia:

– Ainda vamos ter de aguentar muito tempo esse malvado? Vamos todos acabar morrendo... matar um desses não é pecado!

Um dia, antes da Semana Santa, os mujiques se reuniram na floresta: o feitor tinha mandado limpar a floresta senhorial. Reuniram-se para o almoço, começaram a conversar.

– Como é que vamos viver agora? – disseram. – Ele vai arrancar nosso couro. Vai matar a gente de trabalhar: não tem dia nem noite, nem nós nem as mulheres temos descanso. Se alguma coisa não anda como ele quer, logo pula em cima, manda chicotear. O Semion morreu por causa dele. O Aníssim foi torturado no tronco. O que ainda estamos esperando? Ele vai chegar de noite, vai começar de novo a atormentar... é só a gente derrubar o feitor do cavalo, bater com o machado e pronto, assunto encerrado. Enterrar em qualquer lugar, como um cachorro, e ponto-final. É só a gente fazer um acordo: todo mundo vai ficar junto, ninguém denuncia!

Assim falou Vassíli Mináiev. Ele tinha mais raiva que todos do feitor. O feitor o espancava toda semana e tinha tomado sua esposa e levado para sua casa para ser cozinheira.

O mujiques falavam desse jeito e à tarde chegou o feitor. Veio a cavalo, foi logo reclamando que não estavam trabalhando direito. Achou uma tília no monte de mato cortado.

– Eu não mandei que não cortassem as tílias? Quem foi que derrubou a tília? Contem, senão vou espancar todo mundo!

Foram ver na fileira de quem estava o pé de tília. Apontaram para Sídor. O feitor bateu na cara de Sídor até ficar toda ensanguentada. Também chicoteou Vassíli porque sua pilha de mato cortado estava pequena. Foi embora para casa.

Os mujiques se reuniram de novo à noite e Vassíli começou a falar:

– Eh, gente! Não somos homens, mas pardais. “Vamos resistir, vamos resistir”, e quando chegou a hora, todo mundo voou para debaixo do beiral. Que nem os pardais, na hora em que aparece o gavião: “Não vamos fugir, não vamos fugir, vamos resistir, vamos resistir!”. E quando ele desceu voando, todos fugiram para as urtigas. E o gavião pegou o pardal que queria e arrastou. Os pardais voltaram: “Piu, piu!”... Estava faltando um. “Quem falta? É o Vanka. Ele exagerou, bem feito para ele.” Assim são vocês. Não vamos denunciar, não vamos denunciar! Quando ele pegou o Sídor, vocês tinham de ter se juntado e acabado com ele. “Não vamos denunciar, não vamos denunciar, vamos resistir, vamos resistir!”... E logo fogem todos para o mato.

E os mujiques passaram a falar assim cada vez mais, sempre se preparando para dar cabo do feitor. Na Sexta-Feira da Paixão, o feitor mandou os mujiques se prepararem para o trabalho obrigatório na

terra no senhor no dia santo da Páscoa e para o plantio de aveia. Isso pareceu um insulto aos mujiques e na Sexta-Feira da Paixão eles se reuniram na casa de Vassíli, nos fundos, e começaram a conversar outra vez.

– Se ele se esqueceu de Deus e quer mesmo fazer essas coisas, a gente tem o direito de matar o feitor. De todo jeito, a gente está perdido mesmo!

Piotr Mikheiev se juntou a eles. Era um mujique pacífico e não entrava nas discussões dos mujiques. Mikheiev chegou, escutou as palavras deles e disse:

– Irmãos, o que estão pensando é um grande pecado. Destruir uma alma é coisa séria. É fácil destruir a alma de outra pessoa, mas a nossa própria? Ele faz muito mal, o mal está dentro dele. É preciso suportar, irmãos.

Vassíli irritou-se com aquilo.

– Você repete sempre a mesma coisa: matar um homem é pecado. Claro, é pecado, mas que homem é ele? É pecado matar um homem bom, mas um cachorro desses, Deus até quer que a gente mate. A gente tem de matar um cachorro louco, tem de ter pena das pessoas. Não matar é um pecado maior ainda. Quanta desgraça ele não vai fazer às pessoas? Ainda que a gente sofra, é para o bem das pessoas. Vão agradecer à gente. Se a gente ficar só babando de boca aberta, ele vai acabar com todo mundo. O que você diz, Mikheiev, é bobagem. Por acaso é um pecado menor trabalhar todo mundo no feriado de Cristo? Você mesmo não vai!

E Mikheiev disse:

– Por que não vou? Mandam lavrar a terra e eu vou lavrar. Não é por mim. E Deus sabe de quem é o pecado, é só a gente não se esquecer Dele. Eu, irmãos, não falo por mim. Se fosse para a gente destruir o mal com o mal, Deus tinha feito uma lei para isso; o que a gente tem de fazer é outra coisa. A gente destrói o mal e ele passa para dentro da gente. Matar um homem não é complicado, mas o sangue gruda na alma. Se a gente mata uma pessoa, mancha de sangue a própria alma. A gente pensa: “Matei um homem mau”. Pensa: “Destruí o mal”, mas quando a gente percebe, trouxe um mal ainda maior para dentro da gente. Submeta-se à desgraça e a desgraça vai ser submetida.

Assim, os mujiques não conseguiram se entender: as ideias se dividiram. Uns achavam que Vassíli estava certo, outros concordavam com Petrov, achavam que não se devia atacar o mal, mas suportar.

Os mujiques festejaram o primeiro dia, o domingo. De noitinha, vieram o estaroste e os membros do conselho dos senhores de terras e disseram que Mikhail Semiónitch, o feitor, mandou preparar todos os mujiques para, no dia seguinte, lavrarem a terra para a aveia. O estaroste e os membros do conselho percorreram toda a aldeia e mandaram que todos fossem lavrar a terra no dia seguinte, uns do outro lado do rio, outros na beira da estrada. Os mujiques choraram, mas não se atreveram a desobedecer, saíram de manhã com os arados, começaram a lavrar a terra. Na igreja tocaram os sinos para a missa da manhã, em toda parte o povo celebrava o feriado – os mujiques lavravam a terra.

Mikhail Semiónitch, o feitor, acordou tarde, foi ver a propriedade; as pessoas de casa tinham se arrumado, se vestido – a esposa, a filha viúva (que veio para passar a Semana Santa); um empregado preparou a charrete para eles, foram à missa, voltaram; uma empregada preparou o samovar, serviu e Mikhail Semiónitch começou a tomar chá. Mikhail Semiónitch bebeu muito chá, fumou cachimbo, chamou o estaroste.

– E então, mandou os mujiques lavrarem a terra?

– Mandei, Mikhail Semiónitch.

– E todos foram?

– Todos foram, eu mesmo levei.

– Levar pode ter levado, mas será que estão lavrando a terra mesmo? Vá olhar e avise que irei lá depois do almoço e quero ver pronta uma *dessiatina* de terra para cada dois arados, e que a terra esteja bem arada! Se eu achar uma falha, não vou querer saber de feriado nenhum!

– Sim, senhor.

E o estaroste fez menção de sair, mas Mikhail Semiónitch o chamou de volta. Mikhail Semiónitch chamou o estaroste, mas hesitou, queria dizer uma coisa, mas não sabia como. Pensou, pensou e disse:

– É o seguinte, escute com atenção o que aqueles bandidos andam falando sobre mim. Quem está me xingando e o que dizem... conte tudo para mim. Eu conheço aqueles bandidos, não gostam de trabalhar, só sabem ficar deitados, vagabundear. Encher a pança e fazer farra, disso eles gostam, e nem pensam que se perderem a hora certa de semear, depois vai ser tarde demais. Então você trate de ouvir com atenção o que andam falando, quem diz o quê, e me conte tudo. Preciso saber. E preste atenção para me contar tudo, sem deixar nada de fora.

O estaroste deu meia-volta, saiu, montou no cavalo e foi ao encontro dos mujiques, no campo.

A esposa do feitor ouviu as palavras do marido para o estaroste, dirigiu-se a ele e começou a pedir. Era uma mulher pacífica, tinha bom coração. Do modo que podia, apaziguava o marido e tomava o lado dos mujiques.

Foi falar com o marido e começou a pedir.

– Meu amigo, Míchenka, no grande dia santo, no feriado do Senhor, não cometa um pecado, em nome de Cristo, libere os mujiques!

Mikhail Semiónitch não aceitou as palavras da esposa, apenas riu para ela.

– Será que já faz tanto tempo assim que o chicote passeou por você para ter ficado tão corajosa e se meter no que não é da sua conta?

– Míchenka, você é meu amigo, tive um sonho ruim com você, escute, me atenda, libere os mujiques!

– Ora, ora – respondeu. – Pois eu digo: parece que você comeu muita gordura e acha que o chicote não vai doer. Cuidado!

Semiónitch zangou-se, bateu com o cachimbo aceso nos dentes da esposa, mandou a mulher sair e servir o jantar.

Mikhail Semiónitch comeu geleia de mocotó, pastelão, sopa de repolho com carne de porco, leitão assado, talharim ao leite, e bebeu licor de cereja, comeu uma fatia de torta doce, chamou a cozinheira, mandou que cantasse e ele mesmo pegou o violão e acompanhou.

Mikhail Semiónitch estava alegre, arrotava, dedilhava as cordas do violão, ria com a cozinheira. Chegou o estaroste, fez uma reverência passou a contar o que tinha visto no campo.

– E então, estão lavrando a terra? Vão terminar a tarefa?

– Já lavraram mais da metade.

– Não tem falhas na terra arada?

– Não vi nenhuma, lavraram bem, estão com medo.

– E deixaram a terra bem revirada e solta?

– A terra está soltinha e fofa, como sementes de papoula.

O feitor ficou calado.

– Bem, e o que andam falando de mim? Xingam?

O estaroste hesitou, mas Mikhail Semiónitch mandou que dissesse toda a verdade.

– Conte tudo, o que vai dizer não são palavras suas, mas deles. Conte a verdade, vou recompensar você, mas se acobertar os mujiques, paciência, aí vou mandar chicotear você. Ei, Katiúcha, traga um copo de água para ele tomar coragem.

A cozinheira foi e trouxe água para o estaroste. Ele agradeceu, bebeu tudo, ajeitou-se e começou a contar. “Tanto faz”, pensou, “não é culpa minha se não elogiam o feitor; vou dizer a verdade, se é o que ele quer.” E o estaroste tomou coragem e começou a falar:

– Reclamam, Mikhail Semiónitch, reclamam.

– Mas o que dizem? Conte.

– Falam sempre a mesma coisa: “Ele não acredita em Deus”.

O feitor deu uma risada.

– Quem disse isso?

– Todo mundo. Eles dizem: “O Diabo tomou conta dele”.

O feitor riu.

– Isso é bom – disse. – Mas me conte direito quem foi que falou o quê. O que falou o Vaska?

O estaroste não queria denunciar sua gente, mas tinha uma inimizade antiga com Vassíli.

– O Vassíli é quem mais xinga.

– Mas o que ele diz? Conte.

– Dá medo de falar. Diz: “Ele não vai morrer em paz”.

– Ah, grande rapaz – disse o feitor. – Então ele vai ficar parado, não vai me matar? Pelo visto os braços não me alcançam, não é? Está certo, Vaska, depois vamos acertar nossas contas. E o Tichka, o cachorro, também diz a mesma coisa, não é?

– Sim, todos falam mal.

– Mas o que é que dizem?

– Dá vergonha repetir.

– Mas vergonha de quê? Não tenha medo de falar.

– Dizem: “Que a barriga dele estoure e as tripas venham para fora”.

Mikhail Semiónov alegrou-se, até deu uma risada.

– Vamos ver quem vai estourar primeiro. Quem disse isso? O Tichka?

– Ninguém fala nada de bom, todo mundo xinga, todo mundo roga praga.

– Sei, mas e o Petruchka Mikheiev? O que ele diz? Também me xinga, o trapalhão, não é?

– Não, Mikhail Semiónitch, o Piotr não xinga.

– Mas o que ele diz?

– De todos os mujiques, é o único que não fala nada. É um mujique estranho! Fiquei admirado com ele, Mikhail Semiónitch!

– Por quê?

– Por causa do que ele fez! E todos os mujiques ficaram admirados.

– E o que ele fez?

– Uma coisa muito fora do comum. Cheguei perto dele. Estava arando com a gadanha a *dessiatina* de terra no alto de Turkin. Comecei a acompanhar, fiquei escutando... cantava alguma coisa, bem agudo, bonito demais, e alguma coisa brilhava feito fogo no arado de madeira.

– E aí?

– Brilhava que nem uma chama. Cheguei mais perto, olhei... uma velinha de cera de cinco copeques estava grudada na haste do arado, acesa, e o vento não a apagava. E ele andava para a frente, numa camisa nova, lavrava a terra e cantava os versos do domingo. E dava a volta e sacudia a poeira, e a velinha não apagava. Bem na minha frente, sacudia a cunha, ajeitava o arado, e a vela sempre acesa, não apagava!

– E o que ele dizia?

– Não dizia nada. Só olhou para mim, me beijou três vezes, como se faz na Páscoa, e começou a cantar de novo.

– E o que você disse para ele?

– Não disse nada, mas os mujiques vieram para perto e começaram a rir dele, disseram: “Nem se rezar cem anos o Mikhei vai se livrar do pecado de lavrar a terra no Dia Santo”.

– E o que ele disse?

– Só disse isso: “Paz na terra aos homens de boa vontade!”. Pegou de novo o arado, puxou o cavalo e cantou com voz fina, e a vela acesa não apagava.

O feitor parou de rir, pôs o violão de lado, baixou a cabeça e ficou pensando.

Ficou parado, parado, mandou embora a cozinheira e o estaroste, foi para trás da cortina, deitou na cama e começou a suspirar e a gemer, como se uma carroça cheia de lenha estivesse passando. A esposa chegou perto, começou a conversar; ele não respondeu. Só disse:

– Ele me venceu! Agora chegou minha vez!

A esposa tentou convencer o marido:

– Va até lá, libere os mujiques. Não há de ser nada! Quantas coisas você já fez, nunca teve medo, e agora está com medo de quê?

– Estou perdido – disse. – Ele me venceu.

A esposa gritou com ele:

– Você não fala outra coisa: “Venceu, venceu”. Vá até lá, libere os mujiques que tudo vai ficar bem. Vá, vou mandar selar o cavalo.

Trouxeram o cavalo e a esposa convenceu o feitor a ir ao campo e liberar os mujiques do trabalho.

Mikhail Semiónitch montou no cavalo e foi ao campo. Chegou à cerca, uma mulher abriu a porteira e ele seguiu para a aldeia. Assim que o povo avistou o feitor, todo mundo se escondeu, uns em casa, outros atrás dos muros, outros nas hortas.

O feitor percorreu toda a aldeia, chegou à porteira da saída. Estava fechada e, montado no cavalo, ele não conseguia abrir. O feitor gritou, gritou, para que viessem abrir para ele, mas ninguém atendeu aos seus gritos. O feitor desceu do cavalo, abriu a porteira e foi montar de novo. Meteu o pé no estribo, suspendeu o corpo, quis subir na sela, mas o cavalo se assustou com um porco, empinou junto à cerca, o homem era pesado, não caiu sobre a sela, foi jogado de barriga em cima das estacas da cerca. Só uma estaca era pontuda e mais alta que as outras. E ele caiu direto com a barriga naquela estaca. Sua barriga foi cortada e ele tombou na terra.

Os mujiques voltaram do campo lavrado; os cavalos resfolegaram, não quiseram passar pela porteira. Os mujiques olharam – Mikhail Semiónitch jazia estirado de costas, de braços abertos, os olhos parados e as entranhas espalhadas sobre a terra! E o sangue tinha formado uma poça – a terra não absorvia.

Os mujiques se assustaram, levaram os cavalos pelo outro lado, só Piotr Mikheitch desceu do cavalo, chegou perto do feitor, viu que estava morto, fechou seus olhos, atrelou uma carroça, com a ajuda do filho colocou o morto na parte de trás e seguiu para a casa senhorial.

O senhor da terra soube de tudo isso e, para se livrar do pecado, liberou os mujiques do tributo obrigatório pago ao proprietário.

E os mujiques entenderam que a força de Deus está no bem, e não no pecado.

CONTO SOBRE IVAN BOBO E SEUS DOIS IRMÃOS: SEMION GUERREIRO E TARÁS BARRIGUDO, E SOBRE A IRMÃ MUDA MALÂNIA, O DIABO VELHO E OS TRÊS CAPETINHAS

Guerreiro, Tarás Barrigudo e Ivan Bobo, além da filha muda e solteira, Malânia. Semion Guerreiro foi para a guerra, servir ao rei. Tarás Barrigudo foi para o mercado, na cidade, trabalhar no comércio, e Ivan Bobo e a moça ficaram trabalhando em casa, pegando no pesado. Semion Guerreiro ganhou um alto cargo, uma grande propriedade e casou com a filha de um senhor de terras. O ordenado era grande e a propriedade também, mas ele não conseguia cobrir as despesas: tudo que o marido juntava de um lado, a esposa nobre gastava do outro; nunca tinham dinheiro. E Semion Guerreiro foi à propriedade para pegar a renda. O administrador lhe disse:

– Não tem de onde tirar; não temos gado, nem ferramentas, nem cavalos, nem vacas, nem arado, nem ancinho; é preciso comprar tudo... aí vai ter renda.

E Semion Guerreiro foi falar com o pai.

– Paizinho, você é rico e não me deu nada. Separe a terça parte e me dê, que vou transferir para a minha propriedade.

O velho disse:

– Você não trouxe nada para minha casa, por que vou lhe dar um terço? Ivan e a menina vão ficar ofendidos.

E Semion respondeu:

– Mas ele é um bobo e ela é muda e solteira; não precisam de nada disso.

O velho disse:

– Vamos ver o que diz o Ivan.

E Ivan disse:

– Tudo bem, pode levar.

Semion Guerreiro levou sua parte da casa, transferiu para sua propriedade, partiu de novo para servir ao rei.

Tarás Barrigudo ganhou muito dinheiro – casou com a filha de um comerciante, mas nunca tinha o bastante, procurou o pai e disse:

– Separe a minha parte e me dê.

O velho não quis dar para Tarás sua parte.

– Você nunca nos deu nada, o que tem aqui em casa foi o Ivan que pagou. Não se pode fazer uma desfeita dessas com ele e com a menina.

E Tarás respondeu:

– Ora, ele é um bobo. Não pode casar, ninguém vai querer, e a menina é muda, também ninguém quer. Ivan, me dê a metade dos cereais; não vou pegar as ferramentas e dos animais também só vou levar o garanhão ruço, você não usa esse animal para puxar o arado.

Ivan riu.

– Tudo bem, vou pôr o cabresto.

Deram para Tarás sua parte. Tarás transportou o cereal para a cidade, levou o garanhão cinzento e Ivan ficou com uma égua velha e trabalhou no campo como antes, para alimentar o pai e a mãe.

O Diabo Velho ficou aborrecido porque os irmãos não brigaram por causa da partilha, mas entraram num acordo por amor. E então gritou para os três capetinhas:

– Vejam só – disse –, são três irmãos: Semion Guerreiro, Tarás Barrigudo e Ivan Bobo. Eles tinham de brigar uns com os outros, mas vivem em paz: se dão bem e amigavelmente. O Bobo estragou todos os meus planos. Agora vocês três vão até lá, dominem aqueles três e deixem todos tão perturbados

que fiquem com vontade de arrancar os olhos uns dos outros. Podem fazer isso?

– Podemos – responderam.

– E como vão fazer?

– Assim: primeiro vamos deixar todos numa penúria tão grande que não vão ter nada para devorar, depois vamos juntar os três num bolo e eles vão ter de brigar.

– Certo, está bem – respondeu. – Vejo que conhecem seu ofício; vão em frente e não apareçam na minha frente antes de estragar a vida dos três, senão vou arrancar o couro de vocês três.

Os capetinhas foram para um pântano, começaram a estudar como resolver a questão; discutiram, discutiram, cada um queria ficar com a parte mais fácil do trabalho, e acabaram resolvendo sortear quem ia cuidar de quem. E se um deles terminasse antes, voltaria para ajudar os outros. Os capetinhas tiraram a sorte e combinaram um prazo para voltar ao pântano, saber quem havia obtido sucesso primeiro e quem ia receber ajuda.

Passou o prazo e os capetinhas se reuniram no pântano. Começaram a explicar como andava o trabalho de cada um. O primeiro capetinha falou de Semion Guerreiro.

– Meu trabalho está indo bem – disse ele. – Amanhã, meu Semion vai à casa do pai.

Seus camaradas logo perguntaram:

– Como foi que você fez?

– Ah – respondeu –, primeiro inspirei no Semion uma coragem tão grande que ele prometeu a seu rei conquistar o mundo inteiro e o rei fez de Semion o grande chefe, mandou-o guerrear contra o rei da Índia. Encontraram-se para o combate. Mas naquela mesma noite molhei toda a pólvora da tropa de Semion e, para o rei da Índia, transformei feixes de palha em soldados que não acabavam mais. Os soldados de Semion viram que eram atacados de todos os lados por soldados de palha e ficaram com medo. Semion mandou suas tropas dispararem: os canhões e os fuzis não atiraram. Os soldados de Semion se assustaram e fugiram como ovelhas. E o rei da Índia venceu. Semion Guerreiro se cobriu de vergonha, tomaram sua propriedade e querem executá-lo amanhã. Só me resta um dia para cumprir minha tarefa, tirá-lo da prisão e deixar que fuja para casa. Amanhã vou liquidar a questão, portanto me digam qual dos dois tenho de ajudar.

O outro capetinha, o de Tarás, passou a contar como andava sua missão:

– Eu não preciso de ajuda. Meu trabalho também andou bem, Tarás não vai viver mais de uma semana. Primeiro, fiz crescer nele uma barriga e inspirei nele a inveja. Ele tem uma inveja tão grande dos bens dos outros que tudo o que vê quer comprar para si. Saiu comprando tudo até não poder mais, gastou todo o seu dinheiro e ainda continuou comprando. Agora começou a comprar com dinheiro emprestado. Já está enterrado até o pescoço e se enrolou de tal jeito que não tem mais como resolver a situação. No prazo de uma semana, virão cobrar e eu vou transformar todas as suas mercadorias em estrume, ele não vai pagar e irá para a casa do pai.

Perguntaram ao terceiro capetinha a respeito de Ivan.

– E o seu trabalho, como vai?

– Pois é – respondeu –, meu trabalho não anda bem, não. Primeiro cuspi no seu jarro de kvás para que ele tivesse dor de barriga e fui para sua lavoura, bati tanto na terra que ela ficou dura feito pedra, para ele não poder lavrar. Pensei que o Ivan não ia conseguir arar, mas ele, o bobo, chegou com o arado e começou a abrir sulcos. Gemia de dor de barriga, mas não parava de arar. Quebrei um arado dele, o bobo foi em casa, pegou outro, consertou, prendeu hastes novas e começou a arar outra vez. Eu me enfiar embaixo da terra, agarrei as relhas, mas não tinha jeito de barrar seu caminho, ele empurrava o arado e as relhas eram pontudas; machuquei minhas mãos todas. Ele arou quase tudo, só ficou faltando uma faixa. Venham me ajudar, irmãos – disse ele –, se nós juntos não vencermos o Ivan, todo o nosso trabalho estará perdido. Se o bobo resistir e continuar lavrando a terra, eles não vão passar necessidade e o bobo vai alimentar os dois irmãos.

O capetinha encarregado de cuidar de Semion Guerreiro prometeu ir ajudar no dia seguinte e os capetinhas se despediram.

III

Ivan arou o campo inteiro, só ficou faltando uma faixa de terra. Foi terminar. A barriga doía e ele tinha de arar. Apertou as cordas, virou o arado e foi arar. Assim que deu a primeira volta e começou a retornar, pareceu que uma raiz ou alguma coisa tinha bloqueado o arado. Mas eram as pernas do capetinha agarradas em torno da lâmina, segurando. “Que coisa estranha!”, pensou Ivan. “Aqui não tinha raiz nenhuma, mas agora apareceu.” Ivan enfiou a mão no sulco, apalpou: uma coisa mole. Ele segurou, puxou. Preta que nem uma raiz, mas naquela raiz alguma coisa se mexia. Olhou: um capetinha vivo.

– Ora essa – exclamou –, que coisa nojenta!

Ivan sacudiu, quis esmagar a cabecinha dele, mas o capetinha começou a guinchar:

– Não bata em mim – disse –, faço tudo que você quiser.

– O que vai fazer para mim?

– É só dizer o que você quer.

Ivan coçou a cabeça.

– Minha barriga está doendo – disse. – Pode dar um jeito?

– Posso – respondeu.

– Então cure.

O capetinha se abaixou para dentro do sulco do arado, procurou, procurou com as unhas, puxou uma raiz que se dividia em três, deu para Ivan.

– Tome – disse –, quem engolir uma dessas raízes não vai mais sentir dor nenhuma.

Ivan pegou uma raiz, cortou, engoliu. A dor de barriga passou na mesma hora.

O capetinha começou a pedir de novo:

– Agora me solte, vou me enfiar na terra, não vou mais subir.

– Está bem – respondeu. – Vá com Deus.

E assim que Ivan falou de Deus, o capetinha sumiu embaixo da terra, como uma pedra atirada na água, e só ficou um buraco. Ivan meteu no chapéu as duas raízes que sobraram e foi terminar de arar a terra. Arou a faixa de terra até o fim, tirou o arado e foi para casa. Desatrelou o cavalo, entrou na isbá e o irmão mais velho, Semion Guerreiro, estava sentado com a esposa, jantando. Tiraram dele sua propriedade, a muito custo tinha conseguido fugir da prisão para ir morar na casa do pai.

Semion viu Ivan.

– Vim morar com você; dê comida para mim e para minha esposa, até que apareça um novo lugar.

– Está bem – respondeu. – Morem aqui.

Ivan só queria sentar no banco, mas a fidalga não gostou do cheiro de Ivan. Disse para o marido:

– Não posso jantar com o cheiro fedorento de mujique do meu lado.

Semion Guerreiro disse:

– Minha fidalga disse que seu cheiro não é bom, você podia ir comer lá fora.

– Tudo bem – respondeu Ivan. – Tenho mesmo de levar a égua para o pasto da noite.

Ivan pegou um pão e o caftã e foi para o pasto da noite.

IV

Naquela noite, o capetinha de Semion Guerreiro o deixou e foi procurar o capetinha de Ivan, para ajudá-lo a atormentar o bobo. Chegou ao campo lavrado; procurou. Procurou seu camarada – não estava em lugar nenhum, só achou um buraco. “Bem”, pensou, “na certa aconteceu uma desgraça com meu camarada, tenho de ocupar seu lugar. A terra já foi arada, vou ter de pegar o bobo na ceifa.”

O capetinha foi para o prado, fez correr uma enxurrada; a ceifa ficou toda coberta de lama. Ivan voltou de manhã cedo, vindo do pasto da noite, amolou a gadanha, foi ceifar o campo; brandiu a gadanha uma vez, outra vez – a gadanha ficou cega, não cortava, era preciso amolar. Ivan amolou, amolou.

– Não – disse Ivan. – É melhor ir para casa, vou trazer o esmeril e um pão redondo e grande. Mesmo que eu fique uma semana, não vou embora daqui sem ceifar.

O capetinha escutou e ficou pensando.

– Esse bobo é osso duro – disse –, não vou levar a melhor desse jeito. É preciso inventar outras tramoias.

Ivan chegou, amolou a gadanha, começou a ceifar. O capetinha se enfiou no capim, começou a segurar a gadanha com o calcanhar e a fincar a ponta na terra. Ivan teve dificuldade, mesmo assim terminou de ceifar – só restou um pedaço de terra num brejo. O capetinha se enfiou no brejo e pensou: “Mesmo que eu corte minhas patas, não vou deixar o bobo ceifar”.

Ivan chegou ao brejo; olhou – o capim não estava grosso, mas ele não conseguia cortar com a gadanha. Ivan se irritou, começou a ceifar com toda a força; o capetinha começou a ceder – não teve tempo de pular; quando viu, a situação estava ruim, escondeu-se num arbusto. Ivan ergueu a gadanha, acertou no arbusto, cortou ao meio o rabo do capetinha. Ivan terminou de ceifar, mandou a irmã passar o ancinho e ele mesmo foi ceifar o centeio.

Saiu com o facão, mas o capetinha de rabo cortado já estava lá, tinha feito tamanha confusão no centeio que o facão não cortava. Ivan voltou, pegou uma foice e tratou de ceifar – ceifou o centeio todo.

– Bem – disse –, agora tenho de cuidar da aveia.

O capetinha de rabo cortado ouviu e pensou: “No centeio, não consegui, então vou dar um jeito na aveia, é só esperar até de manhã”. De manhã, o capetinha foi correndo para o campo de aveia, mas a aveia já estava toda ceifada: Ivan tinha ceifado de noite para a aveia não se espalhar muito. O capetinha se irritou.

– O bobo me cortou e me atormentou – disse. – Nem na guerra tive tanto problema! O desgraçado não dorme, com ele não se pode perder tempo! Agora vou até o fim, vou estragar tudo para ele.

E o capetinha foi para uma meda de centeio, enfiou-se no meio dos feixes, começou a apodrecer: esquentou os feixes, ele mesmo ficou quente e cochilou.

Ivan atrelou a égua e foi com a irmã trabalhar no campo. Foi até a meda, começou a carregar a carroça. Jogou dois feixes na carroça, enfiou o forcado e acertou em cheio no traseiro do capetinha; levantou, olhou; nas pontas do forcado, um capetinha vivo, e com o rabo cortado, se debatia, se contorcia, queria pular fora.

– Puxa vida – exclamou Ivan. – Que nojo! De novo você por aqui?

– Eu sou outro, aquele era meu irmão – disse o capetinha. – Eu cuidei do seu irmão Semion.

– Pois eu nem quero saber quem é ou quem não é, eu vou é acabar logo com você!

Quis atirá-lo contra uma pedra, mas o capetinha começou a implorar.

– Me solte, não vou fazer mais nada, e ainda faço o que você quiser.

– E o que você pode fazer?

– Posso transformar qualquer coisa em soldados para você, quantos quiser.

– Mas para que servem eles?

– Ora, para o que você quiser; eles podem fazer tudo.

– Podem tocar música?

– Podem.

– Então faça isso.

E o capetinha disse:

– Pegue aquele feixe de centeio, bata com a parte de baixo na terra e diga assim: “Meu escravo ordena que não seja mais um feixe de centeio e que cada palha se transforme num soldado”.

Ivan pegou o feixe, bateu na terra e falou o que o capetinha mandou. E o feixe se desmanchou, se transformou em soldados, e os da frente tocavam tambor e corneta. Ivan deu uma risada.

– Ora essa – exclamou. – Que beleza! Isso vai divertir minha irmã.

– Certo – disse o capetinha. – Agora me solte.

– Não, primeiro tenho de tirar os grãos do feixe, senão vou perder o centeio à toa. Ensine como transformar os soldados de novo num feixe de centeio. Vou debulhar.

O capetinha disse:

– É só dizer assim: “Cada soldado se transforme numa palha. Meu escravo ordena que seja de novo um feixe!”.

Ivan falou e o feixe voltou a ser feixe.

E o capetinha recomeçou a implorar.

– Agora me solte.

– Está bem!

Ivan botou o capetinha no chão, segurou com a mão e tirou do forçado.

– Vá com Deus – disse. E assim que falou de Deus o capetinha se enfiou por baixo da terra, como uma pedra atirada na água, e só ficou um buraco.

Ivan chegou em casa e lá estava seu outro irmão, Tarás, sentado com a esposa, jantando. Tarás Barrigudo não tinha feito as contas direito, fugiu das dívidas e foi para a casa do pai. Ele viu Ivan.

– Pois é, Ivan. Enquanto eu não volto para o comércio, dê comida para mim e para minha esposa.

– Está bem – respondeu Ivan. – Morem aqui.

Ivan tirou o cafã, sentou-se à mesa.

Mas a filha do comerciante disse:

– Não posso comer do lado de um bobo: o suor dele cheira mal.

Tarás Barrigudo disse:

– Ivan, seu cheiro não é bom, vá comer lá fora.

– Está bem – respondeu Ivan.

Pegou um pão e foi para fora.

– Tenho mesmo de levar a égua para o pasto da noite.

v

Naquela noite, o capetinha de Tarás deu sua missão por terminada – foi ajudar seus camaradas a atormentar Ivan Bobo. Chegou ao campo arado, procurou, procurou os camaradas – não achou ninguém, só achou um buraco. Foi para o prado – achou um pedaço de rabo no brejo, encontrou o centeio ceifado e debulhado e mais um buraco na terra. “Puxa”, pensou, “pelo visto aconteceu alguma desgraça com meus camaradas, tenho de ocupar o lugar deles e cuidar do bobo.”

O capetinha foi procurar Ivan. Mas Ivan já havia terminado o trabalho nos campos e tinha ido cortar madeira na floresta.

Os irmãos moravam juntos e havia pouco espaço, mandaram o bobo cortar madeira para fazer outra isbá para ele morar.

O capetinha chegou à floresta, trepou nos galhos, começou a atrapalhar o bobo. Ivan cortava as

árvores do jeito certo, para caírem num lugar vazio, e começou a derrubar uma árvore – ela tombou torta, caiu para o lado errado, ficou agarrada nos galhos. Ivan cortou o tronco no meio, começou a puxar, a muito custo derrubou a árvore. Ivan foi cortar outra árvore – de novo a mesma coisa. Bateu, bateu, só a muito custo conseguiu terminar. Partiu para a terceira – de novo a mesma coisa. Ivan pensou em cortar meia centena de árvores, mas quando anoiteceu tinha cortado só dez. E Ivan estava esgotado. Um vapor saía do seu corpo, como uma neblina na floresta, mas ele não ia desistir. Derrubou mais uma árvore e suas costas doeram tanto que ele não tinha mais forças; cravou o machado num tronco e sentou para descansar. O capetinha percebeu que Ivan estava cansado e ficou alegre. “Bem, está sem forças”, pensou. “Agora eu também vou descansar.” Sentou-se a cavalo num galho e ficou alegre. Mas Ivan levantou-se, pegou o machado, brandiu com toda a força de um lado para o outro, bateu em cheio na árvore e ela caiu de uma só vez, com estrondo. O capetinha não contava com aquilo, não teve tempo de encolher a perna, o galho quebrou e espremeu sua pata. Ivan começou a desbastar os galhos, olhou: um capetinha vivo. Ivan ficou surpreso.

- Ora essa – exclamou. – Que nojo! Você outra vez?
- Eu sou outro. Estava cuidando do seu irmão Tarás.
- Pois seja você qual for, também não vai ficar aqui!

Ivan levantou o machado, queria bater nele com o cabo. O capetinha implorou:

- Não bata, farei o que você quiser.
- E o que você pode fazer?
- Posso lhe dar quanto dinheiro quiser.
- Muito bem, então faça isso!

E o capetinha lhe ensinou como fazer.

- Pegue uma folha desse carvalho e triture nas mãos. Vai começar a cair ouro no chão.

Ivan pegou umas folhas, esfregou – caiu ouro.

- Isso é bom – disse ele – quando a gente passeia e brinca com as crianças.
- Me solte – disse o capetinha.

– Claro! – Ivan pegou o machado e soltou o capetinha – Vá com Deus! – E assim que falou de Deus, o capetinha se enfiou embaixo da terra, como uma pedra atirada na água, e só ficou um buraco.

VI

Os irmãos construíram casas e começaram a viver cada um por sua conta. Ivan terminou seus trabalhos nas plantações, fez cerveja e chamou os irmãos para festejar. Os irmãos não foram à casa de Ivan.

- Não vamos a festas de mujiques – disseram.

Ivan convidou os mujiques, as camponesas e ele mesmo bebeu bastante – ficou um pouco embriagado e foi para a rua, na dança de roda. Chegou perto dos que estavam dançando, mandou as mulheres fazerem elogios a ele.

- Vou dar para vocês uma coisa que nunca viram na vida.

As mulheres riram e começaram a fazer elogios a ele. Elogiaram até cansar e então disseram:

- Muito bem, agora dê.

– Vou buscar num instante – disse Ivan. Pegou um cesto e correu para a floresta. As mulheres riram: “Esse bobo!”. E se esqueceram dele. Aí olharam: Ivan voltava correndo, trazia o cesto cheio de alguma coisa.

- Devo distribuir?
- Distribua.

Ivan apanhou um punhado de ouro, jogou para as mulheres. Nossa! As mulheres correram para pegar; os mujiques pularam, tomavam uns dos outros, arrancavam. Por pouco não mataram uma velha. Ivan ria.

– Ah, vocês são bobinhos mesmo, para que sufocaram a velha? Sejam mais delicados que vou lhes dar mais. – Começou a jogar mais ouro.

O povo veio correndo, Ivan esvaziou o cesto. Eles começaram a pedir mais. E Ivan respondeu:

– Acabou. De outra vez eu dou mais. Agora vamos dançar e tocar músicas.

As mulheres tocaram músicas.

– Suas canções não são bonitas – disse ele.

– Quais são melhores?

– Pois eu vou mostrar para vocês agora mesmo.

Ivan foi à eira coberta, pegou um feixe de centeio, sacudiu, colocou de pé e cravou na terra.

– Pronto – disse. – Escravo, faça que não seja mais um feixe e que cada palha vire um soldado.

O feixe se desmanchou, virou uma porção de soldados; os tambores e as cornetas começaram a tocar. Ivan mandou que os soldados tocassem canções, foi com eles para a rua. O povo ficou admirado. Os soldados tocaram canções e Ivan os levou de volta para a eira coberta, não deixou que ninguém fosse com ele e transformou de novo os soldados num feixe e jogou de novo no palheiro. Foi para casa e deitou para dormir no depósito.

VII

O irmão mais velho, Semion Guerreiro, soube de tudo aquilo e foi à casa de Ivan.

– Conte de onde você trouxe os soldados e para onde levou.

– De que vão servir para você?

– De que vão servir? Com soldados, pode-se fazer tudo. Pode-se conquistar um reino.

Ivan ficou admirado.

– Ah, é? Por que não me disse antes? Posso fazer quantos soldados você quiser. Felizmente eu e a irmã juntamos muitos feixes.

Ivan levou o irmão para a eira coberta e disse:

– Olhe só, vou fazer os soldados e você vai levar embora, senão vão ter de comer e vão devastar a aldeia toda num dia.

Semion Guerreiro prometeu levar os soldados embora e Ivan começou a fazer soldados. Bateu um feixe no chão – uma companhia de soldados; bateu outro feixe, mais uma; fez tantos soldados que eles encheram o campo todo.

– Assim já dá?

Semion se alegrou e disse:

– Dá. Obrigado, Ivan.

– Muito bem. Se precisar de mais, venha cá que eu faço. Hoje tem muita palha.

Na mesma hora Semion Guerreiro deu ordens para as tropas, pôs todos em forma e partiu para a guerra.

Assim que Semion Guerreiro foi embora, Tarás Barrigudo chegou – também tinha sabido da novidade da véspera e pediu ao irmão:

– Conte para mim onde arranjou o ouro. Se eu tivesse esse mar de dinheiro para mim, ia ganhar todo o dinheiro do mundo.

Ivan ficou admirado.

– Puxa! Devia ter me dito isso há muito tempo. Vou lhe dar todo o ouro que quiser.

O irmão ficou alegre:

– Então me dê uns três cestos.

– Claro, vamos até a floresta, mas atrele um cavalo, senão não vai dar para trazer.

Foram para a floresta; Ivan começou a esfregar folhas de carvalho. Fez um monte grande.

– Será que já dá?

Tarás alegrou-se.

– Por enquanto dá – respondeu. – Obrigado, Ivan.

– Certo. Se precisar de mais, venha que eu esfrego mais folhas, ainda sobraram muitas.

Tarás Barrigudo levou uma carroça cheia de dinheiro e foi negociar.

Os dois irmãos foram fazer suas coisas. Semion Guerreiro foi guerrear e Tarás Barrigudo foi fazer negócios. Semion Guerreiro conquistou um reino para si, Tarás Barrigudo acumulou um monte de dinheiro.

Os irmãos se encontraram e revelaram um para o outro onde Semion tinha arranjado os soldados e onde Tarás tinha arranjado o dinheiro.

Semion Guerreiro disse ao irmão:

– Conquistei um reino para mim e vivo bem, só que não tenho dinheiro suficiente para alimentar os soldados.

Tarás Barrigudo disse:

– E eu ganhei uma montanha de dinheiro, só há um problema: não tenho quem tome conta do dinheiro.

Semion Guerreiro disse:

– Vamos falar com o irmão Ivan. Vou mandar que ele faça mais soldados e dou para você vigiar seu dinheiro, e você pede a ele que faça mais dinheiro e me dá para eu alimentar os soldados.

E foram falar com Ivan. Chegaram à casa do irmão. Semion disse:

– Meus soldados são poucos, irmão, faça mais alguns, talvez umas duas medas de palha.

Ivan balançou a cabeça.

– Não vou fazer mais soldados para você assim à toa.

– Mas como? Você prometeu.

– Prometi – disse. – Mas não vou mais fazer.

– Mas por que não vai mais fazer, seu bobo?

– Porque seus soldados mataram um homem. Outro dia eu estava lavrando o campo perto da estrada: aí vi uma mulher levando um caixão na carroça pela estrada, ela chorava alto. Perguntei: “Quem morreu?”. Ele disse: “Os soldados de Semion mataram meu marido na guerra”. Pensei que os soldados fossem tocar música, mas eles mataram um homem. Não vou mais fazer.

Ivan fincou pé e não fez mais soldados.

Então Tarás Barrigudo pediu a Ivan Bobo que fizesse mais ouro para ele.

Ivan balançou a cabeça.

– Não vou mais esfregar folhas à toa – respondeu.

– Mas como? Você prometeu.

– Prometi, mas não faço mais.

– E por que não vai mais fazer, seu bobo?

– Porque o seu ouro tirou a vaca de Mikháilovna.

– Tirou como?

– Tirou tirando. Mikháilovna tinha uma vaca, os filhos dela tomavam o leite da vaca, mas outro dia os filhos dela vieram me pedir leite. Perguntei: “Mas onde está sua vaca?”. Responderam: “O administrador de Tarás Barrigudo veio, deu três moedas de ouro para mamãe, ela deu a vaca para ele e

agora a gente não tem leite para beber”. Pensei que você queria brincar com suas moedas de ouro, mas você tirou a vaca das crianças. Não vou mais fazer!

E o bobo fincou pé, não deu mais. Assim, os irmãos foram embora.

Os irmãos foram embora e começaram a discutir para encontrar um jeito de resolver seu problema. Semion disse:

– Vamos fazer o seguinte: você me dá dinheiro para alimentar os soldados e eu dou para você metade do reino e dos soldados para vigiar seu dinheiro.

Tarás concordou. Os irmãos dividiram tudo e os dois viraram reis e ficaram ricos.

VIII

Ivan vivia em sua casa, alimentava o pai e a mãe e trabalhava nos campos com a irmã muda.

Um dia o velho cão de guarda de Ivan ficou doente, sarnento, começou a morrer. Ivan teve pena, pegou um pouco de pão da irmã muda, pôs no chapéu, levou para o cachorro e jogou para ele. Mas o chapéu tinha rasgado e, junto com o pão, ele pegou uma raiz. O cachorro velho abocanhou a raiz junto com o pão. E assim que engoliu a raiz, o cachorro pulou, começou a brincar, a latir, a sacudir o rabo – ficou curado.

O pai e a mãe viram e se admiraram.

– O que foi que você jogou para o cachorro? – perguntaram.

Ivan respondeu:

– Eu tinha duas raízes que curam qualquer doença e o cachorro abocanhou uma.

E naquela época aconteceu que a filha do rei ficou doente e o rei proclamou em todas as aldeias e cidades que quem curasse sua filha ganharia uma recompensa e, se fosse solteiro, casaria com ela. Fizeram a proclamação também na aldeia de Ivan.

O pai e a mãe chamaram Ivan e disseram:

– Você soube o que o rei mandou avisar? Você contou que tem uma raiz, então leve para a filha do rei. Você vai ser feliz para sempre.

– É mesmo – respondeu Ivan.

E se preparou para partir. Vestiu-se, saiu para a varanda e viu uma mendiga de braço torto.

– Ouvi dizer que você pode curar. É verdade? Então cure meu braço, não consigo nem me calçar.

Ivan disse:

– Claro!

Pegou a raiz, deu para a mendiga, mandou engolir. A mendiga engoliu e ficou curada, na mesma hora começou a mexer o braço. O pai e a mãe saíram para acompanhar Ivan na visita ao rei, souberam que Ivan tinha dado a última raiz e que não havia mais como curar a filha do rei e começaram reclamar:

– Teve pena de uma mendiga, mas não teve pena da filha do rei! – disseram.

Ivan teve pena da filha do rei. Atrelou o cavalo, pôs umas palhas numa caixa e subiu na carroça para partir.

– Mas aonde você vai, seu bobo?

– Vou curar a filha do rei.

– Mas você não tem mais com que curar.

– Dá-se um jeito – respondeu Ivan e tocou o cavalo.

Chegou à corte do rei e, assim que pisou na entrada, a filha do rei se curou.

O rei se alegrou, mandou chamar Ivan, vestiu-o, enfeitou-o.

– Você será meu genro – disse.

– Está certo – respondeu.

E Ivan casou com a princesa. Em pouco tempo, o rei morreu. E Ivan virou rei. Assim, os três irmãos se tornaram reis.

IX

Os três irmãos reinavam.

O mais velho, Semion Guerreiro, vivia bem. Com os soldados de palha, juntou soldados de verdade. Ordenou que, em todo o reino, cada dez casas fornecessem um soldado e que esse soldado fosse grande e forte, de corpo branco e cara limpa. Juntou muitos soldados assim e treinou todos. E se alguém não concordava com ele, logo mandava os soldados fazerem tudo como ele queria. E todo mundo passou a ter medo dele.

Sua vida ficou melhor. Qualquer coisa em que pensava ou em que seus olhos batiam por um momento logo era dele. Mandava os soldados, eles tomavam, traziam e entregavam tudo de que ele precisava.

Tarás Barrigudo também vivia bem. Não gastou o dinheiro que Ivan lhe dera e fez o dinheiro aumentar ainda mais. Mantinha seu reino em boa ordem. Guardava seu dinheiro consigo, em cofres, e cobrava impostos do povo. Cobrava pelos servos, pela água, pela cerveja, pelos casamentos, pelos enterros, pelas estradas, pelos caminhos, pelas alpercatas, pelas perneiras, pelos babados das roupas. E tudo que imaginava ele tinha. Por dinheiro, levavam tudo para ele e trabalhavam para ele, porque todo mundo precisa de dinheiro.

Ivan Bobo não vivia mal. Assim que enterrou o sogro, despiu todos os trajes reais, entregou à esposa para esconder num cofre, vestiu de novo a camisa de cânhamo, calçou as alparcatas de palha e as calças velhas e foi trabalhar.

– Essa vida me dá tédio – disse. – A barriga começou a crescer, não durmo nem como direito.

Trouxe o pai, a mãe e a irmã muda e começou de novo a trabalhar.

Diziam para ele:

– Mas você é o rei!

– Está bem, mas um rei também precisa comer.

O ministro foi falar com ele.

– Não temos dinheiro para pagar os salários – disse.

– Está bem, não tem dinheiro, então não pague.

– Mas aí eles não vão mais servir ao rei.

– Está bem, deixe, não vão servir, aí vão ficar livres para trabalhar; precisam retirar o estrume, deixaram juntar muito.

Pediram a Ivan que julgasse uma questão. Disseram:

– Ele roubou meu dinheiro.

Ivan disse:

– Está bem! Quer dizer que estava precisando.

Todos entenderam que Ivan era um bobo. Sua esposa também lhe disse:

– Dizem que você é um bobo.

– Está bem – respondeu.

A esposa de Ivan pensou, pensou, e ela também era boba.

– Como é que vou falar contra meu marido? Aonde vai a agulha, vai a linha.

Tirou as roupas reais, pôs dentro de um cofre, foi falar com a moça muda para aprender a trabalhar.

Aprendeu e passou a ajudar o marido.

E os inteligentes foram embora do reino de Ivan, só ficaram os bobos. Ninguém tinha dinheiro. Viviam, trabalhavam para alimentar a si mesmos e as pessoas boas.

X

O Diabo Velho esperou muito tempo notícias dos capetinhas sobre como haviam destruído os três irmãos – não chegou notícia nenhuma. Foi ele mesmo ver o que tinha acontecido; procurou, procurou, não achou os capetinhas em lugar nenhum, só encontrou três buracos. “Bem”, pensou, “pelo visto, não conseguiram. Eu mesmo vou ter de cuidar do caso.”

Foi procurar, mas os irmãos já não estavam nos lugares de antes. Encontrou-os em reinos diferentes. Os três reinavam. O Diabo Velho ficou indignado com aquilo.

– Bem – disse –, eu mesmo vou cuidar do caso.

Em primeiro lugar, foi atrás de Semion Guerreiro. Não foi com sua aparência normal, mas disfarçado de um grande chefe militar, e assim se apresentou ao rei Semion.

– Eu soube que o rei Semion é um grande guerreiro. Sou muito entendido desses assuntos e quero servir a você.

O rei Semion começou a lhe fazer perguntas e viu que era um homem inteligente – tomou-o a seu serviço.

O novo general começou a ensinar o rei Semion a formar um exército forte.

– Antes de tudo – disse – é preciso juntar mais soldados, porque no seu reino tem muita gente andando à toa. É preciso alistar todos os jovens, sem distinção, então você vai ter um exército cinco vezes maior do que era. Em segundo lugar, tem de trazer fuzis e canhões novos. Vou lhe trazer fuzis tão bons que atiram cem balas de uma só vez, como se cussem ervilhas. E vou trazer canhões que fazem tudo pegar fogo. Seja um homem, um cavalo ou um muro, tudo pega fogo.

O rei Semion obedeceu ao novo general, mandou todos os jovens se alistarem no exército e fez fábricas novas; fabricou fuzis e canhões novos e logo declarou guerra contra o reino vizinho. Assim que as tropas inimigas vieram a seu encontro, o rei Semion mandou seus soldados dispararem balas dos fuzis e fogo dos canhões; na mesma hora metade do exército foi mutilada e incendiada. O rei vizinho se apavorou, rendeu-se e abandonou seu reino. O rei Semion ficou alegre.

– Agora vou vencer o rei da Índia.

E o rei da Índia ouviu falar do rei Semion, imitou todas as suas invenções e inventou mais algumas por sua própria conta. O rei da Índia convocou para o exército não só todos os rapazes, mas também todas as moças solteiras e formou um exército ainda maior do que o do rei Semion, imitou os fuzis e os canhões do rei Semion e ainda inventou um jeito de voar e jogar bombas do ar.

O rei Semion foi à guerra contra o rei da Índia, achou que ia guerrear e vencer como antes, mas a foice tanto corta que perde o fio. O rei da Índia nem deixou que as tropas de Semion atirassem, mandou suas mulheres pelo ar para jogar bombas sobre as tropas de Semion. As mulheres começaram a jogar bombas nas tropas de Semion, como veneno nas baratas; todas as tropas de Semion fugiram e o rei Semion ficou sozinho. O rei da Índia tomou o reino de Semion e o rei Semion fugiu para o mais longe que pôde.

Uma vez liquidado aquele irmão, o Diabo Velho foi cuidar do rei Tarás. Disfarçou-se de mercador e se estabeleceu no reino de Tarás, começou a fazer negócios, começou a pôr muito dinheiro em circulação. O comerciante começou a pagar caro por qualquer coisa e todo mundo corria para o mercador para obter dinheiro. E o povo juntou tanto dinheiro que pagou todos os impostos atrasados e

começou a pagar todos os tributos em dia.

O rei Tarás ficou alegre. “Graças ao mercador, agora vou ter mais dinheiro ainda, minha vida vai ficar ainda melhor.” E o rei Tarás começou a alimentar novas fantasias, começou a construir um palácio novo. Mandou o povo lhe enviar madeira, pedras e vir trabalhar, estabeleceu preços altos para tudo. O rei Tarás achou que, como antes, o povo viria correndo trabalhar para ele, em troca de seu dinheiro. Mas, vejam só, estavam mandando toda a madeira e todas as pedras para o mercador e todo mundo ia trabalhar para ele. O rei Tarás aumentou ainda mais o preço, mas o mercador cobriu sua oferta. O rei Tarás tinha muito dinheiro, mas o mercador tinha ainda mais e cobria todas as ofertas do rei. O palácio real parou; não foi construído. O rei Tarás quis construir um jardim. Chegou o outono. O rei Tarás determinou que o povo viesse plantar o jardim para ele – não veio ninguém, todo mundo foi cavar um lago para o mercador. Chegou o inverno. O rei Tarás inventou de comprar peles de zibelina para fazer um casaco novo. Mandou comprar, veio o emissário e disse:

– Não tem zibelina: todas as peles estão com o mercador, ele pagou mais caro e fez um tapete com as peles.

O rei Tarás teve necessidade de comprar garanhões. Mandou comprar, vieram os emissários: todos os bons garanhões estavam com o mercador, levando água para encher o lago. Todas as obras do rei pararam, ninguém fazia nada, todos trabalhavam para o mercador, apenas levavam para ele o dinheiro que vinha do mercador, para pagar os impostos.

E o rei juntou tanto dinheiro que não tinha mais onde guardar e a vida ficou ruim. O rei já havia parado de inventar obras novas; só queria levar sua vida sossegado, e não conseguia. Tudo era difícil. Os cozinheiros, os cocheiros, os criados começaram a deixar o rei e ir para o mercador. Ele começou até a não ter o que comer. Ia ao mercado comprar alguma coisa – não tinha nada: o mercador comprava tudo, e só lhe davam o dinheiro dos impostos.

O rei Tarás se irritou e mandou o mercador sair do país. Mas o mercador se estabeleceu exatamente na fronteira – tudo continuou igual: como antes, levavam tudo que era do rei para o mercador, em troca do seu dinheiro. O rei vivia cada vez pior, dias seguidos sem ter o que comer, e ainda por cima correu o boato de que o mercador estava se gabando de que queria comprar o próprio rei e a esposa do rei. O rei Tarás teve medo e não sabia o que fazer.

Semion Guerreiro foi falar com ele e disse:

– Me sustente, o rei da Índia me derrotou.

Mas o próprio rei Tarás estava num beco sem saída.

– Eu mesmo estou há dois dias sem ter o que comer.

XI

O Diabo Velho liquidou os dois irmãos e foi cuidar de Ivan. O Diabo Velho se disfarçou de general, chegou à casa de Ivan e tentou convencê-lo de que devia formar um exército.

– Não convém que um rei não tenha um exército. É só você mandar que eu logo convoco soldados no seu povo e formo um exército.

Ivan obedeceu.

– Está bem – respondeu –, forme um exército, ensine os soldados a tocar músicas bem bonitas, eu gosto disso.

O Diabo Velho saiu pelo reino de Ivan para alistar soldados voluntários. Avisou que todos que raspassem a cabeça e entrassem no exército iam ganhar uma jarra de vodca e um gorro vermelho.

Os bobos acharam graça.

– Bebida a gente tem de sobra, a gente mesmo destila, e gorros as mulheres fazem quantos a gente quiser, até enfeitados e com franjinhas.

Assim, não apareceu ninguém. O Diabo Velho foi falar com Ivan:

– Os seus bobos não vão para o exército voluntariamente, é preciso trazer essa gente à força.

– Está bem – respondeu Ivan –, traga à força.

E o Diabo Velho mandou que todos os bobos se alistassem no exército e avisou que quem não fosse o rei Ivan ia matar.

Os bobos foram falar com o general:

– Você diz que o rei vai mandar matar quem não entrar no exército, mas não disse o que a gente vai fazer no exército. Dizem que no exército também matam os soldados.

– Sim, não há como evitar.

Os bobos ouviram aquilo e fincaram pé.

– Não vamos. É melhor morrer em casa. E não há mesmo como evitar a morte.

– Seus bobos, como vocês são bobos! – exclamou o Diabo Velho. – Os soldados podem morrer ou não, mas se vocês não se alistarem, é certo que o rei Ivan vai matar vocês.

Os bobos pensaram no assunto, foram falar com o rei Ivan Bobo e perguntaram:

– Apareceu um general, mandou todo mundo se alistar no Exército. “Quem se alistar pode morrer ou não morrer no Exército, mas quem não se alistar, é certo que o rei Ivan vai matar.” É verdade mesmo?

Ivan deu uma risada.

– Onde já se viu? Como é que eu sozinho posso matar todos vocês? Se eu não fosse um bobo, explicaria para vocês, só que eu mesmo não entendo.

– Então a gente não vai.

– Está certo, não vão.

Os bobos foram falar com o general e se recusaram a entrar no exército.

O Diabo Velho viu que sua missão não estava indo bem; foi falar com o rei das baratas, ganhou sua confiança.

– Vamos à guerra contra o rei Ivan. Ele não tem dinheiro, mas são muitos os cereais, os animais e todo tipo de bens.

O rei das baratas foi à guerra. Formou um Exército grande, arranjou fuzis, canhões, atravessou a fronteira, começou a invadir o reino de Ivan.

Foram falar com Ivan e disseram:

– O rei das baratas está em guerra contra a gente.

– Está bem – respondeu. – Deixe.

O rei das baratas cruzou a fronteira com seu exército, mandou sua vanguarda procurar as tropas de Ivan. Procuraram, procuraram, e nada de achar as tropas. Esperaram e esperaram até cansar, achando que iam acabar aparecendo. Mas não havia nem sinal das tropas, não havia contra quem lutar. O rei das baratas mandou seus soldados tomar as aldeias. Os soldados chegaram a uma aldeia – os bobos e as bobas correram para ver os soldados e se admiraram. Os soldados começaram a pegar o gado e os cereais dos bobos; os bobos entregaram e ninguém opôs resistência. Os soldados foram a outra aldeia – aconteceu a mesma coisa. Os soldados andaram um dia, andaram mais um dia – em toda parte era a mesma coisa: davam tudo, ninguém opunha resistência e chamavam os soldados para morar com eles.

– Se vocês, meus caros, estão vivendo mal em sua terra, venham de uma vez morar com a gente.

Os soldados andaram, andaram, olharam – não havia tropa nenhuma; todo o povo vivia, se alimentava e alimentava as pessoas; não opunham resistência e chamavam os soldados para morar com eles.

Os soldados começaram ficar entediados e foram falar com seu rei das baratas.

– A gente não consegue lutar, mande a gente para outro lugar; é bom fazer uma guerra, mas isto

aqui é como cortar um pudim. A gente não pode mais combater neste lugar.

O rei das baratas ficou zangado, mandou os soldados percorrerem todo o reino, devastar as aldeias, as casas, queimar os cereais, massacrar o gado.

– Se não obedecerem à minha ordem – disse –, vou executar vocês.

Os soldados se apavoraram, começaram a cumprir a ordem do rei. Incendiaram as casas e os cereais, mataram o gado. Os bobos continuaram sem opor resistência, apenas choraram. Os velhos choravam, as velhas choravam, a criançada chorava.

– Por que vocês nos maltratam? – diziam. – Por que destroem as coisas? Se precisam, é melhor levar para vocês.

Os soldados começaram a sentir vergonha. Não continuaram com aquilo e o exército inteiro se dispersou.

XII

O Diabo Velho também foi embora – não conseguiu liquidar Ivan com os soldados.

O Diabo Velho se disfarçou de um puro nobre e foi viver no reino de Ivan: queria pegar Ivan com o dinheiro, como tinha feito com Tarás Barrigudo.

– Eu quero lhe fazer o bem – disse –, ensinar você a ter bom senso e inteligência. Vou construir uma casa na sua terra e vou fazer negócios.

– Está bem – respondeu Ivan. – More aqui.

O puro nobre pernoitou e de manhã foi à praça, pegou um grande saco de ouro, uma folha de papel e disse:

– Vocês todos vivem como porcos. Quero ensinar como se deve viver. Construam para mim uma casa conforme este projeto aqui. Vocês trabalham, eu mostro como se faz e vou lhes pagar com estas moedas de ouro.

E mostrou as moedas de ouro. Os bobos ficaram admirados: nunca na vida tiveram dinheiro, quando queriam alguma coisa, faziam trocas uns com os outros ou pagavam com trabalho. Ficaram admirados com o ouro.

– Que coisinhas bonitas – disseram.

E começaram a trocar coisas e trabalho por moedas com o puro nobre. O Diabo Velho começou a distribuir ouro, como tinha feito com Tarás Barrigudo, e os bobos trocavam com ele todas as coisas e qualquer trabalho por moedas de ouro. O Diabo Velho ficou alegre, pensou: “Minha missão não está indo mal! Agora vou acabar com o bobo, como fiz com Tarás, vou comprar o Ivan com tripas e tudo”. Assim que os bobos levaram as moedas de ouro para casa, todas as mulheres fizeram colares, todas as mocinhas enfeitaram as tranças e as crianças começaram a brincar com as moedas na rua. Todo mundo já tinha muito ouro e os bobos não quiseram mais pegar moedas. A construção do palacete do puro nobre ainda estava na metade, os cereais e o gado ainda não davam para um ano, o puro nobre mandou que fossem trabalhar para ele, que lhe levassem cereais e gado; disse que daria muito ouro por tudo e pelo trabalho.

Ninguém foi trabalhar, ninguém levou nada. Um menino ou uma menina ia lá de vez em quando para trocar um ovo por uma moeda de ouro, e só, mais ninguém, e ele não tinha nada para comer. O puro nobre estava passando fome, foi à aldeia comprar o almoço. Meteu-se no pátio de uma casa, ofereceu uma moeda de ouro por uma galinha – a dona da casa não deu.

– Já tenho muito disso – respondeu.

Ele foi falar com uma camponesa que vivia sozinha, queria comprar um arenque com o ouro.

– Não preciso disso, meu caro – respondeu ela. – Não tenho filhos para brincar com as moedas e

eu já peguei três moedas para matar a curiosidade.

Ele foi à casa de um mujique para comprar pão. O mujique também não queria dinheiro:

– Não preciso – respondeu. – Se quer um pedaço, em nome de Cristo, espere um pouquinho que mando a mulher cortar.

O Diabo deu umas cusparadas e foi embora da casa do mujique. Não ia pegar nada em nome de Cristo, e escutar aquelas palavras era ainda pior do que levar uma facada.

Assim, ele também não conseguiu pão nenhum. Foi à casa de todo mundo. Aonde quer que o Diabo Velho fosse, ninguém lhe dava nada por dinheiro e todos diziam:

– Traga alguma outra coisa ou venha trabalhar ou então pegue o que quiser em nome de Cristo.

Mas o Diabo não tinha nada em casa, a não ser dinheiro, e não tinha vontade de trabalhar; e não podia pegar nada em nome de Cristo. O Diabo Velho se irritou.

– Do que mais vocês precisam, se eu lhes dou dinheiro? – perguntou. – Com ouro, podem comprar tudo e podem contratar qualquer trabalho.

Os bobos não lhe deram ouvidos.

– Não, a gente não precisa – responderam. – Nós não temos de pagar salários nem impostos, para que precisamos do dinheiro?

O Diabo Velho foi deitar sem ter o que comer.

O caso chegou aos ouvidos de Ivan Bobo. Foram falar com ele e perguntaram:

– O que vamos fazer? Apareceu aqui um puro nobre: adora comer e beber coisas gostosas, adora vestir roupas boas, mas não quer trabalhar, não pede nada em nome de Cristo e só sabe dar moedas de ouro para todo mundo. Antes, enquanto as pessoas não tinham ouro, davam tudo para ele, mas agora não dão mais. O que vamos fazer com ele? Vai acabar morrendo de fome.

Ivan ouviu com atenção.

– Está bem, ele tem de se alimentar. Deixe que ele vá de casa em casa, como um pastor.

Não houve jeito, o Diabo Velho começou a andar de casa em casa.

Chegou a vez da casa de Ivan. O Diabo Velho chegou para almoçar e a irmã muda de Ivan se preparava para comer. Muitas vezes os mais preguiçosos enganavam a moça. Sem terem trabalhado, chegavam mais cedo para o almoço e comiam a *kacha* toda. Então a moça muda usava de uma esperteza e identificava os vadios pelas mãos: quem tinha calos nas mãos recebia comida e quem não tinha ganhava as sobras. O Diabo Velho se esgueirou até a mesa, mas a moça muda pegou suas mãos, examinou – sem calos, limpas, lisas e de unhas compridas. A muda resmungou e empurrou o Diabo para fora da mesa.

E a esposa de Ivan lhe disse:

– Não leve a mal, puro nobre, minha cunhada não deixa ninguém sem calos na mão sentar à mesa. Olhe, dê um tempinho só, deixe as pessoas comerem, depois você come o que sobrar.

O Diabo Velho se indignou porque ali, na casa do rei, queriam lhe dar a comida dos porcos. Foi falar com Ivan:

– Que bobagem é essa de ter uma lei no seu reino que obriga todo mundo a trabalhar com as mãos? Você é que inventou essa besteira. Por acaso é só com as mãos que as pessoas trabalham? Com o que você acha que as pessoas inteligentes trabalham?

E Ivan respondeu:

– Como é que nós, bobos, vamos saber? Todos nós só sabemos trabalhar com as mãos e com as costas.

– Isso é porque vocês são bobos. Pois eu vou lhe ensinar como trabalhar com a cabeça; aí você vai reconhecer que trabalhar com a cabeça é mais rápido do que com as mãos.

Ivan se admirou.

– Bem – disse –, não é à toa que chamam a gente de bobos!

E o Diabo Velho começou a falar:

– Só que não é fácil trabalhar com a cabeça. Olhe só, você não quer me dar nada para comer porque não tenho calos nas mãos e porque não sabe que é cem vezes mais difícil trabalhar com a cabeça. Às vezes a cabeça chega a estalar.

Ivan ficou pensando.

– Então por que você – perguntou –, meu caro, se tortura desse jeito? Por acaso é fácil estalar a cabeça? Era mais fácil você trabalhar com as mãos e com as costas.

O Diabo respondeu:

– A razão por que eu me torturo é que tenho pena de vocês, bobos. Se não me torturasse assim, vocês continuariam bobos para sempre. Eu me matei de trabalhar com a cabeça para agora poder ensinar a vocês.

Ivan ficou admirado.

– Ensine – disse –, pois de vez em quando as mãos se cansam e a gente, quem sabe, pode usar a cabeça no lugar das mãos.

E o Diabo prometeu ensinar.

E Ivan proclamou em todo o reino que tinha aparecido um puro nobre que ia ensinar todo mundo a trabalhar com a cabeça e que com a cabeça era possível produzir mais do que com as mãos, portanto todo mundo tinha de vir aprender.

No reino de Ivan, haviam construído uma torre alta e nela havia uma escada íngreme que dava num mirante de observação. Ivan levou o nobre lá em cima para ele ficar à vista de todo mundo.

O nobre ficou de pé no alto da torre e de lá começou a ensinar. Os bobos se juntaram para ouvir. Os bobos achavam que o nobre tinha ido lá para lhes mostrar como trabalhar com a cabeça e sem as mãos. Mas o Diabo Velho ensinou só com palavras como se podia viver sem trabalhar.

Os bobos não entenderam nada. Olharam, olharam e foram embora cuidar da vida.

O Diabo Velho passou um dia na torre, passou outro dia, e não parava de falar. Ficou com fome. Mas os bobos não tiveram a ideia de mandar pão para o alto da torre. Acharam que, se ele podia trabalhar melhor com a cabeça do que com as mãos, ia dar um jeito de conseguir pão com a cabeça. O Diabo Velho passou mais um dia no alto da torre – e não parava de falar. Mas o povo chegava perto, olhava, olhava e ia embora. Ivan até perguntou:

– E aí, pessoal, o nobre começou a trabalhar com a cabeça?

– Ainda não – respondiam. – Continua só falando.

O Diabo Velho passou mais um dia no alto da torre e começou a ficar fraco; uma vez, cambaleou e bateu com a cabeça numa pilastra. Um bobo viu, falou para a esposa de Ivan, que correu para avisar o marido, no campo lavrado.

– Vamos lá olhar – disse. – Falaram que o nobre começou a trabalhar com a cabeça.

Ivan ficou admirado.

– É mesmo?

Virou o cavalo, foi para a torre. Chegou à torre e o Diabo Velho já estava muito enfraquecido de fome, começava a cambalear e batia com a cabeça na pilastra. Na hora em que Ivan se aproximou, o Diabo tropeçou e despencou de cabeça pela escada – foi contando todos os degraus, um por um.

– Bem – disse Ivan –, o puro nobre disse a verdade quando falou que às vezes a cabeça estala. É pior do que os calos na mão: um trabalho desses deixa a cabeça da gente cheia de galos.

O Diabo Velho rolou até o fim da escada e bateu com a cabeça na terra. Ivan quis chegar perto e ver se ele tinha trabalhado muito, mas de repente o chão se abriu e o Diabo Velho se enfiou por dentro da terra, só ficou um buraco. Ivan coçou a cabeça.

– Puxa vida – exclamou –, que nojo! É ele outra vez! Deve ser o pai daqueles outros... Como era parrudo!

De lá para cá, Ivan continua vivendo e o povo vem de toda parte para o seu reino, seus irmãos

também foram morar com ele e Ivan os alimenta. Para quem chega e diz: “Dê comida para nós”, Ivan responde:

– Está bem. More aqui, nós temos muito e de tudo.

No reino dele só existe um costume: quem tem calos nas mãos come na mesa, mas quem não tem come as sobras.

COMO UM CAPETINHA RESGATOU UM PEDAÇO DE PÃO

Um mujique pobre foi arar a terra sem ter comido nada e levou um pedacinho de pão. O mujique atrelou o arado, tirou a proteção da lâmina, colocou embaixo de um arbusto; pôs também ali o pedacinho de pão e cobriu com seu caftã. O cavalo ficou cansado e o mujique sentiu fome. O mujique cravou o arado na terra, desatrelou o cavalo, deixou-o solto para pastar e foi para onde estava o caftã a fim de comer. Levantou o caftã – nada do pão; procurou, procurou, revirou o caftã, sacudiu – nada do pedaço de pão. O mujique ficou admirado. “Que coisa estranha”, pensou. “Não vi ninguém, mas alguém pegou o pedaço de pão.” E tinha sido um capetinha que, enquanto o mujique arava a terra, pegou o pedaço de pão e ficou sentado atrás do arbusto para ver como o mujique ia praguejar e falar o nome dele, Diabo.

O mujique se aborreceu por um momento.

– Ora, também não vou morrer de fome por causa disso! Na certa quem pegou estava precisando.

Que coma e faça bom proveito!

O mujique foi ao poço, bebeu água, descansou, pegou o cavalo, atrelou e começou de novo a arar a terra.

O capetinha se irritou por não ter conseguido fazer o mujique pecar e foi falar com o Diabo Chefe. Chegou aonde estava o chefe e contou como tinha apanhado o pedaço de pão do mujique e que o mujique, em vez de rogar pragas, disse: “Que faça bom proveito!”. O Diabo Chefe ficou irritado.

– Se o mujique nesse caso levou a melhor sobre você – disse –, a culpa é sua: você fracassou. Se os mujiques e as mulheres deles se acostumarem com isso, não vamos mais ter como viver. Não é possível deixar esse caso assim! Volte de novo à casa do mujique, faça por merecer aquele pedaço de pão. Se depois de três anos você não tiver levado a melhor contra esse mujique, vou dar um banho de água benta em você!

O capetinha ficou assustado, correu para a terra e começou a imaginar um jeito de se redimir de seu erro. Pensou, pensou e acabou tendo uma ideia. O capetinha tomou o disfarce de um homem bom e foi trabalhar para o mujique pobre. Ensinou o mujique a semear trigo no pântano no verão seco. O mujique obedeceu ao trabalhador, semeou no pântano. Nas terras dos outros mujiques, o trigo queimou ao sol, mas o do mujique pobre cresceu denso, alto, espigado. O mujique teve o que comer até a colheita seguinte e ainda sobrou muito trigo. No verão, o trabalhador ensinou o mujique a semear trigo nas montanhas. E o verão foi chuvoso. O campo dos outros inundou, o trigo apodreceu, os grãos não cresceram, mas nas montanhas o trigo do mujique brotou viçoso. O mujique ficou ainda com mais trigo sobrando. E não sabia o que fazer com ele.

O trabalhador ensinou o mujique a secar e destilar o trigo para fazer vodca. O mujique destilou vodca, começou a beber e a dar bebida para os outros. O capetinha foi falar com o Diabo Chefe e se vangloriou, dizendo que era digno do pedaço de pão. O Diabo Chefe foi verificar.

Chegou à casa do mujique, olhou – o mujique reunia os ricos, oferecia bebida para eles. Sua esposa servia vodca aos convidados. Ela foi se virar, esbarrou na mesa, derrubou um copo. O mujique se irritou,

repreendeu a esposa:

– Puxa, sua diaba burra! Será que você, sua desajeitada, acha que isso daí é água suja para derramar no chão desse jeito?

O capetinha deu uma cotovelada de leve no Diabo Chefe:

– Olhe só como agora ele não abre mão do seu pedaço de pão.

O mujique terminou de ralhar com a esposa e tratou de servir, ele mesmo, os convidados. Um mujique pobre chegou do trabalho sem avisar; cumprimentou, sentou, viu que as pessoas bebiam vodca; também quis beber por causa do cansaço. Ficou esperando, esperando, bebendo a própria saliva, e o dono da casa não lhe trazia nada; apenas dizia para si mesmo: “Como se eu tivesse vodca para servir para todo mundo!”.

O Diabo Chefe se alegrou com aquilo. E o capetinha se vangloriou:

– Espere só, ainda tem mais.

Os mujiques ricos beberam à vontade e o dono da casa também. Começaram a bajular uns aos outros, a se elogiar mutuamente e a falar palavras melosas e falsas.

O Diabo Chefe ouviu, ouviu e elogiou o capetinha também por aquilo.

– Se, por causa da bebida, vão enganar assim uns aos outros, todos vão acabar em nossas mãos.

– Espere – disse o capetinha. – Ainda tem mais; deixe que bebam mais um copinho. Agora parecem raposas que abanam o rabo na frente umas das outras e querem enganar umas às outras, mas daqui a pouco, você vai ver, vão virar lobos ferozes.

Os mujiques tomaram mais um copinho, entre eles começou uma discussão mais ríspida e em voz mais alta. Em lugar de palavras melosas, começaram a se xingar, ficaram furiosos uns com os outros, se engalinharam, quebraram o nariz uns dos outros. O dono da casa se meteu na briga e bateram nele.

O Diabo Chefe observou e ficou muito contente.

– Isso é bom – disse.

E o capetinha disse:

– Espere, ainda tem mais! Deixe que bebam o terceiro copo. Agora eles se atracam como lobos encarniçados, mas espere que tomem o terceiro copo que logo vão virar porcos.

Os mujiques tomaram o terceiro copo. Estavam completamente embriagados. Grunhiam, berravam nem eles mesmos sabiam o quê, e não escutavam uns aos outros. Começaram a se dispersar – uns sozinhos, outros em dupla, outros em trios –, todos caíram pelas ruas. O dono da casa saiu para acompanhar os convidados, caiu de cara numa poça, se enlameou todo, ficou estirado como um porco castrado, grunhindo.

O Diabo Chefe gostou ainda mais daquilo.

– Puxa – disse –, que bebida boa você inventou, fez por merecer o pedaço de pão. Agora me diga como foi que fez essa bebida. Na certa, primeiro pôs sangue de raposa, por isso os mujiques ficaram espertos feito raposas. E depois, sangue de lobo, por isso se enraivecaram feito lobos. E para terminar parece que pôs sangue de porco, por isso ficaram que nem porcos.

– Não – respondeu o capetinha –, não fiz isso. Eu apenas deixei que ele colhesse trigo em excesso. Esse sangue de fera está sempre dentro deles, mas não corre quando o trigo só cresce o necessário. Aí ele não lamenta perder seu último pedaço de pão, mas quando há pão de sobra ele começa a imaginar o que fazer para se divertir. E ensinei um passatempo para ele: beber vodca. E quando começou a destilar em vodca o dom de Deus para se divertir, correu dentro dele o sangue de raposa, de lobo e de porco. Agora, sempre que beber vodca vai virar um bicho.

O Diabo Chefe deu os parabéns ao capetinha, desculpou-o pelo pedaço de pão e o promoveu um posto na sua hierarquia.

O AFILHADO

Ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau.

Mateus, V, 38

A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei.

Romanos, XII, 19

I

Um mujique pobre teve um filho. O mujique ficou alegre, foi à casa de um vizinho, pediu que fosse o padrinho. O vizinho não quis: não tinha vontade de ser compadre de um mujique pobre. O mujique pobre foi falar com outro e ele também não quis.

Pediu a todos na aldeia, ninguém quis ser o padrinho. O mujique foi a outra aldeia. Um transeunte vinha em sua direção. O transeunte parou.

– Bom dia, mujiquezinho – disse ele. – Aonde Deus o leva?

– O Senhor me deu um filho para que eu cuide dele na juventude, para me consolar na velhice, para rezar pela minha alma após a morte; por causa de minha pobreza ninguém em nossa aldeia quer ser seu padrinho. Vim aqui procurar um padrinho.

E o transeunte disse:

– Pode deixar que vou ser o padrinho.

O mujique alegrou-se, agradeceu ao transeunte e disse:

– E quem será a madrinha?

– A madrinha será a filha do comerciante – respondeu o transeunte. – Vá à cidade, na praça tem uma casa de pedra com lojas, na entrada da casa peça ao comerciante que deixe sua filha ser a madrinha de batismo.

O mujique hesitou.

– Como é que posso pedir que um comerciante rico seja meu compadre? Ele vai me expulsar, não vai deixar a filha ser madrinha.

– Não se preocupe. Vá pedir. Amanhã de manhã, se prepare. Irei ao batizado.

O mujique pobre voltou para casa, foi à cidade falar com o comerciante. Deixou o cavalo no pátio. O próprio comerciante saiu para falar com ele.

– O que deseja? – perguntou.

– Bom dia, senhor comerciante. O Senhor me deu um filhinho: para que eu cuide dele na juventude, para me consolar na velhice, para rezar pela minha alma após a morte. Por favor, deixe que sua filha seja a madrinha.

– E quando vai ser o batizado?

– Amanhã de manhã.

– Muito bem, vá com Deus, amanhã ela irá, na hora da missa.

No dia seguinte chegou a madrinha e também o padrinho, batizaram a criança. Assim que a criança foi batizada, o padrinho foi embora e não souberam quem ele era; e depois disso não foi mais visto.

II

O menino começou a crescer, para a alegria dos pais: era forte, trabalhador, inteligente e pacífico. O menino fez dez anos. Os pais mandaram o menino para a escola aprender a ler. O que outros aprendem em cinco anos, o menino aprendeu em um. Não havia mais nada para ele aprender.

Chegou a Semana Santa. O menino foi à casa da madrinha, lhe deu os três beijos da Páscoa, voltou para casa e perguntou:

– Papai e mamãe, onde mora meu padrinho? Eu devia ir à casa dele para dar os três beijos da Páscoa.

Seu pai respondeu:

– Não sabemos onde mora seu padrinho, filho querido. Nós mesmos ficamos tristes com isso. Nunca mais o vimos depois do batizado. Não tivemos nenhuma notícia e não sabemos onde mora, não sabemos nem se está vivo.

O filho fez uma reverência diante do pai e da mãe.

– Papai e mamãe, me deixem procurar meu padrinho. Quero encontrar meu padrinho e lhe dar os três beijos da Páscoa.

O pai e a mãe deram sua permissão. E o menino foi procurar seu padrinho.

III

O menino saiu de casa e seguiu pela estrada. Quando o dia chegou à metade, um transeunte veio em sua direção.

O transeunte parou.

– Bom dia, menino – disse. – Aonde Deus o leva?

E o menino respondeu:

– Fui dar os três beijos da Páscoa na minha madrinha, cheguei em casa e perguntei aos pais: “Onde mora meu padrinho? Quero dar nele os três beijos da Páscoa”. Meus pais responderam: “Filhinho, não sabemos onde mora seu padrinho. Depois de seu batizado, ele foi embora e nunca soubemos nada dele, nem mesmo sabemos se está vivo”. E eu queria ver meu padrinho de batismo; por isso saí à procura dele.

E o transeunte disse:

– Eu sou seu padrinho.

O menino se alegrou, deu os três beijos da Páscoa no padrinho.

– Qual é o caminho que está seguindo agora, padrinho querido? – perguntou. – Se vai para nossa aldeia, passe em nossa casa, e se vai para sua casa, irei com você.

O padrinho respondeu:

– Não tenho tempo de ir à sua casa agora: tenho um assunto para tratar numas aldeias. Mas amanhã vou ficar em casa. Venha me visitar.

– E como vou encontrar você, padrinho?

– Pois bem, ande toda a vida para onde o sol se levanta, sempre em frente, vai chegar a uma floresta, no meio da floresta vai ver uma clareirazinha. Sente nessa clareirazinha, descanse e observe o que acontece ali. Saia da floresta. Vai ver um jardim e, no jardim, um palácio com telhado de ouro. Essa é minha casa. Vá até o portão. Estarei lá para receber você.

O padrinho falou assim e desapareceu diante dos olhos do afilhado.

IV

O menino fez como o padrinho mandou. Andou, andou, chegou à floresta. Deu na clareira e viu um pinheiro no meio da clareira, uma corda amarrada num galho do pinheiro e, preso na corda, um tronco de carvalho de uns três *pod* de peso. E embaixo do tronco havia um pote de mel. Assim que o menino pensou por que motivo teriam colocado o mel ali e teriam amarrado o tronco, ouviu-se um barulho na mata e ele viu que eram ursos: uma urso na frente e, atrás, um filhote de um ano e mais atrás três ursinhos pequenos. A urso ergueu o nariz para farejar e avançou direto para o pote de mel, e os ursinhos foram atrás. A urso afundou o focinho no mel, chamou os ursinhos, levantou os ursinhos, que se enfiaram no pote. O tronco se inclinou um pouco, voltou ao lugar, empurrou os ursinhos. A urso viu aquilo e, com a pata, empurrou o tronco. O tronco se inclinou mais ainda, voltou de novo para trás e bateu no meio dos ursinhos – acertou um nas costas e outro na cabeça. Os ursinhos começaram a berrar, pularam para fora. A urso soltou um urro, com duas patas segurou o tronco acima da cabeça e jogou-o longe. O tronco voou alto, o urso de um ano pulou na direção do pote, enfiou o focinho no mel, comeu fazendo barulho, e os outros foram na sua direção. Nem tiveram tempo de se aproximar, porque o tronco preso pela corda voltou voando, acertou na cabeça do urso de um ano e ele morreu. A urso urrou mais forte ainda, segurou o tronco e o jogou para o alto com toda a força – o tronco voou mais alto do que o galho, até a corda afrouxou. A urso chegou ao pote e os ursinhos foram atrás. O tronco voou e voou para o alto, parou e começou a descer. Quanto mais perto, mais rápido descia, a velocidade aumentava, ele desceu voando na direção da urso, acertou em cheio na cabeça – a urso girou, caiu e morreu. Os ursinhos fugiram.

v

O menino ficou surpreso e seguiu seu caminho. Chegou ao grande jardim e, no jardim, havia um palácio alto com telhado dourado. No portão estava o padrinho, sorrindo. Cumprimentou o afilhado, conduziu-o através do portão, para um jardim. Nem em sonhos o menino tinha visto tamanha beleza e alegria como a que havia naquele jardim.

O padrinho levou o menino para dentro do palácio. No palácio, era ainda melhor. O padrinho levou o menino por todos os cômodos: cada um melhor do que o outro, cada um mais alegre do que o outro, e levou o menino para uma porta fechada com selos.

– Está vendo essa porta? – perguntou. – Não tem tranca. Só está selada. É possível romper os selos e abrir, mas não quero que você faça isso. Viva e se divirta onde quiser e como quiser; desfrute todas as alegrias, só ordeno a você uma coisa: não entre por essa porta. Se entrar, lembre-se do que viu na floresta.

O padrinho disse isso e foi embora. O afilhado ficou sozinho e tratou de viver. E sentia-se tão feliz e alegre que achava que tinha vivido ali só três horas, quando tinha vivido trinta anos. E quando passaram trinta anos, o afilhado chegou perto da porta selada e pensou: “Por que o padrinho me proibiu de entrar nesse cômodo? E se eu entrasse para dar uma olhada no que tem lá dentro?”.

Empurrou a porta, os selos saltaram, a porta abriu. O afilhado entrou e viu: um cômodo maior que todos e melhor que todos e, no meio do cômodo, um trono de ouro. O afilhado foi chegando perto, percorrendo o cômodo, e chegou ao trono, subiu os degraus e sentou-se. Sentou-se e viu: junto ao trono estava um cetro. O afilhado pegou o cetro. Assim que pegou o cetro, de repente desapareceram as quatro paredes do cômodo. O afilhado olhou em volta e viu o mundo todo e tudo o que as pessoas faziam no mundo. Olhou para a frente – viu o mar, navios em movimento. Olhou para a direita – viu povos estranhos, não cristãos, e a vida deles. Olhou para o lado esquerdo – cristãos, mas não russos, viviam. Olhou para o quarto lado – nossos russos viviam. “Vamos ver o que andam fazendo em nossa casa. Será que o trigo cresceu bem?”, pensou. Olhou para sua plantação, viu que os feixes estavam separados.

Começou a contar os feixes para ver se era muito trigo, viu uma carroça passando pela plantação e, nela, um mujique. O afilhado pensou que era seu pai que ia de noite recolher as braçadas de trigo. Olhou melhor: era Vassíli Kudriáchov, um ladrão, que ia na carroça. Aproximou-se das braçadas de feno, começou a colocá-las na carroça. O afilhado se irritou. Gritou:

– Papai, estão roubando os feixes na plantação!

O pai acordou de noite. “Sonhei que estão roubando os feixes de trigo na plantação: vou lá olhar.” Montou no cavalo e foi.

Chegou à plantação, avistou Vassíli, gritou chamando os mujiques. Bateram em Vassíli. Amarraram, levaram para a prisão.

O afilhado olhou também para a cidade, onde morava sua madrinha. Viu que tinha casado com um comerciante. Estava deitada, dormindo, e o marido levantou, foi à casa da amante. O afilhado gritou para a comerciante:

– acorde, seu marido está fazendo coisas ruins.

A madrinha se levantou de um pulo, vestiu-se, foi à procura do marido, xingou, bateu na amante e expulsou o marido de casa.

O afilhado olhou também para sua mãe e viu que ela estava deitada em sua isbá quando um bandido penetrou na isbá e começou a arrombar um cofre.

A mãe acordou, começou a gritar. O bandido viu, apanhou um machado, ergueu na direção da mãe, queria matá-la.

O afilhado não se conteve, jogou o cetro no bandido, acertou-o em cheio na testa e ele morreu na hora.

VI

Assim que o afilhado matou o bandido, as paredes de novo se ergueram, fecharam o cômodo outra vez, como era antes.

A porta abriu, o padrinho entrou. O padrinho se aproximou do afilhado, pegou sua mão, desceu-o do trono e disse:

– Você não obedeceu à minha ordem. Praticou uma ação ruim: abriu a porta selada; praticou outra ação ruim: sentou no trono e pegou meu cetro; praticou uma terceira ação ruim: acrescentou muito mal ao mundo. Se ficasse mais uma hora no trono, poria a perder metade das pessoas no mundo.

E o padrinho colocou o afilhado de novo no trono, segurou o cetro. E de novo as paredes baixaram e tudo ficou visível.

E o padrinho disse:

– Agora olhe o que você fez a seu pai: agora Vassíli passou um ano na prisão, aprendeu com todos os malfeitores e se tornou muito feroz. Olhe, ele soltou os dois cavalos de seu pai e, olhe, está pondo fogo na casa. Aí está o que você fez a seu pai.

Assim que o afilhado viu que a casa do pai estava em chamas, o padrinho afastou aquilo dos olhos do afilhado e mandou que olhasse para o outro lado.

– Olhe – disse ele –, já faz um ano que o marido de sua madrinha deixou a esposa, vive na farra com outras, e ela, por causa do desgosto, passou a beber, e a amante que ele tinha antes sumiu no mundo. Aí está o que você fez com sua madrinha.

Também afastou aquilo dos olhos do afilhado e mostrou a casa dele. O afilhado viu sua mãe: estava chorando por seus pecados, arrependida, dizendo: “Seria melhor que aquele bandido tivesse me matado... assim eu não teria cometido tantos pecados”.

– Aí está o que você fez à sua mãe.

Afastou também aquilo dos olhos do afilhado e apontou para baixo. E o afilhado viu o bandido: dois guardas seguravam o bandido na frente de um calabouço. E o padrinho lhe disse:

– Esse homem tirou a alma de nove pessoas. Ele mesmo deveria ter expiado os próprios pecados, mas você o matou e todos os pecados dele recaíram sobre você. Agora você vai responder por todos os pecados dele. Aí está o que você fez a si mesmo. A urso empurrou o tronco uma vez: machucou os ursinhos. Empurrou outra vez: matou o urso de um ano de idade. Empurrou pela terceira vez: matou a si mesma. Você fez a mesma coisa. Agora vou lhe dar trinta anos de prazo. Ande pelo mundo expiando os pecados do bandido. Se não expiar, você irá no lugar dele.

E o afilhado disse:

– E como vou expiar os pecados dele?

E o padrinho respondeu:

– Quando você tiver eliminado do mundo tanto mal quanto fez, então terá expiado seus pecados e os do bandido.

E o afilhado perguntou:

– Como eliminar o mal do mundo?

O padrinho respondeu:

– Ande reto na direção do nascer do sol, vai chegar a um campo, no campo há pessoas. Observe o que as pessoas fazem e ensine a elas o que aprendeu. Depois vá em frente, observe bem o que estiver vendo; no quarto dia vai chegar à floresta, na floresta tem uma cela, dentro da cela mora um ancião, conte para ele tudo o que aconteceu. Ele vai lhe ensinar. Quando tiver feito tudo o que o ancião mandar, terá expiado seus pecados e os do bandido.

Assim falou o padrinho e levou o afilhado para fora dos portões.

VII

O afilhado foi embora. Andava e pensava: “Como vou eliminar o mal do mundo? Eliminar do mundo o mal das pessoas más que foram desterradas para o degredo, que foram trancadas na prisão e condenadas à execução. Como vou fazer para eliminar o mal sem que os pecados dos outros recaiam sobre mim?”. O afilhado pensou, pensou e não conseguiu achar a resposta.

Andou, andou, chegou a um campo. No campo, o trigo estava crescido – bonito, grosso, no ponto para ceifar. O afilhado viu que uma bezerra tinha entrado no campo de trigo, viu que pessoas a cavalo perseguiram a bezerra no meio do trigal, de um lado para outro. A bezerra queria pular para fora do trigal, mas aparecia alguém, assustava a bezerra de novo para o trigal; de novo corriam atrás dela pelo trigal. Na estrada, havia uma camponesa chorando:

– Eles vão matar minha bezerrinha de cansaço.

O afilhado disse para os mujiques:

– Para que estão fazendo isso? Saiam todos do trigal. Deixem que a dona chame sua bezerra.

As pessoas obedeceram. A camponesa foi para a beira do trigal, começou a chamar:

– Oi-oi-oi, marronzinha, oi-oi-oi!...

A bezerra levantou as orelhas, escutou, escutou, correu para a camponesa, direto para ela, até quase tocar o focinho – por pouco ela não caiu. E os mujiques ficaram contentes, a camponesa ficou contente e a bezerra ficou contente.

O afilhado seguiu caminho, pensando: “Agora vejo que o mal aumenta com o mal. Que quanto mais as pessoas perseguem o mal, mais males elas geram. Ou seja, é impossível eliminar o mal com o mal.

Mas como eliminar o mal, isso eu não sei. Muito bem, a bezerra obedeceu ao chamado da dona, mas e se não tivesse obedecido, como afastá-la do trigo?”.

O afilhado pensou, pensou, não encontrou nenhuma resposta e foi em frente.

VIII

Andou, andou, chegou a uma aldeia. Pediu para passar a noite na isbá que ficava no final da aldeia. A dona deixou. Na isbá, não havia ninguém, só a dona, que estava lavando a casa.

O afilhado entrou, subiu na estufa e ficou olhando o que a dona da casa fazia; viu como lavou a isbá e começou a lavar a mesa. Terminou de lavar a mesa, começou a esfregar com um pano sujo. Começou a esfregar só com um lado, não conseguiu limpar a mesa. O pano sujo deixava riscos de sujeira na mesa. Começou a esfregar no sentido contrário – apagava uns riscos e fazia outros. Tentou limpar de novo no sentido do comprimento, foi a mesma coisa. O pano sujo só fazia sujar; apagava uma sujeira e fazia outra. O afilhado observou, observou, e disse:

– O que está fazendo, patroazinha?

– Será que não enxerga? – respondeu. – Estou fazendo a faxina para o feriado. Só que não há jeito de limpar essa mesa, fica sempre suja, já estou morta de cansaço.

– Se você enxaguasse o pano, aí conseguiria limpar.

A mulher fez assim e conseguiu limpar a mesa.

– Obrigada pelo que me ensinou.

De manhã, o afilhado se despediu da mulher e seguiu viagem. Andou, andou, chegou a uma floresta. Viu que mujiques curvavam arcos de ferro. O afilhado chegou perto, olhou: os mujiques puxavam, mas o arco não se curvava.

O afilhado observou melhor e viu: o banco dos mujiques se mexia, não tinha um ponto de apoio. O afilhado observou e disse:

– O que estão fazendo, irmãos?

– Ora, estamos curvando arcos. E esquentamos o arco duas vezes, estamos mortos de cansaço, e ele não se curva.

– Mas vocês, irmãos, devem fixar o banco, senão vocês se mexem junto com ele.

Os mujiques obedeceram, fixaram o banco e o trabalho deles deu certo.

O afilhado passou a noite com eles e depois seguiu viagem. Andou o dia todo e a noite inteira, antes da aurora se aproximou de uns pastores, deitou-se perto deles para descansar. E viu: os pastores tinham recolhido o gado e acendiam uma fogueira. Pegavam ramos secos, acendiam, não deixavam o fogo pegar direito e logo colocavam uma ramagem úmida em cima. A ramagem chiava, abafava o fogo. Os pastores pegavam mais ramos secos, acendiam, de novo colocavam uma ramagem úmida em cima, de novo ela abafava o fogo. Batalharam muito tempo e não conseguiram acender a fogueira.

E o afilhado disse:

– Não se apressem para colocar as ramagens em cima, antes deixem o fogo pegar com mais força.

Quando já estiver bem aceso, aí coloquem a ramagem em cima.

Assim fizeram os boiadeiros: o fogo pegou forte, colocaram a ramagem em cima. A ramagem se inflamou, a fogueira acendeu. O afilhado ficou um tempo com eles e depois seguiu viagem. O afilhado pensou e pensou no que significavam as três coisas que tinha visto e não conseguiu entender.

IX

O afilhado andou, andou, o dia passou. Chegou à floresta, na floresta havia uma cela. O afilhado foi até a cela, bateu na porta. Uma voz perguntou lá de dentro:

- Quem é?
- Um grande pecador, vou expiar os pecados dos outros.

O ancião saiu e perguntou:

- Que pecados são esses que recaíram sobre você?

O afilhado contou tudo: sobre o padrinho, a urso e os filhotes, o trono na sala fechada por selos, o que o padrinho havia ordenado, o que ele tinha visto no campo de trigo, como os mujiques tinham pisoteado o trigo todo e como a bezerra tinha saído sozinha quando a dona chamou.

– Entendi que é impossível eliminar o mal com o mal – disse ele –, mas não consigo entender o que é preciso fazer para eliminar o mal. Me ensine.

E o ancião disse:

- Conte o que mais você viu pelo caminho.

O afilhado contou sobre a mulher que limpava a isbá, os mujiques tanoeiros que curvavam os arcos e os pastores que acendiam a fogueira.

O ancião escutou, foi para dentro da cela e voltou com um machadinho muito velho.

- Vamos – disse.

O ancião se afastou da cela, foi para um campo e apontou para uma árvore.

- Corte – disse.

O afilhado cortou, a árvore caiu.

- Agora corte em três partes.

O afilhado partiu a árvore em três. O ancião foi de novo à cela e trouxe um fogo.

- Queime as três achas – disse.

O afilhado ateou fogo, queimou as três achas, só sobraram três tições.

- Enterre até a metade. Assim.

O afilhado enterrou.

– Olhe, o rio corre ao pé do monte, traga água de lá dentro da boca para regar os tições. Regue este tição do jeito como você ensinou à mulher. Regue este outro como você ensinou os mujiques que curvavam arcos. E esse último do jeito como você ensinou aos pastores. Quando os três tições tiverem brotado e tiverem crescido três macieiras, então você vai saber como eliminar o mal nas pessoas e então vai expiar os pecados.

O ancião disse isso e voltou para dentro de sua cela. O afilhado pensou, pensou, sem conseguir entender o que o ancião tinha dito. Mas começou a fazer o que ele havia mandado.

X

O afilhado foi até o rio, encheu a boca de água, regou um tição, foi e voltou de novo: fez isso cem vezes, até a terra em volta do tição ficar molhada. Depois continuou: regou também os outros dois tições. O afilhado cansou, ficou com fome. Foi até a cela do ancião pedir comida. Abriu a porta, mas o ancião estava morto, deitado num banquinho. O afilhado olhou em volta, achou um pãozinho seco e comeu; achou também uma pá e foi cavar uma cova para o ancião. De noite trouxe água e regou e de dia cavou a cova. Quando terminou de cavar a cova e quis enterrar o ancião, chegaram pessoas da aldeia trazendo comida para o ancião.

As pessoas souberam que o ancião tinha morrido e abençoaram o afilhado, pedindo que ele ficasse em seu lugar. Enterraram o ancião, deixaram pão para o afilhado; prometeram trazer mais depois, e foram

embora.

O afilhado ficou morando ali no lugar do ancião. O afilhado vivia, se alimentava com o que as pessoas traziam e fazia aquilo que o ancião mandou fazer – trazia água do rio na boca e regava os tições.

O afilhado viveu assim um ano e muita gente começou a ir até ele. Espalhou-se a notícia de que um homem santo morava na floresta para se salvar, trazia água do rio na boca e regava tocos queimados. Muita gente passou a ir vê-lo. Comerciantes ricos também começaram a visitar o afilhado, lhe traziam presentes. O afilhado não ficava com nada para si além do necessário, e aquilo que lhe davam ele distribuía a outros pobres.

E o afilhado vivia assim: metade do dia trazia água na boca para regar os tições e a outra metade descansava e atendia as pessoas.

E o afilhado começou a pensar que tinha recebido a ordem de viver assim para desse jeito eliminar o mal e expiar os pecados.

O afilhado viveu assim mais um ano, não deixou de regar nenhum dia, mas nenhum tição brotava.

Certa vez estava sentado na cela, ouviu um barulho – um homem a cavalo passou cantando uma canção. O afilhado saiu para ver quem era. Olhou – era um homem forte, jovem. Vestia roupas bonitas, o cavalo era caro e a sela também.

O afilhado deteve o homem e perguntou quem era e para onde ia.

O homem parou.

– Sou um bandido – respondeu. – Viajo pelas estradas e mato pessoas: quanto mais pessoas eu mato, mais alegres as canções que eu canto.

O afilhado se horrorizou e pensou: “Como eliminar o mal num homem assim? É fácil falar com as pessoas que vêm me ver, porque elas mesmas estão arrependidas. Mas ele se vangloria do mal que faz”. O afilhado não disse nada, se afastou e pensou: “Como vai ser agora? Se esse bandido ficar por aqui, vai assustar o povo, vão parar de me visitar. Para eles, não vai haver nenhum benefício e, além disso, como vou viver?”.

O afilhado parou. E foi falar com o bandido:

– As pessoas vêm aqui não para se vangloriar do mal, mas para se arrepender e se redimir dos pecados. Arrependa-se você também, se teme a Deus; mas se não quer se arrepender, vá embora daqui e não volte nunca mais, não me perturbe e não assuste as pessoas para longe de mim. Se não obedecer, Deus vai castigar você.

O bandido deu uma risada.

– Não tenho medo de Deus e não vou obedecer a você. Não é meu patrão. Você se alimenta de sua devoção e eu me alimento do roubo. Todo mundo precisa comer. Dê suas lições para as mulheres que vêm aqui, mas não me dê lição nenhuma. E porque você me falou de Deus, amanhã vou matar mais duas pessoas. Eu mataria você hoje mesmo, mas não quero sujar as mãos. E não apareça mais na minha frente.

O bandido fez a ameaça e foi embora. O bandido não passou mais por ali e o afilhado vivia sossegado, como antes. Assim viveu mais oito anos e começou a ficar entediado.

Certa tarde, o afilhado terminou de regar seus tições, foi descansar na cela, sentou, olhou para a trilha para ver se já vinha alguém. E naquele dia não veio ninguém. O afilhado ficou sozinho até o fim da tarde, sentiu-se entediado e pensou em sua vida. Lembrou como o bandido o acusara de se alimentar de sua devoção. E o afilhado examinou sua vida. “Não estou vivendo como o ancião mandou”, pensou. “O ancião me deu uma penitência, mas eu tiro disso meu alimento e até fiquei famoso. Fiquei tão seduzido

por isso que me sinto entediado quando ninguém vem me ver. E quando vem gente, só me alegre porque sei que eles vão espalhar a fama de minha santidade. Não é assim que se deve viver. Eu me envolvi na glória terrena. Não expiei os pecados anteriores e ainda acumulei novos. Vou embora da floresta, vou para outro lugar onde o povo não me encontre. Vou viver sozinho para expiar os pecados antigos e não cometer novos.”

O afilhado pensou assim, pegou um saco, uma pá e foi para longe da cela, para um barranco, a fim de cavar uma toca num lugar bem ermo e se esconder das pessoas.

O afilhado ia com o saco e a pá, topou com o bandido em seu caminho. O afilhado teve medo, quis fugir, mas o bandido o alcançou.

– Para onde vai? – perguntou.

O afilhado contou que queria fugir das pessoas e ficar num lugar aonde ninguém fosse vê-lo. O bandido se admirou.

– Mas como é que vai comer agora, se as pessoas não vão mais ver você?

O afilhado não tinha pensado nisso e, quando o bandido perguntou, lembrou-se da comida.

– Vou comer o que Deus me der – respondeu.

O bandido não falou nada e foi embora.

“Ora, não falei para ele nada sobre sua vida!”, pensou. “Talvez agora se arrependa. Hoje parece estar mais manso e não ameaçou me matar.” E o afilhado gritou na direção do bandido:

– Você ainda tem de se arrepender. Não vai fugir de Deus.

O bandido voltou a cavalo. Tirou uma faca da cintura, brandiu na direção do afilhado. O afilhado teve medo e fugiu para a mata.

O bandido não foi atrás dele, apenas disse:

– Duas vezes perdoei você, velho. Não apareça na minha frente pela terceira vez, que vou matar você!

Disse isso e foi embora. O afilhado, ao anoitecer, foi regar os tições, olhou – um broto havia nascido, uma macieira crescia.

XII

O afilhado se escondia das pessoas e passou a viver só. Seu pão seco acabou. “Bem, agora vou comer raízes.” Assim que começou a procurar, viu um saco com pães secos pendurado num galho. O afilhado pegou e começou a se alimentar.

Assim que os pães secos terminaram, ele achou outro saco pendurado no mesmo galho. E assim vivia o afilhado. Só uma coisa lhe dava tristeza – tinha medo do bandido. Assim que ouvia o bandido, se escondia, pensando: “Vai me matar sem que eu tenha tempo de expiar os pecados”.

Viveu assim mais dez anos. Uma macieira crescia, mas os outros dois tições continuaram a ser tições, como antes.

Um dia, de manhã cedo, o afilhado acordou, foi cumprir sua tarefa, molhou a terra junto aos tições, ficou cansado e sentou-se. Respirava ofegante e pensava: “Pequei tendo medo de morrer. Se for a vontade de Deus, pela morte também vou expiar os pecados”. Assim que teve esse pensamento, ouviu algo de repente – o bandido passava, praguejando. O afilhado ouviu e pensou: “O bem e o mal não podem vir de mais ninguém senão de Deus”, e foi ao encontro do bandido. Viu que o bandido não ia sozinho, trazia um homem na sela consigo. O homem estava amordaçado e com os braços amarrados. O homem nada dizia e o bandido o cobria de insultos. O afilhado chegou perto do bandido, parou na frente do cavalo.

– Para onde está levando esse homem?

– Estou levando para a floresta. É filho de um comerciante. Ele não quer contar onde está escondido o dinheiro do pai. Vou espancá-lo até que ele conte.

E o bandido quis ir em frente. Mas o afilhado não deixou, segurou o cavalo pelo cabresto.

– Solte esse homem – disse.

O bandido se irritou com o afilhado, ergueu a mão para ele.

– Será que você quer ter a mesma sorte que ele? Já prometi que vou matar você. Largue.

O afilhado não se assustou.

– Não largo. Não tenho medo de você, só tenho medo de Deus. Mas Deus me manda não largar.

Solte o homem.

O bandido fez cara feia, apanhou uma faca, cortou as cordas e soltou o filho do comerciante.

– Vão embora daqui, os dois – disse. – Não apareçam de novo na minha frente.

O filho do comerciante desceu do cavalo e correu. O bandido quis passar, mas o afilhado o deteve; disse que ele devia abandonar sua vida de maldades. O bandido ficou parado, escutou tudo, não disse nada e foi embora.

De manhã, o afilhado foi regar os tições. Olhou e viu que outro tição tinha dado um broto – estava nascendo mais uma macieira.

XIII

Passaram mais dez anos. Certo dia, o afilhado estava sentado, não queria nada, não tinha medo de nada e sentia alegria no coração. E o afilhado pensou: “Que felicidade Deus concede às pessoas! E elas se atormentam em vão. Poderiam viver na alegria”. E lembrou todo o mal das pessoas, como elas se atormentam. E teve pena das pessoas. “É inútil viver como eu vivo”, pensou. “Tenho de ir contar às pessoas o que eu sei.”

Assim que teve esse pensamento, ouviu que o bandido estava passando. “Com esse não adianta falar, não vai entender.”

Primeiro pensou assim, mas depois mudou de ideia e foi para a estrada. O bandido andava a cavalo com ar solitário, olhando para o chão. O afilhado olhou para ele, teve pena, correu em sua direção, segurou-o pelo joelho.

– Caro irmão – disse –, tenha piedade de sua alma! Pois em você há uma alma divina. Você se atormenta, atormenta os outros e vai ser ainda mais atormentado. Deus ama tanto você, quanta felicidade você está desperdiçando! Não se destrua, irmão. Mude de vida.

O bandido fechou a cara, deu as costas.

– Deixe-me – falou.

O afilhado agarrou o joelho do bandido com mais força ainda e começou a chorar.

O bandido baixou os olhos para o afilhado. Olhou, olhou, desceu do cavalo e se ajoelhou diante do afilhado.

– Você me venceu, velho – disse. – Vinte anos lutei contra você. Você foi mais forte. Agora eu não tenho poder sobre você. Faça comigo o que quiser. Quando você quis me convencer pela primeira vez, eu só fiquei com mais raiva. Só comecei a pensar nas suas palavras quando você fugiu das pessoas e entendeu que não precisava de nada delas.

E o afilhado lembrou que a mulher na isbá só conseguiu limpar a mesa quando enxaguou o pano: ele parou de se preocupar consigo mesmo, purificou o coração e passou a purificar o coração dos outros.

E o bandido disse:

– E meu coração tomou novo rumo quando você não teve medo da morte.

E o afilhado lembrou que os taneiros só conseguiram curvar o arco quando reforçaram o banco: ele parou de ter medo da morte, reforçou sua vida em Deus e um coração invencível foi vencido.

E o bandido disse:

– Mas meu coração só se abrandou de todo quando você teve pena de mim e começou a chorar na minha frente.

O afilhado se alegrou, levou o bandido consigo até o lugar onde estavam os três tições. Chegaram perto e viram que do último tição também havia brotado uma macieira. E o afilhado lembrou que as ramagens úmidas dos pastores se inflamavam quando colocadas em cima de um fogo mais forte. O coração dele se inflamou e a chama também ardeu em outro coração.

E o afilhado se alegrou porque agora tinha expiado os pecados.

Contou tudo isso ao bandido e morreu. O bandido enterrou o afilhado, passou a viver como o afilhado tinha mandado, ensinando aquilo às pessoas.

O TRABALHADOR EMELIAN E O TAMBOR VAZIO

Emelian vivia nas terras do patrão, era um dos trabalhadores. Um dia, a caminho do trabalho, Emelian passou pelo pasto, olhou: uma rã pulou na sua frente; por pouco Emelian não pisou na rã. Ele desviou o passo. De repente ouviu alguém falando atrás dele. Emelian virou-se e viu: uma linda moça estava ali e falava com ele:

– Por que não se casa, Emelian?

– Como posso casar, querida mocinha? Tudo o que tenho está aqui, não possuo nada, ninguém vai casar comigo.

E a mocinha respondeu:

– Case comigo!

Emelian gostou muito da mocinha.

– Eu ficaria muito contente – disse. – Mas onde vamos morar?

– Para que pensar nisso? – respondeu ela. – É só trabalhar mais, dormir menos, que em qualquer lugar podemos ter roupa e comida.

– Puxa, então está bem. Vamos casar. Para onde vamos?

– Vamos para a cidade.

Emelian foi com a mocinha para a cidade. Ela o levou para um casebre no fim da cidade. Casaram e começaram a viver.

Um dia, o rei foi à cidade. Passou em frente à casa de Emelian, e a esposa de Emelian saiu para ver o rei. O rei a viu e ficou admirado: “De onde veio uma jovem tão bonita?”. O rei parou sua carruagem, chamou a esposa de Emelian e lhe perguntou:

– Quem é você?

– Sou a esposa do mujique Emelian – respondeu.

– Por que você, tão linda, casou com um mujique? Poderia ser uma rainha.

– Obrigada pelas palavras gentis – disse ela. – Para mim, é bom ser esposa de um mujique.

O rei conversou com ela mais um pouco e seguiu seu caminho. Voltou para o palácio. A esposa de Emelian não saía de sua cabeça. O rei não dormiu a noite toda, só pensando num jeito de tirar a esposa de Emelian. Não conseguiu imaginar um modo de fazer aquilo. Chamou seus criados e mandou que

imaginassem um jeito. E os criados disseram para o rei:

– Chame Emelian para trabalhar no palácio. Nós vamos massacrá-lo de tanto trabalho, a esposa vai ficar viúva e aí você vai poder ficar com ela.

O rei assim fez, chamou Emelian para trabalhar e morar no palácio real, junto com a esposa.

Chegaram os mensageiros, avisaram Emelian. A esposa disse para o marido:

– Pode ir. Trabalhe de dia e de noite volte para mim.

Emelian foi. Chegou ao palácio; o mordomo do rei perguntou:

– Por que veio sozinho, sem a esposa?

– Para que trazer minha esposa? Ela tem sua casa.

No palácio real, incumbiram Emelian de uma quantidade tão grande de trabalho que só poderia ser feita por duas pessoas. Emelian começou a trabalhar, e achava que não ia conseguir fazer tudo. Quando viu, antes do entardecer, tudo estava pronto. O mordomo ficou admirado e, para o dia seguinte, lhe deu quatro vezes mais trabalho.

Emelian chegou em casa. E sua casa estava toda limpa, arrumada, a estufa estava acesa, toda a comida assada e cozida. A esposa estava sentada, dobrada para a frente, costurando, à espera do marido. A esposa recebeu o marido; serviu o jantar, deu de comer e de beber; perguntou ao marido sobre o trabalho.

– Puxa, foi ruim – disse ele. – Me deram um trabalho acima de minhas forças, vão me matar de tanto trabalho.

– Pois você não pense no trabalho – disse a esposa –, não olhe para trás nem olhe para a frente, para ver se fez muito e se ainda falta muito. Só trabalhe. Vai dar tempo de fazer tudo.

Emelian dormiu. De manhã, foi de novo. Pôs-se a trabalhar, sem olhar para trás nem uma vez. Quando viu, à tardinha, tudo estava pronto, e ele chegou em casa antes de escurecer.

Deram cada vez mais trabalho para Emelian e ele sempre conseguia terminar a tempo de passar a noite em casa. A semana chegou ao fim. Os criados do rei viram que não conseguiam esgotar o mujique com trabalhos braçais; passaram a lhe dar trabalhos que exigiam astúcia. E também não conseguiram cansar o mujique. Trabalhos de marceneiro, de pedreiro, de telhadeiro, tudo o que mandavam Emelian fazia, e dentro do prazo para voltar para casa e passar a noite com a esposa. Passou mais uma semana. O rei chamou seus criados e disse:

– Será que é à toa que dou a vocês o pão que comem? Passaram duas semanas e ainda não vi nenhum resultado. Queriam matar Emelian de tanto trabalhar, mas pela janela vejo que todo dia ele volta para casa cantando. Será que vocês agora estão querendo me fazer de bobo?

Os criados do rei começaram a se justificar.

– Tentamos com todas as forças esgotar o mujique, primeiro com o trabalho braçal, mas não há nada que o perturbe. Ele dá conta de qualquer tarefa como se desse uma vassourada, e não sabe o que é ficar cansado. Passamos a lhe dar trabalhos que exigem astúcia, pensando que ele tinha inteligência curta; mas também assim não conseguimos nada. Qualquer coisa que a gente invente, de tudo ele entende, faz qualquer coisa! Não há outra explicação, ou ele mesmo ou a esposa sabem um feitiço. Nós mesmos já estamos fartos dele. Agora só pensamos em lhe dar um trabalho que seja impossível executar. Decidimos mandar que ele construa uma catedral num só dia. Mande chamar o Emelian e mande que construa em um dia uma catedral em frente ao palácio. Se não construir, pode cortar a cabeça dele por desobediência.

O rei mandou chamar Emelian.

– Muito bem, aqui está minha ordem: construa para mim uma catedral nova na praça em frente ao palácio, e que ela esteja pronta amanhã ao fim da tarde. Se você construir, darei uma recompensa; se não construir, você será executado.

Emelian escutou as palavras do rei, virou-se, foi para casa. “Bem”, pensou, “agora chegou meu fim.” Entrou em casa e disse à esposa:

– Pois é, prepare-se, esposa: temos de fugir para qualquer lugar, senão estaremos perdidos.

– Por que ficou tão assustado, do que você quer fugir?

– Como não vou ficar assustado? – disse Emelian. – O rei mandou que eu construa uma catedral num dia. Se não conseguir, ameaça cortar minha cabeça. Só tem um jeito: fugir enquanto há tempo.

A esposa não concordou.

– O rei tem muitos soldados, vão nos perseguir em toda parte. Enquanto tiver força, você tem de obedecer.

– Mas como obedecer quando não se tem mais força?

– Ah... meu caro! Não se aflija, jante, depois vá dormir; de manhã acorde mais cedo, vai dar tempo de fazer tudo.

Emelian foi dormir. A esposa o despertou.

– Levante, vá depressa terminar a catedral; tome aqui os pregos e o martelo: ainda tem trabalho para um dia.

Emelian foi à cidade, chegou: uma catedral novinha estava erguida no meio da praça. Faltava pouco para terminar. Emelian começou a trabalhar onde era necessário; ao fim da tarde, estava tudo pronto.

O rei acordou. Do palácio, olhou para a praça e viu: a catedral estava de pé. Emelian se movimentava, pondo pregos aqui e ali. E o rei não ficou nada contente com a catedral, irritou-se porque não encontrava um jeito de condenar Emelian à morte e era impossível tomar sua esposa.

O rei convocou de novo seus criados:

– Emelian cumpriu também essa tarefa, não posso executá-lo. Essa tarefa foi pouco para ele. É preciso imaginar alguma coisa mais astuta. Inventem, do contrário vocês serão executados antes dele.

E os criados inventaram de mandar Emelian fazer um rio que corresse em volta do palácio e que no rio houvesse navios. O rei chamou Emelian e lhe deu a nova ordem.

– Se você pode construir uma catedral num dia, então vai poder também cumprir essa tarefa. E quero que minha ordem seja cumprida até amanhã. Se não ficar tudo pronto, vou cortar sua cabeça.

Emelian ficou ainda mais triste, chegou em casa com ar solitário e a esposa perguntou:

– Está triste de novo? O rei deu mais uma ordem para você?

Emelian lhe contou.

– Temos de fugir – disse ele.

A esposa disse:

– É impossível fugir dos soldados, vão nos perseguir em toda parte. É preciso obedecer.

– Mas como vou obedecer?

– Ah... – disse a esposa. – Querido, não há motivo para se afligir. Jante, vá dormir. Acorde mais cedo, vai dar tempo de fazer tudo.

Emelian foi dormir. De manhã, a esposa o despertou.

– Vá ao palácio, está quase tudo pronto. Há só uma beirada mais alta junto ao cais, em frente ao palácio; pegue a pá e nivele.

Emelian foi; chegou à cidade; em torno do palácio havia um rio, navios passavam. Emelian se aproximou do cais em frente ao palácio, viu um ponto desnivelado e começou a nivelar.

O rei acordou, viu um rio onde antes não havia nada; navios passavam no rio e Emelian nivelava a terra do cais com a pá. O rei se espantou; e não ficou nada contente com o rio nem com os navios e ficou irritado por não conseguir executar Emelian. Pensou: “Não existe nenhum trabalho que ele não faça. Como vai ser agora?”.

Chamou seus criados, pôs-se a pensar junto com eles.

– Inventem para mim uma tarefa que esteja acima das forças de Emelian. Tudo o que imaginamos ele fez e eu não consegui tomar sua esposa.

Os criados do palácio pensaram, pensaram e tiveram uma ideia. Foram falar com o rei:

– É preciso chamar Emelian e dizer para ele: vá lá, não se sabe onde, e traga uma coisa, que não se sabe o que é. Assim ele não vai conseguir escapar. Aonde quer que ele vá, você dirá que ele não foi ao lugar certo; e o que quer que ele traga, você dirá que não trouxe o que devia. Então vai poder executar Emelian e tomar a esposa dele.

O rei se alegrou.

– Desta vez vocês usaram a cabeça.

O rei mandou chamar Emelian e lhe disse:

– Vá lá, não se sabe aonde, e traga uma coisa, que não se sabe o que é. Se não trouxer, vou cortar sua cabeça.

Emelian chegou em casa e contou para a esposa o que o rei havia falado. A esposa ficou pensando.

– Bem – disse ela –, ensinaram o rei a usar a cabeça. Agora temos de ser inteligentes.

A esposa ficou quieta, pensando, e depois falou com o marido:

– Você precisa ir para longe, para a casa de nossa avó mais velha, a avó do tempo antigo, a mãe dos mujiques, a mãe dos soldados, é preciso pedir sua misericórdia. Quando ela lhe ensinar um jeito, vá direto para o palácio, eu estarei lá. Agora não tenho como escapar das mãos deles. Vão me levar à força, mas não será por muito tempo. Se você fizer tudo o que a avó mandar, em breve virá me salvar.

A esposa preparou o marido, lhe deu uma bolsa e um fuso de fiar.

– Entregue isto para ela – disse a esposa. – Assim ela vai saber que você é meu marido.

A esposa mostrou o caminho para o marido. Emelian foi em frente, saiu da cidade, viu: havia soldados em treinamento. Emelian esperou, observou. Os soldados terminaram, sentaram para descansar. Emelian se aproximou deles e perguntou:

– Irmãos, vocês não sabem como chegar a um lugar não se sabe onde e trazer uma coisa que não se sabe o que é?

Os soldados ouviram aquilo e ficaram admirados.

– Quem mandou você fazer isso?

– O rei – respondeu Emelian.

– Pois nós mesmos, desde que viramos soldados, vamos para lá, não sabemos onde, mas não conseguimos chegar, e procuramos uma coisa, sem saber o que é, e não conseguimos encontrar. Não podemos ajudar você.

Emelian ficou mais um pouco ao lado dos soldados e depois foi em frente. Andou, andou, chegou à floresta. Na floresta, havia uma isbá pequena. Na isbá, estava uma velha bem velhinha, a mãe dos mujiques e dos soldados, desfiando uma fibra de linho; estava chorando e, em vez de levar os dedos à boca para molhar na saliva, levava os dedos aos olhos para molhar com lágrimas. A velha viu Emelian e gritou para ele:

– Para que veio aqui?

Emelian lhe entregou o fuso e disse que a esposa tinha mandado que fosse lá. Na mesma hora a velha ficou mansa, começou a fazer perguntas. E Emelian contou sua vida inteira, que tinha casado com a mocinha, que tinha ido morar na cidade, que tinha sido chamado para trabalhar no palácio real, que ele servia ao rei, que tinha construído uma catedral, que tinha feito um rio com navios, e que agora o rei tinha mandado que ele fosse a um lugar, não sabia onde, e trouxesse uma coisa, não sabia o quê.

A velha ouviu com atenção e parou de chorar. Começou a resmungar, murmurando para si mesma:

– Chegou a hora, é claro. Bem, está certo, sente aqui, meu filho, e coma.

Emelian comeu e a velha lhe disse:

– Aqui está um novelo. Role essa bola de linha na sua frente e vá sempre atrás dela, para onde ela rolar. Você irá para bem longe, até o mar. Quando chegar ao mar, vai ver uma cidade grande. Entre na cidade, peça para passar a noite na última casa. Ali, procure aquilo de que precisa.

– Como vou saber o que é, vovó?

– Quando você vir aquilo a que as pessoas obedecem mais do que ao pai e à mãe, terá encontrado o que procura. Pegue e leve para o rei. Quando você entregar para o rei, ele vai dizer que não é aquilo, que não está certo, e você deve responder: “Se isso não é a coisa certa, tem de ser quebrado”, e você tem de bater nessa coisa e depois vai levar para o rio, despedace a coisa e jogue na água. Então você vai ter a esposa de volta e minhas lágrimas vão secar.

Emelian despediu-se da velhinha, saiu, jogou o novelo no chão. Rolou, rolou – o novelo o levou até o mar. Na beira do mar, havia uma cidade grande. No fim da cidade, havia uma casa alta. Emelian pediu para passar a noite na casa. Deixaram. Ele foi dormir. Acordou de manhã cedo, ouviu: o pai levantou, foi acordar o filho e chamou o rapaz para cortar lenha. O filho não obedeceu.

– Ainda é cedo – disse. – Tem tempo.

Da estufa, a mãe ouviu e disse:

– Vá, meu filho, seu pai tem dor nos ossos. Ou quer que ele vá sozinho? Está na hora.

O filho apenas remexeu os lábios e dormiu outra vez. Assim que adormeceu, de repente um estrondo irrompeu na rua. O filho deu um pulo, vestiu-se e correu para a rua. Emelian também se levantou depressa, correu atrás dele para ver que barulho era aquele e o que era aquela coisa a que um filho obedecia mais do que ao pai e à mãe.

Emelian saiu correndo e viu: um homem passava pela rua, levava presa na barriga uma coisa redonda e batia nela com pedaços de pau. Era aquilo que fazia tanto estrondo; era aquilo a que o filho tinha obedecido. Emelian correu para perto, observou o objeto. Viu: redondo como um barril, preso dos dois lados por uma tira de couro. Começou a perguntar como se chamava aquilo.

– Tambor – responderam.

– Mas como pode? Ele é vazio?

– Vazio – responderam.

Emelian admirou-se e começou a pedir que lhe dessem aquela coisa. Não deram. Emelian parou de pedir, pôs-se a andar atrás do tamboreiro. Andou o dia inteiro e, quando o tamboreiro deitou para dormir, Emelian pegou o tambor e fugiu. Correu, correu, chegou em casa, à sua cidade. Queria encontrar a esposa, mas ela já não estava. Tinham levado a esposa para o rei, um dia depois de sua partida.

Emelian foi ao palácio, mandou avisar ao rei que ele havia chegado:

– Voltou aquele que foi a um lugar não se sabe aonde e trouxe uma coisa que não se sabe o que é.

Avisaram o rei. O rei mandou Emelian voltar no dia seguinte. Emelian pediu de novo que avisassem o rei:

– Eu vim hoje, trouxe o que ele mandou, ele tem de vir falar comigo, senão eu mesmo vou lá.

O rei foi falar com ele.

– Aonde você foi?

Emelian respondeu.

– Não é esse o lugar. E o que trouxe?

Emelian quis mostrar, mas o rei nem se deu ao trabalho de olhar.

– Não é isso.

– Se não é isso – respondeu Emelian –, então é preciso quebrar essa coisa, e que o diabo a carregue.

Emelian saiu do palácio e bateu no tambor. Quando bateu, todo o exército do rei se reuniu em torno de Emelian. Prestaram continência para Emelian e esperaram suas ordens. Da janela, o rei começou a gritar para suas tropas, para que não seguissem Emelian. As tropas não deram ouvidos ao rei, todos seguiram Emelian. O rei viu aquilo, mandou que levassem para Emelian sua esposa e pediu que ele lhe desse o tambor.

– Não posso – respondeu Emelian. – Mandaram que eu estraçalhasse o tambor e jogasse os pedaços no rio.

Emelian levou o tambor para o rio e todos os soldados foram atrás. Na beira do rio, Emelian destruiu o tambor, despedaçou e jogou os pedaços no rio – e todos os soldados se dispersaram. Emelian pegou sua esposa e levou para casa.

E desde então o rei parou de atormentar Emelian. E passou a viver e conviver, revivendo o bem e desvivendo o mal.

1 Povo de origem mongólica.

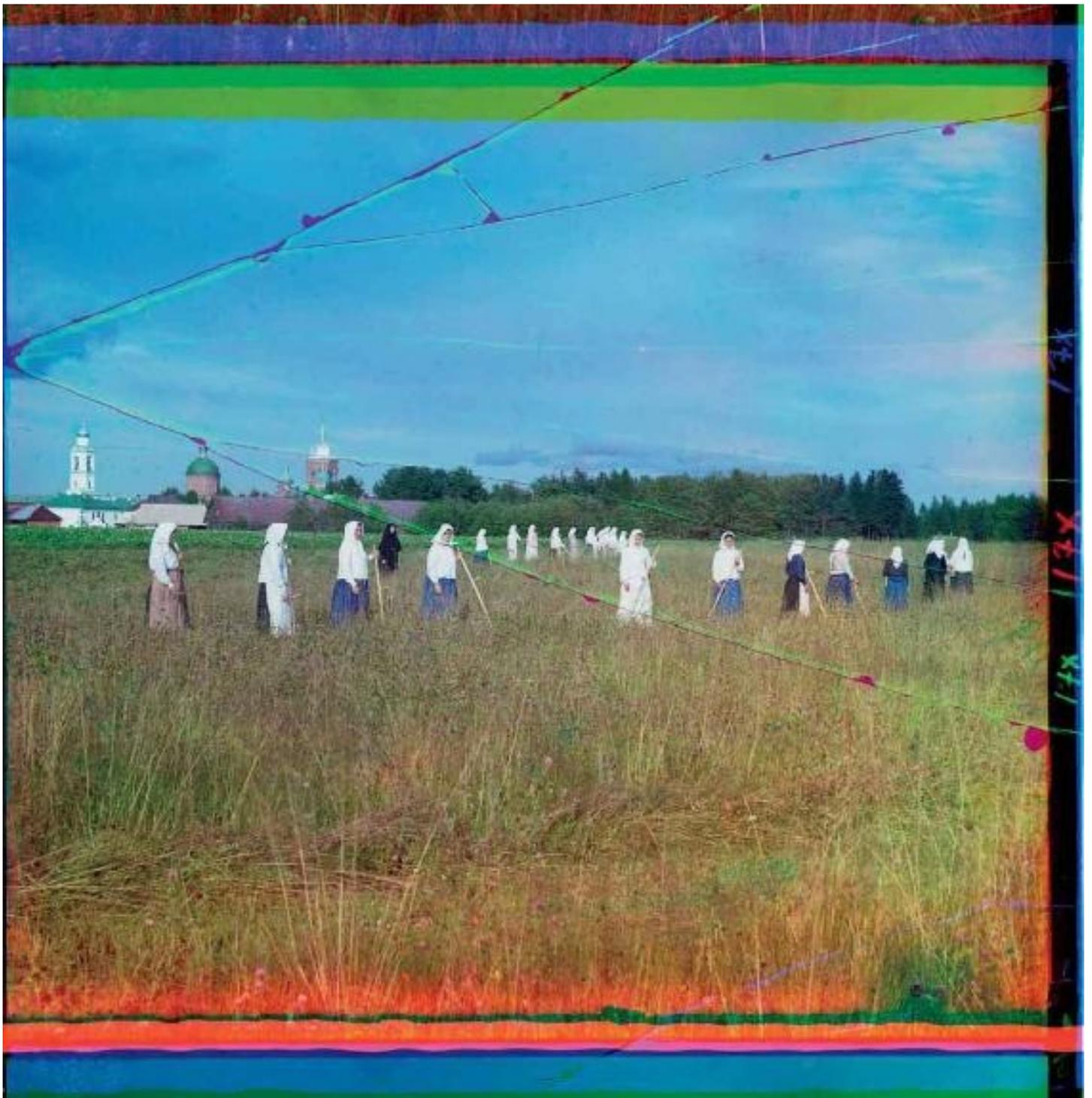
1 Povo de origem turca, da República do Bascortostão (ou Bachcortostão), ou Basquíria.

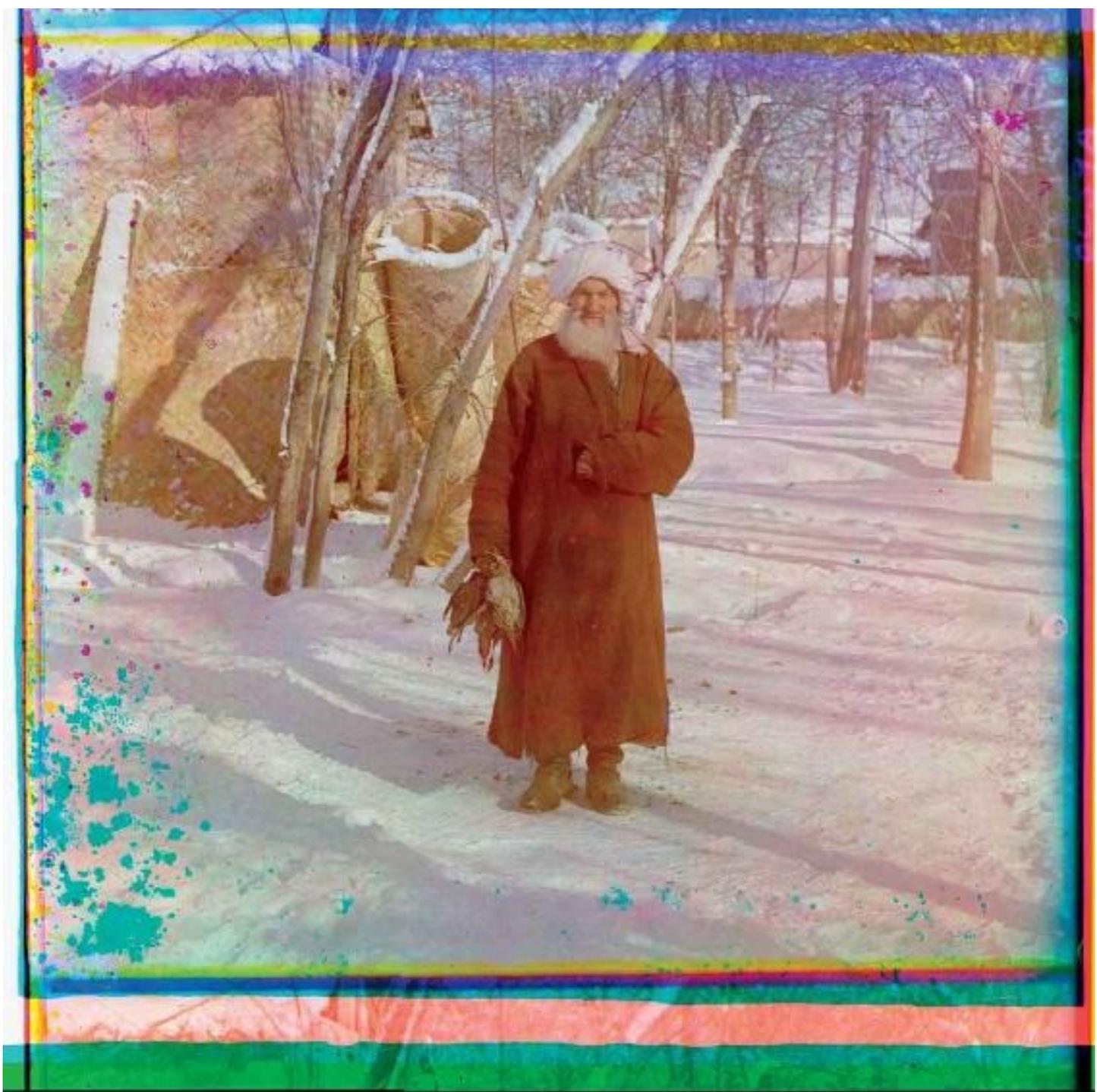
2 Leite de égua fermentado.

3 Esterco prensado usado como combustível.

1 Traje tradicional das mulheres russas.

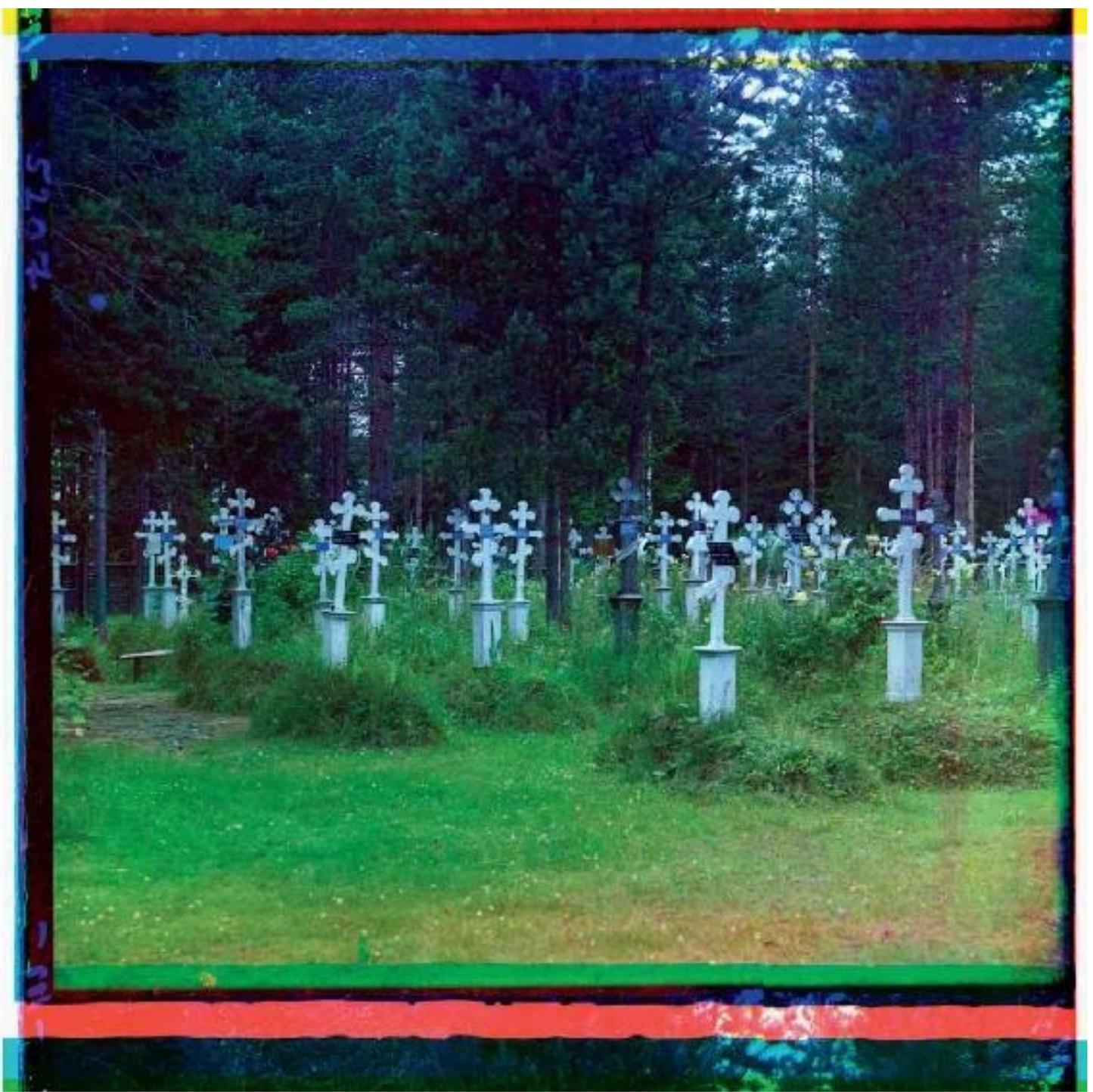
1 Ucrânia.

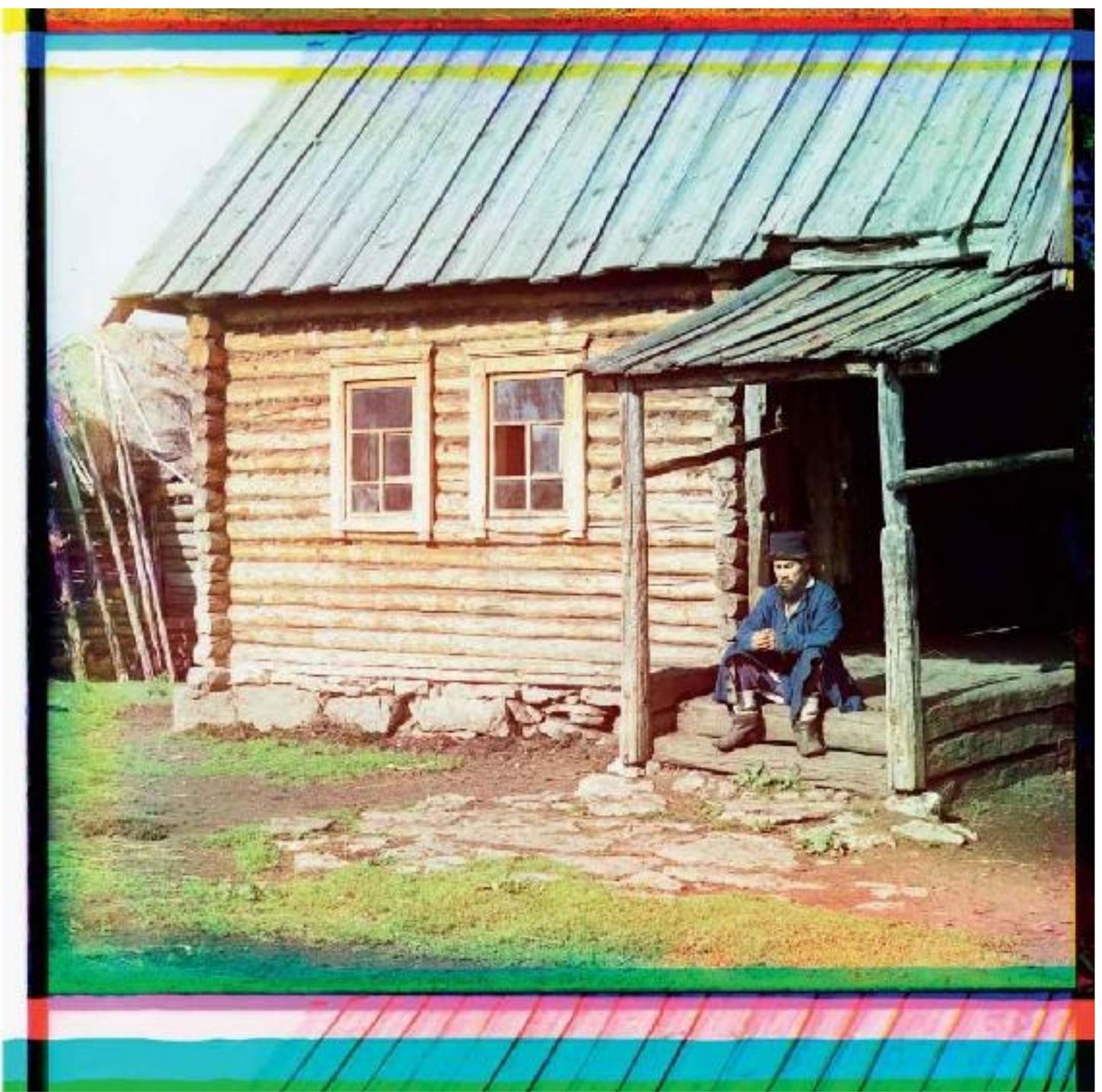








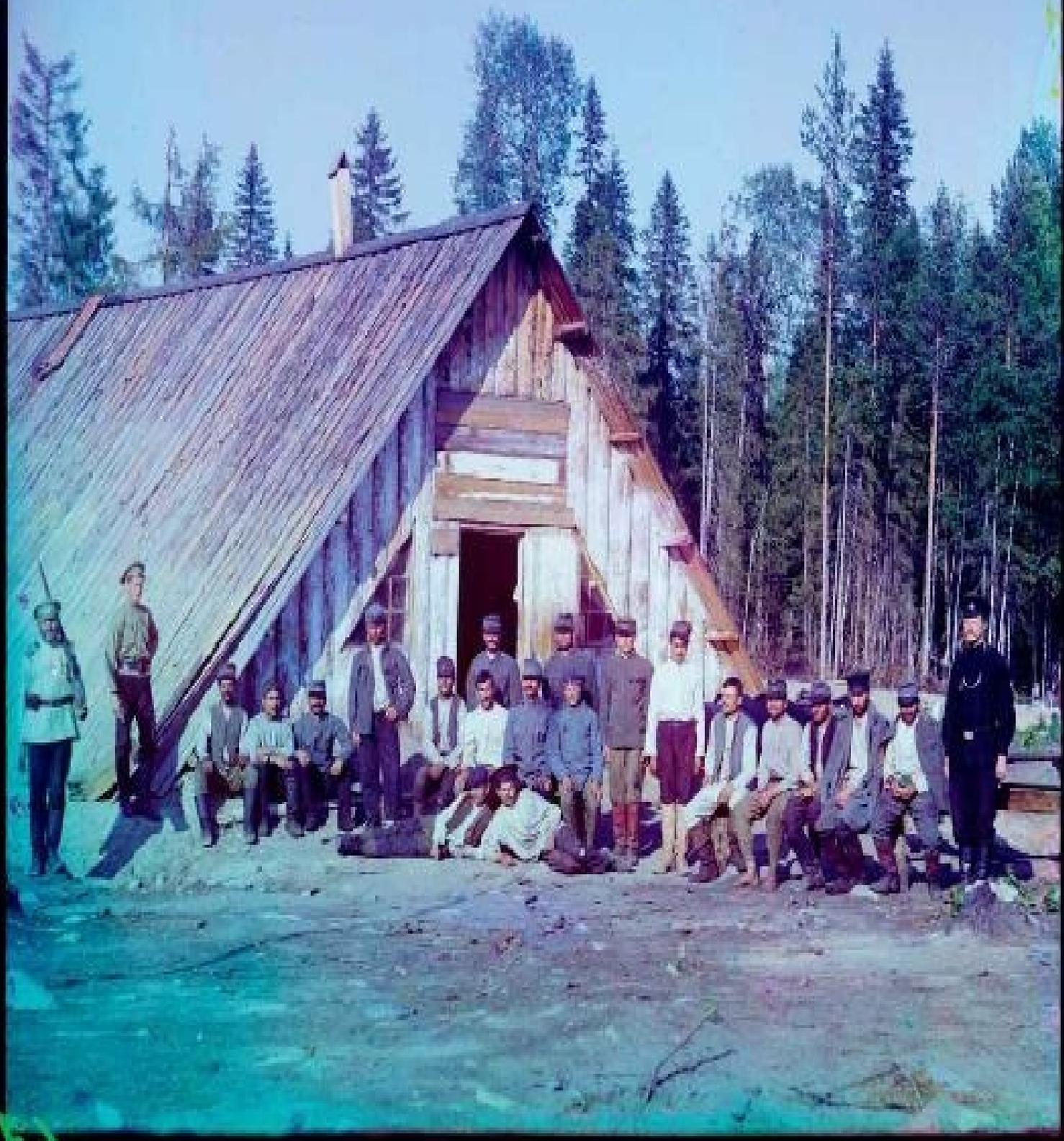






LIEV TOLSTÓI

COSACNAIFY



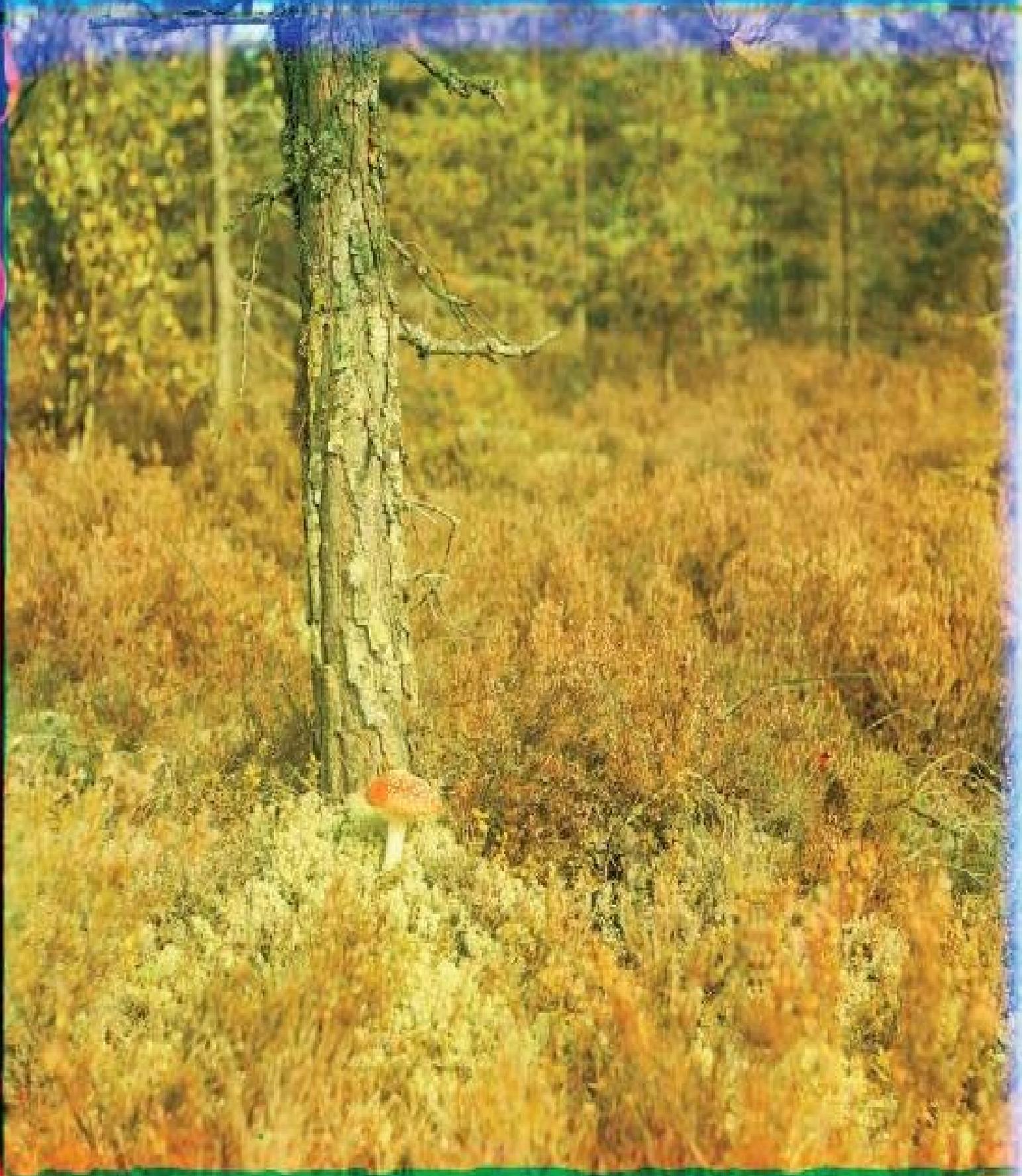
50

CONTOS COMPLETOS

**TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO RUBENS FIGUEIREDO FOTOS
SERGUEI MIKHÁILOVITCH PROKÚDIN-GORSKII**

201067

1067



VOLUME 3

Kholstomier
Os três filhos
A cafeteria de Surat
O diabo
Variante do fim do conto “O diabo”
Françoise
Custa caro
O karma
Três parábolas
O patrão e o trabalhador
A destruição do inferno e sua reconstrução
Depois do baile
O rei assírio Assarhaddon
O cupom falsificado
Aliocha Gorchok
Kornei Vassíliev
Morangos
Memórias póstuma do *stárets* Fiódor Kuzmitch
Padre Vassíli
Para quê?
O divino e o humano

O que vi num sonho

Gente pobre

A força da infância

O lobo

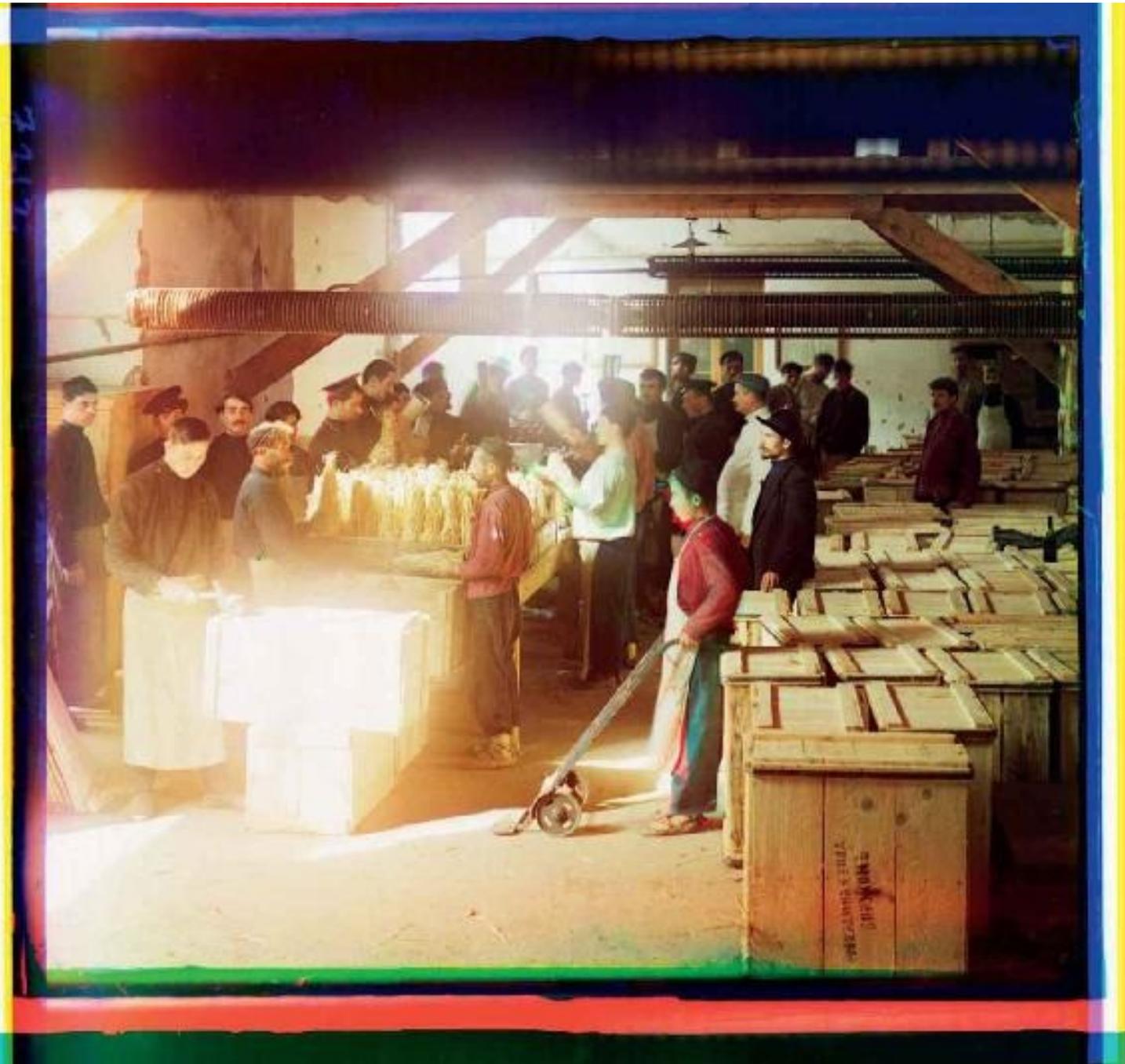
Conversa com um passante

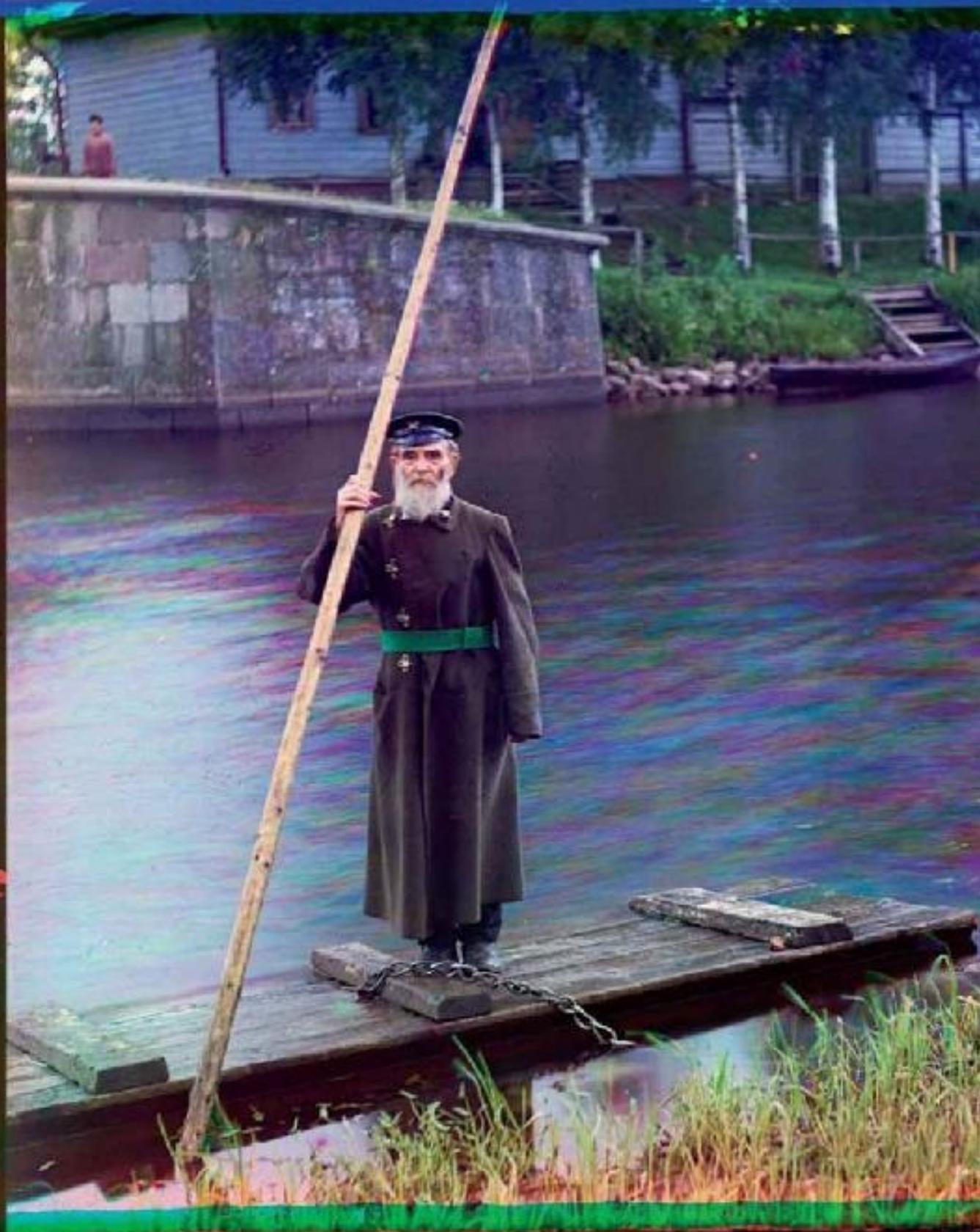
Krekchino

Iásnaia Poliana

Khodinka

Sem querer





KHOLSTOMIER

[História de um cavalo]

Em memória de M. A. Stakhóvitch¹

I

O céu se erguia cada vez mais, a aurora se alastrava, a prata opaca do orvalho se tornava mais branca, a foice da luz se desbotava, a floresta se tornava mais barulhenta, as pessoas acordavam e na cocheira dos cavalos do senhor de terras ouviam-se mais e mais os bufos, o rebuliço na palha e até os relinchos irritados e estridentes dos cavalos aglomerados, que brigavam por algum motivo.

– Ô, ô! Devagar! Estão morrendo de fome? – disse um velho cavaleiro, enquanto abria a porteira rangente. – Aonde você vai? – gritou, brandindo o braço na direção de uma égua que tentava se enfiar pela fresta da porteira.

O cavaleiro Niéster vestia um casaco cingido por um cinturão, trazia um açoite pendurado no ombro e uma trouxinha com pão presa à cintura. Nos braços, levava uma sela e um bridão.

Os cavalos não se assustaram nem um pouco e não se aborreceram com o tom zombeteiro do cavaleiro, fingiram não dar importância e se afastaram da porteira sem a menor pressa; só uma égua velha, alazã, de crina grande, levantou as orelhas e, bruscamente, deu as costas para ele. Uma égua jovem que estava atrás e que não tinha nada a ver com o assunto guinchou e aproveitou a chance para dar um coice no primeiro cavalo que apareceu.

– Ô, ô! – gritou o cavaleiro ainda mais alto e ameaçador e seguiu para o canto do estábulo.

Entre todos os cavalos que estavam ali (eram cerca de cem), o que mostrava menos impaciência era um castrado malhado que estava sozinho num canto embaixo do alpendre e, estreitando as pálpebras, lambia um pilar de carvalho do telheiro. Não se sabia que gosto aquele castrado malhado encontrava naquilo, mas sua expressão era séria e pensativa enquanto lambia.

– Seu molengão! – disse a ele o cavaleiro, de novo no mesmo tom, aproximando-se e colocando a seu lado, sobre o esterco, a sela e uma manta surrada.

O castrado parou de lamber e, sem se mover, observou Niéster demoradamente. Não riu, não se zangou, não fez cara feia, apenas encheu bastante a barriga de ar, deu um suspiro muito profundo e virou-se. O cavaleiro abraçou o pescoço do cavalo e pôs o freio.

– Por que está suspirando? – perguntou Niéster.

O castrado abanou a cauda como se dissesse: “Não é nada, Niéster”. O cavaleiro pôs sobre o cavalo a manta e depois a sela, o que fez o malhado baixar as orelhas, exprimindo talvez sua insatisfação, mas só serviu para que ele fosse xingado, e logo começaram a apertar a barrigueira. O castrado respirou fundo, mas meteram um dedo em sua boca e bateram com o joelho em sua barriga para que ele soltasse o ar. Apesar disso, quando os dentes apertaram o bridão, mais uma vez ele baixou as orelhas e até olhou para trás. Embora soubesse que aquilo não ia ajudar em nada, mesmo assim achou necessário deixar claro que não estava gostando e que sempre iria demonstrar isso. Depois que prenderam a sela, o malhado afastou a perna direita inchada e começou a mastigar o bridão, também por algum motivo particular, porque àquela altura ele já devia saber que um bridão não pode ter nenhum gosto.

Niéster montou no castrado apoiando-se no estribo curto, desenrolou o chicote, soltou o casaco que estava preso embaixo do joelho, ajeitou-se sobre a sela da maneira peculiar dos cocheiros, caçadores e cavaleiros e deu um puxão nas rédeas. O castrado levantou a cabeça, exprimindo que estava pronto para ir aonde mandassem, mas não saiu do lugar. Sabia que, antes de partir, a pessoa que estava sentada em cima dele ia gritar muito, dando ordens para Vaska, o outro cavaleiro, e para os cavalos. De fato, Niéster começou a gritar: “Vaska! Ei, Vaska! Você deixou as éguas soltas? Onde se meteu, esse diabo! Ô! Na certa está dormindo. Abra, deixe as éguas prenhas saírem na frente”. Etc.

A porteira rangeu, Vaska, irritado e sonolento, segurando um cavalo pela rédea, ficou parado junto ao mourão da porteira e deixou os cavalos passarem. Um atrás do outro, os cavalos começaram a passar, pisando com cuidado na palha e farejando: éguas jovens, potros, filhotinhos e pesadas éguas prenhas, com cuidado, uma de cada vez, passaram carregando suas barrigas. As éguas jovens às vezes se espremiavam em pares, em trios, encostando a cabeça na anca da égua da frente, em passos afoitos rumo à porteira, pelo que sempre recebiam palavras injuriosas dos cavaleiros. Os filhotinhos às vezes se apertavam junto às pernas de éguas que não eram suas mães e relinchavam, em resposta ao curto grunhido das éguas prenhas.

Uma égua jovem e travessa, mal atravessou a porteira, baixou a cabeça, inclinou-a de lado, empinou a garupa e grunhiu; mesmo assim não se atreveu a correr na frente da velha égua grega cinzenta e premiada, Juldiba, que a passos lentos, pesados, balançava a barriga para um lado e para o outro, andando com ar grave, como sempre, à frente de todos os cavalos.

Em poucos minutos, o estábulo, tão animado e cheio, se esvaziou e ficou triste; sobressaíam melancolicamente as colunas sob os alpendres vazios e via-se apenas a palha amassada e suja de esterco. Por mais que o castrado malhado estivesse acostumado àquele quadro de abandono, a imagem produzia nele um efeito de tristeza. Devagar, como se fizesse uma reverência, ele baixou e ergueu a cabeça, suspirou o mais alto que lhe permitia a cilha apertada e, mancando com as pernas arqueadas e duras, se arrastou atrás da manada, carregando o velho Niéster nas costas ossudas.

“Já sei: agora, assim que a gente partir pela estrada, ele vai acender e fumar seu cachimbo de madeira, com aro de cobre e com uma correntinha”, pensou o castrado. “Fico feliz com isso, porque de manhã cedo, com o orvalho, gosto desse cheiro e me faz lembrar muita coisa boa; o ruim é que, com o cachimbo entre os dentes, o velho sempre fica muito cheio de si, imagina que é grande coisa e toda vez sente de lado na sela; e justamente do lado que me dói. Bem, é melhor deixar para lá, para mim não é novidade sofrer para o prazer dos outros. Até passei a achar nisso certo prazer de cavalo. Deixe que ele se faça de importante, coitado. Afinal ele só faz pose de importante quando está sozinho, quando não vê ninguém, então deixe que sente de lado”, refletia o castrado, pisando cautelosamente com as patas tortas e andando pelo meio da estrada.

II

Depois de levar a manada para o rio, perto do qual os cavalos deviam pastar, Niéster desmontou e tirou a sela. A manada, enquanto isso, já começava a se dispersar lentamente pelo prado ainda intocado, coberto apenas pelo orvalho e pelo vapor que subia do prado e do rio que o contornava.

Niéster tirou o bridão do castrado malhado, coçou embaixo do pescoço do cavalo e, em resposta, o castrado fechou os olhos, num sinal de gratidão e contentamento. “Gosta, não é, cachorro velho!”, exclamou Niéster. O castrado não gostava nem um pouco daquela coçadinha, só por delicadeza fingia que lhe agradava, e balançou a cabeça como quem concorda. Mas de repente, de modo totalmente inesperado e sem nenhum motivo, talvez achando que uma familiaridade grande demais pudesse dar ao castrado

malhado ideias erradas de sua importância, Niéster, sem nenhum aviso, empurrou para trás a cabeça do castrado, agarrou o arreio, bateu com a fivela na perna seca do castrado, para machucar, e sem dizer nada andou para um morrinho, até o cepo junto ao qual costumava descansar.

Embora magoado com aquele gesto, o castrado não deu nenhum sinal disso e, abanando devagar a cauda abaixada, farejando alguma coisa e mordiscando o capim só para se distrair, foi para o rio. Sem prestar a menor atenção nas travessuras das éguas jovens, dos potros e dos filhotinhos à sua volta, animados com a manhã, e sabendo que o mais saudável, sobretudo na sua idade, era beber bastante em jejum e só depois comer, ele escolheu um lugar um pouco mais afastado e mais amplo, na margem, e, molhando os cascos e as quartelas, afundou o focinho no rio e começou a chupar a água entre os beiços rasgados, remexeu os flancos fartos e, de puro contentamento, abanou a cauda malhada e rala, no sabugo sem pelos.

Uma eguinha baia, implicante, sempre disposta a provocar o velho e lhe fazer coisas desagradáveis, também foi para perto dele, junto da água, como se fosse por alguma necessidade, mas no fundo era só para turvar a água na frente do focinho do castrado. Mas o malhado já havia matado a sede e, como se não percebesse a intenção da égua parda, retirou tranquilamente as patas atoladas, uma a uma, sacudiu a cabeça e, afastando-se dos jovens, começou a comer. Separando as pernas de diversas maneiras e sem pisar o capim de modo desnecessário, comeu durante três horas a fio, quase sem levantar a cabeça. Depois de se fartar de comer a tal ponto que a barriga pendia como um saco nas costelas magras e salientes, o malhado apoiou-se por igual sobre as quatro patas doloridas para que a dor fosse menor, sobretudo na pata direita da frente, a mais fraca de todas, e pegou no sono.

Existe a velhice majestosa, a velhice repugnante, a deplorável. Existe também uma velhice ao mesmo tempo majestosa e repugnante. A velhice do castrado era justamente desse tipo.

O castrado era de grande estatura – não menos de dois *archin* e três *verchok*. Tinha o pelo murzelo malhado. Assim era antigamente, mas agora as manchas cor de amora tinham ficado de uma cor cinzenta e suja. Seu malhado era constituído por três manchas: uma na cabeça, que contornava o focinho e ia até a metade do pescoço, numa curva pelada. A crina comprida e coalhada de pintas era branca e pardacenta. A outra mancha ficava no flanco direito e ia até a metade da barriga; a terceira ficava na garupa, tomava a parte superior da cauda e ia até a metade da coxa. O resto da cauda era esbranquiçado, com pintas. A cabeça grande e ossuda, com profundas cavidades sob os olhos e o lábio preto caído e rasgado havia muito tempo, pendia pesada e baixa no pescoço curvado pela magreza, como se fosse de madeira. Por trás do beiço caído, via-se a língua enegrecida e mordida no canto e o que havia sobrado dos dentes inferiores, amarelos e carcomidos. As orelhas, uma delas cortada, ficavam muito abaixadas dos dois lados e só de vez em quando se mexiam com preguiça para espantar moscas pegajosas. Uma mecha mais comprida da franja caía por trás da orelha, a testa descoberta era afundada e rugosa, a pele pendia formando bolsas dos lados do rosto. No pescoço e na cabeça, as veias se tornaram nodosas, saltadas, e estremeciam a qualquer contato das moscas. A expressão do rosto era séria e paciente, pensativa e sofrida. As patas dianteiras eram arqueadas na altura do joelho, as canelas estavam inchadas logo acima dos dois cascos e numa delas, em que a mancha ia até a metade da perna, havia na altura do joelho um calombo do tamanho de um punho cerrado. As patas traseiras eram mais saudáveis; mas tinham pisaduras nas coxas, pelo visto antigas, e o pelo já não cobria aquelas áreas. Todas as pernas pareciam desproporcionalmente compridas por causa da magreza do corpo. As costelas, embora fortes, estavam tão protuberantes e esticavam tanto o couro que a pele parecia ter colado nos intervalos entre as costelas. A cernelha e o dorso tinham marcas de surras antigas e na garupa havia uma ferida ainda fresca, inchada e purulenta; o sabugo preto da cauda, que deixava as vértebras à mostra, pendia comprido e quase pelado. Na garupa de cor parda, perto da cauda, havia uma chaga na forma de uma palma da mão, com pelos brancos em volta, como se fosse de uma mordida, e outra ferida cicatrizada na escápula dianteira. Os joelhos de trás e a cauda viviam sujos por causa do desarranjo intestinal constante. O pelo do corpo

todo, embora curto, era eriçado. Mas, apesar da velhice repugnante do cavalo, ao olhar para ele, não se podia deixar de pensar, e um especialista teria reconhecido de cara, que tinha sido, em seu tempo, um cavalo extraordinário.

O especialista diria até que na Rússia só existia uma espécie capaz de ter ossos tão largos, fêmures tão imensos, tamanhos cascos, tamanha finura nos ossos das pernas, tal postura do pescoço e acima de tudo tal ossatura da cabeça, tais olhos – grandes, negros, brilhantes –, uma rede tão nobre de veias nodosas em torno da cabeça e do pescoço e o pelo e o couro tão finos. De fato, havia algo majestoso na figura daquele cavalo, na terrível combinação dos traços repulsivos de decrepitude com a intensa variedade de cores do pelo, as maneiras e expressões de confiança e a serena consciência da beleza e da força.

Semelhante a uma ruína viva, ele se erguia sozinho no meio do prado orvalhado enquanto perto se ouviam o tropel, os bufos, os relinchos joviais, os guinchos da manada dispersa.

III

O sol já se destacara acima da floresta e ardia reluzente no capim e nas ondulações do rio. O orvalho havia secado e se concentrara em gotas, o último vapor da manhã se dissolvia como fumaça, aqui e ali, em torno do charco e ao pé da mata. Nuvenzinhas se encrespavam, mas ainda não havia vento. Do outro lado do rio, o centeio se erguia em cerdas, verde, enrolado em canudos, e exalava um cheiro de verdura fresca e de flor. O cuco cantava rouco na mata e Niéster, estirado de costas no chão, contava nos pios do cuco quantos anos ainda iria viver. As cotovias esvoaçavam acima do centeio e do prado. Uma lebre retardária foi parar no meio da manada e, depois de pular para longe, sentou-se junto a um arbusto e ficou atenta. Vaska cochilava com a cabeça no capim, as éguas à sua volta se afastaram, dispersando-se para baixo. Resfolegando, as éguas velhas deixavam pegadas reluzentes no orvalho claro e todas escolhiam um lugar onde ninguém as incomodasse, mas já não comiam, apenas mordiscavam o capim saboroso. De modo imperceptível, a manada inteira se movia na mesma direção. E de novo a velha Juldiba, adiantando-se com ar grave à frente dos outros, mostrava que era possível ir mais longe. A jovem murzela Muchka, que tivera cria pela primeira vez, relinchava e, de cauda erguida, bufava sobre seu filhotinho de cor lilás, que, com os joelhos trêmulos, cambaleava a seu lado. A alazã solteira Andorinha, de pelo liso, reluzente e acetinado, com a cabeça tão abaixada que a franja negra e sedosa cobria a testa e os olhos, brincava com o capim – beliscava, largava ou pisava o capim com a pata de quartela peluda, molhada de orvalho. Um dos potrinhos mais crescidos, talvez inventando uma brincadeira para si, depois de levantar vinte e seis vezes o rabinho curto e crespo como um penacho, galopava em volta da mãe, que, já acostuada à personalidade do filho, mordiscava tranquilamente o capim e só de vez em quando, com o rabo dos olhos grandes e negros, dava uma espiada no filhote. Um dos potros menores, preto, cabeçudo, com uma franja admirável que ressaltava entre as orelhas e com o rabo ainda torcido para o mesmo lado em que ele ficara virado dentro da barriga da mãe, não saía do lugar, com as orelhas e os olhos obtusos alertas, enquanto fitava atentamente o potro que pulava e recuava, não se sabia se invejando ou censurando o que ele fazia. Alguns mamavam, empurrando com o focinho, outros, sem que se soubesse o motivo, e apesar dos apelos das mães, corriam num trote miúdo, desajeitado, direto para o lado oposto, como se procurassem alguma coisa, e depois, também sem que se soubesse o motivo, paravam e davam relinchos com voz estridente e desesperada; outros ficavam deitados de lado, juntos uns dos outros; alguns aprendiam a comer o capim; outros coçavam atrás das orelhas com as patas traseiras. Duas éguas paridas andavam afastadas dos outros e, movendo as patas lentamente, continuavam a comer. Era óbvio que o estado delas era respeitado pelos demais e nenhum

dos jovens se atrevia a se aproximar e perturbar. Se algum dos filhotes travessos inventasse de chegar perto, bastava um único movimento da cauda das éguas para mostrar toda a inconveniência de seu comportamento.

Os potrinhos e as éguas de um ano fingiam já ser grandes e maduros e raramente saltavam e se juntavam aos grupos alegres. Comiam capim com ar compenetrado, arqueando seus tosquiados pescocinhos de cisne e, como se também tivessem caudas de verdade, abanavam suas vassourinhas. Como os já crescidos, alguns deles se deitavam, rolavam ou coçavam uns aos outros. O grupo mais animado era formado por éguas solteiras de dois ou três anos. Andavam quase todas juntas num grupo à parte, de jovens alegres. Entre elas, ouviam-se o tropel, os guinchos, os relinchos, os coices. Juntavam-se, apoiavam a cabeça no ombro umas das outras, cheiravam-se, pulavam e às vezes, depois de bufar e erguer a cauda em forma de tubo, corriam orgulhosas e cheias de si num semitrote quase saltitante à frente de suas camaradas. A beldade principal, na liderança de toda aquela juventude, era a égua baia travessa. Aquilo que inventava, as outras também faziam; aonde ela ia, todo o bando ia atrás. Naquela manhã, seu estado de espírito era especialmente travesso e brincalhão. O ataque de bom humor a dominava como domina as pessoas. Ainda no bebedouro, depois de zombar do cavalo velho, ela saiu correndo pela água, fingiu que alguma coisa a havia assustado, bufou e saiu em disparada pelo campo, a tal ponto que Vaska teve de galopar atrás dela e das outras que a seguiam. Mais tarde, tendo comido um pouco, ela se espojou sobre o capim, depois escarneceu das éguas velhas, pondo-se na frente delas, depois apartou um potro do bando e começou a correr atrás dele, como se quisesse mordê-lo. A mãe do potro se assustou e parou de comer, o potrinho gritou com uma voz de dar pena, mas a égua travessa nem tocou nele, apenas lhe deu um susto e ofereceu um espetáculo para suas camaradas, que observavam suas brincadeiras com simpatia. Depois ela inventou de virar a cabeça para um cavalo ruão que, ao longe, do outro lado do rio, puxava um arado conduzido por um mujiquezinho. Ela parou, com ar orgulhoso, um pouco de lado, ergueu a cabeça, animou-se e relinchou com voz doce, meiga e prolongada. O espírito travesso, a afeição e certa tristeza se exprimiam naquele relincho. Nele havia também desejo, promessa e tristeza de amor.

Lá estava a codorniz que, no juncal espesso, correndo de um canto para outro, chamava com paixão seu companheiro, lá estavam o cuco e a codorna que cantavam o amor, e as flores que lançavam no vento sua poeira perfumada, umas para as outras.

“Eu também sou jovem, bonita, forte”, dizia o relincho da travessa, “mas ainda não pude provar a doçura desse sentimento, não só não pude provar como ainda nenhum amante, nenhum, reparou em mim.”

E aquele relincho tão cheio de significado, tão jovem e triste, ressoou pela baixada e pelo campo e, ao longe, alcançou o cavalinho ruão. Ele ergueu as orelhas e ficou parado. O mujique bateu no cavalo com a sandália de palha, mas o cavalinho ruão estava fascinado pelo som de prata do relincho distante e também relinchou. O mujique se irritou, puxou as rédeas e bateu com a sandália na barriga do cavalo com tanta força que o ruão nem teve tempo de terminar seu relincho e andou para a frente. O cavalinho ruão teve uma sensação triste e doce e, ainda por muito tempo, os sons do relincho ardente e inacabado e da voz zangada do mujique foram levados do distante campo de centeio até a manada.

Se apenas o som daquela voz foi capaz de deixar o cavalinho ruão tão aturdido que esqueceu sua obrigação, o que seria dele caso visse toda a beleza da travessa, quando ela, com as orelhas em guarda e as narinas abertas, inspirou fundo e, com o corpo jovem e bonito tomado por tremores e por um ímpeto de ir não sabia para onde, chamou por ele?

Mas a travessa não ficou muito tempo pensando em suas tristezas. Quando a voz do ruão silenciou, ela deu mais um relincho zombeteiro e, de cabeça baixa, pôs-se a escavar a terra com a pata e depois foi mexer e provocar o malhado castrado. Era ele o eterno mártir e alvo das brincadeiras daquela juventude feliz. Sofria com aquela juventude mais do que com as pessoas. Não fazia mal nem a uns nem a outros. As pessoas precisavam dele, de fato, mas por que os cavalos jovens o atormentavam?

Ele era velho, eles eram jovens; ele era magro, eles eram bem nutridos; ele era desanimado, eles eram alegres. Portanto era totalmente alheio, afastado, uma criatura em tudo diferente, e era impossível ter pena dele. Os cavalos só têm pena de si mesmos e, às vezes, daqueles em cuja pele podem facilmente se pôr. Mas afinal o malhado tinha culpa de ser velho, descarnado e feioso? Parecia que não. Mas, do ponto de vista dos cavalos, o malhado tinha culpa, e a razão estava com os que eram fortes, jovens e felizes, os que sempre estavam na frente, os que faziam vibrar todos os músculos e erguiam a cauda a prumo, como uma estaca, num esforço supérfluo. Talvez o próprio castrado malhado compreendesse aquilo e, nos momentos de tranquilidade, concordasse que tinha culpa de fato por já ter vivido sua vida e que precisava pagar por aquela vida; mesmo assim era um cavalo e muitas vezes não conseguia conter os sentimentos de humilhação, de tristeza e de indignação, ao olhar para toda aquela juventude que o condenava por algo que eles mesmos, todos eles, iriam padecer no fim da vida. Outro motivo para a crueldade dos cavalos era um sentimento aristocrático. Todos eles, em sua genealogia, por parte de pai ou de mãe, provinham do famoso Smietanka, mas o castrado era de proveniência ignorada; tinha outra origem, havia sido comprado três anos antes, numa feira, por oitenta rublos à vista.

A eguinha baia, fazendo de conta que passeava sem rumo, chegou até o focinho do castrado malhado e deu um empurrão. Ele já sabia o que aquilo queria dizer e, sem abrir os olhos, deitou as orelhas e arreganhou os dentes. A égua virou de costas e fingiu que queria dar um coice. O castrado abriu os olhos e se afastou para o outro lado. Já não tinha vontade de dormir e começou a comer. De novo, acompanhada de suas amigas, a travessa chegou perto do castrado. Uma égua de dois anos, de crina raspada, muito boba, que sempre imitava e seguia a égua baia, aproximou-se junto com ela e, como sempre agem os imitadores, começou a exagerar o que a mestra fazia. A égua baia em geral se aproximava como quem não quer nada e assim chegava bem perto do focinho do castrado, sem olhar para ele, de modo que ele não sabia ao certo se devia se zangar ou não, e aquilo era de fato engraçado. Agora ela estava fazendo a mesma coisa, mas a imitadora, que a seguia especialmente animada, esbarrou com o peito em cheio no castrado. Ele mostrou os dentes de novo, guinchou e, com uma agilidade que não se poderia esperar dele, pulou atrás da égua e mordeu-a na coxa. A égua deu um coice com as duas patas traseiras e acertou com força as costelas magras e nuas do velho. Ele chegou a urrar, quis partir atrás dela, mas pensou melhor e, depois de um suspiro profundo, se afastou para o lado. Talvez todos os jovens da manada tenham tomado como ofensa pessoal a audácia que o castrado malhado se permitiu em relação à égua de crina raspada e, durante todo o resto do dia, não o deixaram realmente comer em paz, não lhe deram nem um minuto de sossego, a tal ponto que o cavaliariço teve de acalmar os cavalos várias vezes, e não conseguia entender o que estava acontecendo. O castrado foi tão acossado que andou por conta própria para perto de Niéster, quando o velho começou a juntar a manada para voltarem e sentiu-se mais feliz e mais calmo quando o homem pôs a sela e montou.

Só Deus sabe o que o castrado pensava enquanto carregava o velho Niéster nas costas. Talvez pensasse com amargura na juventude cruel e impertinente ou, com o orgulho mudo e desdenhoso próprio dos velhos, talvez desculpasse aqueles que o ofendiam, só que não deixou transparecer nenhum de seus pensamentos, até chegar em casa.

Naquela noite, Niéster recebeu a visita de compadres e, quando passou com a manada diante das isbás dos servos, notou a charrete com um cavalo amarrado no alpendre de sua casa. Depois de tocar a manada, ele estava tão afobado que soltou o castrado no pátio sem tirar a sela, gritou para Vaska se incumbir daquilo, trancou a porteira e foi ao encontro dos compadres. Por causa da ofensa cometida contra a eguinha de crina raspada, bisneta de Smietanka, pelo pangaré “pé-rapado”, comprado numa estrebaria, sem pai nem mãe, que só por isso já era um insulto ao sentimento aristocrático de toda a

manada, ou então porque a figura do castrado de sela alta e sem nenhum cavaleiro oferecia aos demais cavalos um espetáculo estranho e fantástico, naquela noite algo fora do comum aconteceu no estábulo. Todos os cavalos, jovens e velhos, com os dentes arreganhados, correram atrás do castrado, o enxotaram para fora, ouviram-se os sons dos cascos que batiam nos flancos magros e gemidos profundos. O castrado não podia mais suportar aquilo, não conseguia mais se esquivar dos golpes. Parou no meio do pátio, no seu rosto exprimiu-se a exasperação repulsiva e fraca da velhice impotente e depois o desespero; ele ergueu as orelhas e, de repente, fez algo que deixou todos os cavalos calados. A égua mais velha de todas, Viazopúrikha, aproximou-se do castrado, cheirou-o e suspirou. O castrado também suspirou.

v

A figura alta e magra do castrado, com a sela alta, da qual o arção sobressaía, estava parada no meio do pátio iluminado pela lua. Imóveis e num profundo silêncio, os cavalos se puseram à sua volta, como se tivessem sabido por meio dele algo novo e inesperado. E de fato souberam algo novo e inesperado. Aqui está o que souberam por meio dele.

PRIMEIRA NOITE

– Sim, sou filho de Liubiézní I e de Baba. Meu nome pela linhagem é Mujiqúe I. Sou Mujiqúe I pela linhagem, sou Kholstomier por apelido, chamado assim pelo povo por causa do meu passo comprido e largo, que não tinha igual na Rússia.² Pelo nascimento, pelo sangue, não existe no mundo cavalo superior a mim. Eu nunca diria isso para vocês. Para quê? Vocês jamais me reconheceriam. Como não me reconheceu Viazopúrikha, que esteve junto comigo em Khrenov e só agora me reconheceu. Nem agora acreditariam em mim, se não houvesse o testemunho de Viazopúrikha. Eu jamais contaria isso a vocês. Não preciso da piedade dos cavalos. Mas vocês queriam isso. Sim, sou o Kholstomier que os caçadores procuram e não encontram, o Kholstomier que o próprio conde conheceu e mandou que fosse expulso da cavalaria e fosse vendido, porque venci na corrida seu cavalo predileto, o Cisne.

“Quando nasci, não sabia o que significava a palavra malhado, achava que eu era só um cavalo. O primeiro comentário sobre meu pelo, me lembro, me impressionou muito, e à minha mãe também. Acho que nasci à noite, de manhã minha mãe já estava me lambendo e eu estava de pé. Lembro que eu vivia querendo muito alguma coisa e que tudo me parecia extremamente admirável e, ao mesmo tempo, extremamente simples. Nossas baias ficavam num corredor comprido e aquecido, com portas de treliça, através das quais se podia ver tudo. Minha mãe me ofereceu suas tetas, mas eu era tão inocente que metia o focinho ora embaixo de suas pernas dianteiras, ora embaixo da gamela. De repente minha mãe olhou para a porta de treliça e, passando as pernas por cima de mim, se afastou. O cavaliço de plantão olhava através da treliça para nós, dentro da baia.

“ ‘Ora vejam, a Baba deu cria’, disse e tratou de abrir a tranca; entrou pisando na palha fresca e me segurou nos braços. ‘Olhe só, Tarás’, gritou. ‘Como é malhado, parece uma pega.’

“Eu me desvencilhei dele e tropecei nos próprios joelhos.

“ ‘Olhe só que diabinho’, exclamou.

“Minha mãe se inquietou, mas não veio em minha defesa, apenas deu um suspiro profundo e se afastou um pouco para o canto. Vieram os cavaliços e ficaram olhando para mim. Um correu para

avisar ao chefe dos estábulos. Todos riam, olhando para meu pelo malhado, e me davam diversos nomes estranhos. Nem eu nem minha mãe entendíamos o sentido daquelas palavras. Até então, entre nós e entre todos os meus parentes, nunca tinha existido nenhum malhado. Não achávamos que houvesse nisso algo de ruim. Todos elogiavam minha constituição física e minha força.

“ ‘Olhe só, que esperto’, disse o cavaliço. ‘Ninguém segura.’

“Depois de um tempo, veio o chefe dos estábulos e ficou admirado com minha cor, pareceu até aborrecido.

“ ‘A quem puxou essa aberração?’, disse. ‘Agora o general não vai deixar que fique no haras. Ah, Baba, você me tapeou’, falou para minha mãe. ‘Antes tivesse parido um potro pelado do que esse daí, todo malhado!’

“Minha mãe não respondeu e, como sempre em situações desse tipo, suspirou outra vez.

“ ‘A que diabo ele puxou? Parece um mujique’, prosseguiu, ‘não vai poder ficar no haras, é uma vergonha, mas é bonitinho, muito bonitinho’, disse, e o mesmo disseram todos, olhando para mim. Alguns dias depois, o próprio general veio me ver e, mais uma vez, por algum motivo, todos se horrorizaram e praguejaram contra mim e minha mãe, por causa da cor de meu pelo. ‘Mas é bonitinho, muito bonitinho’, repetiam todos que me viam.

“Até a primavera, vivemos separados em nossas baias, cada um com sua mãe, só de vez em quando, na época em que a neve no telhado começava a derreter com o sol, nos soltavam junto com as mães no curral amplo, coberto pela palha fresca. Ali pela primeira vez vi todos os meus parentes, próximos e distantes. Ali, de diversas portas, vi saírem com seus potros as éguas mais famosas daquele tempo. Ali estava a velha Golanka, Muchka – filha de Smietanka –, Krasnukha, a égua de montaria Dobrokhotikha, todas as éguas famosas da época se juntaram ali com suas crias, vagavam debaixo do sol manso, rolavam na palha fresca e farejavam umas às outras, como cavalos comuns. A imagem daquele curral repleto das belezas da época é algo que até hoje não consigo esquecer. Vocês devem achar difícil imaginar e acreditar que eu também fui jovem e ágil, mas é verdade. Essa mesma Viazopúrikha estava lá, na época ainda uma potrancazinha de um ano – uma eguinha meiga, alegre e brincalhona; no entanto, e não é para ofendê-la que o digo, apesar de ser considerada entre vocês uma raridade pelo sangue puro, na época era uma das crias de categoria mais baixa no estábulo. Ela mesma pode confirmar isso para vocês.

“Meu pelo malhado, que tanto desagradava às pessoas, agradava muito a todos os cavalos; todos me rodeavam, me admiravam e brincavam comigo. Eu já começava a esquecer as palavras dos homens sobre meu pelo malhado e me sentia feliz. Mas logo conheci o primeiro desgosto de minha vida e a causa disso foi minha mãe. Quando já começava o degelo, os pardais cantavam embaixo dos beirais e, no ar, se começava a sentir a primavera com mais força, a maneira como minha mãe me tratava começou a mudar. Seu modo de ser se transformou completamente; ora se punha a brincar, de repente, sem nenhum motivo, correndo pelo curral, algo que não combinava em nada com sua idade respeitável; ora se punha pensativa e relinchava; ora mordida e escoiceava suas irmãs éguas; ora começava a me cheirar e bufava descontente; ora saía para o sol, apoiava a cabeça no ombro de sua prima Kuptchikha e ficava muito tempo pensativa, coçando as costas da prima, e me rechaçava de suas tetas com empurrões. Um dia, chegou o chefe dos estábulos, mandou pôr o cabresto em minha mãe e a levaram de minha baia. Ela relinchou, eu atendi seu apelo e corri em sua direção; mas minha mãe nem se virou para mim. O cavaliço Tarás me agarrou com os dois braços, ao mesmo tempo que trancavam a porta atrás de minha mãe, levada para longe. Derrubei o cavaliço na palha, corri em disparada, mas a porta estava trancada e eu só pude ouvir os relinchos de minha mãe, cada vez mais distantes. E naqueles relinchos eu já não percebia um apelo, e sim outra expressão. À voz dela, respondia de longe, como eu soube depois, a voz possante de Dóbri I, que, escoltado por dois cavaliços, ia ao encontro de minha mãe. Não lembro como Tarás saiu de minha baia: eu estava triste demais. Sentia que tinha perdido para sempre o amor de minha mãe. E tudo porque eu era malhado, eu pensava, lembrando as palavras das pessoas a respeito de meu pelo, e me deu tanta

raiva que comecei a bater com a cabeça e com os joelhos na parede da baía – fiquei batendo até o suor me encharcar e só parei quando caí exausto.

“Depois de um tempo, mamãe voltou para mim. Ouvi que ela vinha correndo pelo corredor para nossa baía, a trote curto e num passo diferente. Abriram a porta para ela e eu nem a reconheci, de tão bonita e remoçada. Cheirou-me, bufou e começou a relinchar. Em toda a sua expressão, eu via que não me amava. Falou-me da beleza de Dóbri I e de seu amor por ele. Aqueles encontros prosseguiram e as relações entre mim e minha mãe se tornaram cada vez mais frias.

“Pouco tempo depois nos soltaram no pasto. A partir daí conheci alegrias novas que substituíram a perda do amor de minha mãe. Fiz amigas e amigos, aprendemos juntos a comer capim, a relinchar como os adultos e a galopar em círculos, de cauda levantada, em redor de nossas mães. Foi um tempo feliz. Tudo me perdoavam, todos me amavam, todos me admiravam e encaravam com indulgência tudo o que eu fizesse. Isso não durou muito. Pouco tempo depois, me aconteceu uma coisa horrível.”

Dito isso, o castrado deu um suspiro profundo, profundo, e se afastou dos cavalos.

A aurora já ardia havia muito tempo. O portão rangeu, Niéster entrou. Os cavalos se dispersaram. O cavalição ajeitou a sela nas costas do castrado e tocou a manada para fora.

VI

SEGUNDA NOITE

Assim que os cavalos foram trazidos de volta, reuniram-se de novo numa roda em torno do malhado.

– No mês de agosto nos separaram de nossas mães – prosseguiu o malhado – e não senti um desgosto tão grande. Percebi que minha mãe estava grávida de meu irmão menor, o famoso Ussan, e eu já não era como antes. Não tinha ciúme, mas sentia que estava ficando mais frio em relação a ela. Além disso, sabia que, separado de minha mãe, eu seria levado para o setor comum dos potros, onde ficávamos em dois ou em três em cada baía, e todo dia os jovens saíam em bando ao ar livre. Eu ficava na mesma baía de Míli. Era um cavalo de montaria e tempos depois o imperador montou nele; Míli foi retratado em pinturas e em estátuas. Na época, Míli ainda era um simples potro, de pelo lustroso e delicado, pescoço de cisne e pernas finas e retas como cordões. Estava sempre alegre, bem-humorado e afetuoso; sempre disposto a brincar, lambe-se e fazer troça de um cavalo ou de um homem. Como vivíamos juntos, não pude deixar de fazer amizade com ele, e essa amizade prosseguiu durante toda a nossa juventude. Ele era alegre e leviano. Já estava começando a amar, brincava com as éguas e ria de minha inocência. Para minha infelicidade, passei a imitá-lo, movido pela vaidade; em pouco tempo, fui arrebatado pelo amor. E essa minha afeição prematura foi causa de uma grande guinada no meu destino. Aconteceu que me apaixonei.

“Viazopúrikha era mais velha que eu um ano, nós dois éramos muito amigos; mas no fim do outono, notei que ela começou a se esquivar de mim... Mas não vou contar toda a história infeliz de meu primeiro amor, ela mesma lembra minha paixão insensata, que terminou para mim com a mudança mais importante de minha vida. Os cavalições correram para afastá-la e bateram em mim. À noite, me levaram para uma baía especial; relinchei a noite inteira, como se pressentisse os acontecimentos do dia seguinte.

“De manhã, o general, o chefe dos estábulos, os cavalições e os ajudantes chegaram ao corredor de minha baía e começou uma gritaria terrível. O general gritava com o chefe dos estábulos, o chefe dos estábulos se justificava dizendo que não tinha mandado me soltar, que os cavalições tinham feito aquilo por conta própria. O general disse que ia açoitar todo mundo e que era impossível ficar com todos os

potros. O chefe dos estábulos prometeu cumprir suas ordens. Calaram-se e foram embora. Não entendi nada, mas vi que algo estava sendo tramado contra mim.”

– No dia seguinte, nunca mais voltei a relinchar e me transformei no que sou agora. O mundo inteiro se modificou aos meus olhos. Nada tinha encanto para mim, eu me fechei em mim mesmo e comecei a refletir. No início, tudo era detestável para mim, até parei de beber, comer e andar, já nem pensava mais em brincar. Às vezes me vinha à cabeça corcovear, galopar, relinchar; mas logo surgia a pergunta terrível: para quê? Por quê? E as últimas forças se esvaíam.

“Certa vez me levaram para fora ao entardecer, na hora em que traziam a manada de volta do pasto. Ainda de longe, avistei a nuvem de poeira com as formas vagas, mas conhecidas, de todas as nossas fêmeas. Ouvi o tropel e o resfolegar alegre. Apesar de a corda do cabresto, pela qual o cavalariaço me puxava, cortar minha nuca, parei e me pus a olhar para a manada que se aproximava, como olhamos para uma felicidade irrecuperável, perdida para sempre. Elas se aproximaram e eu distinguia uma a uma – todas eram figuras conhecidas, belas, imponentes, saudáveis e bem nutridas. Algumas também olharam para mim. Eu não sentia a dor dos puxões que o cavalariaço dava no cabresto. Estava maravilhado e, sem querer, por um costume antigo, relinchei e corri a trote; mas meu relincho soou triste, ridículo e absurdo. Na manada, não riram, mas percebi que muitas delas, por vergonha, me davam as costas. Era evidente que, para elas, eu era repulsivo, deplorável, vergonhoso e, sobretudo, ridículo. Achavam ridículo meu pescoço fino e sem expressão, minha cabeça grande (eu tinha engordado naquele tempo), minhas pernas compridas e desajeitadas e o porte tolo de meu trote, que por um costume antigo comecei a executar, ao redor do cavalariaço. Ninguém respondeu ao meu relincho, todas me deram as costas. De repente compreendi tudo, compreendi a que ponto eu havia me afastado de todas elas, e para sempre, e nem lembro como cheguei em casa com o cavalariaço.

“Desde antes eu já mostrava certa tendência para a seriedade e a meditação, mas então ocorreu em mim uma reviravolta decisiva. Meu pelo malhado, que despertava nas pessoas um desprezo tão estranho, meu infortúnio estranho e inesperado, e também minha posição de certo modo especial no haras, que eu sentia, mas ainda não conseguia explicar para mim mesmo, me obrigaram a me isolar em meus próprios pensamentos. Refletia sobre a injustiça das pessoas, que me condenavam por ser malhado, refletia sobre a inconstância do amor materno e do amor feminino em geral e sobre sua dependência das condições físicas, e acima de tudo refletia sobre as características dessa estranha espécie de animais a que estamos tão estreitamente ligados e que chamamos de gente – características que eram a causa da peculiaridade de minha situação no haras, que eu sentia, mas não conseguia entender. O significado dessa peculiaridade e das características das pessoas, que eram seu fundamento, foi revelado para mim no seguinte incidente.

“Era inverno, na época das festas de fim de ano. Fiquei um dia inteiro sem que me dessem de comer e de beber. Como soube depois, isso aconteceu porque o cavalariaço estava embriagado. No mesmo dia, o chefe dos estábulos veio me ver, reparou que eu não tinha comida e, com as palavras mais feias, começou a xingar o cavalariaço, que não estava ali na hora, e depois saiu. No dia seguinte, o cavalariaço entrou com um amigo em nossa baia para nos dar feno e notei que ele estava especialmente pálido e abatido; no aspecto de suas costas compridas, em especial, havia algo expressivo e que despertava pena. Com irritação, jogou o feno por trás da grade; fiz menção de avançar a cabeça por cima de seu ombro, mas ele deu um murro tão doloroso em meu focinho que pulei para trás. E ainda deu um chute com a bota na minha barriga.

“ ‘Não fosse esse pé-rapado, nada teria acontecido’, exclamou.

“ ‘Mas o que foi?’, perguntou o outro cavalariaço.

“ ‘Sabe, ele não vai ver os potros do conde, mas o potro dele, esse daí, ele visita duas vezes por dia.’

“ ‘Será que deram para ele o malhado?’, perguntou o outro.

“ ‘Se deram ou venderam, só o diabo é que sabe. Mas os potros do conde podem até morrer de

fome, tudo bem, azar, mas aí de quem se atrever a não dar comida para o potro dele. Deite aí!, diz ele. E tome chicotada. Ele não é cristão. Tem mais pena dos bichos do que de um homem, não anda com uma cruz, se considera um bárbaro. O general não chicoteia a gente desse jeito, já ele deixa marcas nas costas todas, parece que não tem alma de cristão.’

“O que diziam sobre as feridas de chicote e sobre o cristianismo, isso eu entendi muito bem, mas para mim era completamente obscuro naquela época o significado das palavras ‘meu potro’ e ‘potro dele’, nas quais eu via que as pessoas supunham haver uma espécie de ligação entre mim e o chefe dos estábulos. Em que consistia tal ligação era algo que eu não conseguia entender de maneira nenhuma. Só muito tempo depois, quando me separaram dos outros cavalos, entendi o que aquilo significava. Na época, eu não conseguia entender o que significava me chamarem de propriedade de um homem. As palavras ‘meu cavalo’ aplicadas a mim, um cavalo vivo, me pareciam tão estranhas quanto as palavras ‘minha terra’, ‘meu ar’, ‘minha água’.

“Mas aquelas palavras tiveram enorme influência sobre mim. Eu não parava de pensar no assunto e só muito depois de ter as mais variadas relações com pessoas entendi, afinal, o significado que as pessoas atribuem a essas palavras estranhas. O significado delas é o seguinte: as pessoas não se orientam na vida pelas ações, mas pelas palavras. Amam não tanto a possibilidade de fazer ou de não fazer algo, quanto de fato a possibilidade de falar de diversos assuntos usando palavras convencionadas entre elas. Palavras consideradas muito importantes pelas pessoas são ‘meu’, ‘minha’, que aplicam a diversas coisas, criaturas e assuntos, até a terras, a pessoas e a cavalos. Combinaram que, para cada coisa, só uma pessoa pode dizer ‘meu’. E, nesse jogo combinado entre elas, quem diz ‘meu’ sobre o maior número de coisas é considerado a pessoa mais feliz. Por que é assim eu não sei; mas é assim. Passei muito tempo tentando explicar isso por alguma vantagem direta que tivessem; mas esse esforço não deu em nada.

“Muitas pessoas que, por exemplo, me chamavam de ‘meu cavalo’ não montavam em mim, quem montava em mim eram outras, bem diferentes. Quem me dava comida também não eram elas, mas outras pessoas. Quem me tratava bem também não eram elas, as que me chamavam de ‘meu cavalo’, mas os cocheiros, os ferradores e pessoas estranhas em geral. Mais tarde, depois que ampliei o círculo de minhas observações, me convenci de que não só em relação a nós, cavalos, o conceito de ‘meu’ não tem outro fundamento que não um instinto baixo e bestial das pessoas, chamado por elas de sentimento ou direito de propriedade. Um homem diz ‘minha casa’ e nunca mora nela, só cuida de sua construção e manutenção. Um comerciante diz ‘minha loja’, ‘minha loja de lã’, por exemplo, mas não usa roupas da melhor lã que tem em sua loja. Existem pessoas que chamam a terra de ‘minha’ e nunca viram essa terra, nunca foram lá. Existem pessoas que outras pessoas chamam de ‘minhas’, mas nunca viram essas pessoas; e toda a sua relação com aquelas pessoas consiste em lhes fazer mal. Existem pessoas que chamam as mulheres de ‘minha mulher’ ou ‘minha esposa’, mas essas mulheres vivem com outros homens. E, na vida, as pessoas aspiram não a fazer o que consideram bom, mas sim a chamar de ‘meu’ o maior número possível de coisas. Agora estou convencido de que nisso consiste a diferença essencial entre as pessoas e nós. Portanto, sem falar de outras vantagens nossas em relação às pessoas, só por isso já podemos afirmar sem hesitação que, na escala dos seres vivos, estamos acima das pessoas: a existência das pessoas, pelo menos daquelas com que travei contato, é guiada pelas palavras, já a nossa é guiada pela ação. E então foi o chefe dos estábulos que ganhou o direito de me chamar de ‘meu cavalo’ e foi por isso que chicoteou o cavaliarço. Essa descoberta me impressionou muito e, junto com os pensamentos e opiniões que meu pelo malhado despertava nas pessoas, junto com a introversão provocada pela traição de minha mãe, fez de mim o castrado sério e pensativo que sou.

“Eu era triplamente infeliz: era malhado, era castrado e as pessoas imaginavam que eu não pertencia a Deus e a mim mesmo, como é próprio de todos os seres vivos, mas que eu pertencia ao chefe dos estábulos.

“Imaginarem isso a meu respeito teve muitas consequências. A primeira foi que me mantinham

isolado, me alimentavam melhor, me faziam exercitar-me mais vezes correndo em círculos preso numa corda e me puseram arreios mais cedo. Com três anos, me puseram arreios pela primeira vez. Lembro que o mesmo chefe dos estábulos que imaginava que eu pertencia a ele me pôs os arreios pela primeira vez, ajudado por um bando de cavaleiros, que esperavam resistência e violência de minha parte. Arreganharam meus beijos. Amarraram-me com cordas, me levaram para os varais de uma carroça; puseram em minhas costas uma larga cruz de madeira e me prenderam aos varais para que eu não desse coices; mas eu só estava esperando a chance de mostrar minha disposição para o amor e o trabalho.

“Ficaram surpresos por eu me comportar como um cavalo velho. Começaram a me montar e comecei a treinar o trote. Cada dia eu fazia mais progressos, tanto que dali a três meses o próprio general e muitos outros elogiavam minha andadura. No entanto, coisa estranha: justamente porque imaginavam que eu não pertencia a mim mesmo, mas sim ao chefe dos estábulos, minha andadura ganhava para eles um sentido muito diferente.

“Punham os potros, meus irmãos, para disputar corridas, calculavam sua velocidade, saíam para vê-los, eram atrelados a carruagens douradas, enfeitados com mantas caras. Eu era atrelado à carroça comum do chefe dos estábulos quando ia cuidar de seus negócios em Tchesmenk e outras fazendas. Tudo isso porque eu era malhado e sobretudo porque, na opinião deles, eu não era uma propriedade do conde, mas sim do chefe dos estábulos.

“Amanhã, se estivermos vivos, vou contar para vocês a consequência principal que teve para mim o direito de propriedade que o chefe dos estábulos imaginava ter.”

Durante todo aquele dia, os cavalos trataram Kholstomier com respeito. Mas o tratamento de Niéster continuou bruto como sempre. O potrinho ruão do mujique, já se aproximando da manada, começou a relinchar e a eguinha baia ficou se exibindo de novo para ele.

VII

TERCEIRA NOITE

A lua surgiu e sua foice estreita iluminava a figura de Kholstomier, no meio do pátio. Os cavalos se reuniram à sua volta.

– A consequência principal e surpreendente para mim de eu não pertencer ao conde nem a Deus, mas sim ao chefe dos estábulos – continuou o malhado –, foi que aquilo que constitui nosso maior mérito, o passo veloz, tornou-se a causa de meu banimento. Tinham posto o Cisne para correr na pista redonda, o chefe dos estábulos estava chegando de Tchesmenk montado em mim e parou junto à pista. Cisne passou por nós. Corria bem, mesmo assim fazia muita pose, não tinha a rapidez que eu havia cultivado, graças à qual, no instante em que uma pata tocava o chão, a outra se levantava e assim eu não desperdiçava nenhuma energia e todo esforço me impelia para a frente. Cisne passou por nós. Pulei para a pista, o chefe dos estábulos não me conteve.

“ ‘E aí, quer experimentar o meu Malhadinho?’, gritou ele e, quando Cisne nos alcançou outra vez, ele me soltou.

“Como ele já havia ganhado velocidade antes, fiquei para trás na primeira volta, mas na segunda comecei a ganhar terreno, comecei a me aproximar dele, emparelhei, comecei a ultrapassar e ultrapassei. Tentaram outra vez – deu no mesmo. Eu era mais rápido e isso deixou todos horrorizados. Resolveram me vender o mais rápido possível, e para o lugar mais distante possível, a fim de que ninguém soubesse de nada. ‘Se o conde souber, vai ser uma desgraça!’ Assim eles falavam. E me venderam para um

mercador de cavalos como animal de tração. Não fiquei muito tempo com o mercador de cavalos. Um hussardo me comprou para servir de cavalo substituto na cavalaria. Tudo aquilo era tão injusto, tão cruel, que fiquei contente quando me levaram embora de Khrenov e me afastaram para sempre de tudo que me era familiar e querido. Ali entre eles, eu sofria demais. À espera dos outros cavalos, havia amor, honrarias, liberdade; à minha espera, trabalho e humilhação, humilhação e trabalho, até o fim da vida! Por quê? Porque eu era malhado e por isso eu tinha de me tornar o cavalo de alguém.”

Naquela noite, Kholstomier não pôde contar mais nada. Aconteceu algo no haras que deixou todos os cavalos alarmados. Kuptchikha, uma égua prenhe que estava demorando a parir e que estava escutando o relato, de repente deu meia-volta e se afastou devagar para baixo do estábulo e ali começou a gemer tão alto que todos voltaram a atenção para ela; então Kuptchikha deitou, depois levantou outra vez, e deitou de novo. As éguas velhas entenderam o que se passava com ela, mas as jovens ficaram agitadas, se afastaram do castrado e rodearam a doente. De manhã, havia um potrinho novo, que cambaleava sobre as pernas. Niéster gritou chamando o chefe dos estábulos, levaram a égua e o potro para uma baia e tocaram os cavalos para o pasto sem ela.

VIII

QUARTA NOITE

À noite, quando fecharam o portão e tudo ficou em silêncio, o malhado continuou assim:

– Durante o tempo em que passava de mão em mão, pude fazer muitas observações das pessoas e dos cavalos. Fiquei mais tempo com dois donos: com um príncipe, oficial dos hussardos, depois com uma velhinha que morava em Nikola Iavliéni.

“Com o oficial hussardo, passei a melhor época de minha vida.

“Embora ele tenha sido a causa de minha perdição, embora ele nunca tenha amado ninguém e nada, justamente por isso, eu gostava e gosto dele. No hussardo me agradava o fato de ser bonito, feliz, rico e não amar ninguém. Vocês compreendem esse nosso elevado sentimento de cavalo. Sua frieza, sua crueldade, minha dependência dele davam uma força especial ao meu amor por ele. Me mate, me deixe esgotado, que assim vou ficar mais feliz, eu pensava antigamente, em nossos bons tempos.

“Ele me comprou do mercador de cavalos para quem o chefe dos estábulos me havia vendido por oitocentos rublos. Comprou-me porque não tinha nenhum cavalo malhado. Foi, para mim, o melhor tempo. Ele tinha uma amante. Eu sabia disso porque todo dia o levava à casa dela, ao encontro dela, e às vezes levava os dois juntos. Sua amante era bonita, ele era bonito, até o cocheiro dele era bonito. Eu amava todos eles por isso. Era bom viver. Minha vida transcorria assim: de manhã, o cavalariaço vinha me lavar, não o próprio cocheiro, mas o cavalariaço. Era um rapazinho jovem, apanhado entre os mujiques. Ele abria a porta, deixava sair o vapor dos cavalos, levava o esterco para fora, retirava as mantas e começava a esfregar nosso corpo com uma escova de cerdas e com uma escova metálica que deixava faixas esbranquiçadas de caspa nas saliências fundas do chão, batido pelas ferraduras. De brincadeira, eu mordida de leve a manga de seu casaco e batia os cascos no chão. Depois, éramos levados uns atrás dos outros para a tina de água fria e o rapaz ficava admirado com a lisura do meu pelo malhado depois do seu trabalho, ficava admirado com minhas pernas retas como flechas e de cascos largos e com as ancas e o dorso lustrosos, onde dava até para uma pessoa deitar e dormir. Jogavam feno por cima das grades altas, despejavam aveia nas manjedouras de carvalho. Chegava Feofan, o cocheiro velho.

“Meu dono e o cocheiro eram parecidos. Nem um nem outro tinham medo de nada, não gostavam de

ninguém senão de si mesmos, e por isso todos gostavam deles. Feofan andava de camisa vermelha, calça de veludo e casaco pregueado na cintura. Eu gostava quando, num feriado, ele entrava no estábulo com o cabelo empomadado, de casaco comprido, e gritava:

“ ‘Ora, sua besta, esqueceu, é?’ E me empurrava, batendo com o cabo do forçado na minha anca, mas nunca para doer, só de brincadeira. Eu logo entendia a brincadeira, baixava a orelha e estalava os dentes.

“Vivia conosco um garanhão azeviche que formava parilha. À noite, me atrelavam junto com ele. Chamava-se Polkan, não entendia brincadeiras e era mau como o diabo. Eu e ele ficávamos em baias vizinhas na cocheira e às vezes dávamos mordidas de verdade um no outro. Feofan não tinha medo dele. Polkan partia para cima, gritava, parecia que ia matar, mas não: passava pelo lado e Feofan punha o cabresto nele. Certa vez, eu e Polkan em parilha descemos em disparada pela rua Kuzniéski. Nem o dono nem o cocheiro ficaram assustados, os dois riam, gritavam para as pessoas, puxavam as rédeas e desviavam para não atropelar ninguém.

“A serviço deles, perdi minhas melhores qualidades e metade da vida. Ali me fizeram beber água demais e acabaram com minhas pernas. Mas apesar disso foi a melhor época de minha vida. Vinham ao meio-dia, me atrelavam, untavam meus cascos, umedeciam minha franja e minha crina e me prendiam nos varais do trenó.

“O trenó era de palhinha trançada, forrada de veludo, os arreios tinham pequenas fivelas prateadas, as rédeas eram de seda e certa vez o trenó foi coberto por um filó. Os arreios eram feitos de tal modo que, quando todas as rédeas e as correias estavam ajustadas e presas, era impossível distinguir onde acabavam os arreios e começava o cavalo. Terminavam de me atrelar no galpão. Vinha o Feofan, o quadril mais largo que os ombros, o cinturão vermelho embaixo do braço, dava uma olhada nos arreios, sentava, ajeitava o caftã, colocava o pé no estribo, sempre dizia algum gracejo, levantava o chicote no ar, com o qual quase nunca me batia, só pelo costume, e dizia: ‘Anda!’. E, brincando a cada passo, eu tocava para fora do portão e a cozinheira, que tinha saído para despejar um balde de água suja, parava na soleira e os mujiques que tinham trazido lenha arregalavam os olhos. Eu saía, passava e parava. Vinham os lacaios, se aproximavam do cocheiro e começavam a conversar. E esperávamos muito tempo, às vezes ficávamos três horas esperando na frente da entrada, de vez em quando dávamos uma volta, retornávamos e ficávamos parados de novo.

“Por fim, se ouvia um barulho na porta, Tikhon, grisalho e barrigudo, saía às pressas, de fraque: ‘Vamos!’. Naquele tempo, não existia esse jeito idiota de falar de hoje em dia: ‘Em frente’, como se eu não soubesse que não se anda para trás e sim para a frente. Feofan estalava a língua. Como se não enxergasse nada de extraordinário nem no trenó nem nos cavalos nem em Feofan, que curvava as costas e estendia os braços de um jeito que dava a impressão de que ele não ia conseguir aguentar muito tempo naquela posição, o príncipe saía e se aproximava afoito e estabanado, de barretina e num capote de pele de castor grisalha que ocultava o rosto vermelho, bonito, de sobranceiras pretas, que nunca deveria ficar coberto, ele saía tilintando o sabre, as esporas, pisando forte no tapete com os saltos de cobre das galochas, como se tivesse pressa, e sem prestar atenção em mim nem em Feofan, que todos olhavam e adoravam, menos ele. Feofan estalava a língua, eu puxava as rédeas e, com ar digno, a passo lento, chegávamos e parávamos; eu olhava para o príncipe com o canto dos olhos, sacudia a cabeça de puro sangue de crina fina. Quando estava de bom humor, o príncipe gracejava com Feofan, que respondia virando de leve a bela cabeça e, sem baixar os braços, fazia um movimento quase imperceptível com as rédeas, mas compreensível para mim, e upa-upa-upa, eu partia num passo cada vez mais largo, tensionando todos os músculos e espirrando lama e neve por baixo do trenó. Naquele tempo também não havia esse jeito idiota de gritar de hoje em dia: ‘Ô!’ – como se o cocheiro estivesse sentindo alguma dor –, mas sim um incompreensível ‘Cai fora, te cuida! Cai fora, te cuida!’, como gritava Feofan, e o povo abria caminho, as pessoas viravam o pescoço para olhar o malhado bonito, o cocheiro bonito e o patrão

bonito.

“Eu adorava ultrapassar um cavalo trotador. Quando acontecia de eu e Feofan avistarmos de longe uma parelha digna de nosso esforço, voávamos como um tufão e aos poucos íamos chegando cada vez mais perto, logo eu espirrava lama nas costas do trenó, emparelhava com o passageiro e bufava em cima da cabeça dele, emparelhava com o cilhão, com o arco, já não via mais o passageiro e só ouvia atrás de mim o barulho do trenó, que se afastava cada vez mais. O príncipe, Feofan e eu, todos calados, fazíamos de conta que estávamos simplesmente cuidando de nossa vida, que nem tínhamos notado quem tinha ficado para trás na estrada, puxado por cavalos ruins. Eu adorava ultrapassar, mas também gostava de encontrar um bom trotador; um instante, um som, um olhar, e logo disparávamos e de novo estávamos voando sozinhos, cada um para seu lado.”

O portão rangeu e se ouviu a voz de Niéster e Vaska.

QUINTA NOITE

O tempo começava a mudar. O dia amanheceu nublado, não havia orvalho, mas fazia calor e os mosquitos não largavam. Assim que trouxeram a manada de volta, os cavalos se reuniram em torno do malhado e ele terminou sua história:

– Minha vida feliz acabou logo. Vivi assim só por dois anos. No fim do segundo inverno, aconteceu a coisa mais feliz de minha vida e, depois disso, minha maior desgraça. Era carnaval, levei o príncipe às corridas. Na pista, corriam os cavalos Cetim e Garrote. Não sei o que ele estava fazendo lá no caramanchão, só sei que o príncipe veio e mandou Feofan ir para a pista. Lembro que me levaram para a pista circular, me puseram na posição e fizeram o mesmo com Cetim. Cetim puxava um trenozinho de corrida, eu levava o mesmo trenó de cidade de antes. Na curva, deixei-o para trás; risos e gritos de entusiasmo me saudaram.

“Quando desfilaram comigo, a multidão veio atrás de mim. E uns cinco homens ofereceram mil rublos ao príncipe. Ele só fazia rir, deixando à mostra os dentes brancos.

“ ‘Não’, respondia. ‘Ele não é um cavalo, é um amigo, não vendo nem por uma montanha de ouro. Adeus, senhores.’ Abriu a portinhola, sentou-se. ‘Para a rua Stojinka!’ Era onde ficava a casa de sua amante. E fomos voando. Foi nosso último dia feliz.

“Chegamos à casa dela. O príncipe a chamava de sua. Mas a mulher amava outro e tinha fugido com ele. O príncipe descobriu isso na casa dela. Eram cinco horas e, sem me desatrear, o príncipe partiu atrás dela. Aquilo nunca tinha acontecido: me bateram com o chicote e me obrigaram a galopar. Pela primeira vez, troquei o passo, senti vergonha e quis me corrigir; mas de repente ouvi o príncipe gritar com uma voz que não era a sua: ‘Anda!’. O chicote zuniu, me cortou e eu galopei, batendo com as patas no ferro da parte dianteira do trenó. Nós a alcançamos depois de vinte e cinco verstas. Eu o levei, mas passei a noite toda tremendo e não consegui comer nada. De manhã, me deram água. Bebi muito e deixei para sempre de ser o cavalo que era. Fiquei doente, me torturaram e mutilaram – estavam me curando, como dizem os homens. Os cascos soltaram, formaram caroços, as pernas curvaram, o peito afundou, a fraqueza e o abatimento tomaram conta de mim. Venderam-me para um mercador de cavalos. Ele me alimentava com cenouras e outras coisas e fez de mim um cavalo muito diferente do que eu era, mas que podia enganar quem não conhece o assunto. Eu não tinha mais força nem andadura. Além disso, o mercador me atormentava porque, assim que chegavam compradores, ele entrava em minha baia e começava a me bater com o chicote, batia para machucar, e me assustava a ponto de me deixar enlouquecido. Depois disfarçava as feridas do chicote e me levava para fora. Uma velha me comprou do mercador de cavalos. Ela sempre ia à igreja em Nikola Iavliéni e chicoteava o cocheiro. O cocheiro

chorava na minha baía. E ali eu soube que as lágrimas têm um sabor salgado agradável. Depois a velha morreu. O capataz dela me levou para a aldeia e me vendeu para um caixeiro-viajante, depois comi trigo demais e fiquei ainda mais doente. Deram-me para um mujique. Lá, eu puxava o arado, quase não comia e cortavam minha perna com as relhas. Adoeci outra vez. Um cigano me levou em troca de alguma coisa. Ele me atormentava horrivelmente e, no fim, me vendeu para um capataz daqui. E aqui estou.”

Todos ficaram calados. Começou a chover.

IX

Ao voltar do pasto para casa na noite seguinte, a manada encontrou o dono com uma visita. Juldiba aproximou-se da casa e olhou de esguelha para as duas figuras masculinas: um era o jovem dono, de chapéu de palha, o outro era um militar alto, corpulento, obeso. A égua velha olhou de esguelha para o homem e, encolhendo-se, passou por ele; os outros cavalos – a juventude – ficaram alvoroçados, hesitantes, sobretudo quando o anfitrião e a visita se meteram de propósito no meio dos cavalos e ficaram apontando coisas um para o outro e conversando.

– Olhe, aquele ali comprei de Voieikov, o cinzento com manchas redondas – disse o anfitrião.

– E aquela jovem preta azeviche de patas brancas, de onde veio? É bonita – disse o visitante.

Examinaram muitos cavalos, enquanto andavam depressa e paravam. Repararam na eguinha baía.

– Essa foi a que me ficou da linhagem dos cavalos de sela de Khrenov – disse o anfitrião.

Enquanto andavam, não podiam observar todos os cavalos. O anfitrião chamou Niéster, e o velho, batendo apressado com os saltos das botas no malhado, o fez andar para a frente a trote curto. O malhado capengava, mancava duma perna, mas correu de modo a deixar claro que, enquanto tivesse forças, não ia se queixar em nenhuma hipótese, ainda que o mandassem correr até o fim do mundo. Estava disposto até a galopar e chegou mesmo a tentar fazer isso com a perna direita.

– Atrevo-me a afirmar que não existe em toda a Rússia um cavalo melhor do que essa égua – disse o anfitrião, apontando para a égua. O visitante fez um elogio. O anfitrião andava e corria alvoroçado, enquanto mostrava os cavalos, contava a história e explicava a origem de cada animal. Era evidente que a visita estava achando maçante ouvir as explanações do anfitrião e inventava perguntas para dar a impressão de que estava interessada.

– Sim, sim – dizia o homem, distraído.

– Olhe só – disse o anfitrião, sem perceber. – Olhe só as pernas... Custou caro, mas já me deu três filhotes e ainda serve para cavalgar.

– E é boa de cavalgar? – perguntou o visitante.

Assim examinaram quase todos os cavalos, até não haver mais nada para mostrar. E se calaram.

– Bem, vamos embora?

– Vamos. – Foram até o portão. O visitante estava contente porque a exibição tinha acabado e agora eles iam para casa, onde podiam comer, beber, fumar e, pelo visto, divertir-se. Quando passaram por Niéster, que, montado no malhado, ainda esperava alguma ordem, o visitante, com a mão grande e gorda, deu uma palmada na garupa do malhado.

– Que pelo malhado! – exclamou. – Eu tive um malhado assim, lembra? Já contei para você.

O anfitrião percebeu que não estavam falando de um de seus cavalos e não deu atenção, mas, virando-se para trás, continuou a olhar para a manada.

De repente, bem junto de seus ouvidos, ressoou um relincho tolo, fraco e envelhecido. Foi o malhado que relinchou, mas, como se estivesse embaraçado, parou no meio, sem terminar. Nem o visitante nem o anfitrião deram atenção ao relincho e foram embora. Kholstomier reconheceu no velho

obeso seu querido dono, o outrora brilhante, rico e belo Serpukhóvskoi.

X

Continuou a chuveirar. Na cocheira, estava escuro, mas na casa senhorial era muito diferente. Lá, serviram um chá noturno suntuoso num salão suntuoso. Em torno do chá, estavam o anfitrião, a anfitriã e o visitante.

A anfitriã, sentada diante do samovar, estava grávida, algo bastante visível por causa da barriga empinada, da postura curvada e tensa e da forma rotunda, e sobretudo por causa dos olhos grandes, meigos e altivos, voltados para dentro dela mesma.

O anfitrião segurava na mão uma caixa de charutos especiais, de dez anos. Começou a elogiar os charutos diante do visitante e disse que ninguém tinha nada igual. Era um homem bonito de vinte e cinco anos, fresco, bem-vestido, bem penteado. Em casa, vestia um traje largo, grosso, feito em Londres. Na correntinha do relógio, tinha berloques grandes e caros. As abotoaduras na camisa eram grandes, também maciças, de ouro, com uma turquesa. Usava barba à Napoleão III e as pontas finas do bigode eram besuntadas e sobressaíam eriçadas de um jeito que só se podia ver em Paris. A anfitriã usava um vestido de musselina de seda, estampado com grandes ramalhetes coloridos, na cabeça tinha grandes grampos de ouro presos nos lindos e densos cabelos castanho-claros, embora não fossem todos naturais. Nas mãos e nos braços, tinha muitos braceletes e anéis, todos caros. O samovar era de prata, o serviço de chá era fino. O lacaios, imponente em seu fraque, de colete branco e gravata, se mantinha parado como uma estátua junto à porta, à espera das ordens. A mobília era torneada, com desenhos em curva, e de cor clara; o papel de parede era escuro, com flores grandes. Junto à mesa, tilintando a coleira de prata, estava uma cadelinha extraordinariamente delgada, que chamavam por um nome inglês incomum e difícil, que ambos pronunciavam mal, pois não sabiam inglês. Num canto, entre flores, havia um piano *incrusté*.³ Tudo exalava novidade, luxo e raridade. Tudo era muito bonito, mas em tudo havia o traço peculiar do excesso, da riqueza e da ausência de interesses intelectuais.

O anfitrião era aficionado de corridas de cavalos trotadores, homem forte e de temperamento sanguíneo, desses que nunca sossegam, andam em casacos de pele de zibelina, jogam caros buquês de flores para as atrizes, bebem o vinho mais caro, da marca mais nova, no hotel mais caro, dão prêmios com seu nome e sustentam a amante mais cara.

O visitante, Nikita Serpukhóvskoi, era um homem de uns quarenta e poucos anos, alto, gordo, calvo, de bigode e suíças grandes. Devia ter sido muito bonito. Agora, obviamente, tinha decaído no aspecto físico, moral e financeiro.

Tinha tantas dívidas que foi obrigado a trabalhar no serviço público para que não o mandassem para a cadeia. Agora estava a caminho de uma cidade provincial para ser chefe de um haras. Parentes importantes arranjaram aquele emprego para ele. Vestia uma túnica militar e calça azul. A túnica e a calça eram do tipo que ninguém, senão um ricoço, mandaria fazer, assim como as roupas de baixo; o relógio também era inglês. As botas tinham solas prodigiosas, da espessura de um dedo.

Ao longo da vida, Nikita Serpukhóvskoi esbanjara uma fortuna de dois milhões e ainda ficara devendo cento e vinte mil. Desse tipo de quinhão, sempre sobra um ímpeto de vida capaz de obter crédito e de permitir que se viva quase luxuosamente por mais uns dez anos. Os dez anos já haviam passado, o ímpeto se esgotara e Nikita vivia deprimido. Já estava dando para beber, ou seja, se embriagava com vinho, algo que antes não lhe acontecia. Beber propriamente, no rigor da palavra, ele jamais começava nem terminava. Sua decadência era visível, acima de tudo, na inquietação de seus olhares (seus olhos estavam se tornando esquivos) e na falta de firmeza da entonação e dos movimentos. Essa inquietação

impressionava porque parecia ser algo novo, pois era evidente que ele se habituara por toda a vida a não temer nada nem ninguém e que agora, havia pouco tempo, graças a duros sofrimentos, Nikita tinha chegado àquele pavor, tão alheio à sua natureza. O anfitrião e a anfitriã notaram aquilo, trocavam olhares em que, obviamente compreendendo um ao outro, reservavam apenas para a cama uma discussão mais minuciosa sobre o assunto, e suportavam o pobre Nikita e até o cobriam de gentilezas. O aspecto de felicidade do jovem anfitrião humilhava Nikita e o obrigava a sentir uma inveja dolorosa, lembrando seu passado irrecuperável.

– Então, o charuto não a incomoda, Marie? – disse ele, dirigindo-se à dama, com aquele tom de voz especial, esquivo, que só se adquire com a experiência, o tom cortês, amigável, mas não totalmente respeitoso, em que os homens que conhecem as coisas mundanas falam com uma concubina, em contraste com a maneira como falam com uma esposa legítima. Não que quisesse humilhá-la, ao contrário, agora desejava quanto antes ganhar a confiança dela e do jovem anfitrião, embora não o admitisse para si mesmo de forma nenhuma. Mas Nikita já estava habituado a falar assim com tais mulheres. Sabia que ela ficaria surpresa, e até ofendida, se ele a tratasse como uma dama. Além disso, era preciso reservar o conhecido matiz do tom respeitoso para a esposa verdadeira daquele homem que era seu igual na sociedade. Nikita sempre se dirigia a tais damas de maneira respeitosa, mas não porque partilhasse as assim chamadas crenças propagadas nas revistas (ele nunca lia aquelas porcarias), sobre o respeito à personalidade de cada pessoa, sobre a irrelevância do casamento etc., mas porque assim se comportavam todas as pessoas corretas, e ele era um homem correto, apesar de decadente.

Ele pegou um charuto. Mas o anfitrião, desajeitado, apanhou um punhado de charutos e ofereceu ao visitante.

– Não, você vai ver como são bons. Pegue.

Nikita afastou os charutos com a mão e, nos olhos, surgiu um toque quase imperceptível de ofensa e vergonha.

– Obrigado. – Pegou a charuteira. – Experimente os meus.

A anfitriã era sensível. Percebeu aquilo e apressou-se a falar com ele:

– Gosto muito de charutos. Eu mesma fumaria, se todos já não fumassem à minha volta.

E ela sorriu, com seu sorriso bonito e bondoso. Em resposta, ele sorriu de modo hesitante. Faltavam-lhe dois dentes.

– Não, pegue este aqui – insistiu o anfitrião, insensível. – Os outros são mais fracos. *Fritz, bringen Sie noch “eine” Kasten* – disse – *dort zwei.*⁴

O laçao alemão trouxe outra caixa.

– De quais você gosta mais? Dos fortes? Estes são muito bons. Pegue todos – continuou a insistir.

– Era óbvio que estava contente por ter diante de quem se gabar de sua sofisticação e por isso não notava mais nada.

Serpukhóvskoi começou a fumar e se apressou em prosseguir a conversa já iniciada.

– Mas então quanto lhe custou o Cetim? – perguntou.

– Saiu caro, não menos de cinco mil, mas pelo menos já fui compensado. Que crias, nem lhe conto!

– Trotam?

– Trotam bem. Seu filho acabou de ganhar três prêmios: em Tula, em Moscou e em Petersburgo, correu com o Corvo, de Voieikov. O canalha do cavaleiro errou quatro passos, senão o teria deixado para trás da bandeira.

– Ainda está um pouco verde. Tem muito de holandês, ouça o que lhe digo – afirmou Serpukhóvskoi.

– E que tal as fêmeas? Amanhã vou lhe mostrar. A Boazinha me custou três mil. A Carinhosa, dois mil.

E o anfitrião começou outra vez a se gabar de sua riqueza. A anfitriã viu que Serpukhóvskoi achava

aquilo penoso e que apenas fingia escutar.

– O senhor quer mais chá? – perguntou ela.

– Não, obrigado – respondeu o anfitrião e continuou a falar. Ela se levantou, o anfitrião a deteve, abraçou-a e beijou-a.

Olhando para os dois, Serpukhóvskoi fez menção de sorrir para eles, com um sorriso forçado, mas quando o anfitrião se levantou, abraçou a mulher e saiu com ela até o reposteiro, o rosto de Nikita de repente se modificou, ele suspirou profundamente e, no rosto obeso, se exprimiu de repente o desespero. Nele, via-se até raiva.

XI

O anfitrião voltou e, sorrindo, sentou-se de frente para Nikita. Ficaram em silêncio.

– Sim, você disse que comprou com Voieikov – disse Serpukhóvskoi, com ar displicente.

– Sim, eu estava falando de Cetim. Sempre quis comprar éguas de Dubovítski. Só restou porcaria.

– Ele faliu – disse Serpukhóvskoi e de repente parou e olhou em redor. Lembrou que devia vinte mil àquele mesmo homem falido. E que, se estava chamando alguém de “falido”, sem dúvida diziam o mesmo sobre ele. Calou-se.

Os dois ficaram muito tempo em silêncio outra vez. O anfitrião revirava a cabeça em busca de mais coisas de que pudesse se gabar diante da visita. Serpukhóvskoi tentava inventar alguma forma de mostrar que não se considerava um falido. Porém o pensamento dos dois se movia com dificuldade, apesar de tentarem se animar com charutos. “Afim, quando vamos beber?”, pensava Serpukhóvskoi. “É preciso beber a todo custo, senão vou morrer de tédio com ele”, pensava o anfitrião.

– Então, você vai ficar muito tempo aqui? – perguntou Serpukhóvskoi.

– Sim, mais um mês. E se jantássemos agora, que tal? Fritz, está pronto?

Foram para a sala de jantar. Lá, embaixo de um lampião, havia uma mesa com velas, coberta das coisas mais incomuns: sifões, bonequinhas presas em rolhas de cortiça, vinho raro em jarras, petiscos especiais, vodca. Beberam muito, comeram muito, beberam mais ainda, comeram mais ainda, e a conversa engrenou. Serpukhóvskoi ficou vermelho e passou a falar sem timidez.

Falaram sobre mulheres. Quem mantinha qual: uma cigana, uma dançarina, uma francesinha.

– Quer dizer que você deixou Mathieu? – perguntou o anfitrião. Era a amante que levara Serpukhóvskoi à ruína.

– Eu, não: foi ela. Ah, meu caro, nem é bom lembrar o que dissipei na vida! Agora fico feliz quando tenho mil rublos, sério, e fico feliz quando fujo de todo mundo. Em Moscou, não consigo ficar. Ah, o que adianta falar?

O anfitrião achava maçante ouvir Serpukhóvskoi. Queria falar de si, vangloriar-se. Já Serpukhóvskoi queria falar de si, de seu passado brilhante. O anfitrião servia vinho para ele e esperava a hora em que ia terminar, para então poder falar de si, contar que agora tinha montado um haras como nunca se vira outro igual. E que sua Marie o amava não só pelo dinheiro, mas com o coração.

– Eu queria lhe contar que no meu haras... – tentou começar.

Mas Serpukhóvskoi o interrompeu:

– Houve um tempo, posso lhe dizer, que eu amava viver e sabia viver. Veja, você fala de corridas de cavalos trotadores, mas me diga: qual é seu cavalo mais ligeiro?

O anfitrião alegrou-se com a chance de falar do haras e começou a responder; mas Serpukhóvskoi interrompeu outra vez.

– Sim, sim – disse ele. – Afim, vocês, donos de haras, só fazem isso por vaidade, não pelo prazer

e pela vida. Mas comigo não foi assim. Como eu estava lhe contando, tive um cavalo trotador malhado, o pelo igual ao do cavalo de seu cavaliço. Ah, aquilo é que era um cavalo! Você não pode imaginar; foi no ano de 42, eu tinha acabado de chegar a Moscou; fui à casa de um mercador de cavalos e vi o castrado malhado. Tinha bom gênio. Gostei dele. Preço? Mil rublos. Gostei dele, comprei, levei e comecei a montar. Eu nunca tive, você nunca teve e nunca ninguém terá um cavalo igual. Não conheci cavalo melhor no trote, na força nem na beleza. Na época, você era criança, não podia saber, mas ouviu falar, eu creio. Toda Moscou conhecia o cavalo.

– Sim, ouvi falar – disse o anfitrião de má vontade. – Mas eu queria lhe contar sobre os meus...

– Então você ouviu falar. Eu o comprei assim, sem pedigree, sem certificado; depois soube. Eu e Voieikov conseguimos descobrir. Era filho de Liubiézni I, chamava-se Kholstomier. Por causa das passadas largas. Por ser malhado, deram-no para o cavaliço do haras de Khrenov, ele castrou e vendeu para um mercador de cavalos. Não existem cavalos assim, meu caro! Ah, bons tempos! Ah, mocidade! – Cantou uma canção cigana. Começou a ficar embriagado. – Eh, tempo bom aquele. Eu tinha vinte e cinco anos, tinha uma renda de oitenta e cinco mil rublos de prata, nem sombra de cabelo grisalho, todos os dentes como pérolas. Tudo o que eu fazia dava certo; mas tudo acabou.

– Bem, na época não havia a mesma rapidez – disse o anfitrião, aproveitando a pausa. – Eu lhe digo que meus primeiros cavalos começaram a trotar sem...

– Os seus cavalos! Naquela época eram mais rápidos.

– Mais rápidos?

– Mais rápidos. Lembro como se fosse hoje: um dia, em Moscou, fui a uma corrida com ele. Não havia cavalos meus na corrida. Eu não gostava de trotadores, eu tinha puros-sangues, General, Cholet, Maomé. Fui na charrete com o malhado. Meu cocheiro era um bom rapaz, eu gostava dele. Também se acabou na bebida. Quando cheguei, me disseram: “Serpukhóvskoi, quando vai criar cavalos trotadores?”. Respondi: “Pois os seus cavalos de mujique, que o diabo os carregue, vão todos comer poeira atrás do meu malhado”. “Pois ele não ganha de jeito nenhum”. “Aposto mil rublos”. Fechamos a aposta. Largaram. Ele chegou cinco segundos na frente, ganhei mil rublos na aposta. Pois é. E eu fiz cem verstas em três horas numa troica de puros-sangues. Toda Moscou sabe disso.

E Serpukhóvskoi começou a mentir tão bem e de modo tão contínuo que o anfitrião não conseguia entremear nenhuma palavra e, com o rosto cansado, ficou sentado na sua frente e, só para se distrair, servia copos de vinho para si e para ele.

O dia começou a clarear. Mas os dois continuavam sentados. O anfitrião sentia um tédio mortal. Levantou-se.

– Se é preciso dormir, vamos dormir – disse Serpukhóvskoi, levantou-se trôpego e, resfolegando, foi para o quarto reservado para ele.

O anfitrião deitou-se com a amante.

– Não, ele é insuportável. Embriagou-se e mentiu sem parar.

– E ficou me cortejando.

– Receio que vá me pedir dinheiro.

Serpukhóvskoi deitou-se sem trocar de roupa e resfolegava.

“Parece que menti muito”, pensou. “Mas tanto faz. O vinho é bom, só que ele é um grande porco. Um comerciantezinho qualquer. Eu também sou um grande porco”, pensou e deu uma risada. “Antes, eu sustentava, agora me sustentam. Sim, Winkler sustenta a mulher e eu pego dinheiro com ela. E ele bem que merece, bem que merece! Mas tenho de trocar de roupa, não consigo tirar as botas.”

– Ei! Ei! – gritou, mas o criado incumbido de servi-lo tinha ido dormir fazia muito tempo.

Sentou-se, tirou a túnica, o colete e arrancou a calça de qualquer jeito, mas ficou muito tempo sem conseguir tirar as botas, a barriga mole atrapalhava. Deu um jeito de tirar uma bota, brigou e brigou com a outra, ficou sem fôlego, cansou-se. E assim, com um pé no cano da bota, desabou e começou a roncar,

enchendo todo o quarto com o cheiro do tabaco, do vinho e da velhice imunda.

Se Kholstomier ainda se lembrou de mais alguma coisa naquela noite, Vaska o distraiu. Jogou uma manta sobre ele e saiu a galope, deixou-o até de manhã na porta de uma taverna junto com um cavalo de mujique. Eles se lamberam. De manhã, foi para junto da manada e não parou de se coçar.

“Tem uma coisa coçando e doendo”, pensava.

Passaram cinco dias. Chamaram um veterinário. Ele disse com alegria:

- É sarna. Deixe que eu venda para os ciganos.
- Para quê? Degole, mas acabe com isso hoje mesmo.

A manhã estava serena, clara. A manada foi para o campo. Kholstomier ficou. Veio um homem terrível, magro, escuro, sujo, com um caftã respingado de alguma coisa preta. Era o esfolador de cavalos. Sem olhar para ele, o homem pegou o cabresto que tinham posto em Kholstomier e levou-o embora. Kholstomier seguiu tranquilo, não olhava para trás, arrastando as patas como sempre e prendendo as patas traseiras na palha. Ao sair pelo portão, ele quis ir na direção do poço, mas o esfolador segurou-o e disse:

- Não precisa.

O esfolador e Vaska, que vinha atrás, chegaram a uma clareira atrás de um galpão de tijolos e, como se houvesse algo de extraordinário naquele lugar absolutamente banal, pararam, e o esfolador, depois de entregar as rédeas para Vaska, despiu o caftã, arregaçou as mangas, tirou uma faca e uma pedra de amolar do cano da bota, começou a amolar a faca. O castrado esticou-se na direção da rédea, queria mascar a rédea para distrair o tédio, mas ela estava longe, ele suspirou e fechou os olhos. O beíço pendeu para baixo, deixou à mostra os dentes amarelos e roídos e ele começou a cochilar ao som da faca sendo amolada. Só a perna dura, doente com o tumor, tremia. De repente, sentiu que o seguravam pela mandíbula e levantavam sua cabeça. Abriu os olhos. Dois cachorros estavam à sua frente. Um farejava na direção do esfolador, o outro estava sentado, olhava para o castrado como se esperasse algo exatamente dele. O castrado olhou para os cachorros de relance e começou a esfregar o queixo na mão que o segurava.

“Querem me curar, na certa”, pensou. “Deixe!” E de fato sentiu que faziam alguma coisa na sua garganta. Sentiu dor, estremeceu, sacudiu a pata, mas aguentou e ficou à espera do que viria depois. E depois aconteceu que algo líquido se derramou num grande jato no pescoço e no peito. Ele suspirou bem fundo. E sentiu-se muito mais leve. Aliviado de todo o peso de sua vida. Fechou os olhos e começou a inclinar a cabeça – ninguém o segurava. Depois inclinou o pescoço, depois as pernas começaram a tremer, o corpo inteiro começou a oscilar. Ele ficou menos assustado do que surpreso. Tudo lhe parecia novidade. Surpreendeu-se, arremeteu para a frente, para cima. Mas em lugar disso, ao saírem do lugar, as pernas se enroscaram, ele começou a tombar de lado e, querendo dar um passo, começou a cair para a frente e para o lado. O esfolador esperou que as convulsões cessassem, enxotou os cachorros, que tinham se aproximado, e depois de pegar o castrado por uma perna, virá-lo de costas e mandar Vaska segurar a outra perna, começou a esfolar.

- Isso é que era cavalo – disse Vaska.
- Se fosse mais bem alimentado, o couro seria melhor – disse o esfolador.

À noite, a manada voltou pelo morro e os que andavam do lado esquerdo puderam ver algo vermelho lá embaixo, onde cachorros rondavam agitados e corvos e abutres voavam em círculos. Um cachorro, segurando a carcaça com as patas, sacudiu a cabeça e, com um estalo, arrancou o que havia

mordido. A égua baia parou, esticou a cabeça e o pescoço e ficou muito tempo inalando o ar. Só à força conseguiram retirá-la dali.

Ao raiar do dia, num barranco da velha floresta, na parte de baixo de uma clareira de mato alto, lobinhos de cabeça grande uivavam com alegria. Eram cinco: quatro quase iguais e um menor, com a cabeça maior que o torso. Uma loba magra, velha, de pelo desbotado, arrastando a barriga inchada, com tetas caídas até o chão, saiu de trás dos arbustos e sentou na frente dos lobinhos. Os filhotes formaram um semicírculo à sua volta. Ela chegou perto do menor, baixou o rabo, inclinou o focinho para baixo, fez alguns movimentos convulsivos, abriu a goela de dentes pontudos, fez um esforço e vomitou um grande pedaço de carne de cavalo. Os lobinhos maiores avançaram, mas ela os afastou de modo ameaçador e deixou tudo para o menor. O menor, rosando como se estivesse com raiva, agarrou o pedaço de carne de cavalo embaixo de si e começou a devorar. Da mesma forma, a loba regurgitou para outro, e para o terceiro, e para todos os cinco, e então deitou na frente deles, descansando.

Uma semana depois, junto ao galpão de tijolos, só havia um grande crânio e duas tíbias, todo o resto tinha sido levado. No verão, um mujique que catava ossos levou também as tíbias e o crânio e fez deles algum uso.

Muito tempo mais tarde, depois de andar pelo mundo, comer e beber, o corpo morto de Serpukhóvskoi foi enterrado. Nem o couro nem a carne nem os ossos serviram para nada. E como já havia vinte anos que seu corpo morto, andando pelo mundo, era um grande peso para todos, foi só um transtorno a mais para as pessoas varrer aquele corpo para debaixo da terra. Fazia tempo que ninguém mais tinha necessidade dele, fazia tempo que era um peso para todos, mas mesmo assim os mortos que enterravam os mortos acharam necessário pegar aquele corpo, que apodreceu e inchou imediatamente, e vesti-lo num uniforme bonito, calçá-lo com botas bonitas, colocá-lo num caixão novo e bonito, com borlas novas nas quatro pontas, depois colocar o caixão novo dentro de outro, feito de chumbo, e transportá-lo para Moscou, e lá desenterrar ossos humanos antigos e justamente ali esconder aquele corpo apodrecido, fervilhante de vermes, num uniforme novo, de botas engraxadas, e cobrir tudo de terra.

1885

OS TRÊS FILHOS

[Parábola]

O pai deu a um filho terras, trigo, gado e disse:

– Viva como eu e sempre viverá bem.

O filho pegou tudo do pai, deixou o pai e foi viver ao seu gosto. “Papai disse para eu viver como ele. Pois ele vive e se diverte e eu vou viver assim também.”

Viveu assim um ano, dois anos, dez anos, vinte anos, consumiu todos os bens paternos e não sobrou nada. Começou a pedir para o pai lhe dar mais; porém o pai não o atendeu. Então o filho começou a bajular o pai, o tratava da melhor maneira possível e lhe pedia. Mas o pai não respondia. Então o filho começou a pedir perdão ao pai, pensando que o havia ofendido de alguma forma, e de novo pediu que ele lhe desse mais; porém o pai não disse nada.

E então o filho começou a amaldiçoar o pai. Disse:

– Se não dá agora, para que deu antes, me fez viver separado e prometeu que eu ia viver sempre bem? Todas as minhas alegrias de antes, quando eu consumia a fortuna, não valem uma hora do tormento

que sofro agora. Vejo que estou me acabando e não há salvação. E de quem é a culpa? É sua. Pois você sabia que a fortuna não ia ser o suficiente para mim e não me deu mais. Você só disse o seguinte: viva como eu e vai viver bem. Eu vivi como você. Você vivia para sua satisfação e eu vivi para minha satisfação. Você abriu mão da maior parte. E agora você tem e eu não tenho. Você não é um pai, mas sim um trapaceiro cruel. Minha vida é maldita, você também é maldito, bandido, torturador, não quero saber, tenho ódio de você.

O pai deu uma fortuna ao segundo filho e só lhe disse:

– Viva como eu e você viverá sempre bem.

O segundo filho já não se alegrou com a fortuna tanto quanto o primeiro. Pensou que tinha de obedecer. Mas sabia o que havia acontecido com o irmão mais velho e por isso começou a pensar em não viver toda a vida como o primeiro. Achou que o irmão mais velho apenas não tinha compreendido direito as palavras “viva como eu” e concluiu que não era necessário viver só para a própria satisfação. Começou a pensar no que significava “viva como eu”. E deduziu que, como o pai, ele precisava ganhar toda a fortuna que o pai tinha lhe dado. E foi ganhar de novo uma fortuna igual àquela que o pai lhe dera.

E começou a pensar em como fazer de novo toda a fortuna que o pai lhe dera. Foi perguntar ao pai como fazer aquilo; mas o pai não lhe respondeu. O filho achou que o pai tinha medo de lhe contar e começou a desmontar todos os bens que o pai lhe dera a fim de entender por si mesmo como tudo tinha sido ganhado, e assim destruiu e arruinou tudo o que tinha ganhado do pai, e tudo o que ele refez de novo não servia para nada; mas ele não queria admitir que havia destruído tudo, e vivia e se atormentava, e a todos dizia que o pai não lhe dava nada e que ele havia ganhado tudo sozinho.

– Todos nós podemos fazer muito melhor sozinhos, bem depressa vamos chegar a um ponto em que tudo será maravilhoso.

Assim falava o segundo filho, enquanto ainda lhe restava alguma coisa da fortuna do pai, mas quando ele destroçou as últimas coisas e não lhe restou mais nada para viver, ele se matou.

O pai deu ao terceiro filho uma fortuna igual e também falou:

– Viva como eu e você viverá sempre bem.

E o terceiro filho, como o primeiro e o segundo, também se alegrou com a fortuna e se afastou do pai; mas sabia o que havia acontecido com os irmãos mais velhos e começou a pensar no que significava “viva como eu, e você viverá sempre bem”.

O irmão mais velho achou que viver como o pai significava viver para a própria satisfação e assim consumiu e destruiu tudo. O segundo irmão achou que viver como o pai significava fazer tudo igual ao pai e também perdeu a esperança. O que significava: viva como o pai?

E ele começou a lembrar tudo o que sabia sobre o pai. E por mais que pensasse, ele nada mais conseguiu saber sobre o pai senão que antes não havia nada e ele mesmo não existia; e que o pai o gerou, criou, alimentou, ensinou, lhe deu tudo de bom e disse: viva como eu vivo e você viverá sempre bem. A mesma coisa o pai fez com os irmãos. E por mais que pensasse, não conseguia saber mais nada sobre o pai. Tudo que ele sabia sobre o pai era só que o pai havia feito o bem para ele e para seus irmãos.

E aí entendeu o que significam as palavras “viva como eu”. Entendeu que viver como o pai significa fazer o mesmo que ele faz: fazer o bem às pessoas.

E quando pensou nisso, o pai já estava a seu lado e disse:

– Agora estamos juntos de novo e tudo vai ficar bem com você. Vá falar com seus irmãos, com todos os meus filhos, e diga o que significa “vivam como eu” e que é verdade que quem viver como eu viverá sempre bem.

O terceiro filho foi e contou tudo a seus irmãos e desde então todos os filhos, quando ganhavam uma fortuna do pai, se alegravam não porque tinham uma grande fortuna, mas porque podiam viver como o pai e assim iam viver sempre bem.

Esse pai é Deus; os filhos são as pessoas; a fortuna é a vida. As pessoas pensam que podem viver

sozinhas, sem Deus. Algumas pessoas acham que a vida lhes é dada para gozarem a vida. Elas se divertem e dissipam a vida, mas quando chega a hora de morrer, não entendem para que lhes foi dada uma vida assim, em que a alegria termina em sofrimento e em morte. E essas pessoas morrem amaldiçoando Deus, chamando-o de cruel, e se afastam de Deus. Esse é o primeiro filho.

Outros acham que a vida lhes foi dada para entenderem como ela é feita e para fazer uma vida melhor do que a que lhes foi dada por Deus. E assim brigam para fazer outra vida, melhor. Mas, ao melhorarem essa vida, eles a destroem e assim roubam a vida de si mesmos.

Os terceiros dizem:

– Tudo o que sabemos sobre Deus é que Ele faz o bem às pessoas, manda que elas façam o mesmo que Ele e por isso vamos fazer o mesmo que Ele: o bem às pessoas.

E assim que começam a fazer isso, Deus se aproxima delas e diz:

– É isso mesmo que eu queria. Façam junto comigo aquilo que eu faço e assim vocês também vão viver como eu vivo.

1885

A CAFETERIA DE SURAT

[Segundo Bernardin de Saint-Pierre]

Na cidade indiana de Surat, havia uma cafeteria. Para lá iam viajantes de várias partes do mundo e os estrangeiros muitas vezes conversavam.

Certa vez, foi lá um culto teólogo persa. Passara a vida toda estudando a essência da divindade e sobre isso lia e escrevia livros. Pensou, leu e escreveu muito sobre Deus, acabou perdendo a razão, tudo se embaralhou dentro de sua cabeça e por fim ele chegou ao ponto de parar de crer em Deus.

O rei soube disso e o expulsou do reino persa.

Depois de ter discutido a vida inteira sobre a causa primeira, o infeliz teólogo se confundiu todo e, em vez de entender que já havia perdido o juízo, passou a pensar que não existia mais uma razão superior que governava o mundo.

Esse teólogo tinha um escravo africano que o acompanhava por toda parte. Quando o teólogo entrou na cafeteria, o africano ficou do lado de fora, atrás da porta, e sentou-se numa pedra debaixo do sol; ficou ali sentado, enxotando as moscas. Já o teólogo deitou-se num sofá dentro da cafeteria e mandou que servissem uma xícara de ópio. Quando bebeu a xícara e o ópio começou a afetar seu cérebro, ele se voltou para seu escravo.

– Ei, escravo desprezível – chamou o teólogo –, diga-me o que acha: Deus existe ou não?

– Claro que existe! – respondeu o escravo e na mesma hora tirou de trás do cinto um pequeno ídolo de madeira. – Olhe – disse o escravo. – Olhe este Deus. Eu o trago comigo desde que vim ao mundo. Este Deus é feito de um galho da árvore sagrada adorada por todo mundo em nossa terra.

As pessoas que estavam na cafeteria ouviram a conversa entre o teólogo e o escravo e ficaram surpresas.

Pareceu-lhes surpreendente a pergunta do senhor e mais surpreendente ainda a resposta do escravo.

Um brâmane que ouvira as palavras do escravo se voltou para ele e disse:

– Louco infeliz! Será possível que alguém pense que Deus pode estar preso atrás do cinto de um homem? Deus é um só: brama. E esse brama é maior que o mundo inteiro, porque ele criou o mundo todo.

Brama é o Deus único e supremo; o Deus para o qual construíram templos nas margens do rio Ganges, o Deus a quem servem seus únicos sacerdotes, os brâmanes. Só esses sacerdotes conhecem o Deus verdadeiro. Já passaram vinte mil anos e, por mais voltas que o mundo tenha dado, esses sacerdotes permanecem tais como sempre foram, porque brama, o Deus único e verdadeiro, os protege.

Assim falou o brâmane, achando que ia convencer todos, porém um cambista judeu que estava ali retrucou:

– Não – disse. – O templo do Deus verdadeiro não está na Índia!... E Deus não protege a casta dos brâmanes! O Deus verdadeiro não é o Deus dos brâmanes, mas o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. E o Deus verdadeiro só protege seu único povo de Israel. Desde o início do mundo, sem cessar, Deus amou e ama só nosso povo. E se agora nosso povo está disperso pelo mundo, isso é apenas uma provação e Deus, como prometeu, vai reunir de novo seu povo em Jerusalém para reconstruir a grande maravilha da Antiguidade, o Templo de Jerusalém, e estabelecer Israel como senhor supremo de todo o mundo.

Assim falou o judeu e começou a chorar. Queria continuar seu discurso, mas um italiano que estava ali interrompeu:

– O senhor não está dizendo a verdade – disse o italiano para o judeu. – O senhor atribui a Deus uma injustiça. Deus não pode amar a um povo mais do que aos outros. Ao contrário, se antes ele protegia o povo de Israel, já passaram mil e oitocentos anos desde que Deus se irritou e, em sinal de sua ira, pôs fim à existência desse povo e o dispersou pelo mundo, de modo que essa fé não só não se propaga como dela só restam vestígios, aqui e ali. Deus não mostra preferência por nenhum povo e convida todos que desejam se salvar para o seio da única Igreja Católica Romana, fora da qual não há salvação.

Assim falou o italiano. Mas ali estava um pastor protestante, que empalideceu e respondeu ao missionário católico:

– Como pode o senhor dizer que a salvação só é possível na sua religião? Saiba que só serão salvos aqueles que, segundo o Evangelho, servirem a Deus no espírito e na verdade, segundo o mandamento de Jesus.

Então um turco, que trabalhava na alfândega de Surat e que estava ali fumando um cachimbo, se virou com ar superior para os dois cristãos:

– De nada adianta os senhores estarem tão convictos da verdade de sua fé romana – disse. – Há mais ou menos seiscentos anos, sua fé foi substituída pela fé de Maomé. E, como os senhores mesmos podem ver, a fé verdadeira de Maomé se propaga cada vez mais pela Europa, pela Ásia e até na esclarecida China. Os senhores mesmos reconhecem que os judeus foram proscritos por Deus e, como prova, citam que os judeus foram humilhados e que sua fé não se propaga mais. Reconheçam então a verdade da fé de Maomé, porque ela se encontra em seu esplendor e se propaga sem cessar. Só vão se salvar os que acreditam no último profeta de Deus, Maomé. Mas isso é só para os seguidores de Omar, e não os de Ali, pois os adeptos de Ali são infiéis.

Diante de tais palavras, o teólogo persa, que pertencia à seita de Ali, quis retrucar. Mas nessa altura se formou uma enorme discussão dentro da cafeteria, entre todos os estrangeiros ali presentes, das mais diversas crenças e confissões. Havia ali cristãos abissínios, lamas indianos, ismaelitas e adoradores do fogo.

Todos discutiam sobre a essência de Deus e sobre como era preciso adorá-lo. Cada um acreditava que só em sua terra conheciam o Deus verdadeiro e sabiam como era preciso adorá-Lo.

Todos discutiam, gritavam. Só um chinês ali presente, um discípulo de Confúcio, continuou sossegado num canto da cafeteria e não entrou na discussão. Bebia seu chá, escutava o que diziam, mas ficava calado.

O turco, ao notar o chinês no meio da discussão, se voltou para ele e disse:

– Bom chinês, me dê seu apoio. Você se cala, mas podia falar alguma coisa em meu favor. Sei que na China vocês agora introduziram várias religiões. Seus mercadores me disseram muitas vezes que,

entre todas as outras, os chineses consideram a fé maometana a melhor e a adotam de bom grado. Apoie minhas palavras e diga o que pensa sobre o Deus verdadeiro e seu profeta.

– Sim, sim, diga o que pensa – voltaram-se os outros para ele.

O chinês, discípulo de Confúcio, fechou os olhos, pensou um pouco e depois abriu os olhos, retirou as mãos de dentro das mangas largas de sua roupa, cruzou-as no peito e começou a falar em voz baixa e calma.

– Senhores – disse ele. – Parece-me que é o orgulho, acima de tudo, que impede as pessoas de entrarem em acordo na questão da fé. Se os senhores se derem ao trabalho de me escutar, vou explicar isso por meio de um exemplo.

“Vim da China para Surat num navio inglês que tinha dado a volta ao mundo. No caminho, fomos à margem oriental da ilha de Sumatra para nos abastecer de água. Ao meio-dia, descemos à terra e sentamos à beira do mar, na sombra de coqueiros, perto de uma aldeia dos habitantes da ilha. Éramos de várias terras diferentes.

“Quando estávamos ali, se aproximou um cego.

“Como soubemos depois, o homem tinha ficado cego porque havia olhado para o Sol por muito tempo e fixamente. Ele olhou para o Sol por tanto tempo e tão fixamente porque queria entender o que é o Sol. E queria saber isso para se apoderar da luz do Sol.

“Ele se empenhou muito tempo, olhava sempre para o Sol e não conseguia fazer nada, a única coisa que conseguiu foi deixar os olhos doentes e ficar cego. Então disse para si:

“ ‘A luz do Sol não é um líquido, porque, se fosse um líquido, seria possível derramá-la e ela balançaria ao vento, como a água. A luz do Sol também não é fogo, porque, se fosse fogo, apagaria na água. A luz do Sol também não é um espírito, porque é visível, e não é um corpo, porque não se pode transportá-la. E assim, já que a luz do Sol não é um líquido nem um sólido nem um espírito nem um corpo, então a luz do Sol não é nada.’

“Dessa forma ele raciocinava e a certa altura, por ter olhado sempre para o Sol e pensado sempre nele, perdeu a visão e também a razão.

“Quando ficou totalmente cego, já estava completamente convencido de que o Sol não existia.

“Com o cego, andava sempre seu escravo. Ele acomodou seu senhor na sombra do coqueiro, levantou um coco do chão e, com ele, começou a fazer um lampião noturno. Fez um pavio com a fibra do coco, retirou óleo do coco, pôs na casca e encharcou nele o pavio.

“Enquanto o escravo fazia seu lampião, o cego suspirou e lhe disse:

“ ‘E então, escravo, não é verdade o que eu lhe disse, que o Sol não existe? Está vendo como está escuro? E ainda dizem que o Sol existe... Então o que é o Sol?’

“ ‘Não sei o que é o Sol’ – respondeu o escravo. – ‘Não tenho nada a ver com isso. Mas da luz eu sei. Olhe, fiz um lampião, agora não vou ficar no escuro e posso prestar serviço a você e achar tudo dentro da minha barraca.’

“E o escravo pegou na mão sua casca de coco.

“ ‘Olhe’ – disse. – ‘Isto é o meu Sol.’

“Ali também estava sentado um aleijado com sua muleta. Ele ouviu aquilo e riu.

“ ‘Pelo visto, você é cego de nascença’ – disse para o cego, já que não sabe o que é o Sol. ‘Vou lhe dizer o que é: o Sol é uma bola de fogo e todo dia essa bola sai do mar e toda noite se deita nas montanhas de nossa ilha; todos nós vemos isso e você também veria, se tivesse visão.’

“Um pescador que também estava ali ouviu aquelas palavras e disse ao aleijado:

“ ‘Pelo visto, você nunca esteve em outro lugar que não na sua ilha. Se não fosse aleijado e viajasse pelo mar, saberia que o Sol não se deita nas montanhas de nossa ilha e que, assim como se levanta do mar

de manhã, de noite ele se deita de novo no mar. O que digo é o certo, porque todo dia vejo isso com meus olhos.’

“Um indiano ouviu aquilo.

“ ‘Admira ver como um homem inteligente pode falar tanta bobagem’ – disse ele. – ‘Será possível que uma bola de fogo afunde na água e não apague? O Sol não é absolutamente uma bola de fogo: o Sol é uma divindade. Essa divindade se chama Deva. Essa divindade viaja pelo céu numa carruagem, em redor da montanha dourada Sumeru. Às vezes, as serpentes malignas Pagu e Ketu atacam Deva e o engolem e aí fica escuro. Mas nossos sacerdotes rezam para que a divindade se liberte e então ela se liberta. Só pessoas ignorantes como o senhor, que nunca viajou para além de sua ilha, podem imaginar que o Sol só brilha em sua ilha.’

“Então o dono de um navio egípcio que estava ali começou a falar:

“ ‘Não’ – disse ele –, ‘isso também não é verdade, o Sol não é uma divindade e não anda só em volta da Índia e de sua montanha dourada. Naveguei muito pelo mar Negro, pelas margens da Arábia, estive em Madagascar, nas ilhas das Filipinas, e o Sol ilumina todas as terras, não só a Índia, e ele não anda em redor de uma montanha, mas se levanta nas ilhas do Japão e por isso aquelas ilhas são chamadas de *Iapen*, ou seja, na língua deles, o nascimento do Sol, e depois se põe longe, longe, no oeste, além das ilhas da Inglaterra. Sei disso muito bem, porque eu mesmo vi bastante e ouvi meu avô falar muito sobre isso. E meu avô navegou até o fim dos mares.’

“Queria continuar falando, mas um marinheiro inglês de nosso navio o interrompeu.

“ ‘Não existe país onde se saiba mais sobre o movimento do Sol do que na Inglaterra’ – disse ele. – ‘Todos nós na Inglaterra sabemos que o Sol não se levanta nem se deita em lugar nenhum. Ele anda sem parar em torno da Terra. Sabemos disso muito bem, porque nós mesmos demos a volta em redor da Terra e não esbarramos com o Sol. Em toda parte, como aqui, o Sol aparece de manhã e se esconde à noite.’

“E o inglês pegou uma bengala, riscou um círculo na areia e começou a explicar como o Sol anda pelo céu em redor da Terra. Mas não conseguiu explicar direito e, depois de apontar para o timoneiro de seu navio, disse:

“ ‘Na verdade, ele é mais instruído do que eu e pode explicar melhor tudo isso para vocês.’

“O timoneiro era um homem sensato e escutava toda a conversa em silêncio, enquanto ninguém lhe perguntava nada. Mas agora que todos estavam voltados para ele, começou a falar e disse:

“ ‘Todos vocês enganam uns aos outros e se enganam a si mesmos. O Sol não gira em redor da Terra, é a Terra que gira em torno do Sol e gira em torno de si mesma, rodando na direção do Sol ao longo de vinte e quatro horas, e assim também o Japão, as Filipinas e Sumatra, onde estamos agora, e a África, a Europa, a Ásia e ainda muitas outras terras. O Sol não brilha para uma montanha nem para uma ilha nem para um mar nem para uma terra, mas para muitos planetas iguais à Terra. Cada um de vocês poderia entender tudo isso se olhasse para o céu e não para debaixo do próprio nariz e assim não pensaria que o Sol brilha só para si e para sua terra.’

“Assim falou o sábio timoneiro, que tinha viajado muito pelo mundo e tinha olhado muito para o céu.”

– Sim, o erro e a discórdia das pessoas em questões de fé decorrem do orgulho – prosseguiu o chinês, discípulo de Confúcio. – O que acontece com o Sol também se passa com Deus. Todo homem quer ter um Deus próprio, especial, ou pelo menos um Deus de sua terra natal. Cada povo quer encerrar em seu próprio templo aquilo que o mundo inteiro não consegue abarcar. Todos os templos humanos são feitos à imagem de outro templo: o mundo de Deus. Em todos os templos existe uma pia batismal, arcos, velas, imagens, inscrições, livros de mandamentos, sacrifícios, altares e sacerdotes. Mas em que templo existe uma pia batismal como o oceano, um arco como a abóbada celeste, velas como o Sol, a Lua e as

estrelas, imagens como as pessoas vivas que se amam e se ajudam umas às outras? Onde há inscrições sobre a bondade de Deus tão compreensíveis quanto as bênçãos que Deus espalhou por toda parte para a felicidade das pessoas? Onde há um livro de mandamentos tão claro para todos como aquele que está escrito no coração de cada pessoa? Onde há sacrifícios comparáveis aos sacrifícios de renúncia que as pessoas gostam de oferecer a seus próximos? E onde há um altar comparável ao coração de um homem bom, no qual o próprio Deus aceita o sacrifício?

Quanto mais elevada for a compreensão que o homem tem de Deus, melhor ele irá conhecê-lo. E quanto melhor ele conhecer Deus, mais irá se aproximar Dele, imitar Sua bondade, misericórdia e amor pelas pessoas.

Portanto aquele que vê toda a luz do Sol que enche o mundo não deve condenar nem desprezar o homem supersticioso que vê em seu ídolo só um raio da mesma luz, e também não deve desprezar o descrente que é cego e não vê luz nenhuma.

Assim falou o chinês, discípulo de Confúcio, e todos que estavam na cafeteria se calaram e não discutiram mais sobre qual fé era a melhor.

1892

O DIABO

Eu, porém, vos digo: todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração.

Caso o teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um de teus membros do que teu corpo inteiro ser atirado à geena.

E caso a tua mão direita te leve a pecar, corta-a e lança-a para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um de teus membros do que teu corpo inteiro ser atirado à geena.

Matheus, v, 28-30

I

Uma carreira brilhante aguardava Ievguiéni Irtiéniév. Tudo o levava a isso. A educação excelente em casa, a conclusão de curso brilhante na faculdade de direito da Universidade de Petersburgo, as relações com a mais alta sociedade herdadas do pai, que falecera pouco tempo antes, e até um cargo inicial num ministério sob a proteção do próprio ministro. Havia também uma fortuna, e até uma fortuna grande, se bem que duvidosa. O pai vivera no exterior e em Petersburgo, mandava seis mil rublos para os filhos – Ievguiéni e um mais velho, Andrei, que servia na Cavalaria da Guarda Imperial – e ele e a esposa gastavam muito dinheiro. Só no verão vinha passar dois meses em sua propriedade rural, mas não se ocupava com os negócios, deixando tudo aos cuidados do administrador, que também não cuidava da propriedade, mas no qual ele tinha plena confiança.

Depois da morte do pai, quando os irmãos começaram a partilha, viram que as dívidas eram tantas que o advogado do inventário até recomendou que, já que tinham ficado com a propriedade da avó, que valia cem mil rublos, renunciassem à herança. Mas o vizinho da propriedade rural, um senhor de terras que tinha negócios com o velho Irtiéniév, ou seja, tinha notas promissórias contra ele e fora a Petersburgo fazer a cobrança, disse que, apesar das dívidas, era possível resolver a situação e ainda salvar uma

fortuna considerável. Bastava vender a floresta, parcelas isoladas de terra improdutiva e ficar com a verdadeira mina de ouro – a aldeia Semiónovskoie, com suas quatro mil *dessiatinas* de terras negras, a usina de açúcar e as duzentas *dessiatinas* de pastos alagados, contanto que se dedicassem ao negócio, se mudassem para o campo e administrassem com inteligência e economia.

E então Ievguiéni, depois de ir à propriedade na primavera (o pai morrera na Quaresma) e examinar tudo, decidiu demitir-se de seu cargo no ministério, instalar-se com a mãe no campo e cuidar dos negócios, no intuito de conservar a parte principal da propriedade. Com o irmão, de quem não era especialmente amigo, combinou o seguinte: comprometeu-se a lhe pagar quatro mil rublos por ano, ou oitenta mil de uma só vez, e em troca o irmão abriria mão de sua parte da herança.

Assim foi feito e, depois de se estabelecer com a mãe na grande casa senhorial, tratou dos negócios da propriedade com entusiasmo e prudência.

É costume pensar que os velhos em geral são mais conservadores e os jovens, inovadores. Isso não é verdadeiro, de maneira nenhuma. Os mais conservadores em geral são os jovens. Os jovens querem viver, mas não pensam e não têm tempo de pensar em como é preciso viver e por isso elegem como modelo a vida que já existia.

Assim foi também com Ievguiéni. Instalado agora no campo, seu ideal e seus sonhos eram ressuscitar a forma de vida que havia não no tempo do pai – o pai era um administrador ruim –, mas no tempo do avô. E agora, em casa, no pomar, na propriedade, naturalmente com as mudanças apropriadas à época, ele tentava ressuscitar o espírito geral da vida no tempo do avô – fartura em tudo, satisfação de todos em volta, ordem e conforto, e a fim de construir aquela vida havia muita coisa a ser feita: era preciso satisfazer às exigências dos credores e dos bancos e, para isso, vender terras e adiar pagamentos, e também era preciso arranjar dinheiro para continuar tocando os negócios: a enorme propriedade de Semiónovskoie, com empregados temporários aqui, permanentes ali, suas quatro mil *dessiatinas* de terra cultivada e sua usina de açúcar; na casa e no pomar, era preciso cuidar para que não houvesse o aspecto de abandono e decadência.

Os trabalhos eram muitos, mas Ievguiéni também tinha muita força – força física e mental. Tinha vinte e seis anos, estatura mediana, constituição robusta, músculos desenvolvidos com ginástica, sanguíneo, com todo o rosto rosa-claro, dentes e lábios brilhantes, cabelos ralos, macios, ondulados. Seu único defeito físico era a miopia, que ele mesmo causara usando óculos, e agora já não podia andar sem o pincenê, que já havia deixado sulcos no alto do nariz um pouco aquilino. Se assim era na aparência física, seu aspecto moral era tal que, quanto mais o conheciam, mas gostavam dele. A mãe sempre o amara mais que a todos e agora, após a morte do pai, concentrava nele não só toda a sua ternura como toda a sua vida. No entanto não era só a mãe que o amava assim. Os colegas do ginásio e da universidade sempre, e de modo especial, não só o amaram como também o respeitaram. Em todas as pessoas estranhas, ele sempre produzia o mesmo efeito. Era impossível não acreditar no que dizia, era impossível supor um engano, uma mentira, num rosto tão franco e honesto, e sobretudo nos olhos.

No geral, toda a sua personalidade o ajudava muito nos negócios. Um credor, que recusaria o pedido de outro devedor, acreditava nele. O administrador, o estaroste, o mujique que fariam trapaças e enganariam outra pessoa, desistiam de enganar sob a impressão agradável da relação com um homem bondoso, simples e, acima de tudo, franco.

Era o fim de maio. De algum jeito, Ievguiéni tinha conseguido na cidade liberar as terras improdutivas de uma hipoteca para vendê-las a um comerciante e assim havia recebido dinheiro emprestado daquele mesmo comerciante para renovar seu acervo de cavalos, bois e carroças. E, acima de tudo, para começar a indispensável construção de uma eira coberta. Os negócios estavam dando certo. Trouxeram madeira, os carpinteiros já trabalhavam e oitenta carroças transportavam esterco, porém até aí tudo continuava por um fio.

No meio dessas preocupações, ocorreu uma circunstância que, embora sem importância, deixou Ievguiéni atormentado naquela ocasião. Ele vivia sua juventude como vivem todos os jovens saudáveis e solteiros, ou seja, tinha relações com vários tipos de mulheres. Não era um libertino, mas também não era um monge, como ele mesmo dizia para si. Entregava-se àquilo apenas quanto fosse necessário para a saúde física e a liberdade intelectual, como ele dizia. Aquilo tinha começado aos dezesseis anos. E até então, corria muito bem. Muito bem no sentido de que ele não se entregara à depravação, nenhuma vez se apegara e nenhuma vez ficara doente. Em Petersburgo, tivera primeiro uma costureira, depois ela se perdeu na vida e Ievguiéni deu outro jeito. Aquele lado estava tão bem resolvido que não o perturbava.

Mas agora já havia dois meses que ele morava no campo e não sabia absolutamente como proceder. A abstinência involuntária começava a ter efeitos ruins sobre ele. Será que devia ir à cidade para resolver aquilo? Mas aonde? E como? Só isso perturbava Ievguiéni Ivánovitch, e estava tão convencido de que era algo necessário e de que ele tinha tal carência que acabou se tornando de fato algo necessário e ele sentia que não era livre e que, contra a própria vontade, seguia com os olhos qualquer mulher jovem que passava.

Achava que não era correto encontrar-se com uma mulher ou moça em sua aldeia. Pelo que contavam, sabia que o pai e o avô, naquele aspecto, se comportavam de modo muito diferente do dos outros senhores de terras de seu tempo e nunca permitiram em sua casa nenhum namoro com as servas, e decidiu que não ia fazer aquilo; mas depois, sentindo-se cada vez mais tolhido e imaginando com horror o que poderia acontecer com ele na cidadezinha próxima, e também considerando que não existia mais o regime de servidão, resolveu que podia ser ali mesmo. Apenas tinha de agir de maneira que ninguém soubesse, e não por depravação, mas só para a saúde, como dizia para si. E quando decidiu isso, ficou ainda mais inquieto; ao falar com o estaroste, com os mujiques, com o marceneiro, involuntariamente ele conduzia a conversa para mulheres e, se a conversa já era sobre mulheres, esticava o assunto. E quando olhava para as mulheres, se demorava cada vez mais.

III

Só que tomar uma decisão para si é uma coisa, mas pôr isso em prática é muito diferente. Aproximar-se de uma mulher por iniciativa própria era impossível. E qual? E onde? Era preciso que alguém ajudasse, mas a quem pedir ajuda?

Certa vez, aconteceu de entrar na cabana do guarda-florestal para beber água. O guarda tinha sido caçador de seu pai. Ievguiéni Ivánovitch conversou com ele e o guarda-florestal começou a contar histórias antigas de farras em caçadas. E veio à cabeça de Ievguiéni Ivánovitch a ideia de que ali, na cabana do guarda-florestal ou na floresta, seria um bom lugar para resolver o assunto. Só que ele não sabia como nem se o velho Danila cuidaria do caso. “Talvez ele se horrorize diante de uma proposta como essa e vou morrer de vergonha, ou talvez concorde, muito simplesmente”. Assim pensava, enquanto ouvia as histórias de Danila. O velho estava contando que, certa vez, se encontravam num campo distante, na casa da esposa do diácono, e que ele levou uma mulher para Priánitchnikov.

“Pode ser”, pensou Ievguiéni.

– O pai do senhor, que Deus o tenha no reino dos céus, não participava dessas besteiras.

“Não pode ser”, pensou Ievguiéni, mas por via das dúvidas perguntou:

– Então você se metia nessas coisas ruins?

– Mas o que há de mau nisso? Ela ficou contente e meu Fiódor Zakháritch ficou satisfeito, mais do

que satisfeito. Me deu um rublo. Senão, como ele ia fazer? Também era de carne e osso. Tinha de viver.

“Sim, posso falar”, pensou Ievguiéni e na mesma hora entrou no assunto:

– Sabe – e logo teve a sensação de que ficava muito vermelho –, sabe, Danila, eu ando atormentado. – Danila sorriu. – Afinal, não sou um monge... estava acostumado.

Sentiu que tudo o que dizia era tolice, mas se animou, porque Danila aprovou.

– Puxa, podia ter dito há muito tempo, pode-se dar um jeito – disse ele. – É só o senhor dizer qual.

– Ah, sério, para mim tanto faz. Bem, é claro, contanto que não seja horrorosa e tenha saúde.

– Entendi! – cortou Danila. Pensou um pouco. – Ah, tenho uma coisinha bonita – começou.

Ievguiéni enrubesceu de novo. – Uma coisinha bonita. O senhor precisa ver, casaram a moça no outono. – Danila começou a sussurrar. – Ah, ele não consegue fazer nada. Está solta para o caçador que passar.

Ievguiéni chegou a franzir o rosto de vergonha.

– Não, não – começou a dizer. – Não é de nada assim que eu preciso. Ao contrário (o que poderia ser o contrário?), eu, ao contrário, só preciso que seja saudável, que não traga confusão... a mulher de um soldado ou algo assim..

– Sei. Então vou apresentar a Stiepanida ao senhor. O marido mora na cidade, é igual à mulher de um soldado. E é uma mulherzinha bonita, limpa. O senhor vai ficar satisfeito. Faz pouco tempo falei com ela sobre isso... É só eu dizer vá, que ela...

– Mas quando, então?

– Bom, pode ser amanhã. Vou buscar tabaco e passo lá, e aí no almoço o senhor vem para cá ou vai para trás da horta, na casa de banho. Não tem ninguém. E na hora do almoço todo mundo está dormindo.

– Certo, está bem.

Uma agitação terrível tomou conta de Ievguiéni, quando andava de volta para casa. “O que vai acontecer? Como será essa camponesa? De repente, é uma coisa medonha, horrorosa. Não, elas são bonitas”, disse consigo mesmo, lembrando aquelas que tanto observava. “Mas o que vou falar, o que vou fazer?”

Passou o dia todo fora de si. No dia seguinte, ao meio-dia, foi para a cabana do guarda-florestal. Danila estava na porta e, em silêncio, de modo expressivo, acenou com a cabeça na direção da floresta. O sangue afluiu com força ao coração de Ievguiéni, ele sentiu as batidas do coração e seguiu para a horta. Ninguém. Foi à casa de banho. Ninguém. Deu uma olhada ali, saiu e de repente ouviu o estalo de um galho quebrado. Olhou e ela estava de pé, no mato, atrás de um pequeno barranco. Ele se precipitou para lá através do barranco. No fundo, havia urtigas, que ele nem percebeu. Queimou-se nas urtigas, deixou o pincenê cair do nariz no caminho e subiu por um aclive no lado oposto. Com um avental branco bordado, saia rústica castanho-avermelhada, xale vermelho-claro, pés descalços, fresca, forte, bonita, ela estava de pé e sorria com timidez.

– Ali em volta tem uma trilha, podia ter contornado – disse ela. – Já estou aqui faz um tempão. Séculos.

Ele se aproximou e, olhando ao redor, tocou-a.

Quinze minutos depois, separaram-se, ele achou o pincenê, foi ao encontro de Danila e, em resposta à sua pergunta – “Está satisfeito, patrão?” –, lhe deu um rublo e foi para casa.

Ele estava satisfeito. A vergonha foi só no início. Mas depois passou. E tudo estava bem. Estava bem, sobretudo, porque agora ele se sentia leve, calmo, animado. Quanto a ela, Ievguiéni nem observou direito. Lembrava que era limpa, fresca, simples, não era feia e não tinha afetação. “Qual será seu sobrenome?”, perguntava para si mesmo. “Pétchnikova, não foi o que ele disse? Mas que Pétchnikova¹ é essa? Há duas famílias com esse nome. Deve ser nora do velho Mikhail. Sim, deve ser isso. Pois ele tem um filho que mora em Moscou; vou perguntar ao Danila, um dia desses.”

A partir de então, estava afastado aquele incômodo, antes tão importante, da vida no campo – a

abstinência involuntária. A liberdade de pensamento de Ievguiéni já não era mais perturbada e ele podia se ocupar livremente de seus afazeres.

E a tarefa de que Ievguiéni se incumbira não era nada fácil: às vezes lhe parecia que não ia conseguir e que, apesar de tudo, acabaria tendo de vender a propriedade, todos os seus esforços seriam desperdiçados e, sobretudo, ficaria provado que ele não era capaz, não conseguia levar até o fim o que havia começado. Era isso que o incomodava acima de tudo. Mal fechava um buraco, logo se abria outro, inesperado. Durante todo esse tempo, não paravam de aparecer mais e mais dívidas novas do pai, antes ignoradas. Era evidente que, nos últimos tempos, o pai tinha feito empréstimos a torto e a direito. Em maio, na época da partilha, Ievguiéni achava que, afinal, estava a par de tudo. Mas de repente, no meio do verão, recebeu uma carta que revelava haver ainda uma dívida de doze mil com a viúva Iéssipova. Não existia nenhuma nota promissória, mas um simples bilhete que, segundo o advogado, podia ser contestado. Mas nem passava pela cabeça de Ievguiéni negar-se a pagar uma dívida real do pai só porque o documento podia ser contestado na Justiça. Ele tinha apenas de saber se a dívida era verdadeira, real.

– Mamãe! Quem é essa Iéssipova Kaléria Vladímirovna? – perguntou para a mãe quando, como de costume, se reuniram para jantar.

– Iéssipova? É uma protegida de seu avô. Por quê?

Ievguiéni mostrou a carta para a mãe.

– Eu me admiro que ela não tenha vergonha. Seu pai deu tanto para ela.

– Mas devemos a ela?

– Bem, como vou explicar? Dívida, não temos. Papai, em sua infinita bondade...

– Sim, mas papai considerava isso uma dívida?

– Não posso lhe responder. Não sei. Só sei é que você está carregando um fardo muito pesado.

Ievguiéni viu que a própria Mária Pávlovna não sabia como explicar e parecia querer extrair alguma coisa dele.

– Pelo que vejo, temos de pagar – disse o filho. – Amanhã irei à casa dela para conversar e ver se não é possível um adiamento.

– Ah, que pena tenho de você. Mas, sabe, é melhor. Diga a ela que deve esperar um pouco – disse Mária Pávlovna, obviamente mais calma e orgulhosa da decisão do filho.

A posição de Ievguiéni era especialmente difícil porque a mãe, que morava com ele, ainda não havia compreendido muito bem sua situação. Ela se habituara a viver sempre com tanta fartura que não conseguia nem se imaginar na situação em que o filho se encontrava, ou seja, que de uma hora para outra os negócios podiam dar uma guinada, não lhes restaria mais nada, o filho teria de vender tudo, teria de se sustentar e sustentar a mãe só com o salário de um emprego, que na situação em que se encontrava poderia lhe render no máximo dois mil rublos. A mãe não entendia que só era possível salvar-se daquela situação com um corte em todas as despesas e por isso não conseguia entender para que Ievguiéni economizava em ninharias, despesas com os jardineiros, com os cocheiros, com os criados e até com a comida. Além disso, como a maioria das viúvas, alimentava um sentimento de veneração pela memória do falecido, muito diferente do que sentia pelo marido quando vivo, e não admitia a ideia de que algo que o falecido tinha feito ou iniciado fosse ruim e falho.

Com grande esforço, Ievguiéni mantinha o jardim e a estufa de plantas com dois jardineiros e a estrebaria com dois cocheiros. Já Mária Pávlovna pensava, ingenuamente, que por não reclamar da comida feita pelo velho cozinheiro, de os caminhos do parque nem sempre estarem limpos, de ter apenas um menino em vez de lacaios, ela já fazia tudo o que uma mãe podia, sacrificando-se por seu filho. Assim também no caso daquela nova dívida, na qual Ievguiéni, no íntimo, via quase um golpe mortal em todos os seus esforços, Mária Pávlovna via apenas uma oportunidade para se manifestar a nobreza de Ievguiéni. Mária Pávlovna não se preocupava muito com a situação material de Ievguiéni também porque estava convencida de que ele acharia um ótimo partido para casar, que resolveria tudo. E de fato ele

podia achar um magnífico partido. A mãe conhecia dezenas de famílias que ficariam felizes de casar suas filhas com Ievguiéni. E ela desejava arranjar aquilo o mais depressa possível.

IV

O próprio Ievguiéni sonhava com um casamento, mas não como a mãe: a ideia de fazer do casamento um meio de resolver seus negócios era repugnante para ele. Queria casar-se de modo honesto, por amor. Até observava com atenção as moças que encontrava e conhecia, avaliava como seria viver com elas, mas seu destino não se resolvia. Enquanto isso, ao contrário do que esperava, suas relações com Stiepanida continuaram e ganharam até o caráter de algo estável. Ievguiéni era tão alheio à libertinagem, era tão penoso para ele fazer algo errado, às escondidas – assim ele sentia –, que não conseguia se sentir à vontade e, já após o primeiro encontro, pretendia nunca mais ver Stiepanida; mas aconteceu que, passado algum tempo, lhe veio a mesma inquietação, que ele atribuía àquilo. E dessa vez a inquietação já não foi impessoal; ele imaginou os mesmos olhos negros e brilhantes, a mesma voz profunda que dissera “séculos”, o mesmo odor de algo fresco e forte e o mesmo peito erguido, que empinava o avental, e tudo isso no mesmo bosque de nogueiras e bordos, inundado por uma luz brilhante. Por mais vergonha que sentisse, procurou Danila outra vez. E de novo foi marcado um encontro ao meio-dia, na floresta. Dessa vez, Ievguiéni a observou melhor e tudo nela lhe pareceu encantador. Experimentou conversar com ela, perguntou sobre o marido. De fato, era o filho de Mikhail e morava em Moscou, onde trabalhava como cocheiro.

- Mas então como é que você... – Ievguiéni queria perguntar como ela o traía.
- Como o quê? – perguntou ela. Claro, era inteligente e tinha adivinhado.
- Bom, como é que você vem se encontrar comigo?
- Ora essa – exclamou ela com alegria. – Aposto que ele se diverte por lá. Eu não posso?

Era evidente que ela se fazia de desembaraçada, de atrevida. E Ievguiéni achou aquilo atraente. Mesmo assim, não marcou outro encontro diretamente com ela. Mesmo quando Stiepanida propôs um encontro sem a intermediação de Danila, a quem se referiu com certo desprezo, Ievguiéni não concordou. Queria que aquele fosse o último encontro. Gostava dela. Achava que precisava daquela relação e que não havia nada de mau; mas, no fundo da alma, ele tinha um juiz mais severo que não aprovava aquilo e que esperava que fosse a última vez, e, se não esperava, pelo menos não queria participar daquele negócio nem dos preparativos para que se repetisse.

Assim passou o verão inteiro, durante o qual ele a encontrou umas dez vezes e sempre por intermédio de Danila. Houve uma vez em que ela não pôde ir, porque o marido havia chegado, e Danila sugeriu outra moça. Ievguiéni recusou com repulsa. Depois o marido partiu e os encontros continuaram como antes, de início por intermédio de Danila e depois ele já marcava o horário diretamente com Stiepanida e ela ia acompanhada por uma camponesa chamada Prókhorova, pois uma mulher não podia andar sozinha. Certa vez, justamente na hora marcada para o encontro, chegou à casa de Mária Pávlovna a família da jovem com quem ela pretendia casar o filho e Ievguiéni não conseguiu escapar de jeito nenhum. Mas assim que conseguiu sair, fingiu que ia à eira coberta e seguiu pela trilha em torno da floresta, rumo ao local do encontro. Ela não estava. Mas, no lugar de costume, tudo o que as mãos podiam alcançar estava partido, tudo, a cerejeira, a nogueira, até o bordo jovem da grossura de uma estaca. Ela havia esperado, se irritara e, de brincadeira, lhe deixara um recado. Ele esperou, esperou, e foi falar com Danila para pedir que a chamasse no dia seguinte. Stiepanida foi e se comportou como sempre.

Assim passou o verão. Os encontros eram sempre marcados na floresta e só uma vez, já quase no

outono, no galpão da eira coberta, nos fundos da casa deles. Nem passava pela cabeça de Ievguiéni que aquelas relações tivessem alguma importância para ele. Ievguiéni nem pensava nela. Dava-lhe dinheiro e mais nada. Não sabia e não pensava que toda a aldeia já tinha conhecimento, que tinham inveja dela, que seus parentes tomavam o dinheiro de Stiepanida e a incentivavam a continuar, e que a noção que a jovem tinha de pecado fora totalmente aniquilada sob a influência do dinheiro e da pressão dos parentes. Ela achava que, se as pessoas tinham inveja, o que fazia era bom.

“Só preciso disso para minha saúde”, pensava Ievguiéni. “Vamos supor que não seja bom e que, embora ninguém diga, muitos ou todos já saibam. A mulher com quem ela vem já sabe. Como sabe, certamente já contou para outros. Mas o que vou fazer? Estou me comportando mal”, pensou Ievguiéni, “mas o que vou fazer? Além do mais, é por pouco tempo.”

O que mais incomodava Ievguiéni era o marido. De início, por algum motivo, achava que o marido dela devia ser alguém muito feio e aquilo como que o justificava, em parte. Mas viu o marido e teve um choque. Era um rapagão elegante, em nada pior do que ele; na verdade, melhor do que ele. No primeiro encontro depois disso, contou para Stiepanida que tinha visto seu marido e tinha gostado muito dele, um belo rapagão.

– Não tem outro igual na aldeia – disse ela com orgulho.

Aquilo surpreendeu Ievguiéni. A partir daí, a ideia do marido o atormentou mais ainda. Aconteceu, certa vez, de estar na casa de Danila e, conversando, Danila lhe disse sem rodeios:

– Faz uns dias, o Mikhail me perguntou se o patrão vive com a mulher do filho dele. Respondi que não sabia. Mas e daí, falei, é melhor com o patrão do que com um mujique.

– E ele?

– Nada, só falou assim: pois ela que se cuide, se eu souber, dou uma surra.

“Bem, se o marido voltar, eu largo”, pensou Ievguiéni. Mas o marido morava na cidade e as relações por enquanto continuaram. “Quando for necessário, eu rompo, e não vai ficar nada para trás”, pensou.

E aquilo lhe parecia incontestável, porque durante o verão muitas outras coisas o preocuparam intensamente: a construção da nova eira coberta, a colheita, as edificações e acima de tudo o pagamento das dívidas e a venda das terras improdutivas. Tudo isso eram assuntos que o consumiam por inteiro, nos quais ele pensava da hora em que acordava até a hora em que ia dormir. Tudo aquilo era a vida real. Já as relações – ele nem chamava aquilo de relacionamento – com Stiepanida eram algo sem nenhuma importância. É verdade que, quando começava o desejo de vê-la, vinha com tanta força que ele não conseguia pensar em mais nada, porém aquilo não demorava muito tempo, combinavam um encontro e ele a abandonava de novo por uma semana, às vezes por um mês.

No outono, Ievguiéni foi muitas vezes à cidade e lá fez amizade com a família Ánnenski. Os Ánnenski tinham uma filha que acabara de se formar no instituto.² E ali, para grande pesar de Mária Pávlovna, aconteceu que Ievguiéni se vendeu barato, como ela dizia, e se apaixonou por Liza Ánnenskaia e a pediu em casamento.

A partir daí, as relações com Stiepanida cessaram.

Por que Ievguiéni foi escolher logo Liza Ánnenskaia é impossível explicar, como sempre é impossível explicar por que um homem escolhe uma mulher e não outra. Havia uma porção de causas, positivas e negativas. Uma das causas era não ser uma noiva muito rica, como as que a mãe arranjava, e ser ingênua e infeliz nas relações com a própria mãe, e não ser bonita, não atrair as atenções para si, embora não

fosse feia. O principal foi o fato de ter se aproximado dela na ocasião em que Ievguiéni estava maduro para o casamento. Ele se apaixonou porque sabia que ia casar.

De início, Ievguiéni apenas gostou de Liza Ánnenskaia, mas quando resolveu que ela seria sua esposa, experimentou por ela um sentimento imensamente mais forte, sentiu que estava apaixonado.

Liza era alta, magra, alongada. Tudo nela era alongado: o rosto, o nariz, que não era para a frente, mas sim na linha do comprimento do rosto, os dedos, os pés. A cor do rosto era muito delicada, branca e amarelada, com um rubor meigo, cabelos compridos, louros, macios e ondulados, e lindos olhos claros, dóceis, crédulos.

Assim era ela fisicamente; quanto ao espírito, ele nada sabia, só enxergava aqueles olhos. E os olhos pareciam dizer tudo que ele precisava saber. Mas o sentido daqueles olhos era o seguinte:

Ainda no instituto, desde os quinze anos, Liza se apaixonava por todos os homens atraentes e só ficava animada e feliz quando estava apaixonada. Depois que saiu do instituto, continuou a se apaixonar por todos os homens jovens que encontrava e, é claro, se apaixonou por Ievguiéni assim que o conheceu. Era essa paixão que dava a seus olhos a expressão especial que tanto cativava Ievguiéni.

Naquele mesmo inverno, ela já estivera apaixonada por dois jovens ao mesmo tempo e se ruborizava e se perturbava não só quando eles entravam num recinto onde ela estivesse, mas também quando alguém pronunciava o nome deles. Porém, depois, quando sua mãe sugeriu que Irtiéniév parecia ter intenções sérias, a paixão de Liza por Irtiéniév ganhou tanta força que ela se tornou quase indiferente aos dois anteriores, mas quando Irtiéniév começou a frequentar a casa deles, os bailes, as reuniões, dançava com ela mais do que com as outras e deixava claro que queria apenas saber se ela o amava, então a paixão por Irtiéniév se tornou algo doentio, Liza o via em sonhos e acordada, no quarto escuro, e todos os outros homens desapareceram para ela. Quando ele fez o pedido de casamento e deram a bênção aos dois, quando ela o beijou e se tornaram noivo e noiva, Liza não tinha outros pensamentos senão ele, outros desejos senão estar com ele, para amar e ser amada por ele. Tinha orgulho dele, se comovia com ele, consigo e com seu amor, ficava lânguida, se derretia de amor por ele. Quanto mais a conhecia, mais Ievguiéni a amava. Nem de longe esperava encontrar um dia um amor assim e aquele amor reforçava ainda mais seu sentimento.

VI

Antes da primavera, ele foi a Semiónovskoie para dar ordens a respeito da propriedade e principalmente da casa senhorial, onde faziam os preparativos para o casamento.

Mária Pávlovna estava insatisfeita com a escolha do filho, mas só porque a noiva não era um partido tão brilhante como poderia ter sido e porque não gostara de Varvara Alekséievna, a futura sogra dele. Se era boa ou má, ela não sabia dizer, mas que não era uma mulher de classe, que não era *comme il faut*,³ que não era uma *lady*, como dizia Mária Pávlovna consigo, isso ela havia percebido desde o primeiro instante e lhe trazia amargura. E lhe trazia amargura porque estava acostumada a dar valor às pessoas de classe, sabia que Ievguiéni era muito sensível a isso e previa, para ele, muitas amarguras por tal motivo. Já da moça ela gostava. Gostava sobretudo porque Ievguiéni gostava dela. Era preciso amá-la. E Mária Pávlovna estava pronta a fazer isso, e com total sinceridade.

Ievguiéni encontrou a mãe alegre, satisfeita. Estava arrumando tudo em casa e tinha intenção de ir embora assim que ele trouxesse a jovem esposa. Ievguiéni tentava convencê-la a ficar. E a questão estava em aberto. À noite, como de costume, após o chá, Mária Pávlovna jogou paciência. Ievguiéni sentou-se a seu lado e ajudou a mãe. Era o momento das conversas mais francas. Após terminar uma partida de paciência e antes de começar a seguinte, Mária Pávlovna olhou para Ievguiéni e, um pouco em dúvida,

começou assim:

– Queria lhe dizer uma coisa, Génia.⁴ Claro que não sei de nada, mas de qualquer forma queria advertir que, antes do casamento, é preciso sem falta encerrar todos os casos de solteiro, para que nada mais possa perturbar você e, Deus me perdoe, sua esposa. Entende?

E, de fato, Ievguiéni entendeu na mesma hora que Mária Pávlovna se referia a suas relações com Stiepanida, que haviam cessado desde o outono, e, como sempre fazem as mulheres solitárias, ela atribuía a tais relações uma importância muito maior do que tinham na realidade. Ievguiéni ficou ruborizado, menos de vergonha do que de irritação, pois a bondosa Mária Pávlovna estava se metendo – por amor, é verdade –, mas estava se metendo onde não devia, num assunto que não entendia e não podia entender. Ele disse que não tinha nada que precisasse esconder e que, na verdade, sempre se portara de maneira que nada pudesse perturbar seu casamento.

– Muito bem, que ótimo, meu querido. Guénia, não fique ofendido comigo – disse Mária Pávlovna, embaraçada.

Mas Ievguiéni percebeu que ela não terminara de dizer o que pretendia. E era isso mesmo. Pouco depois, ela se pôs a contar como, certa vez, na ausência dele, lhe pediram que fosse madrinha num batizado na casa dos... Ptchélnikov.

Dessa vez Ievguiéni ficou vermelho não de aborrecimento e nem mesmo de vergonha, mas sim por um estranho sentimento de consciência da importância do que iam lhe contar em seguida, uma consciência involuntária, em total desacordo com seu raciocínio. Aconteceu o que ele esperava. Como se não tivesse nenhum outro objetivo senão conversar, Mária Pávlovna contou que naquele ano só estavam nascendo meninos, um claro sinal de guerra. Na casa dos Vássin e dos Ptchélnikov, as jovens mães deram à luz meninos, em seu primeiro parto. Mária Pávlovna queria contar aquilo como se não fosse nada demais, só que ela mesma sentiu vergonha ao ver o rubor no rosto do filho, a maneira nervosa como tirou, mexeu e colocou o pincenê e como começou a fumar o cigarro de modo afobado. Ela ficou em silêncio. Ele também, e não conseguiu inventar um jeito de romper o silêncio. Assim os dois compreenderam que se compreendiam um ao outro.

– Sim, o principal é que haja justiça na aldeia, para que não existam favoritos, como no tempo do seu avô.

– Mãezinha – disse Ievguiéni, de repente. – Sei para que a senhora está me dizendo isso. A senhora está se preocupando à toa. Para mim, minha futura vida conjugal é tão sagrada que não vou perturbá-la em nenhuma hipótese. Quanto ao que aconteceu na minha vida de solteiro, tudo está completamente encerrado. Nunca tive nenhuma relação desse tipo e ninguém tem nenhum direito sobre mim.

– Bem, fico feliz com isso – disse a mãe. – Conheço seus pensamentos nobres.

Ievguiéni tomou aquelas palavras da mãe como o tributo devido a ele e não falou mais nada.

Na manhã seguinte, foi à cidade, pensando na noiva, em tudo no mundo, menos em Stiepanida. Mas, como se fosse de propósito para obrigá-lo a lembrar, no caminho para a igreja, ele começou a encontrar pessoas que vinham de lá, a pé e de carroça. Encontrou o velho Matviêi, ao lado de Semion, crianças, mocinhas, e vinham também duas mulheres, uma mais velha e a outra mais arrumada, com um xale vermelho-claro e com algo que lhe pareceu familiar. A mulher andava ligeira, animada, e levava um bebê nos braços. Ao passarem por ele, a mais velha parou e cumprimentou-o com uma reverência à maneira antiga, e a jovem com o bebê apenas inclinou a cabeça e, por baixo do xale, brilharam os olhos risonhos, alegres e conhecidos.

“Sim, é ela, mas tudo está encerrado e não quero saber de ficar olhando para ela. Quanto ao bebê, talvez seja meu”, passou pela sua cabeça num lampejo. “Não, que absurdo. Foi o marido, ela ficava com ele.” Nem se deu ao trabalho de fazer as contas. Pois para ele estava decidido que aquilo era uma coisa necessária para sua saúde, tinha pagado em dinheiro e pronto; não havia entre os dois nenhuma ligação,

não tinha havido, não podia e não devia haver. Não se tratava de calar a voz da consciência, não, a consciência propriamente não lhe dizia nada. E ele não se lembrou de Stiepanida nem uma vez depois da conversa com a mãe e depois daquele encontro. E também não a encontrou nem uma vez depois disso.

No primeiro domingo depois da Páscoa, Ievguiéni se casou na cidade e logo partiu com a jovem esposa para o campo. A casa estava decorada como em geral se faz para os recém-casados. Mária Pávlovna queria ir embora, mas Ievguiéni e, sobretudo, Liza a convenceram a ficar. Ela apenas se mudou para a ala dos fundos.

E assim começou uma vida nova para Ievguiéni.

VII

O primeiro ano da vida conjugal foi um ano difícil para Ievguiéni. E foi difícil porque os negócios, que deixara um pouco de lado durante o noivado e os preparativos, agora, após o casamento, de repente desabaram sobre ele.

Desvencilhar-se das dívidas parecia impossível. A casa de veraneio foi vendida, as dívidas mais prementes foram saldadas, mas ainda restavam muitas dívidas e não havia dinheiro. A propriedade tinha dado um bom lucro, mas era preciso pagar a parte do irmão e cobrir as despesas do casamento, portanto não havia dinheiro, a usina de açúcar não podia produzir, era preciso desativá-la. O único meio de desembaraçar-se consistia em usar o dinheiro da esposa. Liza havia compreendido a situação do marido e ela mesma exigiu que fizesse aquilo. Ievguiéni concordou, contanto que fizessem uma escritura de compra da metade da propriedade em nome da mulher. E assim foi feito.

Naturalmente, não por causa de Liza, que se sentia ofendida com aquilo, mas por causa da sogra.

Aqueles negócios com tantas reviravoltas, ora sucesso, ora fracasso, foram uma das coisas que envenenaram a vida de Ievguiéni no primeiro ano. Outra coisa foi a saúde fraca da esposa. Naquele mesmo primeiro ano, sete meses após o casamento, no outono, aconteceu uma desgraça a Liza. Ela saiu numa *charaban*⁵ para encontrar-se com o marido, que voltava da cidade, o cavalo manso empinou, ela se assustou, pulou para fora do veículo. O pulo foi relativamente bem-sucedido – ela poderia ter ficado agarrada na roda –, mas Liza estava grávida e naquela mesma noite começou a sentir dores, abortou e levou muito tempo para se recuperar depois do aborto. A perda do esperado bebê, a doença da esposa, as confusões da vida associadas àquilo e, acima de tudo, a presença da sogra, que chegou assim que Liza ficara doente – tudo isso tornou o ano ainda mais penoso para Ievguiéni.

No entanto, apesar das circunstâncias difíceis, no fim do primeiro ano, Ievguiéni se sentia muito bem. Em primeiro lugar, sua ideia sincera de recuperar a propriedade decadente, restabelecer a vida tal como era no tempo do avô, num formato novo, estava se cumprindo, ainda que lentamente e com dificuldade. Agora já não era preciso falar da venda de toda a propriedade para saldar as dívidas. A parte principal da propriedade, embora transferida para o nome da esposa, estava salva e, se a beterraba desse uma boa safra e o preço fosse bom, no ano seguinte a situação de carência e de tensão poderia se tornar plenamente satisfatória. Esse era um ponto.

O outro era que, embora esperasse muito da esposa, Ievguiéni não esperava de forma nenhuma encontrar nela o que encontrou: não era o que esperava, mas era imensamente melhor. Acessos de ternura, arroubos de paixão, embora ele mesmo tentasse promovê-los, não ocorriam, ou ocorriam de maneira muito fraca; no entanto havia algo bem diferente, algo que tornava a vida não só mais alegre e agradável como também mais fácil. Ele não sabia por que aquilo acontecia, mas era assim.

E aquilo acontecia porque, logo depois do casamento, Liza havia decidido que entre todas as pessoas no mundo só existia Ievguiéni Irtiéniév, o mais elevado, o mais inteligente, o mais puro, o mais

nobre de todos, e por isso era dever de todos servir e ser agradável a Irtiéniév. Mas como era impossível obrigar todo mundo a fazer isso, era preciso que ela mesma o fizesse, na medida do possível.

E ela fazia e por isso toda a sua força de espírito estava sempre direcionada para saber e adivinhar o que ele amava, a fim de, em seguida, executar aquilo mesmo, fosse o que fosse, por mais difícil que se revelasse.

E em Liza havia aquilo que constitui o principal encanto do convívio com uma mulher que ama, pois, graças ao amor que sentia, Liza tinha o dom de enxergar com clareza a alma do marido. Ela pressentia – e melhor que o próprio Ievguiéni, era a impressão dele – todos os estados de sua alma, todos os matizes de seu sentimento, e sempre moderava sentimentos penosos e reforçava os alegres. Além dos sentimentos, ela também entendia seus pensamentos. Os assuntos mais alheios a Liza, relativos à agricultura, à usina de açúcar, à avaliação do pessoal, ela compreendia prontamente e não só podia ser uma interlocutora para o marido como também, muitas vezes, uma conselheira útil, insubstituível, como o próprio Irtiéniév lhe dizia. Coisas, pessoas, tudo no mundo, ela só enxergava através dos olhos do marido. Liza amava a mãe, porém ao ver que a interferência da sogra na vida deles desagradava a Ievguiéni, na mesma hora passou para o lado do marido e com tanta determinação que ele teve de contê-la.

Acima de tudo isso, havia nela uma fartura de bom gosto, de tato e principalmente de discrição. Tudo o que fazia era sem chamar a menor atenção, só os resultados chamavam atenção, ou seja, sempre e em toda parte reinavam a limpeza, a ordem e a elegância. Liza entendeu imediatamente qual era o ideal de vida do marido e tentava alcançá-lo e, na organização e na ordem da casa, conseguiu exatamente o que ele desejava. Faltavam os filhos, mas quanto a isso também havia esperança. No inverno, foram a Petersburgo consultar um obstetra e ele os convenceu de que Liza estava absolutamente saudável e podia ter filhos.

E esse desejo se realizou. No fim do ano, Liza engravidou novamente.

A única coisa que ameaçava a felicidade deles, mas não chegava a envenenar, era o ciúme da esposa – ciúme que ela reprimia, não demonstrava, mas que muitas vezes a fazia sofrer. Não só Ievguiéni não podia amar ninguém, porque não existia no mundo mulheres dignas dele (se a própria Liza era digna ou não do marido, ela jamais se perguntava), como também mulher nenhuma poderia se atrever a amá-lo.

VIII

Assim iam vivendo: ele acordava cedo, como sempre, e saía para a propriedade, para a usina, onde os trabalhos estavam em andamento, e às vezes para o campo. Às dez horas, chegava para tomar café. Tomava café na varanda com Mária Pávlovna, um tio que estava morando com eles e Liza. Depois das conversas, em geral muito animadas, durante o café, separavam-se até o almoço. Almoçavam às duas horas. Depois passeavam a pé ou davam uma volta de carruagem. À noite, quando ele chegava do escritório, tomavam chá mais tarde e às vezes ele lia em voz alta, ela trabalhava, ou tocavam música, ou conversavam, quando tinham visitas. Nas ocasiões em que viajava a negócios, ele escrevia e recebia cartas dela todos os dias. Às vezes ela o acompanhava e isso era muito divertido. Nos aniversários dele e dela, recebiam visitas e ele tinha grande satisfação ao ver como ela sabia organizar tudo de modo que todos se sentissem bem. Ele via e percebia que todos amavam a anfitriã jovem e gentil e por isso ele a amava ainda mais. Tudo corria às mil maravilhas. A gravidez prosseguia com facilidade e os dois, embora hesitantes, começaram a imaginar como educariam a criança. A forma de educação, os métodos, tudo isso era Ievguiéni quem resolvia, e Liza apenas desejava cumprir com obediência a vontade dele. O próprio Ievguiéni lia muitos livros de medicina e tinha a intenção de educar a criança segundo todos os

princípios da ciência. Liza, naturalmente, concordava com tudo e se preparava, costurava mantinhas para o frio e para o calor e decorava o bercinho. Assim começou o segundo ano do casamento e a segunda primavera.

IX

Era véspera do dia da Santíssima Trindade. Liza estava no quinto mês e, embora tomasse cuidado, andava alegre e ativa. As duas mães, a dela e a dele, moravam na casa sob o pretexto dos cuidados e da proteção que Liza requeria e só a incomodavam quando trocavam farpas. Ievguiéni, com entusiasmo especial, se ocupava da propriedade e do novo modo de cultivo de beterraba em grande escala.

Na véspera do dia da Santíssima Trindade, Liza resolveu que era preciso fazer uma boa faxina na casa, o que já não faziam desde a Páscoa, e para ajudar os criados, chamou duas diaristas a fim de lavar o chão, as janelas, bater o pó dos móveis e dos tapetes e pôr capas protetoras nos sofás e nas poltronas. As diaristas chegaram cedo, puseram caçarolas de água no fogo e começaram a trabalhar. Uma delas era Stiepanida, que tinha acabado de desmamar seu menino e pedira um trabalho de lavadora de chão para um empregado do escritório, com quem agora andava saindo. Ela queria observar de perto a nova patroa. Stiepanida vivia como antes, sozinha, sem o marido, e, como antes, fazia das suas, com o velho Danila, que a pegara em flagrante roubando lenha, depois com o proprietário e agora com o rapaz do escritório. No patrão, ela nem pensava mais. “Agora, tem esposa”, pensava. “Mas eu bem que gostaria de dar uma olhada na patroa, ver como cuida da casa, dizem que é muito enfeitada.”

Ievguiéni não a viu mais, desde o dia em que a encontrou com o bebê. Ela não trabalhava de diarista porque tinha de cuidar do bebê e ele raramente passava pela aldeia. Naquela manhã, véspera do dia da Santíssima Trindade, Ievguiéni levantou bem cedo, às cinco horas, e foi para o campo de pousio, onde deviam pulverizar fosforita, e saiu de casa enquanto as criadas estavam ocupadas em pôr as panelas no fogo da estufa e ainda não tinham entrado na outra parte da casa.

Alegre, satisfeito e faminto, Ievguiéni voltou para o café da manhã. Desmontou do cavalo junto à porteira e, depois de entregá-lo a um jardineiro que passava, caminhou na direção da casa, batendo com o chicote no capim alto e repetindo, como acontecia muitas vezes, uma frase que havia pronunciado antes. A frase que repetia era: “A fosforita vai justificar” – o quê e a quem, isso ele não sabia nem imaginava.

Estavam batendo a poeira de um tapete sobre o gramado. A mobília tinha sido trazida para fora.

“Nossa! Que faxina a Liza está fazendo! A fosforita vai justificar. Isso é que é dona de casa. Minha patroazinha! Pois é, minha patroazinha”, disse consigo, vendo em pensamento a imagem bem viva de Liza, com guarda-pó branco e o rosto radiante de alegria que ela quase sempre tinha quando ele a olhava. “Sim, tenho de trocar as botas, senão a fosforita vai justificar, quer dizer, vai começar a soltar um cheiro de esterco, e minha patroazinha nesse estado. Por que nesse estado? Pois é, ali dentro dela está crescendo um novo e pequeno Irtiéniev”, pensou. “Sim, a fosforita vai justificar.” E, sorrindo com seus pensamentos, estendeu a mão para a porta do seu quarto.

Mas não teve tempo de empurrar a porta, pois ela abriu sozinha e ele deu de cara com uma mulher que vinha em sua direção, descalça, com um balde, as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ele abriu caminho para deixar a mulher passar, ela também chegou para o lado para ele entrar, empurrando para cima, com a mão molhada, o xale que havia baixado na cabeça.

– Passe, passe, eu não vou passar enquanto a senhora... – começou Ievguiéni, mas de repente a reconheceu e parou.

Sorrindo com os olhos, ela lançou um olhar divertido para ele. Arrumou a *paniova*⁶ e saiu pela porta.

“Mas que absurdo é esse?... O que houve?... Não pode ser”, disse consigo Ievguiéni, franzindo as sobrancelhas e sacudindo a cabeça, como se quisesse espantar moscas, incomodado por ter percebido que era ela. Estava incomodado por ter percebido que era ela e ao mesmo tempo não conseguia desgrudar os olhos do seu corpo, que balançava com os passos ágeis e firmes dos pés descalços, nem das mãos, dos ombros e das pregas bonitas da blusa e da *paniova* vermelha, arregaçada acima das panturrilhas brancas.

“Mas por que estou olhando?”, disse consigo, baixando os olhos para não ver mais. “Sim, afinal, tenho de entrar para pegar outras botas.” E deu meia-volta para entrar no seu quarto; mas nem teve tempo de dar cinco passos quando, sem saber como nem por ordem de quem, olhou para trás outra vez a fim de vê-la de novo. Ela estava fazendo a curva por trás do canto da parede e, no mesmo instante, se virou e olhou para ele.

“Ah, o que estou fazendo”, gritou ele, dentro da alma. “Ela pode pensar. Aliás, já deve até ter pensado.”

Ele entrou no quarto molhado. Outra mulher, velha, magra, estava lá e ainda lavava o chão. Ievguiéni passou na ponta dos pés entre as poças sujas na direção do armário em que estavam as botas e quis sair, quando a mulher também saiu.

“Essa saiu e a outra, Stiepanida, vai vir... sozinha”, de repente alguém começou a raciocinar dentro dele.

“Meu Deus! O que estou pensando, o que estou fazendo!” Agarrou as botas e correu com elas para a antessala, calçou-as ali, limpou-se e saiu para a varanda, onde as duas mães já estavam sentadas tomando o café. Liza obviamente estava à espera do marido e entrou na varanda por outra porta, ao mesmo tempo que ele.

“Meu Deus, se ela, que me considera tão honesto, puro, inocente, se ela soubesse!”, pensou ele.

Liza, como sempre, encontrou-o com o rosto radiante. Mas, naquele dia, ela lhe pareceu especialmente pálida, amarela, magra e fraca.

X

Durante o café, como acontecia muitas vezes, houve a conversa típica das damas, na qual não existia nenhum nexos, mas que obviamente se concatenava de alguma forma, pois transcorria sem interrupção.

As duas senhoras trocavam farpas e Liza manobrava entre elas com maestria.

– Fiquei tão aborrecida por não termos conseguido terminar de lavar seu quarto antes de você chegar – disse para o marido. – Eu queria tanto que tudo ficasse arrumado.

– Mas e você, dormiu depois que saí?

– Sim, dormi, estou bem.

– Como pode estar bem uma mulher na condição dela, neste calor insuportável, quando as janelas estão voltadas para o sol? – disse Varvara Alekséievna, mãe de Liza. – E sem persianas nem toldos. Na minha casa, sempre tivemos toldos.

– Mas aqui faz sombra desde as dez horas – disse Mária Pávlovna.

– Pois é daí que vem a febre. Da umidade – disse Varvara Alekséievna, sem notar que dizia exatamente o contrário do que tinha acabado de dizer. – Meu médico sempre diz que nunca é possível determinar qual é a doença sem conhecer o caráter do doente. E ele sabe do que está falando, porque é um médico de primeira classe, e nos cobra cem rublos. Meu falecido marido não acreditava em médicos, mas para mim ele não media despesas.

– Como pode um homem medir despesas para uma mulher, quando a vida dela e do bebê talvez

dependa...

– Sim, quando existem recursos, a esposa pode não depender do marido. Uma boa esposa obedece ao marido – disse Varvara Alekséievna –, só que Liza ainda está muito enfraquecida depois de sua enfermidade.

– Que nada, mamãe, eu me sinto ótima. Mas não serviram à senhora o creme de leite fervido?

– Não preciso disso. Posso comer cru mesmo.

– Eu perguntei a Varvara Alekséievna se queria. Ela recusou – disse Mária Pávlovna, como que para se justificar.

– Não, não, agora eu não quero. – E, como se fosse para pôr fim a uma conversa desagradável e fazer generosamente uma concessão, Varvara Alekséievna se voltou para Ievguiéni: – Mas então, pulverizaram a fosforita?

Liza foi correndo buscar o creme de leite.

– Mas eu não quero, não quero.

– Liza! Liza! Calma – disse Mária Pávlovna. – Esses movimentos ligeiros fazem mal a ela.

– Nada faz mal, se existe paz de espírito – disse Varvara Alekséievna, como se quisesse insinuar alguma coisa, embora ela mesma soubesse que suas palavras não podiam insinuar coisa nenhuma.

Liza voltou com o creme de leite. Ievguiéni tomou seu café e escutava com ar soturno. Estava habituado àquelas conversas, mas naquele dia sua estupidez deixou-o especialmente irritado. Queria refletir sobre o que havia acontecido e aquela tagarelice o incomodava. Depois de tomar o café, Varvara Alekséievna se retirou de mau humor. Liza, Ievguiéni e Mária Pávlovna ficaram sozinhos. E a conversa correu natural e agradável. No entanto, aguçada pelo amor, Liza logo notou que algo atormentava Ievguiéni e lhe perguntou se tinha ocorrido algo desagradável. Ele não estava preparado para a pergunta e gaguejou um pouco ao responder que não era nada. E a resposta obrigou Liza a pensar mais ainda. Que algo o atormentava, e o atormentava muito, era tão evidente para Liza como se uma mosca tivesse caído no leite, mas ele não disse o que tinha acontecido.

XI

Depois do café da manhã, todos se dispersaram. Ievguiéni, segundo um costume já estabelecido, foi para seu escritório. Não leu nem escreveu nenhuma carta, apenas se sentou e começou a fumar um cigarro depois do outro, enquanto pensava. Estava tremendamente surpreso e amargurado com o sentimento sórdido que se manifestara nele de modo inesperado e do qual ele se julgava livre desde o momento em que se casara. Desde então, não experimentara nenhuma vez aquele sentimento, nem por ela, a mulher que conhecia, nem por nenhuma outra, a não ser a esposa. No fundo da alma, alegrava-se muitas vezes com aquela libertação e agora, de repente, um acaso que parecia insignificante revelara que ele não estava livre. O que o atormentava não era o fato de se sujeitar de novo àquele sentimento, de que ele a desejava – nisso Ievguiéni não queria nem pensar –, mas sim o fato de o sentimento estar vivo dentro dele e de ser necessário ficar alerta contra isso. Em sua alma, não havia a menor dúvida de que sufocaria aquele sentimento.

Tinha uma carta para responder e um documento que precisava preencher. Sentou-se à escrivaninha e começou a trabalhar. Terminado o trabalho e totalmente esquecido do que o perturbava, saiu e foi à estrebaria. De novo, como que por uma fatalidade, por uma coincidência infeliz, ou quem sabe de propósito, assim que ele saiu para o alpendre, por trás do canto da parede, surgiu uma *paniova* vermelha, um xale vermelho, e ela passou por Ievguiéni abanando os braços, se requebrando. Como se não bastasse passar, ela deu uma corridinha, esquivando-se dele como que de brincadeira, e alcançou sua companheira

de serviço.

De novo, o meio-dia radiante, a urtiga, os fundos da cabana de Danila e o rosto dela sorridente, mordiscando folhas à sombra dos bordos, se rebelaram na imaginação de Ievguiéni.

“Não, isso não pode ficar assim”, disse consigo e, depois de aguardar um pouco até que as criadas sumissem de vista, foi ao escritório. Estava bem na hora do almoço e ele esperava ainda encontrar o administrador. Foi o que aconteceu. O administrador tinha acabado de acordar. Estava no escritório, de pé, se espreguiçava e bocejava, enquanto olhava para um vaqueiro que lhe falava alguma coisa.

– Vassíli Nikoláievitch!

– Às suas ordens.

– Preciso falar com o senhor.

– Às suas ordens.

– Termine primeiro.

– Será que não dá para trazer? – disse Vassíli Nikoláievitch para o vaqueiro.

– É pesado, Vassíli Nikoláievitch.

– O que é? – perguntou Ievguiéni.

– Uma vaca pariu no campo. Mas tudo bem, vou mandar atrelar um cavalo agora mesmo. Mande o Nikolai Lizukh atrelar, ainda que seja numa carroça.

O vaqueiro foi embora.

– Pois é – começou Ievguiéni, se ruborizando e percebendo isso. – Pois é, Vassíli Nikoláievitch. Sabe, quando era solteiro, tive lá meus pecados... O senhor talvez tenha ouvido falar...

Vassíli Nikoláievitch sorriu com os olhos e, pelo visto, com pena do patrão, disse:

– Está falando da Stiepanichka?

– Pois é. Isso mesmo. Por favor, por favor, não mande mais que ela trabalhe na minha casa como diarista... O senhor entende, é muito desagradável para mim...

– Na certa foi o Vânia, o empregado do escritório, que arranjou para ela.

– Então, por favor... Mas e então, já pulverizaram o que sobrou? – perguntou Ievguiéni a fim de esconder seu embaraço.

– Vou cuidar disso agora mesmo.

E assim o caso foi encerrado. E Ievguiéni se acalmou, esperando que, como havia passado um ano sem vê-la, também seria assim, dali em diante.

“Além do mais, Vassíli vai falar com Ivan, do escritório, Ivan vai falar com ela e ela vai entender que não quero isso”, disse Ievguiéni consigo e se alegrou por ter tomado a decisão e ter falado com Vassíli, por mais difícil que tenha sido para ele. “Qualquer coisa é melhor, qualquer coisa é melhor do que essa dúvida, essa vergonha.” E estremeceu por causa da mera lembrança do pensamento criminoso.

XII

O esforço moral que fez para vencer a vergonha e falar com Vassíli Nikoláievitch tranquilizou Ievguiéni. Teve a impressão de que agora tudo estava terminado. E Liza logo notou que ele estava plenamente tranquilizado e até mais alegre do que de costume. “Na certa, ficou amargurado com a troca de farpas entre as mães. De fato, é penoso, ainda mais para ele, com sua sensibilidade e nobreza, ouvir o tempo todo essas insinuações hostis e de tom maldoso”, pensou Liza.

O dia seguinte era o dia da Santíssima Trindade. O tempo estava excelente e as criadas, como de hábito, foram à floresta colher ramos para trançar grinaldas, vieram para a frente da casa senhorial e começaram a cantar e dançar. Mária Pávlovna e Varvara Alekséievna saíram para o alpendre em roupas de festa e com sombrinhas e se aproximaram da roda de dança. Junto com elas, numa sobrecasaca chinesa, veio também o tio obeso, libertino e beberrão que estava passando o verão na casa de Ievguiéni.

Como sempre, havia um círculo de cores variadas e radiantes formado por moças e meninas camponesas no centro de tudo e, em volta, de várias direções, como planetas e satélites que se tivessem desgarrado e girassem atrás delas, meninas de mãos dadas farfalhavam seus vestidos novos de chita enfeitados, mais adiante uma meninada corria para lá e para cá, uns atrás dos outros, bufando por algum motivo, ou rapazinhos maiores, de camisas vermelhas, bonés, e casacos pretos e azuis, não paravam de cuspir cascas de sementes de girassol, ou criados da casa ou de fora olhavam de longe para a roda de dança. As duas senhoras foram até a roda e atrás delas veio Liza, de vestido azul-claro, com fitas da mesma cor na cabeça, e pelas mangas folgadas se viam seus braços compridos e brancos, de cotovelos angulosos.

Ievguiéni não tinha vontade de sair, mas seria ridículo esconder-se. Com um cigarro, saiu também para o alpendre, cumprimentou a meninada e os mujiques e começou a conversar com um deles. Enquanto isso, as camponesas gritavam com toda a força a canção da dança, estalavam os dedos, batiam palmas e dançavam.

– A patroa está chamando – disse um rapaz, se aproximando de Ievguiéni, que não tinha ouvido o chamado da esposa. Liza o chamou para ver a dança e observar uma das camponesas que dançavam e que lhe agradara em especial. Era Stiepacha. Estava de vestido amarelo, colete de veludo e xale de seda, quadris largos, vigorosa, rosada, alegre. Devia estar dançando bem. Ele mesmo não via nada.

– Sim, sim – disse Ievguiéni, enquanto tirava e colocava o pincenê. – Sim, sim – disse. “Parece que é mesmo impossível livrar-me dela”, pensou.

Ievguiéni nem olhou para ela, porque temia sua atração e, justamente por isso, o que viu de relance já lhe pareceu muito atraente. Além do mais, pelo brilho do olhar de Stiepanida, via que ela o via, e que ela via que ele a admirava. Ievguiéni ficou ali o tempo necessário para manter as aparências e deu meia-volta e se afastou, ao ver que Varvara Alekséievna acenou para ela e, de modo desajeitado e falso, chamando-a de queridinha, pôs-se a conversar com Stiepanida. Ele se afastou e voltou para casa. Foi embora para não vê-la, mas ao entrar no andar de cima de casa, sem saber como nem para quê, Ievguiéni se aproximou da janela e ficou ali durante todo o tempo que as camponesas estiveram na frente do

alpendre e olhava, olhava para ela, inebriava-se com ela.

Ele desceu correndo antes que alguém pudesse vê-lo, seguiu para a sacada em passos silenciosos e lá, depois de fumar um cigarro, como se desse um passeio, foi para o jardim e seguiu a direção que ela havia tomado. Não chegou a dar dois passos pela alameda quando, atrás das árvores, viu de relance um colete de veludo, o vestido cor-de-rosa⁷ e o xale vermelho. Ela ia para algum lugar com outra camponesa. “Aonde estão indo?”

E de repente um desejo terrível tomou conta dele, como se agarrasse seu coração na mão. Ievguiéni, como que por força de uma vontade alheia, virou-se e andou na direção dela.

– Ievguiéni Ivánitch, Ievguiéni Ivánitch! Eu queria pedir um favor ao senhor – disse uma voz atrás dele e Ievguiéni, ao ver o velho Samókhin, que estava abrindo um poço para ele, recuperou o controle de si mesmo, deu meia-volta depressa e andou na direção de Samókhin. Enquanto conversava com ele, se virou de lado e viu que as duas camponesas estavam descendo, obviamente rumo ao poço, ou tomavam o poço como pretexto, e, depois de ficarem ali um tempo, correram para a roda de dança.

XIII

Terminada a conversa com Samókhin, Ievguiéni voltou para casa arrasado, como se tivesse cometido um crime. Em primeiro lugar, ela o compreendeu, ela pensou que ele queria vê-la, e ela também desejava aquilo. Em segundo lugar, a outra mulher – a tal Anna Prókhorova – certamente sabia de tudo.

O principal era que ele sentia que estava derrotado, que não agia por vontade própria, que existia outra força que o movia; que daquela vez ele se salvara só por um acaso, mas que, se não tinha sido agora, amanhã ou depois de amanhã, de um jeito ou de outro, ele estaria perdido.

“Sim, perdido”, era só assim que via a situação, “trair minha esposa jovem e amorosa, no campo, com uma camponesa, à vista de todo mundo, por acaso isso não é a perdição, uma perdição terrível, depois da qual é impossível continuar vivendo? Não, é preciso tomar uma providência.”

“Meu Deus, meu Deus! O que vou fazer? Será que vou me perder assim?”, disse consigo. “Será que não é possível tomar alguma providência? Sim, é preciso fazer alguma coisa. Não pensar nela”, ordenou a si mesmo. “Não pensar!” E imediatamente começou a pensar e viu-a na sua frente, viu a sombra dos bordos.

Lembrou-se de ter lido a história de um velho monge que, para evitar a sedução de uma mulher na qual tinha de pôr a mão para curá-la, pôs a outra mão num braseiro e queimou os dedos. Lembrou-se disso. “Sim, estou mais disposto a queimar os dedos do que a me perder.” E então, depois de olhar em volta para ver se não havia ninguém ali, acendeu um palito de fósforo e pôs o dedo no fogo. “Pronto, pense nela agora”, disse para si mesmo em tom irônico. “Que absurdo. Não é isso que é preciso fazer. É preciso tomar providências para não vê-la mais: fugir eu mesmo ou afastá-la. Sim, afastar! Oferecer dinheiro ao marido para ele ir embora para a cidade ou para outra aldeia. Vão ficar sabendo, vão falar disso. Mas e daí? Qualquer coisa é melhor do que esse perigo. Sim, é preciso fazer isso”, disse consigo, sem baixar os olhos que a miravam. “Para onde será que ela foi?”, perguntou-se de repente. Ela, assim lhe parecia, o tinha visto na janela e agora, depois de lançar um olhar para ele, segurou a mão de outra camponesa e foi para o jardim, sacudindo o braço com desenvoltura. Sem que ele mesmo soubesse para que e por que, lá foi ele para o escritório, envolvido nos próprios pensamentos.

Numa elegante sobrecasaca, com o cabelo coberto de pomada, Vassíli Nikoláievitch estava tomando chá com a esposa e uma visita com um xale adamascado.

- Quería trocar uma palavrinha com você, Vassíli Nikoláievitch.
- Claro. Por favor. Já terminamos.

– Não, é melhor o senhor vir comigo.

– Num instante, deixe-me só pegar o quepe. Tânia, tampe o samovar – disse Vassíli Nikoláievitch, enquanto saía alegremente.

Ievguiéni teve a impressão de que ele havia bebido muito, mas o que fazer? Talvez fosse até melhor assim, Vassíli se colocaria na posição dele com mais simpatia.

– Vassíli Nikoláievitch, quero lhe falar de novo sobre aquela mulher – disse Ievguiéni.

– Mas o que foi? Já dei ordem para não a chamarem de jeito nenhum.

– Não é isso, vou explicar o que estou pensando, em linhas gerais, e também gostaria de ouvir seu conselho. Não seria possível afastá-los daqui, mandar toda a família para longe?

– Mandar para onde? – perguntou Vassíli, com ar descontente e irônico, pareceu a Ievguiéni.

– Pois é, eu estava pensando em dar dinheiro para eles ou até dar umas terras em Koltovsk, contanto que ela não ficasse aqui.

– Mas como mandar embora? Como ele poderia ir para longe de suas raízes? E para que o senhor quer isso? Que mal ela faz ao senhor?

– Ah, Vassíli Nikoláievitch, o senhor entende que seria horrível se minha esposa soubesse.

– Mas quem é que vai contar para ela?

– E como se pode viver com esse medo? Além do mais, é penoso.

– Mas, francamente, o que é que preocupa o senhor? São águas passadas. E, afinal, quem não pecou aos olhos de Deus e não é culpado perante o tsar?

– Mesmo assim, era melhor mandar para longe. O senhor não pode falar com o marido?

– Mas o que vou dizer para ele? Ora, Ievguiéni Ivánovitch, o que deu no senhor? Tudo isso é coisa do passado e está esquecido. Acontece, não é? E quem é que agora vai falar mal do senhor? Afinal, o senhor é importante.

– Mesmo assim, fale com ele.

– Está bem, vou falar.

Embora soubesse de antemão que não ia dar em nada, aquela conversa já tranquilizou um pouco Ievguiéni. O principal é que percebeu que havia exagerado o perigo por causa da emoção.

Mas será que tinha tentado se encontrar com ela? Impossível. Ele simplesmente passou pelo jardim e, por acaso, ela também havia corrido para lá.

XIV

Naquele mesmo dia da Santíssima Trindade, depois do almoço, quando Liza deu um passeio pelo jardim e seguiu para o prado, aonde o marido a estava levando para mostrar a plantação de trevos, ao atravessar uma pequena vala, ela tropeçou e caiu. Caiu de leve e de lado, mas deu um gemido e, no rosto, o marido viu não só susto, mas também dor. Quis levantá-la, mas Liza afastou sua mão.

– Não, espere um pouco, Ievguiéni – disse ela, com um sorriso frouxo e olhando para ele de baixo para cima, com um ar de culpa, assim pareceu a Ievguiéni. – Só torci o pé.

– É o que sempre digo – começou Varvara Alekséievna. – Será possível alguém nesse estado pular uma vala?

– Mas não foi nada, mamãe. Vou levantar num instante.

Levantou com a ajuda do marido, mas na mesma hora empalideceu e no rosto surgiu uma expressão de medo.

– É, não estou bem – e sussurrou algo para o marido.

– Ah, meu Deus, o que foi que vocês fizeram? Eu bem que disse para não ir – gritou Varvara

Alekséievna. – Esperem, vou chamar os criados. Ela não pode andar. Tem de ser carregada.

– Você não tem medo, não é, Liza? Eu carrego você – disse Ievguiéni e a envolveu com o braço esquerdo. – Abrace meu pescoço. Isso, assim.

Então ele se inclinou, segurou-a com o braço por baixo da perna esquerda e levantou-a. Depois disso, jamais ele conseguiu se esquecer da expressão de dor e beatitude que viu no rosto da esposa.

– É muito pesado para você, querido – disse ela, sorrindo. – Olhe lá a mamãe correndo, chame por ela!

E Liza se inclinou para ele e o beijou. Certamente queria que a mãe também visse que o marido a carregava.

Ievguiéni gritou para Varvara Alekséievna que não precisava correr, que ele estava levando Liza nos braços. Varvara Alekséievna parou e começou a gritar com mais força ainda.

– Você vai deixar Liza cair, com toda a certeza vai deixar cair. Quer matá-la. Não tem consciência.

– Mas estou carregando muito bem.

– Eu não quero, não posso nem ver como você massacra minha filha. – E correu para além da curva da alameda.

– Isso não é nada, vai passar – disse Liza, sorrindo.

– Mas tomara que não haja consequências, como da outra vez.

– Não, eu não estava falando disso. O tombo não foi nada, a questão é a mamãe. Você está cansado, descanse um pouco.

No entanto, embora estivesse mesmo pesada para ele, Ievguiéni, com alegria e orgulho, levou sua carga até a casa e não a entregou à arrumadeira nem ao cozinheiro, que Varvara Alekséievna mandara ir ao encontro deles. Ievguiéni carregou-a até o quarto e colocou-a na cama.

– Pronto, pode ir – disse Liza, puxou a mão dele para si e a beijou. – Eu e a Ánnuchka nos arranjamos agora.

Mária Pávlovna também veio correndo da ala dos fundos. Trocaram a roupa de Liza e a ajeitaram na cama. Ievguiéni sentou-se na sala com um livro nas mãos e ficou esperando. Varvara Alekséievna passou por ele com um aspecto tão sombrio e carregado de censura que até lhe deu medo.

– E então? – perguntou ele.

– E então? Precisa perguntar? Aconteceu o que o senhor queria, certamente, quando obrigou a esposa a pular um fosso.

– Varvara Alekséievna! – exclamou ele. – Isso é insuportável. Se a senhora quer torturar as pessoas e envenenar suas vidas... – ele queria dizer: vá embora para qualquer lugar longe daqui, mas se conteve. – Como é que a senhora não percebe?

– Agora é tarde.

E atravessou a porta, abanando a touca com ar triunfante.

Na verdade, o tombo foi feio. O pé se torceu de mau jeito e havia o risco de outro aborto. Todos sabiam que era impossível fazer alguma coisa, que só era preciso que ela ficasse deitada, quieta; mesmo assim resolveram chamar o médico.

“Prezado Nikolai Semiónovitch”, escreveu Ievguiéni para o médico. “O senhor sempre foi tão gentil conosco que, espero, não deixará de vir prestar socorro à minha esposa. Ela...” etc. Depois de escrever a carta, foi à cocheira mandar que preparassem os cavalos e a carruagem. Era preciso ter cavalos prontos para trazer o médico e também outros cavalos para levá-lo de volta. Quando uma propriedade não anda de vento em popa, é impossível providenciar essas coisas de uma hora para outra, é preciso planejar bem. Depois de organizar tudo e despachar o cocheiro, Ievguiéni voltou para casa às dez horas. A esposa estava deitada e disse que se sentia ótima e que nada estava doendo. Mas Varvara Alekséievna estava sentada junto ao lampião encoberto por partituras de Liza e tricotava uma grande manta vermelha com uma expressão que dizia claramente que, depois do que havia ocorrido, não poderia mais haver paz.

“Façam o que quiserem, pelo menos eu cumpri meu dever.”

Ievguiéni percebia isso, mas, para fazer de conta que não notava, fez força para mostrar-se alegre e despreocupado, contou como havia preparado os cavalos e que a égua Kavuchka se comportara muito bem do lado esquerdo da troica.

– Sim, é claro, este é o melhor momento para adestrar os cavalos, logo na hora em que precisamos da ajuda do médico. Na certa, também vão jogar o médico numa vala – disse Varvara Alekséievna, dando uma olhada para o tricô por baixo do pincenê e chegando a costura bem perto do lampião.

– Mas era preciso mandar alguém. Fiz o melhor que pude.

– Lembro muito bem como seus cavalos me jogaram debaixo do trem.

Era uma antiga invencionice dela e dessa vez Ievguiéni cometeu a imprudência de dizer que não tinha sido assim.

– Não é à toa que sempre digo, e já disse muitas vezes ao príncipe, que a coisa mais penosa do mundo é viver com gente insincera; eu suporto tudo, menos isso.

– Mas se há alguém que sofre mais do que todos, sem dúvida sou eu – disse Ievguiéni.

– Sim, dá para ver.

– O quê?

– Nada, estou contando os pontos do tricô.

Dessa vez Ievguiéni estava de pé junto à cama, Liza olhava para ele e, com uma das mãos molhadas que jazia por cima da coberta, pegou a mão do marido e apertou: “Suporte-a por mim. Afinal, ela não impede que nos amemos”, dizia seu olhar.

– Não falo mais. Pronto – sussurrou ele e beijou sua mão comprida e molhada e, depois, os olhos meigos, que se fecharam enquanto ele os beijava.

– Será que vai acontecer a mesma coisa da outra vez? – perguntou ele. – Como está se sentindo?

– Tenho medo de dizer, para não me enganar, mas sinto dentro de mim que ele está vivo e vai viver – respondeu Liza, olhando para a barriga.

– Ah, dá medo, dá medo só de pensar.

Apesar de Liza insistir para que ele saísse, Ievguiéni passou a noite com ela, cochilando com um olho aberto e pronto para lhe prestar toda a ajuda. Mas Liza passou bem a noite e, se não tivessem chamado o médico, teria até levantado.

O médico chegou na hora do almoço e, é claro, disse que, embora casos reincidentes pudessem inspirar preocupação, propriamente falando não havia uma indicação positiva, mas também não havia o contrário, portanto era possível, de um lado, supor uma coisa e, de outro lado, também era possível supor o contrário. E por isso era preciso ficar deitada e, embora ele não gostasse de prescrever remédios, mesmo assim ela devia tomar o remédio e ficar deitada. Além disso, o médico deu uma aula de anatomia feminina para Varvara Alekséievna, que balançava a cabeça com ar muito sério enquanto o ouvia. Depois de receber os honorários na parte mais posterior da palma da mão, como era costume, o médico foi embora e a enferma ficou na cama durante uma semana.

Ievguiéni passou a maior parte do tempo junto à cama da esposa, ajudava-a, conversava com ela, lia para ela e, o que era o mais difícil, sem nenhuma queixa, suportava os ataques de Varvara Alekséievna e até conseguia fazer piadas com aqueles ataques.

Mas Ievguiéni não podia ficar em casa. Em primeiro lugar, a esposa o mandava sair, dizendo que ele ia acabar adoecendo se permanecesse o tempo todo ao lado dela; em segundo lugar, a propriedade

continuava a exigir sua presença para tudo. Ele não podia ficar em casa, mas, estivesse no campo, na floresta, no jardim, na eira coberta, em toda parte, não só o pensamento, mas a imagem viva de Stiepanida o perseguia de tal modo que raramente conseguia esquecê-la. Porém isso não tinha importância: talvez conseguisse vencer aquele sentimento. O pior de tudo era que antes ele vivia meses sem vê-la e agora a via e a encontrava toda hora. Claro que Stiepanida havia entendido que Ievguiéni queria retomar as relações com ela e fazia de tudo para ficar no caminho dele. Nem ele nem ela diziam nada e, por isso, não iam direto para um encontro, mas apenas procuravam cruzar seus caminhos.

O lugar onde podiam encontrar-se era a floresta, aonde as camponesas iam com sacos pegar trevo para as vacas comerem. Ievguiéni sabia e por isso, todo dia, passava pela floresta. Todo dia dizia a si mesmo que não iria e todo dia acabava se dirigindo para a floresta e, ao ouvir o som de vozes, parava atrás de um arbusto e, com o coração palpitante, espiava para ver se não era ela.

Para que precisava saber se era ela? Nem ele mesmo sabia. Se fosse ela e estivesse sozinha, ele não iria a seu encontro – assim pensava –, fugiria dali; mas precisava vê-la. Certa vez a encontrou: na hora em que entrou na floresta, ela estava saindo com duas camponesas e um saco pesado nas costas, cheio de trevo. Um pouco mais cedo, e talvez ele esbarrasse com ela na floresta. Agora, à vista de outras camponesas, era impossível para ela voltar para a floresta, ao encontro dele. No entanto, apesar de estar ciente daquela impossibilidade, ele ainda ficou muito tempo atrás do arbusto de avelã, se arriscando a chamar para si a atenção das outras camponesas. Naturalmente, ela não voltou, mas ele permaneceu ali muito tempo. E, meu Deus, com que fascínio sua imaginação pintava a imagem dela. E não foi a primeira vez, mas a quinta, a sexta vez. E a cada vez era mais forte. Nunca ela lhe parecera tão atraente; nunca ela o havia dominado de modo tão completo.

Sentia que estava perdendo o controle de si mesmo, estava quase enlouquecendo. O rigor consigo mesmo não tinha diminuído nem um fio de cabelo; ao contrário, ele via toda a sordidez de seus desejos, e até das ações, pois suas incursões na floresta eram ações. Sabia que bastava deparar com ela em qualquer lugar, no escuro, passar perto, tocá-la se possível, para ele se render a seu sentimento. Sabia que só a vergonha diante dos outros, diante dela e de si mesmo o continha. E sabia que procurava as condições em que a vergonha não se fizesse notar – o escuro ou um toque, no qual a vergonha seria sufocada pela paixão animal. E por isso sabia que era um criminoso sórdido e, com todas as forças da alma, sentia desprezo e ódio de si mesmo. Tinha ódio de si mesmo porque ainda não havia capitulado de uma vez. Todo dia, inventava meios de livrar-se daquela alucinação e empregava esses meios.

Mas era tudo em vão.

Um dos meios era se manter sempre ocupado; outro era o trabalho braçal exaustivo e o jejum; outro era imaginar com toda a clareza a vergonha que desabaria sobre sua cabeça quando todos soubessem – a esposa, a sogra, os criados. Fazia tudo isso e lhe parecia que ia vencer, mas chegava a hora, o meio-dia, a hora dos antigos encontros e a hora em que ele a encontrou apanhando o trevo, e Ievguiéni ia para a floresta.

Assim passaram cinco dias torturantes. Ele só a via de longe, nem uma vez se encontrou com ela.

XVI

Liza se restabeleceu aos poucos, caminhava e se inquietava com a mudança que ocorrera no marido e que ela não entendia.

Varvara Alekséievna tinha viajado por um tempo, dos hóspedes só sobrara o tio. Mária Pávlovna, como sempre, estava em casa.

Ievguiéni se encontrava nesse estado de semiloucura quando, como acontece muitas vezes depois

das tempestades juninas, vieram as chuvas torrenciais de junho, que se estenderam por dois dias. As chuvas afastaram todos do trabalho. Até pararam de carregar o esterco, por causa da lama e do aguaceiro. As pessoas ficavam em casa. Os pastores penaram para recolher o gado e, afinal, tocaram os animais de volta para o curral. As vacas e as ovelhas andavam pelo pasto e se espalhavam pelos terreiros. As camponesas, descalças e cobertas por lenços, saíam afobadas, espirrando lama, à procura das vacas desgarradas. Regatos de água de chuva corriam por todos os lados nas estradas, todas as folhas, todos os trevos estavam encharcados e, o tempo todo, torrentes de água jorravam das calhas para dentro de poças borbulhantes. Ievguiéni ficava em casa com a esposa, que naquele dia estava especialmente maçante. Várias vezes perguntara a Ievguiéni a causa de sua insatisfação e ele respondia, irritado, que não era nada. Ela parou de perguntar, mas ficou amargurada.

Depois do café da manhã, foram sentar-se na sala de visitas. O tio contava pela centésima vez suas histórias fantasiosas sobre conhecidos da alta sociedade. Liza tricotava um casaquinho e suspirava, queixando-se do mau tempo e das dores nos rins. O tio recomendou que deitasse e pediu vinho para si. Em casa, Ievguiéni se sentia terrivelmente entediado. Tudo era sem graça, maçante. Lia um livro e fumava, mas não entendia nada.

- Pois é, tenho de examinar os trituradores que trouxeram ontem – disse ele. Levantou-se e foi.
- Leve um guarda-chuva.
- Não precisa, vou de casaco de couro. Além do mais, só vou até as caldeiras.

Calçou as botas, vestiu o casaco de couro e foi na direção da usina; mas nem deu vinte passos quando deparou com ela, vindo em sua direção, com a *paniova* arregaçada bem alta, acima das panturrilhas brancas. Ela andava segurando o xale, que cobria a cabeça e os ombros.

– O que está fazendo? – perguntou ele, sem reconhecê-la no primeiro instante. Quando reconheceu, já era tarde. Ela parou e, sorrindo, ficou muito tempo olhando para ele.

– Estou procurando um bezerro. Mas para onde o senhor vai com esse tempo tão feio? – perguntou ela, como se o visse todo dia.

– Vá para a cabana – disse ele de repente, sem saber como. Foi como se outra pessoa tivesse falado as palavras de dentro dele.

Ela mordiscou o xale, acenou com os olhos e correu para o lugar de onde tinha vindo, o jardim, na direção da cabana, e ele continuou no seu caminho com a intenção de dar a volta por trás de um arbusto de lilases e tomar a mesma direção que ela.

– Patrão – ouviu uma voz atrás de si. – A patroa está chamando, pediu que o senhor fosse lá um instante.

Era Micha, criado deles.

“Meu Deus, pela segunda vez você me salvou”, pensou Ievguiéni, e voltou na mesma hora. A esposa lembrou a Ievguiéni que ele havia prometido levar um remédio para uma mulher doente na hora do almoço e por isso ela pediu que o levasse agora.

Enquanto preparavam o remédio, passaram cinco minutos. Depois, ao sair com o remédio, ele não se arriscou a ir à cabana, com medo de que o vissem de casa. No entanto, assim que não pôde mais ser visto, logo deu a volta e tomou a direção da cabana. Na imaginação, já a estava vendo no meio da cabana, sorrindo com alegria; mas ela não estava, e não havia nada na cabana que indicasse que ela estivera lá. Ievguiéni já achava que ela não tinha ido, não ouvira e não entendera suas palavras. Tinha murmurado as palavras baixinho, como se temesse que ela ouvisse. “Ou, quem sabe, não quis vir? De onde tirei a ideia de que ela está assim com tanta vontade de me ver? Já tem seu marido; eu é que sou o único depravado, já tenho esposa, e bonita, e ainda corro por aí atrás da esposa dos outros.” Assim pensava, sentado dentro da cabana, onde uma goteira no telhado de palha pingava num só lugar. “Mas que felicidade se ela tivesse vindo. Sozinhos aqui, nessa chuva. Quem dera abraçá-la de novo só uma vez mais, e depois, que aconteça o que tiver que acontecer. Ah, sim”, lembrou-se, “posso descobrir se ela

veio pelas pegadas.” Observou a terra batida no caminho para a cabana e o capim baixo da trilha, e achou a pegada fresca de um pé descalço. “Sim, ela veio. Mas agora acabou. Não tem jeito, irei atrás dela onde eu a vir, em qualquer lugar. De noite, vou à sua casa.” Ficou muito tempo na cabana e saiu de lá exausto e abatido. Levou o remédio, voltou para casa e deitou no quarto, à espera do almoço.

XVII

Antes do almoço, Liza veio vê-lo e, sempre imaginando qual seria a causa de sua insatisfação, começou dizendo que tinha receio de que ele não gostasse da ideia de levá-la para Moscou para dar à luz e que ela havia resolvido ficar ali mesmo. E que não iria para Moscou de jeito nenhum. Ele sabia como a esposa tinha medo do parto em si e também de dar à luz um bebê com problemas e por isso não pôde deixar de se sentir comovido ao ver a facilidade com que a esposa sacrificava tudo por amor a ele. Tudo em casa era tão bom, alegre, puro; mas em sua alma havia sujeira, sordidez e horror. Ievguíeni passou a noite inteira atormentado por saber que, apesar de sua sincera aversão por sua fraqueza, apesar da firme intenção de parar, no dia seguinte aconteceria a mesma coisa.

“Não, não pode ser”, disse ele consigo, enquanto andava para um lado e para outro em seu quarto. “Afinal, tem de haver um meio para evitar isso. Meu Deus! O que fazer?”

Alguém bateu na porta à maneira dos estrangeiros. Ele sabia que era o tio.

– Entre – disse.

O tio veio na condição de embaixador espontâneo de Liza.

– Sabe que, de fato, tenho notado uma mudança em você – disse ele. – E percebo como isso atormenta Liza. Entendo que seja penoso para você deixar todas as coisas ótimas que começou aqui, mas o que você quer, *que veux-tu?* Eu recomendaria que vocês fizessem uma viagem. Será tranquilizador, para você e para ela. Meu conselho é viajar para a Crimeia. O clima lá é um obstetra maravilhoso e vocês chegariam no auge da temporada das uvas.

– Tio – disse Ievguíeni de repente. – O senhor pode guardar meu segredo, um segredo horrível para mim, um segredo vergonhoso?

– Desculpe, mas será possível que você não confia em mim?

– Titio! O senhor pode me ajudar. Não, ajudar, não: me salvar – disse Ievguíeni. E a ideia de que ia revelar seu segredo ao tio, a quem sequer respeitava, a ideia de que ia se mostrar a ele sob a luz mais desfavorável, rebaixar-se diante dele, lhe agradou. Sentia-se detestável, culpado, e queria se castigar.

– Fale, meu amigo, você sabe que me afeiçoei a você – começou a dizer o tio, visivelmente muito satisfeito, porque havia um segredo, porque era um segredo vergonhoso, porque seria revelado a ele e porque ele podia ser útil.

– Antes de tudo devo dizer que sou detestável, indigno, um canalha, um perfeito canalha.

– Mas, ora, o que está dizendo? – começou o tio, estufando o pescoço.

– Como não me considerar um canalha quando eu, marido de Liza, de Liza!... é preciso conhecer sua pureza, seu amor... quando eu, seu marido, quero trair minha esposa com uma camponesa?

– Então quer dizer que você quer? Ainda não traiu?

– Sim, mas é o mesmo que já tivesse traído, porque não dependeu de mim. Eu já estava pronto. Vieram me impedir, do contrário eu agora... eu agora... Nem sei o que eu faria.

– Por favor, me explique...

– Certo, então escute. Quando era solteiro, fiz a bobagem de ter relações com uma mulher daqui, da nossa aldeia. Quer dizer, eu me encontrava com ela na floresta, no campo...

– E é bonitinha? – perguntou o tio.

Ievguiéni franziu as sobrancelhas diante da pergunta, mas precisava tanto da ajuda de alguém que fingiu não ouvir, e continuou:

– Bem, achei que era assim, que eu ia romper e tudo estaria terminado. E rompi ainda antes do casamento e fiquei quase um ano sem vê-la e sem pensar nela. – O próprio Ievguiéni estava achando estranho ouvir sua voz, ouvir a descrição de sua situação. – Depois, de repente, já nem eu sei por quê... na verdade, às vezes a gente até acredita em feitiçaria... eu a vi e um verme penetrou no meu coração... e está me devorando. Eu me recrimino, compreendendo todo o horror de meus atos, ou seja, o que sou capaz de fazer a qualquer minuto, e mesmo assim vou em frente, e se não fiz nada, foi só porque Deus me salvou. Ontem eu estava indo ao encontro dela, quando Liza mandou me chamar.

– Mas como, na chuva?

– Sim, estou arrasado, tio, e resolvi me abrir com o senhor e pedir sua ajuda.

– Sim, é claro, dentro de sua propriedade não fica bem. Vão descobrir. Eu entendo que Liza está fraca, é preciso poupá-la, mas por que na sua propriedade?

De novo, Ievguiéni fez força para não ouvir o que o tio dizia e tratou de entrar logo na essência da questão.

– Salve-me de mim mesmo. É o que estou pedindo ao senhor. Hoje me impediram por acaso, mas amanhã, de outra vez, não vão me impedir. E agora ela está sabendo. O senhor, por favor, não me deixe sozinho.

– Sim, é claro – disse o tio. – Mas será possível que o senhor esteja tão apaixonado assim?

– Ah, não é nada disso. Não é isso, é uma espécie de força que me agarrou e me prende. Não sei o que fazer. Talvez eu fique mais forte, quando...

– Pronto, aí está, faça como eu disse – respondeu o tio. – Vamos para a Crimeia.

– Sim, sim, vamos, por enquanto ficarei ao seu lado, vamos conversando.

XVIII

O fato de ter confiado ao tio seu segredo e, acima de tudo, os tormentos da consciência e a vergonha que sofreu depois daquele dia de chuva levaram Ievguiéni a ver as coisas com mais clareza. Ficou decidido que dali a uma semana iam viajar para Ialta. Durante aquela semana, Ievguiéni foi à cidade arranjar dinheiro para a viagem, deixou instruções a respeito da propriedade para o pessoal da casa e do escritório, sentiu-se alegre outra vez, aproximou-se da esposa e começou a renascer espiritualmente.

Assim, sem ver Stiepanida nem uma vez depois daquele dia de chuva, ele partiu com a esposa para a Crimeia. Passaram dois meses maravilhosos na Crimeia. Eram tantas as impressões novas para Ievguiéni que tudo o que havia ocorrido pareceu se apagar de suas memórias. Na Crimeia, encontraram conhecidos antigos e estreitaram suas amizades; além disso, fizeram novos conhecidos. Para Ievguiéni, a vida na Crimeia era uma festa constante, além de ser instrutiva e útil. Lá, eles se aproximaram de um antigo dirigente da província deles, homem liberal e inteligente, que se afeiçoou de Ievguiéni, ensinou-lhe seu modo de pensar e o atraiu para suas posições. No fim de agosto, Liza deu à luz uma menina linda e saudável e, surpreendentemente, seu parto foi muito fácil.

Em setembro, os Irtiéniév voltaram para casa e agora eram quatro, contando com o bebê e a ama de leite, pois Liza não podia amamentar. Totalmente livre dos antigos horrores, Ievguiéni voltou para casa como um homem completamente novo e feliz. Tendo experimentado tudo que os maridos experimentam na hora do parto, ele amou a esposa com mais força ainda. O sentimento pelo bebê quando o segurou nos braços foi engraçado, novo, muito agradável, como uma sensação de cócegas. Outra novidade em sua vida, agora, era que, além dos afazeres da propriedade, graças à proximidade com Dúmtchin (o ex-

dirigente de província), surgiu um interesse novo pelo *ziémstvo*, em parte por ambição, em parte por consciência do dever. Em outubro, haveria uma assembleia extraordinária na qual ele deveria ser eleito. Depois que voltou para casa, Ievguiéni saiu uma vez para ir à cidade e outra vez para visitar Dúmtchin.

Os tormentos da tentação e da luta estavam esquecidos, ele nem pensava no assunto e só a muito custo conseguia reconstituir aquilo na imaginação. Parecia ter sido uma espécie de acesso de loucura que o acometera.

Agora se sentia livre daquilo a tal ponto que nem teve medo de perguntar ao administrador, na primeira oportunidade em que os dois ficaram sozinhos. Como já havia falado com ele sobre o assunto, não teve vergonha de perguntar.

- Então, o Sídor Ptchélnikov continua morando fora? – perguntou.
- Fica o tempo todo na cidade.
- E a mulher dele?
- Ah, aquilo não vale nada! Agora anda com Zinóvi. É um caso perdido.

“Ora, que ótimo”, pensou Ievguiéni. “É surpreendente como nem ligo mais para isso e como eu mudei.”

XIX

Tudo que Ievguiéni desejava se realizou. Manteve a posse da propriedade, a usina estava em funcionamento, a colheita de beterraba foi excelente e era esperado um grande lucro; a esposa teve um parto seguro, a sogra foi embora e ele foi eleito por unanimidade.

Depois da eleição, Ievguiéni estava voltando da cidade para casa. Davam-lhe os parabéns e ele tinha de agradecer. Foi a um almoço e tomou cinco taças de champanhe. Agora, traçava planos de vida inteiramente novos. Viajava para casa e pensava neles. Era um pequeno verão fora de época. A estrada estava excelente, o sol muito claro. Enquanto viajava para casa, Ievguiéni pensava que, com a eleição, ele ocuparia entre o povo exatamente a posição que sempre havia sonhado, ou seja, estaria em condições de servir ao povo não só por meio da produção, que proporcionava trabalho, mas também por meio de uma influência direta. Imaginava como seus camponeses e os de outras propriedades iriam julgá-lo dali a três anos. “Esse aí, por exemplo”, pensou enquanto passava pela aldeia e olhava para um mujique que cruzou seu caminho com uma camponesa, carregando um barril cheio. Os dois pararam, deixando o caminho livre para a carruagem. O mujique era o velho Ptchélnikov, a mulher era Stiepanida. Ievguiéni deu uma olhada para ela, reconheceu-a e sentiu com alegria que permanecera perfeitamente calmo. Estava bonita como sempre, mas aquilo não o afetou em nada. Chegou em casa. A esposa foi a seu encontro no alpendre. Fazia uma tarde maravilhosa.

- E então, posso lhe dar os parabéns? – perguntou o tio.
- Sim, fui eleito.
- Que maravilha. Temos de comemorar.

Na manhã seguinte, Ievguiéni saiu a cavalo pela propriedade, que ele deixara de lado. Na eira coberta, a debulhadora nova estava funcionando. Enquanto observava seu funcionamento, Ievguiéni caminhava no meio das camponesas tentando não olhar para elas, no entanto, apesar de todo o seu esforço, notou duas vezes os olhos pretos e o xale vermelho de Stiepanida, que carregava palha. Duas ou três vezes, espiou a mulher com o canto dos olhos e sentiu alguma coisa outra vez, mas não conseguiu definir o que era. Só no dia seguinte, quando foi de novo à eira coberta e passou duas horas ali, sem a menor necessidade, e não parou de acariciar com os olhos a imagem bela e conhecida da jovem, sentiu que estava perdido, completamente perdido, de modo irremediável. De novo os tormentos, de novo o

horror e o medo. Não havia salvação.

O que ele esperava aconteceu. No dia seguinte, à tarde, sem que ele mesmo soubesse como, Ievguiéni foi parar no quintal da casa dela, em frente ao celeiro de feno, onde certa vez, no outono, os dois se encontraram. Como se estivesse passeando, parou ali, fumando um cigarro. A vizinha o viu e ele, já voltando, ouviu como ela dizia para alguém:

– Vai lá, está esperando, mais morto que vivo, ali parado. Vai lá, sua burra!

Ele viu que uma camponesa – ela – correu para o celeiro, mas Ievguiéni já não podia mais voltar, porque um mujique se encontrou com ele, e então foi para casa.

XX

Quando entrou na sala de visitas, tudo lhe pareceu absurdo e artificial. De manhã, ele levantou cheio de disposição, decidido a largar, esquecer, não se permitir pensamento algum. Porém, sem entender como, passou a manhã inteira não só sem se interessar pelos negócios como tentando até livrar-se deles. Aquilo que antes despertava seu interesse e lhe dava alegria agora era insignificante. De modo inconsciente, tentava livrar-se do trabalho. Parecia que era necessário livrar-se disso, para poder analisar, refletir. E livrou-se e ficou sozinho. Porém, assim que se viu sozinho, saiu vagando pelo jardim, pela floresta. Todos aqueles lugares estavam sujos de recordações, recordações que o dominavam. E percebeu que estava andando pelo jardim e disse a si mesmo que ia pensar em alguma coisa, mas não pensava em nada e, enlouquecido, inconsciente, a esperava, esperava que ela, por algum milagre, entendesse que ele a desejava, e que ela tomasse a iniciativa e fosse até lá, ou a qualquer lugar onde ninguém visse, ou à noite, quando não houvesse luar e ninguém, nem ela mesma, pudesse ver, numa noite assim, ela ia chegar e ele ia tocar seu corpo...

“Sim, pronto, eu rompi quando quis”, disse consigo. “Aí está no que dá ter relações com uma mulher limpa e saudável, para manter a boa saúde! Não, pelo visto é impossível brincar com ela. Pensei que eu a possuía, mas foi ela que me possuiu, possuiu e não largou mais. Pois achei que estava livre e não estava. Cometi um erro quando casei. Tudo foi um absurdo, um erro. Desde que me juntei com ela, experimentei um sentimento novo, o verdadeiro sentimento de um marido. Sim, eu devia ter morado com ela.”

“Sim, há duas vidas possíveis para mim; uma é a que comecei com Liza: o trabalho, a propriedade, o bebê, o respeito das pessoas. Se for essa a vida, então é preciso que ela, Stiepanida, não exista. É preciso mandá-la para longe, como eu disse, ou destruí-la, para que não exista mais. A outra vida seria aqui mesmo. Eu a tomaria do marido, daria dinheiro para ele, esqueceria a vergonha e o escândalo e viveria com ela. Mas então seria necessário que não existissem Liza nem Mimi (o bebê). Não, ora essa, o bebê não atrapalha, mas Liza não pode, é preciso que vá embora. Que ela fique sabendo, rogue pragas e vá embora. Que fique sabendo que eu a troquei por uma camponesa, que sou um impostor, um canalha. Não, é horrível demais! Não é possível. Sim, mas também pode acontecer”, continuou a pensar, “pode acontecer desse jeito. Liza fica doente e morre. Morre e então tudo será maravilhoso. Maravilhoso! Ah, canalha! Não, se alguém tem de morrer que seja ela. Se ela morresse, a Stiepanida, que bom seria.”

“É assim que envenenam ou assassinam esposas e amantes. Pegar um revólver, chamar e, em vez de abraço, um tiro no peito. E acabou-se.”

“Aí está, ela é o Diabo. O Diabo em pessoa. Pois, contra minha vontade, ela tomou posse de mim. Matar? Sim. Só há duas saídas: matar a esposa ou a ela. Porque deste jeito não se pode viver.⁸ É impossível. É preciso raciocinar e prever. Se ficar assim, o que vai acontecer?”

“Vai acontecer que vou de novo dizer que não quero, que parei, mas logo depois de dizer isso, irei à

noite ao quintal da casa dela, e ela sabe, e ela irá também. Ou as pessoas vão descobrir e contar para a esposa, ou eu mesmo contarei para ela, porque não posso mentir, não posso viver assim. Não posso. Ela vai saber. Todos vão saber. Até Paracha e o ferreiro. Mas e então, por acaso é possível viver assim?”

“Impossível. Só há duas saídas: matar a esposa ou matar a ela. E ainda...”

“Ah, sim, há uma terceira: matar-me a mim mesmo”, disse em voz baixa e, de repente, um calafrio percorreu sua pele. “Sim, matar-me, então não seria preciso matá-las.” Sentiu um medo terrível justamente porque se deu conta de que só essa saída era possível. “Há um revólver. Será possível que vou me matar? Aí está uma coisa em que nunca pensei. Como vai ser estranho.”

Voltou para seu quarto e imediatamente abriu o armário em que ficava o revólver. Porém mal teve tempo de abrir a arma quando sua esposa entrou.

XXI

Ele jogou um jornal em cima do revólver.

– A mesma coisa de novo – disse ela, assustada, olhando para ele.

– Que coisa?

– A mesma expressão horrível no rosto que havia antes, quando você não queria me contar. Guénia, querido, me conte. Vejo que está sofrendo. Conte para mim, vai ficar aliviado. Seja o que for, qualquer coisa é melhor do que esse seu sofrimento. Pois sei que não é nada de ruim.

– Sabe? Por enquanto.

– Conte, conte, conte. Não vou deixar que saia.

Ele deu um sorriso de causar pena.

“Contar? Não, é impossível. E nem há o que dizer.”

Talvez fosse contar para ela, mas naquele instante chegou a ama de leite e perguntou se podia dar um passeio. Liza saiu para vestir o bebê.

– Você vai contar. Volto logo.

– Sim, pode ser...

Ela nunca pôde esquecer o sorriso angustiado com que ele falou aquilo. Liza saiu.

Afobado, sorrateiro como um criminoso, ele apanhou o revólver, tirou do coldre. “Está carregado, sim, mas faz muito tempo, e está faltando um cartucho. Muito bem, que seja.”

Encostou o cano na têmpora, hesitou um momento, mas assim que lembrou Stiepanida, a decisão de não vê-la, a luta, a sedução, a queda, de novo a luta, estremeceu de horror. “Não, é melhor assim.” E apertou o gatilho.

Quando Liza entrou correndo no quarto – ela mal teve tempo de descer da varanda –, ele estava estirado de bruços no chão, o sangue negro e quente jorrava da ferida e o cadáver ainda tinha tremores.

Houve um inquérito. Ninguém conseguia entender e explicar as causas do suicídio. Em nenhum momento passou pela cabeça do tio que a causa pudesse ter alguma relação com a confissão que Ievguíeni lhe fizera dois meses antes.

Varvara Alekséievna garantia que sempre havia previsto aquilo. Era visível quando ele discutia. Liza e Mária Pávlovna não conseguiam entender por que aquilo havia acontecido e, no entanto, não acreditavam no que os médicos diziam, que ele tinha uma doença mental. Não podiam concordar com aquilo de maneira nenhuma porque sabiam que ele era mentalmente mais saudável do que centenas de pessoas que elas conheciam.

E, de fato, se Ievguíeni Irtiéniév era doente mental, todas as pessoas também são doentes mentais, e as mais doentes são sem dúvida aquelas que veem nas outras sinais de loucura que não enxergam em si

VARIANTE DO FIM DO CONTO “O DIABO”

... disse consigo e, chegando perto da mesa, apanhou o revólver, examinou-o – faltava um cartucho – e pôs no bolso da calça.

– Meu Deus! O que estou fazendo? – exclamou de repente e, cruzando as mãos, começou a rezar. – Senhor, me ajude, me salve. Você sabe que não quero fazer o mal, mas sozinho eu não consigo. Ajude – disse, fazendo o sinal da cruz diante de uma imagem.

“Sim, eu consigo me controlar. Vou andar um pouco e refletir.”

Foi para o vestíbulo, vestiu um casaco curto de pele, calçou galochas e saiu para o alpendre. Sem perceber, seus passos o levaram para fora do jardim, pela trilha do campo, rumo à eira coberta. Lá, a debulhadora continuava a roncar e se ouviam gritos dos meninos que tangiam os animais. Ele entrou na eira coberta. Ela estava lá. Ele a viu na mesma hora. Ela empilhava espigas e, ao vê-lo, rindo com os olhos, cheia de vida, alegre, correu entre as espigas espalhadas, desviando-se dele com agilidade. Ievguiéni não queria, mas não conseguia deixar de olhar para ela. Só se controlou quando ela sumiu de vista. O administrador informou que agora estavam terminando de debulhar as espigas amassadas e que por isso demorava mais e rendia menos. Ievguiéni se aproximou do tambor, que de vez em quando sacudia, quando passavam os feixes mal amarrados.

– Vai dar uns cinco carroções.

– Então é o seguinte... – começou Ievguiéni e não terminou. Ela andava em volta do tambor, retirando as espigas que tinham caído embaixo, e incendiou Ievguiéni com seu olhar risonho.

Aquele olhar falava do amor alegre e despreocupado entre os dois, falava que ela sabia que ele a desejava, que ele tinha ido atrás dela no celeiro e que ela, como sempre, estava pronta para viver e divertir-se com ele, sem jamais pensar em condições ou consequências. Ievguiéni sentiu-se sob seu poder, mas não queria se render.

Lembrou sua prece e experimentou repeti-la. Começou a dizer as palavras para si, mas logo sentiu que era inútil.

Agora, só uma ideia o consumia por inteiro: como marcar um encontro com ela, sem ninguém notar?

– Se a gente terminar hoje, o senhor quer que a gente comece uma nova meda ou deixe para amanhã? – perguntou o administrador.

– Sim, sim – respondeu Ievguiéni, virando-se para ela, na direção da pilha, para onde ela e outra camponesa levavam as espigas.

“Será que não consigo me controlar?”, disse consigo. “Será que estou perdido? Meu Deus! Mas não existe Deus. Existe o Diabo. E ela é o Diabo. Ele tomou conta de mim. E eu não quero, não quero. O Diabo, sim, o Diabo.”

Chegou perto dela, tirou o revólver do bolso e disparou nas suas costas uma, duas, três vezes. Ela correu e caiu sobre a pilha.

– Minha nossa! Gente! O que é isso? – gritaram as camponesas.

– Não, não foi por acidente. Eu a matei de propósito – gritou Ievguiéni. – Mandem chamar o

comissário de polícia.

Chegou em casa e, sem contar nada para a esposa, entrou no escritório e trancou-se.

– Não se aproxime – gritou para a esposa através da porta fechada. – Você vai saber de tudo.

Uma hora depois, tocou a campainha e perguntou ao laçao que o atendeu:

– Vá saber se Stiepanida está viva.

O laçao já sabia de tudo e respondeu que tinha morrido uma hora antes.

– Certo, muito bem. Agora, me deixe. Quando o comissário ou o juiz de instrução chegar, me avise.

O comissário e o juiz de instrução chegaram na manhã seguinte e Ievguiéni, depois de se despedir da esposa e da filha, foi levado para a prisão.

Foi julgado. Era o tempo em que os tribunais com jurados estavam começando a funcionar. Ele foi considerado temporariamente insano e condenado apenas à penitência eclesiástica.

Ficou dez meses na prisão e um mês num mosteiro.

Começou a beber já na prisão, continuou no mosteiro e voltou para casa alcoólatra, debilitado, irresponsável.

Varvara Alekséievna garantia que ela sempre havia previsto aquilo. Era evidente quando ele discutia. Liza e Mária Pávlovna não conseguiam de maneira nenhuma entender por que aquilo havia acontecido e mesmo assim não acreditavam no que os médicos diziam, que ele era doente mental, psicopata. Não conseguiam de maneira nenhuma concordar com isso, porque sabiam que ele era mentalmente mais saudável do que centenas de pessoas que elas conheciam.

E, de fato, se Ievguiéni Irtiéniév era doente mental quando cometeu seu crime, todas as pessoas também são doentes mentais, e as mais doentes são sem dúvida aquelas que veem nas outras sinais de loucura que não enxergam em si mesmas.

FRANÇOISE

[Conto à maneira de Maupassant]¹

I

No dia 3 de maio de 1882, um navio de três mastros chamado *Nossa Senhora dos Ventos* partiu do Havre rumo ao mar da China. Deixou sua carga na China, recebeu uma carga nova, levou-a para Buenos Aires e, de lá, transportou mercadorias para o Brasil.

Travessias de canais, avarias, reparos, calmarias que duravam meses, ventos que desviavam o navio para longe da rota, aventuras e incidentes marítimos retardaram o navio de tal modo que ele navegou quatro anos por mares estrangeiros e só no dia 8 de maio de 1886 aportou em Marselha com uma carga de caixas de latas de doces em conserva americanos.

Quando o navio partiu do Havre, a bordo estavam o capitão, seu ajudante e catorze marinheiros. Durante a viagem, um marinheiro morreu, quatro se extraviaram por causa de várias aventuras e apenas nove voltaram para a França. No lugar dos marinheiros que se afastaram, foram contratados dois americanos, um negro e um sueco, encontrados numa taberna em Cingapura.

No navio, enrolaram as velas e amarraram os cordames nos mastros cruzados. Um rebocador a vapor se aproximou e, soltando baforadas, arrastou-o até a fila de navios. O mar estava calmo. Ondas

muito fracas batiam na margem. O navio entrou na fila do porto, onde, lado a lado, junto ao cais, estavam navios de todos os países do mundo, grandes, pequenos, de vários tamanhos, formatos e equipagens. O *Nossa Senhora dos Ventos* ficou entre um brigue italiano e uma escuna inglesa, que se apertaram bastante a fim de abrir espaço para o novo companheiro.

Assim que o capitão acertou tudo com os funcionários da alfândega e do porto, liberou metade dos marinheiros para passarem a noite em terra.

Era uma noite quente de verão. Marselha estava muito iluminada, as ruas cheiravam a comida de fogão, ouviam-se vozes de todos os lados, rumor de rodas e gritos alegres.

Fazia cinco meses que os marinheiros do navio *Nossa Senhora dos Ventos* não desciam à terra e agora, ao desembarcar no porto, tímidos, caminhavam em duplas pelas ruas, como estranhos, desacostumados da gente das cidades. Eles se entreolhavam, farejavam as ruas próximas do cais como se procurassem algo. Fazia quatro meses que não viam mulheres e o desejo os atormentava. Na frente, caminhava Celestin Duclos, rapagão saudável e ágil. Sempre conduzia os outros, quando desciam à terra. Sabia encontrar lugares bons, sabia também se safar quando necessário, e não se metia nas brigas que tantas vezes ocorrem entre marinheiros quando descem à terra; mas se a briga crescesse, ele não se afastava de seus camaradas e sabia se defender.

Os marinheiros vagaram muito tempo pelas ruas escuras, que, como calhas de drenagem, desciam todas na direção do mar e exalavam um cheiro pesado de porões e despensas. Por fim, Celestin escolheu um beco estreito onde lampiões proeminentes ardiam acima das portas e entrou por ali. Cantarolando e dizendo gracejos, os marinheiros foram atrás. Números enormes estavam escritos nos vidros coloridos e turvos dos lampiões. Sob os portais baixos, mulheres de roupão estavam sentadas em cadeiras de palha; ao verem os marinheiros, saltavam para fora e, correndo para o meio da rua, barravam o caminho dos homens e os atraíam cada uma para sua toca.

Às vezes, no fundo de um corredor, uma porta se escancarava. Nela aparecia uma jovem seminua, de ceroulas grosseiras de algodão, saia curta e peitilho de veludo preto com galões dourados.

– Ei, bonitões, venham cá, entrem! – chamava mesmo de longe e às vezes corria para fora, agarrava um dos marinheiros e o arrastava com toda a força na direção da porta. Ela se segurava ao marinheiro como uma aranha quando apanha uma mosca mais forte do que ela.

O rapaz, debilitado pelo desejo, resistia frouxamente, enquanto os outros paravam e observavam o que ia acontecer; mas Celestin Duclos gritava:

– Aqui não, não entre, só mais adiante!

O rapaz obedecia e se desvencilhava da jovem à força. Os marinheiros seguiam em frente, acompanhados pelos xingamentos da moça revoltada. Com o barulho, ao longo de todo o beco, outras mulheres gritavam, corriam para os marinheiros e, com vozes roucas, exaltavam sua mercadoria. Assim os marinheiros seguiam adiante, cada vez mais longe. De vez em quando, em seu caminho, topavam com soldados de esporas tilintantes, ou com um solitário balconista ou escrevente que entrava num local que ele já conhecia muito bem. Em outros becos, ardiavam lampiões iguais àqueles, mas os marinheiros iam sempre adiante, pisando no líquido fedorento que gotejava por baixo das casas, cheias de corpos de mulheres. Mas então Duclos parou perto de uma casa um pouco melhor do que as outras e entrou ali com seus rapazes.

Os marinheiros sentaram-se no salão de uma taberna. Cada um escolheu uma amiga e, pelo resto da noite, não se separou mais dela: era o costume na taberna. Três mesas estavam unidas e os marinheiros, antes

de tudo, beberam junto com as moças, depois se levantaram e subiram com elas para o primeiro andar. Por muito tempo, ressoaram bem alto as batidas de vinte sapatos pesados nos degraus de madeira, enquanto todos entravam aos tropeções pelas portas estreitas e se espalhavam pelos quartos de dormir. Dos quartos, eles desciam de novo para beber e em seguida subiam outra vez.

A farra não terminava. Todo o salário de meio ano desapareceu em quatro horas de orgia. Às onze horas, todos já estavam bêbados, berravam disparates com os olhos injetados de sangue e nem eles mesmos sabiam o que estavam dizendo. Sobre os joelhos de cada um deles, estava sentada uma jovem. Um cantava, outro berrava, outro batia com o punho na mesa, outro entornava vinho goela abaixo. Celestin Duclos estava sentado no meio dos camaradas. Sentada a cavalo sobre seus joelhos, estava uma jovem volumosa, gorda, bonitinha, de faces rosadas. Ele não bebia menos do que os outros, mas ainda não estava totalmente embriagado; alguns pensamentos soltos rodavam dentro de sua cabeça. Ficou mais afetuoso e procurou alguma coisa para dizer à sua amiga. Mas os pensamentos vinham e logo depois iam embora e ele não conseguia retê-los, lembrar-se e falar.

Riu e disse:

– Ora, ora, pois é, pois então... Faz muito tempo que você está aqui?

– Seis meses – respondeu a moça.

Ele fez que sim com a cabeça, como que para exprimir sua aprovação.

– Pois é, e você está bem?

Ela pensou um pouco.

– Acostumei – respondeu. – De algum jeito, a gente tem de viver. É melhor do que ser criada ou lavadeira.

Ele fez que sim com a cabeça em sinal de aprovação, como se a aprovasse também por aquilo.

– E você não é daqui?

Ela balançou a cabeça para dizer que não.

– É de longe?

Fez que sim.

– De onde?

Ela pensou um pouco, como se tentasse lembrar.

– De Perpignan – disse.

– Sei, sei – disse ele e calou-se.

– E você, o que é, marinheiro? – perguntou ela, agora.

– Sim, somos marinheiros.

– E foram muito longe?

– Sim, bem longe. A gente viu de tudo.

– Será que deram a volta ao mundo?

– E não só uma vez, mas umas duas vezes.

Ela pareceu refletir um pouco, lembrar-se de alguma coisa.

– Então já devem ter encontrado muitos navios, não é? – disse ela.

– Ah, sim, claro.

– Por acaso não toparam com o *Nossa Senhora dos Ventos*? Existe um navio com esse nome.

Ele ficou surpreso por ela dizer o nome de seu navio e inventou uma brincadeira.

– Como não? Encontramos na semana passada.

– É mesmo? É verdade?

– É verdade.

– Não está mentindo?

– Juro por Deus – disse ele.

– E não viu lá um homem chamado Celestin Duclos? – perguntou ela.

– Celestin Duclos? – repetiu, admirado e até assustado. De onde ela podia conhecer seu nome? – Por acaso você o conhece?

Era evidente que ela também estava assustada com alguma coisa.

- Não, eu não, mas tem uma mulher aqui que conhece.
- Que mulher? Aqui desta casa?
- Não, aqui perto.
- Mas perto onde?
- Não fica longe daqui.
- Quem é ela?
- Uma mulher comum, feito eu.
- E o que ela tem a ver com ele?
- Como é que vou saber? Na certa é sua conterrânea.

Fitaram-se nos olhos um do outro com ar interrogativo.

- Bem que eu gostaria de encontrar essa mulher – disse ele.
- Para quê? Quer contar alguma coisa?
- Contar...
- Contar o quê?
- Contar que vi Celestin Duclos.
- E você viu o Celestin Duclos? Está vivo, bem de saúde?
- Está bem de saúde, sim. Por quê?

Ela ficou calada, de novo reunindo seus pensamentos, depois disse em voz baixa:

- E para onde vai o *Nossa Senhora dos Ventos*?
- Para onde? Para Marselha.
- É verdade? – exclamou ela.
- É verdade.
- E você também conhece Duclos?
- Mas já disse que conheço.

Ela pensou um pouco.

- Pois é. Está certo, está certo – disse ela baixinho.
- O que você quer com ele?
- Olhe, se você o encontrar, diga que... Não, não precisa.
- O que é?
- Não, não é nada.

Ele olhou para ela e ficou cada vez mais alarmado.

- Então você o conhece? – perguntou ele.
- Não, eu não conheço.
- Mas então o que tem a ver com ele?

Sem responder, de repente ela se levantou com um pulo e correu para o balcão, atrás do qual ficava a proprietária, pegou um limão, cortou, espremeu o suco num copo, depois encheu de água e levou para Celestin.

- Tome, beba isto – disse ela e sentou, como antes, sobre os joelhos dele.
- Para que é isto? – perguntou ele, pegando o copo da mão dela.
- Para passar a bebedeira. Depois vou falar. Beba.

Ele bebeu tudo e enxugou os lábios com a manga.

- Pronto, conte, estou ouvindo.
- Mas você não vai contar para ele que me viu, não vai contar quem contou o que vou contar, está bem?

– Claro, não vou contar.

– Jure por Deus!

Ele jurou.

– Por Deus?

– Por Deus.

– Então você conte para ele que o pai dele morreu, a mãe morreu e o irmão também morreu. Foi uma febre que deu de repente. Num mês, os três morreram.

Duclos sentiu todo o sangue voltar para o coração. Ficou parado e mudo por alguns instantes, sem saber o que dizer, depois falou:

– Você tem certeza disso?

– Tenho.

– Quem contou para você?

Ela pôs as mãos nos ombros dele e fitou-o bem nos olhos.

– Jure por Deus que não vai sair falando por aí.

– Pronto, já jurei. Juro por Deus.

– Sou irmã dele.

– Françoise! – exclamou ele.

Ela olhou fixamente para ele e, mal movendo os lábios, quase sem pronunciar as palavras, disse:

– Então é você, Celestin!!

Não se mexeram, ficaram paralisados, fitando-se nos olhos um do outro.

Em volta, os outros rugiam com vozes embriagadas. Barulho de copos, som de palmas, saltos de botas batendo no chão, gritos estridentes de mulher se misturavam com o rumor de música.

– Como pode ser? – disse ele muito baixo, tão baixo que ela quase não conseguiu distinguir suas palavras.

Os olhos dela, de repente, se encheram de lágrimas.

– Sim, morreram. Os três, no mesmo mês – continuou ela. – O que eu ia fazer? Fiquei sozinha. A farmácia, o médico, o enterro dos três... vendi todas as coisas que tinha, paguei e sobrou só a roupa do corpo. Fui trabalhar na casa do senhor Cacheaux... Lembra, um manco? Eu tinha acabado de fazer quinze anos, nem tinha catorze quando você foi embora. Aí, pequei com ele... Sua irmã é uma boba. Depois fui trabalhar de babá na casa de um notário e foi a mesma coisa. No início, ele fez de mim sua amante, eu tinha um quarto só para mim. Mas durou pouco. Ele me largou, fiquei três dias sem ter o que comer, ninguém me deu emprego e acabei aqui, como as outras.

Falava e as lágrimas escorriam dos olhos, do nariz, molhavam as faces e se derramavam na boca.

– O que nós fizemos! – exclamou ele.

– Pensei que você estivesse morto também – disse ela, entre lágrimas. – O que eu podia fazer? – balbuciou.

– Mas como não me reconheceu? – disse ele num sussurro.

– Não sei, não tenho culpa – disse ela e chorou mais ainda.

– Como eu podia reconhecer você? Você está muito diferente de quando fui embora. Como você não me reconheceu?

Ela abanou a mão com desespero.

– Ah! Eu vejo tantos homens assim que, para mim, todos têm a mesma cara.

Ele sentiu um aperto no coração, tão forte e tão doloroso que teve vontade de gritar e urrar como um menino que levou uma surra.

Levantou-se, tirou-a do colo, segurou a cabeça da jovem com as mãos grandes de marinheiro e olhou fixamente seu rosto.

Pouco a pouco, enfim, reconheceu a pequena menina alegre e magricela que deixara em casa com os

outros, aqueles cujos olhos ela teve de fechar.

– Sim, é você, Françoise, minha irmã! – exclamou. E de repente, soluços, pesados soluços de homem, semelhantes aos soluços de um bêbado, subiram em sua garganta. Largou a cabeça dela, bateu com o punho na mesa de tal modo que os copos tombaram, voaram e se fizeram em pedaços, e ele começou a gritar com voz desvairada.

Seus camaradas se viraram e olharam para ele, espantados.

– Puxa, ficou doido – disse um.

– Como berra – disse outro.

– Ei! Duclos! Que gritaria é essa? Vamos de novo lá para cima – disse um terceiro, e segurou Celestin com uma mão, enquanto com a outra abraçava sua amiga risonha, de cara vermelha e olhos pretos e brilhantes, vestida num corpete aberto, de seda cor-de-rosa.

Duclos se calou de repente e, controlando a respiração, olhou fixamente para os camaradas. Depois, com a expressão estranha e decidida com que, às vezes, entrava numa briga, avançou em passos largos na direção do marinheiro que abraçava a jovem e enfiou a mão com força entre ele e a jovem, separando os dois.

– Afaste-se! Não está vendo que ela é sua irmã? Todas elas são irmãs de alguém. Olhe esta aqui, é minha irmã Françoise. Ha-ha-ha-ha-ha!... – irrompeu em soluços parecidos com risadas, começou a cambalear, ergueu os braços, desabou de cara no chão e começou a rolar pelo chão, batendo com as mãos e os pés e berrando como se estivesse morrendo.

– Temos de pôr o Celestin para dormir – disse um dos camaradas. – A gente não tem como sair para a rua com ele desse jeito.

Levantaram Celestin e o arrastaram para o quarto de Françoise, no primeiro andar, e o deitaram em sua cama.

1890

CUSTA CARO

[História real. Conto à maneira de Maupassant]¹

Entre a França e a Itália, na beira do mar Mediterrâneo, existe um reino pequeno, diminuto. Esse reino se chama Mônaco. Nesse reino, há menos habitantes do que numa aldeia grande, ao todo são sete mil e, se toda a terra fosse dividida, daria uma *dessiatina* por habitante. Mas nesse reino há um reizinho de verdade. Nesse reino, há até palácio, cortesãos, ministros, bispos, generais e Exército.

Um Exército pequeno, ao todo sessenta homens, mas mesmo assim é um Exército. As receitas do rei são pequenas. Há impostos, como em toda parte, sobre o tabaco, o vinho, a vodca, e há o imposto individual; e por mais que bebam e fumem, o povo é pouco e o rei não teria com que alimentar seus cortesãos, seus funcionários e até a si mesmo, se não tivesse uma fonte especial de receita. O reino obtém essa receita especial graças a uma casa de jogo de roleta. As pessoas jogam, ganham, perdem e a banca sempre lucra. Da receita, a banca paga grande parte para o rei. E paga tanto dinheiro para o rei porque agora só resta uma casa de jogo assim em toda a Europa. Antes, havia casas de jogo nos pequenos principados alemães, mas faz dez anos que foram fechadas. E fecharam porque nas casas de jogo acontecem muitas desgraças. Chega alguém, começa a jogar, se descontrola, perde tudo o que tem e até o

dinheiro que não lhe pertence e depois, de desgosto, se afoga ou se mata com um tiro. Os alemães mandaram seus principados fecharem as casas de jogo, mas o reizinho de Mônaco não tem quem o mande fechar: a dele foi a única que sobrou.

Desde então, todos os apreciadores de jogo vão ao seu reino, perdem para a banca e a banca paga para o rei. Não se constroem palácios de pedras com trabalho honesto. O rei de Mônaco também sabe que esse é um negócio sórdido, mas o que fazer? É preciso viver. Sustentar-se com o tabaco e a bebida não é melhor que isso. Então, assim vive esse rei, reina, arrecada o dinheiro e mantém a si e seu palácio com toda a pompa, como fazem os grandes reis de verdade. Tem suas coroações, suas aparições em público, distribui títulos honoríficos, castiga, concede sua misericórdia, promove paradas, reuniões de conselhos, leis, julgamentos. Tudo como os reis de verdade. Só que tudo é pequeno.

Então aconteceu que há uns cinco anos houve um assassinato no reino desse reizinho. O povo do reino é pacífico e, antes, essas coisas não aconteciam. Os juízes se reuniram com toda a pompa e cerimônia, começaram a julgar, tudo como deve ser. Juízes, procuradores, jurados e advogados. Julgaram, julgaram e deram a sentença de cortar a cabeça do criminoso, conforme a lei. Muito bem. Apresentaram a sentença ao rei. O rei leu a condenação e sancionou. Se é para executar, executem. Só tinha um problema: no reino não havia carrasco nem guilhotina para cortar a cabeça. Os ministros pensaram, pensaram e resolveram mandar um pedido para o governo francês: que os franceses deixassem a máquina com eles por um tempo, junto com seu operador, para cortar a cabeça do criminoso e, caso isso fosse possível, que informassem qual seria o custo de tal serviço. Mandaram o documento. Uma semana depois, receberam a resposta: era possível mandar a máquina e o carrasco e o custo de tudo era dezesseis mil francos. Informaram ao reizinho. Ele pensou, pensou... dezesseis mil francos! “O patife não vale esse dinheiro todo. Será que não existe um meio mais barato? Dezesseis mil francos... Isso é mais do que cobrar dois francos de imposto de cada habitante do reino. É muito pesado. Pode haver até uma revolta.” Reuniram o conselho: como solucionar a questão? Resolveram mandar o mesmo pedido ao rei italiano. O governo francês é uma república, não respeita os reis, mas o rei italiano era um rei também. Quem sabe não conseguia um preço mais baixo? Escreveram; logo receberam a resposta. O governo italiano respondeu que enviaria, com todo o prazer, a máquina e uma pessoa para operar o equipamento. E que o custo de tudo, incluindo a viagem, seria doze mil francos. Mais barato, porém ainda era caro. De novo, o canalha não valia tanto dinheiro. De novo, seria preciso cobrar um pouco menos de dois francos por habitante. O conselho se reuniu outra vez. Pensaram, pensaram... Não haveria algum jeito mais barato? Não poderiam achar um soldado disposto a cortar aquela cabeça de modo mais simples, trivial? Chamaram o general.

– Não é possível achar um soldado para cortar essa cabeça? Na guerra também matam e ninguém liga. Afinal, os soldados são preparados para isso.

O general foi falar com os soldados e perguntou se alguém podia fazer o serviço. Os soldados não quiseram.

– Não, nós não somos capazes e não aprendemos a fazer isso.

O que fazer? De novo, pensaram, pensaram, reuniram um comitê, uma comissão, uma subcomissão. Pensaram melhor. É preciso, disseram, trocar a pena de morte por prisão perpétua. O rei demonstra misericórdia e os custos são menores. O reizinho concordou e assim ficou decidido. O único problema era que não existia uma prisão daquele tipo, para um preso cumprir uma pena de prisão perpétua. Havia calabouços e celas, onde podiam deixar alguém por um tempo, mas uma prisão sólida para encarcerar uma pessoa para sempre, isso não havia. Pois bem, mesmo assim conseguiram encontrar um local. Deixaram lá o rapaz. Puseram um guarda de sentinela.

O guarda tinha de vigiar e levar a comida da cozinha do palácio para o criminoso. Assim o rapaz ficou preso seis meses, um ano. No fim do ano, o reizinho fez o balanço das receitas e despesas e viu uma despesa nova: sustentar o criminoso. E não era pequena. O vigia especial e também a comida. O custo

chegava a seiscentos francos por ano. E o rapaz era jovem, saudável, talvez vivesse mais cinquenta anos. Fez as contas de quanto ia custar. Uma grande despesa. Daquele jeito era impossível. O reizinho chamou os ministros:

– Inventem um modo mais barato de lidar com esse patife. Ele está nos custando muito caro.

Os ministros se reuniram, pensaram, pensaram. Um deles disse:

– Senhores, a meu ver a solução é dispensar o guarda.

Outro disse:

– Mas aí ele vai fugir.

– Que fuja, e que vá para o diabo que o carregue.

Informaram ao reizinho. O rei concordou. Dispensaram o guarda. Observaram o que ia acontecer.

Apenas olharam: chegou a hora do almoço, o criminoso saiu, procurou o guarda, não achou e então foi ele mesmo à cozinha do rei atrás do seu almoço. Pegou o que deram, voltou para a prisão, fechou a porta ele mesmo e ficou ali. No dia seguinte, a mesma coisa. Ia pegar sua comida, mas fugir, não fugia. O que fazer? Pensaram. Disseram:

– É preciso lhe dizer, com todas as letras, que não queremos mais saber dele. Que vá embora de uma vez.

Muito bem. O ministro da Justiça o chamou e disse:

– Por que não fugiu? Não há nenhum guarda vigiando o senhor. Pode ir embora livremente, o rei não vai ficar ofendido.

Ele respondeu:

– O rei não vai ficar ofendido, só que eu não tenho para onde ir. Para onde vou? Com a condenação, vocês me cobriram de vergonha, agora ninguém quer me receber, e eu não sei mais fazer nenhum trabalho. Vocês agiram comigo de forma injusta. Não se deve fazer isso. Vocês me condenaram à pena de morte, muito bem. Tinham de me executar e não executaram. Foi a primeira coisa. Não discuti. Depois me condenaram à prisão perpétua, puseram um guarda para me levar comida e depois me deixaram sem o guarda. Foi a segunda coisa. De novo, não discuti. Fui eu mesmo buscar a comida. Agora, vocês me dizem: vá embora. Não, vocês podem fazer o que quiserem, mas eu não vou a lugar nenhum.

E agora? Reuniram de novo o conselho. O que fazer? Ele não vai fugir. Pensaram, pensaram. Era preciso conceder uma pensão para ele. Sem isso, não havia como se desvencilhar do homem. Informaram ao reizinho.

– Não há o que fazer, temos de nos livrar dele de algum modo.

Estabeleceram a quantia de seiscentos francos, comunicaram a ele.

– Bem, pode ser, se vocês pagarem direito, até posso ir embora.

Assim ficou resolvido. Recebeu um terço adiantado, despediu-se de todos e deixou os domínios do reizinho. Ao todo, foi um quarto de hora de viagem pela ferrovia. Foi embora do país, se estabeleceu nas proximidades, comprou umas terrazinhas, plantou uma horta, um jardim e leva uma vida confortável. Na data marcada, vai receber sua pensão. Recebe, vai à casa de jogo, aposta dois ou três francos, às vezes ganha, às vezes perde, e volta para casa. Vive bem e sossegado.

Ainda bem que seu crime não aconteceu num lugar onde não se importam com as despesas de cortar a cabeça de alguém ou da pena de prisão perpétua.

O KARMA

Apresento a vocês minha versão de um continho budista intitulado “Karma”,¹ publicado na revista americana Open Court. Gostei muito do conto, de sua ingenuidade e profundidade. É bom nele, em especial, o esclarecimento de uma verdade ultimamente obscurecida, não raro por vários lados, segundo a qual a redenção do mal e a aquisição do bem são obtidas apenas com o esforço próprio, que não há e não pode haver um mecanismo mediante o qual, fora do esforço pessoal, se possa alcançar o bem próprio ou comum. Tal esclarecimento é especialmente bom, porquanto aqui se demonstra que o bem de um indivíduo só é um bem verdadeiro quando é um bem comum. Assim que o bandoleiro que saiu do inferno desejou o bem só para si, seu bem deixou de ser um bem e ele se perdeu. Esse conto ilumina de um ângulo novo duas verdades fundamentais reveladas pelo cristianismo: que só há vida na renúncia da individualidade – quem perde a alma a encontrará – e que o bem das pessoas só existe em sua união com Deus e por meio da presença de Deus entre elas: “Como tu estás em mim e eu em ti, também eles estarão em nós como um só...” (João, xvii, 21).

Li esse conto para as crianças e elas gostaram. Entre adultos, depois da leitura, sempre se levantam discussões sobre as questões mais importantes da vida. E parece-me que isso é uma recomendação muito boa.

P. S. Esta carta é para ser publicada.

L. Tolstói

Pandu, um joalheiro rico da casta dos brâmanes, viajou para Benares com seu criado. Encontrando no caminho um monge de aspecto honrado que seguia na mesma direção, ele pensou consigo: “Esse monge tem um aspecto santo e nobre. O convívio com pessoas boas traz sorte; se ele também vai para Benares, vou convidá-lo para ir comigo em minha carruagem”. E, depois de cumprimentar o monge com uma reverência, perguntou para onde ia e, ao saber que o monge, cujo nome era Narada, também ia para Benares, convidou-o para viajar em sua carruagem.

– Agradeço sua bondade – disse o monge ao brâmane. – De fato, a viagem sem pausas me deixou exausto. Como não tenho bens, não posso retribuir com dinheiro, mas pode acontecer de eu ter oportunidade de recompensar o senhor com algum tesouro espiritual do saber divino que adquiri, segundo o ensinamento de Sákia Múni, o grande abençoado Buda, mestre da humanidade.

Seguiram juntos na carruagem e Pandu escutou com atenção e prazer as palavras instrutivas de Narada. Após uma hora, chegaram a um local onde a estrada estava muito esburacada de ambos os lados e a carroça de um lavrador, com as rodas quebradas, obstruía o caminho.

Devala, dono da carroça, ia para Benares a fim de vender seu arroz e se apressava para estar pronto antes da aurora do dia seguinte. Se atrasasse um dia, os compradores do arroz poderiam ir embora da cidade, depois de comprar a quantidade de arroz de que precisavam.

Quando o joalheiro viu que não podia seguir viagem se a carroça do lavrador não fosse removida, irritou-se e chamou Magaduta, seu escravo, para virar a carroça de lado, para que sua carruagem pudesse passar. O lavrador se opôs, porque sua carroça estava tão perto do precipício que a carga podia desabar se a virassem, mas o brâmane não quis dar ouvidos ao lavrador e mandou seu criado virar a carroça com arroz. Magaduta, homem de força extraordinária que tinha prazer em fazer mal às pessoas, obedeceu, antes que o monge pudesse interferir, e virou a carroça. Quando Pandu passou e quis seguir viagem, o monge desceu de sua carragem e disse:

– Perdoe-me, senhor, por deixá-lo. Agradeço sua bondade por ter permitido que eu viajasse uma

hora em sua carruagem. Eu estava muito cansado quando o senhor me acolheu, mas agora, graças a sua bondade, já descansei. Como reconheci naquele lavrador a encarnação de um dos ancestrais do senhor, o melhor que posso fazer para recompensar o senhor por sua bondade é ajudá-lo em seu infortúnio.

O brâmane olhou para o monge com surpresa.

– O senhor está dizendo que esse lavrador é a encarnação de um de meus antepassados; isso não é possível.

– Sei – respondeu o monge – que o senhor ignora as complexas e importantes relações que unem o senhor ao destino desse lavrador. Mas não se pode esperar que um cego enxergue e por isso receio que o senhor faça mal a si mesmo e vou tentar protegê-lo dos males que o senhor está prestes a atrair contra si.

O comerciante rico não estava acostumado a que lhe dessem lições; sentindo que as palavras do monge, embora ditas com grande bondade, continham uma incisiva repreensão, ordenou ao criado que seguisse viagem imediatamente.

O monge cumprimentou o lavrador Devala e começou a ajudá-lo a consertar a carroça e a juntar o arroz derramado. O trabalho correu depressa e Devala pensou: “Esse monge deve ser um homem santo... parece que os espíritos invisíveis o ajudam. Vou perguntar a ele por que mereci um tratamento cruel do brâmane orgulhoso”.

E disse:

– Honrado senhor! Poderia me explicar por que sofri uma injustiça de um homem a quem nunca fiz nada de mau?

O monge disse:

– Amável amigo, o senhor sofreu uma injustiça, apenas sofreu na existência atual aquilo que praticou contra aquele brâmane numa vida anterior. E não me engano quando digo que, mesmo agora, o senhor faria com o brâmane o mesmo que ele fez ao senhor, se estivesse em seu lugar e também tivesse um criado forte.

O lavrador reconheceu que, se tivesse poder, não se arrependeria de agir como o brâmane ao topar com pessoas que barrassem seu caminho.

O arroz foi arrumado na carroça e o monge e o lavrador já se aproximavam de Benares, quando o cavalo de repente deu um salto para o lado.

– Uma cobra, uma cobra! – gritou o lavrador.

Mas o monge, depois de olhar fixamente para o que havia assustado o cavalo, desceu da carroça e viu que era uma carteira cheia de ouro.

“Ninguém pode ter perdido essa carteira senão o joalheiro rico”, pensou, e depois de pegar a carteira, entregou-a ao lavrador, dizendo:

– Leve esta carteira e, quando chegar a Benares, vá ao hotel que vou lhe indicar, pergunte pelo brâmane Pandu e devolva a carteira. Ele vai se desculpar ao senhor pela brutalidade de seu gesto, mas o senhor lhe dirá que o perdoou e que lhe deseja sucesso em todos os seus negócios, porque, acredite, quanto maior for o sucesso dele, melhor será para o senhor. O seu destino depende muito do destino dele. Se Pandu pedir uma explicação ao senhor, leve-o ao monastério, onde ele sempre me encontrará pronto para ajudá-lo com um conselho, caso ele precise de conselhos.

Enquanto isso, Pandu havia chegado a Benares e encontrado Malmeka, seu parceiro comercial, um banqueiro rico.

– Estou perdido – disse Malmeka – e não poderei fazer nenhum negócio, se hoje mesmo não comprar uma carroça do melhor arroz para a cozinha do rei. Há em Benares um banqueiro meu inimigo, que, ao saber que fiz um acordo com o mordomo real para entregar hoje de manhã uma carroça de arroz, comprou todo o arroz que havia em Benares, no intuito de me arruinar. O mordomo real não me liberou das condições do acordo e amanhã eu estarei perdido, caso Krishna não me mande um anjo do céu.

Na hora em que Malmeka se lamentava de seu infortúnio, Pandu se lembrou de sua carteira. Depois

de revirar sua carroça e não achar a carteira, desconfiou de seu escravo, Magaduta, chamou a polícia, acusou-o, mandou amarrá-lo, torturou-o cruelmente para arrancar dele uma confissão. O escravo gritava, sofrendo:

– Sou inocente, me soltem! Não consigo suportar essas torturas! Sou totalmente inocente desse crime e sofro pelo pecado de outras pessoas! Ah, se eu pudesse pedir perdão àquele lavrador a quem fiz mal por causa de meu patrão! Essas torturas sem dúvida servem de castigo por minha crueldade.

Enquanto a polícia ainda batia no escravo, o lavrador chegou ao hotel e, para grande surpresa de todos, devolveu a carteira. Imediatamente, libertaram o escravo das mãos de seu torturador, mas, descontente com o patrão, ele fugiu e foi se unir a um bando de salteadores de estrada que vivia nas montanhas. Quando Malmeka soube que o lavrador podia vender arroz da melhor qualidade, digno da mesa do rei, na mesma hora comprou a carroça toda pelo triplo do preço e Pandu, alegrando-se no coração pela devolução de seu dinheiro, prontamente se dirigiu ao monastério para receber do monge as explicações que ele lhe havia prometido.

Narada disse:

– Eu poderia lhe dar a explicação, mas, sabendo que o senhor não é capaz de compreender uma verdade espiritual, prefiro o silêncio. No entanto lhe darei um conselho de caráter geral: trate toda pessoa que encontrar assim como trata a si mesmo, sirva essa pessoa assim como gostaria de ser servido. Dessa forma, o senhor vai semear boas ações e não lhe faltará uma colheita farta.

– Ó, monge! Dê-me uma explicação – disse Pandu. – Então será mais fácil seguir seu conselho.

E o monge disse:

– Então escute, vou lhe dar a chave do mistério: se não compreender, acredite no que vou lhe dizer. Considerar-se uma criatura separada das outras é um erro e quem dirige a mente para cumprir a vontade dessa criatura separada segue uma luz falsa que o levará para o abismo do pecado. O fato de nos considerarmos criaturas separadas das outras decorre do véu de Maia, que cega nossos olhos e nos impede de ver o laço indissolúvel que nos une a nossos próximos, nos impede de reconstituir nossa unidade com a alma das outras criaturas. Poucos conhecem essa verdade. Que as palavras seguintes sejam seu talismã: “Aquele que prejudica os outros faz o mal a si mesmo. Aquele que ajuda os outros faz o bem a si mesmo. Pare de considerar-se uma criatura separada das outras e assim tomará o caminho da verdade. Para aquele que tem a visão toldada pelo véu de Maia, todo o mundo parece retalhado em infinitas individualidades. E essa pessoa não pode compreender o significado do amor universal por todos os seres vivos”.

Pandu respondeu:

– Suas palavras, respeitável senhor, têm um sentido profundo e vou me lembrar delas. Fiz um pequeno bem, que não me custou nada, a um pobre monge durante minha viagem a Benares e aqui estão suas consequências benéficas. Devo muito ao senhor, pois sem o senhor eu não só perderia minha carteira como não poderia fazer, em Benares, os negócios comerciais que aumentaram consideravelmente minha fortuna. Além disso, sua solicitude e a chegada da carroça propiciaram a prosperidade de meu amigo Malmeka. Se todos conhecessem a verdade que o senhor me disse, nosso mundo seria muito melhor, o mal diminuiria e o bem-estar geral reinaria! Eu gostaria que a verdade de Buda fosse conhecida por todos e por isso quero fundar um monastério em minha terra, Kolchambi, e convido o senhor para se hospedar comigo para que eu possa consagrar esse lugar à irmandade dos discípulos de Buda.

Passaram os anos e o monastério de Kolchambi, fundado por Pandu, tornou-se um local de reunião de monges sábios, reconhecido como um centro de educação para o povo.

Naquele tempo, um rei vizinho, tendo ouvido falar da beleza das joias feitas por Pandu, mandou seu tesoureiro encomendar a ele uma coroa de ouro puro, enfeitada com as pedras mais preciosas da Índia.

Quando Pandu terminou o trabalho, foi à capital do rei e, na esperança de fazer lá uma boa transação comercial, levou consigo um grande suprimento de ouro. A caravana que levava suas joias

preciosas era protegida por homens armados, mas quando chegaram à montanha, os salteadores, comandados por Magaduta, que se tornara seu atamã, atacaram a caravana, mataram os guardas e se apoderaram de todas as pedras preciosas e de todo o ouro. O próprio Pandu se salvou por pouco. Essa infelicidade foi um grande golpe na fortuna de Pandu: sua riqueza se reduziu consideravelmente.

Pandu ficou muito abatido, mas suportou seu infortúnio sem queixas; pensava: “Eu mereci esse prejuízo por causa dos pecados que cometi em minha vida anterior. Na mocidade, fui cruel com o povo; se agora colho os frutos dos males que pratiquei, não posso me queixar”.

Assim, ele se tornou muito melhor para todas as criaturas e seus infortúnios só serviram para purificar seu coração.

Passaram os anos de novo e aconteceu que Pantaka, o jovem monge e aprendiz de Narada, em viagem pelas montanhas de Kolchambi, caiu na mão dos salteadores. Como não tinha consigo nenhum bem de valor, o atamã dos salteadores lhe deu uma grande surra e o soltou.

Na manhã seguinte, andando pela floresta, Pantaka ouviu o barulho de uma luta, foi naquela direção e viu muitos salteadores que atacavam com fúria seu próprio atamã, Magaduta.

Como um leão cercado por cães, Magaduta os enfrentava e matou muitos agressores. Mas o inimigo era muito mais numeroso e no fim ele foi derrotado e tombou por terra, quase morto, coberto de ferimentos.

Assim que os salteadores foram embora, o jovem monge se aproximou dos homens estirados, a fim de prestar socorro aos feridos. Mas todos os salteadores já estavam mortos, só no chefe deles ainda restava um pouco de vida. O monge imediatamente se dirigiu a um riacho que corria ali perto, trouxe água fresca em seu jarro e deu ao moribundo.

Magaduta abriu os olhos e, rangendo os dentes, disse:

– Onde estão esses cães ingratos que tantas vezes eu conduzi à vitória e ao triunfo? Sem mim, logo teriam sido destruídos, como chacais acuados por caçadores.

– Não pense em seus camaradas e parceiros de sua vida de pecados – disse Pantaka. – Pense em sua alma e aproveite, na última hora, a possibilidade de salvação que se apresenta ao senhor. Trouxe água potável para o senhor, deixe-me lavar suas feridas. Talvez eu consiga salvar sua vida.

– É inútil – respondeu Magaduta. – Estou condenado. Os canalhas me feriram mortalmente. Miseráveis ingratos! Bateram em mim com os golpes que eu mesmo lhes ensinei.

– O senhor colhe o que plantou – prosseguiu o monge. – Se o senhor ensinasse seus camaradas a fazer boas ações, receberia deles boas ações. Mas o senhor lhes ensinou o assassinato e por isso, por força de suas próprias ações, foi morto pelas mãos deles.

– É verdade – disse o atamã dos salteadores. – Mereci meu destino, mas meu fardo é tão pesado que, nas existências futuras, vou ter de colher os frutos de todos os males que cometi. Ensine-me, pai santo, o que posso fazer para aliviar minha vida dos pecados que me oprimem como uma rocha sobre o peito.

E Pantaka disse:

– Elimine seus desejos pecaminosos, destrua as paixões malignas e encha a alma de bondade para todas as criaturas.

O atamã respondeu:

– Fiz muito mal e nenhum bem. Como posso me desvencilhar dessa teia de sofrimento que teci com os desejos malignos de meu coração? Meu karma me arrasta para o inferno, nunca estarei em condições de trilhar o caminho da salvação.

O monge disse:

– Sim, nas futuras encarnações, seu karma colherá os frutos das sementes que o senhor semeou. Para aquele que pratica más ações não há como escapar das consequências das próprias más ações. Mas não se desespere: todo homem pode se salvar, na condição de que erradique de si mesmo a ilusão da

individualidade. Como exemplo disso, vou contar a história do grande bandoleiro Kandata, que morreu impenitente e nasceu de novo como um diabo no inferno, onde se atormenta com os mais terríveis sofrimentos por causa das próprias más ações. Ele já estava no inferno havia muitos anos e não conseguia escapar de sua situação aterradora, quando Buda apareceu na terra e alcançou a bem-aventurada condição da iluminação. Naquele tempo memorável, um raio de luz caiu no inferno, inspirou vida e esperança em todos os demônios e o bandoleiro Kandata gritou bem alto: “Ah, Buda bendito, tenha piedade de mim! Sofro horrivelmente; apesar de ter feito o mal, agora desejo seguir o caminho da virtude. Mas não consigo me desvencilhar da rede de sofrimento; ajude-me, senhor, tenha piedade de mim!”. A lei do karma determina que as más ações levem à destruição.

“Quando Buda ouviu o apelo do demônio sofredor no inferno, mandou para ele uma aranha numa teia e a aranha disse: ‘Agarre-se à minha teia, suba por ela e saia do inferno’. Quando a aranha desapareceu, Kandata se agarrou à teia e começou a escalar. A teia era tão forte que não se rompeu e Kandata subia cada vez mais, agarrado a ela. De repente sentiu que o fio começou a tremer e oscilar, porque atrás dele outros sofredores também começavam a subir pela teia. Kandata se assustou; viu a finura da teia e viu que ela se esticava por causa do peso que aumentava. Mas ainda assim a teia o sustentou. Até então, Kandata tinha olhado só para cima, mas agora olhava para baixo e via que, atrás dele, subia pela teia a incontável multidão dos habitantes do inferno. Como pode esse fio fino sustentar o peso de toda essa gente?, pensou, assustado, e gritou bem alto: ‘Larguem a teia, ela é minha!’. E de repente a teia se rompeu e Kandata caiu de volta no inferno. A ilusão da individualidade ainda estava viva em Kandata. Ele não conhecia a força milagrosa da aspiração sincera de elevar-se, com o propósito de tomar o caminho da virtude. Essa aspiração é fina como uma teia, mas pode sustentar milhões de pessoas e, quanto mais pessoas subirem pela teia, mais fácil será para cada uma delas. Porém, assim que surgir no coração do homem a ideia de que a teia é *minha*, de que a bênção da virtude pertence a *mim* somente e de que ninguém pode dividi-la *comigo*, o fio vai se romper e a pessoa vai tombar de volta para a situação anterior, de uma individualidade separada dos outros; a separação e a individualidade são uma maldição e a união é uma bênção. O que é o inferno? O inferno não é nada mais do que o egoísmo, e o nirvana é a vida compartilhada...”

– Deixe-me agarrar essa teia – disse Magaduta, o moribundo atamã dos salteadores, quando o monge terminou sua história – para que eu saia das profundezas do inferno.

Magaduta ficou alguns minutos em silêncio, reunindo os próprios pensamentos, depois prosseguiu:

– Escute, estou reconhecendo você. Eu era criado de Pandu, o joalheiro de Kolchambi. Mas depois, quando ele me torturou injustamente, fugi e me tornei atamã dos salteadores. Algum tempo atrás, soube por meus batedores que ele ia atravessar as montanhas e então o ataquei e tomei a maior parte de seu tesouro. Agora vá falar com ele e diga que eu o perdoo de todo o coração pela afronta que fez cair sobre mim injustamente e que peço perdão a ele por ter roubado sua fortuna. Quando eu vivia com ele, seu coração era cruel, duro como pedra, e aprendi o egoísmo com ele. Ouvi dizer que agora ele se tornou bondoso e que o apontam como modelo de bondade e de virtude. Não quero ficar em dívida com ele; por isso lhe diga que guardei a coroa de ouro que ele fez para o rei, bem como todos os seus tesouros, e escondi numa catacumba. Só dois salteadores sabiam o lugar e agora ambos estão mortos; que Pandu traga homens armados, vá a esse lugar e pegue de volta os bens que tomei dele.

Depois disso, Magaduta contou onde ficava a catacumba e morreu nos braços de Pantaka.

Assim que o jovem monge Pantaka voltou para Kolchambi, foi falar com o joalheiro e contou tudo que havia acontecido na floresta.

Acompanhado de homens armados, Pandu foi à catacumba e retirou de lá todos os tesouros que o atamã havia escondido. Enterraram com honra o atamã e seus camaradas mortos, e Pantaka, junto ao túmulo, discursando sobre as palavras de Buda, disse o seguinte:

– A pessoa faz o mal, a própria pessoa sofre por ele. A pessoa se abstém do mal, a pessoa se

purifica. A pureza e a impureza pertencem à pessoa: ninguém pode purificar o outro. O próprio homem deve fazer o esforço; os Budas são apenas os pregadores. Nosso karma – disse ainda o monge Pantaka –, não é uma criação de Ishvara nem de Brama nem de Indra nem de qualquer um dos deuses. Nosso karma é consequência de nossas ações. Minha ação é o útero que me gesta, é a herança que me cabe, é a maldição de minhas más ações e a bênção de minha virtude. Minha ação é o único meio de minha salvação.

Pandu levou todo o seu tesouro de volta para Kolchambi e, aproveitando com moderação sua riqueza, devolvida de modo tão inesperado, viveu em paz e feliz o resto de sua existência e, à beira da morte, já em idade muito avançada, todos os filhos, filhas e netos estavam reunidos à sua volta e ele lhes disse:

– Filhos queridos, não censurem os outros por seus próprios insucessos. Procurem em si mesmos a causa de seu próprio infortúnio. E, se não estiverem cegos pela vaidade, vão descobrir a causa e assim poderão se desvencilhar do mal. O remédio para seus infortúnios está em vocês mesmos. Que sua visão mental nunca seja encoberta pelo véu de Maia... Lembrem-se destas palavras, que foram o talismã de minha vida: “Aquele que prejudica os outros faz o mal a si mesmo. Aquele que ajuda os outros faz o bem a si mesmo”. Que desapareça o erro da individualidade, e então vocês tomarão o caminho da virtude.

1894

TRÊS PARÁBOLAS

PRIMEIRA PARÁBOLA

Ervas daninhas cresceram num pasto bom. Para se livrarem delas, os proprietários do pasto cortaram as ervas, mas isso serviu apenas para que se multiplicassem. Então um senhor bondoso e sensato visitou os proprietários do pasto e, entre outros ensinamentos que lhes transmitiu, disse que não era preciso cortar a erva daninha, pois isso só servia para que ela se espalhasse mais ainda, e que o necessário era arrancá-la pela raiz.

Porém, ou porque os proprietários do pasto, entre as diversas instruções do senhor sensato, não tivessem dado atenção àquela que dizia que não se devia cortar a erva daninha, mas arrancá-la pela raiz, ou porque não o compreendessem, ou porque não quisessem de fato agir assim, aconteceu que a instrução de não cortar a erva daninha, mas sim arrancá-la pela raiz, não foi cumprida, como se nunca tivesse existido, e as pessoas continuaram a cortar a erva daninha, que assim se propagava ainda mais. Embora nos anos seguintes houvesse pessoas que lembrassem aos proprietários do pasto a orientação do senhor sensato e bondoso, eles não deram ouvidos e continuaram a agir como antes, de tal modo que cortar a erva daninha na hora em que ela surgia se tornou não só um costume como até uma tradição sagrada, e o pasto ficou cada vez mais cheio de ervas daninhas. E chegou o momento em que só havia ervas daninhas no pasto, as pessoas se queixavam, todos inventavam os mais variados meios de remediar a questão, mas só não empregavam justamente aquele proposto havia muito tempo pelo senhor bondoso e sensato. E então aconteceu que um homem, vendo o estado lamentável do pasto e tendo encontrado entre as instruções esquecidas do senhor bondoso e sensato a regra de não cortar a erva daninha, mas sim arrancá-la pela raiz, aconteceu que esse homem lembrou aos proprietários do pasto que eles agiram de

maneira insensata e que aquela insensatez já havia sido apontada pelo senhor bondoso e sensato.

E então? Em lugar de verificar a validade da advertência daquele homem e, em caso de ele ter razão, parar de cortar a erva daninha, ou em caso de ele estar errado, mostrar o equívoco de sua advertência ou reconhecer que as instruções do senhor bondoso e sensato não tinham fundamento e não eram obrigatórias, os proprietários do pasto não fizeram nem uma coisa nem outra e tampouco uma terceira, mas ficaram ofendidos com a advertência do homem e o insultaram. Chamaram-no de louco orgulhoso, que imaginava ser o único capaz de entender as instruções do senhor, outros o chamaram de deturpador malévolo e caluniador, outros ainda, esquecidos de que ele não estava falando por si, mas apenas recordava as instruções deixadas para todos pelo senhor sensato, o chamaram de homem maligno, que desejava reproduzir a erva daninha e tomar o pasto que era deles.

– Ah, está dizendo que não precisa cortar, mas se não aniquilarmos a erva – disseram, silenciando deliberadamente o fato de que o homem não dizia que não era necessário aniquilar a erva daninha e sim que não era preciso cortar, mas sim arrancá-la pela raiz –, então a erva daninha vai se espalhar e acabar matando nosso pasto. Mas então para que nos foi dado o pasto, se temos de cultivar nele ervas daninhas?

E a opinião de que aquele homem era louco ou caluniador, ou tinha o intuito de causar dano às pessoas, ganhou tanto apoio que todos o acusavam e todos zombavam dele. Por mais que o homem explicasse que não só não desejava propagar a erva daninha como, ao contrário, considerava a aniquilação da erva daninha uma das tarefas mais importantes de um proprietário de terras, como entendia também o senhor bondoso e sensato cujas palavras ele apenas havia recordado – por mais que explicasse tudo isso, não lhe davam ouvidos, porque a decisão definitiva era de que aquele homem era ou um orgulhoso louco, que deturpava as palavras do senhor bondoso e sensato, ou um canalha que convocava as pessoas não para a destruição da erva daninha, e sim para sua proteção e propagação.

O mesmo aconteceu comigo, quando mostrei o preceito evangélico da não resistência ao mal pela força. Essa regra foi pregada por Cristo e, depois dele, em todos os tempos e por todos os seus discípulos verdadeiros. Porém, ou porque não o compreenderam, ou porque o cumprimento de tal regra se revelou difícil demais – quanto mais tempo passava, mais a regra era esquecida, mais a forma de vida das pessoas se afastava dessa regra, e por fim chegou-se ao ponto em que estamos agora, em que essa regra já parece às pessoas algo novo, nunca visto, estranho e até louco. E comigo aconteceu o mesmo que com o homem que lembrou às pessoas a instrução antiga do senhor bondoso e sensato, segundo a qual não se deve cortar a erva daninha, mas arrancá-la pela raiz.

Assim como os proprietários do pasto silenciaram deliberadamente o fato de que o conselho não consistia em não aniquilar a erva daninha, mas sim em aniquilá-la de forma sensata, e disseram: não vamos dar ouvidos a esse homem, ele é louco, manda não cortar a erva daninha, mas reproduzi-la, assim também foram tratadas minhas palavras que afirmavam que, segundo o ensinamento de Cristo, para destruir o mal não devemos nos opor a ele por meio da força, mas sim destruí-lo pela raiz por meio do amor, e disseram: não vamos dar ouvidos a ele, é louco; aconselha não se opor ao mal para que o mal nos vença.

O que eu disse foi que, segundo o ensinamento de Cristo, o mal não pode ser erradicado por meio do mal, que toda resistência ao mal por meio da força só serve para aumentar o mal, que segundo o ensinamento de Cristo o mal é erradicado pelo bem: “Abençoa quem te amaldiçoa, reza por quem te ofende, faz o bem a quem te odeia, ama teus inimigos, e não terás inimigos”.¹ Eu disse que, segundo o ensinamento de Cristo, toda a vida do homem é uma luta contra o mal, uma resistência ao mal por meio da razão e do amor, mas que, entre todos os meios de se opor ao mal, Cristo exclui o meio insensato de se opor ao mal por meio da força, que consiste em lutar contra o mal com o próprio mal.

E essas minhas palavras foram entendidas como se eu tivesse dito que Cristo ensina que não é preciso se opor ao mal. E todos aqueles cuja vida se baseia na violência, pessoas a quem por isso mesmo a violência é algo caro, receberam muito bem tal interpretação de minhas palavras e, ao mesmo tempo,

das palavras de Cristo, e ficou estabelecido que o ensinamento da não resistência ao mal é um ensinamento falso, absurdo, ímpio e nocivo. E as pessoas continuam tranquilamente a disseminar e aumentar o mal, sob o pretexto de aniquilá-lo.

SEGUNDA PARÁBOLA

Pessoas faziam negócios com farinha, manteiga, leite e todo tipo de comestíveis. E, disputando umas com as outras, no intuito de ganharem o máximo possível e ficarem ricas rapidamente, passaram a misturar cada vez mais substâncias nocivas e baratas em suas mercadorias: na farinha misturavam farelo e cal, na manteiga punham margarina, no leite, água e giz. Mas enquanto as mercadorias não chegavam aos consumidores, tudo corria bem: os atacadistas vendiam aos varejistas e os varejistas vendiam aos mascates.

Havia muitos armazéns e lojas e o comércio parecia correr de vento em popa. E os negociantes estavam satisfeitos. Mas para os consumidores da cidade, aqueles que não produziam o próprio alimento e por isso tinham de comprá-lo, era muito desagradável e nocivo.

A farinha era ruim, a manteiga e o leite eram ruins, mas como nos mercados das cidades não havia outras mercadorias senão as adulteradas, os consumidores da cidade continuavam a comprar aquelas mercadorias e atribuíam a si mesmos, e à maneira errada de preparar a comida, o paladar ruim que sentiam nos alimentos e os danos à saúde que causavam. E os comerciantes misturavam aos produtos quantidades cada vez maiores de substâncias baratas e estranhas aos alimentos.

Isso durou muito tempo; os habitantes da cidade não paravam de sofrer e ninguém se decidia a manifestar seu descontentamento.

E aconteceu de aparecer na cidade uma proprietária de terras que sempre havia alimentado a família com o que fazia na própria casa. Ela se havia ocupado a vida inteira com o preparo dos alimentos e, embora não fosse uma cozinheira extraordinária, sabia fazer um pão gostoso e preparar almoços saborosos.

Essa proprietária fez compras nos armazéns da cidade e começou a cozinhar e assar. Os pães não assavam direito, se desmanchavam. As panquecas não ficavam gostosas por causa da manteiga com margarina. A proprietária deixava o leite descansar, mas ele não formava nata. Ela logo entendeu que as mercadorias não eram boas. Examinou os alimentos e sua suspeita se confirmou: na farinha achou farelo, na manteiga, margarina, no leite, giz. Tendo comprovado que todos os produtos estavam adulterados, a proprietária foi ao mercado e reclamou com os comerciantes em voz bem alta e exigiu deles que oferecessem em suas barracas mercadorias boas, próprias para o consumo e que não estivessem estragadas, ou então que parassem seu comércio e fechassem suas lojas. Mas os comerciantes não deram nenhuma atenção à proprietária e lhe disseram que suas mercadorias eram de primeira qualidade, que havia muitos anos que a cidade inteira comprava deles e que tinham até ganhado medalhas, e lhe mostraram as medalhas nas molduras. Mas a proprietária não se acalmou.

– Não preciso de medalhas – disse ela –, mas de comida saudável, que não faça doer minha barriga e a dos meus filhos.

– Sem dúvida a senhora nunca soube o que são a farinha e a manteiga verdadeiras – responderam os comerciantes, apontando para a farinha de aspecto branco e puro que enchia caixas muito bem envernizadas, para a manteiga de aparência amarela, exposta em tigelas bonitas, e para um líquido branco, em jarros transparentes e brilhantes.

– É impossível que eu não saiba – respondeu a proprietária –, pois a vida inteira não fiz outra coisa senão preparar eu mesma a comida e comer junto com meus filhos. Suas mercadorias estão

estragadas. Aqui está a prova – disse, mostrando o pão estragado, a margarina nas panquecas e a borra no leite. – É preciso jogar todas as suas mercadorias no rio ou então queimar, e oferecer em seu lugar mercadorias boas! – E a proprietária não parava, ficou na frente das barracas, gritava sempre a mesma coisa para os compradores que chegavam e os compradores começaram a hesitar.

Então, vendo que a atrevida proprietária podia prejudicar seu comércio, os comerciantes disseram aos compradores:

– Vejam só, senhores, como essa mulher está louca. Quer matar todo mundo de fome. Está mandando queimar ou jogar no rio todos os alimentos. O que vocês vão comer, se obedecermos e não vendermos comida para vocês? Não deem ouvidos a ela: é uma roceira ignorante, não sabe usar os alimentos e põe a culpa em nós só por inveja. É pobre e quer que todo mundo fique pobre como ela.

Assim falavam os comerciantes para a multidão que se havia reunido, calando de propósito o fato de que a mulher não queria destruir os alimentos, mas substituir os ruins por bons.

E então a multidão se voltou contra a mulher e passou a xingá-la. E por mais que garantisse a todos que não queria destruir os alimentos e que, ao contrário, tinha se ocupado a vida toda com comida, que havia alimentado os outros e a si mesma, e que queria apenas que as pessoas que forneciam produtos comestíveis não envenenassem seus fregueses com substâncias adulteradas, sob a aparência de comida, quanto mais ela falava e a despeito do que ela dizia, não lhe davam ouvidos, porque ficou decidido que ela queria privar as pessoas dos alimentos indispensáveis a elas.

O mesmo aconteceu comigo com relação à ciência e à arte de nosso tempo. A vida toda, eu me nutri desse alimento e – bom ou ruim – tentei alimentar com ele outras pessoas a meu alcance. E como, para mim, isso é um alimento e não um objeto de comércio ou de luxo, sem dúvida sei quando um alimento é alimento e quando apenas parece ser. Então, quando provei o alimento que começou a ser vendido, em nosso tempo, na feira intelectual sob o aspecto de ciência e de arte, e experimentei alimentar com ele as pessoas queridas, vi que a maior parte dessa comida não era verdadeira. E quando eu disse que essa ciência e essa arte que comercializam na feira intelectual têm margarina ou, pelo menos, vêm com uma mistura de muitas substâncias estranhas à ciência e à arte verdadeiras, e que sei disso porque os produtos comprados por mim na feira intelectual se mostraram incomedíveis para mim e para pessoas próximas a mim, e não só incomedíveis como francamente nocivos, então começaram a gritar contra mim, passaram a me vaiar e me advertir de que aquilo acontecia porque eu não era instruído, não sabia como lidar com coisas tão elevadas. Quando comecei a mostrar que os próprios comerciantes de tais mercadorias intelectuais se acusavam uns aos outros, o tempo todo, de engano; quando fiz ver que em todo o tempo, sob o nome de ciência e de arte, oferecem às pessoas muita coisa nociva e ruim, e que por isso também nosso tempo tem esse mesmo perigo pela frente, que esse assunto não é uma brincadeira, que o veneno espiritual é muitas vezes mais perigoso do que o veneno corporal e que por isso é preciso, com a máxima atenção, acompanhar os produtos espirituais que nos são fornecidos sob o aspecto de alimento e pôr de lado decididamente tudo o que houver de falso e nocivo – quando comecei a dizer isso, ninguém, ninguém, nenhuma pessoa, em nenhum artigo ou livro, respondeu a meus argumentos, mas de todas as barracas da feira começaram a gritar, como fizeram àquela mulher: “Ele é louco! Ele quer aniquilar a ciência e a arte, aquilo de que vivemos. Cuidado com ele, não lhe deem ouvidos! Venham, sejam bem-vindos à nossa feira! Temos as últimas mercadorias vindas do exterior”.

TERCEIRA PARÁBOLA

Viajantes caminhavam. E aconteceu de saírem da estrada e assim tiveram de andar não numa trilha plana, mas num pântano, com mato fechado, espinhos, galhos pontudos que barravam a passagem, e ficou cada vez mais difícil deslocar-se.

Então os viajantes se dividiram em dois grupos: um resolveu seguir direto, sem parar, na direção em que estavam indo, garantindo a si mesmos e aos demais que não tinham se extraviado da direção correta e que, no final, chegariam ao destino da viagem; o outro grupo decidiu que a direção em que estavam andando agora obviamente estava errada – do contrário, já teriam chegado ao destino da viagem –, portanto era preciso procurar o caminho e, para procurá-lo, era necessário se deslocar o mais depressa possível, e sem parar, em todas as direções. Todos os viajantes se dividiram entre as duas opiniões: uns resolveram seguir sempre em linha reta e os outros resolveram andar em todas as direções, mas havia um homem que não concordava com nenhuma das duas opiniões e disse que, antes de seguir na direção em que já estavam indo ou de começar a andar depressa em todas as direções, na esperança de assim conseguir encontrar o rumo correto, era preciso antes de tudo parar e refletir sobre a situação em que estavam e, depois de refletir bastante, optar por uma coisa ou outra. Mas os viajantes estavam tão

estimulados pelo movimento, tão assustados com sua situação, queriam tanto alimentar sua esperança de que não tinham se perdido, mas que apenas tinham se desviado da estrada por um breve tempo e que logo encontrariam outra vez o caminho e era tão grande, sobretudo, a vontade de abafar seu medo com o movimento que aquela opinião foi recebida com descontentamento geral, acusações e zombarias, tanto de um grupo quanto do outro.

– Esse é o conselho da fraqueza, da covardia, da preguiça – disseram uns.

– Que boa maneira de chegar ao destino da viagem, ficar parado no mesmo lugar, não se mover! – disseram outros.

E por mais que o homem que se afastou da maioria explicasse que, andando para uma direção falsa, sem mudar de rumo, seguramente não nos aproximaríamos de nosso destino e sim nos afastaríamos dele, e também que não chegaríamos ao destino se nos deslocássemos de um lado para outro e que a única maneira de chegar ao destino consistia em avaliar a posição do Sol e das estrelas e assim descobrir qual direção nos levaria a nosso destino, e uma vez definida a direção, segui-la, mas que para fazer isso era necessário em primeiro lugar deter-se um pouco, não para ficar parado no mesmo lugar, mas para poder descobrir o caminho verdadeiro e depois, já com segurança, segui-lo, e que para uma coisa e para outra era preciso primeiro parar um tempo e refletir – por mais que ele explicasse tudo isso, não lhe davam ouvidos.

E o primeiro grupo dos viajantes seguiu em frente na direção que já vinha seguindo, o segundo grupo começou a se movimentar de um lado para outro, mas nem um nem outro se aproximou do destino, sequer conseguiram sair da mata fechada e dos espinhos e até agora estão vagando sem rumo.

Exatamente a mesma coisa aconteceu comigo, quando tentei exprimir a dúvida de que o caminho pelo qual vagávamos na floresta escura da questão do trabalho e no pântano sem fim do armamento dos povos em que nos afundamos não pode ser absolutamente o caminho que precisamos trilhar, que é muito provável que tenhamos nos perdido da estrada e, por isso, perguntei se não era melhor deter por um tempo esse processo obviamente vão e analisar, antes de tudo, segundo os princípios gerais e eternos da verdade que nos foi revelada, que direção é essa em que estamos avançando e qual será aquela que temos de fato a intenção de seguir. Ninguém respondeu a essa pergunta, ninguém disse: não nos enganamos de direção e não estamos vagando sem rumo, temos certeza disso por tal e tal razão. Também ninguém disse: talvez tenhamos cometido um erro, mas temos um modo incontestável de remediar esse erro, sem deter nosso movimento. Ninguém disse nem uma coisa nem outra. Todos se irritaram, ficaram ofendidos e trataram logo de falar alto e em uníssono para abafar minha voz solitária.

– Do jeito que estão as coisas, já somos preguiçosos e atrasados. E agora ainda vem ele pregar a preguiça, a perda de tempo, a indolência!

Alguns até acrescentaram: a vadiagem.

– Não deem ouvidos a ele, vamos em frente, sigam-nos! – gritaram aqueles que acham que a salvação consiste em não mudar a direção e seguir de uma vez o rumo já escolhido, seja ele qual for, e também aqueles que acham que a salvação consiste em se deslocar em todas as direções.

– Parar para quê? Pensar em quê? Vamos em frente e depressa! Tudo vai se arranjar!

As pessoas perderam o caminho e sofrem por isso. Era de imaginar que o primeiro e principal empenho das energias devia ser direcionado não para o reforço do movimento que nos levou a esta situação falsa em que nos encontramos, mas sim para deter esse movimento. Era de imaginar que estivesse claro que só parando conseguiríamos entender, por pouco que fosse, nossa situação e descobrir a direção que temos de seguir, a fim de chegar ao bem verdadeiro, não de um só homem, não de uma classe de pessoas, mas o bem verdadeiro e geral da humanidade, a que aspiram todas as pessoas e cada coração humano em separado. Mas o que acontece? As pessoas inventam todos os meios possíveis, menos o único capaz de salvá-las, ou se não de salvá-las pelo menos de aliviar sua situação, justamente aquele que consiste em se deter, ainda que só por um minuto, em vez de continuar a reforçar suas

desgraças com a mesma atividade falsa. As pessoas sentem o desastre de sua situação e fazem todo o possível para se esquivar, porém justamente o que, com certeza, aliviaria sua situação, isso elas não querem fazer de jeito nenhum, e qualquer conselho para agir assim as deixa mais irritadas do que qualquer outra coisa.

Se ainda é possível haver alguma dúvida de que perdemos o rumo, essa reação ao conselho para refletir demonstra, com toda a evidência, como nos perdemos de forma inapelável e como é grande nosso desespero.

1895

O PATRÃO E O TRABALHADOR

I

Aconteceu nos anos 70, no inverno, um dia depois do dia de São Nicolau.¹ Havia festa na paróquia e Vassíli Andreitch Brekhúnov, dono de uma estalagem e comerciante da segunda guilda,² não podia se ausentar: tinha de ir à igreja – era um decano da igreja – e, em casa, tinha de receber e servir parentes e conhecidos. Porém, assim que os últimos convidados se foram, Vassíli Andreitch logo tratou dos preparativos para ir a uma propriedade vizinha a fim de concretizar a aquisição de um bosque, que ele vinha negociando havia muito tempo. Vassíli Andreitch tinha pressa de partir para que comerciantes da cidade não tomassem sua frente naquela compra vantajosa. O jovem proprietário pediu dez mil rublos pelo bosque, só porque Vassíli Andreitch lhe ofereceu sete mil. E sete mil equivaliam apenas a um terço do valor real do bosque. Talvez Vassíli Andreitch ainda barganhasse um pouco mais, o bosque se encontrava na sua área e, entre ele e os comerciantes de aldeia da região, havia um acordo antigo segundo o qual um comerciante não devia aumentar o preço das terras na área do outro, no entanto Vassíli Andreitch soubera que negociantes de madeira da província planejavam fazer negócio com o bosque de Goriátchkin e decidiu ir logo fechar negócio com o proprietário. Por isso, assim que a festa acabou, tirou do cofre seus setecentos rublos, acrescentou dois mil e trezentos da igreja, que ele guardava consigo, para completar três mil rublos e, depois de contar as notas exaustivamente e enfiá-las na carteira, se arrumou para partir.

Nikita, o único dos trabalhadores de Vassíli Andreitch que não estava bêbado naquele dia, correu para atrelar os cavalos. Nikita não estava embriagado naquele dia justamente porque era um beberrão, mas agora, desde o último dia antes do grande jejum, quando bebeu até o casaco e as botas de couro que estava usando, tinha jurado não beber, e já fazia dois meses que de fato não bebia; mesmo agora não bebia, apesar da atração da bebida, servida e tomada em toda parte, nos dois primeiros dias da festa.

Nikita era um mujique de cinquenta anos, de uma aldeia próxima, sem-casa, como o chamavam, pois passava a maior parte do tempo fora de casa, trabalhando para os outros. Era estimado em toda parte por sua dedicação, habilidade, força no trabalho e sobretudo pelo caráter bom e simpático; mas não se fixava em lugar nenhum, porque duas vezes por ano, ou mais, começava a beber e então, além de gastar tudo que possuía com bebida, ainda por cima se tornava brigão e implicante. Vassíli Andreitch também o demitiu algumas vezes, mas depois contratou de novo, pois o apreciava pela honestidade, pelo amor aos animais e, sobretudo, por cobrar barato. Vassíli Andreitch não pagava a Nikita os oitenta rublos que custava um

trabalhador do seu tipo, mas sim quarenta rublos, que lhe dava sem regularidade, em parcelas pequenas, e em geral não em dinheiro, mas em mercadorias de sua venda, com preços majorados.

A esposa de Nikita, Marfa, no passado uma camponesa bonita e ativa, cuidava da casa junto com um menino adolescente e duas meninas e não chamava Nikita para morar em sua casa, em primeiro lugar, porque já fazia vinte anos que ela vivia com um tanoeiro, um mujique de outra aldeia, que morava na casa deles; em segundo lugar, porque, embora maltratasse o marido à vontade quando estava sóbrio, o temia como fogo quando ele bebia muito. Certa vez, chegando em casa bêbado, certamente para se vingar da esposa por sua submissão em estado de sobriedade, Nikita arrebentou o cofre dela, pegou suas roupas prediletas, apanhou o machado e, sobre um cepo, picou em pedacinhos todos os seus vestidos e saias coloridas. Todo o salário recebido por Nikita ia para a esposa e Nikita não reclamava. Ainda agora, uns dois dias antes do feriado, Marfa foi à venda de Vassíli Andreitch e pegou farinha branca, chá, açúcar e um oitavo de vodca, no total de três rublos, e ainda pegou mais cinco rublos em dinheiro e agradeceu por isso, como se fosse um gesto de grande misericórdia, quando na verdade Vassíli Andreitch devia a Nikita vinte rublos, calculando muito por baixo.

– Alguma vez já deixei de cumprir um acordo com você? – dizia Vassíli Andreitch para Nikita. – Pegue o que precisar, depois você paga com seu trabalho. Comigo não é como com os outros: mandam esperar, fazem contas, cobram multas. Com a gente é na base da honestidade. Você me obedece e eu não deixo você abandonado.

Ao dizer isso, Vassíli Andreitch estava sinceramente convencido de que cobria Nikita de benefícios: sabia falar de modo tão convincente que todos que dependiam de seu dinheiro, a começar por Nikita, o apoiavam na convicção de que ele não trapaceava e ainda cobria todos de benefícios.

– Sei, eu entendo, sim, Vassíli Andreitch; olhe, eu trabalho e dou um duro danado para o senhor, como faria para meu pai. Entendo muito bem – respondeu Nikita, entendendo muito bem que Vassíli Andreitch o enganava, mas sentindo, ao mesmo tempo, que não adiantava nada tentar esclarecer suas contas com ele e que, enquanto não aparecesse outro lugar para ficar, era preciso viver e aceitar o que dessem.

Agora, tendo recebido a ordem do patrão de atrelar os cavalos, Nikita, como sempre alegre e bem-disposto, com os passos ágeis e vigorosos de seus pés que marchavam um atrás do outro no estábulo, retirou de um gancho uma correia pesada com freio e cabresto e, tilintando as argolas do arreio, foi para a baia fechada onde o cavalo que Vassíli Andreitch mandara atrelar estava sozinho.

– E aí, está chateado, está chateado, é, seu cabeça-dura? – disse Nikita, respondendo ao fraco relincho de saudação com que o recebeu o belo garanhão baio escuro, de estatura mediana e garupa um pouco arriada, que estava sozinho na baia. – Eh, eh! Vamos logo, primeiro vamos tomar água – disse para o cavalo exatamente como se fala para criaturas que compreendem as palavras e, depois de bater com a aba do casaco nas costas do cavalo, empoeiradas, gordas, roídas, com uma risca pelada no meio, pôs o cabresto na cabeça jovem e bonita do garanhão, soltou as orelhas e a franja, retirou o bridão e levou-o para beber água.

Depois de sair com cuidado do estábulo coalhado de esterco, Mukhórti³ começou a brincar de levantar as patas traseiras, fingindo que queria dar coices em Nikita, que o levava para o poço, correndo a trote.

– Pode fazer suas gracinhas, seu malandro! – exclamou Nikita, que sabia do cuidado com que Mukhórti erguia as patas traseiras e fingia dar coices, de modo que apenas resvassem em seu casaco ensebado, sem bater nele de verdade, e gostava muito daquele seu jeito.

Depois de beber a água quase congelada, o cavalo bufou, sacudindo os beiços molhados e fortes, dos quais gotas transparentes pingavam do bigode para o cocho, e se aquietou, como se parasse um pouco para pensar; em seguida, de repente, relinchou bem alto.

– Se não quer, não precisa, mas fique sabendo: depois não peça mais – disse Nikita, explicando

para Mukhórti, com toda a seriedade e clareza, seu modo de proceder; e depois correu para o estábulo, puxando pela rédea o jovem e belo cavalo, que resfolegava e estalava os cascos por todo o caminho.

Nenhum trabalhador estava ali; só um homem de fora, o marido da cozinheira, que tinha vindo para passar os feriados.

– Vá lá perguntar, minha alma querida – disse-lhe Nikita –, qual é o trenó que tenho de atrelar: o mais largo ou o menor?

O marido da cozinheira foi à casa, que tinha alicerces de ferro e telhado de ferro, e logo voltou com a notícia de que a ordem era atrelar o trenó menor. Nessa altura, Nikita já tinha posto a canga, prendido a cilha ornada com tachas e, levando na mão um leve arco de trenó pintado enquanto puxava o cavalo com a outra mão, se aproximava de dois trenós estacionados junto ao estábulo.

– Se é no menor, vamos no menor – disse ele, e conduziu o cavalo inteligente, que não parava de fingir que queria mordê-lo, para o intervalo entre os varais do trenó e, com ajuda do marido da cozinheira, Nikita começou a atrelar.

Quando estava quase tudo pronto e só faltava ajustar os arreios, Nikita mandou o marido da cozinheira ir ao estábulo pegar palha e ao celeiro pegar uma manta de estopa.

– Pronto, pronto, tudo bem. Eh, eh, não fique zangado! – disse Nikita, enquanto estofava o trenó com a palha de aveia recém-debulhada, trazida pelo marido da cozinheira. – Agora vamos pôr a aniagem, assim, que nem uma cama, e por cima a manta de estopa. Pronto, olhe só, assim vai ficar bom de sentar – ia falando enquanto fazia o que estava dizendo, ajeitando a manta de estopa por cima da palha, em todos os lados, ao redor do assento. – Pronto, obrigado, alma querida – disse Nikita ao marido da cozinheira. – Com dois, tudo anda mais rápido. – E, segurando as rédeas de couro, unidas por uma argola na ponta, Nikita sentou no trenó e tocou o bom cavalo, ansioso para andar, na direção do portão, por cima do esterco congelado.

– Tio Mikit, titio, ei, titio! – começou a gritar atrás dele a vizinha fina de um menino de sete anos que saiu afobado pela porta e veio correndo pelo pátio, num casaco preto, botas de feltro brancas e novas e gorro quente. – Me leve também – pediu, enquanto abotoava o casaco na corrida.

– Está bem, está bem, corre, pombinho – disse Nikita e, depois de parar, sentou no trenó o menino magrinho, pálido e radiante de alegria, o filho do patrão, e saiu para a rua.

Passava das duas horas. Fazia muito frio – uns dez graus abaixo de zero, estava escuro e ventava. Metade do céu estava coberta por uma nuvem baixa e escura. Mas no pátio o tempo estava ameno. Já na rua, dava para sentir mais o vento: a neve era varrida do telhado do celeiro do vizinho e rodopiava na esquina, perto da casa de banho. Assim que Nikita atravessou o portão e conduziu o cavalo na direção da varanda, Vassíli Andreitch, com um cigarro na boca, vestindo um casaco forrado de pele de ovelha e com o cinto bem apertado, saiu pela porta na varanda alta e coalhada de neve, que rangia sob suas botas de feltro com solas de couro, e parou. Deu uma tragada no que restava do cigarro, jogou-o junto aos pés, pisou e, soltando a fumaça entre os fios do bigode, olhando de lado para o cavalo que se aproximava, começou a levantar a gola do casaco de ambos os lados do rosto rosado, barbeado, exceto pelo bigode, mas com cuidado, para evitar que a respiração umedecesse a pele do forro da gola.

– Já está aí, é, seu brincalhão? Vamos, caia fora, já! – disse, ao ver o filho no trenó. Vassíli Andreitch estava excitado pela bebida que tomara com os convidados e por isso, ainda mais do que o costume, se mostrava satisfeito com tudo que lhe pertencia e tudo que fazia. A visão do filho, que em pensamento sempre chamava de herdeiro, agora despertou nele uma grande satisfação; estreitando os olhos e deixando à mostra os dentes compridos, olhou para o menino.

Grávida, magra e pálida, com a cabeça e os ombros embrulhados num xale de lã, de modo que só os olhos ficavam visíveis, a esposa de Vassíli Andreitch o acompanhou até a varanda e ficou atrás dele.

– Na verdade, era melhor levar o Nikita com você – disse ela, ao aparecer timidamente por trás da porta.

Vassíli Andreitch nada respondeu às palavras dela, que obviamente não lhe agradaram. Fechou a cara, zangado, e cuspiu.

– Está levando dinheiro – insistiu a esposa com a mesma voz queixosa. – E se o tempo não melhorar? É sério, pelo amor de Deus.

– Como se eu não conhecesse o caminho e precisasse necessariamente de um guia! – exclamou Vassíli Andreitch, com a estranha tensão dos lábios com que costumava falar com vendedores e compradores, pronunciando cada sílaba com uma clareza especial.

– Não, é verdade, leve o Nikita. Peço pelo amor de Deus! – repetiu a esposa, puxando o xale para o outro lado.

– Agora ela cismou e não vai mais parar... Mas como é que vou levar o Nikita?

– Puxa, Vassíli Andreitch, estou prontinho – disse Nikita, contente. – É só darem comida para os cavalos, enquanto eu não estiver aqui – acrescentou, se dirigindo à patroa.

– Vou cuidar disso, Nikituchka, vou mandar o Semion – disse a patroa.

– Pronto. E então, vamos lá, Vassíli Andreitch? – disse Nikita, esperando.

– Sim, parece que tenho de fazer a vontade de minha velha. Só que, se vamos mesmo, é melhor você pôr um agasalho mais quente – disse Vassíli Andreitch, sorrindo de novo e piscando o olho para o casaco curto de pele de Nikita, rasgado nos sovacos e nas costas, com uma franja de farrapos na borda, ensebado, desengonçado e que já tinha visto de tudo neste mundo.

– Ei, alma querida, vem cá, segure o cavalo! – gritou Nikita para o marido da cozinheira, do outro lado do pátio.

– Eu seguro, eu seguro! – guinchou o menino, tirando dos bolsos as mãozinhas vermelhas e enregeladas e segurando com elas as rédeas frias de couro.

– Só não fique muito tempo se enfeitando com esse casaco, vamos logo! – gritou Vassíli Andreitch, zombando de Nikita.

– Um momentinho só, caro Vassíli Andreitch – respondeu Nikita e, movendo depressa as botas de feltro velhas, com as pontas viradas para dentro e com solas de feltro costuradas, correu pelo pátio e entrou na isbá dos trabalhadores.

– Ei, Arinuchka, pegue meu capote perto da estufa... Vou viajar com o patrão! – exclamou Nikita, entrando correndo pela isbá e tirando um cinto do gancho.

A trabalhadora, que havia cochilado após o almoço e agora preparava o samovar para o marido, recebeu Nikita com alegria e, contagiada por sua afobação, começou a se movimentar tão depressa quanto ele e pegou na estufa um casaco péssimo, esburacado, de feltro, que deixaram ali para secar, e começou a sacudir e bater o agasalho às pressas.

– Quer dizer que você vai ter a chance de ficar sossegada com seu parceiro, hein? – disse Nikita, que por bondade sempre dizia algo gentil quando ficava sozinho com alguém.

E, puxando o cinto esticado na cintura, respirou fundo, encolheu bem a barriga e apertou o cinto com toda a força, em redor do casaco de pele de carneiro.

– Pronto, agora, sim – disse em seguida, dirigindo-se já não à cozinheira, mas ao cinto mesmo, enquanto enfiava a ponta solta na cintura da calça. – Agora não vai se soltar. – Ergueu e baixou os ombros para ganhar desenvoltura nos braços, vestiu o capote por cima, também esticou as costas para os braços ficarem mais livres, bateu com as mãos nos sovacos e pegou as luvas na estante. – Pronto, agora está certo.

– Ei, Stepánitch, era melhor enrolar os pés – disse a cozinheira –, suas botas estão um horror.

Nikita parou, como se só então lembrasse.

– É mesmo... Mas vão aguentar, não é tão longe! – E correu para fora.

– Não vai sentir frio, Nikituchka? – perguntou a patroa, quando ele se aproximou do trenó.

– Que frio, nada, estou bem quentinho – respondeu Nikita, ajeitando a palha na parte dianteira do

trenó, a fim de cobrir seus pés com ela, e dobrando embaixo da palha seu chicote, desnecessário para o bom cavalo.

Vassíli Andreitch já estava sentado no trenó, coberto por dois casacos de pele e enchendo com suas costas quase todo o vão da parte traseira do trenó, e sem demora segurou as rédeas e tocou o cavalo. Nikita embarcou de um salto, pelo lado esquerdo, com o trenó já em movimento, e um pé ficou pendurado para fora.

II

Com um leve rangido dos esquis, o bom garanhão moveu o trenó e, em passadas ligeiras, avançou através da aldeia, pela estrada nivelada pelo gelo.

– Mas aonde você pensa que vai? Me dê o chicote, Nikita! – gritou Vassíli Andreitch, obviamente divertido com o herdeiro, que havia subido na parte traseira dos esquis. – Vou acertar em você! Corra para a mamãe, filho de uma cadela!

O menino pulou. Mukhórti acelerou o passo e, depois de dar um gemido, começou a trotar.

Krésti, a aldeia onde ficava a casa de Vassíli Andreitch, era formada por seis casas. Assim que passaram pela última, a isbá de Kuznétsov, logo notaram que o vento estava soprando muito mais forte do que imaginavam. Quase não dava mais para enxergar os caminhos. A trilha dos esquis logo se apagava e só se conseguia distinguir a estrada porque ela estava mais alta do que o terreno em volta. A neve rodopiava por todo o campo e não se via a linha que separa a terra do céu. A floresta de Tieliátin, sempre bastante visível, só de vez quando surgia, de modo vago, em meio à poeira da neve. O vento soprava do lado esquerdo, virando a crina de Mukhórti com insistência para o lado, sobre o pescoço vigoroso e bem nutrido, e empurrando na diagonal a cauda peluda, amarrada com um laço simples. A gola comprida do casaco de Nikita, sentado de lado para o vento, batia no rosto e no nariz.

– É neve demais, não dá para ele correr o que sabe – disse Vassíli Andreitch, orgulhoso de seu bom cavalo. – Uma vez, fui com ele a Pachútino e chegou lá em meia hora.

– O quê? – perguntou Nikita, que não tinha ouvido por trás da gola.

– Pachútino, cheguei lá em meia hora – gritou Vassíli Andreitch.

– É o que eu digo, esse cavalo é muito bom! – disse Nikita.

Ficaram calados. Mas Vassíli Andreitch estava com vontade de conversar.

– E então, você mandou sua mulher não dar bebida para o tanoeiro? – disse Vassíli Andreitch com a mesma voz alta, tão convencido de que Nikita devia se sentir lisonjeado de conversar com um homem tão inteligente e culto como ele, e também tão satisfeito com seu gracejo, que nem passou pela sua cabeça a ideia de que Nikita poderia não gostar daquela conversa.

De novo, Nikita não ouviu o som das palavras do patrão, levadas pelo vento.

Vassíli Andreitch repetiu o gracejo sobre o tanoeiro, com sua voz alta e clara.

– Que eles fiquem com Deus, Vassíli Andreitch, eu não me meto nesses assuntos. Contanto que ela não maltrate o menino, está tudo certo.

– É isso mesmo – disse Vassíli Andreitch. – Mas e então, vai mesmo comprar um cavalo na primavera? – perguntou, mudando de assunto.

– Não tem outro jeito – respondeu Nikita, baixando a gola do casaco e virando para o patrão.

Agora a conversa já era do interesse de Nikita e ele queria escutar tudo.

– O pequeno já cresceu, tem de arar a terra, e até agora a gente alugou um cavalo – disse ele.

– Por que não fica com aquele magro e alto? Não vou cobrar caro! – gritou Vassíli Andreitch, sentindo-se estimulado e, por isso, dando início à sua atividade predileta, aquela que absorvia todas as

suas energias mentais: trapacear nos negócios.

– Ou então o senhor me dá quinze rublinhos e eu compro um na feira de cavalos – disse Nikita, sabendo que o valor do cavalo de garupa arriada que Vassíli Andreitch queria lhe empurrar era de sete rublos, mas que Vassíli Andreitch, ao lhe passar o cavalo, ia cobrar uns vinte e cinco rublos e depois Nikita ia ficar meio ano sem ver dinheiro nenhum.

– É um cavalo bom. Desejo para você o mesmo que desejo para mim. De coração. Brekhúnov não é de enganar ninguém. Deixe que eu fique com o prejuízo, não sou como os outros. Palavra de honra – gritou com a mesma voz com que tapeava seus compradores e vendedores. – É um senhor cavalo!

– Se é – disse Nikita, depois de um suspiro, e, convencido de que não tinha mais nada que ouvir, soltou a gola, que imediatamente cobriu a orelha e o rosto.

Viajaram calados por meia hora. O vento soprava forte no lado e no braço de Nikita, onde o casaco estava rasgado.

Ele se encolhia, respirava por trás da gola que cobria a boca e, no todo, não sentia frio.

– Então, o que você acha? Vamos por Karamíchevo ou vamos reto mesmo? – perguntou Vassíli Andreitch.

Por Karamíchevo, a estrada era mais movimentada e bem marcada por duas fileiras de estacas, porém o trajeto era mais longo. Seguindo reto, o caminho era mais curto, mas a estrada era pouco usada, não havia estacas marcando a estrada, ou estavam tombadas, cobertas de neve.

Nikita pensou um pouco.

– Por Karamíchevo fica mais longe, mas a estrada é melhor – disse.

– Sim, mas seguindo reto, é só passar pelo valezinho, não dá para se perder, e depois vem a floresta e aí o caminho fica mais fácil – disse Vassíli Andreitch, que preferia ir reto.

– O senhor manda – disse Nikita, e soltou de novo a gola.

Assim fez Vassíli Andreitch e, depois de percorrer meia versta, dobrou à esquerda, junto a um carvalho alto que balançava com o vento e, aqui e ali, ainda tinha algumas folhas secas presas aos galhos.

Depois da curva, o vento passou a bater quase de frente. E caía uma neve fina. Vassíli Andreitch conduzia o trenó, inflava as bochechas e soprava para baixo, através do bigode. Nikita cochilava. Seguiram calados por uns dez minutos. De repente, Vassíli Andreitch falou alguma coisa.

– O que foi? – perguntou Nikita, abrindo os olhos. Vassíli Andreitch não respondeu: estava andando com o corpo inclinado, olhando para trás e para a frente, adiante do cavalo. Com o pelo encrespado pelo suor, que encharcava a virilha e o pescoço, o cavalo avançava devagar.

– O que foi? – repetiu Nikita.

– O que foi, o que foi! – arremedou Vassíli Andreitch, zangado. – Não dá para ver as marcas da estrada! Acho que nos perdemos!

– Pare aqui um pouquinho, vou procurar a estrada – disse Nikita e, pulando ligeiro para fora do trenó, pegou o chicote embaixo da palha e foi para a esquerda do lado em que estava sentado.

Naquele ano, a neve não estava tão funda e era possível andar para todo lado, no entanto aqui e ali a neve batia no joelho e entrava nas botas de Nikita. Ele andou, bateu com os pés e com o chicote, mas não achou a estrada em lugar nenhum.

– E aí? – perguntou Vassíli Andreitch, quando Nikita voltou para perto do trenó.

– Desse lado, não tem estrada. Temos de ir para o outro lado.

– Tem alguma coisa escura lá na frente, vá dar uma olhada – disse Vassíli Andreitch.

Nikita foi até lá, se aproximou do que parecia escuro – era a terra dos campos nus de inverno que o vento havia espalhado sobre a neve, deixando manchas pretas sobre ela. Depois de ir também para a direita, voltou para o trenó, sacudiu a neve do corpo, tirou-a de dentro das botas e sentou no trenó.

– Temos de ir para a direita – disse ele, em tom decidido. – O vento estava batendo no meu lado esquerdo e agora bate bem de frente no focinho. Vá para a direita! – disse, em tom decidido.

Vassíli Andreitch obedeceu e tomou a direita. Mas a estrada não aparecia. Avançaram assim por um tempo. O vento não diminuía e caía uma neve fina.

– Pois é, Vassíli Andreitch, pelo visto a gente se perdeu mesmo – disse Nikita de repente, como que com satisfação. – O que é aquilo? – perguntou, apontando para umas ramas de batata que sobressaíam na neve.

Vassíli Andreitch deteve o cavalo, já suado, cujas ancas salientes se moviam com dificuldade.

– O que é? – perguntou.

– Acontece que a gente está no meio da plantação de Zakhárov. Olhe só onde a gente veio parar!

– Está mentindo – exclamou Vassíli Andreitch.

– Não estou mentindo, Vassíli Andreitch, estou dizendo a verdade – respondeu Nikita. – E pelo barulho dos esquis dá para ver que estamos andando numa plantação de batata; olhe lá os montes de ramas cortadas. É o campo da usina de Zakhárov.

– Olhe só onde viemos parar! – exclamou Vassíli Andreitch. – O que vamos fazer?

– Tem de seguir reto, em frente, só isso, e a gente vai dar em algum lugar – disse Nikita. – Se não é na casa de Zakhárov, a gente vai dar no sítio do senhor de terras.

Vassíli Andreitch obedeceu e conduziu o cavalo na direção indicada por Nikita. Avançaram por muito tempo. Às vezes saíam em campos nus e os esquis roncavam ao passar sobre torrões de terra congelada. Às vezes saíam sobre o restolho, ora de inverno, ora de primavera, onde se viam hastes de absinto e de palha que sobressaíam na neve e que o vento sacudia; às vezes saíam numa neve profunda, toda branca e nivelada, sobre a qual já não se via coisa alguma.

A neve caía do alto e às vezes também vinha por baixo. Era visível que o cavalo estava exausto, todo encrespado e espumoso de suor, e andava devagar. De repente, escorregou e tombou sentado numa vala ou canal. Vassíli Andreitch quis parar, mas Nikita gritou para ele:

– Que parar, nada! A gente veio, então a gente tem de voltar. Vamos, meu cavalinho! Ô, ô, meu filho! – começou a gritar para o cavalo com voz alegre, descendo do trenó e se atolando também no canal.

O cavalo deu um puxão e logo subiu no aterro congelado. Pelo visto, era um canal escavado.

– Onde é que nós estamos? – perguntou Vassíli Andreitch.

– Daqui a pouco a gente vai saber! – respondeu Nikita. – Vamos em frente que logo vamos dar em algum lugar.

– Será que é a floresta de Goriátchkin? – perguntou Vassíli Andreitch, apontando para algo escuro que surgia através da neve, na frente deles.

– Vamos até lá e aí vamos ver que floresta é essa – disse Nikita.

No lado onde havia algo escuro, Nikita percebeu que folhas secas e compridas de salgueiros se mexiam depressa e por isso soube que não era uma floresta, mas um restolho, só que não queria dizer. E, de fato, mal andaram dez *sájeni* após o canal, apareceu algo escuro à sua frente, obviamente árvores, e ouviram um som novo e melancólico. Nikita tinha razão: não era uma floresta, mas uma fileira de salgueiros altos, com folhas que, aqui e ali, ainda sacudiam. Pelo visto, os salgueiros tinham sido plantados ao longo do canal junto a uma eira coberta. O cavalo avançou na direção do som melancólico do vento que batia nos salgueiros e, de repente, ergueu as patas dianteiras mais alto do que o trenó, desvencilhou as patas traseiras na subida da rampa, virou para a esquerda e já não estava mais atolado na neve até o joelho. Era a estrada.

– Pronto, chegamos – disse Nikita. – Só não sei onde.

O cavalo, sem se desviar do caminho, avançou pela estrada coberta de neve e não tinha ainda percorrido quarenta *sájeni* quando surgiu a faixa escura e reta de uma cerca de varas amarradas de uma eira coberta, sob um telhado coberto por uma grossa camada de neve, que não parava de escorrer para o chão. Depois que passaram pela eira coberta, a estrada virava a favor do vento e eles toparam com um

monte de neve. Porém, mais à frente, via-se um caminho entre duas casas, de modo que o monte de neve, obviamente, tinha sido formado pelo vento bem no meio da estrada e era preciso passar por ele. De fato, depois de passarem pelo monte de neve, saíram numa rua. Na última casa, roupas penduradas num cordão sacudiam-se desesperadamente por causa do vento: camisas, uma vermelha e uma branca, calças, perneiras e uma saia. A camisa branca, agitando as mangas, se sacudia com especial desespero.

– Olhe só que mulher preguiçosa, ou então morreu e não tirou as roupas antes do feriado – disse Nikita, olhando para as camisas tremulantes.

III

No início da rua, o vento batia com força e o caminho estava coberto de neve, mas no meio da aldeia era mais calmo, mais quente e alegre. No terreiro de uma casa, um cachorro latia; em outro, uma mulher com a cabeça coberta por um casaco veio correndo de algum lugar e entrou pela porta da isbá, depois de parar um instante na soleira, a fim de dar uma olhadinha nos viajantes. Do meio da aldeia, vinha o som de meninas que cantavam.

Na aldeia, parecia que o vento, a neve e a friagem eram menores.

– Puxa, isto aqui é Gríchkino – disse Vassíli Andreitch.

– É mesmo – disse Nikita.

E, de fato, era Gríchkino. Aconteceu que eles se desviaram para a esquerda e percorreram umas oito verstas numa direção muito diferente daquela que tinham de tomar, no entanto mesmo assim acabaram avançando no rumo do seu destino. De Gríchkino até Goriátchkin eram umas cinco verstas.

No meio da aldeia, quase atropelaram um homem alto que vinha andando pelo meio da rua.

– Quem vem lá? – perguntou o homem, segurando o cavalo e, logo que reconheceu Vassíli Andreitch, agarrou o varal e, tateando com as mãos, avançou até o trenó e sentou-se na boleia.

Era um conhecido de Vassíli Andreitch, o mujique Issai, famoso na região como o maior ladrão de cavalos.

– Ah! Vassíli Andreitch! Para onde Deus está levando você? – disse Issai, envolvendo Nikita no cheiro da vodca que tinha bebido.

– Estamos indo para Goriátchkin.

– E olhem só onde vieram parar! Tinham de ir por Malákhovo.

– Pois é, mas a gente não conseguiu – disse Vassíli Andreitch, freando o cavalo.

– Esse cavalinho é bom – disse Issai, dando uma olhada no cavalo e, com um movimento hábil, apertou o laço muito frouxo que prendia o rabo peludo.

– Então, vão passar a noite aqui, não é?

– Não, irmão, precisamos ir em frente, a todo custo.

– É, pelo visto precisam mesmo. E esse aí, quem é? Ah! Nikita Stepánitch!

– Quem mais podia ser? – respondeu Nikita. – Agora, alma querida, diga aí como fazer para a gente não se perder outra vez.

– Mas como é que alguém pode se perder aqui? Dê a volta para trás, siga direto pela rua, vá reto toda a vida. Não pegue a esquerda. Chegue à estrada principal e então, à direita.

– Mas onde a gente sai da estrada principal? Pelo caminho do verão ou do inverno? – perguntou Nikita.

– Do inverno. E assim que você fizer a curva, tem uns arbustos e em frente aos arbustos tem um marco do caminho, um carvalho grande, ainda frondoso, então é por ali.

Vassíli Andreitch fez o cavalo dar meia-volta e seguiu pela periferia da aldeia.

– Era melhor passar a noite aqui! – gritou Issai, atrás deles.

Vassíli Andreitch não respondeu e tocou o cavalo: as cinco verstas de estrada nivelada, das quais duas eram de floresta, pareciam fáceis de percorrer, ainda mais porque o vento parecia ter amainado e a neve cessara.

Depois de percorrer de novo a rua batida e escurecida, aqui e ali, pelo estrume fresco e depois de passar pela casa com roupas penduradas, onde a camisa branca já se soltara e pendia presa apenas por uma manga congelada, eles foram de novo na direção dos salgueiros, que uivavam de dar medo, e de novo se viram em campo aberto. A nevasca não só não amainara como parecia ter ficado mais forte ainda. Toda a estrada se encontrava coberta de neve e só pelas marcas na beira do caminho era possível saber que não tinham se perdido. Porém, mais à frente, ficou difícil até distinguir as marcas, porque o vento era contrário.

Vassíli Andreitch estreitava as pálpebras, inclinava a cabeça e se esforçava para enxergar as marcas, mas em geral deixava por conta do cavalo, confiando nele. E o cavalo de fato não se perdia e avançava, virando ora para a esquerda, ora para a direita, conforme as curvas da estrada, que ele percebia com as patas, e assim, apesar de a neve cair mais forte e o vento bater com mais força, as marcas continuaram visíveis, ora à direita, ora à esquerda.

Assim passaram uns dez minutos, quando de repente, bem na frente do cavalo, surgiu algo escuro que se movia na rede oblíqua da neve varrida pelo vento. Eram viajantes, como eles. Mukhórti logo os alcançou e bateu com as patas no trenó que ia à frente.

– Passe pelo lado... ado-ado-ado... vai na frente! – gritaram do trenó.

Vassíli Andreitch começou a ultrapassar. No trenó, iam três mujiques e uma mulher. Na certa eram convidados que voltavam da festa. Um mujique deu uma lambada com uma vara na garupa coberta de neve do cavalinho. Os outros dois, abanando as mãos, gritaram algo para o que estava na frente. A mulher agasalhada, toda coberta de neve, estava sentada, quieta, taciturna, na traseira do trenó.

– De onde são vocês? – gritou Vassíli Andreitch.

– A-a-a... ski! – Ouviu-se apenas.

– De onde?

– A-a-a... ski! – gritou com toda a força um dos mujiques, mas mesmo assim era impossível entender.

– Passe! Não demore! – gritou o outro, que não parava de bater com a vara no cavalinho.

– Estão vindo da festa, não é?

– Isso, isso mesmo! Vai, Siomka! Passe! Vai!

Os trenós bateram de lado um no outro, quase se engancharam, separaram-se, e o trenó dos mujiques começou a ficar para trás.

Seu cavalinho peludo e barrigudo, todo coberto de neve, ofegava cansado sob o arco estreito e era evidente que, com suas últimas forças, tentava em vão fugir da vara que o golpeava, claudicando com suas pernas curtas na neve funda, que ele fazia espirrar embaixo de si. Com o focinho jovem, lábio inferior pendente como o de um peixe, narinas muito abertas e orelhas encolhidas de medo, ele se manteve alguns segundos ao lado do ombro de Nikita e depois começou a ficar para trás.

– Aí está o que faz a bebida – disse Nikita. – Torturam o cavalinho até acabar com ele. São uns asiáticos!

Durante alguns minutos, ouviram o bufo das narinas do cavalinho torturado e os gritos bêbados dos mujiques, depois o bufo silenciou, depois os gritos também. E de novo não se ouvia mais nada ao redor senão o assovio do vento nos ouvidos e, de vez em quando, o débil guincho dos esquis nos trechos da estrada mais varridos pelo vento.

Aquele encontro animou e alegrou Vassíli Andreitch, que, com mais audácia e sem dar atenção às marcas da estrada, tocava o cavalo para a frente, confiando nele.

Nikita não podia fazer nada e, como sempre acontecia quando se encontrava numa situação assim, cochilava para compensar todo o tempo que ficava sem dormir. De repente, o cavalo parou e Nikita por pouco não caiu para a frente.

– Olhe só, perdemos o caminho outra vez! – disse Vassíli Andreitch.

– O quê?

– Não se veem mais as marcas. Na certa, nos perdemos de novo.

– Se perdemos o caminho, temos de procurar – disse Nikita e, sem mais conversa, desceu e, pisando devagar com os pés virados para dentro, começou de novo a andar pela neve.

Andou muito tempo, sumia e reaparecia, para de novo sumir, até que afinal voltou.

– Aqui não tem estrada, talvez mais para a frente – disse e sentou no trenó.

Já começava a escurecer, dava para notar. A nevasca não aumentava, mas também não diminuía.

– Quem dera ainda pudéssemos ouvir aqueles mujiques – disse Vassíli Andreitch.

– É, mas eles não passaram, a gente deve ter se desviado para longe. Vai ver que eles também se perderam – disse Nikita.

– Para onde vamos agora? – perguntou Vassíli Andreitch.

– Tem de deixar o cavalo andar sozinho – disse Nikita. – Ele vai achar o caminho. Me dê as rédeas.

Vassíli Andreitch entregou as rédeas de muito bom grado, porque suas mãos começavam a gelar dentro das luvas grossas.

Nikita pegou as rédeas e se limitou a segurar, tentando não mexer com elas, satisfeito com a inteligência de seu cavalo predileto. De fato, o cavalo inteligente, virando ora uma orelha, ora outra, ora para um lado, ora para outro, começou a dar a volta.

– Só falta falar – exclamou Nikita. – Olhe só o que está fazendo! Vai, vai, você sabe! Assim, assim.

O vento passou a soprar de trás, ficou mais quente.

– Como é sabido – Nikita continuou a exprimir seu contentamento com o cavalo. – Um cavalo quirguiz é forte, mas é bobo. Agora, este aqui, olhe só o que faz com as orelhas. Ele não precisa de telégrafo nem nada, sente o cheiro a uma versta.

E passou menos de meia hora quando, de fato, à frente deles surgiu algo escuro: uma floresta, árvores, e do lado direito surgiram de novo as marcas da estrada. Era evidente que tinham encontrado de novo a estrada.

– Olhe, é Gríchkino outra vez – exclamou Nikita, de repente.

De fato, à esquerda deles estava de novo a mesma eira coberta da qual a neve escorria e, mais adiante, a mesma corda com roupas penduradas e congeladas, as camisas e a calça que continuavam a sacudir desesperadamente com o vento.

Seguiram outra vez pela rua, ficou mais quente outra vez, mais ameno, mais alegre, via-se outra vez a estrada cheia de estrume, ouviram-se outra vez as vozes, as canções, outra vez o cachorro latiu. Já tinha escurecido tanto que em algumas janelas havia luzes acesas.

Na metade da rua, Vassíli Andreitch virou o cavalo para uma casa grande, com duas camadas de tijolos, e parou na frente da varanda.

Nikita se aproximou da janela iluminada e coberta de neve, à luz da qual cintilavam pequenos flocos de neve rodopiantes, e bateu no vidro com o cabo do chicote.

– Quem é? – gritou uma voz ao chamado de Nikita.

– De Krésti, Brekhúnov, bom homem – respondeu Nikita. – Venha cá um instante!

Afastaram-se da janela e, uns dois minutos depois, ouviu-se a tranca da porta do vestíbulo abrir, depois a batida do ferrolho da porta da rua e, segurando a porta por causa do vento, um velho mujique alto pôs a cabeça para fora, de barba branca, o casaco curto de pele aberto por cima da camisa branca de

festa e, atrás dele, um rapaz de camisa vermelha e botas de couro.

– É você, Andreitch? – perguntou o velho.

– A gente se perdeu, irmão – disse Vassíli Andreitch. – Queríamos ir para Goriátchkin, mas viemos parar aqui. Partimos de novo e nos perdemos outra vez.

– É, se perderam mesmo – disse o velho. – Petrukha, vá abrir o portão! – disse para o rapaz de camisa vermelha.

– Já vou – respondeu o rapaz com voz alegre e correu para dentro.

– Nós não vamos passar a noite aqui, irmão – disse Vassíli Andreitch.

– E para onde vão assim, no meio da noite? Passem a noite aqui!

– Bem que eu gostaria, mas tenho de viajar. Negócios, irmão, não tem jeito.

– Bem, pelo menos se esquite um pouco, o samovar está pronto – disse o velho.

– Esquentar, pode ser – respondeu Vassíli Andreitch. – Não vai ficar mais escuro do que já está, a lua vai subir e a noite vai clarear. E então, que tal se esquentar um pouco, Mikit?

– É bom, sim, dar uma esquentadinha – respondeu Nikita, que sentia muito frio e queria aquecer os membros enregelados.

Vassíli Andreitch entrou com o velho na isbá, enquanto Nikita entrou pelo portão aberto por Petrukha e, por recomendação dele, levou o cavalo para baixo do telheiro do galpão. O chão estava coberto de estrume e o arco alto sobre a cabeça do cavalo agarrou na viga. O galo e as galinhas pousados na viga se agitaram descontentes com o baque e se agarraram à viga com as patas. Ovelhas se assustaram e pularam para o lado, batendo com os cascos no estrume congelado. O cachorro que latia desesperado, com medo e maldade, latiu manso como um filhotinho para o estranho.

Nikita falou um pouquinho com todos: desculpou-se com as galinhas, tranquilizou-as, dizendo que não ia mais perturbar, censurou as ovelhas por terem se assustado sem saber por quê, e não parou de dar explicações ao cachorrinho, enquanto amarrava o cavalo.

– Pronto, assim vai ficar bom – disse, enquanto tirava a neve da roupa. – Olhe como late! – acrescentou para o cachorro. – Chega, é pior para você! Chega, seu bobo. Só serve para se irritar à toa – disse. – Não somos ladrões, somos amigos...

– Esses são os três conselheiros de casa, como dizem – falou o rapaz, enquanto, com o braço forte, puxava para baixo do telheiro o trenó que continuava do lado de fora.

– Que conselheiros? – perguntou Nikita.

– É assim que está escrito em Paulson:⁴ o ladrão entra na casa, o cachorro late e isso quer dizer: não bobeie, atenção. O galo canta e isso quer dizer: acorde. O gato se lambe e isso quer dizer: vai chegar uma visita boa, se prepare para receber – disse o rapaz, sorrindo.

Petrukha era alfabetizado e sabia quase de cor o único livro que tinha, o de Paulson, e sobretudo quando estava um pouco embriagado, como naquele dia, gostava de extrair do livro ideias que lhe pareciam adequadas à situação.

– É isso mesmo – disse Nikita.

– Aposto que está morrendo de frio, não é, tio? – acrescentou Petrukha.

– Pois é, isso mesmo – respondeu Nikita e passaram pelo pátio, pelo vestíbulo e entraram na casa.

A casa a que Vassíli tinha ido era uma das mais ricas da aldeia. A família tinha cinco lotes e ainda alugava uma terra vizinha. Tinham seis cavalos, três vacas, dois bezerros de um ano e umas vinte ovelhas. Ao todo, moravam na casa vinte e duas almas: quatro filhos casados, seis netos, dos quais só

Petrukha era casado, dois bisnetos e três órfãos, além de quatro noras e seus filhos. Era uma das raras casas que não tinham sido divididas; mas também nela já estava em curso o surdo trabalho da disputa interna, que sempre começava entre as mulheres e que, inevitavelmente, devia em breve acarretar a separação. Dois filhos moravam em Moscou e eram aguadeiros, um estava no Exército. Agora, em casa, estavam o velho, a velha, o segundo filho, que cuidava da casa, e o filho mais velho, que viera de Moscou para passar os feriados, bem como todas as mulheres e crianças; além do pessoal da família, havia também uma visita, o vizinho, padrinho de uma das crianças.

Acima da mesa, na isbá, pendia um lampião com um grande quebra-luz, que iluminava com clareza as louças do chá, a garrafa de água, as comidas leves e as paredes de tijolos, decoradas com ícones no canto do oratório e com quadros dos dois lados. Vassíli Andreitch estava sentado à cabeceira da mesa, com um casaco de pele preto, chupando seu bigode congelado e, com os olhos proeminentes de águia, observava as pessoas e a isbá em redor. Além de Vassíli Andreitch, estava também à mesa o velho e careca dono da casa, de camisa branca, feita em casa; a seu lado, de camisa de chita, costas e ombros vigorosos, estava o filho que viera de Moscou para passar os feriados, e também outro filho de ombros largos, que tomava conta da casa, e um mujique ruivo e magricela: o vizinho.

Tendo comido e bebido, os mujiques se preparavam para tomar o chá, e o samovar já estava chiando, no chão, junto à estufa. No jirau e acima da estufa, viam-se as crianças. Uma mulher estava sentada num estrado por cima de um berço. A velha dona da casa, com o rosto coberto de rugas pequenas por todos os lados, com ruguinhas até nos lábios, fazia as honras a Vassíli Andreitch.

Na hora em que Nikita entrou na isbá, ela havia enchido de vodca um copinho de vidro grosso e oferecia a seu hóspede.

– Não rejeite, Vassíli Andreitch, não pode, tem de brindar – disse ela. – Prove, meu querido.

O aspecto e o cheiro da vodca, sobretudo agora, quando estava gelado e exausto, impressionou muito Nikita. Ele franziu as sobrancelhas, sacudiu a neve do gorro e do casaco, se postou na frente dos ícones e, como se não estivesse vendo ninguém, fez o sinal da cruz três vezes, curvou-se diante dos ícones, depois se voltou para o velho dono da casa, saudou-o com uma reverência primeiro, depois saudou da mesma forma todos que estavam à mesa, depois as mulheres que estavam perto da estufa, e disse:

– Bom feriado – e começou a tirar os agasalhos, sem olhar para a mesa.

– Puxa, está todo coberto de geada, titio – disse o irmão mais velho, olhando para o rosto, os olhos e a barba de Nikita, cobertos de neve.

Nikita tirou o casaco, sacudiu-o outra vez, pendurou junto à estufa e foi para a mesa. Também lhe ofereceram vodca. Houve um combate torturante que durou um minuto: por pouco ele não pegou o copinho e levou à boca o líquido luminoso e aromático; mas olhou de relance para Vassíli Andreitch, lembrou-se do juramento, lembrou-se das botas que havia bebido, lembrou-se do tanoeiro, lembrou-se do filho pequeno, para quem tinha prometido comprar um cavalo na primavera, deu um suspiro e recusou.

– Não bebo, muito agradecido – disse, de rosto fechado, e foi sentar-se num banco junto à segunda janela.

– Como assim? – perguntou o irmão mais velho.

– Não bebo, só isso, não bebo – disse Nikita, sem erguer os olhos, voltados para o próprio bigode e barba úmidos, enquanto retirava pedacinhos de gelo entranhados nos pelos.

– Ele não se dá bem com bebida – disse Vassíli Andreitch, enquanto mordia uma rosca, depois de beber do copinho.

– Bem, então tome um chazinho – disse a velha, carinhosa. – Deve estar todo gelado, meu querido. O que estão esperando, mulheres? Não vão aquecer o samovar?

– Está pronto – respondeu uma mocinha e, depois de abanar com o avental a tampa do samovar que fervia, levou-o com dificuldade e colocou-o com um baque sobre a mesa.

Enquanto isso, Vassíli Andreitch contava como tinham se perdido, como voltaram duas vezes àquela mesma aldeia, como se enganaram, como fora o encontro com os bêbados do outro trenó. Os anfitriões se admiraram, explicaram onde e por que eles tinham se perdido, quem eram os bêbados que encontraram na estrada e ensinaram como tinham de fazer para seguir viagem.

– Daqui a Moltchanovka, até uma criança consegue chegar, é só virar na curva da estrada, onde tem uns arbustos, dá para ver daqui. E vocês nem chegaram lá! – exclamou o vizinho.

– Ou então passam a noite aqui, é o melhor. As mulheres arrumam as camas – a velha tentou convencê-los.

– Aí partem logo de manhãzinha, é preferível – reforçou o velho.

– Impossível, irmão. Negócios! – respondeu Vassíli Andreitch. – Uma hora perdida não se recupera nem em um ano – acrescentou, lembrando-se do bosque e dos compradores que podiam se antecipar a ele naquela transação. – Vamos chegar, não é? – virou-se para Nikita.

Nikita demorou muito para responder, parecia ainda atarefado em retirar o gelo da barba e do bigode.

– Se a gente não se perder de novo – disse ele, em tom sombrio. Nikita estava sombrio porque morria de vontade de tomar vodca e a única coisa capaz de sufocar aquele desejo era o chá, mas ainda não tinham lhe servido o chá.

– Afinal, é só chegar à curva, de lá para a frente já não tem como se perder; é só ir pela floresta até o fim – disse Vassíli Andreitch.

– O senhor é que manda, Vassíli Andreitch; se tem de ir, vamos – disse Nikita, enquanto segurava o copo de chá que lhe ofereceram.

– Vamos tomar um chazinho e depois, pé na estrada.

Nikita não disse nada, apenas balançou a cabeça e, depois de derramar o chá com cuidado no pires, começou a aquecer no vapor as mãos e os dedos sempre inchados por causa do trabalho. Em seguida mordeu um minúsculo torrãozinho de açúcar, fez uma reverência para os anfitriões e disse:

– Saúde – e virou para dentro o líquido quente.

– Será que alguém pode nos guiar até a curva? – perguntou Vassíli Andreitch.

– Claro, pode ser – respondeu o filho mais velho. – Petrukha vai atrelar um cavalo e levar vocês até a curva.

– Então atrole o cavalo, irmão. Agradeço muito, desde já.

– Não tem de quê, meu caro! – disse a velha carinhosa. – O prazer é nosso.

– Petrukha, atrole a égua – disse o irmão mais velho.

– É para já – respondeu Petrukha sorrindo, pegou o gorro num prego da parede e correu para atrelar o animal.

Enquanto atrelava a égua, a conversa recomeçou no ponto em que havia parado na hora em que Vassíli Andreitch bateu na janela. O velho se queixava com o vizinho de seu terceiro filho, que não lhe mandara nada para os feriados, apesar de ter mandado um xale francês para sua esposa.

– O povo jovem está ficando fora de controle – disse o velho.

– E como – disse o vizinho e padrinho. – Ninguém pode com eles! Ficaram inteligentes de doer. Olhe só o Demótchkin, quebrou o braço do pai. Tudo por causa da inteligência grande, pelo visto.

Nikita escutava, olhava para os rostos e, era evidente, também queria participar da conversa, mas estava muito ocupado tomando chá e apenas fazia que sim com a cabeça. Bebia um copo depois do outro e sentia-se cada vez mais aquecido, cada vez mais confortável. A conversa prosseguiu muito tempo, sempre sobre a mesma coisa, o prejuízo das partilhas; e a conversa, estava claro, não era em termos gerais, mas sobre a partilha naquela casa – a partilha que o filho exigia, aquele que estava ali sentado e calado. Obviamente era um assunto penoso e a questão preocupava todos da casa, mas, por decoro, não discutiam assuntos particulares na presença de estranhos. Porém, enfim, o velho não se conteve e, com

lágrimas na voz, disse que não admitia a partilha enquanto estivesse vivo, que a casa estava bem, graças a Deus, e que, se dividisse, tudo iria por água abaixo.

– Olhe só o caso dos Matviéiev – disse o vizinho. – Era uma senhora propriedade, aí dividiram e agora ninguém tem nada.

– E é isso que você quer – disse o velho para o filho.

O filho não respondeu e sobreveio um silêncio incômodo. O silêncio foi interrompido por Petrukha, que, tendo atrelado o cavalo ao trenó, fazia alguns minutos que estava de volta à isbá e sorria o tempo todo.

– No livro de Paulson tem uma fábula sobre isso – disse ele. – O pai deu uma vassoura para os filhos quebrarem. De uma vez só, não conseguiram quebrar, mas um ramo de cada vez, foi fácil. É a mesma coisa – disse ele, sorrindo com a boca toda. – Está tudo pronto! – acrescentou.

– Se está pronto, vamos embora – disse Vassíli Andreitch. – E quanto à partilha, não permita, vovô. Você juntou, você é o dono. Vá falar com o juiz de paz. Ele vai mostrar o que você deve fazer.

– Ele fica martelando o tempo todo, o tempo todo – não parava de dizer o velho, com voz chorosa. – Já não sei mais o que fazer com ele. Parece possuído por Satanás!

Enquanto isso, Nikita tinha bebido o quinto copo de chá, mas em vez de colocá-lo de borco sobre o pires, deixou-o de lado, à espera de que lhe dessem o sexto copo. Porém não havia mais água no samovar e a anfitriã não lhe serviu mais, e além disso Vassíli Andreitch começou a vestir-se. Não havia o que fazer. Nikita também se levantou, devolveu ao açucareiro seu torrãozinho de açúcar roído de todos os lados, enxugou com a aba da camisa o rosto molhado de suor e foi vestir o casaco.

Depois de se agasalhar, suspirou fundo, agradeceu aos donos da casa, se despediu e saiu da sala quente e iluminada para o vestíbulo escuro, frio, coberto pela neve, onde um vento cortante penetrava pela fresta da porta frouxa, e de lá saíram para o pátio escuro.

Petrukha, de casaco de pele, estava no meio do pátio com seu cavalo e disse, sorrindo, uns versos de Paulson:

– “A tempestade esconde o céu com o nevoeiro, faz a neve subir rodopiante, ora uiva como fera, ora chora como criança.”

Nikita balançou a cabeça em sinal de aprovação e ajeitou as rédeas.

O velho, acompanhando Vassíli Andreitch, trouxe um lampião ao vestíbulo e quis pendurá-lo ali, mas o vento logo apagou o lampião. E no pátio já se notava que a nevasca caía com mais força.

“Puxa, que tempinho”, pensou Vassíli Andreitch. “Talvez fosse melhor esperar, mas não é possível, os negócios! E eu já estou pronto, o cavalo dos anfitriões já está atrelado. Vamos, e que Deus nos ajude!”

O velho também pensou que não convinha partir, mas já havia tentado convencer os viajantes a ficar e não lhe deram ouvidos. Não ia pedir mais. “Talvez seja a velhice que me faça ter medo, eles vão chegar lá”, pensou. “Pelo menos, vamos poder dormir na hora. Sem confusão.”

Petrukha já não pensava no perigo: conhecia o caminho e toda a redondeza, além disso o versinho “faz a neve subir rodopiante” lhe dava coragem, pois exprimia perfeitamente o que estava acontecendo ali fora. Nikita não tinha a menor vontade de partir, porém fazia muito tempo que estava habituado a não ter vontade própria e apenas servir aos outros, portanto ninguém impediu que os viajantes partissem.

v

Vassíli Andreitch, Tateando no escuro com dificuldade, se aproximou do trenó, subiu nele e segurou as rédeas.

– Vá na frente! – gritou.

Petrukha, de joelhos num trezozinho baixo e sem assento, tocou seu cavalo. Mukhórti, que havia muito relinchava, sentindo à sua frente o cheiro da égua, partiu atrás dela e eles seguiram pela rua. De novo passaram pelo vilarejo, pelo mesmo caminho, pela mesma casa com as roupas penduradas e congeladas, que agora já não dava para ver; passaram pelo mesmo celeiro que já estava coberto de neve quase até o telhado, do qual a neve escorria sem parar; pelos mesmos salgueiros que farfalhavam, assoviavam e gemiam e saíram de novo no mesmo mar de neve, que se agitava com fúria, para cima e para baixo. O vento estava tão forte que, quando soprava de lado, os viajantes inflavam como velas, inclinados contra ele, ameaçava tombar os trenós e arrastava os cavalos para o lado. Petrukha seguia na frente a trote desenvolto, gritava com coragem e tocava adiante sua boa égua. Mukhórti ia atrás com esforço.

Depois que passaram assim uns dez minutos, Petrukha virou-se e gritou algo. Nem Vassíli Andreitch nem Nikita escutaram, por causa do vento, mas adivinharam que tinham chegado à tal curva. De fato, Petrukha virou à direita e o vento, que batia de lado, começou de novo a soprar contra eles e, à direita, através da neve, se avistou algo escuro. Era o bosque que ficava na curva.

- Pronto, que Deus os acompanhe!
- Obrigado, Petrukha!
- A tempestade esconde o céu com o nevoeiro – gritou Petrukha e desapareceu.
- Puxa, que poeta – exclamou Vassíli Andreitch e sacudiu as rédeas.
- É mesmo, um bom rapaz, um verdadeiro mujique – disse Nikita.

Foram em frente.

Todo encolhido nos agasalhos e com a cabeça tão enfiada entre os ombros que a barba curta espetava o pescoço, Nikita se mantinha calado, tentava não desperdiçar o calor acumulado na isbá, tomando chá. À frente, via as linhas retas dos varais do trenó, que o iludiam o tempo todo e pareciam sulcos de esquis na estrada, via a garupa ondulante do cavalo, com a cauda presa por um nó que o vento empurrava para o lado, e via mais adiante o arco alto, a cabeça oscilante e o pescoço do cavalo com a crina esvoaçante. De vez em quando, os marcos da estrada se mostravam a seus olhos, como que para lhe dizer que estava no caminho certo e que não precisava fazer nada.

Vassíli Andreitch segurava as rédeas, deixando por conta do cavalo a tarefa de seguir a estrada. Mas Mukhórti, apesar de ter descansado na aldeia, trotava de má vontade e parecia desviar-se da estrada, de modo que Vassíli Andreitch corrigia seu rumo várias vezes.

“Lá está um marco do lado direito, ali está outro, e um terceiro”, contava Vassíli Andreitch, “e lá na frente está a floresta”, pensou, olhando algo escuro mais adiante. No entanto o que lhe parecia uma floresta era apenas um pequeno bosque. Passaram pelo bosque, percorreram mais umas vinte *sájeni* – o quarto marco da estrada não apareceu, a floresta não apareceu. “A floresta deve estar logo adiante”, pensou Vassíli Andreitch e, animado pela vodca e pelo chá, sem parar o trenó, batia com as rédeas, e o animal, dócil e bom, obedecia e, ora a trote, ora marchando, avançava para onde o guiavam, embora soubesse que não o guiavam para onde era preciso ir. Passaram dez minutos e a floresta não aparecia.

- Parece que a gente se perdeu outra vez! – disse Vassíli Andreitch, detendo o cavalo.

Calado, Nikita desceu do trenó e, segurando o casaco, que o vento ora colava a seu corpo, ora virava para o lado e abria, caminhou com as pernas enfiadas na neve; foi para um lado, foi para o outro. Três ou quatro vezes, sumiu de vista completamente. Por fim voltou, tomou as rédeas das mãos de Vassíli Andreitch.

- Tem de ir para a direita – disse com ar severo e decidido, virando o cavalo.
- Certo, se é para a direita, vamos à direita – disse Vassíli Andreitch, entregando as rédeas e enfiando as mãos enregeladas nas mangas.

Nikita não respondeu.

- Vamos lá, amiguinho, mais depressa – gritou para o cavalo, mas o animal, apesar das rédeas

sacudidas, seguia a passo lento.

A neve, em alguns pontos, batia no joelho e o trenó sacolejava aos trancos a cada movimento do cavalo.

Nikita pegou o chicote, pendurado na parte dianteira do trenó, e bateu. O bom cavalo, que não estava acostumado ao chicote, deu um arranco, trotou, mas logo passou de novo a marchar e a andar a passo lento. Passaram uns cinco minutos. Estava tão escuro e vinha tanta neblina de cima e de baixo que às vezes nem dava para ver o arco dos arreios sobre a cabeça do cavalo. Às vezes, parecia que o trenó estava parado e o campo corria para trás. De repente, o cavalo parou de supetão, sem dúvida farejou algo errado à sua frente. Nikita desceu do trenó outra vez, com agilidade, soltou as rédeas e avançou um pouco à frente do cavalo para observar por que ele havia parado; no entanto, mal deu um passo adiante do cavalo, seus pés escorregaram e ele rolou por uma escarpa.

– Opa, opa, opa – dizia para si, enquanto caía e tentava se segurar, mas não conseguia agarrar-se em nada, e só parou quando os pés se fincaram na grossa camada de neve acumulada embaixo do barranco.

Um monte de neve pendurado na beira do barranco, abalado pela queda de Nikita, desabou sobre ele e a neve entrou pelo seu colarinho...

– Ei, está pensando o quê? – exclamou Nikita para o monte de neve e para o barranco, em tom de repreensão, enquanto retirava a neve de dentro do colarinho.

– Nikita, ei, Nikita! – gritou Vassíli Andreitch, lá em cima.

Mas Nikita não respondeu.

Não tinha tempo para isso: sacudiu a neve, depois procurou o chicote, que havia largado quando rolou pelo barranco. Depois de encontrar o chicote, começou a galgar de volta por onde havia rolado, mas a subida era impossível; sempre escorregava de novo, portanto era preciso descer e procurar outro caminho de volta para cima. A três ou quatro *sájeni* do local onde havia despencado, Nikita subiu com dificuldade, de gatinhas, até chegar à beirada do barranco, ao lugar onde deveria estar o cavalo. Mas não viu nem o cavalo nem o trenó; porém, como andava contra o vento, antes de vê-los, ouviu os gritos de Vassíli Andreitch e o relincho de Mukhórti, chamando por ele.

– Já vou, já vou, não precisa se esgoelar! – exclamou.

Assim que chegou ao trenó, viu o cavalo e, de pé a seu lado, Vassíli Andreitch, que parecia enorme.

– Que diabo, onde você se meteu? Temos de ir para trás. Vamos voltar para Gríchkino – irritado, o patrão começou a esbravejar para Nikita.

– Eu bem que gostaria de voltar, Vassíli Andreitch, mas por onde? Por aqui tem um barranco que não tem mais tamanho. Se entrar, não sai mais. Despenquei lá para baixo e quase morri para voltar.

– Mas então vamos ficar aqui? Temos de ir para algum lugar – disse Vassíli Andreitch.

Nikita nada respondeu. Sentou-se no trenó de costas para o vento, descalçou os pés, bateu para fora a neve que enchia as botas, apanhou um punhado de palha e, com cuidado, por dentro, encheu um buraco que havia na bota esquerda.

Vassíli Andreitch ficou calado, como se agora tivesse deixado tudo por conta de Nikita. Depois de se calçar, Nikita ajustou as pernas no trenó, calçou de novo as luvas, segurou as rédeas e fez o cavalo dar meia-volta na beira do barranco. Porém, mal deram cem passos, o cavalo empacou de novo. À sua frente, havia outro barranco.

Nikita desceu outra vez e começou a andar com esforço pela neve funda. Caminhou muito tempo. Por fim ressurgiu do lado oposto àquele por onde tinha ido.

– Andreitch, está vivo? – gritou.

– Aqui! – respondeu Vassíli Andreitch. – O que foi?

– Não dá para enxergar nada. Está escuro. É cheio de barrancos por todo lado. Temos de ir de novo na direção do vento.

Avançaram outra vez, Nikita caminhou outra vez, andando com esforço na neve funda. Subiu no trenó outra vez, caminhou outra vez e, por fim, sem fôlego, parou junto ao trenó.

- Então, o que foi? – perguntou Vassíli Andreitch.
- O que foi é que eu não estou mais me aguentando em pé! E o cavalo também não.
- E o que vamos fazer?
- Pois é, espere um pouco.

Outra vez Nikita se afastou e logo voltou.

- Venha atrás de mim – disse, caminhando na frente do cavalo.

Vassíli Andreitch já não dava ordem nenhuma e, obediente, fez o que Nikita lhe dizia.

– Aqui, atrás de mim! – gritou Nikita, afastando-se depressa para a direita, puxando Mukhórti pela rédea e conduzindo-o para um monte de neve, mais abaixo.

De início, o cavalo relutou, mas depois avançou, esperando galgar o monte de neve, mas não conseguiu e afundou-se na neve até o pescoço.

– Desce! – gritou Nikita para Vassíli Andreitch, que continuava sentado no trenó e, depois de segurar com força um varal, começou a puxar o trenó na direção do cavalo. – Está meio difícil, irmão – disse para Mukhórti. – Mas qual é o jeito? Faz uma forcinha, vai! Ô, ô, mais um pouquinho! – gritou.

O cavalo deu uma arrancada, e outra, mas não se livrou da neve e parou de novo, como se estivesse pensando em alguma coisa.

– O que foi, irmão? Desse jeito não pode ficar – Nikita exortou Mukhórti. – Vamos, mais um pouco!

De novo, Nikita puxou o varal do seu lado; Vassíli Andreitch fez o mesmo com o outro varal. O cavalo sacudiu a cabeça e depois deu um tranco repentino.

- Isso! Vamos! Não vai ficar aí soterrado! – gritou Nikita.

Um solavanco, outro, um terceiro e por fim o cavalo se desvencilhou do monte de neve e parou, sacudindo-se, ofegante. Nikita queria ir em frente, mas Vassíli Andreitch arquejava tanto embaixo de seus dois casacos de pele que não conseguia andar e desabou dentro do trenó.

– Deixe-me tomar fôlego – disse, soltando o lenço que, na aldeia, tinha amarrado em torno da gola do casaco de pele.

– Tudo bem, você fica deitado – disse Nikita. – Eu guio. – E, com Vassíli Andreitch no trenó, foi a pé e conduziu o cavalo, puxando pelo bridão, avançou uns dez passos, depois subiu um pouco e parou.

O lugar onde Nikita havia parado não ficava propriamente no fundo de uma depressão, onde a neve varrida dos montes de neve poderia soterrá-los por completo, acumulando-se ali embaixo, mas era um lugar parcialmente protegido do vento pela beira do barranco. Havia momentos em que o vento parecia amainar um pouco, mas isso não durava muito e em seguida, como se quisesse compensar o descanso, a tempestade arremetia com força decuplicada e rugia e fazia rodopiar a neve com mais fúria ainda. Uma rajada de vento desse tipo os atingiu no minuto em que Vassíli Andreitch, tendo recobrado o fôlego, tinha descido do trenó e se aproximava de Nikita a fim de conversar sobre o que podiam fazer. Num movimento involuntário, os dois se agacharam e esperaram que a fúria da rajada de vento cessasse para poderem conversar. Nikita tirou as luvas, enfiou-as no cinturão, bafejou nas mãos e começou a soltar os arreios presos ao arco por cima da cabeça do cavalo.

- Para que está fazendo isso? – perguntou Vassíli Andreitch.

– Vou desatrelar o cavalo. O que mais se pode fazer? Não tenho mais forças – respondeu Nikita, como se desculpando.

- Mas, então, não vamos mais continuar?

– A gente não está indo para lugar nenhum, está só martirizando o cavalo. E ele, falando sério, já não aguenta mais, olhe só – disse Nikita, apontando para o cavalo parado, obediente, pronto para tudo, enquanto os flancos molhados e vigorosos subiam e baixavam no ritmo da respiração. – Temos de passar

a noite aqui – repetiu, como se fosse pernoitar numa estalagem, e começou a desafivelar as correias do pescoço.

As fivelas se abriram.

– Mas não vamos congelar? – perguntou Vassíli Andreitch.

– Que jeito? Se for para congelar, congela, azar – disse Nikita.

VI

Em seus dois casacos de pele, Vassíli Andreitch estava perfeitamente aquecido, ainda mais depois de ter empurrado o trenó no monte de neve; mas um calafrio percorreu sua espinha, quando entendeu que, de fato, teria de passar a noite ali. A fim de se acalmar, sentou-se no trenó e pegou cigarros e fósforos.

Enquanto isso, Nikita desatrelava o cavalo. Soltou a barrigueira, os arreios das costas, as rédeas, desprendeu os tirantes, desamarrou o arco e, falando o tempo todo com o cavalo, o incentivava.

– Vai, sai, sai daí – dizia, enquanto retirava o cavalo do meio dos varais. – Olhe, vou deixar você bem amarradinho aqui. Vou pôr um punhadinho de palha para você e vou tirar o bridão – disse, enquanto fazia o que estava dizendo. – Come um pouquinho, vai ficar mais alegre.

Mas Mukhórti, pelo visto, não se acalmava com as palavras de Nikita e estava alarmado; batia com as patas na neve, se encostava muito ao trenó, ficava com a garupa virada para o vento e esfregava a cabeça na manga de Nikita.

Como se fosse apenas para não fazer uma desfeita a Nikita, recusando a palha que lhe havia oferecido e pusera na sua frente, Mukhórti, de um só golpe, apanhou afoito entre os dentes um feixe de palha do trenó, mas logo resolveu que não estava na hora de comer, largou o feixe e assim, no mesmo instante, o vento desfez o feixe, carregou a palha para longe e a cobriu de neve.

– Agora vamos fazer um sinal – Nikita virou o trenó de frente para o vento, amarrou os varais com a correia dos arreios, levantou-os e puxou-os na direção da parte dianteira do trenó. – Pronto, assim, se a gente ficar soterrado, o povo bom vai ver a ponta dos varais e aí eles vão cavar – disse Nikita, enquanto batia as luvas e calçava-as. – Foi assim que os velhos me ensinaram.

Enquanto isso, Vassíli Andreitch tinha aberto o casaco de pele e, protegendo-se com as abas, riscava um fósforo sulfúrico depois do outro numa caixinha de aço; mas as mãos tremiam e os fósforos ou não acendiam ou eram apagados pelo vento, no instante em que ele os aproximava do cigarro. Por fim um fósforo acendeu e o fogo pegou com mais força, iluminou por um momento o pelo do casaco, a mão com um anel de ouro no indicador curvado para dentro e a palha de aveia atulhada de neve que se via por baixo da manta, e o cigarro acendeu. Por duas ou três vezes, ele inspirou sofregamente, tragou, soprou fumaça através do bigode, quis tragar mais uma vez, porém o tabaco aceso foi arrancado e carregado pelo vento para o mesmo lugar onde estava a palha.

No entanto aquelas poucas tragadas de fumaça de tabaco já animaram Vassíli Andreitch.

– Se temos de pernoitar, vamos pernoitar! – disse, em tom resoluto. – Espere um pouco, vou fazer também uma bandeira – e pegou o lenço que havia soltado da gola do casaco e tinha jogado no trenó, tirou as luvas, ficou de pé na parte dianteira do trenó e, esticando-se para alcançar as correias que prendiam os varais, amarrou o lenço ali, com um nó bem apertado.

Na mesma hora, o lenço se debateu desesperadamente no vento, ora aderindo ao varal, ora enfunando de repente, alargando e estalando.

– Puxa, ficou ótimo – disse Vassíli Andreitch, admirando o próprio trabalho, enquanto descia para dentro do trenó. – Ficaria mais quente com nós dois juntos, mas não tem lugar para dois – disse.

– Eu me viro – respondeu Nikita. – Só que temos de cobrir o cavalo, está encharcado de suor,

coitado. Me dê isso aqui – acrescentou e, aproximando-se do trenó, puxou a manta de debaixo de Vassíli Andreitch.

Tendo pegado a manta, Nikita dobrou-a ao meio e, depois de tirar a canga e a coelheira das costas do cavalo, cobriu Mukhórti com ela.

– Você vai ficar bemquentinho, seu bobo – disse, enquanto colocava de novo a coelheira e a canga sobre o cavalo, por cima da manta.

Tendo terminado essa tarefa, aproximou-se outra vez do trenó.

– Não vai precisar desse saquinho de aniagem, vai? Deixe a palha para mim – disse Nikita, e puxou as duas coisas de debaixo de Vassíli Andreitch, foi para a traseira do trenó, cavou um buraco na neve, colocou ali dentro a palha, enterrou o gorro na cabeça, enrolou-se todo no caftã, cobriu-se com o saco de aniagem, sentou-se sobre a palha estirada e apoiou-se na traseira arredondada do trenó, que o protegia do vento e da neve.

Vassíli Andreitch balançava a cabeça de modo depreciativo diante do que Nikita estava fazendo, como se não aprovasse em geral a ignorância e a tolice dos mujiques, e começou a se ajeitar para a noite.

Alisou a palha restante no trenó, acumulou um montinho mais fofo embaixo do flanco, enfiou as mãos nas mangas e acomodou a cabeça num canto, na parte dianteira do trenó, que o protegia do vento.

Não tinha vontade de dormir. Ficava deitado e pensava: pensava sempre a mesma coisa, aquilo que constituía o único fim, sentido, alegria e orgulho de sua vida – quanto dinheiro tinha ganhado e quanto ainda podia ganhar; quanto dinheiro seus conhecidos tinham ganhado e possuíam, como aquelas pessoas tinham ganhado e ganhavam dinheiro e como ele, e elas também, poderiam ganhar ainda muito mais dinheiro. A compra da floresta de Goriátchkin representava para ele um negócio imensamente vantajoso. Com a floresta, esperava ter um lucro imediato de talvez dez mil rublos. E, em pensamento, começou a avaliar o bosque que vira no outono, onde contara todas as árvores numa área de duas *dessiatinas*.

“O carvalho vai servir para fazer esquis de trenó. Vigas, nem se fala. E ainda vão sobrar umas trinta *sájeni* de lenha por *dessiatina*”, pensou. “No mínimo, vai render duzentos e vinte e cinco rublos por *dessiatina*. Cinquenta e seis *dessiatinas* são cinquenta e seis centenas, e cinquenta e seis centenas mais cinquenta e seis dezenas, e mais cinquenta e seis dezenas e mais cinquenta e seis quintos...” Viu que dava mais de doze mil rublos, mas sem o ábaco não tinha como determinar exatamente quanto era. “Mesmo assim, não vou dar dez mil, mas oito mil, com a dedução das clareiras. Dou uma propina para o agrimensor, uns cem ou cento e cinquenta, e ele calcula que há umas cinco *dessiatinas* de clareiras. Aí fica por oito mil. Dou três mil no ato. Na certa, vai amolecer o dono”, pensou, apalpando com o antebraço a carteira no bolso. “E como foi que a gente se perdeu na curva, só Deus sabe! Aqui deveria ter a floresta e o guarda-florestal. Era para a gente estar ouvindo os cachorros. Os desgraçados não latem, quando a gente precisa deles.” Afastou a gola do casaco da orelha e escutou com atenção; o tempo todo se ouvia o mesmo assovio do vento, as batidas e os estalos do lenço amarrado nos varais e o rumor da neve que caía no casco do trenó. Ele se cobriu outra vez.

“Se soubesse, teria ficado para pernoitar. Bem, dá na mesma, iremos amanhã. Só um dia a mais. Com um tempo assim, não dá mesmo para ir.” E lembrou que no dia 9 tinha de receber do açougueiro o pagamento pelo carneiro castrado. “Gosta de vir em pessoa; não vai me encontrar, minha esposa não sabe tratar de dinheiro. É muito ignorante. Não sabe tratar direito as pessoas”, continuou a pensar, lembrando que ela não soube como receber o comissário de polícia, que tinha ido à sua casa na véspera, no feriado. “Claro, é mulher! Como é que ia aprender? No tempo de meus pais, que tipo de casa era a nossa? Uma coisa à toa, uma casa de mujique rico da roça: um moinho, uma estalagem, e isso era toda a propriedade. E eu, em quinze anos, o que fiz? Uma venda, duas tavernas, um moinho, um armazém, duas propriedades arrendadas, uma casa com celeiro, de telhado de ferro”, lembrou-se com orgulho. “Muito diferente do tempo de meus pais! Hoje, quem fala grosso na região? Brekhúnov. E por quê? Porque cuida dos negócios, me esforço, não faço como os outros, uns preguiçosos, ou então só se ocupam com bobagens.

Passo a noite sem dormir. Com nevasca ou sem nevasca, eu viajo. Para fazer negócio, tem de se mexer. Eles acham que podem ganhar dinheiro na moleza. Não, você tem de quebrar a cabeça e suar muito. Olhe só agora, estou no campo, mas não durmo de noite. São tantos pensamentos na cabeça que o travesseiro parece girar”, refletia com orgulho. “Acham que as pessoas melhoram de vida por pura sorte. Olhem só, os Mirónov agora têm milhões. Por quê? Deram duro. Deus recompensa. Só peço que Deus me dê saúde.”

E o pensamento de que ele também podia ser milionário como Mirónov, que antes não tinha nada, agitou Vassíli Andreitch a tal ponto que ele sentiu necessidade de falar com alguém. Mas não tinha com quem falar... Se tivesse chegado a Goriátchkin, falaria com o proprietário, mostraria com quantos paus se faz uma canoa.

“Puxa, como venta! Vamos ficar debaixo de tanta neve que de manhã não vai dar para sair!”, pensou, escutando o vento que soprava na parte dianteira, sacudia o trenó, açoitava seu casco com a neve. Ele se ergueu um pouco e espiou: na escuridão esbranquiçada e oscilante, só se via a cabeça escura de Mukhórti, seu dorso coberto pela manta esvoaçante e a cauda espessa e amarrada por um nó; ao redor, de todos os lados, na frente, atrás, em toda parte, era a mesma escuridão esbranquiçada, monótona e oscilante, às vezes parecia querer clarear um pouquinho, às vezes se adensava mais ainda.

“Foi bobagem dar ouvidos a Nikita”, pensou. “Era preciso seguir viagem, acabaríamos chegando a algum lugar. Pelo menos podíamos voltar para Gríchkino e pernoitar na casa de Tarás. Agora temos de ficar plantados aqui a noite inteira. Mas como era mesmo aquela coisa boa que eu estava pensando? Sim, que Deus recompensa o trabalho duro, mas não a preguiça, a vadiagem e a burrice. E também é preciso fumar um pouquinho!” Acomodou-se, pegou a cigarreira, deitou de barriga para baixo, protegendo o fogo com a aba do casaco, mas o vento sempre encontrava um caminho e apagava um fósforo depois do outro. Por fim, deu um jeito de acender um cigarro e começou a fumar. O fato de ter conseguido o que queria alegrou-o muito. Embora o vento fumasse o cigarro mais do que ele, ainda assim Vassíli Andreitch deu umas três tragadas e ficou muito contente. De novo se aconchegou na parte dianteira do trenó, encolheu-se e recomeçou a lembrar, devanear e, de modo totalmente inesperado, de repente perdeu a consciência e adormeceu.

No entanto teve a impressão de que alguém o sacudia e o acordava. Ou Mukhórti estava puxando a palha debaixo de seu corpo ou alguma coisa dentro dele tinha se mexido. Assim que acordou, o coração começou a bater tão depressa e tão forte que lhe pareceu que o próprio trenó sacudia embaixo dele. Abriu os olhos. Em volta, estava igual, só que parecia mais claro. “Está clareando”, pensou, “na certa vai amanhecer daqui a pouco.” Mas no mesmo instante lembrou que estava mais claro porque a lua havia surgido. Ele se levantou, primeiro lançou um olhar para o cavalo. Mukhórti continuava de costas para o vento, tremendo todo. A manta coberta de neve estava virada para o lado, a coelheira estava inclinada e agora se via melhor a cabeça coberta de neve, com a franja e a crina esvoaçantes. Vassíli Andreitch inclinou-se para o lado e espiou Nikita. Ele continuava na mesma posição em que havia sentado. O saco de aniagem com que se cobrira e as pernas estavam densamente cobertos de neve. “Tomara que o mujique não congele; sua roupa é ruim. Vou acabar sendo responsabilizado. Que povo mole. Na verdade, é a ignorância”, pensou Vassíli Andreitch e quis tirar a manta do cavalo e cobrir Nikita, mas se levantasse e virasse ia sentir muito frio, e também teve medo de que o cavalo congelasse. “Para que fui trazê-lo comigo? Tudo por bobagem dela!”, pensou Vassíli Andreitch, lembrando-se da esposa desagradável, e de novo se acomodou no lugar de antes, junto à dianteira do trenó. “Uma vez, o titio passou a noite inteira assim, no meio da neve”, lembrou, “e não aconteceu nada. É, mas quando desenterraram o Sevastian”, lembrou-se de outro caso, “já estava morto, todo duro, que nem carne congelada. Se eu tivesse ficado em Gríchkino para pernoitar, não teria acontecido nada.” E, agasalhando-se com afinco para não desperdiçar o calor do casaco de pele por nenhuma fresta, aquecido em toda parte – no pescoço, nos joelhos, nos pés –, fechou os olhos e tentou dormir outra vez. Porém, por mais

que tentasse, agora já não conseguia perder a consciência e, ao contrário, sentia-se muito animado e alegre. De novo, começou a contar seus lucros, as dívidas das pessoas, de novo começou a se vangloriar para si mesmo e a se alegrar com sua situação – mas a todo instante era interrompido por um medo que se aproximava sorrateiro e pelo pensamento irritado de não ter ficado em Gríchkino para pernoitar. “Quem dera eu estivesse deitado dentro de uma casa, aquecido.” Virava-se e se ajustava muitas vezes, tentando encontrar uma posição mais confortável e mais protegida do vento, mas tudo lhe parecia incômodo: erguia-se um pouco, outra vez, mudava de posição, agasalhava as pernas, fechava os olhos e sossegava. Porém ou os pés encolhidos dentro das grossas botas de feltro começavam a se queixar, ou o vento entrava por alguma brecha e ele, depois de ficar um tempo deitado, de novo e com irritação lembrava como poderia estar confortavelmente deitado àquela hora, numa isbá aquecida, em Gríchkino, e de novo se levantava um pouco, se virava, se agasalhava e de novo se ajustava.

A certa altura, Vassíli Andreitch pensou ter ouvido o canto distante de galos. Alegrou-se, abriu um pouco o casaco de pele e escutou com atenção, porém, por mais que forçasse os ouvidos, nada escutava, senão o som do vento, que assoviava entre os varais do trenó e estalava o lenço, e o barulho da neve que açoitava o casco do trenó.

O tempo todo, Nikita continuava do mesmo jeito que sentara ao anoitecer, não se mexia e sequer respondia aos chamados de Vassíli Andreitch, que duas vezes gritou para ele. “Esse daí não sabe o que é preocupação, na certa está dormindo”, pensou Vassíli Andreitch, irritado, espiando pela traseira do trenó e vendo Nikita coberto por uma espessa camada de neve.

Vassíli Andreitch levantou e deitou umas vinte vezes. Tinha a impressão de que a noite não ia acabar nunca. “Agora já deve estar perto de amanhecer”, pensou a certa altura e levantou para espiar. “Bem que eu gostaria de olhar um relógio. Mas, se eu me descobrir, congelo. Bom, quando eu souber que está amanhecendo, vou ficar mais alegre. Era melhor atrelar logo o cavalo.”

No fundo, Vassíli Andreitch sabia que ainda não podia ser a manhã, começou a sentir um medo cada vez mais forte e queria, ao mesmo tempo, corrigir e iludir a si mesmo. Com cuidado, abriu as presilhas do casaco de pele, enfiou a mão por baixo da roupa e apalpou o peito por muito tempo, até alcançar o colete. A muito custo, pegou o relógio de prata com flores esmaltadas e olhou. Sem lampião, não se enxergava nada. Deitou-se de barriga para baixo outra vez, apoiado nos cotovelos e nos joelhos, do modo como ficara para fumar, pegou os fósforos e tentou acender. Dessa vez, se dedicou à tarefa com mais cuidado e, tendo escolhido o palito com mais fósforo na ponta, acendeu-o logo na primeira tentativa. Colocou o mostrador do relógio sob a chama, viu e seus olhos não acreditaram... Meia-noite e dez. Ainda tinha a noite inteira pela frente.

“Ah, que noite comprida!”, pensou Vassíli Andreitch, sentindo um calafrio percorrer sua espinha, e se abotoou de novo, cobriu-se e apertou-se ao cantinho do trenó, preparando-se para esperar com paciência. De repente, por trás do barulho monótono do vento, escutou nitidamente um som novo e vivo. O som aumentou de maneira contínua e, ao alcançar a nitidez perfeita, começou a diminuir, também de maneira contínua. Não havia a menor dúvida de que era um lobo. E o lobo estava tão perto que, pelo vento, dava para ouvir claramente como ele mudava o timbre da própria voz, movendo a mandíbula. Vassíli Andreitch baixou a gola do casaco e escutou com atenção. Tenso, Mukhórti também escutava, girando as orelhas e, quando o lobo terminou sua toada, o cavalo mudou a posição das patas e deu um relincho de advertência. Depois disso, Vassíli Andreitch não conseguiu, de jeito nenhum, nem dormir nem se acalmar. Por mais que tentasse pensar em suas contas, em seus negócios, em sua glória, dignidade e riqueza, o medo se apoderava dele cada vez mais, prevalecia sobre todos os pensamentos e, em todos os pensamentos, se misturava outro pensamento, o motivo de não ter ficado em Gríchkino para pernoitar.

“Dane-se a floresta, sem ela os negócios vão muito bem, graças a Deus. Ah, quem dera eu tivesse pernoitado lá!”, disse consigo. “Ouvi dizer que as pessoas embriagadas morrem congeladas”, pensou. “E eu bebi bastante.” Atento a suas sensações, notou que começava a tremer, sem que ele mesmo soubesse se

tremia de frio ou de medo. Experimentou cobrir-se e ficar deitado como antes, mas já não conseguia fazer isso. Não conseguia ficar quieto na mesma posição, tinha vontade de levantar, fazer qualquer coisa capaz de abafar o medo que crescia dentro dele e contra o qual se sentia impotente. De novo, pegou cigarros e fósforos, mas agora só restavam três fósforos, todos ruins. Todos falharam, não acenderam.

“Que o diabo te carregue, desgraçado, vai para o inferno!”, praguejou sem saber nem para quem estava falando e jogou longe o cigarro amassado. Queria jogar longe também a caixa de fósforos, mas deteve o movimento da mão e enfiou os fósforos no bolso. Sentia tamanha inquietação que não conseguia mais ficar parado. Desceu do trenó e, colocando-se de costas para o vento, começou outra vez a fechar o cinto com força, abaixo da cintura.

“Que adianta ficar deitado esperando a morte? Vou montar o cavalo e ir em frente”, lhe veio de repente à cabeça. “Com alguém montado, o cavalo vai avançar. E para ele”, pensou em Nikita, “morrer não faz diferença. Que vida, a sua! Não vai sentir falta desta vida; já eu, graças a Deus, tenho motivos para viver...”

E, depois de desamarrar o cavalo, jogou as rédeas por cima do pescoço do animal e quis montar, mas o casaco de pele e as botas eram tão pesados que ele escorregou. Então subiu no trenó e, ali de cima, quis montar no cavalo. Mas o trenó balançou sob seu peso e ele desabou novamente. Afinal, na terceira tentativa, puxou o cavalo para bem junto do trenó, ficou de pé na beirada com cuidado e deu um jeito de se deitar de barriga para baixo, atravessado sobre as costas do cavalo. Depois de permanecer um tempo assim deitado, deu um, dois, três impulsos e afinal conseguiu passar a perna por cima das costas do cavalo e montou, apoiando a sola dos pés nas correias frouxas dos arreios. Os trancos e estalos no trenó acordaram Nikita, que se levantou um pouco, e Vassíli Andreitch teve a impressão de que ele disse alguma coisa.

– Só um burro como você para ter uma ideia feito essa! Acha que vou morrer assim à toa? – gritou Vassíli Andreitch e, ajeitando por baixo do joelho a aba do casaco de pele, virou o cavalo e o fez andar para longe do trenó, na direção que ele supunha levar à floresta e ao guarda-florestal.

VII

Desde o instante em que havia sentado, Nikita permanecera imóvel, coberto com o saco de aniagem, atrás da parte traseira do trenó. Como todos que vivem na natureza e sabem o que é passar necessidade, ele era paciente e sabia esperar com calma durante horas, até dias, sem experimentar inquietação ou irritação. Ouviu como o patrão o havia chamado, mas não retrucou, porque não queria se mexer nem falar. Embora ainda estivesse quente por causa do chá que havia bebido e por ter se movimentado bastante andando pela neve funda, sabia que esse calor não ia durar muito e que já não tinha forças para se aquecer com movimentos do corpo, pois se sentia tão cansado quanto um cavalo quando para e não consegue ir adiante, mesmo debaixo de chicotadas, e o dono entende que é preciso alimentá-lo para que ele consiga trabalhar outra vez. Na bota esburacada, o pé tinha gelado e Nikita já não sentia o dedão. Além disso, todo o seu corpo ficava cada vez mais frio. Ocorreu-lhe a ideia de que era muito provável que morresse naquela noite, mas tal ideia não lhe pareceu especialmente desagradável ou estranha. Tal ideia não lhe pareceu desagradável também porque toda a sua vida não tinha sido um feriado constante, mas, ao contrário, tinha sido de trabalho ininterrupto, do que ele começava a se sentir cansado. Tal ideia não lhe pareceu especialmente assustadora porque, além dos patrões a quem servira aqui, como Vassíli Andreitch, Nikita sempre se sentira, nesta vida, na dependência do um patrão principal, aquele que o mandara para esta vida, e sabia que, ao morrer, ficaria sob o poder daquele patrão e que tal patrão não lhe faria mal. “Dá pena deixar para trás as coisas de minha vida, as coisas com que me acostumei, não é?”

Bem, o que se vai fazer? É preciso se acostumar também com as coisas novas.”

“Os pecados?”, pensou e lembrou seu fraco pela bebida, o dinheiro gasto com bebida, as ofensas à esposa, as blasfêmias, as missas a que não assistia, os jejuns que não fazia e tudo aquilo que dizia ao pope na hora da confissão. “É mesmo, tenho pecados. Mas, afinal, será que fui eu mesmo que pratiquei os pecados? Não, é claro que foi Deus quem me fez assim. Certo, tudo bem, tenho pecados! Mas onde é que eu ia me enfiar para fugir deles?”

Assim, de início, pensava no que podia lhe acontecer naquela noite, mas depois já não voltou a tais pensamentos e entregou-se a recordações que lhe vinham espontaneamente. Lembrava ora a chegada de Marfa, as bebedeiras dos trabalhadores, sua recusa em beber, ora a viagem que estava fazendo, a isbá de Tarás, as conversas sobre a divisão dos bens, ora seu pequeno e Mukhórti, agora abrigado sob a manta, ora o patrão, que agora fazia o trenó guinchar, remexendo-se dentro dele. “Na certa, o coitado não está nada contente de ter partido”, pensou. “Com a vida que leva, ninguém quer morrer. Já com a gente, a história é outra, irmão.” E todas essas recordações começaram a se entrelaçar, se misturar em sua cabeça, e Nikita adormeceu.

Quando Vassíli Andreitch, ao montar no cavalo, fez o trenó sacudir, a traseira, na qual Nikita se recostava, saiu do lugar e um dos esquis bateu em suas costas. Com isso, Nikita acordou e, gostando ou não, foi obrigado a mudar de posição. Esticando as pernas com dificuldade e sacudindo delas a neve, levantou-se um pouco e, na mesma hora, o frio torturante atravessou todo o seu corpo. Entendendo o que se passava, quis que Vassíli Andreitch deixasse com ele a manta, que agora de nada servia para o cavalo, a fim de poder cobrir-se com ela, e foi isso que gritou para o patrão.

Mas Vassíli Andreitch não parou e sumiu na poeira da neve.

Vendo-se sozinho, Nikita refletiu um minuto no que ia fazer. Para andar à procura de abrigo, não tinha forças. Sentar-se no lugar de antes já era impossível – o buraco estava todo atulhado de neve. E dentro do trenó, sentia que não ia se aquecer, porque não tinha nada com que se cobrir, seu caftã e seu casaco de pele já não o aqueciam nem um pouco. Sentia tanto frio que parecia estar só de camisa. Começou a ficar assustado. “Meu Paizinho do Céu!”, exclamou, e a consciência de que não estava sozinho, de que alguém o ouvia e não o abandonava acalmou Nikita. Suspirou fundo e, sem tirar da cabeça o saco de aniagem, entrou no trenó e deitou-se no lugar do patrão.

Mas no trenó também não conseguiu se aquecer. De início, o corpo todo tremia, depois o tremor passou e aos poucos ele começou a perder a consciência. Se estava morrendo ou adormecendo, não sabia, mas sentia-se pronto tanto para uma coisa quanto para outra.

VIII

Enquanto isso, Vassíli Andreitch, com os calcanhares e com a ponta das rédeas, atiçava e tocava o cavalo na direção em que, por algum motivo, supunha estar a floresta e o abrigo do guarda-florestal. A neve cegava seus olhos, o vento parecia querer detê-lo, mas ele não parava de atiçar o cavalo, curvando-se para a frente, toda hora fechando com força o casaco de pele e enfiando as abas do casaco entre si e o cilhão gelado, que o impedia de sentar direito. O animal, embora com dificuldade, avançava obediente na direção em que o mandavam seguir.

Vassíli Andreitch andou uns cinco minutos sempre reto, assim lhe pareceu, sem enxergar nada senão a cabeça do cavalo e o vazio branco, e também sem ouvir nada senão o assovio do vento roçando nas orelhas do cavalo e resvalando na gola de seu casaco de pele.

De súbito, à sua frente, surgiu algo escuro. O coração começou a bater forte e com alegria e ele avançou na direção daquela coisa preta, já vendo ali as paredes das casas de uma aldeia. Mas a coisa

preta não estava parada, mexia-se toda, não era uma aldeia e sim as hastes altas de um absinto que atravessavam a camada de neve sobre a terra na divisa entre dois campos e se sacudiam desesperadamente sob a pressão do vento que as empurravam todas para um lado e assoviava entre elas. Por algum motivo, a visão do absinto atormentado pelo vento implacável forçou Vassíli Andreitch a tremer e logo ele tratou de tocar o cavalo mais depressa, sem notar que, ao se aproximar do absinto, mudara totalmente de direção e agora conduzia o cavalo para outro lado, mas mesmo assim imaginava que ia para o lado onde devia estar o abrigo do guarda-florestal. Só que o cavalo insistia em virar para a direita e por isso ele o puxava toda hora para a esquerda.

De novo, à sua frente, surgiu algo escuro. Ele se alegrou, convencido de que agora tinha de ser uma aldeia. Mas, novamente, era a divisa entre dois terrenos, com o absinto muito alto. Novamente, a erva seca sacudia em desespero e, por algum motivo, despertou pavor em Vassíli Andreitch. No entanto, além da erva silvestre, havia perto dela pegadas de cavalo, encobertas pelo vento. Vassíli Andreitch parou, abaixou-se, observou: eram pegadas ligeiramente apagadas e não podiam ser de outro cavalo senão o seu. Estava claro que ele tinha andado em círculo e por uma área pequena. “Deste jeito, estou perdido!”, pensou, mas para não se render ao medo, passou a atijar o cavalo com mais força ainda, observando atentamente a branca neblina de neve, na qual tinha a impressão de avistar pontos brilhantes, que logo desapareciam, assim que fixava o olhar sobre eles. Em certo momento lhe pareceu ouvir latidos de cachorros ou uivos de lobos, mas eram sons tão fracos e vagos que não sabia se tinha de fato ouvido ou se fora só uma impressão e, parando, pôs-se a escutar com atenção.

De repente, uma espécie de grito terrível e ensurdecido irrompeu perto de seus ouvidos, tudo embaixo dele começou a tremer e sacolejar. Vassíli Andreitch agarrou-se ao pescoço do cavalo, mas o pescoço do animal também estava tremendo todo e o grito terrível se tornou ainda mais assustador. Por alguns segundos, Vassíli Andreitch não conseguiu se recuperar e entender o que estava acontecendo. E o que estava acontecendo era apenas que Mukhórti, para instigar coragem em si mesmo ou pedir socorro a alguém, começou a relinchar com sua voz alta, ondulante. “Ah, que o diabo te carregue! Me assustou, desgraçado!”, disse consigo Vassíli Andreitch. No entanto, mesmo tendo entendido a causa verdadeira do medo, já não conseguia mais rechaçar o pavor.

“Tenho de usar a cabeça, me acalmar”, disse consigo, mas ao mesmo tempo não conseguia se controlar e continuou a atijar o cavalo, sem se dar conta de que agora já andava na direção do vento e não contra ele. Seu corpo gelava e doía, sobretudo entre as pernas, onde estava descoberto e roçava no cilhão, braços e pernas tremiam e a respiração estava entrecortada. Ele via que ia sucumbir no meio do apavorante deserto de neve e não enxergava nenhum meio de se salvar.

De repente, o cavalo baqueou embaixo dele e, tendo atolado num monte de neve, começou a se debater enquanto tombava para o lado. Vassíli Andreitch desceu do cavalo de um pulo, mas, com o salto, empurrou para o lado a correia dos arreios em que apoiava os pés e virou também o cilhão, no qual se segurou ao pular. Assim que Vassíli Andreitch desmontou, o cavalo corrigiu sua posição, arrancou para a frente, deu um pinote, e outro, e de novo relinchando e arrastando atrás de si a manta pendurada e os arreios soltos, sumiu de vista, deixando Vassíli Andreitch sozinho no meio do monte de neve. Vassíli Andreitch correu atrás do cavalo, mas a neve estava tão funda e os casacos eram tão pesados que, com as pernas atoladas acima dos joelhos, ficou sem fôlego e parou, depois de não mais de vinte passos. “A floresta, os carneiros castrados, os arrendamentos, a venda, as tavernas, a casa com telhado de ferro e o celeiro, o herdeiro”, pensou, “como deixar tudo isso para trás? O que vai acontecer? Não é possível!”, explodiu em sua cabeça. E por algum motivo lembrou-se do absinto sacudido pelo vento, pelo qual passara duas vezes, e lhe veio um horror tão grande que nem acreditou na realidade do que se passava com ele. Pensou: “Será que não estou sonhando tudo isso?”, e quis acordar, só que não havia do que acordar. Era real a neve que açoitava seu rosto, cobria-o, gelava a mão direita, da qual havia tirado a luva, e era real aquele deserto em que agora se encontrava sozinho, assim como o absinto, à espera da

morte inevitável, precoce e sem sentido.

“Rainha Mãe do Céu, pai Santo Nicolau, mestre da abstinência”, lembrou-se da missa da véspera e da imagem de semblante preto na moldura dourada, das velas que ele vendia para acenderem àquela mesma imagem, que logo depois lhe traziam de volta, apenas um pouco queimadas, e que ele escondia numa caixa para revender. E começou a pedir àquele mesmo Nicolau Milagroso que o salvasse, prometeu a ele uma missa solene e velas acesas. Porém na mesma hora entendeu com toda a clareza, sem nenhuma sombra de dúvida, que o semblante, a moldura, as velas, o sacerdote, a missa solene – tudo aquilo era muito importante e necessário lá na igreja, mas ali, para ele, não podiam servir de nada e, entre as velas e as missas solenes, de um lado, e sua situação desamparada, de outro, não havia nem podia haver nenhuma relação. “É preciso não se abater”, pensou. “É preciso seguir as pegadas do cavalo, antes que apaguem”, lhe veio à cabeça. “Ele vai me guiar para fora daqui, ou quem sabe consigo montar no cavalo de novo? É só não me afobar, senão vou perder o fôlego ou até morrer.” Porém, apesar da intenção de andar devagar, precipitou-se para a frente em desabalada carreira, caindo várias vezes, levantando e caindo de novo. As pegadas do cavalo já estavam ficando quase apagadas nos lugares onde a neve era menos profunda. “Estou perdido”, pensou Vassíli Andreitch, “vou perder as pegadas e não vou mais alcançar o cavalo.” Mas no mesmo instante, olhando para a frente, avistou algo preto. Era Mukhórti, e não só Mukhórti, mas também o trenó e os varais com o lenço amarrado na ponta. Mukhórti, com a manta e o cilhão tombados para o lado, agora não estava no mesmo lugar de antes, e sim mais perto dos varais, e sacudia a cabeça, puxada para baixo e embolada nas rédeas, em que ele pisava. Pelo visto, Vassíli Andreitch tinha ido parar no mesmo barranco com que tinha topado, quando ainda viajava ao lado de Nikita, parecia que o cavalo o havia trazido de volta ao trenó e que ele descera do cavalo com um pulo a não mais de cinquenta passos do lugar onde estava o trenó.

IX

Depois de alcançar o trenó a duras penas, Vassíli Andreitch agarrou-se nele e ficou muito tempo parado, tentando se acalmar e recuperar o fôlego. Nikita não estava no mesmo lugar de antes, mas havia algo dentro do trenó, já coberto pela neve, e Vassíli Andreitch adivinhou que era Nikita. Agora, o medo de Vassíli Andreitch tinha passado completamente e, se temia alguma coisa, era apenas o horrível estado de pavor que havia sentido montado no cavalo e, em especial, quando ficou sozinho no monte de neve. Era preciso a todo custo impedir que aquele pavor o alcançasse e para isso era necessário fazer alguma coisa, ocupar-se com alguma coisa. Portanto a primeira coisa que fez foi se colocar de costas para o vento e abrir o casaco de pele. Depois, assim que recuperou um pouco o fôlego, sacudiu a neve das botas e da luva esquerda, pois a direita estava inapelavelmente perdida, na certa caída em algum lugar qualquer debaixo de dois palmos de neve; depois afrouxou e apertou de novo o cinto com força, bem baixo, como fazia quando se preparava para os negócios e saía da venda para comprar trigo nas carroças trazidas pelos mujiques. A primeira questão que se apresentou a ele foi desembaraçar a perna do cavalo. Vassíli Andreitch tratou disso e, tendo soltado as rédeas, amarrou Mukhórti de novo na barra de ferro que ficava na frente do trenó, lugar onde antes Vassíli Andreitch se abrigara, e começou a dar a volta por trás do cavalo a fim de ajeitar o cilhão, os arreios e a manta; mas naquele momento viu que algo se mexeu dentro do trenó e a cabeça de Nikita se levantou, de debaixo da neve que a cobria. Era evidente que Nikita, que já estava congelando, se levantou e sentou com grande esforço e abanou a mão na frente do nariz de um jeito estranho, como se espantasse uma mosca. Abanou a mão e falou alguma coisa, deixando em Vassíli Andreitch a impressão de que o estava chamando. Vassíli Andreitch largou a manta sem ajeitá-la e se aproximou do trenó.

- O que é? – perguntou. – O que está dizendo?
- Estou mo-mo-mo-rrendo, é isso – pronunciou Nikita com dificuldade e voz entrecortada. – Dê o que me deve para o pequeno ou para a mulher, tanto faz.
- O que foi, está congelado? – perguntou Vassíli Andreitch.
- Estou sentindo, é a minha morte... Me perdoe, em nome de Cristo... – disse Nikita com voz chorosa, sempre abanando a mão na frente do rosto, como se espantasse uma mosca.

Vassíli Andreitch ficou meio minuto parado e em silêncio, depois, de repente, com a mesma determinação com que batia as mãos uma na outra para comemorar uma compra vantajosa, deu um passo para trás, arregaçou as mangas do casaco de pele e, com as duas mãos, começou a remover a neve que cobria Nikita e o trenó. Removida a neve, Vassíli Andreitch desafivelou o cinto às pressas, abriu o casaco de pele, empurrou Nikita para trás e deitou-se por cima dele, cobrindo-o não só com o casaco de pele, mas com todo o corpo quente, acalorado. Com as mãos, Vassíli Andreitch enfiou as abas do casaco entre o trenó e Nikita, prendeu a bainha do casaco com os joelhos e ficou assim deitado de bruços, a cabeça apoiada na dianteira do trenó, e agora já não ouvia nem os movimentos do cavalo nem o assovio da tempestade, tinha ouvidos só para a respiração de Nikita. De início, Nikita apenas se deixou ficar deitado, imóvel, depois suspirou alto e se mexeu um pouco.

- Olhe, veja só, e você dizia que estava morrendo. Fique quieto, se aqueça, a gente chega lá... – começou Vassíli Andreitch.

Mas então, para sua enorme surpresa, ele não conseguiu mais falar, porque as lágrimas tomaram seus olhos e a mandíbula começou a tremer depressa. Parou de falar e se limitou a engolir o que lhe vinha à garganta. “Parece que passei um grande apuro e fiquei muito enfraquecido”, pensou. Mas aquela fraqueza não só nada tinha de desagradável como lhe trazia uma alegria diferente, algo que nunca havia experimentado.

“A gente chega lá”, disse consigo, sentindo uma espécie de ternura festiva e fora do comum. Ficou assim deitado e calado por muito tempo, enxugando os olhos com o pelo do casaco e prendendo embaixo do joelho a aba direita do casaco, que o vento tentava virar o tempo todo.

No entanto desejava com muito ardor falar com alguém sobre seu estado de alegria:

- Nikita! – chamou.
- Está bom, quentinho – soou a voz embaixo dele.
- Pois é, irmão, eu também quase morri. Você ia congelar e eu também...

Mas então, outra vez, o queixo começou a tremer, outra vez os olhos se encheram de lágrimas e ele não conseguiu mais falar.

“Não faz mal”, pensou. “Eu sei o que eu sei.”

E calou-se. Assim permaneceu deitado por muito tempo.

Por baixo, estava aquecido por Nikita; por cima, pelo casaco de pele; só as mãos, com que segurava as abas do casaco junto aos flancos de Nikita, e as pernas, que o vento toda hora descobria, começavam a gelar. O que mais gelava era a mão direita, sem luva. Mas ele nem pensava nas pernas, nas mãos, só pensava em manter aquecido o mujique deitado embaixo de si.

Várias vezes, voltava os olhos para o cavalo e via que as costas do animal estavam descobertas e a manta jazia sobre a neve, junto com o cilhão, via que era preciso levantar-se e cobrir o cavalo, mas ele não era capaz de deixar Nikita nem por um minuto e perturbar o estado de alegria em que se encontrava. Medo nenhum experimentava agora.

“Acho que ele escapou”, pensou, dizendo para si mesmo que tinha aquecido o mujique, com o mesmo entusiasmo com que falava de suas compras e vendas.

Vassíli Andreitch ficou assim deitado durante uma hora, duas horas, três horas, mas nem viu o tempo passar. De início, em sua imaginação, repetiam-se as impressões da nevasca, os varais e o cavalo embaixo do arco dos arreios, que sacolejavam diante de seus olhos, e veio a lembrança de Nikita deitado

embaixo dele; depois começaram a se misturar recordações da festa na aldeia, da esposa, do comissário de polícia, da caixa de velas e de novo de Nikita, agora deitado embaixo daquela caixa de velas; depois vieram imagens de mujiques vendendo e comprando, paredes brancas, casas com telhado de ferro, sob o qual Nikita estava deitado; depois tudo isso se misturou, uma coisa se fundiu na outra e, como as cores do arco-íris se dissolvem na cor branca, todas aquelas impressões diversas se dissolveram em um mesmo nada, e ele adormeceu. Dormiu muito tempo sem sonhar, mas pouco antes da alvorada lhe vieram sonhos outra vez. Teve a impressão de que estava do lado da caixa de velas e a mulher de Tikhónov lhe exigia uma vela de cinco copeques para a festa do dia santo e ele queria pegar uma vela e lhe dar, mas suas mãos não se mexiam, fechadas dentro dos bolsos. Ele queria dar a volta para o outro lado da caixa, mas os pés não se mexiam e as galochas novas, limpas, estavam coladas no chão de pedra, não se levantavam, e os pés também não saíam de dentro delas. De repente, a caixa de velas não era mais uma caixa de velas e sim uma cama e Vassíli Andreitch se viu deitado de braços sobre a caixa de velas, ou seja, na sua cama, em sua casa. Está deitado na cama e não consegue levantar, só que precisa levantar, porque agora Ivan Matviéitch, o comissário de polícia, vem buscá-lo para irem juntos ou negociar a floresta, ou ajeitar o cilhão sobre Mukhórti. E ele pergunta para a esposa: “E então, Mikolavna, ele não chegou?” “Não, ele não chegou”, responde a esposa. E ele ouve que alguém se aproxima, vindo do alpendre. Deve ser ele. Não, passou direto. “Mikolavna, ei, Mikolavna, ele ainda não chegou?” “Não.” E Vassíli Andreitch fica deitado na cama, não consegue levantar, continua sempre esperando e essa espera é sinistra e alegre. De repente, a alegria prevalece: chega quem ele espera. Chega e o chama, e esse mesmo que o chama, que gritou chamando por ele, é o mesmo que mandou que ele deitasse em cima de Nikita. E Vassíli Andreitch está feliz por esse alguém ter vindo levá-lo. “Já vou!”, grita, feliz, e esse grito o acorda. Ele desperta, mas desperta muito diferente daquele que havia adormecido. Quer levantar e não consegue, quer mexer a mão e não consegue, quer mexer o pé e também não consegue. E se admira; mas não fica nem um pouco frustrado com isso. Entende que é a morte e não fica nem um pouco frustrado com isso também. Lembra que Nikita está deitado embaixo dele, que se aqueceu e está vivo, e lhe parece que ele é Nikita e Nikita é ele, e que sua própria vida não está nele mesmo, mas em Nikita. Apura os ouvidos e ouve a respiração e até o leve ronco de Nikita. “Nikita está vivo, quer dizer que eu também estou vivo”, diz consigo, em triunfo.

E se lembrou do dinheiro, do armazém, da casa, da compra, da venda e dos milhões de Mirónov; achou difícil entender para que aquele homem a quem chamavam de Vassíli Andreitch se ocupava com todas as coisas com que se ocupava. “Ora, era porque ele não sabia”, pensou, referindo-se a Vassíli Brekhúnov. “Não sabia, como agora eu sei. Agora, já sem a menor possibilidade de erro, *agora sei*.” E ouve outra vez o chamado daquele que antes já o chamara. “Já vou, já vou!”, responde, alegre, comovido, por inteiro. E sente que está livre e que nada mais o retém.

E Vassíli Andreitch já não viu mais nada, não ouviu nem sentiu mais nada neste mundo.

Em volta, tudo continuava a rodopiar ao vento. Os mesmos rodoinhos de neve giravam, recobriam o casaco de pele de Vassíli Andreitch e todo o corpo trêmulo de Mukhórti, e quase não dava mais para ver o trenó e, no fundo dele, o aquecido Nikita, deitado embaixo do patrão já morto.

Nikita acordou antes do amanhecer. O frio que tinha começado de novo a arripiar suas costas o acordou. Sonhou que conduzia para o moinho uma carroça com a farinha do patrão e, ao atravessar o riacho, desviou-se da ponte e atolou a carroça. E, no sonho, vê que vai para baixo da carroça e tenta levantá-la nas costas retas. Mas, que surpresa! A carroça não se move e está grudada às suas costas, ele não

consegue nem levantar a carroça nem sair de debaixo dela. A região lombar parece ser esmagada. E que frio! Claro, é preciso sair dali. “Agora chega”, diz para quem quer que esteja apertando a carroça sobre suas costas. “Tire os sacos!” Mas a carroça, cada vez mais fria, continua a esmagá-lo; de súbito, ele ouve batidas estranhas e desperta totalmente, compreende tudo. A carroça fria é o patrão morto e congelado, deitado em cima dele. O som das batidas vem de Mukhórti, que por duas vezes bateu com o casco no trenó.

– Andreitch, ah, Andreitch! – chama Nikita pelo patrão, com cuidado, já pressentindo a verdade e fazendo força com as costas.

Mas Andreitch não responde e a barriga e as pernas estão duras, frias e pesadas como halteres.

“Na certa, chegou ao fim. É o Reino dos Céus!”, pensa Nikita.

Vira a cabeça, escava com a mão a neve na sua frente e abre os olhos. Está claro; o vento continua a assoviar nos varais do trenó, a neve continua a cair, a única diferença é que não açoitava mais, apenas cai, no trenó e no cavalo, sem fazer barulho, e se acumula cada vez mais alta e já não se vê o movimento nem se ouve a respiração do cavalo. “Também morreu congelado, na certa”, pensa Nikita, a respeito de Mukhórti. E, de fato, as batidas dos cascos no trenó que acordaram Nikita foram o esforço agonizante de Mukhórti para se manter de pé, já completamente congelado.

“O Deus Paizinho, pelo visto, também está me chamando”, diz Nikita consigo. “Seja feita Sua vontade. Dá medo. Bem, ninguém morre duas vezes e, dessa única vez, ninguém escapa. Mas tomara que venha logo...” E de novo esconde as mãos, fecha os olhos e perde a consciência, inteiramente convencido de que agora já está morrendo, sem apelação e por completo.

Foi só na hora do almoço do dia seguinte que os mujiques, empunhando pás, desenterraram Vassíli Andreitch e Nikita, a trinta *sájeni* da estrada e a meia versta da aldeia.

A neve tinha se acumulado acima do trenó, mas os varais e o lenço amarrado neles ainda estavam visíveis. Com neve até acima da barriga, o cilhão e a manta tombados para o lado, Mukhórti estava de pé, todo branco, e a cabeça morta muito abaixada apertava o pomo de adão congelado; pedaços de gelo pendentes entupiam as narinas, os olhos cobertos pela geada, também congelados, pareciam ter lágrimas. Numa noite, havia emagrecido tanto que só restava pele e osso. Vassíli Andreitch estava duro como uma carcaça congelada quando o retiraram, e as pernas ficaram abertas, do jeito como ele havia montado sobre Nikita. Os olhos protuberantes de águia haviam congelado e a boca aberta abaixo do bigode aparado estava entupida de neve. Já Nikita estava vivo, embora todo enregelado. Quando acordaram Nikita, estava convencido de que já havia morrido e que tudo aquilo que se passava com ele acontecia não aqui, mas no outro mundo. Porém, quando ouviu a gritaria dos mujiques que o desencavaram e que retiraram o congelado Vassíli Andreitch de cima dele, de início se admirou com o fato de, no outro mundo, os mujiques gritarem assim e terem um corpo igual ao de antes, mas quando entendeu que continuava aqui, neste mundo, ele se decepcionou mais do que se alegrou, sobretudo quando sentiu que os dedos dos pés tinham congelado.

Nikita ficou dois meses no hospital. Amputaram três dedos, os outros se recuperaram, ele pôde voltar a trabalhar e ainda viveu mais vinte anos – de início, como trabalhador braçal e depois, quando velho, de vigia. Só morreu este ano, em casa, como queria, junto às imagens dos santos e com uma vela de cera acesa entre as mãos. Antes de morrer, pediu perdão à sua velha e perdoou-a pelo tanoeiro; despediu-se do filho, dos netos e morreu, sinceramente alegre pelo fato de a morte livrar o filho e a nora do peso de ter de alimentá-lo e também por ele mesmo passar desta vida, que já o cansava, para a outra vida, que a cada ano e a cada hora se tornava mais compreensível e mais atraente para ele. Estará melhor ou pior lá, onde acordou depois da morte real? Decepcionou-se ou encontrou lá o que esperava? Em breve, todos saberemos.

A DESTRUIÇÃO DO INFERNO E SUA RECONSTRUÇÃO

[Lenda]

I

Foi no tempo em que Cristo revelou Sua doutrina aos homens.

A doutrina era tão clara, tão fácil de seguir e estava tão evidente que livrava as pessoas do mal que era impossível não adotá-la e nada foi capaz de conter sua propagação por todo o mundo. E Belzebu, pai e soberano de todos os demônios, ficou preocupado. Viu claramente que seu poder sobre as pessoas ia terminar para sempre, a menos que Cristo desmentisse Sua pregação. Estava preocupado, mas não se desesperou e incitou os fariseus e os escribas, obedientes a ele, a insultar e atormentar Cristo o mais possível, e também recomendou aos discípulos de Cristo que fugissem e O deixassem sozinho. Esperava que a condenação a uma pena vergonhosa, a desonra, ser abandonado por todos os Seus discípulos e, por fim, os próprios sofrimentos e a execução levassem Cristo, no último minuto, a desmentir Sua doutrina, e que esse desmentido aniquilasse toda a força da doutrina.

A questão foi resolvida na Cruz. E quando Cristo exclamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, Belzebu ficou exultante. Pegou as correntes com cadeados, preparadas para Cristo, e experimentou-as nos próprios pés, ajustou-as melhor, para que não pudessem se abrir, quando presas nos pés de Cristo.

Mas de repente ouviram-se as palavras de Cristo:

– Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem – e em seguida Cristo proclamou: “*Está feito!*” – e expirou.

Belzebu entendeu que, para ele, tudo estava perdido. Quis tirar as correntes dos pés e fugir, mas não conseguiu sair do lugar. As correntes tinham grudado nele e seguravam os pés. Quis subir batendo as asas, mas não conseguiu abri-las. E Belzebu viu que Cristo, num halo de luz, estava diante dos portões do inferno, viu que os pecadores, de Adão até Judas, saíam do inferno, viu que todos os demônios fugiam, viu que os próprios muros do inferno queimavam e desmoronavam, sem fazer barulho, em todos os quatro lados. Ele não conseguiu mais suportar aquilo e, com um grito estridente, despencou para as profundezas, através do chão rachado do inferno.

II

Passaram cem, duzentos, trezentos anos.

Belzebu não contava o tempo. Ficava deitado e imóvel nas trevas negras e no silêncio da morte e tentava não pensar no que havia acontecido, mas mesmo assim pensava e, impotente, odiava o culpado de sua ruína.

Porém de repente – ele não lembrava e não sabia quantos séculos tinham passado –, ouviu, vindos de cima, sons parecidos com batidas de pés, gemidos, gritos, rilhar de dentes.

Belzebu ergueu a cabeça e escutou com atenção.

Belzebu não podia acreditar que fosse possível reconstruir o inferno, depois da vitória de Cristo, no

entanto as batidas de pés, os gemidos, os gritos e o rilhar de dentes soavam cada vez mais claros.

Belzebu ergueu o torso, dobrou embaixo de si as pernas peludas, com cascos muito crescidos (as correntes, para sua surpresa, se soltaram sozinhas dos pés) e, depois de bater livremente as asas abertas, deu o assovio de alerta com que, antigamente, convocava seus servos e auxiliares.

Mal teve tempo de tomar fôlego quando, acima de sua cabeça, uma fenda se escancarou, reluziu um fogo vermelho e uma multidão de demônios, apertando-se uns aos outros, se derramou daquela fenda para as profundezas e, como corvos ao redor de um cadáver, eles se acomodaram num círculo em volta de Belzebu.

Eram demônios grandes e pequenos, gordos e magros, de rabos compridos e curtos e de chifres retos e curvos.

Um deles, com uma capa cobrindo os ombros e, de resto, nu, negro e reluzente, de cara redonda, sem barba e sem bigode, e com uma barriga enorme, estava de cócoras bem na frente da cara de Belzebu e, girando os olhos de fogo ora para cima, ora para baixo, não parava de sorrir, enquanto abanava o rabo comprido e fino, de um lado para o outro, num ritmo constante.

III

- O que significa esse barulho todo? – perguntou Belzebu, apontando para o alto. – O que tem lá?
- O mesmo de sempre – respondeu o demônio reluzente e de capa.
- Mas então existem pecadores? – perguntou Belzebu.
- Muitos – respondeu o reluzente.
- Mas e aquela doutrina, cujo nome não quero dizer? – perguntou Belzebu.

O demônio de capa abriu um sorriso tão largo que deixou à mostra os dentes pontudos e, entre todos os demônios, ressoou uma risada contida.

- Essa doutrina não nos atrapalha. Eles não acreditam nela – disse o demônio de capa.
- Mas a doutrina obviamente os salva de nós, e Ele deu testemunho da doutrina por meio da própria morte – disse Belzebu.
- Eu mudei tudo isso – disse o demônio de capa, batendo depressa com o rabo no chão.
- Mudou como?
- Mudei de tal jeito que as pessoas acreditam não na doutrina Dele, mas sim na minha, e a chamam com o nome da outra.
- E como você fez isso? – perguntou Belzebu.
- Aconteceu por si mesmo. Eu só dei uma ajuda.
- Conte de forma resumida – pediu Belzebu.

O demônio de capa baixou a cabeça, ficou calado um instante, como se organizasse as ideias, sem pressa, e depois começou a contar:

- Quando aconteceu a terrível destruição do inferno e nosso pai e soberano se afastou de nós – disse –, fui aos lugares onde se pregava a doutrina que por pouco não nos aniquilou. Senti vontade de ver como viviam as pessoas que a praticavam. E vi que as pessoas que viviam segundo a tal doutrina eram totalmente felizes e estavam fora de nosso alcance. Não se zangavam umas com as outras, não cediam aos encantos femininos e ou não casavam ou, se casavam, tinham uma só mulher, não possuíam propriedades, tudo era considerado bem comum, não se defendiam com violência de quem os atacava e pagavam com o bem o mal que recebiam. Sua vida era tão boa que os outros povos se sentiam cada vez mais atraídos por eles. Vendo isso, achei que tudo estava mesmo perdido e quis logo ir embora. Mas então aconteceu algo, em si mesmo, insignificante, mas que me pareceu digno de mais atenção, e então fiquei. Aconteceu que,

entre aquelas pessoas, alguns achavam que era preciso circuncidar todos os homens e que não se devia comer carne de animais sacrificados aos ídolos, enquanto outros achavam que isso não era necessário e que era possível não ser circuncidado e comer de tudo. Então comecei a incutir, tanto nos de um lado como nos do outro, a ideia de que aquela discórdia era muito importante, que nem um lado nem o outro deviam transigir, pois a questão tinha a ver com o modo de cultuar Deus. E eles acreditaram em mim e as discussões recrudesceram. E as pessoas de ambos os lados começaram a se irritar umas com as outras e aí passei a incutir em todos a ideia de que podiam demonstrar a veracidade de sua doutrina por meio de milagres. Por mais que seja óbvio que milagres não podem demonstrar a veracidade de uma doutrina, eles sentiam tamanha vontade de ter razão que acreditaram em mim e eu promovi milagres para eles. Não foi difícil fazer isso. Eles acreditavam em tudo que confirmasse seu desejo de ter razão sozinhos.

“Uns diziam que línguas de fogo haviam descido sobre eles, outros diziam que tinham visto o próprio mestre que já havia morrido, e muitas outras coisas. Inventavam coisas que nunca aconteceram e, em nome daquele que nos chamava de mentirosos, mentiam não menos do que nós, sem perceber o que faziam. Uns diziam, sobre os outros: seus milagres não são verdadeiros, os nossos são verdadeiros; e os outros diziam sobre aqueles: não, os seus milagres é que não são verdadeiros, os nossos são verdadeiros.

“As coisas estavam correndo bem, mas tive medo de que notassem a trapaça, demasiado evidente, e então inventei a Igreja. E quando eles acreditaram na Igreja, fiquei tranquilo: entendi que nós estávamos salvos e que o inferno ia ser reconstruído.”

IV

– E o que é a Igreja? – perguntou com ar severo Belzebu, que não queria acreditar que um súdito seu pudesse ser mais inteligente do que ele.

– Igreja é o fato de que, quando as pessoas mentem e sentem que não acreditam, falam, sempre invocando Deus: *Juro por Deus que é verdade o que estou dizendo*. Isso é a Igreja, propriamente falando, mas apenas com a particularidade de que as pessoas que se reconhecem como Igreja estão convencidas de que não podem errar e, portanto, qualquer que seja a tolice que digam, elas não podem mais voltar atrás. Uma Igreja se forma assim: as pessoas convencem a si e aos outros de que seu mestre é Deus e que, a fim de evitar que a lei por Ele revelada seja mal interpretada, Deus escolheu algumas pessoas especiais e que só elas, ou aqueles a quem elas transmitiram esse poder, têm a capacidade de interpretar corretamente a doutrina. Assim, as pessoas que se chamam de Igreja se consideram detentoras da verdade, não porque o que pregam seja verdade, mas porque se consideram os únicos sucessores oficiais dos discípulos dos discípulos dos discípulos e, por fim, dos discípulos do próprio mestre – Deus. Embora também esse método, a exemplo do método dos milagres, tenha a inconveniência de que todas as pessoas podem, ao mesmo tempo, se convencer de que são membros da única Igreja verdadeira (o que de fato sempre aconteceu), a vantagem desse método reside em que, tão logo as pessoas dizem que elas são a Igreja e, com base nessa convicção, constroem sua doutrina, já não podem mais desmentir o que disseram, por mais absurdo que seja o que foi dito, e a despeito do que digam as outras pessoas.

– Mas por que as Igrejas interpretaram a doutrina a nosso favor? – perguntou Belzebu.

– Fizeram isso – prosseguiu o demônio de capa – porque, tendo se declarado os únicos intérpretes da lei de Deus, e tendo convencido os outros disso, tais pessoas se tornaram os árbitros supremos do destino das demais e por isso receberam um poder absoluto sobre elas. Tendo recebido tal poder, elas naturalmente se encheram de orgulho e, em sua maioria, se corromperam e com isso atraíram contra si a indignação e a inimizade das pessoas. Para lutar contra os inimigos, não tendo outra arma que não a violência, passaram a perseguir, executar e queimar todos que não reconheciam seu poder. Assim, por

força da própria posição que ocupavam, elas se viram na necessidade de deturpar a interpretação da doutrina, de modo que ela justificasse sua vida corrupta e também as crueldades que praticavam contra os inimigos. E assim fizeram.

V

– Mas a doutrina era tão simples e clara que era impossível interpretá-la de maneira errada – disse Belzebu, cada vez menos disposto a crer que seus súditos tinham feito o que ele mesmo não pensara em fazer. – “Faz aos outros como queres que façam a ti mesmo.” Como interpretar mal essas palavras?

– Para isso, seguindo meus conselhos, eles usaram vários meios – respondeu o demônio de capa. – Entre as pessoas, conta-se a história de um bruxo bom que, para salvar um homem do bruxo malvado, o transforma num grão de milho e, quando o bruxo malvado, disfarçado de galo, está prestes a bicar aquele grão, o bruxo bom despeja um saco de grãos sobre ele. E o bruxo malvado não consegue comer todos os grãos de milho nem consegue identificar aquele de que precisava. Seguindo meu conselho, fizeram o mesmo com a doutrina Daquela que ensinou que a única lei consiste em fazer aos outros aquilo que queremos que façam conosco, e declararam que quarenta e nove livros contêm a explanação sagrada da lei de Deus e estabeleceram que, nesses livros, todas as palavras vêm de Deus, do Espírito Santo. Em cima de uma verdade simples, compreensível, despejaram um monte tão grande de verdades supostamente sagradas que se tornou impossível aceitar todas elas e até mesmo encontrar no meio delas a única, de fato, necessária às pessoas. Esse foi o primeiro método. O segundo método que empregaram com sucesso por mais de mil anos foi simplesmente assassinar e queimar quem quisesse revelar a verdade. Agora, tal método já saiu de uso, mas não o abandonaram de todo e, embora não queimem mais as pessoas que tentam revelar a verdade, caluniam de tal modo essas pessoas e a tal ponto envenenam sua vida que só muito raramente alguém resolve expor a verdade. Esse é o segundo método. O terceiro consiste em que, reconhecendo a si mesmas como Igreja e, portanto, como infalíveis, elas ensinam explicitamente, quando lhes é necessário, o contrário do que está dito nas Escrituras, deixando por conta de seus discípulos a tarefa de se desembaraçarem de tais contradições, como quiserem e como forem capazes. Assim, por exemplo, está dito nas Escrituras: Teu único mestre é Cristo e não chames ninguém de pai na terra, pois teu único pai está no céu, então não chames ninguém de mestre na terra, pois teu único mestre é Cristo. Mas eles dizem: Só nós somos os pais e só nós somos os mestres dos homens. Ou está dito: Se quiseres rezar, reza sozinho e em segredo, que Deus escutará. Mas eles ensinam que é preciso rezar nos templos, todos juntos, ao som de cantos e música. Ou está dito nas Escrituras: Não jure de maneira nenhuma, mas eles ensinam que todos devem jurar obediência inquestionável às autoridades, a despeito do que possam exigir tais autoridades. Ou está dito: Não mate, mas eles ensinam que se pode e se deve matar na guerra e para cumprir a sentença de um julgamento. Ou então está dito: Minha doutrina é espírito e é vida, te alimenta com ela como se fosse pão. Mas eles ensinam que, pondo um pedacinho de pão no vinho e pronunciando sobre tais pedacinhos determinadas palavras, o pão se torna corpo e o vinho, sangue, e ensinam que comer esse pão e beber esse vinho é muito útil para a salvação da alma.¹ As pessoas acreditam nisso e tomam sofregamente esse caldinho e depois, quando caem em nosso poder, ficam muito surpresas, porque o tal caldinho não as ajudou – concluiu o demônio de capa, girou os olhos e abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Isso é muito bom – disse Belzebu e sorriu. E todos os demônios deram uma sonora gargalhada.

VI

– Mas será possível que existam libertinos, ladrões e assassinos como antigamente? – perguntou Belzebu, já mais animado.

Os demônios, também muito alegres, começaram de repente a falar todos ao mesmo tempo, cada um querendo ser o primeiro a contar a Belzebu.

– Não como antigamente, e sim muito mais do que antes – gritou um.
– Os libertinos não cabem mais nas antigas seções – guinchou outro.
– Os ladrões atuais são piores do que os antigos – esbravejou um terceiro.
– Não há lenha que chegue para os assassinos – rugiu um quarto.
– Não falem todos ao mesmo tempo. Que responda apenas aquele a quem eu perguntar. Quem cuida da libertinagem dê um passo à frente e conte como faz, agora, com os discípulos daquele que proibiu trocar de esposa e disse que não se devia olhar para uma mulher com desejo. Quem cuida da libertinagem?

– Eu – respondeu um demônio marrom e de aspecto feminino, rosto obeso e molhado, e se aproximou de Belzebu, arrastando o traseiro no chão e mastigando sem parar.

O demônio se arrastou para a frente da fila dos demais, ficou de cócoras, inclinou a cabeça para o lado, enfiou entre as pernas o rabo com franjinha e, enquanto o balançava, começou a falar com voz cantada:

– Nós fazemos isso pelo método antigo, empregado por você, nosso pai e soberano, desde o paraíso, e que deixou sob nosso poder toda a espécie humana, e também pelo método novo da Igreja. Segundo o método novo da Igreja, fazemos assim: convencemos as pessoas de que o verdadeiro casamento consiste não naquilo que ele é de fato, a união de homem e mulher, mas em vestir as melhores roupas, ir a grandes prédios construídos para isso e, lá, pôr na cabeça uns chapéus grandes e especiais, feitos para isso, e depois, ao som de várias canções, andar três vezes em volta de uma mesinha.² Convencemos as pessoas de que só isso é o verdadeiro casamento. E, convencidas, elas naturalmente consideram que qualquer união entre homem e mulher fora de tais condições é um simples prazer que não as obriga a nada, ou não passa da satisfação de uma necessidade higiênica, e por isso, sem constrangimento, se entregam a tal prazer.

O demônio de aspecto feminino inclinou a cabeça obesa para o outro lado e ficou em silêncio, como que esperando o efeito de suas palavras em Belzebu.

Belzebu balançou a cabeça em sinal de aprovação e o demônio de aspecto feminino prosseguiu:

– Com esse método, sem abandonar também o pecado antigo, o do fruto proibido e da curiosidade, empregado no paraíso – continuou, obviamente querendo bajular Belzebu –, alcançamos os maiores êxitos. Imaginando que podem realizar para si um casamento eclesiástico puro também depois da união com muitas mulheres, os homens trocam centenas de esposas e, de resto, estão a tal ponto habituados com a prostituição que fazem o mesmo também após o casamento eclesiástico. Se por algum motivo lhes parecem constrangedoras certas exigências ligadas ao casamento eclesiástico, eles arranjam um jeito para, pela segunda vez, dar umas voltinhas em redor da mesa, alegando que da primeira não valeu.

O demônio de aspecto feminino calou-se e, enxugando com a pontinha do rabo a saliva que enchia a boca, inclinou a cabeça para o outro lado e, em silêncio, encarou Belzebu.

VII

– Simples e bom – disse Belzebu. – Aprovo. Quem cuida dos ladrões?

– Eu – respondeu e se adiantou um demônio volumoso, de chifres grandes e curvos, bigode retorcido para cima e imensas patas tortas.

O demônio rastejou para a frente, como o anterior, ajeitou o bigode com duas patas e esperou a pergunta.

– Aquele que destruiu o inferno – disse Belzebu – ensinou as pessoas a viver como os pássaros do céu e ordenou que dessem também o casaco a quem pedisse ou quisesse lhes tomar a camisa, e disse que, para se salvarem, era preciso distribuir os bens que possuíam. Como vocês induziram à prática do roubo pessoas que ouviram tais palavras?

– Fizemos isso – respondeu o demônio de bigode, inclinando majestosamente a cabeça para trás – exatamente como fez nosso pai e soberano, quando Saul foi escolhido rei. Da mesma forma como aquilo foi incutido nas pessoas na época, nós as persuadimos de que, em lugar de parar de roubarem uns aos outros, seria mais vantajoso permitir que só uma pessoa roubasse as demais, conferindo a ela o poder máximo sobre todos. A única novidade em nosso método consiste em que, para confirmar o direito de roubar atribuído a essa única pessoa, nós a levamos a um templo, pomos em sua cabeça um chapéu especial, a sentamos numa cadeira bem alta, colocamos em sua mão um pauzinho e uma bola, esfregamos nela o óleo da Quesma e, em nome de Deus e do Seu filho, proclamamos que esse sujeito lambuzado de óleo é sagrado. Desse modo, o roubo praticado por esse sujeito, considerado sagrado, já não pode ser impedido. E tais pessoas sagradas e seus assistentes, e todos os assistentes dos assistentes, roubam o povo o tempo todo, tranquilamente e sem riscos. Ao mesmo tempo, de forma corriqueira, eles estabelecem leis e preceitos que permitem que uma minoria ociosa, mesmo sem união, roube impunemente a maioria que trabalha. E na verdade, nos últimos tempos, em certas nações, o roubo tem sido praticado por não ungidos tanto quanto lá onde existem os ungidos. Como pode ver nosso pai e soberano, em essência, o método empregado por nós é o velho método. A novidade consiste apenas em que tornamos o método mais geral, mais encoberto, mais difundido pelo espaço e pelo tempo e mais estável. Nós o tornamos mais geral porque, antes, as pessoas voluntariamente se submetiam a quem elas escolhiam e agora nós fazemos as pessoas, de modo totalmente alheio à sua vontade, se submeterem não a quem elas escolhem, mas a qualquer um. Nós tornamos o método mais encoberto porque agora, graças à instituição dos tributos especiais e indiretos, quem é roubado nem vê seus ladrões. O método está mais difundido no espaço porque os assim chamados povos cristãos não se contentam em roubar seu povo e, sob os pretextos mais variados e estranhos, sobretudo sob o pretexto de propagar o cristianismo, roubam também todos os povos estrangeiros que possuam algo para ser roubado. E o método novo está mais difundido pelo tempo do que o antigo método, graças à instituição dos empréstimos, sociais e estatais:

agora, roubam não só as gerações presentes, mas também as futuras. Tornamos o método mais estável porque os principais ladrões são considerados sagrados e as pessoas hesitam em se opor a eles. Basta o ladrão principal se ungir com óleo que poderá roubar tranquilamente, quem e quanto quiser. Então, certa vez, na Rússia, a título de experiência, pus no trono real, uma depois da outra, as mulheres mais malvadas, tolas, ignorantes e depravadas, e que, por suas próprias leis, não tinham nenhum direito a isso. A última era não só depravada como uma verdadeira criminosa, que matou o marido e o herdeiro legal. No entanto, só porque ela havia sido ungida com óleo, as pessoas não cortaram seu nariz nem lhe deram chicotadas, como faziam com todas as mulheres que assassinavam o marido, e durante os trinta anos seguintes se submeteram a ela como escravos, permitindo que ela e seus inúmeros amantes roubassem não só suas propriedades como também a liberdade. Portanto, em nosso tempo, os roubos visíveis, ou seja, tomar à força uma carteira, um cavalo, uma roupa, constituem no máximo a milionésima parte de todos os roubos legais praticados o tempo todo por pessoas que têm a possibilidade de fazê-lo. Em nosso tempo, os roubos impunes, escondidos, e a disposição geral para o roubo se estabeleceram de tal forma entre as pessoas que o objetivo principal da vida de quase todas elas é o roubo, moderado apenas em razão da luta entre os próprios ladrões.

VIII

- Puxa, mas isso é muito bom – disse Belzebu. – E os assassinatos? Quem cuida dos assassinatos?
- Sou eu – respondeu e ergueu-se da multidão um demônio vermelho, de cor sanguínea, dentes caninos salientes na boca, chifres pontudos e com o rabo grosso e imóvel empinado.
- Como é que você consegue levar à prática de assassinatos os discípulos Daquele que disse: não paguem o mal com o mal, amem seus inimigos? Como você transforma essas pessoas em assassinos?
- Fazemos isso pelo método antigo – respondeu o demônio vermelho, com voz ensurdecadora e estrondosa. – Excitando nas pessoas a cobiça, a voracidade, o ódio, a vingança, o orgulho. E também, seguindo o método antigo, insuflamos nos discípulos a convicção de que o melhor meio de afastar as pessoas do assassinato consiste em levar aqueles que cometeram assassinato a serem mortos em público e pelas mãos dos próprios discípulos. Esse método não só nos abastece de assassinos como também nos prepara outros. Uma quantidade ainda maior nos foi fornecida, e continua a ser fornecida, pela nova doutrina da infalibilidade da Igreja, do casamento cristão e da igualdade cristã. A doutrina da infalibilidade da Igreja nos forneceu, em tempos passados, uma enorme quantidade de assassinos. As pessoas que se reconheciam como membros de uma Igreja infalível consideravam que era um crime permitir que intérpretes falsos da doutrina corrompessem as pessoas e, por isso, achavam que o assassinato deles era um ato agradável a Deus. E assim mataram gerações inteiras e executaram e queimaram centenas de milhares de pessoas. No entanto, o engraçado é que aqueles que executaram e queimaram as pessoas que começavam a entender a doutrina verdadeira, justamente as pessoas mais perigosas para nós, achavam que elas eram nossos servos, ou seja, súditos dos demônios. Só que aqueles que executavam e queimavam os outros nas fogueiras, e que eram na realidade nossos servos mais leais, se consideravam santos cumpridores da vontade de Deus. Assim era antigamente. Já no nosso tempo, uma quantidade muito maior de assassinos nos é fornecida pela doutrina do casamento cristão e da igualdade cristã. A doutrina do casamento nos dá, primeiro, os assassinatos dos cônjuges entre si e dos filhos pelas mães. Maridos e esposas se matam mutuamente, quando certas exigências da lei e do costume do casamento eclesiástico lhes parecem constrangedoras. As mães matam os filhos, em geral, quando as uniões das quais redundaram filhos não são aceitas como casamento. Tais assassinatos são cometidos de modo constante e regular. Já os assassinatos causados pela doutrina cristã da igualdade ocorrem de

tempos em tempos, mas em compensação, quando ocorrem, são praticados em quantidade muito maior. Segundo essa doutrina, as pessoas são convencidas de que todas são iguais perante a lei. Só que as pessoas roubadas sentem que isso não é verdade. Elas veem que tal igualdade perante a lei consiste apenas em que os ladrões ficam à vontade para continuar roubando, enquanto elas não podem fazer o mesmo, e então se rebelam e atacam seus ladrões. Aí têm início os assassinatos recíprocos, que às vezes nos fornecem, de uma só vez, dezenas de milhares de assassinos.

IX

– Mas assassinatos na guerra? Como vocês conseguem levar a isso os discípulos Daquele que reconheceu que todas as pessoas eram filhos de um mesmo pai e mandou amar os inimigos?

O demônio vermelho sorriu de orelha a orelha, soltou pela boca um jato de fogo e de fumaça e, satisfeito, bateu nas costas com o rabo grosso.

– Fazemos assim: insuflamos em cada povo a ideia de que ele, esse povo, é o melhor do mundo, *Deutschland über alles*,³ França, Inglaterra, Rússia *über alles*, e que esse povo, qualquer um, precisa dominar todos os outros povos. E assim insuflamos em todos os povos a mesma convicção, de modo que todos eles, sentindo-se ameaçados por seus vizinhos, sempre se preparam para a defesa e se irritam uns com os outros. E quanto mais um lado se prepara para a defesa e por isso se irrita com os vizinhos, tanto mais todos os outros também se preparam para a defesa e se irritam uns contra os outros. Assim, agora, todos que acataram a doutrina Daquele que nos chamou de assassinos vivem constantemente ocupados, acima de tudo, com os preparativos para os assassinatos ou com os assassinatos propriamente ditos.

X

– Puxa, mas isso é sagaz – disse Belzebu, depois de um breve silêncio. – Porém como é que pessoas instruídas e isentas de ilusões não viram que a Igreja havia adulterado a doutrina e não a restauraram?

– Mas eles não podem fazer isso – respondeu com voz segura de si, rastejando para a frente, um demônio preto fosco, de manto nos ombros, testa lisa e oblíqua, ombros descarnados e orelhas grandes e salientes.

– Por quê? – perguntou Belzebu, com ar severo, descontente com o tom seguro de si do demônio de manto.

Sem se perturbar com o grito de Belzebu, o demônio de manto, em vez de se pôr de cócoras como os demais, sem pressa, tranquilamente, sentou-se à maneira oriental, cruzando as pernas descarnadas, e começou a falar sem hesitação, em voz baixa e medida:

– Não podem fazer isso porque, o tempo todo, eu desvio sua atenção daquilo que podem e precisam saber e a direciono para o que não precisam saber e que jamais saberão.

– E como fez isso?

– Fiz e faço de várias formas, conforme a época – respondeu o demônio de manto. – Na Antiguidade, eu convencia as pessoas de que o mais importante para elas era conhecer detalhes das relações entre as pessoas da Santíssima Trindade, o nascimento de Cristo, Sua natureza, os atributos de Deus etc. E elas raciocinaram muito e demoradamente sobre tais assuntos, demonstraram, discutiram e se zangaram. E tais raciocínios as mantiveram tão ocupadas que não pensavam nem um pouco em como deviam viver e, portanto, não precisavam saber o que lhes disse seu mestre sobre a vida.

“Depois, quando já estavam tão confusas por aqueles raciocínios que nem elas mesmas entendiam mais o que estavam dizendo, incuti em algumas pessoas a ideia de que o mais importante era estudar e explicar tudo que havia escrito um homem chamado Aristóteles, que tinha vivido mil anos antes, na Grécia; em outras pessoas, incuti a ideia de que o mais importante era descobrir uma pedra por meio da qual seria possível fazer ouro e também um elixir que eliminaria todas as doenças e tornaria as pessoas imortais. E as pessoas mais inteligentes e instruídas empregaram todas as suas forças intelectuais com esse fim.

“Naqueles que não se interessaram por isso, incuti a ideia de que o mais importante era saber se a Terra gira em torno do Sol ou se é o Sol que gira em torno da Terra. E quando aprenderam que a Terra gira e o Sol não, e quando determinaram quantos milhões de verstas separam a Terra do Sol, ficaram muito contentes e, desde então e até hoje, investigam com mais afinco ainda as distâncias até as estrelas, embora saibam que o fim de tais distâncias não existe nem pode existir, que o próprio número de estrelas é infinito e que eles não têm a menor necessidade de saber isso. Além do mais, incuti também neles a ideia de que é muito importante e indispensável saber como se originaram todos os animais, todos os vermes, todas as plantas, todos os seres vivos infinitamente pequenos. E embora, para eles, seja também absolutamente desnecessário saber isso e esteja perfeitamente claro que descobrir isso é impossível, porque tais criaturas são tão infinitamente numerosas quanto as estrelas, eles empregam todo o seu poder intelectual nisso e em pesquisas semelhantes, a respeito de fenômenos do mundo material, e ficam muito admirados com o fato de que, quanto mais descobrem daquilo que não têm necessidade de saber, mais permanece desconhecido para eles. E apesar de ser evidente que, à proporção que suas pesquisas avançam, o campo do que permanece por ser conhecido se torna cada vez mais vasto, os objetos da pesquisa se tornam cada vez mais complexos e os próprios conhecimentos alcançados por eles se tornam cada vez menos aplicáveis à vida, nada disso os incomoda e eles, plenamente convencidos da importância de seus conhecimentos, continuam a pesquisar, pregar, escrever, publicar e traduzir de uma língua para outra todas as suas pesquisas e raciocínios, que na maior parte nada têm de útil, e se de vez em quando acontece de serem úteis, é só para o divertimento da minoria de ricos ou para piorar a condição da maioria de pobres.

“A fim de impedir que, algum dia, se deem conta de que a única coisa necessária é a aplicação das leis da vida indicadas na doutrina de Cristo, incuti neles a ideia de que não podem conhecer as leis da vida espiritual e que toda doutrina religiosa, entre as quais a doutrina de Cristo, são ilusões e superstições, e que podem descobrir como precisam viver por meio de uma ciência, que inventei para eles, chamada sociologia, que consiste em estudar como os povos antigos viviam de modo diferente e pior. Assim, em lugar de eles mesmos, segundo a doutrina de Cristo, tentarem viver melhor, pensam que precisam apenas estudar a vida dos povos antigos, que de tais conhecimentos poderão extrair as leis gerais da vida e que, para viver bem, bastará apenas conformar sua vida a essas leis inventadas por eles.

“A fim de reforçar mais ainda seu engano, eu insufo neles algo semelhante à doutrina da Igreja, a saber, que existe uma transmissão do conhecimento, que se chama ciência, e que as afirmações dessa ciência são tão infalíveis quanto as afirmações da Igreja.

“Tão logo aqueles que se consideram agentes da ciência se convencem de sua infalibilidade, eles naturalmente declaram ser verdades inquestionáveis não só as coisas mais desnecessárias como as tolices mais absurdas, as quais, uma vez proclamadas, eles já não podem mais desmentir.

“Aí está por que digo que, enquanto eu incutir neles o respeito e a subserviência a essa ciência, que inventei para eles, jamais compreenderão a doutrina que por muito pouco não nos aniquilou.”

– Muito bem. Obrigado – disse Belzebu, e seu rosto ficou radiante. – Vocês merecem um prêmio e vou recompensá-los dignamente.

– Mas o senhor está se esquecendo de nós – gritaram em várias vozes os demais demônios, malhados, pequenos, grandes, de pernas tortas, gordos e magros.

– O que vocês fizeram? – perguntou Belzebu.

– Eu sou o demônio do aprimoramento técnico.

– Eu sou o da divisão do trabalho.

– Eu sou o das vias de comunicação.

– Eu sou o da impressão de livros.

– Eu sou o da arte.

– Eu sou o da medicina.

– Eu sou o da cultura.

– Eu sou o da educação.

– Eu sou o da reabilitação das pessoas.

– Eu sou o do entorpecimento.

– Eu sou o da filantropia.

– Eu sou o do socialismo.

– Eu sou o do feminismo – gritaram todos de repente, avançando e se espremendo, bem na frente da cara de Belzebu.

– Fale um de cada vez e de forma sucinta – gritou Belzebu. – Você – virou-se para o demônio do aprimoramento técnico. – O que você faz?

– Convenço as pessoas de que, quanto mais fizerem objetos e quanto mais depressa os fizerem, será melhor para elas. E as pessoas, arruinando a própria vida a fim de produzir objetos, fazem cada vez mais objetos, apesar de tais objetos não serem necessários àqueles que obrigam as pessoas a fazê-los e de serem inacessíveis àqueles que os produzem de fato.

– Muito bem. E você? – perguntou Belzebu ao demônio da divisão do trabalho.

– Eu convenço as pessoas de que, como é possível fazer objetos mais depressa por meio de máquinas do que de gente, é preciso transformar as pessoas em máquinas, e elas fazem isso, e as pessoas, transformadas em máquinas, odeiam aqueles que fizeram isso com elas.

– Puxa, muito bem. E você? – perguntou Belzebu ao demônio das vias de comunicação.

– Eu convenço as pessoas de que, para seu bem, é preciso deslocar-se o mais depressa possível de um lugar para outro. E as pessoas, em lugar de melhorar a própria vida no lugar onde estão, passam a maior parte dela em deslocamentos de um lugar para outro e se orgulham muito de poder percorrer cinquenta verstas ou mais numa hora.

Belzebu também elogiou isso.

O demônio da impressão de livros se adiantou. Sua tarefa, como explicou, consiste em comunicar ao maior número possível de pessoas todas as sujeiras e tolices que se fazem e se escrevem no mundo.

O demônio da arte explicou que, sob o pretexto de consolar e despertar sentimentos elevados, ele estimula os vícios, representando-os com um aspecto atraente.

O demônio da medicina explicou que sua tarefa consiste em convencer as pessoas de que o mais necessário para elas é a preocupação com o próprio corpo. E como a preocupação com o próprio corpo não tem fim, as pessoas, preocupadas com o próprio corpo, graças à ajuda da medicina, não só se esquecem da vida das outras pessoas como também se esquecem de sua própria vida.

O demônio da cultura explicou que convence as pessoas de que o aproveitamento de todas aquelas atividades conduzidas pelos demônios do aprimoramento técnico, da divisão do trabalho, das vias de comunicação, da impressão de livros, da arte, da medicina é algo semelhante à virtude e que o homem que tira proveito de tudo isso pode se sentir plenamente satisfeito consigo e não se empenhar em ser

melhor.

O demônio da educação explicou que convence as pessoas de que podem ensinar as crianças a viver bem, mesmo vivendo de modo ruim e até sem saber em que consiste uma vida boa.

O demônio da reabilitação explicou que ensina às pessoas que, mesmo sendo corrompidas, elas podem reabilitar pessoas corrompidas.

O demônio do entorpecimento disse que ensina às pessoas que, em vez de livrar-se dos sofrimentos produzidos pela vida ruim tentando viver melhor, é preferível esquecer, sob o efeito do entorpecimento por bebida, tabaco, ópio e morfina.

O demônio da filantropia disse que torna as pessoas inacessíveis ao bem convencendo-as de que, roubando em *pud* e devolvendo em *zólotnik*⁴ às pessoas que foram roubadas, elas se tornam virtuosas e não precisam se aprimorar.

O demônio do socialismo se gabou de que, em nome da mais elevada organização da vida social, ele provoca a inimizade de classe.

O demônio do feminismo se gabou de que, para um aprimoramento ainda maior da organização da vida, além da inimizade de classe, ele provoca a inimizade entre os sexos.

– Eu sou o conforto! Eu sou a moda! – gritaram e guincharam outros demônios, arrastando-se na direção de Belzebu.

– Por acaso vocês pensam que sou tão velho e tolo que não entenda que, assim que a doutrina da vida é adulterada, logo tudo aquilo que podia ser nocivo para nós se torna útil para nós? – gritou Belzebu, e deu uma gargalhada. – Chega. Agradeço a todos.

Abanou as asas e, com um pulo, ficou de pé. Os demônios formaram um círculo em torno de Belzebu. Na hora de fechar o círculo de demônios, numa ponta estava o demônio de capa, o inventor da Igreja, e na outra ponta o demônio de manto, o inventor da ciência. Os demônios deram as patas uns aos outros e o círculo se fechou.

E todos os demônios, rindo, guinchando, assoviando e urrando, começaram a rodar e dançar em redor de Belzebu, abanando e batendo os rabos. Já Belzebu, abrindo e batendo as asas, dançava no meio da roda, erguendo as patas bem alto. No alto, por cima de tudo, ouviam-se gritos, choro, gemidos e rillar de dentes.

1902

DEPOIS DO BAILE

– Então os senhores dizem que o homem não é capaz de compreender por si mesmo o que é bom e o que é mau, dizem que todos dependem do ambiente, que todos são vítimas de seu meio. Pois penso que tudo depende do acaso. E falo por experiência própria.

Assim começou Ivan Vassílievitch, a quem todos respeitavam, após uma conversa que tivemos em torno da ideia de que, para o aprimoramento pessoal, é necessário antes de tudo mudar as condições em que as pessoas vivem. Ninguém disse propriamente que era impossível compreender o que é bom e o que é mau, mas Ivan Vassílievitch tinha aquela maneira peculiar de responder aos próprios pensamentos, surgidos no correr de uma conversa e, sob o efeito de tais pensamentos, contar episódios da sua vida. Muitas vezes esquecia completamente o motivo que o levava a contar, deixava-se arrebatado pelo relato, ainda mais porque contava com muita franqueza e veracidade.

Assim fez também naquela ocasião.

– Falo por experiência própria. Toda a minha vida se constituiu dessa forma, e não de outro modo, não em decorrência do meio, mas sim de algo bem diferente.

– E do que foi, então? – perguntamos.

– Bem, essa é uma longa história. Para entender, é preciso contar.

– Pois então conte.

Ivan Vassílievitch pôs-se a refletir, balançou a cabeça.

– Sim – disse. – Toda a minha vida se transformou em uma noite, ou melhor, em uma manhã.

– O que aconteceu?

– Aconteceu que eu estava intensamente apaixonado. Apaixonei-me muitas vezes, mas aquele foi o amor mais forte que senti. Faz tempo; agora ela já tem uma filha casada. Era B., sim, Várienka B. – Ivan Vassílievitch disse o sobrenome da família. – Mesmo aos cinquenta anos, ela era de uma beleza notável. Mas na juventude, aos dezoito anos, era fascinante: alta, esbelta, graciosa e majestosa, majestosa no rigor da palavra. Sempre se portava de modo extraordinariamente ereto, como se não pudesse ser de outra forma, com a cabeça um pouco inclinada para trás e, com a beleza e a estatura elevada, apesar da magreza, que chegava a deixar os ossos à mostra, adquiria certo aspecto imperial, que levaria as pessoas a se afastar, não fossem o sorriso e a boca sempre carinhosa e alegre, os olhos encantadores e brilhantes e todo o seu ser jovem e gentil.

– Como Ivan Vassílievitch retrata bem.

– Sim, mas, por melhor que eu retrate, é impossível retratar de modo que os senhores entendam como ela era. Porém a questão não é essa: o que quero contar se passou nos anos 40. Nessa época, eu era estudante numa universidade de província. Não sei se isso é bom ou ruim, mas na época não havia entre nós, em nossa universidade, nenhum círculo, nenhuma teoria, éramos simplesmente jovens e vivíamos como é próprio da juventude: estudávamos e nos divertíamos. Eu era um rapaz muito alegre, esperto e ainda por cima rico. Tinha um cavalo fegoso que andava a passo esquipado, descia os morros com as senhoritas (ainda não havia chegado a moda dos patins), fazia farras com os camaradas (naquele tempo, não bebíamos senão champanhe; quando não tínhamos dinheiro, não bebíamos nada, nem vodca, como fazemos agora). Os meus principais prazeres eram as festas e os bailes. Eu dançava bem e não era feio.

– Ora, deixe de modéstia – interrompeu-o uma das senhoras que o ouviam. – Afinal, conhecemos o seu retrato em daguerreótipo. O senhor não só não era feio, como era um homem belíssimo.

– Belíssimo ou não belíssimo, não vem ao caso. O caso é que, na época desse que foi o mais forte amor de minha vida, estava eu num baile, no último dia do carnaval, na casa do chefe da província, um velhinho bonachão, ricaço, hospitaleiro e camarista da corte. Sua esposa, tão simpática quanto ele, recebia os convidados num vestido de veludo marrom, com uma tiara de brilhantes na cabeça e o peito e os ombros descobertos, velhos, fartos, brancos, como um retrato de Ielizavieta Petróvna.¹ O baile estava maravilhoso. O salão estava lindo, tinha um coro, músicos, os famosos conjuntos de servos formados naquele tempo pelos senhores de terras amantes da música, um bufê magnífico e um mar transbordante de champanhe, mas não bebi porque sem a bebida eu já estava embriagado de amor, em compensação dançava até me esgotar, dançava as quadrilhas, as valsas, as polcas e, é claro, o mais possível, sempre com Várienka. Ela usava um vestido branco com um cinto cor-de-rosa e luvas brancas de pelica, que por pouco não chegavam aos cotovelos magros, pontudos, e sapatinhos brancos de cetim. Tomaram-me a mazorca: o odioso engenheiro Aníssimov, e eu até hoje não consigo perdoá-lo por isso, convidou-a para dançar logo que ela chegou, enquanto eu corria para o barbeiro e andava atrás de umas luvas e me atrasava. Assim, não dancei com ela a mazorca, mas sim com uma alemãzinha que antes eu já havia namorado um pouquinho. Mas receio ter sido muito rude com a alemãzinha nessa noite, não conversei nem olhei para ela, só via o vulto alto, esbelto, de vestido branco e cinto cor-de-rosa, o rosto radiante, ruborizado, as covinhas e os olhos carinhosos, meigos. Eu não era o único, todos olhavam para ela e

ficavam encantados, os homens e também as mulheres, apesar de ela ofuscar todas as outras. Era impossível não se encantar.

“Por força de uma lei, por assim dizer, não dancei com ela a mazurca, mas na realidade dançamos quase todo o tempo. Sem se perturbar, ela atravessava o salão inteiro, direto ao meu encontro, eu dava um salto para a frente sem esperar o convite e ela, com um sorriso, agradecia minha perspicácia. Quando havia troca de pares e eu era conduzido de volta na sua direção, às vezes ela não adivinhava o meu passo e segurava outra mão que não a minha, encolhia os ombros magros e, em sinal de pesar e de consolo, sorria para mim. Quando fazíamos as figuras da mazurca em tempo de valsa, valsávamos juntos demoradamente e ela, muitas vezes sem fôlego, sorria e me dizia: ‘*Encore*’.² E valsei e valsei e nem sentia o meu corpo.”

– Ora, como não sentia, acho que sentia bastante, quando a apertava pela cintura, sentia não só seu corpo, como também o dela – disse um dos convidados.

De repente Ivan Vassílievitch ficou ruborizado e quase gritou, com irritação:

– Sim, aí está como são os senhores, a juventude de hoje em dia. Os senhores, além do corpo, não enxergam nada. Em nosso tempo não era assim. Quanto mais intensamente eu estava apaixonado, mais incorpórea ela se tornava para mim. Os senhores, hoje, olham os pés, os tornozelos e outras coisas, os senhores despem as mulheres pelas quais estão apaixonados, mas para mim, como dizia Alphonse Karr,³ um bom escritor, o objeto do meu amor veste sempre roupas de bronze. Nós não só não despíamos como nos empenhávamos em cobrir a nudez, como faz um bom filho de Noé. Ora, mas os senhores não vão entender...

– Não lhe dê ouvidos. E depois, o que houve? – perguntou um de nós.

– Pois bem. Assim, dancei mais com ela e não vi o tempo passar. Os músicos, já com certo desespero de cansaço, os senhores sabem como acontece no fim de um baile, repetiam os mesmos temas da mazurca, as mães e os pais já se haviam levantado das mesas de jogar cartas nos salões, aguardavam o jantar, os criados passavam correndo com mais frequência, levando coisas. Ainda não eram três horas. Era preciso aproveitar os últimos minutos. Chamei-a de novo para a mazurca e, pela centésima vez, percorremos o salão.

“ ‘Então, depois do jantar, a quadrilha será minha?’, perguntei, enquanto a levava para seu lugar.

“ ‘Claro, se não me levarem embora’, ela respondeu, sorrindo.

“ ‘Não permitirei’, disse eu.

“ ‘Dê-me o leque’, pediu.

“ ‘Fico triste em devolvê-lo’, respondi, enquanto lhe entregava um leque branco e baratinho.

“ ‘Pois tome isto, para que o senhor não fique triste’, disse ela, e arrancou uma peninha do leque e me deu.

“Segurei a peninha e só com o olhar pude exprimir todo o meu entusiasmo e gratidão. Eu estava não só alegre e satisfeito, eu estava feliz, abençoado, eu me sentia bem, eu não era mais eu, e sim uma criatura extraterrena, que desconhecia o mal e só era capaz de fazer o bem. Escondi a peninha dentro da luva e fiquei parado, sem forças para separar-me dela.

“ ‘Veja, estão convidando o papai para dançar’, disse ela, apontando para o vulto alto e esbelto do pai, um coronel com dragonas prateadas, que estava na porta, junto à anfitriã e outras senhoras.

“ ‘Várienka, venha cá’, ouvimos a voz alta da anfitriã de tiara de brilhantes e ombros ielizavetanos.

“Várienka seguiu na direção da porta e eu fui logo atrás.

“ ‘*Ma chère*,⁴ convença seu pai a dar uns passos de dança com você. Vamos, por favor, Piotr Vladislávitch’, voltou-se a anfitriã para o coronel.

“O pai de Várienka era um velho muito bonito, esbelto, alto e viçoso. Tinha o rosto muito corado, com um bigode branco de pontas levantadas *à la Nicolas I*,⁵ suíças já brancas que se uniam ao bigode, o

cabelo das têmporas penteado para a frente e, nos lábios e nos olhos radiantes, o mesmo sorriso carinhoso e alegre da filha. Tinha um porte magnífico, o peito largo, inflado à maneira militar, ornado de medalhas e sem ostentação, os ombros fortes, as pernas compridas e bem-feitas. Era um chefe militar bem ao tipo dos veteranos do tempo de Nicolau.

“Quando nos aproximamos da porta, o coronel se recusava, dizendo que havia desaprendido a dançar, no entanto, sorrindo, baixou a mão no lado esquerdo, desembainhou a espada, entregou-a a um jovem solícito e, após tirar a luva de camurça da mão direita – ‘tudo tem de ser feito conforme as regras’, disse sorrindo –, tomou a mão da filha e postou-se a um quarto de volta, à espera do compasso.

“No aguardado início do tema da mazurca, ele bateu agilmente um pé no chão, esticou a outra perna, e sua figura alta, corpulenta, deslocou-se em redor do salão, num sapateado ora baixo e suave, ora barulhento e tempestuoso. A figura graciosa de Várienka planava à sua volta, de maneira imperceptível, no tempo certo, encurtando ou esticando os passos de seus pezinhos brancos de cetim. O salão inteiro seguia todos os movimentos do par. Eu não estava apenas encantado, eu os observava com um enternecimento extasiado. Comoviam-me, sobretudo, as botas do pai, com presilhas bem justas – boas botas de couro de bezerro, mas não de bico fino, como ditava a moda, e sim antigas, de bico quadrado e sem salto. Pelo visto, tinham sido feitas pelo sapateiro do batalhão. ‘Para vestir e apresentar bem a filha querida, ele não compra botas da moda, usa botas feitas em casa’, pensei, e aquelas botas de bico quadrado enterneceram-me de modo especial. Via-se que outrora ele dançara muito bem, mas agora estava pesado e as pernas já não eram bastante flexíveis para todos os passos ligeiros e bonitos que tentava executar. Mesmo assim, deu duas voltas no salão com agilidade. Quando abriu e logo depois fechou as pernas e tombou sobre um joelho, ainda que de modo um pouco pesado, enquanto ela, sorrindo e ajeitando a saia em que o pai havia esbarrado, o circundava com suavidade, todos aplaudiram bem alto. Após se levantar com certo esforço, o pai tomou carinhosamente nas mãos a cabeça da filha e, após beijar sua testa, trouxe-a para mim, pensando que eu ia dançar com ela. Respondi que não era eu o seu par.

“ ‘Ora, não importa, dance com ela o senhor, agora’, disse o coronel, sorrindo de modo afetuoso, e recolocou a espada na bainha.

“Tal como acontece com o conteúdo de uma garrafa que, após escorrer a primeira gota, se derrama em grandes jatos, assim também, na minha alma, o amor por Várienka liberou toda a capacidade de amar que estava oculta dentro de mim. Naquela hora, eu abraçaria o mundo inteiro com meu amor. Eu amava também a anfitriã de tiara, com seu busto ielizavetano, e seu marido, e seus convidados, e seus criados, e até o engenheiro Aníssimov, que estava aborrecido comigo. Em relação ao pai dela, com suas botas feitas em casa e seu sorriso carinhoso, tão parecido com o da filha, eu experimentava então uma espécie de sentimento de ternura e enlevo.

“A mazurca terminou, os anfitriões chamaram os convidados para o jantar, mas o coronel B. recusou o convite, dizendo que no dia seguinte precisava acordar cedo, e despediu-se dos anfitriões. Cheguei a temer que ela também fosse embora, porém ficou no baile com a mãe.

“Depois do jantar, dancei com ela a quadrilha prometida e, embora eu parecesse estar infinitamente feliz, minha felicidade crescia mais e mais. Nada falávamos de amor. Eu não perguntava, nem a ela nem mesmo a mim, se ela me amava. Eu a amava e isso era o bastante. Só temia uma coisa, que alguém estragasse a minha felicidade.

“Quando cheguei em casa, tirei a roupa e pensei em dormir, mas vi que era completamente impossível. Tinha na mão a peninha do seu leque e sua luva inteira, que ela me dera ao ir embora, no momento de subir na carruagem, quando ajudei sua mãe e depois a ela. Eu observava esses objetos e, sem fechar os olhos, via seu vulto na minha frente, naquele minuto em que, optando entre dois cavalheiros, ela adivinhou o sentido do meu passo e ouvi sua voz meiga, quando disse: ‘*Orgulho*, não é?’, e com alegria me deu a mão, ou quando, depois do jantar, tomou um gole de uma taça de champanhe e

olhou-me de soslaio com os olhos carinhosos. Porém, mais que tudo, eu a via dançar com o pai, no momento em que se movia suavemente em torno dele e, com orgulho e alegria, por si e por ele também, olhava de relance para os espectadores admirados. E, involuntariamente, uni o pai e a filha num mesmo sentimento terno e comovido.

“Na época, eu morava com o meu falecido irmão. Ele não gostava da vida mundana, em geral, e não ia a bailes; naquela altura meu irmão estava se preparando para o exame de doutoramento e levava uma vida regrada. Estava dormindo. Observei sua cabeça afundada no travesseiro, encoberta até a metade pelo cobertor de flanela, e me veio uma pena afetuosa em relação a ele, tive pena, porque meu irmão não conhecia e não compartilhava aquela felicidade que eu experimentava. Nosso servo e criado Petrucha veio ao meu encontro com uma vela e quis ajudar-me a trocar de roupa, mas dispensei-o. O aspecto de seu rosto sonolento, de cabelos emaranhados, pareceu-me enternecedor e tocante. Tentando não fazer barulho, segui para meu quarto na ponta dos pés e sentei na cama. Não, eu estava feliz demais, não podia dormir. Além disso, fazia calor nos cômodos muito aquecidos e eu, sem tirar o uniforme, saí de mansinho para o vestíbulo, pus a túnica, abri a porta e fui para a rua.

“Eu saíra do baile antes das cinco horas, mais umas duas horas se passaram enquanto fui para casa e fiquei lá algum tempo, portanto, quando saí já estava claro. Fazia um tempo típico da época do carnaval, havia uma neblina, a neve encharcada de água se derretia nas ruas e todos os telhados gotejavam. Na época, B. morava no fim da cidade, junto a um vasto campo, numa extremidade havia uma alameda, na outra, um colégio interno para moças. Cruzei nossa travessa deserta e saí numa rua grande, onde começavam a se encontrar pedestres, carroceiros e trenós cheios de lenha, cujos patins chegavam a raspar na calçada. E os cavalos, que em movimentos regulares, sob os arreios lustrosos, balançavam a cabeça molhada, e os cocheiros que, cobertos por umas esteirinhas, batiam forte no chão as botas enormes ao lado das carroças, e as casas da rua, que na neblina pareciam muito altas, tudo era para mim singularmente doce e significativo.

“Quando cheguei ao campo onde ficava a casa deles, avistei na extremidade, na alameda da direita, algo grande, negro, e ouvi sons de flauta e tambor que vinham de lá. Minha alma cantava o tempo todo e, de quando em quando, se fazia ouvir o tema da mazurca. Mas aquele era outro tipo de música, rude e má.

“ ‘O que é isso?’, pensei e, por um caminho escorregadio que atravessava o meio do campo, segui na direção dos sons. Depois de percorrer uns cem passos, comecei a distinguir, por trás da neblina, muitas pessoas negras. Pelo visto, soldados. ‘Um treinamento, na certa’, pensei, e me aproximei, junto com um ferreiro de peliça curta e ensebada e de avental, que carregava algo e andava na minha frente. Os soldados, de uniforme preto, estavam postados em duas fileiras, uma de frente para a outra, com os fuzis em posição de descansar armas, e não se moviam. Atrás deles, estavam o flautista e o tocador de tambor, que não paravam de repetir a mesma melodia desagradável e estridente.

“ ‘O que estão fazendo?’, perguntei para o ferreiro, que havia parado ao meu lado.

“ ‘Estão castigando um tártaro por deserção’, respondeu o ferreiro em tom zangado, enquanto tentava enxergar a outra ponta das fileiras.

“Fiquei olhando para lá também e vi, no meio das duas fileiras, algo terrível, que vinha na minha direção. Vinha na minha direção um homem nu da cintura para cima, preso por cordas aos fuzis de dois soldados, que o conduziam. A seu lado, caminhava um militar alto, de túnica e quepe, cuja figura me pareceu conhecida. Contorcendo o corpo inteiro, tropeçando na neve derretida, o castigado avançava na minha direção sob os golpes que choviam sobre ele de ambos os lados, ora o homem tombava para trás – e então os sargentos que o conduziam preso aos fuzis empurravam-no para a frente –, ora caía para a frente – e então os sargentos, segurando-o para que não caísse, puxavam-no para trás. E, sem se afastar do castigado, o militar alto caminhava a passo firme, ligeiramente trêmulo. Era o pai dela, com seu rosto corado, seu bigode e as suíças brancas.

“A cada golpe, o castigado, como que surpreso, virava o rosto franzido de sofrimento para o lado

de onde viera a pancada e, arreganhando os dentes brancos, repetia sempre a mesma frase. Só quando já estavam bem perto, distingui essa frase. Ele não falava, mas soluçava: ‘Irmãozinhos, tenham dó. Irmãozinhos, tenham dó’. Mas os irmãozinhos não tinham dó e, quando o cortejo passou bem junto a mim, vi como o soldado que estava na minha frente deu um passo decidido adiante e, com um zunido, brandiu no ar um porrete, antes de golpear com força as costas do tártaro. O tártaro tombou para a frente, mas os sargentos seguraram-no e uma pancada semelhante atingiu-o do outro lado, e de novo desse lado, e de novo do outro. O coronel acompanhava de perto e, olhando ora os próprios pés, ora o castigado, inspirava e, inflando as bochechas, soltava o ar lentamente entre os lábios contraídos em bico. Quando o cortejo passou pelo lugar onde eu estava, vi de relance, entre as fileiras, as costas do castigado. Era uma coisa colorida, molhada, vermelha, antinatural e nem acreditei que pudesse ser o corpo de um homem.

“ ‘Ah, meu Deus’, exclamou o ferreiro ao meu lado.

“O cortejo começou a afastar-se, golpeavam sem parar, dos dois lados, o homem tropeçava, se contorcia, e continuavam a bater no tambor e a assobiar na flauta, e sempre no seu passo firme avançava a figura alta, esbelta, do coronel, junto ao castigado. De súbito, o coronel parou e aproximou-se rápido de um dos soldados.

“ ‘Vou ajudar você’, ouvi sua voz raivosa. ‘Quer errar o alvo, é? Quer mesmo?’

“E vi como ele, com a mão forte metida numa luva de camurça, bateu no rosto de um soldado baixinho, assustado, fraco, por não ter baixado seu porrete com força bastante nas costas vermelhas do tártaro.

“ ‘Tragam açoites novos!’, gritou, virando-se para trás, e me viu. Fez de conta que não me conhecia, franziu as sobrancelhas com ar ameaçador e raivoso, deu-me as costas depressa. Senti tamanha vergonha que, sem saber para que lado olhar, como se tivesse sido apanhado em flagrante no ato mais vergonhoso do mundo, baixei os olhos e apressei-me em ir para casa. Ao longo de todo o caminho, em meus ouvidos ora batia o rufar do tambor e assobiava a flauta, ora ouviam-se as palavras: ‘Irmãozinhos, tenham dó’, ora eu ouvia a voz arrogante e raivosa do coronel, que gritava: ‘Quer errar o alvo, é? Quer mesmo?’. Enquanto isso, no coração, havia uma tristeza quase física, que beirava o enjoo, a tal ponto que parei várias vezes e pareceu-me que a qualquer momento eu ia vomitar todo o horror que entrara em mim por causa daquele espetáculo. Não lembro como cheguei em casa e deitei. Porém, assim que comecei a dormir, vi e ouvi tudo outra vez, e acordei de um salto.

“ ‘Na certa, ele sabe alguma coisa que desconheço’, pensei a respeito do coronel. ‘Se eu soubesse o que ele sabe, entenderia o que vi e isso não me perturbaria.’ Contudo, por mais que eu refletisse, não conseguia atinar com o que o coronel sabia e só fui dormir ao entardecer, depois de ir à casa de um amigo e beber com ele até ficar totalmente bêbado.

“Pois bem, os senhores pensam que concluí, então, que aquilo que vi era algo ruim? De maneira alguma. ‘Se fazem isso com tamanha convicção e se todos o consideram necessário, quer dizer que sabem alguma coisa que eu desconheço’, pensava, e me esforçava em descobrir o que era. Porém, como não descobri, não fui capaz de ingressar no serviço militar, como antes desejava, e tampouco ingressei no serviço civil e, como veem, não servi para nada, em parte alguma.”

– Bem, nós sabemos muito bem que o senhor não serviu para nada – disse um de nós. – É melhor dizer: quantas pessoas não teriam servido para nada, se não fosse o senhor.

– Ora, isso é uma tolice completa – exclamou Ivan Vassílievitch, com irritação sincera.

– Bem, e o amor? – perguntamos.

– Amor? A partir daquele dia, o amor começou a minguar. Quando ela, como lhe acontecia muitas vezes, com um sorriso no rosto, se punha pensativa, na mesma hora eu me lembrava do coronel na praça e me vinha uma sensação tão incômoda e tão desagradável que passei a encontrá-la cada vez menos. E assim o amor deu em nada. Vejam como são as coisas e o que transforma e governa a vida inteira de um homem. E os senhores dizem... – concluiu ele.

O REI ASSÍRIO ASSARHADDON

O rei assírio Assarhaddon conquistou o reino de Lailie, devastou e queimou todas as cidades, capturou e levou todos os habitantes para seu país, matou os guerreiros e aprisionou o próprio rei Lailie numa jaula.

À noite, deitado na cama, o rei Assarhaddon pensava em como castigar Lailie, quando ouviu de repente a seu lado um sussurro e, abrindo os olhos, viu um velho de barba grisalha e olhos dóceis.

– Você quer castigar Lailie? – perguntou o velho.

– Quero – respondeu. – Estava tentando imaginar um castigo para ele.

– Mas, veja, Lailie é você – disse o velho.

– Não é verdade – respondeu o rei. – Eu sou eu e Lailie é Lailie.

– Você e Lailie são um só – disse o velho. – Apenas lhe parece que você não é Lailie e que Lailie não é você.

– Como assim, me parece? – retrucou o rei. – Estou aqui, deitado num leito macio, à minha volta tenho escravos e escravas obedientes e amanhã serei como hoje, vou me banquetear com os amigos, enquanto Lailie, como um pássaro, está preso numa gaiola e amanhã, com a língua para fora, vai ser empalado, vai se contorcer até morrer e seu corpo será despedaçado pelos cães.

– Você não pode aniquilar a vida dele – disse o velho.

– E os catorze mil guerreiros que matei e com cujos corpos fiz um monte? – perguntou o rei. – Estou vivo, e eles, não; portanto eu posso aniquilar a vida.

– Como sabe que eles não existem?

– Porque não os vejo. E acima de tudo porque eles sofreram tormentos e eu, não. Foi ruim para eles, mas para mim foi bom.

– Isso é apenas o que lhe parece. Você atormentou a si mesmo, e não a eles.

– Não entendo – disse o rei.

– Quer entender?

– Quero.

– Venha cá – disse o velho, apontando para uma tina cheia de água.

O rei levantou-se e se aproximou da tina.

– Tire a roupa e entre na tina.

Assarhaddon fez o que o velho mandou.

– Agora, quando eu começar a derramar essa água sobre você, afunde a cabeça – disse o velho, pegando água numa caneca.

O velho inclinou a caneca acima da cabeça do rei, que afundou.

E assim que o rei Assarhaddon afundou, sentiu que não era mais Assarhaddon, mas outra pessoa. Viu-se deitado numa cama de luxo, ao lado de uma bela mulher. Nunca tinha visto aquela mulher, mas sabia que era sua esposa. A mulher se levantou um pouco e disse:

– Meu querido marido Lailie, você está cansado dos trabalhos de ontem e por isso dormiu até mais tarde do que o costume, mas eu vigiei seu repouso e não acordei você. No entanto, agora, os príncipes o esperam no salão principal. Vista-se e vá ao encontro deles.

E Assarhaddon, entendendo pelas palavras da mulher que ele era Lailie, ficou admirado não só com aquilo, como também com o fato de até então não saber disso, e levantou-se, vestiu-se e foi para o salão

principal, onde os príncipes o aguardavam.

Inclinando-se até o chão, os príncipes saudaram seu rei Lailie, depois se levantaram e, por uma ordem sua, sentaram-se à sua frente, e o mais velho deles começou a dizer que não era mais possível tolerar todos os insultos do perverso rei Assarhaddon e que era preciso ir à guerra contra ele. Mas Lailie não concordou, mandou enviar embaixadores ao encontro de Assarhaddon a fim de trazê-lo de volta à razão e dispensou os príncipes. Depois disso, escolheu pessoas respeitáveis como embaixadores e explicou-lhes em detalhe o que deviam comunicar ao rei Assarhaddon.

Terminada essa tarefa, Assarhaddon, sentindo-se Lailie, foi à montanha caçar asnos selvagens. A caçada foi bem-sucedida. Ele mesmo matou dois asnos e, ao voltar para casa, banqueteu-se com os amigos, vendo a dança das escravas.

No dia seguinte, como de hábito, saiu para o pátio, onde o aguardavam petionários, réus e litigantes, e resolveu as questões que lhe foram apresentadas. Terminada essa tarefa, foi de novo para sua atividade predileta: a caça. E naquele dia conseguiu, ele mesmo, matar uma leoa velha e capturar seus dois filhotes. Depois da caçada, de novo banqueteu-se com os amigos, divertindo-se com música e dança, e passou a noite com a querida esposa.

Assim viveu os dias e as semanas, esperando o regresso dos embaixadores que enviara ao rei Assarhaddon, que antes era ele. Os embaixadores só voltaram depois de um mês, e voltaram com as orelhas e o nariz cortados.

O rei Assarhaddon mandou dizer a Lailie que o que tinha feito aos embaixadores seria feito com ele também, a menos que mandasse imediatamente um determinado tributo em prata, ouro e madeira de cipreste, e fosse em pessoa render homenagens a ele.

Lailie, que antes era Assarhaddon, de novo reuniu os príncipes e discutiu com eles o que fazer. Todos a uma só voz disseram que era preciso travar guerra contra Assarhaddon, sem esperar seu ataque. O rei concordou e, pondo-se à frente do exército, partiu em campanha. A campanha durou sete dias. Todo dia, o rei andava em redor das tropas e incentivava a coragem de seus guerreiros. No oitavo dia, suas tropas encontraram as tropas de Assarhaddon num grande vale, à beira de um rio. As tropas de Lailie combateram com coragem, mas Lailie, que antes era Assarhaddon, viu que os inimigos desciam das montanhas como formigas, inundavam o vale e estavam vencendo suas tropas, e ele, em sua carruagem, atirou-se para o centro do combate, furou e cortou os inimigos. Porém os guerreiros de Lailie eram centenas e os de Assarhaddon eram milhares, e Lailie sentiu que estava ferido e que era levado prisioneiro.

Por nove dias, ao lado de outros prisioneiros, ele caminhou amarrado, cercado por guerreiros de Assarhaddon. No décimo dia, foi levado a Nínive e preso numa jaula.

Lailie sofria menos por causa da fome e do ferimento do que da vergonha e da raiva impotente. Sentia-se impotente para fazer o inimigo pagar por todo o mal que ele havia suportado. A única coisa que podia fazer era não dar aos inimigos a alegria de ver seu sofrimento e resolveu, com determinação e coragem, suportar sem nenhum murmúrio tudo o que acontecesse com ele.

Ficou vinte dias na jaula, à espera da execução. Viu como eram executados seus familiares e amigos, ouviu os gemidos dos condenados, alguns tiveram mãos e pés cortados, outros foram esfolados vivos, e não demonstrou nem angústia, nem arrependimento, nem medo. Viu como eunucos levaram sua esposa amarrada. Ele sabia que a levavam para ser uma das escravas de Assarhaddon. E também suportou aquilo sem lamentos.

Então dois carrascos abriram a jaula e, amarrando suas mãos nas costas com uma correia, levaram-no para o local da execução, banhado de sangue. Lailie viu a estaca pontuda e ensanguentada, da qual pouco antes arrancaram o corpo de um amigo seu, morto ali, e entendeu que tinham liberado a estaca para a sua execução.

Tiraram sua roupa. Lailie sentiu-se horrorizado com a magreza do próprio corpo, antes forte e

bonito. Dois carrascos suspenderam aquele corpo pelo quadril magro, ergueram-no e iam soltá-lo em cima da estaca.

“Agora é a morte, o aniquilamento”, pensou Lailie. “Sei que estou dormindo. Isto é um sonho.” E fez um esforço para acordar. “Pois eu não sou Lailie, sou Assarhaddon”, pensou.

– Você é Lailie e também é Assarhaddon – ouviu uma voz dizer e sentiu que a execução começava. Gritou e no mesmo instante levantou a cabeça de dentro da tina cheia de água. O velho estava de pé, acima dele, e derramava em sua cabeça o resto de água que havia na caneca.

– Ah, como sofri horrivelmente! E como demorou! – exclamou Assarhaddon.

– Demorou muito? – perguntou o velho. – Mas você acabou de afundar a cabeça e logo depois a levantou; olhe, ainda não terminei de derramar a água da caneca. Agora entendeu?

Assarhaddon nada respondeu e apenas olhou com horror para o velho.

– Agora entendeu que Lailie é você – prosseguiu o velho – e que os guerreiros que você levou à morte também são você? E não só os guerreiros, os animais que você matou nas caçadas e assou em seus banquetes também são você. Veja, você achava que a vida estava só em você, mas eu retirei de você o véu da ilusão e você viu que, fazendo o mal aos outros, fazia o mal a si mesmo. A vida é uma só em todos e você manifesta em si apenas uma parte dessa vida única. E apenas nessa parte da vida você pode melhorar ou piorar, aumentar ou diminuir a vida. Você só pode melhorar a vida em você mesmo quando destruir as barreiras que separam sua vida da dos outros seres, quando considerar os outros seres como sendo você mesmo: *quando amá-los*. Destruir a vida em outros seres é algo que não está em seu poder. A vida dos seres mortos por você desapareceu de sua vista, mas não foi aniquilada. Você pensava que alongava a própria vida e encurtava a vida dos outros, mas não pode fazer isso. Para a vida, não existe tempo nem lugar. Uma vida de um instante e uma vida de mil anos, a sua vida e a vida de todos os seres visíveis e invisíveis do mundo são iguais. É impossível aniquilar e modificar a vida, porque ela é a única coisa que existe. Todo o resto apenas nos parece existir.

Dito isso, o velho desapareceu.

Na manhã seguinte, o rei Assarhaddon mandou soltar Lailie e todos os prisioneiros e cancelou as execuções.

No terceiro dia, chamou seu filho Assurbanípal e lhe entregou o reino, enquanto ele mesmo, de início, retirou-se para o deserto a fim de meditar sobre o que havia descoberto. Depois começou a caminhar pelas aldeias e cidades, sob o disfarce de um vagabundo, pregando às pessoas que a vida era só uma e que as pessoas só faziam o mal a si mesmas, quando queriam fazer o mal a outras criaturas.

1903

O CUPOM FALSIFICADO

PRIMEIRA PARTE

Fiódor Mikháilovitch Smokóvnikov, presidente da Câmara Fiscal, homem de uma honestidade incorruptível, e orgulhoso disso, sobriamente liberal e não apenas livre-pensador como vigorosamente hostil a qualquer manifestação de religiosidade, que considerava resquícios de superstição, voltou da Câmara com o pior humor possível. O governador tinha escrito para ele um documento tolíssimo, que podia ser entendido como uma insinuação de que Fiódor Mikháilovitch tinha agido de forma desonesta. Fiódor Mikháilovitch ficou muito irritado e na mesma hora, curto e grosso, redigiu uma resposta.

Em casa, Fiódor Mikháilovitch teve a impressão de que tudo andava mal. Faltavam cinco minutos para as cinco horas. Ele achou que logo iriam servir o jantar, mas a refeição ainda não estava pronta. Fiódor Mikháilovitch fechou a porta com força e foi para seu quarto. Alguém bateu na porta. “Diabos, que mais está faltando?”, pensou, e gritou:

– Quem é, agora?

Um ginasiano da quinta série entrou no quarto, um menino de quinze anos, filho de Fiódor Mikháilovitch.

– O que você quer?

– Hoje é o primeiro dia do mês.

– O que é? Dinheiro?

Estava combinado que, todo primeiro dia do mês, o pai dava uma mesada de três rublos para o filho se divertir. Fiódor Mikháilovitch fez cara feia, pegou a carteira, procurou e tirou um cupom de dois rublos e meio, depois pegou a bolsa com moedas de prata e contou cinquenta copeques. O filho ficou em silêncio e não pegou o dinheiro.

– Papai, por favor, me dê um adiantamento.

– Como?

– Eu não ia pedir, mas peguei emprestado e dei minha palavra, prometi. Como pessoa honesta que sou, não posso... preciso de mais três rublos, não vou pedir mais, palavra... não vou pedir mais, só agora... por favor, pai.

– Eu já tinha falado para você...

– Sei, papai, mas só uma vez...

– Você recebe uma mesada de três rublos e ainda acha pouco. Com sua idade, eu não ganhava nem cinquenta copeques.

– Hoje, todos os meus amigos recebem mais. Petrov e Ivánitski ganham cinquenta rublos.

– Pois eu lhe digo que, se você se comportar como eles, vai acabar virando um patife. Escute o que estou dizendo.

– Ora, o que o senhor está dizendo. O senhor nunca vai se colocar na minha posição, vou ser visto como canalha. Para o senhor, tanto faz.

– Saia, seu malandro. Fora daqui.

Fiódor Mikháilovitch se levantou de repente e se lançou contra o filho.

– Fora. Vocês precisam é de chicote.

O filho se assustou e se irritou, porém se irritou mais do que se assustou e, de cabeça baixa, seguiu para a porta em passos ligeiros. Fiódor Mikháilovitch não queria bater nele, mas ficou contente com a própria raiva e continuou, por um bom tempo, a gritar palavras ofensivas, atrás do filho.

Quando a empregada veio dizer que o jantar estava pronto, Fiódor Mikháilovitch se levantou.

– Finalmente – disse. – Já nem sinto mais vontade de comer.

E, de sobranceiras franzidas, foi para a sala de jantar.

À mesa, a esposa começou a falar com ele, mas o marido resmungou uma resposta tão curta e zangada que ela se calou. O filho também não ergueu os olhos do prato e se manteve mudo. Comeram em silêncio e em silêncio levantaram e se separaram.

Depois do jantar, o ginasiano voltou para seu quarto, tirou do bolso o cupom e o dinheiro trocado e

jogou sobre a mesa, depois tirou o uniforme e vestiu uma jaqueta. De início, o ginasião estudou uma surrada gramática do latim, depois fechou a porta com o ferrolho, enfiou o dinheiro na gaveta da mesa, da qual tirou papel de cigarro, enrolou, encheu com algodão e começou a fumar.

Ficou umas duas horas sentado na frente da gramática e do caderno, sem entender nada, depois se levantou e se pôs a andar pelo quarto, batendo os calcanhares no chão, e recordou tudo o que havia se passado na conversa com o pai. Todas as palavras injuriosas do pai, sobretudo seu rosto cruel, vieram à sua memória e era como se o menino o visse e o escutasse naquele momento.

“Malandro. Precisa de chicote.” E quanto mais lembrava, mais se enfurecia contra o pai. Lembrou que o pai lhe dissera: “Vejo que você está se tornando um patife. Eu já sabia”. “Se é desse jeito, a gente acaba mesmo virando um patife. Para ele, tanto faz. Esqueceu como era quando jovem. Ora, qual foi o crime que cometi? Só fui ao teatro, não tinha dinheiro, peguei emprestado com o Piétia Gruchétski. O que há de mau nisso? Outro pai teria pena, perguntaria, mas ele só sabe xingar, só pensa em si mesmo. Mas quando é ele que não tem alguma coisa, é uma gritaria só na casa inteira, e eu é que sou o patife. Não, ele pode ser meu pai, mas não tenho amor por ele. Não sei se é sempre assim que acontece, mas não tenho amor por ele.”

A empregada bateu na porta. Trouxe um bilhete.

– Pediram uma resposta já.

No bilhete, estava escrito:

Já é a terceira vez que peço a você que me pague os seis rublos que emprestei, mas você se esquivava. Não é assim que se comportam as pessoas honestas. Peço que mande sem demora o dinheiro pelo portador. Eu mesmo estou num grande aperto. Será que você não consegue arranjar essa quantia? Do seu camarada, que o despreza ou que o respeita, conforme você mande ou não o dinheiro,

Gruchétski

“Ora vejam só. Mas que porco. Não pode esperar. Vou tentar de novo.”

Mítia foi falar com a mãe. Era a última esperança. Sua mãe era bondosa e não sabia negar, talvez o ajudasse, mas naquele dia estava abalada com a ligeira enfermidade do filho menor, Piétia, de dois anos. Ela se zangou com Mítia por ter entrado fazendo barulho e logo de saída negou seu pedido. Ele resmungou qualquer coisa para si e andou para a porta. A mãe teve pena do filho e o chamou de volta.

– Espere, Mítia – disse. – Não tenho agora, mas amanhã consigo.

Porém a raiva contra o pai continuava a ferver dentro de Mítia.

– De que me adianta amanhã, se preciso agora? Fique sabendo que vou falar com um amigo.

Saiu, batendo a porta.

“Não há mais nada a fazer, ele vai me ensinar onde posso penhorar meu relógio”, pensou, apalpando o relógio no bolso.

Mítia tirou o cupom e os trocados da gaveta da mesa, vestiu o paletó e foi à casa de Mákhin.

Morava com a tia. Mítia sabia que Mákhin era um mau garoto, mas quando estava com ele não conseguia deixar de se submeter à sua vontade. Mákhin estava em casa e se preparava para ir ao teatro: seu quarto imundo cheirava a sabonete perfumado e água-de-colônia.

– Meu caro, é o último recurso – disse Mákhin, quando Mítia contou seu apuro, mostrou o cupom e os cinquenta copeques e disse que precisava de nove rublos. – É possível penhorar o relógio, mas é possível fazer coisa melhor – disse Mákhin, piscando o olho.

– Melhor, como?

– Mas é muito simples. – Mákhin pegou o cupom. – É só colocar o número um na frente do dois e meio e teremos doze rublos e meio.

– Mas existem cupons desse valor?

– Claro, há cupons assim presos nas notas de mil rublos. Uma vez, já paguei com um desses.

– Não é possível!

– E então, vamos lá? – disse Mákhin, enquanto pegava uma pena e ajeitava o cupom com um dedo da mão esquerda.

– Mas isso é errado.

– Ora, que absurdo.

“É mesmo um absurdo”, pensou Mítia e lembrou de novo o xingamento do pai: patife. “Pronto, agora vou virar um patife.” Fitou o rosto de Mákhin. Mákhin estava olhando para ele e sorria, tranquilo.

– E então, vamos lá?

– Vamos.

Com cuidado, Mákhin escreveu o número um.

– Muito bem, agora vamos à loja. É logo ali na esquina: equipamento fotográfico. Estou justamente precisando de uma moldura, para esta pessoa.

Pegou uma fotografia de uma jovem de olhos grandes, cabelos colossais e busto majestoso.

– Que gracinha, não é?

– Sim, sim. Mas como...

– Muito simples. Vamos.

Mákhin trocou de roupa e saíram juntos.

III

A campainha tocou na porta da loja de fotografia. Os ginasianos entraram, observando a loja deserta, com prateleiras cheias de equipamentos e vitrines nos balcões. Pela porta de trás, veio uma mulher feia, de rosto simpático, parou atrás de um balcão e perguntou o que desejavam.

– Uma moldurazinha bem bonita, madame.

– De que preço? – perguntou a senhora, enquanto, ágil e ligeira, separava molduras de vários tipos, com as mãos metidas em luvas que deixavam de fora os dedos inchados nas articulações. – Estas custam cinquenta copeques e estas aqui são mais caras. Olhe esta bem pequenininha, é um estilo novo, sai por um rublo e vinte.

– Certo, me dê essa. Mas não pode fazer um abatimento? Faça por um rublo.

– Não fazemos abatimentos – respondeu a mulher, com orgulho.

– Certo, deixe para lá – disse Mákhin, colocando o cupom sobre a vitrine. – Dê a moldurinha e o troco, mas bem rápido. Não podemos chegar tarde ao teatro.

– Ainda tem tempo – disse a senhora, e examinou o cupom com os olhos míopes.

– Vai ficar uma graça nessa moldurazinha, não vai? Hein? – perguntou Mákhin, para Mítia.

- O senhor não tem outro dinheiro? – perguntou a vendedora.
- Pois é, que azar, não tenho. O papai me deu o cupom, tenho de trocar.
- Mas o senhor não teria um rublo e vinte?

– Tenho cinquenta copeques. Mas o que foi? Tem medo de que nós estejamos pagando com dinheiro falso?

- Não, nem de longe.
- Então devolva. Vamos trocar.
- Bem, quanto tenho de dar de troco?
- Ah, pois é, onze e uns quebrados.

A vendedora fez as contas num ábaco, abriu a escrivaninha, pegou uma nota de dez rublos e, depois de remexer uns trocados, separou mais seis moedas de vinte copeques e duas de cinco.

- Faça a gentileza de embrulhar – disse Mákhin e pegou o dinheiro, sem pressa.
- Sim, senhor.

A vendedora fez um embrulho e amarrou com um barbante. Mítia só recobrou o fôlego quando a campainha da porta tilintou atrás deles e os dois seguiram pela rua.

- Muito bem, agora você tem dez rublos, mas o resto deixe comigo. Eu devolvo a você.

Mákhin foi ao teatro, enquanto Mítia foi à casa de Gruchétski para acertar as contas com ele.

IV

Uma hora depois que os ginasianos saíram, o dono da loja chegou em casa e contou a receita do dia.

– Ah, sua burra atrapalhada! Como você é burra – começou a gritar para a esposa, ao ver o cupom e logo notar a falsificação. – Para que aceitar um cupom?

– Mas você mesmo, Génia, aceitou cupons na minha frente, e justamente esses de doze rublos – disse a esposa, confusa, magoada e à beira de chorar. – Nem eu mesma sei como me taparam, aqueles ginasianos – disse ela. – Um rapazinho bonito, parecia tão *comilfô*.¹

– Sua burra *comilfô* – continuou a brigar o marido, enquanto contava o dinheiro do caixa. – Quando pego um cupom, bato os olhos e sei logo o que está escrito nele. Mas você, pelo visto, depois de velha, só sabe olhar para a cara bonita dos ginasianos.

A esposa não conseguiu suportar aquilo e também ficou irritada.

– Que grande homem! Só sabe acusar os outros, mas ele mesmo perdeu cinquenta e quatro rublos no jogo de cartas... Isso não é nada.

– Comigo é outra história.

– Não quero mais falar com você – retrucou a esposa, foi para seu quarto e começou a lembrar que sua família não queria que ela casasse, pois achavam o marido de posição muito inferior, e só ela havia insistido no casamento; lembrou-se de seu bebê que havia morrido, da indiferença do marido àquela perda e sentiu tanto ódio do marido que chegou a pensar como seria bom se ele morresse. Porém, ao pensar nisso, se assustou com os próprios sentimentos, trocou de roupa às pressas e saiu. Quando o marido voltou para casa, a esposa já não estava. Sem esperar por ele, a esposa havia trocado de roupa e fora sozinha à casa de um professor de francês, seu conhecido, que estava dando uma festa naquela noite.

V

Na casa do professor de francês, um polonês-russo, foi servido um chá de gala com biscoitos doces e

depois os convidados sentaram em torno de algumas mesas para jogar *vint*.²

A esposa do vendedor de equipamento fotográfico sentou-se junto com o anfitrião, um oficial e uma senhora surda e velha, de peruca, viúva, dona de uma loja de música, grande aficionada e mestre do jogo de cartas. As cartas boas iam para a esposa do vendedor de material fotográfico. Bateu duas vezes. A seu lado, estava um pratinho com uvas e peras e ela se sentia alegre.

– Mas então, o Ievguiéni Mikháilovitch não vem? – perguntou a esposa do anfitrião, de outra mesa.
– Reservamos para ele o quinto lugar no jogo.

– Na certa, ficou entretido com a contabilidade – respondeu a esposa de Ievguiéni Mikháilovitch.
– Hoje é dia de pagar as contas das provisões e da lenha.

E, ao lembrar a discussão com o marido, ela franziu as sobrancelhas, e suas mãos, metidas em luvas e com os dedos de fora, começaram a tremer de raiva dele.

– Olhem quem chegou, estávamos justamente falando de você – disse o anfitrião, dirigindo-se a Ievguiéni Mikháilovitch, que acabara de entrar. – Por que se atrasou?

– Muito trabalho – respondeu Ievguiéni Mikháilovitch com voz animada, esfregando as mãos. E, para espanto da esposa, se aproximou dela e disse: – Sabe, passei o cupom adiante.

– É mesmo?

– É, dei para um mujique, em troca da lenha.

E Ievguiéni Mikháilovitch contou a todos, com grande indignação – a esposa acrescentava detalhes em seu relato –, como alguns ginasianos sem consciência enganaram sua esposa.

– Muito bem, agora vamos ao trabalho – disse, sentando-se à mesa, quando chegou sua vez, e embaralhou as cartas.

VI

De fato, Ievguiéni Mikháilovitch usou o cupom para comprar a lenha do camponês Ivan Mirónov.

Ivan Mirónov ganhava a vida comprando lenha por *sájen* em depósitos de madeira, para revender pela cidade, e arrumava a lenha de tal modo que, de uma *sájen*, ele fazia cinco feixes, os quais revendia pelo preço que havia pagado por um quarto no depósito de madeira. Naquele dia funesto para Ivan Mirónov, bem cedo ele tinha pegado um oitavo de lenha, vendeu logo, pegou mais um oitavo e fez de tudo para vender, andou até o fim da tarde à procura de um comprador, mas ninguém comprava. Topava toda hora com experientes moradores da cidade, que conheciam as trapaças costumeiras dos mujiques vendedores de lenha e não acreditavam que ele havia trazido a lenha do campo, como tentava convencê-los. Ivan Mirónov já estava com muita fome, o frio picava por dentro de seu casaco curto e de seu capote rasgado; ao anoitecer, a friagem chegou aos vinte graus negativos; o cavalinho, do qual ele não tinha pena, porque pensava em vendê-lo para os açougueiros, estava nas últimas. Então, quando já estava disposto a se desfazer da lenha até com prejuízo, Ivan Mirónov encontrou Ievguiéni Mikháilovitch, que tinha saído para comprar tabaco e voltava para casa.

– Aceite, patrão, vendo barato. Meu cavalinho não aguenta mais.

– Você veio de onde?

– Vim do campo. Minha lenha é boa, seca.

– Eu conheço vocês. Bem, e quanto quer?

Ivan Mirónov começou a pedir, foi baixando e acabou cobrando o mesmo preço que tinha pagado.

– Só para o senhor, patrão, que mora perto – disse ele.

Ievguiéni Mikháilovitch não barganhou muito, contente com a ideia de que ia passar o cupom adiante. Aos trancos e barrancos, puxando ele mesmo os varais da carroça, Ivan Mirónov levou a lenha

para o pátio e, sozinho, descarregou no celeiro. O zelador não estava. De início, Ivan Mirónov hesitou em aceitar o cupom, mas Ievguiéni Mikháilovitch tanto insistiu, e se deu ares de um senhor tão importante, que ele acabou aceitando.

Entrando na ala dos empregados pela porta dos fundos, Ivan Mirónov fez o sinal da cruz, esfregou os fios de gelo da barba para derretê-los, levantou a aba do casaco, pegou uma bolsa de couro, tirou oito rublos e cinquenta copeques, deu como troco e colocou o cupom dobrado dentro da carteira, que guardou na bolsa.

Depois de agradecer ao senhor, como de hábito, Ivan Mirónov partiu para a taberna e, em vez de usar a tira do chicote, bateu com o cabo para tocar o cavalinho, que, recoberto de gelo, já sem a carga e condenado à morte, mal conseguia mover as patas.

Na taberna, Ivan Mirónov pediu oito copeques de vinho e chá e, depois de aquecido, e até suado, no estado de ânimo mais alegre do mundo, começou a conversar com um zelador, sentado a seu lado. Entabulou conversa com ele, contou toda a sua situação. Contou que era da aldeia de Vassíliev, a doze verstas da cidade, que tinha se separado do pai e dos irmãos e agora morava com a esposa e dois filhos, dos quais o mais velho tinha acabado de entrar na escola e ainda não ajudava nada. Contou que, por ora, ia ficar num albergue e no dia seguinte iria para o mercado de cavalos vender seu pangaré e ver se conseguia comprar outro cavalinho. Contou que tinha juntado quase vinte e cinco rublos, só faltava um, e que metade desse dinheiro era um cupom. Pegou o cupom e mostrou ao zelador. O zelador era analfabeto, mas disse que trocava aquele tipo de dinheiro para os inquilinos, que o dinheiro era bom, mas havia falsificações e por isso recomendou trocar o cupom ali mesmo, por via das dúvidas. Ivan Mirónov deu o cupom para o garçom e pediu o troco, mas o garçom não trouxe troco, quem veio foi o gerente careca, de rosto reluzente, com o cupom na mão gorducha.

- O dinheiro de vocês não serve – disse, mostrando o cupom, mas sem devolvê-lo.
- O dinheiro é bom, foi um nobre que me deu.
- Bom uma conversa, é falsificado.
- Se é falsificado, então me dê aqui.
- Não, meu caro, o amigo tem de aprender. Você e outros vigaristas fizeram isso.
- Devolva o dinheiro. Que direito você acha que tem?
- Sídor! Chame o guarda – disse o gerente para o garçom.

Ivan Mirónov estava embriagado. Embriagado, ficava nervoso. Agarrou o gerente pelo colarinho e desatou a berrar:

- Devolva, vou levar para o nobre. Sei onde ele mora.
- O gerente se desvencilhou de Ivan Mirónov e sua camisa rasgou.
- Ah, você é assim. Segure o homem.

Um garçom segurou Ivan Mirónov e foi aí que chegou o guarda. Depois de ouvir a história, com ar superior, logo tomou sua decisão:

- Para a delegacia.

O guarda pôs o cupom no porta-moedas e levou Ivan Mirónov e o cavalo para a delegacia.

Ivan Mirónov passou a noite na delegacia, com bêbados e ladrões. Já quase ao meio-dia, foi chamado à presença do delegado. O delegado o interrogou e mandou que um policial o acompanhasse até a casa do vendedor de material fotográfico. Ivan Mirónov se lembrava da rua e da casa.

Quando o guarda chamou o dono da casa e apresentou o cupom e Ivan Mirónov, que garantiu que

aquele mesmo senhor lhe dera o cupom, Ievguiéni Mikháilovitch fez cara de surpresa e depois tomou ares de severidade.

– Parece que ficou louco. É a primeira vez que vejo essa pessoa.

– Patrão, é pecado, todos vamos morrer – disse Ivan Mirónov.

– O que foi que deu nele? Deve estar sonhando. Você vendeu para outra pessoa – disse Ievguiéni Mikháilovitch. – Mas espere um pouco, vou perguntar para minha esposa se ela comprou lenha ontem.

Ievguiéni Mikháilovitch saiu e logo depois chamou o zelador, Vassíli, rapaz elegante, bonito, alegre, extraordinariamente forte e ágil, e disse que, se lhe perguntassem onde tinham comprado o último lote de lenha, respondesse que tinha sido no depósito e que, naquela casa, não compravam lenha com mujiques.

– Apareceu um mujique dizendo que dei um cupom falsificado para ele. É um mujique idiota, Deus sabe o que está falando, mas você é um homem sensato. Então vá lá e diga que só compramos lenha no depósito. E, aliás, já faz tempo que eu queria lhe dar um casaco – acrescentou Ievguiéni Mikháilovitch, e deu cinco rublos para o zelador.

Vassíli pegou o dinheiro, os olhos brilharam diante da cédula, depois ele se voltou para o rosto de Ievguiéni Mikháilovitch, balançou os cabelos e sorriu de leve.

– Todo mundo sabe que o povo é mesmo idiota. É a ignorância. Não se preocupe, senhor. Eu sei como falar.

Por mais que Ivan Mirónov chorasse e suplicasse a Ievguiéni Mikháilovitch que reconhecesse que o cupom era dele e que o zelador confirmasse suas palavras, Ievguiéni Mikháilovitch e o zelador fincaram pé: nunca compravam lenha de carroceiros. E o guarda levou Ivan Mirónov de volta à delegacia, acusado de falsificar um cupom.

Só depois de ouvir o conselho de um escrevente embriagado que estava na mesma cela, Ivan Mirónov deu cinco rublos para o delegado e foi solto da cadeia, sem o cupom e com sete rublos, em lugar dos vinte e cinco que possuía no dia anterior. Ivan Mirónov gastou em bebida três daqueles sete rublos e, com a cara quebrada e caindo de bêbado, foi para casa, ao encontro da esposa.

A esposa estava doente e com uma gravidez avançada. Começou a xingar o marido, ele a empurrou, ela bateu nele. Sem reagir, ele deitou de bruços na cama de palha e começou a chorar.

Só na manhã seguinte, a esposa entendeu o que tinha acontecido, acreditou no marido e ficou muito tempo rogando pragas contra o senhor ladrão que havia enganado seu Ivan. E Ivan, já sóbrio, lembrou-se do que lhe aconselhou um artesão com o qual havia bebido na véspera e resolveu ir dar queixa a um advogado.

VIII

O advogado assumiu o caso não tanto pelo dinheiro que poderia ganhar, mas sim porque acreditou em Ivan e ficou revoltado com a maneira desavergonhada como haviam enganado o mujique.

No tribunal, as duas partes se apresentaram e o zelador Vassíli foi testemunha. Repetiram a mesma coisa, no tribunal. Ivan Mirónov falou em Deus, falou que todos vamos morrer. Ievguiéni Mikháilovitch, embora atormentado pela consciência da sordidez e do risco daquilo que estava fazendo, já não podia mudar o depoimento e continuou a negar tudo, com uma aparência de tranquilidade.

O zelador Vassíli ganhou mais dez rublos e, com um sorriso, confirmou tranquilamente que nunca tinha visto Ivan Mirónov. E quando o levaram a fazer o juramento, embora hesitasse por dentro, repetiu com tranquilidade aparente as palavras do juramento, ditas pelo velho sacerdote, e jurou sobre a cruz e o santo Evangelho que ia dizer toda a verdade.

O julgamento terminou por negar o pedido de Ivan Mirónov, condenando-o a pagar cinco rublos de

custas judiciais, que Ievguiéni Mikháilovitch generosamente pagou por ele. Antes de liberar Ivan Mirónov, o juiz o advertiu com severidade de que, no futuro, devia ser mais cuidadoso antes de apresentar acusações contra pessoas respeitáveis e também que devia ser grato por ter sido dispensado de pagar as custas judiciais e por não ser processado por calúnia, crime que o levaria a passar uns três meses na prisão.

– Agradeço humildemente – disse Ivan Mirónov e, balançando a cabeça e suspirando, saiu da sala do tribunal.

Tudo aquilo parecia ter terminado bem para Ievguiéni Mikháilovitch e o zelador Vassíli. Mas só parecia.

Aconteceu algo que ninguém viu, mas que era mais importante do que tudo que estavam vendo.

Fazia já quase três anos que Vassíli deixara o campo e morava na cidade. A cada ano, mandava menos dinheiro para o pai e nunca chamava a esposa para morar com ele, pois ela não lhe fazia falta. Ali, na cidade, Vassíli podia ter esposas bem melhores do que sua mulher ingênua, e quantas quisesse. A cada ano, Vassíli esquecia mais e mais as normas do campo e se familiarizava com os costumes da cidade. Lá, tudo era rude, cinzento, pobre, desmazelado; aqui, tudo era refinado, bonito, limpo, rico, sempre em ordem. E Vassíli se convenciam mais e mais de que os habitantes do campo viviam na ignorância, como animais selvagens, enquanto aqui estavam as pessoas de verdade. Ele lia livros de bons autores, romances, ia a espetáculos apresentados na Casa do Povo. No campo, nem em sonho se via tal coisa. No campo, os velhos diziam: viva com a esposa conforme a lei, trabalhe, não coma demais, não ostente; ao passo que ali as pessoas eram inteligentes, instruídas – ou seja, conheciam as leis verdadeiras – e viviam para seu prazer. E tudo andava bem. Até o caso do cupom, Vassíli não acreditava que os patrões não tivessem nenhuma lei sobre como se devia viver. Ele sempre teve a impressão de que não conhecia a lei deles, mas que existia uma lei. No entanto o caso do cupom e, sobretudo, de seu falso juramento, que, apesar do medo que sentiu, não teve nenhuma consequência ruim, ao contrário, lhe trouxe mais dez rublos, deixou Vassíli totalmente convencido de que não existia lei nenhuma e de que era preciso viver para o próprio prazer. Assim ele viveu e continuou vivendo. De início, apenas tirava proveito das compras dos inquilinos, mas aquilo era pouco para todas as suas despesas e Vassíli, quando era possível, passou a furtar dinheiro e objetos de valor dos quartos dos inquilinos e surrupiar da bolsa de Ievguiéni Mikháilovitch. Ievguiéni Mikháilovitch o apanhou em flagrante, mas não o denunciou à Justiça, apenas o demitiu.

Vassíli não queria voltar para o campo e continuou a morar em Moscou, com sua amante, procurando um emprego novo. Apareceu um emprego de porteiro de pátio numa mercearia, que pagava pouco. Vassíli aceitou, mas logo no mês seguinte foi apanhado roubando sacos. O patrão não deu queixa, mas bateu em Vassíli e o pôs para fora. Depois disso, já não conseguiu mais emprego, o dinheiro foi embora, depois vendeu as roupas e acabou ficando só com um paletó rasgado, uma calça e um par de sapatos furados. A amante o deixou. Mas Vassíli não perdeu sua disposição alegre, simpática e, quando chegou a primavera, partiu a pé para casa, no campo.

IX

Piotr Nikoláievitch Sventítski, homem miúdo e atarracado, de óculos pretos (tinha uma doença nos olhos, corria o risco da cegueira completa), levantou-se antes de o sol nascer, como de costume, bebeu um copo de chá, vestiu um casaquinho curto de pele de carneiro forrado e debruado, e saiu para percorrer suas terras.

Piotr Nikoláievitch foi funcionário da alfândega e lá acumulou dezoito mil rublos. Uns doze anos

antes, tinha pedido aposentadoria, não exatamente por vontade própria, e comprou as terras de um jovem proprietário que esbanjara seus bens. Piotr Nikoláievitch se casara ainda no serviço público. A esposa era órfã e pobre, de uma velha família da nobreza, mulher robusta, farta, bonita, que não lhe deu filhos. Piotr Nikoláievitch, em todos os assuntos, era homem ponderado e enérgico. Sem nada saber de agricultura (era filho de um pequeno nobre polonês), administrou tão bem suas terras que, após dez anos, as trinta *dessiatinas* da propriedade devastada se tornaram um modelo. Todas as construções na propriedade, da casa até o celeiro e o galpão para a bomba de combate a incêndios, eram resistentes, sólidas, cobertas de ferro e pintadas no tempo certo. No galpão de ferramentas, estavam em ordem as carroças, as charruas, os arados, os ancinhos. Os arreios estavam lubrificadas. Os cavalos não eram grandes, quase todos eram de criação própria – baios, bem nutridos, robustos, e todos iguais. A máquina debulhadora funcionava sob a eira coberta, a forragem era armazenada num celeiro especial, o esterco líquido escorria para um poço pavimentado. As vacas, também de criação própria, não eram volumosas, mas davam muito leite. Os porcos eram ingleses. Tinha um viveiro de aves com uma raça de galinhas que punham muitos ovos. O pomar era pulverizado e estaqueado. Em toda parte, reinavam a boa administração, o zelo, a limpeza, a conservação. Piotr Nikoláievitch alegrava-se com sua propriedade rural e tinha orgulho por ter alcançado tudo aquilo sem oprimir os camponeses, mas, ao contrário, sendo rigorosamente justo com eles. Mesmo entre os nobres, ele sustentava posições intermediárias, mais liberais do que conservadoras, e diante dos defensores da servidão sempre tomava o partido do povo. Seja bom para eles que eles também serão bons. Na verdade, Piotr não fazia vista grossa para as falhas e os enganos dos trabalhadores, às vezes ele mesmo os pressionava, exigia trabalho, mas em compensação as acomodações e a alimentação eram ótimas, os salários eram sempre pagos no dia certo e, nos dias de festa, mandava servir vodca.

Pisando com cuidado na neve que já derretia – era fevereiro –, Piotr Nikoláievitch passou pela cavaleriça dos empregados, a caminho da isbá onde moravam os trabalhadores. Ainda estava escuro; e mais escuro ainda por causa da neblina, porém nas janelas da isbá dos trabalhadores havia uma luz. Os trabalhadores estavam levantando. Piotr Nikoláievitch tinha intenção de apressá-los: a obrigação deles era ir pegar o resto da lenha na mata, com uma carroça de seis cavalos.

“O que é isso?”, pensou, ao ver uma porta escancarada na cavaleriça.

– Ei, quem está aí?

Ninguém respondeu. Piotr Nikoláievitch entrou na cavaleriça.

– Ei, quem está aí?

Ninguém respondeu. Estava escuro, embaixo dos pés estava mole, havia um cheiro de esterco. À direita da porta, numa baia, ficava um par de jovens cavalos baios. Piotr Nikoláievitch estendeu a mão – estava vazia. Esticou o pé. Será que o cavalo não estava deitado? O pé nada encontrou. “Para onde levaram o cavalo?”, pensou. “Atrelar, não atrelaram, o trenó ainda está lá fora”. Piotr Nikoláievitch saiu pela porta e gritou bem alto:

– Ei, Stiepan.

Stiepan era um trabalhador antigo. Na mesma hora, ele saiu da isbá dos trabalhadores.

– Oi! – gritou Stiepan, alegre. – É o senhor, Piotr Nikoláievitch? O pessoal já vai.

– O que houve que a cavaleriça está aberta?

– A cavaleriça? Não sei. Ei, Prochka, traga a lanterna.

Prochka veio com a lanterna. Entraram na cavaleriça. Stiepan logo entendeu.

– Foram os ladrões, Piotr Nikoláievitch. O ferrolho foi quebrado.

– Não está mentindo?

– Os bandoleiros levaram. O Machka sumiu, o Falcão também. Não, o Falcão está aqui. O Manchado não está, nem a Beldade.

Faltavam três cavalos. Piotr Nikoláievitch não disse nada.

Franziu as sobancelhas e bufava.

– Ah, se eu pegasse. Quem estava de vigia?

– Piotka. Piotka pegou no sono.

Piotr Nikoláitch deu queixa à polícia, falou com o chefe da polícia rural, com o chefe do *ziémstvo*, mandou seus empregados darem uma busca. Não acharam os cavalos.

– Gente desgraçada! – exclamou Piotr Nikoláitch. – O que foi que fizeram? E eu ainda trato bem essa gente. Mas esperem só para ver. Bandidos, todos bandidos. Agora, não vou mais ser assim com vocês.

X

Os cavalos, os três baios, já tinham sido passados adiante. Um, Machka, foi vendido para os ciganos por dezoito rublos; Malhado foi trocado por outro cavalo com um mujique, a quarenta verstas de distância; Beldade ficou esgotada de tanto correr e foi abatida. Venderam o couro por três rublos. Todas essas transações foram conduzidas por Ivan Mirónov. Ele já havia trabalhado para Piotr Nikoláitch, conhecia o funcionamento da propriedade e resolveu recuperar o dinheiro que tinha perdido. E organizou aquilo tudo.

Depois de seu infortúnio com o cupom falsificado, Ivan Mirónov ficou muito tempo bebendo e teria gastado tudo em bebida se não fosse a esposa, que escondeu e trancou as roupas, os arreios e tudo o que pudesse ser vendido para beber. Enquanto estava embriagado, Ivan Mirónov não parava de pensar não só no homem que o prejudicara, como também em todos os senhores endinheirados que só sabem viver para espoliar seus irmãos. Certa vez, Ivan Mirónov bebeu com mujiques dos arredores de Podolsk. Na estrada, bêbados, os mujiques lhe contaram como tinham tomado os cavalos de um mujique. Ivan Mirónov começou a brigar com os ladrões de cavalo porque tinham prejudicado um mujique.

– Isso é pecado – disse ele. – Para um mujique, um cavalinho é que nem um irmão, aí vocês tiraram o sustento dele. Se é para roubar, roubem dos patrões. Esses cachorros merecem.

Continuaram conversando e os mujiques de Podolsk disseram que era preciso ser esperto para roubar cavalos de um rico. Era preciso conhecer os caminhos e, sem alguém de dentro para ajudar, era impossível. Então Ivan Mirónov lembrou-se de Sventítski, em cuja propriedade havia trabalhado, lembrou-se de que Sventítski, certa vez, deduziu um rublo e meio na hora de lhe pagar o salário, por causa de uma cravija quebrada, e lembrou-se também dos cavalos baios com os quais trabalhava.

Ivan Mirónov foi à casa de Sventítski fingindo que queria um emprego, mas era só para observar e reconhecer o ambiente. Tendo observado tudo e sabendo que não havia vigia, que os cavalos ficavam nas baias, dentro da cavalaria, trouxe os ladrões e fez todo o serviço. Depois de dividir os lucros com os mujiques de Podolsk, Ivan Mirónov voltou para casa com cinco rublos. Em casa, não tinha o que fazer: não havia cavalos. Daí em diante, Ivan Mirónov passou a andar com ladrões de cavalos e ciganos.

XI

Piotr Nikoláitch Sventítski tentou, com todo o empenho, encontrar os ladrões. Sem a ajuda de alguém da propriedade, não poderiam ter feito nada. Por isso começou a desconfiar de seus empregados, interrogou os trabalhadores para saber quem não havia passado aquela noite em casa e descobriu que Prochka Nikolaiev não ficara em casa – era um jovem que acabara de chegar do serviço militar, bonito, pequeno, ágil, que Piotr Nikoláitch contratou para ser cocheiro. O chefe de polícia rural era amigo de Piotr

Nikoláitch, que conhecia também o comissário, o chefe da nobreza, o presidente do *ziémstvo* e o juiz de instrução. Todas essas pessoas iam a sua casa no dia de seu santo xará e conheciam seus licores saborosos e cogumelos salgados – brancos, *opiónoki* e *grúzdi*.³ Todos ficaram com pena dele e quiseram ajudar.

– Está vendo, e você ainda defende os mujiques – disse o chefe de polícia. – Eu bem que disse que são piores do que feras. Sem o chicote e o porrete, não se consegue nada. Então o senhor está dizendo que foi esse tal Prochka, que trabalha para o senhor como cocheiro, não é?

– É, ele mesmo.

– Mande chamá-lo.

Trouxeram Prochka e começaram a interrogá-lo:

– Onde você estava?

Prochka puxou o cabelo para trás, os olhos brilhavam.

– Em casa.

– Como em casa? Todos os trabalhadores contaram que você não estava.

– O senhor é que manda.

– Mas não é uma questão de eu mandar. Onde você estava?

– Em casa.

– Certo, muito bem. Guarda, leve para a cadeia.

– O senhor é que manda.

Assim, Prochka não contou onde estava, e não contou porque, à noite, estava na casa de sua namorada, Paracha; tinha prometido não trair a moça, e não traiu. Não havia provas. E Prochka foi solto. Mas Piotr Nikoláitch estava convencido de que tudo tinha sido armado por Prokófi e sentia ódio dele. Certa vez, Piotr Nikoláitch pôs Prokófi de cocheiro e mandou-o à estação de muda de cavalos. Prochka, como sempre fazia, pegou na estalagem duas medidas de aveia. Uma medida e meia, deu para os cavalos, com a outra meia medida de aveia, pagou a bebida. Piotr Nikoláitch soube disso e levou o caso ao juiz de paz. O juiz de paz sentenciou Prochka a três meses de prisão. Prokófi era orgulhoso. Considerava-se superior aos outros e tinha orgulho de si mesmo. A prisão o humilhou. Era impossível se mostrar orgulhoso diante das pessoas e ele logo ficou deprimido.

Prochka voltou magoado da prisão, não apenas com Piotr Nikoláitch, mas com todo mundo.

Depois da prisão, como todos diziam, Prokófi afundou, passou a trabalhar com preguiça, deu de beber, logo foi apanhado roubando roupas na casa de uma senhora de terras e acabou indo de novo para a cadeia.

Já quanto a Piotr Nikoláitch, a única coisa que ele descobriu sobre os cavalos foi que acharam a pele de um baio castrado, que Piotr Nikoláitch reconheceu como sendo de Beldade. E a impunidade dos ladrões deixou Piotr Nikoláitch ainda mais irritado. Agora, não conseguia ver os mujiques ou falar deles sem sentir raiva e, sempre que podia, se esforçava para oprimi-los.

Apesar de Ievguiéni Mikháilovitch ter parado de pensar no assunto, depois que passou o cupom adiante, Mária Vassílievna, sua esposa, não conseguia se perdoar pelo engano que cometera, não conseguia perdoar o marido pelas palavras cruéis que lhe dissera e, acima de tudo, não conseguia perdoar aqueles dois meninos patifes, que a ludibriaram com tanta habilidade.

Desde o dia em que foi enganada, ela observava com atenção todos os ginasianos. Certa vez, encontrou Mákhin, mas não o reconheceu, porque ele, ao vê-la, fez uma careta tão feia que seu rosto ficou

completamente modificado. Mas ela logo reconheceu Mítia Smokóvnikov, ao topar com ele cara a cara na calçada, mais ou menos duas semanas depois do episódio. Deixou Mítia passar, fez a volta e foi atrás dele. Chegou à sua casa, descobriu de quem ele era filho e, no dia seguinte, foi ao ginásio e, na entrada, encontrou-se com o professor de catecismo, Mikhail Vviediénski. O professor perguntou o que ela desejava. Respondeu que queria falar com o diretor.

– O diretor não veio, está doente. Será que posso ajudar você, ou transmitir seu recado a ele?
Mária Vassílievna resolveu contar tudo para o professor de catecismo.

O professor de catecismo Vviediénski era viúvo, membro da academia, homem muito orgulhoso. Ainda no ano anterior, havia encontrado o pai de Smokóvnikov numa reunião social, ocasião em que os dois entabularam uma conversa sobre a fé, na qual Smokóvnikov o derrotou em todos os pontos, e ainda por cima o ridicularizou, por isso Vviediénski resolveu prestar uma atenção especial no filho e, encontrando nele a mesma indiferença com relação à lei de Deus que havia no pai descrente, passou a persegui-lo e até o reprovou nos exames.

Quando Mária Vassílievna lhe contou o que o jovem Smokóvnikov tinha feito, Vviediénski não pôde deixar de sentir satisfação por encontrar naquele caso a confirmação de suas hipóteses sobre a imoralidade das pessoas livres da orientação da Igreja e resolveu aproveitar o caso, como ele tentou se convencer, para demonstrar o perigo que ameaçava toda ausência da Igreja – mas, no fundo da alma, era mesmo para vingar-se de um ateu orgulhoso e cheio de si.

– Sim, é muito triste, muito triste – disse o padre Mikhail Vviediénski, enquanto alisava com a mão as bordas lisas do crucifixo sobre o peito. – Estou muito contente por ter me contado isso; como servo da Igreja, vou cuidar para que o jovem não fique sem uma repreensão, mas vou me esforçar também para que o sermão seja o mais brando possível.

“Sim, e farei isso de modo compatível com minha posição”, disse consigo o padre Mikhail, pensando que havia esquecido completamente a hostilidade do pai do menino contra ele e que tinha em vista apenas o bem e a salvação do jovem.

No dia seguinte, na aula de catecismo, o padre Mikhail contou aos alunos todo o episódio do cupom falsificado e disse que um ginásiano tinha feito aquilo.

– Uma conduta má, vergonhosa – disse –, mas negar é pior ainda. Não acredito que seja o caso, mas se algum de vocês fez isso, é melhor acusar-se do que esconder-se.

Ao dizê-lo, o padre Mikhail olhou fixamente para Mítia Smokóvnikov. Os ginásianos, seguindo seu olhar, também olharam para Smokóvnikov. Mítia ficou vermelho, suou, por fim desatou a chorar e saiu correndo da sala.

A mãe de Mítia, ao saber do caso, arrancou toda a verdade do filho e correu à loja de material fotográfico. Pagou doze rublos e cinquenta copeques à esposa do dono da loja e a persuadiu a esconder o nome do ginásiano. Mandou que o filho negasse tudo e não confessasse ao pai, em nenhuma hipótese.

E, de fato, quando Fiódor Mikháilovitch soube o que havia acontecido no ginásio e o filho, questionado por ele, negou tudo, foi falar com o diretor, relatou o caso todo, disse que a conduta do professor de catecismo era extremamente censurável e que ele não ia deixar as coisas assim. O diretor chamou o sacerdote e, entre ele e Fiódor Mikháilovitch, houve uma discussão acalorada.

– Uma imbecil qualquer vem caluniar meu filho, depois ela mesma retira a acusação e o senhor não encontra nada melhor para fazer do que ultrajar um menino honesto e correto.

– Não ultrajei e não permito que o senhor fale assim comigo. O senhor está faltando ao respeito com meu hábito.

– Não dou a mínima para seu hábito.

– As opiniões pervertidas do senhor são conhecidas em toda a cidade – exclamou o professor de catecismo, com o queixo trêmulo, o que fez sua barbicha rala sacudir-se.

– Senhores, padre – o diretor tentou acalmar os ânimos. Mas foi impossível.

- Por obrigação ao hábito que eu visto, tenho de me preocupar com a educação moral e religiosa.
- Chega de fingir. Acha que não sei que o senhor não acredita nem em Deus nem no diabo?
- Considero indigno da minha posição falar com uma pessoa como o senhor – exclamou o padre

Mikhail, ofendido pelas últimas palavras de Smokóvnikov, sobretudo porque sabia que eram verdadeiras. Tinha feito o curso completo na academia religiosa e por isso fazia muito tempo que não acreditava no que professava e pregava, e só acreditava que todo mundo devia se obrigar a crer naquilo em que ele mesmo se obrigava a crer.

Smokóvnikov não estava tão chocado com a conduta do professor de catecismo, na verdade achava que aquilo era um bom exemplo da influência clerical que começava a se manifestar em nossa sociedade e contava aquele caso para todo mundo.

Já o padre Vviediénski, vendo as manifestações do niilismo e do ateísmo prosperarem não apenas na nova geração como também entre os mais velhos, se convencia cada vez mais da necessidade de combatê-las. Quanto mais condenava a descrença de Smokóvnikov e de outros como ele, mais se convencia da firmeza e da solidez de sua própria fé, e menos necessidade sentia de pôr sua fé à prova ou de conciliar sua vida com ela. Sua fé, reconhecida por todo mundo em redor, era para ele uma importante arma na luta contra aqueles que a negavam.

Os pensamentos despertados no confronto com Smokóvnikov, somados aos aborrecimentos no ginásio decorrentes daquele confronto – ou seja, a repreensão e a advertência recebidas do diretor –, obrigaram-no a tomar a decisão que havia muito, desde a morte da esposa, o atraía: tornar-se monge e adotar a mesma carreira seguida por vários colegas da academia, um dos quais já era bispo e outro, arquimandrita, na fila para uma vaga no bispado.

No fim do ano escolar, Vviediénski abandonou o ginásio, tomou ordens de monge com o nome de Missail e em pouco tempo recebeu o cargo de diretor de um seminário numa cidade à margem do Volga.

XIII

Enquanto isso, o zelador Vassíli caminhava pela estrada principal rumo ao sul.

Andava de dia e, à noite, algum policial rural o encaminhava para um albergue próximo. Em toda parte lhe davam pão e às vezes o chamavam para sentar à mesa e jantar. Numa aldeia da província de Oriol, onde pernoitou, lhe contaram que um comerciante havia arrendado o pomar de um senhor de terras e procurava jovens para trabalhar como vigias. Vassíli estava farto de mendigar, também não tinha nenhuma vontade de ir para casa, então se apresentou ao comerciante que arrendara o pomar e foi contratado como vigia por cinco rublos ao mês.

Vassíli achou muito agradável a vida na cabana, sobretudo depois que as maçãs começaram a amadurecer e os vigias passaram a trazer do celeiro senhorial grandes feixes de palha fresca, apanhada debaixo da debulhadora. Ele ficava o dia todo deitado sobre a palha fresca, cheirosa, junto a pilhas de maçãs caídas do pé na primavera e no inverno, ainda mais cheirosas do que a palha, e aí era só vigiar, enquanto assoviava e cantarolava, para não deixar que a meninada pegasse as maçãs. Pois, para cantar, Vassíli era um mestre. Tinha voz boa. Mulheres e mocinhas vinham da aldeia atrás de maçãs. Vassíli dizia gracejos para elas e, em troca de ovos ou de copeques, lhes dava mais ou menos maçãs, conforme seu aspecto lhe agradasse – e ia deitar-se outra vez; só saía para comer o desjejum, almoçar e jantar.

Camisa, Vassíli só tinha uma, rosa, estampada e com buracos, não calçava nada nos pés, mas tinha o corpo forte, saudável e, quando tiravam do fogo a caçarola com *kacha*, Vassíli comia por três, a tal ponto que o velho vigia ficava admirado com ele. À noite, Vassíli não dormia, dava assovios ou gritos e, como um gato, enxergava longe no escuro. Certa vez, uns garotos grandes vieram da aldeia sacudir os pés de

maçã. Vassíli se aproximou de mansinho e pulou sobre eles; quiseram fugir, mas Vassíli pôs todos para correr debaixo de pancada, menos um, que levou para a cabana e entregou ao patrão.

A primeira cabana de Vassíli ficava num pomar distante, mas a segunda, quando as maçãs começaram a ser colhidas, ficava a quarenta passos da casa senhorial. Naquela cabana, a vida de Vassíli era mais alegre ainda. O dia todo, Vassíli via como os patrões e as patroas brincavam, andavam a cavalo, passeavam e, ao fim da tarde e à noite, tocavam piano, violino, cantavam, dançavam. Via que as jovens patroas e os estudantes de faculdade ficavam sentados junto às janelas, se acariciavam e depois iam passear sozinhos nas alamedas escuras de tílias, onde só o luar penetrava, em faixas e manchas. Via como os criados corriam levando comidas e bebidas e como as cozinheiras, as lavadeiras, os feitores, os jardineiros, os cocheiros – todos trabalhavam só para dar comida, bebida e alegria aos patrões. Às vezes, jovens senhores iam à sua cabana e Vassíli selecionava e lhes dava as maçãs melhores, mais suculentas e vermelhas, e as jovens patroas, com um estalo entre os dentes, mordiam as maçãs, elogiavam, falavam alguma coisa em francês entre si – Vassíli entendia que era sobre ele – e o obrigavam a cantar.

E Vassíli adorava aquela vida, lembrando-se de sua vida em Moscou, e a ideia de que tudo estava no dinheiro penetrou cada vez mais fundo em sua cabeça.

E Vassíli passou a pensar cada vez mais em como fazer para tomar logo posse de uma grande quantidade de dinheiro. Começou a lembrar como fazia antes para tirar proveito e resolveu que não era necessário agir como antes, agarrar coisas que tivessem deixado fora do lugar, mas sim pensar muito, traçar um plano e executar um serviço limpo, sem deixar pistas. Na época da Natividade de Nossa Senhora,⁴ colheram as últimas maçãs. O patrão teve muito lucro, pagou o salário e agradeceu a Vassíli e a todos os vigias.

Vassíli trocou de roupa – o jovem senhor lhe dera de presente um casaco curto e um chapéu –, mas não foi para casa, sentia nojo só de pensar na vida grosseira dos mujiques; em vez disso, voltou para a cidade em companhia de soldados beberrões que, com ele, vigiavam o pomar. Na cidade, resolveu arrombar e roubar, à noite, a loja do comerciante em cuja casa ele antes havia morado e que o havia espancado e demitido, sem pagar seu salário. Vassíli conhecia todos os caminhos, sabia onde ficava o dinheiro, pôs os soldados de vigia, enquanto ele mesmo arrombou a janela que dava para o pátio, saltou para dentro da casa e pegou todo o dinheiro. O trabalho foi feito com capricho e, depois, não encontraram nenhuma pista. O dinheiro somava trezentos e setenta rublos. Vassíli deu cem rublos para seus camaradas e, com o resto, foi para outra cidade, onde se divertiu com amigos e amigas.

XIV

Enquanto isso, Ivan Mirónov se transformava num ladrão de cavalos astuto, corajoso e bem-sucedido. Afímia, sua esposa, que antes brigava com ele por suas más ações, como ela dizia, agora estava satisfeita, tinha orgulho do marido, pois andava de casaco forrado, enquanto ela mesma vestia um xale bordado e um casaco de pele novo.

Na aldeia e nos arredores, todos sabiam que nenhum roubo de cavalo ocorria sem sua participação, mas tinham medo de denunciá-lo, e, quando havia alguma suspeita contra Ivan Mirónov, ele conseguia escapar inocente e ileso. Seu último roubo tinha sido em Kolotovka, no pasto noturno. Quando possível, Ivan Mirónov escolhia quem roubar, preferia tomar de senhores de terras e de comerciantes. No entanto era mais difícil roubar de comerciantes e senhores de terras. Por isso, quando não havia comerciantes nem senhores de terras à mão, roubava de camponeses. Foi assim que, em Kolotovka, no pasto noturno, capturou todos os cavalos que encontrou pela frente. Quem fez o serviço não foi ele, mas Guerássim, um

rapaz esperto, instigado por Ivan Mirónov. Só ao nascer do dia os mujiques se deram conta do roubo dos cavalos e saíram à procura deles, pelas estradas. Mas os cavalos estavam escondidos numa ravina, numa floresta do Estado. Ivan Mirónov tinha intenção de deixá-los ali até a noite seguinte para então levá-los à casa de um zelador conhecido seu, a quarenta verstas de distância. Ele foi ao encontro de Guerássim, na mata, levou para ele vodca e um empadão e voltou para casa por um atalho na mata, onde não esperava encontrar ninguém. Para seu azar, topou com o soldado que vigiava a floresta.

– Por acaso está procurando cogumelos? – perguntou o soldado.

– Nesta época, não tem nenhum – respondeu Ivan Mirónov, mostrando o cesto de palha que levava, por via das dúvidas.

– É, neste verão deu pouco cogumelo – disse o soldado. – Quem sabe na Quaresma eles aparecem? – E foi em frente.

O soldado entendeu que havia alguma coisa errada. Não havia motivo para Ivan Mirónov ir tão cedo para a floresta do Estado. O soldado voltou e começou a vasculhar na mata. Perto da ravina, ouviu um cavalo resfolegar e foi de mansinho na direção de onde veio o barulho. A terra na ravina estava bastante pisada, havia excremento de cavalo. Mais adiante, Guerássim estava sentado, comendo alguma coisa, e dois cavalos estavam amarrados a uma árvore.

O soldado correu para a aldeia, chamou o estaroste, um guarda e duas testemunhas. Foram com mais três guardas para o lugar onde estava Guerássim e o prenderam. Gueraska nem tentou negar e, como estava embriagado, confessou logo. Contou que Ivan Mirónov tinha lhe dado muita bebida e o convencera, e contou que ele havia prometido buscar os cavalos na floresta naquele mesmo dia. Os mujiques deixaram os cavalos e Guerássim na mata e armaram uma cilada, à espera de Ivan Mirónov. Quando anoiteceu, ouviu-se um assovio. Guerássim respondeu. Assim que Ivan Mirónov começou a descer o barranco, atacaram-no e levaram para a aldeia. De manhã, na frente da isbá do estaroste, reuniu-se uma multidão. Trouxeram Ivan Mirónov para fora e começaram a interrogá-lo. Stiepan Pelaguêiuchkin, mujique alto, curvado, de braços compridos, nariz aquilino e rosto de expressão sombria, foi o primeiro a fazer perguntas. Stiepan era um mujique solitário, que havia terminado o serviço militar pouco tempo antes. Assim que se separou do pai e começou a ganhar a vida por conta própria, roubaram seu cavalo. Então, depois de trabalhar um ano nas minas, Stiepan comprou dois cavalos. Roubaram os dois.

– Diga onde estão meus cavalos – exclamou Stiepan, pálido de raiva, olhando sombrio ora para a terra, ora para o rosto de Ivan.

Ivan Mirónov negou. Então Stiepan bateu na cara dele e quebrou o nariz, do qual saiu sangue.

– Conte, eu mato você!

Ivan Mirónov ficou calado, baixando a cabeça. Stiepan bateu uma vez, e mais outra, com o braço comprido. Ivan continuou calado, apenas inclinava a cabeça ora para um lado, ora para outro.

– Batam, todo mundo! – gritou o estaroste.

E todos começaram a bater. Ivan Mirónov tombou em silêncio e depois começou a gritar:

– Bárbaros, demônios, podem bater até matar. Não tenho medo de vocês.

Então Stiepan apanhou uma pedra de uma pilha, já preparada para isso, e partiu a cabeça de Ivan Mirónov.

Os assassinos de Ivan Mirónov foram acusados e julgados. Entre os assassinos estavam Stiepan Pelaguêiuchkin. Recebeu uma pena mais pesada do que a dos outros, porque todos declararam que foi ele que, com uma pedra, quebrou a cabeça de Ivan Mirónov. No julgamento, Stiepan não escondeu nada,

explicou que, quando roubaram sua última parrelha de cavalos, deu parte à polícia e ainda seria possível achar os ciganos pelas pegadas, mas o chefe de polícia rural nem quis falar com ele pessoalmente e não fez nenhuma busca.

- O que é que a gente vai fazer com um sujeito feito ele? Arruinou a gente.
- Por que os outros não bateram, mas você, sim? – perguntou o promotor.
- Não é verdade, todo mundo bateu, o *mir* resolveu matar. Eu só terminei de matar. Para que torturar à toa?

Os juízes ficaram impressionados com a expressão de absoluta tranquilidade com que Stiepan contou como agiu, como espancaram Ivan Mirónov e como ele mesmo terminou de matar.

De fato, Stiepan não via nada de terrível naquele assassinato. No serviço militar, aconteceu de Stiepan ter de fuzilar um soldado e, tanto naquele evento como no assassinato de Ivan Mirónov, não via nada de terrível. Mataram e pronto. Hoje é ele, amanhã sou eu.

Deram uma pena leve para Stiepan, um ano de cadeia. Tiraram suas roupas de mujique, guardaram no depósito da prisão com um número, vestiram-no com um roupão e uma botina de presidiário.

Stiepan nunca tivera respeito pelas autoridades, mas agora ficou totalmente convencido de que todas as autoridades, todos os senhores, todos, exceto o tsar, o único que tinha pena do povo e era justo, todos eram bandidos, que sugavam o sangue do povo. Os relatos dos degredados e condenados a trabalhos forçados com os quais se juntou na prisão confirmaram aquele ponto de vista. Um foi condenado a trabalhos forçados porque denunciou uma autoridade por roubo; outro, porque bateu num superior que quis confiscar injustamente os bens de um camponês; um terceiro, porque falsificava dinheiro. Os patrões, os comerciantes, podiam fazer o que bem entendessem que nada acontecia, mas os mujiques e os pobres por qualquer bobagem eram mandados para a prisão para virar comida de piolhos.

Na prisão, Stiepan recebia visitas da esposa. Sem ele, a esposa já vivia mal e agora, ainda por cima, a casa tinha pegado fogo, ela ficou na miséria e mendigava junto com os filhos. A pobreza da esposa amargurou Stiepan mais ainda. Também na prisão, ele era malvado com todos e, certa vez, por pouco não partiu o cozinheiro ao meio com o machado, o que lhe rendeu mais um ano de pena. Naquele ano, ele soube que a esposa tinha morrido e que seu lar não existia mais...

Quando Stiepan terminou de cumprir a pena, foi chamado ao depósito da prisão, retiraram de uma prateleira as roupas com que havia chegado e lhe entregaram.

- Para onde vou agora? – perguntou ao quarteleiro, enquanto se vestia.
- Para casa, é claro.
- Não tenho casa. Vou ter de andar pela estrada. Roubar as pessoas.
- Se roubar, vai acabar aqui outra vez.
- É, não tem jeito.

E Stiepan foi embora. Apesar de tudo, foi na direção de sua casa. Não tinha mais nenhum lugar para ir.

Antes de chegar, resolveu passar a noite na estalagem de um conhecido, onde havia uma cantina.

O dono da estalagem era um pequeno-burguês gordo, de Vladímir. Ele conhecia Stiepan. Sabia que tinha ido para a prisão por causa de uma infelicidade. E deixou que pernoitasse na estalagem. Era um pequeno-burguês que, depois de enriquecer, havia tomado a esposa de um mujique vizinho e morava com ela, como esposa e empregada.

Stiepan sabia da história toda – como o homem havia humilhado o mujique, como aquela mulher indecente tinha deixado o marido e agora se fartava de comida, bebia chá até suar e servia chá para Stiepan, por caridade. Viajantes, não havia nenhum. Deixaram que Stiepan pernoitasse na cozinha. Matriona arrumou tudo e foi para o quarto. Stiepan deitou em cima da estufa, mas não conseguia dormir, se mexia e toda hora fazia estalar as lascas de lenha colocadas sobre a estufa para secar. Não saía de sua cabeça a barriga gorda do pequeno-burguês, estufada embaixo da cintura da camisa de chita, já

descolorida de tanto ser lavada. Toda hora vinha à sua cabeça a ideia de cortar aquela barriga com uma faca e deixar sair a banha. E da mulher também. Então disse consigo: “Bom, que o diabo os carregue, amanhã vou embora”, e ora se lembrava de Ivan Mirónov, ora pensava de novo na barriga do pequeno-burguês e na garganta branca e suada de Matriona. Se é para matar, que sejam os dois. O segundo galo cantou. Se é para fazer, que seja agora, antes de nascer o dia. A faca, ele reparou onde estava na noite anterior, e o machado também. Desceu da estufa, pegou o machado e a faca e saiu da cozinha. Assim que saiu, o ferrolho sacudiu atrás da porta. O pequeno-burguês estava saindo pela porta. Ele não fez como queria. Não precisou da faca, ergueu o machado e partiu a cabeça ao meio. O pequeno-burguês desabou encostado na ombreira da porta e veio até o chão.

Stiepan entrou no quarto. Matriona se levantou bruscamente e ficou parada junto à cama, só de camisa. Stiepan a matou com o mesmo machado.

Depois acendeu uma vela, pegou o dinheiro da escrivania e foi embora.

XVI

Numa cidade que era sede de distrito, um velho ex-funcionário que bebia muito morava em sua casa, uma construção afastada das outras, vivia com duas filhas e um genro. A filha casada também bebia e levava uma vida desregrada; já a mais velha, Mária Semiónovna, era viúva, enrugada, magra, de cinquenta anos, e sozinha sustentava todos em casa: ganhava uma pensão de duzentos e cinquenta rublos. Com o dinheiro, alimentava toda a família. Na casa, só Mária Semiónovna trabalhava. Cuidava do velho pai, fraco e beberrão, do bebê da irmã, fazia a comida e lavava a roupa. Como sempre acontece, recaía sobre ela tudo o que era preciso fazer e os outros três a xingavam e o genro até batia nela, quando se embriagava. Ela suportava tudo calada e com resignação e, como também sempre acontece, quanto mais trabalho tinha para fazer, mais rápido conseguia dar conta de tudo. Também ajudava os pobres, sacrificava o que tinha, dava suas roupas e ajudava a cuidar dos doentes.

Certa vez, um alfaiate do campo, manco e pernetá, ficou trabalhando na casa dela. Consertava o casaco do velho e remendava com pano um casaco de pele para Mária Semiónovna ir à feira no inverno.

O alfaiate manco era um homem inteligente e observador, tinha visto muita gente diferente por causa de sua profissão e, como era aleijado, ficava sempre sentado, o que o estimulava a pensar. Depois de ficar uma semana na casa de Mária Semiónovna, não podia deixar de se admirar com a vida dela. Certa vez, ela entrou na cozinha, onde ele costurava, para lavar umas toalhas e começou a conversar com o alfaiate sobre a vida dele, como o irmão o maltratava e como se separou do irmão.

– Pensei que ia ser melhor, mas é a mesma coisa, a pobreza.

– O melhor é não mudar, a gente deve viver do jeito como vive – disse Mária Semiónovna.

– O que mais me admira em você, Mária Semiónovna, é como faz tudo sozinha, cuida de todo mundo sozinha. E deles recebe pouca coisa boa, eu vejo.

Mária Semiónovna não disse nada.

– Na certa você aprendeu nos livros que a recompensa por isso vai vir no outro mundo.

– Isso a gente não sabe – respondeu Mária Semiónovna. – Só tem de viver do jeito melhor.

– Mas isso tem nos livros?

– Também tem nos livros – respondeu ela e leu para ele o Sermão da Montanha, do Evangelho. O alfaiate ficou pensando. E quando recebeu seu pagamento e foi para casa, não parava de pensar no que tinha visto na casa de Mária Semiónovna, no que ela lhe disse e leu.

XVII

Piotr Nikoláitch mudou de opinião sobre o povo e o povo também mudou de opinião sobre ele. Nem passou um ano e derrubaram vinte e sete carvalhos e incendiaram uma eira coberta e um celeiro que não estava no seguro. Piotr Nikoláitch resolveu que não era possível viver com o povo local.

Nessa época, os Livientsov estavam à procura de um administrador para sua propriedade e o chefe do *ziémstvo* recomendou Piotr Nikoláitch como o melhor agricultor do distrito. A propriedade dos Livientsov era enorme, mas não dava renda e os camponeses tiravam proveito de tudo. Piotr Nikoláitch tratou de pôr tudo em ordem e, depois de arrendar suas próprias terras, mudou-se com a esposa para uma distante província à margem do Volga.

Piotr Nikoláitch sempre havia adorado a ordem e a lei e agora, mais que nunca, não podia admitir que aquele povo selvagem, brutal, se apoderasse, contra a lei, de uma propriedade que não lhe pertencia. Ficou satisfeito com a oportunidade de lhes dar uma lição e se lançou ao trabalho com rigor. Mandou um camponês para a cadeia por roubar madeira da mata, espancou outro, com as próprias mãos, por não ter lhe dado passagem na estrada nem ter tirado o chapéu. Quanto aos pastos, sobre os quais havia uma disputa e dos quais os camponeses se consideravam donos, Piotr Nikoláitch comunicou aos camponeses que, se levassem seu gado para lá, ele iria confiscá-lo.

Chegou a primavera e os camponeses, como tinham feito no ano anterior, levaram o gado para o pasto senhorial. Piotr Nikoláitch reuniu todos os empregados e mandou levar o gado para o curral senhorial. Os mujiques estavam na lavoura, por isso, apesar dos gritos das camponesas, os empregados levaram o gado. Quando voltaram do trabalho, os mujiques se juntaram e foram à casa senhorial exigir a devolução do gado. Piotr Nikoláitch saiu ao encontro deles com uma espingarda nos ombros (tinha acabado de voltar de uma ronda de inspeção) e comunicou que não ia devolver o gado, a menos que pagassem cinquenta copeques por animal com chifres e dez por ovelha. Os mujiques começaram a gritar que o pasto era deles, que antes deles os pais e os avós tinham sido donos do pasto e que não existia lei que permitisse tomar o gado alheio.

- Devolva o gado, senão vai ser pior – disse um velho, avançando para Piotr Nikoláitch.
- Vai ser pior como? – gritou Piotr Nikoláitch, muito pálido, avançando na direção do velho.
- Devolva, fuja do pecado, parasita.
- O quê? – gritou Piotr Nikoláitch e bateu no rosto do velho.
- Você não tem coragem de brigar. Pessoal, peguem o gado à força.

A multidão se aproximou. Piotr Nikoláitch quis fugir, mas não deixaram. Ele começou a se debater. A espingarda disparou e matou um camponês. Começou uma luta tremenda. Pisotearam Piotr Nikoláitch. Cinco minutos depois, jogaram seu corpo desfigurado num barranco.

Os assassinos foram julgados por uma corte marcial e dois foram condenados a morrer na forca.

XVIII

Na aldeia do alfaiate, cinco camponeses ricos arrendaram de um senhor de terras, por mil e cem rublos, cento e cinco *dessiatinas* de terra boa para o cultivo, gordurosa, negra como piche, e a distribuíram entre os mujiques, a uns por dezoito rublos, a outros por quinze. Nenhuma terra ficou por menos de doze. Assim, o lucro foi bom. Os próprios arrendatários pegaram cinco *dessiatinas* para si e essa terra saiu de graça para eles. Um daqueles cinco mujiques morreu e eles ofereceram a vaga na sociedade ao alfaiate manco.

Quando os arrendatários começaram a dividir a terra, o alfaiate parou de beber vodca e, quando se falou de quanta terra caberia a cada um, o alfaiate disse que era preciso repartir igualmente, e que não era preciso cobrar dos arrendatários mais do que já havia sido pago.

– Como assim?

– Afinal, não somos hereges. Isso pode ser bom para os patrões, mas nós somos cristãos. É preciso fazer como Deus quer. E essa é a lei de Cristo.

– Onde está essa lei?

– No livro, no Evangelho. Venham ver no domingo, vou ler e vamos conversar.

No domingo, não foram todos à casa do alfaiate, só três, e ele começou a ler para eles. Leu cinco capítulos de Mateus. Começaram a interpretar. Todos escutaram, mas só um aceitou, o Ivan Tchúiev. E aceitou tanto que passou a viver à risca como Deus quer. Na sua família, também passaram a viver assim. Ele abriu mão da terra excedente e só ficou com sua parte.

E começaram a ir à casa do alfaiate e de Ivan e começaram a entender, e entenderam, e pararam de fumar, de beber, de xingar e praguejar, passaram a ajudar uns aos outros. Pararam de ir à igreja e levaram os ícones para o pope. E assim viviam dezessete famílias. Ao todo, sessenta e cinco almas. O sacerdote se assustou e avisou o bispo. O bispo pensou no que fazer e resolveu mandar à aldeia o arquimandrita Missail, antigo professor de catecismo do ginásio.

XIX

O bispo pediu a Missail para sentar e começou a falar sobre as novidades que estavam acontecendo em sua eparquia.

– Isso tudo vem da fraqueza de espírito e da ignorância. Você é um homem instruído. Confio em você. Vá, reúna o povo e esclareça essa gente.

– Se o senhor me der sua bênção, vou tentar – disse o padre Missail. Ficou contente com aquela missão. Alegrava-se sempre que podia mostrar que acreditava. Com mais força do que qualquer outra coisa, era convertendo os outros que ele se convencia de que acreditava.

– Faça um esforço, estou sofrendo muito com meu rebanho – disse o bispo, enquanto, impaciente, com as mãos brancas e roliças, pegava o copo de chá que a criada lhe serviu. – Mas como? Só uma geleia? Traga outra – disse para a criada. – Estou sofrendo muito, muito – prosseguiu o que estava dizendo para Missail.

Missail estava contente por mostrar seu zelo. Mas, como não era rico, pediu dinheiro para as despesas da viagem e, com medo da hostilidade do povo rude, pediu também uma ordem do governador para que a polícia local lhe desse apoio, em caso de necessidade.

O bispo organizou tudo e Missail, com a ajuda do criado e da cozinheira, arrumou um baú com bebidas e mantimentos, o necessário para se manter numa viagem a uma região erma, e partiu rumo ao local indicado. Ao se dirigir àquela missão, Missail experimentava o sentimento agradável da consciência da importância de seu cargo sacerdotal e também da extinção de qualquer dúvida sobre sua fé – ao contrário, havia a certeza absoluta de sua autenticidade.

Seus pensamentos estavam voltados não para a essência da fé – ela era tida como um axioma –, mas sim para a refutação das objeções às formas exteriores da fé.

XX

O sacerdote da aldeia e sua esposa receberam Missail com grandes honras e, no dia seguinte à sua chegada, reuniram o povo na igreja. Com um manto de seda novo, uma cruz no peito e os cabelos penteados, Missail subiu no púlpito, a seu lado estavam o sacerdote, um pouco mais afastados estavam os sacristãos e os cantores, e nas portas laterais, a polícia. Vieram também os sectários – com casacos de pele enebados e duros.

Depois do “*Te Deum*”, Missail fez o sermão, exortou os dissidentes a voltar para o seio da Madre Igreja, ameaçou com os tormentos do inferno e prometeu o perdão completo aos que se arrependessem.

Os sectários ficaram calados. Quando lhes fizeram perguntas, responderam. À pergunta sobre o motivo de se afastarem, responderam que na igreja cultuavam deuses feitos de madeira e que nas Escrituras aquilo não só não existia como nas profecias se declarava o contrário. Quando Missail perguntou a Tchúiev se era verdade que eles chamavam os ícones sagrados de tábuas, Tchúiev respondeu:

– É só você virar qualquer ícone que quiser que vai ver.

Quando lhes perguntaram por que não reconheciam o clero, responderam que nas Escrituras estava dito: “Vocês receberam de graça e de graça darão”, mas os popes só davam suas bênçãos por dinheiro. Toda vez que Missail tentava se respaldar na Sagrada Escritura, o alfaiate e Ivan retrucavam, com calma, mas com firmeza, citando as Escrituras, que conheciam a fundo. Missail se irritou, ameaçou-os com os poderes seculares. A isso, os sectários responderam que estava escrito:

– “Vocês me perseguiram e também serão perseguidos.”

Aquilo não deu em nada e tudo poderia ter ficado por isso mesmo, mas no dia seguinte, na missa, Missail fez um sermão sobre a malignidade dos sedutores, disse que eles mereciam todo tipo de castigo, e as pessoas que estavam na igreja começaram a discutir se valia a pena dar uma lição nos infiéis, para que não confundissem mais o povo. E naquele dia, na hora em que Missail estava comendo salmão e trutas com o pároco e com um inspetor que viera da cidade, houve um tumulto na aldeia. Os ortodoxos se aglomeraram em frente à isbá de Tchúiev e esperavam a saída das pessoas que estavam lá, para lhes dar uma surra. Os sectários eram umas vinte pessoas, entre homens e mulheres. O sermão de Missail e agora a aglomeração dos ortodoxos e suas palavras de ameaça despertaram nos sectários um sentimento ruim, que antes não havia. A tarde havia caído, estava na hora de as mulheres ordenharem as vacas, os ortodoxos continuavam à espera, bateram num menino que tentou sair e o enxotaram de novo para dentro da isbá. Lá, debateram sobre o que fazer e não entraram num acordo.

O alfaiate dizia: é preciso suportar e não atacar. Já Tchúiev dizia que, se fosse para suportar assim, todos seriam massacrados, pegou um atizador e saiu para a rua. Os ortodoxos se atiraram sobre ele.

– É agora, pela lei de Moisés – gritou e começou a bater nos ortodoxos, furou o olho de um deles, enquanto os outros sectários fugiram da isbá e voltaram para suas casas.

Tchúiev foi preso e julgado por sedição e blasfêmia e condenado ao degredo.

Já o padre Missail ganhou uma condecoração e foi promovido.

Dois anos antes, vinda da terra do Exército do Don, a jovem Turtchanínova, bela, saudável, de aspecto oriental, chegara a Petersburgo para estudar. Em Petersburgo, a moça conheceu o estudante Tiurin, filho do chefe de um *ziémstvo* na província de Simbirsk, apaixonou-se por ele, mas não com o amor habitual das mulheres, não com o desejo de ser sua esposa e mãe de seus filhos, e sim com um amor de camaradas, que se nutria principalmente do mesmo ódio e da mesma revolta contra a ordem vigente e contra as pessoas que a representavam, e também da consciência de sua própria superioridade intelectual, educacional e moral sobre aquelas pessoas.

Turtchanínova tinha talento para os estudos, memorizava as lições com facilidade, tirava boas notas nos exames e, além disso, devorava livros novos em enorme quantidade. Estava convencida de que sua vocação não era dar à luz e criar filhos – até já encarava com aversão e desprezo essa vocação –, mas sim destruir a ordem vigente, que acorrentava as melhores forças do povo, e apontar às pessoas os novos caminhos da vida, que os novíssimos escritores europeus revelaram para ela. Carnuda, branca, rosada, bonita, de olhos negros e brilhantes, com uma grande trança negra, Turtchanínova despertava nos homens sentimentos que ela não queria e que também não podia compartilhar, a tal ponto estava imersa em sua atividade de promover agitação e debate. Mesmo assim, dava-lhe prazer despertar tais sentimentos e por isso, embora não se enfeitasse, também não descuidava da aparência. Achava bom que gostassem dela e poder mostrar, na prática, como desprezava aquilo que as outras mulheres valorizavam. Em suas opiniões sobre os meios de luta contra a ordem vigente, ela ia além da maioria de seus camaradas e de seu amigo Tiurin; admitia que, na luta, todos os meios são bons e podem ser usados, até mesmo o assassinato. Ao mesmo tempo, essa mesma revolucionária, Kátia Turtchanínova, era, no fundo, uma mulher muito boa e abnegada, sempre dava preferência imediata ao benefício, à satisfação, ao bem-estar dos outros em detrimento de seu próprio benefício, satisfação e bem-estar, e sempre se alegrava sinceramente com a possibilidade de fazer algo de bom a quem quer que fosse – uma criança, uma velha, um animal.

Turtchanínova estava passando o verão numa cidade pequena à margem do Volga, em casa de uma amiga, professora rural. Na mesma região, Tiurin morava na casa do pai. Os três e o médico da região muitas vezes se encontravam, trocavam livros, discutiam e se enchiam de revolta. A propriedade de Tiurin era vizinha à dos Livientsov, onde Piotr Nikoláitch fora trabalhar como administrador. Assim que Piotr Nikoláitch chegou e cuidou de impor a ordem, o jovem Tiurin, vendo que entre os camponeses dos Livientsov havia um espírito independente e a firme intenção de defender seus direitos, interessou-se por eles, ia muitas vezes à aldeia e conversava com os camponeses, difundia entre eles a teoria do socialismo em geral e, em particular, da nacionalização da terra.

Quando ocorreu o assassinato de Piotr Nikoláitch e houve o julgamento, o círculo dos revolucionários da localidade viu naquilo uma forte motivação para a revolta e, com destemor, conclamou uma rebelião. O fato de Tiurin ir à aldeia e conversar com os camponeses veio à luz durante o julgamento. Deram uma busca na casa de Tiurin, acharam alguns livretos revolucionários, prenderam o estudante e o levaram para Petersburgo.

Turtchanínova partiu atrás dele e foi à prisão para uma visita, mas não a deixaram entrar num dia qualquer, só no dia das visitas, quando ela falou com Tiurin através de duas grades. A visita aumentou mais ainda a revolta de Turtchanínova. Porém o que levou sua revolta ao extremo foi uma conversa com um belo oficial da guarda, que deu a entender que estava disposto a mostrar complacência, caso ela aceitasse sua proposta. Aquilo a levou ao último grau de indignação e ira contra todas as pessoas investidas de poder. Foi queixar-se com o chefe da polícia. O chefe da polícia lhe disse o mesmo que o oficial da guarda, que não podiam fazer nada, que se tratava de uma ordem do ministro. Ela mandou uma petição ao ministro, solicitando uma visita; recusaram. Decidiu-se, então, por um gesto desesperado e

comprou um revólver.

XXII

O ministro estava atendendo no horário de costume. Esquivou-se de três peticionários, recebeu um governador e se aproximou de uma jovem bonita de olhos pretos e roupa preta que segurava um papel na mão esquerda. Uma chama de volúpia e carinho ardeu nos olhos do ministro, ao ver a bela peticionária, mas, lembrando sua posição, o ministro fez uma cara séria.

– O que a senhora deseja? – disse ele, aproximando-se.

Sem responder, ela rapidamente tirou a mão com o revólver de debaixo da capa, apontou para o peito do ministro e atirou, mas errou o alvo.

O ministro quis segurar sua mão, ela recuou e atirou outra vez. O ministro fugiu correndo. Ela foi agarrada. Tremia, não conseguia falar. E de repente deu uma gargalhada histérica. O ministro nem ficou ferido.

Era Turtchanínova. Levaram-na para a casa de detenção preliminar. Já o ministro, depois de receber as congratulações e o apoio das personalidades do mais alto escalão e até do soberano, instaurou uma comissão para investigar a conspiração que organizou aquele atentado.

A conspiração, é claro, não existia; mas os funcionários da polícia secreta e da polícia comum se empenharam com afincos na localização de qualquer pista da conspiração inexistente e, de modo consciencioso, fizeram jus a seu salário e a sua remuneração: levantando de manhã bem cedo, no escuro, faziam buscas e mais buscas, copiavam documentos, livros, liam diários, cartas particulares, retiravam extratos de tudo isso em lindas folhas de papel, com linda caligrafia, interrogaram Turtchanínova muitas vezes e fizeram acareações com ela, a fim de arrancar da jovem os nomes de seus cúmplices.

O ministro, no fundo, era um bom homem e tinha muita pena daquela bela e saudável cossaca, mas dizia a si mesmo que sobre ele se impunham os pesados deveres do Estado, os quais havia de cumprir, por mais difíceis que fossem. E quando um antigo colega, um camareiro do imperador, conhecido dos Tiurin, o encontrou num baile da corte e pediu sua ajuda para o caso de Tiurin e Turtchanínova, o ministro encolheu os ombros de tal modo que enrugou a fita vermelha sobre o colete branco, e disse:

– *Je ne demanderais pas mieux que de lâcher cette pauvre fillette, mais vou savez... le devoir.*⁵

Enquanto isso, Turtchanínova continuava na casa de detenção preliminar e às vezes, tranquilamente, se comunicava com os camaradas por meio de batidas na parede e lia livros que lhe davam, mas às vezes, de súbito, caía no desespero, tinha ataques de fúria, debatia-se contra as paredes, dava gritos esganiçados e gargalhava.

XXIII

Certo dia, Mária Semiónovna recebeu sua pensão na tesouraria do Estado e, ao voltar, encontrou um professor conhecido seu.

– E então, Mária Semiónovna, recebeu sua pensão? – gritou para ela, do outro lado da rua.

– Recebi – respondeu Mária Semiónovna. – Só dá para tapar os buracos.

– Que nada, é bastante dinheiro, vai tapar os buracos e ainda vai sobrar – disse o professor, despediu-se e foi em frente.

– Até logo – disse Mária Semiónovna e, olhando para o professor, esbarrou em cheio num homem alto, de braços muito compridos e rosto severo.

No entanto, quando já estava perto de casa, ela se admirou ao ver de novo o mesmo homem de braços compridos. Depois de observar a mulher entrando na casa, ele ainda permaneceu ali um tempo, antes de dar meia-volta e ir embora.

Mária Semiónovna, no início, ficou assustada e depois triste. Mas, quando entrou na casa, distribuiu os presentes para o velho pai e o sobrinho Fédia, pequenino e escrofuloso, e fez carinhos no cão Trezorka, que ganiu de alegria, voltou a sentir-se bem e, depois de entregar o dinheiro para o pai, foi cuidar do trabalho, que nunca faltava para ela.

O homem em quem havia esbarrado era Stiepan.

Da estalagem onde matara o estalajadeiro, Stiepan não foi para a cidade. E o estranho era que não apenas não lhe causava desgosto lembrar o assassinato como, de fato, ele o recordava várias vezes por dia. Gostava de pensar que era capaz de fazer aquilo com tanto cuidado e habilidade que ninguém podia descobrir nem impedir que o fizesse, e até mais, com outras pessoas. Sentado na taverna, tomando chá e vodca, observava as pessoas sempre do mesmo ponto de vista: como era possível matá-las. Foi pernoitar na casa de um conterrâneo, um carroceiro. O carroceiro não estava em casa. Stiepan disse que ia esperar, sentou-se e ficou conversando com a mulher. Depois, quando ela se virou para a estufa, veio à cabeça de Stiepan a ideia de matá-la. Espantou-se, balançou a cabeça para si mesmo, depois tirou uma faca do cano da bota, derrubou a mulher e cortou sua garganta. As crianças começaram a gritar, ele matou também as crianças e saiu da cidade, sem pernoitar ali. Numa aldeia, fora da cidade, entrou numa estalagem e dormiu.

No dia seguinte, voltou à cidade e, na rua, ouviu a conversa de Mária Semiónovna com o professor. O olhar dela assustou Stiepan, mas mesmo assim ele resolveu penetrar escondido em sua casa e tomar o dinheiro que a mulher havia ganhado. À noite, arrebitou a fechadura e entrou. A filha mais nova, casada, foi a primeira a ouvir o barulho. Começou a gritar. Stiepan a esfaqueou na mesma hora. O genro acordou e atracou-se com ele. Agarrou-o pelo pescoço, lutou muito tempo, mas Stiepan era mais forte. Depois de matar o genro, Stiepan, perturbado e excitado pela briga, foi para o outro lado da divisória. Lá, Mária Semiónovna estava na cama, levantou-se, olhou para Stiepan com olhos assustados e dóceis e fez o sinal da cruz. O olhar dela assustou Stiepan outra vez. Ele baixou os olhos.

– Onde está o dinheiro? – perguntou, sem erguer os olhos.

Ela ficou calada.

– Onde está o dinheiro? – disse Stiepan, mostrando a faca.

– O que está fazendo? Como pode? – disse ela.

– Vai ver como posso.

Stiepan se aproximou, pronto para segurá-la pelos braços para que ela não o impedisse, mas Mária Semiónovna não ergueu as mãos, não se opôs, limitou-se a apertar as mãos contra o peito, suspirou fundo e repetiu:

– Ah, que grande pecado. O que está fazendo? Tenha piedade de si mesmo. Destrói a alma dos outros e ainda mais a sua... A-ah! – gritou ela.

Stiepan não conseguiu mais suportar a voz e o olhar dela e passou a faca em sua garganta. “Chega de conversa.” Ela afundou no travesseiro e emitiu um gemido rouco, enquanto banhava o travesseiro de sangue. Stiepan lhe deu as costas e andou pela casa, recolhendo coisas. Depois de pegar o necessário, Stiepan fumou um cigarro, sentou-se, limpou a roupa e foi embora. Achou que aquele assassinato teria sobre ele o mesmo efeito que os anteriores, porém, antes mesmo de chegar ao albergue noturno, de repente sentiu tamanho cansaço que não conseguiu mais mover nenhum membro. Deitou-se na sarjeta e ali ficou estirado o resto da noite, o dia todo e a noite seguinte.

Deitado na sarjeta, Stiepan não parava de ver à sua frente o rosto dócil, magro, assustado de Mária Semiónovna e ouvia sua voz. “Como pode?”, dizia sua voz diferente, ciciante e cheia de pena. E Stiepan revivia mais uma vez tudo o que fizera com ela. Tinha uma sensação horrível, fechava os olhos e sacudia a cabeça cabeluda para expulsar aqueles pensamentos e recordações. Por um minuto, livrava-se das recordações, mas no lugar delas vinha primeiro um demônio negro, depois outros, de olhos vermelhos, faziam caretas e todos falavam ao mesmo tempo: “Você deu cabo da mulher, então dê cabo de si mesmo também, senão nós não vamos deixar você em paz”. Ele abria os olhos e via de novo a mulher, ouvia sua voz, sentia pena dela e tinha horror e asco de si mesmo. E de novo fechava os olhos e de novo vinham os demônios.

À noite, no dia seguinte, Stiepan se levantou e foi a uma cantina. A muito custo, conseguiu chegar à cantina e começou a beber. No entanto, por mais que bebesse, não ficava embriagado. Mudo, sentado diante da mesa, bebia um copo depois do outro. Um guarda entrou na cantina.

- Quem é você? – perguntou o guarda.
- Sou aquele que ontem degolou todo mundo na casa dos Dobrotvórov.

Foi amarrado, passou um dia na delegacia e depois o levaram para a capital da província. O inspetor da prisão reconheceu nele um de seus antigos prisioneiros, um dos mais rebeldes, agora um grande criminoso, e por isso o recebeu com severidade.

– Preste atenção, não quero saber de baderna aqui – disse o inspetor, com voz ríspida, de sobrelhas franzidas e queixo empinado. – Se eu notar qualquer coisa, mato você a chicotadas. De mim, você não escapa.

- Não tenho por que escapar – respondeu Stiepan, de olhos baixos. – Eu mesmo me entreguei.
- Certo, mas comigo não tem conversa. E quando um superior está falando, você tem de olhar nos olhos – gritou o inspetor, e bateu com o punho cerrado embaixo do queixo de Stiepan.

Naquele momento, Stiepan estava vendo de novo a mulher e ouvia sua voz. Não escutava o que o inspetor lhe dizia.

- O quê? – perguntou, voltando a si, quando sentiu o murro na cara.
- Vá, vá, marche, e nada de se fazer de bobo.

O inspetor esperava tumultos, intrigas com outros presos, tentativas de fuga. Mas não houve nada disso. Quando o guarda ou o próprio inspetor espiava pela janelinha de sua porta, Stiepan estava sentado em cima de um saco cheio de palha, a cabeça apoiada nas mãos, e sempre sussurrava algo para si. Nos interrogatórios do juiz de instrução, ele também não se parecia com os demais detentos: ficava distraído, não ouvia as perguntas; mas quando as compreendia, era tão sincero que o juiz de instrução, acostumado a lutar contra a astúcia e a habilidade dos acusados, experimentava um sentimento semelhante ao que acontece quando, no escuro, no fim de uma escada, levantamos um pé para um degrau que não existe. De sobrelhas franzidas, com os olhos fixos num ponto, Stiepan contava todos os seus assassinatos da maneira mais simples e mais prática, tentando recordar todos os detalhes.

–Ele saiu – contou Stiepan o primeiro assassinato –, estava descalço, ficou na porta, bati nele, quer dizer, dei uma pancada, ele deu um grito rouco, e então fui cuidar da mulher... – E assim por diante.

Durante uma visita do promotor às celas da prisão, perguntaram a Stiepan se tinha alguma queixa e se precisava de alguma coisa. Respondeu que não precisava de nada e que não era maltratado. O promotor, depois de dar alguns passos pelo corredor fedorento, parou e perguntou ao inspetor que o acompanhava como aquele preso se comportava.

– Não canso de me admirar dele – respondeu o inspetor, satisfeito por Stiepan ter elogiado o tratamento que recebia. – Faz dois meses que está aqui, seu comportamento é exemplar. Só tenho medo de

que esteja tramando alguma coisa. É corajoso e tem uma força fora do comum.

II

No primeiro mês na prisão, Stiepan não parou de sofrer a mesma coisa: via a parede cinzenta da cela, escutava os barulhos da prisão – o rumor surdo na cela coletiva, embaixo da sua, os passos da sentinela no corredor, as batidas do relógio – e, ao mesmo tempo, via a mulher – seu olhar dócil, que o derrotou ainda na rua, quando esbarrou com ela, e seu pescoço magro, enrugado, que ele cortou, e ouvia sua voz meiga, piedosa, ciciante: “*A alma dos outros e a sua alma. Como pode fazer isso?*”. Depois a voz se calava e apareciam aqueles três demônios negros. E apareciam de qualquer jeito, estivesse ele de olhos fechados ou abertos. De olhos fechados, eles apareciam com mais nitidez. Quando Stiepan abria os olhos, eles se confundiam com as portas, as paredes e aos poucos iam sumindo, mas depois avançavam e vinham de três direções, fazendo caretas e condenando: se mate, se mate. Pode fazer um laço de força, pode tacar fogo. E então um calafrio penetrava em Stiepan e ele começava a rezar o que sabia: ave-maria, pai-nosso, e no início aquilo pareceu ajudar. Rezando, começou a se lembrar de sua vida: lembrou-se do pai, da mãe, da aldeia, do cachorro Lobinho, do trabalho na estufa, dos bancos em que ele brincava de cavalinho com os meninos, depois se lembrou das meninas e suas canções, depois se lembrou dos cavalos, se lembrou de que os cavalos foram roubados, pegaram o ladrão e ele matou o ladrão com uma pedra. E lembrou-se da primeira prisão, lembrou-se de como fugiu, lembrou-se do estalajadeiro gordo, da esposa do carroceiro, dos filhos e depois se lembrou de novo dela. E sentiu calor, tirou o roupão dos ombros, ergueu-se bruscamente da cama de palha e, como uma fera numa jaula, começou a andar para um lado e para outro em passos ligeiros, na cela pequena, dando meia-volta bruscamente ao chegar às paredes suadas e cinzentas. E rezava de novo, mas as preces já não ajudavam.

Numa das longas noites de outono, quando o vento assoviava e zunia dentro das chaminés, Stiepan, cansado de percorrer a cela, sentou-se na cama e sentiu que não podia mais lutar, que os demônios tinham vencido, e se submeteu a eles. Fazia tempo que observava o cano de ventilação da estufa. Se amarrasse nele uns barbantes finos ou umas tiras finas de pano, não ia soltar. Mas era preciso montar aquilo com astúcia. E se lançou ao trabalho e em dois dias fez tiras de pano arrancadas do saco em que dormia (quando o guarda entrava, Stiepan cobria a cama de palha com o roupão). Amarrou as tiras com nós duplos, para não soltarem e para aguentarem o peso do corpo. Enquanto fazia os preparativos, não sofria. Quando tudo ficou pronto, fez o laço mortal, pôs no pescoço, subiu na cama e se enforcou. Mas bem na hora em que a língua saía da boca, as tiras se romperam e ele caiu. Com o barulho, veio o guarda. Chamaram o enfermeiro e o levaram para o hospital. No dia seguinte, estava plenamente recuperado, foi retirado do hospital e instalado não numa cela isolada, mas numa cela coletiva.

Na cela coletiva, ele vivia com vinte homens como se estivesse sozinho, não olhava para ninguém, não falava com ninguém e continuava atormentado. Sofria mais quando todos estavam dormindo, pois ficava acordado e, como antes, via a mulher, ouvia sua voz, depois apareciam de novo os demônios negros, com seus olhos terríveis, e o atormentavam.

De novo, como antes, ele rezava e, como antes, as preces não ajudavam.

Certa vez, quando, depois de rezar, a mulher apareceu de novo, Stiepan começou a rezar por ela, por sua alma querida, para que ela o libertasse, o perdoasse. E quando, quase de manhã, desabou sobre o saco amarrotado, Stiepan adormeceu profundamente e, no sonho, a mulher, com seu pescoço magro, enrugado e cortado, apareceu diante dele.

– Então, vai perdoar?

Ela o fitou com seu olhar dócil e nada disse.

– Vai perdoar?

E assim ele perguntou três vezes. Mas ela, apesar de tudo, nada disse. E Stiepan acordou. A partir daí, sentiu-se mais leve, pareceu recuperado, observou ao redor e pela primeira vez tomou a iniciativa de se aproximar de seus camaradas de cela e conversar com eles.

III

Na mesma cela de Stiepan, estava Vassíli, preso de novo por roubo e condenado à deportação, bem como Tchúiev, também condenado ao degredo. Vassíli, o tempo todo, ou cantava canções com sua voz bonita ou contava suas aventuras aos camaradas. Por sua vez, Tchúiev trabalhava, costurando roupas ou lençóis, ou lia o Evangelho e os Salmos.

Quando Stiepan perguntou por que tinha sido deportado, Tchúiev explicou que o haviam deportado por causa da verdadeira fé cristã, porque os popes impostores do espírito não suportavam ouvir as pessoas que viviam segundo o Evangelho e que os desmascaravam. E quando Stiepan perguntou qual era a verdadeira lei do Evangelho, Tchúiev explicou que a lei do Evangelho é não rezar para deuses feitos com as mãos, e sim orar no espírito e na verdade. E contou como tinham aprendido aquela fé verdadeira com um alfaiate pobre, na hora em que faziam a divisão da terra.

– Mas e aqueles que fizeram coisas ruins, o que será deles? – perguntou Stiepan.

– Tudo está dito.

E Tchúiev leu:

– “Quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os anjos santos com Ele, então se assentará no trono da Sua glória e serão reunidas em Sua presença todas as nações e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à Sua direita e os cabritos à Sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à Sua direita: ‘Vinde, benditos de Meu Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a criação do mundo: pois tive fome e me destes de comer; tive sede e Me destes de beber; era forasteiro e Me acolhestes, estive nu e vós Me vestistes, doente e Me visitastes, preso e viestes Me ver’. Então os justos Lhe responderão: ‘Senhor, quando foi que Te vimos com fome e Te alimentamos, com sede e Te demos de beber? Quando foi que Te vimos forasteiro e Te acolhemos ou nu e Te vestimos? Quando foi que Te vimos doente ou preso e fomos Te ver?’. Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes’. Em seguida, dirá aos que estiverem à Sua esquerda: ‘Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome e não Me destes de comer. Tive sede e não Me destes de beber. Fui forasteiro e não Me acolhestes. Estive nu e não Me vestistes, doente e preso, e não Me visitastes’. Então, também eles responderão: ‘Senhor, quando foi que Te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não Te servimos?’. E ele responderá com estas palavras: ‘Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a Mim que o deixastes de fazer’. E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mateus, xxv, 31-46).

Vassíli, que havia sentado no chão de frente para Tchúiev e escutara a leitura, balançou a bela cabeça em sinal de aprovação.

– Está certo – exclamou, em tom resolutivo. – Vão para o castigo eterno, seus malditos, que não deram de comer a ninguém e devoraram tudo sozinhos. Assim que deve ser. Agora, me dê aqui, vou ler um pouco – acrescentou, desejando se gabar de sua leitura.

– Sei, mas será que não vai haver perdão? – perguntou Stiepan, que tinha ouvido a leitura calado, com a cabeça cabeluda voltada para baixo.

– Espere um instante, fique quieto – disse Tchúiev para Vássili, que já começava a falar dos ricos, que não tinham dado de comer ao forasteiro nem tinham visitado o preso. – Espere aí – repetiu Tchúiev, folheando o Evangelho. Quando achou o que procurava, Tchúiev alisou a folha de papel com a mão grande e forte, que tinha ficado branca na prisão.

– “Eram conduzidos também dois malfeitores para serem executados com ele”, quer dizer, com Cristo – explicou Tchúiev. – “Chegando ao lugar chamado Caveira, lá o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: ‘Pai, perdoa-os: não sabem o que fazem’. [...] O povo permanecia lá, a olhar. Os chefes, porém, zombavam e diziam: ‘A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo, o escolhido de Deus’. Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhe vinagre, e diziam: ‘Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo’. E havia uma inscrição acima dele: ‘Este é o Rei dos judeus’. Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: ‘Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós’. Mas o outro, ao contrário, o repreendia dizendo: ‘Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal’. E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino’. E Jesus lhe disse: ‘Em verdade, eu te digo, hoje mesmo estarás comigo no Paraíso’ ” (Lucas, XXIII, 32-43).

Stiepan nada disse e ficou sentado, pensativo, como se escutasse, mas já sem nada ouvir do que Tchúiev lia.

“Então aí está o que é a fé verdadeira”, pensou. “Só vai se salvar quem deu de comer e beber aos pobres, quem visitou os encarcerados, e irá para o inferno quem não fez isso. E mesmo assim o bandido se arrependeu na cruz e foi para o Paraíso.” Ele não via nisso nenhuma contradição, ao contrário, uma coisa confirmava a outra: o fato de os piedosos irem para o paraíso e os impiedosos, para o inferno significava que todos tinham de ser piedosos, e o fato de Cristo ter perdoado o bandido significava que Cristo também era piedoso. Tudo aquilo era absolutamente novo para Stiepan; apenas ficou surpreso por aquilo tudo ter ficado escondido dele, até então. E passava todo o tempo livre em companhia de Tchúiev, perguntando e escutando. E, quando escutava, entendia. Revelou-se para Stiepan que o significado geral de toda a doutrina residia no fato de que todos eram irmãos, era preciso amar uns aos outros, ter piedade uns dos outros, e que então tudo passaria a correr bem. E quando escutava, como se fosse algo conhecido que esquecera, assimilava na mesma hora tudo que confirmava o significado geral dessa doutrina e deixava passar, sem dar atenção, aquilo que não a confirmava, atribuindo tal fato à sua falta de compreensão.

E a partir dessa época, Stiepan se tornou outro homem.

IV

Mesmo antes, Stiepan Pelaguêiuchkin já era um homem humilde, mas ultimamente vinha impressionando o inspetor, os guardas e os camaradas da prisão com a mudança que sofrera. Sem que ordenassem, mesmo fora de seu turno, executava as tarefas mais árduas, entre elas a limpeza das privadas. No entanto, apesar de sua resignação, os companheiros o respeitavam e temiam, cientes de sua firmeza e de sua grande força física, sobretudo após o incidente em que dois vagabundos atacaram Stiepan, que quebrou o braço de um deles e os rechaçou. Os vagabundos tinham inventado de ganhar dinheiro no jogo à custa de um jovem prisioneiro rico e tomaram tudo que ele possuía. Stiepan intercedeu em seu favor e tomou de volta o dinheiro que os dois haviam ganhado no jogo. Os vagabundos xingaram Stiepan, depois o agrediram, mas ele venceu os dois. Quando o inspetor quis saber o motivo da briga, os vagabundos explicaram que Pelaguêiuchkin tinha batido neles. Stiepan não se justificou e aceitou com resignação o castigo, que consistiu em três dias na solitária e depois a transferência para uma cela individual.

A cela individual foi penosa para ele, porque o separava de Tchúiev e do Evangelho e, além disso, ele temia que as visões da mulher e dos demônios voltassem. Mas não teve visões. Toda a sua alma estava repleta de um conteúdo novo, alegre. Ficaria contente com seu isolamento, se pudesse ler e se tivesse um Evangelho. Até podiam lhe dar o Evangelho, só que ele não sabia ler.

Criança, começara a aprender a ler à maneira antiga: ave, bola, casa, mas, por causa da dificuldade de aprender, não passou do beabá, não houve jeito de entender a formação das sílabas e ficou analfabeto. Mas então resolveu aprender e pediu a um guarda o Evangelho. O guarda trouxe e Stiepan se lançou ao trabalho. Identificava as letras, mas não conseguia combiná-las. Por mais que se esforçasse para entender como as letras formavam palavras, não chegava a lugar nenhum. Ficava acordado à noite, pensando o tempo todo, não tinha vontade de comer e, como uma praga, a tristeza tomou conta de Stiepan, a tal ponto que não conseguia se livrar dela.

- Mas como assim, até agora não conseguiu? – perguntou o guarda, um dia.
- Não.
- Você sabe o pai-nosso?
- Sei.
- Então leia. Está aqui – e o guarda mostrou o pai-nosso no Evangelho.

Stiepan começou a ler o pai-nosso, comparando as letras que conhecia com os sons que já sabia. E de repente se revelou para ele o mistério da formação das sílabas e Stiepan começou a ler. Foi uma grande alegria. E desde então passou a ler, e o sentido que aos poucos ressaltava das palavras, soletradas com tanto esforço, ganhava um significado ainda maior.

O isolamento, agora, já não o oprimia e sim o alegrava. Estava sempre tomado por sua tarefa e não ficou contente quando o levaram de novo para a cela coletiva, a fim de abrir vagas para presos políticos recém-chegados.

v

Agora, já não era Tchúiev, mas Stiepan quem lia o Evangelho na cela, e enquanto alguns presos cantavam músicas obscenas, outros escutavam a leitura de Stiepan e seus comentários. Dois homens sempre o escutavam em silêncio e com atenção: Makhórkin, carrasco, homicida, condenado a trabalhos forçados, e Vassíli, preso por roubo e aguardando julgamento, que se encontravam na mesma prisão. Desde o dia em que foi para a prisão, Makhórkin exerceu seu ofício duas vezes, em ambas teve de viajar, pois no local não acharam quem executasse o que os juízes haviam sentenciado. Os camponeses que mataram Piotr Nikoláitch foram julgados por uma corte marcial e dois deles foram condenados à morte por enforcamento.

Makhórkin foi convocado para ir a Pienza a fim de exercer seu ofício. Em ocasiões anteriores, nesses casos, ele imediatamente escrevia – sabia ler e escrever muito bem – um documento para o governador em que explicava que recebera ordens para exercer seu ofício e por isso pedia às autoridades da província que lhe designassem uma verba destinada à alimentação durante a viagem; no entanto, dessa vez, para surpresa do diretor da prisão, Makhórkin comunicou que não ia para Pienza e não ia mais exercer o ofício de carrasco.

- E as chicotadas, esqueceu? – gritou o diretor da prisão.
- Tanto faz, com chicotada ou sem chicotada, não tem lei que mande matar.
- O que é isso, agora está igual ao Pelaguêiuchkin? Achou um profeta na prisão? Tome cuidado.

VI

Enquanto isso, Mákhin, o ginasião que havia ensinado a falsificar o cupom, tinha terminado o ginásio e se formado em direito na universidade. Graças a seu sucesso com as mulheres e em especial com a amante de um antigo camarada do ministro, foi nomeado juiz de instrução, ainda muito jovem. Não honrava dívidas, seduzia mulheres, jogava de modo contumaz, porém era hábil, sagaz, tinha boa memória e sabia conduzir bem seu trabalho.

Era juiz de instrução na mesma comarca onde Stiepan Pelaguêiuchkin estava sendo julgado. Ainda no primeiro interrogatório, Stiepan o deixou admirado com suas respostas simples, justas e serenas. De modo inconsciente, Mákhin sentiu que aquele homem à sua frente, preso em correntes e de cabeça raspada, que dois soldados trouxeram, vigiavam e iam levar de volta para o cárcere, era um homem totalmente livre e de uma estatura moral inacessivelmente superior à sua. Por isso, ao interrogá-lo, Mákhin não parava de se encorajar e reunir forças a fim de não se confundir nem se desorientar. O que o impressionava era o fato de Stiepan falar de seus atos como de coisas muito antigas, que não diziam respeito a ele de modo nenhum, mas a outra pessoa.

– E você não teve pena deles? – perguntou Mákhin.

– Não tive pena. Na época, eu não entendia.

– Bem, e agora?

Stiepan sorriu com tristeza.

– Agora, nem se tacassem fogo em mim eu faria aquilo.

– Por quê?

– Porque entendi que todos são irmãos.

– Então eu também sou seu irmão?

– Claro.

– Como pode? Sou seu irmão e estou condenando você a trabalhos forçados?

– É porque não entende.

– O que eu não entendo?

– Se está julgando, não entende.

– Bem, vamos prosseguir. Depois você foi para onde?...

O que mais impressionou Mákhin foi saber, por meio do inspetor, da influência de Pelaguêiuchkin sobre o carrasco Makhórkin, que, mesmo sob o risco de ser castigado, se recusou a exercer seu ofício.

VII

Numa festa na casa dos Ierópkin, onde moravam duas moças ricas e em idade de casar – ambas cortejadas por Mákhin –, depois de cantarem romanças, em que Mákhin se destacou por sua musicalidade – acompanhava ao piano e fazia uma segunda voz linda –, ele contou de modo fiel e detalhado – tinha excelente memória –, e com absoluta indiferença, o encontro com o estranho criminoso que havia convertido um carrasco. Mákhin era capaz de lembrar e transmitir tudo muito bem justamente porque era sempre de uma indiferença absoluta a respeito das pessoas com as quais lidava no trabalho. Não penetrava nem sabia penetrar no estado espiritual dos outros e por isso conseguia recordar tão bem tudo que acontecia com as pessoas, o que faziam, o que diziam. Porém Pelaguêiuchkin despertou seu interesse. Mákhin não penetrou em sua alma, no entanto, não podia deixar de se fazer uma pergunta: o que havia na alma dele? Como não achava resposta, mas sentia que era algo interessante, relatou o caso todo naquela festa: a conversão do carrasco, as histórias do inspetor sobre o comportamento estranho de Pelaguêiuchkin, como lia o Evangelho e como era forte sua influência sobre os camaradas de prisão.

Todos se interessaram pelo relato de Mákhin e, mais que todos, a caçula Liza Ierópkin, de dezoito

anos, que acabara de concluir o curso do instituto e de se dar conta da obscuridade e do acanhamento das condições ilusórias em que tinha sido criada e, como quem sobe à superfície da água, sorvia sofregamente o ar fresco da vida. Passou a interrogar Mákhin, pediu detalhes sobre como e por que ocorreu tamanha transformação com Pelaguêiuchkin, e Mákhin contou o que ouvira de Stiepan sobre o último assassinato e como a resignação, a humildade e o destemor da mulher bondosa em face da morte, a última pessoa assassinada por ele, venceram Stiepan, abriram seus olhos, e depois a leitura do Evangelho fez o resto.

Naquela noite, Liza demorou muito para dormir. Já havia meses que nela se travava uma luta entre a vida mundana, para a qual a irmã a atraía, e a paixão por Mákhin, misturada com o desejo de corrigi-lo. Agora, esta última prevalecia. Já tinha ouvido falar da mulher assassinada. Mas agora, depois daquela morte horrível e do relato de Mákhin a partir das palavras de Pelaguêiuchkin, Liza passou a conhecer em detalhes a história de Mária Semiónovna e ficou impressionada com tudo que soube a respeito dela.

Liza sentiu uma tremenda vontade de ser como Mária Semiónovna. Era rica e temia que Mákhin a cortejasse por causa do dinheiro. Resolveu distribuir sua propriedade e falou sobre isso com Mákhin.

Mákhin ficou satisfeito com a oportunidade de demonstrar desinteresse e disse a Liza que a amava não pelo dinheiro e que aquela decisão generosa, assim parecia a ele, o comovia. Enquanto isso, teve início uma luta entre Liza e sua mãe (a propriedade pertencera ao pai), a qual não aceitava a partilha da propriedade. E Mákhin ajudou Liza. E quanto mais agia assim, mais ele compreendia aquele mundo de aspirações espirituais que via em Liza, um mundo muito diferente e, até então, totalmente estranho para ele.

VIII

Na cela, tudo ficou em silêncio. Stiepan estava deitado em sua cama de palha e ainda não dormia. Vassíli se aproximou, puxou seu pé e piscou o olho, num sinal para que levantasse e viesse para perto dele. Stiepan desceu da cama e chegou perto de Vassíli.

- Escute, irmão – disse Vassíli. – Faça um trabalhinho para mim, me dê uma ajuda.
- Que ajuda?
- Quero fugir.

E Vassíli revelou para Stiepan que tinha tudo pronto para fugir.

– Amanhã, vou arrumar confusão com eles – e apontou para os que estavam deitados. – Vão me acusar. Vão me transferir para cima e lá eu já sei o que fazer. Só queria que você soltasse a argola do ferrolho da porta do necrotério.

- Dá para fazer. Mas para onde você vai?
- Sei lá, qualquer lugar. Afinal, não tem gente ruim de sobra?
- É, sim, irmão, só que não cabe a nós julgar.
- Sei, mas por acaso eu sou algum assassino? Não tirei a vida de ninguém. Roubar? O que é que tem de ruim? Eles não vivem roubando a gente?
- O problema é deles. Vão ter de responder por isso.
- Mas a gente tem de ficar vendo isso de bico fechado? Olhe, já roubei uma igreja. Prejudicou alguém? Agora o que quero fazer não é roubar uma vendinha qualquer, mas pôr mão no tesouro mesmo e depois distribuir. Para as pessoas boas.

Então um dos presos se levantou um pouco na cama de palha e ficou escutando. Stiepan e Vassíli se separaram.

No dia seguinte, Vassíli fez o que queria. Começou a reclamar do pão, disse que estava mofado,

atçou todos os presos a chamar o inspetor e fazer a reclamação. O inspetor veio, repreendeu todos e, ao saber que o causador de tudo tinha sido Vassíli, mandou levá-lo para o confinamento, numa cela solitária, no andar superior.

Era tudo que Vassíli queria.

IX

Vassíli conhecia a cela do andar superior, para onde foi levado. Conhecia o chão e, assim que chegou lá, tratou logo de rebentar o piso. Quando conseguiu se enfiar por baixo do piso, soltou algumas tábuas do teto do andar de baixo, onde ficava o necrotério, e pulou. Naquele dia, no necrotério, havia um cadáver sobre a mesa. Ali mesmo no necrotério ficavam os sacos de palha para fazer os colchões. Vassíli sabia e aquilo já estava em seus planos. A argola do ferrolho da porta tinha sido solta e estava só encostada. Vassíli saiu pela porta e entrou no banheiro em construção, no final do corredor. Dentro do banheiro, havia um buraco que ligava o terceiro andar à parte de baixo, ao porão. Depois de tatear até achar a porta, Vassíli voltou para o necrotério, tirou o pano que cobria o cadáver, frio como gelo (tocou na mão dele ao tirar o pano), depois pegou sacos, amarrou-os com nós para formar uma corda e levou essa corda de sacos para o banheiro; lá, amarrou a ponta a uma viga e desceu, agarrado à corda improvisada. A corda não alcançava o chão. Se faltava pouco ou muito, ele não sabia, mas não havia o que fazer: Vassíli ficou pendurado e saltou. Machucou o pé, mas conseguiu andar. No porão, havia duas janelas. Daria para pular, mas havia uma grade de ferro. Seria preciso arrancá-la. Com o quê? Vassíli começou a procurar, tateando. No porão, havia pedaços de tábuas. Achou um pedaço com ponta fina e, com ele, começou a arrancar os tijolos que seguravam a grade. Trabalhou muito tempo. Os galos já cantavam pela segunda vez e a grade resistia. Por fim, um lado soltou. Vassíli enfiou o pedaço de tábua por baixo e empurrou com força, a grade se soltou inteira, mas um tijolo caiu e fez barulho. As sentinelas poderiam ouvir. Vassíli ficou imóvel. Tudo era silêncio. Ele subiu na janela. Saiu. Para fugir, tinha de passar para o outro lado do muro. No canto do pátio, havia um anexo. Tinha de subir no anexo e, de lá, pular o muro. Precisava levar o pedaço de tábua. Sem isso, não poderia subir. Vassíli voltou. De novo saiu pela janela com o pedaço de tábua e ficou quieto, atento aos passos da sentinela. Como ele havia calculado, a sentinela estava caminhando pelo outro lado do pátio. Vassíli foi até o anexo, apoiou-se na tábua, subiu. A tábua escorregou, caiu. Vassíli estava de meias. Tirou as meias para firmar melhor os pés, apoiou de novo a tábua, trepou nela e se segurou numa calha com a mão. “Vamos lá, não solte, aguente.” Ele se apoiou firme na calha e o joelho tocou no telhado. Chega a sentinela. Vassíli se deita e fica parado. A sentinela não vê e se afasta de novo. Vassíli dá um pulo. O ferro trepida embaixo de seus pés. Mais um passo, dois, aí está o muro. É fácil alcançar o muro com a mão. Uma mão, a outra, estica-se todo e está em cima do muro. Agora é só não se ferir, ao pular. Vassíli se vira, pendurado nas mãos, se estica, solta uma das mãos, a outra – “Deus me abençoe!”. Está no chão. E a terra é mole. As pernas não quebraram e ele corre.

Num subúrbio, Malânia abre a porta e ele se enfia embaixo de um cobertor quente, feito de retalhos e saturado do cheiro de suor.

X

Grande, bonita, sempre tranquila, sem filhos, carnuda, como uma vaca que não tem filhotes, a esposa de Piotr Nikoláitch viu pela janela como mataram seu marido e o arrastaram para algum lugar no campo.

Diante daquele massacre, o sentimento de horror que Natália Ivánovna experimentou (era o nome da viúva de Piotr Nikoláitch), como sempre acontece, foi tão forte que sufocou todos os outros sentimentos. Quando a multidão sumiu por trás da cerca do jardim e o rumor das vozes cessou, e quando Malânia, a criada deles, veio correndo, descalça, de olhos arregalados e, como se fosse algo alegre, deu a notícia de que tinham matado Piotr Nikoláitch e levado o corpo para um barranco, por trás do sentimento de horror outro sentimento começou a se delinear: a alegria da libertação de um déspota de olhos cobertos por óculos escuros que por dezenove anos manteve Natália na escravidão. Ela mesma se horrorizou com aquele sentimento, não o confessava nem a si mesma, muito menos o revelava a quem quer que fosse. Quando lavaram o corpo amarelo, peludo e desfigurado, o vestiram e colocaram no caixão, ela se horrorizou, chorou e soluçou. Quando veio o juiz de instrução encarregado de casos importantes e, como juiz de instrução, interrogou Natália, ela viu ali mesmo, no gabinete do juiz de instrução, dois camponeses acorrentados, acusados de serem os principais culpados. Um, já velho, de barba comprida, branca e encaracolada, tinha o rosto tranquilo, severo e bonito; o outro era de origem cigana, não era velho, tinha olhos negros e brilhantes e cabelos desgrenhados e crespos. Ela declarou o que sabia, reconheceu nos dois as pessoas que primeiro seguraram os braços de Piotr Nikoláitch e, apesar do mujique que parecia cigano, e que a fitava com os olhos radiantes por baixo das sobrancelhas agitadas, dizer em tom de censura: “Isso é pecado, patroa! Ah, vamos morrer”, apesar disso, ela não teve nenhuma pena deles. Ao contrário, no interrogatório, cresceu dentro dela um sentimento de hostilidade e o desejo de vingar-se dos assassinos do marido.

Mas quando, um mês depois, o processo foi transferido para uma corte marcial e decidiram condenar oito homens a trabalhos forçados e outros dois, o velho de barba branca e o cigano moreno, como o chamavam, a morrer na forca, ela teve uma sensação desagradável. No entanto, sob a influência da solenidade do tribunal, aquela dúvida desagradável logo passou. Se a autoridade suprema reconhecia que era necessário, então devia ser bom.

A execução tinha de ocorrer na aldeia. E, no domingo, ao voltar da missa, de vestido novo e sapatos novos, Malânia comunicou à patroa que estavam construindo uma forca, que esperavam a chegada do carrasco de Moscou na quarta-feira e que as famílias dos condenados choravam sem parar e seus gritos eram ouvidos em toda a aldeia.

Natália Ivánovna não saía de casa para não ver a forca nem o povo e só desejava uma coisa: que o que tinha de acontecer terminasse o mais rápido possível. Só pensava em si e não nos condenados nem em suas famílias.

XI

Na terça-feira, o comissário de polícia rural, conhecido de Natália Ivánovna, foi à sua casa. Natália Ivánovna ofereceu vodca e cogumelos em conserva, feitos por ela mesma. Depois de tomar vodca e comer um pouco, o policial avisou que a execução do dia seguinte não ia ocorrer.

– Como? Por quê?

– É uma história surpreendente. Não conseguiram arranjar um carrasco. Havia um em Moscou, só que ele, meu filho me contou, deu para ler muito o Evangelho e disse: “Não posso matar”. O próprio carrasco já está condenado a trabalhos forçados por assassinato, mas agora, de repente, não pode matar, nem de forma legal. Disseram a ele que ia ser chicoteado. “Podem chicotear”, respondeu, “eu não posso fazer isso.”

Natália Ivánovna ficou vermelha de repente, e até suou com o pensamento que lhe veio à cabeça.

– E agora não é possível lhes dar o perdão?

- Perdoar como, se o tribunal condenou? Só o tsar pode perdoar.
 - Mas como o tsar vai ficar sabendo?
 - Eles têm direito de pedir indulto.
 - Mas estão sendo enforcados por minha causa – disse a tola Natália Ivánovna. – E eu perdoou.
- O comissário de polícia riu.
- Então peça o indulto.
 - Pode?
 - Na verdade, pode.
 - Mas agora ainda dá tempo?
 - Pode mandar um telegrama.
 - Para o tsar?
 - Claro, pode mandar para o tsar.

A notícia de que o carrasco se recusava a executar a pena e preferia sofrer um castigo a matar causou de repente uma reviravolta na alma de Natália Ivánovna, e o sentimento de angústia e horror que algumas vezes quisera se manifestar veio à tona e tomou conta dela.

- Meu caro Filip Vassílievitch, escreva o telegrama para mim. Quero pedir o indulto ao tsar.

O comissário balançou a cabeça.

- Será que isso não vai nos trazer problemas?
- Mas eu sou a responsável. Nem vou falar do senhor.

“Que mulher bondosa”, pensou o comissário. “Boa mulher. Quem dera a minha fosse assim, seria um paraíso, e não o que é agora.”

E o comissário escreveu o telegrama para o tsar: “A Vossa Alteza Imperial, o Soberano Imperador. Súdita fiel de Vossa Alteza Imperial, viúva do assessor colegiado Piotr Nikoláitch Sventútski, morto por camponeses, prostrando-se aos sagrados pés” (esse trecho agradou em especial ao comissário, na hora em que redigia) “de Vossa Alteza Imperial, suplico o indulto para os camponeses tal e tal, condenados à morte em tal província, em tal distrito, em tal concelho, em tal aldeia”.

O telegrama foi enviado pelo próprio comissário e a alma de Natália Ivánovna ficou alegre e bem-disposta. Tinha a impressão de que, se ela, viúva do assassinado, perdoava e pedia perdão, o tsar não podia deixar de perdoar também.

XII

Liza Ierópkina vivia num estado de constante exaltação. Quanto mais avançava no caminho da vida cristã que havia se revelado para ela, mais convencida ficava de que aquele era o caminho da verdade e mais alegre ficava sua alma.

Agora tinha dois objetivos imediatos: o primeiro era converter Mákhin, ou melhor, como dizia consigo, devolver Mákhin a si mesmo, à sua natureza bondosa e bela. Liza o amava e, à luz de seu amor, se revelou para ela, na alma de Mákhin, o elemento divino, comum a todas as pessoas; no entanto, naquele fundamento da vida, comum a todas as pessoas, Liza enxergava uma bondade, uma ternura e uma elevação próprias apenas a ele. O outro objetivo de Liza era deixar de ser rica. Queria livrar-se da propriedade para testar Mákhin, mas também pelo bem da própria alma – queria agir assim para seguir as palavras do Evangelho. Começou a distribuir os bens, mas o pai a impediu e, mais do que o pai, uma multidão avassaladora de pessoas que, pessoalmente ou por carta, lhe faziam pedidos. Então ela resolveu se dirigir a um *stárets*⁶ famoso por sua vida santa, pedir que ficasse com o dinheiro dela e o usasse como achasse necessário. Ao saber disso, o pai se irritou e, numa conversa ríspida com a filha, chamou-a de

louca, psicopata e disse que ia tomar medidas para protegê-la de si mesma, pois estava louca.

A reação irritada e furiosa do pai contagiou Liza e, antes que tivesse tempo de se controlar, ela desatou a chorar com rancor e insultou o pai com rudeza, chamou-o de déspota e até de interesseiro.

Pediu desculpas ao pai, ele disse que não ia se zangar, mas ela viu que, no fundo, o pai estava ofendido e não a perdoava. Liza não quis falar do assunto com Mákhin. A irmã, enciumada de Mákhin, se afastou dela por completo. Liza não tinha com quem dividir seu sentimento, ninguém para se confessar.

“Tenho de me confessar a Deus”, disse consigo e, como estavam na Quaresma, resolveu jejuar e, na confissão, contar tudo ao padre confessor e pedir seu conselho sobre como devia agir.

Perto da cidade, havia um mosteiro onde morava o *stárets* famoso pelo modo como vivia, pelos ensinamentos, profecias e curas atribuídas a ele.

O *stárets* recebeu uma carta do velho Ierópkin, que o prevenia da visita da filha e de seu estado anormal, perturbado, e expressava a convicção de que o *stárets* a levaria para o caminho da verdade – o meio-termo de ouro, a vida da bondade cristã, sem transgressão dos padrões vigentes.

Cansado após atender muita gente, o *stárets* recebeu Liza e começou a incutir nela a moderação, a obediência aos padrões vigentes e aos pais. Liza ouviu calada, ruborizou-se e suou, mas quando o monge terminou, ela, com lágrimas nos olhos, começou a falar, primeiro com timidez, aquilo que Cristo tinha dito: “Abandona o pai e a mãe e Me segue”. Depois, animando-se cada vez mais, fez uma exposição completa da maneira como entendia o cristianismo. O *stárets*, de início, chegou a sorrir e respondeu com os ensinamentos habituais, mas depois se calou e começou a suspirar, apenas repetindo: “Ah, meu Deus”.

– Muito bem, venha se confessar amanhã – disse ele e lhe deu a bênção com a mão enrugada.

No dia seguinte, o *stárets* ouviu sua confissão, prosseguiu a conversa da véspera e lhe deu a absolvição, depois de proibi-la, sem mais explicações, de dispor livremente de seus bens.

A pureza, a plena dedicação à vontade de Deus e o fervor da moça impressionaram o *stárets*. Fazia tempo que ele desejava renunciar ao mundo, mas o mosteiro exigia que continuasse em atividade. Aquela atividade gerava receitas para o mosteiro. E ele concordava, embora sentisse vagamente toda a falsidade de sua posição. Fizeram dele um santo, um milagreiro, mas era um homem fraco, seduzido pelo sucesso. E a alma daquela moça, ao se revelar para ele, havia também revelado ao *stárets* sua própria alma. E ele viu como estava longe do que desejava ser e daquilo que seu coração almejava.

Pouco depois da visita de Liza, ele se isolou num retiro e só três semanas depois foi à igreja, celebrou a missa e fez um sermão, em que se confessou arrependido, denunciou que o mundo vivia em pecado e conclamou o mundo ao arrependimento.

De duas em duas semanas, fazia um sermão. E cada vez mais gente vinha ouvir seus sermões. Sua fama de pregador se propagava mais e mais. Havia em seus sermões algo especial, corajoso, sincero. E por isso ele produzia um efeito tão forte nas pessoas.

XIII

Enquanto isso, Vassíli fazia tudo que queria. À noite, com seus camaradas, penetrou na casa de Krasnopúzov,⁷ um ricaço. Vassíli sabia que o homem era avarento e devasso, subiu ao seu escritório e pegou trinta mil rublos. E Vassíli fez o que queria. Até parou de beber e deu dinheiro para noivas pobres. Arranjou casamentos, saldou as dívidas das pessoas, e tudo sem aparecer. A única preocupação era distribuir bem o dinheiro. Dava até propina para a polícia. E não o procuravam.

Seu coração estava alegre. E quando, apesar de tudo, foi preso, ele riu e se gabou no julgamento, disse que “o dinheiro do barrigudo estava mal empregado, o homem nem sabia quanto tinha, mas eu botei o dinheiro em circulação e, com ele, ajudei pessoas boas”.

Sua defesa foi tão bem-humorada e simpática que os jurados quase o absolveram. Foi condenado à deportação.

Ele agradeceu e, de antemão, avisou que ia fugir.

XIV

O telegrama de Sventítskaia para o tsar não teve nenhum efeito. Na comissão de indulto, de início, resolveram que nem iam apresentar o pedido ao tsar, mas depois, durante um almoço com o soberano, quando começaram a falar sobre o caso de Sventítski, o diretor da comissão, presente ao almoço, informou que havia um telegrama da esposa da vítima.

– *C'est très gentil de sa part*⁸ – disse uma das damas da família do tsar.

O soberano suspirou, encolheu os ombros com as dragonas e disse:

– É a lei. – E ofereceu a taça, na qual o lacaio da corte serviu um vinho Mosela espumante.

Todos fingiram ficar admirados com a sabedoria das palavras do soberano. E não se falou mais do telegrama. E os dois mujiques – o velho e o jovem – foram enforcados, com a ajuda de um carrasco tártaro, enviado de Kazan, um assassino cruel, que praticava sexo com animais.

A velha quis vestir o corpo de seu velho com uma camisa branca, perneiras brancas e botas novas, mas não deixaram e os dois foram enterrados na mesma cova, fora do cemitério.

– A princesa Sófia Vladímirovna me contou que ele é um pregador admirável – disse, um dia, a mãe do soberano, antiga imperatriz, para seu filho. – *Faites le venir. Il peut prêcher à la cathédrale.*⁹

– Não, é melhor na igreja do palácio – respondeu o soberano, e mandou convidar o *stárets* Issidor.

Na igreja do palácio, estavam todos os generais. O novo e extraordinário pregador era um acontecimento.

Apareceu um velhinho grisalho, magricela, lançou um olhar para todos: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. E começou.

De início, foi bom, mas depois piorou. “*Il devenait de plus en plus agressif*”,¹⁰ como disse mais tarde a imperatriz. Ele censurou todos com veemência. Falou sobre as execuções. E atribuiu a necessidade de execuções a um mau governo. Será que num país cristão era possível matar pessoas?

Todos se entreolharam e a todos preocupava apenas a inconveniência e o fato de aquilo desagradar ao soberano, porém ninguém disse nada. Quando Issidor falou “Amém”, o metropolita se aproximou dele e o chamou ao seu gabinete.

Depois da conversa com o metropolita e o procurador-geral, mandaram o velhinho imediatamente de volta para um mosteiro, não o seu e sim para o de Suzdal, onde o padre Mikhail era o superior e o diretor-geral.

XV

Todos fingiram que nada de desagradável havia acontecido no sermão de Issidor e ninguém falava do assunto. O tsar tinha a impressão de que as palavras do *stárets* não haviam deixado nenhum vestígio nele, porém, ao longo do dia, se lembrou duas vezes da execução dos camponeses, cujo indulto Sventítskaia tinha pedido num telegrama. Durante o dia, houve uma parada, depois um passeio, depois a audiência com os ministros, depois o jantar e, à noite, o teatro. Como de costume, o tsar adormeceu assim que baixou a cabeça no travesseiro. Durante a noite, foi perturbado por um sonho terrível: no campo, estavam forcas, delas pendiam cadáveres, os cadáveres estavam com a língua de fora e as línguas se esticavam

cada vez mais. E alguém gritou: “É obra tua, é obra tua”. O tsar acordou suado e começou a pensar. Pela primeira vez, começou a pensar na responsabilidade que pesava sobre ele e todas as palavras do velhinho voltaram à sua memória...

No entanto só muito vagamente via em si um homem e não conseguia se dedicar às exigências simples de um homem, por causa das exigências que, de todos os lados, eram feitas ao tsar; e admitir que as exigências de um homem eram mais necessárias do que as exigências de um tsar estava além de suas forças.

XVI

Cumprida a segunda pena na prisão, Prokófi, aquele rapaz atrevido, orgulhoso e vaidoso, saiu de lá como um homem completamente arruinado. Sóbrio, ficava sentado sem fazer nada e, por mais que o pai o repreendesse, Prokófi comia, não queria trabalhar e além disso tentava furtar qualquer coisa na taberna, para poder beber. Ficava sentado, tossia, escarrava e cuspiam. O médico que ele foi consultar auscultou seu peito e balançou a cabeça.

- Irmão, você precisa daquilo que não tem.
- É sempre assim, todo mundo sabe.
- Tome leite, não fume.
- Está na época do jejum e lá em casa não tem vaca.

Certa vez, na primavera, não conseguia dormir, estava angustiado, queria beber. Em casa, não tinha nada para tomar. Pôs o chapéu e saiu. Andou pela rua, chegou à casa dos padres. O ancinho do sacristão estava do lado de fora, encostado na cerca. Prokófi foi até lá, apoiou o ancinho nas costas para levá-lo à taverna de Petrovna. “Quem sabe ela me dá uma garrafinha.” Mal havia saído quando o sacristão apareceu no alpendre. Já estava bem claro, ele viu que Prokófi estava levando seu ancinho.

- Ei, o que está fazendo?

Apareceu mais gente, pegaram Prokófi, levaram para a cadeia. O juiz de paz o condenou a onze meses de prisão.

Era outono. Levaram Prokófi para o hospital. Ele tossia e o peito se rasgava todo. Não conseguia se esquentar. Os que eram mais fortes não tremiam, apesar de tudo. Mas Prokófi tremia dia e noite. O inspetor mandara fazer economia de lenha e por isso só iam acender as lareiras do hospital em novembro. O corpo de Prokófi doía muito, porém o que mais doía era sua alma. Tudo lhe dava nojo e ele tinha ódio de todos: do sacristão, do inspetor, porque não acendia a lareira, do guarda, do vizinho de leito, que tinha o beijo inchado e vermelho. Também sentia ódio do novo condenado a trabalhos forçados que tinham levado para lá. O condenado era Stiepan. Estava com erisipela na cabeça, tinha sido transferido para o hospital e colocado no leito vizinho ao de Prokófi. No início, Prokófi teve ódio dele, mas depois passou a gostar muito de Stiepan, a tal ponto que a coisa que esperava com mais ansiedade era a hora de poder conversar com ele. Só depois da conversa a angústia no coração de Prokófi amainava.

Stiepan sempre falava com todos sobre seu último assassinato e como aquilo o havia afetado.

- Não começou a gritar nem nada – dizia Stiepan. – Ela disse: “Pode degolar. Não é de mim, mas de você que tenho pena”.
- Claro, todo mundo sabe, tirar a vida de alguém é horrível, uma vez eu também tive de degolar um carneiro e não gostei nada. Eu não matei ninguém, mas em compensação esses miseráveis acabaram comigo. Não fiz mal a ninguém...
- Isso vai contar a seu favor.

– É? Onde?

– Como onde? E Deus?

– Uma coisa que ninguém vê; irmão, eu não acredito... penso assim, a gente morre... o capim cresce. E mais nada.

– Como pode pensar isso? Quanta gente matei, enquanto ela, afetuosa, só ajudava as pessoas. Como é que você pode achar que eu e ela vamos ficar juntos? Não, espere só...

– Então você acha que a gente morre e a alma fica?

– Claro. É verdade.

A morte de Prokófi foi penosa, ele sufocava. Mas na última hora, de repente, ficou aliviado. Chamou Stiepan.

– Bem, irmão, adeus. Já se vê que chegou minha morte. Eu tinha medo, mas agora, tudo bem. Só quero que não demore.

E Prokófi morreu no hospital.

XVII

Enquanto isso os negócios de Ievguiéni Mikháilovitch estavam cada vez piores. A loja foi hipotecada. As vendas não andavam. Na cidade, tinham aberto outra loja, estavam cobrando dele os juros. Era preciso pegar um empréstimo a juros outra vez. E acabou que a loja e todas as mercadorias foram levadas a leilão. Ievguiéni Mikháilovitch e a esposa correram para todo lado, mas em nenhum lugar conseguiram os quatrocentos rublos necessários para salvar o negócio.

Tinham uma pequena esperança no comerciante Krasnopúzov, cuja amante era conhecida da esposa de Ievguiéni Mikháilovitch. Mas àquela altura todo mundo na cidade sabia que tinham roubado uma grande soma de dinheiro de Krasnopúzov. Diziam que tinham roubado meio milhão.

– E sabe quem foi que roubou? – perguntou a esposa de Ievguiéni Mikháilovitch. – O Vassíli, nosso antigo zelador. Dizem que agora ele anda jogando esse dinheiro fora por aí e comprou até a polícia.

– Era um sem-vergonha – disse Ievguiéni Mikháilovitch. – Lembra como ele cometeu o crime de perjúrio com a maior calma do mundo? Eu nunca ia imaginar.

– Dizem que veio aqui nos fundos de nossa casa. A cozinheira disse que veio. Contou que ele arranjou dinheiro para catorze noivas pobres casarem.

– Sei, eles vivem inventando história.

Naquele momento, um velho estranho, com um casaco curto e esfarrapado, entrou na loja.

– O que quer?

– Uma carta para o senhor.

– De quem?

– Está escrito aqui.

– Mas não é para responder? Espere um pouco.

– Não posso.

E o homem estranho, depois de entregar o envelope, foi embora afobado.

– Que esquisito!

Ievguiéni Mikháilovitch rasgou o envelope grosso e não acreditou nos próprios olhos: notas de cem rublos. Quatro. O que é isso? E também uma carta, cheia de erros de ortografia, para Ievguiéni Mikháilovitch: “No Evangelho está dito para pagar o mal com o bem. Você me fez muito mal com o cupom e eu tive de prejudicar o mujiquezinho, mas tenho pena de você. Tome aqui quatro catarinas e se

lembre de seu zelador Vassíli”.

– Não, isso é espantoso – disse Ievguiéni Mikháilovitch, para a esposa e para si. E quando se lembrava ou falava disso com a esposa, as lágrimas vinham aos olhos e sua alma se alegrava.

XVIII

Na prisão de Suzdal, havia catorze religiosos, quase todos presos por desvio da ortodoxia; para lá foi mandado também Issidor. O padre Mikhail tratou Issidor conforme o documento que havia recebido e, sem conversar com ele, mandou que ficasse isolado numa cela solitária, como se fosse um grande criminoso. Na terceira semana de permanência de Issidor na prisão, o padre Mikhail fez a visita a todos os detentos. Ao entrar na cela de Issidor, perguntou:

– Precisa de alguma coisa?

– Preciso de muita coisa, mas não posso falar disso na frente dos outros. Dê a mim uma chance de falar com você a sós.

Os dois se fitaram nos olhos e Mikhail entendeu que não tinha o que temer. Mandou que levassem Issidor à sua cela e, quando ficaram sozinhos, disse:

– Pronto, fale.

Issidor caiu de joelhos.

– Irmão! – disse Issidor. – O que está fazendo? Tenha piedade de si. Pois não existe ninguém pior do que você, ofendeu tudo o que é sagrado...

Um mês depois, Mikhail apresentou os documentos que pediam a libertação, por arrependimento, não só de Issidor como de outros sete presos, e pediu para ficar em retiro num mosteiro.

XIX

Passaram dez anos.

Mítia Smokóvnikov terminou o curso na escola técnica, era engenheiro em minas de ouro na Sibéria e ganhava um salário elevado. Teve de inspecionar uma área. O diretor mandou levar o condenado a trabalhos forçados Stiepan Pelaguêiuchkin.

– Um condenado a trabalhos forçados? Não será perigoso?

– Com ele, não tem perigo. É um homem santo. Pergunte a quem quiser.

– Então por que está aqui?

O diretor sorriu.

– Matou seis pessoas, mas é um homem santo. Eu garanto.

Então Mítia Smokóvnikov aceitou Stiepan, careca, magro, queimado de sol, e foi com ele.

No caminho, Stiepan cuidava de Smokóvnikov como se fosse seu filho, como fazia com todos, sempre que podia, e no caminho lhe contou toda a sua história. E contou como, por quê e de que ele vivia, agora.

E foi surpreendente. Mítia Smokóvnikov, que até então vivia apenas para a bebida, a comida, o baralho, o vinho, as mulheres, pela primeira vez começou a pensar na vida. E tais pensamentos não se afastavam dele e, cada vez mais, desenvolviam sua alma. Ofereceram-lhe um cargo muito mais vantajoso. Ele recusou e resolveu comprar uma propriedade com o dinheiro que possuía, casar e servir ao povo da melhor forma que pudesse.

Assim fez. Mas antes foi falar com o pai, com quem tinha relações desagradáveis por causa da família nova que o pai havia formado. Mas agora resolveu se aproximar do pai. E assim fez. O pai ficou admirado, zombou do filho, mas depois parou de acusá-lo e lembrou-se das muitas e muitas vezes em que fora culpado diante do filho.

1904

ALIOCHA GORCHOK

Aliocha era o irmão caçula. Chamavam-no de Gorchok¹ porque a mãe o mandou levar um pote de leite para a esposa do diácono e ele tropeçou e quebrou o pote. A mãe bateu nele e a garotada passou a zombar do menino, chamando-o de “pote”. Assim, Aliocha Gorchok se tornou seu apelido.

Aliocha era miúdo, magricela, orelhudo (as orelhas se abriam como asas) e narigudo. A garotada zombava:

– O nariz do Aliocha é que nem um cachorro em cima de um morrinho.

Tinha uma escola na aldeia, mas Aliocha não aprendeu a ler, pois não tinha tempo para estudar. O irmão mais velho morava na casa de um comerciante, na cidade, e Aliocha teve de ajudar o pai desde pequeno. Tinha seis anos e, com a irmãzinha pequena, já vigiava as ovelhas e as vacas no pasto e, um pouco mais crescido, começou a vigiar os cavalos de dia e também de noite. Aos doze anos, já arava a terra e guiava a carroça. Força não tinha, mas era jeitoso. Estava sempre alegre. A garotada zombava dele; Aliocha ficava calado ou ria. Se o pai ralhava, ele ficava calado e obedecia. E assim que paravam de ralar, sorria e tratava de fazer o trabalho que tinha na sua frente.

Aliocha estava com dezenove anos quando mandaram seu irmão para o Exército. E o pai pôs Aliocha no lugar do irmão, na casa do comerciante, para trabalhar de zelador. Deram a Aliocha as botas velhas do irmão, um chapéu e um casaco do pai e o mandaram para a cidade. Aliocha era só alegria com suas roupas, mas o comerciante não ficou satisfeito com o aspecto de Aliocha.

– Pensei que ia mandar um homem de verdade no lugar do Semion – disse o comerciante, olhando para Aliocha. – E você me manda esse espantalho. Para que ele serve?

– É capaz de fazer tudo, põe arreios, vai a qualquer lugar a cavalo e trabalha feito uma mula; esse jeito de caniço é só aparência. É muito forte.

– Está bem, vamos ver.

– E acima de tudo, é obediente. É doido para trabalhar.

– Vou ver o que eu faço com você. Pode ficar.

E Aliocha passou a morar com o comerciante.

A família do comerciante era pequena: a esposa e sua mãe idosa, o filho mais velho, casado e de pouca instrução, que trabalhava com o pai, e outro filho, mais instruído, que tinha terminado o ginásio e entrado na universidade, mas tinha sido expulso e morava na casa do pai, além de uma filha que cursava o ginásio.

No início, não gostaram de Aliocha – era muito mujique, se vestia mal, não tinha boas maneiras, tratava todos por “você”, mas logo se acostumaram com ele. Aliocha trabalhava ainda melhor do que o

irmão. Era mesmo obediente, mandavam Aliocha cuidar de qualquer coisa e ele fazia tudo rápido e com boa vontade, passando de um serviço para outro, sem parar. E assim como acontecia em sua casa, também na casa do comerciante empurravam todo o trabalho nas costas dele. Quanto mais coisas Aliocha fazia, mais empurravam tarefas para Aliocha. A patroa, a mãe da patroa, a filha da patroa, o filho do patrão, o administrador, a cozinheira, todos mandavam Aliocha para um lado e para outro e o obrigavam a fazer ora isso, ora aquilo. Só se ouvia: “Vai correndo, irmão”, ou: “Aliocha, arrume isso, vamos. O que foi, Aliocha, você esqueceu, é? Olhe lá, não vá esquecer, hein, Aliocha”. E Aliocha corria, arrumava, prestava atenção e não esquecia, fazia tudo depressa e sempre rindo.

Aliocha logo arreventou as botas do irmão, o patrão ralhou com ele por andar de botas com os dedos de fora e mandou comprarem botas novas para ele na feira. As botas eram novas e Aliocha se alegrou com elas, mas os pés continuavam os mesmos pés velhos de sempre e, à noite, se queixavam da canseira, e Aliocha se zangava com os pés. Aliocha tinha medo de que o pai, quando viesse pegar o dinheiro, ficasse zangado, porque o comerciante tinha descontado do seu salário o preço das botas.

No inverno, Aliocha se levantava antes do amanhecer, cortava lenha, depois varria o pátio, dava comida e água para a vaca e os cavalos. Depois apagava a estufa, limpava as botas e as roupas dos patrões, preparava os samovares, limpava, depois ou o administrador o chamava para pôr a mercadoria para fora ou a cozinheira o chamava para sovar massa de pão e limpar panelas. Depois mandavam Aliocha ir à cidade para entregar um bilhete, levar a filha da patroa ao ginásio, trazer azeite barato para a velha. “Onde você se meteu que demorou tanto, seu desgraçado?”, lhe dizia ora um, ora outro. “Para que você vai lá? Mande o Aliocha. Aliochka! Ei, Aliochka!” E Aliocha ia correndo.

Almoçava trabalhando e raramente tinha tempo para jantar com os outros. A cozinheira ralhava com ele por não chegar na hora e comer com os outros, mas tinha pena de Aliocha e guardava alguma coisa quente para ele jantar e cear. O trabalho aumentava bastante nos feriados e nos preparativos para os feriados. Aliocha se alegrava com os feriados especialmente porque, nessa ocasião, lhe davam gorjetas, bem pouco, é verdade, chegavam só a uns sessenta copeques, mesmo assim era um dinheiro seu. Podia gastar como quisesse. Já no seu salário mesmo, ele nem punha os olhos. O pai vinha, pegava o dinheiro com o comerciante e dizia para Aliocha que dali a pouco ele ia estragar as botas de novo.

Quando Aliocha juntou dois rublos com aquele dinheiro “de gorjetas”, comprou, por conselho da cozinheira, um casaco vermelho de tricô e, quando vestiu, não conseguiu parar de sorrir de satisfação.

Aliocha falava pouco e, quando falava, suas palavras eram sempre breves e entrecortadas. Quando o mandavam fazer alguma coisa ou perguntavam se podia fazer isso ou aquilo, ele sempre dizia, sem a menor hesitação:

– Para tudo tem um jeito. – E logo tratava de pôr mãos à obra e acabava fazendo.

Rezar, ele não sabia; assim que a mãe terminava de ensinar, ele logo esquecia, e mesmo assim Aliocha rezava de manhã e de noite – rezava com as mãos, fazia o sinal da cruz.

Aliocha viveu assim um ano e meio e então, na segunda metade do segundo ano, aconteceu com ele o fato mais extraordinário de sua vida. O fato foi que, para sua própria surpresa, descobriu que, entre as pessoas, além das relações que vinham da necessidade que uns têm dos outros, existia outra relação muito diferente: não era a necessidade que tem uma pessoa de que limpem suas botas, tragam as compras ou arriem o cavalo, mas sim uma relação em que uma pessoa não é nem um pouco necessária para outra, mas tem a necessidade de servir a ela, mostrar carinho por ela; e ele, Aliocha, era essa pessoa. Descobriu isso por meio da cozinheira Ustúnia. Ustúnia era órfã, jovem, tão trabalhadora quanto Aliocha. Começou a sentir pena de Aliocha e ele, pela primeira vez, sentiu que ele, ele mesmo, não seus serviços, era necessário a outra pessoa. Quando a mãe tinha pena dele, Aliocha nem notava, parecia que era assim porque tinha de ser, era a mesma coisa que ele ter pena de si mesmo. Mas de repente, agora, Aliocha via que Ustúnia era uma pessoa de fora da família, e tinha pena dele, guardava comida quentinha para ele, separava papa com manteiga, e quando ele comia e limpava o queixo nas costas da mão

fechada, ficava olhando para ele. E Aliocha olhava para ela de relance, e Ustúnia ria e ele também ria.

Era algo tão novo e tão estranho que, de início, assustou Aliocha. Ele sentiu que aquilo atrapalhava seu trabalho, a maneira de trabalhar. Mesmo assim estava contente e, quando olhava suas calças remendadas por Ustúnia, balançava a cabeça e sorria. Durante o trabalho ou na estrada, muitas vezes se lembrava de Ustúnia e dizia:

– Ai, essa Ustúnia!

Ustúnia ajudava Aliocha como podia e ele a ajudava. Ela contou para Aliocha seu destino, como tinha ficado órfã, como foi criada pela tia, como foi deixada na cidade, como o filho do comerciante lhe disse umas bobagens e como ela deu uma boa bronca no rapaz. Ustúnia adorava falar e Aliocha gostava de escutar. Ouvia dizer que, na cidade, muitas vezes acontecia de mujiques empregados nas residências casarem com as cozinheiras. E uma vez ela perguntou a Aliocha se iam casá-lo em pouco tempo. Ele respondeu que não sabia e que não tinha vontade de casar com nenhuma moça da aldeia.

– Mas, então, está de olho em quem? – perguntou Ustúnia.

– Eu podia ficar com você. Eu caso, que tal? Quer?

– Puxa, cabecinha de pote de barro, que jeito você inventou de falar – disse ela, e bateu nas costas dele com um martelinho de bater carne. – E por que eu não ia querer?

Na época do carnaval, o pai veio à cidade pegar o dinheiro. A esposa do comerciante tinha descoberto que Aleksei queria casar com Ustúnia e ela não gostou daquilo. “Fica grávida e, com um filho, para que ela vai servir?” Contou para o marido.

O patrão entregou o dinheiro ao pai de Alekséiev.

– E então, meu filho vai bem? – perguntou o mujique. – Eu disse que era obediente.

– Obediente, sim, até demais, só que inventou uma bobagem. Inventou de casar com a cozinheira.

E eu não quero saber de criados casados. Não vamos aceitar isso.

– Que burro, que burro, o que foi inventar agora – disse o pai. – Não se preocupe. Vou mandar que ele não faça nada disso.

O pai foi à cozinha, sentou-se diante da mesa e esperou o filho. Aliocha estava cuidando de seus afazeres e voltou correndo, ofegante.

– Pensei que você tinha a cabeça no lugar. O que inventou agora? – disse o pai.

– Eu? Nada.

– Como, nada? Quer casar. Vou casar você quando chegar a hora e vou casar você com a pessoa certa, e não com uma vagabunda da cidade.

O pai falou muito. Aliocha ficou parado, suspirando. Quando o pai terminou, Aliocha sorriu.

– Está bem, posso deixar para lá.

– Certo.

Quando o pai foi embora e Aliocha ficou sozinho com Ustúnia, disse para ela (Ustúnia estava atrás da porta e tinha ouvido o pai falar com o filho):

– O nosso trato não vai poder ser. Você ouviu? Ele ficou com raiva, não deixa.

Ustúnia começou a chorar, em silêncio, a cara no avental. Aliocha estalou a língua.

– A gente tem de obedecer. Claro, tem de deixar para lá.

À noite, quando a esposa do comerciante chamou Aliocha para fechar as venezianas, ela lhe disse:

– Então, obedeceu ao pai? Largou essa bobagem?

– Claro, larguei – respondeu Aliocha, riu, e na mesma hora começou a chorar.

Desde então, Aliocha não falou mais com Ustúnia sobre casamento e continuou a viver como antes.

Tempos depois, o administrador mandou Aliocha remover a neve do telhado. Ele subiu no telhado, limpou tudo, começou a soltar a neve congelada nas calhas, os pés escorregaram e ele caiu com a pá. Por azar, não caiu sobre a neve, mas em cima da porta de saída, revestida de ferro. Ustúnia e a filha da patroa foram correndo.

– Se machucou, Aliocha?

– Pois é, machuquei. Não foi nada.

Quis levantar, mas não conseguiu e começou a sorrir. Carregaram Aliocha para o quarto do zelador.

Veio um enfermeiro. Examinou e perguntou onde doía.

– Está doendo tudo, mas não é nada, não. Só que o patrão vai ficar zangado. Tem de avisar meu pai.

Aliocha ficou de cama dois dias inteiros e, no terceiro, chamaram o padre.

– Mas o que é isso? Será que você vai morrer? – perguntou Ustínia.

– E o que é que tem? Por acaso a gente vive para sempre? Um dia tem de ser – respondeu Aliocha, depressa, como sempre. – Obrigado, Ustínia, por ter pena de mim. Olhe, no final foi melhor mesmo não deixarem a gente casar, senão, no que ia dar? Agora, tudo está melhor.

Rezou com o padre só com as mãos e o coração. E dentro do coração o que estava era que assim como aqui é bom, se a gente obedece e não ofende, no outro mundo também vai ser bom.

Falou pouco. Só pedia para beber e estava admirado com alguma coisa.

Ficou admirado com alguma coisa, esticou-se e morreu.

1905

KORNEI VASSÍLIEV

I

Kornei Vassíliev tinha cinquenta e quatro anos quando foi à aldeia pela última vez. Não havia ainda nenhum fio branco nos densos cabelos encaracolados e só na parte alta da barba preta, embaixo dos olhos, havia algum grisalho. O rosto era liso e rosado, a nuca larga e robusta e todo o seu corpo forte era envolvido em gordura, por causa da vida de fartura da cidade.

Vinte anos antes, havia deixado o serviço militar e voltara do Exército com dinheiro. No início, montou uma venda, depois largou a venda e começou a negociar com gado. Viajava para a Circássia para pegar a “mercadoria” (o gado) e levava para Moscou.

Na aldeia de Gai, em sua casa de pedra com telhado de ferro, moravam a velha mãe, a esposa e dois filhos (um menino e uma menina), além de um sobrinho órfão, mudo, de quinze anos, e um empregado. Kornei casou duas vezes. A primeira esposa era fraca, doente, morreu sem filhos e ele, um viúvo já de certa idade, casou com uma bonita moça saudável, filha de uma viúva pobre de uma aldeia vizinha. Seus filhos eram da segunda esposa.

Kornei vendeu em Moscou a última “mercadoria” com tanto lucro que acumulou quase três mil rublos. Tendo sabido por um conterrâneo que, perto da aldeia dele, um proprietário arruinado estava vendendo um bosque em condições vantajosas, teve a ideia de negociar também aquela floresta. Conhecia aquele ramo de negócio, pois ainda antes do serviço militar tinha trabalhado como ajudante do administrador de um comerciante de madeira.

Na estação da estrada de ferro, onde os passageiros desembarcavam do trem para ir para Gai, Kornei encontrou um conterrâneo de Gai, o manco Kuzmá. Ele vinha de Gai para ver o desembarque de todo trem que chegava, na esperança de conseguir passageiros para seu trenó, puxado por uma péssima

parelha de pangarés peludos. Kuzmá era pobre e por isso detestava todos os ricos, especialmente o ricoço Kornei, que ele conhecia como Korníúchka.

De paletó e casaco de pele de ovelha, com uma maleta na mão, Kornei saiu no alpendre da estação e, depois de estufar a barriga, parou, bufando e olhando para os lados. Era de manhã. O tempo estava sereno, cinzento, com uma leve friagem.

– O que houve? Não achou passageiros, tio Kuzmá? – perguntou. – Não quer me levar?

– Claro, me dá um rublozinho. Eu levo.

– Por setenta copeques está feito.

– A barriga toda estufada e ainda quer tirar trinta copeques de um pobre.

– Bem, está certo, vamos lá, que seja – disse Kornei. E, colocando a mala e uma trouxa no pequeno trenó, sentou-se esparramado no banco de trás.

Kuzmá ficou na boleia.

– Muito bem. Toque os cavalos.

Deixaram os buracos em frente à estação e tomaram uma estradinha lisa.

– E então, como vão as coisas com você, não com a gente, mas com você, na aldeia? – perguntou Kornei.

– De bom, tem pouca coisa.

– Ah é? E a minha velha está viva?

– A velha está viva, sim. Outro dia mesmo estava lá na igreja. Sua velha está vivinha. E também a sua jovem patroa. Ela andou fazendo das suas. Contratou um empregado novo.

E Kuzmá deu uma risada esquisita, foi o que pareceu a Kornei.

– Que empregado? O que houve com o Piotr?

– Piotr ficou doente. Ela contratou o Evstúgniei Biéli, de Kamienka – disse Kuzmá –, quer dizer, da sua própria aldeia.

– Mas como? – perguntou Kornei.

Ainda no tempo em que Kornei casou com Marfa, as mulheres já falavam de Evstúgniei.

– Pois é, Kornei Vassílich – disse Kuzmá. – A mulherada hoje em dia manda e desmanda.

– Nem me fale! – exclamou Kornei. – E a sua velha ficou bem grisalha – acrescentou, querendo mudar de assunto.

– Eu mesmo não sou mais jovem. Que nem o patrão – exclamou Kuzmá em resposta às palavras de Kornei, e deu uma lambada no cavalinho castrado, peludo e de perna torta.

No caminho, havia uma estalagem. Kornei mandou parar e entrou. Kuzmá conduziu os cavalos para um coche vazio e ajeitou os arreios, sem olhar para Kornei e esperando que ele o chamasse.

– Vem cá, tio Kuzmá – disse Kornei, saindo para o alpendre. – Vem tomar um copinho.

– Claro, já vou – respondeu Kuzmá, fingindo não ter pressa.

Kornei pediu uma garrafa de vodca e levou para Kuzmá. Como não tinha comido nada desde a manhã, na mesma hora Kuzmá ficou embriagado. E assim que ficou embriagado, começou a contar para Kornei, em sussurros, inclinado para ele, o que andavam falando na aldeia. Diziam que Marfa, esposa de Kornei, tinha contratado como empregado um antigo namorado e que agora vivia com ele.

– Não é da minha conta. Mas tenho pena de você – disse Kuzmá, embriagado. – Só que não acho certo o povo ficar zombando. É claro que não têm medo do pecado. Pois esperem só, eu disse para eles. Vocês vão ver, no dia em que ele chegar. Ele não é de brincadeira, irmãos, o Kornei Vassílich, não, senhor.

Em silêncio, Kornei escutava o que Kuzmá dizia e as sobrancelhas espessas se abaixavam cada vez mais sobre os cintilantes olhos pretos como carvão.

– Então, vai dar de beber aos cavalos? – disse ele apenas, quando a garrafa ficou vazia. – Senão, é melhor seguirmos viagem.

Pagou ao dono da estalagem e foi para fora.

Chegou em casa já no pôr do sol. Primeiro, encontrou o próprio Evstúgniei Biéli, que Kornei não tinha conseguido tirar do pensamento durante toda a viagem. Kornei cumprimentou-o. Ao ver o rosto descarnado e o cabelo louro desbotado do afoito Evstúgniei, Kornei se limitou a balançar a cabeça, perplexo. “Mentiu, o cachorro velho”, pensou, tendo em mente as palavras de Kuzmá. “Mas quem vai saber? Logo vou descobrir.”

Kuzmá estava parado junto aos cavalos e piscou um olho para Evstúgniei.

- Quer dizer que está morando conosco, é? – perguntou Kornei.
- Pois é, a gente tem de trabalhar em algum lugar – respondeu Evstúgniei.
- E está aquecida a sala?
- Claro. Matviévna está lá – respondeu Evstúgniei.

Kornei subiu na varanda. Marfa, tendo ouvido vozes, foi à entrada, viu o marido, se entusiasmou, correu e o cumprimentou com um carinho especial.

- Já não aguentávamos mais de tanto esperar – disse ela, e entrou na sala, atrás de Kornei.
- E então, como passaram sem mim?
- Estamos todos como antes – respondeu ela e, segurando pela mão a filhinha de dois anos, que se agarrava à sua saia e pedia leite, foi para o vestíbulo em passadas largas e resolutas.

Kornéieva, mãe de Kornei, com olhos pretos como os dele, entrou na sala arrastando com dificuldade os pés metidos em botas de feltro.

- Obrigada por vir nos visitar – disse ela, balançando a cabeça trêmula.

Kornei explicou à mãe os negócios de que tinha ido tratar e, lembrando-se de Kuzmá, foi levar o dinheiro para ele. Assim que abriu a porta do vestíbulo, viu Marfa e Evstúgniei bem na sua frente, parados junto à porta de saída. Estavam perto um do outro e ela lhe dizia alguma coisa. Ao ver Kornei, Evstúgniei foi para fora, enquanto Marfa se aproximou para ajeitar a chaminé que estava chiando em cima do samovar.

Kornei passou por trás das costas curvadas da esposa sem dizer nada, pegou a trouxa e chamou Kuzmá para beber chá no salão. Antes do chá, Kornei distribuiu os embrulhos que trouxera de Moscou para os familiares: o xale de lã para a mãe, um livrinho com ilustrações para Fiédka, um paletozinho para o sobrinho mudo e uma estampa de vestido para a esposa.

Durante o chá, Kornei ficou sentado de sobranceiras franzidas e não falou nada. Só de vez em quando, e de má vontade, sorria, olhando para o mudo, que divertia todos com sua alegria. Não cabia em si de tanto contentamento com o paletó. Dobrava e desdobrava o paletó, vestia e beijava a própria mão, olhava para Kornei, e sorria.

Depois do chá, Kornei foi imediatamente para o cômodo onde dormia com Marfa e a filha pequena. Marfa ficou no salão para arrumar a louça. Kornei sentou-se sozinho à mesa, apoiado nos braços, e esperou. O rancor pela esposa se revolvía, cada vez mais, dentro dele. Pegou o ábaco que estava pendurado na parede, tirou do bolso um caderninho de anotações e, a fim de distrair os pensamentos, começou a fazer contas. Fazia contas olhando para a porta e ouvindo as vozes no salão.

Ouviu a porta abrir algumas vezes e alguém ir para o vestíbulo, mas nunca era ela. Por fim, ouviu os passos da esposa, a porta sacudiu, abriu e ela, corada, bonita, num xale vermelho, entrou com a menina nos braços.

– A viagem deve ter deixado você exausto – disse, sorrindo, como se não percebesse o ar sombrio do marido.

Kornei olhou para ela um momento e recomeçou a fazer contas, apesar de não ter nada para calcular.

- Já não é cedo – disse ela e, baixando a menina dos braços, foi para trás da divisória. Ele ouviu como ela arrumava a cama e punha a filhinha para dormir.

“As pessoas estão zombando”, lembrou-se das palavras de Kuzmá. “Esperem só para ver...”, pensou Kornei, controlando com dificuldade a respiração e, com um movimento vagaroso, levantou-se, enfiou um lápis roído no bolso do colete, pendurou o ábaco no prego, tirou o casaco de pele e foi na direção da divisória. Ela estava com o rosto voltado para os ícones e rezava. Ele parou, à espera. Ela se benzia demoradamente, se curvava e falava as preces num sussurro. Kornei teve a impressão de que a esposa já havia rezado todas as preces fazia muito tempo e estava repetindo de propósito. Então ela baixou a cabeça até o chão, levantou-se, sussurrou umas palavras de prece para si e virou o rosto para ele.

– A Agachka já está dormindo – disse, apontando para a menina e, sorrindo, sentou-se na cama, que rangeu.

– Evstúgniei está aqui há muito tempo? – perguntou Kornei, entrando pela porta.

Com um movimento tranquilo, ela acomodou uma trança grossa por cima do ombro e sobre o peito e, com dedos ligeiros, começou a desmanchá-la. Olhava direto para o marido e seus olhos riam.

– O Evstúgniei? Ah, quem sabe? Umás duas semanas, talvez três.

– Você vive com ele? – perguntou Kornei.

Ela soltou a trança, mas logo segurou de novo os cabelos espessos e duros e recomeçou a trançar.

– O que falta essa gente inventar? Se eu vivo com Evstúgniei? – disse ela, pronunciando de forma especialmente sonora o nome Evstúgniei. – Inventam tudo! Quem falou isso para você?

– Diga: é verdade ou não? – perguntou Kornei e, nos bolsos, cerrou os punhos vigorosos.

– Para que perder tempo com bobagens? Vai tirar as botas?

– Fiz uma pergunta – repetiu ele.

– Era só o que faltava. Eu ter interesse por Evstúgniei – disse ela. – Mas quem foi que mentiu para você?

– O que você estava falando com ele, na porta?

– O que falei? Falei que era preciso pregar o arco do barril. Mas o que deu em você para me atormentar?

– Eu ordeno: diga a verdade. Eu te mato, canalha imunda.

Agarrou-a pela trança.

Ela tirou a trança de sua mão; o rosto dela estava contraído de dor.

– Por qualquer coisa você quer logo brigar... O que foi que vi de bom em você? Não sei mais o que fazer dessa vida.

– O que fazer? – exclamou ele, avançando para ela.

– Por isso puxou minha trança? Olhe, ficou tudo bagunçado. O que deu em você? Mas é verdade que...

Não terminou de falar. Ele a segurou pelo braço, puxou-a da cama e começou a bater na cabeça, nos lados, no peito. Quanto mais batia, mais a raiva aumentava dentro dele. A esposa gritava, se defendia, queria fugir, mas ele não a soltava. A menina acordou e correu para a mãe.

– Mamãe – berrou.

Kornei agarrou a menina pelo braço, separou-a da mãe e, como se fosse um gatinho, jogou-a para o canto. A menina deu um gemido e, segundos depois, não se ouviu mais nada.

– Bandido! Matou a menina – gritou Marfa e quis ir para perto da filha.

Mas ele a agarrou de novo e bateu no peito com tanta força que ela caiu de costas e também parou de gritar. Só a menina recomeçou a gritar desesperada, sem parar para respirar.

A velha, sem xale, com os cabelos grisalhos desgrenhados, a cabeça trêmula, arrastando os pés, entrou no quarto e, sem olhar para Kornei nem para Marfa, se aproximou da neta, afogada em lágrimas de desespero, e levantou-a.

Kornei estava de pé, ofegante, e olhava em volta, como se estivesse entorpecido, sem entender onde

estava e quem estava com ele.

Marfa levantou a cabeça e, gemendo, enxugou com a blusa o rosto ensanguentado.

– Maldito desgraçado! – exclamou. – Eu vivo com Evstígniei e sempre vivi. Sim, me bata até a morte. E Agachka não é sua filha; ele é o pai – disse, falando depressa e cobrindo o rosto com o braço, à espera de uma pancada.

Mas Kornei, como se não estivesse entendendo nada, apenas fungava e olhava em volta.

– Olhe o que você fez com a menina: quebrou o braço – disse a velha, mostrando a ele o bracinho pendente e torcido para fora da menina, que não parava de dar gritos engasgados. Kornei virou-se e saiu em silêncio para o vestíbulo e depois para a varanda.

Lá fora, tudo continuava cinzento e gelado. A neve e a geada batiam nas bochechas e na testa, que queimavam. Sentou-se num degrau e comeu punhados de neve, que apanhava no corrimão. Pela porta, ouvia que Marfa gemia e a menina chorava de dar pena; depois a porta do vestíbulo se abriu e ele ouviu que sua mãe e a menina saíram do quarto, atravessaram o vestíbulo e foram para o salão. Kornei levantou-se e entrou no quarto. O lampião com quebra-luz iluminava pouco, sobre a mesa. Por trás da divisória, se ouviam os gemidos de Marfa, que aumentaram assim que ele entrou. Kornei vestiu-se calado, pegou a mala embaixo do banco, colocou suas coisas dentro dela e amarrou-a com uma corda.

– Por que me matou? Por quê? O que fez a você? – disse Marfa com voz de dar pena. Sem responder, Kornei levantou a mala e levou para a porta. – Condenado. Bandido! Espere só para ver. Acha que não vai ser preso? – exclamou ela com uma voz raivosa e muito diferente.

Sem responder, Kornei empurrou a porta com o pé e bateu-a com tanta força que as paredes tremeram.

Ao entrar no salão, Kornei voltou um pouco a si e mandou atrelar o cavalo. O mudo, que acabara de acordar, olhava espantado para o tio, com ar interrogativo, e repuxava os cabelos com as duas mãos. Tendo afinal compreendido o que queriam dele, deu um pulo, calçou as botas de feltro, o casaco de pele rasgado, pegou o lampião e foi para o pátio.

Já estava claro quando Kornei saiu pelo portão no trenó com o mudo e voltou pelo mesmo caminho que tinha feito na véspera, com Kuzmá.

Chegou à estação cinco minutos antes da partida do trem. O mudo viu como ele comprou a passagem, pegou a mala e sentou-se dentro do vagão, de cabeça baixa, e como o vagão rolou em frente e sumiu de vista.

Marfa, além das pancadas no rosto, fraturou duas costelas e partiu a cabeça. No entanto a mulher, jovem e saudável, em meio ano estava recuperada, só restaram algumas marcas das pancadas. Mas a menina ficou aleijada para sempre. Teve dois ossos do braço fraturados e o braço ficou torto.

Quanto a Kornei, desde que foi embora, ninguém nunca mais ouviu falar dele. Ninguém sabia se estava vivo ou morto.

II

Passaram dezessete anos. Era um outono nebuloso. O sol subia pouco e antes das quatro horas da tarde já estava quase escuro. O rebanho de Andréievka estava voltando para a aldeia. O pastor, depois de cumprir seu turno de trabalho, tinha ido embora e só ia voltar na véspera do jejum, e as mulheres e as crianças que estavam de serviço tocavam o gado.

Mal o rebanho saiu do restolho de aveia para a estrada grande, enlameada, de terra preta, marcada por cascos bipartidos e riscada por sulcos, seguiu rumo à aldeia, com mugidos e balidos incessantes.

Pela estrada, à frente do rebanho, ia andando um velho alto, de barba grisalha e cabelos grisalhos cacheados, num casaco caseiro e remendado, escurecido pela chuva, de chapéu grande e com um saco de couro nas costas arqueadas; só as sobrancelhas espessas eram pretas. Ele andava na lama, movendo com esforço as botas molhadas, grosseiras, arreventadas, de bico aberto, e a cada passo se apoiava num cajado de carvalho. Quando o rebanho o alcançou, o velho parou, apoiando-se no cajado. Tocando os animais, vinha uma mocinha com um pano de aniagem cobrindo a cabeça, saia arregaçada e botas de mujique, e corria de um lado da estrada para o outro em passos ligeiros, cuidando de juntar as ovelhas e os porcos que ficavam para trás. Ao passar pelo velho, parou, olhando para ele.

– Boa tarde, vovô – disse com voz sonora, fresca e jovem.

– Boa tarde, menina – respondeu o velho.

– Não vai passar a noite com a gente?

– É, parece que sim. Estou exausto – disse o velho com voz rouca.

– Vovô, não precisa ir à delegacia rural – disse a mocinha, em tom carinhoso. – Vá direto à nossa casa, a terceira isbá a partir da ponta da aldeia. Minha sogra deixa entrar pessoas de fora.

– A terceira isbá. Quer dizer, a de Zinóviev? – perguntou o velho, movendo as sobrancelhas pretas de modo expressivo.

– Ora, você conhece?

– Conheci.

– O que está fazendo, Fiéduchka, está babando... e mancando desse jeito acabou ficando para trás – gritou a mocinha, apontando para uma ovelha manca, de três patas, que tinha ficado para trás, e, erguendo uma vara na mão direita e, com o braço esquerdo torto, estranhamente baixo, prendendo o pano de aniagem sobre a cabeça, correu para trás, na direção da ovelha preta, molhada e manca.

O velho era Kornei. A moça era a própria Agachka, cujo braço ele havia quebrado dezessete anos antes. Tinha casado e trabalhava para uma família rica de Andréievka, a quatro verstas de Gai.

III

De homem forte, rico, orgulhoso, Kornei Vassíliev se tornara aquilo que era agora: um velho mendigo que não possuía nada senão as esfarrapadas roupas do corpo, uma carteira de identidade militar e duas camisas na bolsa. Toda essa transformação ocorreu de modo tão gradual que nem ele poderia dizer quando começou e quando terminou. A única coisa que sabia, e de que estava firmemente convencido, era que a culpa de sua desgraça era de sua esposa malvada. Ele achava estranho e doloroso recordar o que tinha sido antes. E quando a lembrança vinha, Kornei se lembrava com ódio daquela que ele considerava a causa de todo o mal que tinha sofrido naqueles dezessete anos.

Na noite em que espancou a esposa, ele foi à casa do senhor de terras que estava vendendo um bosque. Não pôde comprar o bosque. Já tinha sido vendido. Kornei Vassíliev voltou para Moscou e lá desandou a beber. Já bebia antes, mas dessa vez ficou duas semanas inteiras embriagado e, quando se recuperou, foi para o campo a fim de comprar gado. A compra não foi bem-sucedida e ele teve prejuízo. Viajou uma segunda vez. E a segunda compra também não deu certo. E depois de um ano, dos três mil rublos que possuía, só restavam vinte e cinco rublos e ele teve de trabalhar como empregado. Antes, já bebia, mas agora passara a beber cada vez mais.

No início, por um ano, foi administrador de um criador de gado, mas bebia demais e o patrão o demitiu. Depois, graças a um conhecido, arranjou um emprego de vendedor de vinho, mas também não ficou muito tempo. Ele se embrulhava nas contas e o mandaram embora. Tinha vergonha de voltar para casa e a raiva o dominava. “Que se virem sem mim. Além do mais, a menina nem é minha filha”, pensou.

Tudo andava de mal a pior. Sem bebida, ele não conseguia viver. Já se empregava não como administrador, mas como condutor de carro de boi, e depois nem essa obrigação ele era capaz de cumprir. Quanto pior sua situação, mais culpava a esposa e mais se inflamava a raiva que sentia contra ela.

Na última vez, Kornei se empregou de condutor de carro de boi com um patrão desconhecido. O boi se machucou. Kornei não teve culpa, mas o patrão se enfureceu e demitiu Kornei e também o administrador. Ninguém queria lhe dar emprego e Kornei resolveu caminhar sem rumo. Fez ele mesmo um bom par de botas, uma bolsa, pegou chá, açúcar, oito rublos e partiu para Kíev. Não gostou de Kíev e seguiu para o Cáucaso, para Nova Athos. Antes de chegar a Nova Athos, teve uma febre. Enfraqueceu de repente. De seu dinheiro, só restavam um rublo e setenta copeques, não havia mais ninguém que ele conhecesse e então resolveu ir para a casa do filho. “Quem sabe, talvez ela tenha morrido, a minha miserável”, pensou. “Se estiver viva, tanto melhor, pois vou lhe contar tudo o que fez comigo, para que a desalmada fique sabendo, antes da morte”, pensou, e foi para casa.

A febre o fez tremer o dia inteiro. Ficou cada vez mais fraco, já não conseguia andar mais de dez ou quinze verstas por dia. Antes de percorrer as duzentas verstas até sua casa, o dinheiro terminou e ele passou a pedir esmola e dormir na delegacia rural. “Alegre-se, veja o que fez de mim!”, pensava em dizer para a esposa e, por um costume antigo, as mãos velhas e fracas cerravam os punhos. Mas não tinha em quem bater e os punhos cerrados já não tinham força.

Percorreu as duzentas verstas em duas semanas e, muito doente e fraco, alcançou aquele lugar, a quatro verstas de casa, onde, sem a reconhecer e sem ser reconhecido, encontrou a mesma Agachka que ele achava não ser sua filha e cujo braço ele havia quebrado.

IV

Kornei fez o que Agáfia lhe disse. Ao chegar à casa de Zinóviev, foi convidado a pernoitar ali. Eles o receberam.

Ao entrar na isbá, se benzeu diante dos ícones, como sempre fazia, e cumprimentou os anfitriões.

– Está congelado, vovô! Vá, vá para perto da estufa – disse a dona da casa, velha, alegre e enrugada, encolhida junto à mesa.

O marido de Agáfia, um mujique jovenzinho, estava sentado num banco perto da mesa e ajeitava o lampião.

– Como está molhado, vovô! – disse ele. – Desse jeito, não dá. Seque aí!

Kornei tirou a roupa, as botas, pendurou as pernas junto à estufa e subiu na estufa.

Agáfia entrou com uma jarra na isbá. Já havia conseguido recolher o rebanho e preparar os animais.

– Não veio aqui um velho forasteiro? – perguntou ela. – Mandeí que viesse para cá.

– Olhe ele lá – disse o dono da casa, apontando para o alto da estufa, onde Kornei estava sentado, esfregando as pernas peludas e descarnadas.

Os anfitriões chamaram também Kornei para o chá. Ele desceu da estufa e sentou na ponta do banco. Deram a ele uma xícara e um pedaço de açúcar.

Conversaram sobre o tempo, a colheita. Não tinha como transportar o cereal do campo. Os feixes de cereal ceifado dos senhores de terras estavam dando brotos no campo. Toda vez que começavam a carregar as carroças, caía chuva de novo. Os mujiques retiraram o seu. Mas o dos senhores de terras estava apodrecendo aos montes. E nos feixes havia ratos de meter medo.

Kornei contou que, na estrada, tinha visto um campo inteiro cheio de feixes amontoados. A mocinha encheu para ele uma quinta xícara de chá amarelo e ralo e serviu.

– Não tem importância. Beba, vovô, faz bem – disse ela, em resposta à recusa dele.

– O que houve com esse seu braço defeituoso? – perguntou ele, enquanto recebia com cuidado a xícara cheia, mexendo as sobancelhas.

– Quebraram quando ainda era criança – disse a sogra, que gostava de falar. – Foi o pai dela que quis matar a nossa Agachka.

– Mas como foi isso? – perguntou Kornei. E, olhando para o rosto da mocinha, lembrou-se de repente de Evstígniei Biéli, com seus olhos azuis, e a mão que segurava a xícara tremeu tão forte que derramou metade do chá, enquanto a colocava sobre a mesa.

– Lá em Gai, havia um homem chamado Kornei Vassíliev. Era rico. Ficou chateado com a esposa. Deu uma surra na mulher e aleijou a menina desse jeito.

Kornei ficou calado, olhando ora para a dona da casa, ora para Agachka, por baixo das sobancelhas negras, franzidas, que se mexiam.

– Por quê? – perguntou ele, mordendo o torrão de açúcar.

– Quem sabe? Todo mundo fala qualquer coisa de nossa irmã, quem vai saber? – respondeu a velha. – Houve alguma coisa lá por causa de um empregado. O empregado era um bom rapaz da nossa aldeia. Ele também morreu na casa deles.

– Morreu? – perguntou de repente Kornei e tossiu.

– Morreu faz tempo... Nós trouxemos a menina para casar. Viviam bem. Eram os mais importantes no povoado. Enquanto o dono da casa morou lá.

– E o que houve com ele? – perguntou Kornei.

– Também deve ter morrido. Foi embora desde aquele tempo. Já faz uns quinze anos.

– Não sei mais nada, mamãe só me disse que depois disso parou de me amamentar.

– Mas você não ficou magoada com ele porque seu braço... – Kornei começou a perguntar e foi interrompido por soluços.

– Não, afinal é meu pai, não é nenhum estranho. Tome mais chá, está com frio. Quer que ponha mais?

Kornei não respondeu e, soluçando, chorou.

– O que você tem?

– Nada, não ligue, que Cristo nos salve.

E Kornei, com as mãos trêmulas, agarrou-se ao jirau de tábuas sobre a estufa e à coluna que as escorava e, com as pernas magras e grandes, subiu para deitar ali.

– Ora, vejam só – disse a velha para o filho, piscando o olho na direção do velho.

No dia seguinte, Kornei acordou mais cedo do que os outros. Desceu da estufa, amarrou as perneiras secas; com esforço, calçou as botas endurecidas e pôs a bolsa nas costas.

– Mas, vovô, não vai comer com a gente? – perguntou a velha.

– Deus nos salve. Vou embora.

– Então leve uma panqueca de ontem. Vou pôr na sua bolsa.

Kornei agradeceu e se despediu.

– Passe aqui quando voltar, ainda vamos estar vivos...

Do lado de fora, havia uma densa neblina de outono que encobria tudo. Mas Kornei conhecia bem o caminho, conhecia toda descida e subida, cada arbusto e todo salgueiro pela estrada, os bosques à direita e à esquerda, embora em dezessete anos tenham derrubado alguns bosques e outros se formaram dos velhos, e aqueles que antes eram novos agora tinham ficado velhos.

A aldeia de Gai estava igual a antes, só que na periferia tinham sido construídas casas novas, como antigamente não se fazia. As casas de madeira passaram a ser de tijolos. Sua casa de pedra estava igual, só que mais velha. Fazia muito tempo que não pintavam o telhado, no canto havia tijolos quebrados e o alpendre estava torto.

Na hora em que ele se aproximava de sua antiga casa, pela porteira rangente estavam saindo uma égua, um potro, um velho cavalo ruão castrado e um cavalo de três anos. O ruão velho era muito parecido com a égua prenhe que Kornei tinha trazido de uma feira, um ano antes de ir embora de casa.

“Deve ser aquele mesmo que ela trazia na barriga, na época. Tem a mesma anca meio caída, o mesmo peito largo e as pernas peludas”, pensou.

Um menino de olhos pretos, com alparcatas de palha novas, tocava os cavalos para o bebedouro. “Deve ser meu neto, o filho de Fiédka, tem os mesmos olhos pretos dele”, pensou Kornei.

O menino observou o velho desconhecido e correu atrás do potro de um ano, que dava pinotes na lama. Atrás do menino, veio um cachorro correndo, tão preto quanto o antigo Voltchok.¹

“Será o Voltchok?”, pensou. E lembrou que o cachorro teria vinte anos.

Kornei se aproximou do alpendre e, com dificuldade, subiu os degraus em que havia sentado, naquele dia, mastigando a neve do corrimão, e abriu a porta para o vestíbulo.

– Onde já se viu entrar sem pedir licença? – gritou uma voz de mulher, na isbá. Ele reconheceu a voz. E então ela própria, uma velha seca, forte, enrugada, apareceu na porta. Kornei esperava a bela e jovem Marfa que o havia ofendido. Tinha ódio dela e queria acusá-la, mas de repente, em seu lugar, na frente de Kornei, surgiu uma velha. – Para pedir esmola, fique na janela – exclamou com voz esganiçada, cortante.

– Não vim pedir esmola – disse Kornei.

– Então o que você quer? O que é?

De repente, ela ficou parada. E em seu rosto, ele viu que ela o havia reconhecido.

– Não interessa por onde andou. Vá embora, vá embora. Vá com Deus.

Kornei apoiou as costas na parede, escorando-se no cajado, olhou fixamente para a mulher e, com surpresa, sentiu que em sua alma não existia a raiva que ele havia alimentado por tantos anos, mas sim uma espécie de fraqueza comovida, que de repente o dominou.

– Marfa! Vamos morrer.

– Vá embora, vá embora, vá com Deus – disse ela, depressa, com rancor.

– Não tem mais nada a dizer?

– Não tenho nada para dizer – respondeu ela. – Vá com Deus. Vá, vá embora. Tem muitos que nem você, pobres-diabos, vagabundos, sem casa.

E voltou para dentro da isbá em passos ligeiros e bateu a porta.

– Para que brigar? – soou a voz de um mujique e, pela porta, com um machado na cintura, entrou um mujique moreno, tal como era Kornei quarenta anos antes, só que mais baixo e mais magro, porém

com os mesmos olhos pretos e brilhantes.

Era o mesmo Fiédka, a quem ele dera de presente um livro ilustrado, dezessete anos antes. Era ele que censurava a mãe por não ter pena do mendigo. Junto, também com um machado na cintura, entrou o sobrinho mudo. Agora era um homem adulto, forte, de barba rala, rosto enrugado, pescoço comprido e olhar decidido, atento e penetrante. Os dois mujiques apenas tinham ido almoçar e voltavam para o bosque.

– Espere um pouco, vovô – disse Fiódor e, para o mudo, apontou primeiro para o velho e depois para a sala e fez com a mão o gesto de cortar pão.

Fiódor foi para o lado de fora e o mudo voltou para dentro da isbá. Kornei continuava de pé, de cabeça baixa, encostado na parede e escorado no cajado. Sentia uma grande fraqueza e, com dificuldade, continha o choro. O mudo voltou da isbá com um grande pedaço de pão preto, fresco e cheiroso, fez o sinal da cruz e entregou para Kornei. Quando Kornei recebeu o pão e também fez o sinal da cruz, o mudo virou-se para a porta da isbá, passou as duas mãos pela cara e fingiu que cuspiu. Com isso, exprimiu sua desaprovação do comportamento da tia. De repente, ficou parado, a boca abriu, encarou Kornei como se o reconhecesse. Kornei não conseguiu mais reprimir as lágrimas e, esfregando os olhos, o nariz e a barba grisalha na aba do casaco, deu as costas para o mudo e saiu para o alpendre. Experimentava um sentimento estranho, comovente, arrebatador, de humildade, de humilhação, diante das pessoas, diante dela, diante do filho, diante de todo mundo, e esse sentimento rasgava sua alma, com dor e alegria.

Marfa estava olhando pela janela e só respirou sossegada quando viu o velho sumir por trás do canto da casa.

Quando Marfa se convenceu de que o velho tinha ido embora, sentou-se no tear e começou a tecer. Moveu dez vezes o mecanismo, mas as mãos não se mexiam. Ela parou e começou a pensar e se lembrar do Kornei que tinha acabado de ver – sabia que era ele –, o mesmo que a havia espancado e que antes a amava, e ela achou horrível o que havia acabado de fazer. Não fez o que era correto. Mas como devia proceder com ele? Pois afinal o homem não tinha dito que era Kornei nem que tinha voltado para casa.

E pegou de novo a lançadeira do tear e continuou a tecer, até de tarde.

VI

Mancando e com esforço, Kornei chegou a Andréievka ao anoitecer e, de novo, pediu para pernoitar na casa dos Zinóviev. Deixaram.

- O que houve, vovô? Não seguiu sua viagem?
- Não fui. Estou fraco. Vou ter de voltar. Me deixam passar a noite aqui?
- Deite onde quiser. Vá se secar.

A noite toda, Kornei tremeu de febre. Antes de amanhecer, perdeu a consciência e, quando acordou, as pessoas da casa tinham saído para cuidar de seus afazeres e, na isbá, só havia ficado Agáfia.

Kornei estava deitado no jirau, sobre o casaco seco que a velha tinha estendido para ele. Agáfia tirou o pão da estufa.

- Boa menina – chamou ele, com voz fraca. – Chegue aqui perto.
- Já vou, vovô – respondeu ela, cortando o pão. – Quer beber alguma coisa? Um *kvás*?

Ele não respondeu.

Depois de cortar o último pedaço de pão, ela se aproximou de Kornei com uma tijelinha de *kvás*. Ele não se virou para ela, não bebeu e, do jeito que estava, deitado de rosto para cima, sem se virar, começou a falar.

- Gacha – disse, em voz baixa. – Minha hora chegou. Quero morrer. Então, em nome de Cristo, me

perdoe.

– Deus vai perdoar. Você não me fez mal nenhum...

Ele ficou calado.

– Tem mais uma coisa: vá à casa de sua mãe, boa menina, e diga a ela... aquele vagabundo, por favor, diga... o vagabundo de ontem, diga a ela...

E começou a soluçar.

– Então você foi lá na nossa casa?

– Fui. Diga que o vagabundo de ontem... o vagabundo, diga... – parou de novo por causa dos soluços e, por fim, reunindo suas forças, disse: – Veio para se despedir dela – e começou a apalpar em volta do peito.

– Vou dizer, vovô, vou dizer, sim. O que está procurando? – perguntou Agachka.

O velho, sem responder, franzindo o rosto com o esforço, pegou no peito uma folha de papel, com a mão magra e peluda, e entregou para ela.

– Isto aqui, você dê a quem pedir. É minha carteira militar. Graças a Deus, todos os meus pecados estão desfeitos.

E seu rosto adquiriu uma expressão de triunfo. As sobrancelhas se levantaram, os olhos se fixaram no teto e ele ficou quieto.

– Uma velinha – disse ele, sem mover os lábios.

Agáfia entendeu. Pegou uma velinha de cera já queimada que estava junto dos ícones, acendeu e deu para ele. Kornei segurou a vela com os dedos grandes.

Agáfia se afastou para guardar a carteira militar de Kornei numa arca e, quando voltou para perto dele, a vela tinha tombado de sua mão, os olhos parados já não viam, o peito não respirava. Agáfia fez o sinal da cruz, soprou a vela, pegou uma toalha limpa e cobriu o rosto dele.

Durante toda a noite, Marfa não conseguiu dormir, pensou em Kornei o tempo todo. De manhã, vestiu uma túnica, cobriu-se com um xale e foi saber onde estava o velho da véspera. Logo soube que estava em Andréievka. Tirou um mourão da cerca, para servir de bengala, e foi para Andréievka. Quanto mais andava, mais medo sentia. “Eu e ele fazemos as pazes, trazemos para casa, acabou-se o pecado. Que possa morrer em casa, junto do filho”, pensou ela.

Quando Marfa se aproximava da casa da filha, viu uma grande multidão de gente junto à isbá. Uns estavam na entrada, outros embaixo das janelas. Todos já sabiam que o rico e famoso Kornei Vassíliev, que vinte anos antes mandava e desmandava na região, era aquele velho pobre que tinha passado a noite na casa da filha. A isbá também estava cheia de gente. As mulheres sussurravam, suspiravam e gemiam.

Quando Marfa entrou na isbá e o povo abriu caminho, ela viu ao pé dos ícones o corpo defunto lavado, arrumado, coberto, junto ao qual o alfabetizado Filip Konónitch, imitando um sacristão, lia em voz cantada as palavras dos Salmos em eslavo antigo.

Já não era possível perdoar nem pedir perdão. Mas pelo rosto velho, severo, bonito de Kornei, era impossível entender se ele perdoava ou se ainda tinha raiva.

Chegaram os dias quentes e sem vento que ocorrem em junho. As folhas na floresta estão cheias de seiva, densas e verdes, apenas aqui e ali caem umas folhas amareladas de bétula e de tília. As roseiras estão coalhadas de flores cheirosas, as campinas junto à mata estão cobertas de trevo doce, o centeio denso, viçoso, já meio maduro, ondula e ganha um tom escuro, nas várzeas os passarinhos cantam uns para os outros, no centeio e na aveia as codornizes oram chamam, ora estalam as asas, o rouxinol na floresta só de vez em quando canta uma firula e depois se cala, o calor seco torra. Nas estradas, a poeira ressecada se depositou numa camada de um dedo de espessura e se ergue numa nuvem espessa, que uma aragem fraca arrasta a esmo, ora para a direita, ora para a esquerda.

Camponeses terminam suas construções, carregam estrume em carroças, o gado passa fome na esturricada terra de pousio, à espera da nova brotação. Vacas e bezerros mugem com a cauda levantada e torcida e fogem dos vaqueiros no estábulo. A criançada vigia os cavalos nas trilhas e encruzilhadas. Mulheres trazem da mata sacos cheios de trevo, meninas e mocinhas, disputando umas com as outras, rastejam em meio aos arbustos, entre as árvores cortadas na floresta, para colher morangos, que vão vender de porta em porta nas casas de campo.

Os moradores das casas de campo, com sua arquitetura pomposa e pretensiosa, vagueiam preguiçosamente ao abrigo de sombrinhas, em trajes limpos, claros e caros, por trilhas cobertas de areia, ou sentam à sombra de árvores ou caramanchões, diante de mesinhas coloridas e, enlanguescidos pelo calor, tomam chá ou bebidas refrescantes.

Na frente da esplêndida datcha¹ de Nikolai Semiónitch, que tem torre, varanda, sacada, galerias – tudo fresquinho, novinho, limpinho –, estão uma troica e uma carruagem de posta, com guizos, que chegou da cidade trazendo um senhor de Petersburgo, ao preço de quinze “vaivém”, como diz o cocheiro.

Esse senhor é um conhecido ativista liberal, que participa de todos os comitês, comissões e petições, astutamente preparados de modo que pareçam leis ao regime, mas no fundo imbuídos das orientações mais liberais possíveis. Ele chegou da cidade onde vive, como sempre, tremendamente ocupado e vai passar só um dia na casa de um amigo, seu camarada de infância e quase seu aliado.

Os dois divergem apenas um pouco quanto aos meios de aplicar as regras constitucionais. O de Petersburgo é mais europeu, até com uma leve inclinação para o socialismo, e recebe um salário bastante alto em função das posições que ocupa. Já Nikolai Semiónitch é um puro russo, ortodoxo, com um toque eslavófilo, e possui muitos milhares de *dessiatinas* de terra.

Almoçaram no jardim uma refeição de quatro pratos, mas por causa do calor quase não comeram nada e, assim, o trabalho do cozinheiro de quarenta rublos e de seus ajudantes, que trabalharam com especial empenho para o hóspede, foi quase todo desperdiçado. Apenas tomaram umas poucas colheradas da *botvînia*² feita com salmão branco fresco, do sorvete colorido e esculpido em formato bonito, enfeitado com açúcar cristalizado e bolinhos fofos. Almoçaram juntos o hóspede, um médico liberal, o professor dos filhos – um estudante social-democrata desesperado, um revolucionário, que Nikolai Semiónitch aprendeu a manter sob controle –, Marie, esposa de Nikolai Semiónitch, e os três filhos, dos quais o menor veio só para a sobremesa.

O jantar foi um pouco tenso, porque Marie, mulher extremamente nervosa, estava preocupada com a barriga desarranjada de Goga – assim se chamava o filho caçula de Nikolai (como é comum entre pessoas respeitáveis) – e também porque, logo que teve início a conversa sobre política entre o hóspede e Nikolai Semiónitch, o estudante desesperado, desejoso de mostrar que não tinha receio de exprimir suas convicções diante de pessoa alguma, interveio na conversa, e o hóspede se manteve calado, enquanto Nikolai aplacava o revolucionário.

Jantaram às sete horas. Depois do jantar, sentaram-se na varanda, refrescando-se com Narzan³ gelada e vinho branco leve, e conversaram.

A divergência entre eles se manifestava, antes de tudo, na questão de como devia ser a eleição, em um turno ou em dois turnos, e já estavam começando a discutir com fervor quando foram chamados para o

chá na sala de jantar, protegida das moscas por uma tela. Durante o chá, conversaram sobre assuntos gerais com Marie, que não conseguiu se interessar por tal conversa, pois estava dominada pela preocupação com os sintomas do desarranjo de Goga. Falaram sobre pintura, e Marie declarou que na pintura decadentista existe um *je ne sais quoi*⁴ que é impossível negar. Naquele momento, ela não estava pensando nem um pouco na pintura decadentista, apenas dizia o que já dissera muitas vezes. O hóspede, por sua vez, não tinha nenhum interesse no assunto, mas entendeu que estavam falando contra o decadentismo e se exprimiu de maneira tão verossímil que ninguém poderia adivinhar que ele nada tinha a ver nem com o decadentismo nem com seu oposto. Já Nikolai Semiónitch, olhando para a esposa, sentiu que ela estava insatisfeita com alguma coisa e que talvez fosse fazer algo desagradável – além do mais, achava muito maçante ouvir o que a esposa dizia e que, assim lhe parecia, já tinha ouvido mais de cem vezes.

Do lado de fora da casa, acenderam lanternas e lampiões caros, de bronze, e em seguida puseram os filhos para dormir, depois que o enfermo Goga foi submetido a procedimentos médicos.

O hóspede, Nikolai Semiónitch e o médico saíram para a varanda. Um lacaios levou velas com quebra-luz e mais água mineral Narzan e, já por volta da meia-noite, teve início uma conversa a sério e animada sobre as medidas governamentais que deviam ser tomadas no momento atual, tão importante para a Rússia. Os dois não paravam de fumar, enquanto conversavam.

Fora, além dos portões da datcha, os cavalos da carruagem batiam as patas no chão e tilintavam os guizos, pois estavam sem comer, como também estava sem comer o velho cocheiro, que ora bocejava, ora roncava, e que já trabalhava havia vinte anos para o mesmo patrão e sempre mandava todo o dinheiro do salário para o irmão, em casa, exceto três ou cinco rublos, que guardava para beber. Quando em várias casas de campo os galos começaram a cantar, especialmente o galo de uma casa vizinha, que cantou mais alto e agudo, o cocheiro desconfiou que tinham se esquecido dele, desceu da carruagem e entrou na datcha. Viu que seu passageiro estava sentado, bebia alguma coisa e falava alto, em intervalos. Ficou preocupado e foi falar com o lacaios. Sentado, de libré, o lacaios dormia na antessala. O cocheiro acordou-o. O lacaios, que tinha sido servo doméstico e sustentava sua família numerosa – cinco filhas e dois filhos – com seu emprego (era um emprego lucrativo – quinze rublos de salário, além das gorjetas do patrão, que podiam chegar a cem rublos ao ano), se ergueu de um pulo e, depois de se arrumar e se sacudir, foi dizer aos senhores que o cocheiro estava preocupado e pedia que o deixassem ir embora.

Quando o lacaios entrou, a discussão estava no auge. O médico tinha se aproximado e tomava parte na conversa.

– Não posso admitir – disse o hóspede – que o povo russo tenha de seguir outro caminho de desenvolvimento. Antes de tudo, é preciso liberdade, liberdade política, essa liberdade, como é sabido por todos, é a principal liberdade, no respeito aos principais direitos das outras pessoas.

O hóspede sentiu que havia se confundido e que não era assim que se falava, mas no calor da discussão não conseguiu lembrar direito como se devia falar.

– Pois é – respondeu Nikolai Semiónitch, sem ouvir o hóspede e desejando apenas exprimir seu pensamento, que lhe agradava de modo especial. – Pois é, porém se pode chegar a isso por outro caminho, que não os votos da maioria, mas pela concordância geral. Observe as decisões do *mir*.

– Ah, lá vem você com o *mir*.

– Não se pode negar – disse o médico – que os povos eslavos têm seu olhar especial. Por exemplo, o direito polonês do *veto*. Não afirmo que isso seria melhor.

– Permitam que eu exprima toda a minha maneira de pensar – começou Nikolai Semiónitch. – O povo russo tem atributos específicos. Tais atributos...

Mas Ivan, de libré, que havia chegado com os olhos sonolentos, interrompeu:

– O cocheiro está preocupado...

– Diga a esse senhor (o hóspede de Petersburgo tratava todos os cocheiros por “senhor” e se

orgulhava disso) que irei já. E pagarei pelo tempo a mais.

– Sim, senhor.

Ivan saiu e Nikolai Semiónitch pôde expor todo o seu pensamento. Porém o hóspede e o médico já tinham ouvido aquilo vinte vezes (ou pelo menos assim lhes parecia) e começaram a refutar, sobretudo o hóspede, que usou exemplos da história. Ele conhecia história esplendidamente.

O médico estava do lado do hóspede, admirava sua erudição e estava feliz por ter tido a chance de conhecê-lo.

A conversa se prolongou tanto que, do outro lado da estrada, atrás da floresta, começou a clarear, um rouxinol acordou, mas os interlocutores continuavam a fumar e conversar, a conversar e fumar.

A conversa talvez pudesse se estender ainda mais, no entanto uma criada entrou pela porta.

A criada era uma órfã que, para se sustentar, teve de trabalhar desde cedo. No início, trabalhou na casa de um comerciante, onde o administrador a seduziu e ela deu à luz. Seu bebê morreu, ela foi trabalhar na casa de um funcionário, onde o filho, estudante do liceu, não lhe dava sossego; depois foi trabalhar na casa de Nikolai Semiónitch como ajudante de criada e se considerava feliz, porque não era mais assediada pela luxúria dos senhores e porque recebia o salário em dia. Ela veio dizer que a senhora estava chamando o médico e Nikolai Semiónitch.

“Bem, na certa há alguma coisa com o Goga”, pensou Nikolai Semiónitch.

– O que é? – perguntou ele.

– O senhor Nikolai Nikoláievitch não está passando bem – disse a criada. Nikolai Nikoláievitch e o tratamento respeitoso por ela usado referiam-se a Goga, o menino com diarreia e que tinha comido demais.

– Bem, está na hora – disse o hóspede. – Vejam como está claro. Como demoramos – disse ele, sorrindo, como se elogiasse a si e seus interlocutores por terem conversado tanto, e despediu-se.

Ivan, com as pernas cansadas, teve de correr muito tempo para encontrar e trazer o chapéu e o guarda-chuva do hóspede, que o próprio hóspede havia metido nos lugares mais despropositados. Ivan esperava ganhar uma gorjeta, mas o hóspede, sempre generoso e que não se importaria em absoluto de lhe dar um rublo, entusiasmado com a conversa, esqueceu aquilo por completo e só na estrada foi lembrar que não dera nada ao lacaio. “Bem, agora não se pode fazer nada.”

O cocheiro subiu na boleia, empunhou as rédeas, sentou-se de lado e tocou os cavalos. Os guizos tilintaram. O homem de Petersburgo viajava no balanço das molas macias e pensava nas limitações e preconceitos de seu amigo.

O mesmo pensava Nikolai Semiónitch, que não foi logo ao encontro da esposa. “É horrível essa estreiteza provinciana de Petersburgo. Não conseguem escapar disso”, pensava.

Demorou para ir ao quarto da esposa, porque agora não esperava nada de bom de tal encontro. Toda a questão eram os morangos. No dia anterior, uns meninos trouxeram morangos. Nikolai Semiónitch comprou, sem pechinchar, dois tabuleiros de morangos que ainda não estavam maduros. Os filhos vieram correndo, pediram para provar e começaram a comer direto dos tabuleiros. Marie ainda não tinha saído de casa. Quando saiu e soube que tinham dado morangos para Goga, ficou tremendamente irritada, porque a barriga do menino já estava desarranjada. Começou a recriminar o marido, e o marido, a esposa. Houve uma conversa desagradável, quase uma discussão. À noite, justamente, Goga teve diarreia. Nikolai Semiónitch achou que aquilo ia passar, mas o chamado do médico significava que o problema havia piorado.

Quando foi ao encontro da esposa, ela, num roupão de seda colorido de que gostava muito, mas no qual agora nem estava pensando, se encontrava no quarto dos filhos com o médico, os dois debruçados sobre o penico, que ela iluminava com uma vela gotejante.

De pincenê, com o olhar atento, o médico observava o penico e remexia seu conteúdo fedorento com um pauzinho.

- Sim – disse ele, com ar grave.
- Tudo por causa dos malditos morangos.
- Mas o que têm os morangos? – disse Nikolai Semiónitch, de modo tímido.
- O que têm os morangos? Você encheu o menino de morangos, eu passei a noite sem dormir e o menino agora está morrendo...

– Ora, não está morrendo – disse o médico, sorrindo. – Uma pequena dose de bismuto e cuidado. Vamos dar agora.

- Ele está dormindo – disse Marie.
- Bem, é melhor não incomodar, darei amanhã.
- Obrigado.

O médico foi embora, Nikolai Semiónitch ficou sozinho e demorou muito para acalmar a esposa. Quando ele pegou no sono, já era dia claro.

Na aldeia vizinha, naquela mesma hora, os mujiques e a criançada voltavam do turno da noite, em que vigiavam os animais no pasto. Alguns vinham sozinhos, outros traziam os cavalos pelas rédeas e, atrás, corriam os potros e os filhotes de dois anos.

Taraska Rezúnov, menino de doze anos, com um casaco de pele curto, mas sem nada por baixo, de gorro, montado numa égua malhada, puxando pelo cabresto um cavalo castrado e um potro também malhado, como a mãe, ultrapassava todos os outros e galopava pelo morro na direção da aldeia. Um cachorro preto corria alegre na frente dos cavalos, virando-se para olhar para eles. Mais atrás, o potro malhado e bem nutrido dava pinotes ora para um lado, ora para outro, com as patas brancas junto aos cascos. Taraska aproximou-se da isbá, desmontou, amarrou os cavalos na porteira e entrou no vestíbulo.

– Ei, ainda estão dormindo? – começou a gritar para as irmãs e o irmão, que dormiam no vestíbulo, sobre sacos de aniagem.

A mãe, que dormia ao lado deles, estava levantando para ordenhar a vaca.

Olguchka ergueu-se de um salto e ajeitou com as mãos os cabelos compridos e desgrenhados; já Fiédka, que dormia com ela, continuou deitado, a cabeça enfiada no casaco de pele, e apenas esfregou com o calcanhar calejado o pezinho infantil e gracioso, por baixo da manta.

A criançada tinha colhido morangos desde o fim da tarde e Taraska prometera acordar as irmãs e o irmão caçula, quando voltasse do turno da noite.

Assim fez. Durante o turno da noite, sentado embaixo de um arbusto, ele tinha caído de sono; agora estava sem sono, resolveu não dormir, e sim ir com as meninas colher morangos. A mãe lhe deu um canecão de leite. Ele mesmo cortou uma fatia de pão e sentou-se à mesa, num banco alto, e começou a comer.

Quando ele saiu, só de calça e camisa, a passos rápidos, com os pés descalços traçando pegadas bem definidas na poeira da estrada, onde já havia pegadas também de pés descalços, umas maiores, outras menores, com os dedos nitidamente estampados, as meninas já estavam muito à frente, ao longe, como pontinhos vermelhos e brancos no verde escuro do bosque. (Ao anoitecer, elas prepararam tigelas e cuias e, sem comer o desjejum e sem levar pão, fizeram o sinal da cruz duas ou três vezes no canto do oratório e saíram.) Taraska alcançou-as depois do grande bosque, na hora em que elas já deixavam a estrada.

O orvalho continuava no capim, nas moitas, até nos ramos baixos das moitas e das árvores, e os pezinhos nus das meninas logo ficaram molhados e começaram a esfriar, mas depois se aqueceram, batendo ora no capim macio, ora nas irregularidades da terra seca. Os morangueiros ficavam na área onde as árvores do bosque tinham sido cortadas. As meninas foram primeiro ao lugar onde as árvores tinham sido derrubadas no ano anterior. A brotação nova tinha acabado de nascer e, entre os arbustos

jovens e viçosos, viam-se áreas de capim baixo, onde amadureciam e se ocultavam morangos ainda rosados e esbranquiçados e, aqui e ali, já vermelhos.

As meninas, curvadas, colhiam morango após morango com as pequenas mãozinhas queimadas de sol e colocavam os piores na boca e os melhores nas cuias.

– Olguchka! Vem cá. Tem um monte de morango!

– Ah, é? Está mentindo! Ei! – gritaram as meninas umas para as outras, sem se afastar muito, enquanto iam para trás dos arbustos.

Taraska se afastou delas e foi além de uma ravina onde as árvores tinham sido cortadas havia mais de um ano e onde a brotação nova, sobretudo de noqueiras e bordos, já tinha uma altura maior do que a de uma pessoa. O capim crescia mais viçoso e espesso e, quando apareciam os morangueiros, as frutas estavam maiores e mais viçosas por baixo do capim.

– Gruchka!

– Oi!

– E se aparece um lobo?

– Que lobo, que nada! Quer me assustar. Mas eu não tenho medo – disse Gruchka e, distraída, pensando no lobo, colhia morango após morango, mas punha os melhores na boca e não na cuia.

– Olhe, o nosso Taraska foi para o outro lado da ravina. Ta-raaas-ka!

– Oi, estou aqui! – respondeu Taraska, do outro lado da ravina. – Venham cá.

– Vamos, sim, lá tem mais.

E as meninas desceram a borda da ravina, segurando-se nos arbustos, e subiram para o outro lado, se agarrando aos galhos, e lá, debaixo do sol, logo toparam com uma clareira de capim miúdo, totalmente abarrotada de morangos. As duas ficaram caladas e trabalharam sem parar, com as mãos e com os lábios.

De repente, algo passou em disparada e, no meio do silêncio, no capim e nos arbustos, ressoou um barulho que lhes pareceu aterrador.

Gruchka caiu de medo e entornou da cuia metade dos morangos.

– Mãezinha! – gritou ela, esganiçada, e desatou a chorar.

– É uma lebre, uma lebre! Taraska! É uma lebre, olha – gritou Olguchka, apontando para o dorso cinzento amarronzado e com orelhas, que cintilava no meio dos arbustos. – O que deu em você? – perguntou Olguchka para Gruchka, depois que a lebre sumiu.

– Pensei que fosse um lobo – respondeu Gruchka e, de repente, logo depois do susto e das lágrimas de desespero, deu uma gargalhada.

– Como é boba.

– Puxa, morri de medo! – disse Gruchka, soltando um riso tilintante como uma sineta.

Colheram morangos e foram adiante. O sol já havia subido e, com raios brilhantes, coloria a vegetação de manchas e sombras e cintilava nas gotas do orvalho, no qual as meninas se molhavam agora até a cintura.

As meninas já estavam quase no fim do bosque, continuaram a colher morangos, cada vez mais longe, na esperança de que, quanto mais longe, mais morangos houvesse, quando ouviram, de vários pontos, gritos de meninas e mulheres que tinham saído mais tarde, também para colher morangos.

Na hora do almoço, a caneca e o pote já estavam pela metade, quando as meninas se juntaram à tia Akulina, que também tinha ido pegar morangos. Atrás da tia Akulina, um menino barrigudo, só de camisa e sem gorro, muito miúdo, mancava nas perninhas tortas e gorduchas.

– Ele se agarrou em mim – disse Akulina às meninas, segurando o menino nos braços. – E eu não tinha com quem deixar.

– E a gente, que levou o maior susto com uma lebre. Que barulho ela fez... que medo...

– É mesmo? – disse Akulina e baixou o menino dos braços.

Depois de falar assim, as meninas deixaram Akulina e continuaram seus afazeres.

– Vamos sentar aqui – disse Olguchka, sentando à sombra de um espesso arbusto de avelãs. – Estou cansada. Eh, a gente não trouxe nem um pãozinho, agora bem que eu gostaria de comer.

– Também estou com vontade – disse Gruchka.

– Por que a tia Akulina está gritando desse jeito? Está ouvindo? Ei, tia Akulina!

– Olguchka-a-a-a! – respondeu Akulina.

– O que foi?

– O menino não está com vocês? – gritou Akulina, atrás das ramagens.

– Não.

Mas então os arbustos sacudiram e, por trás dos galhos, surgiu a própria tia Akulina, com a saia levantada acima dos joelhos e um saco na mão.

– Não viram o menino?

– Não.

– Mas que desgraça! Michka-a-a-a!

– Michka-a-a-a!

Ninguém respondeu.

– Ah, que infelicidade, ele se perdeu. Vai acabar entrando no bosque grande.

Olguchka se levantou depressa e foi, com Gruchka, procurar num lado, enquanto tia Akulina foi para o outro. Não pararam de chamar Michka em voz alta, mas ninguém respondia.

– Estou morta de cansaço – disse Gruchka, e parou, mas Olguchka gritava o tempo todo e andava ora para a direita, ora para a esquerda, olhando para os lados.

A voz desesperada de Akulina se ouvia ao longe, no bosque grande. Olguchka já queria parar de procurar e voltar para casa, quando, num arbusto mais espesso, perto de um cepo de tília que começava a brotar de novo, ela ouviu o trinado insistente, nervoso e irritado de um passarinho, na certa com filhotes, aborrecido com alguma coisa. O passarinho, pelo visto, estava com medo e algo o irritava. Olguchka olhou por trás do arbusto, envolto por um capim espesso e alto, com flores brancas, e bem embaixo dele viu um montinho azulado, que não parecia nenhum tipo de capim do bosque. Parou e olhou bem. Era Michka. Era com ele que o passarinho estava irritado e assustado.

Deitado em cima da barriga gorducha, as mãozinhas cruzadas embaixo da cabeça, as perninhas tortas e rechonchudas esticadas, Michka dormia docemente.

Olguchka gritou chamando a mãe, acordou o menino e lhe deu um morango.

E depois, por muito tempo, a todos que encontrava – a mãe, o pai, os vizinhos –, Olguchka contava como tinha procurado e encontrado o caçula de Akulina.

O sol já estava alto, por trás do bosque, e abrasava a terra e tudo que nela havia.

– Olguchka! Vamos tomar banho! – As meninas chamaram Olga para ir com elas. E todas, numa grande roda, foram cantando para o rio. Dando gritos esganiçados, se molhando e batendo os pés na água, as meninas nem notaram que uma nuvem baixa e preta se aproximava do lado oeste, o sol ora brilhava, ora ficava encoberto, soprava um aroma de flores e de folhas de bétula e começavam a ressoar trovões espaçados. As meninas nem tiveram tempo de se vestir quando a chuva desabou e as deixou ensopadas até os ossos.

Com as blusas escurecidas e coladas ao corpo, as meninas voltaram correndo para casa, comeram e levaram o jantar para o pai, que estava no campo, plantando batata.

Quando voltaram e jantaram, as blusinhas já estavam secas. Depois de selecionar os morangos e colocar em tigelas, levaram para a datcha de Nikolai Semiónitch, onde pagavam bem; mas, dessa vez, não quiseram.

Marie, sentada embaixo de uma sombrinha, numa grande cadeira estofada, entorpecida pelo calor, ao ver as meninas com morangos, sacudiu o leque na direção delas.

– Não precisa, não precisa.

Mas Vália, o filho mais velho, de doze anos, que relaxava dos esforços excessivos do liceu clássico e que estava jogando críquete com vizinhos, ao ver os morangos, se aproximou de Olguchka e perguntou:

– Quanto é?

Ela disse:

– Trinta copeques.

– Está caro – respondeu ele. E disse “está caro” porque era assim que os adultos sempre falavam.

– Espere, dê a volta pelo outro lado – disse ele e correu para a babá.

Enquanto isso, Olguchka e Gruchka admiravam o globo espelhado que enfeitava o jardim e no qual se viam pequeninas casas, bosques, jardins. Aquele globo e muitas outras coisas não eram tão surpreendentes para elas, porque já esperavam as coisas mais espantosas do mundo dos senhores, para elas misterioso e incompreensível.

Vália correu para a babá e lhe pediu trinta copeques. A babá disse que bastavam vinte, pegou o dinheiro numa bolsinha e entregou a ele. O menino, dando a volta para evitar o pai, que tinha acabado de se levantar, depois da noite penosa da véspera, e fumava e lia os jornais, entregou as moedinhas às meninas e, depois de entornar os morangos num prato, se atirou a eles.

De volta para casa, Olguchka desatou com os dentes o nó do lenço em que tinha guardado as moedinhas e entregou-as para a mãe. A mãe escondeu o dinheiro e levou a roupa para lavar no riacho.

Já Taraska, que tinha plantado batatas com o pai desde a hora do almoço, estava dormindo à sombra de um carvalho espesso e escuro, onde o pai também estava sentado, vigiando o cavalo meio tonto, livre do arado, que pastava na divisa da terra do vizinho e a qualquer momento podia entrar na plantação de aveia ou no pasto do outro.

Na família de Nikolai Semiónitch, tudo estava como de costume. Tudo corria normalmente. O café da manhã de três pratos estava pronto, as moscas já se serviam dele fazia tempo, mas ninguém aparecia, porque não tinham vontade de comer.

Nikolai Semiónitch estava satisfeito com a justiça de suas opiniões, confirmada pelo que tinha acabado de ler nos jornais. Marie estava calma, porque Goga tinha evacuado normalmente. O médico estava satisfeito, porque os procedimentos aplicados por ele deram resultado. Vália estava satisfeito, porque havia comido um prato inteiro de morangos.

1905

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DO STÁRETS FIÓDOR KUZMITCH

[Morto no dia 20 de janeiro de 1864 na Sibéria, perto de Tomsk, nas terras do comerciante Khrómov.]

Ainda em vida do *stárets* Fiódor Kuzmitch,¹ que chegou à Sibéria em 1836 e viveu em vários lugares durante vinte e sete anos, corriam a seu respeito boatos estranhos: de que ele escondia o nome e o título, de que ele não era outra pessoa senão o imperador Alexandre I; depois de sua morte, os boatos se espalharam mais ainda e ganharam força. E não só pessoas do povo como também da alta sociedade, e até da família imperial, durante o reinado de Alexandre III, acreditavam que ele, na verdade, era Alexandre I. O sábio Childer, historiador do reinado de Alexandre I, também acreditava nisso.

A causa dos boatos era que, em primeiro lugar, Alexandre morrera de forma totalmente inesperada, não havia sofrido nenhuma doença grave antes de morrer; em segundo lugar, havia morrido longe de todos, num lugar bastante obscuro, Taganrog; em terceiro lugar, quando foi colocado no caixão, os que o

viram disseram que ele havia mudado tanto que era impossível reconhecê-lo e por isso o cobriram e não o mostraram a ninguém; em quarto lugar, Alexandre, repetidamente, disse e escreveu (com frequência maior ainda no final da vida) que só desejava uma coisa: livrar-se de sua condição e fugir do mundo; em quinto lugar – uma circunstância pouco conhecida –, na descrição protocolar do corpo de Alexandre I, estava dito que as costas e as nádegas eram vermelhas e roxas, o que nunca poderia acontecer no corpo muito bem tratado do imperador.

No que diz respeito a acharem que justamente Kuzmitch era um disfarce de Alexandre, o motivo era que, em primeiro lugar, na estatura, na constituição física e nas feições, o *stárets* era tão parecido com o imperador que as pessoas (os camaristas da corte chamavam Alexandre de Kuzmitch) que viam Alexandre e seus retratos encontravam entre os dois uma semelhança impressionante, além de terem a mesma idade e a mesma curvatura característica; em segundo lugar, Kuzmitch, que se via como uma espécie de andarilho que não se lembrava da origem familiar, sabia línguas estrangeiras e, por todas as suas maneiras, pela afabilidade imponente, revelava um homem habituado à mais alta esfera da sociedade; em terceiro lugar, o *stárets* jamais revelou a ninguém seu nome verdadeiro e sua posição social, todavia, em certas expressões que, sem querer, deixava escapar transparecia a imagem de um homem que, no passado, estivera acima dos demais; em quarto lugar, antes da morte, ele destruiu alguns papéis, dos quais restou uma folha com estranhos sinais cifrados e as iniciais A e P.; em quinto lugar, apesar de toda a devoção, o *stárets* nunca jejuava e confessava. Quando um bispo o visitou e quis convencê-lo a cumprir o dever cristão, o *stárets* disse:

– Se, na confissão, eu contasse a verdade sobre mim, o céu ficaria surpreso; se eu contasse quem sou, a terra ficaria surpresa.

Todas essas suposições e dúvidas deixaram de ser dúvidas e ganharam veracidade após a descoberta das memórias de Kuzmitch. Essas memórias são as seguintes. Começam assim:

I

Deus proteja o inestimável amigo Ivan Grigóievitch² por este refúgio encantador. Não mereço suas atenções e a misericórdia divina. Aqui, estou tranquilo. Vem menos gente e estou sozinho com minhas lembranças criminosas e com Deus. Tentarei tirar proveito da solidão a fim de contar minha vida em detalhes. Ela pode ser instrutiva às pessoas.

Nasci e passei quarenta anos de minha vida entre as mais horríveis tentações e não só não me opunha a elas como me deleitava com elas, me deixava seduzir e seduzia os outros, pecava e obrigava a pecar. Mas Deus se voltou para mim. E toda a sordidez de minha vida, que eu tentava justificar e mesmo lançar sobre os outros, por fim se revelou para mim em todo o seu horror e Deus me ajudou a me libertar não do mal – ainda estou repleto de mal, embora o combata –, mas da cumplicidade com ele. Que tormentos espirituais padeci e o que se passou em minha alma, quando entendi toda a minha depravação e a necessidade de redenção (não a fé na redenção, mas a verdadeira redenção dos pecados por meio dos próprios sofrimentos), isso eu contarei em seu devido lugar. Agora vou descrever apenas meus atos propriamente ditos, como consegui escapar de minha situação, deixando para trás, em lugar do meu cadáver, o cadáver de um soldado que eu havia torturado até a morte, e depois passarei a descrever minha vida, desde o início.

Minha fuga começou assim. Em Taganrog, eu vivia na mesma loucura em que vivi todos aqueles últimos vinte e quatro anos. Eu, grande criminoso, assassino do pai, assassino de centenas de milhares de pessoas em guerras de que eu fui a causa, devasso abominável, malfeitor, acreditava no que diziam de mim, me considerava o salvador da Europa, o benfeitor da humanidade, de uma perfeição excepcional,

un hereux hasard,³ como eu mesmo dizia para *Madame* de Staël. Eu me considerava assim, mas Deus não me abandonou de todo e a voz da consciência, que não dorme, não parava de me roer. Para mim, tudo era ruim. Todos eram culpados. Só eu era bom e ninguém entendia isso. Voltei-me para Deus, rezei ora ao Deus ortodoxo com Fóti, ora ao católico, ora ao protestante com Parrot, ora ao dos iluminados com Madame Krudener,⁴ mas eu só me voltava para Deus diante das pessoas para que elas gostassem de mim. Eu desprezava todos, mas a opinião dessas mesmas pessoas que eu desprezava era aquilo que mais me importava no mundo e eu vivia e agia só por conta de sua opinião. Ficar sozinho era um horror. Horror ainda maior era ficar com ela, minha esposa. Tacanha, falsa, caprichosa, malévola, tuberculosa e toda fingimento, ela, mais do que qualquer outra coisa, intoxicava minha vida. *Nous étions censés*⁵ viver nossa nova *lune de miel*,⁶ mas foi um inferno sob uma capa de decência, uma farsa e um horror.

Certa vez, me senti mais sórdido do que o comum: na véspera, tinha recebido uma carta de Araktchéiev sobre o assassinato de sua amante. Descrevia-me seu desgosto desesperado. E que grande surpresa: sua bajulação constante, mais que bajulação, sua dedicação verdadeiramente canina, que começara ainda no tempo de meu pai, quando nós, escondidos da vovó, juramos lealdade a ele, essa dedicação canina fez que eu amasse Araktchéiev, se é que nos últimos tempos amei alguém. Ainda que seja indecente empregar a palavra “amei” com relação a esse monstro. Também me unia a ele o fato de ele não ter participado do assassinato de meu pai, como muitos outros, que, justamente pelo fato de serem cúmplices de meu crime, eram detestáveis para mim. Ele não só não participou como era dedicado a meu pai e dedicado a mim. De resto, tratarei disso adiante.

Dormi mal. É estranho dizer, mas o assassinato da bela e malévola Nastássia (era extraordinariamente bela e sensual) despertou em mim a luxúria. Fiquei a noite toda sem dormir. O fato de, no quarto vizinho, estar deitada minha esposa tuberculosa e infame, inútil para mim, me irritava e atormentava mais ainda. Também me atormentavam as recordações de “Marie” (Naríchkina), que me largara em favor de seu insignificante diplomata. Está claro que meu destino e de meu pai é ter ciúme dos Gagárin. Mas de novo me deixa levar pelas recordações. Fiquei a noite toda sem dormir. O dia começou a nascer. Levantei a cortina da janela, vesti o roupão branco e chamei o camareiro. Todos continuavam dormindo. Vesti o paletó, o capote civil e o quepe, passei pelas sentinelas e saí para a rua.

O sol tinha acabado de subir na linha do mar, era um fresco dia de outono. Ao ar livre, logo me senti melhor. Os pensamentos sombrios desapareceram e andei na direção do mar, que aqui e ali brincava com a luz do sol. Antes de chegar à casa verde na esquina, ouvi o som de tambor e de flauta que vinha da praça. Prestei atenção e entendi que, na praça, ia haver uma execução: soldados passariam por um corredor formado por outros soldados que iriam golpeá-los com vergastas. Eu, que tantas vezes já havia autorizado esse castigo, nunca tinha presenciado o espetáculo. Por estranho que pareça (claro, deve ter sido influência do diabo), os pensamentos sobre a sensual Nastássia assassinada e sobre os corpos dos soldados rasgados por golpes de vergastas se fundiram num único sentimento exasperante. Lembrei-me dos soldados do regimento Semiónov e dos colonos militares, dos quais centenas foram golpeados até a morte, e de repente me veio a estranha ideia de assistir àquele espetáculo. Como estava disfarçado de civil, podia fazer isso.

Quanto mais perto chegava, mais claramente ouvia o rufo do tambor e a flauta. Com meus olhos míopes, não conseguia enxergar com clareza sem óculos, mas vi as fileiras de soldados e um vulto alto, de costas brancas, que passava entre elas. Quando parei no meio da multidão que estava atrás das fileiras e assistia ao espetáculo, pus os óculos e consegui distinguir tudo o que se passava. Um homem alto, com os braços nus amarrados a uma baioneta e as costas nuas já vermelhas de sangue em vários pontos, andava pela rua entre as fileiras de soldados com bastões. Aquele homem era eu, era meu duplo. A mesma altura, as mesmas costas curvadas, a mesma cabeça calva, as mesmas costeletas, sem bigode, as mesmas maçãs do rosto, a mesma boca e os mesmos olhos azuis, mas a boca não sorria, ela se abria e se

retorcia com gritos a cada golpe, e os olhos não eram complacentes, afetuosos, mas terrivelmente protuberantes e ora fechavam, ora abriam.

Quando olhei para o rosto do homem, logo o reconheci. Era Struménski, um militar, sargento do flanco esquerdo da terceira companhia do regimento Semiónov, conhecido em toda a guarda por sua semelhança comigo. De brincadeira, o chamavam de Alexandre II.

Eu sabia que ele tinha sido transferido para uma guarnição junto com os revoltosos do Regimento Semiónov e entendi que, provavelmente, ali na guarnição, ele tinha feito algo, na certa fugira, fora capturado e agora seria castigado. E foi isso mesmo, como eu soube depois.

Fiquei como que enfeitiçado, vendo como aquele infeliz ia caminhando e como o espancavam, e sentia que algo acontecia dentro de mim. Mas de repente notei que havia pessoas comigo, espectadores, que olhavam para mim – uns se afastaram, outros se aproximaram. Era evidente que me reconheceram. Percebendo isso, dei meia-volta e retornei depressa para casa. O tambor continuava a bater, a flauta continuava a tocar; portanto o castigo continuava. O principal sentimento em mim deveria ser de simpatia pelo que faziam com meu duplo. Se não simpatia, ao menos o reconhecimento de que faziam o que era necessário – mas eu sentia que não era capaz. Ao mesmo tempo, sentia que, se eu não reconhecia que aquilo era o correto, que era bom, então eu devia reconhecer que toda a minha vida, toda a minha atividade, tudo era ruim e eu precisava fazer aquilo que havia muito tempo desejava: abandonar tudo, fugir, desaparecer.

Tal sentimento me dominou, lutei contra ele, ora reconhecia que o que faziam era o correto, que devia ser assim, que aquilo era uma triste necessidade, ora eu reconhecia que precisava ficar no lugar daquele infeliz. No entanto, por estranho que pareça, eu não sentia pena dele e, em vez de suspender a execução do castigo, apenas tive medo de que me reconhecessem e fugi de volta para casa.

Logo cessou o rufo do tambor e, depois que voltei para casa, tive a impressão de me libertar do sentimento que me havia dominado, tomei meu chá e recebi o relatório de Volkónski.⁷ Depois, o almoço de costume, as habituais, rotineiras, penosas e falsas relações com a esposa, depois Dibitch⁸ e um relatório que confirmava as informações sobre uma sociedade secreta. Quando chegar a hora de escrever toda a história de minha vida, se Deus permitir, vou descrever tudo em pormenores. Agora, direi apenas que ouvi tudo exibindo uma imagem exterior de calma. Mas isso se prolongou só até o fim do jantar. Depois do jantar, fui para o escritório, deitei no sofá e adormeci imediatamente.

Mal tinha dormido cinco minutos quando um solavanco em todo o corpo me acordou e ouvi o rufo do tambor, a flauta, os sons das pancadas, os gritos de Struménski e vi a ele ou a mim – eu mesmo não sabia se era ele ou eu –, vi seu rosto que sofria, as contrações sem esperança, o rosto soturno dos soldados e oficiais. Essa confusão mental durou pouco: levantei-me depressa, abotoei a sobrecasaca, peguei o chapéu e a espada e saí, dizendo que ia passear.

Sabia onde ficava o hospital militar e fui direto para lá. Como sempre, todos estavam afobados. O médico-chefe veio logo, ofegante, bem como o comandante do Estado-Maior. Eu disse que queria percorrer as enfermarias. Na segunda enfermaria, vi a cabeça calva de Struménski. Estava deitado de bruços, a cabeça apoiada na mão, e gemia de dar pena.

– Foi castigado por fugir – me explicaram.

Exclamei “Ah!”, fiz meu gesto habitual de que ouço e concordo, e segui adiante.

No dia seguinte, mandei saber como estava Struménski. Disseram-me que tinham dado a extrema-unção e que estava morrendo.

Era o dia do santo xará de meu irmão Mikhail. Houve uma parada e uma revista de tropas. Eu disse que não estava me sentindo bem, depois da viagem à Crimeia, e não fui ao jantar. Dibitch veio de novo falar comigo e me informou de novo sobre a conspiração do Segundo Exército, lembrando-me de que o conde Vitt já me falara a respeito, antes da viagem à Crimeia, bem como do relatório do sargento Chervud.

Só então, ao escutar o relatório de Dibitch, que atribuía uma relevância tão enorme àqueles planos de conspiração, senti de repente todo o significado e todo o poder da reviravolta que acontecera dentro de mim. Eles fazem uma conspiração para mudar a forma de governo, estabelecer uma Constituição – o mesmo que eu quis fazer, vinte anos atrás. Fiz e desfiz Constituições na Europa e para quê e para quem isso trouxe algum benefício? Acima de tudo, quem era eu para fazer isso? O principal é que toda a vida exterior, toda a organização de assuntos exteriores, toda a participação neles – e eu já havia participado tanto deles, já tinha feito tantas reformas nos povos da Europa – não tinha importância, era desnecessária e não me dizia respeito. De repente, entendi que tudo aquilo não era da minha conta. Que da minha conta era a minha alma. E todos os meus anteriores desejos de renúncia ao trono, na época apenas uma afetação, o mero desejo de causar espanto, impressionar as pessoas, mostrar a elas minha grandeza de alma, agora se transformaram, e se transformaram com força nova e sinceridade plena, e já não era para as pessoas, mas apenas para mim, para a alma. Como se todo o círculo radiante da vida percorrido por mim, no sentido mundano, tivesse sido percorrido apenas para eu regressar ao desejo juvenil de fugir de tudo, provocado pelo arrependimento, no entanto era um regresso sem vaidade, sem a ideia da glória mundana, era para mim, para Deus. Naquele tempo, eram desejos obscuros; agora, era a impossibilidade de continuar na mesma vida.

Mas como? Não para provocar a admiração das pessoas, para me elogiarem; ao contrário, era preciso fugir disso, para ninguém saber e para sofrer. E essa ideia me alegrou e me deslumbrou a tal ponto que comecei a pensar nos meios de colocá-la em prática e empreguei toda a força de minha inteligência, de minha astúcia, que me é peculiar, a fim de concretizar tal ideia.

E, para minha surpresa, a realização de meu intento se revelou imensamente mais fácil do que eu esperava. Minha intenção era esta: fingir que eu estava doente e moribundo, convencer e subornar o médico, pôr em meu lugar o moribundo Struménski, enquanto eu ia embora, fugia, escondendo meu nome de todos.

E, como se fosse de propósito, tudo contribuiu para o sucesso de meu plano. No dia 9, como se tudo estivesse combinado, adoeci e tive febre. Fiquei doente mais ou menos por uma semana, tempo em que minha intenção se tornou ainda mais forte e meus planos, mais precisos. No dia 16, levantei da cama e me senti recuperado.

Nesse dia, como de costume, fui fazer a barba e, distraído em meus pensamentos, me cortei com força em volta do queixo. Saiu muito sangue, me senti tonto e caí. Vieram correndo, me levantaram. Logo me dei conta de que aquilo podia me ser útil para a realização de meu plano e, embora me sentisse bem, fingi que estava muito fraco, deitei na cama e mandei chamar o ajudante do dr. Villiers. O dr. Villiers não aceitaria a minha fraude, mas eu tinha esperança de subornar aquele jovem. Revelei a ele minha intenção, o plano para alcançá-la, e propus lhe dar oitenta mil rublos, se fizesse tudo que eu exigisse. Meu plano era o seguinte: Struménski, como eu sabia, naquela manhã estava à beira da morte e devia chegar ao fim à noite. Deitei na cama, fingi estar irritado com todos e não admiti falar com ninguém, exceto o assistente do médico. Naquela noite, o médico devia trazer o corpo de Struménski dentro de uma banheira, colocá-lo no meu lugar e comunicar minha morte inesperada. O surpreendente é que tudo se passou exatamente como planejamos. E no dia 17 de novembro eu estava livre.

O corpo de Struménski foi enterrado num caixão fechado, com honras solenes. Meu irmão Nikolai ocupou o trono, depois de mandar os conspiradores para os trabalhos forçados.⁹ Mais tarde, vi alguns deles na Sibéria e meus sofrimentos foram insignificantes, em comparação com meus crimes, bem como são imerecidas minhas imensas alegrias, sobre as quais falarei em seu devido lugar.

Já agora, à beira da sepultura, velho de setenta e dois anos, tendo compreendido a futilidade da vida anterior e o significado da vida atual, em que vivi e vivo como um andarilho vagabundo, vou me esforçar para contar a história de minha vida horrorosa.

12 de dezembro de 1849

Taiga da Sibéria, perto de Krasnorétchinsk

Hoje é o dia de meu aniversário, tenho setenta e dois anos. Há setenta e dois anos, nasci em Petersburgo, no palácio de Inverno, nos aposentos de minha mãe, a imperatriz – na época, a grande princesa Mária Fiódorovna.

Esta noite, dormi muito bem. Depois do mal-estar de ontem, fiquei um pouco melhor. O importante é que o estado de sonolência espiritual cessou e renasceu a possibilidade de dirigir toda a alma para Deus. Ontem à noite, rezei no escuro. Tive clara consciência de minha situação no mundo: eu – toda a minha vida – sou algo necessário a quem me enviou. E posso fazer o que é necessário a Ele ou não. Ao fazer o que é necessário a Ele, promovo o bem para mim e para o mundo todo. Não fazendo isso, privo-me do meu bem – não de todo o bem, mas daquele que poderia ser meu –, mas não privo o mundo do bem que lhe é destinado. Aquilo que eu deveria fazer outros farão. E Sua vontade será cumprida. Nisso reside a liberdade da minha vontade. Mas se Ele sabe o que vai acontecer, se tudo é determinado por Ele, não existe liberdade? Não sei. Aqui se encontra o limite do pensamento e o começo da prece, da prece simples, da criança e do velho: “Pai, não será a minha vontade, mas a Sua. Ajude-me. Venha e more em nós”. Simples: “Senhor, perdoe e tenha piedade; sim, Senhor, perdoe e tenha piedade, perdoe e tenha piedade. Não consigo dizer com palavras, mas Você conhece o coração, Você mesmo está dentro dele”.

E adormeci bem. Como sempre, por fraqueza da velhice, acordei umas cinco vezes e sonhei que estava tomando banho de mar, nadava e me admirava com a maneira como a água me mantinha suspenso no alto – de tal modo que eu não afundava; e a água era esverdeada, bonita; mas algumas pessoas me atrapalhavam, havia mulheres na praia, eu estava nu, era impossível sair. O significado do sonho é que a força de meu corpo ainda me atrapalha, mas a saída está próxima.

Levantei antes do nascer do sol, tentei riscar uma fagulha na pederneira e demorei muito para acender o pavio. Vesti meu roupão de couro de alce e saí. Por trás dos pinheiros e lariços cobertos de neve, a alvorada raiava num tom laranja-avermelhado. Levei para dentro a lenha cortada no dia anterior e depois cortei mais lenha. O dia clareou. Comi biscoitos molhados. O fogo da estufa pegou, fechei a chaminé e me sentei para escrever.

Nasci há exatamente setenta e dois anos, no dia 12 de dezembro de 1777, em Petersburgo, no palácio de Inverno. O nome que me foi dado, conforme o desejo de minha avó, foi Aleksandr – um presságio, como ela mesma me disse, de que eu seria tão grande quanto Alexandre da Macedônia e tão santo quanto Alexandre Niévski. Fui batizado uma semana depois, na grande igreja do palácio de Inverno. A duquesa de Courlande me levou sobre um travesseiro de seda bordada em ouro, os mais altos dignitários seguravam o véu, a madrinha era a imperatriz, os padrinhos eram o imperador austríaco e o rei da Prússia. O quarto onde me puseram tinha sido construído conforme os planos de minha avó. Não me lembro de nada disso, mas sei pelo que me contaram depois.

Naquele vasto quarto, com três janelas altas, um baldaquim de veludo com cortinas de seda que iam até o chão ficava suspenso no teto alto, bem no centro do quarto, entre quatro colunas. Sob o baldaquim, puseram uma caminha de ferro com colchão de couro, um travesseirinho e um leve cobertor inglês. Em volta do baldaquim, havia uma balaustrada com dois *archin* de altura, de modo que os visitantes não pudessem se aproximar. No quarto, não havia nenhum móvel, apenas a cama da ama de leite, atrás do baldaquim. Todos os detalhes de meus cuidados corporais eram decididos por minha avó. Era proibido me embalar, enfaixavam-me de um modo especial, os pés ficavam sem meias, davam-me banho primeiro

com água quente e depois com água fria, as roupas eram especiais, não tinham costuras nem cadarços e eram vestidas de uma vez só. Assim que comecei a engatinhar, punham-me sobre um tapete e me deixavam por minha conta. Dizem que, nos primeiros dias, minha avó muitas vezes sentava no tapete e brincava comigo. Não me lembro de nada disso, também não me lembro da ama de leite.

Minha ama de leite era a esposa do jovem jardineiro, Avdótia Petrova, de Tsárkoie Seló. Não me lembro dela. Eu a vi pela primeira vez quando eu tinha dezoito anos, em Tsárskoie Seló. Ela se aproximou de mim e disse seu nome. Foi uma das melhores épocas de minha vida, a de minha primeira amizade com Czartoryski¹⁰ e da sincera repulsa por tudo que se praticava nas duas Cortes, a de meu pai infeliz e a de minha avó, que eu detestava. Eu já era um homem, na época, e não era um homem mau, tinha boas aspirações. Eu caminhava com Adam pelo parque, quando de uma alameda lateral veio uma mulher bem-vestida, com um rosto extraordinariamente bondoso, muito branco, agradável, sorridente e emocionado. Aproximou-se de mim depressa, se pôs de joelhos, agarrou minha mão e começou a beijá-la.

- Paizinho, Vossa Alteza. Afinal Deus permitiu.
- Quem é a senhora?
- Sua ama de leite, Avdótia, Duniacha, amamentei por onze meses. Deus permitiu ver o senhor.

Levantei-a com esforço, perguntei onde morava e prometi ir visitá-la. Sua meiga e limpa casinha de *intérieur*; sua filhinha, de uma beleza perfeitamente russa, minha irmã de leite, noiva de um instrutor de equitação; o pai dela, jardineiro, sorridente como a esposa, e um bando de crianças, também sorridentes – todos pareceram me iluminar na escuridão. “Isto é a vida autêntica, a felicidade autêntica”, pensei. “Tudo é simples, claro, nenhuma intriga, inveja, desavença.”

Então foi aquela meiga Duniacha que me amamentou. Minha babá mais importante foi a alemã Sófia Ivánovna Benkendorf; minha preceptora foi uma inglesa, Gessler. Sófia Ivánovna Benkendorf, a alemã, era gorda, branca, de nariz reto, de aspecto imponente quando impunha ordem no quarto das crianças, mas surpreendentemente humilde, submissa, servil com minha avó, cuja cabeça batia em seu ombro. Comigo, mostrava-se especialmente obsequiosa e, ao mesmo tempo, severa. Ora era uma tsarina, com suas saias largas e seu rosto imponente, de nariz reto, ora de repente se tornava uma menina dissimulada.

Praskóvia Ivánovna (Gessler), a inglesa, tinha rosto comprido, cabelo castanho e estava sempre séria. Em compensação, quando sorria, se iluminava toda e era impossível evitar sorrir também. Eu gostava de sua pontualidade, moderação, limpeza e cordialidade firme. Parecia-me que ela sabia algo que ninguém mais sabia, nem mamãe, nem papai, nem mesmo vovó.

De minha mãe, lembro-me em princípio como uma visão estranha, triste, sobrenatural e fascinante. Bela, elegante, radiosa em seus diamantes, suas roupas de seda, seus braços brancos, fartos, nus e com rendas, ela entrava em meu quarto e, com uma expressão no rosto estranha, triste, alheia a mim e que não me dizia respeito, me fazia carinhos, me tomava em seus braços fortes e lindos, me encostava em seu rosto ainda mais lindo, inclinava os cabelos densos e perfumados e me beijava e chorava e, certa vez, até me soltou das mãos e caiu, desfalecida.

É estranho: talvez fosse algo incutido por minha avó, ou a maneira como minha mãe me tratava, ou meu faro de criança que percebia aquela intriga da Corte da qual eu era o centro, o fato é que eu não tinha o simples sentimento ou mesmo nenhum sentimento de amor por minha mãe. Sentia-se algo artificial em sua relação comigo. Ela parecia expressar alguma coisa para além de mim, esquecendo-se de mim, e eu sentia isso. E era isso mesmo. Vovó me afastou dos pais, me tomou sob seu controle total a fim de transferir o trono para mim em detrimento do filho, que ela odiava, meu pai infeliz. Claro, durante muito tempo eu não soube nada disso, mas desde os primeiros dias de consciência, sem entender os motivos, me dei conta de que eu era objeto de uma espécie de hostilidade, de uma rivalidade, que eu era o brinquedo de certas intrigas e sentia a frieza e a indiferença que havia por mim, por meu espírito infantil, que não precisava de coroa nenhuma, apenas de um amor simples. E isso não existia. Havia mamãe, sempre triste

em minha presença. Certa vez, depois de falar algo em alemão com Sófia Ivánovna, ela desatou a chorar e quase fugiu correndo do quarto, ao ouvir o som dos passos da vovó. Havia papai, que às vezes entrava em nosso quarto e a cuja presença, depois, me levavam, junto com meu irmão. Mas esse pai, meu pai infeliz, ao me ver, de modo ainda mais forte e mais decidido do que minha mãe, exprimia sua insatisfação e até sua raiva contida.

Lembro que certa vez nos levaram, a mim e meu irmão Konstantin, a seus aposentos. Foi antes de sua viagem ao exterior, em 1781. De repente, ele me afastou com a mão e, com olhos terríveis, levantou-se da cadeira e, ofegante, disse algo sobre mim e minha avó. Não entendi, mas lembro as palavras:

– *Après 62, tout est possible...*¹¹

Fiquei assustado, comecei a chorar. Mamãe pegou-me nos braços e começou a me beijar. Depois me entregou a meu pai. Ele me abençoou às pressas e, batendo com saltos altos no chão, saiu quase correndo da sala. Muito tempo depois entendi o significado daquela comoção. Ele e mamãe iam viajar para o exterior, sob os nomes de *Comte* e *Comtesse du Nord*. Foi vovó quem quis assim. E ele temia que, durante sua ausência, fosse declarado privado do direito ao trono e eu fosse nomeado herdeiro...

Meu Deus, meu Deus! E ele tinha apreço por aquilo que nos destruiu, a ele e a mim, física e espiritualmente, e eu, pobre de mim, também dava valor a isso.

Alguém bate na porta e diz a prece: “Em nome do Pai e do Filho”. Digo “Amém”. Vou guardar estas páginas e abrir a porta. Se Deus permitir, continuarei amanhã.

13 de dezembro

Dormi mal e tive sonhos ruins: uma mulher desagradável, fraca, se aperta a mim e eu não tenho medo dela, nem do pecado, mas tenho medo de que minha esposa a veja. E de que haja de novo as acusações. Setenta e dois anos e ainda não estou livre de tudo... Em vigília, é possível me iludir, mas o sonho dá a verdadeira medida do grau que alcançamos. Sonhei também – e de novo isso confirma o baixo nível de moralidade em que me encontro – que alguém me trouxe aqui uns bombons envoltos em musgos, mas bombons extraordinários, e nós retiramos os bombons do musgo e distribuímos. Mas, depois da distribuição, ainda sobraram bombons e escolhi alguns para mim, mas então um menino semelhante ao filho do sultão turco, de olhos pretos, desagradável, estende a mão para os bombons, apanha-os na mão, eu o afasto com um empurrão e, no mesmo instante, me dou conta de que desejar bombons é muito mais adequado a um menino do que a mim, mesmo assim não lhe dou os bombons e sinto algo ruim por ele, e no mesmo instante sei que isso é ruim.

Por estranho que pareça, hoje, durante a vigília, aconteceu comigo a mesma coisa. Mária Martiemiánovna veio me ver. Ontem, ela mandou alguém perguntar se poderia vir hoje. Respondi que sim. Essas visitas são penosas para mim, mas sei que ela ficaria ofendida se eu negasse. Então ela veio hoje. Ouvi de longe os patins do trenó chiando sobre a neve. E, ao entrar em seu casaco de pele e com seus xales, trouxe uma bolsinha com guloseimas, junto com um frio tão forte que vesti meu capote. Ela trouxe panquequinhas, azeite e maçãs. Veio perguntar a respeito da filha. Um viúvo rico quer casar com ela. Deve concordar? É muito penosa para mim a confiança que eles têm em minha sagacidade. Tudo o que digo contra isso eles atribuem à minha modéstia. Disse o que sempre digo, que a castidade é melhor do que o casamento, mas, como disse Paulo, é melhor casar do que arder. Com ela, veio seu cunhado Nikanor Ivánovitch, o mesmo que me convidou para visitar sua casa e depois não parou mais de me assediar com suas visitas.

Nikanor Ivánovitch é uma grande tentação para mim. Não consigo superar a antipatia, a repugnância

que sinto por ele. “Ah, Senhor, faça que eu veja meus pecados e não julgue meus irmãos.” Mas eu vejo todos os seus pecados, adivinho e, com a perspicácia da maldade, vejo toda a sua fraqueza e não consigo vencer a antipatia por ele, meu irmão, que, assim como eu, é portador do princípio divino.

O que significam tais sentimentos? Durante minha longa vida, já os experimentei várias vezes. Mas minhas duas antipatias mais fortes foram contra Ludovico XVIII, com sua barriga, seu nariz curvado, suas mãos brancas e repugnantes, sua autoconfiança, sua petulância, sua obtusidade (pronto, já comecei a insultá-lo), e a outra antipatia é por esse Nikanor Ivánovitch, que ontem me atormentou por duas horas. Do som da voz até o cabelo e as unhas, tudo nele despertou aversão em mim. E eu, para explicar a Mária Martiemiánovna meu mau humor, menti e disse que não me sentia bem. Depois deles, fiquei rezando e depois me acalmei. Obrigado a Ti, Deus, por deixar a meu alcance a única coisa de que preciso. Lembrei que Nikanor Ivánovitch foi menino e vai morrer, também me lembrei de Ludovico XVIII, sabendo que já morreu, e lamentei que Nikanor Ivánovitch não estivesse mais presente, para que eu pudesse exprimir meu bom sentimento por ele.

Mária Martiemiánovna me trouxe muitas velas e posso escrever à noite. Fui para o ar livre. Do lado esquerdo, as estrelas brilhantes se apagavam numa admirável aurora boreal. Que bonito, que bonito! Agora, vou continuar.

Meu pai e minha mãe partiram numa viagem para o exterior e eu e meu irmão Konstantin, que nascera dois anos depois de mim, ficamos totalmente sob a autoridade da vovó, durante todo o tempo da ausência dos pais. Deram a meu irmão o nome Konstantin como expressão do desejo de que ele um dia fosse como o imperador grego em Constantinopla.

As crianças gostam de todos, sobretudo daqueles que gostam delas e fazem carinhos. Vovó era carinhosa, me elogiava e eu a amava, apesar do cheiro ruim que me repugnava e que sempre pairava em sua volta, por mais perfumes que usasse; sobretudo quando me colocava sobre os joelhos. Eu também achava desagradáveis suas mãos limpas, amareladas, enrugadas, meio escorregadias e brilhosas, com os dedos recurvos para dentro e as unhas estranhamente compridas e nuas. Tinha os olhos turvos, cansados, quase mortos, que junto com a boca sorridente e desdentada causavam uma impressão penosa, mas não repulsiva. Eu atribuía aquela expressão de seus olhos (da qual me lembro agora com aversão) a todo o trabalho que tinha com as pessoas, pois assim me convenceram, e eu sentia pena dela por causa da expressão debilitada em seus olhos. Duas ou três vezes, vi Potiomkin. Era horrível, aquele homem curvado, torto, enorme, moreno, suado, sujo.

O que mais me assustava nele era o fato de ser o único que não tinha medo da vovó, falava diante dela com voz alta e cortante e, embora me chamasse de Alteza, mexia comigo e me fazia carinhos de modo atrevido.

Entre as pessoas que eu via com minha avó, em minha primeira infância, havia também Lanskoi. Estava sempre com ela, todos o respeitavam e lhe obedeciam. O importante era que a própria imperatriz seguia sempre suas recomendações. Na época, é claro, eu não entendia quem era Lanskoi e gostava muito dele. Gostava de seu cabelo cacheado, dos quadris e das panturrilhas bonitas, envoltas em tiras de couro de alce, gostava de seu sorriso alegre, feliz, despreocupado e dos diamantes que reluziam nele todo.

Foi uma época muito alegre. Levavam-nos a Tsárskoie Seló. Andávamos de bote, cavávamos no jardim, passeávamos, andávamos a cavalo. Konstantin, gorducho, ruivinho, *un petit Bacchus*,¹² como vovó o chamava, divertia todos com seus gracejos, seu atrevimento e suas histórias. Ele imitava todo mundo, até Sófia Ivánovna e vovó.

O acontecimento mais importante dessa época foi a morte de Sófia Ivánovna Benkendorf. Ocorreu à noite, em Tsárskoie Seló, nos aposentos da vovó. Foi depois do jantar, Sófia Ivánovna tinha acabado de nos trazer, disse algo, sorriu, e de repente seu rosto ficou sério, ela começou a oscilar, se encostou na porta, escorregou e caiu pesadamente. Pessoas acudiram, levaram-nos embora. Mas no dia seguinte soubemos que tinha morrido. Chorei muito tempo, fiquei triste e não conseguia me recuperar. Todos

achavam que eu chorava por causa de Sófia Ivánovna, mas eu não chorava por ela e sim porque as pessoas morriam, porque a morte existia. Eu não conseguia entender isso, não conseguia acreditar que esse fosse o destino de todas as pessoas. Lembro que então, em minha alma infantil de cinco anos, se ergueram, com todo o seu alcance, questões sobre o que é a morte, o que é a vida que termina com a morte. Essas graves questões, que se apresentam a todos, para as quais os sábios em vão procuram respostas e que os levianos tentam pôr de lado, esquecer. Fiz como é peculiar numa criança, em especial naquele mundo em que eu vivia: afastei de mim aqueles pensamentos, esqueci a morte, vivi como se ela não existisse, e com isso ela se tornou aterradora para mim.

Outro fato importante relacionado à morte de Sófia Ivánovna foi nossa transferência para mãos masculinas e a indicação de Nikolai Ivánovitch Saltikov como nosso preceptor. Não aquele Saltikov que, muito provavelmente, era nosso avô, mas Nikolai Ivánovitch, que servia à Corte de meu pai, homem miúdo, de cabeça enorme, rosto estúpido, sempre com uma careta, que meu irmão menor Kóstia imitava de modo admirável. Essa mudança para mãos masculinas foi dolorosa para mim, por causa do afastamento de minha antiga babá, Praskóvia Ivánovna.

Para as pessoas que não têm a infelicidade de nascer na família imperial, eu creio, é difícil imaginar toda a distorção da imagem que se tem das pessoas, e da relação com elas, que experimentamos, que eu experimentei. Em lugar do sentimento, natural a uma criança, de dependência dos adultos e dos mais velhos, em lugar da gratidão por todo o bem que se desfruta, incutiam em nós a convicção de que somos seres especiais, que não apenas devem ser satisfeitos com todos os bens possíveis como também, só por meio de uma palavra ou sorriso, pagam todo e qualquer bem que recebam, premiam as pessoas e as deixam felizes. Na verdade, exigiam de nós uma relação cortês com as pessoas, porém, com minha sensibilidade infantil, eu entendia que se tratava apenas de uma fachada e que fazíamos aquilo não para elas, não para as pessoas com quem devíamos ser corteses, mas para nós mesmos, para que nossa grandeza ganhasse ainda mais relevo.

Num dia solene qualquer, passamos pela avenida Niévski num landau enorme e alto: eu, meu irmão e Nikolai Ivánovitch Saltikov. Estávamos nos lugares da frente da carruagem. Dois lacaios empoados, de libré vermelha, estavam postados nas laterais. Era um dia claro de primavera. Eu vestia um uniforme militar, colete branco e, sobre ele, a fita azul da condecoração da Cruz de Santo André, igual ao Kóstia; estávamos de chapéus com plumas que, aqui e ali, tirávamos em cumprimento às pessoas. O povo em volta parava, se curvava para nos saudar, alguns até corriam atrás de nós.

– *On vous salue* – repetia Nikolai Ivánovitch. – *À droite.*¹³

Passamos pelo calabouço e as sentinelas vieram correndo para fora, para nos ver passar.

Esses eu via sempre. O amor pelos soldados, pelos exercícios militares, é algo que tenho desde criança. Incutiram em nós – sobretudo vovó, ela própria, que acreditava nisso menos do que qualquer outra pessoa – que todas as pessoas são iguais e que devíamos nos lembrar sempre disso. Mas eu sabia que aqueles que assim falavam não acreditavam nisso.

Lembro que uma vez Sacha Golítsin, brincando comigo, me empurrou e me machucou.

– Como se atreve?

– Foi sem querer. Não foi tão sério.

Senti o sangue subir ao coração de tanta raiva e afronta. Fui me queixar com Nikolai Ivánovitch e não tive vergonha quando Golítsin me pediu desculpas.

Mas por hoje chega. A vela está chegando ao fim. E preciso juntar uns gravetos para o fogo. O machado está cego e não tenho com que amolar. De resto, não sei mesmo fazer isso.

Fiquei dois dias sem escrever. Andei doente. Li o Evangelho, mas não consegui despertar em mim aquela compreensão, aquela relação com Deus que antes experimentava. Antes, muitas vezes pensei que o homem não podia deixar de desejar. Sempre desejei e desejo. Antes, desejei a vitória sobre Napoleão, desejei a pacificação da Europa, desejei me libertar da Coroa, e todos os meus desejos se realizaram, porém, quando se realizaram, pararam de me atrair, ou se tornaram irrealizáveis, e parei de desejar. Mas, enquanto os desejos anteriores estavam por se realizar ou se tornavam irrealizáveis, nasciam desejos novos, e assim continuava até o fim. Agora, desejei o inverno, ele começou, desejei a solidão, e quase consegui, e agora desejo escrever minha vida e fazer isso da melhor forma possível, para ser útil às pessoas. Quer isso se realize, quer não, surgirão desejos novos. A vida toda reside nisso.

Veio à minha cabeça que, se toda a vida consiste na geração de desejos e se a alegria da vida é sua realização, será que não existe um desejo que seja próprio do homem, de todo homem, sempre, e que sempre se realiza, ou melhor, sempre se caminha para sua realização? Então ficou claro para mim que assim seria para o homem que desejasse a morte. Sua vida toda seria uma aproximação do cumprimento desse desejo; e esse desejo certamente se realizaria.

De início, me pareceu estranho. Mas, pensando bem, de repente vi que era isso mesmo, que o único desejo razoável do homem era a aproximação da morte. Não o desejo da morte, da morte em si, mas do movimento da vida que conduz à morte. Esse movimento consiste em libertar das paixões e das seduções o princípio espiritual que habita todas as pessoas. Sinto isso agora, que estou livre da maior parte daquilo que escondia de mim a essência de minha alma, sua unidade com Deus, e escondia Deus de mim. Cheguei a esse estado de modo inconsciente. No entanto, se eu definisse isso como meu bem supremo (e isso não só é possível como deve ser assim), se eu considerasse meu bem supremo libertar-me das paixões e aproximar-me de Deus, então tudo que me aproximasse da morte – a velhice, a doença – seria a realização de meu principal e único desejo. É assim e é o que sinto quando estou saudável. Mas quando, como aconteceu ontem e anteontem, sinto dores na barriga, não consigo despertar esse sentimento e, embora não me oponha à morte, não consigo desejar aproximar-me dela. Sim, esse estado é o estado de sono espiritual. É preciso esperar com calma.

Continuo o texto de anterior. O que escrevi sobre minha infância é baseado, sobretudo, no que me contaram, e muitas vezes o que me contaram se mistura com aquilo que de fato experimentei, e assim, às vezes, não distingo o que vivi daquilo que ouvi das pessoas.

Minha vida, toda ela, do meu nascimento até a velhice atual, me faz lembrar um local todo encoberto por uma densa neblina, como o que vi após a batalha de Dresden, quando tudo ficou encoberto, não se enxergava nada, e de repente, aqui e ali, revelavam-se ilhotas, *des éclaircies*,¹⁴ nas quais se viam pessoas e objetos desconexos, envoltos de todos os lados numa cortina impenetrável. Assim são minhas lembranças de infância. Essas *éclaircies* na infância só raramente, muito raramente, se revelam no meio do infinito mar de neblina ou de fumaça; depois, aparecem com frequência cada vez maior. No entanto, até agora, há momentos de que não restou nada em minha memória. Na infância, as clareiras são extremamente escassas e, quanto mais recuo no tempo, mais raras se tornam.

Falei desses intervalos de claridade dos primeiros tempos: a morte de Benkendorf, a despedida de meus pais, as imitações de Kóstia, mas algumas outras lembranças daquele tempo se revelam diante de mim, agora, quando penso no passado. Por exemplo, não lembro claramente quando apareceu Kóstia, quando começamos a morar juntos, no entanto lembro nitidamente que, certa vez, quando eu tinha sete anos e Kóstia cinco, após a missa da véspera do Natal, fomos dormir e, aproveitando que todos tinham saído de nosso quarto, ficamos juntos na mesma cama. Kóstia, só de camisa, subiu em mim e começou alguma brincadeira engraçada, que consistia em dar palmadas um no outro, no corpo nu. E ríamos de doer a barriga, estávamos muito felizes, quando de repente entrou Nikolai Ivánovitch, em seu caftã bordado e com medalhas, sua imensa cabeça empoadada, os olhos esbugalhados, e se atirou sobre nós com um horror que eu não consegui entender de forma nenhuma, nos separou e, com raiva, prometeu nos castigar e se

queixar à vovó.

Outra recordação marcante, já um pouco mais tarde – eu tinha uns nove anos –, foi uma desavença entre Aleksei Grigóievitvh Orlov e Potiomkin, que teve lugar nos aposentos da vovó e em nossa presença. Foi pouco antes da viagem de vovó à Crimeia e de nossa primeira viagem a Moscou. Como de hábito, Nikolai Ivánovitch nos levou aos aposentos de vovó. O quarto grande, com teto pintado e ornado com relevos, estava cheio de gente. Vovó já estava penteada. O cabelo estava puxado para o alto, acima da testa, e com um arranjo especialmente caprichado no topo da cabeça. Usava um robe branco, sentada diante de uma penteadeira dourada. Suas serviçais estavam a seu lado e arrumavam sua cabeça. Sorrindo, ela olhava para nós, enquanto continuava a falar com um general grande, alto, largo, com a fita da condecoração de Santo André e, na face, uma cicatriz apavorante, que ia da boca até a orelha. Era Orlov, *Le Balafre*.¹⁵ Foi a primeira vez que o vi. Em torno da vovó, estavam cães galgos e borzóis. Minha preferida, Mimi, pulou do colo da vovó, saltou com as patas sobre mim e lambeu meu rosto. Chegamos perto da vovó e beijamos sua mão branca e balofa. A mão se virou e os dedos recurvos seguram meu rosto e me afagam. Apesar dos perfumes, sinto o cheiro desagradável da vovó. Mas ela continua a olhar para o *Balafre* e fala com ele.

– Que rapagão – diz ela, apontando para mim. – O senhor ainda não o tinha visto, não é, conde? – pergunta.

– Os dois são belos rapazes – diz o conde, beijando minha mão e a de Kóstia.

– Muito bem, muito bem – diz ela para a criada que ajeita o gorro em sua cabeça. Essa criada, Mária Stiepánovna, era uma mulher empoada, maquiada, simpática, que sempre me fazia carinho.

– *Où est ma tabatière?*¹⁶

Lanskoi se adianta e entrega a tabaqueira aberta. Vovó cheira e, sorrindo, olha para Matriona Danílovna, sua comediante particular, que se aproxima.¹⁷

1905

PADRE VASSÍLI

I

Era outono. Ainda não tinha amanhecido quando uma carroça, fazendo grande barulho pela estrada congelada, chegou à casa pequena, de duas alas e telhado de palha, que pertencia ao sacerdote Vassíli Davíditch. Da carroça, desceu um mujique de caftã com a gola levantada e gorro e, depois de prender o cavalo, começou a bater com o chicote na janela da ala em que sabia residirem o empregado e a cozinheira do padre.

– Quem é?

– Quero falar com o padre.

– Para quê?

– Tem uma pessoa doente.

– De onde você é?

– Vozdremo.

O empregado acendeu um lampião, foi para o vestíbulo e para o lado de fora e deixou o mujique

entrar pelo portão.

De xale, botas de feltro e casaco curto forrado de pele, a mulher do padre, gorda e truncuda, saiu da ala dos patrões e começou a falar com voz rouca e zangada:

- Quem mais o diabo mandou aqui para esta casa?
- Vim falar com o padre.
- Mas vocês ainda estão dormindo? Nem acenderam a estufa.
- Já está na hora?
- Eu não estaria falando se não estivesse na hora.

O mujique de Vozdremo entrou na ala dos empregados, fez o sinal da cruz voltado para os ícones, cumprimentou a senhora com uma reverência e sentou-se num banco junto à porta.

A esposa do mujique estava sofrendo havia muito tempo, dera à luz uma criança morta e agora ela mesma estava morrendo.

O mujique sentou-se e, enquanto via o que acontecia na isbá, pensava no modo de transportar o padre: diretamente, ou por Kóssoie, como tinha vindo, ou então fazendo um desvio. “Pelo lado da aldeia já está horrível. O rio congelou, mas o gelo não sustenta a carroça. Quase não consegui passar.” O empregado entrou e, depois de largar uma braçada de lenha de bétula junto à estufa, pediu que o mujique picasse lascas de uma acha seca. E o mujique começou a trabalhar.

O sacerdote acordou alegre e bem-disposto, como sempre. Ainda deitado na cama, fez o sinal da cruz e pronunciou sua oração predileta, “Ao Rei do Céu”, e repetiu algumas vezes:

- Senhor, tende misericórdia.

Depois de baixar os pés no chão, se calçou, se lavou, penteou o cabelo comprido, vestiu a batina velha e se pôs de pé na frente dos ícones para rezar. No meio do pai-nosso, nas palavras “perdoai nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores”, ele se deteve e lembrou-se do diácono que havia encontrado na véspera, com ar de embriagado, e que murmurava com uma voz que mal dava para ouvir:

- Fariseus, hipócritas.

As palavras “fariseus, hipócritas” tinham ofendido Vassíli Davídovitch de forma especial, porque ele se considerava sujeito a todos os defeitos, menos à hipocrisia. E ficou aborrecido com o diácono. “Deixe para lá”, disse consigo, “que Deus o ajude”, e foi em frente. Nas palavras “não nos deixeis cair em tentação”, lembrou-se de que, na véspera, depois da vigília doméstica que ele havia celebrado na casa do rico proprietário Moltchánov, sentiu prazer ao beber chá com rum.

II

Depois de rezar, mirou-se num espelho que deformava o rosto, penteou de ambos os lados os cabelos louros que cresciam em redor de uma grande calva, observou com prazer o rosto largo, simpático, de barba rala, jovial, apesar de seus quarenta e dois anos, e saiu rumo à sala, para onde a esposa, afobada, com dificuldade, tinha acabado de trazer o samovar à beira de ferver.

- Por que está cuidando disso? E a Fiokla?
- Por que está cuidando disso? – arremedou a mulher do padre. – Quem vai fazer?
- Mas por que tão cedo?
- Tem alguém de Vozdremo para falar com você, por causa de uma pessoa doente. A mulher está morrendo.
- Chegou faz muito tempo?
- Já faz um tempo.
- Por que não me acordaram?

O padre Vassíli bebeu o chá do jejum¹ (era sexta-feira), pegou o material para o sacramento, vestiu o casaco de pele, o gorro e saiu a passo firme para a porta. O mujique de Vozdremo o esperava no vestíbulo.

– Bom dia, Mítri – disse o padre Vassíli e, arregaçando a manga, fez o sinal da cruz para o mujique, lhe deu para beijar a mão pequena e firme, de unhas curtas e lixadas, e saiu para a varanda.

O sol tinha nascido, mas não dava para vê-lo atrás das nuvens baixas. O mujique pegou a carroça no portão e levou-a até a frente da varanda. Vassíli Davíditch subiu com facilidade na carroça, apoiando-se num dos raios da roda de trás, e sentou-se no banco forrado de feno. Mítri sentou-se ao lado, tocou o chicote na égua pançuda, de orelhas caídas, e a carroça seguiu, fazendo muito barulho, pela estrada congelada. Uma neve fina pairava no ar.

III

A família de Vassíli Davídovitch Mojáiski consistia em esposa, a mãe dela, viúva de um pope, e três filhos: dois meninos e uma menina. O mais velho tinha terminado o curso no seminário e se preparava para a faculdade; o segundo, o caçula Aliocha, era o predileto da mãe, tinha quinze anos e ainda estava no seminário; a filha, Liona, de dezesseis anos, morava em casa, pouco ajudava a mãe e estava insatisfeita com sua vida. O próprio Mojáiski, em seu tempo de seminário, tinha sido tão bom estudante que, em 1840, ao terminar o curso entre os melhores alunos, se preparou para entrar na Academia e sonhava em ser professor na universidade ou bispo. Mas sua mãe, viúva de um sacristão, com um filho alcoólatra e três filhas, passava grande necessidade. E a decisão que ele tomou, então, deu a toda a sua vida um sentido de sacrifício e de renúncia. A fim de não magoar a velha mãe, resolveu abandonar os sonhos de Academia e tornar-se sacerdote no campo. Fez isso por amor à mãe, porém, para si mesmo, não era assim que justificava sua decisão: ele a justificava como fruto da preguiça e da falta de amor pelo estudo.

A condição para obter o cargo de sacerdote num povoado pequeno era o casamento com a filha do sacerdote anterior. Tratava-se de um emprego modesto, o sacerdote anterior era pobre, como era pobre também sua família: a viúva e as duas filhas.

A tal Ánotchka a que estava ligada a obtenção do cargo era uma jovem feia, mas muito animada, e, no verdadeiro sentido da palavra, enfeitiçou Vassíli Davídovitch, forçou-o a casar sem refletir.

Vassíli Mojáiski casou-se e tornou-se o padre Vassíli, de início com cabelos curtos, mas depois compridos, e viveu feliz com a esposa Anna Tikhónovna por vinte e dois anos, e agora, apesar de uma breve paixão romântica de Anna Tikhónovna por um estudante universitário, filho do diácono anterior, Vassíli continuava a ser bom para ela como antes e parecia amar a esposa com mais ternura ainda, para compensar o sentimento ruim que teve por ela durante sua paixão. Essa paixão serviu para Vassíli como mais um motivo para o mesmo sentimento de renúncia e abnegação em razão do qual havia desistido da Academia, e lhe deu a mesma discreta alegria interior e serena.

IV

De início, o pope e o mujique viajaram calados. Mas a estrada tinha tantos buracos que, apesar de andarem devagar, a carroça sacudia de um lado para outro e o pope volta e meia escorregava do banco, se ajeitava e se enrolava no casaco.

Só quando saíram da aldeia, atravessaram o canal e o mujique entrou no prado, o pope começou a

falar:

- Então quer dizer que a patroa está muito mal? – perguntou.
- Já nem deve estar viva – respondeu o mujique, relutante.
- Está nas mãos de Deus, não nas nossas. É a vontade divina – disse o pope. – O que fazer? Agora é se conformar.

O mujique ergueu a cabeça e lançou um olhar para o rosto do pope. Estava claro que queria dizer alguma coisa áspera. Porém, ao ver o rosto que o fitava com carinho, se abrandou, sacudiu a cabeça e disse apenas:

- A vontade de Deus é a vontade de Deus. Mas é muito difícil, padre. Estou sozinho. O que se vai fazer com a criançada?
- Não perca a coragem, Deus vai ajudar.

O mujique não respondeu e se limitou a xingar a égua, que havia passado do trote para o passo lento, e deu puxões nas rédeas.

Entraram na floresta, onde a estrada cheia de sulcos era igualmente ruim para todas as direções. Seguiram muito tempo calados, atentos aos locais por onde era melhor passar. Só quando saíram na estrada que seguia entre fileiras radiantes de plantações o pope recomeçou a falar:

- Bonita plantação – disse ele.
- É – disse o mujique e não respondeu a mais nada que o pope falou.

Chegaram à casa da enferma na hora do desjejum.

A mulher ainda estava viva. O sofrimento tinha acabado e ela estava deitada na cama, fraca demais para se mexer, só pelo movimento dos olhos demonstrava a presença de vida. Com ar de súplica, fitava o sacerdote e apenas o sacerdote. A seu lado, estava uma velha. Os filhos estavam em cima da estufa. A filha mais velha, de dez anos, só de camisa, sem gorro, estava de pé junto a um pilar, como se fosse adulta, a cabeça apoiada na mão direita e o cotovelo apoiado na esquerda, e olhava para a mãe em silêncio.

O pope chegou perto da doente, rezou uma prece, deu o sacramento, fez o sinal da cruz sobre ela e rezou para os ícones.

A velha se aproximou da agonizante, olhou para ela, balançou a cabeça e cobriu seu rosto com um pano. Dali, chegou perto do pope e pôs uma moeda em sua mão. Ele sabia que era uma moeda de cinco copeques e guardou-a.

O dono da casa entrou.

- Morreu? – perguntou.
- Está morrendo – respondeu a velha.

Ao ouvir isso, a menina começou a chorar, enquanto balbuciava alguma coisa. Em três vozes, as crianças que estavam em cima da estufa também começaram a berrar.

O mujique fez o sinal da cruz, se aproximou da esposa, retirou o pano e olhou para ela. O rosto sem sangue estava calmo e imóvel. O mujique ficou parado uns dois minutos diante da morta, depois cobriu o rosto de novo com cuidado e fez novamente o sinal da cruz algumas vezes, virou para o pope e disse:

- E então, está na hora de ir?
- Pois é, vamos.
- Certo. A égua tem de tomar um pouco de água.

E o mujique saiu da isbá.

A velha começou uma cantoria de lamento, que falava de órfãos, sem mãe, sem ninguém que os alimentasse, que os vestisse, e que crianças sem a mãe são como filhotes de passarinho que caem do ninho. E a cada verso da cantoria, ela tomava fôlego, com força e barulho, e ouvindo a si mesma, ficava cada vez mais comovida. O pope escutava, ficou triste, teve pena das crianças e quis fazer alguma coisa para elas. Apalpou a carteira dentro do bolso e lembrou que ainda tinha ali meio rublo, que ganhara no

dia anterior na casa de Moltchánov. Não tivera tempo de entregar para a esposa, como fazia com todo o dinheiro, e, sem pensar nas consequências, pegou o meio rublo, mostrou para a velha e colocou no peitoril da janela.

O dono da casa entrou sem casaco e disse que tinha pedido ao compadre que levasse o padre, enquanto ele ia arranjar tábuas para fazer o caixão.

v

O compadre de Mítia que levou Vassíli Davídovitch para casa era um mujique barbado, ruivo, bem-disposto, alegre e falante. Para celebrar a convocação do filho para o Exército, ele já havia bebido muito e estava especialmente alegre.

– A égua do Mítia já não se aguentava mais – disse ele. – Por que não ajudar? A gente tem de ter pena. Não estou dizendo a verdade?... Ei, vamos, meu amigo – gritou para o cavalo baio castrado, de rabo amarrado com força, e tocou-o com o chicote.

– Vá mais devagar – disse Vassíli Davídovitch, sacudindo com os buracos da estrada.

– Tudo bem, a gente pode ir mais devagar. E aí, ela morreu?

– Sim, descansou – disse o pope.

O ruivo também queria ter pena, mas também tinha vontade de se divertir.

– Bom, uma mulher se foi, uma moça vai vir – disse ele, dando alegria à voz.

– Não, dá pena de verdade – disse o pope.

– Claro que dá pena. Coitado. Ficou sozinho. Vem cá, ele disse, leve o pope, minha égua está cansada. Claro, a gente tem de ter pena mesmo. É o que eu digo, não é, padre?

– E você, pelo que vejo, já bebeu muito. Não é? Isso não adianta nada, Fiódor. Hoje é dia útil.

– E por acaso eu bebo à conta dos outros? Bebo por minha conta mesmo. Levei meu filho para o Exército. Desculpe, padre. Em nome de Cristo.

– O que tenho para perdoar? Só disse que é melhor não beber.

– E é melhor mesmo, mas como? Se eu fosse qualquer um, mas graças a Deus a gente vive bem. Na frente dos outros, não pode. Mas no fundo tenho muita pena do Mítri. Como é que pode não ter pena? No verão, alguém roubou o cavalo dele. Hoje em dia, o povo também não quer saber.

E Fiódor começou a contar uma história comprida, como roubaram uns cavalos na feira, como tiraram o couro de um para vender e como os mujiques apanharam um ladrão.

– E bateram, mas bateram tanto – contou Fiódor com prazer.

– Mas bater para quê?

– Mas, então, era para fazer carinho?

Em conversas como essa, acabaram chegando à casa de Vassíli Davídovitch.

Vassíli Davídovitch esperava poder descansar, mas para seu azar, em sua ausência, havia chegado um documento do deão e uma carta do filho. O documento do deão não tinha importância, mas a carta do filho provocou uma tempestade na família, que ganhou mais força ainda quando a esposa do pope exigiu dele o dinheiro das vésperas celebradas no dia anterior, e ele já não tinha o meio rublo. A perda do meio rublo apenas reforçou a raiva da esposa, mas a causa principal da raiva foi a carta do filho e a impossibilidade de satisfazer seu desejo, impossibilidade cuja causa a esposa do pope identificava na indiferença do marido.

PARA QUÊ?

I

Na primavera de 1830, a Rozanka, a propriedade ancestral da família do Pan Jaczewski, chegou o filho único de um amigo falecido, o jovem Ióssif Migurski. Jaczewski era um velho de sessenta anos, testa larga, peito largo, bigodes compridos e brancos no rosto vermelho-tijolo, um patriota dos tempos da segunda divisão da Polônia.¹ Quando jovem, tinha servido no Exército com o pai de Migurski, sob a bandeira de Kosciuszko, e, com todas as forças de seu espírito patriótico, odiava a prostituta apocalíptica, como ele chamava Catarina II, e seu amante, o traidor abominável Poniatowski, e continuava a acreditar na restauração da Rzecz Pospolita,² assim como acreditava que o sol ia nascer depois da noite. Em 1812, comandou um regimento das tropas de Napoleão, a quem adorava. A ruína de Napoleão deixou-o abatido, mas ele não perdeu a esperança na restauração, ainda que mutilada, do reino da Polônia. A instauração do Parlamento em Varsóvia, por Alexandre I, reanimou suas esperanças, mas a Santa Aliança,³ a reação por toda a Europa e a tirania de Konstantin⁴ adiaram a realização do desejo acalentado. A partir de 1825, Jaczewski se fixou no campo e vivia o tempo todo em sua Rozanka, se ocupava com a propriedade, a caça e a leitura de jornais e cartas, por meio dos quais acompanhava, ainda com ardor, os acontecimentos políticos em sua pátria. Era casado em segundas núpcias com uma bela e empobrecida *szlachatka*⁵ e seu casamento não era feliz. Ele não amava nem respeitava a segunda esposa, sentia-se incomodado com ela, tratava-a mal, de modo grosseiro, como se castigasse a esposa por seu próprio erro de ter casado uma segunda vez. Não tinha filhos com a segunda esposa. Da primeira, tinha duas filhas: a mais velha, Wanda, uma beldade imponente, que sabia o valor da própria beleza e se sentia entediada no campo, e a caçula, Albina, a predileta do pai, menina animada, magra, de cabelos louros, cacheados, e olhos grandes, brilhantes, azuis e afastados um do outro, como os do pai.

Albina tinha quinze anos quando da visita de Ióssif Migurski. Tempos antes, quando era estudante, Migurski já estivera na casa de Jaczewski, em Vilnius, onde eles passavam os invernos, havia cortejado Wanda e agora vinha visitá-los no campo, pela primeira vez na condição de homem adulto e independente. A chegada do jovem Migurski agradou a todos os moradores de Rozanka. Agradou ao velho, porque o rapaz o fazia lembrar-se do amigo, pai dele, no tempo em que os dois eram jovens, e conversavam com o mesmo ardor e com as mais róseas esperanças sobre a fermentação revolucionária não só na Polônia, mas também no exterior, de onde o jovem tinha acabado de chegar. Agradou à Pani Jaczewskaia, porque, diante de visitas, o velho Jaczewski se continha e não brigava com ela por qualquer motivo, como era seu costume. Agradou a Wanda, porque estava convencida de que Migurski tinha vindo por sua causa, com o propósito de lhe fazer um pedido de casamento; ela se preparava para responder que aceitava, mas tinha a intenção de, como ela mesma dizia para si, *lui tenir la dragée haute*.⁶ Albina estava contente, porque todos estavam contentes. Não era só Wanda que estava convencida de que Migurski tinha vindo com a intenção de fazer um pedido de casamento. Todos na casa pensavam assim – do velho Jaczewski até a governanta Ludvika, apesar de ninguém o dizer.

E era mesmo verdade. Migurski viera com essa intenção, mas, depois de uma semana, confuso e desconcertado com alguma coisa, foi embora sem fazer o pedido de casamento. Todos ficaram surpresos com aquela partida inesperada e ninguém, exceto Albina, entendia o motivo. Albina sabia que o motivo da estranha partida era ela mesma. Durante todo o tempo em que Migurski esteve em Rozanka, ela notou que o rapaz só ficava especialmente animado e alegre quando se achava em sua companhia. Ele a tratava como uma criança, brincava com ela, a provocava, mas Albina, com faro de mulher, pressentia que nessa

maneira de tratá-la não havia a atitude de um adulto com uma criança, mas sim de um homem com uma mulher. Albina percebia isso no olhar enamorado e no sorriso afetuoso dele quando a encontrava, ou quando Migurski entrava num aposento onde ela estava, e no fato de que ele a acompanhava, quando ela saía. Albina não formulava para si mesma uma resposta clara sobre o significado daquilo, mas a atitude de Migurski em relação a ela a deixava alegre e, sem se dar conta, Albina tentava fazer tudo que agradasse a ele. Já Migurski, tudo o que Albina fizesse lhe agradava. Por isso, na presença dele, Albina fazia tudo com um entusiasmo especial. A Migurski, agradava a maneira como ela apostava corrida com o belo cão borzói, que pulava em cima dela e lambia seu rosto radiante, afogueado e vermelho; agradava-lhe a maneira como Albina, continuando a sorrir alegremente com os olhos, fazia cara séria e ouvia o sermão maçante do padre católico; agradava-lhe a maneira como ela imitava, com extraordinária exatidão e senso de humor, a velha governanta, ou um vizinho beberrão, ou o próprio Migurski, passando num piscar de olhos da representação de um para o retrato de outro. Acima de tudo, agradava-lhe sua vivacidade entusiasmada, como se ela tivesse acabado de descobrir todo o encanto da vida e se apressasse para desfrutá-lo. Agradava a Migurski aquela vivacidade peculiar de Albina, mas a vivacidade se alvoroçava e aumentava exatamente porque ela sabia que a vivacidade o encantava. Por isso só Albina sabia por que Migurski, que tinha vindo para pedir Wanda em casamento, fora embora sem fazer o pedido. Embora não se decidisse a contar a ninguém, e também não o dissesse com clareza nem para si mesma, no fundo da alma ela sabia que Migurski queria gostar da irmã, mas acabou gostando dela, Albina. Isso deixou Albina muito surpresa, pois se considerava inteiramente insignificante em comparação com a inteligente, culta e bela Wanda, porém não podia ignorar que era verdade e também não podia deixar de se alegrar com isso, porque ela mesma, com todas as forças da alma, tinha se enamorado de Migurski, e o amava como se ama só na primeira vez, e só uma vez, na vida.

II

No fim do verão, os jornais trouxeram a notícia da revolução em Paris.⁷ Depois, começaram a chegar notícias sobre as iminentes desordens em Varsóvia. Com temor e esperança, Jaczewski esperava, a cada chegada do correio, a notícia do assassinato de Konstantin e do início da revolução. Por fim, em novembro, chegou a Rozanka a notícia, primeiro, da queda do palácio Belvedere e da fuga de Konstantin Pávlovitch; depois, de que o Parlamento havia declarado que a dinastia Romanov estava banida do trono polonês, que Chlopicki tinha sido declarado ditador e que o povo polonês estava livre de novo. A revolta não chegou a Rozanka, mas todos os habitantes do local acompanhavam seus passos, esperavam sua chegada ao local e se preparavam para isso. O velho Jaczewski trocava cartas com um velho conhecido, que era um dos líderes da revolta, recebia agentes comerciais secretos judeus, não para tratar de questões econômicas, mas revolucionárias, e se preparava para integrar-se à revolta, quando chegasse a hora. Pani Jaczewskaia, não como sempre e sim mais ainda, se preocupava com as condições materiais do marido e, como sempre, por isso mesmo, o irritava cada vez mais. Wanda mandou seus diamantes para uma amiga em Varsóvia vender e, depois, doar o dinheiro para o comitê revolucionário. Albina só se interessava pelo que Migurski fazia. Por meio do pai, soube que ele fazia parte da brigada de Dwernicki e Albina tentava saber de tudo o que dissesse respeito àquela brigada. Migurski escreveu duas vezes: uma vez comunicou que tinha se incorporado ao Exército; na outra vez, na metade de fevereiro, mandou uma carta entusiástica sobre a vitória dos poloneses em Stoczek, onde capturaram seis canhões russos e fizeram prisioneiros. “*Zwycięstwo Polaków i klęska Moskali! Wiwat!*”⁸ – assim ele terminava a carta. Albina ficou em êxtase. Observava a carta, avaliava quando e onde os moscovitas deviam ser definitivamente derrotados e ficava pálida e trêmula quando o pai desembulhava lentamente os pacotes trazidos pelo

correio. Certa vez, a madrasta, ao entrar no quarto de Albina, surpreendeu-a na frente do espelho, em calças de homem e *konfederatka*.⁹ Albina se preparava para fugir de casa em roupas masculinas a fim de se incorporar às tropas polonesas. A madrasta contou para o pai. O pai chamou a filha e, escondendo sua simpatia por ela, e até sua admiração, repreendeu-a com dureza e exigiu que tirasse da cabeça as ideias tolas sobre participar da guerra.

– As mulheres têm outra função: amar e confortar aqueles que se sacrificam pela pátria – disse ele.

Agora, Albina era necessária a ele, constituía sua alegria e seu consolo, e chegaria o tempo em que ela também seria necessária ao marido. Ele sabia como impressionar Albina. Lembrou que era um homem sozinho e infeliz, e beijou-a. Ela estreitou seu rosto ao dele, escondendo as lágrimas, que mesmo assim molharam a manga do roupão do pai, e lhe prometeu não tomar nenhuma iniciativa sem sua concordância.

III

Só as pessoas que experimentaram o mesmo que os poloneses, depois da divisão da Polônia e da sujeição de uma parte de seu país ao poder dos odiados alemães e da outra parte ao poder dos ainda mais odiados moscovitas, podem entender o júbilo que os poloneses experimentaram nos anos de 1830 e 1831, quando, após as primeiras tentativas frustradas de libertação, uma nova esperança de libertação pareceu viável. Mas tal esperança não durou muito. As forças eram demasiado desproporcionais e a revolução, mais uma vez, foi esmagada. Mais uma vez, de forma insensata, dezenas de milhares de russos foram subjugados e conduzidos à Polônia e, sob o comando ora de Dibitch, ora de Paskevitch, e também do chefe supremo, Nicolau I, sem saberem eles mesmos para que faziam isso, depois de encharcaram a terra com o próprio sangue e com o sangue de seus irmãos poloneses, os esmagaram e os devolveram, mais uma vez, ao poder de pessoas fracas e insignificantes, que não queriam nem a liberdade nem a opressão dos poloneses, mas sim só uma coisa: satisfazer sua ambição e sua vaidade infantil.

Varsóvia foi tomada, as brigadas isoladas foram destruídas. Centenas, milhares de pessoas foram fuziladas, surradas com porretes, exiladas. Entre os exilados, estava o jovem Migurski. Sua propriedade foi confiscada e ele mesmo foi alistado como soldado raso no batalhão de linha de Uralsk.

Os Jaczewski passaram o inverno de 1832 em Vilnius, por causa da saúde do velho, que havia trinta e um anos sofria do coração. Lá, ele recebeu uma carta de Migurski, vinda da fortaleza onde servia. Contou que, por mais penoso que fosse o que ele havia suportado, e o que ainda teria de enfrentar, estava feliz, porque tivera a chance de sofrer pela pátria; disse que não perdera a esperança naquela causa sagrada, à qual tinha sacrificado uma parte da própria vida e estava disposto a sacrificar a vida que lhe restava, e que, se amanhã surgisse uma nova oportunidade, ele agiria da mesma forma. Ao ler a carta em voz alta, o velho soluçou nesse ponto e demorou muito, até conseguir continuar. Na parte restante da carta, que Wanda leu em voz alta, Migurski escreveu que “quaisquer que tenham sido seus planos e sonhos” na ocasião de sua última visita, que permaneceria para sempre como um ponto luminoso em sua vida, ele agora não podia e não queria falar sobre aquilo.

Wanda e Albina entenderam, cada uma à sua maneira, o sentido de tais palavras, porém não explicaram a ninguém como as entendiam. No fim da carta, Migurski mandou saudações a todos e, de passagem, no mesmo tom de brincadeira com que se dirigia a Albina na época de sua visita, se dirigiu a ela também na carta, perguntando se ainda corria tão depressa, ultrapassando o cão borzói, e se ainda imitava todos tão bem quanto antes. Desejou saúde ao velho, sucesso nos afazeres domésticos para a mãe, um marido que fosse digno de Wanda e que Albina continuasse a ter a mesma vivacidade de antes.

A saúde do velho Jaczewski ficava cada vez pior e, em 1833, a família toda mudou-se para o exterior. Em Baden, Wanda conheceu um emigrante polonês rico e casou com ele. O velho enfermo piorou e, no início de 1833, morreu no exterior, nos braços de Albina. Não havia permitido que a esposa o acompanhasse e, até o último minuto, não pôde lhe pedir perdão pelo erro que havia cometido ao casar com ela. Pani Jaczewskaia voltou com Albina para o campo. O principal interesse da vida de Albina era Migurski. A seus olhos, era o maior dos heróis e mártires, a quem havia decidido dedicar sua vida. Ainda antes da partida para o exterior, Albina havia começado a se corresponder com ele, primeiro como porta-voz do pai, depois por conta própria. Em seguida à morte do pai, ela voltou à Rússia e continuou a se corresponder com ele e, quando fez dezoito anos, comunicou à madrasta que decidira partir para Uralsk, ao encontro de Migurski, a fim de casar com ele. A madrasta passou a acusar Migurski de, por motivos egoístas, buscar alívio para sua situação difícil seduzindo uma jovem rica e obrigando-a a compartilhar sua infelicidade. Albina irritou-se e declarou à madrasta que só ela era capaz de atribuir pensamentos tão baixos ao homem que havia sacrificado tudo por seu povo, que Migurski, ao contrário, rejeitava a ajuda que ela lhe oferecia e que ela, de forma irrevogável, decidira ir a seu encontro e casar com ele, caso Migurski quisesse lhe dar essa felicidade. Albina era maior de idade e tinha dinheiro – os trinta mil zloti que um tio falecido deixara para as duas sobrinhas. Portanto, nada podia impedir Albina.

Em novembro de 1833, Albina deu adeus aos criados, que se despediram com lágrimas, como se fosse sua morte, na hora da partida rumo à distante e desconhecida fronteira da bárbara Moscóvia, e ela sentou ao lado da velha e dedicada governanta Ludvika, que Albina levou consigo, no trenó fechado que pertencia ao pai e que tinha sido reformado para aquela longa viagem, e seguiu pela longa estrada.

Migurski não morava na caserna, mas num alojamento individual. Nikolau Pávlovitch¹⁰ exigia que os oficiais poloneses rebaixados de posto não apenas suportassem todo o peso da vida dura de um soldado raso como também sofressem todas as humilhações a que os soldados estavam sujeitos na época; porém a maior parte das pessoas simples que deveriam cumprir tais ordens compreendia todo o peso da situação daqueles rebaixados e, apesar do perigo decorrente de não cumprirem sua vontade, quando possível, não a cumpriam. O comandante do batalhão a que Migurski fora incorporado era um semianalfabeto que tinha subido na hierarquia desde o posto de soldado raso e compreendia a situação do jovem instruído que havia sido rico e perdera tudo, sentia pena de Migurski, o respeitava e lhe fazia todo tipo de concessão. E Migurski não podia deixar de reconhecer a bondade do tenente-coronel de costeletas brancas no rosto gorducho de soldado e, para recompensá-lo, aceitou dar aulas de francês e matemática para seus filhos, que se preparavam para entrar na escola militar.

A vida de Migurski em Uralsk, que já se arrastava havia seis meses, era não só monótona, melancólica e maçante como também árdua. Além do comandante do batalhão, de quem ele tentava manter a maior distância possível, suas relações se limitavam a um polonês desterrado, homem desagradável, dissimulado e de pouca instrução, que ali trabalhava no comércio de peixes. O que havia de mais penoso na vida de Migurski era sua dificuldade para se habituar à penúria. Depois do confisco de sua propriedade rural, ele ficou sem nenhum recurso e conseguia sobreviver vendendo os objetos de ouro que lhe restaram.

Sua única e grande alegria após a deportação era a correspondência com Albina, a imagem meiga, poética, que desde o tempo de sua estadia em Rozanka ficara gravada em seu espírito e agora, no exílio,

se tornava cada vez mais bela. Numa de suas primeiras cartas, ela, de passagem, perguntou o que significavam as palavras que Migurski escrevera numa carta antiga: “Quaisquer que tenham sido meus planos e sonhos”. Ele respondeu que agora podia confessar que os sonhos eram pedir Albina em casamento. Ela respondeu que o amava. Ele respondeu que melhor seria ela não ter escrito isso, porque era horrível pensar que na época seria possível e que agora não era mais. Albina respondeu que não só era possível como iria acontecer, a qualquer preço. Ele respondeu que não podia aceitar o sacrifício dela, que nas condições atuais isso era impossível para ele. Logo depois dessa carta, Migurski recebeu uma remessa de dois mil zloti. Pelo selo no envelope e pela letra, reconheceu que tinha sido enviado por Albina e lembrou que, numa das primeiras cartas, em tom de brincadeira, ele tinha descrito para ela a satisfação que experimentava agora com as aulas, que lhe rendiam o dinheiro necessário para comprar tudo de que necessitava – chá, tabaco e até livros. Migurski colocou o dinheiro em outro envelope e o devolveu, junto com uma carta, na qual pediu que ela não corrompesse com dinheiro as sagradas relações que havia entre ambos. Ele tinha tudo em quantidade suficiente, escreveu, e sentia-se plenamente feliz sabendo que tinha uma amiga como ela. Com isso, a correspondência entre os dois parou.

Em novembro, Migurski estava na casa do tenente-coronel, dando aula para os meninos, quando se ouviu a sineta de uma carruagem de posta que se aproximava, o chiado de esquis sobre a neve congelada, e um trenó parou na frente da casa. Os meninos se levantaram de um pulo para ver quem tinha chegado. Migurski ficou no quarto, olhando para a porta e esperando o regresso das crianças, mas pela porta veio a própria esposa do tenente-coronel.

– Pan, algumas senhoras vieram para ver o senhor, estão perguntando pelo senhor – disse. – Devem vir da sua terra, parecem polonesinhas.

Se perguntassem a Migurski se achava possível que Albina viesse vê-lo, responderia que era inconcebível; mas, no fundo, era o que esperava. O sangue afluiu ao coração e ele, ofegante, correu para a entrada. Ali, uma mulher gorda, com o rosto marcado por bexigas, estava desamarrando o xale que cobria a cabeça. Outra mulher estava entrando pela porta do quarto do tenente-coronel. Ao ouvir passos atrás de si, ela se virou. Por baixo do capuz, brilharam os olhos azuis de Albina, alegres, radiantes, bem afastados um do outro, com as pestanas cobertas de geada. Ele parou estupefato, sem saber como recebê-la, como cumprimentá-la.

– Iusiô! – gritou Albina, chamando-o como o pai o chamava e como ela mesma o chamava, em pensamento, envolveu seu pescoço com os braços, uniu ao rosto dele seu rosto frio, ruborizado, e começou a rir e chorar.

Sabendo quem era Albina e por que tinha vindo, a boa esposa do tenente-coronel recebeu-a e hospedou-a em sua casa, até o casamento.

O generoso tenente-coronel insistiu muito até obter uma autorização de seus superiores. Chamaram um padre católico de Orenburg e casaram os Migurski. A esposa do comandante do batalhão foi a madrinha, um dos alunos levou o ícone e Brzozowski, o polonês exilado, foi o padrinho.

Albina, por mais estranho que possa parecer, amava apaixonadamente seu marido, mas não o conhecia de maneira nenhuma. Só agora travava conhecimento com ele. Nem é preciso dizer que ela descobriu no homem de carne e osso muitas coisas banais e nada poéticas que não existiam na imagem que ela trazia e alimentava na imaginação; porém, justamente por ser um homem de carne e osso, Albina descobriu nele muitas coisas simples e boas que não existiam naquela imagem abstrata. Por conhecidos e amigos, Albina ouvira falar da bravura de Migurski na guerra e sabia da coragem com que enfrentara a

perda da fortuna e da liberdade e o imaginava como um herói, sempre levando uma vida heroica e grandiosa; mas na realidade, mesmo com sua incomum força física e bravura, ele se revelou um dócil e tímido cordeiro, um homem extremamente simples, com suas brincadeiras bem-humoradas, com o mesmo sorriso infantil na boca sensual, rodeada pelo bigode e pela barba loura que fascinavam Albina em Rozanka, e com um inextinguível cachimbo, que foi um grande incômodo para ela durante a gravidez.

Também Migurski só agora estava conhecendo Albina e, pela primeira vez, descobria a mulher que havia nela. Nas mulheres que tinha conhecido antes do casamento, ele não pudera conhecer a mulher propriamente. E aquilo que descobriu em Albina, como na mulher em geral, o surpreendeu e poderia muito bem deixá-lo desapontado com a mulher em geral, caso não sentisse por Albina, e só por Albina, uma ternura e uma gratidão especial. Por Albina, como pelas mulheres em geral, ele sentia uma indulgência carinhosa, um pouco irônica, mas por Albina, e só por Albina, sentia um amor terno e um arrebatamento, além da consciência de uma dívida impossível de pagar, por causa do sacrifício dela, que lhe deu uma felicidade imerecida.

Os Migurski eram felizes porque, dirigindo toda a força de seu amor de um para o outro, experimentavam, em meio a pessoas estranhas, o sentimento de dois andarilhos que, sob os rigores do inverno gelado, se aquecem um ao outro. A alegria da vida dos Migurski era reforçada graças à participação da governanta Ludvika, generosa, ranzinza e divertida, abnegadamente dedicada à sua senhora, como uma escrava, e pronta para se apaixonar por qualquer homem. Os Migurski também foram felizes com os filhos. Após um ano, nasceu um menino. Um ano e meio depois, uma menina. O menino era uma réplica da mãe: os mesmos olhos, a mesma vivacidade e graça. A menina era um animalzinho selvagem, saudável e bonito.

No entanto os Migurski eram infelizes devido a seu afastamento da terra natal e, sobretudo, ao peso da condição de pobreza a que não estavam acostumados. Albina era quem mais sofria com aquela pobreza. Ele, o seu Iusiô, o herói, o homem ideal, tinha de prestar continência diante de qualquer oficial, ficar em posição de apresentar armas, ficar de sentinela e obedecer sem reclamar.

Além disso, as notícias que vinham da Polônia eram as mais tristes. Quase todos os parentes e amigos tinham sido ou exilados ou tinham fugido para o exterior, privados de tudo. Quanto aos próprios Migurski, não havia nenhuma perspectiva de um fim para aquela situação. Toda tentativa de apresentar uma petição de clemência ou mesmo de qualquer melhoria de sua situação, como de uma promoção a um posto de oficial, não alcançava nenhum resultado. Nikolai Pávlovitch fazia revistas de tropas, paradas, exercícios, ia a bailes de máscaras, flertava disfarçado com fantasias, galopava à toa pela Rússia, de Tchugúiev até Novorossisk, em Petersburgo e em Moscou, assustando o povo e chicoteando os cavalos até a exaustão, e quando algum imprudente se atrevia a pedir clemência da parte de exilados dezembristas ou poloneses, que sofriam por causa do mesmo amor à pátria que ele tanto enaltecia, o tsar, estufando o peito, cravava os olhos cor de estanho em qualquer coisa que estivesse na sua frente e dizia:

– Que continuem a pagar. É cedo. – Como se soubesse quando já não seria mais cedo, quando estaria na hora. E todas as pessoas próximas, generais, cortesãos e suas esposas, que viviam às custas dele, se comoviam diante da extraordinária sagacidade e sabedoria daquele grande homem.

Porém, no geral, havia mais felicidade do que infelicidade na vida dos Migurski.

Assim viveram cinco anos. Mas de repente ocorreu uma desgraça inesperada e terrível. Primeiro, adoeceu a menina e, dois dias depois, o menino: ardeu de febre por três dias e, sem ajuda de médicos (era impossível encontrar um médico), morreu no quarto dia. Dois dias depois, morreu também a menina.

Albina só não se afogou no rio Ural porque não conseguia pensar sem horror na situação do marido, ao receber a notícia de seu suicídio. Mas, para ela, viver era difícil. Antes sempre atarefada e ativa, agora deixava todos os seus afazeres por conta de Ludvika, ficava horas sentada sem ter o que fazer, olhando calada para o que estivesse diante dos olhos, e de repente se levantava de um pulo e fugia correndo para seu quarto e lá, sem responder aos consolos do marido e de Ludvika, chorava em silêncio,

apenas balançando a cabeça, pedindo que eles saíssem e a deixassem sozinha. No verão, ia ao túmulo dos filhos e ficava ali sentada, dilacerando o coração com recordações do passado e pensando no que poderia ter sido sua vida. Mais que tudo, a torturava a ideia de que as crianças poderiam estar vivas se morassem numa cidade, onde era possível obter socorro médico. “Para quê? Para quê?”, pensava Albina. “Iusiô e eu não queremos nada de ninguém, senão que ele viva como nasceu e como viveram seus avós e bisavós, e para mim, só que eu possa viver com ele, amá-lo, amar meus filhinhos, educá-los. E de repente o fazem sofrer, o mandam para o exílio, e tomam de mim aquilo que me é caro no mundo. Para quê? Para quê?” Albina lançava essa pergunta às pessoas e a Deus. E não conseguia imaginar nenhuma resposta possível.

E sem essa resposta não havia vida. E a vida dela estagnou. A vida pobre, no desterro, que ela antes sabia enfeitar com seu gosto e requinte femininos, tornou-se insuportável não só para ela como também para Migurski, que sofria por ela e não sabia como ajudá-la.

VII

Justamente nessa época mais penosa para os Migurski, apareceu em Uralsk um polonês chamado Rosolowski, envolvido num plano grandioso de insurreição e de fuga, organizado naquela época na Sibéria pelo padre católico exilado Sirocynsky.

A exemplo de Migurski e de milhares de outras pessoas condenadas ao exílio na Sibéria porque desejavam viver como haviam nascido, ou seja, como poloneses, Rosolowski tinha se envolvido naquele plano e por isso foi castigado com vergastadas e incorporado ao Exército no mesmo batalhão em que estava Migurski. Ex-professor de matemática, Rosolowski era um homem alto, magro, arqueado, de bochechas encovadas e testa franzida.

Na primeira noite de sua estadia, Rosolowski, tomando chá na casa dos Migurski, com naturalidade, com sua voz de baixo, calma e vagarosa, começou a contar o caso pelo qual havia sofrido tão cruelmente. Aconteceu que Sirocynsky estava organizando em toda a Sibéria uma sociedade secreta cujo objetivo era, com a ajuda dos poloneses incorporados aos regimentos de linha e de cossacos, amotinar os soldados e os condenados a trabalhos forçados, sublevar os colonos, capturar a artilharia em Omsk e libertar todos.

– Mas isso era possível? – perguntou Migurski.

– Perfeitamente possível, tudo estava pronto – disse Rosolowski, franzindo as sobrancelhas com ar sombrio.

E, devagar e com calma, passou a contar todo o plano de libertação e todas as medidas tomadas para o sucesso do plano e, em caso de insucesso, para o salvamento dos conspiradores. O êxito seria certo, se não fossem dois traidores. Pelas palavras de Rosolowski, Sirocynsky era um homem genial e de grande força de espírito. Morreu como herói e mártir. E, com voz de baixo, calma e contida, Rosolowski relatou detalhes da execução que ele, por ordem das autoridades, teve de presenciar, junto com todos os condenados naquele caso.

– Dois batalhões de soldados formaram duas filas, num corredor comprido, cada soldado tinha na mão uma vara flexível, com a espessura determinada por Sua Alteza, de modo que mais do que três não pudessem entrar juntas no cano de um fuzil. Primeiro levaram o médico Szakalski. Dois soldados o conduziam e os que tinham varas nas mãos batiam em suas costas nuas, quando passava por eles. Só vi isso quando ele se aproximou do lugar onde eu estava. De início, eu só ouvia o toque do tambor, mas depois, quando deu para ouvir o sibilar das varas e o som dos golpes no corpo, entendi que ele estava chegando. E vi como os soldados o empurravam com os fuzis, e ele andava, tremendo, virando a cabeça, ora para um lado, ora para o outro. E uma vez, quando o fizeram passar por nós, ouvi como o médico

russo dizia aos soldados: “Não batam com força, tenham pena”. Mas eles continuavam batendo; quando ele passou por mim pela segunda vez, já não conseguia andar sozinho, estava sendo arrastado. Era pavoroso olhar suas costas. Fechei os olhos. O homem caía e eles o carregavam. Depois levaram o segundo. Depois o terceiro, depois o quarto. Todos caíam e eram arrastados: uns pareciam mortos, outros, com a vida por um fio, e nós éramos obrigados a ficar de pé e ver tudo. Aquilo demorou seis horas, desde de manhã cedo até duas da tarde. Por último, levaram o próprio Sirocynsky. Fazia tempo que eu não o via e não o teria reconhecido, de tão envelhecido que estava. Seu rosto de barba raspada, cheio de rugas, estava branco e esverdeado. O copo nu era magro, amarelo e as costelas sobressaíam na pele esticada da barriga. Ele caminhava como todos os outros, a cada golpe estremecia e levantava a cabeça, mas não gemia e rezava em voz alta: “*Miserere mei Deus secundam magnam misericordiam Tuam*”.¹¹ Eu mesmo ouvi – disse rápido Rosolowski, com voz rouca, fechou a boca e bufou pelo nariz.

Sentada junto à janela, Ludvika chorava, com o rosto coberto por um lenço.

– Nem precisa dizer mais! São feras, feras! – exclamou Migurski, atirou o cachimbo para o lado, ergueu-se bruscamente da cadeira e, a passos ligeiros, saiu para o quarto escuro. Albina ficou onde estava, como que petrificada, os olhos cravados num canto escuro.

VIII

No dia seguinte, ao chegar em casa depois de uma aula, Migurski ficou surpreso com o aspecto da esposa, que, como no passado, veio recebê-lo em passos ligeiros e com o rosto radiante e o conduziu para o quarto.

– Bem, Iusiô, escute.

– Estou ouvindo. O que foi?

– Pensei a noite inteira naquilo que Rosolowski contou. E tomei uma decisão: não posso viver assim, não consigo viver desse jeito. Não consigo! Vou morrer, mas não vou ficar aqui.

– Mas o que fazer?

– Fugir.

– Fugir? Como?

– Pensei em tudo. Escute.

E ela contou o plano que tinha elaborado naquela noite. O plano era o seguinte: ele, Migurski, sairia de casa à noite, deixaria seu capote na margem do rio Ural e, no capote, uma carta na qual estaria escrito que ia se matar. Iam pensar que ele se afogou. Iam procurar o corpo, iam mandar os documentos. E ele ia ficar escondido. Albina ia escondê-lo de tal modo que ninguém o encontraria. Poderia viver assim talvez por um mês. E, quando tudo tivesse se acalmado, eles fugiriam.

No primeiro minuto, o plano de Albina pareceu impraticável para Migurski, mas no fim do dia, quando ela argumentou com muito ardor e muita convicção, ele começou a concordar. Além disso, também ficou inclinado a concordar porque o castigo por uma tentativa de fuga frustrada, o mesmo castigo que Rosolowski tinha descrito, seria aplicado contra ele, Migurski, ao passo que o sucesso da fuga traria a liberdade para Albina e ele via que, depois da morte dos filhos, era doloroso demais para ela continuar vivendo ali.

Rosolowski e Ludvika se envolveram no esquema e, depois de longas discussões, alterações e correções, o plano de fuga ficou estabelecido. De início, queriam que Migurski fugisse sozinho, a pé, depois de ser declarado morto por afogamento. Albina iria embora de carruagem e o encontraria num lugar combinado. Esse foi o primeiro plano. Mas depois, quando Rosolowski contou a respeito de todas as tentativas fracassadas de fuga dos últimos cinco anos na Sibéria (tempo em que só um felizardo tinha

conseguido se salvar), Albina concebeu outro plano, no qual Iusiô viajaria com ela e Ludvika, escondido na carruagem, até Sarátov. Em Sarátov, disfarçado, ele caminharia rio abaixo pela margem do Volga e, num local combinado, entraria num barco que Albina alugaria em Sarátov e ele navegaria com Albina e Ludvika rio abaixo pelo Volga, até Astrakhan, atravessariam o mar Cáspio e chegariam à Pérsia. O plano foi aprovado por todos, inclusive por seu principal arquiteto, Rosolowski, mas surgiu o problema de instalar na carruagem um esconderijo que não chamasse a atenção das autoridades e ao mesmo tempo fosse capaz de comportar uma pessoa. Quando Albina, depois de uma visita ao túmulo dos filhos, disse a Rosolowski que sentia muita tristeza por deixar as cinzas dos filhos numa terra estrangeira, ele pensou um pouco e disse:

- Peça às autoridades permissão para levar consigo os caixões dos filhos, eles vão autorizar.
- Não, eu não quero, não quero fazer isso! – disse Albina.
- Peça. Faça apenas isso. Não vamos levar os caixões, mas faremos uma caixa grande para eles e, lá dentro, instalaremos o Ióssif.

Por um momento, Albina quis rejeitar a sugestão, pois achava repulsivo associar aquela fraude à memória dos filhos, mas, quando Migurski aprovou com alegria o projeto, ela também concordou.

Portanto o plano definitivo ficou estabelecido assim: Migurski faria tudo o que fosse necessário para persuadir as autoridades de que havia se afogado. Quando sua morte fosse reconhecida, Albina mandaria a solicitação para que, após a morte do marido, tivesse permissão de voltar a seu país e levar consigo as cinzas dos filhos. Quando ela recebesse a permissão, dariam a impressão de que as sepulturas tinham sido escavadas e os caixões, exumados, mas os caixões continuariam no mesmo lugar e, em vez dos caixões dos filhos, na caixa preparada com esse fim, seria instalado Migurski. Fixariam a caixa na carruagem e seguiriam assim até Sarátov. Em Sarátov, tomariam um barco. No barco, Iusiô sairia da caixa e eles seguiriam pelo rio até o mar Cáspio. De lá, iriam para a Pérsia ou para a Turquia e... para a liberdade.

IX

Antes de tudo, os Migurski compraram uma carruagem sob o pretexto de que Ludvika ia partir para a terra natal. Depois teve início a instalação no veículo de uma caixa, dentro da qual, sem sufocar, fosse possível ficar deitado, ainda que torto, e da qual fosse possível sair e entrar outra vez, rastejando, depressa e sem ser notado. Os três, Albina, Rosolowski e o próprio Migurski, projetaram e fixaram a caixa. Foi especialmente importante a ajuda de Rosolowski, que era um bom marceneiro. A caixa foi feita de modo que, fixada às hastes traseiras da carroceria, ficou bem unida a ela, e a parede colada à carroceria podia ser aberta, de tal modo que um homem, depois de baixar a parede, podia deitar-se e ficar com uma parte do corpo na caixa e a outra no fundo da carruagem. Além disso, na caixa, foram abertos furos para a entrada de ar, e a parte de cima e as laterais da caixa deviam ser cobertas por esteiras, presas por cordas. Era possível entrar e sair da caixa pelo interior da carruagem, onde foi feito um assento.

Quando a carruagem e a caixa ficaram prontas, antes mesmo do desaparecimento do marido, Albina, a fim de preparar as autoridades, procurou o coronel e comunicou que o marido tinha caído num estado de melancolia, tentara se matar e que ela temia por sua vida e pedia que o libertassem enquanto ainda era tempo. Seus talentos na arte dramática foram úteis. A preocupação e o medo que exprimiu pelo marido foram tão naturais que o coronel ficou tocado e prometeu fazer tudo o que pudesse. Depois disso, Migurski compôs a carta que devia ser encontrada no punho de seu capote, na beira do rio Ural e, no dia combinado, à tardinha, foi até o rio Ural, esperou escurecer, deixou na margem a roupa, o capote com a

carta e, às escondidas, voltou para casa. No sótão, trancado com ferrolho, foi preparado um esconderijo para ele. À noite, Albina mandou Ludvika comunicar ao coronel que o marido tinha saído de casa vinte horas antes e não voltara. De manhã, trouxeram para ela a carta do marido e Albina, com expressão de forte desespero, em lágrimas, levou-a para o coronel.

Uma semana depois, Albina entregou um pedido para voltar à terra natal. O sofrimento que a sra. Migurski exprimia impressionava a todos que a viam. Todos tinham pena da mãe e esposa infeliz. Quando sua partida foi autorizada, ela mandou outro pedido: uma autorização para exumar os cadáveres dos filhos e levá-los consigo. As autoridades ficaram admiradas com aquele sentimentalismo, mas acataram também esse pedido.

No dia seguinte, depois de receber a autorização, à tardinha, Rosolowski, Albina e Ludvika, num coche alugado e com uma caixa onde deviam ser colocados os caixões dos filhos, partiram rumo ao cemitério e ao túmulo dos filhos. Albina, de joelhos diante da sepultura dos filhos, rezou, logo se levantou e, de sobranceiras franzidas, dirigindo-se a Rosolowski, disse:

– Faça o que for preciso, eu não consigo... – e se afastou.

Rosolowski e Ludvika moveram a pedra sepulcral e escavaram com a pá as camadas de terra de cima da sepultura, de modo a dar a impressão de que a terra do túmulo tinha sido revirada. Uma vez feito isso, chamaram Albina e, com a caixa cheia de terra, voltaram para casa.

Chegou o dia marcado para a partida. Rosolowski se alegrou com o bom andamento do plano, já levado quase até o fim. Ludvika assou biscoitos e tortas para a viagem e, recitando seu provérbio predileto, “*Jak mame Kocham*”,¹² dizia que seu coração estava rebentando de medo e de alegria. Migurski estava muito alegre por se livrar do sótão, onde já estava escondido fazia mais de um mês, e sobretudo com a animação e o entusiasmo de Albina. Ela parecia ter esquecido a antiga mágoa, todo o perigo e, como nos tempos de menina, corria ao encontro dele, no sótão, radiante e extasiada de alegria.

Às três horas da manhã, chegou o cossaco que ia acompanhá-las, trazendo um cocheiro cossaco e uma troica de cavalos. Albina, Ludvika e um cãozinho sentaram nas almofadas da carruagem, cobertas por um tapete. O cossaco e o cocheiro sentaram-se na boleia. Migurski, em trajes de camponês, estava deitado no interior da carroceria da carruagem.

Saíram da cidade e a boa troica conduziu a carruagem pela estrada batida e lisa como pedra, através da estepe infinita, de terra não lavrada, coberta pelo capim prateado, crescido no ano anterior.

No peito de Albina, o coração se apertava de esperança e exaltação. Desejando compartilhar seus sentimentos, de vez em quando, quase sorrindo, ela acenava com a cabeça para Ludvika, apontando ora para as costas largas do cossaco sentado na boleia, ora para o fundo da carruagem. Ludvika, com fisionomia expressiva, olhava imóvel para a frente e apenas franzia os lábios muito de leve. O dia estava claro. A estepe vazia e ilimitada se alastrava para todos os lados, o capim prateado reluzia nos raios oblíquos do sol da manhã. Viam-se montinhos de terra feitos por esquilos, ora de um lado, ora do outro da estrada dura, na qual os cascos ligeiros e não ferrados dos cavalos dos baskires batiam com som oco, como se andassem sobre asfalto; sentados no alto daqueles montinhos, os animaizinhos ficavam de sentinela e, ao pressentir o perigo, davam um guincho estridente e se escondiam na toca. Era raro elas encontrarem um viajante: apenas alguma carroça de cossacos com trigo ou baskires a cavalo, com os quais o cossaco trocava zombarias animadas, misturadas com palavras tártaras. Em todas as estações de muda, os cavalos estavam descansados e bem alimentados e as moedas de meio rublo que Albina dava para a vodca garantiam que os cocheiros tocassem os animais a galope por todo o caminho, como

Feldjägers,¹³ nas palavras deles.

Já na primeira estação de muda, na hora em que o cocheiro anterior desatrelou os cavalos e o novo ainda não havia trazido os outros, e o cossaco tinha ido para o pátio, Albina se curvou e perguntou ao marido como se sentia, se precisava de alguma coisa.

– Está tudo ótimo, fique tranquila. Não preciso de nada. Posso muito bem ficar aqui deitado dois dias e duas noites.

Ao anoitecer, chegaram à grande aldeia de Dergatchi. Para que o marido pudesse esticar os braços e as pernas e se refrescar, Albina parou não numa estação de muda de cavalos, mas sim numa estalagem de cocheiros, e imediatamente deu um dinheiro para o cossaco e mandou-o comprar ovos e leite. A carruagem estava embaixo de um toldo, no pátio estava escuro e, depois de mandar Ludvika vigiar o cossaco, Albina deixou o marido sair do esconderijo, alimentou-o e, antes do regresso do cossaco, Migurski rastejou de novo para seu esconderijo. Atrelaram novos cavalos e seguiram adiante, outra vez. Albina sentia uma exaltação de ânimo cada vez maior e não conseguia conter seu entusiasmo e sua alegria. Não tinha com quem falar, a não ser com Ludvika, o cossaco e o cachorro Trezorka, e Albina se divertia com eles.

Ludvika, apesar de sua falta de beleza, a cada contato com um homem, logo achava que ele tinha intenções amorosas em relação a ela e agora supunha exatamente isso, a respeito do corpulento e simpático cossaco do Ural, de olhos azuis, bondosos e extraordinariamente claros, que as conduzia e que, com sua simplicidade e seu carinho bondoso, agradava muito às duas mulheres. Além de Trezorka, que Albina ameaçava, impedindo que ele ficasse farejando embaixo do assento, ela agora se divertia com Ludvika e suas cômicas tentativas de sedução do cossaco, que nem desconfiava das intenções atribuídas a ele e sorria com muita simpatia em resposta a tudo que lhe diziam. Albina, animada com o perigo, com o sucesso do plano que começava a se realizar, com o tempo bonito que estava fazendo e com o ar da estepe, experimentava um entusiasmo e uma alegria infantil, que fazia muito tempo não provava. Migurski ouvia as palavras alegres de Albina e, apesar do incômodo físico de sua posição, que ele escondia das mulheres (sentia muito calor e a sede o torturava), esquecendo-se de si mesmo, também se alegrava com a alegria de Albina.

Na tarde do segundo dia, começaram a distinguir algo na neblina. Era Sarátov e o rio Volga. Com seus olhos de homem da estepe, o cossaco avistou o Volga e os mastros dos barcos e apontou-os para Ludvika. Ela disse que também estava vendo. Mas Albina não conseguia enxergar nada. E falou alto, de propósito, para que o marido também pudesse ouvir:

– Sarátov, o Volga – como se estivesse falando para o cachorro Trezorka, Albina contava ao marido tudo o que estava vendo.

XI

Sem entrar em Sarátov, Albina parou a carruagem no lado esquerdo do Volga, no vilarejo de Pokrov, bem em frente à cidade. Ali, Albina tinha esperança de poder conversar com o marido durante a noite e até de retirá-lo do esconderijo. No entanto, durante toda a curta noite de verão, o cossaco não se afastou da carruagem e ficou sentado junto a ela, numa carroça vazia, parada embaixo de um telheiro. A pedido de Albina, Ludvika ficou na carruagem e, como estava absolutamente convencida de que era por sua causa que o cossaco não se afastava da carruagem, Ludvika piscava o olho, ria e cobria com o xale o rosto marcado pela varíola. Mas Albina já não via nisso nenhuma graça e, cada vez mais, se inquietava, sem entender por que o cossaco se mantinha tão obstinadamente perto da carruagem.

Durante aquela breve noite de maio, em que o pôr do sol se misturava com a aurora, Albina saiu

várias vezes dos aposentos da estalagem, através do corredor malcheiroso, e ia ao alpendre dos fundos. O cossaco continuava acordado e, com os pés para baixo, se mantinha sentado na carroça vazia, ao lado da carruagem. Pouco antes do raiar do dia, quando os galos já haviam despertado e cantavam uns para os outros em várias casas, Albina saiu mais uma vez para tentar falar com o marido. O cossaco roncava, estirado na carroça. Albina se aproximou da carruagem com cuidado e bateu na caixa.

- Iusiô! – Não veio resposta. – Iusiô, Iusiô! – assustada, ela falou mais alto.
- O que é, querida, o que foi? – exclamou Migurski com voz de sono, dentro da caixa.
- Por que não respondeu?
- Estava dormindo – sussurrou ele, e Albina, pelo tom de voz, entendeu que ele estava sorrindo. –

E então, vou sair? – perguntou.

- Não é possível, o cossaco está aqui. – E, dizendo isso, espiou o cossaco, que dormia na carroça.

E o extraordinário era que o cossaco roncava, mas seus olhos, os bondosos olhos azuis, estavam abertos. O cossaco olhava para ela e, percebendo o olhar de Albina, fechou os olhos.

“Foi impressão minha ou parece mesmo que ele não está dormindo?”, perguntou-se Albina. “Sem dúvida, foi só impressão”, pensou e dirigiu-se de novo ao marido.

– Agente mais um pouco – disse ela. – Quer comer?

– Não. Quero fumar.

Albina olhou outra vez para o cossaco. Estava dormindo. “Sim, foi só impressão minha”, pensou.

– Agora vou falar com o governador.

– Certo, é uma boa hora...

E Albina, depois de pegar um vestido na mala, foi para o quarto trocar de roupa.

Usando seu melhor vestido de viúva, Albina atravessou o Volga. No cais, pegou um coche de aluguel e foi ao encontro do governador. O governador a recebeu. A bela viúva polonesa, de sorriso meigo, que falava francês esplendidamente, causou uma ótima impressão no velho governador, que gostava de passar por jovem. Ele acatou tudo que ela solicitou e pediu que Albina voltasse no dia seguinte para receber dele a ordem escrita para o governador da cidade de Tsarítsin. Contento com o êxito de sua petição e com o efeito de seu aspecto atraente, que ela percebeu na atitude do governador, Albina, feliz e cheia de esperança, voltou morro abaixo pela rua não calçada, no coche, rumo ao cais. O sol já estava acima da floresta e, com os raios oblíquos, reluzia na água encrespada do vasto rio. À direita e à esquerda, pelo morro, viam-se macieiras cobertas de flores cheirosas, como nuvens brancas. Via-se uma floresta de mastros junto à margem e as velas brilhavam brancas na água do rio, encrespada pela brisa e reluzente com o sol. No cais, ao conversar com o cocheiro de praça, Albina perguntou se podia alugar um barco até Astrakhan e logo dezenas de barqueiros ruidosos, alegres, ofereceram-lhe seus serviços e seus barcos. Albina acertou tudo com um dos barqueiros, que lhe agradou mais do que os outros, e foi examinar sua embarcação, que estava no cais, espremida no meio dos outros barcos. Tinha um pequeno mastro com uma vela adaptada, para poder se deslocar com o vento. No caso de não ventar, havia remos e, sentados no barco debaixo do sol, dois vigorosos e alegres barqueiros, prontos para remar ou ir para a margem e puxar a embarcação com cordas. O piloto simpático e animado recomendou a Albina não abandonar a carruagem, mas retirar as rodas e levá-la para o barco.

– Tem o espaço certinho para isso e na carruagem a senhora vai viajar com mais conforto. Se Deus nos permitir um tempo bom, chegaremos a Astrakhan em uns cinco dias.

Albina negociou o preço com o dono do barco e mandou que ele fosse mais tarde ao povoado de Pokrov, na estalagem dos Loguin, para examinar a carruagem e receber uma parte do pagamento. Tudo correu melhor do que ela esperava. No maior entusiasmo e felicidade, Albina atravessou o Volga e, depois de acertar as contas com o cocheiro de praça, se dirigiu à estalagem.

XII

O cossaco Danilo Lifánov era de Strelétski Umet, em Óbschi Sirt.¹⁴ Tinha trinta e quatro anos e estava terminando o último mês de seu tempo do serviço obrigatório dos cossacos. Na família, tinha um avô de noventa anos, que ainda se lembrava de Pugatchóv, dois irmãos, a nora do irmão mais velho, condenado a trabalhos forçados na Sibéria por ser adepto dos Velhos Crentes, a esposa, duas filhas e dois filhos. Seu pai tinha morrido na guerra contra os franceses. Agora, era ele que sustentava a família. Tinham dezesseis cavalos, duas parelhas de bois para puxar o arado e quinhentas *sájeni* de terras próprias, aradas e plantadas com trigo. Danilo prestara o serviço obrigatório em Orenburg, em Kazan e agora estava concluindo seu tempo de serviço. Seguia com afinco a fé dos Velhos Crentes, não fumava, não bebia, não comia nos pratos usados pelos mundanos e, com o mesmo rigor, era fiel ao juramento que havia prestado. Em tudo que fazia, era lento, rigoroso e minucioso na execução daquilo que seu chefe ordenara,

empregava toda a sua atenção e, até ter encerrado tudo, não esquecia por nenhum instante sua missão, tal como a entendia. Dessa vez, suas ordens eram conduzir até Sarátov duas polonesas e os caixões, para que nada de ruim lhes acontecesse na viagem, para que elas viajassem sem sofrer nenhuma maldade, e, em Sarátov, entregá-las sãs e salvas às autoridades. Assim, ele as levou até Sarátov com o cachorrinho e com todos os seus caixões. Mas ali no povoado de Pokrov, à tarde, ao passar pela carruagem, ele viu que o cachorro saltou para dentro da carruagem e, lá, começou a ganir e abanar o rabo, e o cossaco teve a impressão de ouvir uma voz que vinha da parte de baixo da carruagem. Uma das polonesas, a mais velha, ao ver o cachorro dentro da carruagem, se assustou, pegou o cachorro e o levou embora.

“Tem alguma coisa aí”, pensou o cossaco e começou a observar. Quando a polonesa jovem saiu à noite e foi à carruagem, ele fingiu que dormia e ouviu claramente a voz do marido, dentro da caixa. De manhã cedo, o cossaco foi à polícia e comunicou que as polonesas que ele fora encarregado de acompanhar estavam agindo mal e, em vez de mortos, levavam um homem vivo dentro de uma caixa.

Albina voltou à estalagem num estado de ânimo muito alegre e exultante, convencida de que agora tudo estava terminado e de que, dali a poucos dias, eles estariam livres, mas quando chegou viu com surpresa, junto ao portão, uma carruagem elegante com uma parelha de cavalos e um terceiro cavalo ao lado, além de dois cossacos. No portão, amontoava-se um bando de gente, olhando para a estalagem.

Albina estava tão cheia de esperança e de energia que nem passou pela sua cabeça que a parelha de cavalos e as pessoas aglomeradas tinham alguma relação com ela. Entrou no pátio e, assim que olhou para o telheiro onde estava sua carruagem, viu que as pessoas estavam aglomeradas justamente em volta da sua carruagem e, no mesmo instante, ouviu um latido desesperado de Trezorka. Aconteceu exatamente a coisa horrível que podia acontecer. Diante da carruagem, reluzente em seu uniforme limpo, cintilante ao sol, com os botões, os galões e as botas laqueadas, estava um homem distinto, de suíças pretas, que falava algo em voz alta, rouca e autoritária. À sua frente, entre dois soldados, em trajes de camponês, com feno misturado aos fios do cabelo alvoroçado, estava o seu Iusiô e, com o ar de quem não entendia o que se passava à sua volta, erguia e baixava os ombros vigorosos. Trezorka, sem saber que ele era a causa de toda aquela infelicidade, eriçava o pelo e latia raivoso e em vão para o chefe de polícia. Ao ver Albina, Migurski teve um sobressalto, quis andar na direção dela, mas os soldados o seguraram.

– Está tudo bem, Albina, está tudo bem! – exclamou Migurski, sorrindo do seu jeito dócil.

– Aí está a senhora! – exclamou o chefe de polícia. – Por favor, venha cá. Os caixões são de seus filhos? Hein? – disse ele, piscando os olhos para Migurski.

Albina não respondeu, apenas apertou o peito com as mãos, abriu a boca e olhou com horror para o marido.

Como acontece nos minutos que antecedem a morte e, em geral, nos momentos decisivos da vida, num instante ela pressentiu e previu um turbilhão de sentimentos e pensamentos e, no entanto, ainda não entendia e não acreditava em sua desgraça. O primeiro foi um sentimento que ela já conhecia havia muito tempo – o sentimento de orgulho ferido ao ver seu marido e herói humilhado diante daquelas pessoas rudes, selvagens, que agora o tinham sob seu poder. “Como se atrevem a prender a *ele*, o melhor entre todos os homens?” O outro sentimento que a dominou, ao mesmo tempo que aquele, foi a consciência da desgraça que estava de fato ocorrendo. E a consciência de tal desgraça despertou em sua memória a principal desgraça de sua vida: a morte dos filhos. E logo lhe veio a pergunta: para quê? Para que os filhos foram tirados dela? E essa pergunta, para quê os filhos foram tirados dela, despertou outra: para que aniquilar e torturar agora seu marido, o melhor dos homens? E então ela lembrou o castigo desonroso que o aguardava e também que ela, só ela, era a culpada daquilo.

– O que ele é da senhora? Seu marido? – repetiu o chefe de polícia.

– Para quê? Para quê? – gritou Albina e, dando uma risada histérica, caiu sobre a caixa, que tinha sido retirada da carroceria e agora estava no chão, ao lado da carruagem. Toda trêmula de soluços, com o rosto coberto de lágrimas, Ludvika se aproximou de Albina.

– *Panienka, querida panienka! Jak Boga Kocham,*¹⁵ nada vai acontecer, nada – disse Ludvika, aturdida, afagando Albina.

Algemaram Migurski e o levaram embora. Ao ver isso, Albina correu atrás dele.

– Perdoe-me, perdoe-me – disse ela. – É tudo culpa minha! Sou a única culpada.

– Lá no tribunal será decretado de quem é a culpa. E a questão vai alcançar a senhora – disse o chefe de polícia e, com a mão, empurrou-a para trás.

Levaram Migurski para a passagem que atravessava o rio e Albina, sem saber por que agia assim, foi atrás deles sem dar ouvidos aos apelos de Ludvika.

O cossaco Danilo Lifánov, durante todo o tempo, ficou junto a uma roda da carruagem, lançando olhares sombrios ora para o chefe de polícia, ora para Albina, ora para os próprios pés.

Quando levaram Migurski embora, Trezorka se viu sozinho e, abanando o rabo, começou a se esfregar no cossaco. Danilo tinha se acostumado ao cachorro durante a viagem. De repente, o cossaco se desencostou da carruagem, arrancou o gorro da cabeça, jogou-o com toda a força de encontro ao chão, empurrou Trezorka para longe com o pé e entrou numa taverna. Ali, pediu vodca e bebeu um dia e uma noite seguidos, bebeu todo o dinheiro que tinha e toda a roupa do corpo e só na noite seguinte, ao acordar caído numa vala, parou de pensar na pergunta que o torturava: será que tinha agido bem ao denunciar às autoridades que o marido da polonesinha estava dentro da caixa?

Migurski foi julgado e condenado a passar por um corredor de soldados, com mil varas. Seus parentes e Wanda, que tinham conhecidos em Petersburgo, apelaram para amenizar o castigo e ele foi enviado para o exílio perpétuo na Sibéria. Albina foi com ele. Já Nikolai Pávlovitch estava alegre, porque havia esmagado a hidra da revolução, não só na Polônia, mas em toda a Europa, e se orgulhava por não ter violado os princípios da autocracia russa e, para o bem do povo russo, ter mantido a Polônia sob o poder da Rússia. E pessoas de medalhas e de uniformes engalanados o exaltaram por isso a tal ponto que ele mesmo acreditou sinceramente que era um grande homem e que sua vida era um grande bem para a humanidade, sobretudo para os russos, cuja corrupção e cujo entorpecimento constituíam o objetivo inconsciente de todos os seus poderes.

1906

O DIVINO E O HUMANO

I

Eram os anos 1870, na Rússia, no auge da luta dos revolucionários contra o governo.

O general governador de uma província do sul, um alemão robusto, de bigode curvado para baixo, olhar frio, rosto inexpressivo e casaco militar, com uma cruz branca no pescoço, estava à noite em seu gabinete, sentado diante da mesa, com quatro velas acesas atrás de abajures verdes, e examinava e assinava documentos levados a ele por seu secretário. “General ajudante fulano”, concluía ele, com um floreado comprido da pena, e punha o documento de lado.

Entre os documentos, estava a sentença de morte na força de um candidato à universidade de Novorrossia chamado Anatóli Svetlogub, por tomar parte numa conspiração cujo objetivo era derrubar o governo vigente. O general, com uma contração especial das sobancelhas, assinou também esse

documento. Com os dedos brancos, bem cuidados, enrugados pela velhice e pelo sabonete, ele alinhou meticulosamente as beiradas das folhas de papel e colocou-as de lado. O documento seguinte tratava da destinação de dinheiro para o transporte de provisões militares. Ele estava lendo com atenção o documento, pensando se as quantias tinham sido calculadas de modo correto, quando de repente se lembrou de sua conversa com seu ajudante de ordens sobre o caso de Svetlogub. O general supunha que a descoberta de dinamite na casa de Svetlogub ainda não bastava para provar sua intenção criminosa. Já o ajudante de ordens insistia no fato de que, além da dinamite, havia muitos indícios que mostravam que Svetlogub era o cabeça do bando. E, lembrando isso, o general pôs-se a refletir e, por baixo do casaco acolchoado no peito e com lapelas duras como papelão, o coração começou a bater descompassado e o general respirou de modo tão ofegante que a grande cruz branca, objeto de sua alegria e de seu orgulho, se agitou sobre o peito. Ainda era possível chamar de volta o secretário e, se não modificar, pelo menos adiar a sentença.

“Chamar de volta? Não chamar?”

O coração continuava batendo descompassado. Ele tocou a sineta. Em passos ligeiros e silenciosos, entrou o mensageiro.

– Ivan Matviéievitch já saiu?

– Não, senhor, Vossa Excelentíssima, ele se dirigiu à chancelaria.

O coração do general ora estancava, ora dava pancadas aceleradas. Ele se lembrou da advertência do médico que o auscultara dias antes de seu ataque do coração: “O principal”, dissera o médico, “é que o senhor, assim que sentir que existe um coração, interrompa seus afazeres e se distraia. O pior de tudo são as emoções fortes. Não permita isso em nenhuma hipótese”.

– O senhor quer que eu o chame?

– Não, não precisa – respondeu o general. “Sim”, disse consigo, “a indecisão é o que mais perturba. Está assinado e pronto, acabou. *Ein jeder macht sich sein Bett und muss d’rauf schlafen*”,¹ repetiu para si seu provérbio predileto. “Afim, isso não é da minha conta. Sou um executor de uma vontade superior e devo ficar acima de tais considerações”, acrescentou, movendo as sobrancelhas, a fim de inculcar em si a crueldade que não existia em seu coração.

E então se lembrou de seu último encontro com o soberano e como o soberano, depois de mostrar um rosto severo e dirigir a ele seu olhar de vidro, disse: “Confio em você: assim como não se poupou na guerra, agirá com a mesma determinação na luta contra os vermelhos, não ceda, não se iluda e não tenha medo. Adeus!”. E, depois de lhe dar um abraço, o soberano lhe ofereceu o ombro para receber um beijo. O general lembrou-se daquilo e também do que respondeu ao soberano: “Meu único desejo é dar minha vida a serviço de meu soberano e da pátria”.

E, tendo recordado o sentimento de comoção servil que experimentou com a consciência da devoção abnegada ao soberano, o general afastou de si o pensamento que o confundira por um momento, assinou os documentos restantes e tocou a sineta outra vez.

– O chá está pronto? – perguntou.

– Vou servir já, Vossa Excelentíssima.

– Está bem, vá.

O general suspirou fundo e, esfregando a mão no lugar onde ficava o coração, saiu em passos arrastados rumo a um grande salão vazio e, atravessando o assoalho recém-encerado do salão, entrou na sala de visitas, de onde vinham vozes.

A esposa do general recebia convidados: o governador e a esposa, uma velha princesa, grande patriota, e um oficial da guarda, noivo da última filha solteira do general.

A esposa do general, seca, de rosto frio e lábios finos, sentada diante de uma mesinha baixa, sobre a qual estavam as xícaras de chá, com uma chaleira prateada sobre um bico de gás aceso, contava num falso tom de tristeza para uma senhora gorda, que se fazia de jovem, esposa do governador, suas

inquietações com a saúde do marido.

– Todo dia, chegam novas mensagens revelando conspirações e uma porção de coisas horríveis... E tudo isso cai nas costas de Basile, ele tem de resolver tudo.

– Ah, nem me fale! – disse a princesa. – *Je deviens féroce quand je pense à cette maudite engeance.*²

– Sim, sim, é horrível! Acredite, ele trabalha doze horas por dia, e com seu coração fraco. Tenho muito medo de que...

Ela não terminou, vendo que o marido se aproximava.

– Sim, a senhora não pode deixar de ouvi-lo. Barbini é um tenor extraordinário – disse ela, sorrindo com simpatia para a esposa do governador, referindo-se a um cantor recém-chegado de maneira tão natural como se elas estivessem, de fato, conversando sobre aquilo.

A filha do general, mocinha carnuda e atraente, estava sentada com o noivo num canto afastado da sala, atrás de um pequeno biombo chinês. Ela se levantou e, acompanhada do noivo, se aproximou do pai.

– Puxa, nós nem nos vimos hoje! – disse o general, beijando a filha e apertando a mão do noivo.

Depois de cumprimentar os convidados, o general sentou-se junto à mesinha e travou conversa com o governador sobre as últimas notícias.

– Não, não, não vamos falar de trabalho, é proibido! – a esposa do general interrompeu as palavras do governador. – Ah, bem na hora, chegou o Kopiov; ele vai nos contar algo divertido. Bom dia, Kopiov.

E Kopiov, famoso gozador e espirituoso, de fato contou a mais recente anedota, que fez todos rirem.

II

– Não, não é possível, não pode ser, não pode! Larguem-me! – gritava a mãe de Svetlogub com voz estridente, desvencilhando-se das mãos de um professor do ginásio, camarada do filho, e de um médico, que tentavam contê-la.

A mãe de Svetlogub era uma mulher de boa aparência, ainda jovem, com cachos que começavam a ficar grisalhos e rugas em forma de estrela no canto dos olhos. O professor, camarada de Svetlogub, que já sabia que a sentença de morte tinha sido assinada, queria prepará-la com cuidado para a notícia terrível, mas assim que começou a falar sobre Svetlogub, pelo tom da voz, pelo olhar temeroso, a mulher adivinhou que acontecera o que ela temia.

Aquilo se passava num pequeno quarto do melhor albergue da cidade.

– Por que vocês me seguram? Larguem-me! – gritou, desvencilhando-se do médico, velho amigo de seu filho, que com uma mão a segurava pelo cotovelo magro e, com a outra, colocava sobre a mesa oval, na frente do sofá, um frasco de gotas calmantes. Ela estava contente por eles a segurarem, pois sentia que precisava fazer alguma coisa, mas não sabia o quê, e tinha medo de si mesma.

– Acalme-se. Tome, beba umas gotas – disse o médico, oferecendo um copo com um líquido turvo.

Ela se acalmou de repente, quase dobrou o corpo ao meio, baixou a cabeça até o peito afundado e, de olhos fechados, deixou-se cair no sofá.

E lembrou como o filho, três meses antes, se despedira, com um ar misterioso e tristonho. Depois se lembrou do menino de oito anos, de casaquinho de veludo, perninhas nuas e cabelos compridos, louros, torcidos em cachos. “E é com ele, ele, esse mesmo menino... que vão fazer isso!”

Ela se levantou de um pulo, empurrou a mesa e se desprende das mãos do médico. Ao chegar à porta, ela tombou de novo numa poltrona.

– E ainda dizem... que Deus existe! Que Deus é ele, se permite uma coisa dessas? Que o diabo o

carregue, a esse Deus! – gritou, ora soluçando, oradando uma risada histérica. – Vão enforçar, vão enforçar aquele que abriu mão de tudo, de toda a carreira, que entregou a fortuna aos outros, ao povo, deu tudo – disse ela, que antes sempre censurara o filho justamente por fazer aquilo, mas agora enaltecia para si mesma o mérito que havia na abnegação do filho. – E é com ele, com ele, que vão fazer isso! E vocês ainda me dizem que Deus existe! – gritou.

– Sim, não digo nada, apenas peço à senhora que tome umas gotas.

– Não quero nada. Ha, ha, ha! – gargalhava e soluçava, inebriando-se com o próprio desespero.

À noite, estava tão exausta que já não conseguia falar nem chorar, apenas olhava fixo para a frente, com um olhar parado, louco. O médico lhe aplicou uma dose de morfina e ela adormeceu.

O sono foi sem sonhos, mas o despertar foi ainda mais horrível. E o mais horrível de tudo era que as pessoas pudessem ser tão cruéis, não só os horríveis generais de barba raspada e os policiais, mas todos, todos: a jovem arrumadeira, que com o rosto tranquilo veio arrumar o quarto; os hóspedes no quarto vizinho, que se cumprimentaram com alegria e riram de alguma coisa, como se não estivesse acontecendo nada.

III

Svetlogub estava preso havia mais de um mês numa cela solitária e, durante aquele tempo, tinha sofrido muito.

Desde a infância, de modo inconsciente, Svetlogub sentia a injustiça de sua condição excepcional de homem rico e, embora tentasse sufocar essa consciência dentro de si mesmo, muitas vezes, quando encontrava gente necessitada, e em certas ocasiões só por sentir-se especialmente bem e alegre, ele ficava envergonhado diante daquelas pessoas – camponeses, velhos, mulheres, crianças que nasciam, cresciam e morriam não só sem conhecer todas as alegrias que ele desfrutava, sem lhes dar valor, como também sem conseguir jamais escapar da fadiga, do trabalho e da pobreza. Quando terminou a universidade, a fim de se libertar da consciência da própria culpa, criou uma escola em suas terras, no campo, uma escola-modelo, um armazém de consumo comunitário, um asilo para velhas e velhos desamparados. Porém, por estranho que pareça, mesmo se ocupando com alegria de tais afazeres, que lhe traziam proveito, sua vergonha diante do povo era ainda maior do que quando jantava com os amigos ou galopava num cavalo caro e puro-sangue. Sentia que tudo aquilo não era o correto e, até pior do que isso: era algo ruim, moralmente impuro.

Num daqueles períodos em que se sentia decepcionado com suas iniciativas no campo, foi a Kíev e se encontrou com um de seus melhores camaradas da universidade. Esse camarada, três anos depois do encontro dos dois, foi fuzilado no fosso da fortaleza de Kíev.

Aquele camarada, fervoroso, determinado e com enormes talentos, convencera Svetlogub a participar de uma sociedade cujos fins eram a educação do povo, a promoção da consciência de seus direitos e a formação de círculos interligados, que trabalhassem com afinco para se libertar do poder dos senhores de terras e do governo. As conversas com aquele homem e seus amigos pareceram a Svetlogub criar uma consciência clara de tudo que até então ele sentia de maneira confusa. Agora ele entendia o que precisava fazer. Sem interromper a relação com os novos camaradas, foi para o campo e, lá, deu início a uma atividade bem diferente. Ele mesmo passou a ser o professor, organizou turmas para adultos, lia para eles livros e folhetos, explicava aos camponeses sua situação; além disso, imprimia livros e folhetos populares clandestinos e, sem tocar no que pertencia à mãe, gastava tudo que podia na construção de centros semelhantes em outras aldeias.

Desde os primeiros passos da nova atividade, Svetlogub encontrou dois obstáculos inesperados: um

foi que a maioria das pessoas do povo não só era indiferente a suas exortações como olhava quase com desprezo para ele. (Só alguns indivíduos fora do comum e, muitas vezes, pessoas de moralidade duvidosa o compreendiam e mostravam simpatia por ele.) O outro obstáculo veio do governo. A escola foi proibida, fizeram buscas em sua casa e nas casas de pessoas próximas a ele e apreenderam livros e documentos.

Svetlogub deu pouca atenção ao primeiro obstáculo – a indiferença do povo –, pois ficou chocado demais com o segundo obstáculo: os atos de repressão do governo, insensatos e ultrajantes. O mesmo sofriam seus camaradas, em suas atividades em outros lugares, e o sentimento de irritação com o governo, fomentado de modo recíproco, chegou a tal ponto que a maior parte daquele círculo resolveu usar a força na luta contra o governo.

O chefe do círculo era um certo Mejeniétski – que todos consideravam dotado de uma força de vontade inabalável, de uma lógica invencível e totalmente dedicado à revolução.

Svetlogub se submeteu à influência daquele homem e, com a mesma energia com que antes trabalhava no campo, se entregou à atividade terrorista. Tratava-se de uma atividade perigosa, mas era exatamente o perigo que atraía Svetlogub, acima de tudo.

Dizia para si: “A vitória ou o martírio e, se for o martírio, esse martírio será também uma vitória, só que no futuro”. E o fogo aceso dentro dele não só não se apagou no decorrer dos sete anos de sua atividade revolucionária como ardeu cada vez mais forte, sustentado pelo amor e pelo respeito que tinha pelas pessoas que o rodeavam.

Ele não atribuía nenhuma importância ao fato de ter dado àquela causa quase toda a sua fortuna, deixada em herança pelo pai; tampouco dava importância ao trabalho árduo e às necessidades que muitas vezes tinha de suportar naquela atividade. Só uma coisa o afligia: era o sofrimento que ele, com tal atividade, causava à mãe e à sua protegida, uma jovem que morava com ela e que amava Svetlogub.

Nos últimos tempos, um camarada terrorista desagradável e de que ele não gostava, vendo-se perseguido pela polícia, pediu a Svetlogub que escondesse dinamite para ele. Sem hesitar, Svetlogub concordou justamente porque não gostava daquele camarada, mas, no dia seguinte, a polícia deu uma busca no apartamento de Svetlogub e achou a dinamite. Svetlogub se recusou a responder a todas as perguntas sobre a origem da dinamite.

E então o martírio que ele esperava começou. Nos últimos tempos, em que tantos amigos eram executados, presos, degredados, em que tantas mulheres sofriam, Svetlogub quase desejava o martírio. E nos primeiros minutos de detenção e interrogatório, ele sentiu uma emoção singular, quase uma alegria.

Experimentou esse sentimento quando o despiram, o revistaram, quando o levaram para a prisão e trancaram a porta de ferro. No entanto, quando passou um dia, outro, o terceiro, quando passou uma semana, e outra e a terceira, na cela úmida e imunda, repleta de insetos, na solidão e na ociosidade involuntária, apenas interrompida pelas mensagens que, por meio de batidas, trocava com os camaradas presos e que davam sempre notícias ruins e tristes, e de vez em quando por interrogatórios feitos por pessoas frias e hostis, que se empenhavam para arrancar dele a denúncia contra algum camarada, suas forças morais se debilitaram continuamente, junto com as forças físicas, e ele apenas se angustiava e desejava, como dizia para si, algum fim, qualquer que fosse, para aquela situação martirizante. Sua angústia aumentava também porque ele duvidava das próprias forças. No segundo mês de encarceramento, começou a se apanhar de surpresa pensando em contar toda a verdade, contanto que ficasse livre. Horrorizava-se com a própria fraqueza, mas já não encontrava em si as forças de antes, abominava e desprezava a si mesmo e sua angústia aumentava cada vez mais.

O mais horrível era que, na prisão, começou a lamentar a tal ponto as forças e as alegrias de juventude que ele havia sacrificado com tanta facilidade quando era livre, e que agora lhe pareciam tão fascinantes, que se arrependia do que considerava bom, às vezes se arrependia até de toda a sua atividade. Vinham-lhe pensamentos de como poderia viver bem e feliz, em liberdade – no campo, livre,

no exterior, entre amigos queridos e amados. Casar com ela, talvez com outra, e ter com ela uma vida simples, alegre, radiante.

IV

Num dos dias torturantemente rotineiros do segundo mês de prisão, o carcereiro, em sua ronda habitual, deu a Svetlogub um livrinho com uma cruz dourada na capa marrom, e disse que a esposa do governador tinha visitado a prisão e deixara exemplares do Evangelho, que era permitido distribuir aos detentos. Svetlogub agradeceu e sorriu de leve, colocando o livrinho na mesinha encostada à parede.

Quando o carcereiro foi embora, Svetlogub comunicou aos vizinhos, por meio de batidas, que o carcereiro tinha vindo e nada contara de novo, apenas deixara o Evangelho, e um vizinho respondeu que também tinha ganhado um exemplar.

Depois do almoço, Svetlogub abriu as folhas do livrinho, grudadas pela umidade, e começou a ler. Nunca tinha lido o Evangelho como um livro. Tudo que sabia a respeito era o que o professor de religião, no ginásio, tinha ensinado e o que o padre e o sacristão liam na igreja, com voz cantada.

“Primeiro capítulo. Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão [...], Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá [...]”, leu ele. “[...] Zorobabel gerou Abiud [...]”, continuou a ler. Tudo aquilo era o que ele já esperava: um palavrório confuso e que não servia para nada. Se não estivesse na prisão, não conseguiria ler nem uma página, mas ali continuou a ler, pelo mero processo da leitura. “Como o Petrushka, de Gógol”,³ pensou. Leu o primeiro capítulo sobre o parto da Virgem e sobre a profecia segundo a qual dariam ao recém-nascido o nome de Emanuel, que significa “Deus está conosco”. “Mas de onde vem essa profecia?”, pensou, e continuou a ler. Leu também o segundo capítulo – sobre a estrela cadente –, e o terceiro – sobre João, que comia gafanhotos –, e o quarto – sobre uma espécie de diabo, que sugeriu a Cristo um exercício de ginástica, pulando do telhado. Tudo aquilo lhe pareceu tão desprovido de interesse que, apesar do tédio da prisão, já queria fechar o livro e começar sua atividade vespertina rotineira – tirar a camisa e catar pulgas no pano –, quando de repente lembrou que, numa prova que fez na quinta série do ginásio, ele tinha esquecido uma das bem-aventuranças e o professor, de cara rosada, cabelo crespo, de repente se irritou e lhe deu nota 2. Svetlogub não conseguia lembrar qual era a bem-aventurança e leu todas. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos Céus”, leu. “Na certa, isso se refere a nós”, pensou. “Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem [...]. Alegrai-vos e regozijai-vos, [...] pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” “Vós sois o sal da terra. Se o sal se tornar insosso, com que a salgaremos? Para nada mais servirá, senão para ser jogado fora e pisado pelos homens.”

“Isso se refere a nós, não há dúvida”, pensou, e continuou a ler. Depois de ler o quinto capítulo até o fim, pôs-se a refletir: “Não se irrite, não cometa adultério, suporte o mal, ame os inimigos”.

“Sim, se vivêssemos desse jeito”, pensou, “nem seria preciso uma revolução.” Continuando a ler, o pensamento assimilava cada vez mais a fundo as passagens do livro que eram plenamente compreensíveis. E quanto mais lia, mais lhe vinha ao pensamento que, naquele livro, era dita uma coisa especialmente importante. Importante, simples e comovente, como ele jamais tinha ouvido antes, mas que também parecia algo já sabido por ele havia muito tempo.

“E a todos eles disse: ‘Se alguém quer vir comigo, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua alma, vai perdê-la, mas aquele que perder a sua alma por causa de mim, esse a salvará. Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar e perder a si mesmo?’”

– Sim, sim, é isso! – exclamou de repente, com lágrimas nos olhos. – Era isso mesmo que eu

queria fazer. Sim, era isso mesmo que eu queria: dar minha alma; não salvar, mas dar. Nisso está a alegria desta vida. “Fiz muita coisa para as pessoas, para a glória humana”, pensou, “não para obter a glória da multidão, mas a glória da boa opinião daqueles que eu respeitava e amava: Natacha, Dmítri Chelómov, e então vinham dúvidas, eu ficava perturbado. Só me sentia bem quando fazia algo apenas porque a alma exigia, quando eu queria me dar, dar tudo...”

A partir desse dia, Svetlogub passou a dedicar a maior parte do tempo à leitura e à reflexão do que estava dito naquele livro. A leitura despertava nele não só um estado de comoção que o retirava das condições em que se encontrava, como também uma atividade de pensamento como ele jamais conhecera em si mesmo. Tentava entender por que razão as pessoas, todas as pessoas, não viviam como estava dito no livro. “Pois viver assim é bom não só para um, mas para todos. Basta viver assim e não haverá mais infelicidade, penúria, só vai haver bem-aventurança. Se ao menos isto terminar, se eu ficar de novo em liberdade”, pensava às vezes, “se um dia me soltarem, mesmo que me mandem para os trabalhos forçados, não importa. Em toda parte é possível viver assim. E vou viver assim. É possível e é necessário viver assim, e não viver assim é loucura.”

v

Num dos dias em que ele se encontrava nesse estado de alegria e arrebatamento, o carcereiro entrou em sua cela num horário incomum e perguntou se ele estava bem, se não queria alguma coisa. Svetlogub se admirou, sem entender o que significava aquela mudança, e pediu um cigarro, esperando uma negativa. Mas o carcereiro disse que ia trazer logo; e de fato trouxe para ele um maço de cigarros e fósforos.

“Na certa, alguém está intercedendo a meu favor”, pensou, fumou um cigarro e começou a andar para um lado e para outro, dentro da cela, refletindo sobre o significado daquela mudança.

No dia seguinte, foi levado ao tribunal. Na sala do tribunal, onde ele já estivera algumas vezes, não o interrogaram. Mas um dos juízes, sem olhar para ele, se levantou da cadeira, os outros também se levantaram, e, segurando um papel nas mãos, começou a ler em voz bem alta, impostada e inexpressiva.

Svetlogub ouvia e olhava para o rosto dos juízes. Nenhum dos juízes olhava para ele e todos ouviam com fisionomia fatigada e imponente.

No papel estava dito que Anatóli Svetlogub, por comprovada participação em atividade revolucionária, cujo objetivo era a derrubada, no futuro imediato ou distante, do governo vigente, estava condenado à perda de todos os direitos e à pena de morte por enforcamento.

Svetlogub ouviu e entendeu o sentido das palavras pronunciadas pelo funcionário. Observou o absurdo das palavras: no futuro próximo ou distante, além da privação dos direitos de um homem condenado à morte, mas não compreendeu perfeitamente o significado para ele daquilo que foi lido.

Só muito depois, quando lhe disseram que podia ir, e ele saiu para a rua, escoltado pelos guardas, Svetlogub começou a entender o que tinham anunciado.

“Tem alguma coisa aqui que não está certa, não está certa... É um absurdo. Não pode ser”, dizia consigo, ao sentar na carroça que o levou de volta para a prisão.

Sentia em si tamanha força de vida que não conseguia conceber a morte: não conseguia unir a consciência de seu “eu” com a morte, com a ausência do “eu”.

De volta para sua cela na prisão, Svetlogub sentou em seu beliche e, de olhos fechados, tentou representar para si, de maneira real, aquilo que o aguardava, e não conseguiu, de jeito nenhum. Não conseguia, de maneira nenhuma, imaginar que ele não existia, também não conseguia imaginar que pessoas pudessem querer matá-lo.

“Sou jovem, bondoso, feliz, amado por tanta gente...”, pensava. E lembrou-se do amor que a mãe,

Natacha e os amigos tinham por ele. “Vão me matar, me enforcar! Quem está fazendo isso? Para quê? E depois, o que vai acontecer, quando eu não existir mais? Não pode ser”, disse para si.

Veio o carcereiro. Svetlogub não percebeu sua entrada.

– Quem é? Quem é você? – exclamou Svetlogub, sem reconhecer o carcereiro. – Ah, sim, é você!

Quando vai ser? – perguntou.

– Não tenho como saber – respondeu o carcereiro e, depois de alguns segundos de silêncio, de repente com voz branda, afetuosa, declarou: – O nosso padre aqui gostaria de... dar... gostaria de falar com o senhor...

– Não preciso, não preciso, não preciso de nada! Vá embora! – gritou Svetlogub.

– Não precisa escrever para alguém? É permitido – disse o carcereiro.

– Sim, sim, traga uma folha. Vou escrever.

O carcereiro saiu.

“Deve ser de manhã”, pensou Svetlogub. “Sempre fazem assim. Amanhã de manhã, eu não vou mais existir... Não, não pode ser, isto é um sonho.”

Mas o carcereiro voltou, o carcereiro real, conhecido, e trouxe duas penas, um tinteiro, um maço de folhas de papel de carta, envelopes azulados, e pôs um banquinho junto à mesa. Tudo aquilo era real, não era um sonho.

“É preciso não pensar, não pensar. Sim, sim, escrever. Vou escrever para mamãe”, pensou Svetlogub. Sentou-se no banquinho e logo começou a escrever.

“Querida, adorada!”, escreveu e começou a chorar. “Perdoe-me, perdoe-me por todo o desgosto que causei a você. Não sei se errei ou não, mas eu não podia agir de outro modo. Só peço uma coisa: me perdoe.” “Mas isso eu já escrevi”, pensou. “Bem, não faz diferença, agora não há tempo para reescrever.” “Não fique triste por minha causa”, escreveu ainda.

Um pouco mais cedo, um pouco mais tarde... faz alguma diferença? Não tenho medo e não me arrependo do que fiz. Não podia agir de outro modo. Apenas me perdoe. E não se zangue com eles, nem com aqueles com quem trabalhei, nem com quem me executar. Nenhum deles podia agir de outro modo: perdoe a eles, não sabem o que fazem. Não me atrevo a repetir essas palavras sobre mim mesmo, mas elas estão na minha alma e me elevam e me acalmam. Perdoe-me, beijo suas queridas mãos velhas e enrugadas!

Duas lágrimas, uma depois da outra, pingaram no papel e se desmancharam na folha.

Estou chorando, mas não é de dor ou de medo, e sim de comoção em face do minuto mais solene de minha vida e também porque amo você. Não repreenda meus amigos, ame-os. Em especial o Prókhorov, justamente por ter sido ele a causa de minha morte. Dá muita alegria amar quem, mesmo sem culpa, pode ser alvo de repreensão e de ódio. Amar tal pessoa – um inimigo – é uma grande felicidade. Diga à Natacha que seu amor foi meu consolo e minha alegria. Eu não entendia isso com clareza, mas bem lá no fundo eu tinha consciência. Para mim, foi mais fácil viver sabendo que ela existe e me ama. Bem, já disse tudo. Adeus!

Releu a carta e, no fim, ao ler o nome de Prókhorov, de repente lembrou que podiam ler a carta, seguramente iam ler, e seria a ruína de Prókhorov.

– Meu Deus, o que eu fiz! – gritou de repente, rasgou a carta em tiras compridas e começou a

queimá-las às pressas na chama do lampião.

Sentou-se para escrever em desespero e agora se sentiu tranquilo, quase alegre.

Pegou outra folha e logo se pôs a escrever. Os pensamentos se aglomeravam, um após o outro, dentro da cabeça.

“Querida, adorada mamãe!”, escreveu e de novo os olhos se turvaram de lágrimas, e ele teve de enxugá-los com a manga do casaco, para enxergar o que estava escrevendo.

Como eu não conhecia a mim mesmo, não conhecia toda a força do amor por você e da gratidão que sempre existiu no meu coração! Agora sei e sinto e, quando lembro nossas discórdias, minhas palavras ruins, ditas para você, sofro, sinto vergonha e é quase inexplicável. Perdoe-me e lembre-se apenas do que for bom em mim, se houver algo de bom.

Não temo a morte, mas, para dizer a verdade, não a entendo, não acredito nela. Pois se existe a morte, a aniquilação, então não faz diferença nenhuma morrer aos trinta anos ou aos trinta minutos, mais cedo ou mais tarde. E se não existe morte, também não faz a menor diferença, mais cedo ou mais tarde.

“Mas para que fico filosofando?”, pensou. “Tenho de escrever o que estava na outra carta, algo mais bonito no fim... Sim.” “Não repreenda meus amigos, ame-os, e sobretudo aquele que foi a causa involuntária de minha morte. Dê um beijo em Natacha, por mim, e diga a ela que sempre a amei.”

Dobrou a carta, fechou e sentou-se na cama, com as mãos nos joelhos e engolindo as lágrimas.

Continuava sem acreditar que devia morrer. Várias vezes, perguntando de novo a si mesmo se estava dormindo, tentava acordar, sem conseguir. E essa ideia o levou para outra: será que toda a vida neste mundo é um sonho cujo despertar é a morte? Se for assim, será que a consciência da vida neste mundo é apenas o despertar do sono de uma vida anterior, de cujos detalhes não me lembro? De modo que a vida aqui não é um início, mas apenas uma nova forma de vida. Vou morrer e passarei para uma forma nova. A ideia agradou a Svetlogub; mas, quando quis apoiar-se nela, sentiu que tal ideia, como toda e qualquer ideia, não podia lhe dar coragem diante da morte. Por fim, se cansou de pensar. O cérebro não trabalhava mais. Fechou os olhos e ficou muito tempo parado assim, sem pensar.

“Como vai ser? O que vai acontecer?”, lembrou-se de novo. “Nada? Não, nada, não. Mas o quê?”

E de repente ficou absolutamente claro que, para um homem vivo, aquelas perguntas não têm e não podem ter resposta.

“Então para que fico me perguntando sobre isso? Para quê? Sim, para quê? Não é preciso perguntar, é preciso viver, como eu vivo agora, quando escrevo esta carta. Pois estamos todos condenados há muito tempo, sempre, e vivemos. Vivemos bem, com alegria, quando... amamos. Sim, quando amamos. Veja, eu estava escrevendo a carta, amava e me sentia bem. É assim que é preciso viver. E é possível viver em toda parte e sempre, em liberdade, na prisão, hoje, amanhã, até o fim.”

Agora tinha vontade de conversar com alguém, com carinho, afeição. Bateu na parede e quando a sentinela olhou para ele, Svetlogub perguntou que horas eram e se faltava muito para terminar seu turno de vigia, mas a sentinela nada respondeu. Então pediu para falar com o carcereiro. O carcereiro veio e perguntou o que ele queria.

– Olhe, escrevi uma carta para minha mãe, entregue, por favor – disse, e lágrimas lhe correram dos olhos, ao lembrar-se da mãe.

O carcereiro pegou a carta e, prometendo entregá-la, fez menção de sair, mas Svetlogub o deteve.

– Escute, o senhor é bom. Por que o senhor trabalha neste serviço tão penoso? – perguntou, tocando-o gentilmente na manga.

O carcereiro sorriu com um ar de pena pouco natural e, de olhos baixos, disse:

– É preciso viver.

– O senhor podia largar esse trabalho. Afinal, sempre se dá um jeito. O senhor é tão bom. Talvez eu pudesse...

De repente o carcereiro teve um soluço de choro, deu meia-volta e saiu depressa, batendo a porta.

A emoção do carcereiro comoveu Svetlogub mais ainda e, contendo lágrimas de alegria, ele começou a andar de uma parede à outra, já agora sem experimentar nenhum temor, mas apenas um estado de ternura que o erguia acima do mundo.

A mesma pergunta – o que aconteceria com ele após a morte? –, a que ele tanto se esforçava para responder, e não conseguia, agora lhe parecia resolvida, e não com alguma resposta positiva, racional, mas com a consciência da verdade da vida que existia dentro dele.

E lembrou-se das palavras do Evangelho: “Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto”. “Agora eu também vou cair na terra. Sim, é verdade, é verdade”, pensou.

“Era melhor dormir”, pensou, de repente, “para não ficar fraco depois.” E deitou no beliche, fechou os olhos e adormeceu imediatamente.

Acordou às seis horas da manhã, dominado pela impressão de um sonho radiante e alegre. No sonho, viu que estava com uma menina loura, miúda, trepava em árvores frondosas, carregadas de cerejas pretas e maduras, colhia as frutas e jogava numa grande tigela de bronze. As cerejas não caíam dentro da tigela, se espalhavam na terra, e alguns animais estranhos, parecidos com gatos, pegavam as cerejas, jogavam para o alto e pegavam de novo. Vendo aquilo, a menina dava risadas, seu riso era tão contagiante que também Svetlogub ria com alegria no sonho, sem saber por quê. De repente a tigela de bronze escorregou das mãos da menina, Svetlogub quis apanhá-la, mas não teve tempo, e a tigela de bronze, com estrondo, batendo pelos galhos, caiu na terra. Ele acordou sorrindo e ainda ouvindo o prolongado barulho da tigela de bronze. Aquele barulho era o som das trancas de ferro que abriam, no corredor. Ouviram-se, no corredor, passos e o tilintar de fuzis. De repente, lembrou tudo. “Ah, quem dera eu adormecesse outra vez!”, pensou Svetlogub, mas já era impossível adormecer. Os passos se aproximaram de sua porta. Ele ouviu a chave entrar na fechadura e girar, ouviu a porta ranger.

Entraram um oficial da polícia, o carcereiro e uma escolta.

“A morte? Bem, e então? Já vou. Sim, está certo. Tudo certo”, pensou Svetlogub, sentindo que voltava ao estado de comoção solene em que se encontrava na véspera.

VI

Na mesma prisão em que estava Svetlogub, também se encontrava preso um velho *raskólnik*,⁴ um “sem-pope”, que desconfiava de seus guias espirituais e buscava a fé verdadeira. Ele recusava não só a igreja de Nikon como também o governo, desde o tempo de Pedro, o Grande, que ele considerava o Anticristo, chamava o regime do tsar de “poder do tabaco” e dizia corajosamente o que pensava, denunciando os popes e os funcionários, por isso foi julgado e aprisionado, e o mandavam de uma prisão para outra. O fato de não estar livre, mas na prisão, de ser xingado pelos carcereiros, de ficar preso em correntes, de ser ridicularizado pelos companheiros detentos, e de todos eles, inclusive o diretor do presídio, renegarem Deus, se insultarem uns aos outros e profanarem de mil maneiras a imagem de Deus que traziam dentro de si – tudo isso não o incomodava, tudo isso ele tinha visto em toda parte no mundo, quando esteve em liberdade. Tudo isso acontecia, ele sabia, porque as pessoas tinham perdido a fé verdadeira e todos se extraviaram, como cachorrinhos cegos que se perderam da mãe. No entanto ele

sabia que existe uma fé verdadeira. Sabia disso porque sentia essa fé em seu coração. E procurava essa fé em toda parte. Acima de tudo, esperava encontrá-la no Apocalipse de São João.

“Que o injusto cometa ainda a injustiça e o sujo continue a sujar-se; que o justo pratique ainda a justiça e que o santo continue a santificar-se. Eis que eu venho em breve, e trago comigo o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho.” E lia o tempo todo aquele livro misterioso e esperava a qualquer minuto “o anunciado”, que não só retribuiria a cada um segundo seu trabalho como também revelaria às pessoas toda a verdade de Deus.

Na manhã da execução de Svetlogub, ele ouviu os tambores e, trepado na janela, viu através das grades que traziam uma carroça, viu que um jovem de olhos radiantes e cabelos crespos subiu sorrindo na carroça. Na mão branca e pequena do jovem, havia um livro. O jovem apertava o livro ao coração – o *raskólnik* sabia que era o Evangelho – e, sorrindo, cumprimentou com a cabeça os detentos que estavam nas janelas, trocou olhares com eles. Os cavalos se puseram em movimento e o jovem, luminoso como um anjo, foi sentado na carroça, que saiu pelo portão, rodeada por guardas, fazendo barulho nas pedras do calçamento.

O *raskólnik* desceu da janela, sentou em seu beliche e pôs-se a pensar. “Esse conheceu a verdade”, pensou. “Por isso os servos do Anticristo vão estrangular esse homem com uma corda, para que ele não a revele para ninguém.”

VII

Era uma cinzenta manhã de outono. Não se via o sol. Um vento morno e úmido soprava do mar.

O ar livre, a visão das casas, da cidade, dos cavalos, das pessoas que olhavam para ele – tudo aquilo distraía Svetlogub. Sentado num banquinho da carroça, as costas viradas para o cocheiro, ele não podia deixar de ver o rosto dos soldados que o escoltavam e dos habitantes da cidade que passavam.

Era muito cedo, as ruas por onde o levavam estavam quase desertas e só cruzavam com trabalhadores. Pedreiros em aventais manchados de cal, que caminhavam depressa em sentido contrário, pararam um momento e voltaram atrás, ao lado da carroça. Um deles disse alguma coisa, sacudiu a mão, e todos deram meia-volta e retornaram a seus afazeres; carreteiros que transportavam barras de ferro em suas carroças puxaram os cavalos possantes para o lado, a fim de dar passagem para a carroça de Svetlogub, pararam e, com uma curiosidade perplexa, olharam para ele. Um dos carreteiros tirou o chapéu e fez o sinal da cruz. Uma cozinheira de avental branco e touca, com uma cesta na mão, saiu por um portão, mas, ao ver a carroça, rapidamente voltou para dentro, saiu de novo com outra mulher e as duas, com olhos arregalados, sem parar para tomar fôlego, seguiram a carroça enquanto puderam vê-la. Um homem grisalho, vestido em trapos, de barba por fazer, com gestos enérgicos, tentava convencer um porteiro de alguma coisa, apontando para Svetlogub com evidente desaprovação. Dois meninos vieram correndo para alcançar a carroça e, com a cabeça virada, sem olhar para a frente, andavam pela calçada a seu lado. Um, o mais velho, andava a passos ligeiros; o outro, o menor, sem gorro, segurava-se ao mais velho e olhava assustado para a carroça, enquanto se apressava com dificuldade, aos tropeções, com as perninhas curtas, atrás do mais velho. Svetlogub cumprimentou-o com a cabeça. Esse gesto do homem terrível, transportado na carroça, perturbou o menino a tal ponto que ele arregalou os olhos, escancarou a boca e se preparou para chorar. Então Svetlogub levou a mão à boca e lhe mandou um beijo, sorrindo para ele. De repente, de modo inesperado, o menino respondeu com um sorriso meigo e bondoso.

Durante todo o tempo da viagem, a consciência do que o aguardava não perturbava o ânimo tranquilo e solene de Svetlogub. Só quando a carroça se aproximou do cadafalso, o retiraram da carroça e ele viu as colunas com a trave e, nela, a força que balançava de leve com o vento, Svetlogub sentiu

como que um golpe físico no coração. De repente, sentiu náuseas. Mas não durou muito. Em torno do palanque, viu fileiras negras de soldados com fuzis. À frente dos soldados, andavam oficiais. E assim que o fizeram descer da carroça, irrompeu o rufo dos tambores com um estrondo inesperado, que o obrigou a se retrair. Atrás das fileiras de soldados, Svetlogub viu carruagens de senhores e damas que, sem dúvida, tinham ido assistir ao enforcamento. No primeiro minuto, a visão de tudo aquilo surpreendeu Svetlogub, mas logo ele se refez, lembrou-se de como estava se sentindo na prisão e começou a lamentar o fato de aquelas pessoas não saberem o que ele agora sabia. “Mas eles vão saber. Vou morrer, mas a verdade não vai morrer. Eles vão saber. Vão saber como todos, não eu, mas todos eles, poderiam ser e serão felizes.”

Levaram-no ao cadafalso e, atrás, foi um oficial. Os tambores silenciaram e o oficial leu, com uma voz impostada que, no meio do campo largo e depois do rufo dos tambores, soava especialmente fraca, a mesma tola sentença de morte que tinham lido no tribunal: privação de todos os direitos da pessoa que vão matar.

“Para quê, para que fazem tudo isso?”, pensou Svetlogub. “Que pena que eles ainda não sabem e que eu não posso mais transmitir tudo para eles, mas vão saber. Vão saber tudo.”

Aproximou-se de Svetlogub um sacerdote de manto lilás, com uma pequena cruz banhada em ouro no peito e outra cruz, grande, de prata, que segurava na mão fraca, branca, nodosa, magra, que brotava do punho preto de veludo.

– O Senhor é misericordioso – começou, passando a cruz da mão esquerda para a direita e aproximando-a de Svetlogub.

Svetlogub recuou a cabeça e se retraiu. Por pouco não falou palavras hostis para o sacerdote, que participava do que estavam fazendo com ele e falava de misericórdia, mas, lembrando as palavras do Evangelho, “não sabem o que fazem”, Svetlogub fez um esforço e falou timidamente:

– Desculpe, não preciso disso. Por favor, me desculpe, mas não preciso mesmo. Agradeço ao senhor.

Estendeu a mão para o sacerdote. O sacerdote passou a cruz de novo para a mão esquerda, apertou a mão de Svetlogub, tentando não olhar para seu rosto, e desceu do cadafalso. Os tambores rufaram de novo, abafando todos os outros sons. Após o sacerdote, a passos ligeiros, fazendo ranger as tábuas do cadafalso, aproximou-se de Svetlogub um homem de estatura mediana, ombros arqueados e braços musculosos, com um casaco por cima de uma camisa russa. Depois de lançar um rápido olhar para Svetlogub, ele chegou bem perto, exalou um cheiro desagradável de bebida e suor, segurou-o pelo braço, acima do pulso, com dedos tenazes e, apertando a ponto de causar dor, inclinou as costas de Svetlogub e amarrou-o com força. Depois de amarrar as mãos, o carrasco parou um instante, como que para se preparar, e olhava ora para Svetlogub, ora para alguns objetos que havia trazido e colocara sobre o cadafalso, ora para a corda suspensa na trave. Depois de preparar o que era necessário, foi até a corda, fez alguma coisa com ela, moveu Svetlogub para a frente, para perto da corda e da beira do cadafalso.

Assim como na hora da leitura da sentença de morte Svetlogub não tinha conseguido entender todo o significado do que lhe comunicavam, agora também não conseguia entender todo o significado do minuto iminente e, com admiração, olhava para o carrasco, que, com agilidade, rapidez e preocupação, cumpria sua tarefa horrorosa. O rosto do carrasco era o mais comum dos rostos do trabalhador russo; não era mau, mas concentrado, como acontece com pessoas empenhadas em executar, com a máxima precisão, uma tarefa necessária e complicada.

– Chegue um pouco para cá... para a frente... – disse o carrasco com voz rouca, empurrando-o na direção da forca. Svetlogub obedeceu.

– Senhor, me ajude, me ajude! – disse ele.

Svetlogub não acreditava em Deus e até ria de quem acreditava. Mesmo agora, ele não acreditava em Deus, e não acreditava porque não conseguia exprimi-Lo com palavras nem explicá-Lo por meio do

pensamento. Mas isso que agora havia entendido sobre aquele a quem se dirigia – Svetlogub sabia disso – era o que havia de mais real em tudo o que sabia. E sabia que aquele apelo era necessário e importante. Sabia disso porque o apelo, imediatamente, o havia tranquilizado e revigorado.

Moveu-se na direção da forca e, sem querer, lançou um olhar para as fileiras de soldados e de espectadores diversos, e pensou mais uma vez: “Para quê, para que fazem isso?”. E sentiu pena deles e de si, e vieram-lhe lágrimas aos olhos.

– Você não sente pena de mim? – perguntou, cruzando o olhar com os olhos cinzentos e vivazes do carrasco.

O carrasco se deteve um instante. De repente, seu rosto mostrou uma expressão malvada.

– Ora essa! Conversa! – resmungou e inclinou-se ligeiro para o chão, onde estavam seu casaco e um pano e, com um movimento ágil das mãos, abraçou Svetlogub pelas costas, cobriu sua cabeça com um saco de lona e, às pressas, curvou-o ao meio para a frente.

“Em Tuas mãos entrego minha alma”, lembrou-se Svetlogub das palavras do Evangelho.

Sua alma não se opunha à morte, mas seu corpo forte e jovem não a aceitava, não se rendia e queria lutar.

Ele quis gritar, resistir, mas no mesmo instante sentiu um baque, perdeu o ponto de apoio, o horror animal do sufocamento, um barulho dentro da cabeça e o desaparecimento de tudo.

Balançando, o corpo de Svetlogub pendia da forca. Duas vezes, os ombros baixaram e subiram.

O carrasco esperou dois minutos, de rosto franzido e ar sombrio, pôs as mãos nos ombros do cadáver e puxou-o para baixo com um movimento forte. Todos os movimentos do cadáver cessaram, exceto o balanço vagaroso daquele boneco de marionete, com a cabeça enfiada num saco e inclinada para a frente, de um jeito pouco natural, com as pernas esticadas e os pés cobertos por meias de presidiário.

Ao descer do cadafalso, o carrasco avisou ao chefe que o cadáver podia ser retirado do laço e enterrado.

Uma hora depois, o cadáver foi retirado da forca e levado para um cemitério não consagrado.

O carrasco fez o que queria e o que tinha sido incumbido de fazer. Mas a execução não tinha sido fácil. As palavras de Svetlogub – “Você não sente pena de mim?” – não saíam de sua cabeça. Ele era um assassino, condenado a trabalhos forçados, e a função de carrasco lhe concedia uma liberdade relativa e uma vida de luxo, mas a partir daquele dia ele se recusou a cumprir a função que lhe foi designada e, durante aquela semana, bebeu tanto que gastou não só todo o dinheiro recebido com a execução como também toda a sua roupa, relativamente cara, e tanto fez que acabou sendo posto na prisão e, da prisão, foi levado ao hospital.

VIII

Um dos cabeças do partido revolucionário dos terroristas, Ignáti Mejeniétski, o mesmo que atraía Svetlogub para a atividade terrorista, foi transferido da província onde foi preso para Petersburgo. Na mesma prisão, estava o velho *raskólnik* que vira a execução de Svetlogub. Ele estava a caminho da Sibéria, para onde tinha sido transferido. Continuava pensando o tempo todo em como e onde ia descobrir o que era a fé verdadeira e às vezes se lembrava daquele jovem radiante que sorria, a caminho da morte.

Ao saber que numa das celas da mesma prisão estava um camarada daquele jovem, que tinha a mesma fé que ele, o *raskólnik* se alegrou e pediu a um guarda que o apresentasse ao amigo de Svetlogub.

Mejeniétski, apesar de todo o rigor da disciplina da prisão, não parava de se comunicar com as pessoas de seu partido e, todo dia, esperava notícias do túnel que ele mesmo havia imaginado e projetado

para mandar pelos ares o trem do tsar. Agora, tendo reparado em alguns detalhes do plano que deixara escapar, ele inventava meios de transmiti-los a seus cúmplices. Quando o guarda entrou em sua cela e, com cuidado, em voz baixa, disse que um dos presos queria falar com ele, Mejeniétski se alegrou, na esperança de que o encontro lhe daria a chance de comunicar-se com seu grupo.

– Quem é? – perguntou.

– Um dos camponeses.

– E o que ele quer?

– Quer falar sobre a fé.

Mejeniétski sorriu.

– Bem, tanto faz, mande vir – disse. “Eles, os *raskólniki*, também odeiam o governo. Talvez seja útil”, pensou.

O guarda saiu e, minutos depois, abriu a porta e fez entrar na cela um velho seco e baixo, de cabelos espessos, barbicha rala e grisalha, olhos bondosos, cansados e azuis.

– O que o senhor quer? – perguntou Mejeniétski.

O velho lançou um olhar para ele, baixou os olhos às pressas e estendeu a mão pequena, vigorosa e seca.

– O que o senhor quer? – repetiu Mejeniétski.

– Uma palavra com você.

– Que palavra?

– Sobre a fé.

– Que fé?

– Dizem que você tem a mesma fé daquele jovem que os servos do Anticristo enforcaram em Odessa.

– Que jovem?

– Foi em Odessa, enforcaram no outono.

– Deve ser o Svetlogub, não é?

– Ele mesmo. Amigo seu? – a cada pergunta, com os olhos bondosos, o velho lançava um olhar curioso para o rosto de Mejeniétski e, logo em seguida, baixava os olhos de novo.

– Sim, era um homem muito ligado a mim.

– E tem a mesma fé?

– Deve ser a mesma – respondeu Mejeniétski, sorrindo.

– É sobre isso que quero conversar com você.

– Mas o que exatamente o senhor quer?

– Conhecer sua fé.

– Nossa fé... Bem, sente – disse Mejeniétski, encolhendo os ombros. – Nossa fé é a seguinte. Acreditamos que existem pessoas que tomaram o poder do povo, torturam e enganam o povo, e que é preciso não ter piedade de si mesmo e lutar contra essas pessoas para salvar o povo, que elas exploram – disse Mejeniétski, como era costume –, que elas torturam – emendou ele. – E então é preciso dar cabo dessas pessoas. Elas matam, então é preciso matá-las, antes que elas possam se recuperar e reagir.

O velho suspirou, sem erguer os olhos.

– Nossa fé é que, sem ter pena de si mesmo, é preciso derrubar o regime despótico e estabelecer um regime livre, eleito, popular.

O velho deu um suspiro profundo, ajeitou as abas do casacão, ficou de joelhos e se estirou aos pés de Mejeniétski, batendo com a testa nas tábuas imundas do chão.

– Por que o senhor se curvou?

– Não me engane, revele qual é a fé de vocês – disse o velho, sem se levantar e de cabeça baixa.

– Já disse qual é nossa fé. Agora, levante, senão eu não falo mais nada.

O velho levantou-se.

– Essa também era a fé daquele jovem? – perguntou, de pé, diante de Mejeniétski, olhando de vez em quando para o rosto dele com os olhos bondosos, e baixando-os logo em seguida.

– Era essa mesma, e por isso foi enforcado. Quanto a mim, por essa mesma fé, estou sendo levado para a prisão na fortaleza de Pedro e Paulo.

O velho curvou-se para a frente num cumprimento e saiu da cela.

“Não, não era essa a fé daquele jovem”, pensou. “Aquele jovem sabia a fé verdadeira, mas esse outro ou está querendo contar vantagem dizendo que tem a mesma fé dele, ou não quer me revelar... Seja como for, vou procurar até achar. Aqui ou na Sibéria. Deus está em toda parte, tem gente em toda parte. Se a gente está na estrada, pergunta para a estrada”, pensou o velho e de novo pegou o Novo Testamento, abriu no Apocalipse, pôs os óculos, sentou-se junto à janela e começou a ler.

IX

Passaram mais sete anos. Mejeniétski tinha cumprido a pena de prisão em cela solitária na fortaleza de Pedro e Paulo e foi enviado aos trabalhos forçados.

Tinha sofrido muito naqueles sete anos, mas a orientação de seu pensamento não mudara e sua energia não enfraquecera. Nos interrogatórios, antes do encarceramento na fortaleza, ele impressionou os investigadores e juízes com sua firmeza e seu desprezo pelas pessoas sob cujo poder se encontrava. No fundo da alma, sofria por estar preso e não poder concluir a missão iniciada, mas não o demonstrava: assim que entrava em contato com as pessoas, a energia do rancor se erguia dentro dele. Diante das perguntas que lhe faziam, ele silenciava e só falava quando tinha chance de ofender os interrogadores – um agente da polícia ou promotor.

Quando lhe diziam a frase rotineira: “O senhor pode aliviar sua situação com uma confissão sincera”, ele sorria com desdém e, depois de ficar calado um momento, dizia:

– Se vocês acham que com o medo ou com vantagens vão me convencer a trair meus camaradas, estão enganados. Por acaso acham que, fazendo aquilo pelo que estou sendo julgado, eu não estou preparado para enfrentar o pior? Vocês não podem me surpreender nem me assustar com nada. Façam o que quiserem comigo, não importa, não vou falar.

E tinha prazer ao ver que eles trocavam entre si olhares confusos.

Na fortaleza Pedro e Paulo, quando o levaram para uma cela pequena, úmida, com um vidro escuro numa janela alta, ele entendeu que não ia ficar ali meses, mas sim anos – e lhe veio um horror. Era horroroso aquele sistemático silêncio de morte, a consciência de que não estava sozinho, de que atrás daquelas paredes impenetráveis estavam prisioneiros condenados a dez, vinte anos, que se matavam, se enforcavam e enlouqueciam, ou morriam lentamente de tuberculose. Ali também estavam mulheres, e homens, talvez amigos... “Vão se passar os anos e você também vai enlouquecer, se enforçar ou morrer, e ninguém vai saber o que houve com você”, pensou.

Em sua alma, cresceu uma raiva contra todas as pessoas, em especial contra os que eram a causa de seu encarceramento. Essa raiva exigia a presença de objetos para extravasar, exigia movimento, barulho. Mas ali só havia um silêncio de morte, passos leves de gente calada, que não respondia às perguntas das pessoas, sons de cadeados de portas que abriam e fechavam em horários regulares, para as refeições, a visita de pessoas caladas e, através do vidro turvo, a luz do sol nascente, a penumbra e o mesmo silêncio, os mesmos passos leves, os mesmos sons de sempre. Era assim hoje, amanhã... E a raiva, sem encontrar uma saída, corroía seu coração.

Tentava se comunicar por meio de batidas, mas ninguém respondia e suas batidas despertavam

apenas os mesmos passos leves lá fora e a voz sempre igual de um homem que o ameaçava com a cela de castigo.

A única ocasião de descanso e de alívio era a hora do sono. Em compensação, o despertar era horrível. No sono, ele sempre se via em liberdade e, na maioria das vezes, atraíam-no coisas que ele considerava em desacordo com a atividade revolucionária. Ora tocava um violino estranho, ora fazia a corte a mocinhas, ora andava de bote, ora ia caçar, ora ganhava o título de doutor numa universidade estrangeira por causa de uma estranha descoberta científica que ele tinha feito e fazia um discurso de agradecimento após o almoço. Aqueles sonhos eram tão vívidos e a realidade era tão maçante e monótona que as recordações dos sonhos pouco se distinguiam da realidade.

Nos sonhos, a única coisa penosa era que, em geral, Mejeniétski acordava no momento em que estava prestes a se realizar o que ele desejava, o que ele queria alcançar. De repente, uma batida do coração e toda a alegria da situação desaparecia; restava um desejo torturante e insatisfeito, e de novo aquela parede úmida e cinzenta, com arabescos formados pela umidade, iluminada pela lamparina e, sob o corpo, a cama dura, com o colchão de palha todo achatado de um lado.

O sono era a melhor hora. Porém, quanto mais tempo demorava o encarceramento, menos ele dormia. Esperava o sono como uma felicidade suprema, porém, quanto mais desejava, menos sono sentia. Bastava fazer a si mesmo a pergunta: “Será que vou dormir?”, e toda a sonolência passava.

Correr e pular dentro de sua jaula não ajudava. O movimento e o esforço apenas lhe davam fraqueza e deixavam os nervos ainda mais agitados, ele sentia dor de cabeça no escuro e bastava fechar os olhos para que, sobre um fundo escuro com pontinhos de luz, comessem a surgir caras cabeludas, carecas, de boca grande, de boca torta, cada uma mais terrível do que a outra. As caras faziam as mais horríveis caretas. Depois começavam a aparecer mesmo quando estava de olhos abertos, e já não eram só caras, mas vultos completos que começaram a falar e dançar. Era um horror, ele dava pulos, batia com a cabeça na parede e berrava. A janelinha da porta se abria.

– É proibido gritar – dizia uma voz calma, monótona.

– Chame o carcereiro! – gritava Mejeniétski. Nada respondiam e a janelinha era fechada.

E tamanho foi o desespero que dominou Mejeniétski que ele só desejava uma coisa: a morte.

Certa vez, naquele estado, resolveu tirar a própria vida. Na cela, havia um tubo de ventilação no qual era possível prender uma corda com um laço e, ficando de pé sobre a cama, enforcar-se. Mas não havia corda. Ele começou a rasgar o lençol em tiras estreitas, mas o lençol era pequeno. Resolveu se matar de fome e ficou dois dias sem comer, mas no terceiro dia foi dominado pela fraqueza e teve um ataque de alucinação especialmente forte. Quando trouxeram a refeição, estava deitado no chão, sem sentidos, de olhos abertos.

Veio o médico, colocou-o na cama, lhe deu bromato e morfina e ele adormeceu.

Quando acordou, no dia seguinte, o médico estava de pé a seu lado e balançou a cabeça. De repente Mejeniétski foi dominado pelo conhecido sentimento de raiva que antes o revigorava e que fazia muito tempo não experimentava.

– Como não se envergonha de trabalhar aqui? – disse ele para o médico, que tomava seu pulso, de cabeça inclinada. – Para que o senhor me cura só para depois me torturar? Afinal, é o mesmo que fazer uma amputação e decidir repetir a cirurgia.

– Tente ficar deitado de costas – disse o médico, impassível, sem olhar para ele e tirando o estetoscópio do bolso lateral.

– É como aqueles médicos que curam os ferimentos de um homem para que possa levar as cinco mil chibatadas que faltam. Vá para o diabo, para o inferno! – começou a gritar de repente, baixando as pernas da cama. – Suma daqui, posso bater as canelas sem o senhor!

– Isso é ruim, meu jovem, nós sabemos como responder a suas grosserias.

– Vá para o diabo, para o diabo!

E Mejeniétski se mostrou tão assustador que o médico saiu depressa.

X

Se aquilo passou por causa dos remédios, ou porque ele superou a crise, ou porque a raiva contra o médico o curou, não se sabe, mas o fato é que a partir daí ele retomou o domínio de si e teve início uma vida totalmente diferente.

“Eles não podem me manter preso aqui para sempre e não vão fazer isso”, pensou. “Um dia, vão me libertar. Talvez, e isso é o mais provável, o regime mude (os nossos continuam trabalhando), e por isso é preciso cuidar da vida, para sair forte, saudável e estar em condições de continuar o trabalho.”

Refletiu por muito tempo sobre a melhor forma de vida para alcançar esse objetivo e planejou o seguinte: deitar às nove horas e obrigar-se a ficar deitado – dormir ou não dormir, não fazia diferença – até cinco horas da manhã. Às cinco horas, ele ia levantar, se arrumar, se lavar, fazer ginástica e depois, como dizia para si mesmo, ir para o trabalho. E, em sua imaginação, ia a Petersburgo, andava da avenida Niévski para a rua Nadiéjdinskaia, tentando imaginar tudo o que podia encontrar naquele caminho: letreiros, prédios, guardas, pedestres e carruagens que passavam. Na rua Nadiéjdinskaia, entrava na casa de um colaborador, conhecido seu, e lá os dois, com outros camaradas que iam chegando, discutiam sua próxima operação. Havia debates, desavenças. Mejeniétski falava por si e pelos outros. Às vezes erguia muito a voz e a sentinela o repreendia pela janelinha, mas Mejeniétski não lhe dava a menor atenção e continuava seu dia imaginário em Petersburgo. Depois de ficar umas duas horas na casa do amigo, voltava para casa e almoçava, de início na imaginação e depois na realidade, a refeição que lhe traziam, e sempre comia moderadamente. Depois, na imaginação, ficava em casa e se ocupava em estudar história, matemática e às vezes, aos domingos, literatura. O estudo de história consistia em escolher uma determinada época ou algum povo e recordar os fatos e a cronologia. O estudo de matemática consistia em fazer cálculos e resolver problemas geométricos de cabeça. (Ele gostava muito dessa atividade.) Aos domingos, lembrava-se de Púchkin, Gógol, Shakespeare e também escrevia ele mesmo.

Antes do sono, ainda fazia uma pequena excursão com seus camaradas, homens e mulheres, travando conversas divertidas, alegres, às vezes sérias, às vezes eram conversas que de fato tivera antes, outras vezes, inventadas. E assim se mantinha ocupado até a noite. Antes do sono, para se exercitar, dava na realidade dois mil passos dentro da cela, deitava na cama e, em geral, dormia.

No dia seguinte, fazia a mesma coisa. Às vezes viajava para o sul e incitava o povo, começava uma revolta e, junto com o povo, enxotava os senhores de terras e distribuía as terras entre os camponeses. No entanto ele não imaginava tudo isso de repente, mas pouco a pouco, em todos os detalhes. Na imaginação, o partido revolucionário triunfava em toda parte, o poder do governo se enfraquecia e se via obrigado a convocar um concílio. A família do tsar e todos os opressores do povo desapareciam, era fundada uma república e ele, Mejeniétski, era eleito presidente. Às vezes alcançava isso muito depressa e então recomeçava outra vez do início e alcançava o objetivo por outros meios.

Assim viveu um ano, dois, três, às vezes fugia dessa vida ordenada e rigorosa, mas em geral voltava a ela. Dirigindo sua imaginação, ele se livrava das alucinações involuntárias. Só em raras ocasiões lhe vinham ataques de insônia e visões, rostos, e então olhava para o tubo de ventilação e imaginava como ia amarrar a corda, como ia fazer o laço e se enforcar. Mas esses ataques não duravam muito. Ele os venciam.

Assim passaram quase sete anos. Quando seu período de encarceramento terminou e o mandaram para os trabalhos forçados, Mejeniétski estava muito bem-disposto, saudável e em pleno domínio de suas faculdades mentais.

Na condição de criminoso muito importante, foi mantido isolado durante a viagem, sem poder se comunicar com os outros. E só na prisão de Krasnoiarsk lhe permitiram, pela primeira vez, entrar em contato com outros criminosos políticos, também deportados para os trabalhos forçados; eram seis pessoas – duas mulheres e quatro homens. Todos jovens, de um tipo novo, desconhecido de Mejeniétski. Eram da geração revolucionária seguinte à sua, seus herdeiros, e por isso lhe interessavam de modo especial. Mejeniétski esperava encontrar pessoas que seguissem seu exemplo e que, por isso, valorizassem ao máximo tudo o que tinha sido feito por seus predecessores, sobretudo por ele, Mejeniétski. Estava pronto para se entender com eles, de modo afetuoso e condescendente. Mas, para sua desagradável surpresa, aquela juventude não só não o considerava seu predecessor e mestre como o tratava com uma espécie de indulgência, desculpando e evitando suas opiniões, tidas como antiquadas. Na opinião deles, os novos revolucionários, tudo o que Mejeniétski e seus amigos fizeram, todas as tentativas de revoltar os camponeses e, acima de tudo, o terror e todos os assassinatos – do governador Kropótkin, de Meziéntsov e do próprio tsar Alexandre II,⁵ – tudo aquilo era uma série de equívocos. Tudo aquilo só servira para dar mais força à reação, que havia triunfado com Alexandre III, e fizera a sociedade regredir quase ao regime escravo. O caminho para a libertação do povo, na opinião dos novos, era totalmente distinto.

Ao longo de dois dias e quase duas noites, as discussões entre Mejeniétski e seus novos conhecidos não cessaram. Em especial um deles, o mentor dos demais, Roman, como o chamavam, usando apenas o prenome, afligia Mejeniétski de modo torturante, com sua inabalável convicção de que tinha razão e com a recusa indulgente e até desdenhosa de toda a atividade anterior de Mejeniétski e seus camaradas.

No entender de Roman, o povo era uma multidão grosseira, “boçal”, e com o povo no grau de desenvolvimento em que se encontrava agora não era possível fazer nada. Qualquer tentativa de levantar a população rural russa era o mesmo que tentar atear fogo numa pedra ou no gelo. Era preciso educar o povo, era preciso ensinar-lhe a solidariedade, e isso só era possível por meio da grande indústria e construindo nela a organização socialista do povo. A terra não apenas não era necessária ao povo como o tornava conservador e escravo. Não só ali, mas também na Europa. E ele trazia à memória opiniões de autoridades no assunto além de dados estatísticos. É preciso libertar o povo da terra. E quanto antes se fizer isso, melhor. Quanto mais deles forem para as fábricas, quanto mais terras forem para as mãos dos capitalistas e quanto mais forem os oprimidos, melhor. Só é possível aniquilar o despotismo e, sobretudo, o capitalismo mediante a solidariedade da gente do povo e tal solidariedade só pode ser alcançada por meio das associações, das corporações de trabalhadores, ou seja, só quando as massas populares deixarem de ser formadas por pequenos proprietários de terras e passarem a ser proletárias.

Mejeniétski discutia e se exaltava. Sobretudo se irritava com uma das mulheres, morena de cabelo bonito e olhos muito brilhantes, que, sentada na janela e dando a impressão de não participar diretamente da conversa, de vez em quando introduzia uma palavrinha de apoio aos argumentos de Roman, ou apenas dava um riso de desdém para as palavras de Mejeniétski.

– Mas será mesmo possível transformar todo o povo agrícola em operários fabris? – perguntou Mejeniétski.

– Por que seria impossível? – retrucou Roman. – É uma lei geral da economia.

– E como sabemos que é uma lei universal? – disse Mejeniétski.

– Leia Kautsky – disse a morena, sorrindo com desdém.

– Mesmo se admitirmos – argumentou Mejeniétski – (e eu não admito) que o povo vai se transformar em proletários, por que acham que eles vão se organizar da forma preestabelecida por vocês?

– Porque isso está cientificamente comprovado – disse a morena, dando as costas para a janela.

Quando a discussão tratava da forma de ação necessária para alcançar o objetivo, a discordância se tornava maior ainda. Roman e seus amigos insistiam em que era preciso preparar um exército de trabalhadores, promover a transição de camponeses a operários fabris e fazer propaganda do socialismo entre os trabalhadores. E não só não lutar diretamente contra o governo, como fazer uso do governo para alcançar os objetivos deles. Por seu lado, Mejeniétski dizia que era preciso combater diretamente o governo, aterrorizá-lo, e que o governo era mais astuto do que eles. “Vocês não enganam o governo, ele é que engana vocês. Nós também fizemos propaganda com o povo e lutamos contra o governo.”

– E quanta coisa conseguiram! – exclamou a morena, em tom de ironia.

– Sim, acho que a luta direta contra o governo é um gasto inútil de energia – disse Roman.

– O Primeiro de Março foi um desperdício de energia! – gritou Mejeniétski. – Nós nos sacrificamos, sacrificamos nossa vida, enquanto vocês estavam tranquilos em casa, gozando a vida, e só sabem fazer sermões.

– Não gozamos a vida tanto assim – disse Roman tranquilo, olhando para seus camaradas, e gargalhou triunfante, com sua risada que não era contagiosa, mas alta, clara e segura de si.

A morena, balançando a cabeça, sorriu.

– Não gozamos a vida tanto assim – disse Roman. – E se estamos aqui, é por causa da reação, a reação provocada justamente pelo Primeiro de Março.

Mejeniétski ficou calado. Sentiu-se sufocar de raiva e saiu pelo corredor.

XII

Tentando se acalmar, Mejeniétski começou a andar para um lado e para o outro, pelo corredor. As portas das celas ficavam abertas até a chamada vespertina. Um prisioneiro alto, louro, com um rosto cuja simpatia não era em nada prejudicada pelo fato de ter metade da cabeça raspada,⁶ se aproximou de Mejeniétski.

– Tem um prisioneiro na nossa cela que viu Vossa Senhoria e disse: traga aquele homem para falar comigo.

– Que prisioneiro?

– O “Poder do Tabaco”, é assim que ele é chamado. Um velhinho, um dos *raskólniki*. Disse: chame aquele homem para falar comigo. É Vossa Senhoria.

– E onde ele está?

– Ali, na nossa cela. Disse: Chamem aquele senhor.

Mejeniétski entrou com o prisioneiro numa cela pequena, com camas de tábuas, sobre as quais os prisioneiros estavam sentados ou deitados.

Sobre as tábuas nuas, na beira da cama, debaixo de um roupão cinzento, estava deitado o mesmo velho *raskólnik* que, sete anos antes, havia procurado Mejeniétski e perguntado a respeito de Svetlogub. O rosto do velho, pálido, estava todo enrugado e ressequido, o cabelo continuava espesso, a barba rala estava toda grisalha e retorcida para cima. Os olhos azuis eram bondosos e atentos. Ele estava de barriga para cima e, pelo visto, tinha febre: havia um rosado doentio nas bochechas ossudas.

Mejeniétski chegou perto dele.

– O que o senhor quer? – perguntou.

O velho levantou-se com dificuldade, apoiado nos cotovelos, e estendeu a mão trêmula, pequena e seca. Preparando-se para falar, o velho pareceu balançar, começou a ofegar e, controlando a respiração com esforço, falou em voz baixa:

- Você não quis me revelar naquele dia. Deus o proteja, mas agora eu estou revelando para todo mundo.
- E o que o senhor está revelando?
- O cordeiro... o cordeiro, eu estou revelando... aquele jovem estava com o cordeiro. E está dito: o cordeiro vencerá, vencerá a todos... E aqueles que estiverem com ele serão os escolhidos e os fiéis.
- Não estou entendendo – disse Mejeniétski.
- Mas vai entender com o espírito. Os tsares terão uma província com a besta. Mas o cordeiro vencerá.
- Que tsares?
- Os tsares são sete: cinco caíram e sobrou um; o outro ainda não vem, quer dizer, não veio. E quando vier, vai ter pouco tempo... quer dizer, seu fim virá logo... entendeu?

Mejeniétski balançou a cabeça, achando que o velho delirava e que suas palavras eram loucas. O mesmo achavam os prisioneiros, camaradas de cela. O prisioneiro de cabeça raspada que tinha chamado Mejeniétski se aproximou, tocou-o de leve com o cotovelo e, chamando atenção para si, piscou o olho, apontando para o velho.

- Fala o tempo todo, fala sem parar, o nosso Poder do Tabaco – disse. – Nem ele mesmo sabe o que diz.

Olhando para o velho, assim pensavam Mejeniétski e seus camaradas de cela. Mas o velho sabia muito bem o que estava dizendo e o que dizia tinha, para ele, um sentido muito claro e profundo. O sentido era que não restava muito tempo para o reinado do mal, que o cordeiro venceria todos por meio do bem e da humildade, que o cordeiro enxugaria todas as lágrimas e não haveria choro nem dor nem morte. E ele sentia que isso já estava se realizando, se realizava em todo o mundo, porque estava se realizando na sua alma, iluminada na iminência da morte.

- Ei, vem logo! Amém. Vem, Senhor Jesus! – exclamou e sorriu de leve, com ar expressivo e, assim pareceu a Mejeniétski, enlouquecido.

XIII

“Aí está ele, um representante do povo”, pensou Mejeniétski, ao deixar o velho. “E é um dos melhores entre eles. E que ignorância! Eles (referia-se a Roman e seus amigos) dizem: com esse povo que existe hoje, não se pode fazer nada.”

Mejeniétski, no passado, tinha executado seu trabalho revolucionário entre o povo e conhecia toda a “inércia”, como ele dizia, do camponês russo; conhecera soldados no serviço militar e na reserva e conhecia sua fé obtusa no juramento, na necessidade de obediência, e a impossibilidade de influenciá-los por meio de raciocínios. Conhecia tudo isso, mas nunca extraíra desse conhecimento a conclusão que necessariamente decorre daí. A conversa com os novos revolucionários o havia desconcertado e irritado.

“Dizem que tudo que fizemos, tudo que fizeram Khaltúrin, Kibaltchitch, Peróvskaia,⁷ que tudo isso foi desnecessário e até prejudicial, que foi isso que provocou a reação de Alexandre III, que graças a eles o povo foi convencido de que toda atividade revolucionária é promovida pelos senhores de terras, que assassinaram o tsar por ter tirado deles os servos. Que absurdo! Que incompreensão e que descaramento pensar desse jeito!”, pensava, enquanto caminhava pelo corredor.

Todas as celas foram fechadas, menos aquela em que estavam os novos revolucionários. Ao aproximar-se dela, Mejeniétski ouviu o riso da morena que ele detestava e a voz cortante e decidida de Roman. Era evidente que falavam sobre ele. Mejeniétski parou para ouvir. Roman disse:

- Sem entender as leis econômicas, eles não se davam conta do que estavam fazendo. Na maior

parte, eram...

Mejeniétski não conseguiu e não quis ouvir até o fim, não quis saber o que eram na maior parte, mas também não precisava saber. Só o tom de voz daquele homem demonstrava o completo desprezo que sentiam por ele, Mejeniétski, um herói da revolução, que sacrificara doze anos de vida por aquela causa.

E na alma de Mejeniétski se ergueu um rancor tão terrível como nunca havia experimentado. Um rancor contra todos, contra tudo, contra todo esse mundo enlouquecido em que só podiam viver pessoas semelhantes a animais, como aquele velho com seu cordeiro, e outros quase animais, como os carrascos, os carcereiros, e aqueles doutrinários insolentes, arrogantes e natimortos.

Entrou o guarda de plantão e conduziu as prisioneiras políticas para a ala feminina. Mejeniétski se afastou para o fim do corredor, para não se encontrar com elas. Ao voltar, o guarda trancou a porta dos novos presos políticos e sugeriu a Mejeniétski que fosse para sua cela. Mecanicamente, Mejeniétski obedeceu, mas pediu que não trancasse sua porta.

De volta à cela, Mejeniétski deitou-se no beliche, de cara para a parede.

“Será que de fato sacrificamos à toa todas as nossas energias: o vigor, a força de vontade, a genialidade (ele jamais acreditara que existisse alguém superior a ele, nas faculdades intelectuais) foram sacrificados em vão?” E lembrou-se da carta da mãe de Svetlogub, que ele tinha recebido pouco antes, já na viagem para a Sibéria, em que ela, estupidamente, à maneira das mulheres, como ele achava, o acusava por ter destruído seu filho, ao atraí-lo para o partido revolucionário. Quando recebeu a carta, ele se limitou a sorrir com desdém: o que uma mulher tola podia entender das questões que ele e Svetlogub enfrentavam? Mas agora, ao lembrar-se da carta e da personalidade meiga, crédula, ardorosa de Svetlogub, Mejeniétski pensou de início no amigo e depois em si mesmo. Será possível que toda a vida foi um erro? Fechou os olhos e quis dormir, mas de repente sentiu com horror que havia voltado ao estado que experimentara em seu primeiro mês na fortaleza de Pedro e Paulo. De novo o sofrimento no escuro, de novo os rostos de boca grande, cabeludos, horrorosos, os pontos luminosos sobre o fundo escuro, e de novo os vultos que apareciam de olhos abertos. A novidade era que agora um criminoso comum, de calças cinzentas e cabeça raspada, se balançava montado em suas costas. E de novo, por uma associação de ideias, ele se pôs a procurar um tubo de ventilação em que fosse possível amarrar uma corda.

Uma raiva insuportável, que exigia uma forma de se manifestar, queimava o coração de Mejeniétski. Ele não conseguia ficar parado, não conseguia se acalmar, não conseguia rechaçar aqueles pensamentos.

“Como?”, pôs-se a se fazer perguntas. “Cortar uma artéria? Não sei fazer isso. Enforcar-me? Claro, é o mais simples.”

Lembrou-se da corda que usavam para amarrar feixes de lenha e que estava no corredor. “Ficar de pé em cima da lenha ou sobre um banquinho. O guarda passa no corredor. Mas ele vai dormir ou vai dar uma volta. É preciso esperar e então trazer a corda aqui para dentro e prender no tubo de ventilação.”

Parado na porta, Mejeniétski escutou com atenção os passos do guarda no corredor e, em alguns momentos, quando o guarda se afastava para longe, lançava um olhar pelo buraco da porta. O guarda não dormia nem saía. Mejeniétski escutava sofregamente o som de seus passos e esperava.

Naquela mesma hora, na cela em que estava o velho doente, no escuro, mal iluminado por um lampião turvo de fuligem, no meio dos sons noturnos das pessoas adormecidas – a respiração, as tosses, os roncões, os gemidos, os resmungos –, se passava a questão mais importante do mundo. O velho *raskólnik* estava morrendo e, ao seu olhar espiritual, se revelava tudo aquilo que ele procurava e desejava tão apaixonadamente, ao longo de toda a vida. Em meio a uma luz ofuscante, via o cordeiro na forma do jovem luminoso, e uma grande multidão de pessoas, de todos os povos, estava à sua frente em roupas brancas, e todos estavam alegres, o mal já não existia no mundo. Tudo aquilo se realizara, o velho sabia e, em sua alma, sentia uma grande alegria e serenidade.

Já para as pessoas que estavam na cela, o que havia era que o velho ofegava alto, nos estertores da

morte, e seu vizinho acordou e despertou os demais; e quando a respiração ofegante cessou e o velho silenciou e esfriou, seus camaradas de cela começaram a bater na porta.

O guarda abriu a tranca e entrou na cela. Uns dez minutos depois, dois prisioneiros levaram o corpo morto e puseram no necrotério. O guarda foi atrás deles e trancou a porta ao sair. O corredor ficou vazio.

“Feche, pode fechar”, pensou Mejeniétski, acompanhando de sua porta tudo o que se passava. “Não vai me impedir de fugir de todo este horror absurdo.”

Mejeniétski já não experimentava, agora, aquele horror interior que o afligia até então. Todo ele estava tomado por um só pensamento: não permitir que nada o impedisse de realizar o que pretendia.

Com o coração palpitante, aproximou-se do feixe de lenha amarrado, soltou a corda, puxou-a por baixo da lenha e, lançando um olhar para a porta, levou-a para sua cela. Dentro da cela, subiu num banquinho e passou a corda por cima do tubo de ventilação. Amarrou as duas pontas da corda, apertou o nó e, com a corda dobrada, fez um laço. O laço ficou apertado demais. Soltou a corda de novo, refez o laço, ajustou-o à medida do pescoço e, escutando com atenção e olhando inquieto para a porta, subiu no banquinho, enfiou a cabeça no laço, ajeitou-o, empurrou o banquinho para o lado e se enforcou...

Só na ronda da manhã o guarda viu Mejeniétski, que estava de pé, com os joelhos dobrados, ao lado do banquinho tombado. Retiraram-no do laço. O carcereiro veio correndo e, ao saber que Roman era médico, chamou-o para prestar socorro ao estrangulado.

Foram empregados todos os meios habituais para reanimá-lo, mas Mejeniétski não voltou à vida.

Levaram o corpo de Mejeniétski e puseram numa cama de tábua, ao lado do corpo do velho *raskólnik*.

1906

O QUE VI NUM SONHO

I

– Eu não a considero como uma filha; entenda, não considero, mas também não sou capaz de deixá-la viver por conta de outras pessoas. Farei o necessário para que ela possa viver como quiser, mas não posso ter contato com ela. Sim, sim. Nunca poderia sequer passar pela minha cabeça uma coisa assim... Horrível, horrível!

Encolheu os ombros, balançou a cabeça e levantou os olhos. Quem falou isso foi o príncipe Mikhail Ivánovitch III, de sessenta anos, para seu irmão caçula, o príncipe Piotr Ivánovitch, de cinquenta e seis anos, marechal da nobreza naquela capital de província.

A conversa se passava na capital da província aonde chegara o irmão mais velho, vindo de Petersburgo, depois de saber que a filha que fugira de sua casa um ano antes se havia estabelecido naquela cidade, com um bebê.

O príncipe Mikhail Ivánovitch era um velho bonito, alto, viçoso, de cabelo grisalho, rosto orgulhoso e maneiras cativantes. Sua família era formada pela esposa vulgar, irritável, que muitas vezes discutia com ele por qualquer bobagem, um filho malsucedido na vida, esbanjador e farrista, mas ainda assim um homem perfeitamente “digno”, do ponto de vista do pai, e duas filhas, uma das quais, a mais velha, estava muito bem casada e morava em Petersburgo, e a mais jovem, sua filha predileta, Liza, a mesma que um

ano antes tinha fugido de casa e só agora fora encontrada, com um bebê, numa distante cidade de província.

O príncipe Piotr Ivánovitch queria perguntar ao irmão em que circunstâncias a sobrinha tinha fugido e quem poderia ser o pai da criança, mas não conseguia tomar coragem. Naquela mesma manhã, quando a esposa de Piotr Ivánovitch demonstrara compaixão pelo cunhado, o príncipe Piotr Ivánovitch viu o sofrimento que se exprimiu no rosto do irmão, percebeu como se esforçou para esconder o sofrimento atrás de uma expressão de orgulho inexpugnável e passou a perguntar à cunhada quanto pagava por sua residência. Durante o almoço, entre familiares e convidados, ele, como sempre, foi irônico, mordaz e espirituoso. Com todos, mostrou-se de uma arrogância inabalável, menos com as crianças, que tratava com uma espécie de carinho respeitoso. De resto, fazia aquilo de modo tão natural que todos pareciam reconhecer seu direito de ser arrogante.

Ao anoitecer, o irmão organizou um jogo de cartas, uma partida de *vint*. Depois foi para o quarto preparado para ele e, na hora em que ia tirar a dentadura, soaram duas batidas bem leves na porta.

– Quem é?

– *C'est moi, Michel!*¹

O príncipe Mikhail Ivánovitch reconheceu a voz da cunhada, franziu as sobrancelhas, recolocou na boca os dentes postiços e disse consigo mesmo: “O que será que ela quer?”, e pediu em voz alta:

– *Entrez.*²

A cunhada era uma criatura discreta, dócil, que se submetia com obediência ao marido, mas era um tanto excêntrica (alguns a julgavam até idiota) e, embora fosse bonita, estava sempre mal penteada, vestida com desleixo e sem cuidado, sempre distraída e com as ideias mais estranhas do mundo, nada aristocráticas, incompatíveis com a condição de esposa de um marechal da nobreza, ideias que ela exprimia de súbito, para surpresa de todos, dos conhecidos e também do marido.

– *Vous pouvez me renvoyer, mais je ne m'en irai pas, je vous le dis d'avance*³ – começou ela, com sua peculiar falta de lógica.

– *Dieu preserve* – respondeu o cunhado, com sua cortesia habitual, um pouco exagerada, e empurrou uma cadeira para ela sentar. – *Ça ne vous dérange pas?*⁴ – disse, pegando um cigarro.

– Veja, Michel, não vou falar nada desagradável, só queria falar sobre Lizanka.

Mikhail Ivánovitch deu um suspiro, que pareceu de dor. Mas logo se refez, deu um sorriso cansado e disse:

– Minha conversa com você só pode ser sobre um assunto, exatamente aquele sobre o qual você deseja falar – disse, sem olhar para a cunhada e, pelo visto, evitando até nomear o objeto da conversa.

Mas a cunhada gordinha, carnuda, bonita, não se embaraçou e, com o mesmo olhar bondoso, humilde e suplicante dos olhos azuis, continuou fitando Mikhail Ivánovitch e disse, também com um suspiro, ainda mais fundo que o dele:

– *Michel, mon bon ami,*⁵ tenha pena dela. – Como sempre fazia ao falar com o cunhado, o tratava por “senhor”. – Ela é um ser humano.

– Nunca duvidei disso – retrucou Mikhail Ivánovitch, com um sorriso desagradável.

– É sua filha.

– Foi. Sim. Mas, querida Alin, para que esta conversa?

– Michel, meu caro, vá conversar com ela. Eu só queria dizer ao senhor que aquele que é culpado de tudo...

O príncipe Mikhail Ivánovitch suspirou, seu rosto adquiriu um aspecto terrível.

– Pelo amor de Deus, não vamos conversar. Já sofri o bastante. Agora, não existe mais nada para mim, exceto o desejo de deixá-la numa situação em que ela não seja um peso para ninguém, em que ela não precise travar nenhum contato comigo, em que ela possa viver sua vida à parte, sem que eu e minha

família sabemos nada sobre ela. Não posso agir de outro modo.

– Michel, sempre “eu”. Mas ela também é um “eu”.

– Não há dúvida, porém, querida Alin, por favor, deixemos isso de lado. É penoso demais para mim.

Aleksandra Dmítrievna calou-se, balançou a cabeça.

– E a Macha (a esposa de Mikhail Ivánovitch) também pensa assim?

– Exatamente igual.

Aleksandra Dmítrievna estalou a língua.

– *Brissons là-dessus. Et bonne nuit*⁶ – disse ele.

Mas Aleksandra Dmítrievna não se retirou. Continuou ali, calada, mais um pouco.

– Pétia me disse que o senhor queria deixar dinheiro para a mulher em cuja casa ela está morando.

O senhor sabe o endereço?

– Sei.

– Então não faça isso por nosso intermédio, leve o senhor mesmo. Apenas veja como ela está vivendo. Se o senhor não quer vê-la, certamente não a verá. E ele não está lá, não há ninguém lá.

Mikhail Ivánovitch teve um tremor dos pés à cabeça.

– Ah, para quê, para que a senhora me atormenta? Isso é falta de hospitalidade.

Aleksandra Dmítrievna levantou-se e, com lágrimas na voz, comovida consigo mesma, exclamou:

– Ela dá tanta pena e é tão bonita.

Ele se levantou e ficou de pé, esperando que a cunhada terminasse. Ela lhe estendeu a mão.

– Michel, isso não está certo – disse e saiu.

Muito depois, Mikhail continuava caminhando sobre o tapete do quarto preparado para ele e, de sobranceiras franzidas, trêmulo, exclamava: “Oh, oh!”, e ao ouvir a própria voz, se assustava e emudecia.

O orgulho ferido o torturava. A filha dele, homem que tinha sido criado na casa de sua mãe, a famosa Avdótia Boríssovna, que recebia visitas da imperatriz, a filha dele, homem cuja mera atenção já representava uma grande honra para todos, a filha dele, homem que levava uma vida de cavalheiro, sem temor e sem mácula nenhuma... O fato de ter um filho ilegítimo com uma francesinha, que ele havia instalado numa residência no exterior, não diminuía em nada a elevada opinião que Mikhail tinha de si mesmo. E agora sua filha, pela qual fizera tudo que um pai podia e devia fazer, a quem dera uma educação primorosa, a possibilidade de escolher um marido da melhor e mais alta sociedade russa, a filha a quem ele não só dera tudo que uma jovem pode desejar como também dera todo o seu amor, a filha que ele adorava e de que se orgulhava tanto, essa mesma filha o havia desonrado, fizera com que ele não fosse capaz de fitar as pessoas nos olhos e sentisse vergonha diante de todos.

E Mikhail recordou o tempo em que não só a tratava como filha, membro de sua família, mas também a amava com ternura, se alegrava com ela, tinha orgulho dela. Recordou a filha tal como era aos oito, nove anos de idade: uma menina inteligente, viva, que entendia tudo, rápida, graciosa, de olhos pretos brilhantes e cabelos castanho-claros, soltos, compridos sobre as costas magras. Recordou como ela ria para ele, de joelhos, e o abraçava pelo pescoço, fazia cócegas nele enquanto dava gargalhadas e, apesar dos gritos de protesto de Mikhail, continuava, e depois o beijava na boca, nos olhos, nas bochechas. Ele era avesso a qualquer expansividade, mas aquela expansividade o comovia e às vezes ele se rendia a isso e, agora, lembrava como eram bons os carinhos da filha.

E aquele ser tão meigo no passado fora capaz de se tornar no que era agora – uma criatura em que ele não conseguia pensar sem aversão.

Agora também recordou o tempo em que ela se tornara mulher e o singular sentimento de medo e de afronta que ele experimentou diante da filha, quando notou que os homens a olhavam como mulher. E lembrou sua relação ciumenta com a filha, quando ela, com um sentimento de quem se exhibe, sabendo que

era bonita, ia falar com o pai em vestidos de baile, e quando ele a via nos bailes. Mikhail Ivánovitch temia olhares impuros para a filha e ela não só não o compreendia como até se alegrava com isso. “Sim”, pensava ele, “que superstição é a pureza da mulher. Ao contrário, elas não conhecem a vergonha, elas não têm vergonha.”

Lembrou como a filha, de modo incompreensível para ele, recusou dois ótimos pretendentes e como, continuando a circular pela sociedade, se sentia atraída não por alguma pessoa, mas sim pelo seu próprio sucesso. No entanto aquele sucesso não podia durar muito tempo. Passaram um, dois, três anos. Todos a olhavam com atenção. Era bonita, mas já não estava na primeira mocidade, parecia um acessório rotineiro dos bailes. Mikhail Ivánovitch pressentia que a filha ia ficar solteira e queria só uma coisa para ela: casá-la quanto antes, mesmo que não fosse um casamento tão bom quanto teria se tivesse casado mais cedo, contanto que fosse algo decente. Porém, assim parecia a Mikhail, ela se portava com um orgulho altivo incomum e, ao lembrar-se disso, lhe veio um rancor ainda mais forte contra a filha. Recusou pessoas tão corretas para depois cair nesse horror! “Oh, oh!”, gemeu ele de novo, parou de andar, fumou um cigarro, quis pensar em outra coisa. Tentou pensar em como ia mandar o dinheiro para a filha, sem permitir que o visse, mas de novo lhe veio a lembrança de como ela, pouco tempo antes – naquela ocasião, a filha tinha já mais de vinte anos –, se envolvera numa espécie de romance com um menino de catorze anos, um pajem, que passara uma temporada no campo com eles, lembrou como a filha levava o menino à loucura, como ele se desmanchava de tanto chorar e como ela, com ar sério, frio e até bruto, respondera ao pai quando ele, para pôr fim naquele romance tolo, mandou o menino ir embora; e como, desde então, suas relações já frias com a filha se tornaram ainda mais frias, também por parte dela. A filha parecia considerar-se ofendida de alguma forma.

“Eu estava mais do que certo”, pensou ele agora. “É uma natureza desavergonhada e cruel.”

E então, mais uma vez, a lembrança horrível da carta de Moscou, na qual ela dizia que não podia voltar para casa, que era uma mulher perdida, desgraçada, pedia que a perdoasse e a esquecesse, e a horrível lembrança das conversas com a esposa, as desconfianças, as cínicas desconfianças que, no final, resultaram em certeza de que a desgraça havia ocorrido na Finlândia, onde ela fora passar uma temporada na casa de uma tia, e de que o culpado era um estudante sueco, homem insignificante, vazio, vulgar e casado.

Lembrava-se de tudo isso agora e andava, andava para um lado e para outro, sobre o tapete do quarto, recordando seu antigo amor pela filha, o orgulho que tinha dela, se horrorizava com aquela queda, para ele incompreensível, e sentia ódio da filha pelo desgosto que lhe havia causado. Lembrou o que a cunhada dissera e tentou imaginar como poderia perdoar a filha, porém bastava lembrar aquele “eu” e o horror, a aversão, o orgulho ferido enchiam seu coração. E Mikhail gemia: “Oh, oh!”, e tentava pensar em outra coisa.

“Não, é impossível. Vou dar o dinheiro para o Piotr, para que entregue a ela todo mês. Não tenho mais filha...”

E foi arrastado de novo por aquele mesmo sentimento estranho e confuso de antes, que não parava de atormentá-lo; o sentimento de ternura diante da lembrança de seu amor pela filha e o sentimento de um rancor torturante, por ela ser capaz de lhe causar um desgosto tão grande.

Só naquele último ano, Liza tinha vivido muito mais do que nos vinte e cinco anos anteriores; nem se podia comparar. Naquele ano, de repente, se revelou para ela todo o vazio de sua vida até então: tornou-se clara toda a baixeza, toda a sordidez da vida que levava na sociedade rica de Petersburgo e em sua

casa, onde ela e todos levavam uma vida de animais, preocupada só com sua superfície, desfrutando todos os seus encantos, mas sem descer até seu fundo. Foi bom por um ano, dois, três, mas quando aquilo – as festas, os bailes, os concertos, os jantares, os vestidos de baile e os penteados que realçavam a beleza do corpo, e os cortejadores jovens ou velhos, todos iguais, que pareciam todos saber de alguma coisa, que pareciam ter o direito de desfrutar tudo e ter a necessidade de rir de tudo, e quando as temporadas de verão nas casas de campo, sempre com a mesma natureza, que também só proporcionavam os prazeres superficiais da vida, e quando as músicas e as leituras, também iguais, que apenas atiçavam as questões da vida, mas não as resolviam –, quando tudo isso se estendeu por sete, oito anos, não só sem prometer nenhuma mudança, mas, ao contrário, perdendo cada vez mais o encanto, ela chegou ao desespero, um estado de completo desespero a dominou, e veio o desejo de morrer. Amigas a encaminharam para atividades filantrópicas. De um lado, ela viu a miséria real, repulsiva, e de outro viu a miséria fingida, ainda mais lamentável e repulsiva, e viu também a terrível frieza das damas benfeitoras, que chegavam em seus coches de milhares de rublos, em roupas de milhares de rublos, e Liza sentiu-se cada vez pior. Queria algo real, queria a vida e não uma brincadeira de vida, não queria aproveitar só a melhor parte. E não a encontrava em lugar nenhum. Sua melhor recordação era o amor pelo cadete Koko, como o chamavam. Foi bonito, honesto, franco, mas agora não havia nem podia haver nada semelhante. Toda ela se angustiava, cada vez mais, e naquela situação triste foi visitar a tia na Finlândia. Circunstâncias novas, natureza nova e pessoas novas, com algo de diferente, pessoas que lhe pareceram muito atraentes.

Como e quando aquilo começou, ela não conseguia responder. Havia um hóspede sueco na casa da tia. Ele falava de seu trabalho, de seu povo, de um novo romance sueco, nem ela sabia dizer como e quando começou aquele estranho contágio por meio de olhares e sorrisos, cujo significado era impossível exprimir com palavras, mas que tinham um sentido, assim lhe parecia, mais elevado do que quaisquer palavras. Tais olhares e sorrisos revelavam suas almas um ao outro, e não só as almas, mas também alguns grandes e importantíssimos mistérios comuns a toda a humanidade. Qualquer palavra dita por eles recebia daqueles sorrisos um significado imenso e maravilhoso. Era o mesmo significado que também recebia a música, quando a ouviam juntos ou cantavam um dueto. Era o mesmo significado que recebiam as palavras de um livro que lessem em voz alta. Às vezes discutiam, cada um fincava pé em sua opinião, mas bastava os olhos de ambos se cruzarem e brilhar um sorriso para a discussão ficar para trás, em algum lugar mais abaixo, enquanto os dois ascendiam a uma região elevada, só alcançada por eles.

Como aquilo começou, como e quando daqueles sorrisos e olhares saiu o diabo e se apoderou dos dois ao mesmo tempo, Liza não saberia dizer, mas, quando sentiu medo do diabo, os fios invisíveis que os uniam já estavam tão entrelaçados que ela percebeu sua impotência para se desvencilhar daquilo e toda esperança já se apoiava nele, na nobreza dele. Liza esperava que ele não tirasse proveito de sua força, no entanto, de modo confuso, não era isso que ela mesma desejava.

Sua impotência para a luta aumentava também porque não tinha motivos para se conter. Sua vida mundana, com sua superficialidade e falsidade, lhe causava aversão. Não amava a mãe e o pai a repelia, era sua impressão, e Liza sentia uma vontade ardorosa não de brincar de viver e sim de viver de verdade, e era no amor, no amor pleno de uma mulher por um homem, que ela pressentia se encontrar aquela vida. E sua natureza apaixonada e saudável a arrastava justamente para lá. Aquela vida lhe pareceu estar nele, em sua figura alta, forte, em sua cabeça loura e no bigode louro e curvado para cima, sob o qual reluzia um sorriso atraente e poderoso. Naquilo, ela via a promessa do que seria o melhor que existe no mundo. E os sorrisos e os olhares, as esperanças e as promessas de algo incrivelmente belo acabaram por levá-los para aquilo a que tinham mesmo de ser levados, mas que ela temia e, de modo confuso, inconsciente, desejava. E de repente tudo o que era belo, espiritual, alegre, cheio de esperanças no futuro, de repente tudo se tornou repulsivo, brutal e não só lamentável como também desesperador.

Liza fitava-o nos olhos, tentava sorrir, tentava fingir que não temia nada, que aquilo era o que devia

ser, mas no fundo sabia que agora estava tudo perdido, que nele não havia aquilo que ela procurava, o que não havia nele e havia em Koko. Liza disse que agora ele devia escrever para o pai dela e pedir sua mão em casamento. Ele respondeu que ia fazer isso. Depois, no encontro seguinte, disse que não podia fazê-lo agora. Nos olhos dele, havia algo envergonhado, obscuro, e as dúvidas de Liza aumentaram ainda mais. No dia seguinte, ele lhe mandou uma carta, na qual confessava que era casado, que a esposa o deixara muito tempo antes, que agora estava liquidado aos olhos dela, que ele era culpado e suplicava seu perdão.

Ela o chamou e lhe disse, com todas as letras, que o amava, que não se importava que ele fosse casado, sentia-se unida a ele para sempre e não o deixaria.

No encontro seguinte, ele disse que não possuía nada, que os pais eram pobres e que só tinha condições de lhe oferecer uma vida muito pobre. Liza respondeu que não precisava de nada e que estava disposta a ir com ele para onde ele quisesse, naquele mesmo instante.

Ele a dissuadiu, recomendou esperar um pouco. Ela concordou. Mas a vida dissimulada para as pessoas de casa, os encontros fortuitos e as cartas secretas eram uma tortura para Liza, e ela insistiu em partir e fugir.

Quando ela foi para Petersburgo, ele escrevia para ela, prometia ir até lá, depois parou de escrever e desapareceu. Liza tentava viver como antes, mas não conseguia. Começou a sentir-se mal. Ia ao médico, mas seu estado ficava cada vez pior. Quando já estava convencida de que não poderia mais esconder aquilo que queria esconder, resolveu se matar. Mas como fazer isso de modo que a morte parecesse natural? Queria se matar, tinha a impressão de que havia decidido de forma definitiva, e pegou um veneno, verteu numa taça e estava pronta para beber de um gole. E de fato teria bebido, se naquele instante não tivesse entrado correndo no quarto um sobrinho de cinco anos, filho da irmã, mostrando para ela um brinquedo que ganhara de presente da avó. Liza parou, acariciou o menino e, de repente, desatou a chorar. Veio-lhe o pensamento de que poderia ser mãe, se ele já não fosse casado, e a ideia da maternidade pela primeira vez obrigou Liza a voltar-se para si, pensar não no que os outros pensariam e falariam sobre ela, mas em sua vida real. Matar-se por causa da opinião dos outros parecia fácil, mas matar-se por sua própria causa era impossível. Jogou fora o veneno e parou de pensar no suicídio, passou a viver dentro de si mesma e essa vida era torturante, mas era a vida, e Liza não queria e não podia separar-se dela. Passou a rezar, o que já não fazia desde muito tempo antes, mas isso não trouxe alívio: ela sofria não por si, mas pelos sofrimentos do pai, que ela entendia, e tinha pena dele, mas sabia que tais sofrimentos iriam vir, e ela era a culpada. Durante alguns meses, sua vida seguiu assim e, de repente, aconteceu com ela algo inesperado, que ninguém notou, que ela mesma quase não percebeu, mas que pôs sua vida de cabeça para baixo. De repente, sentada, trabalhando – ela tricotava uma manta –, teve uma estranha sensação de movimento... dentro de si.

– Não, não pode ser. – Ficou paralisada, com a agulha e a manta nas mãos. E de novo aquela mesma vibração repentina. Será que era menino ou menina? E, esquecida de si mesma, de sua baixeza e de sua mentira, da irritação da mãe, do desgosto do pai, Liza se iluminou com um sorriso, não o sorriso vil com que ela respondia ao mesmo sorriso que ele lhe dirigia, mas um sorriso radiante, puro e alegre.

Liza então se horrorizou com a ideia de que havia podido pensar em matar *a ele* junto consigo e agora dirigiu todos os seus pensamentos para uma forma de sair de casa, para um lugar aonde ir e onde se tornar mãe, uma mãe infeliz e digna de pena, mas mesmo assim uma mãe. E pensou em tudo isso, se organizou, fugiu de casa e se instalou numa cidade distante de província, onde ninguém poderia encontrá-la, onde julgava estar fora do alcance de seus familiares e onde, para sua desgraça, o governador recém-nomeado era irmão de seu pai, algo com que não contava de forma nenhuma.

Ela morava na casa da parteira Mária Ivánovna já havia quatro meses e, ao saber que o tio estava na cidade, logo se dispôs a ir embora, para qualquer lugar bem longe.

Mikhail Ivánovitch acordou cedo e, na mesma manhã, ao entrar no gabinete do irmão, entregou-lhe um cheque com o valor já preenchido, pediu que, todo mês, desse uma determinada quantia daquele dinheiro para a filha e perguntou quando partia o trem expresso para Petersburgo. O trem partia às sete horas da noite, de modo que Mikhail Ivánovitch tinha tempo para jantar cedo, antes da partida. Depois de tomar café com a cunhada, que não disse mais nada que fosse penoso para Mikhail e apenas lhe dirigiu olhares tímidos, ele, seguindo sua rotina higiênica habitual, foi dar o passeio de costume.

Aleksandra Dmítrievna acompanhou-o até o vestíbulo.

– Michel, vá ao parque municipal, é maravilhoso caminhar ali, e é perto de *tudo* – disse ela, olhando com ar de pena para seu rosto zangado.

Mikhail Ivánovitch obedeceu ao conselho da cunhada e foi ao parque municipal, que ficava perto de tudo, e pensava aborrecido na tolice, na teimosia e na crueldade das mulheres. “Ela não tem pena de mim”, pensou, referindo-se à cunhada. “Não consegue entender meus sofrimentos. E ela?”, pensou na filha. “Ela sabe o que é isso para mim, que martírio. Que golpe horrível no fim da vida, que sem dúvida ela mesma trata de abreviar. Bem, é até melhor chegar logo ao fim do que continuarem esses tormentos. E tudo isso *pour les beaux yeux d’un chenapan*.”⁷ “Oh-oh-oh”, gemeu alto, e dentro dele se ergueu tamanho sentimento de ódio e de rancor ao pensar em tudo que iriam dizer na cidade quando soubessem (na certa, todos já sabiam), se ergueu dentro dele tamanho sentimento de rancor contra a filha que teve vontade de lhe dizer tudo cara a cara, fazê-la entender todo o significado do que ela havia feito. “Elas não entendem.”

“Fica perto de tudo”, pensou e, pegando uma caderneta de anotações, leu o endereço dela: “Rua Kúkhonnaia, casa de Abrámov, Viera Ivánovna Seliviérstova”. Ela usava aquele nome. Mikhail se dirigiu à saída do parque e chamou um coche de praça.

– Com quem o senhor quer falar? – perguntou Mária Ivánovna, a parteira, quando ele entrou no pátio estreito que dava para uma escada íngreme e fedorenta.

– A senhora Seliviérstova mora aqui?

– Viera Ivánovna? Mora aqui, sim, por favor. Ela deu uma saída, foi ao mercado, deve voltar logo.

Atrás da gorda Mária Ivánovna, Mikhail Ivánovitch entrou numa sala pequena e um grito atroz de bebê, vindo do quarto vizinho, feriu-o como uma faca, assim lhe pareceu.

Mária Ivánovna pediu desculpas, foi para aquele quarto e ouviu-se que tentava acalmar o bebê. O bebê se calou e ela voltou.

– É o filhinho dela. Já vai voltar. E o senhor quem é?

– Sou um conhecido, mas é melhor voltar mais tarde – disse Mikhail Ivánovitch, preparando-se para sair. Era uma tortura preparar-se para o encontro com ela e, além do mais, lhe parecia de todo impossível chegarem a algum acordo.

Tinha acabado de virar-se para sair quando soaram na escada passos ligeiros, leves, e ele reconheceu a voz de Liza.

– Mária Ivánovna! E então, ele gritou quando eu estava fora?... Eu...

E de repente ela viu o pai. O saquinho que tinha na mão soltou-se e caiu.

– Papai?! – exclamou e, toda pálida e com o corpo todo trêmulo, ficou parada na porta.

Ele olhou para ela sem sair do lugar. Liza tinha emagrecido, os olhos tinham ficado maiores, o nariz mais pontudo, as mãos mais finas, ossudas. Ele não sabia o que dizer nem o que fazer. E então esqueceu tudo que pensava de sua vergonha e agora tudo que sentia era pena, pena dela, pena de sua magreza, de sua roupa ruim, ordinária, e sobretudo do rosto desolador, com olhos que imploravam algo, apontados para ele.

– Papai, me perdoe – disse, aproximando-se dele.

– Perdoe – disse ele –, me perdoe você – e começou a fungar como uma criança, enquanto beijava o rosto da filha, suas mãos e as cobria de lágrimas.

A pena que sentiu da filha revelou-o a si mesmo. E ao ver-se como era na realidade, entendeu a que ponto era culpado perante ela, culpado por seu orgulho, por sua frieza, até por sua maldade com a filha. E sentiu-se contente por ser culpado, por não ter nada a perdoar, mas sim precisar de perdão.

Liza levou-o a seu quarto, contou como vivia, mas não lhe mostrou o bebê e não disse nada sobre o passado, sabendo que seria um tormento para o pai. Mikhail lhe disse que ela precisava se instalar de outra maneira.

– Sim, se ao menos eu estivesse no campo – disse ela.

– Nós vamos pensar nisso tudo – disse ele.

De repente, atrás da porta, o bebê começou a gemer e depois passou a gritar. Ela arregalou os olhos e, sem desviá-los do pai, ficou paralisada, indecisa.

– Bem, você precisa amamentar – disse Mikhail Ivánovitch, movendo as sobrancelhas com um evidente esforço interior.

Liza levantou-se e, de repente, lhe veio a ideia louca de mostrar a quem ela amava havia tanto tempo aquele que agora ela amava mais que tudo no mundo. Mas, antes de dizer o que queria, observou por um momento o rosto do pai. Iria se zangar ou não?

O rosto do pai exprimia não irritação, mas apenas sofrimento.

– Sim, vá, vá – disse ele. – Graças a Deus. Sim, amanhã virei de novo e vamos decidir. Até logo, meu bem. Sim, até logo. – E de novo teve dificuldade para conter o bolo que subiu na garganta.

Quando Mikhail Ivánovitch voltou à casa do irmão, Aleksandra Dmítrievna logo lhe perguntou:

– E então?

– Tudo bem.

– Encontraram-se? – perguntou ela, adivinhando pelo rosto do cunhado que algo havia ocorrido.

– Sim – disse ele depressa e, de repente, desatou a chorar. – Sim, envelheci e fiquei tolo – disse, depois de se acalmar.

– Não, inteligente, muito inteligente.

Mikhail Ivánovitch perdoou a filha, perdoou inteiramente e, graças ao perdão, venceu dentro de si todo o temor da glória mundana. Instalou a filha na casa da irmã de Aleksandra Dmítrievna, que morava no campo, encontrava-se com a filha e a amava não só como antes e sim mais ainda, ia visitá-la, passava temporadas com ela. Mas evitava ver o bebê e não conseguia vencer dentro de si o sentimento de aversão, de repulsa por ele. E isso era uma fonte de sofrimento para a filha.

13 de novembro de 1906

GENTE POBRE¹

Num barraco de pescadores, junto à janela, estava sentada Janna, esposa de um pescador, que consertava uma vela muito velha. Do lado de fora, o vento assoviava e uivava e as ondas rugiam, espumavam e quebravam com força na praia... Do lado de fora estava escuro e frio, no mar havia uma tempestade, mas no barraco do pescador estava quente e confortável. O chão de terra estava limpo e varrido; na estufa, o

fogo ainda não tinha apagado; na estante, panelas e pratos brilhavam. Numa cama, com a cortina branca baixada, dormiam os cinco filhos, sob os uivos do mar tempestuoso. O marido pescador tinha saído para o mar em seu barco desde a manhã e ainda não tinha voltado. A mulher do pescador ficava escutando com atenção o ronco das ondas e o rugido do vento. Janna estava apavorada.

O velho relógio de madeira, com pancadas roucas, bateu dez horas, onze... O marido não chegava. Janna ficou pensando. O marido não se poupava, ia pescar no frio e na tempestade. Ela ficava em casa trabalhando, da manhã até a noite. E para quê? Mal dava para comer. Os filhos continuavam sem ter sapatos e andavam descalços no verão e no inverno; não comiam pão de trigo – e era ótimo quando conseguiam pão de centeio. O único ponto forte da refeição era o peixe. “Bem, graças a Deus as crianças são saudáveis. Não tenho do que me queixar”, pensou Janna e, de novo, ouviu a tempestade. “Onde é que ele está agora? Deus, proteja, salve e perdoe!”, disse e fez o sinal da cruz.

Ainda era cedo para dormir. Janna levantou-se, cobriu a cabeça com um xale grosso, acendeu o lampião e saiu para a rua para ver se o mar tinha ficado mais manso, se o tempo estava limpando, se ainda estava acesa a luz do farol e se não avistava o barco do marido. Mas não se via nada no mar. O vento arrancou o xale de sua cabeça, bateu a porta do casebre vizinho como se a arrebetasse e Janna lembrou que, ainda à tarde, queria visitar a vizinha doente. “Não tem ninguém para cuidar dela”, pensou Janna e bateu na porta. Escutou... Ninguém veio atender.

“Vida dura a de uma viúva”, pensou Janna, parada diante da porta. “Apesar de ter poucos filhos, só dois, tem de resolver tudo sozinha. Ainda por cima está doente! Eh, vida dura a de uma viúva. Vou ver como está.”

Janna bateu mais algumas vezes. Ninguém respondeu.

– Ei, vizinha! – gritou. “Será que aconteceu alguma coisa?”, pensou, e empurrou a porta.

No casebre, estava úmido e frio. Janna ergueu o lampião para ver onde estava a enferma. A primeira coisa em que os olhos bateram foi a cama em frente à porta e, sobre a cama, ela, a vizinha, deitada de barriga para cima, tão quieta e imóvel como só ficam os mortos. Janna aproximou o lampião ainda mais. Sim, era ela. A cabeça inclinada para trás; no rosto frio e azulado, a tranquilidade da morte. A mão pálida e morta, como se tivesse tentado puxar alguma coisa, pendia tombada ao lado do colchão de palha. E ali mesmo, perto da mãe morta, duas crianças pequenas, de cabelos cacheados e bochechas gorduchas, cobertas por um vestido velho, dormiam encolhidas, as duas cabecinhas louras encostadas uma na outra. Pelo visto a mãe, ao morrer, ainda teve tempo de agasalhar as perninhas deles com um xale velho e cobrir as duas com seu vestido. A respiração das crianças era calma e ritmada, dormiam profunda e docemente.

Janna pegou o berço com as crianças, cobriu-as com um xale e levou para casa. Seu coração batia com força; ela mesma não sabia como e para que tinha feito aquilo, mas sabia que não podia deixar de fazer o que fez.

Em casa, colocou as crianças ainda adormecidas sobre a cama junto com seus filhos e, afobada, fechou a cortina. Estava pálida e emocionada. A consciência parecia torturá-la. “O que ele vai dizer?”, perguntava para si mesma. “Parece brincadeira, já temos cinco filhos, ele já tem trabalho de sobra para criar os cinco... Será que é ele?... Não, ainda não!... Para que pegar? Ele vai até me bater! E vai ser bem feito, eu mereço. Lá vem ele! Não!... Bem, tanto melhor!”

A porta rangeu, alguém pareceu entrar. Janna estremeceu e levantou-se da cadeira.

“Não. Ninguém, de novo! Meu Deus, para que fui fazer isso? Como é que vou poder olhar nos olhos dele, agora?...” E Janna ficou pensando, muito tempo calada, sentada junto à cama.

A chuva parou; amanheceu, mas o vento zumbia e o mar rugia como antes.

De repente, a porta abriu de supetão, uma rajada de ar fresco do mar irrompeu na sala e um pescador alto e bronzeado, puxando atrás de si uma rede rasgada e molhada, entrou e disse:

– Pronto, cheguei, Janna!

- Ah, é você! – disse Janna e parou, sem se atrever a erguer os olhos para ele.
- Puxa, que noitezinha! Um horror!
- Sim, sim, fez um tempo horrível! Bem, e como foi a pescaria?
- Uma porcaria, a maior porcaria! Não peguei nada. Só rasguei a rede. Ruim, ruim! Mas também, vou lhe contar, que tempinho feio! Acho que não me lembro de outra noite feito essa. Como é que se pode pescar? Graças a Deus voltei vivo para casa... Bom, e você, o que andou fazendo por aqui sem mim?

O pescador puxou a rede para dentro da sala e sentou-se junto à estufa.

– Eu? – disse Janna, empalidecendo. – Bom, sabe, eu... fiquei costurando... O vento uivava tanto que dava muito medo. Fiquei com medo por você.

– Sei, sei – balbuciou o marido. – Tempinho ruim dos diabos! O que se vai fazer?

Os dois ficaram calados.

– Sabe – disse Janna –, a vizinha Simon morreu.

– É?

– Não sei quando foi; na certa, foi ontem. Pois é, morrer foi penoso para ela. Seu coração deve ter doído muito pelos filhos! Duas crianças tão fraquinhas... Uma nem fala ainda e a outra mal começou a engatinhar...

Janna ficou calada. O pescador franziu as sobrancelhas; seu rosto ficou sério, preocupado.

– Bom, era o que faltava! – exclamou ele, coçando a nuca. – Pois é, o que se vai fazer? Vamos ter de pegar. Quando acordarem, como é que vão ficar com a defunta? Pois é, a gente dá um jeito de criar! Vá lá depressa!

Mas Janna não se mexeu.

– O que deu em você? Não quer? O que deu em você, Janna?

– Elas estão ali – disse Janna, e abriu a cortina.

1908

A FORÇA DA INFÂNCIA¹

– Matem!... Fuzilem!... Fuzilem o canalha agora mesmo!... Matem!... Cortem o pescoço do assassino!... Matem, matem! – gritavam vozes de homens e mulheres na multidão.

Uma enorme multidão conduzia pela rua um homem amarrado. O homem alto, ereto, caminhava em passos firmes, com a cabeça bem erguida. No rosto viril e bonito havia uma expressão de desprezo e rancor pelas pessoas que o rodeavam.

Era uma dessas pessoas que, na guerra do povo contra o poder, combatem do lado do poder. Agora o agarraram e levavam para a execução.

“O que fazer? Nem sempre a força está do nosso lado. O que fazer? Agora, eles estão com o poder. Morrer, parece que é preciso morrer”, pensava o homem e, encolhendo os ombros, sorria com firmeza em resposta aos gritos, que continuavam na multidão.

– Ele é da polícia, ainda de manhã estava dando tiros na gente! – gritaram na multidão.

Mas a multidão não parava e o conduziram adiante. Quando chegaram à rua onde, perto da ponte, jaziam corpos de soldados mortos na véspera que ainda não tinham sido removidos, a multidão se enfureceu.

– Nada de esperar! Vamos fuzilar já, aqui mesmo. Afinal, para onde vão levar ainda? – gritaram.

O prisioneiro franziu as sobrancelhas e apenas ergueu mais a cabeça. Parecia odiar a multidão ainda mais do que a multidão o odiava.

– Liquidem todos eles! Espiões! Reis! Papas! E também esses canalhas! Matem, matem agora mesmo! – berraram vozes estridentes de mulher.

Mas os líderes da multidão resolveram levá-lo à praça e, lá, dar cabo dele.

A praça já estava perto, quando, num instante de calma, ouviu-se uma vozinha chorosa de criança nas fileiras de trás da multidão.

– Papai! Papai! – gritava gemendo um menino de seis anos, que se enfiava no meio da multidão tentando alcançar o prisioneiro. – Papai! O que estão fazendo com você? Espere, espere, me deixe passar, me deixe!

Os gritos cessaram no lado da multidão de onde vinha o menino e, abrindo passagem à frente dele, como que sob o efeito de uma força, a multidão deixava que o menino chegasse cada vez mais perto do pai.

– Ah, que bonitinho! – exclamou uma mulher.

– O que você quer? – perguntou outra mulher, inclinando-se para o menino.

– O papai! Me deixem chegar ao papai! – gritou o menino com voz esganiçada.

– Quantos anos você tem, menino?

– O que vocês querem fazer com o papai? – disse o menino.

– Vá para casa, menino, vá para sua mãe – disse um homem para o garoto.

O prisioneiro já estava ouvindo a voz do menino e o que estavam dizendo para ele. Seu rosto ficou ainda mais sombrio.

– Ele não tem mãe! – gritou em resposta a quem disse para o menino ficar com a mãe.

O menino avançou empurrando a multidão, chegou cada vez mais perto, até que alcançou o pai e subiu em seus braços.

Na multidão, continuavam a gritar:

– Matem! Enforcem! Fuzilem o canalha!

– Por que saiu de casa? – perguntou o pai ao menino.

– O que eles querem fazer com você? – disse o menino.

– Você vai fazer uma coisa – disse o pai.

– O quê?

– Conhece a Katiucha?

– A vizinha? Claro que conheço.

– Então vá para a casa dela e fique lá. Eu... eu vou voltar.

– Sem você, eu não vou – disse o menino e começou a chorar.

– Por que não vai?

– Eles vão matar você.

– Não, nada disso, não é nada.

E o prisioneiro baixou o menino dos braços e se aproximou do homem que comandava a multidão.

– Escute – disse. – Podem me matar, onde e como quiserem, mas não na frente dele. – Apontou para o menino. – Desamarrem-me só dois minutos, me segurem pelo braço, e vou dizer a ele que eu e vocês vamos dar um passeio, que vocês são meus amigos, e aí ele vai embora. E então... então me matem como quiserem.

O líder concordou.

Então o prisioneiro tomou de novo a mão do menino e disse:

– Seja um bom menino, vá para a casa da Kátia.

– E você, o que vai fazer?

– Olhe, vou dar um passeio com esses meus amigos, vamos andar mais um pouco, você vai indo que eu vou depois. Agora vá, seja um bom menino.

O menino fitou os olhos do pai, inclinou a cabeça para um lado e para outro, e ficou pensativo.

– Vá, meu querido, eu vou depois.

– Vai mesmo?

E o menino obedeceu. Uma das mulheres o levou para fora da multidão.

Quando o menino se foi, o prisioneiro disse:

– Agora estou pronto, matem-me.

E então aconteceu algo totalmente inesperado, incompreensível. O mesmo espírito despertou, de uma só vez, em todos aqueles que um minuto antes eram cruéis, implacáveis, rancorosos, e uma mulher disse:

– Querem saber de uma coisa? É melhor soltar.

– É, sim, vá com Deus – disse mais alguém. – Soltem.

– Soltem, soltem! – bradou a multidão.

E o homem orgulhoso, implacável, que um minuto antes odiava a multidão, começou a soluçar, cobriu o rosto com as mãos e, como se fosse culpado, saiu da multidão correndo, e ninguém o deteve.

O LOBO

Era uma vez um menino. Ele gostava muito de comer frangos e tinha muito medo de lobos.

Um dia esse menino se deitou e dormiu. Sonhou que andava sozinho pela floresta para colher cogumelos e, de repente, um lobo pulou das moitas e avançou na direção do menino.

O menino se assustou e gritou:

– Ai, ai! Ele vai me comer!

O lobo disse:

– Espere, não vou comer você, só vou falar com você.

E o lobo começou a falar com voz de gente. E o lobo disse:

– Você está com medo que eu coma você. Mas o que é que você mesmo faz? Você não adora comer frangos?

– Adoro.

– E para que come os frangos? Afinal, os frangos também são seres vivos, como você. Toda manhã, você pode ver como são apanhados, como o cozinheiro os leva para a cozinha, como cortam seu pescoço, como a mãe deles cacareja porque tomaram seus filhotes. Você já viu isso? – disse o lobo.

O menino respondeu:

– Não vi.

– Se não viu, então vá ver. E agora eu vou comer você. Você é igual a um franguinho e eu vou comer você.

E o lobo pulou em cima do menino e o menino se assustou e gritou:

– Ai, ai, ai!

Gritou e acordou.

Desde então, o menino não come mais carne, nem de vaca nem de bezerro nem de carneiro nem de galinha.

1908

CONVERSA COM UM PASSANTE

Saí cedo. Sentia-me bem, alegre. Manhã maravilhosa, o sol tinha acabado de subir de trás das árvores, o orvalho reluzia no capim e nas árvores. Tudo era encanto e todos eram encantadores. Era tão bom que ninguém queria morrer. Exatamente isso, ninguém queria morrer. A vontade era de continuar vivendo neste mundo, com tanta beleza em volta e com tanta alegria na alma. Bem, mas isso não é da minha conta, e sim do patrão...

Vou chegando perto da aldeia; em frente à primeira casa, na estrada, de lado para mim, um homem está de pé, parado. É claro que espera alguma coisa ou alguém, e espera como só a gente trabalhadora sabe esperar – sem impaciência, sem irritação. Chego mais perto – um camponês barbado, cabeludo, grisalho, saudável, com um rosto simples de trabalhador. Não está fumando um cigarro de papel, mas um cachimbo. A gente se cumprimenta.

– Onde mora por aqui o velho Aleksei? – pergunto.

– Não sei, meu caro, nós não somos daqui.

Não disse *eu* não sou daqui, mas sim *nós* não somos daqui. Esse jeito de falar mostra que o russo nunca está sozinho (quando faz uma coisa ruim, diz: eu). A família somos nós, a cooperativa somos nós, a sociedade somos nós.

– Não é daqui? Então é de onde?

– Somos de Kalútski.

Apontei para o cachimbo.

– E quanto você gasta por ano para fumar? Uns três rublos, imagino.

– Três? Não dá para fumar com três.

– E não vai parar?

– Parar, como? É o costume.

– Eu também fumava e parei; é muito bom, é fácil.

– Todo mundo sabe. Mas sem fumar fica chato.

– Pare que não vai ser chato. Fumar traz pouco benefício.

– Mas é bom.

– Não é bom, não precisa disso. Vai virar outro, quando olharem para você. O pior é a garotada.

Vão dizer: olhem lá o velho fumando, Deus mandou a gente fumar também.

– Pois é.

– E o filho vai fumar, vendo você fumar.

– É isso mesmo, o filho também...

– Então pare.

– Eu até parava, mas fica muito chato sem fumar, e as moscas comem a gente. É mais por causa do tédio. Começa a ficar chato, eu logo fumo. A desgraça toda é esta: o tédio. Dá tédio outra vez... um tédio, um tédio – prolongou a voz.

– Mas, para o tédio, é melhor pensar na alma.

Ele cravou os olhos em mim, seu rosto de repente ficou muito diferente, atento, sério, não o mesmo de antes, mas simpático, jocoso, vivaz, falante.

– Pensar na alma, na alma, não é? – disse, olhando para meus olhos com ar de curiosidade.

– Sim, a gente para a fim de pensar na alma e todas as bobagens desaparecem.

O rosto dele ficou radiante de afeição.

– Isso é verdade, velhinho. Falou uma verdade. Pensar na alma é o principal. O principal é pensar na alma. (Calou-se um instante.) Obrigado, velhinho. Isso é verdade. (Apontou para o cachimbo.) Isto aqui é uma dessas bobagens, pensar na alma é o principal – repetiu. – Você falou uma verdade. – E seu rosto ficou ainda mais bondoso e mais sério.

Eu queria continuar a conversa, mas uma coisa subiu na garganta (eu chorava à toa), não consegui mais falar, me despedi e, com um sentimento alegre e comovido, engolindo as lágrimas, fui embora.

Também, como não ficar alegre vivendo no meio de gente assim, como não esperar tudo, as melhores coisas, de tal povo?

9 de setembro de 1909

KREKCHINO

As vozes e a harmônica se ouviam com clareza e bem perto, mas por trás da neblina não se via ninguém. Era um dia de feira e por isso a cantoria logo cedo me surpreendeu.

“Devem ser os recrutas que estão sendo levados”, pensei, lembrando uma conversa de uns dias antes, sobre cinco jovens de nossa aldeia que tinham sido convocados, e fui na direção da canção alegre, que atraía a gente, mesmo sem querer. Quando cheguei mais perto dos cantores, a cantoria e a harmônica pararam. Os cantadores, quer dizer, os rapazes que passavam, entraram numa isbá de pedra de dois andares, onde morava o pai de um dos convocados. Em frente à porta, estava um pequeno grupo de mulheres, moças e crianças. Enquanto eu fazia perguntas àquelas camponesas, para saber quais rapazes estavam indo e por que entraram naquela isbá, os próprios rapazes saíram pela porta, acompanhados de mães e irmãs. Eram cinco: quatro solteiros, um casado. Nossa aldeia ficava pertinho da cidade e quase todos os convocados trabalhavam na cidade e estavam em roupas civis, pareciam vestir suas melhores roupas: paletós, bonés novos, botas elegantes de cano alto. Naturalmente, chamava mais atenção que os outros um rapaz baixo e de corpo bem-feito, rosto meigo, alegre e expressivo, bigodinho e barbicha que mal começavam a nascer e olhos brilhantes e castanhos. Assim que saiu, imediatamente pegou uma harmônica grande e cara, pendurou nos ombros e, depois de me cumprimentar com uma inclinação da cabeça, correndo os dedos no teclado, logo começou a tocar uma alegre *bárinia*² e, no mesmo ritmo, com agilidade, em passos bruscos, saiu pela rua.

Com ele seguiu também um jovem baixo, louro, robusto. Olhava com ar vivo para os lados e, com primor, fazia a segunda voz, enquanto o outro entoava a primeira. Ele era o único casado. Os dois foram na frente. Os outros três, também muito bem-vestidos, foram atrás e nada neles chamava atenção, exceto o fato de um ser muito alto.

Fui com a multidão atrás dos rapazes. As canções eram sempre alegres e, durante o cortejo, não houve nenhum sinal de desgosto. Porém, assim que chegaram à casa seguinte, onde também iam servir comida, assim que eles pararam, começou a choradeira das mulheres. Era difícil entender seus lamentos. Só se ouviam com nitidez as palavras: mortezinha... do pai e da mãe... terrinha querida... E depois de cada verso da canção, lamentando-se, tomando fôlego, erguiam-se primeiro gemidos demorados e depois irrompia um riso histérico. Eram as mães, as irmãs dos que iam partir. Além dos lamentos esganiçados das mulheres da família, ouviam-se as conversas das pessoas de fora.

– Será o que Deus quiser, Matriona, a gente aguenta – ouvi a voz de uma das mulheres que tentavam aplacar as lamentações.

Os rapazes entraram na isbá e eu fiquei na rua conversando com um camponês conhecido meu, Vassíli Orékhov, que tinha sido meu aluno. O filho dele era um dos cinco, o único casado, que entoava a segunda voz da canção.

– E então? Dá pena, não é? – eu disse.

– O que se vai fazer? Com pena ou sem pena, tem de servir no Exército.

E me contou toda a sua situação. Tinha três filhos: um já ganhava a vida sozinho, o outro era aquele que estava indo para o Exército e o terceiro, como o primeiro, já vivia por sua conta e ajudava em casa. Aquele que ia partir, pelo visto, não ajudava muito em casa.

– A esposa é da cidade, não se dá bem com o trabalho da gente. Ele vive separado. Vive à sua própria custa. Mas que dá pena, dá. Agora, o que se vai fazer?

Enquanto conversávamos, os rapazes saíram da casa para a rua e de novo começaram as lamentações, os gritos esganiçados, as risadas, o falatório. Depois de ficarem uns cinco minutos no pátio da casa, foram em frente e de novo soaram a harmônica e as canções. Era impossível não se maravilhar

com a energia, a animação do músico, como ele quebrava o ritmo com segurança, como batia o pé no chão, parava, ficava em silêncio um instante e depois retomava a canção com voz radiante, olhando em volta com os olhos castanhos e afetuosos. Era evidente que tinha um grande e verdadeiro talento musical. Eu o observava e, quando nossos olhares se cruzavam – pelo menos, foi minha impressão –, ele parecia ficar embaraçado e, movendo as sobancelhas, se virava para o lado e cantava ainda mais animado. Quando se aproximaram da quinta e última casa e os rapazes entraram, entrei também atrás deles. Os rapazes, todos os cinco, sentaram-se a uma mesa, arrumada e coberta por uma toalha. Sobre a mesa, havia pão e vodca. O dono da casa, o mesmo homem com quem eu havia falado e que acompanhava o filho casado, servia a bebida e a comida. Os rapazes não beberam quase nada, não tomaram mais que quatro copinhos, e mesmo assim só provaram um pouco e puseram de lado. A dona da casa cortou uma broa e ofereceu os pedaços. O dono da casa enchia os copinhos e levava para servir. Na hora em que eu estava olhando para os rapazes, bem ao lado do lugar onde eu estava sentado, desceu da estufa uma mulher com uma roupa que me pareceu muito estranha e inesperada. Usava um vestido verde-claro que parecia de seda, com enfeites chiques, calçava botinas de tacões altos, os cabelos louros estavam penteados de um jeito chique e, nas orelhas, tinha brincos de argolas douradas. Seu rosto não era nem triste nem alegre, mas parecia ofendido. Desceu batendo com agilidade no chão suas botinas novas, de tacões altos, e saiu para o vestíbulo, sem olhar para os rapazes. Tudo naquela mulher – a vestimenta, o rosto ofendido e acima de tudo os brincos –, tudo era tão alheio àquilo que a rodeava que eu não consegui entender quem poderia ser ela e como tinha ido parar em cima da estufa da casa de Vassíli. Perguntei às mulheres sentadas a meu lado quem era ela.

– É a nora de Vassíliev. Trabalha na casa do patrão.

O dono da casa começou a servir bebida mais uma vez, porém os rapazes recusaram a gentileza, levantaram, despediram-se, agradeceram aos donos da casa e foram para a rua. Na rua, logo recomeçou a choradeira. A primeira a se lamentar foi uma mulher curvada e muito velha, que veio atrás dos rapazes. Sua voz esganiçada dava tanta pena e comovia tanto que as mulheres não paravam de tentar acalmá-la e puxavam pelo cotovelo a velhinha, que uivava, se balançava e ameaçava tombar para a frente.

– Quem é ela? – perguntei.

– A avó dele. Mãe de Vassíli.

Assim que a velha começou a rir de um jeito histérico e desabou nos braços que as mulheres estendiam para ela, o cortejo foi em frente e de novo ressoaram a harmônica e as vozes alegres.

Na saída da aldeia, havia carroças para levar os recrutados até a sede do distrito. Não havia mais choro e lamentos. O tocador de harmônica tocava com desenvoltura cada vez maior. Com a cabeça tombada para o lado, apoiado num pé e com o outro virado, ele batia ligeiro no teclado, as mãos faziam floreios bonitos e constantes e, na hora certa, quando necessário, sua voz alegre, animada, alta, retomava a melodia, junto com a bonita segunda voz do filho de Vassíliev. E velhos e jovens, a multidão que rodeava os rapazes, entre eles eu mesmo, todos nós, sem desviar os olhos, observávamos o cantor, com admiração.

– Como é ágil, o sem-vergonha! – exclamou um mujique.

– Faz até chorar, canta com sentimento.

Naquele momento, em passos grandes e vigorosos, aproximou-se do cantor o rapaz especialmente alto. Chegou perto do tocador de harmônica e lhe disse algo.

“Que bela figura”, pensei. “Com certeza, esse vai ser indicado para a guarda.” Eu não sabia quem era ele, de que casa tinha vindo.

– Quem é? – apontando para o belo rapaz, perguntei para um velhinho que veio na minha direção.

O velhinho tirou o chapéu, me cumprimentou com uma inclinação da cabeça, mas não ouviu minha pergunta.

– O que o senhor disse?

No primeiro instante, não o reconheci, mas assim que começou a falar, logo me lembrei do trabalhador, do bom mujique, que, como acontece muitas vezes, como se tivesse sido escolhido, havia sofrido uma desgraça depois da outra: roubaram seus dois cavalos, sua casa pegou fogo, a esposa morreu. Não o reconheci no primeiro momento, porque fazia muito tempo que não o via e me lembrava de Prokófi como um homem de estatura mediana, de cabelo ruivo-avermelhado, e agora estava grisalho e muito pequeno.

– Ah, é você, Prokófi – eu disse. – Perguntei quem é aquele rapaz, aquele ali, que chegou perto do Aleksandr.

– Aquele? – repetiu Prokófi, apontando para o rapaz alto, com um movimento da cabeça. Em seguida, balançou a cabeça e resmungou algumas palavras, que não entendi.

– Eu queria saber quem é o rapaz – perguntei outra vez e olhei de novo para Prokófi.

O rosto de Prokófi se contraiu, as maçãs do rosto tremeram.

– Esse é o meu – exclamou, virou-se, cobriu o rosto com a mão e começou a soluçar como uma criança.

E só então, depois daquelas poucas palavras de Prokófi – “esse é o meu” –, não com o raciocínio, mas com todo o meu ser, senti todo o horror do que se passava à minha frente, naquela manhã nebulosa, memorável para mim. Tudo aquilo que eu via como vago, incompreensível, estranho, de repente tudo ganhou um significado simples, claro e horrível para mim. Senti uma vergonha torturante por estar assistindo àquilo como um espetáculo interessante. Parei e, com a terrível consciência de um crime, voltei para casa.

E pensar que tudo isso acontece agora com milhares, dezenas de milhares de pessoas, em toda a Rússia, aconteceu e vai acontecer ainda por muito tempo, com esse povo russo dócil, sábio, santo, tratado de modo tão cruel e traiçoeiro.

8 de outubro de 1909

IÁSNAIA POLIANA

[Três dias na aldeia]

PRIMEIRO DIA | GENTE ERRANTE

Hoje em dia, acontece nas aldeias uma coisa completamente nova, nunca vista ou sabida. Todo dia em nossa aldeia, formada por oitenta casas, aparecem de seis a doze andarilhos esfarrapados, com fome, com frio, para passar a noite.

Essa gente esfarrapada, quase despida, descalça, muitas vezes doente e imunda no mais alto grau, chega à aldeia e vai à casa do capataz. O capataz não os encaminha para a residência do senhor de terras, onde, além dos dez quartos em sua casa propriamente falando, há dezenas de acomodações no escritório, na cocheira, na lavanderia, nos alojamentos dos empregados domésticos e na cozinha, além de outras dependências; tampouco para a casa do sacerdote, do diácono e do comerciante, onde, embora sejam casas pequenas, há ainda certo espaço, mas os encaminha para a casa de algum camponês, onde toda a família, a esposa, as noras, as moças, rapazes, crescidos e pequenos, todos ficam num mesmo cômodo de

sete, oito ou dez *archin*. E o dono da casa recebe o homem faminto, com frio, esfarrapado, imundo e repugnante e lhe dá não só um abrigo para pernoitar como também comida.

– Senta na mesa com a gente – disse-me o velho dono da casa. – Não dá para não chamar. Senão a alma pesa, e a gente dá comida e serve chá.

Assim são as visitas noturnas; mas, durante o dia, vão à casa de cada camponês não dois, mas três, dez ou até mais visitas como essa. E é sempre a mesma coisa: “Não dá para não chamar...”.

E, apesar de o pão estar longe de ser suficiente para os visitantes, todas as camponesas cortam uma fatia mais grossa ou mais fina, conforme o tamanho do homem.

– Se a gente der tudo, não vai ter broa para o resto do dia – dizem as mulheres. – E aí no dia seguinte a gente tem de recusar, e isso é pecado.

E assim acontece todo dia, em toda a Rússia. O enorme exército, que aumenta todo ano, de mendigos, inválidos, deportados, velhos desamparados e, sobretudo, trabalhadores desempregados vive, se desloca, melhor dizendo, foge do frio e do mau tempo, e se alimenta graças à ajuda direta e imediata de quem vive nas condições de trabalho mais pobres e penosas – os camponeses.

Temos asilos de pobres, de crianças abandonadas, existem leis de proteção social, existe todo tipo de instituição filantrópica pelas cidades afora. E em todas essas instituições, em prédios com iluminação elétrica, soalho no chão, há serventes limpos e diversos funcionários, com bons salários, que cuidam de milhares de pessoas desamparadas de todos os tipos. Porém, por mais numerosas que sejam essas pessoas, tudo isso não passa de uma gota no mar dessa imensa população (o número é desconhecido, mas deve ser enorme) que agora vagueia mendigando pela Rússia e que se abriga e se alimenta sem nenhuma instituição, mas só com a ajuda do povo camponês das aldeias, que por força de seu sentimento cristão e mais nada é impelido ao cumprimento dessa enorme e pesada responsabilidade.

Pensem só no que diriam as pessoas que não vivem como os camponeses se, em cada quarto de sua casa, tivessem para passar a noite, às vezes durante uma semana inteira, um desses passantes imundos, fedorentos, mortos de frio e de fome. Já os camponeses não só acomodam essa gente, os vagabundos, como dão comida e chá, porque “fica uma coisa na alma, se não chamar para sentar com a gente na mesa”. (Em lugares obscuros de Sarátov, Tambov e outras províncias, os camponeses não esperam que os capatazes levem esses andarilhos, eles mesmos sempre os recebem, mesmo sem ordem nenhuma, e abrigam e alimentam essa gente.)

E, como toda boa ação verdadeira, os camponeses não param de fazer isso e não percebem que se trata de uma boa ação. Ao mesmo tempo, além de ser uma boa ação “para a alma”, é uma ação de enorme importância para toda a sociedade russa. A importância de tal ação para toda a sociedade russa consiste em que, se não fosse o povo camponês e se nele não houvesse esse sentimento cristão, que nele vive com tanta força, é difícil imaginar o que seria não só das centenas de milhares de infelizes desabrigados e vagabundos, mas também de todos os habitantes remediados e, sobretudo, ricos das aldeias, que têm onde morar.

Basta ver a que grau de privação e sofrimento chegaram, ou foram impelidos, esses desabrigados e vagabundos e imaginar em que estado moral devem se encontrar, para entender que só a ajuda prestada a eles pelos camponeses evita os crimes, inteiramente naturais em sua situação, que cometeriam contra pessoas que possuem em excesso tudo aquilo de que eles precisam apenas para o sustento da própria vida.

Portanto não são as associações filantrópicas nem o governo com suas polícias e diversas instituições judiciárias que nos protegem a nós, pessoas das classes abastadas, da pressão das pessoas que vagam sem abrigo, com fome, com frio, que chegaram, e na maior parte foram impelidas, ao mais alto grau de indigência e desespero; o que nos protege, assim como nos alimenta, é de novo essa mesma força fundamental da vida do povo russo: o camponês.

Se não houvesse na vasta população camponesa russa a profunda consciência religiosa da

fraternidade de todas as pessoas, por mais polícia que houvesse (e ela já é pouca e não pode ser numerosa no campo), há muito tempo que toda essa gente desabrigada, que chegou ao mais alto grau de desespero, já teria feito em pedaços todas as casas dos ricos, massacrando todos que se pusessem em seu caminho. Portanto é preciso não se horrorizar nem se admirar com o que lemos e ouvimos – que roubaram, que mataram um homem para roubar –, mas entender e lembrar que, se coisas assim acontecem tão raramente, devemos isso apenas à ajuda desinteressada que o camponês presta a essa população infeliz e errante.

Todo dia, em nossa casa, aparecem de dez a quinze pessoas. Entre elas, há mendigos de verdade que por algum motivo escolheram esse meio de vida, costuraram bolsas, vestiram-se, calçaram-se como puderam e saíram pelo mundo. Entre eles, há cegos, sem braços e sem pernas e há também crianças e mulheres, mas é raro. São em menor número. Agora, a maioria dos mendigos não leva bolsas e, em sua maior parte, são jovens sem deficiências físicas. Todos de aspecto extremamente lamentável, descalços, quase despidos, emagrecidos, trêmulos de frio. A gente pergunta: “Para onde vai?”. Quase sempre, respondem: “Procurar trabalho”, ou “Procurei trabalho, mas não achei e estou voltando para casa. Não tem trabalho, estão fechando tudo”. Entre eles, há uns poucos que voltam da deportação.

Entre esses numerosos mendigos errantes, há muitas características diferentes: há pessoas obviamente embriagadas, levadas a tal situação pela bebida, há pessoas pouco alfabetizadas, mas há os muito inteligentes e cultos, há os humildes, envergonhados e, ao contrário, há os importunos, exigentes.

Há alguns dias, assim que acordei, Iliá Vassílievitch me disse:

- Tem cinco vagabundos na varanda.
- Pegue na mesa – falei.

Iliá Vassílievitch pegou o dinheiro e deu cinco copeques a cada um, como mandei. Passou mais ou menos uma hora. Fui à varanda. Horivelmente esfarrapado, em sapatos completamente destroçados, um homem pequeno, de rosto doentio e olhos inchados e esquivos, começou a me cumprimentar, inclinando o tronco para a frente, e me mostrou um documento de identificação.

– Deram alguma coisa para o senhor?

– Vossa Excelência, para que me servem cinco copeques? Vossa Excelência, ponha-se na minha situação. – Mostrou-me o documento de identificação. – Faça a bondade de examinar, Vossa Excelência, faça a bondade de ver – e me mostrou sua roupa. – Aonde posso ir, Vossa Excelência (e cada vez que dizia “Vossa Excelência”, havia ódio no rosto), o que vou fazer, onde vou parar?

Respondo que dou a mesma quantia para todos. Ele continua a implorar, exige que eu leia a identidade. Eu nego. Ele fica de joelhos. Peço que vá embora.

– Então quer dizer que devo me matar? É só o que resta. Não tenho mais nada que fazer. Dê qualquer coisa.

Dou vinte copeques, ele vai embora e é claro que está magoado.

E há aqueles particularmente insistentes, que sem dúvida reconhecem em si mesmos o direito de exigir sua cota dos ricos. Na maioria, são alfabetizados, muitas vezes até instruídos, para quem a revolução não ocorreu à toa.¹ Eles encaram os ricos não como fazem os antigos mendigos de costume, pessoas que dão esmolas para salvar a alma, mas sim como bandidos, ladrões, que sugam o sangue do povo trabalhador; muitas vezes, os mendigos desse tipo não trabalham e fogem do trabalho de todas as maneiras possíveis, mas em nome do povo trabalhador se consideram não só no direito como na obrigação de odiar os ladrões do povo, ou seja, os ricos, e os odeiam com toda a força de sua penúria, e se pedem, em vez de exigir, é só por fingimento.

Há muitas pessoas assim, inclusive bêbados, sobre os quais vem a vontade de dizer que os culpados são eles mesmos; no entanto, entre os vagabundos, não são poucas as pessoas de uma categoria totalmente distinta, dóceis, mansas, que dão muita pena, e é terrível pensar na situação justamente dessas pessoas.

Aparece um homem bonito, de paletó esfarrapado e curto. De botas já estragadas e de sola gasta,

rosto inteligente, bondoso. Tira o quepe e pede, como de costume. Dou, ele agradece. Pergunto: de onde? Para onde?

– De Petersburgo, de casa para a aldeia (em nossa província).

Pergunto: por que vai a pé?

– É uma longa história – responde, encolhendo os ombros.

Peço que conte. Ele conta, com evidente sinceridade, que “morava em Petersburgo, tinha um emprego bom num escritório, ganhava trinta rublos”. Vivia muito bem.

– Li os livros do senhor: *Guerra e paz*, *Anna Kariênina* – diz sorrindo outra vez de modo particularmente simpático. – Aí, minha família – prosseguiu – inventou de ir morar na Sibéria, na província de Tómsk.

Eles escreveram perguntando se ele concordava em vender sua parte da terra da antiga propriedade da família. Ele concordou. Os familiares partiram, mas aconteceu que a terra deles na Sibéria era muito ruim, gastaram tudo que tinham e voltaram para casa. Agora moram em casas alugadas na aldeia deles, não têm terra nenhuma e vivem só do salário. Aconteceu que, ao mesmo tempo, a vida dele em Petersburgo piorou de repente. Primeiro, perdeu o emprego, e não foi por sua culpa: a firma onde trabalhava faliu e demitiu os empregados.

– E aí, para dizer a verdade, conheci uma sueca – de novo o mesmo sorriso –, ela me enrolou todo. Antes, eu ajudava o meu pessoal, mas agora, olhe só que belo homem me tornei. Bem, Deus há de ter piedade, talvez eu consiga dar um jeito.

Está claro que é um homem inteligente, forte, ativo e que foi só uma série de acidentes que o levou à situação atual.

Ou outro: com os pés enrolados em trapos, uma corda na cintura. A roupa toda esburacada e em farrapos, não que tivesse sido rasgada, apenas estava gasta até último grau, e o rosto agradável, inteligente, sóbrio e de zigomas salientes. Dou os cinco copeques de costume, ele agradece. Conversamos. Ele foi deportado, morava em Viatka. Lá, a vida foi muito ruim e agora, já muito abatido, ele vai para Riazan, onde morava antes. Pergunto em que trabalhava.

– Vendedor de jornal, distribuía jornais.

– Por que foi condenado?

– Por difundir literatura ilegal.

Começamos a falar sobre a revolução. Dei minha opinião, disse que tudo está dentro de nós mesmos, que por meio da força é impossível derrubar uma força tão enorme.

– O mal será destruído fora de nós só quando ele for destruído dentro de nós – eu disse.

– Se é assim, vai demorar muito.

– Depende de nós.

– Li o livro do senhor sobre a revolução.

– Não é meu, mas eu também acho isso.

– Queria pedir ao senhor os seus livros.

– Com prazer. Só que podem criar problemas para o senhor.² Vou dar os mais inocentes.

– Para que se preocupar? Não tenho medo de mais nada. Para mim, a prisão é melhor do que viver assim. Não tenho medo nenhum da prisão. Às vezes, tenho até vontade de ir para lá – exclamou com ar triste.

– Que pena que uma força tão grande seja desperdiçada – falei. – Que pessoas como você estraguem sua vida assim. Bom, e o que vai fazer agora? Que providências vai tomar?

– Eu? – exclamou, lançando um olhar para meu rosto.

Ele tinha me respondido com alegria e animação quando se tratava do passado e de questões gerais, mas assim que a conversa passou a tratar dele mesmo e percebeu minha compaixão, virou-se, cobriu os olhos com a manga e sua nuca começou a tremer.

E quanta gente assim existe!

Essas pessoas comovem, emocionam, mas também se encontram num limiar a partir do qual basta dar um passo para entrarem numa situação desesperadora, em que um homem bom se torna capaz de tudo.

“Por mais sólida que pareça nossa civilização”, diz Henry George, “nela já estão se desenvolvendo forças destrutivas. Não nos desertos e nas florestas, mas nos bairros pobres das cidades e nas grandes estradas se formam os bárbaros que farão com nossa civilização o mesmo que fizeram os hunos e os vândalos com as antigas.”

Sim, aquilo que Henry George previu vinte anos atrás está se realizando agora diante de nossos olhos em toda parte e, com clareza especial, entre nós, na Rússia, graças à surpreendente cegueira do governo, que se empenha para minar o fundamento em que se apoia e em que pode se apoiar qualquer melhoramento social que seja.

Os vândalos previstos por Henry George já estão prontos e a postos entre nós, na Rússia. Eles, esse vândalos, essas pessoas temerárias, por mais estranho que pareça, se mostram especialmente terríveis entre nós, no meio de nosso povo profundamente religioso. Esses vândalos se mostram especialmente terríveis entre nós justamente porque, entre nós, não temos e não existe o princípio de contenção, de observação da decência, da opinião pública, que é tão forte nos povos europeus. Temos ou um profundo e sincero sentimento religioso, ou a completa ausência de quaisquer princípios de contenção: Stienka Rázin, Pugatchóv...³ E, é estranho dizer, o exército de Stienka e de Emelka se desenvolve cada vez mais, graças às ações de nosso governo ultimamente, dignas de um Pugatchóv, com os horrores de seus crimes policiais e as loucuras das deportações, prisões, trabalhos forçados, fortalezas e execuções diárias.

Essa atividade libera os Stienka Rázin dos últimos vestígios de contenção moral. “Se os senhores instruídos agem desse jeito, Deus também quer que a gente faça assim”, dizem e pensam eles.

Muitas vezes recebo cartas de pessoas desse tipo, sobretudo deportados. Eles sabem que escrevi algo dizendo que não se deve combater o mal com a violência e, na maior parte, embora pouco alfabetizados, me fazem objeções com grande ardor, dizendo que a tudo que as autoridades e os ricos fazem com o povo é possível e necessário responder só de uma forma: vingar-se, vingar-se, vingar-se.

É surpreendente a cegueira de nosso governo. Ele não vê, não quer ver, que tudo que faz para desarmar seus inimigos serve apenas para aumentar seu número e suas energias. Sim, essas pessoas são terríveis: terríveis para o governo e também para os ricos, bem como para todos que vivem entre os ricos.

Mas, além do sentimento de medo que tais pessoas despertam, há outro sentimento, muito mais implacável do que o sentimento de medo, um sentimento que nenhum de nós pode deixar de experimentar em relação às pessoas que, por força de uma série de acidentes, acabaram caindo na situação horrível da vida dos vagabundos. Esse sentimento é o sentimento de vergonha e de compaixão.

E é menos o medo do que o sentimento de vergonha e de compaixão que deve obrigar a nós, que não nos encontramos em tal situação, a reagir de uma forma ou de outra a esse fenômeno novo e horrível da vida russa.

SEGUNDO DIA | OS QUE VIVEM E OS QUE MORREM

Estou sentado trabalhando, Iliá Vassílievitch entra com discrição e, obviamente sem querer interromper meu trabalho, diz que faz muito tempo que alguns passantes e uma mulher estão à minha espera.

- Tome, por favor, e dê para eles.
- A mulher tem algum assunto para tratar.

Peço que espere um pouco e continuo a trabalhar. Saio, totalmente esquecido da mulher. De trás do canto da casa, sai uma camponesa jovem, de rosto comprido, magra, muito pobre, pouco agasalhada para o frio que faz.

- O que deseja, do que se trata?
- Falar com Vossa Excelência.
- Mas sobre o quê? Do que se trata?
- Falar com Vossa Excelência.
- Sobre o quê?
- Tiraram ele de mim, mas foi fora da lei. Fiquei sozinha com três filhos.
- Quem? Para onde foi?
- Meu marido, levaram para Krapivna.
- Aonde, por quê?
- Para o Exército, sabe? Mas é fora da lei, porque é arrimo de família. Sem ele, a gente não pode continuar vivendo. Seja um pai.
- Mas então ele é o único homem?
- Só tem ele mesmo.
- Então como é que levaram, se é o único?
- Quem vai saber o que passa na cabeça deles? Agora fiquei sozinha com os filhos. Não tem jeito. Para mim, só resta morrer mesmo. Mas dá pena das crianças. Só tenho esperança na bondade do senhor, porque não foi certo, pela lei, entende?

Anotei a aldeia, prenome, sobrenome, digo que quando souber, mandarei avisar.

- Dê uma ajuda, por pouco que seja. As crianças querem comer e, Deus é testemunha, não têm nenhum pedaço de pão. Meus peitos estão vazios. Não tem leite nos peitos. Que Deus proteja.
- E não tem vacas? – pergunto.
- Que vaca, que nada. Morreu tudo de fome.

Chora e treme toda em seu casaquinho rasgado.

Eu me despeço dela e vou dar meu passeio habitual. Por acaso, o médico que mora conosco tem de atender um doente na mesma aldeia de onde veio a mulher do soldado e no lugar onde fica a administração distrital. Resolvo fazer companhia ao médico e vamos juntos.

Vou para a administração local. O médico vai para a aldeia fazer seu trabalho.

O sargento não está, nem o escrivão, só o ajudante do escrivão, um rapaz que conheço, jovem, inteligente. Pergunto sobre o caso da mulher do soldado. Por que convocaram o único homem da casa? O ajudante vai verificar e diz que ele não é o único homem, que são dois irmãos.

- Então como é que ela me disse que só tem ele?
- Mentira. Ela sempre faz isso – diz, sorrindo.

Faço perguntas sobre vários assuntos que preciso resolver na administração distrital. Vem o médico, depois de atender o último doente, e partimos juntos, rumo à aldeia onde mora a mulher do soldado. Porém, antes mesmo de sairmos do povoado, uma menina de uns doze anos aparece em nosso caminho.

- Na certa, querem sua ajuda – digo para o médico.
- Não, é com Vossa Excelência – diz a menina, dirigindo-se a mim.
- O que quer?
- É com Vossa Excelência. Mamãe morreu e ficamos sozinhos, órfãos. Somos cinco... Ajude, pense na necessidade que a gente está passando...
- Mas de onde você vem?

A menina aponta para uma casa de tijolos bastante boa.

- Sou dali, é a nossa casa. Entre e veja o senhor mesmo.

Desço do trenó, vou na direção da casa. Uma mulher sai da casa e me convida para entrar. A mulher é tia dos órfãos. Entro. Uma residência limpa, espaçosa. Todas as crianças estão ali. Quatro, além da mais velha: dois meninos, uma menina e o menor, de uns dois anos, outro menino. A tia conta detalhes da situação da família. Dois anos atrás, o pai das crianças morreu soterrado numa mina. Pediram uma indenização, não conseguiram nada. A viúva ficou com quatro filhos, o quinto já nasceu sem o pai. Tentaram se virar sem o marido. Primeiro a viúva contratou um empregado para trabalhar na terra. Mas sem o marido tudo foi de mal a pior, primeiro venderam as vacas, depois o cavalo, sobraram só duas ovelhas. Apesar de tudo isso, ainda conseguiam tocar a vida, mas um mês atrás ela mesma ficou doente e morreu. Sobraram cinco crianças, a mais velha só de doze anos.

– Eles se viram para viver. Ajudo como posso – diz a tia –, mas posso pouco. E não sei mais o que fazer com as crianças. Quem dera morressem. Se desse para deixar num orfanato qualquer, pelo menos algumas.

A mais velha, é claro, já entende tudo, se intromete em minha conversa com a tia.

– Era bom deixar pelo menos o Mikolachka em algum lugar, ele é uma desgraça, a gente não pode deixar ele sozinho nem um instante – diz ela, apontando para o bravo garotinho de dois anos, que ri alegre de alguma coisa com a irmãzinha e, está claro, não concorda nem de longe com o desejo da tia.

Prometo pedir vagas num orfanato para algumas das crianças. A mais velha agradece e pergunta quando deve ir buscar a resposta. Os olhos de todas as crianças, até de Mikolachka, ficam cravados em mim, como se eu fosse uma criatura mágica, que pode fazer tudo para eles.

Ao sair da casa, antes de chegar ao trenó, encontro um velho. Ele me cumprimenta e logo começa a perguntar sobre os órfãos.

– Que desgraça – diz ele. – Dá pena de olhar. E a garotinha mais velha, como se mexe para lá e para cá. Igual a uma mãe para eles. E ela só tem Deus para ajudar. Ainda bem que as pessoas não abandonam, senão já teriam morrido de fome, os coitadinhos. A essas crianças, não é pecado ajudar – diz, obviamente recomendando que eu faça o mesmo.

Despedimo-nos do velho, da tia, da menina e eu e o médico vamos à aldeia, ao encontro da mulher do soldado que falou comigo de manhã.

Pergunto na primeira casa onde mora a mulher do soldado. Acaba que, nessa primeira casa, mora uma viúva, grande conhecida minha, que vive de esmolas e que sabe pedir de maneira obstinada e atrevida. Essa viúva, como de hábito, logo vem me pedir ajuda. Precisa de ajuda agora especialmente para dar de comer à sua novilha.

– Ela está acabando comigo e com a velha. O senhor entre aqui e veja.

– E a velha, como vai?

– Ora, a velha vai aguentando.

Prometo entrar para ver não só a novilha como também a velha. De novo pergunto onde fica a casa da mulher do soldado. A viúva me aponta a segunda isbá e logo acrescenta que “são pobres demais, sim, mas o cunhado também bebe um bocado”...

Vou para a casa apontada pela viúva.

Por mais que as casas dos pobres da aldeia sejam de dar pena, faz muito tempo que não vejo uma casa tão estropiada como a da mulher do soldado. Todo o telhado e até as paredes estão inclinados a tal ponto que as janelas entortaram.

Por dentro não é melhor do que por fora. A isbazinha pequena, com uma estufa que ocupa a terça parte de seu espaço, está toda torta, preta, imunda e, para minha surpresa, cheia de gente. Achei que ia encontrar a mulher do soldado e seus filhos, mas ali também está a cunhada, uma mulher jovem, e seus filhos, além da velha sogra. A própria mulher do soldado acabou de voltar do encontro comigo, encolhida de frio, está se aquecendo em cima da estufa. Enquanto desce, a sogra me conta sua vida. Os filhos dela, dois irmãos, no início moravam juntos. Sustentavam todos.

– Mas, hoje, quem é que mora junto? Todo mundo vive separado – diz a sogra tagarela. – As mulheres passaram a brigar, os irmãos se separaram, a vida ficou ainda pior. A terra é pouca. A gente só ganhava a vida graças ao salário. E aí tomaram o Piotr da gente. Como é que ela vai fazer agora para cuidar dos filhos? O jeito foi morar com a gente. Só que não dá para alimentar todo mundo. O que fazer? A gente não sabe mais. Dizem que ele pode voltar.

A mulher do soldado desce da estufa e também continua a pedir que eu dê um jeito para trazer o marido de volta. Digo que não é possível e pergunto que propriedade ficou para ela, depois da partida do marido. Não tem propriedade nenhuma. A terra do marido ficou para o irmão, cunhado dela, para que ele sustentasse a ela e os filhos. Havia três ovelhas, mas duas foram vendidas para ajudar na partida do marido. Sobraram, como ela diz, uns cacarecos, uma ovelha e duas galinhas. Isso é toda a sua propriedade. A sogra confirma o que ela diz.

Pergunto à mulher do soldado de onde ela veio. Veio de Sérquievskoie. É um povoado rico, grande, a quarenta verstas de nós.

Pergunto se o pai e a mãe estão vivos e como vivem.

– Vivem bem – responde.

– Por que não vai para a casa deles?

– Estou pensando nisso. Mas tenho medo que não aceitem a nós quatro.

– Talvez aceitem. Escreva para eles. Quer que eu escreva?

A mulher do soldado concordou e eu anotei os nomes de seus pais.

Enquanto estou conversando com as mulheres, a filha mais velha da mulher do soldado, menininha barriguda, se aproxima dela, segura sua manga e pede alguma coisa, parece que pede para comer. A mulher do soldado continua conversando comigo e não responde. A menininha puxa de novo e murmura alguma coisa.

– Vocês não têm jeito mesmo! – grita a mulher do soldado e bate com força na cabeça da menina.

Ela dá um berro.

Terminado meu assunto ali, saio da isbá e vou à casa da viúva que tem uma novilha.

A viúva já está à minha espera na frente da casa e pede de novo que eu entre e veja a novilha. Entro. No vestíbulo, está a novilha. A viúva pede que eu dê uma olhada na novilha. Observo e vejo que toda a vida da viúva se concentra a tal ponto na novilha que ela não consegue nem imaginar a possibilidade de que eu não tenha o menor interesse em ver a novilha.

Depois de olhar bem para a novilha, saio da casa e pergunto onde está a velha.

– A velha? – repete a viúva, obviamente surpresa por eu, depois de ver a novilha, ainda mostrar interesse pela velha. – Está em cima da estufa. Onde mais estaria?

Vou até a estufa e cumprimento a velha.

– Oh-oh! – responde uma voz fraca e rouca. – Quem está aí?

Digo meu nome e pergunto como vai a vida.

– E isto é vida?

– O que é? O que está doendo?

– Dói tudo. Oh-oh!

– Estou com o médico aqui. Quer que eu chame?

– Médico? Oh-oh! Para que me serve o seu médico? Lá em cima é que está o meu médico... Médico?... Oh-oh!

– Sabe como é, está muito velha – diz a viúva.

– Ora, não é mais velha do que eu – respondo.

– Como não é mais velha? É muito mais velha. Dizem que ela tem noventa – diz a viúva. – Todo o seu cabelo estava caindo. Resolvi raspar tudo.

– Por que fez isso?

– Já tinha caído tudo mesmo. Aí raspei logo.

– Oh-oh! – gemeu a velha de novo. – Oh-oh! Deus se esqueceu de mim! Não leva minha alma. Ah, paizinho, ela não sai, ela não sai sozinha... Oh-oh!... Deve ser por causa de meus pecados. Não tem nada para molhar a garganta. Quem dera tivesse um chazinho para eu beber pela última vez. Oh-oh!

O médico entra na isbá, eu me despeço e nós saímos para a rua, sentamos no trenó e vamos para uma aldeiazinha próxima, para o médico visitar seu último paciente. O médico foi chamado na véspera para ver aquele paciente. Chegamos, entramos juntos na isbazinha. Uma casa pequena mas limpa, um berço no centro e uma mulher que balança o berço com esforço. À mesa, está sentada uma menina de uns oito anos, que olha para nós com surpresa e susto.

– Onde está ele? – pergunta o médico, referindo-se ao paciente.

– Em cima da estufa – responde a mulher, sem parar de balançar o berço com o bebê.

O médico sobe no jirau, apoia os cotovelos na estufa, se inclina sobre o paciente e faz alguma coisa. Chego perto do médico e pergunto como está o doente.

O médico não responde. Subo também no jirau, olho no escuro e só a muito custo começo a distinguir a cabeça cabeluda do homem deitado na estufa.

Um cheiro pesado, ruim, paira em torno do paciente. Ele está deitado de costas. O médico toma seu pulso da mão esquerda.

– Está muito mal? – pergunto.

O médico não responde e se dirige à dona da casa.

– Acenda um lampião – diz ele.

A mulher chama a menina, manda que balance o berço, ela mesma acende um lampião e dá para o médico. Desço do jirau para não atrapalhar o médico. Ele pega o lampião e continua a examinar o paciente.

A menina olha para nós, balança o berço com força insuficiente e o bebê começa a dar gritos esganiçados e comoventes. Depois de entregar o lampião para o médico, a mãe afasta a menina e passa a balançar o berço ela mesma.

Eu me aproximo do médico outra vez. Pergunto de novo como está o homem.

O médico, ainda ocupado com o paciente, me diz uma palavra em voz baixa.

Não escuto o que ele diz e pergunto de novo.

– Agonia – o médico repete a palavra, desce do jirau e coloca o lampião sobre a mesa.

O bebê não para de dar gritos fracos e comoventes.

– E então, já morreu? – diz a mulher, que parece ter entendido o sentido da palavra dita pelo médico.

– Ainda não, mas não vai escapar – diz o médico.

– Então é melhor chamar o pope, não é? – diz a mulher, de má vontade, balançando com cada vez mais força o bebê, que não para de gritar.

– O bom era se tivesse alguém em casa agora. Quem é que vou mandar chamar o pope? Olhe, todo mundo foi pegar lenha.

– Não posso fazer mais nada – diz o médico, e saímos.

Depois eu soube que a mulher achou alguém para chamar o pope, que mal teve tempo de dar a extrema-unção ao moribundo.

Vamos para casa e ficamos calados no caminho. Acho que ambos experimentamos o mesmo sentimento.

– O que ele teve? – pergunto.

– Inflamação dos pulmões. Eu não esperava um fim tão rápido, tinha o organismo forte, mas as condições eram prejudiciais. Com quarenta graus de febre, ele ficou do lado de fora, onde fazia cinco graus de frio.

Ficamos calados de novo e seguimos em silêncio por muito tempo.

– Não vi nem cama nem travesseiro em cima da estufa – digo.

– Não tem nada – diz o médico.

E, certamente, entendendo o que estou pensando, diz:

– Ontem mesmo estive em Krítoie para atender uma parturiente. Para examinar, era preciso colocar a mulher deitada ao comprido, bem esticada. Mas na isbá não tinha espaço nem lugar para isso.

De novo, ficamos calados e, de novo, provavelmente, pensamos a mesma coisa. Em silêncio, chegamos em casa. Diante da varanda, está uma parelha de cavalos magníficos, atrelada a um trenó estofado. O cocheiro muito elegante, de casacão de pele de carneiro e gorro felpudo. É do meu filho, que veio de sua propriedade.

Sentamos à mesa de jantar, servida para dez pessoas. Um lugar está vazio. É da minha neta. Hoje, ela não está se sentindo bem e vai jantar no quarto, com a babá. Para ela, prepararam um jantar especialmente higiênico: sopa de carne e sagu.

Durante o farto jantar de quatro pratos, com dois tipos de vinho, dois lacaios para servir e flores na mesa, ocorrem conversas.

– De onde vêm essas rosas lindas? – pergunta meu filho.

A esposa responde que as flores vieram de Petersburgo, foram enviadas por uma dama que não revelou seu nome.

– Essas rosas não saem por menos de um rublo e meio cada – diz o filho. E conta que, numa espécie de concerto ou apresentação, cobriram o palco inteiro com flores como aquelas.⁴

A conversa se desvia para a música e para um grande especialista e mecenas da música.

– E então? Como vai ele?

– Nada bem. Vai viajar de novo para a Itália. Sempre passa o inverno lá e, de modo surpreendente, melhora.

– A viagem é cansativa e maçante.

– Não, nada disso, no *express*, são ao todo trinta e nove horas.

– Mesmo assim, é enfadonho.

– Espere mais um pouco e logo vamos estar voando.

TERCEIRO DIA | TRIBUTOS

Além das visitas e solicitações de costume, hoje há algumas especiais: primeiro, um velho camponês sem filhos, que leva seu fim de vida na maior pobreza; segundo, uma mulher muito pobre, com uma porção de filhos; terceiro, um camponês remediado, até onde sei. Os três são de nossa aldeia e os três vêm tratar do mesmo assunto. Estão recolhendo os tributos antes do ano-novo e registraram para confiscar como garantia o samovar do velho, a ovelha da mulher e a vaca do camponês remediado. Todos eles pedem ajuda ou proteção, ou as duas coisas.

Primeiro, fala o camponês próspero, homem alto, bonito, que está começando a envelhecer. Conta que o estaroste veio, confiscou a vaca e ainda exige mais vinte e oito rublos. É o dinheiro para o fundo de alimentação obrigatório que, na opinião do camponês, não deve ser cobrado agora. Não entendo nada do assunto e digo que vou perguntar e pedir informações na administração distrital e depois direi se é possível ou não se isentar desse pagamento.

O segundo a falar é o velho de quem confiscaram o samovar. Miúdo, magricela, fraco, malvestido, com tristeza e perplexidade comoventes, ele conta como vieram, tomaram o samovar e exigem três rublos

e oitenta copeques, que ele não possui nem tem onde arranjar.

Pergunto: para que são esses impostos?

– Quem vai saber? É a lei. Onde eu a minha velha vamos arranjar esse dinheiro? Do jeito que está, já mal dá para viver. Que leis são essas? Tenha piedade de nossa velhice. Ajude de algum jeito.

Prometo procurar saber e ajudar como puder. Dirijo-me à mulher. Magra, cansada, eu a conheço. Sei que o marido é um bêbado e que tem cinco filhos.

– Confiscaram a ovelha. Vieram. Dê o dinheiro, disseram. Falei: o marido não está, está no trabalho. Dê o dinheiro, disseram. De onde vou tirar? Tenho uma ovelha só, e levaram. – Chora.

Prometo procurar informações e ajudar, se puder, e antes de mais nada vou à aldeia falar com o estaroste, saber detalhes, que impostos são esses e por que são cobrados com tanto rigor.

Na rua da aldeia, mais duas pessoas me detêm, com pedidos – mulheres. Os maridos estão no trabalho. Uma pede que eu compre um linho: faz por dois rublos.

– Confiscaram as galinhas. Acabei de criar. Com elas me sustento, pego os ovos e vendo. Compre, o linho é bonito. Eu não venderia nem por três, se não fosse a necessidade.

Mando que vá para casa e digo que, quando voltar, vou ver se resolvo a situação, se puder. Antes que eu chegue à casa do estaroste, uma ex-aluna minha, de olhos ligeiros, pretos, surge na minha frente. É Olguchka, agora já velha. A mesma desgraça – confiscaram a novilha.

Vou à casa do estaroste. Mujiue forte, de barba grisalha e olhos inteligentes, ele vem a meu encontro, na rua. Pergunto que impostos estão cobrando e por que aquele rigor repentino. O estaroste me conta que a ordem era cobrar com rigor todos os atrasados antes do ano-novo.

– Mas tinha ordens para confiscar samovares, animais? – pergunto.

– Claro – responde o estaroste, encolhendo os ombros fortes. – Ninguém pode ficar sem pagar. Olhe só o caso do Abakumov. – Ele se refere ao camponês próspero de quem confiscaram uma vaca por causa do pagamento do fundo de alimentação obrigatório. – O filho trabalha no mercado, tem três cavalos. Por que ele não paga? Vive se fazendo de desentendido.

– Bem, nesse caso, pode ser – digo. – Mas e os pobres, como é possível? – E falo do velho de quem tomaram o samovar.

– Esse, sim, esse é pobre mesmo, e não tem de onde tirar. Só que lá nem querem saber disso.

Falo da mulher de quem tomaram a ovelha. E dessa o estaroste tem pena, mas, como que para se justificar, diz que não pode deixar de cumprir uma ordem.

Pergunto se faz muito tempo que é estaroste e quanto ganha.

– Quanto ganho? – diz ele, respondendo não à pergunta que fiz, mas à pergunta que não falei e que ele adivinhou: por que ele participa dessa atividade. – Quero me aposentar. Nosso salário é trinta rublos, mas a gente não fica livre desses pecados.

– E então vão mesmo confiscar samovares, ovelhas e galinhas? – pergunto.

– Claro! São obrigados a confiscar. E a administração distrital vai leiloar logo.

– Vão vender?

– Vão, eles vão ter de se virar de algum jeito...

Vou à casa da mulher que veio reclamar da ovelha confiscada. Uma isbazinha minúscula, no vestíbulo a única ovelha, que deve ser levada para completar o orçamento do Estado. A mulher, nervosa, esgotada pela penúria e pelo trabalho, assim que me vê, segundo o costume de camponesa, começa a falar depressa e com emoção.

– Olhe só como vivo: vão levar a última ovelha. Eu e esses moleques mal conseguimos viver. – Aponta para a estufa e para o jirau. – Venha cá! Não tenha medo. Olhe, como é que alguém pode se sustentar e também esses barrigudinhos pelados?

Crianças de fato barrigudinhas, em camisas esfarrapadas e sem calças, descem da estufa e ficam em volta da mãe...

Nesse mesmo dia, vou à administração distrital para saber detalhes daquele método, novo para mim, de cobrar tributos.

O sargento não está. Virá logo. Na administração, alguns homens estão atrás da grade do guichê, também à espera do sargento.

Pergunto a eles: quem são, o que querem? Dois querem passaporte. Vão viajar para trabalhar. Trouxeram dinheiro para tirar o passaporte. Um veio pegar uma cópia da decisão do juiz local que negou seu pedido para que a casa e o terreno onde ele morou e trabalhou durante vinte e três anos e que pertenciam ao tio e à tia, que o adotaram e que agora tinham morrido, não fossem tomados dele e entregues à neta do tio. Essa neta, herdeira direta do tio, valendo-se da lei de 9 de novembro, vai vender os bens, a casa e a terra onde vive o requerente. Seu pedido foi negado, mas ele não quer acreditar que existem leis como essa e quer apelar a algum tribunal superior, nem sabe qual. Eu lhe explico que a lei é assim mesmo e isso provoca em todos os presentes uma desaprovação que chega à perplexidade e à incredulidade.

Mal termino de falar com esse camponês quando outro, alto, de expressão severa e dura no rosto, se dirige a mim para explicar seu caso. A questão é que ele e seus companheiros de aldeia escavam uma mina de ferro em suas terras de lavoura, escavam essa mina desde que o mundo é mundo.

– Agora fizeram uma lei. Não deixam cavar. Não deixam cavar na nossa terra. Que lei é essa? É só com isso que a gente se sustenta. Já vai para o segundo mês que a gente está pedindo e nada mais está andando direito. A gente não entende, eles vão arruinar a gente e pronto, acabou.

Não consigo dizer nada de confortante para o homem e me dirijo ao sargento, que entra, e faço minhas perguntas sobre as medidas rigorosas que estão aplicando em nossa aldeia para cobrar tributos em atraso. Pergunto também o seguinte: que artigos da lei permitem cobrar os impostos desse jeito. O sargento me avisa que ao todo há sete tipos de tributos que agora são cobrados dos camponeses: 1) os do Tesouro, 2) os do *ziémstvo*, 3) os do seguro, 4) os das dívidas alimentares em atraso, 5) os do fundo de alimentação em lugar do pagamento em espécie, 6) os da comuna e da administração distrital, 7) os da aldeia.

O sargento me diz o mesmo que o estaroste, que a causa do rigor especial na cobrança é uma ordem das autoridades superiores. O sargento reconhece que é duro tomar dos pobres, mas já não se refere aos pobres com a mesma compaixão do estaroste, já não se permite julgar as autoridades e, acima de tudo, quase não tem dúvidas da necessidade de sua função e da ausência de pecado em sua participação nessas coisas.

– Afinal, não se pode dar trela para...

Pouco depois disso, me aconteceu de falar sobre o assunto com um diretor do *ziémstvo*. Esse homem já tinha muito pouca compaixão da situação difícil dos miseráveis, que ele quase não via, e também tinha poucas dúvidas sobre a legitimidade moral de sua função. Embora na conversa comigo ele concordasse que, no fundo, seria mais tranquilo não exercer nenhuma função no serviço público, ainda assim se considerava um funcionário útil, porque outros em seu lugar seriam até piores. E, já que se mora no campo, por que não tirar proveito do salário de diretor do *ziémstvo*, por pequeno que fosse?

As avaliações de um governador sobre a cobrança dos tributos necessários para suprir as necessidades das pessoas ocupadas com o aprimoramento do povo eram totalmente livres de quaisquer considerações sobre samovares, novilhas, ovelhas e linho confiscados de miseráveis das aldeias; já não existia a menor dúvida sobre a utilidade de seu trabalho.

E os ministros, os que cuidam da venda de vodca, os que cuidam de ensinar pessoas a cometer assassinatos, os que cuidam das sentenças de deportação, de prisão, de trabalhos forçados, de enforcamento de pessoas, todos os ministros e seus ajudantes – esses já estão inteiramente convencidos de que os samovares, as ovelhas, o linho, as novilhas confiscadas dos miseráveis encontram sua melhor aplicação na produção da vodca que intoxica o povo, na fabricação de armas para assassinar, na

construção de prisões, de campos de trabalhos forçados etc. e, entre outras coisas, no pagamento dos salários deles e de seus ajudantes, na construção de casarões, na aquisição de roupas para as esposas e na cobertura das despesas necessárias para viagens e entretenimentos que eles desfrutavam, a fim de repousar do peso das preocupações e dos afazeres em prol do bem-estar desse povo rude e ingrato.

1909

KHODINKA

– Não entendo essa teimosia. Por que fica sem dormir e vai “para o povo”, quando poderia ir tranquilamente amanhã, com sua tia Vera direto para o palanque.¹ E ia ver tudo. E eu já lhe disse que o Behr me prometeu que ia levar você. E você, como dama de honra da imperatriz, tem o direito.

Assim falava o príncipe Pável Golítsin, conhecido em toda a alta sociedade pelo apelido de “Dândi”, para sua filha Aleksandra, de vinte e três anos, chamada pelo apelido de “Rina”. A conversa se deu na tarde de 17 de maio de 1896, em Moscou, véspera da festa popular da coroação. A questão era que Rina, moça bonita, forte, com o perfil característico dos Golítsin, de nariz arqueado de ave de rapina, que já vivera o período de entusiasmo por bailes de sociedade e era, ou pelo menos se julgava, uma mulher avançada, tinha simpatia pelos *naródniki*.² Era a única filha, protegida do pai, e fazia o que queria. Agora, tinha enfiado na cabeça, como dizia o pai, a ideia de ir para o passeio público com seu primo, não ao meio-dia junto com as pessoas da Corte, mas junto com o povo, ou seja, o zelador e o ajudante do cocheiro, que iam sair de casa de manhã bem cedo.

– Mas, papai, quero ver o povo, ficar com eles. Quero ver a relação do povo com o jovem tsar. Não seria possível, pelo menos uma vez...

– Está bem, faça como quiser, conheço sua obstinação.

– Não fique zangado, papai querido. Prometo que tomarei cuidado, e o Alek vai ficar comigo o tempo todo.

Por mais estranha e louca que a ideia parecesse ao pai, ele não foi capaz de negar.

– Claro, pegue – respondeu à filha, que perguntou se podia usar a caleche. – Vá de caleche até Khodinka e depois a mande de volta.

– Certo, está bem.

Ela chegou mais perto do pai. Como de costume, ele a benzeu com o sinal da cruz, a filha beijou sua mão grande e branca. E os dois se despediram.

Naquela mesma tarde, no alojamento que a conhecida Mária Iákovlievna alugava para os operários de uma fábrica de cigarros, também ocorriam conversas sobre a festa do dia seguinte. No alojamento de Emelian Iágodnov, ele e alguns camaradas se haviam reunido e combinavam quando iam sair.

– Já não dá tempo de ir para a cama, senão a gente acaba dormindo até tarde demais – disse Iacha, um rapaz alegre, animado, que ficava do outro lado da divisória.

– Por que não dormir? – retrucou Emelian. – Vamos sair ao raiar do dia. O pessoal já falou.

– Está bem, então a gente dorme logo. Só que você, Semiónitch, vai acordar a gente.

Semiónitch Emelian prometeu que ia fazer isso e pegou na mesa um fio de seda, puxou a luz para

perto e tratou de pregar um botão em seu paletó de verão. Terminado o trabalho, preparou sua melhor roupa, colocou sobre o banco, limpou as botas, depois rezou, recitando algumas preces, “pai”, “virgem”, cujo significado não entendia e nunca teve interesse de entender, tirou as botas e as calças e deitou-se no colchãozinho achatado da cama rangente.

“Por quê?”, pensou. “Tem gente que tem sorte. Quem sabe meu bilhete de loteria é sorteado?” (Entre o povo, corria o boato de que, além de presentes, seriam distribuídos bilhetes de loteria.) “Dez mil, eu nem digo. Mas uns quinhentos rublos já era ótimo. Eu ia fazer um monte de coisas: ia mandar algum para os velhos e trazia minha mulher. Separado assim não é vida. Comprava um relógio de verdade. Mandava fazer um casaco de pele para mim e para ela. Desse jeito, a gente fica se matando, se matando... e nunca sai da miséria.” E então ele se imaginou passeando com a esposa pelo Jardim Aleksandróvski, viu o mesmo guarda que no verão o prendeu porque estava bêbado e se meteu numa briga, só que o guarda não é mais guarda e sim general, e esse general ri e o convida para entrar numa taverna e ouvir alguém tocar órgão. E o órgão toca, toca, do mesmo jeito que o relógio bate. E Semiónitch acorda e ouve que o relógio guincha e bate, a dona da casa, Mária Iákovlievna, tosse do outro lado da porta e na janela já não está tão escuro como antes. “Tomara que eu não tenha dormido demais.”

Emelian levanta, anda descalço para o outro lado da divisória, sacode o Iacha, se veste, passa pomada no cabelo, se penteia e olha para o espelho quebrado.

“Nada mau, está bonito. É por isso que as meninas me adoram. E também não quero fazer bobagem...”

Foi falar com a senhoria. Conforme combinado no dia anterior, levava na sacola uma torta, dois ovos, presunto, meia garrafa de vodca e, quando o dia mal começava a nascer, ele e Iacha saíram e foram para o parque Petróvski. Não eram os únicos. Tem gente na frente, atrás vêm outros, de todos os lados saem de casa e andam na mesma direção homens, mulheres, crianças, todos alegres e arrumados, seguindo o mesmo caminho.

E chegaram ao campo Khodinka. Lá, o povo já escureceu todo o parque. E de vários pontos subia uma fumaça. A manhã estava fria e as pessoas procuravam gravetos, lenha, e acendiam fogueiras.

Emelian e seus camaradas se juntaram, também acenderam uma fogueira, sentaram, pegaram comida, bebida. Então o sol começou a sair, limpo, claro. E a manhã ficou alegre. Cantaram, conversaram, falaram brincadeiras, riram, todos se divertiam, esperavam a diversão. Emelian e seus camaradas beberam muito, ele começou a fumar e ficou ainda mais alegre.

Todos estavam bem-vestidos, mas no meio dos trabalhadores e suas mulheres se destacavam ricos comerciantes com as esposas e os filhos, que foram parar no meio do povo. Assim, Rina Golítsina chamou atenção, quando, alegre, radiante com a ideia de que tinha conseguido o que queria e estava com o povo, no meio do povo, festejando a ascensão ao trono de um tsar adorado pelo povo, caminhava com o irmão Alek entre as fogueiras.

– Bom dia, patroa bonita – gritou para ela um jovem operário, erguendo um copinho à boca. – Não tenha nojo do nosso pão e sal.

– Obrigado. Comam vocês mesmos – respondeu Alek, exibindo seu conhecimento dos hábitos populares, e seguiram em frente.

Pelo hábito de sempre ocupar os primeiros lugares, ao passarem pelo campo no meio do povo, onde já havia pouco espaço (havia tanta gente que, apesar da manhã clara, acima do campo, pairava uma névoa densa, formada pela respiração das pessoas), eles foram direto para o palanque. Mas os policiais não os deixaram passar.

– Muito bem. Por favor, vamos de novo para lá – disse Rina e os dois voltaram para a multidão.

– Mentira – respondeu Emelian, sentado com seus camaradas em redor de petiscos sobre uma folha de papel, a um operário que acabara de chegar e havia falado sobre o que iam distribuir. – É mentira.

– Pois estou lhe dizendo. Não é certo, não é na lei, mas estão distribuindo, sim. Eu mesmo vi. Estão dando um embrulhinho e um copo.

- Está na cara, são os danados dos artesãos. Eles não têm jeito. Dão só para quem eles querem.
- Mas como é que pode? Será que podem fazer uma coisa contra a lei?
- Está vendo como podem?
- Vamos lá, pessoal. Vamos ver como é que é essa história.

Todos levantaram. Emelian pegou sua garrafinha com o resto de vodca e foi em frente, com seus camaradas.

Não tinha dado dez passos quando o povo se apertou de tal modo que ficou difícil andar.

- Por que está empurrando?
- E você, por que está empurrando?
- Acha que está sozinho?
- Chega para lá.
- Gente, estão sufocando – ouviu-se uma voz de mulher. Soou um grito de criança do outro lado.
- Vá para o inferno...
- O que está pensando? Acha que está sozinho aqui?
- Vão pegar tudo. Sai, deixa eu chegar lá. Inferno, demônios!

Era Emelian quem gritava e, empurrando com os ombros largos, saudáveis, e espetando com os cotovelos, abria caminho como podia, rompia em frente, sem saber direito para quê, só porque todo mundo empurrava e lhe parecia que era absolutamente necessário ir em frente. Atrás dele, dos dois lados, havia gente e todos o espremiavam. Na frente, as pessoas não se moviam e não deixavam os outros passar. E não paravam de gritar, gemer, berrar. Emelian ficou calado e, cerrando os dentes fortes, contraindo as sobancelhas, não desanimava, não fraquejava, empurrava os que estavam na frente e, embora devagar, avançava. De repente, tudo se mexeu e, depois de um movimento ritmado, houve uma arremetida para a frente e para a direita. Emelian olhou para lá e viu que uma coisa voou, e outra e uma terceira, e todas caíam na multidão. Ele não entendeu o que era, mas perto dele uma voz gritou:

- Demônios malditos, despejar em cima do povo desse jeito.

E lá onde voavam as bolsinhas com presentes, ouviam-se gritos, risos, choro e gemidos.

Alguém machucou Emelian com um empurrão na costela. Ele ficou ainda mais sombrio e zangado. Mas nem teve tempo para se recuperar da dor e alguém chutou sua perna. Seu paletó, um paletó novo, agarrou em alguma coisa e rasgou. Em seu coração, bateu uma raiva e, com toda a força, ele começou a espremer quem estava na frente, empurrando por trás. Mas de repente aconteceu algo que ele não conseguiu entender. Não viu mais nada na frente, senão as costas das pessoas, e aí, de repente, tudo o que estava na sua frente se abriu. Ele viu as barracas, as barracas onde deviam distribuir os pacotes. E alegrou-se, mas a alegria durou só um minuto, porque logo compreendeu que só se revelava o que havia na sua frente porque todos haviam chegado à beira de um fosso e todos que estavam na frente, uns de pé, outros de gatinhas, desabaram dentro do fosso e ele mesmo caiu lá, sobre as pessoas, bem em cima das pessoas, e sobre ele caíram outros, que vinham atrás. Então, pela primeira vez, sentiu medo. Tombou. Uma mulher de vestido estofado desabou em cima dele. Emelian a sacudiu para o lado, quis virar-se, mas o imprensavam por trás e ele não tinha força. Quis andar para a frente, mas as pernas tropeçavam em coisas moles, as pessoas. Agarravam seus pés, gritavam. Ele não enxergava nada, não ouvia, abria caminho à força para a frente, pisando em pessoas.

- Irmãos, peguem meu relógio, é de ouro! Irmãos, ajudem! – gritou um homem a seu lado.

“Agora, ninguém liga para relógios”, pensou Emelian e começou a sair pelo outro lado do fosso. Em sua alma, havia dois sentimentos, ambos torturantes: um era o temor por si mesmo, pela própria vida; o outro era a raiva de todas aquelas pessoas desnorreadas que o espremiavam daquele jeito. Ao mesmo tempo, desde o início, ele havia traçado um objetivo: chegar às barraquinhas e receber a sacola com os

presentes e, dentro dela, o bilhete de loteria: desde o início, era esse objetivo que o atraía.

As barraquinhas já estavam à vista, também dava para ver os artesãos que iam distribuir os brindes, já se ouviam os gritos das pessoas que tinham conseguido chegar às barraquinhas, ouviam-se também os estalos das passarelas de tábuas onde a parte da frente da multidão se espremia para passar. Emelian fez mais um esforço e só faltavam vinte passos, quando ouviu de repente, embaixo dos pés, ou melhor, entre os pés, o grito e o choro de uma criança. Emelian olhou para os pés: um menino sem gorro, com a camisa rasgada, estava deitado de barriga para cima e, sem parar de gritar, agarrou seus pés. De repente, algo apertou seu coração. O temor por si mesmo passou. Também passou a raiva das pessoas. Sentiu pena do menino. Emelian se abaixou, apanhou o menino, segurando por baixo da barriga, mas os que vinham atrás o empurraram de tal modo que ele quase caiu, teve de soltar o menino, mas logo depois, reunindo todas as suas forças, de novo o segurou e o jogou sobre os ombros. Os que estavam empurrando passaram a empurrar menos e Emelian carregou o menino.

– Me dá ele aqui – gritou um cocheiro que andava ao lado de Emelian, pegou o menino e ergueu-o acima da multidão.

– Vai passando por cima do povo.

E, virando-se, Emelian viu como o menino, ora afundando no povo, ora emergindo acima dele, foi se afastando cada vez mais, sobre os ombros e as cabeças das pessoas.

Emelian continuou a se mover. Era impossível ficar parado, mas agora já não estava mais preocupado com os brindes nem em alcançar as barraquinhas. Estava pensando no menino, onde tinha ido parar o lacha, o que seria das pessoas esmagadas que ele tinha visto quando atravessou o fosso. Chegou a uma barraquinha, recebeu a sacola e o copo, mas aquilo já não o deixou contente. No primeiro minuto, ficou contente, porque ali tinha terminado o sufoco. Podia respirar e se mexer. Mas logo também aquela alegria passou, por causa do que viu ali. Viu uma mulher de vestido listrado e rasgado, de cabelo ruivo desgrenhado, de botinas com botões. Estava deitada de barriga para cima; os pés nas botinas estavam apontados para cima. Uma das mãos jazia na grama, a outra, com os dedos fechados, estava embaixo do peito. O rosto não estava pálido, mas branco-azulado, como só acontece com os mortos. Aquela mulher foi a primeira pisoteada até a morte e tinha sido deixada ali, atrás da cerca, diante do palanque do tsar.

Na hora em que Emelian olhava para a mulher, junto a ela estavam dois guardas, e um policial dava ordens. Então chegaram os cossacos, o chefe deu alguma ordem e eles avançaram sobre Emelian e outras pessoas que estavam ali e as enxotaram para trás, rumo à multidão. Emelian caiu de novo na multidão, de novo o sufocamento, dessa vez ainda pior. De novo os gritos, os gemidos de mulheres, crianças, de novo pessoas pisoteando umas às outras, sem conseguir deixar de pisar. Mas agora Emelian já não tinha mais temor por si mesmo nem raiva daqueles que o espremiavam, só havia um desejo – fugir, desvencilhar-se, entender o que era aquilo que crescia dentro de sua alma, fumar e beber. Sentia uma vontade tremenda de fumar e beber. E conseguiu: saiu para um lugar mais livre, fumou e bebeu.

Mas não foi o que aconteceu com Alek e Rina. Sem querer nenhum brinde, eles andavam no meio do povo, sentado em rodinhas, conversando com mulheres, crianças, quando de repente todo o povo disparou na direção das barraquinhas, na hora em que correu o boato de que os artesãos não iam distribuir os presentes da maneira correta. Rina nem teve tempo de se virar, foi arrastada para longe de Alek e a multidão a carregou. O horror a dominou. Tentou ficar calada, mas não conseguiu e gritou, pedindo piedade. Mas não havia piedade, ela foi arrastada cada vez para mais longe, o vestido rasgou, o chapéu voou. Ela não podia ter certeza, mas teve a impressão de que arrancaram seu relógio com a correntinha. Era uma jovem forte e conseguiria se manter de pé, mas a sensação de sufocamento e de horror era tão aflitiva que Rina não conseguia respirar. Esfarrapada, amarrotada, ela mal conseguia se manter de pé; mas na hora em que os cossacos arremeteram contra a multidão para dispersá-la, Rina se desesperou e, assim que se desesperou, perdeu as forças e desmaiou. Caiu e não viu mais nada.

Quando voltou a si, estava deitada de costas sobre a grama. Um homem com aspecto de operário, de

barbicha e paletó rasgado, estava de cócoras na sua frente e borrifava água em seu rosto. Quando ela abriu os olhos, o homem fez o sinal da cruz e cuspiu a água que tinha na boca. Era Emelian.

– Onde estou? Quem é o senhor?

– Em Khodinka. Eu? Sou uma pessoa. Também me amassaram. Mas a gente aguenta – disse Emelian.

– E o que é isso? – Rina apontou para as moedas de bronze em cima da barriga dela.

– Isso quer dizer que o povo achou que você estava morta. É para pagar o enterro. Mas eu olhei e pensei: não, está viva. Fiquei para descobrir.

Rina olhou em volta e viu que ela estava toda rasgada e uma parte do peito estava nua. Sentiu vergonha. O homem entendeu e a cobriu.

– Tudo bem, patroa, vai ficar viva.

Veio mais gente, um guarda. Rina levantou-se e sentou, disse de quem era filha e onde morava. E Emelian foi procurar um coche de praça.

Quando Emelian voltou com o cocheiro, já tinha juntado muita gente. Rina ficou de pé, quiseram carregá-la, mas ela mesma sentou no coche. Sentia apenas vergonha de suas roupas rasgadas.

– E seu irmão, onde está? – perguntou uma das mulheres que se aproximaram.

– Não sei. Não sei – disse Rina, em tom desolado. (Ao chegar em casa, Rina soube que, quando o tumulto começou, Alek conseguiu se desvencilhar da multidão e voltou para casa sem nenhum ferimento.)

– Olhe, foi ele que me salvou – disse Rina. – Se não fosse ele, nem sei o que seria. Como o senhor se chama? – dirigiu-se a Emelian.

– Quem, eu? Não interessa como me chamo.

– Ela é uma princesa – advertiu uma das mulheres. – Ri-i-i-i-ca.

– Venha comigo, para falar com meu pai. Ele vai lhe agradecer.

E, de repente, subiu na alma de Emelian uma coisa tão forte que ele não trocava nem por um lucro de duzentos rublos.

– Nada disso. Não, patroa, vá para sua casa. Não tem nada para agradecer.

– Não, não pode. Assim não vou me acalmar.

– Até logo, patroa, vá com Deus. Só não leve meu paletó.

E deu um sorriso tão alegre, com os dentes tão brancos, que Rina, nos momentos mais difíceis de sua vida, iria sempre se lembrar daquele sorriso, como um consolo.

E Emelian também experimentava um grande sentimento de alegria, que o ajudava a suportar esta vida, quando se lembrava de Khodinka, daquela senhora e da última conversa com ela.

1910

SEM QUERER

Antes das seis da manhã, ele voltou para casa e, como de costume, passou pelo banheiro, mas em vez de tirar a roupa, sentou-se – caiu na cadeira, as mãos largadas sobre os joelhos –, e ficou assim imóvel por uns cinco minutos, ou dez, ou por uma hora – ele não percebeu.

– Sete de copas. Perdi! – E viu no espelho seu focinho horroroso, inabalável, mas mesmo assim deixava transparecer a satisfação consigo mesmo.

– Ah, diabo! – exclamou bem alto.

Por trás da porta, houve um movimento. E, de touca de dormir e camisola bordada, de chinelos verdes de veludo, entrou sua esposa, uma morena bonita e vigorosa, de olhos brilhantes.

– O que você tem? – perguntou ela com voz normal, mas, ao olhar para o rosto do marido, deu um grito de verdade: – *O que você tem?* Micha! O que você tem?

– O que tenho é que perdi.

– No jogo?

– Foi.

– E daí?

– E daí? – repetiu ele com certa ironia. – Estou acabado! – E deu um soluço, contendo as lágrimas.

– Quantas vezes eu pedi, implorei.

Tinha pena dele, e mais pena ainda de si mesma – e também porque passariam necessidade, porque ela havia ficado a noite toda sem dormir, angustiada, à espera do marido. “Já são cinco horas”, pensou ela, depois de olhar para o relógio sobre a mesinha de cabeceira.

– Ah, seu torturador. Quanto?

Ele levantou as mãos até as orelhas.

– Tudo! Tudo, não, mais que tudo: tudo o que é meu e ainda o que é do Estado. Pode me matar. Faça comigo o que quiser. Estou acabado. – E cobriu o rosto com as mãos. – Não sei mais de nada!

– Micha! Micha, escute. Tenha pena de mim, também sou um ser humano, fiquei a noite toda sem dormir. Esperando você, angustiada, e esse é meu prêmio. Diga pelo menos: o quê? Quanto?

– Tanto que nem eu nem ninguém pode pagar. Sessenta mil, ao todo. Está tudo acabado. Fugir, mas como?

Olhou para ela e, de modo totalmente inesperado para Micha, sua esposa o atraiu para junto de si. “Como ela é boa”, pensou e abraçou-a. Ela o afastou.

– Micha, me diga só como é que você pôde fazer isso.

– Tinha esperança de recuperar o que perdia. – Pegou o maço de cigarros e começou a fumar sofregamente. – Sim, é claro. Sou um canalha, não sou digno de você. Me abandone. Perdoe pela última vez e depois vou embora, vou desaparecer. Kátia. Não posso, não posso. Eu estava como num sonho, foi sem querer. – Franziu um pouco o rosto. – Mas o que fazer? Estou acabado do mesmo jeito. Mas você pode me perdoar. – De novo, quis abraçá-la, mas a esposa recuou, irritada.

– Ah, esses homens dão pena. Quando tudo vai bem, se fazem de corajosos, mas quando as coisas vão mal, é um desespero, não prestam para nada.

Ela sentou no outro lado da mesinha de toailete.

– Conte em detalhes.

E ele contou. Contou que tirou o dinheiro do banco e encontrou-se com Nekrássov. Que propôs irem à sua casa e jogarem. E jogaram, ele perdeu tudo e agora tinha decidido dar cabo de si mesmo. Disse que tinha decidido dar cabo de si mesmo, mas ela via que Micha não tinha decidido coisa nenhuma, mas estava desesperado e disposto a tudo. Ela escutou até o fim e, quando ele terminou, disse:

– Tudo isso é estúpido, sórdido: é impossível perder dinheiro à toa. É muita cretinice.

– Pode xingar à vontade, faça comigo o que quiser.

– Não quero xingar, quero salvar você, como sempre salvei, por mais que você me maltrate e não tenha pena de mim.

– Bata, pode bater. Não vou durar muito...

– Então escute uma coisa. Para mim, por mais que me torture de maneira desumana e indecente... Estou doente e logo hoje recebo... de repente essa surpresa. Sem falar nessa incapacidade de agir. Você pergunta: o que fazer? Pois é muito simples o que tem de fazer. Agora mesmo, veja, são seis horas, vá à casa do Frim e conte para ele.

– Mas será que o Frim vai ter pena? É impossível contar para ele.

– Mas como você é burro. Acha que vou aconselhar você a contar ao diretor do banco que você perdeu no jogo o dinheiro confiado a você?... Conte que foi à estação de trem Nikoláievski... Não. Vá agora à polícia. Não, agora não, mais tarde, às dez horas. Você foi à travessa Netcháievski, foi atacado por dois homens. Um barbado, o outro era quase um menino, com uma pistola Browning, e tomaram o dinheiro. E logo depois vá falar com Frim. Conte a mesma coisa.

– Sim, mas... – Começou de novo a fumar o cigarro. – Eles podem estar sabendo de Negrássov.

– Vou falar com Negrássov. Conto para ele. Eu cuido disso.

Micha começou a se acalmar e, às oito horas da manhã, pegou no sono, como um morto. Às dez horas, a esposa o acordou.

Isso aconteceu de manhã cedo, no primeiro andar. No térreo, na casa da família Ostróvski, às seis horas da tarde, aconteceu o seguinte:

Tinham acabado de jantar. A jovem mãe, a princesa Ostróvskaia, chamou o lacaio, que já tinha servido todos os doces, a geleia de laranja, pediu um prato limpo, pôs nele uma porção de geleia, voltou-se para os filhos – eram dois: o mais velho, um menino de sete anos, Voka; e uma menina de quatro anos e meio, Tânietchka. Os dois eram muito bonitos: Voka era um menino sério, saudável, compenetrado, com um sorriso encantador, que deixava à mostra dentes espalhados, que estavam mudando, e Tânietchka era ágil, vigorosa, de olhos pretos, falante, divertida, risonha, sempre alegre e afetuosa com todos.

– Crianças, quem vai levar doces para a babá?

– Eu – respondeu Voka.

– Eu, eu, eu, eu, eu – gritou Tânietchka e logo pulou da cadeira.

– Não, Voka falou primeiro. Leve – disse o pai, que sempre mimava Tânietchka e por isso sempre ficava feliz a qualquer oportunidade de mostrar sua imparcialidade. – E você, Tânietchka, dê a vez a seu irmão – disse para sua predileta.

– Sempre fico feliz de dar a vez ao Voka. Leve, Voka, vá. Se for para o Voka, não fico triste.

Como era costume, as crianças agradeceram a refeição. E os pais tomaram café e esperaram a volta de Voka. Mas ele demorou muito.

– Tânietchka, vá ao quarto das crianças e veja por que o Voka está demorando.

Tânietchka pulou da cadeira, pegou uma colher, deixou cair, levantou, colocou na beira da mesa e a colher caiu de novo, a menina apanhou a colher outra vez e, com uma risada, batendo no chão os pezinhos gordos calçados em meias, voou para o corredor, para o quarto das crianças, atrás do qual ficavam os aposentos da babá. Ia passar correndo pelo quarto das crianças, mas de repente ouviu um choro. Virou-se. Voka estava ao lado da cama e, olhando para o cavalo de brinquedo, segurava o prato na mão e chorava amargamente. O prato estava vazio.

– Voka, o que você tem? E os doces?

– Sem querer, eu comi no caminho. Não vou... para lugar nenhum... não vou. Tânia, eu... eu... sério, foi sem querer... comi tudo... primeiro um pouquinho, depois comi tudo.

– E agora, o que a gente vai fazer?

– Foi sem querer...

Tânietchka pensou. Voka chorava sem parar. De repente, Tânietchka ficou radiante.

– Voka, olhe só. Não chore, vá falar com a babá e conte para ela que foi sem querer e peça desculpa, e diga que amanhã vai dar seus doces para ela. Ela é boa.

Os soluços de Voka pararam, ele enxugou as lágrimas com a palma das mãos e com o lado de trás da manga.

– E como é que vou falar? – exclamou ele, com voz trêmula.

– Bom, vamos juntos, então.

Foram e voltaram felizes e alegres. E alegres e felizes ficaram também a babá e os pais, quando a babá, rindo e se comovendo, lhes contou toda a história.

- 1 O tema deste conto foi concebido por M. A. Stakhóvitch, autor de *Notchnói* [Noturno] e *Naiêzdniki* [Os cavaleiros], e transmitido ao autor por A. A. Stakhóvitch. [N. A.] Cabe esclarecer que Aleksandr Aleksándrovitch Stakhóvitch era irmão do escritor russo e pesquisador do folclore Mikhail Aleksándrovitch Stakhóvitch (1820-58).
- 2 *Kholst* em russo significa pano, linho, lona; *miera* significa medida.
- 3 Com incrustações.
- 4 “Traga mais ‘um’ caixa, lá tem dois”.
- 1 Mais adiante, no texto, aparece a grafia Ptchélnikov (de *ptchelá*, abelha), em vez de Pétchnikov (de *petch*, estufa).
- 2 Instituto de Educação Feminina.
- 3 Adequada, conveniente.
- 4 Apelido de Ievguiéni. Assim como Guénia e Guena.
- 5 Do francês *char à bancs*, veículo a cavalo de quatro rodas, aberto e com bancos paralelos.
- 6 Saia colorida de lã, típica de camponesas.
- 7 Antes o vestido foi descrito como amarelo.
- 8 A partir daqui começa a variante do final do conto. Ver a seguir, p.153.
- 1 Versão de Tolstói para o conto “O porto” [*Le Port*], do escritor francês Guy de Maupassant.
- 1 Adaptação do conto “O condenado à morte” [*Le Condamné à mort*], de Guy de Maupassant.
- 1 O karma é uma crença budista que consiste em que não só o caráter de cada pessoa como também todo o destino de sua vida resultam de seus crimes numa vida anterior e que o bem ou o mal de nossa vida futura também vai depender de nossos esforços para evitar o mal e das boas ações que praticamos nesta vida. [N. A.]
- 1 *Instrução dos doze apóstolos*. [N. A.] *Instrução dos doze apóstolos*, ou *Didaquê*, é um escrito cristão primitivo, talvez do século I.
- 1 Dia 6 de dezembro (calendário gregoriano) ou 19 de dezembro (calendário juliano).
- 2 Uma das categorias em que se dividia a classe dos comerciantes, conforme o volume de seu capital.
- 3 Cavalos baio com marcas amarelas na pelagem.
- 4 Trata-se da obra *Livro para leitura*, de Ióssif Ivánovitch Paulson (1825-98).
- 1 Na Igreja Ortodoxa, a comunhão é feita com pão encharcado no vinho e servido aos fiéis numa colher.
- 2 Referência ao ritual do casamento na Igreja Ortodoxa russa. Coroas são colocadas na cabeça dos noivos, que dão três voltas em torno do altar.
- 3 “Alemanha acima de tudo”. Título de uma canção tradicional alemã, da qual foi extraído o hino nacional alemão.
- 4 Medida russa, equivalente a 4,6 g.
- 1 Tsarina da Rússia entre 1741 e 1762.
- 2 “Mais uma vez”.
- 3 Escritor francês (1809-90).
- 4 “Minha querida”.
- 5 Referência ao tsar Nicolau I, que reinou de 1825 a 1855.
- 1 Corruptela do francês *comme il faut*: “conveniente”, “correto”.
- 2 Jogo parecido com o *bridge*.
- 3 *Agaricus melleus* e *Lactarius resimus*, típicos da Rússia.
- 4 Festa comemorada em 8 de setembro.
- 5 “Eu adoraria soltar a pobre mocinha, mas o senhor sabe... o dever”.
- 6 Monge ancião, tido como sábio ou santo.
- 7 Em russo, “barriga vermelha”.
- 8 “É muito gentil da parte dela”.
- 9 “Mande que ele venha. Pode pregar na catedral”.
- 10 “Foi ficando cada vez mais agressivo”.
- 1 Em russo, “penico”, “pote de barro”.
- 1 “Lobinho”.
- 1 Casa de campo ou veraneio.
- 2 Sopa fria de *kvás*, folhas de beterraba e peixe.
- 3 Água mineral do Cáucaso.
- 4 “Não sei o quê”.
- 1 O monge Fiódor Kuzmitch foi canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa em 1984.
- 2 Ivan Grigórievitch Latichev. Esse camponês da aldeia de Krasnorétchenski, o qual Fiódor Kuzmitch conheceu e a quem se uniu em 1839, depois de várias mudanças de moradia, construiu uma cela para Kuzmitch na montanha, à beira de um abismo, na floresta, longe da estrada. Nessa cela, Kuzmitch começou a escrever suas memórias.
- 3 “Um acaso feliz”.
- 4 Referência a alguns líderes religiosos que tiveram contato com Alexandre I: o arquiandrita Fóti, o professor Parrot, reitor da universidade de Tartu, e a baronesa de Krudener, escritora e mentora de uma corrente mística chamada “os iluminados” ou “os eleitos”.
- 5 “Esperávamos”.
- 6 “Lua de mel”.

- 7 Piotr Mikháilovitch Volkónski (1776-1852), general e ministro de Alexandre I.
- 8 Ivan Ivánovitch Dibitch-Zabalkánski (1785-1831), general russo, de origem alemã.
- 9 Trata-se dos dezembristas, oficiais e nobres revoltosos, presos em 1825.
- 10 Adam Czartoryski (1770-1861), príncipe polonês.
- 11 “Depois de 62, tudo é possível...”.
- 12 “Um pequeno Baco”.
- 13 “Estão saudando os senhores”/ “À direita”.
- 14 “Clareiras”.
- 15 Marcado por cicatriz.
- 16 “Onde está minha caixinha de rapé?”.
- 17 O texto se interrompe aqui.
- 1 Sem leite.
- 1 Em 1793, a Polônia foi dividida entre a Prússia e a Rússia.
- 2 Denominação tradicional da nação polonesa a partir de 1569, quando a Lituânia e a Polônia estavam unificadas num só reino.
- 3 Coalizão entre Rússia, Áustria e Prússia, decorrente da derrota de Napoleão.
- 4 Irmão do tsar Alexandre I. Governou a Polônia como um ditador.
- 5 Mulher da aristocracia polonesa.
- 6 Criar alguma dificuldade. Literalmente, em francês: “segurar no alto a amêndoa confeitada”.
- 7 Chamada Revolução de Julho, contra Carlos X.
- 8 “Vitória aos poloneses, destruição aos moscovitas! Viva!”.
- 9 Quepe militar polonês.
- 10 O tsar Nicolau I.
- 11 “Tem misericórdia de mim, Deus, conforme Tua grande misericórdia”.
- 12 Parte do provérbio “*Jak mame Kocham, nie klamie*”: “Se é por amor, não é mentira”.
- 13 Do alemão, mensageiros ou soldados de infantaria.
- 14 Strelétski Umet: localidade habitada por descendentes dos *streltsi* (arqueiros), força militar especial criada por Ivan, o Terrível (século XVI) e extinta por Pedro, o Grande (1708). Óbschi Sirt: um planalto que se estende entre o sul da Rússia europeia e o Cazaquistão.
- 15 “Senhora”/ “Pelo amor de Deus”.
- 1 “Quem faz a cama, nela se deita”.
- 2 “Fico furiosa quando penso nessa ralé maldita”.
- 3 Referência ao criado do personagem Tchítchikov, do romance *Almas mortas*, do escritor russo Nikolai Gógol.
- 4 Dissidente ou cismático. Termo usado para se referir aos Velhos Crentes, cristãos que recusaram as reformas na Igreja Ortodoxa promovidas pelo patriarca Nikon, em 1654. “Sem-pope” é outra expressão com o mesmo sentido.
- 5 Referência às ações terroristas dos grupos Terra e Liberdade e Vontade do Povo, nas décadas de 1870 e 1880. No dia 1^o de março de 1881, o tsar Alexandre II foi morto num atentado.
- 6 Os presos condenados ao exílio na Sibéria em geral tinham metade da cabeça raspada, para facilitar o reconhecimento.
- 7 Militantes ligados à organização clandestina Vontade do Povo. Kibaltchitch e Peróvskaia participaram do atentado contra o tsar Alexandre II e foram enforcados em 1881.
- 1 “Sou eu, Mikhail”.
- 2 “Entre”.
- 3 “O senhor pode me mandar sair, mas não vou, aviso logo de antemão”.
- 4 “Deus me livre”/ “Você se incomoda?”.
- 5 “Mikhail, meu bom amigo”.
- 6 “Deixemos isso de lado. E boa noite”.
- 7 “Pelos belos olhos de um patife”.
- 1 Este conto é uma versão em prosa de um poema do francês Victor Hugo, do livro *La Légende des siècles*.
- 1 Este conto é uma versão em prosa do poema “La guerre civile”, do francês Victor Hugo.
- 1 Referência à convocação de tropas para a guerra entre Japão e Rússia.
- 2 Tipo de dança russa. *Bárinia* significa “patroa”, “senhora”, “fidalga”.
- 1 Referência à revolução frustrada de 1905.
- 2 Eram obras proibidas.
- 3 Stienka Rázin (1630-71), líder cossaco de grandes revoltas camponesas na Rússia.
- 4 Era costume jogar flores nos artistas.
- 1 No dia 18 de maio de 1896, durante a festa da coroação de Nicolau II, ocorreu um tumulto no campo de Khodinka, em Moscou, em que morreram mais de mil pessoas.
- 2 Ou populistas. Movimento revolucionário clandestino, que às vezes recorria a atentados violentos. Um de seus lemas, adotado pela juventude militante, era “ir para o povo”, ou seja, integrar-se à vida popular, sobretudo rural, a fim de politizar as massas.

VOL. I

CAPA Almoço durante a colheita | Moinho próximo a Luga

pp. 1-24 Máquina de empacotar feno | Camponesas | Pequena isbá para queima de lenha e carvão | Distribuição de água | Vista panorâmica de Tver | Fonte Ekaterinski | Madre superior Taisiia na varanda, mosteiro Leushinskii | Monte de feno | Torre de sinalização à entrada de Sigovets | Colheita | Madeira serrilhada para fundição de minério | Vista de Perm pela ponte ferroviária sob o rio Kama | Colocação de concreto em uma barragem, Beloomut | Iásnaia Poliana

p. 32 Serguei Prokúdin-Gorskii na cachoeira Kivach, rio Suna

pp. 34-38 Pedreira Kirosskii

VOL. II

CAPA Moinhos em Ialutorovsk | Colheita

pp. 1-22 Estudo em Lindozero | Árvore Karangach, Samarkand | Serguei Prokúdin-Gorskii e mais dois, Murman | Nascente do Volga em Volgoverkhovie | Mullah com alunas na mesquita Artomelinskaia, Artvin | Pescador no rio Iseti | Bosque | Monumento à memória da abertura do Canal Onejskago | Melancias trazidas a Petropavlovskoie pelo rio Kura | Edifícios de moradias fabris | Trabalhadores na colheita de chá, Chavka | Ovelhas, estepe Golodnaia | Crianças | Meninos judeus com o professor, Samarkand

pp. 32-36 Centáureas entre o centeio

pp. 47-52 Estudantes sart, Samarkand

pp. 108-12 Aldeia de Dubno

pp. 197-202 Colheita

pp. 292-96 Bambu Moozo, Chavka

pp. 398-402 Família de colonos. Colônia de Grafovka, Mugan

VOL. III

CAPA Serguei Prokúdin-Gorskii no carro de inspeção ferroviária em Petrozavodsk, na ferrovia Murmask | Igreja do Salvador e da Proteção da Santa Mãe de Deus, Vitegorskii Pogost

pp. 1-20 Colheita no monastério Leuchinskii | Velho sart, Samarkand | Igreja da Assunção da Mãe de Deus, Belozersk | A.P. Kalganov com seu filho e sua neta | Cemitério diante do Eremitério Assunção | Baskir em sua casa | Locomotiva e vagão de carvão no pátio ferroviário | Prisioneiros de guerra austríacos no quartel, perto de Kiappeselga | *Amanita muscaria* | Departamento de embalagem | Pinkhus Karlinskii, 84 anos, 66 anos de serviço, supervisor da comporta de Chernigov



ИНСТИТУТ ПЕРЕВОДА

AD VERBUM

Publicado com o apoio do
Instituto de Tradução da Rússia

© Cosac Naify, 2015
© Rubens Figueiredo, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marta Garcia
ASSISTENTE EDITORIAL Raquel Toledo e Eloah Pina
PREPARAÇÃO Cacilda Guerra
REVISÃO Paula Colonelli e Isabel Jorge Cury
PROJETO GRÁFICO Flávia Castanheira e Gabriela Castro
TRATAMENTO DE IMAGEM Wagner Fernandes
PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Tolstói, Liev [1828-1910] Contos completos: Liev Tolstói Tradução e apresentação: Rubens Figueiredo São Paulo: 1.ª ed., Cosac Naify, 2015 vol. 1: 16 ils. vol. 2: 20 ils. vol. 3: 11 ils.	
ISBN 978-85-405-0921-4	
1. Literatura russa – contos I. Título	CDD-891.7
Índices para catálogo sistemático: 1. Literatura russa 891.7	

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3218 1473
professor@cosacnaify.com.br